EVA, E AVE,
OU
MARIA TRIUNFANTE.
THEATRO DA ERUDIÇAM,
& Filosofia Christãa.

Em que se representaõ os dous estados do mundo:

CAHIDO EM EVA,
E LEVANTADO EM
AVE.
PRIMEYRA, E SEGUNDA PARTE,

OFFERECIDA

AO EMINENTISSIMO SENHOR,

NUNO DA CUNHA DE ATTAIDE,

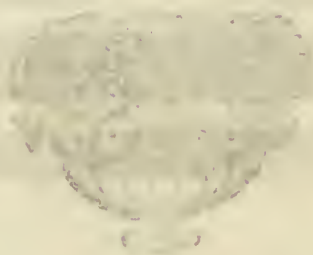
Presbytero Cardeal da Santa Igreja de Roma, Bispo Inquisidor Gèral, Capellaõ mòr de S. Magestade, do seu Conselho de Estado, & do seu Despacho, &c.

ESCREVIA

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO

Acrescentado nesta quinta impressaõ com o Dominio sobre a Fortuna.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

M. DCCXX.
Com todas as licenças necessarias.

EMINENTISSIMO SENHOR.

ARA este livro sahir à luz da quinta ediçaõ, & fazer no applauso commum mayor teatro á gloria de seu Author, naõ devo buscarlhe outro patrocinio, mais que o grande nome de V. Eminencia, cuja poderosa protecçaõ, dignando-se de o admittir ao seu amparo, o authorizarà em todo o Mundo com hum novo augmento de explendor na fama, & a mim me honrará com o titulo dos q̃ tem o caracter de criados de V. Eminencia, a quem inclinandome com hum profundissimo respeyto, beyjo a sagrada Purpura.

De Vossa Eminencia

Humilissimo, & obedientissimo servidor

Miguel de Almeyda de Vasconcellos.

A' MAGESTADE AUGUSTISSIMA, E GLORIOSISSIMA

DE

MARIA VIRGEM

Mãy de Deos, Rainha dos Ceos.

SENHORA.

ESTA' perto o tempo de minha resoluçaõ, & de hir dar conta do talento que se me entregou. [1] Mal a pudera eu preparar nos mares, em que atègora naveguey. Por favor de vossa Magestade soberana me lançàraõ as tempestades no porto da Quietaçaõ; & nelle pude dar hum balanço à minha vida. Achome devedor do mesmo talento, que escondi na terra, aonde nada lucrou; persuado-me o ser patria, sem advertir que naõ era verdadeyra. Quem tanto servio, & escreveo pelo mundo, naõ devera descuydarse do Ceo. Os rayos que do Pay das luzes bayxaõ às trevas do nosso juizo; com reflexo de agradecimento devem tornar a quem os repartio: rebelde à sua esféra seria o fogo, se peregrinando só em terrestre materia, naõ enviasse algumas faiscas a reconhecella: naõ he fiel o espelho, que em reverberaçoens naõ restitue ao Sol o lume que lhe deo: condenaõ-se à corrupçaõ as aguas, que se estancaõ nas lagoas, sem correrem ao mar donde nascèraõ.

A' vossa liberalidade recorro para me desempenhar; sabeis, *Senhora*, que só o temor desta conta moveo minha penna; naõ vangloria, ou curiosidade, como outras vezes; ensinado pelo Doutor da Igreja Saõ Jeronymo, [2] nem affecto louvores, nem receyo censuras dos homens; só procuro contentar a Deos, aceytando sua bondade, por vossa intercessaõ poderosa, o descargo que me he possivel. Como poderia eu affectar honra mundana, aonde sey que minhas faltas se haõ de fazer publicas? Re-

[1] *Matth.* 25.

[2] *D. Hieron. in præfat. ad lib. Esther.* Nec affectamus laudes hominum, nec vituperatiónes expavescimus, Deo enim placere curantes, &c.

Reconheço as razoens que me puderaõ divertir do assumpto de louvarvos, em que os mayores espiritos duvidâraõ entrar. Deleyta, mas atemoriza emprendello, dizia seu devoto Bernardo; 3 porque he mais alto que o Ceo: mais profundo que o abysso, considerava Santo Agostinho; 4 os Evangelistas sagrados (diz outro Doutor Santo 5) naõ particularizàraõ vossos louvores, por serem mais para meditados, que para escritos; naõ os escreveo o Espirito Santo com letras, deyxando que os figurassemos no animo; antes saõ superiores a todo o entendimento. Accresce em mim a indignidade de peccador, que Saõ Jeronymo, & Santo Anselmo com humildade consideravaõ em si, 6 & a verdade me obriga a confessar; & ameaça-me Salamaõ, que o que esquadrinhar tanta Magestade, se achará opprimido de sua gloria. 7

Mas se busco em vòs o respeyto, encontro com o amor, & Saõ Bernardo me anima dizendo: Naõ seràs opprimido dessa gloria, se a buscares para Deos, & não para ti. 8 Saõ Jeronymo 9 amoesta que todos de qualquer estado, & condiçaõ, ainda peccadores, devem louvarvos; & que o louvor humilde leva comsigo o perdão. He logo isto divida, & naõ ousadia: pois notou Saõ Pedro Chrysologo, que naõ he atrevido em fallar, quem o faz por obrigação: 10 do ocioso silencio se ha de dar conta, como das ociosas palavras, advertio Santo Ambrosio; 11 o que parecèra respeyto, fora desconfiar de vossa grandeza; porque se sois Mar de perfeyçoens, tambem sois estrella que guia; se o Sol abraza, tambem allumia: & sempre seria gloria cegar a tanta luz: ha riscos tão honrados, que perderse nelles acredita: como outros taõ indignos, que ainda pizados, manchão a planta; 12 em vosso nome disse o Ecclesiastico que não se póde peccar, mas só merecer; no intento de vos servir; 13 & Salamaõ, que só cuydar nisto he juizo consummado, & quem trabalhar, & vigiar nisto hirà muyto seguro. 14

Historia Divina despreza rhetorica humana: a Theopompo castigou Deos com perturbaçaõ do entendimento, pena do coraçaõ, & tristeza do animo, por se atrever a exornar com palavras a Ley dada a Moysés, & só pedindo perdaõ ao *Senhor*, recobrou saude. 15 A rouca musica de hum bichinho nocturno he ouvida do mayor Principe entre a melodia das mais sonoras aves; quanto mais que neste officio de Anjos, elles me ajudàraõ, pois, confessando que não bastão, desejaõ que o Ceo, & a terra se convertaõ em linguas, que vos possaõ louvar; & vòs naõ estranhareis

3 *D. Bernard. ser. 4. de Assumpt. post med.* Non est equidem quod me magis delectet, non est quod terreat magis, quàm de Virginis gloria sermonem habere.

4 *D. Aug serm. 2. in Assumpt.*

5 *Thom. de Villa nova serm. 2. de Nativ. Virg.* Magis cogitari poterat, quã describi. Non eam Spiritus Sanctus literis descripsit, sed tibi eam animo depingendã reliquit -- imo re ipsa intellectũ omnem superat.

6 *D. Hier. ser. de Assumpt. D. Ansel. l. de excel. Virg. c. 1.*

7 *Proverb. 25. 27.* Scrutator. Maiestatis opprimetur à gloria.

8 *D. Bernard. ser. 62. ad med. sup. Cãt.* Non opprimeris à gloria, sed admitteris, nisi non Dei, sed tuam quæsieris gloriam.

9 *D. Hieron. in serm. de Assumpt.*

10 *D. Petr. Chrysol. serm. 70. in princ.* Præsumptio dicentis non est, ubi authoritas est jubẽtis. *Et serm. 107. in princ.* Præstãtius est enim imperitum prodere eloquium, quàm officiosũ negare sermonem.

11 *D. Ambr. l. 1. off. c. 3.* Si pro otioso verbo reddemus rationem, videamus ne reddamus & pro otioso silentio.

12 *Notou Fr. Hortensio Feliz Paravicino, t. 2. oraç. da S. Trindade veyo oio.*

13 *Eccles. 24. 30.* Qui operantur in me, non peccabunt. Qui elucidant me, vitam æternam habebunt.

14 *Sap. 6. 16.* Cogitare ergo de

reis

reis as faltas, pois naõ vos lembrais menos de haver sido humana, que de reynar como Divina; a benignidade assegura quanto na dignidade se arriscou.

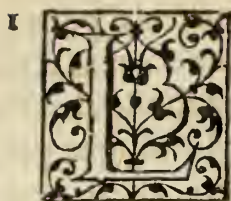
Chego confiado com taõ pequena oblação ao Throno de Magestade tão alta; porque vosso Filho Deos avaliou em muyto o pouco do pobre; 16 quizera ter mais para vos offerecer tudo; mas elle sabe o porque me naõ entregou mais talentos. Do profundo abysso do meu nada vos peço, *Mãy* clementissima dos peccadores, que para tirar do coração o tributo de amor que vos he devido, abrais com chave de luz as portas de minha alma, & que nas azas de vosso favor voe o pezo de minha ignorancia; & pois no *Ave* soberano mudastes o nome de *Eva*, & o estado em que ella nos deyxou; muday meus affectos a parecer filho da nova graça, que nos alcançastes, para que, como vos escrevo *Vencedora* do peccado, vos veja *Triunfante* no Ceo.

illa sensus est consummatus; & qui vigilaverit propter illam; cito securus erit.

15 *Vide Joseph. de antiq. l. 12. c. 2. in fin.*

16 *Marc. 12. 44.*

PRE-

PREFAÇAM AO LEYTOR
com o argumento da obra.

1 EAMOS nesta vida o que nos fique para a outra, (aconselha o grande Doutor Saõ Jeronymo) & desfrutemos as arvores que tem as raizes no Ceo. 1 Se isto se naõ achar neste Livro, Deos se contenta com que se busque, (diz o mesmo Santo) 2 & não ha livro taõ mào, (notava Plinio o mayor) 3 que naõ tenha alguma cousa util para quem se sabe aproveytar, nos Leytores que de nada se aproveytão, considerava Polybio 4 defeyto do bom estomago para digestaõ do que lem.

3 Para tirar o fastio de nossa natureza ao mero espiritual, moderey este com humanidades, que lisongeando o gosto, o conduzaõ aonde lhe convem; dos louros do Parnaso enxerto os cedros do Libano; trago todas as letras humanas ao serviço Divino para que foraõ creadas; 5 tirando-as da injusta sugeyçaõ em que serviaõ a vaidades, as obrigo a contemplarem o Creador, & Redemptor, a detestarem o peccado, & darem aos homens conhecimento de si mesmo. As curiosidades com que entretenho, encaminho a documentos Christãos; faço dos medicamentos iguarias com melhor traça que os Medicos, que disfarçando os remedios, lhes diminuem a virtude, & sempre deyxaõ mào sabor; os meus disfarces ajudaõ a saude, & cuydo que excitaõ o appetite de ler mais, misturando o util com o doce.

3 O Senado de Roma, preparando hũa grandiosa entrada ao Emperador Constantino Magno, fabricou hum arco triunfal de pedras bem lavradas, que haviaõ servido em memorias que a Republica levantàra a outros excellentes Emperadores. Foy a causa mais illustre ver aquelle arco ennobrecido com as imagens, & acções famosas de varões insignes & Constantino se obrigou muyto de que a escultura de seu tempo confessasse que naõ podia obrar dignamente a seus meritos: & de que o Senado trouxesse seus predecessores a honrallo por aquella maneyra. Assim eu, desconfiando de mim, ajuntey materias dos melhores mestres (& os nomeyo nas margens, por naõ parecer furto) para obrar hum edificio veneravel que agrade, & aproveyte: & posso esperar, que se me agradeça a vontade.

4 Mas porque naõ he licito aos pays negar os filhos, posto que defectuosos: confesso, que a arquitectura he minha, & que me parece que nella sirvo; como as abelhas fabricando do alheyo, servem mais que as aranhas tecendo do proprio. Naõ he pequeno serviço ajuntar o disperso, abreviar o largo, apartar o selecto, & fazer que facilmẽte se ache no capitulo de cada materia, o principal que a ella pertence, & que em outros livros se naõ poderia descobrir senaõ acaso, pelo trazerem por incidente a outro proposito.

5 No estylo, nem fuy curioso, nem descuydado. Pareceme que pudera subillo a que naõ cedesse aos que mais se prezaõ de cultos na cõposiçaõ dos periodos, no ostentoso das palavras, no metaforico das frazes, & na alteza da locuçaõ; porq̃, pela liberalidade, & graça de Deos, naõ nos falta o de quem elles se jactaõ: & pòde ser que sem jactancia, temos o que falta a alguns. Mas lembreyme de q̃ disse Santo Agostinho 6 (desejando aproveytar a todos) q̃ antes queria ser censurado dos Grãmaticos, q̃ mal entendido dos rusticos, & receey tambem q̃ o muyto artificio destruisse os sentimẽtos pios da materia que trato; como S. Cyrillo Jerosolomytano 7 advertio, que o muyto ornato mudàra a fórma do Sepulchro de *Christo* Senhor nosso. De outra parte considere

1 *D. Hieron. epist. ad Paulin. de divin. histor. libr. ad fin.* Eorum fructus capere, quorum radices in Cælo fixæ sunt. Discamus in terris quorum scientia nobis perseveret in Cælo.

2 *Idem in eadem epist.* Non quid invenias, sed quid quæras consideramus.

3 *Plin. apud Erasm. in Apophth.*

4 *Polyb. hist. l. 3.*

5 *D. Thom. p. 1. q. 1. art. 1. in concl. & ad 2.*

6 *D. August.*

7 *S. Cyril. Hierosol. apud P. Zachar. de Lysieux in praefat. ad philosoph. Christ.*

derey, que o menos grandiloco desgostaria a devoçaõ que professa a Corte; a galantaria no dizer naõ dà mayor credito, mas dà mayor graça: não communica saude, mas causa melhor cor; 8 he taõ enfastiado o nosso espirito, que naõ gosta dos bons manjares sem apparencias que movaõ appetite, por isto David (disse S. Gregorio Niceno 9) poz em musica os seus Psalmos, para que por mais agradaveis, excitassem mais ao amor Divino. Nos diversos motivos destas razoens procurey estylo, que nem se glorie de galante, nem se envergonhe de apparecer na praça: desejo acertar em hum meyo que naõ degenere da simplicidade que professava S. Paulo, & seja admittido dos curiosos que elle profetizava; 10 estylo naturalmente composto sem affectaçaõ: só ponho cuydado em escusar palavras superfluas: busco as poucas que signifiquem mais, & sempre tive por criminosas as que abundaõ a expressaõ do conceyto. Se em algumas partes deyxey correr a penna, se devia de justiça, ou à devoçaõ, ou à solemnidade; ha occasioens em que convèm ser prodigo; & tal vez he necessario levantar mais a voz para espertar os sentidos.

6 Esta primeyra parte, em que servos da culpa esperamos a Ley da Graça no monte Calvario, reparti em capitulos cincoenta; numero mysterioso dos dias que ao povo Hebreo sahindo do cativeyro, se dilatou a Ley q̃ Deos lhe deo no Monte Sinai: & dos outros cincoenta dias, que depois da Resurreyçaõ de *Christo* Senhor nosso, se dilatou a vinda do Espirito Santo a illustrar os Prègadores de nossa Redempçaõ. 11 A segunda Parte constarà de setenta & dous capitulos, & parte de outro; (que serà a Peroraçaõ no fim) numero correspondente aos annos que a *Senhora* viveo na terra para nos levantar.

7 Conheço, que sem que valhaõ estas, & outras justificaçoens, me diz o grãde Doutor S. Jeronymo, 12 que ninguem, por bem que escreva, se livra de censuras: porque, como adverte o grande Chrysostomo, 13 as cousas naõ se julgaõ pelo que saõ, mas pelo affecto de quem as ajuiza; da mesma flor tira a vespa o amargoso, & a abelha o suave: naõ pende isto da flor, consiste no pico. E assim os de bom animo approvaràõ; dos que costumaõ reprovar sem obrar, naõ espero approvaçaõ. Porèm seguindo ao mesmo S. Jeronymo, 14 mais me incita aquella benevolencia, do que me atemoriza esta censura; & tanto desejo descontentar a huns, como agradar a outros; hum só Plataõ avalio por muytos leytores, como dizia Antimacho; 15 & sempre de meu trabalho tiro o fruto de ficar obrigado a viver como escravo; & satisfaço à razaõ que me obrigou a escrever, como na Dedicatoria representey à Magestade, a que devia fallar com verdade sincera.

8 *Maldonado ad c. 1 Joan. in princ.*

9 *S. Greg. Nicen. in Psalm. 148.*

10 *D. Paul. 1. ad Corint. 2. 4.*

11 *Vide p. 2. c. 59. n. 3.*

12 *Hieron. epist. ad Nepotian. ad fin.*

13 *D. Chrysost. hom 1 ad popul. Antioch. in 5 tom.* Non enim in corũ quæ cernuntur natura, sed in cernentium affectu judicia fiunt.

14 *D. Hieron. ad Domnion. & Rogation. in præfat. ad lib. Esdræ in fine.* Magis vestra charitate provocabor ad studium, quàm illorum detractione, & odio deterrebor.

15 *Antimach. apud Tul. lib. de clar. orat.* Plato enim mihi instar est omnium. *Erasm. lib. 1. c. 21.*

AD.

ADVERTENCIA.

PORQUE nos havemos de aproveytar algumas vezes das Revelaçoens da illustrissima Santa Brisida viuva, advertimos, que ainda que antigamente se duvidou se haviaõ procedido de dictame do Espirito Santo, ou sómente de sentimento de pia, & levantada meditação; já hoje estaõ approvadas, & recebidas pela Igreja, por verdadeyras, & divinas, precedendo (além dos exames que em sua vida se fizeraõ por muytos Doutos, & Prelados) novas diligencias, & averiguaçoens em differentes tempos depois de sua morte, por Cardeaes, & outros Varoens grandes, de ordem dos Summos Pontifices Gregorio XI. & Urbano VI. & pelo Concilio Basilense. Conforme a isto as veneraõ Bullas Apostolicas, & todos os homens espirituaes, & sabios, como se vè da Bulla de Bonifacio IX. em sua Canonizaçaõ, & da Confirmaçaõ de Martinho V. referidas no principio do Livro das mesmas Revelaçoens, illustradas por Gonçalvo Duranto, impressas em Colonia no anno 1628. *Cardinal. Turrecremata ibidem, in epist. sup. dict. revelat. Ludovic. Blosius in Monili spirit. cap. 1. 2. 3. 14. & in addit. ad eumdem tract. in princ. Fr. Hugo Cavello, in Rosario, append. ad Scholia in Scotum l. 3. Sentent. Antonius Corduba l. 10. q. 44. in 4. probat. sextæ conclus. Petr. Canis. l. 1. de B. Virg. c. 7. Michael Medina l. 2. de rect. in Deum fide, Nicol. Sander. l. 6. visib. Monarch. n. 1046. Alphons. Mendoça in quodlibet. q. 5. Martin. Delrius, Magic. disquisit. tom. 2. l. 4. c. 1. q. 3. sect. 4. Vilhegas in Flos Sanct. in S. Brigitæ in fin. Benedict. Ferdinand. in 2. Genes. sect. 17. n. 2. Fr. Leandro de Granada, no tract. Luz de Maravilhas que Deos ha obrado nas almas dos Profetas, discurso 1. §. 8. n. 6. Anton. Guilhelm. tract. de le grandezze de la Santiss. Trinità, discors. 43. vers. Sentiamo Fr. Joseph de Jesus Maria, in vita B. Virginis 1. c. 4. & outros Escritores que fora muyto largo referir.*

EVA

EVA, E AVE

Da mihi, Domine, sedium tuarum assistricem sapientiam, ut mecum sit, & mecum laboret, ut sciam quid acceptum sit apud te, Ex Sapient. 9. v. 4. & 10.

INTRODUCÇAM.

Eva, & Ave, *Anagramma Hieroglifico do* Mundo cahido, & levantado, *justifica o titulo deste livro.*

1 NOtou profundamente o grande Origenes, 1 que escrevendo os Evangelistas sagrados a genealogia de *Christo* Senhor nosso: S. Mattheos, quando o Senhor vinha ao mundo, a derivou descendo atè São Joseph; 2 & São Lucas, já depois do Bautismo, a continuou subindo atè Adam, que chamou *Filho de Deos*. 3 Era descendencia, quando bayxava a tomar a natureza humana, cahida no peccado: & era ascendencia, quando depois da graça levãtava essa natureza atè a aparentar com o *Altissimo*. O que descendo mostra a natureza cahida, quando se lè subindo a mostra já levantada.

2 Quasi pelo mesmo estylo saõ mysteriosas para nosso intento as descripçoens que nos Cantares se fazem o *Esposo Divino*, & a *Esposa santa*; entendendo-se do *Verbo* encarnado, & da *Mãy* Virgem. A *Virgem* quando diz que o *Verbo* desceo ao seu Horto, 4 (que he ella mesma) 5 o descreve descendo da cabeça atè as plantas; 6 significando (explica hum Douto) 7 a declinação que elle fez; porèm o *Verbo Eterno* a descreve subindo das plantas aos cabellos; 8 (raizes que temos para o Ceo (indicando a elevação, que nella fizera da natureza, atè a adoptar Filha de Deos, como São Lucas chama a Adam: 9 & o mesmo *Christo*, & São Joaõ a todos os justos. 10 Por isto a nomèa *Filha do Principe*, que por Antonomasia he o do Ceo; gabalhe os passos porque subia; & considera a excellencia delles no calçado, porque naõ hiaõ as plantas nuas só com o natural, mas levantadas da terra calçadas da graça; assemelha sua estatura à alta palma, symbolo do triumpho, 11 porque naõ se encurva, antes se levanta com o pezo, 12 como a Esposa subia com o da natureza humana; no que tudo a lisongea amante, de q̃ o vir encarnar em seu ventre naõ se reputa declinação, pois ella estava tão exaltada, tendo subido já muyto de antes arrimada a elle, 13 (remida por sua Payxaõ prevista.) 14 Assim descendo da cabeça às plantas, mostra a *Esposa* a natureza cahida: subindo das plantas à cabeça, a mostra o *Esposo* restaurada.

3 Quando cahia em *Eva*, se restaurava na *Virgem*; debayxo da mesma arvore, diz o *Esposo* que a levantou; 15 onde a serpente enganou, & venceo a *Eva*, lhe disse o *Senhor* que a pizaria, & triumpharia a *Virgem*; 16 da raiz da culpa que inficionou toda a arvore da genealogia humana, sahio a vara que

1 *Origenes homil. 28. in Luc. & postea alij DD.*

2 *Matth. 1.*

3 *Luc. 3.*

4 *Cantic. 6. 1.* Dilectus meus descendit in hortum suum.

5 *Cantic 4. 12.* Hortus conclusus soror mea sponsa.

P. Barleta serm. de Nativ. ad med. tom.

2. Hortus fuit uterus Virginis.

6 *Cantic. 5.*

7 *Diogo Matute de Penafiel na prosap. de Christo idade 4 c. 2 § 1.*

8 *Cantic. 7.*

9 *Luc. d. c. 3. 38.*

10 *Matth. 5. 16. & 48. ac sæp. Joan. 1. 12.*

11 *Plutarch. in quæst. conviv.*

12 *Alciat. emblem 36.*

Nititur in pondus palma, & cõsurgit in altum:

Quò magis & premitur, hoc mage tollit onus.

Aristotel. problem. 8.

Plin. l. 16. c. 43.

13 *Cantic. 8. 5.* Innixa super dilectum suum.

14 *Oratio Eccles. in fest. Conception. Virg.*

15 *Cant. supr.* Sub arbore malo suscitavi te.

16 *Genes. 3.*

deu a flor 17 cordeal contra aquelle veneno; & assim junto da arvore da Cruz, em que se remia *Eva* cahida, estava a *Virgem* levantada, 18 como triunfante. 19

4 E porque os nomes devem concordar com o significado, 20 as letras que descendo do principio para o fim (que he da cabeça para as plantas) descrevem o nome de *Eva*, que Adam lhe poz, quando nos fez cahir; 21 estas mesmas subindo do fim para o principio, (que he das plantas para a cabeça) descrevem o *Ave* com que o Anjo saudou a *Virgem*, quando nos levantava. 22 Interpretou Adam aquelle nome, *Mãy dos viventes*, 23 quando ja matàra os filhos antes de os gerar; parece que melhor o interpretàra, *Matadora dos viventes*, ou *Mãy dos que morrerião*; pois os geraria mortos; 24 mas com mysterio acertou em nome que dissesse *Mãy* da natureza, descendo: & *Mãy* da graça, subindo; pois quando o *Ave* sóbe, da ultima letra toma em si o *Eva*, que vem cahindo da primeyra, & assim fica *Mãy dos viventes* por graça, a que era *Mãy dos mortos* por natureza; 25 cumprio-se o que Deos disse à serpente, que lhe pizaria a cabeça, a mesma mulher, a que enganàra; 26 tanto as identificou o mysterio do nome; bem lhe chamou S. Epiphanio, *Nome Enigmatico*; 27 & pelo mesmo modo dizem os Doutores, que o Anjo usou do *Ave* na saudação. 28

5 Com a troca do nome contraposto nas letras, concordou a contraposição das acçoens; pelas contrarias das com que *Eva* nos arruinou, nos levantou o *Ave* de *Maria*, segunda Mãy universal, como veremos no discurso desta obra. Notão os Doutores, 29 que Maria fora em tudo huma *Eva* ao revez. A Santa Igreja o considera quando lhe pede que mude o nome de *Eva*, tomando o *Ave* da boca de Gabriel; 30 *Christo* em o ver profanado na boca de Judas, 31 deo princio à Payxaõ com que nos remio, & no fim della chamando à Virgem *Mulher*, 32 por allusão a *Eva*, a deyxou por nossa *Mãy*, representandonos em *João*, que significava *Graça*, mostrandonos com *Graça* por filhos da *Virgem*, 33 como eramos filhos de dores por filhos de *Eva*; 34 & principiandose naquelle *Ave*, esta troca de Mãys. Com grande mysterio, como advertio Origenes, 35 foy nova, & unica a saudação do Anjo, *Ave chea de graça*, que só para *Maria* se reservou, & que em toda a Escritura não pode achar semelhante.

Este breve discurso justifica o titulo do livro; 36 elle expenderà a materia nos successos do mundo em sua ruína, & reparação, & nas heroicas acçoens com que a *Senhora* contribuhio.

17 *Isaiæ* 11.1.
18 *Joan.* 19.25.
19 *Ponderat. P. Salazar de Concept. c.* 12 *n.* 16.
20 Nomina cum rebus consentiant.
Plat. de Sap.
Textus in §. est & aliud. Inst. de donat.
D. Thom. 1 *p. q.* 37. *art.* 2.
21 *Genes.* 3.20.
22 *Luc.* 1. 28. Ave gratia plena.
23 *Genes. supr.*
24 *Ita Guerric. Abb. serm.* 1. *in Assumpt. Virg. post princ.*
25 *D. Petr. Chrys. serm.* 140. Eva facta est nunc mater viventium per gratiam, quæ mater antea extitit morientium per naturam.
26 *Genes. d. c.* 15. Ipsa conteret caput tuum.
27 *D. Epiphan. contra heres.* 78. Beata mater Dei Maria per *Evam* significatur; quæ per ænigma accepit ut mater viventium vocaretur.
28 *Benedict. Pererius in Genes. l.* 6 *n.* 168. Ut multi dixerint, *ave* dictum esse ab *Eva* per inversionem literarum, ob idque Gabrielem Archangelum Deiparam Virginẽ salutãdo, dixisse ei, *Ave* quasi ea mũdo latura esset bona planè contraria iis malis, quæ invexerat *Eva*.
29 *Carthag. de arcan Deip p.* 1. *l.* 1 *hom.* 4. *post princ. & ad fin. vers. sed quæ.*
Vide in 2. *p. c.* 25. *n.* 3.
30 Sumens illud *Ave* Gabrielis ore funda nos in pace, mutans *Evæ* nomen.
31 *Matth.* 26.49. Ave Rabbi.
32 *Joan.* 19.26. Mulier, ecce filius tuus.
33 *In hunc sensum D. Antonin. apud Carthagen sup. l.* 15. *hom.* 17. *v. secundam.*
34 *Genes.* 3.16. In dolore paries filios.
35 *Origen. in Luc. hom.* 6. Angelus novo sermone Mariam salutavit, quam in omni scriptura invenire non potuit; id enim quod ait, Ave gratia plena, soli Mariæ hæc salutatio servatur.
Et vide infra p. 2. *c.* 24. *n.* 2.
36 *D. August. sup Psalm.* 33. Si quis libri titulum rectè novit, facilè totius libri notitiam assequetur.

Ó IM-

O IMPRESSOR

Aos Leytores, que esperarem Indice.

COmeçando-se a formar Indice Alphabetico do que este Livro contèm, se achou q̃ por hũa parte era escusado; & por outra seria demasiadamente largo, & prolixo. Escusado, nas cousas principaes; porq̃ todas as particularidades que podem tocar, & desejarse nas materias que os capitulos trataõ, se acharàõ juntas nelles; & assim os seus titulos bastaõ por Indice. Demasiado, largo, & prolixo nas noticias, & curiosidades que se trazem por incidente; porque como o intento do Author, para suavisar mais a leytura, foy ostentar o melhor das erudiçoens em theatro dellas, como professa o titulo do Livro; em breve compendio epitomou tantas, que cada regra tem seu notavel: & assim o Indice de todas faria grande volume: & a eleyçaõ de algumas aggravaria as outras de igual estimaçaõ. Quem ler, poderà deyxar notado o que quizer: & conhecerá que a abundancia difficulta o Indice.

Inopem me copia fecit

LICENÇAS

Do Santo Officio.

PO'de-se tornar a imprimir o livro de que esta petiçaõ trata, & depois de impresso tornarà para se conferir, & dar licença para correr, & sem a qual naõ correrà. Lisboa Occidental 21. de Julho de 1719.

Rocha. Fr. Rodrigo Lancastre. Guerreyro. Carneyro.

Do Ordinario.

PO'de-se imprimir o livro de que se trata, & depois de impresso tornará para se conferir,& dar licença que corra,sem a qual naõ correrà. Lisboa Occidental 24. de Agosto de 1719.

D. Joaõ Arcebispo.

Do Paço.

QUe se possa tornar a imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso torne à Mesa para se lhe dar licença que corra. Lisboa Occidental 25. de Agosto de 1719.

Duque P. Botelho. Pereyra. Galvaõ. Noronha. Oliveyra. Barros.

VIsto estar conforme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 10. de Março de 1720.

Rocha. Fr. Rodrigo Lancastre. Carneyro.

PO'de correr. Lisboa Occidental 13. de Março de 1720.

D. Joaõ Arcebispo.

TAxaõ este livro em mil & quinhentos reis. Lisboa Occidental 20. de Março de 1720.

Duque P. Botelho. Pereyra. Galvaõ. Noronha. Oliveyra. Barros.

INDICE

INDICE

Dos Capitulos deste Livro.

CAPITULOS DA PRIMEYRA PARTE.

Introducçaõ.

rос,

CAPITULOS DA SEGUNDA PARTE.

EVA, E AVE,
OU
MARIA TRIUNFANTE.
THEATRO DA ERUDIÇAM, & da filosofia Christãa.

PARTE PRIMEYRA.
EVA:
O MUNDO CAHIDO.

CAPITULO I.

Ab æterno determinou Deos crear o Homem: previo sua ruina: decretou o remedio: & destinou para ella a Virgem Maria.

O principio sem principio, que nenhum espaço de seculos pòde medir: no tempo sem tempo, que judiciosamente se crè, & a consideração não alcança, determinou o summo Ser, Bem infinito, Author omnipotente de todas as cousas, crear a maquina do Universo, & nella o Homem, para sua bondade se lhe communicar. 1 E vendo com alta presciencia, que a culpa do primeyro Pay havia de incapacitar o genero humano da gloria para que o destinava; contendèraõ duas irmãas gemeas filhas da Divindade, *Justiça, & Misericordia*, diante do Throno *Altissimo*, sobre destruir, ou perdoar. 2

1 *Magister Sentent. lib. 1. dist. 1.*

2 *Psalm. 84 v. 11.* Misericordia & veritas obviaverunt sibi. *D Bernard. Serm. 1. in Annunt. ad med vide P Franc. de Mendoça in Viridar. l. 9. dial. de Christi Passione elegantissimè.*

2 Para ſatisfaçaõ de ambas 3 decretou o Conſiſtorio da *Trindade* Santiſſima, que huma de ſuas Peſſoas miſericordioſamente ſe humanaſſe, porque a humanidade paſſivel mereceſſe: & pela Divindade unida ſatisfizeſſe à *Juſtiça* a offenſa infinita pelo objecto offendido, o que hum puro homem naõ podia igualar.

3 Por outro modo pudera Deos livrar ao homem; mas antepoz a conveniencia ao poder; convinha que hum homem venceſſe ao demonio, pois hum homem ſe lhe ſugeytára; ſe o Redemptor não fora homem, parecèra a Redempção violencia; quiz Deos, que a Juſtiça da humildade libertaſſe a quem o poder pudèra libertar: & foy neceſſario homem Deos para libertar do peccado. 4

4 Competia a Caridade Divina com a malicia humana: pois como o primeyro pay arruinou ſua deſcendencia antes de a gérar, 5 Deos prevenio o remedio antes da culpa ſe commetter.

5 Aventajou-nos aos Anjos, creaturas mais nobres, de que pudèra eſperar melhor correſpondencia; pois fez por nòs o que naõ fez por elles quando peccáraõ; quiz remir o homem aceytando ſatisfação, & quiz elle meſmo ſatisfazer por nòs. Não ſe unindo à natureza Angelica, ſendo mais alta, honrou a humana; & nella não tomou corpo de varaõ, por naõ evitar as penas de menino; nem quiz ſer formado como Adam, pela maõ Divina, por dar à meſma natureza a gloria da Maternidade, & porque para amparo dos homens, houveſſe *Mãy de Deos*. Não reparou em ſe unir ao que eſtava inficionado pela culpa, nem na infinita diſtancia dos extremos, nem no difficil de haver uniaõ ſem confuſaõ, nem no immudavel da Deidade: ſua diſpoſição piedoſa todas as difficuldades venceo. 6

6 A ſegunda Peſſoa daquella Deidade trina, & huma, ſe ſugeytou a eſte encargo, por myſterio altiſſimo, que noſſo juizo, (diz Saõ Bernardo) 7 não pòde penetrar, poſto que diſcorra 8 em algumas conveniencias para encarnar o *Filho*, & não o *Pay*, ou *Eſpirito Santo*.

7 Deſtinou a Mente Altiſſima huma Creatura na realidade humana, para iſto ſe conſeguir; mas nas perfeyçoens quaſi Divina, qual convinha a *Mãy*, que tiveſſe commum com *Deos Padre* hum meſmo Filho: que géraſſe em tempo, a quem Deos *Padre* gèrára na eternidade: de cujo ventre foſſe fruto quem era ab æterno Senhor univerſal: que tiveſſe ſubdito pelo naſcimento o Superior da terra, & do Ceo: que foſſe *Mãy* de ſeu Creador, dignidade infinita, 9 Filha, Mãy, & Eſpoſa de Deos.

8 Quando, depois de immenſos ſeculos, preparou os Ceos, creou os abyſſos, firmou a esféra, deſatou as fontes, ſinalou termos ao mar, deo ley às aguas, & ligou os fundamentos da terra: poz o Summo Fabricador junto a Si huma cadeyra da mayor preeminencia depois de ſeu Throno ſacroſanto; & ſobre ella

3 *Pſalm. ſupracit.* Juſtitia, & Pax oſculatæ ſunt.

4 *Magiſter l.3. diſt. 19. §. 2. & diſt. 20. in princ.*

5 *Notat D. Bernard. hom. 2 ſuper Miſſus eſt, poſt princ.* Priùs redemptores, quàm parentes.

6 *Explicat eleganter P. Anton. Guillielm. Sacerdos Orator. lib. delle grandezze de la Sanct. Trinità, diſc. 53.*

7 *D. Bern. Serm. 2. in Annunt. ſtatim poſt princ.*

8 *Apud Magiſt. lib. 3. diſt. 1.*

9 *D. Thom p. 1. q. 25. art. 6. ad 4.*

ella huma Coroa da Mageſtade mayor depois da Divina. No eſpelho de ſeu Creador conhecêrão os córos celeſtes eſtar preparada aquella honra para huma Creatura, que naſceria a mais amada delle, & logo (depois do mayor amor, & gozo que punhão em Deos) a amavaõ mais que a ſi meſmos; & na ſua creação ſe gozavão mais que na propria, porque vião que nella ſe honrava, & deleytava o *Senhor* ſobre tudo; aſſim o revelou hum Anjo por mandado de Deos à ſua mimoſa Santa Brigida, como ſe lê nas ſuas revelaçoens. 10

9 Por modo tão ſoberano, muyto antes de ſe crear a terra: primeyro que foſſe o abyſſo: ainda as fontes não manavão, nem os rios corrião: os montes não conſtavão de ſua grandeza; nem os Orbes ſe libravão em ſeus pòlos; & já a *Virgem Mãy* eſtava em Deos perfeyta. 11 Só quem numerar as areas do mar, as gottas da chuva, os dias dos ſeculos; quem medir as alturas dos Ceos, a largura da terra, o profundo do abyſſo, poderá inveſtigar na Sabedoría de Deos a dignidade, honras, & privilegios com que o Principio ſem principio dotou, enriqueceo, & exaltou eſta Creatura excellentiſſima; foy logo (como lhe chamão os Doutores ſagrados) *Myſterio do Ceo, & da terra*: 12 *molde, & forma de Deos*: 13 *parte principal do aſtrolabio com que a perſpectiva do noſſo juizo pòde medir a grandeza do Sol Divino, que tal a creou*; 14 *he milagre de ſua graça, & omnipotencia.* 15 Finalmente por eſte ſoberano modo foy ab æterno deſtinada Vencedora triunfante da ſerpente infernal: 16 Coadjutora da Redempção do genero humano; 17 & Porta 18 ao remedio do mal, que lhe entraria pela primeyra *Mãy*.

10 *Revelat. S. Birgit. in Serm. Ang. c. 4.*

11 *Prov. 8. 15.*

12 *Epiphan de laud. Virg.*

13 *D. Hieron. Serm de Aſſumpt. D. Dion. Areopag. Ep. ad Paulum, de qua in 2. p. cap. 94. n. 4.*

14 *P. Anton. Guilielm. ſup. diſc. 54. verſ. ſopraviene.*

15 *Carthagena de arcan. Deipar. tom. 1. l. 15. hom. 8. Fr. Joſeph de Jeſu Maria, vida de N. S. lib 1. c. 2.*

16 *Gen. 3. 15.*

17 *Vide in 2. p. c. 48.*

18 Felix Cæli porta.

CAPITULO II.

Creado o mundo, creou Deos o Homem, & o illuſtrou de graça, & nella a ſua deſcendencia.

1 EM cinco dias 1 creou Deos a machina, que chamaraõ *Mundo*, pela belleza, que eſta palavra ſignifica, 2 harmonica, & artificioſa conſonancia da Mente fecunda, & Omnipotencia infinita daquella fonte de todo o ſer, na admiravel concordia de tão varias partes. Myſterioſamente ſe deteve no que pudera obrar em hum inſtante; & com razão o grande Moyſés hiſtoriou tanta acção em poucas regras: 3 pois os Ceos com letras de Eſtrellas, os ares com muſicas de aves, a terra com pinceis de flores, as agoas com cryſtalinos eſpelhos, & todas as mais creaturas em juſto, & glorioſo certamen eſcrevem, celebraõ, pintão, retratão, & oſtentão a excellencia de ſeu Creador, Cauſa ſuprema de que ſaõ effeytos as cauſas; Poder infinito que de nada tirou tudo; Motor immovel de todos os movimentos; Bondade ſumma que ſe communica a todas as ſub-

1 Prima dies lucem, Cælum altera, tertia terram;
Sydera quarta; ſequens piſcem habet, & volucrem.
Sexta animal quodvis, hominemque ex pulvere terræ.
Protulit: at requiem ſeptima lux tenuit.

2 *Polyanthea, verbo, Mundi. Pineda Monarch. Eccleſ. p. 1. l. 1. c. 1. §. 1. in princ.*

3 *Gen. c. 1.*

ſubſtancias; Divindade aſſiſtente em toda, & qualquer parte do Univerſo por eſſencia, preſença, & poder: immenſa, & ſabia incomprehenſivelmente.

2 Ao ſexto dia, que, ſegundo a melhor opinião, 4 correſponde a vinte & cinco de Março, diſſe Deos: *Façamos o homem:* 5 não que fallaſſe com ſom de voz; mas refere-ſe eſta voz a natureza do *Verbo* Eterno; 6 muytos Doutores 7 a attribuem ao Eterno *Pay*, que fallou ao *Filho*, & ao *Eſpirito Santo*, iguaes na natureza, & poder: & notão, que logo que ſe tratou da creação do homem, reſplandeceo a fé, & dogma da Santiſſima *Trindade*.

3 Para outras creaçoens, poſto que da luz, baſtou dizer, *Faça-ſe*, & ficáraõ feytas; 8 o *Façamos*, & fazer depois, moſtra obra mais luzente que a meſma luz: as outras, diſſe Tertulliano, 9 ſe fizerão com voz imperioſa; o homem com mão familiar. Depois de tudo o creou, para que a tudo mandaſſe, & achaſſe tudo preparado. 10 No empenho do Creador ſe vè a dignidade da creatura; feytura tão excellente, que no dia do Juizo, ainda que os Anjos haõ de ajuntar a materia dos mortos, 11 dizem graviſſimos Doutores, que ſó Deos reformará della os corpos para a reſurreyção. 12 Triſmegiſto lhe chamou *Deos mortal*. 13

4 Diſſe que o faria *à ſua imagem, & ſemelhança*; 14 no interior, 15 que he o verdadeyro homem; 16 & na Juſtiça original; 17 ſe bem Eugubino, & outros Eſcritores dizem que para formar o homem tomou Deos imagem, & ſemelhança humana. 18 A' ſua ſemelhança o creou aquella grandeza tão confiada, que não ſe dedignou de ter ſemelhante, para que em ſi meſmo contemplaſſe o Creador, para cauſar amor reciproco; para que foſſe conhecido por couſa ſua, trazendo o ſello de ſua Imagem; para deyxar ſua effigie naquella fabrica excellente, como os Principes coſtumão nas Cidades, & obras magnificas de que ſaõ fundadores; para que ficaſſe mais capaz das couſas mais altas; & para que tudo o reſpeytaſſe por ſemelhante ao ſupremo *Senhor*. 19

5 E aſſim accreſcentou Deos, *& que eſſe homem preſidiſſe a tudo*: 20 conſequencia neceſſaria, como parece que moſtra a conjunção, *&*, de que uſou; pois hum ſemelhante a Deos naõ póde deyxar de preſidir; nem pudera preſidir ſem eſſa ſemelhança; a quem o Author de tudo havia de entregar tudo, havia de exceder a tudo o da terra; o Vice-Rey havia de parecer Rey: devia de repreſentar hum Vice-Deos, quem havia de imperar ao mundo; dignidade tão grande, (notou Saõ Joaõ Chryſoſtomo) q̃ ainda depois de peccar ſe não arruinou de todo. 21

6 No Campo que depois ſe chamou *Damaſceno*, 22 (ou porque *damaſech* ſignifica *miſtura de ſangue*, & alli matou Caim ao ſanto Abel; 23 ou de *Damaſco Elier* ſervo de Abraham) diſtante ſeſſenta legoas donde a Cidade Damaſco ſe vè hoje,

(24 lhe

4 *Pedro Mexia na Sylva de var. lig. lib. 3. c. 27. Diogo Matute de Genaſiel na Proſap. de Chriſto, idade 1. c. 1. 3. P. Fr. Joſeph de Jeſu Maria, na vida, & excel. de N. Senhora, l. 3. c. 17. n. 4.*

5 *Geneſ.* 1. 26. Faciamus hominem.

6 *Magiſter Sent. l. 2. diſt.* 13. §. 16.

7 *Perer. in Gen. lib.* 4. *in Præf. n. 3. Bened. Fern. Gen. c. 1. ſect.* 9 *n. 2 in fin.* Ubi creari cœpit homo, fides, & dogma veritatis emicuit.

8 *Gen. d. c.* 1. 3. Dixit Deus: Fiat lux, & facta eſt lux.

9 *Tertul. l. 2. adverſ Marcion.*

10 *D Chryſoſt. homil.* 8. *in Gen. Mag lib. 2. diſt.* 15. §. 5. *Joan. Frãc. Loredano nel' Adamo.*

11 *Matth.* 24 31.

12 *Soto in 4. diſt. 43. q. 5. §. de 2. dico lit. B, Pineda d. l. 1. c. 5. §. 1. Abulenſ. & alij apud Ægidium de Beaut. tom. 3. q 5. art. 4. § 2. n. 4.*

13 *Triſmeg. in Pimand. & ad Aſclep.*

14 *Gen. c.* 1. 26 Ad imaginem, & ſimilitudinem noſtram. *Eccleſiaſt* 17. 1.

15 *Magiſter l. 2 diſt* 16. §. 4.

16 *D Thom p. 1 q. 93. maximè in art. 6.*

17 *Gloſſa interlin.*

18 *Eugubin. ſup. Pſalm* Domine probaſti me. *& alij apud P. Fonſeca, de amore Dei c. 10 prop. fin.*

19 *Bened. Perer. d l. 4. Gen. n. 57. in digreſſ. moral. poſt quæſt 8. & vide infra in 2. p c. 45. n 4.*

20 *Gen. d. c.* 1. 26. Et præſit &c.

21 *D. Chryſoſt. Serm. Quomodo primus homo, in princ. tom. 1.*

22 *Bened. Fernand. in 2. Gen. ſect. 6. n. 1.*

23 *Genebrard. in Chronographia.*

24 lhe formou em idade perfeyta 25 o corpo de lodo: 26 para que a origem lhe abatesse a soberba, considerando-se de terra, 27 posto que foy escolhida; 28 mas com o rosto para o Ceo, contra a fórma dos outros animaes, 29 olhando para as alturas, que só lhe convêm. 30

7 Naõ teve logo vida só com à formação, como os outros animaes tiveraõ, 31 porque a teria mais excellente; 32 diz o Texto, que Deos lha inspirou no rosto, 33 parte ornada com sentidos, que devem contemplar as cousas altas. 34 Muyto amaria aquella alma, quem a tirava das proprias entranhas. 35

8 Chamoulhe Adam, 36 que em Hebreo significa *feyto de terra vermelha*, 37 da qual o formára; 38 nome patronimico a todos os homens, 39 pois saõ da terra. Naõ esperou Deos, que elle se puzesse nome, como poz a todos os animaes; 40 ou pelo honrar, pondolho elle mesmo, como Senhor seu; 41 ou porque o homem, ainda que a todo o mais conheça, nunca se conhece para se definir. 42

9 Ou no instante em que lhe creou a alma; ou depois (no que ha disputa curiosa) 43 o illustrou o *Senhor* de bens naturaes, & sobrenaturaes; particularmente da Justiça original, a qual dizem os Theologos 44 que era huma rectidão na natureza humana, porque o homem tinha perfeyto dominio sobre as forças superiores, & inferiores. De maneyra, que em aquelle estado, a parte superior da alma estava sugeyta a Deos; a ella todas as forças do corpo, com tal subordinação, que a sugeyção primeyra era causa da segunda, & a segunda o era da terceyra; reduzida assim toda a natureza à unidade, & ordenada a seu Creador.

10 Durando aquella rectidaõ, não podia haver peccado, nem venial, explicando esta asserção com o Padre Bento Fernandes, doutissimo Portuguez; 45 porque tudo estava com ordem, servindo os membros à cabeça, & a cabeça a Deos. Caminhava o homem direyta, & suavemente a seu ultimo fim; & no tempo constituido por Deos a cada hum, passaria da felicidade começada à vista clara do mayor bem, sem pena de morte, (explicando tambem com o eruditissimo Portuguez Bento Pereyra) 46 sendo o terrestre corpo trocado em espiritual, como na gèral resurreyção o serão os dos justos, & revestido de incorrupção, & immortalidade; 47 terião alèm disto os homens todas as felicidades temporaes. 48

11 No primeyro Progenitor foy dada esta rectidão, & justiça original a toda a natureza humana, (porque modo, & em que termos, deyxamos aos Theologos, 49 porque a nosso intento basta esta noticia) com pacto de que os pays a transmitissem aos filhos como herança, ou morgado, se Adam guardasse a obediencia que devia a Deos; & se a não guardasse, que a perdessem. Assim como o fundador de hum morga-

24 *Pined.d.c.5.§.3.*
25 *Magister l.2 dist 17.§.3.*
26 *Gen.2.7.*
27 *D.Chrysost.in Gen.homil.13*
28 *Phil l.de mund.opif.circa fin.*
29 *Ovid.Metam.l.1.in princ.*
Pronaque cum spectent animalia cætera terram,
Os homini sublime dedit, cælūque videre
Jussit, & erectos ad sydera tollere vultus.
30 *D.Thom.p.1.q 91.in conclus. Lactant.Firmian.de opific. Dei l.8. Seneca ep.66.*
31 *Gen. 1. 20.* Producant aquæ reptile animæ vivētis: *& infra sæpe.*
32 *Ita D.Chrysost.d.hom.13.*
33 *Gen.2.7.* Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ.
34 *Notat Mag l.2.dist.17. §. 2.*
35 *P. Fernand in Gen. d.c. 2. sect.3.n.5.in princ.* Quasi ipsius Dei viscera, amorisque anima esse videretur.
36 *Gen.5.2.*
37 *Polyanthea, verbo, hominis, vers.alij hominem.*
38 *Diogo Matute, prosap. de Christo idade 1.c.2 §.3. Joaõ Francisco Loredano ne l' Adamo.*
39 *Polyanthea supra.*
40 *Gen.2.19.*
41 *Loredano ne l' Adamo.*
42 *Philon l.1.allegor.* Mens quæ inest nostrum unicuique, cætera potest comprehēdere, se ipsum nosse non potest.
43 *Referunt Pineda, Monarch. Eccles.l.1.cap.6,§.2. Bened.Perer.in Gen l 5.n.48. in 1. q.n.51.ubi cum D.Augustino, resolvit, quod in primo instanti.*
44 *Ex D Thom 2.Sent. dist. 25. q.2. art. 3. latè explicant Perer. in Gen.l.5.disp.de tertia excel.stat. innoc ex n 86. & Fernand. in Gen 3. sect.17.n.2. Fr.Joseph de Jesu Maria, hist.de N. S.l.1.cap.9.n.3.& cap.39.n 4.*
45 *Fernand.sup.n.3.cæterum.*
46 *Perer.d.l.5. disp. de 4.excel. stat.innoc.ex n.139.*
47 *D Aug.de Civit.Dei, lib. 13. cap.10.Blosius in Manual. hom. 12. ad med. Per.in Gen d.l.5.n.59.in 2. q. Vide D.Thom.p.1.q.97. art. 4.*
48 *Perer.in Gen.l. 5. in prefat.*
49 *Perer.d.l.5.in disp. de 2. excel.stat.innoc.maximè q.3.& 4.*

do no primeyro em que o encabeça, pòde obrigar os deſcendentes não naſcidos, as condiçóes da inſtituição; porque todos eſtão preſentes no primeyro, como membros em ſua cabeça. 50

50 Ex mente D. Thom. 1. q. 81. art. 1 Explicat P. Fr. Joſeph de Jeſu Maria, vida de N. Senhora l. 1. cap. 9. n. 3.

CAPITULO III.

Como Deos poz a Adam no Paraiſo terreſtre, qual era, & ſe perſiſte ainda.

1 CReado, & illuſtrado de graça Adam, o poz Deos na meſma ſeſta feyra à hora de terça, 1 levado, ou guiado por hum Anjo, 2 em hum lugar, que já antes do homem tinha creado; 3 ao qual, para vida de ſuas plantas, conſervação de ſua amenidade, eſpelho de ſua belleza, & vital humor de ſeus frutos, 4 regavaõ quatro famoſos rios, naſcidos de huma fonte, chamada *Phiſon*, & *Geon*, (hoje *Ganges*, & *Nilo*, 5 ſe bem alguns 6 dizem, que hoje ſe naõ ſabem) *Tigris*, & *Euphrates*; povoado de todas as arvores fermoſas à viſta, & de pomos ſuaviſſimos ao goſto; 7 eſmaltados os verdes prados com as flores mais bellas, & cheyroſas, aonde em Primavera perpetua ſe gozava a temperança dos melhores ares: os frutos não dependiāo da variedade dos tempos: ſempre claro, izento de trevas; 8 promptuario, lhe chamou o grande Damaſceno, 9 de toda a alegria, & delicias. Todas as que os Poetas repreſentárão nos jardins de Alcione, Adonis, & Heſperides, ſe lhe não pòdem comparar; por iſſo ſe chamou *Paraiſo* de *Pardes*, palavra Hebrea, outros dizem Grega, ou Perſa, 10 que ſe interpreta *horto*, ou *jardim regalado*. 11 Não tinha Deos creado a Adam naquelle lugar, porque o não tiveſſe por natural; antes o deveſſe à graça. 12

2 Graves Authores eſcrevèraõ, que não era corporeo com real aſſiſtencia, mas intellectualmente repreſentado a Adam com allegoria eſpiritual; outros, que era corporeo; porèm que eſtava nos Ceos, junto do orbe da Lua; outros, que na ſuprema regiaõ do ar; outros, que todo o mundo era Paraiſo; outros, que eſtava fóra deſte mundo que ſe habitava, em outro ſeparado alèm do Oceano; & alguns declaraõ, que eſtava na America à parte do Perù; outros, que debayxo da linha Equinocial. 13 A gentilidade antiga, que ou por tradição, ou por noticia que tinha dos primeyros livros da Eſcritura ſagrada, 14 arremedou em ſuas fabulas a verdade, (pòde ſer que por aſtucia do demonio, para a deſacreditar) 15 fingio com ſemelhante belleza, & facilidade os campos Elyſios, 16 tendo a meſma duvida ſobre o lugar em que eſtavaõ. Huns diziaõ que no Ceo das Eſtrellas fixas; outros, que perto do globo da Lua; outros, que no meyo dos infernos; outros, que nas Ilhas

1 Moyſés Barſepha de Paradiſo. Pined. na Monarch. Eccleſ. l. 1. cap. 11. § 1. Matute na Proſap. de Chriſt. idade 1. cap 1. §. 3.

2 Bened Perer. in Gen l 4 n. 112.

3 *Gen. 2. 8.* Plantaverat autē Dominus Deus Paradiſum voluptatis á principio. *Magiſter Sentent. l. 2. diſt. 17. §. 4. Perer. 2. Gen l. 3. n. 2.*

4 R. P. Fr. Joſeph Xim. Samaniego no argument. antes da vida de Eſcoto.

5 Joan. de antiq. l. 1. c. 2. Bened. Fern. 2. Gen. ſect. 5. n. 3.

6 Per. ſup ex n. 99. Lored. nel' Adamo.

7 Gen. 2. 8. cum ſeqq.

8 D Baſil. in Orat. de Paradiſo.

9 D. Damaſcen. l. 2. de Fide orthodox. cap. 11.

10 Perer. ſupr. n. 3.

11 D. Iſidor. etymol l. 14. c. 13. Pined d. l. 1. c. 6 §. 4. Polyanthea, verbo, Paradiſi.

12 *Magiſt. l 2. diſt. 17. §. 5.* Ut non naturæ, ſed gratiæ hoc aſſignaretur.

13 Referem eſtas opinioens Pereir. ex n. 12. Joan Michrel. ſyntag. hiſt. l. 1 ſect. 1. n 5. & 6.

14 Aug. l. 2. Reg. c 4 D. Ambroſ. l. de Sacrament. ſiv. de Proph. c. 28.

15 Notavit D. Juſtin. Martyr 2. apolog. pro Chriſto.

16 Deſcreve-a Virgil. Æneid l. 6. & Anton Muret. l. 5. cap. 1.

Ilhas Fortunas; 17 alguns que em Hespanha. 18 E naõ faltou quem disse que em Portugal, como em outra obra largamente escrevemos. 19 O certo he, conforme ao Texto, que o Paraiso era corporeo terrestre, 20 neste nosso Orbe à parte Oriental, aonde tem nascimento aquelles rios; 21 & parece que em Mesopotamia. 22 Nasceo esta incerteza, de que sahido Adam delle, ficou guardando sua entrada hum Cherubim com espada de fogo, 23 por medo do qual dizem, que ninguem se atreveo a tentalla, posto que o caminho se conhecia antes do Diluvio. 24

3 Depois do Diluvio se duvida se persiste. A opiniaõ commua (posto que não carece de contradictores) 25 diz que sim, 26 & parece que ajuda hum lugar do Apocalypse 27 tomado literalmente, em que se falla deste como persistente. Entende esta opinião, que da gèral ruina, que as agoas fizeraõ, assim como foy exceptuado Henoch, 28 foy miraculosamente 29 exceptuado aquelle Paraiso em que elle vive. 30 Tambem dizem muytos Authores com S. Jeronymo, que neste está Elias: & o engenhoso Doutor Catharino escreveo hum livro, procurando mostrar, que está com elles Saõ Joaõ Evangelista; 31 mas isto de S. Joaõ tem grandes contraditores. Escrevèraõ alguns, que se sabia por onde se hia a elle; 32 mas que por impedimentos se lhe naõ podia chegar; o mais provavel he, que ninguem o tentaria, pois os Gentios o naõ crem; & os Hebreos, & Christãos sabem que os impediria o Cherubim. Referirse que hum Macario Romano com outros tres Monges, depois de largo caminho, chegárão à sua entrada, donde forão lançados por força se tem por apocrifo.

4 Não obsta dizerse, que se persistisse, se acharia no nascimento que hoje se sabe daquelles rios, pois delle nascião. Porque se responde, que he provavel, que depois do Diluvio ficárão rios com differente nascimento; 33 & com poucas legoas que estes se mudassem, ficarião em outra parte, porque o Paraiso não occupava muyta terra. 34 Se dentro de Hespanha estiverão muytos seculos encubertas entre mõtes as Villas das Batuecas, povoadas de gente, que fugio dos Mouros quando entrárão em Hespanha; não he muyto, que se não ache o que se occulta por mysterio.

5 Quanto mais, que o nascimento do *Nilo* sempre foy escondido, posto que Reys, & Emperadores o buscárão; 35 donde fabulou Ovidio, 36 que fugindo do fogo, escondèra a cabeça, & nunca se achára. Por authoridade de Plinio 37 se disse, que nascia na Mauritania inferior da lagoa *Nilide*, em hum monte perto do Oceano, & que occultando-se jornada de alguns dias, sahia em outro lago mayor na Mauritania Cesariense; & tornava a embeberse em huns areaes, & por desertos, jornada de vinte dias, chegava aos Ethiopes, aonde sahia de novo em huma fonte, ou rio, chamado *Nigris*, & que finalmente

17 *Refere estas opinioens Pedro Sanch. Viana nos Cõmentar. a Ovid. Metam. l.* 11. *n.* 4 *Torcato Tasso na Jerusalem cantic.* 15. *est.* 36.

18 *Refere Fr. Franc. de Bivar no comment. a Flavio Dextro à cap.* 66. *n.* 6.

19 *Nas excellencias de Portugal, cap.* 1. *excel.* 6. *n.* 1.

20 *Magist. Sent. d.* § 4.

21 *Gen.* 2.

22 *Perer. sup. n.* 122. *Loredano sup.*

23 *Gen.* 3. *in fin.*

24 *D. Chrysost. citatus à Perer. sup. c.* 37. *Matute d. idade* 1. *c.* 7. §. 6.

25 *Perer. sup. n.* 40. *in q.* 5. & *c.* 7. *ex n.* 167. *in q.* 7.

26 *Apud Bened. Fernand.* 2. *Gen. sect.* 4. *n.* 1. *ad fin.*

27 *Apocal. d.* 7. Vincenti dabo edere de ligno vitæ, quod est in Paradiso Dei mei.

28 *Diremos na* 2 *p. cap.* 12. *n.* 7.

29 *Scot.* 2 *Sent. dist.* 17. *q.* 2.

30 *Ecclesiastic.* 44. 16.

31 *Tudo refere Pineda na Monarchia Eccles. p.* 1. *c.* 1. *lib.* 23. §. 3.

32 *Refere Abul. ad cap.* 13. *Gen. q.* 93.

33 *Genebrard. in Chronograph. Pined. l.* 2 *cap.* 5. §. 2. *Fernand. sup. sect.* 5. *n.* 3. *Matute Prosap. de Christ. idade* 1 *c.* 7. §. 6. *Loredan ne l' Adamo. Com a doutrina de Aristoteles l.* 1. *Meteor.*

34 *Perer. in Gen. l.* 3. *n.* 33.

35 *Jul. de Castillo hist. dos Godos lib.* 1. *discurs.* 1.

36 *Ovid. Metam. l.* 3.

37 *Plin. l.* 5 *cap.* 9.

mente entrava no mar por sete boccas : pelo que os Poetas lhe chamavão sete dobrado. 38 Os descobridores modernos affirmão, que nasce de grandes lagoas junto dos montes da Lua, não longe do Cabo de Boa Esperança ; & em nada disto ha certeza : só he certo ser rio mysterioso, porque em certa parte se despenha com ruido, que obrigou aos moradores daquelle termo ao despovoarem, porque os ensurdecia. 39 Suas agoas crescem no Estio, quando todas minguão ; & porque muytas terras se sustentão de seu regadio sem chuvas, he necessario tal medida na crescente, que nem falte às altas, nem tarde muyto em desaguar ; a conveniente he de doze, ou treze, atè dezoyto covados de alto. 40

6 Os Gentios da India tambem tem o *Ganges* por mysterioso, por cuydarem que assim se purificaõ de seus peccados, se se lavão nas suas agoas, tendo-as por santas; 41 parece que ainda esta opinião lhes resulta daquelle Paraiso, como ao *Nilo* aquellas mysteriosas qualidades. Do sobredito se faz provavel, que o Paraiso terrestre existe, posto que se não possa affirmar.

38 *Ovid. Met. l. 1.*
Sic ubi deseruit madidos septemfluus agros.
& l. 5.
Qui se genitũ septemplice Nilo: *& iterum* : Septem discretus in ostia Nilus.
& l. 5.
Perque papyriferi septemflua flumina Nili.
idem l. 3. eleg.
Ille fluens dives septenna per ostia Nilus.
Virg. Æn l. 6.
Et septem gemini turbant trepida ostia Nili.
Claudian.
Ostia nigrantis Nili septenna vaporat.
Faustus.
Quaque ferax septem Nilus abundat aquis.
O Principe de Esquilache, no canto de Antonio a Cleopatra.
Adonde el agua indomita Africana,
Por siete bocas las del Nilo sorbe.
O Conde de Villa mediana na fabula de Phaetonte : Del Nilo yà la septima garganta.
39 *Matute d. c. 7 §. 6.*
Joaõ Pablo Martyr, Riso na vida de Mecenas, fol. mihi 55 v.
40 *Herodot. lib. 3. Plin. d. c. 9. Pineda d. p. 1. l. 2. cap. 8. §. 1. Jul. de Castilho supra.*
41 *Bened. Fern d. sect. 5. n. 3.*

CAPITULO IV.

Como Deos poz ley a Adam ; elle começou a exercitar imperio ; o Senhor *lhe deo mulher, & que felicidades gozava.*

1 DIz o Texto sagrado, que poz Deos a Adam no *Paraiso*, para q̃ trabalhasse nelle, & o guardasse; 1 (entende-se das féras) & ordenoulhe isto por delicia, como alli era tudo; porque no estado da graça o trabalhar não daria molestia; 2 & elle gostaria mais dos frutos cultivados por sua mão.

2 Permittiolhe comer de todas as arvores que alli havia; accrescentando: *Mas naõ comas da arvore da sciencia do bem, & do mal, porque no dia que comeres, morrerás.* 3 Pela frase do dia entendeo o momento: & não só da morte espiritual, que seria presentanea ; mas tambem da corporal, cuja necessidade se incorreria logo, & começaria logo a executarse, pois imos morrendo cada dia, & cada momento. 4

3 Chamou àquella arvore *da sciencia do bem, & do mal*, porque (entre outras explicaçoens) 5 ainda que pela sciencia infusa o conhecia especulativamente ; com tudo se obediente não comesse, experimentaria o bem de todas as venturas; & se desobedecesse comendo, sentiria o mal de todas as desgraças. 6 A experiencia aperfeyçoa a sciencia : 7 o bem melhor se conhece perdido ; o mal he mais sensivel quando se padece.

4 Duvida-se que arvore era. 8 As circunstancias que o Texto declara, de que seus pomos fermosos aos olhos, deleytaveis

1 *Genes. 2. 15.*
2 *D. Chrysost. in Gen. hom. 14.*
3 *Gen. 2. 16. & 17.*
4 *Vide infra c. 10. n. 3.*
5 *De quibus Bened. Perer. in Gen. ex n. 88. q 3. Bened. Fernãd. ibi sect 4. n. 7. & 22.*
6 *D Chrysostom in Gen hom. 16. D. August. l. 8. de Gen. ad lit. cap. 15. Magist Sent l. 2 dist 17. §. 5.*
7 *Arist l. 1. Metaphysic. cap. 1. & l. 6 Ethic. c. 4. & sæpe.*
8 *Perer. d. l. 3. n. 83. q. 2.*

veis à viſta, movião o appetite de os comer; 9 competem à dourada purpura das maçãas, ou peſſegos: & não quadra aos figos, como cuydárão alguns Authores; 10 nem às uvas, como outros imaginárão. 11 O nome de pomos porque os antigos tratárão eſte ſucceſſo, em ſeu principal ſignificado diz *Maçãa*: 12 a tradição pelas pinturas o confirma. E deſtas fingirão os Poetas as maçãas de ouro, que no jardim das Heſperides guardava o dragão, que não dormia; tinha muytas cabeças, & uſava de varias vozes, 13 arremedando á verdadeyra hiſtoria da ſerpente, que fallou a *Eva* debayxo da arvore do melhor jardim; finalmente hum Texto dos Cantares o declara, chamando a eſta arvore, *Malus*, 14 que ſignifica *Maceyra*.

5 Neſta reſerva (diz o grande Chryſoſtomo) 15 ſe houve Deos como hum poderoſo Principe, que dá liberalmente hum amplo feudo com huma penſaõ tenue, ſó em ſinal de reconhecimento. Nota hum moderno, 16 que queria o *Senhor*, que Adam mandaſſe com o freyo de ſer mandado, para que a altivèz de Principe ſe moderaſſe, vendo-ſe ſugeyta à ley; poſto que ſoubeſſe que havia de quebrantalla, quiz moſtrar, que era neceſſario havella; 17 poz tão grande pena; para que ao menos por temor della, ſe obſervaſſe a prohibição, & com a guarda ſe moſtraſſe Adam obediente, mereceſſe a vida eterna, & a confirmação do morgado da juſtiça original para ſi, & para ſeus deſcendentes. 18 O merecimento eſtava na difficuldade da ley, que limitava niſto a liberdade, & reprimia hum appetite; 19 mas difficuldade facil de vencer. Que facilmente ſe paga a liberalidade Divina! Concedeo-ſe ao primeyro homem poder peccar, para que ficaſſe mais glorioſo ſe não peccaſſe. 20 Mandou o *Senhor* para provar o obſequio; legislou para examinar a vontade; poz preceyto para conhecer o arbitrio; & ficou pendendo noſſa ſaude, não no fruto da arvore, mas na eleyção do primeyro Pay; ſe eſcolheria os ameaços de Deos para ſalvar, ou as perſuaçoens do demonio para deſtruir; ſe anteporia a liſonja de quem o matava, à ſuavidade quem o queria eternizar. 21 Para premio da vitoria (diz Tertulliano) 22 ſe Adam venceſſe a batalha, eſtava no *Paraiſo* a outra arvore da vida, 23 que teria eterna; 24 mas nem aquella viſta refreou o appetite.

6 Intimou Deos o preceyto ſó a Adam como a cabeça, 25 & aſſim o notificou elle a *Eva* depois de formada. 26

7 Poſta ley a Adam, proſegue o Texto, 27 que exercitou o officio de Rey: ſem ley de Deos ninguem pòde governar. Mas deſpido; ſem caſa, & ſem apparato governou; porque a dignidade Real não conſiſte em purpura, em paço, nem em pompa, mas ſó no cuydado de governar bem. Diſſe Iſaìas, 28 que o Principado de *Chriſto* eſtava ſobre ſeus hombros, (que he o trabalho) & que ſeu nome era *Conſelheyro*, (que he o governo.) Ainda não tinha Deos dado mulher a Adam que o em-

9 *Gen.3.6.*

10 *Nicephor.hiſt.Eccl.l.1.c.17. Theodor.in Gen.q 28.*

11 *Refert gloſſa, verbo, videri, in l qui fundum 205.ff. de verb.ſignific.*

12 *Anton.Nebr.in dictionar.*

13 *Ovid.Metam.l.9.*

14 *Cant.8.5.* Sub arbore malo.

15 *D.Chryſoſt.in Gen.hom. 14.*

16 *Lor cdano n l' Adamo.*

17 *P.Soar.de leg.l.9.c.1.n.5.ad med.*

18 *Ita Fr.Joſeph de Jeſu Maria na vida de N.S.l.1.c.9.n.30. in fin.*

19 *Perer.in Gen lib 4.n.149.*

20 *D. Bernard. de liber. arbitr. ad med.* Datum eſt homini poſſe peccare ob prærogativam liberi arbitrij, datum autem, non ut proinde peccaret, ſed ut glorioſior appareret, ſi non peccaret, cum peccare poſſet. *Magiſter l.2.diſt.23. in princ.*

21 *D. Chryſoſt. Serm de interdict. arbor.in 1.tom.*

22 *Tertullian. in Apocalypſ. 2.* Lignum vitæ tamquam certaminis præmium. *D.Ambroſ.tract.de arb.interd.*

23 *Gen.2 9.*

24 *Vide infra c.12.n.2.*

25 *Magiſter l 2 diſt.11.§.ult.*

26 *D.Auguſt 8.Gen.ad lit.c.17. Pineda, Monarch.Eccleſ.l. 1.c.8.§ 1.& c.9.§ 1. P.Suar.de Leg.l.9.c.1.n.5.in fin.*

27 *Gen.2.19.*

28 *Iſai.9.6.*

embaraçaſſe: para que conheceſſe ſeus vaſſallos, vierão dous de cada eſpecie de animaes, por movimento que Deos lhes deo; ou por miniſterio de Anjos, 29 a renderlhe obediencia; 30 (ſó os que naſcem de geração, não os que ſe gerão de corrupção por ſua vileza; 31 & porque ainda os não havia) não vierão os peyxes, porque não podendo viver fóra do ſeu elemento, não era bem que a viſta de ſeu Rey lhes cuſtaſſe a vida. E aſſim como hião paſſando, elle por mandado de Deos lhes hia pondo os nomes, muyto conformes à natureza de cada hum; 32 moſtrando neſta impoſição imperio, & ſciencia; & elles o reconhecião por humas eſpecies como congenitas na parte eſtimativa, & imaginativa, mediante as quaes entendião a lingua quanto era neceſſario para obedecerem promptamente. 33 A lingua foy a Hebrea, como diremos em outra parte, 34 infundida por Deos a Adam com as ſciencias. 35

8 Diſſe Deos: *Não he bem que o homem eſteja ſó*; 36 & quiz darlhe companheyra que o ajudaſſe, participaſſe de tanto bem, & lhe déſſe filhos para continuação, 37 & para ſervirem ao meſmo *Senhor*. Diz hum grave Doutor que elle a pedio, 38 notando que em todas as eſpecies de animaes havia macho, & femea, & que Deos alludio à utilidade que a *Virgem Maria* traria ao mundo.

9 Não a formou Deos da terra, como ao primeyro homem; mas para moſtrar que ambos erão da meſma natureza, & que o genero humano tinha huma ſó maſſa principiativa; & huma ſó fonte, 39 infundio em Adam hum ſomno profundo, (genero de extaſi, em que lhe forão revelados myſterios Divinos, 40 entre elles o da Encarnação) porque não ſentiſſe dor, & por iſſo lhe ficaſſe mal affecto, & lhe tirou huma coſta, de que edificou a mulher ſemelhante a elle, multiplicando a materia, como nos poucos pães, & peyxes com que fartou tantos mil homens. 41 Diz o Texto: *edificou*, não diz: *formou*, (nota São Chryſoſtomo 42) porque da parte de Adam já formado a edificou em perfeyção. Com iſto multiplicou entre ambos as cauſas de ſe amarem pela ſemelhança; & porque havendo ſido hum ſó no corpo, era bem que foſſem hum ſó no animo; 43 & aſſim a coſta, ſegundo alguns Authores; 44 não foy da parte direyta, que he a mais forte, mas da eſquerda, que he a mais delicada, & donde naſceo o affecto amoroſo. Da coſta a edificou, que he o meyo do corpo, pela ſociedade em que devião viver; não da parte ſuperior, ou inferior, porque não devia ſer ſenhora, nem eſcrava, não do peyto, porque a não antepuzeſſe; não das eſpadoas, porque elle não foſſe diante; mas do lado, como quem paſſea igual. 45 Semelhante a elle, diſſe Deos que a fazia, pelo meſmo termo; *façamos*, 46 de que uſára na creação do homem; moſtrando na ſubſtancia igual excellencia. 47

10 Foy edificada a mulher dentro do Paraiſo; 48 & com tudo,

29 *Perer. in Gen. l. 5. n. 9. Fernand. in 2. Gen. ſect. 10. n. 1.*
30 *D. Chryſoſt. in Gen. hom. 9. & 14.*
31 *Abulenſ. in 3. Gen. q. 318.*
32 *Gen. d. c. 2. 20.*
33 *Moyſes Barcepha l. de Paradiſ. Diogo Matut na Proſop. de Chriſto, idade 2. c. 5. § . 8. in princ.*
34 *P. 2 c. 4. n. 2. cum ſeqq.*
35 *Pined. d. l. 1. c. 12. § . 3. & 6. Perer. d. l. 5. n. 14 & l. 16. à n 412. Fern d ſect. 10 n. 3. & ſect. 15. n. 1.*
36 *Gen. 2. 18.*
37 *D. Thom. 1. p. q. 93. art. 1.*
38 *Fernand d ſect. 10. n. 2. &c. 1 ſect. 8. n. 6. ad med.*
39 *D. Ambr. l. de Paradiſo c. 10. refertur in c. nec illud, 33. q. 5. Magiſt Sent. l 2. diſt. 18. § . 1.*
40 *D. Aug. l. 9. de Gen. ad lit. c. 19. D. Hieronym. & alij apud Fern. ſup. ſect. 11. n. 1. D. Bernard. Serm. in Vigil Nativit. paulò poſt princ. V. de infra c 15. n. 35.*
41 *Magiſt. d. diſt. 18 § . 4. Pineda d. l. 1. c. 8. § . 2. ad fin.*
42 *D. Chryſoſt. in Gen. hom. 15.*
43 *Theodor. in Gen. q. 30. Pineda ſupra.*
44 *Apud Pined. d c. 8. § . 3. Perer. in Gen. l. 4. n. 192.*
45 *Magiſt. ad diſt. 18. § . 2. Pined. d. § 2. Fr. Heytor Pinto nos Dialog tom. 2. Dial. 4. c 7 Fernand in Gen 2. ſect. 12. n 5 Tiraq. de leg. connubial. 8. n. 12.*
46 *Gen 2. 18.* Faciamus ei adjutorium ſimile ſibi.
47 *D. Chryſoſt. hom. 14 in Gen.*
48 *D. Thom. 1. p. q. 102. art. 4.*

tudo, quanto ao governo, inferior ao marido creado fóra delle, (como Pay da natureza) porque do officio vem a superioridade, não do melhor nascimento. 49 Nascer no Paraiso se devia à figura da *Mãy* da graça.

11 Das mãos do soberano Artifice sahio aquella feytura a mais bella, delicada, graciosa, & aprazivel donzella, que houve no mundo; só a excedeo a *Virgem Maria*, em quem o mesmo Artifice apurou as mayores perfeyçoens. Mandou o *Senhor* àquelles casados, que multiplicassem, & povoassem a terra; 50 & com tudo se conservàrão virgens em quanto estiverão naquelle *Paraiso*; 51 o contexto da historia Sagrada 52 o mostra, & se assim não fora, ella concebèra logo, segundo o bem que a natureza estava disposta, & o filho gèrado antes do peccado, fora izento delle, 53 o que não houve. Convinha que não concebesse antes da tentação, para que nella merecesse, ou desmerecesse a descendencia o morgado paccionado.

12 Assim se achava Adam na mayor bonança; tam gentil na pessoa, como formado pela mão de Deos; na florente disposição de trinta annos; 54 dotado de todas as sciencias; Rey pacifico do Universo: posta sua Corte no mais deleytoso lugar: cõ esposa muyto à sua vontade, como elle mesmo disse: 55 enriquecida sua alma de soberanos dons; porque com a justiça original, dizem os Theologos, 56 que tinha conhecimento da fé independente dos sentidos, só por Divina inspiração interior; conhecia seu Creador, não por conhecimento escuro, mas por contemplação clarissima; tirava este conhecimento por influencia da luz divina, & não por semelhança da fantasia: podia attender à contemplação na parte superior, & juntamente exercitar as obras da vida activa. David disse 57 que era pouco menos que Anjo, coroado de gloria, & de honra, & o puzera Deos sobre as obras de suas mãos; São Gregorio, 58 que assim como Deos o plantàra em hum Paraiso terrestre cheyo de deleytes, tambem creára em sua alma hum paraiso, onde gozasse outros mais nobres, & mais proprios a racional, & S. Bernardo, 59 que aquelles esposos *habitavão no Paraiso, conversavão no lugar de delicias, não sentião molestias, nem necessidades, entre cheyrosos pomos, cercados de flores, coroados de gloria, & de honra, constituidos sobre as obras da mão do Creador, excellentes pela insignia da semelhança Divina, tinhão a sorte, & sociedade com a multidão dos Anjos, & com toda a Milicia Celestial.*

49 *D. Ambros. sup. cap. 4. refertur in cap. illud 9. dist. 40.*

50 *Genes. 1. 28.*

51 *D. Chrysost hom. 16. in Gen.*

52 *Gen. 4. in princip.*

53 *Probat Matut. sup. idade 1. cap. 1. §. 4. 5. & 6. Idem esse de jure civili, latè Molina de primog l. 4 c. 11. n. 55. Concil. Tolet. 13. cap. 1* Non imputantur filijs peccata parentum, quæ post eorum nativitatem à parentibus committuntur.

54 *Hist Scholast. cap. 25. Pineda d l. 1 c. 12 §. 1. in princip.*

55 *Gen. 2. 23.*

56 *Cum multis Pineda d. lib. 1. c. 5. §. 2. Fr. Joseph de Jesu Maria hist. de N. Senhora lib. 1 c. 25. n. 5 c. 28. n. 2. & lib. 2. c. 21 n. 2. & l. 4. c. 16. n. 4.*

57 *Psalm. 8. v. 6.*

58 *D. Greg. Moral. l. 18. c. 14. in fin.*

59 *D. Bern Serm. 35. in Cant. ad med.*

CAP.

CAPITULO V.

Que tempo estiveraõ nossos primeyros Pays no Paraiso terrestre: como Eva *enganada pelo demonio na serpente, comeo do fruto vedado, & persuadio a Adam a comer delle.*

1 INfanda,& lastimosa dor nos manda renovar a ordem da historia que seguimos: como o peccado privou de tantas riquezas a nossos Pays: como destruhio o Reyno mais opulento; parece que vimos aquella ruina miseravel, segundo a grande parte que fomos nella. Quem deterà as lagrimas em tal narraçaõ?como de outra bem menos lamentavel, disse o mayor Poeta: 1 se o papel mostrára os gemidos, delles se vira cheyo em lugar de letras, mais pela culpa, que pela pena; em caso que o castigo nos faltára, como dissimulariamos a ignorancia, que ainda hoje padecemos? A sciencia Divina, a que he presente tudo o passado, a està vendo, posto que não com ira como peccado actual; mas com benevolencia de já remido; & sendo certo, como dizem os Theologos, 2 que Deos nada vè fóra de si, mas dentro de si, sendo-se espelho; he mais fea aquella vista (como o negro junto do branco) na companhia da Divindade infinitamente bella; & quanto mais devemos a Deos por nos estar amando á vista de o havermos offendido, tanto mais devemos envergonharnos de que elle esteja sempre vendo, que somos inimigos seus. Grande confusaõ para todo o peccador! Job naõ sabia o que nella havia de fazer; 3 David (com saber que estava perdoado) 4 pedia a Deos, que tirasse os olhos de seus peccados, & que os apagasse, de modo que naõ pudessem ser vistos; 5 mas vendo que pedia hum impossivel, recorria a que choraria sempre, & procuraria lavar com lagrimas aquelle theatro de sua offensa. 6 Porèm ainda que a memoria pasme, a vista desfaleça, & a maõ trema ao escrever: alente-se o espirito na certeza do remedio, & na descripção da necessidade reconheceremos a Deos o mayor beneficio; pois à medida de nossas dores nos deo a consolaçaõ: 7 Lembremonos do que padecemos, por não tornar a padecer o de que nos lembrarmos; naõ será necessario nova experiencia, quando nos emendar a lembrança.

1 *Virg. Æneid. l. 2. in princip.*

2 *D. August. lib* 8. *q.* 46. *D. Thom.* 1 *p. q.* 14. *art.* 5.

3 *Job* 7. 20. Peccavi; quid faciam tibi, ocustos hominum?

4 2. *Reg.* 12 13. Dominus transtulit peccatum tuum.

5 *Psalm.* 50 v. 11. Averte faciem tuam à peccatis meis, & omnes iniquitates meas dele.

6 *Psalm* 6. v 7. Lavabo per singulas noctes lectum meum: lacrymis meis stratum meum rigabo.

7 *Psalm.* 39 v. 19. Secundùm multitudinem dolorum meorum in corde meo, consolationes tuæ lætificaverunt animam meam.

2 Duvida-se, que tempo lográraõ nossos primeyros Pays aquella felicidade. Huns Doutores cuydáraõ que seis, ou sete horas; houve quem disse; que só tres: outros hum dia; muytos que semanas, & mezes: não faltou quem dissesse, que sete annos: & quem lha alargasse a trinta & tres. 8 A melhor opiniaõ parece a dos que dizem, que estiveraõ no *Paraiso* alguns dias

8 *Refére estas opinioens Diogo Matute na Prosap. de Christo, idade* 1. *cap.* 1. §. 2.

dias; 9 & dos que lhes ſinalaõ oyto. 10 Porque tempo conſideravel com èraõ dos frutos permittidos, como *Eva* diſſe à ſerpente; 11 naõ peccáraõ no ſexto dia em que foraõ creados, pois diz o Texto, que vio Deos tudo o que tinha feyto, & que era muyto bom; 12 nem no ſeguinte, que foy Sabbado, pois tambem diz o Texto, que o *Senhor* o abençoou, & ſantificou. 13 Aquella primeyra ſemana foy das obras de Deos; na ſegunda, que era para as obras do homem, he provavel que elle peccaria. E ſer na ſeſta feyra tem congruencia com haver *Chriſto* Senhor noſſo padecido em outro tal dia, pois como em ſeu lugar veremos; 14 atè nas horas correſpondeo a redempçaõ com o peccado. Dizer o Pſalmiſta (ſegundo huma letra) 15 que o homem eſtando naquella honra, naõ durou nella toda a noyte, he encarecimento do breve tempo que lhe durou; accreſcenta, que o demonio na ſerpente fallou na lingua que Deos tinha infundido a *Adam*, & *Eva*, como logo diremos; naõ podia ſabella, ſenaõ ouvindo aquelles caſados converſar. E naõ ſe lhes offerecia, ſenaõ em alguns dias, uſar das palavras que o demonio aprendeo para ſe declarar com *Eva*.

3 Havendo oyto dias, que logravão aquella felicidade, foy *Eva* à parte onde eſtava a arvore vedada, eſtando entre todas as mais no meyo do *Paraiſo*: 16 da parte mais occulta ſe offerece a mà occaſião, ou lá vay a mulher buſcalla: & hum demonio chamado *Satael*, 17 (que val tanto como *Satanás*, ou *contrario a Deos*.) 18 invejoſo do bem do genero humano, 19 ſe lhe fez alli encontradiço, metido em huma ſerpente, genero de vibora, tomando o animal mais aſtuto 20 por inſtrumento adequado para enganar. Deos lhe permittio figura tão fea, porque *Eva* não tiveſſe deſculpa vendo ſua vileza. 21

4 Não temeo *Eva*, porque no eſtado da graça Adam, & ella dominavão tudo ſem temor. O demonio a quiz tentar conhecendo-a mais ſimplez, & mais ſugeyta à ambição, que o marido, 22 & poderoſa para o perſuadir. Para fallar moveo aquelle orgão ſerpentino a ſom de palavras, em modo que ſe exprimiſſe 23 na lingua Hebrea, que Deos tinha tambem infundido a noſſa primeyra Mãy, como a Adam. 24

5 Della ſe não eſpantar de que huma ſerpente fallaſſe, imaginàraõ alguns, que ella cuydaria que os animaes fallavaõ; mas não era tão ignorante. 25 Outros tomàrão occaſião para duvidarem, ſe na realidade fallavão. 26 Philo Hebreo 27 refere, que os Gregos fingião que ſim, & todos huma lingua; atè que deſejando livrarſe da velhice, & viver mais, pedirão aos deoſes remedio para remoçarem, como eſtava concedido à cobra, que deſpindo a pelle entre duas pedras, renova os annos; & que eſtando em conſelho ſobre eſta pertenção, lhes confundirão os deoſes a lingua, & ficárão com as diverſas vozes que notamos em ſuas eſpecies; com eſtas vozes ſe entendem

9 *D. Baſil. homil de Paradiſo. D. Damaſcen. de Fide ortod. l. 2. cap.* 10. *D. Greg. & alij apud Matute ſuprà* §. 3.

10 *Matute d.* §. 3. *Perer. in Gen. l* 6. *n.* 189. *Fernand. in* 3. *Gen. ſect.* 41. *n.* 6.

11 *Gen.* 3. 2. De fructu lignorũ, quæ ſunt in Paradiſo, veſcimur.

12 *Gen.* 1. *in fine.*

13 *Gen.* 2. 3.

14 *Na* 2 *p. cap.* 48. *n.* 8.

15 *Pſalm.* 48. *v. ult.* Homo cùm in honore eſſet, non pernoctavit.

16 *Geneſ.* 2. 9.

17 *D. Chryſoſt. homil. de Adamo, & Heva in* 1. *tom.*

18 *Pineda na Monarch. Eccleſ. l.* 1. *cap.* 9 § 2. *in fine.*

19 *D. Chryſoſt. in Gen. homil.* 16. *D. Ambroſ lib. de Parad. cap.* 12. *Magiſt l.* 2. *diſt.* 21. *in princ.*

20 *Gen.* 3. 1. Callidior cunctis animantibus.

21 *Cum Lyra, Fernand d. cap.* 3. *ſect.* 1. *n* 6.

22 *D. Chryſoſt. ſuprà. Magiſter ſuprà.*

23 *D Aug. l.* 11. *Gen. ad lit c.* 27.

24 *Suprà cap.* 4. *n.* 7. *in fine.*

25 *Pined. d. l.* 1. *cap.* 9. §. 3.

26 *Referunt Perer d. l.* 6. *n.* 3. *Fernand in* 3 *Gen. ſect.* 1. *n.* 1. *Vide Joſeph. de Antiq. l.* 1 *cap.* 2. *Mexia na Sylva l* 1 *c* 36.

27 *Phil. lib. de confuſ. linguar.*

28 Hieron. Fabric. de Aquapendente lib. de brutor. loquel. cap. 12.

dem entre si, 28 se bem creados (principalmente os passaros) entre os de outra especie, tomaõ muyto das vozes que ouvem. Conforme àquella ficçaõ o engenhoso Esopo nas suas fabulas introduzio galantemente os Brutos fallando com discursos, que envergonhaõ os homens. He verdade que fallou a jumenta de Balaam; 29 & lemos, que quando Annibal devastava Italia, fallàraõ boys; 30 hum disse: *Guarda-te Roma*; outro antes do Imperio de Augusto, disse ao lavrador, que o naõ cançasse; porque cedo faltariaõ homens, & naõ trigo, alludindo a mortandade das guerras civìs. Plinio 31 conta que fallou hum caõ; em Egypto fallou hum cordeyro, governando Bocchoro; & hum cervo del-Rey Ptolomeo Philadelfo entendia a lingua Grega; 32 mas todos foraõ milagres, & portentos, que naõ fazem consequencia. Hum papagayo do Cardeal Ascanio, que repetia o Credo; 33 os mais papagayos, & outros passaros, que imitaõ as palavras que ouvem, naõ fallaõ, porque naõ exprimem conceyto seu. 34

29 Num. cap. 22. 28.
30 Liv. dec. 1. l. 3. & d. 3. l. 7. & 8.
31 Plin. l. 8. cap. 41.
32 Text. in Officin. p. 2. tit. Mirac. natur.
33 Mexia suprà.
34 Arist. Polit. l. 1 cap. 2.

6 Naõ se admirou nossa Mãy, de que a serpente fallasse, porque se empregou toda na curiosidade de conversar; depois que a serpente lhe disse, que seria como deosa, cegouse com lhe fallar à vontade, & em nada mais reparou; 35 se o appetite a naõ cegára, conhecèra que fallava o demonio; pois hum bruto não podia fallar.

35 D. Chrysost. in Gen. hom. 16. ante med. Sed ut audivit ab illo, &c. Perer. d. l. 6. n. 86.

7 Naõ se atreveo o demonio a tentalla direytamente com persuaçaõ; mas perguntando com astucia, quiz ver como devia proseguir. 36 Perguntoulhe a serpente: *Porque vos mandou Deos que naõ comesseis de todas as arvores do Paraiso?* Respondeo: *Do fruto das arvores que estaõ no Paraiso comemos; mas do fruto da arvore que está no meyo do Paraiso, nos mandou Deos que naõ comessemos, nem tocassemos, porque poderia ser que morressemos.* 37 Foy a primeyra que quiz conversar, & logo fallou despropositos, como succede a muytas; pois devendo dar a causa da prohibiçaõ, que era o que lhe perguntava, disse a pena que lhe estava ameaçada, cousa diversa da pergunta. Ignorando a causa, pudèra sem nota dizer: *Naõ sey*; pois os juizos de Deos saõ inexcrutaveis; mas quiz antes responder disparatada, que confessar que naõ sabia. E na reposta disse dous erros, se lhes naõ chamarmos mentiras; hum, que *Deos lhes mandàra, que nem comessem, nem tocassem o fruto*, sendo que só lhes mandou, que naõ comessem; outro, que *se comessem, poderia ser que morreriaõ*; sendo que absolutamente disse, que morreriaõ comendo: primeyro faltou à verdade a mulher, que o demonio. *Oh se as mulheres foraõ mudas*, (exclama Saõ Joaõ Chrysostomo) 38 *quam seguras, & uteis seriaõ!*

36 Magister Sent. d. dist. 21. § 2.
37 Gen. 3. 2.
38 Chryst. in Gen. 16.

8 Disse-lhe outra vez a serpente: *Em nenhuma maneyra morrereis; mas Deos sabe, que tanto que comerdes deste fruto; se vos abriráõ os olhos, & sereis como Deoses, sabendo o bem, & o mal:* disto pudèra *Eva* entender a malicia da serpente; porque se

sabia

ſabia a cauſa da prohibição, para que a perguntava? Mas he a ambição propria das mulheres; 39 claro eſtá, pois ſe define por appetite; 40 tudo o da ſerpente lhe agradou, tanto que lhe diſſe, que ſeria como Deoſa; tinha-ſe apartado do marido, pòde ſer que divertido em contemplar as obras do Creador: 41 & ovelha 42 deſgarrada do Paſtor, facilmente he tomada do lobo.

39 *Carol.Paſch.in Axiom.polit.*
40 *D.Thom.2.2.q.131.art 2.* Ambitio importat appetitum inordinatum honoris.
41 *Fernand.in 3.Geneſ.ſect. 4. n.3.*
42 *Mulier ovis mariti. 2.Reg. 12.3.*

9 Vio a mulher, diz o Texto, *que era boa a arvore para ſe comer della; fermoſa aos olhos, & deleytavel à viſta.* Tanto que fallou a ſerpente, vio o que não tinha viſto; taes effeytos naſcem das más converſaçoens. 43 Morrem as mulheres por ver; & *Eva* morreo porque vio, que aos olhos ſegue o coração: por eſtas janellas entra a morte na caſa. 44

43 *D.Paul. ad Corinth.* 15.33. Corrumpunt mores bonos colloquia mala.
44 *Jerem* 9. 21. Aſcendit mors per feneſtras noſtras: ingreſſa eſt domos noſtras.

10 Vindo o marido, ou hindo buſcalla, comeo ella do fruto, (ou tinha já comido) & deo ao marido movida de amor: ou por lhe communicar o bem, que a ſerpente inculcàra; ou porque conhecendo já ſeu peccado; & temendo a pena do deſterro, o queria levar por companheyro, por naõ ſe apartar delle. 45 Não continùa a hiſtoria, que perſuadira com razoens; ſó na ſentença diſſe depois Deos que elle *ouvira a voz de ſua mulher, & comera*: 46 taõ poderoſa foy; (& ſaõ todas) que ſó com huma voz o fez crer, menos a Deos, que a huma ſerpente; venceo a quem o demonio ſe naõ atreveo acometer. Comeo Adam do fruto vedado á hora da Sexta (47 que he o meyo dia) da ſeſta feyra primeyra de Abril. Por não deſconſolar a mulher, quiz acompanhalla em perderſe: 48 triſte couſa peccar por amor de outrem; ou por ſeguir exemplo!

45 *D.Ambroſ. L.de Parad.c.6.*
46 *Geneſ.*3.17 Quia audiſti vocem uxoris tuæ, & comediſti.
47 *Pineda na Monarch.Eccleſ.l. 1.n.11.§.1. com Moyſes Barcepha l. de Paradiſo.*
48 *D.Ambroſ.Serm.*15.*in Pſal. 118.Alex.de Ales p.2.q.82.ment.4.*

11 Eſta foy a ajuda do marido, para que Deos tinha creado a mulher. 49 Quem naõ temerá hum ſexo, que querendo ajudar, mata? de quem pòde o homem fiarſe? Oh infelicidade! que o favor ſe faça inimigo, & as utilidades prejudiciaes! Ajuntouſe a ambiçaõ quaſi natural dos grandes Principes, 50 qual Adam ſe achava: tem o mayor inimigo na vaidade: cuydaõ que tudo ſe lhes deve; com azas de cera querem ſubir ao Sol: precipitaõ-ſe cuydando que ſe levantaõ; & muytas vezes pelo que ſe lhes figura, perdem o que tem; como allegorizou Eſopo; 51 aſſim ſuccedeo àquelle primeyro.

49 *Geneſ.*2.18. Faciamus adjutorium.
50 *Franc.Guicciardin.hiſt l* 15. Omnium magnorum Principum proprium vitium eſt ambitio, atque ipſorum naturæ inſita cupiditas.
51 *Æſop.in Fab.canis.*

12 Mas quem imaginára, que a ſabedoria de que eſtava dotado, havia de perſuadirſe a que poderia ficar como Deos? As mulheres fazem apoſtatar os ſabios; 52 a ambiçaõ cauſa todos os erros; 53 atè o juizo de Anjos cegou, 54 & tudo ſe unio contra o de Adam. Quem fará confiança no que ſabe, ſe Adam, & Salamaõ ſobrenaturalmente ſabios cahiraõ; & depois o grande Origenes, tendo já eſtes exemplos? Naõ ha juizo que naõ poſſa padecer freneſi: os mais claros ſaõ como os aſtros, que tem ſeus eclipſes, & occidentes; & os mayores, como os grandes navios, que ſe lhes falta o lème, naufragaõ com mais preça, que os pequenos.

52 *Eccleſiaſt.* 19. 2. Mulieres apoſtatare faciunt ſapientes.
53 *D.Bernard.Ep.126.*
54 *Iſai.*14.1.

CAPITULO VI.

Como pelo peccado do primeyro Pay cahio o genero humano na mayor miseria.

1 COmendo Adam do fruto vedado, inobediente a Deos quebrou seu preceyto, & miseravelmente peccou. Sendo todo o peccado a cousa mais abominavel em si, & nos effeytos, neste houve duas particularidades gravissimas. Huma na pouca difficuldade de guardar aquelle preceyto: 1 foy grande iniquidade peccar; porque era grande a facilidade em não peccar: como em Abraham foy muyto louvavel obedecer em cousa tão difficil; 2 em Adam foy muyto vituperavel desobedecer em cousa tão facil. Outra, em ser aquelle peccado emulação de Deos, querendo Adam serlhe igual; 3 o que em consequencia era destruir a Deos; pois se com Deos pudèra haver outro Deos, nenhum delles seria Deos. 4

2 Pela desobediencia perdeo o morgado instituido em sua pessoa, conforme a condição, & pacto da instituição; 5 ficárão elle, & *Eva* privados da rectidão da justiça original: desconcertouse a harmonia da natureza subordinada fielmente a seu Creador: o corpo se rebellou contra a alma: as forças inferiores contra a razão, & a razão contra Deos. 6 Entrou a morte companheyra da culpa, & comminada na ley: 7 os Senhores de todas as delicias se fizerão escravos de todas as penas: os que erão temidos, ficárão tìmidos de todos os animaes: perdeo o dominio na terra, quem não obedeceo ao Ceo: mais estimou o demonio a perda de nossos Pays, que o logro do proprio desejo, & fez estimação particular de os haver arruinado pela ambição porque elle cahira; por ser condição dos máos quererem ter muytos companheyros no mesmo vicio: 8 finalmente estando o homem na mayor honra, diz o Psalmista, 9 não entendeo, & se fez semelhante aos animaes brutos. Dizer Deos, quando o desterrou do *Paraiso*, que se fizera semelhante ao mesmo Deos, 10 foy por ironia, para escarmentarmos, porque se perdèra, por onde procurára melhorarse: 11 ou dar o *Senhor* parabens a seu proprio amor, de que já chegára a occasião, porque havia de encarnar, & fazer o homem seu semelhante. 12

3 *Oh triste, & lacrymosa mudança*, (exclama S. Bernardo) 13 *que o homem morador do Paraiso, senhor da terra, Cidadão do Ceo, domestico de Deos, irmão dos Espiritos Bemaventurados, coherdeyro das virtudes celestes, se ache repentinamente cahido por sua fraqueza, atado por sua ferocidade, & necessitado do alimento dos brutos pela semelhança que tem delles!* Nada havia no mũdo tão feliz como o homem; já he inexplicavel quãto he infeliz.

Com

---

1 *D. Aug. de Civ. Dei l. 14. c. 15.*

2 *Genes. 22.*

3 *Genes. 3. 5.* Eritis sicut dij.

4 *Ex his quæ D. Thom. 1. p. q. 18. art. 3.*

5 *Suprà cap. 2. n. 21. & cap. 5. n. 5.*

6 *Explica o P. Fr. Joseph de Jesu Maria na vida de N. Senhora, l. 1. cap. 9 n. 4.* *Melius D. Thom. 1. 2. q. 82. art. 2. & clarius q. 85. art. 3.* *Concil. Trid. sess. 5. de peccat. orig.*

7 *Suprà d. cap. 4. n. 2.*

8 *D. Aug. l. 10. Confess. cap. 16.*

9 *Psalm. 48. v. ult.* Homo, cùm in honore esset, non intellexit: comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus est illis.

10 *Genes. 3. 22.*

11 *D. Chrysost. in Gen. homil. 18. & in Matth. hom. 15.*

12 *Tertul. l. 2. contra Marc. c. 23.*

13 *D. Bernard. Serm. 35. in Cant. post med.*

Compadeceyvos de mim, ò creaturas, (pudèra dizer Adam.) E os Ceos rasgarem-se os vestidos de luzes: a terra cobrirse de cinzas com mayor sentimento, que os amigos de Job, 14 pois se este jazia em hum lugar immundo, Adam jazia na vileza do peccado: se este tinha chagado o corpo, Adam tinha ulcerada a alma: & o demonio, que só dèstruhio a fazenda a Job, em Adam tyrannizava toda a terra. Em effeyto alguns Historiadores dissèrão, que por aquelle peccado perdèrão parte de sua luz os Luminares celestes. 15

4 Das grandes dignidades não se dão pequenas quèdas. Adam como feyto pedaços (diz Santo Agostinho) 16 encheo todo o mundo de suas ruinas; nem huma ruina tão grande podia caber em menor lugar, como disse hum engenhoso Poeta 17 da de Pompeo Magno tão incomparavelmente menor. Só a *Virgem Mãy* estava em tão eminente monte, que ficou livre. 18 Perdido no corpo, & na alma, transferio Adam a propria miseria a todos os outros descendentes, 19 conforme ao pacto feyto por Deos, 20 assim como se naõ peccára, lhes houvera de transferir o morgado da felicidade. 21 A vontade delles esteve na de seu primeyro Pay, como em sua cabeça: todos nelle peccàraõ, 22 porque todos estavaõ nelle: 23 as operaçoens dos membros de hum corpo tem sua moçaõ da parte superior. Corta-se a maõ pelo delicto, 24 que a vontade commetteo, movendo-a a executallo. Derivada daquella fonte corre géralmente por seminal geraçaõ herança taõ infausta; naõ como natureza, mas como vicio della, como doença q̃ passou aos filhos. 25 E parece que tambem herdamos a inclinaçaõ de crermos a lisonja da boca de huma serpente, & naõ a verdade da boca de Deos: attendendo ao nosso gosto, & naõ à fé de quem falla.

5 Deste modo cahio o mundo da mayor alteza no mais profundo abismo: a mulher dada para ajudar a hum, foy principio da ruina de todos; & o primeyro Pay fez miseraveis os descendentes, que ainda naõ gerára.

6 Conhecèraõ logo sua miseria, vendo-se na fealdade de nùs, & cobriraõ-se de folhas de figueyra. Alguns Authores, arrimados à letra do Texto, 26 cuydaõ que as alinhaváraõ com juncos, ou cousa semelhante, feytos primeyro alfayates; outros, que se rodeáraõ de ramos delgados, em que as folhas pendiaõ; 27 & que eraõ de figueyras Indicas, que tem as folhas muyto grandes. 28 Que vil troca pelo vestido da graça, que haviaõ perdido! Folhas que naõ aquentaõ; que as seca o Sol, & leva qualquer vento.

14 *Job 19.21.& 2.12.*

15 *Refere Pineda na Monarch. l.1 c 11 § 1.*

16 *D. August. in Psalm 95.* Adam in uno loco fuit, & quodammodo comminutus replevit orbem terrarum.

17 *Martial.5 Epig.71.*
Pompeos juvenes Asia, atque Europa, sed ipsum.
Terra tegit Lybies: si tamen ulla tegit.
Quid mirum toto si spargitur orbe? Jacere.
Uno non poterat tanta ruina loco.

18 *Diremos p.2.c.15.*

19 *Concil. Trid. sess.5. de peccat. original. Magist. Sentent. l. 2. dist. 40.& 31 ubi agit quomodo.*

20 *Suprà cap.2 n.11.*

21 *Bened. Perer. in Gen. l.5 n.67 in 3.q.*

22 *D. Paul ad Rom 5.12.* In quo omnes peccaverunt.

23 *D. August sup. Joan. & in gl. 1. ad Timoth. cap.1.* Genus ergo humanum totum perierat, in quo totum erat.
Soto in 3. Sent. disp 18. q 1. n.1.

24 *Authent Sed novo jure, C de serv fugit. Authent. Nulli judic. §. fin. collat. 8. cum alijs.*

25 *Explic. t D. August de nupt. & concupisc. ad Taler. cap 34.*

26 *Gen.3.7.* Consueverunt folia ficus.

27 *Bened Fernand. in 3. Genes. sect 19 n.3.*

28 *Pineda d.l.1. cap.7. §. 2.*

CAPITULO VII.

Como Deos sentenciou a nossos primeyros Pays, & a sua descendencia; ficou publicada guerra entre a Virgem *Santissima, & o demonio; Adam poz nome a* Eva.

1 PEla culpa se incorreo a pena: o mesmo peccado condenou; 1 mas Deos quiz sentenciar como Juiz, para emendar como Pay: 2 elle mesmo conheceo do caso: nem de hũ Anjo se fiou seu amor: Applica-se este acto ao *Verbo Eterno*, por ter officio de julgar. 3 Por animar os Reos veyo em figura de homem, 4 ensayando-se jà para o ser. Peccou o homem para se assemelhar a Deos: Deos se ensaya a homem para o remir. A vingança pedia pressa de rayo: & o *Senhor* desceo depois do meyo dia, 5 porque passada a payxão com que se peccàra, ficasse mais facil o arrependimento, 6 que com hũ *pequey*, alcançàra perdão. 7 Não tardou atè a vespera, por não dilatar a cura para outro dia. 8

2 Passeava no *Paraiso*, sossegado, como quem tomava a viração, 9 refrescando a ira que o peccado o provocàra: quando a voz (não articulada, mas de hum rumor magestoso 10) que soou a vinda do mayor Monarca, fez que os peccadores se escondessem: acertavão em fugirem; mas erravão em não fugirem de si para o mesmo *Senhor*: 11 Salvouse São Pedro, porque o não perdeo de vista: 12 perdeo-se Judas, porque fugio para outrem. 13 Mas se elles porque huma vez peccàrão, se não atrevião a apparecer; como apparecemos os que tantas vezes peccamos? Dizem, que a serpente subida em huma arvore os mostrava com sibilos, como zombando; 14 & he provavel, porque o demonio costuma entregar os que o servem.

3 Chamou o *Senhor* a Adam, como a cabeça: 15 *Adam onde estàs*? Não perguntou tanto pelo lugar, como pelo estado. 16 Respondeo-lhe fóra da pergunta: *Ouvi vossa voz no Paraiso: temi, porque estava nù, & escondime.* Temeo por nù, não por peccador: devendo temer a culpa, & não a pena; 17 & tinha por pena estar nù, quem havia sido fermosura, & honra da graça. 18 *Quem te disse que estavas nù*, (perguntou o Senhor) *se não o haveres comido da arvore vedada*? E elle segunda vez errado respondeo: *A mulher que me deste por companheyra, me deo da arvore, & comi*: não só imputou a Deos a mà companheyra, mas tambem allegou por serviço havella obedecido amante; 19 como se a ella por sua encomendada, devèra mais que ao preceyto de quem lha encomendou; porèm o amor

parou

1 *Bened. Fernand. in Gen. 3. sect. 17. n. 4. ex D. Aug. in Psalm. 5.*
2 *D. Chrysost. in Gen. hom. 17.*
3 *Theophil. l. 1. ad Autol. apud Pineda in Monarch. p. 5. l. 1. cap. 10. § 2.*
4 *Fernand supr. sect. 20. n. 1.*
5 *Genes. 3 8.*
6 *D. Ambros. de Parad. cap 14.*
7 *D. Aug Serm. 19 de Sanct.*
8 *Fernand. sup. sect. 21. n. 4.*
9 *Genes. suprà. D. Chrysost. supr.*
10 *Perer. in Gen. l. 6. n. 125. Fernand. sect. 20. n 1. & 3.*
11 *D. Ephrem Syr Serm. de vita relig.* Vis fugere ab ipso? fuge ad ipsum.
12 *Luc. 22. 61.*
13 *Matth. 27. 3.*
14 *Refert Fernand. supr. sect. 19. n. 4.*
15 *Do modo porque o chamou, Perer. ex n 134*
16 *Perer. sup. n. 132.*
17 *Fern. in Gen. 3. sect. 25. n. 1.* Peccator non dolet culpam, sed pœnam: damna corporis non animæ.
18 *D Bernard. Serm. 1. in Annuntiat.* Sentiebat Adamus pœnã esse quod fuerat pulchritudo, & honor.
19 *Suprà cap. 5. n. 10.*

parou em a culpa: não passou a querer pagar por ella; 20 tal he o amor humano; que differente do divino!

4 Perguntou o *Senhor* a Eva, *porque fizeste isto*? Terrivel pergunta a hum culpado sem desculpa! Responde. *Enganoume a serpente.* Depois de haver peccado por saber mais, não se envergonhou de confessar, que a enganára hum bruto; a exemplo do marido imputou a Deos aquella creatura. Pois se naõ puderão fazer semelhantes a Deos na Divindade, quizerão fázer a Deos seu semelhante na culpa: 21 a serpente pode tentalla; mas não fazella consentir: pudèra ella desprezar a serpente, como desprezou a Deos: pudèra querer o que não quiz, & não querer o que escolheo. 22

5 Não perguntou Deos à serpente, por incorregivel, & porque lhe não havia de perdoar; 23 nem quiz que tornasse a fallar: que ver sahir do natural, he cousa insofrivel: nem que tambem culpasse a outrem, como costumão conselheyros serpentes, sem se livrarem, pois se conhece donde sahio o mal.

6 Que timidos, & confusos esperarião os Reos a sentença! Deos condenou a todos pela ordem com que peccàrão; à serpente, a *Eva*, & em ultimo lugar a Adam: a justiça do mundo muytas vezes, ou não castiga, ou tarda mais ao que primeyro delinquio. Disse o *Senhor* à serpente, que *poria inimizades entre ella, & a mulher.* 24 Aqui ficou publicada guerra entre o demonio que estava na serpente, & entre a *Virgem Santissima*: 25 chamoulhe mulher, porque seria nossa Mãy na guerra, como depois o declarou na Cruz, 26 representando-nos em *Joaõ*, que significava graça. 27 Guerra tão entranhavel, que entre qualquer mulher, & qualquer cobra produz naturalmente os effeytos que escrevem os Naturaes. 28 Mas juntamente annunciou o *Senhor* a vitoria da *Senhora*, dizendo que *ella pizaria a cabeça a essa serpente.* 29 E aqui, diz (depois de outros) hum curioso Escritor, 30 começou a Theologia; porque Adam cheyo de sciencia infusa, entendeo que o *Verbo Divino* havia de encarnar no ventre daquella mulher Virgem, que por seu parto remediaria o peccado; vitoria tão insigne, que ficou natural, se qualquer mulher pìza com o pè nù a cabeça de huma cobra, morrer a cobra logo em todas suas partes, sem lhe ficar movimento algum; sendo que cortada em pedaços, se movem todos muyto tempo. Posto que esta especie de animaes não teve culpa em se meter nella o demonio, Deos tambem castiga os instrumentos do mal. 31 Sobmeter a cabeça a taes plantas, fora a mayor honra para quem a merecèra; porèm honras naõ merecidas saõ opprobrios, saõ ruina, dizia Saõ Gregorio: 32 saõ vinho a febricitante, disse Plutarco; 33 & assim foy castigo ao demonio, o que fora premio ao mais benemerito.

7 A *Eva* condenou o *Senhor* a parir com dores. No estado da innocencia, estando o fruto maduro, as entranhas da Mãy,

como

20 *Notavit D. Bernar. Serm. 1. in fest. omn. Sanct. post med.*

21 *D. Gregor. l. 22. Moral. c. 13* Quia Deo esse similes in divinitate nequiverunt ad erroris sui cumulum, Deum sibi facere similem in culpâ conati sunt.

22 *D. Chrysost. Serm. Quomodo primus homo post med. in tom. 1.* Utrumque in suâ habuit potestate, & Deo parere, quod voluit; & diabolo non consentire, quod voluit.

23 *D. Greg. suprà.*

24 *Gen. 3. 15.* Inimicitias ponam inter te, & mulierem.

25 *Pineda d. l. 1. c. 10. §. 2. Perer. d. l. 6. n. 54. Fernand. supr. sect. 35. n. 7. Matute Prosap. de Christo, idade 5. c. 4. §. 12. in princip.*

26 *Joan. 19. 26.* Mulier, ecce filius tuus.

27 *Conducit in hunc sensum D. Antonin. apud Carthag. de arcan. Deip. l. 15 hom. 17. v. secundùm*

28 *Refert Rupert. de Trinit. l. 2. cap. 20.*

29 *Gen. 3. 15.* Ipsa conteret caput tuum.

30 *Joaõ Huarte de Saõ Joaõ no exame de engenhos, proem. 2. no fim.*

31 *Exod. 21. Levit. 20. Deut. 7. Josue 7. Reg. 1. c. 15.*

32 *D. Greg. 7. Moral. 1.* Honor malis exhibitus, in eorum commutatur ruinam.

33 *Plutarch. in Moral.*

como espontaneamente se alargariáo de modo, que sem dor pa-risse; 34 & porque naturalmente não podia deyxar de ter dor, seria isto milagre, que o não pareceria pelo costume. 35 Tambem a condenou a estar sugeyta ao marido. Antes do peccado não deyxaria de lho estar; 36 mas voluntariamente, porque o marido só a mandaria no que fosse arrezoado, & ella o teria por agradavel; hoje lhe he molesta a sugeyção, ou porque o marido quer o injusto, ou porque ella com natureza depravada, nem no justo quer obedecer; 37 então seria obediencia de amor, hoje he encargo de condiçaõ. 38

8 Condenou a Adam a comer de seu trabalho. He verdade que no estado da graça tambem trabalharia; mas sem molestia, como já dissemos. 39 Mais o condenou a morrer, & a tornarse em terra; se não peccára, não morreria, como tambem fica dito. 40 Para a condenação deo o *Senhor* a Adam por primeyra causa, *haver ouvido a voz de sua mulher.* 41 Ouvir suas razoens por conselho, he prudencia, (mayormente no que não pede segredo, porque algumas os dão saudaveis) 42 & ainda obrigação, pois Deos as fez companheyras; 43 mas Adam a ouvio como a Senhora, segundo expende Saõ Paulo, 44 & do Texto parece que obedeceo só *à voz* imperiosa de hum *comey*, sem outra razão.

9 Forão as penas proprias ao delicto; a arrogancia da serpente seja pizada; *Eva*, pois destruhio os filhos, que os payra com dores; & pois mandou ao marido, que lhe obedeça: Adam, pois peccou em comer, que coma de trabalhos; & pois quiz ser mais que homem, que se torne em terra.

10 Estendeo-se a sentença a todos os descendentes, (excepta a *Virgem Maria*, 45 pelo pacto que já referimos) 46 como a linhagem traydora nascida em desgraça de Deos. 47

11 Atè então não tinha *Eva* nome proprio individual; porque, *Virago*, que Adam lhe chamou tanto que a vio, era appellativo, que significa, *dotada de varonil animo*, ou *vida do varaõ*, por haver sahido da sua costa. 48 (*Vorago*, que significa *tempestade*, lhe pudèra tambem chamar.) Ambos se chamáraõ *Adam*; 49 porque a huma mulher em graça basta o nome de seu marido. Louva-se a mulher de Philo (outros dizem de Phocion) que perguntandolhe outras matronas, porque se não ornava como ellas com joyas; respondeo, que a virtude de seu marido lhe bastava por ornato. 50 Logo que peccárão, chamou Adam a sua esposa, *Eva*, que significa, *Mãy dos viventes.* 51 Cuydão alguns Escritores, 52 que por antifrasi, ou ironia; pois seria mãy dos que já tinha mortos; mas acertou por mysterio, como fica dito na introducção desta obra; 53 & assim com elegancia disse Santo Epifanio 54 que esta imposição de nome, foy enigma, alludindo ao *Ave* da Virgem *Maria* Mãy da graça.

34 *D. Aug. de Civ. Dei l. 1. c. 26.*
35 *Perer. d. l. 6. n. 157.*
36 *Secundùm D. Thom. 1. p. q. 62. artic. 1. ad 2.*
37 *Perer. sup. n. 159. & l. 4. n. 73.*
38 *D. Aug. l. 11. de Gen. ad lit. cap. 27.*
39 *Suprà c. 4 n. 1.*
40 *Suprà c. 2. n. 10. & c. 4. n. 5. in fine.*
41 *Genes. 3. 17.* Quia audisti vocem uxoris tuæ.
42 *Latè Tiraquel. in leg. connub. 11. à princip.*
43 *Gen. 2. 24.*
44 *D. Paul. 1. ad Tim. 2. n. 12. & 13.*
45 *Veremos na 2. p. cap. 15.*
46 *Suprà cap 2. n. 11.*
47 *Nota Vilhegas no Flos Sanct. festa da Conceyçaõ no princip.*
48 *Gen. 2. 23.* Vocabitur virago, quoniam de viro sumpta est. *Fernand. in Gen sect. 15. n. 1.*
49 *Genes. 5. 2.* Vocavit nomen eorum Adam.
50 *Stobeus Serm. 72.*
51 *Genes. 3. 20* Vocavit Adam nomen uxoris suæ Heva, eò quòd mater esset cunctorum viventium.
52 *Referunt Perer. d. l. 6. n. 169. Fern. in 3. Gen sect. 39. n. 3. ad fin. P. Zach. de Lysieux, Philosoph. Christ. p. 1 c. 17. v. je me ris.*
53 *Na Introducçaõ n. 4.*
54 *D. Epiphan. contra heres. 78.* S. Mater Dei Maria per *Hevam* significatur, quæ per ænigma accepit ut mater viventium vocaretur.

CAP.

CAPITULO VIII.

Como nas penas em que Deos condenou a nossos primeyros Pays, conciliou a Misericordia com a Justiça: mostra-se que as impostas a Eva *nas dores do parto, & sugeyçaõ ao marido, foraõ graves, mas juntamente uteis.*

1 FOy o *Verbo* Eterno o Juiz: 1 he certo que favorecia os Reos por quem determinava morrer. Na sentença conciliou a Justiça com a Piedade: forão graves aquellas penas, como devidas ao peccado; mas seguiraõse-lhes utilidades, como a castigo de Pay.

2 Com as dores do parto compàra o Texto sagrado as mayores, quando quer exprimir sua vehemencia. 2 E nesta pena podemos considerar tudo o que os filhos custão antes, & depois de nascidos; pois tudo he effeyto do peccado: *Saõ tres onerosos antes do parto: dolorosos no parto: laboriosos depois do parto.* Onerosos com fastio, achaques, & impedimento: 4 dolorosos com perigo da vida: laboriosos na importuna creaçaõ; porque as mãys os alimentão da sua substancia, os trazem nos braços, os vestem, os acalentão, os costumão a andar, os guardaõ dos perigos, ensinão a fallar, & lhes ministrão o comer, mostraõ a religião, dão as primeyras regras da vida, & vigião por sua causa muytas noytes.

3 A's mãys, que daõ os filhos a crear, chamàraõ muytos Sabios *meyas mãys*; porque as amas tem outra meya maternidade, & pòde ser que mais carinhosa. Matava o tyranno Phocas todos os filhos do Emperador de Constantinopla Mauricio: & a ama que creava hum, lho escondeo, & em lugar delle entregava hum seu proprio filho, amando-o menos; porèm Mauricio lho não consentio. 5 Hum pobre Romano da Familia dos Graccos, vindo da guerra com grande nome, & muyto rico, sahindo a recebello a mãy; & a ama que o havia creado, deu à mãy hum anel de prata, & à ama hum collar de ouro; & queyxando-se a mãy da desigualdade, respondeo: *Tu me trouxestes no ventre só nove mezes; esta me sustentou a seus peytos dous annos: de ti tenho o corpo por meyo pouco honesto; desta os costumes com vontade candida: tu me lançaste de ti; esta me recebeo engeytado, & me chegou ao estado present*e. 6 Muyto escrevem os Authores do que nisto desmerecem as mãys: 7 procede nas que diz Saõ Chrysostomo 8 que tem pejo de se fazerem amas, havendo-se feyto mãys, & que nellas a soberba rompe os brazoens da piedade; ou nas que mandão crear fóra de casa. As que não crião por compreyção delicada, ou porque os maridos lho não consentem, que he ordinario nas de qualidade, contra sua vontade

1 *Supra cap. 7. n. 1.*

2 *Psalm. 47. v. 7. Eccles. 48. 21. Isai. 13. 8. & cap. 21. 3. & cap. 26. n. 17. 18. & alibi passim.*

3 *Ita Juristæ.*

4 *Descreve Plin. l. 7. cap. 6. & 7.*

5 *Nicephor. Calixt. hist. Eccl. l. 18. tit. 40. in fine.*

6 *Theatrum vitæ hum. tit. de mulier.*

7 *Apud Gaspar dos Reys Franco in Camp. Elys. q. 42 ex n. 21.*

8 *D. Chrysost. hom. 10. ad med. in Psalm. 50.* Erubescit fieri nutrix, quæ facta est mater: & pietatis insignia abscindit superbia.

tade trocão aquella moleſtia em outra mayor de ſofrer as amas em que merecem mais; ſem ſe livrarem totalmẽte do outro trabalho, pois lhes he neceſſario vigiar os deſcuydos q̃ eſtas amas tem. Creſce finalmente a pena em não ter ſeguro o que tanto cuſtou; pois lho leva a morte com qualquer accidente. 9

9 *D. Ambroſ. lib. de Virg.* Periculis emitur, nec pro arbitrio poſſidetur.

4 Mas o rigor deſta pena devido à Juſtiça compenſou a Miſericordia com utilidade. Logo que naſce o filho, (como diſſe *Chriſto* Senhor noſſo 10) o goſto natural de ver augmentar o genero humano com fruto de ſuas entranhas, faz eſquecer a mãy das dores do parto; ſó ſe lembra dellas para eſtimar o que tão caro comprou; naquella memoria o ama com mais goſto, & lhe ſaõ as dores proveytoſas. Aliſa Ingleza da Villa de Midelburg, eſtando pejada, & vendo-ſe morrer, pedia que a abriſſem, & lhe tiraſſem o filho, porque não morreſſe com ella; a tanto a obrigava o goſto de ſer mãy. Por milagre de Santo Thomás de Cantuaria teve ſaude. 11

10 *Joan. 16. 21.*

11 *Brito na Chron. de Ciſter l. 6. cap. 18.*

5 Com os trabalhos da creação vay creſcendo a razão de amar. Se vè o filho com honras, & ſciencia de tudo acha alegre ſatisfação; 12 atè pelo que lho não merece, tem por felicidade o haver padecido. Prognoſticando-ſe a Agrippina, que ſeu filho Nero ſeria Emperador, porèm que a mataria, aceytou o partido; quem antepoz o filho à morte futura, melhor o anteporia ás dores paſſadas. Em outra parte 13 ſe verá mais deſte amor.

12 *Prov. 13. 25.* Exultet quæ genuit te.

13 *Abayxo cap. 20. n. 9.*

6 He outra utilidade daquellas dores, o reconhecimento dos filhos bem entendidos. Alexandre Magno, eſcrevendo-lhe Antipatro algumas couſas, que carregavão a Olimpia mãy do meſmo Alexandre, diſſe aos que ſouberaõ da carta: *Ignora Antipatro, que huma lagrima de mãy apaga muytas calumnias.* 14 Epaminondas dizia, que de todas ſuas vitorias, lhe havia ſido mais goſtoſa a que alcançára dos Lacedemonios na batalha Leutrica; porque ſuccedèra ſendo vivos ſeu pay, & ſua mãy. 15 A Coriolano, que hia para deſtruir Roma, forão fallar ſua mulher, & filhos, & ſua mãy, & ſahindo elle do exercito a abraçar a mãy, lhe diſſe ella, que primeyro queria ſaber ſe era filho, ou inimigo, & ſe eſtava mãy, ou cativa; & elle abraçando-a, reſpondeo: *Venceſtes, ò mãy; eu te concedo a patria, que mo naõ merecia.* 16 Cleobys, & Biton irmãos, havendo de hir ſua mãy Argias ao Templo, em que era Sacerdotiſa, & não podendo pela dignidade hir ſenão em coche, para o qual no lugar em que eſtavão, não achavão cavallos; elles meſmos arrimando-ſe ao jugo, a levàrão ao Templo, porque lhe não faltaſſe aquelle goſto, & aquella honra: 17 outros exemplos farião comprovação muyto larga.

14 *Plutarch. in Alexand.*

15 *Plutarch. in Apophthegm.*

16 *Liv. Dec. 1. l. 2. Valer. Max. l. 5. cap. 4.*

17 *Valer. Max ſuprà. Text. in Officin. p. 2. tit. Amor in parentes.*

7 Tambem o Direyto Civil ajuda a eſta utilidade. Pelas antigas Leys das doze taboas não deferião os Romanos às mãys a herança dos filhos, ſuppondo que não havia entre elles parenteſco de agnação, à qual ſómente ſe deferião as heranças.

Parece

Parece que entendião com Aristoteles, 18 que só passivamente concorrião as mãys para a geração. Mas depois os Senatus Consultos, Tertyliano, & Orphiciano, 19 a equidade Pretoria, & ultimamente Constituiçoens do Emperador Justiniano, lhas forão deferindo com algumas declaraçoens, atè ficarem reciprocas; abraçando a melhor Filosofia 20 de que ellas concorrem igualmente, & attendendo a quanto merecem por aquellas dores, & trabalhos: a que assim mesmo attenderaõ outras leys, para lhes concederem nos dotes grandes privilegios, 21 virão, que como bem disse hum Medico grave, 22 se as mulheres faltassem, não só não nascerião homens, mas nem nascidos poderião viver. Finalmente as manda a Ley Divina 23 honrar com igual reverēcia que aos pays, & por tudo se utilizou o justo rigor daquella pena.

8 A obediencia aos maridos foy a condenação mais penosa ao altivo das mulheres, & Deos a duplicou para melhor a estabelecer, depois de dizer: *Estarás no poder do marido*, accrescentou: *E elle te dominará*; 24 para mostrar, que ha de ser senhor. 25 Hum Texto Canonico diz, que Deos lhes deo os cabellos largos em final desta sugeyção, que por isso poz pena de excommunhão às que os cortassem sem licença dos maridos. 26 Peyor cativeyro (diz Santo Ambrosio 27) que o de qualquer outro escravo: pois o senhor dà pelos outros dinheyro; com este se dá dinheyro, & dote ao senhor: o senhor dos outros compra o serviço; esta escrava compra o hir servir. Por Leys de Romulo era prohibido às mulheres com pena de morte, como o adulterio, beberem vinho sem permissaõ dos maridos: Egnacio Metello matou a sua com açoutes, porque a achou bebendo, & foy absolto pelo mesmo Romulo: 28 o Emperador Domiciano reformou aquella Ley a perdimento do dote. 29 Para se sentir se o bebião, permittio Cataõ, 30 que os parentes as saudassem com osculo; donde se introduzio, que pedir a huma mulher este favor, era convidalla a vodas, aõ que o Esposo Santo alludio nos Cantares. 31 Mas já antes de Romulo, Fauno Rey de Italia havia morto sua mulher Fatua pela mesma causa: & arrependido a fez adorar por deosa, offerecendolhe vinho nos sacrificios. 32 Blondo, que viveo na era de 1450. refere no seu livro de Roma Triunfante, que vira huma escritura de casamēto de huns Romanos feyta havia trezentos annos, que vinha a ser pelos annos de 1100. de Christo, em que o esposo dava licença à esposa para beber vinho por espaço de oyto dias quando parisse. O Concilio Illiberitano de Hespanha, celebrado no tempo do grande Constantino, aonde hoje està a Cidade de Granada, prohibio às mulheres escreverem, nem receberem cartas sem licença dos maridos. 33 Outras sugeyçoens particulares impuzeraõ varias naçoens às mulheres, & pela repugnancia de sua condiçaõ aconselhou Porcio Catão aos Romanos com estas palavras: *Ponde freyo à natureza deste*

18 *Aristot. l. 2. de gener. anim. cap 4.*

19 *Refert totum Justinian. in tit Instit. de Senat. Consult. Tertyl. & Orphician.*

20 *Latè Gaspar dos Reys Franco in Camp Elys. q. 42. maximè à n. 10. v. sed adhuc.*

21 *L. Assiduis C. qui pot in pign.*

22 *Dan. Senertus in pract. medic. in ep. dedicat ad Reg. in Suec.* Si fœminæ non essent, nos viri non essemus: & cum cepissemus esse, actum esset de nobis, sine curà, & solicitudine materna.

23 *Exod. 20. 17 & Deut. 5. 16.*

24 *Gen. 3. 16.* Sub viri potestatē eris, & ipse dominabitur tibi

25 *Notat Rupert. l. 3. de oper. Trinit. c. 21.*

26 *C. Quæcumque 10. dist.*

27 *D. Ambros. in exhort. ad Virgin.*

28 *Valer. Maxim. l. 6. cap. 13. de severit. Blond. in Rom. Triumph. Alex. ab Alex. 3. cap. 11 in princ.*

29 *Plin. citatus à Matute in Prosap Christ idade 5. cap. 3. §. 14.*

30 *Alex. ab Alex. sup. Pedr. Sanch. de Vianna, Comment. a Ovid. Metam. l. 6. n. 25. Matute suprà.*

31 *Cant. 1. 3.* Osculetur me osculo oris sui *Notat Matute suprà*

32 *Lactant. de fals relig. l. 1 cap. 22. Viana ad Ovid. Metam. l. 1. cap. 16.*

33 *Marian. hist. de Hesp. l. 4. cap. 16.*

deste animal indomito; naõ espereis que ellas ponhaõ termo em tomarem licenças, se vòs lho naõ puzerdes. 34

9 Mas esta sugeyçaõ (diz Saõ Joaõ Chrysostomo) 35 lhes he utilissima; porque se os maridos naõ as governassem, ellas se precipitariaõ miseravelmente. Fora-lhes ignominia obedecerem-lhes os maridos, 36 pois ficariaõ ellas mulheres de escravos; o melhor meyo para os dominarem, he serem-lhes obedientes. Perguntada Livia mulher de Augusto, como alcançára tanta authoridade com elle: respondeo, que fazendo-lhe sempre a vontade: 37 a quem naõ obrigará huma mulher obediente? 38 Por estas utilidades (além da observancia do que Deos mandou) deyxáraõ os Apostolos sagrados 39 repetidamente encomendada esta sugeyçaõ, attendendo à conveniencia das mesmas mulheres.

34 *Apud Liv. dec. 4. lib. 4.* Date frænum impotenti naturæ, & indomito animali; nec sperate ipsas modum licentiæ acturas, nisi vos faciatis.

35 *D. Chrysost. in Gen. hom. 17.* Melius est ut tu sub illo sis, & illum dominum habeas, quàm impavidè, & liberè vivens, per præcipitia feratis.

36 *Notat Cicer. in paradox.*

37 *Dion. in Tiber.*

38 *Multa ad hoc, P. Henric. Engelgrave in Cælo Empyreo part. 1. festo Convers. S. Pauli §. 3.*

39 *D. Paul. ad Rom. 7. 2. & 1. ad Corinth. 11. 3. & ad Ephes. 5. 22. & 1. ad Timoth. 2. 12. cum seqq. D Pet Ep. 1. cap. 3. 11.*

CAPITULO IX.

Prosegue a consideraçaõ do precedente nas penas em que Deos condenou a Adam; mostra como o trabalho he util, sendo cõ medida, & qual esta deve ser.

1 A Pena de trabalhar imposta a Adam, nos ficou taõ hereditaria, que todos nascemos para trabalho, como as aves para voar, disse Job: 1 naõ só para o trabalho do corpo, mas tambem para o espirito, que he mais penoso: quem naõ trabalha corporal, ou espiritualmente, naõ terá que comer, ou totalmente perecerá, como affirma Salamaõ. 2 Naõ ha que admirar disto; porque se Adam havia de trabalhar no Paraiso de delicias, 3 como naõ trabalharemos no lugar de afflicçoens? se naõ trabalharamos neste, fora lançarnos Deos em melhor Paraiso; mas he triste, que o que se chama vida, seja só trabalho, como dizia Euripides. 4

2 Com tudo tambem nesta pena foy Deos misericordioso, (notaõ os Escritores) porque nos he util, & chamaõ ao ocio quasi morte, & sepultura da natureza. 5 Ensinão os Medicos 6 que sem trabalho corporal naõ podemos ter saude; & segundo Aristoteles, 7 os que mais trabalhaõ, mais vivem. Sem o espiritual se embota o juizo, & se perde a memoria, como o fogo se apaga sem materia; o ar se corrompe sem movimento; as aguas se danaõ sem corrente; os campos se fazem mato sem cultura; perde-se no ocio, quanto se fabricou para o util da vida; os navios, se naõ navegaõ; as casas, se naõ se habitaõ; os soldados, se naõ servem; os cavallos, se naõ se montaõ; atè as fontes se entupem, se naõ correm; & as estradas se desfazem, se naõ se cursaõ; o que come de seu trabalho, he bemaventurado, & lhe hirá bem, disse David: 8 he bemaventurado, porque nem

1 *Job 5. 7.*

2 *Prov. 6. 9. cum seqq. & cap. 10. 4 & cap 20. 4. & cap 28. 19.*

3 *Gen 2. 15.* Posuit eum in Paradiso voluptatis, ut operaretur.

4 *Euripid.* Vitæ quid nomen habet, re ipsa labor est.

5 *Bened. Perer. in Gen. l. 6. n 166 Bened Fern. 1. Gen. sect. 9. n. 3. & in cap. 3. sect. 38. n 4.*

6 *Hippocrat. 6. epid. sect. 8. Galen. l. 2. Salubr text. 1. & in initio libri de aliment. Paul. Eginet. l. 1. c. 35.*

7 *Arist. de long. vit.*

8 *Psalm. 127. v 1.* Labores manuum tuarum quia manducabis, beatus es, & bene tibi erit.

nem come do alheyo, nem pede, nem lhe falta, & lhe hirá bem na ſaude, na honra, na fazenda, & na alma, fugindo à ocioſidade, cauſa de muyta malicia, como o eſcreve o Eccleſiaſtico. 9

3 Milita iſto em todas as idades: Diogenes a quem lhe aconſelhou que deſcançaſſe, pois era velho, reſpondeo, que os que corrião em certamen, não afroxavão o curſo, ainda que eſtiveſſem perto do fim da carreyra. 10 Em todas as qualidades: o grande Affonſo Rey de Napoles, a quem lhe notou occuparſe em manufacturas curioſas, perguntou, ſe aos Reys forão dadas as mãos para não uſarem dellas. 11 Em todo o eſtado: S. Paulo trabalhava, & exhortava a iſſo ſeus diſcipulos; 12 a huns dizia, que para ſoccorrerem a pobres, a outros que para naõ comerem paõ ocioſo: 13 & S. Joaõ Chryſoſtomo notou, que atè no Terreal Paraiſo mandou Deos a Adam que trabalhaſſe, para evitar a ocioſidade. 14

4 He verdade, que no trabalhar ha de haver medida; porque a natureza não pòde fazer trabalho continuo. 15 Se os campos não deſcançarem, ſua fertilidade cançará: atè o ferro ſe gaſta com o uſo: Porcio Latro foy reprovado, porque começando a eſtudar, naõ ceſſava dias, & noytes inteyras. 16 Apelles louvando ao grande pintor Protogenes, o igualou a ſi, & diſſe, que duvidava ſe era ainda mayor meſtre; mas que tinha tacha de naõ ſaber ceſſar de pintar, & com tudo Apelles não paſſava dia ſem lançar linha. Ao deſcãço chamou Plutarco 17 *Conduto do trabalho*, ſaborea o que ſem elle ſe não pudèra levar.

5 Atè niſto nos doutrinou, & acudio a Divina piedade, dividindo (nota Saõ Chryſoſtomo 18) o dia da noyte: hum para o trabalho, outra para o deſcanço, como diſſe David. 19 Ao dia ſetimo de cada ſemana mandou que deſcançaſſemos; 20 ſantificallo para ſi foy utilidade noſſa: & tambem mandou, que cada ſete annos deſcançaſſe a terra de ſer cultivada, 21 para frutificar mais; 22 o que nos he exemplo.

6 De Socrates ſe eſcreve, que ninguem trabalhava tanto como elle, ſendo neceſſario; nem deſcançava mais que elle quando podia, ſem faltar. O grande Orador Aſinio Polio reſervava para deſcançar duas horas do dia, nas quaes nem cartas de amigos lia, porque lhe naõ occaſionaſſem alguma pena. 23 O ſegundo Scipião Africano, & Lelio, ſahiaõ dos negocios de Roma atè o mar, & nas prayas andavão buſcando ſeyxinhos, & conchas como meninos; 24 finalmente para interpor alivio ao trabalho, inſtituiraõ os Republicos antigos celebridades, & jogos publicos.

7 Ainda no jejum, oraçaõ, contemplaçaõ, & todo o ſerviço de Deos, enſinaõ o meſmo os melhores Meſtres. 25 Saõ Joaõ Chryſoſtomo diz que os dias que a Igreja ſepára na Quareſma para naõ jejuarmos, ſaõ como eſtalagens para deſcançar, & tornarmos ao jejum com mais forças: 26 Saõ Joaõ

9 *Eccleſiaſt.* 33. 29.

10 *Diog. apud Laert. l. 6. in ejus vita.*

11 *Panormitan. l. 1. de geſt. Alphonſ.*

12 *Act.* 20. 34.

13 *D. Paul. ad Theſſalon.* 3. 8. & 12.

14 *D. Chryſoſt. in Gen. hom.* 14.

15 *Valer. Maxim. l. 8. cap. de otio laudato.*

16 *Cælius l.* 9. *cap.* 35.

17 *Plutarch. de educ liber.*

18 *D. Chryſoſt. in Gen. hom.* 11 *in princ.*

19 *Pſalm.* 10. *v.* 24 Exibit homo ad opus ſuum, & ad operationem ſuam uſque ad veſperum.

20 *Exod.* 20. 10.

21 *Levit.* 25 11.

22 *Theodor. in Levit. q.* 35.

23 *Refert hoc, & alii Franc. de Fuenſalida, tract. do Repouſo da alma cap.* 4.

24 *Cicer. l. 2. de Orat.*

25 *Ludovico Bloſio na Inſtit. eſpiritual cap.* 12. *ad fin. & em outros lugares de ſuas obras.*

26 *D. Chryſoſt. hom.* 11. *in princ.*

Evangelista a hum que lhe notou jugar com seus discipulos, perguntou se conviria estar sempre intenso hum arco das settas que trazia na mão. E respondeo elle, que naõ, porque afroxaria, lhe disse o Santo, que o mesmo succederia ao corpo, & ao espirito, se não descançasse. 27

8 A medida deve ser no corporal, quanto as forças commodamente pòdem: no espiritual, quanto o animo de boa vontade recebe, 28 como no estomago só se deve lançar, quanto possa bem digerir; 29 enfadando-se a natureza notavelmente, se deve tomar recreaçaõ licita, 30 que como somno vivo, restaure as forças. 31

9 Nesta materia dizia o muyto Religioso Varaõ Fr. Luis de Granada: *Trabalhamos, trabalhamos; para quando trabalhamos?* Chega a morte, & nòs a trabalhar pelo mundo: *Que tira o homem de todo este seu trabalho?* pergunta o Sabio. Nada, senaõ o mesmo trabalho, & acabarse tudo. 32 Se Deos trabalhou por nòs, porque naõ trabalhamos por elle? 33 Mas este discurso fique para outro lugar.

27 *Refert Stephan. Costa tract. de Ludo §.1 ex n. 4: habetur in tom. tract. DD. jur. civ.*

28 *Socrates apud Xenophont. l. 1. de dict. & fact. Socrat. Blosio na regra da vida espiritual c. 23. ad med.*

29 *Joan. Nevisan. in Sylva nupt. l. 5 n. 54 ad fin.*

30 *Glossa, verbo peragant, in §. Tertij, in Proœm. Digestor.*

31 *Cicer. 1 Offic.*

32 *Ecclesiast.* 1. 3. Quid habet amplius homo de universo labore suo, quo laborat sub sole?

33 *D. Ambr. Serm. 10. in Psalm.* 118.

CAPITULO X.

Da terribilidade, certeza, & ligeyreza da morte; por quantos caminhos chega naõ imaginados; & como ainda assim foy misericordiosa, & util a condenaçaõ a ella.

1 A Pena da morte nos foy a mais terrivel, porque tudo acaba, 1 & he separaçaõ da alma, & do corpo, que he a mais custosa. 2 A razaõ disseraõ agluns hereges que era, por estar nelle mandada por Deos, que de lugares bemaventurados desterra por castigo as almas para as prizoens dos corpos humanos: cousa ridicula. 3 Outros com igual absurdo fabuláraõ que as almas, vagando sem morada, espreytam as mulheres que parem, & como a rebatinhas, entraõ nos corpos, que pòdem occupar; 4 & que depois lhes tomaõ affeyçaõ, porque elles naõ saõ taõ indignos como os imaginamos; pois se tem visto que dissolvido hum corpo humano, (como a arte pòde fazer) naõ ficaõ mais que sete, ou oyto onças de pura terra, & tudo o mais se desfaz em fogo, ar, & agua, que chamaõ sulphur, & Mercurio; & que symboliza tanto com o ouro, que nada o dissolve tam facilmente como o sal, & oleo que se tira de hum cadaver. A verdadeyra razaõ daquella dor (alèm do que Aristoteles 5 com generalidade aponta, de se amarem muyto corpo, & alma, & assim sentirem muyto separarem-se) he; 6 porque a alma, posto que de tanta excellencia, depende absolutamente para sua perfeyçaõ do corpo que habita; por isso

1 *Arist 3 Ethic. c. 6.* Omnium rerum nihil morte terribilius, nihil acerbius, cum omnium rerum sit extremum.

2 *Ludovic. Vives de anim. l. 2.*

3 *Epiphan. haeres. 64.*

4 *D. Gregor. Nyssen de anim. & resurrect.* Eadem absurditas est etiã in altera opinione, si quis putet, animas rapiendi tempus observare, ut in corpora nascentia se insinuent.

5 *Arist. Mor. l. 9. cap 9.*

6 *Padre Zachar de Lysieux, Capuchinho Francez na Philosoph. Christ. p. 1. cap. 4.*

isso dizia hum Filosofo, que retirada da materia, naõ ficava mais que meya pessoa, & por sua essencia espiritual tam alta, tinha a desgraça de necessitar do corpo terrestre que a humilha. Depende, porque sem corpo naõ pòde obrar, merecer, & fazer-se gloriosa; nelle tem Monarchia em que governa como Rainha, dá leys, castigos, & premios, & com a magestade de sua presença conserva os membros, que saõ os seus vassallos, imitando ao Principe soberano, que sustenta o ser de tudo o que creou; & como os Reys da China (quando florentes, antes da invasaõ dos Tartaros nos annos passados) posto que sempre fechados no Paço, estimavaõ tanto aquella superioridade cativa, que a naõ trocariaõ com a liberdade dos subditos; nem Principe algum trocará seus cuydados pelo sossego de menor fortuna: assim a alma sofre gostosa as miserias do corpo, em que reyna, & difficilmente se persuade a deyxallo. O governar he appetecivel, & o ter occasião de se fazer glorioso.

2 Sendo tam penosa a morte, he a cousa mais certa, pois ninguem a pòde evitar. 7 Viveo Mathusalem novecentos sessenta & nove annos: Gordono, Author grave, diz que alcançou a Adam, duzentos quarenta & tres annos, & que morreo só hum anno antes do Diluvio: 9 Rabbi Sela o faz morto muyto poucos dias antes; 10 foy o que viveo mais, & em fim morreo. Mais desengana a morte de hum velho, que a de hum moço: porque esta succederia por accidente, aquella he de ley; pòde haver remedios para alargar a vida, nenhum para escusar a morte. Xerxes chorava, que todos os homens de seu innumeravel exercito havião de ser mortos dentro de cem annos: nenhum de tantos melhores havia de ter, ou traça, ou fortuna de escapar. Antigamente quando coroavão Emperador de Constantinopla, entre as festas lhe apresentavão algumas pedras, perguntandolhe de qual queria que lhe lavrassem a sepultura; que nem os mayores Monarchas pòdem resistir.

3 Sobre ser a mais certa, he a morte a cousa mais apressada em chegar. As allegorias dos antigos, nos Centauros, meyos homens, & meyos cavallos, significavão, que com ligeyreza de cavallos corrião os homens para a morte. 11 Mas pouco differão, como tambem Job, em comparar a vida a correyo de posta, náo veloz, & aguia que corre à pressa. 12 Melhor o mostrárão David, chamandolhe *fumo*, & *sombra*; 13 Salamão, *final de nuvem*, ou *nevoa que o Sol desfaz*; 14 & o Apostolo Santiago, *vapor que apparece, & desaparece logo*. 15 No instante que começamos a viver, começamos a morrer, como vèla acesa, que vay morrendo no que dura: 16 quanto cresce o corpo, tanto se diminue a vida: quanto nos parece que vivemos, tanto nos chegamos à morte; 17 este he o tempo que o Sabio chamou, *tempo de morrer*, 18 explica o grande Agostinho. 19

4 Sobre ser apressada, chega por mais caminhos dos que se pòdem imaginar. O Emperador Heliogabalo atinou em que

7 *D.Paul.ad Hebr.9.27.* Statutum est hominibus semel mori.

8 *Gen 5.27.*

9 *Gordono in Chronolog.*

10 *Rabbi Sela apud Genebrard. in Chronolog. l.1. ætat. 1.*

11 *Explicat Fr. Heytor Pint. p. 2. dial. 4 cap. 11. ex Palefato lib. de fabul narrat.*

12 *Job 9.24 & 25.*

13 *Psalm. 101. v. 4. & 12.*

14 *Sapient. 2.3.*

15 *Jacob Epist. cap. 4.15.*

16 *Psalm. 57. v. 8.* Sicut cera quæ fluit, auferentur.

Dissemos no Poema Ulyssip. cant. 1. Octav. 40.

A vida vay morrendo no que dura.

17 *Senec. Epist. 24.* Quotidie morimur, quotidie enim demitur aliqua pars vitæ, & tunc quoque cum crescimus, vita decrescit: & *Epist. 78.*

D.Hier. ep. 3. ad Heliodor. Quotidie morimur, quotidie immutamur, & æternos nos esse credimus.

D.Aug. in Soliloq. c. 2. Vita quanto magis crescit, tanto magis decrescit: quanto magis procedit, tanto ad mortem accedit.

18 *Ecclesiast. 3.2.* Tempus moriendi.

19 *D.Aug. de Civ. Dei l. 13. cap. 10.*

Veja-se na 2. part. cap. 53. n. 8.

que ſua morte ſeria violenta, porque ſabia que a merecia; mas naõ atinando o modo, fez para muytos preparaçoẽs extraordinarias, dizendo que como elle o era na vida, tambem o havia de ſer na morte. Tinha cordas de ſeda, & algodaõ, para ſe enforcar em algum aperto; tinha venenos em cayxas de eſmeraldas, jacintos, & cornerinas; edificou huma torre alta, cercada de pavimento de prata, & ouro engaſtadas nelle riquiſſimas pedras, para ſe precipitar ſobre aquella riqueza; & tinha outros inſtrumentos precioſiſſimos, para uſar delles ſegundo a occaſiaõ; mas fóra de tudo o que podia imaginar, o mataràõ dentro de hum lugar o mais immundo para onde fugio. 20

5 Alèm dos caminhos violentos a ferro, & por deſaſtres, ſaõ innumeraveis as doenças que combatem a vida. Só contra os olhos contou Galeno 21 cento & quinze; perde-ſe por cauſas leviſſimas. O graõ de hum bago de uvas afogou o Poeta Anacreonte: hum cabello ſorvido em leyte, a Fabio Senador: huma eſpinha muyto pequena, a Tarquino Priſco Rey de Roma; 22 outros morréraõ do cheyro de murraõ de vèlas apagadas. 23 Quantos morréraõ de repente ſem ſe ſaber a occaſiaõ?

6 Até no goſto ſe morre. Morréraõ Chilo Lacedemonio, abraçando hum filho coroado nos jogos Olympicos; 24 Sophocles, & hum dos Dionyſios de Sicilia, ouvindo novas de vitorias alcançadas; 25 Philipides Comico, vencendo hum certamen poetico; Diagoras Rhodio recebendo parabens de ſeus filhos athletas haverem vencido; o Conſul Juvencio Talna lendo as cartas das honras que lhe decretava o Senado por haver ſubjugado Corſega; 26 duas Romanas vendo vivos dous filhos que tinhaõ por mortos na batalha de Traſimeno, ou de Canas; 27 outra chamada Policrate, tendo huma nova alegre, que não eſperava; 28 Philemon Poeta, rindo de ver que hum jumento comia hum prato de figos, que eſtava ſobre hum eſcritorio; 29 Philisleon Nicio, Poeta comico do tempo de Socrates, tambem morreo de riſo. No deſcobrimento do Cabo de Boa Eſperança, que fez o Portuguez Bartholomeu Dias, encontrando a huma caravela de ſua companhia, que havia nove mezes ſe havia apartado, hum homem della morreo de goſto. 30 Outros ſemelhantes caſos eſcrevem muytos Authores; 31 ſendo feliciſſimo o da mãy dos ſete Martyres Macabeos, 32 que alguns dizem 33 que morreo de goſto, vendo os mortos pela honra de Deos. Em Cerdenha ha huma erva de folhas largas, que comida cauſa riſo, que ſó com a vida acaba; o Vice-Rey Marquez de Favara no anno de 1590. a experimentou em hum Turco condenado á morte, o qual rindo ſete horas, expirou; 34 que ha que eſperar da vida, ſe ſuas alegrias matão? ou como eſperamos viver peccando tantas vezes, ſe Adam foy condenado tão terrivelmente à morte, peccando ſó huma? 35

Com

20 *Mexia na Sylv. de var. liç. l. 2. cap. 29 ad fin. ex alijs quos refert.*

21 *Galen. introd. cap. 15.*

22 *Franco in Camp. Elyſ. q. 50. num 2. ex Fulgoſ. & alijs.*

23 *Foreſt. l. 9. obſerv. 4.*

24 *Cicer. Tuſcul. 1. Aul. Gel. noct. Attic. l. 3. cap. 15.*

25 *Plin. l. 7. cap. 17.*

26 *Valer Max. l. 9. cap. 12. de morte non vulgar.*

27 *Liv. dec. 3 l. 2.*

28 *Plutarch. de clar. mulier.*

29 *Valer Maxim. ad cap. 1.*

30 *Barros Decad. 1. l. 3. cap. 4.*

31 *Textor in Offic. p. 1. tit. gaudio, & riſu mortui. Hieron. de Huerta nos Problem. philoſoph. Problem. do riſo. Jul. de Caſtilho, hiſt. dos Godos l. 1. diſc. 10. Diego de Funes, hiſt. de aves, y animales l. 2. cap. 16.*

32 *Machab. 2 cap 7.*

33 *Britto Monarch Luſit p 1. l. 2. tit. 12. cum Marian. Vict. hiſt. Machab.*

34 *Britto ſuprà l 1. tit. 8.*

35 *D Hieron. Ep 14. ad Mauritij filiam de Virg. laud.* Adam ſemel peccavit, & mortuus eſt: & tu te vivere poſſe exiſtimas, illud ſæpe cõmittens, quod alium cum ſemel perpetraſſet occidit.

7 Com tudo considerão os sagrados Doutores, 36 que ainda esta condição foy misericordiosa; pois podendo matar logo, deo tempo a Adam, & a *Eva*, para se arrependerem; & foy util a todos; pois perdida a justiça original, não havendo castigo, a impunida de nos libertaria, & quãto mais vivessemos, mais peccariamos. Foy tambem util a incerteza do tempo da morte, para nos fazer bons, andando sempre acautelados; foy util para nos livrar de trabalhos continuos; & Deos suavizou sua terribilidade, como em outra parte largamente diremos. 37

36 *Chrysost. hom. 18. in Gen. & hom. 26. statim post princ. D Aug de Gen ad lit. l. 6 cap 25. Ben. Fern. in 3. Gen sect. 38. n. 7.*

37 *Part. 2. cap. 32.*

CAPITULO XI.

Como Deos mostrou aos homens a necessidade das leys, & a fórma do Juizo; trata-se da excellencia da Justiça: quaes forão os primeyros Legisladores; a dignidade da Jurisprudencia; irmandade que tem com as armas, pela qual se unem sem precedencia.

1 A Justiça he coeterna, & inseparavel de Deos; 1 atè os Gentios o entendião, pois tiverão por Deos a Osyris antes de morrer, só porque era justo por excellencia; 2 & Marco Tullio disse, que as leys justas derivavão de Deos a razão; 3 Imagem de Deos lhes chamou Santo Agostinho. 4

2 Esta natureza Divina da Justiça se mostra nos effeytos. Por ella, dizia Socrates, 5 se sustenta esta machina universal, & deyxa de tornar ao chaos primeyro; guardando os Ceos, os Astros, os Elementos a Ley que Deos lhes poz: a saude dos corpos consiste na igualdade dos humores, que os Medicos chamão de Justiça: 6 todas as virtudes se comprehendem na Justiça: 7 he máy, fonte, & concordia dellas; 8 todas necessariamente a acompanhão, disse Aristoteles, 9 pelo que ensinou que não he parte da virtude, mas toda a virtude; & que a injustiça que se lhe oppoem, não he parte do vicio, mas todo o vicio. 10 Ella conserva os povos, disse Demosthenes: 11 estabelece a liberdade, disse Tullio; 12 he mestra da vida, extirpadora dos males, origem da paz; nenhum bem sem ella faz consonancia, notou Patricio. 13

3 Este Divino attributo, com que tudo havia creado, quiz Deos por sua bondade participar ao mundo para sua conservação, & logo com Adam o praticou, dando aos homens primeyro exemplo para o imitarem, fazendo tambem nisto misericordiosamente util aquelle successo de nossos primeyros Pays. Já que os constituhia Principes, havia de ensinarlhes os actos da Justiça, sobre a qual se firma o Throno Real,

1 *Deut. 32. 4. & alibi passim.*

2 *Diodor. l. 4 cap. 1.*

3 *Marc. Tul. Philip. 11.* Lex nihil aliud est nisi recta, & à numine deorum ratio.

4 *D. Aug. de Civ. Dei l. 9.*

5 *Socrates apud Plat. in Epilog.*

6 *Hippocrat. de natur. homin. Galen. l. 1. de temperament. cap. 6. Avicena l. 1 Sent. 1. doctr. 3. cap. 1. & 2. Petr. Aponens. Conciliator differ. 32.*

7 *Aristot. Ethic. l 5. cap. 3.*

8 *Polus Pytagor. l de justit. Lactant. l. 3. de divin. inst cap 5. D. Ambros. in examer.* Ubi est justitia, ibi omnium virtutum est concordia.

9 *Arist l 3. de Repub. cap. 18.*

10 *Idem d. l. Ethic cap. 3.*

11 *Demosthen. contra Aristog.*

12 *Cicer. orat. pro Cluent.*

13 *Patritius de Repub. l. 5. tit. 2. fol mihi 121.*

14 Proverb.16.12.& cap.25.5.
15 Psalm.44 v.4.
16 Proverb.8.29.
17 Isai.14.12. Apocalyps. 12.7.
18 Suprà cap.4.n.2 cum seqq.
19 Tertul.cōtra Iudæos,in princ.
20 Tullius 3 de leg & 1.offic. & orat.pro Cluent.
21 Ælian.de animal.l.2.cap.8, & l.5 cap.39.
22 Joaõ Huarte de Saõ Joaõ no Exame de engen.proœm.2.prope fin.
23 Exod.20.
24 Beros.l.3. de Flor. Chaldaic. Strab.l.3. Pined.Monarch Eccles.p.1. l.1.cap.13.§ 4.& cap.23.§ 4. Gregor.Lop.Madeira, nas excellenc. de Hespanha cap.7.§. 2. Fr. Hieron.de Castro, nas addiç. a Jul.de Castilho,hist. dos Godos, l. 1. disc 2c
25 Fr. Heytor Pinto in Ezech. cap.27. Britto na Monarch.Lusit.l.1.cap 3. Faria no Epit.das hist.Port.p.4.c.6. n.1. Vasco Mousinho de Quebedo no poema. Affonso Afric.Cant.3. Dissemos nas excell. de Port. cap. 5. excel.1.
26 Suid.in Dracon. Alex.ab Alex.Gen.dier.l.3.c.5.post med.
27 Destes, & de outros Legisladores D.Isid l.5.Etym.refertur in c. Moyses,dist 7. Text.inOfficin.p.2.tit.Legisladores.
28 Tacit.Annal.l.3 ante med.
29 L 2.in princ.& ibi gloss.marg. ff.de orig.jur.
30 S.Isidor.suprà.
31 Part 2.cap.7.n. 14.

Real, 14 & he tão proprio attributo dos bons Principes, que David fallando do Reyno de *Christo*, entre as primeyras qualidades lhes diz que cinjaõ a sua espada, 15 pela qual se significa a justiça.

4 Havendo já na constituição do mundo dado leys aos abyssos, & às aguas, como Salamão disse, 16 & havendo exercitado justiça no delito de Lucifer, & dos complices, 17 poz a Adam a ley que já tratàmos, 18 a qual diz Tertulliano 19 que foy mãy, & fonte de todas as leys da terra. Ensinou logo naquelle principio, o que em razão natural advertio Marco Tullio, 20 de que sem leys, nem huma pequena casa, nem ainda huma companhia de malfeytores se póde sustentar. Ellas lhe dão alma. Eliano 21 atè aos bandos de animaes brutos attribue acçoens legitimas para se conservarem: pondo exemplo nos Leoens, & Delfins, que repartem a caça, aventajando os que mais se finalárão em a tomar.

5 Alli começou o beneficio das leys com que se illustrou o mundo, & foy a primeyra sciencia, que nelle houve: 22 o mesmo Senhor dictou depois a Moysés, 23 a que havia de guardar o seu povo, sem commetter isto nem a hum Anjo, porque lhas devessemos immediatamente. Dos Legisladores humanos, o primeyro de que temos noticia, foy Tubal neto de Noè, que vindo povoar a Hespanha pelos annos cento & cincoenta depois do Diluvio, as deo escritas em versos, 24 os Escritores Portuguezes 25 querem que as escrevesse em Setuval, sua primeyra povoação. Depois delle se duvida se Eàco avò de Achilles, ou a antigua Ceres promulgou primeyro leys. Mercurio Trimegisto, & Osyris, saõ celebrados por Legisladores primeyros entre os Egypcios: Zoroastes, entre os Persas: Rodamante, & Minos, entre os Cretenses: Charondas, entre os Carthaginenses: Zamolizes, entre os Scithas: Phoronéo, entre os Gregos: Lycurgo, particularmente entre os Lacedemonios: Dragon, entre os Athenienses, dando leys tam severas, que a menor pena era de morte; donde disse Demades, que as escrevéra com sangue humano; & pagou aquella crueldade, quando no Senado de Egina, com pretexto de o applaudirem, lhe lançárão tantas capas, que morreo abafado debayxo dellas. 26 Mais celebre se fez Solon, reformando aquellas leys com menos rigor. 27 Aos Romanos (omittindo o que Tacito 28 refere com particularidades escusadas) deo Romulo seu primeyro Rey as primeyras leys, que chamou *Curiatas*, porque os Tribunaes para decidir as demandas, se chamavaõ *Comitia Curiata* 29 segundas leys; que S. Isidoro 30 chama primeyras, deo o segundo Rey Numa Pompilio. Por serem todas diminutas, lançados fóra os Reys, se elegèraõ dez Varoens, que foraõ pedir as suas aos Lacedemonios, & Athenienses; & na segunda parte, 31 a outro proposito referiremos o modo porque huma glossa de Direyto Civil conta, que se alcançárão. Trouxeraõ-se escritas

critas em dez taboas; a que em Roma ſe accreſcentàraõ duas de mais leys que ſe fizeraõ,& ficáraõ ſendo as *Leys das doze taboas* tam celebradas. Depois ſe foraõ emendando, & multiplicando com Senatus-Conſultos, edictos dos Pretores; & Ediles, reſpoſtas de Juriſconſultos, & conſtituições dos Emperadores; & por varios modos,que relataõ o Juriſconſulto Pomponio,& o Emperador Juſtiniano, 32 o qual ultimamente reſumio todas ao Direyto Civil, que hoje temos.

6 A todos os Legisladores ſe conhecéraõ os póvos muyto obrigados, como a Authores de ſeu mayor bem; Cicero diſſe, que mais deveo Athenas a Solon, pelas leys que lhe deo, que a Themiſtocles pela memoravel vitoria de Salamina;porque eſta aproveytàra huma vez, & aquellas para ſempre. 33 E por ſer dom de Deos,perſuadiaõ os Legisladores Gentios a ſeus povos, que os deoſes lhes enſinavaõ as leys, que elles eſtabeleciaõ; Oſyres diſſe aos Egypcios, que as aprendèra de Mercurio: Charondas attribuhio as ſuas a Saturno:Zoroaſtes Perſa a Oromato: Solon Athenienſe a Minerva: Zamoliſes Scitha a Veſta: Minos Cretenſe a Jupiter: Lycurgo Lacedemonio a Apollo: Numa Rey de Roma à deoſa Egeria; até o falſo Arabio Mafoma ſe atreveo a blasfemar,que fallava com o Anjo S.Gabriel. Os outros Reſpublicos mais modeſtos, que naõ fingiaõ taes Oraculos, tinhaõ grande attençaõ a que os Authores das leys foſſem bem reputados, porque ellas tiveſſem mais credito; & houve Republica, que naõ promulgou huma ley boa inventada por hum homem ſuſpeyto nos coſtumes, ſem lhe dar por author outro de conhecida rectidão; que tambem as doutrinas, como partes da alma, herdão nobreza de ſeus pays. *Chriſto* Senhor noſſo perguntava, que opinião ſe tinha delle. 34 os Chriſtãos reſpondemos com o Apoſtolo Saõ Pedro, que he *Chriſto Filho de Deos vivo*; & tam mal guardamos a Ley, que nos deo, que em algum modo mais nos condenamos, que os que o não conhecem; mais gravemente peccamos, que Adam, & *Eva*, conſidera S. João Chryſoſtomo, 53 por doutrina de São Paulo.

7 Quebrada a ley formou Deos contra os Reos aquelle juizo já referido; 36 no qual enſinou a fórma ſubſtancial delle: fez officio de Author a juſtiça, como conſiderou São Bernardo; 37 & aſſim houve as tres peſſoas de que o Juizo deve conſtar: Author, Reo, & Juiz: 38 & houve prova, que o Direyto reputa por quarta peſſoa: 39 a qual foy a confiſſaõ dos Reos, que he a melhor. 40

8 Houve citação, ſem a qual ſe não póde proceder, 41 por aquellas palavras: 42 *Adam aonde eſtás?* E a Eva: *Porque fizeſte iſto?* & ainda que a não houvera tam formal, baſtará apparecerem elles em juizo,para o defeyto da citação ficar ſupprido. 43

9 Finalmente, poſto que Deos ſabia muyto bem como o caſo paſſára; com tudo deſceo a devaçar, & ouvir a cada hum,

para

32 *In L. 2. ff. de orig. jur. & in tit. Inſt. de jur. nat. §. conſt. autem, cum ſeqq. Aymar. Rivalius in hiſt. jur. civilis, habetur in tom 1 tract. DD.*

33 *Cicer. 1. offic.* Illud enim ſemel profuit, hoc ſemper proderit civitati.

34 *Matth. 16. 13.*

35 *D. Chryſoſt. in Gen. hom. 18. in princ. & 19. in fin. ex D. Paul. 2. ad Rom. 1.*

36 *Sup cap. 7 Not. Joan. Huart. ſuprà.*

37 *D. Bernard. Serm. 1. in Annunt.*

38 *Cap. Nullus, cum gloſſ. 2. ibi 4 q. 4. Cap. forus 10. v. jurgium, de verb. ſignific. gloſſ. verb. judicium in eodem c. in princ. c. 2. extrav. commun.*

39 *Gloſ. citata, & diximus in Luſ. liber l 2. c. 1. n 4.*

40 *Totus tit de Confeſſ. Latè Maſc de prob. conc. 344. & 348.*

41 *L. de unoquoque ff. de re jud. cap. 1. de cauſ poſſeſſ. & prop.*

42 *Gen. 3. 9 & 13.*

43 *Bart. & Bald. in L. 1. ff. de in jus voc. Vantius de nullit. ex defectu citation. n. 17. communis apud Tuſc. lib. G. concl. 271. n. 82.*

para ensinar aos Juizes, que não devem julgar pelo que extraordinariamente sabem, mas só pela prova judicial; 44 o que tambem nos ensinou, quando conheceo da causa de Caim. 45

20 Disto se mostra a dignidade grande da Jurisprudencia, pois alèm de sua antiguidade, muyto importante para as precedencias; 46 alèm da materia em que se exercita, que he o governo da Republica, & a decisaõ das controversias, sugeyto da mayor nobreza do mundo; foy Deos o primeyro Juiz, & será o ultimo, ostentando nisto a mayor mageſtade, como por vezes disse no Evangelho, 47 & este officio prometteo aos que deyxárão tudo pelo seguir. 48 Para o exercitarem constituhio os Reys; como tambem disse, 49 & he a parte, notou Plutarco, 50 porque a dignidade Real se faz mais illustre. Só por ella se distingue dos Vassallos. Porque hum particular póde ter conselheyros para sua consciencia: se he rico, tem ministros para sua fazenda: se he grande, aconselha-se no que toca a seu estado, & honra: hum rebellado tem exercitos, & faz conselho de guerra; só ter supremo tribunal he julgar, he soberana regalia. 51 Nisto fundey hum papel para a precedencia, que nas exequias do Serenissimo Principe Dom Theodosio, nunca assaz chorado, pertendeo o Supremo Senado da casa da Supplicação a todos os outros Tribunaes; posto que eu me achava já no da Fazenda, que se tem por mayor, me obrigou mais a verdade; & o Senhor Rey Dom João o IV. lhe deo lugar extraordinario, encostado às grades defronte do Altar mayor da Capella Real, onde as exequias se celebrárão, atè a causa se decidir; mandando-o declarar assim no principio do mesmo acto por hum Rey de Armas em voz alta. O mesmo se fez depois nas exequias do mesmo Senhor Rey, & da Senhora Rainha Dona Luiza, cujas almas esperamos em Deos que estaõ no Ceo.

44 *De hoc egregiè Menckac. illust. l. 1. cap. 14.*

45 *Gen. 14.*

46 *L. Semper, ff. de jur. immunit. de censib.*
Glos. in C. Statuimus, verbo primum locum, de maiorit. & obedient.
Latè Tiraquel. de nobilit. cap. 19.
Vald. de dignit. Reg. cap. 5.

47 *Matth. cap. 19. 28 & cap. 24. 30. & cap. 25. 31.*

48 *Matth. 19. 21.* Sedebitis, & vos judicantes.

49 3 *Reg.* 10. 9. Constitui te Regem, ut faceres judicium, & justitiam.

50 *Plutarch. in Demetr.* Nibil tam egregium, atque proprium Regis esse quàm justitiæ opus.

51 *Cabedo p. 2. dec. 85. n. 1. cum Barth. in L. Hoc Tiberius, & in L. 2. ff. de hered. inst. DD. in cap. 1. Quæ sint Regalia.*
Cassaneus in Cathal. glor. mundi p. 7. consid. 9. Ord. Lusit. l. 2. tit. 45. § 4

11 Os Principes não costumaõ julgar immediatamente por si, posto que o intentou ElRey de Castella D. Sancho, 52 que chamárão o *Desejado*: julgão por ministros, que de necessidade escolhèrão para repartirem o trabalho, como fez Moysés aconselhado por Jetro, 53 & mandado por Deos; 54 nem o mayor entendimento, como disse Tacito, pudèra comprehender tanto; 55 obrão a exemplo do Summo Rey, por segundas causas. Porém como esta funcção radicalmente he inseparavel da dignidade Real, sempre as sentenças passaõ em seu nome, 56 & de decidirem as causas se prezão os Emperadores em todos os Textos do Codigo, porque os Principes, & os Juizes fazem hum corpo. 57

12 Conforme a isto, sempre os ministros Jurisperitos forão tidos na mayor estimação. Na Escritura sagrada 85 se equivocão, & ajuntão com os grandes Principes. Os Emperadores Romanos quando os nomeavão, lhes chamavão *Amigos*. 59 O Emperador Sigismundo os antepunha às pessoas de mayor

52 *Jul. de Castilho Histor. dos Godos, 4 disc. 4.*

53 *Exod. 18. 18.*

54 *Deuteron 16. 18.*

55 *Tacit. annal. l. 1.* Nec unius mentem esse tantæ molis capacem: *& lib. 3.* Principem sua scientia non posse cuncta complecti.

56 *Notat Bened. Ægidius in L. Ex hoc jure cap. 3. n. 9. ff. de just. & jur.*

57 *Roland. à Valle cons. 1. n. 2. in 3. vol.*

58 *Josue 24. 1. Ecclesiastic. cap. 10. à n. 1. & n. 27. Baruch. 6. 13. Dan. 3. 92. & cap. 6. 7. Act. 7. n. 27. & 35. ac passim.*
Nota Cerisiers no Tacito Francez nas reflexiens polit. sobre a vida de Filippe o Bello, sect. 3.

59 *In L. Divi fratres 17. ff. de jure patron. & in L. 4. de contrah. stipul.*

mayor qualidade. 60 O Papa Calìxto III. ſe jactava de que o Eſtado da Igreja tinha muytos: 61 Caſſaneo faz Catalogo das prerogativas que gozão em varias partes. 62 Bovadilha, 63 fallando de Caſtella, refere largamente, como ſempre os melhores Principes os tiverão em ſeus mais intimos conſelhos; & notorio nos he como naquelle Reyno os Oìdores chegão ao Conſelho d'eſtado, & às Preſidencias, como qualquer Titulo, & Grande.

60 *Bapt. Ignat. lib. 3. de Rom. Princ.*
61 *Jovian. Pontan. lib. de Princ.*
62 *Caſſan. ſupr p. 10. conſid. 8. 24. & 41.*
63 *Bovadilha pol. l. 1. cap 10. à n. 33.*

13 A queſtão de precedencia com as armas, ſe deve definir conforme ao que diſſe o Emperador Juſtiniano: que *à Mageſtade Imperial importa naõ ſó eſtar ornada com armas, ſenaõ tambem armada com leys*: 64 tanto unio humas, & outras, que por communicação lhes trocou os effeytos, dizendo que as armas ornão, & as leys armão. Em outro Texto accreſcentou, que *humas neceſſitavaõ ſempre das outras*, 65 porque (como diz o Prologo das Ordenaçoens de Portugal 66) *Aſſim como as leys com as forças das armas ſe mantèm: aſſim a arte militar com a ajuda das leys ſe ſegura.* De Romulo eſcreve Dionyſio Halicarnaſeo, que poz grande cuydado em fazer leys, *porque entendeo que com ellas ſe faria aquella ſua idade pia, temperada, juſta, & forte na guerra.* 67 Iſto praticou o meſmo Deos, quando para cumprimento da Juſtiça, com que deſterrou noſſos Pays, por quebrantadores da ley, uſou da eſpada do Cherubim; 68 & dentro do Ceo conſideramos o meſmo, quando attribuimos à eſpada do Archanjo S. Miguel a cahida a que Lucifer, & os ſeus forão condenados; 69 & aſſim pela eſpada ſignificou David 70 a Juſtiça, & ſe pinta a Juſtiça com a eſpada na mão.

64 *In Proœm. Inſtit.* Imperatoriam Maieſtatem, non ſolum armis decoratam, ſed etiam legibus oportet eſſe armatam.
65 *In L. 2 C. de Juſtinian. Cod. confirm.* Iſtorum enim alterum alterius auxilio ſemper eguit.
66 *Ordin. Luſitana in Prologo.*
67 *Dion. Halicarnaſ. lib. 2 antiquitat.* Intellexit Romulus rectis legibus, honeſtorumque ſtudiorum æmulatione, piam, temperantem, juſtam, belloque fortem civitatem fieri.
68 *Gen. 3. in fine.*
69 *Apocalypſ. 12 7.*
70 *Pſalm. 44. 4.*

14 Em uniaõ tão neceſſaria, mal ſe poderà achar precedencia; pois ainda que a mayor antiguidade favoreça a Juriſprudéncia, não baſta ſem outras qualidades 71 mayores; & eſtas em ambas ſaõ iguaes; porque a materia, & fim he hum meſmo, de conſervar a Republica: & as partes do homem que obra, ſaõ igualmente nobres, obrando nas leys a cabeça, nas armas o coração, aſſentos da vida, & principaes inſtrumentos das acçoens, pois do coração ſahem os intentos, 72 & do juizo a diſpoſição; & aſſim como he verdade, que tambem nas armas obra o juizo, diſpondo o que o coração intenta com valor; aſſim he certo, que na Juriſprudencia obra o coração, dando valor para executar o que entende o juizo; valor muyto neceſſario aos Juizes, porque todas as virtudes tem contra ſi ſós os vicios, a que mais facilmente ſe dá repulſa. A' temperança combatem ſós os glotoens: à caſtidade os laſcivos: & aſſim diſcorrendo pelas mais; ſó a Juſtiça tem contra ſi os máos, & tambem os bons a que ſe deve reſpeyto; pedem os Religioſos, intercedem os melhores da Republica, & os Grandes de quem ſe depende, para que ſe faça hum favor injuſto; he neceſſaria muyta conſtancia para reſiſtir.

71 *Diximus in append. ad Luſit. lib. cap. 5. n. 23.*
72 *Matth. 24. 10.*

15 Por iſto diſſe o Cardeal Hoſtienſe, 73 que os Juizes

73 *Hoſtienſ. in Proœm. ſumma relatus à gloſſ. margin. in L. 1 ff. de juſt. & jure.*

que obraõ o que devem, fazem tam boa vida, como quaesquer Religiosos: do que merecem com Deos os bons Advogados, diz muyto o Padre Engelgrave 74 moderno elegantissimo. O Santo Job diz de si mesmo, que era Juiz na porta da Cidade, 75 onde estava o Tribunal da Justiça. 76 Dionysio Areopagita, Juiz no Senado de Athenas, foy tam grande Santo, que em seu martyrio glorioso, caminhou mysteriosamente com a cabeça nas mãos, mostrando, que se os màos Juizes poem na cabeça as mãos com que tomão; (& por isto os Thebanos faziáo as estatuas dos bons Juizes sem mãos) 77 elle occupàra as mãos com a cabeça, porque não tomassem: de poder de outros sahirião as partes com as mãos na cabeça; mas elle foy tal, que podião todas as cabeças porse nas suas mãos. De Moysés diz São Bernardo 78 que foy Advogado do povo de Deos; o mesmo fez Daniel por Susana, 79 convencendo as testemunhas 80 muyto conforme a Direyto: S. Philogonio, de Advogado foy chamado para Bispo, 81 no tempo em que elles se escolhiaõ Santos: Santo Ambrosio foy onze annos Orador de causas na Corte de Milão, 82 & por santidade escolhido para seu Arcebispo: S. Ivo foy Advogado com duas excellentes qualidades, que notou Surio, 83 que o fazia de graça, & não usava de dilaçoens: S. Eleazaro Conde professou ser Advogado dos pobres; estando hum dia sentado à mesa lavando as mãos para começar a jantar, chegou hum, pedindolhe fosse despachar hũa sua petição; levantouse, & foy ao Paço despachalla; depois veyo jantar 84 Deyxo por brevidade os illustres Boecio, Symmacho, Theophilo, Sulpicio, Severo, Germano Antissidorense, Moro, & outros de santidade rara; remetendo-me ao que escreveo o Padre João Bautista Fragoso, Doutor clarissimo, & ultimamente o muyto curioso Henrique Engelgrave. 85 He a Jurisprudencia milicia, como expende hum Texto dos Emperadores, 86 que, como diziamos, 87 requer valor para obrar, como o tiverão estes Santos.

16 Se conduz a preferẽcia à qualidade dos altos sugeytos, que professárão as armas; todos os Principes procurão mostrar, que por officio professaõ as leys, jactando-se de que todas estaõ em seu peyto, 88 chamando-se ley animada. 89 Ao Emperador Carlos Magno elegérão os Romanos por defensor com titulo de *Advogado* contra os Reys dos Longobardos; 90 & escusa outros exemplos dizer o Evangelista Saõ Joaõ, que *Jesu Christo* he nosso Advogado diante de seu Eterno *Pay*; 91 & chamar a Santa Igreja à *Virgem* Maria *nossa Advogada*. 92

17 Conforme a esta uniaõ da Jurisprudencia com as armas, praticavão os Romanos entre ellas indubitavel igualdade; em hum mesmo Senado definiaõ as causas, & tratavão a guerra, sendo os Ministros juntamente Jurisperitos, & Soldados, que dos auditores de Roma sahiaõ a governar os exercitos das Provincias; nem podia ter lugar superior na milicia,

74 *Henric. Engelgrave in Cælo Empyr. tom. 1. fest. S Ivonis §. 2. cum D Thom. 2. 2. q. 71. art. 1 & alijs DD.*

75 *Job 29 7.*

76 *Diremos na 2. p. cap. 14. n. 4.*

77 *Fr. Heytor Pinto tom. 2. dial. 4. c. 16.*

78 *D. Bern. ep. 78. statim post princ.* Fidelis advocatus, &c.

79 *Engelgrave d. §. 2. in prin. v. hubent.*

80 *Dan. 13. 51. cum seqq.*

81 *D. Chrys orat. de B. Philogonio, in tom. 3.*

82 *Cassiodor. var. lect. cap. 20.*

83 *Surius die 19. Maij.*

84 *Binet. in vit. S. Eleazar.*

85 *Fragoso de Regim. Reip. Christ. p. 1. l. 5. disp. 13. n. 135.*

86 *L. Advocati 14. C. de Advoc. divers judicior.*

87 *Suprà n. 14.*

88 *Text. in L. Omnium 19. C. de testam.* Toto jure, quod in nostris est scrinijs constitutum.

89 *Auth de cõsul. §. ult collat 4.*

90 *Engolismensis in histor. Caroli Magn.*

91 *Joan ep. 1. c. 2. n. 1.* Advocatum habemus apud Patrem. Jesum Christum.

92 Eia ergo Advocata nostra.

milicia quem não fosse Letrado; parecendolhe (diz Pomponio Leto) 93 que melhor se faria a guerra por sabios: o Emperador Carlos V. para sossegar o levantamento do Perù, mandou os Licenciados Pedro Gasca, & Vacca de Castro, que o sossegárão vencendo muytas batalhas: Bovadilha refere neste pensamento outros exemplos. 94

18 Depois que por incuria dos tempos faltou a felicidade de haver homens scientes em ambas as disciplinas, se controverte a preferencia entre letras, & armas. 95 O grande Affonso Rey de Aragão, sendo nella perguntado a qual era mais devedor, respondeo 96 *que pelos livros conhecèra as armas.* El-Rey de Castella Dom Filippe o *Prudente*, por aquellas razoens as igualou, ordenando que nos Tribunaes concorrendo Conselheyros de toga, & de espada, se precedessem só pela antiguidade, como se vè no Regimento mal praticado do Conselho da fazenda de Portugal.

19 He verdade que ha togados, que o douto Graciano 97 chama *moedas cerceadas*, porque não tem letras: *& Doutores de necessidade*, porque não tem ley: a hum destes chamado Publio Concio, sendo perguntado em huma causa como testemunha, & respondendo, *que nada sabiá*, disse galantemente Marco Tullio Cicero: *Cuydais que vos perguntaõ de Direyto?* 98 A outros chama o curioso Nevisano 99 *Doutores de placebo Domino*; quadra aos que por subirem a lugares procurão vilmente contentar aos mayores, muytas vezes contra suas consciencias, & sempre contra seu decoro: huns, & outros desacreditão a dignidade para os pouco entendidos, como hum Frade escandaloso a sua Religião.

20 Mas nem o Frade o he só pelo habito, sem profissaõ regular: 100 nem o Letrado o he só na toga, ou no grão, sem sciencia: 101 Doutor sem letras, notou Nevisano, 102 que he fonte sem agua, & que não he *Doutor*, mas *dor*: ministro sem gravidade, disse Salviano, 103 que he *ornamento no lodo.* Com os entendidos nem o máo Frade prejudica á santidade da Religião, nem o ignorante, ou vil Ministro à excellencia da dignidade, a huma, & a outra se conserva o respeyto. O máo Religioso peccou: o ignorante pecca tambem, metendo-se no que não sabe; 104 & como se expulsa o Religioso incorregivel, tambem alguns Doutores se privárão já dos grãos recebidos indignamente; 105 & muytos vemos que deverião ser privados dos Magistrados, se os Principes entendessem, que a sua authoridade pende da que derem às leys, como disse hum Texto; 106 & q̃ em seus Ministros saõ os Principes avaliados, como notou Cassiodoro, 107 culpando-se no que elles peccão; 108 & he pensaõ dos Reys, deverem responder a Deos tambem pelos peccados alheyos, como considerava David. 109

93 *Pomp. Let. de Magist. Rom.* Bellum enim sapientis optimè geri putabant.

94 *Bovadilha d. cap. 10. n. 35.*

95 *Trata a questaõ depois de outros Franc. Nunes de Velasco, nos Dialogos da contenda entre a milicia, & a sciencia. Joaõ Pinto Ribeyro, no Trat. da preferencia das letras às armas.*

96 *Franc. Tamara in dictis Alphons. Reg.*

97 *Stephan. Gratian. discept. for. tom. 1. 186. n. 41.*

98 *Refert Joan. Nevisan. in Sylv. nupt. l. 5. n. 39. & 40.*

99 *Nevisan. sup.*

100 *Cap. Porrectum 13. & cap. Ex parte 22. de regular.*

101 *Bovadilha pol. t. l. 1. cap. 6. n. 38*

102 *Nevisan. dicto loco.*

103 *Salvian. de ver. judic. Dei l. 4. in princip. De his diximus in tract. Perfect. Doctor. qualit. 13. n. 5.*

104 *Nevisan. sup. n. 54.*

105 *Refert Stephan. Costa in tract. de Ludo, in praefat. n. 2. vide Gratian. sup. n. 31.*

106 *L. Digna vox 4 C. de leg.* De authoritate juris nostra pendet authoritas: *& ibi glossa.*

107 *Cassiodor. l. 5. ep. 13.* Quidquid de vobis fama loquitur, nostris institutionibus applicatur.

108 *Flescul. hist. p. 2. c. 2. ad fin.* In Principe culpa est suorum flagitium.

109 *Psalm. 18. v. 14.* Et ab alienis parce servo tuo.

CAP.

CAPITULO XII.

Como Adam, & Eva foraõ lançados do Paraiso Terreal; esquecimento que nos ficou do Ceo; lembranças que Deos faz delle, & como as desprezamos.

1 DAda sentença, diz o Texto sagrado, 1 que lançou Deos a Adam, & *Eva* do Paraiso Terreal; sinalão Authores graves 2 que à hora de Noa, que pela nossa conta saõ tres da tarde; o Padre Bento Fernandes Escriturario doutissimo diz, que os lançou por ministerio de hum Anjo, & que podia ser o Cherubim que ficou por guarda. 3 Hum livro douto, que dos Anjos compoz o Padre Frey Guilhelme da Payxão, Abbade Géral que foy da Ordem de Cister neste Reyno, Reformador da Ordem Terceyra de S. Francisco, & Confessor do Cardeal Infante Dom Henrique, depois Rey, o qual anda manuscrito, 4 diz que pelo Archanjo S. Miguel.

2 Disse Deos que lançava a Adam, porque não comesse da outra arvore, 5 chamada *da vida*, & vivesse para sempre; que tinha ella tal virtude, ou pelo menos de alargar muyto o viver; 6 & para a guardar poz hum Cherubim com espada de fogo. Pudèra haver comido della sem peccado, pois não tinha prohibição, antes permissaõ para todas, excepta a *da sciencia do bem, & do mal*; 7 mas agora não quiz Deos que comesse, porque vivendo mais, peccaria mais; pelo que este desterro, diz Saõ Chrysostomo, 8 não foy indignação, mas providencia piedosa do *Senhor*.

1 *Genes.3.23.*

2 *Pineda na Monarch.Eccles.p.1.l 1.c.11. §. 1. com Moyses Barcepha de Paradiso.*

3 *Fernando in 3.Genes.sect.42. n.1.*

4 *P.Frey Guilhelm. da Payxaõ tract.1 c.7.*

5 *Suprà cap.4.n.3 in fine.*

6 *D.Thom.1.p.q.97.art.ult. D.Bonavent.& Gabriel, cum Mag. Sent.l.3.dist.19 q 1. Scot.l.3.dist.19 q.1. Fernand.2.Gen sect.4.n.7.*

7 *Genes.2.15.& 17.*

8 *D Chrysost.hom.18.in Gen.& homil.26. post princip. vide suprà c. 10.n.ult.*

3 Sahirão a vagar pelo mundo, que não conhecião. Se a patria mais aspera he tão doce, como Ovidio mostrou, dizendo, que das delicias de Roma fugia o Scytha para os gelos da sua: 9 quaes sahiriaõ aquelles desterrados de patria toda felicidades? como os que levantaõ ancora, & soltão vèlas, engolfando-se nos mares, não tiraõ os olhos da terra em quanto a alcanção; assim Adam, & *Eva* os não apartarião daquella patria em quanto se lhes permittisse; & depois lhe deyxariaõ os coraçoens. Primeyro as lagrimas, que a distancia, os privarião de sua vista, & com suspiros lhe quererião chegar. *Eva* nascida no mimo do Paraiso, como caminharia descalça por terra, que Deos amaldiçoára para produzir espinhos! 10 E que dor teria seu esposo, vendo-a padecer! Hum Filosofo consolava a hum innocente desterrado, com que levava por companheyra a justiça, que deyxando os injustos, hia padecendo com elle o mesmo desterro; 11 mas a nossos Pays a consideração contraria augmentava a pena, pois levavão por companheyra a consciencia culpada, que justifica o castigo. 12

9 *Ovid.1.de Ponto.*
Nescio qua natale solum dulcedine cunctos
Ducit, & immemores non sinit esse sui.
Quid melius Roma? Schythico quid frigore peius?
Huc tamen, ex illà barbarus urbe fugit.

11 *Genes.3.18.*

11 *Petrarch. de advers. fort. Dial.67.de exilio.* Habes injusti exilij solatij comitem justitiam, quæ injustos cives destituens, te secuta tecum exultat.

12 *Psalm.50.4.* Peccatum meũ contra me est semper. Latè Senec.ep.98.ad fin.l.16.

4 Diz

4 Diz São João Chryſoſtomo 13 que os poz Deos deſterrados perto do meſmo Paraiſo, para q̃ à viſta do bem perdido lhes augmentaſſe a pena, & provocaſſe arrependimento; que os caſtigos divinos involvem favores. Outros Authores eſcrevem, 14 que deſcérão para a parte de Jeruſalem; & alguns accreſcentão 15 que parárão no lugar em que foy depois a meſma Cidade; alivio lhes fora conhecer o myſterio; mas ſem o conhecer, que conſolação teria quem ſe via perdido; & a ſua deſcendencia no temporal, & no eterno?

5 O peyor foy que com a injuſtiça original deyxáraõ a ſeus deſcendentes hum natural eſquecimento (por naõ dizer averſaõ) do melhor Paraiſo que aquelle figurava. 16 Somos como filhos naſcidos, & creados no carcere, q̃ o não eſtranhão, antes ſe eſpantão de verem que a mãy os chora. 17 Herdámos daquelles pays o deſterro, & não as ſaudades; da natureza nos derivou a doença, & não o remedio. Nos Hebreos ſahindo da patria para a tranſmigraçaõ de Babylonia, ſó ſe vião lagrimas por ſua perda: depois de habituados á ſervidão, a reputavão como natural; tomárão os coſtumes, & lingua da terra em que eſtavão; eſta lhes parecia bem, ſem ſe lembrarem da ſua ſenaõ raramente: aſſim nos deſterrados do Ceo, cativos de miſerias, já pelo coſtume, não ſentimos o mal; ao mundo amamos como patria, ſeus uſos nos agradão, fallamos a ſua lingua, & eſta he a vida que ſó queremos.

6 Deos como Pay, dizem S. João Chryſoſtomo, & Santo Agoſtinho, 18 para deſejarmos tornar à noſſa patria, nos eſcreve cartas com novas della, & nos aviſa da melhoria que lá teremos, com todas as razoens que nos devem perſuadir. Eſtas cartas ſaõ as Eſcrituras ſantas, que nos moſtrão o que deſte mundo não podemos ver por muyto ſuperior; dizem-nos que aquella patria he allumiada de huma luz intelligivel; Sol que não tem occidente, nem padece eclipſe, nem ſe lhe oppoem nuvens; cujos rayos eſtão ſempre igualmente claros, fazendo hum dia que não tem fim. Nella nos deſcrevem 19 huma Cidade edificada em quadrado, por mayor fortaleza; cujos muros ſaõ de luzidiſſimo jaſpe, alicerſes de pedras precioſas, com doze pedras, cada huma de ſua perola; por dentro toda de ouro, tranſparente como vidro, para que o interior ſe veja; regada de hum rio como cryſtal corrente, cujas ribeyras povoaõ arvores, que cada mez dão doze vezes fruto. Dizemnos 20 que alli reyna a verdade ſem combate de mentira: que as leys ſe reduzem à caridade, que faz indiſſoluvel união de todos os moradores; que eſſes poſſuem riquezas que não pòdem ſer roubadas; 21 logrão ſaude, q̃ nem morre, nem adoece; eſtão em banquete, 22 que ſempre dura, & nunca enfaſtia; que mata a fome, & deyxa appetite; que farta, ſem offender a temperança; em que o Rey ſerve à meſa, 23 & iguaria he o meſmo Deos; que eſtão livres das payxoens do corpo, & poſſuidores

13 *D. Chryſoſt. d. hom. 18. & Serm. 2 de Lazaro. Alij apud Perer. in Gen. l. 6. n. 196.*

14 *Pined d p 1 l. 1. cap 6 §. 3.*

15 *Matute na proſ p. de Chriſtoidade 1. cap. 4 §. 2. cum Catharino in Gen.*

16 *Fernand. ſuprà ſect. 53. n. 4.*

17 *Ita D Bernard Serm. de primord. med. & noviſ ante med.*

18 *D. Chryſ in Gen. 2. ante med.* Suam erga illos amicitiam renovare volens, quaſi longè abſentibus literas mittit, conciliaturus ſibi univerſam hominum naturam. *D. Auguſt. in Pſalm. 64.* Miſit ad nos inde epiſtolas pater noſter, miniſtravit nobis ſcripturas Deus, quibus epiſtolis fieret in nobis redeundi deſiderium.

19 *Apocalypſ. 21. 22.*

20 *D. Aug. ep. 5. ad Marcell* Ubi Rex veritas, ubi lex charitas, ubi modus æternitas.

21 *Matth. 6. 20. Luc. 12. 33.*

22 *Matth. 22.*

23 *Luc. 12. 37.* Faciet illos diſcumbere, & tranſiens miniſtrabit illis.

res das felicidades do eſpirito; finalmente, que gozão gloria indiviſa, & commua, nem viſta, nem ouvida, nem imaginada; tão grande, 24 que tendo-a huns mayor, nenhum (em certa maneyra) a tem menor; porque a todos ſe enche o deſejo; gloria inexplicavel a palavras, pois he incomprehenſivel ao conceyto; Glorioſa Cidade, que nada tem que moleſte, & tem tudo o que deleyta!

24 *Iſai.64.4.D.Paul.1.ad Corint.2.9.*

7 Santo Agoſtinho, 25 lendo cartas de Saõ Paulino, que nunca tinha viſto, lhe reſpondeo, que era impoſſivel ler ſuas cartas ſem hum extremo deſejo de o ver: *Que agradaveis ſaõ!* (dizia o Santo ao Santo) *que doce eſtylo tem! naõ vos poſſo exprimir noſſa alegria quando as recebemos; em chegando, todos as tomamos para as ler: & todos em as lendo ficaõ tranſportados com hum perfume do Ceo. Mas como na vida naõ ha conſolaçaõ perfeyta, eſte goſto nos fica aguado, vendo que a natureza nos poz em lugares tam diſtantes, que naõ podemos lograr voſſa viſta como o eſpirito de voſſas cartas. O' ſervo de Deos, meu caro irmaõ, naõ vos conhecia minha alma; digolhe, que tolere voſſa auſencia, & naõ me quer obedecer; eu ſeria o inſofrivel a todos, ſe pudeſſe ſofrer eſta auſencia.* 26 De pedra he o coração, que desfeyto em ſaudades não diz o meſmo, vendo nas Eſcrituras divinas as excellencias tanto mayores de Deos, que com os olhos corporaes não vio, mas cuja bondade não pòde ignorar pelos effeytos: ellas lhe dizem que ſuas perfeyçoens ſaõ infinitas; que ſua eſſencia faz bemaventurados; & que ſua viſta em certa maneyra transforma como em Deoſes os que chegão a ella, pois o goſto intimo daquella divindade penetra, como Sol a nuvem, todas as potencias.

25 *D.Aug.ep.31.*

26 Quod ſi æquo animo ferrem, æquo animo ferendus non eſſem.

8 Se por ver a Salamão fez à Rainha Sabá jornada tam larga: 27 ſe dos ultimos fins de Heſpanha foraõ a Roma Heſpanhoes, ſó por verem a Tito Livio: 28 ſe todo o curioſo, & bom juizo fizera hoje as mayores diligẽcias por ver (ſendo poſſivel) os varoens que houve famoſos em qualquer illuſtre qualidade; quem não deſejará, & anhelará com ſuſpiros ver junto em Deos por modo eminentiſſimo, & ineffavel, mayor ſaber, valor, poder, riqueza, ſantidade, & excellencias, que as de todos os inſignes homens, que já mais houve, nem pòde haver?

27 *3.Reg.10.*

28 *D.Hieron.in prol Biblior.Et vide in 2.p cap.64.n.41.*

9 Se a conſideração da fermoſura move, & obriga atè aos màos, & aos barbaros; 29 & por relaçoens houve muytos amantes; qual ſe pòde comparar àquella primeyra, & increada Idèa da belleza? Poſto que o pincel da eloquencia nem delinear poſſa tam amavel roſto, o fervoroſo deſejo ſe atreve na ſimplicidade a tanta empreza, não ſó (como fizerão muytos) argumentando *à poſteriori* da belleza das creaturas; mas *à priori*, tirando os delineamentos do original divino: *Toda a fermoſura do corpo*, diz Santo Agoſtinho, *he huma congruencia, ou proporçaõ, & conſonancia das partes, juntas com ſuavidade de cor.* 30 Deos, que nem tem membros, nem cor, nem he capaz de luz

29 *Heliodor.l.1.* Pulchritudinis ſpecies atque conſideratio ea vi pollet, ut prædonum ipſorum corda emolliat, moreſque efferos ducat in obſequium.

30 *D.Aug.de Civi.Dei l.22 cap.19.* Omnis corporis pulchritudo eſt partium congruentia cum quadam coloris ſuavitate.

cor-

corporea, he summamente bello pela congruencia, & consonancia de seus attributos, & perfeyçoens, & pelo esplendor do acto puro, & puridade da essencia, que podemos imaginar membros da Deidade incorporea.

10 Consideremos a proporçaõ entre a sua Immensidade, & sua Eternidade. Aquella enche todo o espaço; esta todo o tempo: aquella està toda no mais pequeno lugar sem se restringir; esta corresponde a qualquer momento sem se diminuir: aquella occupa toda a quantidade sem extensaõ quantitativa; esta consiste em todos os seculos successivos sem successaõ: hũa naõ tem termo, nem medida; outra naõ tem principio, nem fim; todos os espaços saõ copias da immensidade, como de seu original: todos os annos reconhecem a eternidade por seu prototypo. A mesma correspondencia ha entre a Misericordia, & a Justiça: a Misericordia he sem compayxaõ, só por nos fazer bem; a Justiça sem payxaõ, só por zelo do recto: 31 a Misericordia sem nossos meritos se funda na sua bondade; a Justiça remunerando, se apoya na mesma bondade, que nos deo meritos antecedentes, 32 & a cada hum premîa, ou castiga para eterno. Semelhante he a consonancia da Omnipotencia, & da Bondade; a Omnipotencia cria de nada, a Bondade occasiona na creatura fazerse digna, & amavel, para que a mesma Omnipotencia se lhe communique; 33 & assim a Omnipotencia nos conserva, a Bondade nos fomenta: a Omnipotencia obrando, tem por fim a Bondade, & a Bondade tem por meyo a Omnipotencia, pois esta creou de nada o que lhe offerece, & com o braço da Omnipotencia nos faz a Bondade uteis as creaturas. A mesma harmonia se acha entre o Entendimento, & a Vontade Divina; entre a Unidade, & a Trindade; entre a Infinidade, & a Simplicidade; entre a Incomprehensibilidade, & a Infallibilidade; entre a Immutabilidade, & a Liberdade; & entre tudo o mais que ha em Deos, que deyxamos de expender por largo, & por nos tirarmos do que he Theologico puramente. 34

31 D.Thom.1.p.q.21.

32 D.Aug. de grat. & liber. arbitr.c.6.

33 D.Thom.dict.1.p q.20.art.2.

34 De tudo trata largamente o P.Anton.Guilherme, liv. da Santissima Trindade disc. 35.

11 Todas as bellezas saõ, naõ só limitadas, mas tambem finitas em suas partes, de modo que no rosto humano mais bello, huma parte não tem a fermosura do todo; huns fermosos olhos não tem a graça da boca, nem a boca tem a vivacidade dos olhos. O nariz perfilado não tem o florido das faces, nem estas o decòro da fronte; cada parte está restricta em si mesma. Na fermosura de Deos, cada parte, ou membro (declaremonos assim) tem tambem a fermosura dos outros: a Omnipotencia não só he bella, porque pòde tudo, mas porque tem a perfeyção de todos os outros attributos; he a Omnipotencia infinita, boa, eterna, immudavel, misericordiosa, justa, incomprehensivel, & sabia: a Sabedoria he bella, não só porque conhece, & comprehende tudo; mas porque he sabedoria incomprehensivel, justa, misericordiosa, immudavel, eterna, boa, infinita, omnipotente; assim he em todos os mais attributos, de

modo,que à orelha da Piedade não falta a graça da boca da verdade: as faces da Misericordia, & da Justiça, tem a viveza dos olhos da Sapiencia, & Providencia: tam bellos saõ os olhos, & qualquer outra parte, como todo o rosto, & como todo Deos.

12 Sobre tudo he a cor suave (que requer Santo Agostinho) desta belleza subsistir em si mesma sem dependencia, & ser por essencia eterna, & immudavel. O' belleza, ò graça, ò venustidade do meu bellissimo Creador! (exclama hum espirito devoto) 35 quem de ti se naõ namora, naõ sey se vive, & se vive, naõ vive vida humana, mas de bruto animal; antes na visaõ de Ezechiel 36 até ao boy, o mais pezado animal, porque tinha olhos para ver no carro huma figura da gloria, nascéraõ azas com que voava.

13 Parece impossivel que nestas lembranças naõ sintamos nosso desterro; & que o fogo dos desejos naõ mostre inclinaçaõ em algumas faiscas de voar, & subir a seu centro desatado da materia que o detem; dizendo com o Apostolo, 37 *Quem me livrará do corpo desta morte*? ou com David, 38 *Como podemos alegrarnos em terra alhea*? repetindo muytas vezes, *Minha alma deseja chegar a Deos, como o Cervo às fontes; deseja chegar a Deos fonte viva: quando chegarey, & apparecerey diante de sua face? minhas lagrimas me saõ mantimento de dia, & de noyte, dizendome cada dia: Aonde està teu Deos? Muyto se prolonga meu desterro; quem me darà pennas para voar, & hir descançar nesses amaveis tabernaculos do Senhor das virtudes*? 39

14 Mas nem cada dia, como David, nem hum dia cada anno como os Possidoniates, fazem os homens esta reflexam. Os Possidoniates, havendo perdido com o tempo os costumes, & lingua Grega, & tomado isto de naçoens barbaras, tinhaõ destinado em cada anno hum dia para chorarem aquella perda, & trazerem à memoria a lingua que haviaõ deyxado; crendo que naõ era de entendidos, naõ sentir a privaçam daquelle bem, & entregallo ao esquecimento. 40 O grande Padre Santo Agostinho 41 diz que no desterro do Ceo, & cativeyro do peccado, deyxamos a lingua do Ceo, tomamos a do mundo que nos he estrangeyra, & barbara. Porque irracionalmente deyxamos esquecer a primeyra, nem entendemos aquellas cartas divinas, nem as vozes com que as maravilhas de todas as creaturas nos estaõ sempre instruindo, 42 nem a do mesmo Deos que cada hora nos falla ao coraçaõ taõ sensivelmente, que naõ podemos deyxar pelo menos de ouvir o sonido, fechamos os ouvidos como insensiveis, 43 por mais que o mesmo Deos nos prègue 44 que ouçamos, pois temos orelhas para ouvir. Por isto faz muytas vezes que tambem nos naõ entende quando clamamos, como disse pelo Profeta Zacarias. 45 Se cuydassemos das cousas divinas, tambem elle cuydaria de nòs, disse S. Chrysostomo. 46

35 *P. Ant. Guilherm. sup. vers. Madeciamo, no fim.*

36 *Ezechiel* 1.

37 *D. Paul. ad Rom.* Quis me liberabit de corpore mortis hujus?

38 *Psalm.* 136. *v.* 5. Quomodo cantabimus in terra aliena?

39 *Psalm.* 41. Quemadmodum desiderat servus, &c.

Psalm. 119. *v.* 5 Heu mihi quia incolatus meus prolongatus est.

Psalm. 54. *v.* 7. Quis dabit mihi pennas sicut columbæ, & volabo, & requiescam?

Psalm. 83. *v.* 1. Quàm dilecta tabernacula tua, Domine virtutum! concupiscit, & deficit anima mea in atria Domini.

Plura pulcherrimè P. Herman. Hug. in pijs desider. l. 3. voto 7. cum seqq.

40 *P. Lysieux na philos. Christ. p.* 1. *c* 6.

41 *D. Aug. in Psalm.* 136. Hujus sæculi lingua barbara est, quam in captivitate didicimus.

42 *Paul.* 1. *ad Corinth.* 14 10. Nihil sine voce est.

43 *Psalm.* 134. *v.* 16. Aures habent, & non audient; neque enim est spiritus in ore ipsorum.

44 *Matth.* 13. 9. *&* 43. Qui habet aures audiendi, audiat. *Marc.* 49. *&* 23. *Luc* 8. 18.

45 *Zachar.* 7. 13. Sic clamabunt, & non exaudiam.

46 *D. Chrysost in Gen. hom.* 14. *in fine.* Si nobis curæ fuerint divina, & ipse quoque Deus pro nobis sollicitus erit.

15 *Se alguem nos quer lembrar aquella lingua ; ou desta-par os ouvidos,em vez de lhe pagarmos como a mestre, ou medico,o matamos; bem se vè em tantos Martyres, & outros Santos Varoens perseguidos. Se em fim ouvimos, ou lemos aquellas cartas, & escrituras santas, he para as contradizermos. Os Gentios lhe chamavão fabulas, peste da verdadeyra religião antiga, & muytos Emperadores Romanos buscàrão todos os livros sagrados, como criminosos de lesa Magestade, para os queymarem, porque mais se não lessem. Os Judeos não admittem a Concordia clara do velho, & novo testamento,& por naõ quererem entender a Ley da Graça, ignorão a que professaõ entender. Os hereges tirão, & accrescentão letras: arrancão à sua vontade as escrituras repugnantes, 47 pondo-as a tormento com interpretaçoens, & contra o mesmo Deos com implicaçoens; & se chamão *Catholicos Apostolicos*; como os sediciosos, que para titulo de seu furor, tomão hum pretexto especioso, ou violentão hum grande para sua cabeça. Os Catholicos verdadeyros as equivocão para seus intentos, fabricando erros da verdade, como disse Tertulliano: 48 o avarento se escusa com os lugares que encomendão providencia: o prodigo se val dos que louvão a liberalidade: o murmurador diz que tem zelo: o delicioso, que Deos manda conservar a vida: o que furta, se funda em ley de compensação: & outras vezes (como Judas no unguento da Magdalena, 49) diz que ajunta para obras pias: a vingança nos ministros poderosos se cobre com a capa da justiça; querem que o bem publico se dè por obrigado à sua crueldade, & sua ira: procurão persuadir, que não tem mais interesse que o da Republica,& que a malicia com que castigão, nenhum parentesco tem com seu sangue: mata Herodes ao Baptista; & cobre-se com observancia do juramento 50 pedem os Judeos a morte de *Christo*, & fundão a petição em ley; 51 traça aprendida de Satanás, querer justificar precipicios com authoridades santas da Escritura. 52 Já Tacito disse que para os vicios se pertendião nomes honestos. 53 Todos torcem para sua protecção as letras sagradas: louvão sua belleza, mas não abração sua virtude. Peyores somos os que sem rebuço as offendemos,quando protestamos venerallas; como os que injuriavão a *Christo* nosso bem, no mesmo tempo que lhe chamavaõ *Rey*, & mostravaõ adorallo com os joelhos em terra. 54

16 Finalmente quasi todo o mundo naõ lé, naõ entende, ou naõ estima as cartas que Deos nos escreveo com novas de nossa patria; naõ permitta sua piedade, que ou pelas naõ lermos, como Julio Cesar a que o avisava da conjuraçaõ; 55 ou pelas naõ estimarmos, como ElRey Joram as de Elias, 56 cayamos em morte mais funesta. Como Santo Agostinho 57 introduzio ao *Senhor* dizendo que o amassemos tanto como hum avarento ao dinheyro; seja-me licito dizer que deveramos receber

47 *D. Hieron. ep ad Paul.* In depravare sentẽcias, & ad voluntatem suam scripturam trahere repugnantem.

48 *Tertullian. Apolog. cap.* 47. Omnia adversus veritatem de ipsa veritate constructa sunt; operantibus æmulationem istam spiritibus erroris.

49 *Joan.* 11. *n.* 5. *&* 6.

50 *Matth.* 14.

51 *Joan.* 19. 7. Nos legem habemus,& secundùm legem debet mori.

52 *Matth.* 4. Mitte te deorsum; scriptum est enim, &c.

53 *Tacit annal. l.* 1. *&* 14 Nomina honesta pertenduntur vitijs.

54 *Matth.* 27. 29 *Marc.* 15. 18 *Joan.* 19. 13.

55 *Plutarch & Suet. in ejus vit.*

56 *Paralipom.* 21.

57 *D. Aug de discip Christ.* Mẽ amare ut pecuniam; plus nolo amari, dicit Dominus; improbis loquor; avaris loquor, pecuniam diligitis, tantum me diligite.

ceber aquellas cartas do modo com que hum galante aceyta huma carta ocioſa, com agrado, com reſpeyto, abre com ancia, lè com attenção, cuyda que ha de achar myſterio que naõ alcançou da primeyra vez; torna a ler, & dàlhe explicaçoens, que não imaginou quem a eſcreveo: ſonha na repoſta; & a portadora, ou portador he muyto vil, a carta he muyto má letra, ſem virgula, nem ponto que diſtinga os periodos; tem palavras do uſo ſem conhecimento da ſignificação, & em muytas regras não tem ſubſtancia. O' Bom Deos! das cartas que nos vem do Ceo forão Secretarios, & ſaõ portadores, Profetas, Apoſtolos, Evangeliſtas, & Doutores Santos; quem os manda he Deos, o mais amavel amante: trataõ da materia mais grave pelo eſtylo mais alto; com elegancia ſem ſuperfluidade; & aſſim merecem tanto mayor agrado, reſpeyto, & attenção; ſerem recebidas com fé, & lidas com eſperança, interpretadas com amor, & cuydarſe de dia, & de noyte, como ſe lhes ha de reſponder, & como ſe ha de alcançar a companhia de quem as mandou. Porèm aſſim como os Poetas artificioſamente dizem, que Páris, nem eſtimava, nem lia as cartas de Enone ſua primeyra amada, porq̃ tinha os novos amores de Helena, aſſim não queremos novas do Paraiſo noſſa primeyra patria, porque nos impede a terra, que hoje he ſenhora de noſſa affeyção: ninguem pòde ſervir a dous ſenhores; 58 & he particular na amizade do mundo, fazernos inimigos de Deos. 59

58 *Matth.* 6. 24. Nemo poteſt duobus dominis ſervire.

59 *Epiſt. Jacob cap.* 4. 4. Neſcitis quia amicitia hujus mundi, inimicitia eſt Dei?

17 Terrivel conſequencia do deſterro de noſſos primeyros Pays! fazernos naturaes as miſerias delle, & perſuadirnos, que eſtamos na noſſa Patria, ſem nos querermos lembrar da verdadeyra: foy neceſſario que Deos amante, vendo que ſuas cartas erão deſeſtimadas, enviaſſe ſeu Filho, porque o reſpeytaſſemos. 60 Para nos levantar o deſterro, deſceo da Patria Celeſtial, & atè da ſua terreſtre andou deſterrado com ſua *Mãy* Santiſſima; 61 & em Jeruſalem, para onde noſſos Pays deſcèrão, 62 ſubio à Cruz, para ſubir noſſos deſejos à patria donde cahimos. Os que hoje vem, mas não vem 63 as cartas do Ceo; os que vem, mas não vem o que fez *Chriſto* porque as viſſemos, que enganados ſe verão no Juizo final! *Entaõ verão*, diſſe o *Senhor*. 64 Os deſterrados filhos de *Eva* na oração da *Salve*, que he o meſmo que *Ave*, clamamos à *Mãy* da Graça pelo remedio; com a troca do nome o veremos na ſegunda Parte, ſe clamamos de coração; aos que o tinhão no Egypto negou Deos entrarem na terra de Promiſſaõ, 65 poſto que no exterior caminhavaõ para ella.

60 *Matth.* 21. *Marc.* 12. *Luc.* 20.

61 *Matth.* 2. 14.

62 *Suprà n.* 4.

63 *Matth* 13. 3. Videntes non vident.

64 *Matth. ſuprà* 26. Tunc videbunt.

65 *Numer.* 14.

CAP.

CAPITULO XIII.

Como Deos vestio a Adam, & Eva antes de os lançar do Paraiso; como cresceo o excesso no vestir, por cegueyra do peccado, & que moderaçaõ deve haver.

1 ANtes do peccado a graça vestia a nossos Pays de resplandor; 1 logo que peccàrão, se cobriram, como já dissemos, 2 com folhas de figueyra, por pudicicia. Deos quando os quiz lançar do Paraiso, diz o Texto Sagrado 3 que lhes fez tunicas de pelles, & os vestio; prevençam contra a inclemencia dos tempos. 4 Que senhor lança hum criado por culpas graves, prevenindolhe conveniencias? foy misericordia, 5 que só cabe no generoso peyto de nosso Deos, que faz Sol, & chove sobre justos, & injustos. 6

2 As pelles forão de animaes, que para isto matou, 7 sem ficar faltando aquella especie, (no que alguns Doutores duvidárão) porque de todos tinha creado muytos, como advertio o doutissimo Pereyra; 8 & que não ha escritura que prove o contrario. Não se ha de entender, dizem os Expositores, que lhes fez os vestidos por suas mãos, mas por Anjos, ou com hum *Faça-se*, conforme a sua Omnipotencia.

3 Sete seculos se continuárão vestidos de pelles. Falto desta noticia, disse Lucrecio Poeta 9 que os primeyros homens andando nùs, se reparavão dos tempos entre as arvores. Pelos annos setecentos pouco mais, ou menos da creação do mundo, Noema sexta neta de Adam por seu filho Caim, inventou o Lanificio, 10 & fazer delle vestidos. 11 Teve Noema o louvor de mostrar às mulheres o em que devião occuparse. Na antiga Roma foy ceremonia dos casamentos mais graves, levarem diante da noyva, quando hia para sua nova casa, huma roca com linho, ou lãa, levantada em alto, 12 como bandeyra, em cujo exercicio havia de militar: & todos os antigos pintárão huma honesta matrona com hum jugo sobre o pescoço, & nelle huma letra que dizia: *sugeyta*; hum cadeado na boca, com letra que dizia, *callada*; apertada com hum cinto, & letra: *casta*; na mão direyta huma tocha acesa com letra *fiel*; na esquerda huma roca, com letra: *laboriosa*: 13 & o Espirito Santo nos Proverbios 14 a descreve fiando. Com o lanificio começárão os vestidos mais polidos; mas entende-se que ainda no tempo de Noè não havia calçoens, 15 porque se elle os tivera, não lhe succedèra descubrirse. 16

4 Passado o diluvio se deveo a Titea, (que os antigos chamàrão Vesta) mulher de Noè, 17 ensinar às mulheres deste novo mundo como se fiava, & tecia. 18 Depois se attribuhio a Pallas

1 *D.Basil hom.9.*
2 *Genes cap 3.v.7.*
3 *Genes.3.21.*
4 *Ben.Perer.in Gen.l.4.n.160.*
5 *Ben Fernand in 3.Gen. q.40. n.1.*
6 *Matth.5.45.*
7 *Abulens.in 3 Gen. Fernand.suprà.*
8 *Perer.in Gen.l.6.n.173.& l.14.n.14.*
9 *Lucret.l.5.* Et frutices inter cōdebant squalida membra, Verbera ventorum vitare imbresque coacti.
10 *Fascul.hist.p.1.cap.1.vers. sub hec tempora.*
11 *Fern.in 4.Gen.sect 19.n.7.*
12 *Pedro Mexia na silv.de var. liç.l.2 cap.16.*
13 *Matute na prosap.de Christ. idade 3.cap.3.§.3.*
14 *Proverb.3.19.*
15 *Pineda Monarch Ecclesp.1. l.1.cap.18 § 4. Fernand.in 9 Gen.sect.7.n.1.*
16 *Gen.9 21.*
17 *Beros.l.3.de flor.Chaldaic.*
18 *Matute suprà idade 2.cap.1. §.3.*

Pallas o tecer, & lavrar com miſtura de fio de ouro, donde Ovidio 19 eſcreveo a fabula de Aracnes, Lydia competindo com Pallas na deſtreza deſta arte; & o luxo foy introduzindo as veſtiduras mais ricas. Dizem 20 que Semiramis, Rainha de Babylonia, pelos annos quatrocentos depois do meſmo diluvio, inventou os calçoens; como era varonil, & pelejava a cavallo, queria acudir à honeſtidade, & tinha engenho para tudo.

5 No tempo adiante inventárão os Lidos em Sardinia o tingir as lans; & logo começou a purpura em Aſſyria; 21 & as cores, & feyção das veſtiduras diſtinguirão os eſtados, officios, & dignidades, como os Authores miuda, & prolixamente referem; 22 ſuccedérão as ſedas, lavrando-ſe muyto poucas em Europa, vindo as mais de Aſia com difficuldade; atè que pelos annos de *Chriſto* quinhentos & cincoenta pouco mais, ou menos, imperando Juſtiniano I. dous Monges trouxerão da India a Grecia o modo de tirar os bichos, & o fizerão vulgar em Europa. 23

6 Aſſim ſe forão demaſiando os veſtidos, chegando a cobrirſe com o ouro, perolas, & pedras precioſas, & tambem o calçado. Atalio Rey de Aſſyria inventou bracelletes, & joyas com pedrarias; 24 della ſe carregavão as mãos, & a cabeça, & em collares ſe lanção ao peſcoço como priſoens: para iſto quantos morrem nas minas? quantas mãos ſe eſpedação para que hum dedo luza? Que tem o mar com os veſtidos? pergunta Plinio: 25 que tem as ondas com a lãa, para a ornarem de perolas? Mitridates Rey de Ponto trazia huma eſpada, que valia perto de quinhentos mil cruzados de noſſa moeda de hoje. 26 Ao grande Alexandre enviárão certos Povos da India diademas que ſe avaliárão em cento & quarenta milhoens de ouro. 27 Nonio Senador Romano tinha huma pedra chamada, *opalo*, que hoje ſe não acha; era verde como eſmeralda, & lançava de ſi huma notavel claridade, avaliada em vinte mil ſeſtercios, que conforme a conta de alguns Authores, fazem quinhentos mil cruzados. 28 O Emperador Heliogabalo naõ veſtia ſenão purpura cuberta de ouro, perolas, & pedras precioſiſſimas; no calçado as trazia de valor ineſtimavel, & nellas eſculturas de admiravel artificio. Nem de veſtido, nem de calçado, nem de camiſa, nem de outra couſa que hum dia uſaſſe, ſe ſervia ſegunda vez, nem dos aneis, trazendo ſempre muytos. 29

7 Heliosgabalos querem hoje ſer quaſi todos os homens; gaſtaõ mais que elle à proporção da poſſibilidade de cada hum; muytos mais gaſtão ſó em veſtidos do que tem de renda; no mais ſe ſuſtentão com traças, que não ſaõ para envejar. Ninguem aceytará hoje a mercé que Deos fez aos Iſraelitas 30 nos quarenta annos que andárão no deſerto; & aos ſete moços Santos que chamamos *dormentes*, nos 373. annos 31 (ou perto de

19 *Ovid. Metam. l. 6. in princ.*

20 *Pineda d. cap. 18. § 4. & d. l. 1. cap. 30. § 3. in fin.*

21 *Plin. l. 7. cap. 56. Matute d. cap. 1 § 2.*

22 *Raviſ. Textor in officin. p. 2. tit veſtiment genera. Alex. ab Alex. Gen. Dier. l. 1. cap. 20. poſt princ. & l. 4. c. 11 ad fin. & c. 17. ante med. & l. 5. cap. 18.*

23 *Floſcul. hiſt. p. 2. c. 3. verſ. & duo monach.*

24 *Britto Monarch. Luſit. lib. 1. tit. 4.*

25 *Plin. hiſt. nat. l. 9. cap. 35.*

26 *Britto ſuprà l. 3. tit. 4.*

27 *Manoel Severim de Faria, Noticias excellenc. da Monarch de Heſpanha cap. 10. § 3.*

28 *Fr. Heytor Pinto p. 2. dial. 4. cap. 7.*

29 *Com Lamprid. Capitol. & outros, Mexia d. l. 2. cap. 29.*

de 200. ſegundo outros Authores 32 que eſtiverão em huma cova, naõ ſe rompendo a huns, nem a outros o veſtido, & calçado em todos aquelles tempos. Todos querem coſtumes novos, pelo menos cada anno. O trabalho tem creſcido incomparavelmente, no eſtudo de inventar, ou na pontualidade de imitar, na diligencia de buſcar o que mal ſe acha; na deſpeſa de o comprar; no riſco do official obrar bem; no enfadamento de veſtir, & deſpir tantas miudezas; na moleſtia com que ſe aperta o corpo; na duvida de ſer approvado; que he o mayor riſco depois de tanto cuſto; porque huns dizem que naõ he proprio á idade; outros que naõ convem ao eſtado; alguns que fora melhor pagar dividas: tal ha que murmura de ſer fiado: & outros que profeſſaõ veſtir bem, ſempre achaõ que notar, já no talhe, já na ſorte da ſeda, já na guarniçaõ. Em Inglaterra conheci hum gentilhomem principal, & Catholico, que tinha por capricho trazer cada dia humas luvas novas.

8 Grande ignorancia, em que pelo peccado cahimos! converter o reparo que Deos deo ao corpo, em cuydado que occupa o juizo, em diligencia que leva o tempo, em deſpeſa com que mal ſe póde, em couſa que poucas vezes ſe acerta, moleſta o corpo; & diz o grande Padre Saõ Baſilio, 33 que diverte o eſpirito de Deos; & aſſim noſſos Pays em peccando, ſem ſe lembrarem de pedirem perdaõ, tratáraõ de ſe veſtirem; 34 deſpiraõ-ſe da graça, & veſtiraõ-nos da vaidade: envergonháraõ-ſe vendo-ſe ſem veſtido, & nòs podemos envergonharnos com tantos ſuperfluos. Deos ſe fez pobre por nos veſtir de graça; 35 contentouſe com o encarnado, que a *Virgem* lhe deo; mas nem eſte, nem outro, que a *Senhora* lhe obrou por ſuas mãos, lhe deyxáraõ os homens ſaõ até a morte; ambos lhe eſpedaçáraõ: 36 roto, & nù morreo o que veſte a todos; ſó naõ pareceo homem em morrer mais roto, & mais deſpido que todos os homens: & veſtem-ſe ricamente os homens, havendo roto, deſpido, & empobrecido a Deos! Creou Deos ſedas, & joyas, mas naõ para exceſſos; como creou ferro, naõ para homicidios; myrrha, & incenſo, naõ para incenſar idolos; ovelhas, & outras rezes, naõ para ſacrificar a deoſes falſos, creou tudo para uſos louvaveis. 37

9 Naõ he reprovada, antes louvavel, a medida conforme a idade, & eſtado. 38 Nos moços algum exceſſo de galantaria tem deſculpa; antes o incurioſo, & contra o uſo ſeria em algum modo culpavel, mas ſendo o exceſſo demaſiado, dizia Auguſto Ceſar 39 que era bandeyra da ſoberba, & ninho da laſcivia. Tambem nos Principes teve Seneca por conveniencia veſtirem eſplendidamente por decòro da Mageſtade. 40 Ariſtoteles louvou em Alexandre eſtudar muyto em ſe veſtir com mais bizarria, & magnificencia que todos os homens. 41 O glorioſo Rey de Portugal Dom Manoel cada dia veſtia alguma peça nova, ſem exceſſo; 42 mas o Emperador Alexandre Severo

32 *Alphonſ. Vener. in Encherid. Jaſon. Ziceus, citatus à Franso; in Can. p. Elyſ. q. 58. n. 14.*

33 *D. Baſil. hom. 9.*

34 *Geneſ. 3. 7.*

35 *D. Paul. 2. ad Cor. 8. 9.*

36 *Pſalm 21. 7. 17. Matt. 27. 35. Marc. 15. 24. Luc 23. 34.*

37 *S. Cyprian. in tract. de habit. Virginum.*

38 *Speculat. tit. de Advocato §. ſequitur, uſque ad n. 5.*

39 *Saeton. in vit. Auguſt c. 73.*

40 *Referunt, & exornant Speculat. ſup num. 1. Palat. Rub. in rubric. de donat. §. 11. n. 10. in fine.*

41 *Ariſt. in princ. epiſt. ad Alex. in lib. de Rhetor.* Quemadmodum veſtium decore, atque magnificentia cæteris hominibus præſtare maximè ſtudes.

42 *Damiam de Goes na Chron. del-Rey D. Manoel cap. 84. ad fin. 4. part.*

vero se vestia com pouca differença dos populares, dizendo que só nos bons costumes, & authoridade os queria exceder: 43 o mesmo usava, & dizia o grande Rey de Napoles D. Affonso: 44 &, da mesma opiniaõ foy o grande Rey de Portugal Dom Joaõ IV. Nos de menor estado seguia o mesmo dictame o Thebano Epaminondas, que chamado para hum acto publico, naõ pode hir, porque estava a lavar hum vestido que só tinha: era o mais respeytado varaõ daquella Republica; 45 mas foy hum homem singularmente insigne que naõ faz exemplo. Diogenes 46 igualmente notou de soberbos huns Rhodios que vio com preciosos vestidos, & huns Lacedemonios que se vestiaõ muyto mal; em tudo ha de haver decente moderaçaõ; desta louvava Saõ Gregorio Nazianzeno 47 a seu irmaõ Cesareo, dizendo, que sendo grande na Corte, & andando no Paço, desprezava o excesso vestindo como cortesaõ.

43 *Lamprid. in Alex. Sever.*

44 *Panormit de gest. Alphons. Æneid. Sylv. de ejus dict.*

45 *Refert D. Chrys. advers. vitup. vit. monast. l. 2. post med. tom. 5. Alex. ab Alex l. 3. cap 11.*

46 *Diogen. apud Ælian l. 9. var. hist. cap. 34. de splendidè vestitis.*

47 *D. Greg, Nazianz. orat. 1.*

10 He finalmente conclusaõ dos sabios, que posto que os rusticos meçaõ a authoridade pelo ornato; 48 os politicos, nem ao cavallo, nem ao homem avaliaõ pelos arreyos preciosos. 49 Os Filosofos dizem 50 que a nimia curiosidade em se compor nasce de certa especie de imaginativa muyto cõtraria ao entendimento; & tambem o descuydo grande, mostra juizo descomposto; 51 entre os dous extremos se deve seguir a media via, inclinando sempre para a modestia sem vileza, & sem fausto. Differaõ tambem ser cousa plebea vestirse melhor nos dias de festa; a hum que o fazia, disse Diogenes, 52 que todos os dias eraõ de festa para o homem de bem.

48 Vir bene vestitus, pro vestibus esse peritus creditur, à mille quamvis idiota sit ille. Si careas veste, nec sis vestitus honesta, nullius es laudis, quamvis scis omne quod audis.

49 *Socrates apud Stob. Serm. 1. de Prud. Senec. l. 1. epist. 47.*

50 *Huarte de S. Joaõ no exam. de engen. c. 10. ad fin. vers. los estud.*

51 *D. Aug. relatus in c. ult. 51. dist.* Incompositio corporis inæqualitatem judicat mentis.

52 *Refert Brus. in facet. l. 7. cap. 12.*

11 Só com os homens fallamos; porque às mulheres, nem o eloquentissimo Chrysostomo com huma oraçaõ tam elegante como sua 53 pode persuadir. Só por curiosidade referimos que Atalio Rey dos Assyrios, pelos annos quinhentos pouco mais, ou menos depois do diluvio, foy o primeyro que às mulheres concedeo poderem trazer galas, & joyas; 54 parece qua até entaõ se lhes naõ permittia: & tanto nos principios do mundo pertendèraõ ellas esta liberdade; elle mesmo lhes inventou aguas para o rosto. 55 A fermosa Cleopatra Rainha do Egypto compoz hum livro dos trajes, ensinando como se haviaõ de toucar, & vestir, & de que cores conforme a altura, & feyçoens de cada huma, de modo que lhes estivesse bem o que puzessem; perdeo-se este livro de bem guardado, & foy a perda que as mulheres mais sentiraõ. A ley Oppia prohibio às Romanas vestidos de cores, & trazerem mais de meya onça de ouro; mas durou só vinte annos, porque as matronas amotinadas, cercando a casa de Bruto, a fizeraõ abrogar. 56 O Emperador Heliogabalo deputou lugar, como Senado, onde ellas consultassem de que vestido, calçado, & joyas haviaõ de usar, & que cousas se haviaõ de permittir, ou prohibir a cada sorte de qualidades; 57 sem duvida seria o mais bemquisto Principe entre as curiosidades. As grandes senhoras tem por si o con-

53 *D. Chrysost. hom. 21. ad pop. Antioc tom. 5.*

54 *Pineda na Monarch. p. 1. l. 2. c. 5. §. 1. no princip.*

55 *Britto na Monarch. Lusit. l. 1. tit. 4.*

56 *Valer. Max. l. 9. cap. 1. n. 4.*

57 *Mexia d. l. 2. cap. 19.*

conselho, que Seneca deo à Emperatriz mulher de Nero, de que se vestisse ricamente por esplendor da dignidade; já de antes sem esta doutrina o fazia com tanto excesso Julia filha de Augusto Cesar, que se lhe advertio que pareceria melhor imitando a modestia do pay; a que respondeo, que se elle se esquecia de que era Cesar, ella se lembrava de que era sua filha: 58 a impudicicia, que nella reynava, sempre tem que responder. Com melhor texto as favorece David, ornando com vestido dourado a Rainha de que fallava; 59 mas além de que aquelle ouro significa as virtudes, ainda tomado à letra se restringe à moderação, dizendo *dourado*, & não *de ouro*. A huma mulher ornada com demasiada curiosidade disse o illustre Varaõ Thomás Moro: *Deos te fará grande injústiça se te naõ der o Inferno por esse trabalho.* 60

12 Não sou tão severo, & sey que Judith se ornou virtuosamente com as melhores galas; 61 mas foy para vencer hum Capitão sugeyto ao vinho: Esther para contentar a hum Rey, que escolhia bellezas, não tratou de ornamentos; 62 porque a natural desarmada vence melhor aos que estão em seu juizo. O Padre Frey Christovão da Fonseca, no excellente livro do Amor de Deos, 63 refere que em Lisboa certa senhora que era fea, amanheceo hum dia fermosa por milagre de Saõ Vicente; devia ser para algum serviço de Deos, como succedeo a Santa Isabel Rainha de Hungria, augmentandose-lhe a fermosura de que era dotada, & a outras Santas. Diz o mesmo Santo, que aquelle milagre occasionou serem as damas de Portugal devotas deste Santo; disto deve nascer vermos bellezas milagrosas; mas que galante andava a mulher de Filo, de que em outro lugar temos fallado! 64 Desenganem-se todas, que a fermosura naõ consiste no que se pòde achar por dinheyro, como disse hum illustre cortesaõ. 65

13 Por não parecer que approvamos o desalinho, lembramos que até nos que tratão só de espirito he reprovado; tanto devem evitar o sordido, como o elegante, dizia Saõ Jeronymo; 66 porque assim como este parece delicia, aquelle sabe a jactancia, que he mais perigosa com capa de virtude. 67 Aos virtuosos encomenda Salamão, 68 que sejão candidos seus vestidos. De São Bernardo se lé, que entre a pobreza do seu habito andava muyto aceado; 69 de Santa Theresa de Jesu, que era honestissima, & aceada no vestir; 70 o mesmo aceyo tinha Santa Rosa Dominicana. 71 Exemplos que por todos bastão. Sacrificio de immundos nunca agradou a Deos. 72

58 *Stob Serm.* 11.

59 *Psalm.* 54. v. 11. Astitit Regina à dextris tuis in vestitu deaurato.

60 *Refert Fernand.* 2. *Gen. sect.* n. 3. *in fine.*

61 *Judith cap.* 18. & *cap.* 12. & 13.

62 *Esther* 2. 15. Non quæsivit muliebrem cultum.

63 *Fonseca do amor de Deos,* p. 1. *cap.* 47.

64 *Suprà cap.* 7. n. 11.

65 *D. Francisco de Portugal na arte de galantear pag.* 13. *no fim.*

66 *D. Hieron. ep. ad Nep.*

67 *D. August. l. de Serm. Dom.*

68 *Eccles.* 9. 8. Sint vestimenta tua candida.

69 *Brito na Chron. de Cister.*

70 *Herrera na hist. d'El-Rey Filip. II. part.* 1. *l.* 17. *cap. ultim.*

71 *Dissemos no ep. paneg. de S. Rosa part.* 1. §. 2. *v. en edad,* & §. 3. *v. tuvo.*

72 *In Levitico passim.*

CAPITULO XIV.

Como se acabou a Monarchia de Adam, & porque causa? que pela mesma se acabaõ todas as do mundo; descreve-se a grandeza, & ruina das mayores que houve.

1 ASsim acabou a Monarchia de Adam: que pouco durão as grandezas da terra! Se a fundada por Deos, poderosa em todo o mundo, & sem ter competidor, feneceo tam brevemente; em que se fião as que não tem tantas causas de firmeza? A ElRey Poro vencido, perguntou Alexandre, dando-se por offendido da audacia com que se lhe oppuzera: *Que te parece que agora farey de ti?* E Poro lhe respondeo règia, & judiciosamente: *Faze o que te ensina este dia, em que vez como saõ caducas as felicidades.* 1

2 Sem razão se attribuem semelhantes ruinas à inconstancia do mundo, nascendo ellas do arbitrio dos mesmos que governão. A melhor qualidade do mundo he esta inconstancia: que seria dos bons, se fora constante para os máos? os bons tem a constancia em sua mão propria; assaz constante he o mundo em ser continuo prègador com exemplos que deverão instruir; que culpa tem se lhe não damos credito?

3 Era sentença de Xenofontes, 2 que as Respublicas todas cahem por falta dos Governadores, & que bem governadas serião immortaes. Deos disse por Isaìas, que se os homens se regessem pelos preceytos divinos, farião suas felicidades perduraveis: o principal preceyto aos Principes para reynarem perpetuos, he amarem a sabedoria; 3 & esta consiste no temor de Deos, como tudo disse o Espirito Santo. 4 Sem preceyto era obrigação, pois como sahirão de Deos, 5 por quem reynaõ, 6 para continuarem devem tornar à sua origem, como as aguas ao mar; 7 sendo sustitutos de Deos, 8 devem reynar só para elle, por não serem rebeldes; 9 recebendo de Deos a jurisdicção, 10 tem delle particular dependencia, conforme a direyto; 11 & exaltando-os Deos, saõ obrigados a humilharselhe mais sob pena de ingratidão. 12 Por este caminho sómente se conservão os Principes: não só porque Deos favorece a quem o venera, & abate a quem o não respeyta, como disseraõ Aristoteles, & Livio 13 Ethnicos; mas tambem, porque ainda que Deos dissimule, he consequencia natural por meyos ordinarios aos quebrantadores de sua ley, ou natural, ou escrita, arruinarem-se; com tal providencia a fez aquelle summo Legislador, tambem para a conservação temporal, como já mostrámos em obra particular deste instituto. 14

4 O pri-

1 *Q. Curt. de reb. Alex. l. 8.* Quod hic dies tibi suadet, quo expertus es quàm caduca felicitas esset.

2 *Xenophont. apud Patrit. de Rep. l. 1 c. 3. in fin. Isaiæ* 48. 17.

3 *Sap.* 6. 22. Diligite sapientiam, ut in perpetuum regneris.

4 *Psalm* 110. v. 10. Initium sapientiæ timor Domini. *Prov.* 1. 7. & *Ecclesiast.* 1.

5 *Psalm.* 51. v. 6. Ego dixi, dij estis, & filij Excelsi omnes. *Joan.* 10. 53.

6 *Prov.* 8. 15. Per me Reges regnant.

7 *Ecclesiast.* 1. 7. Ad locum unde exeunt flumina, revertuntur, ut iterum fluant.

8 *D. Paul. ad Rom.* 13 *à princ.*

9 *Not. in Ceresier no Tacito Frãc. reflex. sobre a vida de Filip. Augusto sect. 6. Fracheta no seminar. de govern. cap. 9. disc.* 9.

10 *D. Paul sup.* 2 Non est enim potestas nisi à Deo. *D. Petr. in prior. ep. cap.* 13.

11 *Notatur in l. Mora* 5. *cum seqq ff. de jurisd omn. jud.*

12 *Cic.* 1. *offic.* Quanto superiores simus, tanto nos submissius geramus.

13 *Arist.* 5. *Rhet. ad Alex.* Deos proniores esse in eos, qui maximè illos colunt. *Liv. dec.* 1. *l.* 5. Omnia prosperè veniunt sequentibus Deos, adversa autem spernentibus.

14 *Dissemos na harmon. polit. na introducaõ. E na 3. p. §. ult. & per tot.*

4 O primeyro homem (disse o Psalmista) 15 estando na honra da mayor Monarchia, naõ teve esta sciencia do temor de Deos; naõ guardou seu preceyto, por isso se perdeo. Ninguem he offendido senaõ por si mesmo, disse o grande Chrysostomo : 16 cada hum he artifice da sua fortuna, ainda entre os particulares, era sentença de Menandro; 17 que ella ajuda a todos os sabios que obraõ bem : Seneca 18 reconheceo que naõ tem jurisdiçaõ sobre os procedimentos : a virtude he Louro contra o seu rayo : hum galante Comico de nossos tempos disse que toda a adversa se vence com diligencias; 19 & outro judicioso Castelhano 20 deyxou dito ha mais annos, que a nenhum homem verdadeyro; & diligente faltará o necessario; & os favorece o Espirito Santo nos Proverbios; dizendo que o remisso será pobre, & o *forte* (entendido pelo *solicito*) será rico. 21 Pelo menos se adquirir, tal vez he fortuna, como em Adam, & *Eva*; o conservar, sempre he prudencia. Por isso de Focas Tyranno do Imperio Grego, foy symbolo : *Naõ se conserva a fortuna tam facilmente*, 22 *como se acha.* Atè reynando Tyrannos procede esta regra; pois quando os prudentes parecem maltratados, se conservão na virtude; que he a prudencia, & conservaçaõ verdadeyra; a do mundo; a que chama Saõ Paulo, *morte*, *& ignorancia*, 23 facilmente se accommodaria com elles; mas essa era a perdiçaõ. Cahio a Monarchia de Adam, naõ por fortuna, mas por imprudencia, & peccado seu; assim cahiraõ, & cahiráõ todas; as mayores que houve nos daõ exemplos.

5 A primeyra fundada em Babylonia por Nemrod, 275. annos depois do diluvio; 24 passado depois aos Assyrios, & restituida aos Babylonios por Merodacho, por occasiaõ da grande mortandade que o Anjo de Deos fez huma noyte no exercito do Assyrio Sennacherib, 25 parecia ter prescripta subsistencia contra todas as mudanças, & ter dominio sobre a mesma duraçaõ; pois contando de seu fundador, lha daõ os Authores de mil & quatrocentos & hum annos; 26 & começando de seu filho, ou neto Nino, que começou a estendella, dizem 27 que teve trinta & tres Reys Varoens; alguns escrevem que foraõ trinta & seis, todos successivos de Pay a filho. Paulo Orosio conta cincoenta; & Joaõ Michrelio setenta & cinco, em quasi mil & quinhentos annos. 28 Foy taõ florente, porque os Reys Assyrios davaõ o primeyro lugar aos Caldeos, virtuosos, engenhosos, & scientes, governando-se em tudo por elles, & fazendo-se tam respeytados, que em todas as terras se chamavaõ depois, *Caldeos*, todos os homens honrados por sabios.

6 Mas veyo a reynar Nabucodonosor, tam insano, que se levantou aquella estatua, em que mandou que o adorassem por Deos; 29 já entaõ se ensayava para bruto, & féra dos montes, que sete annos habitou como tal; 30 & posto que

E sahin-

15 *Psalm.48. v. ultim.* Homo cum in honore esset, non intellexit.

16 *D. Chrys. hom. quod nemo læditur nisi à semetipso, in 5. tom.*

17 *Menand.* Omnibus quidem bene sapientibus (id est à benefacientibus) auxiliatur fortuna. *Juvenal.* Nullum numen abest, si sit prudentia, sed te nos facimus, fortuna, Deam, cæloque locamus.

18 *Senec ep 36.* In mores fortuna jus non habet *in l. 5.*

19 *Tirso de Molina p. 4 comed. D. Gil act.* 1. Porque pocas vezes vi, no vencer la diligencia qualquier fortuna infeliz.

20 *Hernando del Pulgar na glosa das coplas de Doming. Revulgo, copla 16.*

21 *Prov. 10. 5.* Egestate operata est manus remissa; manus autem fortium divitias parat.

22 Fortunam citius reperias quã retineas.

23 *D. Paul. ad Rom. 8. 6. & 1. ad Corinth. 3. 19.*

24 *Floscul. hist. p. 1 cap. 12.*

25 *4. Reg. 19.*

26 *Floscul. hist. s. prà.*

27 *Mexia na Silv. l. 1. c. 8. Perer. in Gen. l. 15. ex n. 89. in 2. tom.*

28 *Oros. l. 1. Michrel in Syntagm. hist. l. 1. sect. 2. n. 12. usque ad n. 16.*

sahindo mais modesto de féra, que de Rey, se converteò a Deos instruido por Daniel; 31 (tanto val hum bom conselheyro) & seu filho Evilmerodacho lhe entregou o Reyno, que governava; viveo só hum anno, em que naõ pode emendar as maldades a que elle dera exemplo. Succedeo-lhe seu filho Evilmerodacho, taõ vicioso, que os seus o mataraõ por mão, sendo elles peyores, & a este o filho Balthasar, fraco, & delicioso, em cujo tempo se achava Babylonia metropoli da Monarchia, taõ conhecido seminario de peccados, que os mayores se representaõ debayxo do seu nome nas divinas letras. 32 Em huma noyte foy aquella Cidade entrada, destruida, & occupada, & com ella todo o seu Imperio, por Dario, que tambem chamáraõ Cyro Rey dos Persas; & o Rey Balthasar, que acabava de profanar os vasos do Templo de Jerusalem, bebendo por elles a seus Idolos, & os mais convidados daquella esplendida, & nomeada cea, do somno passou à morte; em balde avisado da maõ que escreveo seu fim, & de Daniel que lho interpretou. 33

31 *Flosculhist.p.1.cap 6.v. qui tandem.*

32 *Apocalyps.cap. 14. 8. & cap. 17. 5. & cap. 8. 2. ac passim. Busio no tract da recreaçam da alma l.1. cap. 17. no princip.*

33 *Daniel cap. 5.*

7 Succedeo a esta Monarchia a dos Persas, possuida justamente do mesmo Dario Cyro pelo bom animo com que favoreceo o Povo de Deos, & mandou reedificar o Templo santo, restituindo-lhe os vasos sagrados, & dando-lhe do seu liberalmente; 34 esta foy mais pomposa, & opulenta que a primeyra. Seja indicio de suas riquezas aquella grande parreyra com folhas de esmeraldas, & uvas de pedras preciosas, & aquelle travesseyro, em que seus Reys dormiaõ, chamado Thesouro do Universo, de que admirados fallaõ os Authores: cento & oytenta milhoens de ouro em dinheyro tomou Alexandre a ElRey Dario, além do muyto que achou em Babylonia. 35 Teve tanta gente de armas, que Xerxes na batalha Salaminia contra os Gregos, ajuntou cinco milhoens de homens, como affirmão alguns Escritores; 36 outros dizem que tres milhoens & duzentos & tantos mil; 37 mas vencido fugio em huma pequena barca. Cresceo esta Monarchia, porque o sceptro se naõ dava por sangue, nem por fortuna; mas por sciencia, & virtudes, & assim o governáraõ excellentes Principes. 38

34 *Esdr. 1 cap. 16.*

35 Athenæus l. 12. *P. Franc. de Mēdoça in viridar. l. 5 problem. 17.*

36 *Pineda na Monarch. Eccles. l. 3 cap 3. Britto na Monarch. Lusit. l. 2. tit. 3.*

37 *Floscul.hist p. 1. cap. 7. vers. an. mundi 3574.*

38 *P. Mendoça in virid. l. 6. de sep laudat. orat. 8. n. 10. & orat. 9. n. 126.*

8 Mas vieraõ a ser aquellas gentes Asiaticas taõ deliciosas, que os Gregos se guardavaõ de sua communicaçaõ, como de veneno; & houve tantos homicidios, & treyçoens na successaõ dos Principes, que naõ se pódem referir sem larga historia: veyo pois a perecer aquelle Imperio, depois de 230. annos, às mãos de Alexandre, que de vinte annos passou à Asia, com sós trinta & tres mil Infantes, & quatro mil cavallos; & venceo, & matou a outro Dario Monarcha ultimo, que segundo os que dizem menos, tinha quinhentos mil homens; alguns dizem, que na ultima batalha teve oytocentos mil infantes, & sete mil cavallos, tendo Alexandre sete mil cavallos, & quarenta mil infantes. 39

39 *Plutarch in Alex. Q. Curt. l. 2 cum seqq. Arrianus l. 1. Britto Monarch Lusit. p. 1. l. 2. tit. paul. post med.*

9 Alexan-

9 Alexandre fundador da Monarchia dos Gregos alcançou renome de *Magno*, & por suas victorias diz a Escritura santa 40 que fez callar a terra, timida, & pasmada. Floreceo em quanto foy mayor em virtudes; mostrouse desejoso de gloria em emular a Achilles; benigno em tratar a Diogenes; amante da sciencia em estimar a Iliada de Homero, & em respeytar, quando entrou Thebas, a casa, & familia de Pindaro: casto com a mulher, & filhas de Dario: reverente ao divino em não commetter Jerusalem por respeyto do Pontifice Jaddo: liberal em tantas occasioens, que sua magnificencia ficou em proverbio.

40 *Mach. cap.* 1. 3.

10 Mas logo que o vento da fortuna o inchou, a não querer que o saudassem senão prostrados em terra, 41 a chamarse filho de Jupiter; a demasiarse nos banquetes, a arremeçarse em homicidios, a luxos de pompas inauditas, 42 não se dissimulou a tyrannia com que usurpàra sem mais direyto que o da ambição, & o do poder, que leva tantos ao inferno; hum criado se atreveo a darlhe veneno; foy morto de trinta & tres annos; & o Imperio menino Gigante se despedaçou miseravelmente; ficou a sombra delle em Macedonia até ElRey Perseo, cuja crueldade, falsidade, & avareza o fez triunfo de Paulo Emilio Consul Romano; & o assento que havia sido de Imperio cabeça do mundo; foy reduzido a Provincia da Republica Romana. 43

41 *Sabellic. l. 6. à n. 4.*

42 *Apud Ælian. var. hist. l. 5. cap. 3.*

43 *Livius dec 5 ferè per tot Plutarc. in Paul. Æmil.*

11 Roma livre dos Reys, começou Republica de Justiça: nella se estimava a honra, se provava o valor, os homens vivião pela razão, as mulheres com sugeyção, só reynava a generosidade. Tendo Camillo cercados os Faliscos, sahio da Cidade hum mestre de meninos, trazendo-os enganados a entregarlhos, para que os pays se rendessem, & o Senado os restituhio à Cidade, & que fossem açoutando o mestre: fazendo-lhe guerra ElRey Pirro, se offereceo Timocrates a matallo com peçonha, & o Senado avisou ao Rey; que se guardasse de veneno dos seus, porque só queria vencello por armas; 44 semelhantes virtudes a fomentavão de modo, que opprimida por Annibal mostrou mayor fortaleza: as perdas lhe acrisolavaõ a constancia: nunca o Senado foy mais sabio: nunca o povo mais obediente: os escravos tomáram as armas como cidadãos; as matronas offerecèram as joyas com que se ornavão: aquella calamidade prosperou seu credito. Cresceo a opulencia, que poz na praça de Roma, quanto a natureza creàra nas entranhas da terra, & dominou tanto mundo, que disse Virgilio 45 que só tinha limites no curso do Sol; & Ovidio, 46 que Jupiter, olhando do Ceo para a terra, não tinha que ver mais que os senhorios Romanos; & tudo parecia tam invencivel, que por isto lhe chamou Daniel Monarchia de *ferro*. 47

44 *Valer. Max. l. 6. c. de just. Plutarch. in Pirr. Aul. Gel. l. 3 cap. 8.*

45 *Virg. Æneid. 7.*
Omnia sub pedibus, quà Sol utrũque recurrens
Aspicit Oceanum, vertique regique videbunt.

46 *Ovid. Fast. l. 1.*
Jupiter ex alto, cùm totum spectet in orbem,
Nil nisi Romanum, quód tueatur, habet.

47 *Daniel. cap. 2. 40.*

12 Porém depois que as riquezas, & gloria, como diz Lucio Floro, 48 distrahiram os bons costumes, & introduzirão

48 *Flor. l. 3. cap. 1.*

os vicios : depois que se perdeo o respeyto à virtude, & só o appetite foy limite das desordens, como disse Tacito, & expendeo Seneca, 49 governando as mulheres aos maridos, a ellas o desejo, & a todos o dos Emperadores, & outros grandes; succedeo o que tinha dito Annibal, que Roma só podia ser vencida pelos seus mesmos; os seus que venciaõ a arruinavão; porque vencer por mãos he prejudicial: Silla, & Julio Cesar lhe derão dous mortaes golpes; chegou a estado, que prisioneyro o Emperador Valeriano de Sapor Rey dos Persas, (que o tinha dentro em huma gayola de ferro, donde o tirava para estribo, quando subia a cavallo) se levantárão em varias partes contra Galieno seu filho trinta tyrannos, chamando-se Emperadores. Aquella que em Romulo, & Remo não havia podido sofrer dous senhores, como sofreria tantos? Huns a outros se destruirão: ambiciosos de todo perdérão as partes, veyo a ser o Imperio roda da fortuna, & o titulo de *Cesar*, ou *Augusto*, hum ornato de victima. Enfraquecida por estes modos aquella dominadora das gentes, foy por vezes saqueada pelos Godos, & outras naçoens Septentrionaes fugitivas da aspereza de suas patrias, desprezadas nos principios de suas invasoens, que se havião dignado de servir aos mesmos Romanos por estipendio. No sitio em que a entrou Alarico Rey dos Godos, chegàrão as mãys a comer os filhos que creavão, 50 tornando a suas entranhas os que havia pouco tinhão lançado dellas. Bem pagou Roma a crueldade com que depois de matar em prisaõ, (& alguns referem, que privando-o do sono) a Perseo Rey de Macedonia, a quem tomàrão o Reyno, & immensas riquezas; reduzirão seu filho Alexandre á necessidade de ganhar o comer, huns dizem, que a escrever; outros que sendo torneyro, ou ferreyro. 51 O mesmo Alarico (que era Christão) respondeo a hum Monge que sahio da Cidade a pedirlhe que a não destruisse, que não vinha por sua vontade, mas porque todos os dias lhe apparecia hum homem venerando que lho mandava fazer; donde se entendeo ser castigo de peccados. Precedeo cahir o sceptro de ouro de Romulo que se conservava no Templo de Marte, & em outro tempo havendo-se o Templo queymado todo, só aquelle sceptro ficàra intacto; o Emperador Honorio que se achava em outra parte, nem a soccorreo sitiada, nem a chorou perdida, antes dizendose-lhe que Roma se perdèra, rio muyto, cuydando q̃ fallavão de hum gallo, ou gallinha que estimava, & chamava do mesmo nome, & quando se certificou, não mostrou alteração. 52 Mais a respeytou o inimigo; pois ainda que a dèsse a saco tres dias, foy com rara modestia; durava a reverencia devida à senhora das gentes, & naõ se atrevião os subditos a tratalla mal, posto que cativa; succedeo no anno de sua fundação 1163. & 410. do Nascimento de *Christo*. Cortada a cabeça, foy muyto facil despedaçar os membros daquelle soberbo corpo. Em Augustolo

49 *Tacit. Annal. 1. Seneca ep. 97.*

50 *Jul. de Castilho hist. dos Godos, l. 1 disc. 9.*

51 *Plutarch. in Paul. Emilio, ad fin. Pineda, Monarch. Eccles. p. 1. l. 8. cap. ultim. § ultim.*

52 *Jul. de Castilh d. disc. 9. Pedro Mex na Sylv l. 1. c. 29. 30. & 31. Mariana hist. de Hesp. l. 4. cap. ult & l. 5. cap. 1.*

gustolo se acabou de todo, nem lhe ficou quem imperasse, nem que imperar; porque feyta preza dos seus, & dos estranhos, nem de si ficou senhora; a que o fora de tantos, officina das artes, mar da doutrina, compendio do mundo; só ficàraõ entre as ruinas daquelle edificio civil, pedaços de pedras bem lavradas, que serviraõ de molde a muytos architectos de Respublicas.

13 O Reyno de Judéa, fundado com milagres, fortalecido com vitorias, allumiado com Profetas, parecia izento de ruina. Com tudo, como disse Achior a Holofernes, 53 só em quanto servio a Deos prevaleceo a todos; sempre que o deyxou, se fez a todos preza; & assim como naõ houve no mundo Reyno, em que tantas vezes mudassem os Reys a Religiaõ; assim naõ houve outro, em que se vissem tantas mudanças miseraveis. 54 A cobiça, soberba, imprudencia, & máo governo de Roboam lhe deo o primeyro golpe na divisaõ das tribus; 55 chegar a crucificar a *Christo*, Deos lhe deo o ultimo, & mortal; devia extinguirse Reyno; que naõ quiz por seu Rey o Filho de Deos: 56 & alagarse em seu sangue Cidade, que derramou o mais Innocente. Quarenta annos depois daquella maldade, tempo em que os Doutores consideraõ a Ley de Moysés (jà de antes morta na Payxaõ do *Senhor*) mortifera pela publicaçaõ da Ley da Graça, lhe veyo o castigo que lhe estava profetizado. 57 Precedeo revelaçaõ delles aos Christãos que habitavaõ Jerusalem, para sahirem della, como fizeraõ com Saõ Simeaõ (que depois foy Martyr, filho de Cleophas) seu segundo Bispo depois de Santiago Menor, que o havia sido primeyro; & havendo quatro annos, que em todo o Reyno ardia horrivel guerra, finalmente nos dias da Paschoa do Cordeyro, em que haviaõ morto ao Divino, Tito filho do Emperador Vespasiano sitiou a Cidade sua cabeça, & theatro daquelle mais que sacrilegio, & encerrou dentro os muytos que tinhaõ vindo à solemnidade da ley; 58 pelo que no sitio, que durou só cinco mezes, foy tal a fome; que as mãys comêraõ os pequenos filhos. A Cidade foy entrada por força, naõ toda junta, mas (porque mais vezes fosse vencida, & destruida) primeyro a parte inferior, & dahi a dous dias o Templo, que foy queymado contra vontade de Tito; 59 & depois a parte superior; tudo posto a ferro, & a fogo, sem ficar pedra sobre pedra, como *Christo* Senhor nosso havia dito; nem cadaver parecia de tam grande Cidade. 60 Morrêraõ naquella guerra hum milhaõ & cem mil Hebreos, foraõ cativos noventa & sete mil, & havendo os Hebreos comprado a *Christo* por trinta dinheyros, 61 vendiaõ os Soldados Romanos a mercadores Egypcios trinta Hebreos por hum só dinheyro, como conta Josepho, & nem tam baratos achavaõ comprador; cumprindo-se à letra huma profecia do Deutoronomio. 62 Concedendo depois o Emperador Juliano Apostata

53 *Judith* 5. 17. Non fuit qui insultaret populo isti, nisi quando recessit à cultu Domini Dei sui.

54 *Refert Mexia sup. l. 4. cap. 15. com os dous seguintes.*

55 3. *Reg.* 12.

56 *Luc.* 19. 14. Nolumus hunc regnare super nos. *Joan.* 19. 21. Noli scribere, Rex Judæorum.

57 *Isai* 64. *Tren.* 1. *& passim in Prophet.*

58 *Niceph. hist. Eccl. l.* 3. *cap.* 5.

59 *Joseph de bel. Jud. l.* 7. *c.* 7. *&* 10.

60 *Matth.* 24. 2. *Marc.* 13. 2. *Luc.* 19. 44.

61 *Matth.* 26. 14.

62 *Deuter.* 28 *in fin.* Venderis inimicis tuis in servos, & ancillas, & non erit qui emat.

stata

ſta aos Judeos, que pudeſſem reedificar o Templo, o que até então lhes era prohibido, ao abrir dos aliceſes ſahio fogo, que abrazou muyta gente, fez em cinza os inſtrumentos da obra, & ao dia ſeguinte apparecèrão os veſtidos dos Judeos com o ſinal da Cruz impreſſo ſem ſe poder apagar; convertérão-ſe muytos, & não ſe pode proceder na reedificação. 63

14 He muyto de notar, que os Hebreos mais pios ficáraõ ſempre na benção que Deos lhes lançou, & promeſſas que lhes fez em Abraham, 64 & na grandeza com que no Templo de Jeruſalem era celebrado o culto Divino; grandeza q̃ verdadeyramente parecia ſobre a poſſibilidade humana. Porque o edificio não cabe em deſcripção, pois não acaba de o encarecer a Hiſtoria ſagrada: 65 ſete annos que durou a obra, 66 trabalhárão nella mais de cento cincoenta, & ſeis mil homens; as portas erão tam grandes, que não menos de duzentos as fechavão, ou abrião. 67 Dos vaſos, & peças que nelles ſervião, além do que por mayor diz a Eſcritura ſanta, eſpecifica Joſepho, 68 que demais da grande meſa de ouro para os pães da Propoſição, havia outras muytas pouco menores, ſobre as quaes eſtavão vinte mil vaſos, & taças de ouro, & quarenta mil de prata. Demais do candelabro principal mandado na ley, tinha dez mil. Havia oytenta mil cantaros para vinho. Vaſos para flores dez mil de ouro, & vinte mil de prata. Gomìs oytenta mil de ouro, & cento & ſeſſenta mil de prata. Pratos grandes ſeſſenta mil de ouro, & cento & vinte mil de prata. Dos vaſos que Moyſés chamou *Hin*, tinha vinte mil de ouro, & quarenta mil de prata. Incenſarios ſeſſenta mil de ouro. Mil veſtes Sacerdotaes, guarnecidas de pedras precioſas. Outras chamadas Eſtolas, com dez mil cintas, & duzentas mil trombetas. Para os Cantores duzentas mil alvas, como as que uſaõ os noſſos Sacerdotes. Inſtrumentos muſicos quaſi todos de ouro, quarenta mil; outras translaçoens dizem quatrocentos mil. Mas o grande Bautiſta 69 os deſenganava, de que não ſe fiaſſem em ſerem filhos de Abraham; & Jeremias 70 com larga oração os admoeſtou mandado por Deos, que não confiaſſem na protecção do ſumptuoſo Templo, & do culto magnifico, que lhe davão nelle; porque ſe obraſſem mal, os deſtruiria como a Silo, onde primeyro fora venerado. Advertencia tremenda para os que temos ſemelhante confiança nas promeſſas feytas por Deos a noſſos primeyros Reys Santos; & na magnificencia com que o *Senhor* he ſervido em noſſos Templos. Quanto mais nos prezamos deſtas prerogativas; ſe faráõ noſſas culpas mais graves; nos de eſtado mais honeſto he o delicto mais criminoſo: o furto (diz Salviano 71) he mào em todo o homem, porém mais punivel em hum Senador: dos mais de caſa ſe ſentem mais os aggravos, creſcem à medida dos merecimentos: & muytas vezes (adverte Santo Iſidoro 72) ſe caſtiga nos que erão mayores em virtude, o que ſe perdoa aos

63 *Mexia na Sylva l. 4 cap. 41. com os dous ſeguintes. Mariana hiſtor. de Hiſp. l. 4 cap. 18. Britto na Monarch. Luſitan. l. 5. tit. ultim.*

64 *Geneſ. 12. & ſeq.*

65 *3. Reg. 3. cum ſeqq. Deſcreveo no poſſivel, Branc. de Monçon no Eſpelho de Principes, l. 1. cap. 86. & 87.*

66 *3. Reg. 6. in fine.*

67 *Refere Britto Monarch. Luſit. l. 1. tit. 22. & l. 5 tit 3.*

68 *Joſeph de antiq l. 8 cap. 2. Pineda Monarch. Eccleſ. p. 1. l. 3. cap. 22 §. 4.*

69 *Matth. 3. 9.* Ne velitis dicere intra vos, patrem habemus Abraham.

70 *Jerem. 40.*

71 *Salvian. de gubern. Dei. l. 4.* Ubi ſublimior eſt prærogativa, ibi maior eſt culpa.

72 *D. Iſidor. de Summ. bono l. 2.* Creſcit delicti cumulus juxta ordinem meritorum; & ſæpe quod minoribus ignoſcitur, maioribus imputatur.

aos menores. *Christo* Senhor nosso a semelhante jactancia dos Judeos respondeo : *Se sois filhos de Abraham , fazey obras de Abraham.* 73

15 Seja segundo exemplo o Imperio Grego. Com a Cadeyra de Saõ Pedro passou a Roma a Cabeça da Religião Christãa ; mas o corpo se transplantou em Grecia, aonde lançou raizes. Na lingua Grega se escreveo originalmente o Testamento Novo, excepto o Evangelho de Saõ Mattheus, que o Evangelista escreveo primeyro em Judéa na Hebraica. 74 Em Cidades de Grecia se celebrárão os primeyros Concilios géraes, depois daquelle que Saõ Pedro celebrou em Jerusalem. 75 Aos Doutores Gregos deve a Igreja as primeyras illustraçoens : o grande S. Basilio natural de Ponto escreveo a primeyra regra para Monges ; se bem a do insigne Patriarca S. Bento foy muyto primeyro approvada pela Sé Apostolica , com que felicissimamente se fez Pay Illustrissimo das sagradas Religioens ; & em outras muytas cousas foy a Igreja Grega acrédora da Latina. Entre outros sumptuosos Templos foy admiravel em Constantinopla o de Santa Sofia : huma coroa tinha a Santa de pedras preciosas inestimaveis no valor. Guardava aquella Cidade innumeraveis reliquias;celebrava o culto Divino com a mayor excellencia.

16 Nada disto impedio a miseravel ruina daquelle Imperio ; porque mais padeceo de tyrannos na paz , que de inimigos na guerra. Géralmente se perdeo nelle a verdade , verificando-se cada dia mais o antigo adagio da *Fé Grega* por ironia. A successam do sceptro chegou a se deferir só por treyçoens, homicidios,& adulterios, obrando nella mais as mulheres, que os varoens : os Emperadores punhão, & depunhão tyrannicamente os Bispos. A Justiniano II. cortou os narizes, & orelhas Leoncio, & se fez Emperador : Tiberio fez o mesmo a Leoncio, & Justiniano restituido fez o mesmo a Tiberio ; de modo que tres Emperadores successivos não tiverão orelhas , nem narizes ; & Justiniano cada vez que se queria assoar , & os não achava , mandava matar hum dos que tinhão ajudado a Leoncio : 76 como podia sustentarse Imperio tam ridiculo? O Emperador Leão V. apressou a ruina ; Herege contra as Imagens dos Santos , tirou da cabeça de Santa Sofia , & poz na sua sacrilega, aquella inestimavel coroa;mas as pedras preciosas se tornárão logo em carvoens ardentes,que lha abrazárão , & o matárão. 77 Poucos dos que lhe succedérão forão melhores. Alguns só por receyos vãos , com politica suspeytosa ; & perfidia alheya de Christandade , impedirão , & destruirão cavilosamente exercitos Catholicos , que destas partes Occidentaes marchárão por Grecia para a Palestina contra os Sarracenos. Daqui resultou fazerem-se estes tão poderosos com seu Rey Mahometo II. que tomárão por sitio a illustre Constantinopla , que havia mil cento & noventa annos, era

73 *Joan.* 8. 39. Si filij Abrahæ estis,opera Abrahæ facite.

74 *D.Hieron.in Euangel.in præfat.ad Damasum.*

75 *Diremos na 2.p.cap.61.*

76 *Jul.de Castilh.hist.dos Godos. lib 2 disc* 11. *Britto Monarch.Lusit.l.6.tit.*4.

77 *Floscul.hist.p 2 cap. 5 prope fin.*

era cabeça do Oriente, & clara em triunfos; metendo-a á espada em vinte & nove de Mayo, de mil quatrocentos & cincoenta & tres; imperando nella Constantino II. do mesmo nome do que alli collocára o Imperio, & ambos filhos de Helena; a fortuna lhe deo por ultimo alivio morrer pelejando valerosamente; 78 & a toda a Grecia por mayor pena o arrependimento de naõ haver ajudado aquelles exercitos Christãos; porque he ardil das desgraças, para augmentarem seus rigores, lembrarem os remedios, quando jà se naõ pòdem lograr. Assim por peccados cahio aquelle Seminario Christão; todo he hoje possuido pelos successores daquelle conquistador cruel: sendo Grecia indocta: as letras barbaras: a fonte das sciencias seca: & ameaçando o soberbo tyranno o interior da Christandade.

78 *Pedro Mexia na Sylv. l. 1. c. 12.*

17 Do que temos visto se infere, que as Monarchias, & grandezas morrem como os homens. Morreo a fortaleza da Assyrica, a opulencia da Persica, a felicidade da Grega, a politica da Romana, a confiança de Judéa, & Constantinopla; porque nada sem Deos he duravel; 79 como o pecccado matou ao homem, 80 tambem mata as Monarchias; a de Alexandre durou menos, porque foy a mais violenta; a dos Romanos mais, porque menos injusta. Por isso o Emperador Septimio Severo disse quando morria: *O Imperio que recebi alterado, deyxo a meus filhos quieto; se forem bons, firme; se máos, pouco duravel.* Os que a fortuna for subindo com a sua roda, temaõ nos que encontraõ descendo: 81 entendaõ, que só a pòde fazer parar o cravo, que lhe forjar o temor de Deos. Toda a politica só nisto consiste; os livros, que trataõ de outras regras, saõ ociosos, porque tudo se acha jà taõ trilhado, que ninguem, se quer, ignora o caminho; mas voluntariamente se desencaminha, deyxando-se levar de payxoens, & interesses. E tambem muytos documentos, que se escrevem, saõ especulativos, cuja impossibilidade na pratica só conhece, quem maneja negocios: discretamente fingio o Bocalino, que Cornelio Tacito, posto por Apollo em hum governo, sahira delle com descredito. Prégue-se aos Principes, o que prégava Christo: *Buscay primeyramente o Reyno de Deos, & sua Justiça, & tudo o mais que he necessario vos virá em consequencia:* 82 todos os outros conceytos fantasiados nas cellas, saõ impertinentes.

79 *Floscul. hist. p. 1. cap. 5. prop. fin.* Discant Reges interire Regna ut homines, nihilque tutum quod divinâ basi non nitatur.
80 *Suprà cap. 6.*

81 *D. Pedro Calderon na Comedia, la gran Zenobia, jornada 1.*
Sube Aureliano, temiendo
El dia que ha de venir,
Pues has topado al subir
Otro que viene cayendo.

82 *Matth. 6. 33.* Quærite primùm Regnum Dei, & justitiam ejus, & hæc omnia adjicientur vobis.

CAPITULO XV.

Adam, & Eva *penitentes: revelaçaõ que tiveraõ dò nascimento da* Mãy de Deos *para remedio de seu peccado.*

1 CAhio Adam como todos os homens, porém arrependeo-se, o que naõ fazẽ muytos; a quèda foy cõmua, a pe-

a penitencia especial; a culpa da natureza, a dor da virtude. 1 Não he tão grave cahir nos males, como jazer nelles; 2 muytos Athletas se levantàrão cahidos, & ganhàrão a coroa; muytos Capitaens vencidos tornàrão a pelejar, & recobràrão a victoria; muytos que naufragàrão, se embarcàrão outra vez, & se enriquecèrão; alguns negàrão a *Christo*, & em novo certamen triunfárão Martyres. Não peccar he só de Deos: emendar he de sabio. 3 Disculpamonos com que herdámos de nossos primeyros pays o peccado: & porque não herdamos delles o arrependimento? queremos cahir com elles, & não queremos levantarnos com elles? entendamos que não nos derão exemplo para cahir; mas para nos levantarmos, se cahirmos; 4 antes será mayor a pena dos que não aprendermos delles; 5 que desculpa haverà se nos lembrarmos de huma só lição que nos deraõ para peccar, & nos esquecermos de muytos annos em que nos ensinàrão o arrependimento? He verdade que nos geràraõ para a pena; mas tambem nos instruiraõ para o perdão igualmente benemeritos; pois tanto estima Deos hum peccador que se levanta, como noventa & nove justos que não cahirão. 6

2 Comendo da arvore vedada, souberão Adam, & *Eva* do bem, & do mal, & assim conhecèraõ o bem que perdèraõ, & o mal em que cahirão. Pelo que logo do *Paraiso* terreal (conforme a opinião melhor) 7 sahirão tam arrependidos, que annos inteyros não cessárão de chorar pela offensa do Creador, mais que pelo seu castigo, como foy revelado a Santa Brisida. 8 Accrescenta esta opinião, & com authoridade de S. Methodio Martyr, (se bem outros 9 a tem por supposta) que quinze annos se conservàrão virgens, divertidos em penitẽcia, & mais continuarião, se não devèraõ obedecer ao preceyto de multiplicar, & encher a terra. 10

3 O erudito, & elegante Author do Flosculo Historico, ou historia gèral até nossos tempos, diz 11 que chegou *Eva* a ter pesar de ser fermosa, & amada; pois se o fora menos, naõ desejàra tanto o marido fazerlhe a vontade quando o persuadio a comer. Grande encarecimento em mulher, & tam vãa, que aspirou a Deos: sendo natural a todas ser idolatras de sua fermosura, & procurar com todas as artes suprir a natureza. Já antes do diluvio tinhão espelhos, & entre a pena, & confusaõ com que a mulher, & noras de Noé entrárão na arca para escaparem do diluvio, lhes não esqueceo levallos comsigo, conforme o que escreve o antigo Beroso. 12 Chegou Berenice a consentir que hum Leão (seria ensinado de pequeno) lhe lambesse todos os dias o rosto, (aprendão esta muda) porque a sua lingua lho polia bem, & tinha virtude de o não deyxar enrugar; 13 mais temia os annos, que o poder agastarse aquella aya curiosa, como succedeo a outros leoens, que matàrão a quem se fiou de os ver mansos. Não herdàraõ de *Eva* aquelle exemplo suas filhas, pois nũca lhe peza de haverẽ sido queridas, & bellas, mas

1 *D. Ambr. de David l.* 1. In culpam itaque incidisse, naturæ est, delere virtutis.

2 *D. Chrysost. hom.* 40. *ad pop. Antioc. in princ. tom.* 5. Non malorum venisse profundum est grave; sed postquã veneris, ibi jacere. Non in profundum cecidisse malorum est impij, sed postquam ceciderit, cõtemnere. *Ex epist* 6 *ad Theodoret. Monarch ed. tom.* 3. Non est grave cadere luctantem, sed jacere dejectum.

3 *D. Ambros. ep. ad Simplicium.* Nihil peccare, solius Dei est; emendare, sapientis, & corrigere erratum, & pœnitentiam agere de peccato.

4 *D. Aug supr. Psal* 50. Multi cadere volunt cum Davide, & nolunt surgere cum Davide; non ergo cadendi exemplum propositum est; sed si cecideris, resurgendi.

5 *D. Chrysost. hom.* 18. *in Genes.* Maior pœna est illorum, qui post illos peccant, & tantis exemplis emendare se nolunt.

6 *Luc.* 15. 7.

7 *Diego Matute na prosap. de Christo idade* 1. *cap.* 4. §. 6. *com a hist. Scholast. no cap.* 25. *do Genes.*

8 *Revel. de S. Brisid. in Serm. Angel. cap.* 7. *in princip.*

9 *Perer. in Gen. l.* 7. *n.* 10. *Fernand. in* 4. *sect.* 2. *in fine.*

10 *Genes.* 1. 18.

11 *Floscul hist. part.* 1. *cap.* 1. *vers ann. mundi* 390.

12 *Diremos na* 2. *p. cap.* 6. *n.* 4. *Beros l.* 3. *Britto na Monarch. Lusit. p.* 1. *l.* 1. *c.* 2 *ad med.*

13 *Plin. l.* 8. *cap.* 16. *Refert Henric. Engelgrave in Cœle Empyr. fest.* 5. *Martij* §. 3.

mas sómente de haver passado aquella felicidade : 14 queyxaõ-se do espelho, & chamaõ-lhe mentiroso, 15 porque falla verdade : foylhes lisonja, & já lhes he perseguição, mostrando-lhes o que querião ignorar. Alguns contão que Elena se enforcou em huma arvore ; vendo perdida sua belleza com os annos ; outros escrevem diversamente sua morte Horacio refere 16 que huma chamada Europa rogava aos deoses, que antes se visse comida de tigres, & leoens, que chegar a verse fea, ou velha. *Eva* tambem foy mulher quando peccadora, mas deyxou de o ser quando penitente.

14 *Ovid. Metam. l 15. fab. 3.* Flet quoque in speculo, rugas conspexit aniles.

15 *Ovid. l. 3. Trist. eleg. 7.* Ista decens facies longis viriabitur annis. Rugaque in antiqua fronte senilis erit. Cumque aliquis dicet, fuit hæc formosa, dolebis: Et speculum mendax esse querere tuum.

16 *Horat. carm. 3. Ode 27.*

4 Oh penitencia, quam poderosa es com o todo poderoso! quam facilmente vences o invencivel! com que pressa convertes o Juiz tremendo em Pay clementissimo! 17 O peccado de nossos Pays foy o de mayores consequencias, & Deos lhe apressou a absolvição, como se elle atormentára a sua Misericordia. 18

17 *Guerric. Ab. serm. 2. Quadrages. princip.* Quàm potens es apud Omnipotentem: quám facile vincis invincibilem! quàm citó tremendum judicem convertis in pijssimũ patrem!

18 *Idem Suprà.* Sic festinabat absolvere Reum à tormento conscientiæ suæ, quasi plus cruciaret misericordiam compassio miseri, quàm ipsum miserum passio sui. *Loquens de filio prodigo.*

5 Sobre o delicto abundou a graça ; pois além de perdoar revelou Deos a Adam, que de sua geraçam nasceria o mesmo Deos para Redemptor das almas que elle perdéra ; (antes do peccado já tinha Fé da Encarnaçam, para consummaçam da Gloria ; agora a teve para redempção deste peccado ; para o que tomaria carne humana de huma pessoa semelhante a *Eva* no corpo ; mas na virtude, & perfeyçoens excellente sobre todas as creaturas ; da qual ficando ella sempre Virgem, nasceria decentissimamente Deos, & homem ; assim o entendem graves Authores. 19 E claramente o disse a Santa Brisida hum Anjo; 20 & que assim como os espititos Angelicos se alegravam no Ceo de conhecerem que a *Virgem* estava escolhida ab æterno para Mãy de Deos, como já referimos ; 21 assim tinha Adam incrivel gosto em saber q̃ nasceria delle esta Remidora de seus males, & Reparadora de Eva.

19 *Fernand. in 4. Gen. sect. 4. n. 5. Vide supra cap. 4. n. 9.*

20 *Revel. de S. Brisida in Serm. Angel. cap. 7. Vide D. Thom. 2. 2. q. 2. art. 7. D. Aug. in Gen. ad lit. cap. ult.*

21 *Suprà cap. 1. n. 8.*

22 *Vilhegas, Flos Sanct. part. 1. Festa da Annunciaçaõ.*

23 *Suprà cap. 12. n. 1.*

6 Esta revelaçaõ se lhe fez em sonho. 22 E diz o Douto Frey Guilherme da Payxaõ no livro que já referimos, 23 que pelo Archanjo S. Miguel, & que a elle, & a *Eva* deo juntamente noticia da vida, & morte de *Christo*, & declarando-lhes que aquella Virgem havia de chamarse *Maria*, & que em reverencia sua não permittio *Eva* que se usasse deste nome, & ambos entranhavelmente sentião o que padecia o Redemptor ; & se alegravão quando consideravão os outros mysterios gloriosos. 24

24 *P Fr. Guilhelm. tract. 1. cap. 3. cum seqq.*

7 Se na doutrina de Santo Thomás, 25 não terião Adam, & *Eva* esta ventura, se não peccárão, pois não havia Deos de encarnar ; pareceme que ouço a Santo Ambrosio 26 quando disse que S. Pedro ficou mais fiel depois que chorou haver perdido a Fé, & que por isso achára mayor graça que a que perdèra. Se he tam grande a dos que se arrependem, qual será a gloria dos que já reynão ? Se he tal a consolação dos miseraveis, qual será o gozo dos bemaventurados ? Se tanto se logra

25 *D. Thom. 3. p. q. 1. art. 3.*

26 *D. Ambros. Serm. ad Vincul.* Fidelior factus est Petrus postquam fidem se perdidisse deflevit, atque ideo majorem gratiã reperit, quàm amisit.

no desterro, quanto mais se possuíra na patria?

8 Quantas vezes lhe viria ao pensamento chamar feliz a culpa que merecéra tal, & tão grande Redemptor? quantas vezes abençoarião a Mãy de q̃ elle havia de nascer?& quantas se terião por bemaventurados em serem seus Progenitores? A sciencia que dava a Adam conhecimento da dignidade de tal filha; o amor de Pay que o recreava nella; a qualidade de cabeça universal, que o obrigava a desejar o bem dos homens; & o empenho da divida que elle contrahira; & que em todos os seculos lhe seria imputada, erão motivos de amar, & venerar em grão superior à nossa consideração aquella esclarecida descendente, & suspirar por seu mysterioso nascimento.

CAPITULO XVI.

Como em Adam, & Eva começou a natureza humana a experimẽtar as miserias em que havia cahido pelo peccado; trata-se particularmente da intemperança dos climas, & da rebelliaõ dos animaes.

1 DE quèda tam grande naõ se convalece de todo. Nossos Pays alcançáraõ perdaõ da culpa; mas a natureza humana ficou sugeyta a miserias: sahidos do *Paraiso* a vagar pelo mundo as começáraõ logo a sentir aquelles primeyros Pays: & de todas deyxáraõ por herdeyros seus descendentes.

2 Fóra da temperança do *Paraiso* sentiraõ logo a variedade dos climas, que alguns Doutores 1 entendem naõ sentiriaõ no estado innocente, & deyxárão a seus descendentes a trabalhosa herança dos que se experimentaõ. Huns taõ frios, que saõ inhabitaveis, como os termos do Rio Tanais, & lagoa Meotis; 2 alguns que foraõ habitados, mas os mesmos naturaes os naõ podéraõ sofrer; como aquelles Septentrionaes de que sahiraõ os Godos, & outras naçoens suas companheyras, com mulheres, & filhos, a buscarem vivenda: 3 em muytos que hoje se habitaõ se azeda logo o vinho levado de outra parte, pela frialdade excessiva; 4 & se diz que os ursos, animaes taõ robustos, & armados de taõ lanuda pelle, em quatro mezes de inverno naõ sahem do abrigado das covas, nem a buscar sustento, alimentando-se da humidade das mãos com que a natureza os proveo. 5

5 Outros de calor intenso que os antigos escrevéraõ do Monte Chimera de Lycia, 6 & de tudo o que está debayxo da linha equinocial, que disseraõ ser inhabitavel por sua destemperança; 7 & por isso no tempo do Papa Zacharias, Virgilio Bispo Saleburgense foy por sentẽça obrigado a retractarse publi-

1 *Pineda Monarch.Eccles.p.1.l.1.cap.6.§.3.*

2 *Joan.Boem.de morib.Gent.l.3.cap.1.*
Fr.Hieron.de Castro addiç.à Jul.de Castilh.histor.dos Godos l.1.disc.1.

3 *Mariana hist. de Hespanha l.5.cap.1.*

4 *Mariana suprà.*

5 *Arist.l.14 c.2.de part. Plin.l.8 c.36.*
Diogo de Funes, & Mendoç.na hist. de aves, & animaes l.2.c.5.

6 *Plin.l.2.cap.106.*
Virg.Æneid.l.6.
Flammasque armata Chymæra.
Horat.l.1.
Me nec Chimæræ spiritus igneæ.
Ovid.Metam.l.10.

publicamente de haver dito em hum Sermaõ, que havia Antipodas; por se entender, que naõ sendo possivel passarse a elles pela Zona torrida, era erroneo dizer que havia gentes, a que naõ podia chegar a Fé de *Christo*; 8 & com tudo habitaõ-se a Ilha de Saõ Thomé, & outras terras debayxo, & muy chegadas da linha; padecendo seus moradores aquella pena pela culpa do primeyro Pay.

8 *Aventin. in annal. Botor. Rosin. de antiq. Rom. orat. 2. pro antiq. pag. mihi 506. Dissemos nas excellencias de Portug. cap. 14 excell. 8. n. 4.*

4 He tam géral esta incommodidade, que nas regioens mais temperadas naõ deyxa de se sentir em alguma maneyra. Em Inglaterra, a mais temperada do Norte, vi congelarem-se com frio em poucas horas os ovos crus, ficãdo as gemmas secas, & encolhidas, como peras, ou pessegos passados ao Sol; por curiosidade os cheguey a fogo lento, & meti em agua quente, sem fazerem mudança. Em Hespanha, cujo temperamento celebramos, nos exercitos da guerra que nestes annos passados tivemos com Castella, chegou por vezes a força do Sol a mudar a cor a alguns cavallos, segundo ouvi a testemunhas fidedignas.

5 Além do rigor que se sente nos excessos, foy antiga opiniaõ de Medicos graves, 9 que os habitadores de regioens destemperadas estaõ actualmente enfermos de alguma lesaõ, posto que por gerados, & nascidos nella a naõ sentem. Pelo menos he certo, que o bom, ou mào temperamento da patria conduz muyto para os engenhos. 10

9 *Refere Joaõ Huarte de S. Joaõ no exame de ingen. procm. 2.*

10 *Aristot. in prolog. physiognom. & l. 7. polit. Galen. lib. quod animi mores. Joan. Nèvisan. in Silva nuptial l 5. n. 47. in princip. Joaõ Huarte suprà cap. 4. Dissemos no tract. Perfect. Doctor. qualitat. 1.*

6 Sentiraõ logo nossos Pays a inobediencia dos animaes, porque ainda que Adam naõ perdeo o direyto que Deos lhe tinha dado para os dominar, 11 elles se rebellàraõ, & hoje nos saõ inimigos; exceptos poucos que a industria humana domesticou, & confessamos grande obrigaçaõ aos que fizeraõ este bem: do mar o cavallo, dizem huns Authores, que devemos a Neptuno; outros que a Sesuchoso Rey de Egypto; outros que a Oro filho de Osyris 12 De amansar os touros nos fazem devedores, huns a Dionysio, que dizem ser filho de Jupiter, & de Proserpina; outros a Briegea Atheniense; outros a Triptolemo; outros a Osyris; outros a Abides Rey que foy de Hespanha; porque os lavradores que antes havia, rompiaõ a terra com enxadas, ou com instrumentos semelhantes, à força de seus braços. De sugeytar as cavalgaduras à carga dizem alguns que foy inventor Jabel, quinto neto de Caim. 13

11 *Genes. cap. 26. & 28.*

12 *Refere estas opinioens Viana nos comment. a Ovid. Metam. l. 1. n. 29.*

13 *Referem estas opinioens Mexia Sylva de var. liçaõ l 2. cap. 24. Benedict. Fern. in 4. Genes. sect. 19. n. 4.*

7 A mayor parte dos animaes nos fazem guerra descuberta, anhelando muyto a carne, & sangue humano. Se Adam naõ peccàra, diz S. Gregorio Nisseno, 14 se contentariaõ com os frutos da terra; mas imitando ao homem se licenciàraõ no comer. Quando os Godos entràraõ em Hespanha, fugia a gente para os montes, aonde a comiaõ as fêras, & depois pelo costume vinhaõ fazer o mesmo nas povoaçoens; 15 & por partes de Africa, & Asia se naõ caminha, senaõ em companhias armadas para defensa dos leoens: o Monte Colober do Estado de

14 *D. Greg. Nissen. in hom. pract. Orat. 2* Pardus, & leo legi naturæ subjecti, fructibus alebãtur; sed cum homo recessit à mandato, reliqua animantia comedẽdi licentiam nacta sunt.

15 *Britto na Monarch. Lusit. l. 6. cap. 1.*

de Catalunha se fez inhabitavel por causa das muytas cobras, & serpentes. 16 Marco Regulo Romano, andando contra os Carthaginenses em Africa, foy forçado a hir com seu exercito contra huma serpente, que lhe tinha morto muytos soldados só com o pestifero alento, & defendendo-se ella com dano dos que a commettiaõ, sem os tiros das béstas, que entaõ se usavaõ, a offenderem, foy necessario levar grandes trabucos para lhe atirarem com penedos, & assim a matàraõ; tirouse-lhe o couro muyto duro, & com grandes escamas; tinha cento & vinte pés de comprido; foy mandado a Roma, aonde muyto tempo se mostrou por maravilha. 17 Outra semelhante, & que fazia semelhante mortandade, matou-a valerosamente hum Cavalleyro do Habito de Saõ Joaõ a cavallo com lança, havendo em muytos dias costumado o cavallo a chegarse sem medo a huma figura que della se fez; 19 Hercules Christão, que verificou o fingimento da hydra Lernea; 18 de outras, & de outros animaes que em diversas partes só com o alento inficionàraõ os ares, fazendo-os mortiferos, trataõ muytos Escritores. 20 O basilisco, se vé primeyro o homem, só com a vista mata. 21 A mordedura do aspide passa o veneno ao coraçaõ, & mata com sono suavissimo. 22 Houve notaveis mortes de picaduras de serpentes, que fora largo referir. 23 Atè ao Apostolo S. Paulo se atreveo huma vibora. 24 He tal o veneno deste animal, que disseraõ alguns antigos que só se podia reprimir com a vara de Esculapio Deos da Medicina, & por isso lhe pintavão nella huma vibora enroscada. 25 A tarantula, especie de aranha na provincia de Apulia do Reyno de Napoles, mordendo, imprime veneno que não mata, mas incita a baylar com quatro qualidades; primeyra, que faltando o bayle mataria; segunda, que naõ se pòde baylar sem som; terceyra, que ha de ser sómente hum som determinado para aquelle caso; quarta, que o mordido leva aquella qualidade comsigo para qualquer parte; mas se a tarantula morre na Apulia, morre tambem o desejo de baylar, ainda que se ache na India. Tudo isto escreve o P. Antonio Guilhelme da Congregação do Oratorio de Napoles, que pòde testemunhar de vista, no excellẽte livro das grandezas da Santissima *Trindade*. 26 Com tudo Diogenes perguntado, que mordedura era a mais venenosa, respondeo: *Que dos animaes bravos, a do maldizente, & dos mansos, a do lisongeyro.*

8 Os mais vîs, & desprezados, tal vez se atrevem. Ratos matáraõ, & comérão a Hatò Arcebispo de Moguncia; 27 & quando mais naõ pòdem, fazem guerra pelos mantimentos, & por outros modos insofriveis. Ratos fizeraõ despovoar lugares de Italia, & huma Ilha das Cicladas chamada *Giaro*, causando fome, por comerem todos os frutos da terra. Em França se despovoou huma Cidade por causa das rans; em Africa outra por gafanhotos; huma Comarca por centopeas; huma Provincia junto de Ethiopia por alacraẽs, & formigas. Os Magarenses

16 *Jul. de Castilho hist. dos Godos l. 2. disc. 1.*

17 *Luc. Flor. in epit. Liv. dec. 2. l. 8.*

18 *Fr. Domingos Maria Curioso na hist. da Religião de S. João.*

19 *Apud Ovid. Metam. l. 9*

20 *Refere-os Franco no Campo Elys. q. 99. n. 7 & 8.*

21 *Plin. l. 8. cap. 21. ad fin. Funes, y Mendoça sup. l. 2 c. ultim. Alij apud Delrium, disquisit. Magic. l. 1. cap. 3 q 4. vers. de Regu. qui tamen dubitat.*

22 *Textor in officin. p. 2. tit. serpent. quorumd. nomina. Hieron. de Huerta nas annot. à Plin. l. 8. c. 23. Lucan. l. 7.* Aspida somniferam tumida cervice levavit. *Castilho hist. dos Godos l. 3. disc. 8.*

23 *Referem algumas Plin. l. 8. c. 21. & Hieron. de Huerta ahi nas annot. a Castilho d. disc. 10. Bened. Fernand. in 3. Genes. sect. 19 n. 2. 6. & 7. & muytas Franco no Campo Elysio q. 96.*

24 *Act. 28 3.*

25 *Thom. Dempster. l. 2. antiq. Rom. c. 17. Franco suprà n. 3.*

26 *P. Ant. Guilhelm. de le grandeze de la Santissima Trinit. disc. 18. Molti exempli.*

27 *Mexia na sylv. l. 1. c. 19. n. fin.*

em Grecia deyxàrão a patria pelo mal que faziaõ as moſcas: os Faſeliſtas por abeſpas: & huma Cidade de Creta ſe deſpovoou por abelhas. 28 Nas terras do Preſte João viraõ os Portuguezes, que acompanhárão o Embayxador Dom Rodrigo de Lima, huma nuvem de gafanhotos, que tomava quaſi oyto legoas, & deſtruhião os campos; forão mortos com hum exorciſmo que lhe fez hum Sacerdote; 29 & ſemelhante dano experimentamos algumas vezes ſem baſtarem exorciſmos para tal praga.

28 Mexia ſup.l.2.c.24.ex varijs Authoribus.

29 Joaõ de Barros dec.2.l.3 c.4.

9 Tornaõ-ſe contra o homem os meſmos animaes que elle eſtima. Na fabula de Acteon, 30 comido dos caens que ſuſtentava, ſe pode allegorizar; & por verdade ſe eſcreve, que imperando Auguſto, os muytos coelhos, que havia nas Ilhas de Malhorca, deſtruhiaõ as novidades, ſem os naturaes o poderem remediar, & foy neceſſario pedirem ſoccorro aos Romanos para os deſtruir. 31 Na noſſa Ilha do Porto Santo fizeraõ antigamente o meſmo dano.

30 Apud Ovid. Metam. l.3.

31 Plin l.8 cap.55. Sorapan na Medicina Eſpanhola refran.20.pag.mihi 167.

10 Atè do profundo das aguas ſóbem animaes a fazernos guerra. De hum peyxe chamado polipo, ſe diz que do anzol paſſa pela ſedela à mão do peſcador, & della ao coração, & o mata. 32 Na Africa, & America ſahem dos rios grandes lagartos a tragar gente. Notorio he o que ſe conta dos Crocodilos; por couſa admiravel refere Plinio, 33 que ſós os Tentyritas, moradores em huma Ilha do Nilo, ſendo muyto pequenos do corpo, tinhão tanto dominio ſobre eſte animal, que a cavallo ſobre elles paſſeavão pelo rio, poſto que elles repugnaſſem, procurando morder; & os trazião a terra, & ſó com a voz os obrigavão a vomitar algum corpo que de pouco antes tiveſſem tragado, para ſe lhe dar ſepultura; pelo que os Crocodilos ſe apartavão da Ilha, & ſó o olfacto daquella gente os afugentava. Tal he a rebelliaõ dos animaes contra o homem; cauſada pelo peccado.

32 Lope de Vega Carpio na Dorothea act.3.ſcen.4.

33 Plin.l.8.cap.25.

11 He verdade que huma balea ſervio de navio a Jonas. 34 Leoens reſpeytárão a Daniel, 35 & a muytos Martyres do Teſtamento Novo; hum abrio ſepultura ao veneravel corpo de Santa Maria Egypciaca; 36 outro ſervia nos deſertos de Theſalia a hum Moſteyro de Anacoretas; 37 hum Corvo trazia o ſuſtento a S. Paulo primeyro Ermitão; outro guardava o corpo de Saõ Vicente; outros muytos milagres ſe virão nas vidas dos Santos. Huma Pomba trouxe a Clodoveo Rey de França as tres flores de lìs, que o Reyno tomou por armas, & huma ambula de oleo com que ſeus Reys ſe ungem. 38 Tambem as hiſtorias profanas contão que a Semiramis, Rainha de Babylonia, creàrão certas aves com queijos freſcos, & coalhada, que furtavão aos Paſtores: 39 a Abides neto de Gorgoris, Rey dos antiquiſſimos de Heſpanha, creàrão féras a ſeus peytos: 40 a Romulo, & a Remo creou do meſmo modo huma Loba; a Cyro Rey dos Perſas huma Cadela; a Hieron Siracuſano hum enxame

34 Jon.2. Matth 12.40.

35 Daniel.6.

36 Villegas Flos Sanctor. na vida deſta Santa.

37 Hieron. de Huerta nas annot. à Plin l 8 c.16. Hieron. Cortes hiſt. de anim. c.1.p.1.

38 Ceriſiers no Tacito Francez, & as hiſt. de França na vida de Clodoveo. Jul. de Caſtilho hiſt. dos Godos l.2. diſc.7.

39 Diodor. Sicul. l.3. Lucian. in dial Siriæ. Sabellic. Æneid.1.l 1. Alex. ab Alex l.2.cap.31. Pier. hierogl. l 22.

40 Marian. hiſt. de Eſpanh. l.1. c.13. Britto Monarch Luſit. l.1 cap.21. Faria Epit das hiſt. Port. p.1 cap.2. n.3.

me

me de abelhas: alguns disseraõ que a Pelias huma Egoa; a Paris huma Ursa; a Egisto huma cabra; a Ptolomeo Sorer filho de Arsonio huma Aguia com sangue de codornizes que matava. 41 Boys advertirão a Roma da guerra de Annibal. 42 Huma Cerva servia ao Romano Sertorio nos fingimentos com que acquirio opinião em Hespanha, & morreo vendo-o morto. 43 Huma Aguia creada por hũa donzella lhe trazia depois aves, & animaes que caçava; & vendo-a morta se lançou com ella na fogueyra em que se queymava. 44 Outra avisou com pronostico da destruição de Hespanha pelos Mouros. 45 Hũ Leão perdoou no Amphiteatro de Roma a Andrado escravo, de nação Dacio, porque lhe havia tirado hum espinho de hum pè; 46 outro servio o Golfredo, soldado Francez do exercito, com que Gothofredo conquistou a Terra Santa; porque valerosamente o livrára de huma serpente; 47 outros leoens em varias partes se amansárão, & servirão. 48 Havendo hum segador libertado huma Aguia de huma serpente, que a tinha enroscada junto de huma fonte, & querendo beber della, a Aguia lhe derribou da mão o vaso porque não bebesse da agua que a serpente envenenàra, de que morrérão companheyros que já tinhaõ bebido. 49 De Delfins se escrevem muytos successos a este proposito; 50 & por graça refere Author grave, 51 que em Alemanha alta vira que hum rato allumiava com huma vèla a huns homens que estavão ceando.

12 Mas estes, & outros serviços (se todos saõ verdadeyros) que os homens em algumas occasioens recebèraõ de féras, & de animaes não domesticos, ou forão milagrosos fóra do natural, ou tam particulares, que não fazem consequencia; & alguns em que obrou a industria dos que o amansárão, se tiverão por suspeytosos na Magia; & assim os Carthaginenses desterráraõ a Hannon, porque domesticára hum leão, entendendo que tambem teria ardil para se levantar com a Republica; 52 & do Emperador Tiberio, que tinha huma serpente docil, & que lhe vinha comer à mão, 53 houve a mesma suspeyta. Nem tal mansidão he segura, como notou Santo Ambrosio. 54 Hum homem andou por toda Europa ganhando dinheyro com se mostrar metendo a cabeça na boca de hum grande Leão, atè que huma vez lhe ficou entre os dentes. O certo he que o peccado nos rebellou os animaes, como logo experimentáraõ Adam, & *Eva*.

13 He impossivel referir as miserias a que nos sugeytàrão aquelles Pays, & fora superfluo representar por escrito o que nós padecemos. Plinio 55 disse que por ellas julgáraõ muytos que fora melhor ao homẽ não nascer, ou em nascendo morrer. Com esta clausula acabou tambem Job 56 a sua descripção. Pudera-lhe dar cumprimento Gorgias Epirota, que morrendo sua mãy pejada delle, nasceo quando a levavão para a sepultura, & o seu choro advertio os que a levavão, & fez que parassem com o esquife; 57 se nascia chorando, para que nascia, quando se pu-

 dèra

41 *Ælian. var. hist. l. 12. cap. 42. Liv. dec. 1. l. 1. Alex. ab Alex. l. 2. cap. 31. Suid. hist. l. 1. Cortes suprà p. 2. cap. 1. ubi plura refert.*

42 *Vide suprà cap. 5. n. 5.*

43 *Britto suprà l. 3. cap. 27.*

44 *Plin. l. 10. cap. 5.*

45 *Castilh. suprà l. 2. disc. 11.*

46 *Gel. noct. Attic. l. 5. cap. 14. Senec. de Benef. l. 2. cap. 19. Apian Pobilij histor. rer. Ægypt. l. 5. donde diz que elle o vio. Ælian. de anim. l. 7. cap. 43.*

47 *Mexia na Sylv. l. 2. cap. 2. Hieron. Cortes d. cap. 1.*

48 *Ælian sup. l. 5. & 17. Mexia d. l. 2. cap. 3.*

49 *Fr. Heytor Pinto p. 2. dial. 2. c. 12. ex Pier. in hierogl. Hieron. de Huerta nas annot. a Plin. l. 10. cap. 8. ex Crate Pergameno.*

50 *Apud Fr. Heytor Pinto d. cap. 12. ex Ælian. & alijs. Castilh. sup. l. 4. disc. 18.*

51 *Albert. l. 8. c. 1. referido por Diogo de Funes sup. l. 2. c. 26.*

52 *Plin. l. 8. c. 16. ad fin. Mexia d. l. 2. c. 3.*

53 *Sueton. in Tiber.*

54 *D. Ambros. in Psalm. 104.*

55 *Plin. in proœm. l. 7.*

56 *Job* 10. 16. Fuissem quasi non essem, de utero translatus ad tumulum.

57 *Textor in officin. p. 2. tit. miracul. naturæ.*

dèra ſepultar? Tambem Celio Agrippa naſceo com os pès para diante, 58 como quem vinha voluntariamente por ſeus pés; & aſſim naſcem outros, porque vem ſem juizo. Cõ elle pareceo que naſcia hum menino em Sagunto pouco antes da deſtruiçaõ daquella Cidade, que naſcido de todo, ſe tornou a meter logo nas entranhas da mãy, ſem que lho pudeſſem impedir, 59 como arrepẽdido de naſcer em patria aonde haveria calamidades taõ grandes. Todo o mundo he Sagunto de calamidades; todos deveramos fazer o meſmo, ſe naſceramos com juizo. Mas porq̃ o não fizeſſemos, prevenio a natureza que naſceſſemos ſem elle como notou hũ grave Eſcritor. 60 Foy couſa nova, diſſe Jeremias, 61 que a *Virgem Mãy* trouxeſſe em ſuas entranhas hum Menino varão no juizo; & naſcer elle entendendo para o que naſcia, foy grandiſſima fineza de amor.

58 *Textor eodem loco.*

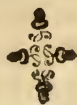
59 *Plin. l. 7 c. 3. in fin. Fr. Franciſco Diago, nos ann. de Valença l. 2. cap. 25.*

60 *P. Zachar de Lyſieus na Philoſoph Chriſt. p. 1. cap. 21.*

61 *Jerem. 31. 22.* Creavit Dominus novum ſuper terram; fœmina circumdabit virum.

14 Mas o peccado ainda merecia mayores males. Queyxamonos das inclemencias do Ceo, & o Sol veſte o dia de luzes para q̃ o logremos: a Lua, & as Eſtrellas nos eſmaltão a noyte em que deſcançamos: a Primavera nos alegra com flores: o Verão nos regala com pomos: o Outono nos enriquece com frutos: o Inverno diſpoem outro tanto para o anno ſeguinte; tudo ſe alterna em ſerviço noſſo; nòs ſómente faltamos ao de Deos. Que fora ſe os Ceos, & os tempos não diſſeſſem: *Nòs obedecemos a noſſo Creador, que mandou que te ſerviſſemos: ſervimos a quem o deſpreza: eſperou, & naõ te emendaſte; já nos manda que mais te naõ ſirvamos, porque naõ haja quem o deſpreze mais?* Queyxamonos de que os animaes não ſaõ rebeldes, & eſtamos rebellados contra quem lhes mandou que nos obedeceſſem; porque naõ damos a Deos a obediencia que delles queremos? Pòdem-nos bem dizer: *Como pedes obſequio, ſe o negas a quem he mais devido? Deſobedeces ao Creador, & queres obſequio da creatura? Queres dominar, & naõ reconheces teu Senhor? Se queres imperar, naõ deſprezes as leys do Imperio; pois te jactas de racional, dános exemplo: atégora moſtrámos nòs mais razaõ.* Por ſemelhãte modo nos pòde reconvir toda a natureza, de q̃ para nòs produzem as terras, rèverdecem os prados, brotão as arvores, correm os rios, manaõ as fontes, & para noſſo uſo gérão tantos animaes: que ella eſtá conſtante neſtes effeytos, & nòs pertinazes em noſſa ingratidaõ: ò agradeçamos a Deos o que padecemos, ſe pudermos, tragamos à memoria ſeus beneficios, & logo conſideremos noſſos merecimentos, ſe entrarmos neſtas contas, até de viver em trabalhos nos acharemos indignos. 62

62 *D. Chryſoſt. Serm. Quomodo primus homo, in 1. tom. column. mihi 33. in fin.* Numera beneficia, ſi potes, & tunc cõſidera quid mereris, nec dignum te judicabis, eò quòd fueris, ſi intelligas quid mereris.

CAP.

CAPITULO XVII.

Como a natureza humana mostrou no primeyro fruto que de si deu, estar depravada, & arruinada em malicia; trata-se do fratricidio do perverso Caim no innocente Abel.

1 PReservada só a *Mãy de Deos*, 1 cahio a natureza humana em original injustiça pelo peccado de Adam. 2 Mostrouse logo no primeyro fruto, pelo qual se conhece a arvore. 3 Caim, que se interpreta *acquisitio*, primogenito de Adam, & *Eva*, 4 ou do peccado, (oh parto infeliz!) foy o primeyro avarento, 5 o primeyro invejoso, o primeyro herege, o primeyro matador, o primeyro desesperado; tudo se vio na morte de seu irmaõ Abel; 6 & multiplicado o mundo, chegou a fazerse salteador de caminhos; foy incorrigivel, & tam odioso em tudo, que entre os Hebreos era a segunda feyra dia infausto, por ser tradição que nascèra nelle. 7

2 Abel segundo, mas verdadeyro filho de Adam, & *Eva* penitentes, amavel por pessoa, & muyto mais por costumes, era pastor; grande honra para elles, que o primeyro haja sido Santo, & o Santo dos Santos se preze de Bom Pastor; 8 officio o mais nobre, que por isso (diz Santo Ambrosio 9) o Texto Sagrado o nomea primeyro que o de Caim; sendo irmão mais velho. Ensinados ambos pela razaõ natural, que obriga a reverenciar a Deos por acto exterior: 10 & doutrinados por Adam, 11 offerecèrão sacrificio; Abel dos primogenitos, & melhores do seu gado; & estando Adam na terra onde foy depois Jerusalem, como assima dissemos, 12 ha Escritor, 13 que tem por verosimel, que fez a offerta no lugar em que o *Redemptor* se offereceo depois por todos os homens: Caim, que era lavrador, offereceo dos frutos que a terra lhe dava; ambos offerecèraõ, & Caim primeyro, porque os máos tambem offerecem por cumprimento sem escolherem; os bons escolhem para Deos o melhor, 14 & o *Senhor* aceyta os coraçoens, 15 como entendéraõ ainda os Gentios: 16 grande felicidade do mundo, dizia Socrates, 17 porque se os Deoses deferissem às dadivas, os máos alcançarião quanto pedissem, pois ordinariamente saõ os que pòdem dar mais.

3 Mostrou Deos por sinal exterior, que se entende foy descer fogo do Ceo sobre a sacrificio de Abel, 18 que só aceytava este, & não o de Caim: 19 Abel ficou banhado em gozo; Caim assombrado de tristeza: 20 Abel canonizado por virtuoso, era certo que havia de ser envejado; 21 & Caim sendo irmaõ mais velho, se fez menor sendo invejoso. 22 Levou á Abel

1 *Veremos na 2. p. cap. 15.*
2 *Supra cap 6.*
3 *Matth. 7. 17.*
4 *Genes. 41.* *Joseph. antiq. l 1. cap 3.* *Perer. in Genes l. 7. n. 8.*
5 *D. Chrysost. Serm. 18. in ep. Paul. ad Ephes. cap. 5 in 4. tom.*
6 *Genes. cap. 4.*
7 *Joseph de antiq. l. 1. cap. 2.* *Matute na prosap. de Christo idade 1. c. 4. §. 3.*
8 *Joan. 10. 14.* Ego sum pastor bonus.
9 *D. Ambr. l. de Abel, & Caim cap. 3.*
10 *D. Thom. 2. 2. q. 85. art. 1.*
11 *Perer. in Genes. l 7. n. 13.* *Fernand. in Gen. 4. n. 1.*
12 *Suprà cap. 12. n. 4.*
13 *Catharin. in Genes. referido por Matute na prosap. de Christo idade 1. cap. 4. §. 1.*
14 *D. Chrys. hom. 18. in Genes.*
15 *Psalm. 50. v. 18.*
16 *Ovid ep. 19.*
Non bove mactato cælestia numina gaudent;
Sed quæ præstanda est, & sine teste, fides.
17 *Socr. apud Erasm. l. 3. apophthegmat.*
18 *Perer. d. l. 7. n. 18.*
19 *Gen. 4. 5.*
20 *Fernand in 4. Gén. sect. 5. n. 2.*
21 *Vide infra cap 40. n. 19.*
22 *Senec. in Proverb.* Si non invideris, maior eris, nam qui invidet, minor est.
Guerric. Ab. Serm. 5. de Purificat. post princ. Nisi inferior esset, de bono alterius non doleret.

a Abel ao campo em converſação enganoſa, obſtinado contra Deos que o amoeſtou no caminho, 23 ſegundo Genebrardo, & outros Eſcritores, 24 lhe diſſe que nem havia Deos, nem Juiz, nem outra vida, nem premio para os juſtos, nem pena para os impios. Reſpondeo-lhe Abel contradizendo tudo iſto, & Caim o matou. Huns dizem que comendo-o à bocados: outros, & he o mais certo, que dando-lhe com huma pedra; 25 poſto que o vulgo diga com a queyxada de hum jumento; & eſcondeo ſeu corpo debayxo da terra. Miſeravel Caim! como não morreſte vendo a primeyra morte? depois de vermos tantas nos cauſa compayxão a de qualquer eſtranho, não violenta, & ſó ouvida; & tu viſte palpitar, & eſpirar teu proprio irmão com quem agora fallavas, ſendo tu o fratricida, & ficas vivo com animo para o enterrar? Deſte modo foy Caim o primeyro herege, & Abel o primeyro Martyr; 26 dizem alguns Authores, que foy morto em ſeſta feyra, 27 para que foſſe figura de *Chriſto* Senhor noſſo.

4 Aſſiſte Deos com os juſtos nas tribulaçoens; 28 acodio logo, & perguntou a Caim aonde eſtava ſeu irmão. Não ſó negou ſaber delle, mas reſpondeo perguntando, (coſtume ruſtico dos mãos) *Sou eu guarda de meu irmaõ?* Bem o pudèra ſer, pois era mais velho, & ſe não era guarda, não fora homicida. O Senhor lhe diſſe *que a voz do ſangue de ſeu irmaõ clamava da terra*; a letra Caldaica lè, *que a voz das geraçoens que haviaõ de naſcer de ſeu irmaõ clamava da terra*: nos peccados clamaõ tambem as conſequencias; 29 & os tyrannos que matão aos juſtos, não pòdem matar a ſua voz, antes clama, ſoa, & ſe ouve mais fóra da eſtreyteza do corpo; 30 & dizer que o ſangue clamava, conduz para o que ſe diz, que as feridas de hum morto já frio tornão a lançar ſangue na preſença do matador; & ſe vio muytas vezes: os Juriſtas trataõ, ſe por eſte indicio ſe pòde chegar a tormento: 31 os Medicos, & Filoſofos, 32 ſe procede de cauſa natural; o que tambem tocárão Theologos; 33 & tudo largamente diſputa Gaſpar dos Reys Franco no eruditiſſimo livro, *Campo Elyſio de queſtoens agradaveis*, 34 aonde reſolve que não ſe acha razão baſtante, ſenão querer a Juſtiça Divina em alguns caſos fazer aquella demonſtraçaõ. O certo he que em preſença, & em auſencia ſempre o ſangue do homicido, illigitimo, & voluntario, clama vingança, 35 & Deos prometteo ouvillo. 36 Trinta cauſas conta a Polyanthea Chriſtãa, & curioſamente, 37 porque ſe deve amar a vida do proximo, & evitar o homicidio; fora largo referillas. A David com ſer Santo, declarou Deos que não queria templo de ſua mão, porque fora matador; 38 & ainda entre os Gentios era prohibido entrar com armas, & com qualquer ferro nos templos; 39 por iſſo edificando-ſe o de Salamão, não ſe ouvia golpe de ferro; 40 & adverte Santo Agoſtinho, 41 que ſe enganão os que cuydam que ſó he homicida o que mata

por

23 *D. Ambroſ. l. 2. de Abel c. 8. D. Auguſt de Civ. Dei l. 15. cap. 7.*

24 *Genebrard. in not. Chronograph.*

25 *Targus, & alij apud Matute ſupra cap. 3. §. 7. Author Paraphraſ. Hieroſolym. apud Perer. d. l. 7. n. 34.*

26 *D. Aug. ep. 58. & l. de mir. ſacr. Scriptur. cap. 3. Matute d. loc.*

27 *Pined. na Monarch. Eccl. l. 1. cap. 11.*

28 *Pſalm. 90. v. 15.* Cum ipſo ſum in tribulatione.

29 *Pineda ſup. l. 1. cap. 12. §. 3. Perer. d. l. 7. n. 41.*

30 *D. Petr. Chryſol. Serm. 174. ad fin de decollat. S. Joan. Bapt.* Vox occidi non poteſt, ſed magis clamat anguſtijs corporis abſoluta. Sic vox Abel in ſuo effuſa ſanguine magis ſonat, magis penetrat, magis pertendit ad Cælum.

31 *Pariſ. de Puteo de Syndic. verb. tortura, in 3. verſ. mandavit Rex, in fin. Boet. deciſ. 166. Ant. Gom. var. tom. 3. cap. 16 de tort. n. 15. Menoch. de præſumpt. l. 1. q. 89. n. 128. & bi allegant plures.*

32 *Cortæus diſquiſit. philoſoph. l. 4. Conciliator, in probl. Ariſt. ſect. 6. probl. 7. Nic Florent. ſerm. 1. pract. 1. cap. 6.*

33 *Delrius in Oct. Senec. verſ. 127. Euſ. Nieremberg. philoſoph. curioſ. l. 2. p. 1. c. 12. & p. 2. l. 1. à c. 46. & d. l. 2. c. 105. & 107.*

34 *Franco in Camp. Elyſ. q. 33. à n. 12.*

35 *Apocalypſ. 6. 10.*

36 *Gen 9. 5. & Matth. 26. 52.*

37 *Polyant. verb Homicidi.*

38 *Paralipom 28. 5.*

39 *Lex 12. tab. apud Cic. 2. de leg.* Et ferrum arceto á delubris, duelli inſtrumenta, non ſani.

40 *3. Reg. 6. 7.*

41 *D Aug. relatus in cap. Periculoſæ, de pœnit. diſt. 1.*

por ſua mão, ſendo-o tambem aquelle por cujo conſelho, exhortaçaõ, & engano ſe ſegue a morte; aſſim mataráõ Dalila a Samſaõ: David a Urias: Jeſabel, & os mais Juizes a Naboth: Herodias, & Herodes ao Baptiſta: Judas, os Fariſeos, Caifás, & Pilatos a *Chriſto.*

5 Diſſe Caim, vendo-ſe convencido, que ſeu peccado naõ merecia perdão; & diſſe iſto deſeſperado: 42 diz hum moderno grave, 43 que crucificou a Miſericordia de Deos. Grande miſeria foy haver peccado contra Deos tam benigno, que fallava com os homens; & mayor miſeria deſeſperar de Deos que o vinha buſcar com perdão, ſe ſe arrependeſſe. 44 Ser ferido he perigo: não ſe curar he morte: no corpo ha muytas feridas incuraveis, & com tudo naõ ceſſamos de lhes applicar remedios; na alma todas tem remedio; porque nos deſcuydamos de lhos applicar? Deos emenda a ſentença a quem emenda a culpa; julga pelo eſtado preſente, naõ pela vida paſſada; naõ ſe lembra dos peccados de quem ſe arrepende. 45 Mas quem naõ pede abſolviçaõ, condená-ſe. 46 Mais ſentio o *Senhor* a deſeſperaçaõ, que o fratricidio; dilatou a pena deſte, & aquella punio logo com parleſia perpetua, torcendo-lhe a boca com que fallava deſeſperado. 47 Porém notaõ Doutores graves 48 que andar tremendo paralitico, foy o ſinal que Deos lhe poz para que ninguem lhe fizeſſe mal; 49 tal he a Divina bondade, que os ſeus caſtigos ſaõ uteis; ſempre ſe moſtra Pay: até na condenaçaõ eterna he Pay commum, porque ſe não houvera aquella pena, poucos alcançariaõ gloria, pois o medo obriga mais que o amor. 50

6 Achado Abel morto, que dor ſeria à dos Pays vendo o triſte eſpectaculo da morte que não conheciāo, em filho, & elle cauſa de tanto mal! Referem muytos Eſcritores que teve Saõ Methodio revelação de que Adam chorára cem annos eſta morte, & por naõ ver outra, fizera voto de caſtidade, & o guardàra atè que Deos lhe mandou por hum Anjo que multiplicaſſe, & então gerára a Seth. 51 Outros dizem, 52 que apocrifamente ſe attribue tal revelaçaõ a Saõ Methodio; certo he que Santa Briſida a teve, mas não ſe declaraõ nella os annos. 53

7 Envelhecido Caim em peccados, que huns ſobre outros cumulou, chegou a vagar pelos montes como ſalvagem, & Lamech, ſeu quarto neto, andando à caça, lhe atirou com huma frecha entre huns matos, cuydando que era féra, & o matou por erro; morrendo como féra, o que matou o irmaõ, & às mãos de ſeu proprio deſcendente. Aſſim o eſcrevem Authores graves, 54 & o inſinùa o Texto Sagrado, 55 poſto que alguns digaõ que lhe cahio a caſa na cabeça; & outros 56 que eſperando Deos a emenda, que elle naõ teve, viveo até o diluvio, o que não ſe acorda bem com a computaçaõ dos tempos.

42 *D. Bernard. ſerm.* 11. *ſuper Cant ſtatim poſt princip. Perer. in Gen. l.* 7. *n.* 49.

43 *Fern. in* 4. *Gen. ſect.* 13. *n.* 3. *in fin.*

44 *D. Chryſoſt. hom.* 19. *in Gen*

45 *Ezech.* 18. 22. Omnium iniquitatum ejus quas operatus eſt non recordabor: in juſtitia ſua quam operatus eſt, vivet.

46 *Hugo L. de vera ſap.*

47 *Nota Matute ſup. idade* 1. *c.* 3. §. 7.

48 *D. Athanaſ. L. queſt. in q.* 96. *& in* 4. *ſup. Iſai. Perer. d. l.* 7. *n.* 62.

49 *Gen. d. cap.* 4. 15.

50 *D. Chryſoſt. hom.* 7. *ad pop. Antioch. in tom.* 5.

51 *Hiſt. Scholaſt. in Gen. cap.* 25. *Petr. à Natal in albo Sanctor. Petr. Tartaret, l.* 1. *d.* 3. *q.* 1. *Pined. ſup. l.* 1 *cap.* 14. §. 1.

52 *Perer. in Gen. l.* 7 *n.* 11. *Fernand. in* 4. *ſect.* 21. *n.* 1.

53 *Revel. de S. Briſida, in ſerm. Ang. cap.* 7. *in princ.*

54 *D. Hieron. ep.* 125. *ad Damaſ. Caietan. in Gen. Abulenſ ibi q.* 1. *Genebrard Cronograph. l.* 1.

55 *Gen d. cap* 4. 23.

56 *Refere eſtas opinioens Matute ſuprà idade* 1. *cap.* 3. §. 5.

57 *Pineda d.l.1.cap.12. §. 3.*
58 *Genes.d.cap 4.11.*

59 *Suprà c.5.n.10.*

60 *Genes.d.c.4.11.*
D.Athanas.q.94.

8 Notou o Douto Padre Pineda 57 que não amaldiçoou Deos a Adam, havendo destruido o mundo, & amaldiçoou a Caim por matar a Abel; 58 porque Adam peccou por amor, não querendo descontentar a *Eva*, 59 Caim por odio: Adam teve objecto menos desconcertado, o de Caim foy aborrecivel. Bem mostrou a natureza humana logo no principio sua corrupção dando tam máo fruto. Notavel differença! o homem offendeo a Deos no primeyro fruto que gerou, Deos glorificou o homem no primeyro fruto que delle colheo: & quiz que o primeyro morto fosse justo, para que a morte não ficasse com fundamento tam firme, como ficaria sobre peccador; deunos em Abel penhor da resurreyçam: 60 a natureza se oppoz a Deos em Caim, & Deos coroou a natureza em Abel; tam antiga he a competencia dos peccados do mundo com as mercès de Deos.

CAPITULO XVIII.

Como começou a divisaõ de dominios, & se inventàraõ os marcos dos campos, os pesos, & medidas; se introduziraõ alguns contratos, & o dinheyro; tudo por conveniencias da vida; & de tudo a malicia humana usou mal.

1 *Genes. 4. 4.* De primogenitis gregis sui.

2 *Joseph. de antiq.l.1.cap 13.*
Matute na prosap. de Christo idade 1.cap.4.§.7.
Pined. na Monarch Eccles.p. 1. l. 1. c.11.§.6.
Michael in syntagm.hist.l.1. sect.1. n.13.
3 *Textor in officin.p.2. tit. invēter.divers.rer.*
4 *Suprà cap.9 & 13.*

1 DE dizer o Texto santo, 1 que Abel offereceo ao Senhor *dos primogenitos de seu rebanho*, parece que logo em aquelle principio do mundo houve *meu*, & *teu*, & que nunca se logrou a felicidade, que alguns imagináraõ, de serem as cousas commuas em a idade que chamão de *ouro*; foy Caim o q̃ introduzio esta distinçaõ de dominios, & o inventor dos pesos, medidas, marcos das herdades, & outros sinaes, porq̃ se conhece o que era de cada hum; 2 donde se vé que nem Felon, nem Sidonio inventàrão isto, como cuydáraõ alguns Escritores; 3 porque tudo o que de antes havia, passáraõ Noé, & seus filhos ás gentes depois do diluvio.

2 Supposta a necessidade em que o peccado nos poz de trabalhar a terra para comer, de vestido, 4 & de outros usuaes, foy não só conveniente, mas necessaria esta separação; porque se as cousas fossem commuas, ninguem trabalharia; huns quererião comer sem trabalho, outros não quererião trabalhar para outrem, & assim todos perecerião. A necessidade, & interesse fazem trabalhar, com o que todos se sustentão.

3 Porém a natureza humana depravada, & cahida no peccado, qual vaso inficionado, que inficiona quanto nelle se lança, depravou todas as conveniencias que se lhe hiaõ offere-

cendo ; como os capitulos ſeguintes moſtrarãõ no diſcurſo da hiſtoria;& eſta foy a primeyra.O ſeu inventor Caim ſe fez ſalteador de caminhos: 5 teve, & tem muytos ſucceſſores , de todas as qualidades , & eſtados , que com menos pejo ſalteaõ nos povoados , & nas Cortes, alguns por officio. Não furta ſó quem toma nos termos que o direyto define o furto ; 6 mas tambem os que enganão,dilatão deſpachos , repartem mal , & prejudicão por qualquer modo : 7 vive-ſe de rapina ; diſſe Ovidio , & não ha de quem hum bom ſe poſſa fiar : 8 com diſcreta moralidade fingio Arion , lançado no mar pelo roubarem , caminhar pelas aguas cavalleyro em hum delfim , ſeguro nas ondas o que perigára na nào : os marinheyros , que o haviaõ de conduzir ao porto , o naufragàraõ ; & o peyxe que o havia de tragar , o ſalvou ; mas eſte não conhecia o ouro que aquelles buſcavão;ſe o conhecèra, não valèra a Arion a ſua cithara. He impoſſivel contar o dano que reſulta deſte *meu* , & *teu* : a que naõ obriga aos homens a fome de riquezas ? 9 por eſta , & por mulheres ſuccedem quaſi todos os males ; não ſuccederia , ſe contente cada qual com o ſeu , viveſſe com juſtiça.

4 Como a diviſaõ dos dominios ſe introduzio logo neceſſariamente o contrato de permutação ; porque guardando cada hum o que tinha , naõ acodio a outro que neceſſitava , ſem eſte lhe pagar , dandolhe outra couſa; & com trocas ſe remediavaõ todos em parte.

5 Mas eſte remedio não baſtava ; porque o que neceſſitavá de huma couſa,muytas vezes não tinha aquella porque o outro a queria trocar ; & aſſim ſe achavão muytos abundantes das meſmas couſas, & neceſſitados de outras, ſem terem com quem as permutar. Pelo que a meſma neceſſidade introduzio haver huma couſa precioſa entre todos , pela qual todos quizeſſem dar o que tiveſſem ; eſta couſa foy o que chamamos *dinheyro*, que conforme a iſto he quaſi taõ antigo como o mundo ; & eſte contrato chamamos compra , & venda : Plinio diſſe que o inventou Bacho , mas he muyto mais antigo. 10

6 A invenção foy utiliſſima , pois ſó com ter dinheyro ſe tem todas as couſas em pequeno volume ; por iſſo diſſe hum Juriſconſulto , 11 que o nome *dinheyro* ſignifica todas as couſas. Porèm a malicia humana o fez degenerar em tam nocivo, que Salluſtio o chamou o *mayor mal dos homens* ; 12 porque fez que lhe obedeceſſe tudo , como diz o Eſpirito Santo. 13 De comprar o neceſſario , para que foy inſtituido, paſſa a comprar o ſuperfluo , & venderſe por elle a virtude , a fama , a honra, dignidades , nobreza , valor , ſabedoria , & todo o divino , & humano , como ſatirizou Horacio 14 com verdade : o barbaro rico,dizia Ovidio , 15 he agradavel : Homero ſe naõ tiver que dar , ſerá excluido. Todos, diz o Eccleſiaſtico , 16 applaudem, & levantão às nuvens o que falla hum rico ignorante : todos deſprezaõ , & abatem a hum ſabio pobre : as riquezas , diſſe

Salamaõ

5 *Suprà cap.17.n.1.*

6 *In L.1.ff.de furt.*

7 *Polyanthea , verbo furtum, in princ.verſ.furtorum.*

8 *Ovid.* Vivitur ex rapto , non hoſpes ab hoſpite tutus.

9 *Virg Æneid.l.3.* Quid non mortalia pectora cogis auri ſacra fames?

10 *Plin.l.7 cap.56.in princip.*

11 *In pecuniæ 222. ff. de verbo ſignific & text in cap.Totum 1.q.3.*

12 *Saluſt in fragment* Pecunia maxima hominum pernicies.

13 *Eccleſiaſt.*10 9.Pecuniæ obediunt omnia.

14 *Horat.l.2 Serm.Satyr.3.*
Omnis enim res,
Virtus , fama , decus , divina , humanaque pulchris
Divitijs parent : quas qui conſtruxerit, ille
Clarus erit, fortis , juſtus , ſapiens, etiam, & Rex.

15 *Ovid de Art.Amand.*
Dummodo ſit dives , barbarus ipſe placet.
Si nihil attuleris , ibis Homere foras.

16 *Eccleſiaſt.13.28.*
Multa de hoc Fr Gabriel de Toro no Theſour. de Miſericordia c. 93. com os ſeguintes.

Salamão, coroão aos ſabios. 17 Perguntouſe a Simonides ſe erão mais para deſejar riquezas, ou ſabedoria. Reſpondeo que duvidava, vendo que os ſabios frequentavão as portas dos ricos; & os Filoſofos as deſprezavão com palavras, & as procuravão com obras. E perguntando Dionyſio a Ariſtipo, porque buſcavão os Filoſofos aos ricos, & não os ricos, aos Filoſofos, reſpondeo: *Porque aquelles ſabem de quem neceſſitam, eſtes o ignoram.* 18 Perguntou hum pay a Temiſtocles ſe caſaria ſua filha com hum pobre de grandes partes, ou com hum rico ſem ellas. Reſpondeo que mais queria homem que neceſſitaſſe de dinheyro, que dinheyro que neceſſitaſſe de homem. 19 Eſte reſpondeo conforme à razão; aquelle conforme ao que tem introduzido a malicia; & no ſentido deſta diſtinçaõ diſſe Salamaõ humas vezes, que antepunha as riquezas; 20 outras que eſtimava ſobre tudo a ſabedoria. 21

17 *Proverb.*14. 24. Corona ſapientium divitiæ eorum.

18 *Eraſm.apopthegm 6.ex Stob. Laert.de vit.Philoſ.l.2 c.8.*

19 *Refert Valer.Max.l.7.*

20 *Prov. ſup. & Eccleſiaſtes* 7. 12.

21 *Sap.*10.8.*& paſſim in illo Lib.*

7 He verdade que no templo de Hercules, que antigamente eſtava em Cadiz, tinha a pobreza hum altar; mas era para que avivaſſe os engenhos para adquirir, 22 & aſſim em ordem à riqueza; porém nem para iſto ella aproveyta; antes ſe he muyta, embota o juizo: 23 dizer-ſe que a vexaçaõ da entendimento, 24 naõ procede na demaſiada que abate o eſpirito, & aſſim em outro lugar 25 avaliamos o muyto pobre por pouco habil para as letras; deyxando ſeu lugar às exceyçoens da regra. Mais cuydo que tinha altar a pobreza, por coſtumarem os antigos a adorar as couſas nocivas para que os naõ offendeſſem; 26 mas a pobreza em fazer mal he inexoravel; & aſſim ſempre errava a cegueyra gentilica. Tambem no direyto civil tem os pobres alguns privilegios, como ſerem eſcuſos de tutorias; 27 citarem ſeus contendores para a Corte; naõ depoſitarem caução em certos caſos das noſſas leys; 28 mas de boa vontade trocariaõ todos pelos dos ricos, nem cuydo que o das tutorias viria já mais em pratica, porque antes ſe tiraria aos pobres, que eſcuſaremſe elles. O certo he que a malicia humana depravou as utilidades da diviſaõ dos Dominios, & da invençaõ do dinheyro, fazendo tudo venal aos ricos, & reduzindo os pobres a condiçaõ em tudo miſeravel; ſe pedem, ſe envergonhaõ; ſe naõ pedem, perecem; accuſaõ ao proximo ſe os não ſoccorre; & chegão a queyxarſe de que Deos não repartio bem.

22 *Jul.de Caſtilho hiſt.dos Reys Godos l.*1.*diſc.*2.

23 *Ex gloſ.ſup.D.Paul.ad Theſſal.*4. *ſuper illud*, Rogamus autem vos.

24 *Iſai.*28.19. Vexatio dat intellectum.

25 *In tract.Perfect.doctor.qual.* 7.

26 *Diremos na* 2.*p c.*6.*n*·5.

27 §. *Sed & propter paupertatem, Inſt.de excuſat.tut. cum concord. Apud nos Ord.l.* 4.*tit.*102 § 1 *ubi Emman. Barb. n.* 7. *& vide Phœb. tom.*1.*areſt.*50.

28 *Ordin l.*3 *tit.*5 § 5.*& tit* 22. § 2.*& tit.*84 §.10.

8 Segundo as noticias que ha mais antigas, o dinheyro ſe fez primeyro de gado, ou de couro, ou o meſmo gado vivo era dinheyro, tendo cada cabeça ſeu valor determinado conforme a eſpecie, & grandeza; & aſſim conta a Sagrada Eſcritura 29 que Jacob *comprou* parte de hum campo por cem cordeyros; ſe eſtes não foſſem dinheyro, não diria que *compràra*, (o que ſómente ſe faz com dinheyro) mas que *permutára*. Porèm já antes de Jacob havia tambem moeda de prata, pela qual o Texto diz 30 que Abraham comprou o campo em que ſepultou

29 *Gen.*33.19.Emitque partem agri. *Joſue* 24. 32. In parte agri quem emerat Jacob. *Vide Alex.ab Alex.genial.dier.l* 4. *cap.*15 *poſt med.*

30 *Gen.*23.16.

pultou sua mulher Sara. O eruditissimo Padre Frey Gabriel Barleta da Ordem dos Prégadores, escreve com Gothofredo Viterbiense no Pantheon, 31 que Nino Rey dos Assyrios, pelos annos quasi dous mil da creaçaõ do mundo, quasi 350. depois do diluvio, fez moedas em que esculpio a sua imagem, & estas foráo às máos de Abraham, q̃ as levou a terra de Canaan, & por ellas fez a compra do campo; por ellas comprârão os Ismaelitas o Santo Joseph, figura de *Christo*, a seus irmãos; 32 Fares filho de Judas, que era hum delles, as guardou; chegàraõ à maõ da Rainha Austral, que as offereceo no Templo de Jerusalem; delle as levou para Babylonia Nabucodonosor, quando o saqueou; d'alli passáraõ aos Reys Magos de Sabà, quando offerecéraõ no presepio; & concluem os ditos Authores, que por estas vendeo Judas a *Christo*; provavel he que a *Virgem*, & S. Joseph as teriaõ offerecido no templo, donde as tirariaõ os Principes dos Sacerdotes para aquella compra. Sendo isto assim, se enganàraõ os que disseraõ 33 que os Egenitas, em tempo muyto mais moderno, foraõ os primeyros que batéraõ moeda: na Africa, pela parte de Angóla, saõ dinheyro huns paninhos feytos de certa herva: entre algumas naçoens he certo genero de pequenos buzios: outras o fazem de cousas que cada huma mais estima.

31 *Barleta tom.* 1. *serm. de passione Domini in die Parasceves, ante med. Gothofred. Viterb. in Pantheon.*

32 *Genes.* 37. 28. Vendederunt eum Ismaelitis viginti argenteis. *Alia litera habet*, triginta argenteis.

33 *Textor suprà.*

9 Plinio 34 escreve que nas primeyras moedas de metal se esculpia ainda a figura de gado. Depois, como hoje, se esculpiraõ as effigies, armas, insignias, inscripçoens, & letras de quem as mandava bater; de que ha livros curiosos, & nelles achamos noticias de muytas antiguidades.

34 *Plin. l.* 33. *cap.* 3. *Alex. ab Alex. suprà.*

10 O valor dellas pelo intrinseco dos metaes, entre todas as naçoens do mundo he quasi o mesmo, como de direyto das gentes que naõ saõ barbaras; & por este se aceytaõ ordinariamente em todas as partes, pesadas, & tocadas. O extrinseco que lhes daõ os Principes, & só corre nos Dominios de cada hũ, tem regularmente pouca differença do intrinseco, por convir assim ao commercio; excepto em alguns Estados, nos quaes as necessidades publicas, ou por despezas da guerra, ou por outras occasioens, obrigáraõ a augmentarse; & nestes augmentos se lhes segue sempre mais damno, que utilidade, na mercancia, & no preço dos usuaes que impossibilita os vassallos. Em Portugal, além das mudanças que nesta nossa idade vimos, houve muytas nos tempos dos Reys passados: o dignissimo Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, varaõ illustre por sangue, virtude, & letras, no Catalogo que escréveo dos Arcebispos da mesma Sê, 35 procurou curiosamẽte averiguar o valor diverso que as moedas, com varios nomes, tiveráo em tempos differentes; o de muytas declarou a Ordenaçaõ do Reyno feyta por El-Rey Dom Manoel, 36 por ser materia larga; basta remetella. Demais de Carrança, Covas Ruvias, & outros 37 que escréraõ de moedas, o Etymologico trilingue impresso em Londres

35 *O Illustrissimo Arcebispo D. Rod. da Cunha, hist. Eccles de Lisboa p.* 2. *cap.* 10. *&* 21.

36 *Ord antiq. l.* 4. *tit.* 1.

37 *Carrança, no livro do ajust. das moedas.* *Covarr. trat de coll veter. numismatum. Martin. Garratus Laudensis. Franciscus Curtius, & Joan. Raymund in trat. de monetis; & Albertus Brunius de augment. & diminut. monet. habētur in tom.* 12. *tract. DD. jur. civ.*

dres no anno de mil & seiscentos & sete, trata exactamente cousas muyto dignas de se saberem, das moedas que usáraõ os Hebreos, Caldeos, Syros, & Gregos.

11 Os Latinos chamaõ ao dinheyro *pecunia*; alguns dissèraõ q̃ de *peculium*, que abusivamente se toma por qualquer patrimonio, significando propriamente só o do escravo, ou filho-familias. 38 Outros o derivão melhor de *pecus*, 39 que significa o gado, ou porque o primeyro dinheyro era gado: 40 ou porque nas moedas q̃ depois se batéraõ, se esculpia sua figura: 41 ou (& parece o mais certo) porque antigamente em gado consistia toda, ou a principal fazenda dos homens, 42 & *pecunia* comprehende toda, como dissemos; 43 & do mesmo nome *pecus* se veyo a chamar o *peculio*. 44

12 Nesta divisaõ de Dominios, só *Christo* Senhor nosso, havendo seu Pay Eterno posto em suas mãos todas as riquezas, 45 se fez tam pobre por amor de nòs, 46 que naõ tinha aonde reclinar a cabeça, 47 só chamou *seu* ao que nos dava: 48 às ovelhas para morrer por ellas; ao corpo, sangue, & espirito que entregava por nos salvar 49 ao *Pay* que para isso o mandàra: 50 ao tempo, & hora em que havia de padecer, 51 esgotouse de thesouros com-nosco; 52 chegou a entregarse a si mesmo; 53 & com tudo foy o que mais experimentou o trabalho de *meu*, & *teu*, os males do dinheyro, & do comprar, & vender; porque nos comprou pelo alto preço 54 de seu sangue, 55 & em fórma de servo 56 foy vendido; 57 & darse por elle dinheyro, quando elle se dava de graça, 58 lhe foy a mayor pena; parecia que não era homem para lograr as conveniencias daquella introducçaõ, mas só para padecer os dannos della.

38 *Calepin. & Polyanth. verbo, peculium.*
39 *Idem Calep. & Polyant. sup. Alciat. in L. Pecuniæ 4 ff de verb signif. significat*
40 *Suprà n.8.*
41 *Plin. d. l. 33. cap. 3. Plutarch in Poplicola.* *Alciat. in l. Pecuniæ, verbum 178. in princip ff de verb. signific.*
42 *Alciat. & Polyanth. supr.*
43 *Suprà n.6.*
44 *Polyanthea suprà.*
45 *Matth.* 11.27. *Joan.* 13.3.
46 *D. Paul. 2 ad Corinth.* 8. 9. Propter vos egenus factus est, cùm esset dives.
47 *Matth.* 8. 20. Filius autem hominis non habet, ubi caput reclinet.
48 *Joan.* 10.14.
49 *Matth.* 26. 26. & 28. *Marc.* 14.22. & 24. *Luc.* 22 19. & 20. & *cap.* 23.46. *Joan* 6.55. & *seqq.*
50 *Joan.* 6.40.
51 *Matth.* 26.18. *Joan.* 2.4. & *c.* 13.3.
52 *D. Paul. ad Philip.* 2.7. Semetipsum exinanivit.
53 *D. Paul. ad Ephes.* 5.2. Tradidit semetipsum pro nobis.
54 *D. Paul. 1. ad Corinth.* 5. 20. Empti enim estis pretio magno.
55 1. *Petr.* 1.19.
56 *D Paul ad Philip d. c.* 2. 7.
57 *Matth.* 26 15. *Marc.* 14.11.
58 *Joan.* 18.5 & 8. Ego sum.

CAPITULO XIX.

Fundaçaõ da primeyra Cidade; utilidade dellas; como a natureza depravada preverte as generosas acções; condena-se a vangloria, & trata-se brevemente de algumas Cidades famosas.

1 POr meyo da necessidade, que he excellente mestra, 1 hia a Divina Providencia mostrando aos homens o que mais lhes convinha para commodamente viverem. Mas a natureza humana arruinada em malicia, trocava em males os mayores bens, como já dissemos no capitulo precedente; seja segundo exemplo que achamos no Sagrado Texto, 2 a fundação das Cidades.

2 Necessitava a vida de muytos usuaes, que nem hũ só homem

1 *Pherautas apud Fruf. l. 4 c. 16.* Nullum præstantiorem doctorem esse necessitate. *Heliod.* 7. Inventrix consiliorum omnium est necessitas.

2 *Genes.* 4.17. Ædificavit civitatem,

mem póde grangear, nem produz todos huma só terra, como considerou Virgilio 3 entre as miserias do mundo, a que prognosticava remedio. Esta necessidade persuadia a se ajuntarem muytos em vizinhança para se assistirem reciprocamente com o que tivesse cada hum, entendendo tambem que de outras partes concorreria por commercio de permutação o mais que fosse necessario; com que no circuito daquelle ajuntamento haveria abundancia de muytas legoas; & este, segundo Aristoteles, 4 foy hum motivo de fundar povoaçoens. Outro foy ser o homem por natureza animal sociavel, que appetecia companhia. Plataõ diz que se faziaõ para os homens se defenderem das féras; 5 & estes fins que a razão inculcava, erão muyto louvaveis.

3 Porém o sagrado Texto 6 conta que nasceo a Caim hum filho, a que chamou Henoch: & que edificou huma Cidade, (Beroso diz 7 que sobre o monte Libano) à qual poz o nome do filho; o que segundo Santo Agostinho, 8 se entende annos depois de nascido, pois quando nasceo, não havia ainda gente para a povoar. S. Joaõ Chrysostomo 9 diz que edificou, & poz o nome só a fim de perpetuar sua fama, & que foy effeyto do peccado, porque os homens privados por elle da immortalidade que terião com a graça, desejavão immortalizarse por outras vias. Elles o declararão depois na fundação de Babel, dizendo: *Fundemos Cidade, em que façamos celebre nosso nome.* 10 bem parecidos aos pays que peccàraõ por vangloria: 11 outros Authores escrevem 12 que tambem foy intento de Caim refugiarse alli da pena de seus crimes, & recolher o que roubava; para isso cercou a Cidade com muros, & a fortificou de torres; 13 tam antigua he a arte da fortificação. Filo 14 affirma que fundou mais seis, chamadas, *Mauli, Thebe, Jesea, Celet, Jebet*, & outra, em que seu mào natural naõ melhoraria o fim; & nos seculos successivos, diz Lactancio, 15 que com a mesma vangloria, & desejo de fama puzeraõ muytos homens seus nomes a pòvos, rios, montes, & valles.

4 Pelo peccado cahio a natureza em tanta malicia, que fez vicio do que fora virtude; porque o bem, & o mal nasce do coração: 16 por isso se introduzio bater o peccador no peyto, como que o castiga; pelo fim a que elle obra se qualifica a acçaõ: a louvavel deve ter prudencia para escolher bom sugeyto, & virtude para procurar bom fim; 17 se este he máo, affea a obra mais lustrosa; 18 nas da industria se louva a destreza, nas da virtude a tençaõ, que lhes dá fórma: o edificio naõ perde a excellencia pela má vontade do architecto; mas o acto de justiça veste-se de malicia pelo ruim intento do juiz; 19 & assim disse S. Agostinho 20 que as generosas acções dos mais dos gentios degeneràraõ em vicios, porque tomàraõ por fins, huns o interesse outros o gosto, & os mais celebrados a vaidade, & ambiçaõ: lastima grande peccar, naõ sómente quando se obra mal, mas ainda quando se faz algum bem. 21 Discretamente chamou

3 *Virg. Eclog.* 4. Nec nautica pinus Mutabit merces: omnis feret omnia tellus.

4 *Arist. 1. Polit. per tot. & l. 5. c. 2. & 3.*

5 *Plat. in Pythagor.*

6 *Genes. suprà.*

7 *Beros. de flor. Chald. l. 1.*

8 *D. Aug. de Civ. l. 18 c. 8.*

9 *D. Chrysost. Hom. 20 in Gen.* Hæc omnia rectè quis doceret peccatorum, & ruinæ prima munimēta.

10 *Genes.* 11. 4. Celebremus nomen nostrum.

11 *Gen.* 3. 5. Eritis sicut dij.

12 *Floscul. hist. p.* 1. *cap.* 1. *Bened. Fernand. in* 4 *Genes. sect.* 18. *n.* 3.

13 *Mexia na Sylva de var. lic. l. 1. c. 2.*

14 *Philo in antiquit. Biblic.*

15 *Lactant. l. 1. cap. 11.*

16 *Matth.* 5. 18 & 29.

17 *Arist. 6. Ethic. 12. & l. 8. c. 13.*

18 *Tacit. hist. l.* 4. Funis turpis laudem egregiam macu'at.

19 *Matth.* 6. 1. Attendite, &c.

20 *Aug. l. 4. contra Julian. cap. 3. & defect. Philosoph. cap. 7. de Civ. Dei l. 5. c. 13. & 14.*

21 *D. Chrys. serm. 17 in cap 10. ad Rom in exhort. moral. ad med. tom.* 4 Vanæ gloriæ morbus te, non solùm cùm peccaveris, sed & cùm rectè quid gesseris, damno afficit.

São Joaõ Climaco 22 à vangloria, dissipação dos trabalhos, perdiçoens dos suores, ladrão dos thesouros serva da perfidia, precursora da soberba, naufragio no porto, formiga na eyra.

5 No mesmo precipicio nos despenhamos os Christãos. Escrevemos, não para louvor de Deos, mas affectando o proprio: somos rectos nos officios, não por amar a justiça, mas para applauso popular: abstemo-nos dos vicios, naõ pelos aborrecer, mas por respeytos temporaes: alguns, ou algumas fazem penitencias, não para se mortificarem, mas para se acreditarem: atè alguns Prégadores Evangelicos procurão mais ostentar engenho, que edificar almas, pois usaõ de conceytos proprios, devendo saber que melhor persuadirião qualificando-os com allegação de hum Santo, ou Doutor; porque mais authoridade tem hum máo livro, que huma boa voz; cuydaõ que tem mais louvor as aranhas, que géraõ de si, que as abelhas, que colhem das flores; não se lembrão de que S. Jeronymo 23 louvou em Platão querer antes aprender cousas alheyas com vergonha, que jactar as proprias com imprudencia; saõ palavras do Santo. Innumeraveis boas obras destroe a vangloria, diz Saõ Chrysostomo; 24 & quem pertende applausos se envilece, pois entendendo que se não basta a si, busca a honra nos outros: 25 lança em saco roto, accrescenta Saõ Bernardo, 26 enthesourando nas bocas alheyas.

6 Fez tambem a malicia humana degenerar o bem que pudéra resultar das Cidades, & povoaçoens grandes, em que aquelle provimento, que consideravamos dos usuaes, veyo a exceder tanto à necessidade, que o superfluo as ostenta fundadas para delicias, & não para sustento; que excessos não ministrão no comer, & no vestir? aquella consolaçaõ que notamos da sociedade, se torna em murmuraçoens, juramentos, & conversaçoens illicitas; saõ theatro dos vicios, que se chamaõ passatempos, & de todos os peccados que miudamente ponderaõ os grandes juizos de S. Joaõ Chrysostomo, & Seneca: 27 chegou a dizer Diogenes 28 que a virtude não morava nas Cidades: a Alma Santa convidava o Esposo a deyxallas, & os Santos fugião para os desertos. Terriveis, & abominaveis costumes haveria na de Caim; pois disse o Espirito Santo 29 que os habitadores da Cidade ordinariamente saõ taes, como quem a governa.

7 Não tiverão noticia desta Cidade, nem da fundaçaõ de Babylonia depois do diluvio os Gregos, que disseraõ que a primeyra do mundo fora *Cecropia*, que tambem se chamou *Acropolis*, fundada por Cecrope contemporaneo de Moysés; nem os Egypcios que affirmavão, que a primeyra fora *Thebas*, chamada primeyro *Diospolis*; & outros que fora *Argos*, edificada por Foroneo, que viveo no tempo de Jacob. He de notar que Caim fundador desta cabeça de todas na antiguidade; & Romulo fundador 30 (ou ampliador, como querem outros 31) de

22 *D. Joan Climac. grad. 22. de vanaglor. Refert P. Fr. Manoel de Sepulchro na Refeyç. espirit. p. 2. cap. 11 n. 30.*

23 *D. Hieron. ep. ad Paulin. de divin. hist. lib. in princ.* Malens aliena verecundè discere, quàm sua impudenter jactare.

24 *D. Chrysost. in Joan. Hom. 13. ad fin. tom. 4.* Vana gloria innumera bona opera pessundat.

25 *Idem Chrys. serm. 17. superius citato.* Quomodò enim non es vilior, qui opus habes istorum præconio, quique tibi te ipsum sufficere non putas, nisi gloriam aliunde capias?

26 *D. Bernard. serm. 4. in adventu statim post princip.* Insipiens tu qui merces congregas in saccum pertusum.

27 *D. Chrysost. advers. vituper. vit. monast. l. 1. ad fin. tom. 5. Seneca epist. 51.*

28 *Diogen. apud Stob. serm. 91. Cantic. 7. 11.* Veni dilecte mi, egrediamur in agrum. *Pulchrè Pater Hermanus Hugo in Desider. pijs l. 2. voto 7.*

29 *Ecclesiastic. 10. 2.* Qualis rector est civitatis, tales, & habitantes in ea.

30 *Liv. dec. 1. l. 1. ab urb. cond. M. Varro de re rust. l. 3. c. 1. Auson. epigr. 50. Joan. Saresberg. l. 8. c. 22. Michael Glicas Annal. p. 2. 195. de quo vide Joan. Rosin. in Syntagm. antiq. Rom. cum addition. Thom. Dempster. l. 1. cap. 1. Pompon. JurisConsul. in l. 2 ff de orig. Jur. & ibi glossa.*

31 *Pined. Monarch. Eccles. p. 1. l. 4 c. 6. Mariana hist. de Hesp. l. 1. c. 10. Britto Monarch. Lusit. l. 1. cap. 13. Madera nas excell. de Hesp. c. 4. § 4. Fab. Pict. de aur. secul. l. 1. Plutarch. in Romul. Maur. Serv. cõment. Virg. l. 7. n. 59.*

de Roma, cabeça de todas no Imperio, ambos matàraõ a ſeus Irmãos; & he de admirar eſcrever Beroſo 32 que eſta Cidade de Caim permaneceo largo tempo em proſperidade: ſendo maxima dos politicos, 33 que pela bondade das leys (que tal fundador lhe naõ daria juſtas) ſe regùla a duraçaõ da Republica; ou os ſucceſſores as emendariaõ; ou Deos o permittio por myſterio em aquelle principio do mundo.

8 Mas em fim, como diſſe o Apoſtolo, 34 naõ ha no mundo Cidade permanente. Da ſoberba Troya naõ ſe ſabe aonde foy; 35 da altiva Carthago ſó o nome ficou; da eſclarecida Athénas ſó ſe preſume que eſteve aonde ſe vé huma aldea pobre: da precioſa Tyro, da nobre Corintho, da bellicoſa Lacedemonia, & de outras illuſtres Cidades, ſó ficàraõ nos Poetas eſtes epithetos, com que as nomeàraõ; 36 Ninive foy fundada por Aſſur, 37 que tambem ſe chamou Nino, & lhe deo nome, 38 quadrangula, para mayor fortaleza; na corrente do Tigres, parte oriental de Meſopotamia, tinha de comprimento cento & cincoenta eſtadios, (que cada hum faz 625. pés) & de largura noventa, fazendo circuito de 480. que contém ſeſſenta mil paſſos, & ſaõ mais de dez legoas. Os muros tinhaõ cem pès de alto, & largura em que andavão tres coches emparelhados; com mil & quinhentas torres de altura de duzentos pés, 39 reſiſtio aos tẽpos mil & trezẽtos annos, que teve de duração; 40 porêm finalmente pereceo quando Sardanapalo ſe matou, & o Imperio Aſſyrio, de que era cabeça, paſſou aos Medos, & Babylonios.

9 Babylonia, fundada por Nemrod 41 na torre de Babel; de huma, & outra parte do Eufrates; em figura quadrada por mais forte, tinha ambito de mais de ſeſſenta mil paſſos; ou quatrocentos & oytenta eſtadios, que fazem largas dez legoas; cercada com muros de ladrilho, & certo betume mineral mais duravel que pedra; de altura de mais de duzentos pès, & de largo mais de cincoenta; davão por ſima paſſeyo a ſeis carroças emparelhadas; ſuſtentavão no mais alto os Penſiles, arcos, & abobadas, ſobre que eſtavão hortas, & jardins com muytas fontes, & grandes arvores, & debayxo delles muytas caſas com moradores; ſerviaõ-ſe aquelles muros por cem grandes poſtigos com portas de metal; & tinhaõ duzentas & cincoenta torres de ſeſſenta covados de alto; eſcuſando-ſe mais torres, pelas muytas lagoas que a fazião inexpugnavel; eraõ cercados com foſſo de agua tam fundo, & largo como hum bom rio. Tinhaõ muytas, & fermoſas pontes; & a que dava paſſo de huma para a outra parte da Cidade ſobre o mais eſtreyto do Eufrates que a partia, era de ſeiscentos paſſos, ſobre pilares de pedra em diſtancia de doze pès, com talhamares fortiſſimos: as pedras travadas com barras de ferro chumbadas; tinha trinta pés de largo, & parece que naõ tinha arcos de abobada, mas vigas de palma, & acipreſte. Em cada porta deſta ponte eſtava huma torre altiſſima; & ao comprido pelos lados do rio ſe defendia a Cida-

32 *Beroſ. ſup. d. l. 1.*

33 *Solon. apud Stob. ſerm. 41.* *Pitacus apud Laert. l. 1. cap. 5.*

34 *D. Paul. ad Hebr. 13. 14.*

35 *Garcilaſſo, Soneto a Boſcan.* Donde el fuego, y la llama licencioſa Solo el nombre dexaron a Carthago.

36 *Virg. Æneid. 3.* Ceciditque ſuperbum Ilium. *Idem l. 4.* Tu nunc Carthaginis altæ Fundamenta locas. *Propert. l. 4. Eleg. 1.* Regna ve prima Remi animos Carthaginis altæ. *Ovid. Metam. 5.* Patria eſt clara mihi, dicit, Athenæ. *Stat. 3. Silv.* Qua precioſa Tyros rubeat. *Ovid. Metam 6.* Orchomenoſque ferax, & nobilis ære Corinthus. *Claudian.* Rex Pandionæ, ſic armipotens Lacedæmon.

37 *Geneſ. 10. 11.*

38 *Pineda Monarch. Eccl. l. 1. c. 27. §. 2.*

39 *Herodot. l. 1.* *Diodor. l. 3 cap. 1. & 4.* *Arrian. l. 8.*

40 *Benedict. Pereir. in Gen. l. 5. ex n. 94. maximè 105.*

41 *Geneſ. 11. & vide p. 2. cap. 5. n. 2.*

de das correntes delle, como forte muralha. As bocas das ruas que ſahiaõ ao rio,ſe cerravaõ com portas de bronze. O alcacer, ou Paço tinha huma legoa em circuito;& ſobre elle eſtava hum famoſo templo. Outro templo havia,em que eſtava huma grande eſtatua de Jupiter Belo, toda de ouro, & outras riquezas ineſtimaveis. Eſte ſeria o que Herodoto 42 refere que ainda perſiſtia em ſeu tempo com portas de metal,& que tinha dous eſtadios em quadrado, & que no meyo ſe levantava huma torre de ambito de hum eſtadio, & outro tanto de alto, & ſobre aquella outra, & ſobre eſta outra, & aſſim outras atè numero de oyto, & que a todas ſe ſubia por eſcadas, que tinhaõ pela parte de fóra;& no meyo das eſcadas havia apoſentos para deſcançarem os que ſubiam. Era finalmente Babylonia hum dos ſete milagres do mundo tam celebrados, em cuja obra,principiada pela Rainha Semiramis, trabalhàraõ annos trezentos mil homens. 43 Tal fortaleza parecia baſtante para naõ ceder aos ſeculos: mas tudo o tempo conſumio, porque de tudo triunfa, excepta a virtude; 44 ſó deyxou huma pequena Cidade, que moſtraſſe a campanha onde teve a vitoria.

42 *Herodot.l.1.*

43 *Hec omnia ex Heredot. ſupr. Strab l.16 Diodor.Sicul.l.3.cap 4. Plin.l.6 cap.26. Paul.Oroſ l.2.*

44 *Petrarcha nos triumphos,triumpho ult de la divinita. Salluſt. in Catil.* Virtus clara æternaque habetur. *Lipſ.polit.l. 1.c.1.ex Cornific. ad Heren.* Omnia præter eam ſubjecta fortunæ dominanti.

10 E que ſe ha feyto da antiga Roma, que teve quatrocentos & cincoenta mil vizinhos em circuito de cincoenta mil paſſos,que ſaõ oyto legoas & meya? O monte Palatino, em que foy ſua primeyra fundaçaõ a 20. de Abril; aonde os Reys, os Conſules, os Emperadores tiveraõ em ſumptuoſiſſimos paços ſeu aſſento; aonde Julio Celio Ceſar, & Heliogabalo edificàraõ grandioſos Templos,ſe deſpovoou,& tornou agreſte, feyto paſto de animaes ſilveſtres, o que fora habitaçaõ de Monarcas. O monte Capitolino, em que eſteve o Capitolio, chamado *Morada dos Deoſes*; os Templos de Jupiter, Juno, Minerva, Marte, & o da Lealdade; as eſtatuas de Hercules, de Fabio Maximo, de Scipiaõ, & de outros Varoens illuſtres; aquelle que os Eſcritores dizem que melhor repreſentava Cabeça do Mundo, ſe vio reduzido a poucas, & humildes caſas, honrado ſó com hum Convento de S. Franciſco, edificado aonde foy o Paço de Octaviano. Das oytenta columnas ſobre que o Emperador Caligula fez hum notavel paſſadiço de marmore deſte Monte Capitolino ao Palatino, & das outras treze admiraveis que Domiciano poz entre os meſmos montes, apenas ha memoria. Do alto Colliſeo, ou Amphiteatro que Veſpaſiano fabricou, não ha veſtigio; nem do theatro de Eſcaulo, ou Silla, que tinha trezentas & ſeſſenta columnas, & tres mil figuras de metal, no qual cabiaõ oytenta mil homens. O caſtello chamado *Sepultura de Adriano*, porque nelle a fabricou para ſi magnificamente aquelle Emperador, vevo a ſer triſte carcere de criminoſos. O circo de Julio Ceſar, que tinha tres milhas em comprido, a mayor parte de marmores finiſſimos, por excellencia lavrados, onde ſe faziaõ os famoſos Jogos Circenſes, tambem pereceo; & outro que á

imi-

imitação deſte edificou Nero. Dos Templos de Eſculapio , & da Concordia,& do celebre da Paz,em que Veſpaſiano,& Tito puzerão os deſpojos de Jeruſalem;& de muytos outros, ou naõ ha ſinaes , ou ſaõ muyto raros. Do que ſe admirava nos montes Celio , & Aventino : dos ſumptuoſos Palacios de Mario , de Pompeyo,de Luculo, & de outros homens grandes; finalmente de todas as grandezas de que eſtão cheyos livros , que ſó dellas tratão , 45 ha ſómente relaçoens. Só he hoje a nova Roma inſigne , ainda no temporal , pela aſſiſtencia nella da Cabeça da Igreja,Conſtantino Magno a perpetuou quando em S. Silveſtre fez doação della aos Summos Pontifices; 46 porque ſó o divino permanece. O meſmo ſuccedeo em Jeruſalem , aonde naõ ficou pedra ſobre pedra do forte de ſeus muros , do magnifico de ſeu Templo , do grandioſo de ſeus edificios , & de toda ſua opulencia ; ſó em povoação pequena ſe conſerva o illuſtre de haver ſido theatro de noſſa redempção.

11 Pequena gloria fundar Cidades que caducão : grande perda dirigir as acçoens a applauſos : de pouco ſe vangloriava Caim : de muyto nos podemos gloriar ſem trabalho; 47 em nòs meſmos podemos fazer Cidades de virtudes , ou fazermonos Cidadãos da Celeſtial, como diſſe Saõ Chryſoſtomo ; 48 ainda que as Cidades do mundo , como Samaria , em huma occaſiaõ não quizeraõ recolher a *Chriſto* 49 Senhor noſſo : *Chriſto* recolhe a todos na Cidade do Ceo : com nòs meſmos devemos procurar credito : a conſciencia propria dá o melhor teſtemunho ; miſeravel quem o deſpreza : 50 ſejamos os que deſejamos parecer , 51 & mais facil he ſer bom , que parecello ; pois o ſer depende da verdade , o parecer do engano , que he mais cuſtoſo ; melhor ſe cuyda da obrigação,que da opinião; pois aquella eſtá na mão de cada hum,eſta no arbitrio de outrem, & quando ſe chegue a alcançar, ſó tem eſſe premio,& perde o de Deos. 52

45 *Andrè Fulvio no livro das antiguid.de Roma. Joan. Roſin. eodem tract. cum addition. Thomæ Dempſteri.*

46 *Extat donatio apud S.Iſidor. inter decreta SS. Patrum Meminit gloſſa: pertinere , in l. 1. ff. de offic. Præfect. urb. & gloſ. conferens in Auth.quomodo oport.Epiſc.in princ. coll.1.*

47 *Petrarcha de proſp.fort dialog. 3 de Religione.* Sit tibi igitur gaudere permiſſum ; ut quanto lætior , quantoque religioſior , tanto ſis melior.

48 *D Chryſoſt in Pſalm. 118. ad verba,bonitatem feciſti,in 1 tomo*

49 *Luc.9.53.*

50 *O te miſerum , ſi contemnis hunc teſtem.Vide Seneca ep.96.& 97*

51 *Socrat. apud Eraſm. apophthegm.l.3.* Talis eſſe ſtudeas, qualis haberi velis. *Et apud Valer. Max.l. 7.cap 2 de Sapienter fact. aut dict.*

52 *Matth.6.1.*

CAPITULO XX.

Como Lamech começou a offender as leys do matrimonio; trata-ſe dos trabalhos a que os caſados , pela ruina do mundo , eſtaõ ſugeytos.

1 CONtando o Texto ſagrado a deſcendencia de Caim , diz que ſeu quarto neto Lamech caſou com duas mulheres chamadas *Ada*,& *Sella*; 1 foy o primeyro bigamo ; & com duas mulheres que vivião no meſmo tempo. Quiz a malicia deſtruir o bem do matrimonio , inſtituido por Deos para alivio 2 entre ſós dous : 3 quiz dividir o amor, cauſar diſcordias, debilitar a geraçaõ. Por todo o mal era pro-

1 *Geneſ.4.19.*

2 *Geneſ.18.*

3 *Gen.ſ d.cap.2. 24.* Erunt duo in carne una.

proprio hum defcendente de Caim ; mas he de admirar ferem taõ fofridas fuas defcendentes: naõ tem aquelle crime defculpa em Jacob ; 4 & em outros, em que o *Senhor* particularmente difpenfou, & atalhou os danos.

2 Continuou a malicia nos cafamentos tantos inconvenientes, que fe fez queftaõ problematica, fe fe devia cafar, ou naõ cafar. 5 A vida religiofa, ou celibatá com virtude he preferida : nos outros o matrimonio he mais louvavel. 6 Porèm o peccado lhe poz tantos efpinhos, que cufta muyto fangue colher efta rofa.

3 Das outras qualidades ha mais noticia : mas o acerto da peffoa tem rifcos grandes: ha mulheres (diffe o grande Clemente Alexandrino 7) boas para paynel, não para māys de familias : ha homens fó na fórma, & brutos no preftimo : o muyto erudito, & curiofo Andrè Tiraquello 8 efcreveo a efte propofito largamente; bafta a noffo intento hum argumento breve: Ou a companhia agrada, ou não agrada?

4 Se agrada, tambem o que agrada, muyto continuado vem a enfadar; & fe não enfada; chora-fe o perdello, & fó o receyo de o perder atormenta ; o amor faz commuas as penas, como conceptuavão, mas com verdade, em Ariofto Doralice; em Taffo Gildipe, & em Mariano Venus, & muytas no noffo poema *Ulyffippo*, 9 & fica padecendo hum corpo as miferias de dous.

5 Se não agrada por doença, deformidade, & quanto horrivel fe poffa excogitar, com tudo fe ha de fofrer por obrigação, como expende hum texto Canonico; 10 fe por condiçoens encontradas, he como inferno, fegundo Santo Agoftinho; 11 fe por colerica, he melhor (diz Salamão) 12 eftar fobre o telhado à inclemencia dos tempos, que recolhido com ella dentro de cafa; fendo dous em hum fó corpo, 13 fegue-fe que fe maltratão, a mão fere o rofto, & huma parte do corpo offende a outra, defpedaçando-fe voluntariamente, como fuccede aos doudos, ou poffuidos do demonio. E todavia fe deve amar aquella companhia aborrecivel : he peccado defejar outra melhor, ou a morte que a aparte : faõ como os monftros que houve de dous corpos pegados, 14 (cuja caufa apontaõ os Medicos 15 cada qual com differente condiçaõ, como particularmente fe via nas duas moças nafcidas em Verona pegadas pelas coftas no anno de 1475. que fempre eftavão em contendas chegando a ferirfe. Hum de dous, de que efcreve Gandavo, 16 era virtuofo, & queria orar; o outro viciofo eftava com mulheres; (& faõ taes que lhe não faltavão) todos eraõ forçados a viver juntos, & defejarfe as vidas, porque o ultimo que ficava, hia apodrecendo até morrer ; o intereffe os obrigava ao que a Ley de Deos obriga aos cafados: finalmente nem fe pòde deyxar de ter aquella companhia, nem de padecer tendo-a. 17

6 Perde-fe a liberdade (que he o mayor bem da vida) 18 entre-

4 *Gen.29.*

5 *De quo Joan. Nevifan. in fylva nuptiali.*
Latè Polyanthea, verbo, matrimonij.

6 *D. Paul. 1. ad Corinth. 7.*

7 *Clem. Alex. l. 1. Pedagog. c. 2.* Veluti depictæ ad fpectaculum, non natæ ad domus cuftodiam.

8 *Tiraquel. Clem. ad leges connubial. in l. 2. à princip.*

9 *Ariofl. no Orlando cant. 30. eft. 56.*
Taffo na Jerus. cant. 1. eft. 57.
Marino no Adonis cant. 1. eft. 155.
Diffemos no poema Ulyffippo, cant. 3. eft. 61.

10 *Cap. fi uxorem. 22. q. 5.*

11 *D. Auguft. in Pfalm. 93.* Si mulier marito, Heva eft illi : fi vir uxori, diabolus eft illi; aut ipfa tibi Heva eft, aut tu illi ferpens.

12 *Prov. 5. 24.* Melius eft federe in angulo domatis, quàm cum muliere litigiofa, & in domo communi.

13 *Genef. d. cap. 2. 24.*
Matth 19 5.
D. Paul. 1. ad Corinth. 6. 16.

14 *Pareus l. 24.*
Riolan. filius, demonftr. Parif. cap. 6.
Hector Boetus hift. fect. l. 2.
Georg. Bucanen. ead. hift. l. 3.
Philip. Camerar. cant. 2. cap. 67.

15 *Ultra fuprà relatos, Franco in Campo Elyf. q. 45 à n 48.*

16 *Henric. Gandav. apud Franco fuprà n. 45.*

17 *Bened. Fernand. in 2 Genef. fect. 9. n. 1.* Carere muliere maritus nequit, & cum muliere non poteft non dolere.

18 *Plutarch. in Agefil. Diogen. apud Laert. l. 6.*

entregandose os casados hum ao outro. 19 De huma Religiaõ se passa para outra, se sahe para Bispado, ou por causa em que o Pontifice dispensa: ó casamento só por morte se pòde dissolver: 20 entre algumas naçoens foy ceremonia tirar as esposas, como por força, de entre os braços das mãys: levallas em hum carro a casa dos esposos, & queymar lá o eyxo do carro, para lhes mostrar que não tinhaõ em que tornar, & que perdessem a esperança de sahir dalli.

7 O successo da geraçaõ não dá menor trabalho: se naõ ha filhos, ha desconsolaçaõ: he triste cousa (dizia S. Pedro Chrysologo 21) carecer do premio da Virgindade, & do alivio dos filhos: sustentar a carga do matrimonio, & não colher o fruto delle: *Dignidade do Matrimonio* lhes chamou este Santo Doutor. A natureza os pede para se perpetuar: São Joaõ Chrysostomo 22 diz que saõ imagem da Resurreyção; quem os deyxa, parece que não morre, 23 porque pay, & filho saõ quasi a mesma pessoa; 24 donde nasce entre os Juristas o efficaz direyto da representação. 25 O excellente Emperador Antonino Pio disse, que morria consolado, porque deyxava filho; 26 o bom Emperador Tito poz nelles a segurança do Imperio; 27 & Cresso, comparandose Cambises com seu pay Ciro, disse, que naõ devia Cambises vir á comparaçaõ; pois naõ tinha filho que deyxasse à Republica. 28

8 Se ha filhos, nasce com elles grande pensaõ aos pays na duvida de quaes serão; 29 se sahem bons, ainda q̃ daõ gosto, 30 causaõ grande cuydado em tratar de seu bem; como de Eneas disse Virgilio 31 a respeyto de Ascanio: & em temer sua falta, como lemos de Jacob 32 por Benjamin: se mãos, sobre a tristeza que trazem, 33 saõ confusaõ terrivel 34 no receyo do castigo de Deos, como Absalaõ a David: 35 & no sentimento do descredito, como à Augusto, entre suas felicidades a muyta desenvoltura das duas Julias, filha, & neta suas; & o pouco juizo de seu neto Agripa, que elle chamava tres canceres, que lhe rohiaõ as entranhas; 36 grande seria a pena de Adam vendo os mãos costumes de Caim. 37

9 Quaesquer que os filhos sejão, se amão tanto, como mostrão os exemplos, que por muytos se naõ pòdem repetir; 38 daqui nasce sentirem os pays os mãos successos dos filhos, mais que os proprios, como hum Jurisconsulto considerou. 39 A muytos matou o desgosto de verem seus filhos mortos. Gordiano Senior passou a furor de se matar por suas mãos. 40 Jones Rey dos Tenedos, Zeluceo Locrense, Marco Scauro, Manlio Torcato, Aulo Fulvio, Junio Brutto, & Cassio Romanos matárão os filhos delinquentes, 41 porque os amavão; de amor endoudecérão, vendo-os criminosos; doudos obràraõ aquella acçaõ, que não cabia em quem tivesse juizo. Herodes que mandou matar no carcere a seus filhos Aristobolo, & Alexandre, era Herodes: Irene que tirou os olhos a seu filho Con-

stantino

19 *D.Paul.1.ad Corinth.7.4.*

20 *Matt.10.9.* *D.Paul.d.cap.7.11.*

21 *D.Petr.Chrysol.serm.98.*

22 *D Chrysost.hom.18.in Gen.*

23 *Ecclesiast 30 4.* Mortuus est pater ejus, & quasi non est mortuus, similem enim reliquit sibi post se.

24 *L ult.in fin C de impuber.& alijs subst.*

25 *L.1.§ 1.ff. de suis, & legit. hered.§ Cum filius, & §.ult. inst. de heredit.quæ ab intest defer. Authẽt. de hered.ab intest.in princ.collat.9.* *Dixi latè in Lusit liber.l. 1.cap.9.*

26 *Capitolin.in Ant.Pium.*

27 *Tacit.hist.l.4.*

28 *Erasm.6.apophthegm.*

29 *Ecclesiast.3.18 & 19.* Habiturus hæredem post me, quem ignoro utrùm sapiens, an stultus futurus sit.

30 *Proverb.10.1.& cap.15.20.* Filius sapiens lætificat patrem, *&c.* *Eccles. 23. 15.* Si sapiens fuerit animus tuus, gaudebit tecum cor meum: *& n 24.* Exultat gaudio pater justi, qui sapientem genuit, lætabitur in eo.

31 *Virg.Æneid l. 1.* Omnis in Ascanio chari stat cura parentis.

32 *Genes.22. & 24.*

33 *Proverb.1.1.* Filius veró stultus mœstitia est matri suæ.

34 *Ecclesiastic.22.3.* Confusio patris est de filio indisciplinato.

35 *2.Reg.13. cum seqq.*

36 *Erasm.l.4.apophi.ex Suet.in August.*

37 *Suprà cap.17 n.1.*

38 *Vide multos apud Textor.in officin.p.2.tit. Amor parent. & na defensa da Monarch.Lusit.p.2 c.39.*

39 *In l.Isti quidem § fin.ff quod met.caus. § sed veteres, Inst. de noxal act.* Per filij corpus pater magis quàm Filius periclitetur. *D Chrysost.hom.29.in Gen.ad fin.* Gravis illis est videre filios supplicio affici, quàm si in ipsos animadverteretur.

40 *Textor suprà.*

41 *Erasm in Adag Tened.bipennis, l 6.apophthegm.* *Cicer.2.de leg.* *Stob.serm.42.* *Valer.Maxim.l.5.cap.8.*

42 Floscul hist. p 2 cap. 3. in fine.

43 Vide infra cap. 28 n. 9.

44 4. Reg 6. 28. Suprà cap. 14. n. 12. & 13.

stantino V. Emperador de Constantinopla, 42 era mulher ambiciosa, que he mais que Herodes; & o Sol pela não ver, escondeo dezasete dias a luz. 43 As outras que nos cercos de Samaria, Jerusalem, & Roma comèrão os filhos, 44 foraõ executoras de castigos do Ceo contra os affectos naturaes.

45 L. Partu n. 7. C. de reivĕdicat. § Servi, inst. de jure personarum.

46 P. Lysieux. na Philosoph. Christ. p. 1. c. 34. ad fin. vers. Croisses.

10 Finalmente todas as vodas tem a condição das dos escravos, que não gèraõ para si, mas para seus senhores. 45 Nenhum senhor he tam cruel como o mundo para os que nascem; continua-se a geração humana para continuação de seu cativeyro; fora melhor, diz hum Filosofo Christão, 46 não deyxar herdeyros de calamidades.

47 D. Ambros. l. de Nab. cap. 5.

48 De his agitur in L. In suis 11. in fine ff. de lib. & posthum. L. 2. C. de patre qui fil distrax Balduin. l un ad leges Romul. Tiraquel. de retract. lignag. gl. 1. § 26 n. 14. Cov. 3. var. cap. 14. n. 4. Menoch. de recuper. remed 15. n. 301. cum seqq. Bobadilla in Polit. l. 3. c. 3. n. 1. DD. in L. fin. Cod. de Pat. potest.

11 Seguem-se os encargos de sustentar familia, de que naõ escapa o mais rico; porque a vaidade accrescenta gastos a que não chegão as rendas. Santo Ambrosio 47 nos representa hum necessitado vendendo hum filho, (o que permittião as leys antigas, & ainda matallo) 48 no qual considera a mais lastimosa perplexidão, com estas palavras: *E bem* (diria elle a si mesmo) *venderey eu o mais velho? Naõ, porque esse he o primeyro que me chamou pay. Será o mais pequeno? Esse he o meu mais mimoso; atravessame o coraçaõ haver o mayor de entender o mal que lhe faço: & he mayor dor que a ignorancia do menor lho naõ deyxa entender. Hum dos outros he o meu retrato: o outro he de mayores esperanças: miseravel de mim que farey? Se eu vender hum, como se fiaráõ de mim os outros? a toda minha casa serey abominavel: com que rosto tornarey para ella carregado com o dinheyro de tal venda? ou que repouso poderey ter, vendo que falta nella hum de meus filhos por minha vontade?* Cada dia se offerecem occasioens de semelhantes lastimas; em que aperto se vè hum homem de honra cercado de necessidades, rodeado de filhos já homens, que nem tem vestido, nem talento para buscar fortuna; & de filhas taõ altas como elle, que sem fallarem pedem estado; Sibyllas que pronosticaõ desgraças? se por se aliviar sahe de casa, encontra acredores; os que o saudão, lhe pedem o que deve; tal ha, que recolhendose da chuva, acha na logea ao que pede o aluguer da casa; ou se he propria, a acha revolta, porque chove nella como na rua, & entra o vento pelas janellas fechadas, como se estivessem abertas: quantos casos se offerecem como estes exemplos, sem o miseravel os poder remediar?

49 Carthagen. de arcan. Deip. & Joseph. p. 1. l. 8. hom. 16. à vers. denique.

12 Havendo tantos inconvenientes em hum casamento, quem se atreve a casar segunda, & terceyra vez? O doutissimo Padre Carthagena 49 trata dos males que disto resultaõ; pódem occupar hum largo tratado: & Lamech não reparou em ter juntamente duas mulheres; nem outros depois reparáraõ, nem hoje reparão barbaros; tudo miseria do peccado em que o mundo cahio.

CAP.

CAPITULO XXI.

Proseguindo o intento proposto nos precedentes, mostra como os homens convertèraõ contra si as tendas do campo, o ferro, & metaes que se lhes mostràraõ para utilidade: trata-se da invençaõ das armas, & artelharia: apontaõ-se as batalhas mais sanguinolentas que houve; & a razaõ que pòde justificar a guerra.

1 PRosegue o Sagrado Texto 1 que Jabel quinto neto de Caim foy pay dos que habitáraõ em tendas de campo: não diz que as inventou; poderia ser cabeça dos que costumàraõ fazer povoaçoens dellas, já de antes inventadas; como hoje as fazem nas partes de Armenia, & em diversas de Africa, os que vagando por campinas estereis, buscaõ lugares aonde achaõ que comer. Assim refere o mesmo Texto que elle foy Pay dos pastores; o que se entende em dispor com industria a vida pastoril; 2 pois no principio do capitulo tinha dito que já o Santo Abel havia sido Pastor.

1 Genes. 4. 20.

2 Ben. Fernand. in 4. Genes. sect. 19. n. 4.

2 Inventou aquellas tendas a necessidade dos Pastores, agricultores, ou por outras causas habitadores dos campos; & trazião aquellas casas portateis para se recolherem; 3 como usou Jacob voltando com sua familia de casa de seu sogro; 4 & outros nas Escrituras.

3 Fernand. suprà.
4 Genes. 33. 17.

3 Mas aquella commodidade, que a Divina Providencia inculcou aos homens contra a inclemencia dos tempos, converteo a malicia em danno seu, applicando-a principalmente a uso dos exercitos, com que o genero humano se faz guerra a si mesmo. Os Godos, & mais naçoens Septentrionaes, que sahidos de suas patrias vierão assolando o mundo, seculos inteyros viverão com mulheres, & filhos em tendas que mudavão.

4 O mesmo succedeo nas armas: diz o Texto 5 que outro quinto neto de Caim, chamado Tubalcaim, foy official em todas as obras de metal, & de ferro; entende-se, obrando-as perfeytamente, porque já de antes para lavrar, & para outros ministerios se usava de metaes; 6 faltou esta noticia aos que disseraõ que Semiramis Rainha dos Assyrios fora a primeyra, que achàra este uso, & fizera trabalhar em metaes os cativos das naçoens que vencia; 7 & aos que chamáraõ a Vulcano primeyro ferreyro, & a Glauco Samio o primeyro que soldou metaes. 8 Tudo o que estava achado antes do diluvio communicáraõ Noè, & seus filhos ao mundo reformado; & assim muytos homens antes destes o usariaõ nos muytos annos passados.

5 Genes. d. cap 4. 22.

6 Fernand. suprà n. 6.

7 Suidas in Semiram.
8 Ovid. Metam. l. 2. Textor in officin. p. 2. tit. fabri. De alijs scribit Plin. l. 7. cap. 96. ante med.

5 Este artificio de ferro, & metaes foy dos mais necessarios

aos homens; ſem inſtrumentos pouco ſe pudèra obrar; por iſſo naçoens de Africa, & America daõ por elles ouro, ſe o tem; o ouro ſó moſtra eſplendor, delle ſe chama *aurum*, porque *aura* no Latim ſe toma pelo que luz; 9 o ferro tem utilidade; ſem aquelle viveria o mundo feliz; por iſſo os moradores de hum lugar chamado Babithaca o aborrecião; 10 ſem eſte, mal ſe ſervirà.

9 Polyanth. verbo, Aur.

10 Text. ſup. tit. contemptor honor. & divitiar.

6 Porém do ferro, & outros metaes fez a vida inſtrumentos para morrer. Dizem que o meſmo Tubalcaim foy perito na arte militar, exercitou a guerra; 11 tam antigo he eſte mal. Depois do diluvio o primeyro que por armas conquiſtou, foy Nino Rey dos Aſſyrios, 12 ſó com gente em chuſma; Aralio ſeptimo Rey do meſmo Reyno foy o primeyro que formou exercito com ordem. 13 Aonde não havia ferro, pàos, & pedras forão armas, (& ainda entre naçoens de Africa, & America o ſaõ) pàos toſtados ao fogo. Os das Ilhas Baleares, Malhorca, & Menorca foraõ inventores das fundas, & deſtriſſimos nellas; outros dizem que os Fenices; mas onde houve ferro, ſe uſou logo delle. Cuyda-ſe que os Egypcios inventàraõ lanças, & eſcudo; & que Preto, & Archito uſàraõ eſte primeyro em hum deſafio que tiveraõ; os Lacedemonios a eſpada, & capacete; & alguns dizem que tambem a lança; hum Etholo os dardos; os Aſſyrios a béſta; Penteſilea, Rainha das Amazonas, a maſſa, & facha; Scitha, ou Saites que chamavaõ filho de Jupiter, o arco, & ſettas; outros dizem que Apollo; & outros que Perſeo filho de outro Perſeo, & de Andromeda; Midas Niſſeno a cota, & malha. Dos inſtrumentos para bater muralhas foy inventor Moyſés; Archita Tarentino, & Eudono os puzeraõ em perfeyçaõ; & particularmente dos trabucos huns fazem inventores a Dionyſio, outros aos Fenices; & dos Arietes huns aos Carthaginenſes, outros a Epeo muyto antes no cerco de Troya, & porque hum delles derribou a muralha, por onde entràraõ os Gregos, ſe fingio delles o cavallo Troyano. 14 Os de Theſſalia inventàraõ pelejar a cavallo, donde ſe originou a fabula dos Centauros; os de Phrygia pelejar em carro de dous cavallos; Iriconio em carro de quatro; Sinon no cerco de Troya ordenou as atalayas; Licaon deu fórma às tregoas; Theſeo às ligas, ou confederaçoens; 15 & aſſim cruelmente ſe foraõ vangloriando outros de multiplicarem invençoens para deſtruirem o genero humano.

11 Joſeph. de antiq. l. 1. cap. 13. Mexia na Sylva de var. liçaõ l. 1. cap. 8.

12 Juſtin. hiſt. l 1. Fab. Victor. in princ. hiſt. Floſcul hiſt p. 1. cap. 2.

13 Beroſ. l. 5. de flor. Chald.

14 Virgil. Æneid. 4. in princip. Inſtar montis equum.

15 Hæc omnia ex plin. l. 7. c. 56. Herod l. 1. Gelio l. 19. cap. 32. Mexia ſupra. Fr. Bernardin. da Sylva defenſ. da Monarch. Luſit. p. 2. cap. 7.

7 Mas todos os inſtrumentos dos ſeculos antigos parecéraõ brandos à crueldade humana; & inventou a horrivel artelharia, filha do rayo na luz, no impeto, & no cheyro teterrimo; mata muytos juntos, como ſe matára hum ſó; epitheto *de turrifraga* lhe deo hum bom Latino, 16 porque nem torres lhe reſiſtem. No anno de *Chriſto* 1380. vio Europa eſta peſte por novidade; dà-ſelhe por Author Bertholdo Alemaõ, (alguns querem que ſe chamaſſe Artilhero) havendo elle meſmo achado

16 Richard. Bartholin. apud Textor. in officin. p. 1. tit. Machinæ quædam bellicæ.

do

do a polvora; & por testemunho de Volaterrano se diz que no mesmo anno a usáraõ primeyro os Venezianos na recuperaçaõ da praça de Fossatlodia contra os Genovezes, havendo-lhes mandado os Alemaens este presente abominavel. 17 Os Portuguezes a virão cõtra si muyto pouco depois no anno de 1386. trazida pelos Castelhanos na batalha de Aljubarrota, atirando pedras por balas. 18 Eu cuydo que o principio, ou ensayo da polvora foy antiquissimo nas que os Latinos chamavão *Falaricas*; lanças que com as balistas se lançavão das torres de madeyra (chamadas em Latim phala; levavão hum vaso cheyo de enxofre, resina, & betume envolto em estopas com azeyte, que chamavão *incendiario*, & abrazavão o que podião alcançar; 19 & tambem a artelharia he muyto mais antiga do que dissemos; porque na Chronica delRey Dom Affonso VI. de Castella que ganhou Toledo, se conta que em huma batalha maritima entre as Armadas delRey de Tunes, & delRey de Sevilha Mouros, os de Tunes trazião certos tiros de ferro, ou bombardas, com que atiravão *Troens de fogo*; 20 assim chamavão então à artelharia. E que os Mouros a fossem continuando, se prova da Chronica delRey Dom Affonso XI. de Castella, que refere no anno de 1343. (trinta & sete antes do dito de 1380.) tendo ElRey cercada Algesira, os Mouros atiravaõ de dentro com troens de ferro. 21 Donde parece que Berthol do Artilheyro só melhoraria aquelles principios.

8 Com tudo ainda entaõ este diabolico instrumento se fazia sómente de pranchas de ferro apertadas com arcos do mesmo, como se apertão as aduelas de pipa. Chamouse *Bombarda*, de *bombus*, que em Latim significa *sonido*, & de *Ardeo*, que he *Arder*, dizendo-se *Sonido ardente*. 22 Depois se fundiraõ de ferro, & de bronze na perfeyçaõ em que as vemos, de calibres diversos, & sortes varias para muytos effeytos com nómes differentes, sendolhes gèral o de *Peça* de artelharia, derivando o renome *Artelharia* de *Artilheyro*, que se lhe dá por pay, & equivocando o de *Peça* com joyas de ouro, & pedras preciosas, porque a crueldade lhe dá estimação igual. E assim na Cidade de Hamburgo vi o armazem daquella Republica tam curiosamente composto dellas, & das armas de fogo manuaes que dellas procedéraõ, & das balas, bombas, granadas, & outros artificios deste ministerio, que me pareceo hum gabinete de vidros, & brincos concertados pela mais aceada, & curiosa dama; & sempre se vay accrescentando com huma peça de bronze, que dà cada Senador novo que entra no governo. Por todo o Mundo em breve tempo se multiplicáraõ tanto, que pouco depois do anno de mil & quinhentos, em que os Portuguezes entrárão na India, achárão mais de tres mil peças em Malaca, obradas com a mayor perfeyção. E em Dio tomáraõ, entre outras, huma tam grande, que por admiração se trouxe a Lisboa, & se conserva na torre de Saõ Giaõ.

17 *Floscul. hist. p. 2. c. 5. ante med. Mendoça in Viridar. l. 5. Probl. 23.*

18 *Fernaõ Lopes na Chron. del Rey D. Joaõ I. p. 2. c. 42.*

19 *Textor suprà vers. Phalarica.*

20 *D. Pedro Bispo de Leon na Chron. de D. Affonso VI.*

21 *Chron. delRey D. Affonso XI. de Castella. Pedro Mexia na Sylva, l. 1. cap. 8.*

22 *Nicolaus Beradus apud Textor. sup. in princip. cap.*

9 Para

9 Para que armão os homens a morte com novo rayo? para que lhe accrefcentão azas quando tanto voa? Dizem que antes das armas de fogo, pelejandofe com efpada, & lança, morria mais gente; mas he perda irrecompenfavel matar huma infame bala a quem generofamente (fe foy por caufa jufta) chegou a exporfe a inftrumento, que o ferreo Marte não deyxaria de temer, como diffe com elegancia hum Poeta. 13 He o danno mais lamentavel, que o mais fraco vença ao mais valerofo: deftruindo a natureza pela mão que fez mais vil, a fua mais excellente feytura, que he o valor.

10 Tantas armas, & tantas machinas de quantas mortes tem fido inftrumentos, por homicidios particulares, & por guerras publicas? Não fallando nas dos Ifraelitas, em que a mão de Deos feria mais que o ferro. De duzentos mil homens, com que Cyro Rey dos Perfas paffou contra os Scithas, nem hum efcapou que levaffe à patria novas do máo fucceffo. Outros duzentos mil Perfas do exercito de Dario matou Miltiades Capitão Athenienfe no campo Mathone de Attica. 24 Quando o Romano Mario venceo os Teutones, Cimbros, & Tigurinos, morrèrão delles trezentos & quarenta mil. 25 O Emperador Claudio II. em huma batalha matou trezentos mil Godos. 26 O Principe Claudio junto de Martinopoli matou trezentos mil Sarmatas. 27 Na batalha de Atila Rey dos Hunos com Etio Romano, & outros confederados em França junto de Orleans no anno de quatrocentos & cincoenta & hum; huns efcrevem que morrérão cento & oytenta mil homens; 28 outros, que trezentos mil; 29 derramoufe tanto fangue, que hum ribeyro que alli corria, fahio da madre, & levava os corpos mortos. 30 Na de Carlos Martelo Rey de França contra Abidaranno Rey dos Vifogodos, morrérão deftes trezentos & cincoenta mil. 31 Na guerra que fez Tito em Judéa, morreo hum milhão & cem mil Hebreos. 32 Na que fez Cofroas Perfa quando deftruhio Paleftina, morrèrão quafi novecentos mil Chriftãos. 33 Na batalha em que ElRey Dom Rodrigo perdeo Hefpanha, morrérão fetecentos mil homens de ambas as partes. 34 Não fe pódem nomear as batalhas, em que morrérão a quarenta, cincoenta, cento & cincoenta mil homens. Na reftauração de Hefpanha he incomprehenfivel o numero dos Mouros que morrèrão. ElRey Dom Pelayo, logo que fe levantou, matou cento & vinte & quatro mil em huma batalha junto ao rio Diva. ElRey Dom Fruela fez nelles efpantofas mortandades: os mortos nas batalhas de Clavijo, das Navas, & outras forão innumeraveis. Na do Salado forão duzentos mil: outros affirmão que quatrocentos mil. 35 Na que venceo ElRey Dom Affonfo Henriques no campo de Ourique morrérão tantos, que feu fangue alagou os campos, fez correr tintos delle os rios Cobres, & Terges. 36 Na conquifta de Lisboa pelo mefmo Rey duzentos

23 *Pamphilius Saxo apud Textor. fuprà ad finem capitis.*
Vis, fonitus, rabies, motus, furor, impetus ardor.
Sunt mecum; Mars hæc ferreus arma timet.

24 *Textor in officin. p. 1. tit. belle, in quib. mult. cruoris.*

25 *Flofcul. hift. p. 1. c. 9. ad med. verf. anno feq.*

26 *Mexia fuprà l. 1. c. 29.*

27 *Textor fuprà.*

28 *Flofcul. hift. p. 2. c. 2. poft med. verf. fed ecce.*

29 *Textor fuprà.*

30 *Mariana hift. de Hefpan. l. 4. cap 3.*
Caftilho hift. dos Godos l. 2. difcurf. 5.

31 *Textor d. loco.*

32 *Textor ibidem.*
Mexia na Sylv. l. 4 c. 17.
Vide fuprà c. 14. n. 13.

33 *Textor fuprà.*

34 *Textor ibidem.*
Britto Monarchia Lufitana.

35 *Mariana fuprà l. 16. c. 7.*
Caftilho fuprà l. 4. difc 8.
Duarte Nunes Chron. de D. Affonf. IV.
Vafconcellos in Anacephal. Alphonf. IV. ex n. 4.
Máris dial. 3. c 3.
Faria no Epitome das hift. Portug p. 3. c 8 n. 12.

36 *Brandaõ na Monarchia Lufit. p. 3. l. 10. c. 3.*

zentos mil. 37 Junto de Santarèm sobre o Tejo matou Mouros innumeraveis: 38 sobre Alcacere do Sal, lugar pequeno, morrèrão trinta mil Mouros; outros dizem sessenta mil; 39 que seria em occasioens mayores?

11 Tanto mal tirârão os homens do ferro, & metaes, que a Providencia Divina lhes mostrou para seu bem; a natureza depravada pelo peccado, tudo depravou, como já dissemos, nas Cidades, & peyor he que se jactão de matadores. Cesar se jactava de haver morto hum milhaõ, cento & noventa mil inimigos, alèm dos muytos Romanos que matou nas guerras civis, & quer o demonio pòr a razão nas armas. Mafoma seu ministro mandou com pena de morte, que não se disputasse sobre a sua ley, mas a defendessem por armas: 40 & porque parece que os Christãos fazem o mesmo, hum politico Christianissimo de nosso tempo nas peças de artelharia que mandava fundir, punha ironicamente por inscripçaõ: *Ultima ratio Regum*: não porque os Reys antes desta irracionavel razão proponhão outras; mas por *Ultima* significou total. E he dito Francez, que as demandas entre os Reys se decidem pelo direyto *Canon*; palavra equivoca a *Canhaõ*, & a *Canonico*.

12 Encapellaõ-se tanto os males, que ha occasioens em que he licito usar das armas. Depois que não val a razão, a qual se deve allegar primeyro; 41 que remedio haverá contra a força, senão a força? 42 A necessidade he a primeyra razão; 43 não sofrer violencias he preceyto da razão aos doutos, da necessidade aos barbaros, do costume às gentes, da natureza às féras: 44 tal guerra se fez de direyto das gentes, 45 & he proverbio que a boa guerra faz a boa paz: 46 em outra obra tratamos largamente esta materia; 47 aqui a tocamos por exemplo das miserias em que cahimos pelo peccado.

13 Atè contra Deos convertèrão os homens o ferro, & as armas. O cutello que matou Innocentes, buscava a *Christo*; 48 com espada forão as turbas a prendello: cravos lhe trespassáraõ pès, & mãos: a lança lhe abrio o lado: 49 & o *Senhor* não só trouxe ao mundo paz espiritual, mas tambem temporal; 50 não quiz defenderse tendo exercitos de Anjos: 51 mandou recolher huma espada que vio desembainhada; 52 as suas armas foy a paciencia: 53 & vindo fazer guerra ao mundo em peccado, a espada que trouxe foy a razão; & assim enviou seus Discipulos sós de dous em dous, contra todas as gentes, com preceyto de não levarem mais que hum bordão. 54 Deste modo não reduzio pescadores, por Filosofos, nem desarmados, por armados; mas Filosofos, por pescadores, & aos mais fortes, sem armas; & conquistou todo o mundo. Desta maneyra se peleja Christãmente, reservando o ferro, & os metaes só para os usuaes uteis à vida, em cujo beneficio os creou Deos.

37 *Brandaõ d.l.10.cap 28.*
Duarte Nunes na Chron. de Dom Affonso Henriques.
38 *Brandaõ sup.l.11.c.35.& 36.*
39 *Duarte Nunes na Chronic. de Dom Affonso II.*
Maris dial.2.c.11.
Faria sup.p.3.cap.4. n. 5.

40 *Castilho sup.l.2.disc.8.*

41 *Cic.2.de Offic.* Duo sunt genera decertandi; unum per disceptationem, alterum per vim; cumque illud proprium sit hominis alterum bellearum, confugiendum est ad posterius, si uti non licet superiore.
42 *Just.Lyps.polit.l.5.c.4.* Quid est quod contra vim sine vi fieri possit?
43 *Q.Curt.de reb.Alex.l.7* Necessitas ante rationem est maximè in bello, quod raró permittitur tempora eligere.
44 *Cicero pro Milon.* Hoc & ratio doctis, & necessitas barbaris, & mos gentibus, & feris natura ipsa præscripsit, ut omnem semper vim, quacumque ope possent, à corpore, à capacitate, à vita sua propulsarent. *L.Ut vim ff.de just & jur.*
45 *L. Ex hoc jure ff. de just. & jur.*
46 *Tucid.l. 1.* E bello enim pax firmatur.
Cicer Philip. 7 Si pace frui volumus, bellum gerẽdum est: si bellum omittemus, pace numquam fruemur.
Veget.in prolog de re milit. Qui desiderat pacem, præparet bellum.
47 *Na harmon.polit.p.2.§.7.*
48 *Matth.2.16.*
49 *Matth 27.Marc.15.Luc.23. Joan.19.*
50 *Veremos na 2.part.c.30.n.15.*
51 *Matth.26.53.*
52 *Matth.26.52 Joan.18 11.*
53 *D.Paul.ad Rom.9.22.*
54 *Marc.6,7.Luc. 10. 1.*

CAPITULO XXII.

Principio, & progresso da Esculturа, & Pintura: excellencia destas artes: artifices, & obras insignes que houve nellas; & como os homens as praticárão mal, sendo-lhes ensinadas para seu bem.

1 DIzem os Escritores 1 que Tubalcaim, de quem fallámos no precedente capitulo, foy tambem inventor da Escultura. Os descendentes de Caim inventárao muytas artes, diz hum douto moderno; 2 porque os filhos do mundo, como nos ensinou *Christo* Senhor nosso, 3 saõ mais prudentes que os filhos da luz. Pela affinidade da Escultura com a Pintura lhes considera Petrarcha 4 a mesma antiguidade; & assim trataremos de ambas juntamente.

2 Tem estas artes a excellencia de imitarem o Author da natureza representando as cousas como saõ; a Escultura mais propriamente, porque se vè, & tambem se toca, & tem corpo de mayor duraçaõ, & assim há esculturas de tempos muyto antigos, de que não ha pinturas.

3 Tambem tem a excellencia de comprehenderem todas as artes, & alguma sciencia; pois como disse Platão, 5 o Escultor, & Pintor haõ de fazer çapatos, & quanto fazem todos os Officiaes; devem ter noticias das historias, fabulas, & varias erudiçoens; ser geomètricos, entender perspectiva, & saber as medidas naturaes dos membros proporcionados à symmetria de todo o corpo; por isso Elpenor Pintor cèlebre da Ilha de Isthmo escreveo livros de symmetria; sobre tudo ham de ser judiciosos, para não obrarem fóra da razaõ, & decoro; antes offerecer à vista, & à imaginativa huma ficçaõ como verdade. Por isso a Pintura he poesia muda; & a poesia he pintura q̃ falla; 6 & Horacio fallou juntamente de ambas. 7

7 Não se ajuntando estas partes com a boa mão, fica a obra com tam pouca graça, que por evitar este dezar no que lhe tocava, mandou Alexandre Magno pòr edicto com penas, que só Apelles o retratasse, só Lysipo esculpisse figura em estatura grande, & Pyrgoteles em pequenas pedras de anel. 8 Conviera semelhante edicto para as Imagens Santas, pelas imperfeyçoens que vemos.

5 Apelles retratava tanto ao vivo, que em Alexandria, enviando-lhe huns seus emulos recado falso de parte de ElRey Ptolomeo (successor de Alexandre Magno em aquelle Reyno) porque o convidava para huma cea, & achandose enganado no Paço, perguntoulhe ElRey, quem lhe dera o recado. Elle, que não sabia o nome de quem fora, tomou de hum brazeyro hum

1 *Refere Pedro Mexia Sylva de var. lic. l. 1 cap. 26.*

2 *Ben. Fernan. in 4. Gen. sect. 19. n. 7.*

3 *Luc. 16. 8.*

4 *Petrarch. de prosp. fort. dial. 41. de statuis.*

5 *Plat. de Rep. 10. Hieron. de Huerta na traducaõ, & annot. a Plin. l. 7. c. 38.*

6 *Franc. Patrit. de Rep. lib. 1. c. 10. Plutarch. de audiend. poemat. Tiraquel. de nobilit. c. 34. n. 5. in princip.*

7 *Horat. in art. poet. pictoribus, atque poetis.*

8 *Petrarcha sup. Textor in offic. in. p. 2. tit. Sculptores, & tit. Pictores.*

hum carvaõ ardente, & apagando-lhe o fogo; começou a delinear na parede o falso mensageyro taõ proprio, que ElRey no principio do retrato o conheceo logo. 9 Em Efeso no famoso Templo de Diana, fez por vinte talentos hum retrato de Alexandre, pelo qual se disse que nelle estavão dous Alexandres invenciveis: hum filho de Felippe, invencivel por forças; outro filho de Apelles, não imitavel por arte. 10

6 Foraõ taõ inimitaveis suas obras, que chegando ao tempo de Octaviano hum quadro; em que pintára Venus sahindo do mar, não se achou quem pudesse reformar o que os annos tinhão nelle gastado, em modo que arremedasse o mais. 11 Quando morreo, deyxou imperfeyta huma imagem de Venus, & naõ houve quem soubesse acaballa com perfeyçaõ semelhante. 12

7 Protogenes lhe foy quasi igual. Por fama o foy Apelles ver a Rhodas; passando o mar, chegou à officina; não estando elle em casa; tomou hum pincel, & fazendo em huma taboa huma linha direyta subtilissima; disse a huma velha que dissesse a Protogenes; que o havia buscado quem aquillo fizera: reconheceo Protegenes, que só podia ser Apelles; & com outro pincel, & outra cor fez dentro daquella outra linha mais subtil, & ordenou à velha, que tornando aquelle homem, lha mostrasse. Tornou Apelles sem achar a Protogenes em casa; & mostrando-lhe a velha partida a sua linha, que parecia invisivel, envergonhado, se apurou, & com terceyra linha partio as duas taõ delicadamente; que não deyxou lugar a mais. Protogenes se confessou vencido: buscou a Apelles, & o hospedou, & venerou. Guardou-se aquella taboa só com aquellas linhas, como hum milagre do mundo; atè o tempo de Cesar, em que hum incendio a consumio. 13 Atrevèraõ-se outros a competir com a pintura que Apelles fizera de hum cavallo; elle naõ fiando a sentença de juizo de homens, fez trazer cavallos; & passando-se os quadros por diante delles, só ao seu rincháraõ. 14

8 Zeuxis em certamen com Parrasio, pintou uvas taõ naturaes, que passaros as quizeraõ comer: Parrasio pintou hum lenço, que Zeuxis quiz tirar para descobrir a pintura de bayxo; entaõ se confessou vencido. 15 Pintou depois Zeuxis hum moço que levava uvas; & porque os passaros quizeraõ comellas; condenou elle mesmo o quadro; porque o moço naõ estava taõ natural, que o temessem os passaros. 16 Parrasio pintou em Rhodas hum satyro junto de huma columna, & sobre ella huma perdiz, que fazia reclamar as que alli traziaõ mansas. 17

9 Em esculturas houve excellencia semelhante. Praxiteles esculpio na Ilha de Guido em marmore huma Venus tam natural, que se namorou della hum moço. 18 Em Athenas havia outra estatua, de que tambem se namorou outro, & a pedio ao Senado, & porque lha negáraõ, se matou. 19 Leoncio em Çaragoça de Sicilia esculpio hũ moço claudicando de huma per-

9 *Brus. l. 1. cap. 25. cum Plin. & alijs.*

10 *Brus. ex Plutarch. & Textor suprà.*

11 *Mexia supra l. 2. cap. 18.*

12 *Textor suprà.*

13 *Mexiá d. cap. 18 ex Plin.*

14 *Mexia suprà.*

15 *Brusius d. l. 5. cap. 23. Plin. l. 35. c. 10. Textor suprà.*

16 *Textor, & Mexia suprà.*

17 *Strab. l. 14. Mexia d. l. 2. c. 17.*

18 *Textor in officin. d. tit. Sculptores. Plin l. 7. c. 38.*

19 *Jul de Castilho histor. dos Godos l. 2. disc. 7. Mexia suprà l. 3. c. 14.*

perna chagada, mostrando que se dohia, com tal propriedade que todos lhe tinhaõ lastima. As esculturas de Fidias erão tão excellentes, que se disse que era só para esculpir Deoses, & naõ homens. As de Policleto forão famosas. Lisippo fez seiscentas & dez, todas admiraveis. 20 Calicrates esculpio em marsim formigas, & outros animaes tão pequenos, que não podia a vista distinguir os membros. Mirmecides tambem em marfim esculpio hum carro com quatro cavallos tão pequenos, que huma mosca o cobria com as azas; & huma náo, que huma abelha a escondia debayxo de si. 21

20 *Textor suprà.*

21 *Plin.l.7 c.21.& l.36.c.6. Ælian.l.1.hist.anim. Varro 6.de ling.Latin.*

10 Taes obras bem merecião a estimação que se fazia dellas. ElRey Attalo deo por hum quadro da maõ de Aristides Pintor Thebano, cem talentos; & Nicias Atheniense lhe naõ quiz vender hum por sessenta. Cesar deo oytenta por duas pinturas do mesmo Aristides, O Orador Hortensio deo cento quarenta & quatro por hum quadro dos Argonautas feyto por Ciclias; 22 & o valor mais ordinario de cada talento (posto que por vezes se variou) era de quinhentos & cincoenta cruzados de bom dinheyro. 23 Zeuxis com as suas pinturas se fez riquissimo; depois as dava de graça, dizendo que não se vendia o que era sobre todo o preço. 24 No tempo de Plinio, passados quinhentos & oyto annos depois de morto Zeuxis, se conservavão ainda em Roma huma Helena, & outras pinturas de sua mão. 25 ElRey Demetrio tendo cercado Rhodas, & podendo entrar a Cidade, dandolhe fogo por hum lado, o naõ quiz fazer, porque soube que em aquella parte estava hum quadro da mão de Protogenes. 26 ElRey Candaulo comprou a pezo de ouro huma pintura, feyta por Bulano, da destruição dos Magnetes. 27

22 *Plin.l.7.c.28. Textor, & Mexia suprà.*

23 *Madera nas excell. de Hesp. c.10 § 3. Castilho suprà l.1.disc 2. Mexia suprà l 2.c.17*

24 *Textor d.tit.Pictores. Mexia d.cap.17.*

25 *Refere Mexia d.c.17.*

26 *Plutarch. in demetr. Plin.d.l.7.cap.38*

27 *Plin l.7.cap.38.*

11 Sabião as obras tão excellentes, porque os artifices, sobre seu alto espirito, não tiravão só da fantasia, mas retratavão do natural que tinhão presente. Zeuxis, de cinco donzellas que escolheo fermosissimas, tirou huma imagem, que os Argentinos em Sicilia dedicáraõ á sua Deosa Juno. 28 Em tempo mais proximo usou em Roma hum grande Pintor de semelhante diligencia para fazer certa pintura, matando hum homem impia, & cruelmente. Em Hollanda vi eu que no campo, escolhendo lugar de boa perspectiva, retratavão Pintores as pausagens que vemos tão naturaes. Apelles, alèm disto, pendurava à porta a obra que acabava, & escondido ouvia o juizo dos que passavão, & talvez emendava pelo que ouvia; 29 por isto escrevia ao pè do quadro, *Apelles o fazia*; mostrando no verbo imperfeyto que não estava acabado; & delle aprendèraõ esta letra os que fazem qualquer obra. 30 Perguntando-se a hũ grande Pintor, quem fora seu mestre, respondeo, *Aquelle*, apontando para o povo. 31

28 *Mexia suprà cap 17.*

29 *Erasm.l.8.apoplitem.*

30 *Mexia suprà d.c 18.*

31 *Erasm.suprà.*

12 Poem-se a pintura entre as artes liberaes. Em Grecia a nenhum escravo era licito aprendella, & todos os filhos dos

dos nobres ſe exercitavão nella, como exercicio virtuoſo, & de ſingular engenho. 32 Socrates foy Pintor. O grande Alexandre hia muytas vezes à officina de Apelles. 33 Quando Demetrio entrou Rhodas, achárão ſeus ſoldados a Protogenes em huma horta pintando com ſoſſego; levado a ElRey, & perguntado em que fundava tanta confiança, reſpondeo: *Em crer que tinhas guerra com os Rhodios, & naõ com as artes.* ElRey o mandou guardar, & depois o hia ver pintar muytas vezes. 34 Outras honras tiveraõ Pintores nos tempos antigos. Neſtes, em que as artes ſe eſtimão pouco; ouvi em Inglaterra, que Rubens, excellente Pintor Framengo, deyxára por ſua morte milhaõ & meyo de cruzados, repartidos igualmente em tres filhos; & ElRey de Caſtella Dom Filippe IV. o fez do Conſelho de Flandres; honrando a excellencia do ſeu eſpirito.

32 *Eraſm. ſupr. l. 3.* *Textor ſupra.* *Mexia d. c. 17. ex Plin. l. 56.* *Huerta nas annot. Plin. l. 7. & c. 38.*
33 *Textor ſuprà.* *Mexia d. c. 18.*
34 *Mexia ſuprà.*

13 O Floſculo Hiſtorico 35 diz que Timantes Grego foy o primeyro que miſturou cores, pelos annos quaſi 3600. do mundo, & dous mil depois do diluvio, quaſi no tempo do Decem-Virato de Roma; porèm tenho iſto por muyto mais antigo: com titulo de *Defenſa de la pintura*, ha hum livro bem curioſo do mais que della ſe podia dizer.

35 *Floſcul. Hiſt p. 1. cap. 7. ant med. verſ. Circa hæc tempora pictores.*

14 Dos Eſcultores, & Pintores inſignes fez Catalogo Raviſio Textor na ſua officina. Em lingua Italiana hà tomos das vidas dos Pintores famoſos. O mais glorioſo Eſcultor foy o que à inſtancia daquella mulher, que ſarou do fluxo de ſangue tocando as veſtiduras de *Chriſto*; 36 fez em metal huma excellente Imagem do *Senhor*, que ſendo Euſebio Biſpo de Ceſarèa, ſe via ainda em aquella Cidade; em ſeus pès naſcia huma herva, que ſarava enfermidades; o Emperador Juliano apoſtata a derribou, & poz a ſua no meſmo lugar, & de repente deſceo fogo do Ceo que a fez em pedaços. 37 Entre os Pintores o foy por ſciencia, não de profiſſaõ, 38 o Evangeliſta Saõ Lucas; & alcançou a coroa ſobre todos, fazendo o divino retrato de *Chriſto*, & outro mais que Angelico da Santiſſima *Virgem Mãy*; de que ſe levàraõ copias por todo o mundo; & tambem o do Principe dos Apoſtolos. 39

36 *Matth. 9. Luc. 8.*
37 *Euſeb. l. 7. c. 14.* *Nicephor l. 6 c. 15 & l. 10 cap. 30.*
38 *Metaphraſt. & Nicephor.*
39 *Nicephor. l. 2. c. 42.*

15 He para notar que hum Eſcultor, ou Pintor não obra igualmente em tudo o que pertence à meſma arte. Fidias foy o mais excellente nas eſculturas pequenas, & muyto mais eſculpindo em marfim. Pirgoteles nas que fazia em pedras precioſas. Serapion não ſabia pintar homens. Dionyſio ſó homens pintava bem. Amulio ſó era egregio em couſas pequenas, principalmente em pintar meninos; Nicias na pintura de mulheres; 40 & hoje ſe vè o meſmo: huns tem excellencia ſó em retratar: outros ſó em pintar flores: outros em fazer pauſagens: aſſim repartio Deos os genios, & as imaginativas differentes. 41

40 *Textor d. tit. Sculptor. & d. tit. Pictor.*
41 *Vide infra cap. 45. n. 2.*

16 Neſtas artes, alèm da recreação para a viſta, & ornato para as caſas, & outros lugares, ſe offerecia aos homens a lem-

 brança

brança de haver Deos esculpido, & pintado nelles sua propria imagem, como disse Diogenes, 42 sem noticia (póde ser) de o haver dito Moysés; 43 donde devèra inferir a obrigaçaõ de a naõ affearem com vicios. Nellas deverão considerar com Socrates, 44 que pois os Esculptores procuravaõ com todo o estudo que as pedras parecessem homens, devião os homens procurar naõ parecerem pedras. Finalmente mostrando a Providencia Divina estas artes, dispoz a utilidade que dellas resultaria, quando as Imagens Santas nos excitassem a venerar o que nos representão.

42 Diogen. apud Laert. de vit. philosoph. l. 6. in vita ejus.
43 Genes. 1. 27.
44 Socrat. apud Erasm. l. 3. apophthegm.

17 Porèm nossa natureza aproveytando-se sómente daquella recreação, & ornato, muytas vezes com figuras indecentes preverteo as utilidades mayores. Não se lembra o homem que he imagem de seu Creador, ou não repára em a dessear; não quer deyxar de ser pedra na dureza, & em sempre buscar a terra como a centro, por mais que o encaminhem para o Ceo; em lugar de venerarem as Imagens Santas só pelo figurado, huns totalmente as abominão hereges; outros passaõ a adorallas pelo que em si saõ: por huma imagem começou a idolatria, como veremos em seu mais proprio lugar; 45 & refere Salamão no livro da Sabedoria, que a excellencia com que famosos artifices obráraõ muytas, convidou mais os homens a adorallas; 46 por isso Moysés as tinha prohibido aos Hebreos, 47 conhecendo-os inclinados à idolatria. De tudo o que a Divina bondade inculcava util ao mundo infante, tirava a malicia effeytos contrarios; como acima 48 propuzemos, & vay mostrando sua historia.

45 Part. 2. cap. 5. n. 9.
46 Sap. 14. 10.
47 Deuter. 4. 23. & cap. 5. 8.
48 Suprà c. 18. n. 3.

CAPITULO XXIII.

Principio da Musica, seu progresso, & noticias que a ella pertencem, & como os homens usáraõ mal deste bem. Trata se, como Christo *Senhor nosso, & sua* Mãy *Santissima honráraõ a esta arte.*

1 PRosegue o Texto 1 que Jubal, outro quinto neto de Caim, foy pay dos que cantàraõ à cithara, & orgaõ; & segundo o que fica notado, 2 da frase porque falla, suppoem que já de antes havia Musica, & elle a accommodou com arte àquelles instrumentos. Naõ se deve attribuir a Author humano cousa tão divina.

1 Gen. 4. 21.
2 Suprà c. 21. n. 1.

2 A patria da Musica, diz Cassaneo, 3 que he o Ceo; & Cassiodoro 4 notou que o significárão os antigos; achando nas estrellas a fórma da Lyra. Os Christãos representamos a gloria celestial em huma harmonia suavissima, em que a descreve São Joaõ no Apocalypse, 5 que o Doutor Angelico 6 entende

3 Cassan. in Catal. glor. mund. part. 10. consider. 51 in princ.
4 Cassiodor. l. 2. Epist. 40.
5 Apoc. c. 5. 8. & c. 14. 2. & cap. 15. 2.
6 D. Thom. in 2. Sent. dist. 2. q. 2. art. 2.

tende de verdadeyras vozes. Por isto amar a musica se tem por hum sinal de predestinação ; 7 porque , como ensinavão os Pytagoricos ; & Platonicos , 8 a parte superior de nossa alma tem com ella grande parentesco , & a deseja como a centro. 9 Pelo contrario a aborrece naturalmente o demonio ; & assim a harpa de David o afugentava de Saul 10 por esta causa , 11 não porque alli obrasse outra virtude ; 12 porque em outras occasioens se vio o mesmo. 13

3 Esta natureza celeste mostra a Musica por seus effeytos: Deleytando , eleva os sentidos não só dos homens , 13 mas tambem dos irracionaes ; 15 como lemos dos Elefantes , Cervos , Cysnes , & Delfins. As allegorias dos Poetas diziaõ , que os navegantes mais querião perderse nas Syrtes , & Carybdes, que deyxar de ouvir o canto das Sereas ; que a fereza dos Ursos , & dos Leoens se torna domestica ouvindo a Orféo , por cujas vozes os rebanhos famintos trocavão os pastos ; & que a Cithara de Arion chamára os Delfins do profundo das aguas. Estenderaõ seu poder sobre as cousas insensiveis , descrevendo já a Orfeo movendo os bosques : já a Amfion attrahindo as pedras para o muro Thebano.

4 A Musica , segundo Plataõ , 16 compoem o espirito para seguir as virtudes: instrue o animo para consonancia da vida: regula as medidas para governo da Republica : segundo Santo Agostinho , 17 favorece as sciencias , renovando as forças do entendimento para o estudo : segundo Patricio alivia as molestias ; 18 & como notou Saõ Pedro Chrysologo , 19 atè os jornaleyros se ajudaõ a trabalhar cantando ; ella excita o furor bellico para defensa da patria ; para isso se inventáraõ a trombeta ; & o tambor , vozes musicas da milicia. As Amazonas usavaõ de frautas nos exercitos ; 20 os Cretenses , de lyras , ou citharas ; & outras naçoens de varios instrumentos : 21 os Lacedemonios , refinando Tirteo o som do pifaro , se esforçárão de modo ; que recobrárão huma vitoria , que os Messenios tinhão qua si ganhada : a lyra de Timoteo , tocando huma batalha , levantou ao grande Alexandre da mesa ; & logo mudando o som , lhe sossegou o animo ; 22 ella aplaca os impulsos colericos , como succedia a Achilles ao som da lyra ; 23 & se vio em Pythagoras , & em seu discipulo Empedocles , quando aquelle tocando a frauta , tirou os amotinados , que forçavaõ huma casa honesta ; este cantando aquietou outro que se queria vingar de seu inimigo ; & em Terpander que com a suavidade de seu canto concordou as sediçoens de Lacedemonia ; 24 ella ajuda a Oratoria , (a qual por esta razaõ Quintiliano 25 comparou à Cithara) como se vio em Cayo Gracchо , ganhando a vontade do Povo Romano com aquella oração , cujos accentos fazia mais suaves a frauta de hum seu escravo , que tocava a cada periodo. 26 Cassiodoro 27 diz , que as cordas dos instrumentos se chamaõ assim , pelo movimento que fazem

7 *Matute na prosap. de Christidade 4. cap. 11 §. 8.*
8 *Apud Boet. l. 3. de Music.*
9 *Pedro Sanches de Vianna no Prologo à traduçaõ de Ovid. Metam.*
10 *1. Reg. 16. in fin.*
11 *Franco in Camp. Elys. q. 28. n. 11.*
12 *D. Aug. l. 10. Confes. cap. 33. Valentia in prol. ad Psalm.*
13 *Referunt glos. ordinaria. 1. Reg. 16. Horos de ver. & fal. prophet. l. 2. c. 3.*
14 *Beroald. in orat. ad enarrat. Horatij.*
15 *Petrarch. de prosp. fort. dial. 3*
16 *Plat. de Rep. dial. 3. 4. & 7. & de leg. dial. 1. & 6.*
17 *D. Augustin. apud Stephan. Costa tract. de lud § 1. ex n. 4. habetur inter tract. DD. Ju istar.*
18 *Patrit. de Regno cap 15. Plura Solorz emblem. 31.*
19 *Chrysol. Serm. 10 in princ.*
20 *Mexia na Sylva l. 1. c. 10.*
21 *Viana Comment. a Ovid. Metam. l. 3. n. 7.*
22 *Plutarch. de Music.*
23 *Homer. Illiad. l. 9.*
24 *Gessn. suprà vers. nonne. cum seqq. Textor in officin. part. 1. tit Citharœdi, & Cantores.*
25 *Quintilian. l. 2. c. 8.*
26 *Cassaneus suprâ vers. & Caius.*
27 *Cassiodor. suprà.*

fazem nos coraçoens, que ſe chamão *Corda* na lingua Latina; por iſto muytas Cidades Gregas recitavão ſuas leys ao ſom da lyra, como entre nòs ſe publicão as Pregmaticas com charamelas, & trombetas.

5 Tambem aproveyta a Muſica à ſaude corporal. O Eccleſiaſtico 28 a poem por remedio contra a melancolia; Marſilio Ficino 29 contra a colera; Caſſaneu 30 contra a febre, loucura, feridas, & mal de peſte; Pedro Mexia 31 contra a ciatica, & gotta; Caſſiodoro 32 contra muytas outras doenças; & acima diſſemos 33 como contra a mordedura da tarantula he o unico remedio; medicina que não pòde enfaſtiar, porque os ſentidos de ouvir, & ver não ſe enfadão.

28 *Eccleſiaſt* 40.20.
29 *Marſil. Ficin. in comment. ad conviv. Platon. cap.* 9.
30 *Caſſan ſupr. verſ. Pythagoricis.*
31 *Mexia ſuprà l.*3 *c.*12.
32 *Caſſiodor. d. epiſt.* 40.
33 *Suprà c.*16. *n.*7. *ad fin.*

6 Serve tambem com excellencia ao eſpirito, & aſſim Eliſeo, 34 para profetizar, mandou que lhe cantaſſem: excita a louvar a Deos, o que conhecèrão os gentios: 35 aplaca a ira Divina, como notou Santo Agoſtinho; 36 por iſſo a Gentilidade a uſava nos ſacrificios, & exequias: & David nos incita a louvar com ella o *Senhor*, como faz a Igreja. Eſtando ainda no ventre de ſua mãy cantou o grande Patriarcha S. Bento. 37

34 4 *Reg* 3.15
35 *Ptolomeus apud Caſſan. ſuprà, verſ. Pythagoras.*
36 *D. Aug. de doctr. Chriſt. l.* 2. *cap* 40. *Hieron. Faier. de laud. muſi.*
37 *Pſalm* 32.42.98. *& paſſim. Bonifac. Simont. l.*4. *ep.*20. *Fr. Leaõ de S. Thom. na Benedict. Luſit tract.*1. *p.*1. *cap.*3.

7 Ella, conforme a doutrina de Platão, & como advertem varios Eſcritores, 38 he inſinuadora da Theologia, norte da Juriſprudencia, ſemelhança da Aſtronomia, mãy da Oratoria, fundamento da Architectura. Por iſſo derivou ſeu nome das Muſas, 39 porque as *Muſas* ſe chamão aſſim, de palavras Gregas, que ſignificaõ, *inquirir*, *doutrinar*, *& aſſemelhar*; quaſi dizendo que todas as ſciencias tem vinculo entre ſi; donde veyo pintarem-ſe as Muſas guiando còros, dadas as mãos em união reciproca; & os Gregos equivocàraõ o nome de *Sabio* cõ o de *Muſico*; 40 os antigos com eſte ſignificavão a erudição das letras humanas: *Muſico*, diſſe o meſmo Platão, 41 ſe chama tudo o que eſtá perfeyto; & hoje (diz Calepino 42) uſaremos da meſma fraſe em bom Latim.

38 *Plat. ſuprà, & lib.*17. *Protagor. med. Caſſiodor. & Caſſaneus ſuprà.*
39 *Plat. l.*5. *Alcibiad.*
40 *Calepin. verb. Muſa.*
41 *Plato ſuprà.*
42 *Calepin. ſuprà.*

8 Finalmente he a Muſica tão unida a eſta maquina univerſal, que dizião os Pytagoricos que por ſeus compaſſos fora o mundo creado. Os ſabios antigos affirmàraõ que os Ceos cantavão, & eſcrevèrão que havia nove Muſas, em razão dos accentos muſicos de oyto Esferas celeſtes, & de huma harmonia ſuperior que ſe formava de todas. 43 Lycurgo dizia, que a Muſica era natural ao homem; 44 & bem ſe vè (accreſcentou Macrobio, 45) pois na muſica dos orbes celeſtes começa noſſa vida, & a das exequias celebra noſſa morte.

43 *Refert Caſſan d. part.*1. *conſid.*51. *in princip.*
44 *Lycurg. apud Patrit. d. c.*15.
45 *Macrob. l.*2. *de Somn. Scipion.*

9 Enſinou Deos a Muſica aos homens para os enriquecer deſtas ſuas qualidades; erradamente attribuem ſua origem naõ ſó os Poetas, huns a Apolo, outros a Mercurio; mas tambem os Hiſtoriadores, huns a Iſis entre os Egypcios; outros a Bardo entre os Celtas: muytos a Orfeo, Muſeo, & Tamyrides entre os Traces: alguns a Oures, ou Pytagoras, notando a diverſidade do ſom dos malhos de hum Ferreyro; & tambem diffe-

raõ

raõ que se tomárão do canto das aves;não teve inventor humano, teve nascimento no Ceo, que a communicou ao mundo por summa piedade.

10 Verdade he que depois a aperfeyçoáraõ varios Authores em diversas Provincias (como succedeo em todas as cousas que se forão achando) com sons, ou tonos accommodados às materias. Marsias Grego achou a concordia das vozes muyto agudas;& a harmonia chamada *Phrygia*, muyto branda. Olympias Missio, ou Phrygio, a das vozes semelhantes; a harmonia *Mesophrygia*; & tambem a *Lydia*, accommodada tanto para tristeza,como para alegria; se bem outros a attribuem a Cario, que disserão ser filho de Jupiter; ou a Amfion, ou a Mellanopides;ou a Antippo Sapho Rainha de Lesbo: Pithoclides (dizem outros) compoz a *Messolydia* conveniente a tragedias. Damon Atheniense, ou Polymesto, a *Hypolidia* contraria á *Messolydia*;Pytherno Jonio a *Jonica*;Filoxeno a *Laconica*;Simon Magnesio a *Simodia*; Lysias a *Lysiodia*; & depois se seguiraõ tonos diversos entre os Hebreos; já o Ecclesiastico 46 dizia; que os antigos havião buscado modos musicos.

11 Tudo isto era sem regra certa pelo bom natural do ouvido; & com tudo Lassus Herminéo, que viveo reynando Dario, escreveo da musica, & foy o primeyro que se sabe que della escrevesse. 47 E Timotheo Milesio no Imperio de Alexandre compoz sobre ella dezasete livros. 48 O Papa Saõ Gregorio Magno no anno de *Christo* seiscentos pouco mais, ou menos, fez hum canto-chão para as Igrejas, que se governava pelas seis; ou sete letras primeyras do A, B, C; 49 & no anno de seiscentos & oytenta & dous, ou oytenta & tres; o Papa S.Leão II. o reformou, mas ainda sem regra certa; atè que Guido Aretino; Monge da Ordem de Saõ Bento, Abbade de Saõ Laufredo, ou do ermo da Santa Cruz de Avellana, 50 que viveo pelos annos de mil & trinta 51 no Pontificado de Joaõ XIX. instituhio arte com o artificio das seis vozes postas na mão com muyta clareza; as quaes; por meyo de jejuns, & oraçoens, achou nos principios dos primeyros versos do Hymno *Ut queant lassis resonare fibris*, *&c.* 52 que tinha composto Paulo Diacono, Monge do Monte Cassino da mesma Ordem de São Bento, em louvor do grande Bautista; 53 tendo alto mysterio achar as vozes para louvar a Deos no canto composto em louvor do Santo, que chamou *Voz* do Verbo encarnado 54 Este livro de Guido (parece que se não imprimio) descobrio nosso Rey Dom Joaõ IV. na livraria da Rainha de Suecia, dizem que original, depois de grandissimas diligencias que por toda Europa fez por seus Embayxadores, & outros Ministros, de que fou testemunha, porque fiz muytas; a Rainha lho enviou de presente, & Sua Mageståde o poz na sua insigne livraria da Musica.

12 Esta suavidade, & utilidade da Musica reconhecèraõ os

46 *Eccles* 44.5..Riquirentes mo dos musicos.

47 *Textor in offic.p.2.tit.Cithæ-rœdi, & Poetæ.*

48 *Conrad Gesner.in onomastic. prop.nomin.verbo Timotheus.*

49 *Horat. Tigrino, compend. de Music.l.1.c* 14.

50 *Fr. Leaõ de S.Thomàs na Benedict.Lusit trat.*1.*p.*5.*c.*10 § 2.

51 *Ilhescas na hist. Pontif. p.* 1. *l* 4.c.1.& 16.& *l.*5.c 6.

52 *Arnold.l.*5.*c.* 77.

53 *P Fr.Leaõ suprà.*

54 *Isai* 40 2.*Matth.*3.*Marc.* 1. 3 *Luc.*3.4.*Joan.*1.23.

os homens mais sabios, por muytas demonstraçoens. Fizerão hieroglyfico da Musica o Cisne, ou o Rouxinol, pela melodia do seu canto, posto que alguns a significavaõ em huma cigarra sobre huma cithara, por contarem os Gregos que tangendo Eunomio em competencia de Aristeno; & quebrando-se huma corda da cithara, huma cigarra que passou por cima de Eunomio, lhe suprio com sua voz aquella falta. 55

13 Os Juristas 56 dizem q̃ aos Musicos que servem, se naõ deve salario, se o naõ estipulaõ, por ser serviço de gosto inestimavel. Marco Antonio pagou a Anaxenores com os tributos de quatro Cidades: Galba enriqueceo a Cano: Vespasiano a Diodoro: os Locrenses levantáraõ estatua publica a Eunomio; 57 & os Thebanos a Cleon.

14 Plataõ 58 encomenda, que aos moços se ensine a Musica; Aristoteles 59 o approvou, accrescentando que conduz para a virtude; Cassaneo 60 se jactava de que assim se usava em França no seu tempo: Santo Isidoro 61 chegou a dizer: *Tam torpe he naõ saber Musica, como naõ saber letras*; & assim os Arcadios tinhaõ por descredito naõ entender de Musica; 62 & o famoso Temistocles foy notado de pouco polido, porque em hum saráo, dandose-lhe hũa Lyra para tocar, disse que naõ sabia; da mesma falta foy notado Cimon illustre Atheniense. 63 Pelo menos quando se não julgue com tanto rigor dos que totalmente ignoraõ esta arte; não se póde negar que ella adorna muyto a qualquer homem grande. 64

15 Achilles, Epaminondas, Alexandre, Sylla, Cataõ Censorino, os Emperadores Tito, Adriano, & Alexandre Severo, eraõ muyto peritos em cantar, & tocar instrumentos. David foy musico excellente, 65 & o primeyro que compoz *Psalmos*, que significa *Verso de louvores divinos, que se canta com instrumento*; no que se distingue de *Cantico*, que he o que se canta sem elle. 66 Pythagoras foy grande citharista: Socrates já velho aprendeo Musica: o glorioso Rey de Portugal Dom Manoel era muyto inclinado a ella, & buscava com grandes salarios os melhores musicos: 67 o Senhor Rey Dom Joaõ o IV. não cantava, mas sem controversia, foy na musica o mais sciente de seu tempo; as composiçoens, que com nome supposto communicava ao mundo, por superiores erão logo conhecidas por suas em toda Europa; com despeza consideravel, & diligencias particulares (em muytas o servi) ajuntou huma numerosa livraria das obras musicas melhores, & mais exquisitas, & a tinha disposta com notavel curiosidade, & clareza, para facilmente se achar nella qualquer papel; sendo continuo nos conselhos, & despacho dos negocios, todos os dias depois de jantar tomava huma hora de alivio, (regra dos q̃ sabem trabalhar) 68 & esta era exercitar, & ensinar os seus Musicos, que tinha muyto escolhidos, & quasi sempre em canto dos Officios Divinos, para que seu exercicio em tudo fosse louvavel. O Author da

55 *Pier Valerian. in Hierogl. l. 28. tit. de Lucina; & l. 26. tit. de cicada.*

56 *Gratian discept. forẽs. c. 185. n. 30.*
Emman. Barbos. ad Ordin. Portug. l. 4. tit. 31. §. 5. n. 2.

57 *Textor in offic. tit. Citharœdi. Cassan d. consid. 51. vers. Anaxenori, & vers. Eunom.*

58 *Plat lib. 17. Protogoras, & dic. l. 7. de leg.*
Refert Alex ab Alex genial. l. 2. c. 25.

59 *Arist. de Rep. l. 8. c. 4. & 5.*

60 *Cassan. sup. vers Et hanc.*

61 *D. Isidor. l. 3. etymol.*
Tam turpe est nescire Musicam, quàm nescire literas.

62 *Polyb. l. 4.*

63 *Tiraq. de nobilit. c. 34. n. 12.*
Cassaneus suprà.
Plutarch. in vita Cimon.

64 *Quintilian. l. 1. c. 16. & 17.*
Polyb. sup.
Athenæus l. 4. c. 10. & 11.

65 *D. Aug ep. 131.*

66 *Matute na prosap de Christ. idad. 4. c 1. § 3.*

67 *Damiaõ de Goes na Chron. delRey D. Manoel p. 4 c 84.*

68 *Dissemos no cap 9. n. 4. com os seguintes.*

da Biblioteca Hispana 69 diz, que os Portuguezes reynão na Musica, & na Poesia. Entre os mayores Ecclesiasticos, os Santos Papas Gregorio, & Leão II. forão peritos nesta arte: como tambem o grande Origenes: 70 & sobeja para o mayor credito escrever Cassaneo 71 por testemunho de graves Authóres, que *Christo* Senhor nosso foy grande Musico; não se podia duvidar que o soubesse ser, mas os Evangelistas sagrados declaraõ que depois da ultima Cea, antes de sahir para o monte Olivete, disse hum Hymno; & a versaõ Grega diz que o cantou. 72

16 Musica excellentissima foy a soberana *Virgem* na *Magnificat*, que a Igreja por excellencia chama *Cantico*; 37 que parece ser o cantico novo que David queria 74 que se cantasse ao *Senhor* em instrumento de dez cordas; novo em cantar a Encarnação do *Verbo* eterno já executada; & em dez versos; que o devotissimo Gerson 75 entende por dez cordas: Santo Agostinho 76 diz que a *Senhora* o cantou; da mesma frase usa o douto Maldonado. 77 Escrevem graves Authores 78 que no recolhimento do Templo tinha aprendido a cantar os Psalmos; & semelhantes graças a Deos costumavão cantar as Santas mulheres, como fizerão Maria irmãa de Moyses, Debora, Judith, Esther, & Anna figuras da *Virgem*, como notou o eruditissimo Carthagena. 79 A este canto a convidava o Esposo nos Cantares, quando lhe pedia que fosse para elle, porque era acabado o Inverno (tempo triste em que se dilatou sua Encarnação) & era chegado o florido, & alegre: *Que soasse sua voz em seus ouvidos, porque sua voz era doce, & ella fermosa.* 80

17 Neste cantico notou hum ouvido de bom gosto 81 todos os tonos da Musica: o *Sublime* da Divindade: 82 o *Bayxo* & *Demisso* da Humildade: 83 o *Alto* da Omnipotencia: 84 o Tenor da Misericordia: 85 o *Grave* da Justica: 86 o *Agudo* da Alegria: 87 o *Suave* da Consolação: 88 o *Aspero* da Reprovaçaõ: 89 o *Pleno* da Fidelidade: 90 o *Artificioso* da Revelaçaõ; 91 & a *Consonancia* dos Instrumentos; 92 pelo que a chamou filomena, modulando vozes, & tonos varios com melodia taõ doce, que he louvada atè dos hereges. 93

18 Achaõ-se nella com elegancia as seis vozes da verdadeyra SOl-fa; no HU-milde que professou: 94 no RE-signado do seu espirito: 95 na MI-sericordia que publicou de Deos: 96 no FA-vor grande a que se confessou obrigada: 97 no SOl-licito que reconhece a Deos de cumprir as promessas: 98 no LA-usperenne com que o magnifica; 99 & que melhor Musica que só o material de sua voz que fez dançar de alegria ao menino Joaõ no ventre da Māy? 100 Hum excellente Escritor 101 discursa que toda ella he huma Musica sonora, cantada pela Santissima *Trindade*: accommodando com galantaria elegante ás vozes de huma suave capella os dons com que as tres Pessoas Divinas harmonicamente a illustrárão.

19 Sen-

69 *Biblioth. Hisp. tom. 2. tit. Poetæ sacri.* Lusitani in poetica, ut & in Musica regnare feruntur mira animi propensione, velut enthusiasmo rapti.

70 *D. Hieron. in Catal. Scriptur. Eccles. Tiraq. ad Alex. ab Alex. l. 2. c. 25. Erasm. in apopththegm. Alex. & in vit. Orig. Illesc. hist. Pontif. l. 4. c. 1. & 17.*

71 *Cassan. d. consid. 51. vers. sed ut semel.*

72 *Matth. 26. 30. Marc. 14. 26.* Hymno dicto exierunt. *Alia versio habet*, Hymno cantato. *Carthagen. hom. 3. de passion. Christi in Matthæum l. 10. ton. 3. pag. mihi 284.*

73 *Luc. 1.*

74 *Psalm 32. v. 2. & 3.* In psalterio decem chordarum psallite illi, cantate ei canticum novum.

75 *Joan. Gerson. tract. 1. sup. Magnificat,*

76 *D. August. serm. 5. qui est 10. de ann.* Audite quomodo tympanistria nostra cantaverit; ait enim: Magnificat anima mea Dominum.

77 *Maldonado in 1. Luc n. 165.* Cecinit.

78 *Refere Vilhegas Flos Sanctor. fest. da Apresent.*

79 *Carthag. de arcan. Dei p. 1. l. 6. hom. 6. in fin.*

80 *Cant. 2. 14* Sonet vox tua in auribus meis, vox enim tua dulcis, & facies decora.

81 *P. Maximil. Sandæus in Aviar Marian. orat. 2. Maria visitans, ante med.*

82 Exultavit spiritus meus in Deo.

83 Respexit humilitatem ancillæ suæ.

84 Fecit mihi magna qui potens est.

85 Misericordia ejus à progenie in progenies.

86 Dispersit superbos. Deposuit potentes.

87 Exultavit spiritus meus.

88 Esurientes implevit bonis.

89 Divites dimisit inanes.

90 Suscepit Israel puerũ suum.

91 Sicut locutus est ad patres nostros.

92 Abraham, & semini ejus,

93 *Calvinus, ac alij. apud Canisium l. 4 c 5.*

94 *Luc. d. c. 1.* Quia respexit humilitatem ancillæ suæ.

95 Spiritus meus in Deo salutari meo.

96 Et misericordia ejus à progenie in progenies.

19 Sendo a Musica taõ suave, tão util, & em tudo divina; foy tal a quèda dos homens pelo primeyro peccado, & tam mal usaõ do que mais lhes convinha, que atè este dom celeste huns applicáraõ mal; outros o depraváraõ; & alguns o condenáraõ. S. Theodoreto 102 entende que com musicas namoráraõ os descendentes de Caim aos de Seth, para casarem contra a justa prohibição que havia. 103 Saõ Clemente Alexandrino 140 conta que com ella levavão Amfion, & Arion as gentes aos idolos; & na Escritura Sagrada lemos que com a de instrumentos convocava Nabucodonosor para adorarem a sua estatua. 105 Contra os que a depraváraõ em lascivias escrevèraõ Saõ Cypriano, & Santo Efrem; 106 Nero a exercitava no publico theatro contra o decoro Imperial; 107 & semelhantes excessos prohibio hum texto Canonico 108 aos Ecclesiasticos; & Antistenes condenou em Ismenias tanger bem, como cousa que não convinha a hum Varão grande; Filippe Rey de Macedonia reprehendeo a seu filho Alexandre de ser bom musico; & Aristoteles perguntado sobre isto, respondeo que Jupiter nem cantava, nem tangia. 109 Tudo isto se entende do nimio, que he reprovavel; 110 & neste sentido emendando Filippe Rey de Macedonia a hum Cantor, & ElRey Antigono a outro que tangia, & dançava: lhes respondèraõ ambos, que não lhes convinha mostrarem-se tam demasiadamente scientes naquellas artes. 111 Atreveose a malicia, ou ignorancia a querer deslustrar o mais louvavel por varios caminhos.

97 Quia fecit mihi magna qui potens est.
98 Sicut locutus est ad patres nostros.
99 Magnificat anima mea Dominum.
100 *Luc d. c. 1. 44* Ut facta est vox salutationis tuæ in auribus meis, exultavit in gaudio infans in utero meo.
101 *P. Ant Guillel le grandeza de la Santissima Trinitá disc. § 4. v. in primo tomo.*
102 *D Theodoret. in Gen. 9 47.*
103 *Diremos no cap. 48. n 4.*
104 *D. Clem. Alexand. ad Gent.*
105 *Daniel. 3.*
106 *D Cyprian. ep. 2.*
D Ephrem. tom. 1 in Psalm.
107 *Tacit. annal l 14 ante med. & l. 16. paulo post princip.*
108 *Extravag. Decta sanctorum, de vit. & honest. Cleric.*
109 *Bruf. l 4. cap. 17.*
Textor d. tit. cithar. œdi.
110 *Tiraq. de nobil. cap. 34. n. 11*
111 *Plutarch. in apophthegm. Philip. & in lib. de discrim adulator. & amic. & l. de fortun. Alex. Ælian. var. hist. 9. cap. 36.*

CAPITULO XXIV.

Invençaõ da cithara, & orgaõ: derivaçaõ do nome Jubilèo; *nestes, & em outros instrumentos musicos se tocaõ algumas curiosidades: & se prosegue o assumpto de que a malicia humana de todos inventos usou mal. Brevemente se aponta o divino instrumento, q̃ fez a Santissima* Virgem Mãy.

1 DE dizer o sagrado Texto 1 que *Jubal* foy pay dos que cantàraõ à cithara, & a orgaõ se fez tradição que foy inventor dos instrumentos; & diz Genebrardo, 2 que por elle inventar este prazer, todo o prazer, tomou delle o nome de *Jubilèo.*

2 Da mesma causa procedeo 3 chamarse *Jubilèo* entre os Hebreos hum instrumento que se tocava em aquella grande solemnidade, que se trata no Levitico; 4 & delle se chamava a mesma solemnidade *Jubilèo*: & porque este *Jubilèo* libertava as

1 *Gen. 4. 21.*
2 *Genebrard. apud Matute na prosap. de Christo, idad. 4 cap. 1. § 7.*
3 *D. Hieron. ad c. 25. Levit. Oleaster ibid. Munster in Levit. Eugubin. in annot. ad c. ult. Numer.*
4 *Levit. cap. 25.*

as herdades vendidas, & os escravos, na maneyra que o Texto aponta, se chamou tambem *Jubilo* a liberdade, & remissaõ, como refere Josefo. 5 Aquelle instrumento era huma corneta de osso de carneyro, 6 significativo do que em lugar de Isaac sacrificou Abraham; 7 figura do Cordeyro Divino que havia de libertar o mundo com *Jubileo* plenario. De osso de carneyro eraõ tambem os que se tocavaõ na festa chamada *Das trombetas*, o primeyro de Setembro, instituida em memoria daquelle sacrificio; 8 posto que outros instrumentos semelhantes se faziaõ de ossos de qualquer animal. Depois se veyo a fazer aquella corneta de qualquer osso; 9 & no tempo mais diante se fez todo o genero de trombetas de páo, & de metal; mas sempre lhes ficou nome da primeyra materia, como se vè ainda nos Poetas Gentios. 10 Assim a frauta se fez primeyro de osso das pernas de grou, pelo que em Latim se chamou *Tibia*; 11 os Thebanos a faziaõ depois de ossos de veados; os Scythas de ossos de aguias, ou buitres; os Egypcios de canas; os Africanos, & Osyres Grego (posto que os Poetas digaõ que Pan) a fizeraõ curva da arvore lothos, ou buxo, 12 & com tudo sempre lhe ficou o primeyro nome.

3 Do nome daquelle antigo *Jubileo* se chamàraõ os que logramos os Christãos com mais felicidade; & Andrè Massio 13 lhes considera tambem respeyto a *Jubileo*, pelo prazer que o *Senhor* disse, 14 que a conversaõ dos peccadores causa no Ceo; grande brazaõ de *Jubal*, eternizar seu nome nestas dirivações. O illustrissimo por muytos titulos Dom Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa, no tratado que fez em explicaçaõ dos *Jubileos* 15 sendo Bispo do Porto, tocou mais brevemente esta materia; mas prosegue como a Igreja Catholica instituhio em Roma o Jubileo centenario, principiado no tempo dos Apostolos, & como se foy reduzindo a menos annos.

4 Plinio 16 sem noticia das sagradas letras, disse que a cithara fora invençaõ de Orfeo, ou de Lino, ou de Amfion, com quatro cordas; outros 17 disseraõ que Corebo, filho de Ati Rey de Lidia, lhe accrescentàra a quinta; Hyagnes Phrygio à sexta; Terpander a septima; Lycaon Samio a oytava; Profasto Periote a nona; Estraco Colofonio à decima; & Timotheo a undecima. Que o primeyro que a ella cantàra, fora Aristonico Grego: que aperfeyçoàra sua musica Olimpias Missio: q̃ Amato Cretense cantàra a ella amores; & Enopas cousas jocosas: que a Grecia a levàra Cadmo filho de Agenor, & particularmente a Athenas a levàra Phyrnis Mitheleno descendente do grande tangedor Terpander; & a Italia Evandro com seus vassallos Arcadios; tudo se póde verificar em serem aquelles os mais destros na cithara depois do diluvio.

5 Cassiodoro 18 affirma que a cithara he o mais sonoro de todos os instrumentos de cordas; & parece que Virgilio entendeo o mesmo, quando por ella entendeo toda a Musica. 19

5 *Joseph de antiquit. cap. 10.*
6 *Matute d. §.7.*
7 *Genes. 22. 13.*
8 *Matute suprà com o caballo di Heb. P. Fr. Manoel do Sepulchro na refeyçaõ espirit p. 1. 8. n. 3.*
9 *Psalm. 97. v. 7.* Voce tubæ corneæ.
10 *Virgil. Æneid. 7. in princ.* Et rauco strepuerunt cornua cantu; *&c passim.*
11 *Calepin. verb. Tibia.*
12 *Textor in officin. p. 2. tit. Citharœd. & Cantor.*
13 *Andr. Mass. sup. Josue c. 6.*
14 *Luc. 15. 7. & 10.*
15 *Arceb. D. Rodrigo da Cunha trat. da explic. dos Jubil. cap. 1. n. 5. & 6.*
16 *Plin. l. 7. c. 56.*
17 *Textor suprà.* *Fr. Bernardino da Sylva na defensa da Monarch. Lusit. p. 2. c. 15. in princ.*
18 *Cassiodor. l. 2. ep. 10.*
19 *Virgil. Æneid. 12.* Augurium, citharamque dabat, celeresque sagittas.

20 *Calepin. verb. citharæ.*
21 *Britto na Chron. de Ciſter. l. 3. c. 12.*

Aſſim o concedemos, ſe no nome de *Cithara* ſignificaõ *Harpa*, como os Latinos fazem algumas vezes; 20 porém ſe ſe reſtringem ao que eſpecialmente chamamos *Cithara*, ſigo antes ao melliſluo S. Bernardo; que deu a primazia à *Harpa*, trazendo-a no ſinete com eſta letra: *Quid erit in patria?* 21 como dizendo: *Se cà no deſterro do mundo ha conſonancia tam ſuave, qual a haverà là no Ceo, patria de toda a ſuavidade?* Na que David tocava, ſentia, & fugia o demonio a melodia que não podia ſofrer, como diſſemos aſſima. 22

22 *Supr. c. 21. n. 2. in fin.*
23 *Alciat. emblem. ult. poſt mortem formidoloſi.* *Sorapan. na Medicina Eſpanhola, refran 14.*

6 Por curioſidade ſe refere o que diſſeraõ Alciato, & outros Authores, 23 que ſe nos inſtrumentos, entre as cordas de tripas de carneyro, ſe puzèr alguma de tripa de lobo, não haõ de ſoar, por mais que as toquem: dura o temor ao carneyro ainda depois da morte.

24 *Quintilian. l. 9. c. 4. In ſacris literis 2. Paralip. 23. 13. & c. 24. 27 & Pſal. 136. v. 2.*
25 *Plat. dial. 7. de leg. ad med.*
26 *Pſalm. 150. v. 4.*
27 *Matth. 15. in fine.*
28 *Geneſ. 4. 21.*

7 Orgão, ſegundo inſtrumento, de que ſe tem por inventor Jubal, conforme ao texto, he nome generico a todos os inſtrumentos muſicos; 24 o que eſpecialmente chamamos *Orgaõ*, alcançou eſte nome por excellencia ſobre todos os que ſe tocão com vento; poſto que Platão 25 queyra que a frauta ſeja mais excellente; a Eſcritura ſanta em alguns lugares 26 o diſtingue, & particularmente da Cithara, 27 como o Texto do Geneſis que o attribue a Jubal. 28 O Summo Pontifice Vitaliano, que faleceo pelos annos ſeiſcentos & ſetenta, o introduzio nas Igrejas. 29 Mas ainda depois forão tam raros, que o Emperador Conſtantino (quinto, ou ſexto) enviou de Conſtantinopla hum orgão por couſa exquiſita, a Pipino Rey de França.

29 *Ilheſc. hiſt. Pontif. p. 1. l. 4. c. 12.*

30 *Alex. Sard. de invent. rer.*
31 *Textor ſuprà.*
32 *Suprà cap. 23. n. 15.*

8 Dos inventores de outros inſtrumentos trata largamente Alexandre Sardo 30 no livro dos inventores das couſas, em que accreſcentou a Polydoro Virgilio, & do modo de dançar. Omittimos iſto, & os tangedores inſignes que nomea Raviſio Textor, 31 porque ajuntamos de varios Authores, mas naõ trasladamos o que eſtà junto em hum. Jà diſſemos 32 que David foy o primeyro que compoz Pſalmos para ſe cantarem com inſtrumentos. Aos tangedores inſignes accreſcēto o Portuguez *Peyxoto*, natural da Pena, lugar da Raya de Entre Douro, & Minho, & Tras os Montes: que em Caſtella no Paço do Emperador Carlos V. moſtrando eſpantarſe de que os ſeus Muſicos temperaſſem os inſtrumentos, elles zombando, lhe deraõ huma viola deſtemperada para que tangeſſe; & elle, ſó tocando as cordas para lhes tomar o ponto, as governou apontando com os dedos de maneyra, que fizerão harmonia ſuaviſſima; & os circunſtantes admirados rompéraõ em dizer, que ou era o diabo, ou o *Peyxoto da Pena*, de quem tinhão fama, poſto que o não conhecião de viſta.

33 *No cap. precedente n. 3. & ſeguintes.*

9 Moſtrou Deos os inſtrumentos aos homens para as meſmas utilidades que largamente expendemos na Muſica 33 de que ſaõ parte; mas tambem delles uſou mal a malicia, chegando

do a empregallos contra Deos. Ao ſom delles convocava Nabucodonoſor para ſe idolatrar na ſua eſtatua; 34 & cada dia ſe uſa delles para fins illicitos. No anno de mil & doze hũ Othero Laico, & outros quinze homens, & tres mulheres, tomàraõ por capricho baylar muytos dias com varios inſtrumentos no adro de huma Igreja, com tal inquietaçaõ, que impediaõ os Officios Divinos, ſem quererem deſiſtir; pelo que hum Sacerdote chamado Ruperto lhes lançou maldiçaõ, com que baylàraõ hum anno inteyro, de huma noyte de Natal atè outro tal dia, ſem poderem ceſſar, até que Santo Hereberto Biſpo de Colonia os abſolveo daquella maldição; mas as mulheres morrèraõ logo, & os homens pouco depois com tremor, & palpitação 35

10 Para honra dos inſtrumentos repetimos o que aſſima 36 tocamos com o doutiſſimo Gerſon, 37 que o cantico da *Magnificat* que a *Virgem Māy* Santiſſima compoz, he o inſtrumento de dez cordas que deſejava David. 38 O Veneravel Padre Frey Joſeph de Jeſus Maria 39 o expende, concordando os dez verſos entendidos por cordas, com a harmonia das creaturas racionaes, cõpoſta ſuavemente de nove ordens de Anjos, & da natureza humana; corda que ſe quebrou pelos primeyros Pays, & foy reparada pela Māy da graça, que deu todos os inſtrumentos para o mundo ſe levantar da ruina em que eſtava.

34 *Daniel.3.*

35 *Hirſauger. in Chron. relatus à Matute, na prefap. de Chriſto, idade 4 c 1. § 7 Balvecenſ. l. 2 c. 10. Vener. Enchirid. tempor. Alij apud Franc. in Camp. Elyſ. q 97. n. 9.*

36 *Sup. cap. 23. n. 16.*

37 *Gerſon. tract. 1 ſup. Magnificat*

38 *Pſalm 32. v. 2 & 3.*

39 *Fr. Joſeph de Jeſ. Mar. hiſtor. de N. Senhora lib. 3. c. 25. n. 2. com os ſeguintes.*

CAPITULO XXV.

Principio, progreſſo, & dignidade da Poeſia; como a Virgem Santiſſima *a honrou; & ſendo dada por Deos para utilidades, os homẽs uſàraõ mal della.*

1 A Poeſia he irmãa gemea da Muſica; (de que tratamos) ou he o meſmo que Muſica, como diſſe hum erudito Author, 1 & aſſim quando os Poetas metrificaõ, ſe diz que cantão; 2 ſó em verſos ſoa bem a Muſica; & ſó na Muſica ſe lograõ os verſos; Muſa, & Muſica tem o meſmo nome, pelo que o Eccleſiaſtico 3 falla da Muſica, & de verſos como unidos.

2 Em vaõ trabalhou Plutarco, 4 inquirindo os principios da Poeſia; ſeu principio he Deos; 5 por iſſo Plataõ 5 chamou aos Poetas, filhos dos Deoſes: do Ceo lhes vem o eſpirito, & ſe diſſe que tinhão em ſi alguma divindade, 6 pòde-ſe dizer que he natural ao homem, porque (ſegundo enſinàraõ os ſabios) anda conjuncta á Filoſofia natural com que os homens do principio de ſua idade cuydão como haõ de viver; de que expende a razão Quintiliano; 7 & aſſim naſce juntamente com os homens, & ſó a natureza faz o Poeta, poſto que o aperfeyçoe a arte; 8 por iſſo ſe coroaõ de louro, que ſignifica a virtude

1 *Pedro Sanches de Viana no prologo da traducçaõ de Ovid. Metamorph.*

2 *Statius Tebaid. l. 1. in princ.*
Gentis ve canam primordia diræ?
Virgil. Eclog. 4. in princ.
Sicelides Muſæ, paulo maiora canamus.
Et l 1. Æneid. in princ.
Arma virumque cano.
Lucan. l. 1 in princ.
Juſque datum ſceleri canimus.
Camoens Luſiad. cant. 1. eſt. 1.
Cantando eſpalharey por toda à parte.
Torcat. Taſſ. Hieruſal. cant. 1. eſt. 1.
Canto l'armi pietoſi, è'l Capitano.
Arioſt. no Orlando cant. 1. eſt. 1.
Le corteſie, l'audaci impreſe il canto.
Marino no Adonis cant. 2. eſt. 3.
E tu de'cigni tuoi'm impetra il canto.
Joaõ Baptiſta Mauricio, nel Taborre, cant. 1 eſt. 1.
Cantol'aſpetto, in cui cãgiato volle.
Carlo Torre n'l Numi guerriere cãt. 1. eſt 1.
Canterò come un cor tutto ſcõpoſi.
Lope da Vega na Jeruſ. l 1 eſt 1.
Yò canto el zelo, y las hazañas.
Y na Philomena cant 1. eſt. 1.
Y Philomena a mi llorar cantando.
E na Circe cant. 1. eſt. 1.
Yò cantarè tu engaño, y tu hermoſura.

3 *Eccleſ. 44 5.* In peritia ſua requirentes modos muſicos, & narrantes carmina ſcripturarum.

4 *Plutarch de Muſic.*

5 *Plato l. 2. de Rep.*

6 *Ovid l 3. eleg. 8.*
At ſacri vates, & Divum cura vocamur.
Sunt etiam qui nos numen habere putent. *Et 6 faſt.*
Eſt Deus in nobis, agitante caleſcimus illo.
Impetus hic ſacræ ſemina mentis habet.
Et alibi:
Eſt Deus in nobis, ſunt & commercia Cæli.
Sedibus æthereis ſpiritus ille venit.

7 *Quintil l. 1.*

8 *Horat. in art. poet.*
Ego nec ſtudium ſine divite vena;
Nec

tude natural; & de hera, que he ſymbolo do trabalho com que ſe ſóbe à perfeyçaõ; 9 os que naõ fazem verſos, goſtaõ de os ouvir, a todos he natural a Poeſia.

3 Celio Rhodiginio 10 tira de Ariſtoteles, & de Quintiliano o modo porque a natureza começou a infundir nos homens a Poeſia, & foy, infundindo-lhes hũ principio que obſervava com pericia no ouvido, huma medida, & eſpaços que corriaõ com ſemelhança; & depois em ordem a aperfeyçoar eſta conſonancia, ſe foraõ introduzindo as ſyllabas, & pés mais largos, ou mais breves, conforme cahiaõ, & ſoavaõ melhor.

4 Naſcida com o mundo creſceo a Poeſia em todas as idades delle. Ha quem diz, 11 que Adam compoz em verſo o Pſalmo 92 que anda entre os de David, intitulado, *In die ante Sabbatum.*

5 Enós ſeu neto, filho de Seth, he provavel que compoz hymnos em louvor de Deos, como abayxo 12 diremos.

6 Nos annos do diluvio era Poeta Sambetha nora de Noé, 13 mulher de Japhet 14 ſeu filho; poſto que alguns 15 digaõ que era mulher do meſmo Noé, a qual foy a primeyra Sibylla, & eſcreveo vinte & quatro livros de Oraculos em verſo, 16 de que hoje temos alguns nos livros Sibyllinos; nelles refere que ſe achou na arca com ſeu marido, 17 & conta ſucceſſos nella, & antes do diluvio, quaſi como ſe contaõ no Geneſis; era a que chamàraõ Sibylla Perſica, 18 ou Caldea, 19 por habitar em Babylonia cabeça de Caldea, como ella diz, 20 ainda que outros cuydàraõ que era a Eritrea.

7 Seu filho Tubal vindo povoar Heſpanha pelos annos cento & cincoenta depois do diluvio, continuou a Poeſia neſte mũdo reformado, dãdo leys em verſo, como diſſemos aſſima. 21

8 O Santo Job, Regulo nos confins de Idumea, & Arabia pelos annos ſetecentos & quarenta depois do diluvio, compoz grande parte do ſeu livro em verſos exametros, com pès dactylo, & eſpondeo, como diz S. Jeronymo. 22

9 No tempo em que os Hebreos ſahiraõ do Egypto, era à Poeſia entre elles ordinaria: diz o ſagrado Texto 23 que cantàraõ com Moyſés em verſo as graças ao *Senhor*; que celebràraõ com verſos o poço de agua que no caminho achàraõ; & faz menſaõ de verſos em outras occaſioens.

10 Nos tempos adiante compoz David os Pſalmos em verſo, como affirmaõ muytos, & graves Authores; 24 elle parece que o declara em alguns; 25 & o moſtraõ figuras, & qualidades poeticas que nelles vemos; de *Repetiçaõ*, 26 *Continuaçaõ*, 27 *Reverſaõ*; 28 & outras. Caſſiodoro diz 29 que levantou a ſuavidade da Poeſia, & que delle aprendèraõ os antigos. Que as obras de ſeu filho Salamaõ, o Deuteronomio, & o Cantico de Iſaias hajaõ ſido eſcritos em verſo, dizem bons Eſcritores; 30 & nas de Salamaõ parece que os ajuda o ſagrado Texto; 31 ſe bem o grande Padre Saõ Jeronymo 32 he de outra opiniaõ,

Nec rude quid proſit video ingeniũ alterius ſic.
Altera poſcit opem res, & conjurat amice.

9 *Fr. Heytor Pinto tom.2.dial.4 cap.15.*

10 *Cel.Rhodigin.antiq.lect.l.7. cap.4.*

11 *Matute na proſap.de Chriſto idad.4 cap.1.§.2. ad fin.*

12 *Inf. a cap 31.n 9.*

13 *Lactant.Firmian.diuſt.viri. l.1.c.6.& de ira l.1.c.22. Thom Boſſius de ſign.Eccleſ.l.14.c.2 poſt princ.*

14 *Matute ſup.idade 2.c.1.§.1.*

15 *Refert Genebrard. in Chron. an.mundi 1261.in l.1.oracul.Sibyll.*

16 *Mexia na Sylva de var. liç. l.3.c.34.*

17 *Oracul.Sibyll l.1.*
O gaudia magna!
Quod ſortita ſui, poſtquam diſcrimina mortis.
Effugi jactata meo cum conjuge multum.

18 *Varro apud Lactant.ſuprà.*

19 *Genebrard. ſuprà an.mund. 1887.*

20 *Oracul.Sibyl.l.3.ad fin. Vide in 2 p.c 9.n 2.*

21 *Supra cap.11 n.5.*

22 *D.Hieron.in prolog.cogor, ad lib.Job, & in ep. ad Paulin. de omn. divin.ſcript.libr.*

23 *Exod.15.1.Numer.21.17. Deuter.31.30.& paſſim alibi.*

24 *Euſeb. de præpar. Euangel.l. 11.cap.13. Joſeph de antiq.l 7.c.10.poſt med. Sabellic Æneid.1.l.29. Caſſiodor.in prolog.ad Pſalter.c.15. Matute ſuprà idad 4.c.1.§.11. Marc. Anton Flamin. in dedicator. paraphr. ad Pſalmos.*

25 *Pſalm.39.v.4.* Et immiſit in os meum canticum novum, carmen Deo noſtro.

26 *Pſ.21.v.3.4 & 5. in verbo,* Speraverunt. *Pſal 40.v.ult.* Fiat, fiat.

27 *Pſ.41 v.6.7.15.& 16.in verbis.*
Quare triſtis es anima mea?
Spera in Deo

28 *Pſ.128 v.1.& 2 in verbis.* Sæpe expugnaverunt me à juventute mea. *Et Pſal.66.v.3 & 5 in verbis,* Confiteantur tibi, &c.

19 *Caſſiodor.ſuprà.*

30 *Joſeph. & Origen. relati à Vian ſup.*

31 *1.Reg.4.32.* Et fuerunt carmina ejus quinque millia.

32 *D Hieron.in præfat.ad trãſlat.Iſai.*

niaõ, como tambem nos versos dos Psalmos. Aos Hebreos finalmente era como preceyto louvar a Deos em verso; segundo hum texto de Esdras insinùa; 33 & assim lemos 34 que o fizeraõ David, Salamaõ, & outros, além dos que já referimos, na sahida do Egypto.

11 Entre os Gentios, pelos annos de novecentos & cincoenta depois do diluvio, mil & quatrocentos & cincoenta & nove antes do Nascimento de *Christo*, (conforme ao computo, que sigo na historia) tempo em que o Povo Hebreo começou a governarse por Juizes, floreceo Orpheo, de naçaõ Thracio, primeyro Poeta que a gentilidade nomeou famoso, & como a inventor da Poesia lhe chamáraõ filho de Apollo, & Calliope, ainda que se diz que antes delle fora hum Siagro, que havia cantado a guerra Troyana.

12 De Orpheo foy discipulo Museo, inventor da fabula de Hero, & Leandro, composta com taes conceytos, & affectos amorosos, tal decoro, & imitaçaõ, que mostra bem haver naquella antiguidade os primores, & todo o culto, & polido de que se prezáraõ os melhores modernos, entre os quaes o contáramos, se as historias naõ certificáraõ o contrario. Lino com grande nome foy quasi seu contemporaneo; & entaõ houve aquelles engenhos, q̃ com scientificas allegorias fingiraõ o coro das nove Musas presididas de Apollo, proposta a cada qual a sua materia, cantando Calliope em heroico os grandes feytos, & Clio todos os successos passados, Erato amores em lyrico, Talia cousas menos honestas em comico, Melpomene historias tristes em tragico, Tersiphore guiando danças de ninfas, Euterpe regendo as frautas dos pastores; Polymnia usando tons diversos, & Urania modulando ao divino.

13 Jà havia as diversas especies de versos, accommodadas aos assumptos. Cassiodoro diz, 35 que os primeyros foräo o heroico para mover, & o jambico para aplacar. Do heroico se tem por inventora Phomonoe, Sibylla Delfica, 36 que viveo antes da destruiçaõ de Troya, 37 succedida no anno de mil & duzentos & quatorze depois do diluvio, & mil cento oytenta & hum antes de *Christo*; porém jà com S. Jeronymo dissemos quanto antes havia Job escrito delle. O jambico se attribue a Archiloco; 38 mas nem neste, nem em outros ha certeza.

14 Quasi trezentos annos depois de Orpheo Thracio, no seculo em que sobre Israel reynava David, & nos seguintes, sahiraõ a luz os Poetas Gregos, & assim com enganos buscou Plutarco 39 em Grecia os inventores da Poesia, Antimaco, Apollonio Rhodio, Aristenes, Parthenio, Hesiodo, heroicos: Alceo, Anacreonte, & Filoxeno, lyricos: Alexis, Hermippo, Aristophono, Diodoro, Eutiches, & Menandro, comicos: Alcimenes, Aristarcho, Cleophon, Euripides, & Sophocles, tragicos: Architas, & Calimacho, epigrammistas; Phocilides, & Thea-

33 *2. Esd. 12 45.*
34 *2. Reg. 22. 1. & l. 3. c. 4 32. Paralip. 1. c. 16. 35. & l. 2. c. 78.*
35 *Cassiodor. l. 2. epist. 40.*
36 *Conrad. Gesner. in onomast. propri or. nomin. Floscul hist. p. 1. c. 4.*
37 *Floscul. hist. suprà.*
38 *Horat. in art. Poet.*

crito, elegiacos: Simonides, Tirteo, & Xenophanes, que forão varios: & outros entre nòs menos conhecidos. Hypponas teve tal dizer nas satyras, que Bubalo, & Antenio Pintores se enforcárão, porque elle os satyrizou em vingança de o haverem pintado em quadros como cousa ridicula, por ser muyto feyo.

15 De todos foy Principe Homero, nascido no anno do mundo tres mil trinta & nove; depois do diluvio mil trezentos & trinta & dous; antes de *Christo* mil & treze, reynando Salamão em Judéa; 40 os que o fazem nascido depois, rompem o verdadeyro fio de muytas historias. Sete Cidades contendérão sobre qual fora sua patria; cujos nomes compoem este verso.

Smyrna, Rhodos, Colophon, Salami, Chios, Argos, Athenas.

41 A causa da primeyra parece melhor. Na *Iliada*, & *Odissea* não só foy fundamento da arte poetica de Aristoteles, mas fonte de toda a sabedoria Grega; o que se lhe taxa de trazer os Deoses em muytos banquetes, imitou o uso daquelles tempos. Correndo terras para aprender mais, se lhe turbou a vista dos olhos em Ithaca, & a perdeo em Colophon, mas conservando sempre a do juizo, viveo cento & quatro annos; 42 outros dizem cento & oyto; 43 & Varão tão grande, morreo muyto cedo.

16 Dos Gregos passou a Poesia perfeyta aos Latinos, que só conhecião aquelle simplez Rhythmo que dissemos ser natural. Numa Pompilio, segundo Rey de Roma, mais de trezentos annos depois de Homero, ordenou os sacrificios, 44 em que se cantárão versos, como cousa nova. O primeyro Poeta que em Roma compoz, foy Livio Andronico, (começou por fabulas) no anno de sua fundação quinhentos & treze, quinze, ou vinte antes da segunda guerra Punica; 45 tão tarde chegão as letras aonde reynão as armas. No anno seguinte nasceo Ennio, 46 que em versos mal limados deu ouro de que Virgilio confessava que se enriquecia. 47 Pouco depois, florecendo Scipião na guerra, floreceo Plauto, natural de Umbria, na composição de comedias, com tanta eloquencia, que se dizia, que se as Musas houvessem de fallar Latim, fallarião pela boca de Plauto.

17 Aqui passou Roma quasi cem annos sem Poeta de nome até lograr o comico Terencio, Carthaginez de nação, & dizem que escravo, cujo momo parecia ver os coraçoens dos que representava; & outros tantos annos callou a Poesia, até que nasceo Virgilio em Mantua no de seiscentos & oytenta & tres da fundação da mesma Cidade, a oyto de Outubro, no do mundo tres mil novecentos & oytenta & quatro, depois do diluvio 2327. antes do de *Christo* sessenta & oyto, quando Marco Tullio accusava a Verres; nascendo o mayor Poeta, quando fallava o mayor Orador.

18 Logo com os seculos dos Emperadores succedérão os dos

40 *Floscul hist. sup. cap. 5.*

41 *Plutarch. in vita Homer. Aul. Gel. l. 3. cap. 11. Cicer. orat. pro Archit. Sanazar. l. 2. epigram.*

42 *Flosc. hist. d. cap. 5.*

43 *Textor in officin. p. 2. tit. de poetis.*

44 *Liv. dec. 1. l. 2.*

45 *Textor suprà.*

46 *Floscul hist. p. 1. cap. 8.*

47 *Sabellic. l. 2. cap. 7.*

dos Poetas, que crescem na esperança enganosa dos Principes: com Octaviano viveo Ovidio Naso natural de Sulmo, povo dos Pelignos em Italia; a quem o grande engenho foy ruina, como elle mandou pòr em Epitafio na sua sepultura; 48 & Horacio, agudo, judicioso, claro, elegante, & cortezaõ, compoz a Arte Poetica que temos Latina: seguiraõ-se Seneca tragico Hespanhol de Cordova, que poz nos theatros alegre a Filosofia; seu sobrinho Lucano da mesma patria, que ajudado de sua mulher Pola, de vinte & sete annos deyxou verde na Pharsalia o alto de seu espirito, que as tyrannias de Nero naõ deyxáraõ madurar. Perseo Hetrusco, que na luz encuberta das suas satyras, como Sol entre nuvens, involveo os vicios de Nero; & tambem lhe faltou a vida de vinte & nove annos, por fado das cousas grandes que durão pouco. Sylio Italico, nascido em Roma de pays Hespanhoes, que com o Poema da segunda guerra Punica se fez conhecido, celebrava cada anno o dia em que Virgilio nascéra. Stacio Napolitano, cujas sylvas parecem louros do Parnaso, na sua Thebaida, & imperfeyta Achilleida só admitte leytor seu semelhante. Marcial Aragonez, que de Roma veyo morrer na patria, havendo escrito com sal, com fel, & com candor, fora louvavel, se fora honesto; mas do tempo de Domiciano que outra cousa se podia escrever? Juvenal Italiano de Aquinas, de costumes que o fizeraõ desterrar, imperando o mesmo Domiciano; porque os vicios parecem mal aos mesmos que os seguem. Deyxo dous Catullos, Tibulo, & Ausonio, Lucrecio, & outros de que a liçaõ nos he menos familiar. Nomearey Daciano, por Lusitano de Merida, 49 de quem Gregorio Cilio 50 faz menção entre os melhores Poetas, & em seu louvor temos epigrammas de Marcial. 51

19 Todos estes vivéraõ até o anno cento do Nascimento de *Christo*; & faltárão Poetas celebres mais de duzentos annos, até Saõ Damaso Portuguez de Guimaraens, 52 contado por Textor 53 entre os illustres Poetas, creado Papa anno de 367. honrou a Poesia com o lugar, & com a santidade. Pouco depois viveo Claudiano de Alexandria, imperando Honorio, & Arcadio, taõ eminente no verso, quam humilde nos assumptos. Logo a declinação do Imperio suspendeo as Musas, que vivem só entre prosperidades.

20 Grandes forão aquelles Poetas Latinos; mas seria ingratidaõ negar que aprendéraõ dos Gregos. Ennio se creou nas obras de Euchemera que traduzio: Plauto seguio o estylo de Demophilo, Philomenes, & Epicamo: Terencio parece que trasladou em Latim as comedias de Apollodoro, & Menandro: Horacio no satyrico imitou a Lucilio; & o mesmo fez Perseo: Ovidio nas metamorphosis, seguio a Parthenio Chio: Stacio na Thebaida a Antimacho: Virgilio nas eclogas foy imitador de Theriro: nas Georgicas, de Hesiodo: na Eneida, de Parthenio, Pisandro, Apollonio Rhodio, & principalmente

do

48 Hic ego qui jacco tenerorum lusor amorum.
Ingenio perij Naso Poeta meo.

49 *Mariana, hist. de Hespanha l. 4. cap. 4.*

50 *Cilius de Poetis.*

51 *Martial. l. 1. ep. 27. & 80.*

52 *Morales l. 1. cap. 40. Marieta l. 1. cap 15. Genebrard. l. 3. Vaseus tom. 1. Panuin. de Rom. Pontif. Illesc. hist. Põtif. p. 1. l. 2. c. 6. in princip. Britto Monarc. Lusit. l 5. c. 27. Vasconcel. in descript. Lusit. Breviar. Brachar. & Ebor. Dissemos largamente nas excel. de Portug. cap. 9. excel. 10. n. 6.*

53 *Textor suprà.*

de Homero: Fulvio Ursino compoz hum grande volume dos furtos de Virgilio; furtos de que elle se prezava, quando respondia a seus emulos, apontandolhes os que fizera de Homero: *Que era de grandes forças tirar a massa da maõ de Hercules*: 54 tiveraõ os Latinos o louvor de colherem mel nas flores: foy Grecia mar a que tornàraõ as aguas de Castalio, Libethride, & Hippocrene, donde tinhaõ sahido.

54 Magnarum esse virium Herculi clavam extorquere de manu. *Refert D. Hieron. in prolog ad quaest. Hebr.*

CAPITULO XXVI.

Prosegue o assumpto proposto no Capitulo precedente.

1 ARruinado o Imperio Romano, & dividido entre varios Principes, teve Europa sossego, em que as Musas quasi resuscitáraõ; estendéraõ-se para as partes do Norte nas linguas Grega, & Latina, até hoje com grande excellencia. Em Italia, & Hespanha se empregáraõ mais nas linguas vulgares.

2 Em Italia foy o antigo Dante como o Ennio Latino, entre cujas humildades se achaõ grãos de ouro. O Dolce o foy na composiçaõ. De Petrarcha Arcediago de Parma no anno de 1350. falecido no de 1374. chamado *Poeta*, *& Orador divino*, 1 se derivou a melhor doutrina; porque nos mirtos enxertou os louros: fez os amores castos: Laura lhe não impedio a laurea de Poeta Christaõ. Ariosto foy Ovidio no fecundo, & mais agradavel na traça. Tasso só peccou em naõ peccar; se alguma vez dissimulára as leys, fora menos severo: o Sabio disse 2 que naõ se deve ser demasiadamente justo. Guarino, delicia das Musas, com talento digno de Heroes representou amantes: tanto artifice pedia mayor obra. Marino colheo todas as flores do Parnaso; mas importára á pureza que elle naõ escrevesse; & aos engenhos, que escrevesse outra cousa. Preti he pequeno jasmim com a suavidade de todas as flores. Naõ he possivel tratar de todos, nem decente nomear mais, porque naõ pareça eleyçaõ no que he de excellencia igual; sómente Sanazaro naõ cabe em silencio, porque soube escolher assumpto digno de seu alto espirito.

1 *Zabarela consil. 79. Cardinal. Tusc in concl. practic. lit. P. concl. 332. n. 1. & 2.*

2 *Eccles. 7. 17.* Noli esse justus multum.

3 Em Hespanha tinha a antiguidade na lingua vulgar hũ rhythmo, quasi natural, que os Portuguezes chamavaõ *Trovas*, & os Castelhanos coplas; cuydo que *Trovas* se derivaria do verbo Francez *Trevever*, ou do Italiano, *Trovare*, que significaõ achar, porque quem as fazia, achava aquelles consoantes, ou toantes: & coplas de *Copia*, que em Italiano he ajuntamento, por ser aquelle rhythmo junta de toantes, & tambem se faziaõ em máo Latim; Brito 3 na Monarchia Lusitana por curiosidade repetio algumas do tempo em que os Reys de Leaõ conquistavaõ Hespanha aos Mouros; outras por bem galan-

3 *Britto Monarch. Lusit. p. 2. l. 7. cap. 6.*

galantes se conservão manuscriptas, do tempo de Dom Affonso Henriques, primeyro Rey de Portugal.

4 Dom Dinis, Rey sexto deste Reyno, sendo moço, vivendo ainda seu pay Dom Affonso Terceyro, foy o primeyro que em Hespanha compoz versos, que merecem este nome; 4 mandou hum livro delles escrito por sua maõ a seu avò Dom Affonso X. Rey de Castella, que chamàraõ o Sabio; o qual eu vi na Livraria do Real Convento do Escurial, em folha de papel grosso, de marca pequena, volume de tres, ou quatro dedos de alto, de letra grande Latina, bem legivel, & o que li era a nossa *Senhora*; & outras cousas ao divino. Seu filho Dom Pedro Conde de Barcellos, que escreveo o livro das geraçoens, deyxou em testamento o seu livro das *Cantigas* (assim lhe chama) a ElRey de Castella Dom Affonso XI. seu sobrinho, pelos annos mil & trezentos & cincoenta; 5 ElRey Dom Pedro seu neto fez tambem versos; & do Infante Dom Pedro filho delRey Dom Joaõ I. se achaõ em louvor da Cidade de Lisboa, 6 jà com mais arte, com pé que chamaõ *Quebrado*, que foraõ muyto usados. Do tempo delRey de Castella Dom Henrique IV. vemos impressas coplas de Hernando del Pulgar, no livrinho intitulado, *Vulgo, Revulgo*, com muyto bom estylo.

5 Começàraõ-se a compor versos heroicos com doze syllabas, partindo-se, ou fazendo assento ordinariamente na sexta, & tal vez na quinta, se era aguda, ou na septima, se a palavra em que acabava era esdruxula; chamavaõ-se *De arte mayor*, & tinhaõ a cadencia semelhante aos Heroicos Gregos, & Latinos, & aos que hoje compoem os Francezes. Nelles escreveo Joaõ de Mena Poeta Castelhano, celebre no tempo dos Reys Catholicos Dom Fernando, & Dona Isabel com muyta erudiçaõ, & artificio.

6 De cento & cincoenta annos a esta parte, seguido aos Italianos, mudàraõ os Hespanhoes aquelles versos nos de onze syllabas, ou de dez, sendo a ultima longa, & aguda, se bem os de dez se usaõ menos, por naõ ficarem taõ cheyos; & aos Portuguezes se deve serem os primeyros, ou dos primeyros nesta mudança; 7 mas algumas vezes se faziaõ sem consoantes no fim, & se chamavaõ *versos soltos*. Escreveo muytos em Castella o Boscam no tempo do Emperador Carlos V. & depois em Portugal o illustre Poeta Jeronymo Corte-Real; 8 porèm jà se naõ usaõ; porque a falta de consoantes he falta de sal; & assim galantemente Dom Luis de Gongora 9 se mostrou enfastiado dos de Boscam. Alguns lhes davaõ graça, pondo em boa cadencia do meyo do verso consoante do com que acabàra o verso antecedente, como com excellencia fez Garcilasso de la Vega nas suas Eclogas.

7 No tempo do mesmo Carlos V. Garcilasso de la Vega, tam cortezaõ como illustre, chegou a Poesia Castelhana a hum ponto alto; ainda que por naõ haver cousa que satisfaça a todos,

4 *Marit nos dialog. dos Reys de Portug. dial. 3. c. 1. Faria no Epitom. das hist. Portug. p. 3. cap 7. n. 15.*

5 *Fr. Franc Brandaõ na Monarchia Lusit. p. 5. l. 16. cap. 3. ad fin.*

6 *Refere-os Britto sup. 1. l. 1. c. 15.*

7 *Prova Manoel de Faria no prolog. das divinas, & humanas flores.*

8 *Corte Real no poema do naufragio de Manoel de Sousa.*

9 *Gongora na fabula de Leandro.*
Que yo à pie quiero ver màs
Un toro solto en el campo,
Que en Boscan un verso suelto;
Aunque sea en un andamio.

dos, hum seu Escoliador, 10 se atreveo a notarlhe descuydos com pouca razaõ. Jorge de Montemayor Portuguez, que metrificou naquella lingua, foy tambem dos primeyros que a illustràraõ; o mesmo fizeraõ Figueroa, & outros grandes talentos; entre os quaes Hernando de Herrera foy chamado *Divino*. No mesmo tempo, reynando em Portugal Dom Joaõ III & nos seguintes, foraõ exaltando a Poesia Portugueza, Francisco de Sá de Miranda, que chamàraõ *Plataõ Lusitano*, pelas moralidades que a ella reduzio, Simaõ Machado, Antonio Ferreyra, Diogo Bernardes, & outros; sobre todos Luis de Camoens, insigne em todas as suas obras, particularmente nas *Lusiadas*, em que na imitaçaõ de huma só acçaõ, na honestidade della, na utilidade de sua leytura, na recreaçaõ acompanhada de erudiçaõ, & proporçaõ, (partes essenciaes do Poema heroico) venceo sinaladamente os antigos, & modernos: só lhes saõ comparaveis Homero, Virgilio, & Tasso, excedidos ainda em algũas cousas; 11 tam louvavel no que disse, como em naõ dizer mais, atè nos peccados veniaes contentou.

10 *Hernando de Herrera (mas naõ o que chamàraõ divino) nos escol. a Garcilasso.*

11 *Prova tudo Manoel Severim de Faria na vida de Camoens.*

8 A graça do comico vio primeyro Hespanha nas comedias do Portuguez Gil Vicente, que ajudado de sua filha Paula, como Lucano de sua mulher Pola, entreteve com galantaria em estylo antigo, & naõ sem doutrina, a Corte dos Reys Dom Manoel, & Dom Joaõ III. Seguiraõ-se as de Simaõ Machado, Francisco de Sá de Miranda, Antonio, & Jorge Ferreyra, as de Camoens, & outros Authores com excellentes qualidades, que entaõ faltavaõ nas Castelhanas muyto humildes em tudo. Hoje excedem estas às de todas as naçoens, a que deu arte o insigne Lope de Vega Carpio; se outros depois viraõ mais, devem a luz àquelle Sol. He verdade que naõ observaõ as leys dos Mestres antigos, que outras naçoens fóra de Hespanha imitaõ mais, porém aquelles Mestres as trocariaõ, se viraõ estas. Exceptuase o *Pastor fido*, que excede a tudo.

9 Romance he Poesia propria de Hespanha, & das melhores; bem se vè nos de Dom Luis de Gongora, & nos pastorìs de Francisco Rodrigues Lobo; ha poucos annos que os Italianos a querem imitar, mas naõ lhes succede com graça; nem a nòs os seus Idilios.

10 Nomear os luzidos Poetas de nossa idade, fora numerar as Estrellas; sómẽte na Poesia Latina naõ passarey em silencio o Padre Antonio de Sousa meu Primo, Religioso da Companhia de *Jesus*, que em muy poucos dias, no anno de mil & seiscentos & dezanove, compoz aquella famosa Tragicomedia, que anda impressa, do descobrimento da India, que no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa se representou a ElRey Dom Felippe III. de Castella; & meus dous amigos Diogo de Payva de Andrade, que no Poema *Chauleydos*, foy valente imitador de Stacio, & assim naõ he sua liçaõ vulgar; & o Padre Macedo bem conhecido em Europa toda por Poeta insigne,

&

& nas linguas Portuguezas, & a Castelhana, Soror Violante do Ceo, Religiosa da Ordem de Saõ Domingos no Convento da Rosa de Lisboa; que com admiravel espirito illustrou sua patria, & acreditou o engenho das mulheres. O Author da Bibliotheca Hispana 12 diz, que os Portuguezes reynaõ na Poesia.

§. 11 Em prosa tambem ha Poesia, dizem os que della trataõ; porque hum poema consiste mais nas outras qualidades, que no metro; & assim o saõ os livros de cavallaria, os pastorìs, novellas, & comedias em prosa. De cavallarias he o melhor o nosso Palmeyrim; dos pastorìs que vi, tenho por melhores os Francezes, como a *Citharea*, *Estela*, & outros modernos; perdoem as Arcadias de Sanazaro, & de Lope, & o nosso Lobo, sendo taõ excellentes De novellas foraõ primeyros compositores os Italianos; Miguel de Cervantes as introduzio em Hespanha, & nenhumas depois o igualáraõ. Venero a Argenis, Theagenes, & Clarichea. De comedias em prosa acho excellentes as Portuguezas de Jorge Ferreyra, intituladas, *Aulegraphia*, *& Euphrosina*, as quaes, mayormente a primeyra, vencem as Terencianas, em descobrirem, & representarem ao natural o que no mundo passa; viveo no tempo del Rey D. Joaõ III. & principio del Rey Dom Sebastiaõ.

12 Naõ nego que estas composiçoens militaõ na *Poesia* tomada largamente; porém a excellencia consiste no verso pela consonancia, locuçaõ, & comprehensaõ de grandes conceytos em breves palavras; só nisto se verifica o furor soberano descido do Ceo. Plataõ disse, que a Poesia sem medida, & concento de rhythmo, fica huma pratica popular. 13

13 Como divinos foraõ sempre honrados os Poetas dos juizos que conhecem a estimaçaõ das cousas. Sobre a gloria de qual era patria de Homero contendéraõ sete Cidades, como jà dissemos; 14 Esmirna chegou a levantarlhe templo; Alexandre Magno só para guardar as suas obras estimou o precioso cofre que achou entre os despojos de Dario; & invejava a Achilles haver sido o Heroe da sua Iliada; & quando tomou Thebas, mandou guardar a casa, & familia de Pindaro. Zenodoto Efesio teve grande lugar com o primeyro Ptolomeo Rey do Egypto, sendo ayo de seus filhos. Por huma das felicidades do outro Ptolomeo Philadelpho seu successor, se avaliou ter sete Poetas Gregos no seu Paço. 15 Archelao Rey de Macedonia consagrou summas honras a Euripides; & os Sicilianos, tendo prisioneyros muytos Athenienses, davaõ liberdade aos que recitavaõ seus versos. Hieron Rey de Sicilia enviou hum grande presente a Archimelo Atheniense em agradecimento de hum epigramma. Anazarbo, Cidade de Sicilia, levantou estatua a Oppiano seu natural. A Ennio enriqueceo Roma em vida, & honrou na morte, mandando Scipiaõ Africano pôr a sua estatua na sepultura illustre da familia dos Cornelios

12 *Aur. Biblioth. Hisp. in verbis relatis suprà c. 23. 25.*

13 *Plato lib. 24. dial. Gorgias, vel de Rhetor. post med.* Si quis auferat ex tota poesi concentum, & rhythmum, atque mensuram, aliud nequidquam præter sermones quosdam supererit? profectò ad turbam, populumque hi sermones habentur.

14 *No cap. precedente n. 15.*

15 *Floscul. hist. p. 1. c. 8.*

nelios Scipioens, & pondo-se sua effigie nos lugares publicos com inscripçcens nobilissimas. A Horacio fez Octaviano Augusto notaveis favores; & a Virgilio mandou escrever no numero de seus principaes amigos: Octavia, irmãa do mesmo Emperador, começando Virgilio a recitar alguns dos versos, em que no fim do livro sexto da Eneida fallava em Marcello seu filho jà morto, se desmayou, & tornando em si, mandou que por cada verso dos que naõ ouvira lhe dessem dez sestercios; montaria o que se lhe deu cinco mil cruzados; chegou a possuir seis mil sestercios, que importavaõ mais de duzentos & cincoenta mil cruzados, & teve huma nobre casa em Roma; quãdo entrava no theatro a recitar seus versos como era costume, o povo Romano se levantava, & lhe fazia o mesmo acatamento que ao Cesar. A Coanelio Gallo fez o mesmo Octaviano Prefecto, & Tribuno; só porque era elegante Poeta. A Estacio banqueteou, enriqueceo, & coroou Domiciano, para se acreditar; & a Sylo Italico fez Consul tres vezes. Vespasiano encheo de honras, & de dinheyro a Sylo Basa, Poeta Lyrico. Graciano deu o Consulado a Ausonio Gallo. Theodosio poz a Aurelio Prudencio nos mais sublimes postos. Carlos V. coroou a Petrarcha, & a Ariosto com grãdes honras. No tempo de hoje, em q̃ se faz menos estimaçaõ das artes, alcançou nossa excellente Poeta Soror Violante do Ceo, do Senhor Rey Dom Affonso VI. (exemplo unico) huma arrezoada tença.

16 *Tul. orat. pro Archia poeta.* Quasi deorum aliquo dono atque munere cõmendati esse videantur.

14 Disse finalmente Marco Tullio, 16 que os antigos chamàraõ *Santos* aos Poetas, como particularmente recomendados pelos Deoses aos homens para lhe fazerem bem. O Romano Sylla, atè a hum que lhe fez muyto máos versos, deu boa soma de dinheyro, porque lhe naõ fizesse outros; 17 mas ha alguns que por nenhum preço deyxaràõ de os fazer; 18 a estes deveraõ as leys castigar: & assim Alexandre matou com fóme a Chirilo, porque sendo máo Poeta, quiz cantar suas façanhas. 19 A Philoxeno meteo Dionysio Tyranno em cruel prizaõ, porque reprovou huns máos versos do mesmo Dionysio; & sendo solto por rogos de amigos, achando-se onde o Tyranno recitava outros seus versos, sahio da casa, & perguntando-lhe elle porque sahia, respondeo: *Porque he menor mal a mais cruel prizaõ, que ouvir taes versos.* 20

17 *Erasm. l. 6. apophthegm.*
18 *Quia* stultus verba multiplicat. *Ecclesiast.* 10. 14.

19 *Refere Sorapan nã Medicina Hespanhola, refran 3.*

20 *Brus. l. 2. c. 1.*

15 Deo o *Senhor* a Poesia ao mundo para illustrar todas as sciencias, & faculdades, com as quaes se germana. O Apostolo Saõ Paulo allegou huma authoridade poetica para convencer os Athenienses. 21 Santo Thomás 22 chama Poetas Theologos a Orfeo, a Museo, & a Lino; & as obras dos Santos Jeronymo, & Agostinho se vem cheas de erudiçoens poeticas. Santo Alberto Magno 23 disse, que a Poesia admirando, dá occasiaõ de filosofar, & que em quanto ás medidas pertence á Grammatica; em quanto á tençaõ, he parte da Logica. Quintiliano 24 refere, que os Sabios antigos chamàraõ à primeyra Filo-

21 *Act. 17. 28.*
22 *D. Thom. 1. metaph. lect. 4. vers. hic ostendit.*

23 *Albert. Magn. 1. met. tr. 2. cap. 6.*

24 *Quintilian. l. 1. & 5.*

Filosofia, *Poetica*; & à primeyra Poesia, Filosofia; & que os livros dos Filosofos estão illustrados com as sentenças dos Poetas. Plutarcho 25 (fallando das abelhas) comparou a Medicina à Poesia, dizendo, que assim como os Poetas tirão allegoricamente da torpeza de algumas fabulas utilidades para o espirito, assim os Medicos, de venenos compoem antidotos para a saude. Accurcio 26 ensina, que havendo authoridades de Poetas, se alleguem para decisaõ das causas; & assim as allegaõ os Jurisconsultos em muytos textos; 27 & tambem alguns do direyto Canonico, 28 como temos escrito em outra obra. 29 Pelo que disse Mattheos Gibraldis, 30 que a Jurisprudencia exorna seus estudos com Poetas, como com bellas, & suavissimas flores. A Oratoria (advertio Quintiliano 31) sempre se valeo da Poesia, ou para testemunho da Justiça, ou para ornato da eloquencia; porque alli se acha o espirito para a substancia, o sublime para as palavras, o movimento para os affectos, o egregio para toda a acçaõ; & os animos dos ouvintes cançados com negocios, se allivião nella. Nem hum papel, ou huma breve carta escreverá bem, quem naõ tocar de Poeta; não para imitar o mesmo estylo, como alguns ridiculamente fazem, sendo o da prosa, & o do verso muyto differentes; mas para a brevidade, & collocação; porque os Poetas estão costumados a escusar palavras superfluas, & a usar das que signifiquem brevemente, para que o conceyto cayba no verso; & tem o ouvido feyto a hum certo numero, cadencia, & toante, que os periodos da prosa requerem, & sem isto ficão desagradaveis; donde veyo a dizer Marco Tullio 32 que muytos entendéraõ ser a boa prosa imitação do verso. Tambem as partes da Mathematica saõ familiares à Poesia nas descripçoens: quam sabiamente observão os Poetas a machina dos Ceos com seus planetas, signos, & estrellas! que bem medem a terra, & confinão suas provincias! quam naturalmente descrevem os mares com suas enseadas, ou alterados, ou quietos! na navegação, na milicia, na agricultura, atè nas artes mechanicas fallaõ com propriedade de professores. A Musica he o mesmo que a Poesia, como fica dito no principio do Capitulo passado. Finalmente quanto a Poesia conduza para a Politica, mostra a Republica de Platão: concluamos referindo com Cassaneu, 33 que os antigos só chamàrão Sabios aos Poetas; dizião que eraõ pays, & capitaens da sapiencia: 34 & as Cidades Gregas bem governadas fazião que os moços aprendessem primeyro que tudo a Poesia, para nella se instruirem nos bons costumes, 35 ainda que por falta de vea natural não sahissem Poetas.

16 Este dom de Deos tam proveytoso por tantas vias, deverão os homens empregar só naquellas utilidades, em recreação honesta, & em compor louvores ao mesmo Deos, para o que he a Poesia muyto propria, & por isso com hymnos o louvão os córos celestes, & a Igreja Santa os imita; 36 tem

25 *Plutarch. in moral.*

26 *Accurt. in glos verb. Virgilius, in L. In tantum 6. § in fin. ff. de rer. divis.*

27 *D. L. In tantum § fin. L. Qui venenum 136. ff. de verb sign L. Aut facta 16. §. Eventus ff. de pœn. Princ. Inst. de leg. Aquil. & in proœm. digestor.*

28 *Cap. Quemadmodum jurejur.*

29 *In tract. Perfect. Doctor. qualit. 15 n. 10.*

30 *Gibrald. de method. ac ratione stud l. 1. c. 20. habetur in tract. Doctor. juris.*

31 *Quintilian. suprà, & l. 10. c. 10. recopilat. verb.*

32 *Tul. suprà* Adeo necessaria... ut ne desint qui solutam orationem poetices videri imitationem, argumentis astruere nitantur.

33 *Cassan. in Catal. glor. mundi p. 10. consid. 45.*

34 *Plat. 2 de Rep.*

35 *Strab l. 1. Horat. l. 2. ep. 1. Cassan. suprà.*

36 Cum Angelis, &c. Hymnum gloriæ tuæ canimus. *In pref. Missæ.*

virtude de aplacar a ira divina, como notou Santo Agostinho; 37 o que os Romanos Gentios entendiaõ; 38 para este effeyto ordenàraõ que as donzellas cantassem pelas ruas os versos de Livio Andronico. 39 Nisto empregàraõ as suas Poesias Job, Moysés, David, como dissemos; 40 & em tempos menos antigos o Papa Saõ Damaso, nosso Rey Dom Dinis, Sanazaro, & outros illustres engenhos; & nestes nossos annos, o Papa Urbano VIII. reformando com excellente Poesia os hymnos do Breviario Romano. O mesmo fizeraõ grandes matronas: a famosa Emperatriz Athanais, ou Eudoxia, dos versos de Homero compoz a vida de *Christo*; & a celebre Romana Falconia a compoz dos versos de Virgilio.

17 Melhor desempenhou esta obrigaçaõ a Soberana *Virgem*, gloria summa dos Poetas, com aquella divina Poesia da *Magnificat*, a mais agradavel a Deos. Os doutissimos Maldonado, & Carthagena, 41 dizem que a compoz em metro: & a mesma *Senhora* revelou a Santa Brisida, 42 que alli fallàra sua lingua cousas naõ cuydadas, com hum fervor de espirito que admiràra a Santa Isabel; fervor, que o Ceo inspirava, como dissemos, 43 ser proprio da Poesia, mas com excellencia em taõ celestial Poeta.

18 Com tudo a natureza depravada no peccado, nem deste bem deyxou de usar mal muytas vezes: os jogos scenicos instituidos em Roma por medicina alegre contra huma peste que houve, 44 se convertèraõ em veneno com versos lascivos.

19 Ha cousas que naõ se pòdem ler em eclogas de Virgilio: nos Metamorfosis, & na Arte de Ovidio: em Epigrammas de Marcial: em passos do Orlando de Ariosto: no Adonis, Epithalamios, & varias partes do Marino. Muytos naõ se contentàraõ com Poesias particulares a damas, (galantaria toleravel) mas tomàraõ por assumpto de obras inteyras fazerem algumas celebres no mundo, como Virgilio a Amaryllis, Ovidio a Corina, Propercio a Cinthia, Catulo a Lesbia, Petrarcha a Laura, Ronsardo a Cassandra, Maria, Astrea, & Helena: hum nosso Portuguez a Silva; do que sò Petrarcha se mostrou arrependido; 45 & Ronsardo conheceo o engano. 46

20 Estacio, & Claudiano cantàraõ acçoens indignas; o primeyro na Thebaida os odios dos irmãos, Etheocles, & Polynices: o segundo o roubo de Proserpina. Das rans, mosquitos, & outros animaes immundos escrevèraõ alguns engenhos, chegando este crime a Homero, & Virgilio; em Hespanha temos a Moschea, & Gatomachia, sem que a mistura de alguma moralidade desculpe tal vileza.

21 Igualmente peccaõ as jàcaras de ladroens, galeotes, & bayxezas semelhantes; & mais que todos as Satyras, Poesia diabolica, como dizem os Santos; 47 porque nossa danada inclinaçaõ move para o mal com mayor força que a honesta para o bem; & a cadencia do verso imprime na memoria, & a deyxa

37 *D. Aug. de doctr Christ. l. 2. cap. 40.*

38 *Horat. l. 2 ep. 1.*
Carmine Dij superi, placantur carmine Manes.

39 *Textor in officin. p. 2. lit. de Poet. in princip.*

40 *Cap. praecedent. n. 8. cum seqq.*

41 *Maldonad. in Luc. n. 80. Carthagen. de arcan. Deip. & Joseph, p. 1. l. 6. hom. 9. in fin.*

42 *Revel. de S. Brisida l. 6. c. 59.*

43 *Cap. praecedent. n. 2.*

44 *Floscul hist p. 1. c. 7. post med. vers. anno mundi 3690.*

45 *Petrarcha soneto 1.*
Di me medesmo meco mi vergogno.
E del mio vaneggiar vargogna il frutto.
El pentir se, &c.

46 *Ronsard. sonet. 1. l. 1.*
Il cognoista que l'homme se decoit
Quando pleind d'erreur, un aveugle il renoit,
Pour sa conduit, un enfant, pour sou maiester.

47 *D. Hieron. ep. de duob. fil.*

deyxa aos vindouros; & assim he peccado sem restituiçaõ. O demonio he tam grande poeta, como se deyxa ver naquelles versos Latinos, que se lem igualmente começando pelo fim, como pelo principio; 48 mas querendo huma vez voltar ao divino huma quintilha amorosa, a fez errada; 49 tanta he a differença de hũa à outra poesia, & assim tanto se deve reparar na materia em que se versifica.

48 Sedula pettosas irrisa forte paludes,
Sepositi donis non sino Ditis opes.
Signa te; signa, temere me tangis, & angis,
Roma tibi subito motibus ibit amor.

49 *Referem Luis Affonso no Cisne de Apollo.*
D. Joaõ Oroſ. Biſp. de Guadix, de ver. & falſ probat. l. 2. c. 31.
Matute na proſop. de Chriſt. idade 4. c. 1. §. 8.

CAPITULO XXVII.

Origem da Rhetorica, & Oratoria, para utilidade publica; & males que a malicia dos homens causa com ellas. Trata-se dos Advogados.

1 A Rhetorica, & Oratoria he huma faculdade de achar, perceber, & dizer em qualquer materia, o que póde persuadir os ouvintes ao intento do Orador; 1 para o que não só usa de razoens, & de palavras; mas tambem de sons diversos na voz, & cadencia nos periodos, com que mova os animos. Nisto participa os effeytos que notavamos na Musica; 2 & já com Quintiliano dissemos, 3 quanto se germana com a Poesia; & assim parece que nasceo no mesmo tempo. Isocrates 4 declarou sua antiguidade, quando disse, que por ella se differençavaõ, & aventajavão os homens dos brutos, & que sendonos estes superiores nas forças, ligeyreza, & outras partes, só os venciamos na arte de persuadir; os Antigos chamàraõ à Oratoria, 5 *Sapiencia.*

1 *Ariſtot. 1. Rhetor. c. 2.*

2 *Suprà c. 23 n. 3. & 4.*
3 *Suprà c. 26. n 15.*
4 *Iſocrat. in Niclode.*

5 *Omphalius de elocution. imit. ac apparat. c. 5. in princ.*

2 Fenicides Syro, em tempo delRey Cyro, ordenou a oraçaõ em prosa. Corax, & Cresias Syracusanos foraõ os primeyros, que sabemos que ao natural accrescentàraõ regras de artificio: Gorgias Leontino as cultivou em Athenas, & melhor seu discipulo Isocrates, cujo emulo se fez Aristoteles, lendo às tardes cadeyra publica de Rhetorica. Quasi no mesmo tempo foy Theodectes, & depois Hermagoras, & Hermogenes, que escreveo della. Eschino desterrado a levou dalli a Rhodas; & no tempo adiante, enfraquecendo-se os estudos em Athenas, passou o desta arte a Alexandria, aonde florecia a Filosofia com excellencia. Ultimamente se ensinou em Massilia. Cicero diz que o seu mayor ornato se deveo a Pericles Atheniense, porque de antes se achava pobre de toda a belleza. 6 A este Pericles chamàraõ os antigos *Olympo*, porque dizião q̃ orando, parecia que tronava, ou fulminava; tal era a força de sua Rhetorica. 7

6 *Hæc ex Volaterrano.*

7 *Textor in officin p. 2. tit. Orator.*

3 Considerão os politicos 8 grande fruto desta arte, naõ só aos particulares, mas tambem ao commum; porque com sua eloquencia emendão os Respublicos os costumes, louvão as virtudes, vituperaõ os vicios, persuadem a observancia das

8 *Apud Polianth. verbo Rhetor. P. Torres na Philoſoph. de Principes l. 6 c. 4.*
Solorzano emblema 27.

 leys,

ley, à defensa da patria, mostrão a verdade, conciliaõ os animos, inculcaõ as conveniencias. ElRey Agamenon para conquistar Troya dizia, q̃ mais queria sete Nestores, que sete Ayaces. ElRey Pyrrho publicava, que mais Cidades vencèra com a eloquencia de Cyneas, que com a força dos Soldados. 9 Rainha de todas as cousas lhe chamàraõ muytos, porque impera sobre todas, aniquilando-as, ou engrandecendo-as. Eschines desterrado em Rhodas, vendo que huns que liaõ a oraçaõ com que Demosthenes o accusára, a louvavaõ, & admiravaõ, lhes disse: *Que fora, se ouvireis a voz viva daquella féra?* 10 Cicero disse, que os primeyros que oràraõ, foraõ os fundadores das Cidades, & os Legisladores para moverem. Os famosos Capitaens usavaõ do mesmo antes das batalhas, para excitarem o valor; & por estas utilidades disse Demetrio, que tanto podia a eloquencia na Republica, como o ferro na guerra. O doutissimo Bispo Garcia Galarza nas suas Instituições Euãgelicas mostra, & exemplifica largamente, quanto esta arte contribue à elegancia, & intelligencia da Escritura sagrada. 11 De *Christo* Senhor nosso diz o Euangelista Saõ Mattheos 12 que prègava com magestade; & o Proconsul Publio Lentulo em carta ao Senado Romano, escreveo, 13 *que era terrivel no reprehender, brando, amavel, & alegre no amoestar, guardando em tudo madureza*; quiz usar o Prègador Divino dos meyos humanos para persuadir.

4 Assim eraõ os Oradores muyto estimados. Isocrates vendeo huma oraçaõ por vinte talentos, 14 que segundo Budeo, 15 eraõ doze mil cruzados. Em Roma Hortensio se fez tam rico, que pode comprar hũa pintura por oytenta mil cruzados; 16 & Marco Tullio de nascimento pobre, chegou às mayores dignidades. No mesmo tempo foraõ muyto venerados, Servio Sulpicio, 17 Apollonio Mollon, & pouco depois o Emperador Augusto honrou muyto a Asinio Pollion, tam presumido, que taxava a Livio de mal inclinado: a Cesar nos Commentarios de pouco verdadeyro: a Sallustio de fallar ao antigo: a Cicero de estylo molle, & desmayado. 18 De todas as naçoens houve muytos celebres, que os Escritores 19 nomeaõ; ainda hoje se faz em Castella grande estimaçaõ dos Advogados rhetoricos, & eloquentes, porq̃ nos tribunaes de Justiça, como usavaõ os Romanos, em voz viva patrocinaõ as causas. Os mayores homens, & Principes se davaõ antigamente ao estudo desta arte: no famoso Alcibiades se notava faltarlhe confiança para orar em publico; & Socrates lhe tirou o receyo cõ lhe advertir, que o mais numeroso auditorio se compunha dos particulares, a que elle fallava confiado. 20 Em orar, & praticar foraõ celebrados Agamenon pela elegancia do estylo: Menelao pela artificiosa brevidade: Nestor pela brandura com que persuadia: Ulysses pela copia de palavras: Páris pelo engenho da traça: 21 Julio Cesar pela efficacia no dizer: Augusto pela suavidade: Tiberio

9 *Vide P. Mendoça in Viridar. l. 6. orat. 19. laud. Rhetor. & l. 7. à principio.*

10 *D. Hieron. refert in prologo ad Paulin. de omnib divin. hist. lib. §11. in fine.* Quid si ipsam audissent bestiam sua verba resonantem?

11 *Galarza in Inst. Euang. l. 2. c. 4. cum sequent.*

12 *Matth. 7. in fine.* Sicut potestatem habens.

13 *Refere-se no livro antigo chamado, Theologica Bibliotheca, & diremos na 2. part. c. 40. n. 4.*

14 *Refert ex alijs Fr. Hector Pinto dial. 2. c. 6 in 2 p.*

15 *Budeus de asse l. 2.*

16 *Dissemos c. 22. n. 10.*

17 *Refert Pompon. Jurisconsult. in L. 2. §. deinde ff. de orig. jur.*

18 *Refert Text. d. tit. orat. in princ.*

19 *Cicer. de perfect. orat. Textor suprà. Plutarch. de claris Rhetoric.*

20 *Mexia na Sylv. l. 2. c. 44.*

21 *Caussin. de eloquent. sacr. l. 1. c. 5.*

Tiberio pela ponderação: 22 Hadriano pela erudição: 23 Constantino pelo cuydado : 24 Graciano pela modulação da voz: 25 & nosso Rey Dom Affonso V. pelo bom natural. 26 Finalmente os Emperadores Leão, & Anthemio em hum texto de direyto civil 27 chamàraõ à voz dos Oradores, *Voz gloriosa*, pelas utilidades que causa.

5 Porém a malicia as costuma perverter; ha Oradores engenhosos para o mal, & como disse Quintiliano, 28 que mais querem ser discretos, que bons; em vez de fazerem só demonstraçaõ da verdade, & persuadirem o util, daõ ao seu sugeyto a apparencia que querem: authorizaõ os vicios, desacreditaõ as virtudes, torcem as leys, embaraçaõ o juizo dos ouvintes, de modo, que se huma grande attençaõ naõ estiver sempre vigiando, facilmente se acharà enganada nas cores com que a eloquencia pinta. A Rhetorica (dizia Isocrates) 29 faz as cousas grandes, pequenas, & as pequenas, grandes; laço de mel chamou Diogenes 30 à oraçaõ estudada, & vituperava os Oradores que fallavaõ bem, & obravaõ mal. Archidamo Lacedemonio perguntado se era mais poderoso que Pericles, respondeo: *Eu o venci na guerra; mas elle quando falla disto, o faz com tal facundia, que eu pareço o vencido.* Por isso Plutarcho 31 notou, que assim como hum barco perigava, se toda a gente que hia nelle carregava a hum lado; assim era perigoso na Republica orarem todos os Rhetoricos por huma parte, & que na discordia delles consistia a segurança. A Ordenaçaõ deste Reyno quer que nos lugares em que houver dous Advogados aventajados, se repartaõ a ambos os litigantes, & naõ advoguem por hum só. 32 Os Embayxadores de Achaya entre as condiçoens com que se sugeytàraõ aos Romanos, meteraõ, que naõ admittiriaõ Oradores, porque viaõ que estes com sua eloquencia confundiaõ Roma; & que antes receberiaõ guarniçóes de Soldados, que professores de tal arte, que com argumentos, & sutilezas perturbariaõ a quietaçaõ das Cidades, ensinariaõ o povo a disputar contra a justiça, & a offender as leys antigas com distinçoens até entaõ ignoradas. 33

6 Taes saõ muytos Advogados (Oradores nas causas) sendo por direyto pessoas *egregias*, chamados, *clarissimos*, & seu officio *dignidade illustre*, *digna de louvor*, *& gloria*; & assim devendo ser (além de muyto doutos) sinceros, tementes a Deos, amantes da justiça, desinteressados, & verdadeyros; a cuja casa, como a oraculo sagrado, vaõ consultar os negociantes; 34 degeneraõ em cavillosos, atrevidos, desprezadores das leys, cobiçosos, & patronos da falsidade, em cuja casa se alimenta a injustiça. Saõ Bernardo se admira de que Deos os possa sofrer; 35 os antigos lhe chamàraõ, *perturbadores*, *sordidos*, *latrantes*, *& rabulas:* porque roem as fazendas, & os ouvidos; Apuleyo os cognominou *buitres togados*, *& ladroens nos juizos.* 36 Naõ ha tam má causa (diz hum seu proverbio)

22 *Tacit annal. l. 13.*
23 *Dion Cassian. in Hadrian.*
24 *Pompon. Let. in Constantin.*
25 *Auson. in paneg. ad Gratian.*
26 *Mario anal. 4 c. 9. ad fin.*
27 *In L. advocatis 14. Cod. de Advocat. divers. judic.* Qui gloriosæ vocis cõfisi munimine, laborãtium spem, vitam, & posteros defendunt.
28 *Quintilian l 12.* Sunt qui diserti esse malunt, quàm boni.
29 *Isocrat. apud Erasm. l. 8. apophthegm.*
30 *Diogen. apud Laert. de vit. philosoph. l 6.*
31 *Plutarch. in moral.*
32 *Ordin. l. 1. tit. 48. § 15.*
33 *Refere o P. Lifleux na philosophia Christ. p. 2. c. 8. no princ.*
34 *De his omnibus Garcia de nobilit. gl. 35 à n. 11. Et vide text. in L Advocat. tit. 14. Cod de Advoc. divers. judicior.*
35 *D Bernard in l. de Consider.* Miror quemadmodum aures divinæ possint hujusmodi disputationes advocatorum, & pugnas verborum audire. Corrige Deus pravum morem, præcide linguas vaniloquas, labia dolosa claude, &c.
36 *De his Gratian. discept. forens. tom. 1. c. 186. à n. 59.*

37 Nulla causa adeo mala, quam pertus advocatus non possit bonam facere.
apud Gratian. suprà.

que hum advogado perito não possa fazer boa; 37 & he impio, & execravel; nem para defender huma cousa justa contra cavillaçoens da parte contraria, se pòde usar de mentiras para enganar o juiz; só se permitte artificiosa industria, que não chegue a falsidade. 38 Nas dilaçoens injustas peccaõ gravemente. Não vemos que o que estes lucràraõ se logre nos filhos. Grandes ruinas em que nos poz o peccado. Confessou Marco Tullio que duvidava se da eloquencia Rhetorica resultavão mayores males, que utilidades. 39 De tudo o que a historia vay mostrando introduzido no mundo para nosso bem, usaõ os homens para seu damno.

38 *Cov.1.var.c 2.n. 1. Cevallos commun.q 361 in fin. Diximus totum in nostro tract. perfect Doctor qualit.13 n 5.vers. Item Advocati, & qualit.23. à n. 21. ubi latius.*

39 *Tul.de invẽtione l.1.in princ.*

CAPITULO XXVIII.

Principio, & augmento da sciencia Astronomica, & Astrologica em beneficio do mundo; & como se usa mal della.

1 PRosegue a historia sagrada 1 que nasceo a Adam outro filho, que chamou *Seth*, que significa, *Deume Deos outro filho em lugar de Abel, a quem matou Caim*; & bem parece substituto seu nas virtudes, as quaes transferio tambem a seus descendentes, que por isto se chamão no Texto santo 2 *filhos de Deos.* Foy Seth, Author da Astrologia, & Astronomia, como de outros excellentes inventos.

1 *Gen.4 25.*

2 *Gen.6.2.*

2 Para as sementeyras, & outros interesses ensinou a necessidade, ou conveniencia aos primeyros homens a observar as mudanças dos tempos, as occasioens da Lua, & outros cursos naturaes, que ainda hoje os lavradores, & mareantes sem letras notão, & com acerto pronosticão, só pela experiencia. Josefo no livro das antiguidades diz; 3 que do tempo de Seth, se poz logo a Astrologia, & Astronomia em principios de sciencia; & Cedreno 4 accrescenta que já então poz nome aos sete Planetas.

3 *Joseph.de antiq.l.1.c.3.in fine.*

4 *Cedren.in compend.hist.*

3 O Santo Henoch, quarto neto de Seth, levantou mais aquella doutrina, conforme a Genebrardo, & Eusebio; 5 & Noé, bisneto de Henoch, se fez scientissimo nella, & a ensinou depois do diluvio, 6 & dividio o anno em quatro estações de tempo, & em doze mezes solares; porque os annos lunares tinhão atè então onze dias menos. Por isto com nome de *Jano* (corrompido de *Jain*, que em Hebreo significava vinho, 7 de que elle fora inventor 8) o fingirão os antigos deos do anno, & o pintavão ordinariamente com dous rostos, hum para o Oriente, outro para o Occidente; indicando o principio, & fim do anno, 9 donde teve epitheto de *bifronte*; 10 se bem alguns o pintavaõ com quatro, 11 pelas quatro estançoens do tempo

5 *Genebrard. in Chron. Euseb. de prepar. Euang. l 9 c.4*
6 *Matute na prosap. de Christad.2.c.1.§.1.*

7 *Genebrard. suprà.*
8 *Genes.9.20.*
9 *Macrob Saturn.l.1 c.7. Alex.ab Alex.l.1.c.14 & ibi Tiraquel.in comment.*
10 *Virgil.Æneid.7.* Janique bifrontis imago.
11 *Macrob.d.l.1. c. 9.*

tempo: punhaõ-lhe huma chave na mão com que abria hum templo ſignificador, & delle ſe chamou em Latim a porta *Janua*; 12 & os gentios lhe levantàrão templo com doze altares, correſpondentes aos doze mezes. 13

4. Depois proſeguiraõ muytos o eſtudo da Aſtrologia Aſtronomica, com Filoſofia natural. Atlante agigantado Rey da Mauritania, quando naſceo Moyſés, foy nella tam ſabio, que muytos o tiveraõ por primeyro Aſtrologo, 14 & ſe fabulou 15 que ſuſtentava o Ceo ſobre ſeus hombros, revezando aquella carga com Hercules, que tambem tiveraõ por inſigne neſta ſciencia. Archas filho de Orchomeno ſe fez nella tam famoſo, que os Archadios (que delle tomàraõ o nome) diziaõ que eraõ mais antigos que a Lua conhecida. 16

5 Applicavaõ-ſe com tanta curioſidade, que Thales hindo olhando para as Eſtrellas, cahio em hũa cova, & lhe diſſe hum criado, que bem o merecia quem olhava para o ar, & naõ para onde punha os pès. 17 Entrando o Romano Marcello por armas Çaragoça de Sicilia, & mandando que ninguem mataſſe o ingenioſiſſimo Archimedes, (cujas machinas a tinhaõ defendido muyto tempo 18) o achou hum Soldado traçando na arca huma figura da esfera, & perguntando-lhe quem era; ou (como eſcrevem outros) dizendolhe que foſſe com elle a Marcello; taõ embebido eſtava no que fazia, que naõ reſpondeo; & o Soldado enfadado o matou; o que Marcello ſentio muyto, & lhe deu honrada ſepultura. 19 Huns para melhor contemplarem as Eſtrellas, ſe ſubiaõ ao monte Olympo, 20 que ſe dizia ter a cabeça ſobre a meya Regiaõ fria do ar, chegando-ſe ao elemento do fogo; outro eſteve annos no profundo de hum poço, que achou ſeco, entendendo, que por aquelle rotundo via melhor as Eſtrellas.

6 Aſſim por partes ſe foy deſcobrindo mais. Palamedes, Thales Grego, & Sulpicio Gallo Romano explicàraõ os eclipſes: Cleoſtrato achou os ſignos: Pythagoras a Eſtrella de Venus: Endimion as qualidades da Lua; & porque ſempre a contemplava, ſe fingio, que era ſua dama: Hyparcho inventou varios inſtrumentos Mathematicos: Aniximandro Mileſio diſcipulo de Thales formou a esfera; 21 outros dizem que Archimedes: 22 Eolo achou a ſciencia dos ventos; 23 donde os Poetas o chamàraõ Deos delles. 24

7 A Sabedoria, & Omnipotencia Divina com piedoſa providencia tinha creada, & diſpoſta a machina celeſte com tal ordem, que ſe pudeſſe filoſofar della; & a deu a conhecer aos homens, para bem da agricultura, & da navegaçaõ; tambem da milicia, diz Plataõ, 25 & da ſaude dos corpos humanos, ſegundo Hyppocrates; pelo que Galeno 26 a requer nos 27 Medicos, & em muytos lugares 28 moſtra que ſe applicou a ella; poſto que os modernos 29 a naõ tenhaõ por neceſſaria; ella tirou a ignorancia que haveria nos eclipſes, cometas, & outros

12 *Ovid.Faſt.1.*
13 *Varr.l.5.rer. hum. Macrob. d.c.9.*
14 *Plin.l.7 cap.56.* *Beroſ.l.3.* *D Aug.de Civit.Dei l.6.c.39.in fin.*
15 *Ovid.Metamorp.l.9.*
16 *Viana no comment.a Ovid. Metam.l.4. n. 49. com Aphrodiſeo problem.175.*
17 *Stob.ſerm.78.*
18 *Liv.dec.4.& 5.* *Plutarch.in Marcel.*
19 *Mexia na ſylv.de var.liç.l.3. cap.43.*
20 *Jul.de Caſtilho.hiſt.dos Godos lib.1 diſc.4.*
21 *Plin.l.7 c.56 & l.3.c.12.* *Textor in officin.p. 2.tit. Aſtrolog.*
22 *Cicer.Tuſcul.1.*
23 *Plin.ſuprà.* *Cum Natal.Comite Viana in cõment. aa Ovid.Metam.l.1.n.27.*
24 *Homer.in Odiſſ Virg.Æneid. 3.Ovid Metam.1.*
25 *Plat.de Rep dial.7. Vultur.l.3.c.1.*
26 *Hippocrat.L de aere, aquis, & loc.& l.1.de diet.& l de carn. & in prognoſt.*
27 *Galen 1.epid.com 1.text 1.*
28 *Idem Gal l.3.aphor.14.& de criſib.l.3 c.6.*
29 *Latè Franco in Camp. Byſ. q.75.*

outros ſucceſſos naturaes, como a tinhão huns antigos, que quando a Lua ſe eclipſava, cuydavão que era effeyto de palavras veneficas que alguem lhe dizia cà da terra, & para que as não ouviſſem, tocavão muytos inſtrumentos de metal; 30 & os Godos, quando Gentios, que ouvindo trovoens, imaginavão que ſe fazia guerra a Jupiter, & atiravão ſettas para o Ceo pelo ajudarem. 31 Finalmente nos dà a cauſa porque em algumas Provincias, pela declinação da esféra, dos equinocios em diante ſe não vé o Sol em ſeis mezes do anno, & he dia continuado outros ſeis mezes; 32 que a não ſabermos a razaõ, tiveramos por outro aquelle Ceo.

8 Por eſta ſciencia não paſmàrão os homens em caſos eſtupendos que ſe virão. No anno de *Chriſto* ſeiscentos ſetenta & ſeis, ardeo hum cometa tres mezes, & não choveo tres annos: 33 no de novecentos trinta & quatro, negou o Sol a luz por eſpaço de dous mezes, & depois delles ſe fez no Ceo huma rotura porque ſahia muyto fogo. 34 No tempo em que reynava noſſo Rey Dom Dinis, choveo em partes do Norte dez mezes continuos; 35 no anno de 1366. a 22. de Outubro appareceo no Ceo da meya noyte em diante hum movimento, em que corrèraõ as eſtrellas de Levante para Poente; & ſendo juntas ſe dividirão, correndo para duas partes, & depois pareceo que muytas deſcião à terra, & ſe desfazião em fogueyras, & o Ceo ſe moſtrava partido; o que durou grande eſpaço de tempo: 36 deſmayarião as gentes à viſta de taes prodigios, ſe a Aſtrologia lhes não deſcobrira razão natural.

9 Quando ſe não achou cauſa em outros portentos, ficou eſta ſciencia moſtrando que erão aviſos do Ceo; como foy no que os Romanos virão, quando Annibal andava em Italia, apparecendo o Sol de ſangue, & voando pelos ares huma grande pedra; & outras vezes em que choveo terra, & ſangue, o Sol ſe vio vermelho, & duplicado, & huma noyte pareceo claro dia. 37 Ella no anno de ſetecentos noventa & ſete, em que Irene tirou os olhos a ſeu filho Conſtantino Emperador de Conſtantinopla, moſtrou ſer prodigio eſcurecerſe o Sol por eſpaço de dezaſete dias. 38 Ella fez entender ao grande Areopagita Dionyſio, quando *Chriſto* morreo, que eſcurecerſe o meſmo Sol, era final de que o Deos da natureza padecia, 39 porque ſuccedeo em Lua chea, (que neſta conjunção era a paſcoa dos Judeos) quando não pòde haver eclipſe do Sol por via natural. Ella ajudou a moſtrar em Roma, que era milagre nevar no quinto dia de Agoſto. 40 Ella enſinou a ElRey Dom Affonſo X. de Caſtella, que chamàraõ *Sabio*, que a rebelliaõ de ſeu filho Dom Sancho, & a tempeſtade que ſuccedeo a ſuas imaginaçoens temerarias, não era natural; com o que reconheceo ſuas culpas, & a perfeyção (que negava) com que a Sabedoria Divina obràra os Ceos. 41 Ella finalmente leva ao conhecimento de Deos, como levou a Abraham, de quem Suidas

30 *Plin. l. 2. c. 12* Ad quod alludunt, & ſic intelliguntur. *Liv. l. 26. ab urbe cond. Plutarch in Paul. Æmil. D. Ambroſ. ad popul. ſerm. 82. D. Auguſt de rectit. Cathol. converſat. Juven. ſatyr. 6. Ovid. Met. l. 4. ubi Viana num. 27. & l. 7. ubi Viana n. 14.*

31 *Marian. hiſt Hiſp. l. 5. c. 1.*

32 *Caſtilho hiſt. dos Godos l. 1. diſc. 1*
D. Diogo de Agreda nos lugar. com. de letras hum. verb. Thile.
Franciſc. Lop. de Gomara, hiſt. gener. das Indias l. 1.
Britto na Chron. de Ciſter l. 1. c. 15.

33 *Horat. Scoglius Cataccnſ. in Chron. ad fin. hiſt. à primord Eccleſ. p. 2.*

34 *Britto Monarch. Luſitan. l. 7. cap. 20.*
Faria Epit. das hiſt. Portug. p. 2. c. 8. n. 20.

35 *Faria ſuprà part. 3. nas memorias do mundo no fim do cap. 7.*

36 *Duarte Nunes de Leaõ na Chronica de D. Pedro Rey de Portugal.*

37 *Liv dec. 1. l. 3. & 10. & dec. 3. l. 4. 5. & 8.*

38 *Horat. Scoglius ſuprà p. 2.*

39 *Refere o meſmo S. Dionyſ. in epiſt. Polycarp. ad fin.*

40 *Villegas no Flos Sanct. p. 1. feſta das Neves 5. de Agoſto. Fr. Diogo do Roſ no Flos Sanct. Portug. na meſma feſta.*

41 *Marian. hiſt. Hiſp. l. 14. c. 15.*

42 cont

41 conta, que sendo muyto moço, & dandose à Astrologia, observando o curso, & qualidades dos signos, & estrellas, conheceo, que a magnificencia das cousas creadas naõ podia constar de força propria, mas tinha hum só creador; porque se governava, & movia. Os tres Reys Magos foraõ Mathematicos, & Astrologos: o nascimento de *Christo* se lhes mostrou em estrella, & o não ser natural os allumiou, como em seu lugar diremos. 43

10 Por suas utilidades he a Astrologia Astronomica excellente, & louvavel; 44 & assim justamente levantàraõ os Athenienses estatua ao insigne Beroso. 45 O Santo Rey Ezechias foy dos mayores Astrologos; poz-lhe Deos o sinal milagroso de sua vida no relogio, 46 dizem Authores 47 que foy por se accommodar com seu genio. Julio Cesar se empregou muyto no estudo 48 desta sciencia, & compoz livros della: & *Christo* Senhor nosso approvou nas turbas o argumento que della tiravão para pronosticarem os tempos 49

11 Não se devem desprezar seus pronosticos pelo movimento dos astros, atè os limites que elles indicão naturalmente. Anaxagoras pronosticou, que no anno segundo da Olympiada 78 cahiria do Sol hum penedo, & cahio junto de Egos rio de Tracia. Phericides Syro pela agua que se tirava de hum poço, & por argumentos dos astros entendeo, que haveria huma tempestade com grande terremoto; & succedeo; & o antiquissimo Rey Anaco pronosticou o diluvio de Deucalion muyto antes de ser. 50 Porém outros se infamàrão com ditos ridiculos, como Cognon Egypcio, que escrevendo sete livros com bom credito, os desdourou com dizer a ElRey Ptolomeo, por ganhar sua graça, que o cabello da Rainha Berenice estava collocado entre os Astros. 51

12 A malicia dos homens converte este bem grande, em grande mal, estendendo-se à Astrologia judiciaria, como se na inclinação dos Astros estivesse efficazmẽte o arbitrio humano, ou a disposição divina, & successos futuros: mal pòde alcançar o reservado a Deos, 52 quem até no q̃ he natural, erra muytas vezes, donde veyo o proverbio: *Quanto os Astronomos medem, tanto os Astrologos mentem.* 53 Diogenes vendo que hum Astrologo explicava as estrellas pintadas em huma táboa, & que chamava algumas *errantes*, disse: *Naõ mintas, bom homem, que as estrellas naõ erraõ, mas estes*, apontando para os ouvintes: 54 só Deos por Profetas revela o que ha de vir; & tal vez condicional, & revogavelmente, como a subversaõ de Ninive, o castigo de Acab, a morte de Ezechias. 55 O entendimento mais levantado, qual foy o de S. Agostinho, confessou, que applicando algum estudo á judiciaria, não achàra mais que enganos, & assim a abomina. 56 Ecio Poeta disse, 57 que os judiciarios (pronosticando ordinariamente felicidades aos ricos) enchem as orelhas alheas de palavras, para encherem as

suas

42 *Suidas, verb. Abraham.*

43 *Na 2.p.c.33.n.5.*

44 *Latè Gabr. Pirovan. in def. Astronom.*

45 *Plin l.7 c.37.*

46 *4.Reg 20 11. Isai.38 8.*

47 *Matute na prosap. de Christ. idad.4 c.6.§.9.*

48 *Patrit de Regn.l.2.c.16.*

49 *Luc.14.54.*

50 *Erasm.Chi.4.cent.1.prov.46.*

51 *Textor d.tit.Astrolog.*

52 *Act.1.7.*

53 *Marsil Ficin l 4.c.36* Quantum Astronomi metiuntur, tantum Astrologi mentiuntur.

54 *Stob serm. 87.*

55 *Joan.3. 3.Reg.21.& l.4 c 20.*

56 *D.Aug.Confess.l.4.c.3.l.5 c.3 & c.6 & de Christ.l 2.c.21. & de Civ.Dei l.5.usque ad c. 8 & contra Academ l 1.c.7.*

57 *Apud Aul.Gel.l.14. c. 1.*

ſuas bolſas de dinheyro. Hum diſſe a Alexandre, que lhe importava fazer matar ao primeyro que encontraſſe quando ſahiſſe do Paço; mandou matar hum homem que encontrou com hum jumento; o condenado ſabendo a cauſa, allegou que o jumento hia diante rio-ſe Alexandre, & no jumento ſe executou a ſentença do Aſtrologo. 58 A hum que affirmava, que eſtando a Lua, & a cabeça do Dragão juntos com o Planeta Jupiter, quem pediſſe qualquer couſa, ainda que a pediſſe a Deos, a alcançaria, perguntou Ludovico Vives: *E tu, porque naõ pedes a Deos neſſa occaſiaõ que te faça rico, para que a pobreza te naõ obrigue a mentir tanto.* 59 Notouſe, 60 que o grande Rey de Napoles Dom Affonſo, a nenhum Aſtrologo deu couſa algũa, ſendo liberaliſſimo com os profeſſores de qualquer arte.

58 *Aul.Gel.ſuprà.*

59 *Ludov.Vives in dial.Sapientis inquiſitio.*

60 *Æneas Sylv.l.4. de reb.geſt. Alphonſi Reg.*

Vide alia apud Epiſcop. Horoſc. de vera, & falſa proph.l.2.c.29.

13 Algumas vezes ſuccedeo o que eſtes diſſeraõ. Ao Emperador Frederico ſe pronoſticou que morreria em *Florença*; não quiz entrar em aquella Cidade, & morreo em *Florençuela.* A ElRey Dom Pedro de Caſtella, que morreria na *Torre da Eſtrella*; procurou ſaber ſe havia lugar deſte nome, para naõ hir a elle; naõ ſe achou; na manhã em que foy morto, ſahindo do Caſtello de Montiel, olhando para a torre da omenagem, leo hum letreyro que dizia: *Eſta es la Torre de la Eſtrella.* A Dom Alvaro de Luna, que morreria em *Cadafalſo*, tinha hum lugar aſſim chamado, nunca a elle quiz hir, & morreo em *Cadafalſo* degollado. A ElRey Dom Fernando o Catholico, que morreria em *Madrigal*; ſempre fugio de entrar em hum lugar deſte nome no Biſpado de Avila, poſto que alli tinha Freyra huma filha natural que amava muyto, & morreo em *Madrigalejo.* 61

61 *Reſere eſtes pronoſticos D. Joaõ Ant.de Verano Epis.de Carlos V fol.6.verſ.*

14 Mas o cumprimento deſtes pronoſticos vemos nos que lhes daõ credito; porque Deos caſtiga por onde ſe pecca. 62 Echillo Poeta Siciliano, por ſe lhe ter pronoſticado que o mataria huma couſa que lhe cahiria ſobre a cabeça, vivia ſempre no campo; & eſtando ſentado, huma Aguia deyxou cahir do alto huma tartaruga, que levava nas unhas, ſobre a ſua cabeça, que era calva, & tinha deſcuberta, tendo-a por pedra, para nella quebrar a concha da preza, & a poder comer; & a pancada o matou. 63 Naõ admira tanto (diſſe hum curioſo) 64 a deſgraça do Poeta, quanto o acerto da Aguia; quem conſiderar o ſucceſſo, entẽderá que foy eſpecial caſtigo; & aſſim aquelles caſos não ſaõ exemplo do acerto da arte, mas da pena de quem lhe dá credito.

62 *Epiſcop Horoſcus de vera, & falſ.proph.l.2.c.8 in princ.*

63 *Mexia na Sylv.l.1.c.19.*

D. Diogo de Agreda ſuprà, verbo, Eſchilo.

Plin.l.10 c.3.

64 *Lope de Vega, no fim de Arcadia na expoſiçaõ dos nomes, letra E.*

15 Ha tambem outras couſas para ſahirem certos os pronoſticos. Se promettem bens, animão a ſolicitallos: & a diligencia he mãy da boa ventura. 65 Se promettem males, deſanimaõ os fracos, com que facilmente ſe ſugeytaõ aos infortunios. Tal vez por bom diſcurſo ſe prediz o que vem a ſucceder por razoens naturaes; & tal ſe acerta acaſo, & o vulgo celebra hum deſtes acertos, & naõ ſe lembra de muytos erros. Póde tambem haver pacto com o demonio, que diga o que já

65 *Proverb.10.4.*

eſta

eſtá feyto, ſem ſe ſaber; ou o que elle determina fazer no que lhe for poſſivel, & por outras vias, de que tratão os Doutores. 66

16 Os pronoſticos ſe devem deſprezar, ſem todavia nos expormos aos mãos voluntariamente, por não parecer tentar a Deos. O grande Antonio de Leyva, tendoſe-lhe pronoſticado que morreria em França, & ſeria ſepultado em S. Dionyſio, que elle imaginava ſeria o Moſteyro ſepultura dos Reys em Paris, entrou em França intrepidamente com exercito; là morreo, & foy ſepultado em S. Dionyſio; mas era huma Ermida dedicada a eſte Santo. 67 Ou foy pena de ſe meter no perigo a que dava credito, ou premio de o deſprezar; porque morreo com grande opinião em ſerviço de ſua patria. A providencia de Deos diſpoem muytas deſtas couſas para algum fim; 68 a judiciaria per ſi nada acerta.

17 Favorino Filoſofo argumentava aſſim: 69 Os judiciarios, ou vos promettem felicidades, ou adverſidades: ſe felicidades, & faltão, ſois miſeravel eſperando em vão; ſe ſuccedem, padeceſtes na dilação da eſperança; & eſta eſperança vos tem levado a flor, & mayor goſto do ſucceſſo. Se promettem adverſidades, & mentirão, vos fizeſtes miſeravel, temendo ſem cauſa; ſe fallàrão verdade, eſſe temor vos fez miſeravel antes de o ſerdes; & aſſim nunca vos convem uſar de pronoſticos ſemelhantes. Enganão-ſe alguns que o tem por conveniencia para prevenirem os males, & peccando apreſſão os que não virião; para tudo he o melhor remedio o que inculcou o judicioſo Garcilaſſo, & bem proſeguio o Lupercio, imitando ambos a Horacio. 70 Viver bem, & qualquer ſucceſſo não prejudicarà. Chriſtámente o tirou da doutrina do verdadeyro Meſtre, 71 que manda vigiar ſempre.

18 Por eſtas razoens em proveyto noſſo a Ley Divina, & Conſtituiçoens canonicas, & civis prohibem a Aſtrologia judiciaria. 72 & ſó com o lume da razão a prohibião as leys dos Gentios prudentes. Em Alexandria ſe não admittião ſeus profeſſores, ſenão com certo tributo, que era ſinal de infamia, & chamava-ſe *Blacenomino*, que ſignificava eſtulticia; porque o pagavão do dinheyro que neſcios lhes davão. 73 De Roma forão por vezes deſterrados. 74 Tacito 75 lhe chamou ſciencia infiel aos poderoſos, falſa aos que nella eſperão, prohibida ſempre, & nunca deyxada em Roma. Muytos Authores 76 tratão de ſeus enganos; & nada acaba de deſenganar aos homens cegos pelo peccado. O que os Aſtrologos pódem pronoſticar, he, que haverà doenças, frios, tempeſtades, chuvas, ſecuras, terremotos, eſterilidade, ou abundancia de frutos, & ſemelhantes effeytos naturaes, debayxo da diſpoſição Divina; & os judiciarios pelo conhecimento dos Aſtros em que alguem foy concebido, & naſcido, lhe pòdem pronoſticar boa, ou mà ſaude, breve, ou larga vida, feliz fortuna em fazenda, & honras: que ſerà pacifico, ou litigioſo, & outras couſas deſta qua-

lidade,

66 *Magiſter Sent. l. 2. diſt. 7. §. 4. & 5. Epiſcopus Horoſcus de vera, & falſa propbet. l. 1. cap. 14. Carthag. de arcan. Deip. & Joſeph, l. 15. hom. 6. §. 8. Navarr. in c. nov. de judic. in princ. notab. 2. n. 25. & ſeqq. D. Thom. 1. p. q. 115. art. 4. & opuſc. 25. c. 4.*

67 *Illeſcas na hiſt. Pontif. p. 2. l. 6. c. 27. da vida de Paulo III. §. 3.*

68 *Adverte Carthagena ſuprà.*

69 *Apud Gel. ſuprà. Crinit. l. 8. de honeſt. diſcipl.*

70 *Garcilaſſo, na elegia ao Duque de Alva.*

Mas ſi toda la machina del Cielo
Con eſpantable ſon, y con ruido
Hecha pedaços ſe viniere al ſuelo,
Deve ſer aterrado, y oprimido
Del grave peſo; y de la gran ruina,
Primero q̃ eſpantado, y cõmovido.

Bartholameu Leonardo Lupercio, ſonet. 2. em fol. 332.

Vive tu a la razon, y a la juſticia,
Y caygan rotos los celeſtes orbes,
Que nò los temeràs quãdo cayeren.

Horat. Ode 3. l. 3.

Non ſi fractus illabatur orbis,
Impavidum ferient ruinæ.

71 *Matth. 25. 13. Marc. 13. 33.*

72 *Levit. 19. 11. Quem locum, & aliũ de judiciarijs intelligit Carthag. de arcan. Deip. l. 11. hom. 6. §. 1. Jus canonicum cauſ. 26. q. 2. 3. & 4. per tot. Concil. Brachar. 1. c. 9. & 10. Concil. Tolet. 2. can. 21. Jus civele per tot. tit. C. de malefac. & Mathemat.*

73 *Ex Suid. refert Horoſc. de ver. & fal. proph. l. 2. c. 29.*

74 *Tacit. annal. l. 2. 12. & 18. Dion. Caſſius l. 49.*

75 *Tacit. hiſt. l. 1.* Genus hominum potentibus infidum, ſperantibus fallax, quod Romæ, & vetabitur ſemper, & retinebitur.

76 *Cel. Rhodigin. antiq. lect. l. 14. cap. 11. Valeſ. in ſacra philoſoph. c. 3.*

lidade, mas tudo em geral, dizendo que será pela mayor parte, & nada em particular, ou com certeza; porque os astros contém só disposição, & inclinação no appetite sensitivo, que he potencia corporal em orgão corporeo; mas sempre sugeyto ao livre alvedrio, que póde frustrar aquellas disposiçoens. 77

19 Ainda na Astronomia permittida, & louvavel excedem os homens ridiculamente. S. Paulo 78 reprehendia os Galatas de observadores dos dias; mezes, annos, & tempos; & hoje (nota hum curioso Escritor 79) chegão alguns a reparar nas horas para vestir novo, para comprar, vender, porse a caminho: até para contar dinheyro, (mayor ignorancia, se he para o receber, & para cortar as unhas.) Tudo erros nascidos do peccado, como acima 80 propuzemos.

20 Ha outra ignorancia em usar de sortes: he fóra do fio de nossa historia, em que só se offerece o fallar da Astrologia; podem-se ver os Authores que tratão dellas. 81 Outro modo de adivinhar se chama, *porgallo*; 82 saõ cousas indignas de se escreverem. 83

77 Ita latè Carthagen. de arc. Deip. l. 11. hom. 6 § 9. cum D. Thom. unde distichon:
Nos elementa movent: elementa reguntur ab astris;
Astra Deo parẽt; ultima causa Deus.
78 D. Paul. ad Galat. 4. 10.
79 Franco in Camp. Elys. q. 75 n. 11.
Vide Aug. de Civ. Dei l. 5. cap. 7.
80 Suprà c. 18. n. 3.
81 D. Thom. 2. 2 q 95. art. 8. Novissimè Henric. Engelgrave in Cel. Empyr. in fest. S. Mathie § 1.
82 Marian. hist. Hespanh. l. 4 c. 19.
83 Vide plura de sortilegijs, & alijs divinat. in jure Canonic. per tot. caus. 26. & Episc. Horoscum de vera, & falsa prophet. l. 2. c. 6. cum seqq.

CAPITULO XXIX.

Como se inventàraõ as letras; suas differenças; modos de escrever, & em que se escrevia; sua utilidade, & como a malicia dos homens usa mal dellas.

1 DIz Suidas 1 Author grave, que Seth, de quem tratamos no capitulo passado, filho de Adam, inventou as letras Hebraicas; Josefo refere 2 que seus descẽdentes vivendo em virtude, & inventando assim a Astronomia, como outras excellẽtes cousas, & sabendo por profecias de Adam que haveria no mundo hum estrago em que tudo pereceria; levantàrão duas columnas, huma de ladrilho, outra de pedra, em que escrevérão noticias do que inventárão, para que se conservassem aos vindouros; & q̃ em seu tempo (que foy pelos annos quarenta do nascimento de *Christo*) se dizia que a de pedra durava ainda em Syria. Porém Genebrardo, a quem segue Cedreno, 3 especifica que o mesmo Seth, & seu filho Enós levantárão aquellas columnas; tam antigas saõ as letras.

2 De então até hoje se continuàraõ sem intermissaõ. Plinio 4 refere, q̃ em Babylonia se achàrão huns ladrilhos com letras, que segundo o tempo q̃ aponta, levavão de antiguidade a Nino mais de setecentos annos, que vinha a ser mais de trezentos antes do diluvio. Jorge Veneto escreve, 5 que Aglaes, grande Magico antes do diluvio, deyxou escritos em pedras, & em prâchas de metal documentos daquella arte diabolica. Finalmente he certo, que o Santo Henoc (o qual no anno do mundo 987. antes do diluvio 669. foy passado ao Paraiso terreal 6) deyxou escrito aquelle livro de que fallaremos no capitulo seguinte.

1 Suidas, verb. Seth.
2 Joseph de antiq. l. 1. c. 3. in fine.
3 Genebrard. in chronograph. l. 1. Cedren. in com. hist.
4 Plin. l. 7. cap. 56.
5 Venetus tom. 1. probl. lect. 2.
6 Genes. 5. 24. Suprà c. 3. n. 3. & diremos na 2. p. c. 12. n. 7.

3 Nos

3 Noé, & ſeus filhos paſſárão as letras depois do diluvio a eſte mundo reformado. Affirma-ſe que o meſmo Noé poz muytas couſas por eſcrito, eſpecialmente em livros rituaes. 7 Achão-ſe os vaticinios q̃ eſcreveo a Sibylla Chaldea ſua nora. 8 Beroſo 9 diz, que logo hum anno depois do diluvio ſe começou em Chaldea a eſcrever hiſtoria do q̃ ſuccedia. Pelos annos cento & cincoenta veyo Tubal, filho de Japhet, & neto de Noè, povoar Heſpanha, & lhe deu leys eſcritas, de que já fallámos. 10 O Santo Job, que viveo pelos annos ſetecentos & quarenta, deyxou eſcrito ſeus trabalhos, como tambem no ſeguinte capitulo diremos; & na ſahida do Egypto, que foy pelos annos de oytocentos oytenta & oyto, deo o *Senhor* Ley eſcrita aos Hebreos. 11

4 Com menos noticias attribuìrão Eſcritores antigos 12 a invenção das letras, huns aos Phenices, outros aos Aſſyrios, & Babylonios; & alguns differão que Cadmo inventára dezaſeis, Palamedes quatro na guerra Troyana; outras quatro Simonides Medico; & outros lhes aſſinárão outras origens. Os que menos errárão, forão os que fizerão Authores dellas aos Egypcios, aprendendo as de Mercurio Trimegiſtro, chamando aſſim a Moyſés, como entende Eupolemo, Author Grego. 13

5 No principio forão letras hieroglificos, que ſignificavão toda huma palavra, & alguns todo hum conceyto, & pela mayor parte erão figuras de animaes, dos quaes fez hum livro Horapollo, Eſcritor Grego, que Bernardino Trebacio traduzio em Latim; & Pedro Mexia na Sylva de varia lição aponta, & declara alguns. 14 Deſte modo eſtavaõ eſcritas as columnas de Seth, & Enós, 15 de que acima tratàmos. Ainda muyto depois do diluvio os uſárão os Egypcios. 16

6 Os antigos Romanos ſe ſervião de prégos, ou cravos de metal, que lhes ſervião de letras, como entre nòs as figuras de algariſmo, para ſignificarem o numero dos annos; 17 pregando cada anno hum na porta do templo, ou edificio, de que querião que ſe ſoubeſſe a antiguidade; coſtume que tomàraõ dos Vulſinos. 18 E pòde ſer que a ſervirem os cravos de letras alludiſſem a Iſaìas quando em nome de *Chriſto* diſſe, *Em minhas mãos te eſcrevi*; 19 & Jeremias, dizendo que o peccado de Judà eſtava eſcrito na ſua mão com ferro. 20

7 Os caracteres de letras começàrão em menor numero: a neceſſidade os foy accreſcentando, & ficàrão differentes entre varias naçoens: os Ethiopes tinhão ſós ſete, & cada huma tinha quatro ſignificados, 21 com que eſcuſavão mais; os Hebreos, Syrios, & Chaldeos tinhão vinte & duas; 22 os Latinos tiverão ſó quinze, depois chegàrão a vinte & tres, tomàrão dos Gregos mais o Y; o Emperador Claudio accreſcentou mais tres letras; mas uſárão-ſe em ſua vida ſómente. 23

8 Tambem a figura em varias partes foy, & he differente, & ainda entre huma meſma nação ſe mudou por alguma

7 *Beroſ. l.1 de ſtor. Chald.* *Pineda na Monarch Eccl. p.1. l.1. c.14. § 4.*

8 *Diſſemos ſup. c.25. n.6.*

9 *Beroſ. d. l.1.*

10 *Sup. c.21. n.5. & c.25. n.7.*

11 *Exod.25 cum ſeqq.*

12 *Tiraqu. diſt. Plin. l.7 c.56.* *Tacit. annal. l.11. poſt princip.* *Alex. ab Alex. Gen. l.2. c.30.* *Herodot l.5.* *Diodor. Sicul. l.6 c.18.* *Apollon. Tyan in vit. Apollon. l.4.* *Euſeb de prepar. Euang. l.10 c.7.* *Georg Valla Placent. l.31 de expet.* *Pineda ſup. à.* *P. Mexia na Sylva l.3. c.1.* *Pereira in Gen. in præfat. n.4.*

13 *Eupolem. apud Viann. no prologo à traducçaõ, & comento a Ovid. Metam.*

14 *Mexia na Sylva l.1. c.3.*

15 *Zonaras annal. 1. de lit. Hierog.* *Franc. in Camp. Elyſ. q.3 n.2.*

16 *Tacit. ſupra.*

17 *Liv. dec.1. l.7. in princ.*

18 *Alex. ab Alex. Genial. l.1. c.6. ad med.*

19 *Iſai.49 16* In manibus meis deſcripſi te.

20 *Jerem.17.1.* Peccatum Juda ſcriptum eſt ſtylo ferreo in ungue adamantino. *Ungue, ideſt,* manu *per ſynecdochen, pars pro toto.*

21 *Alex. ab Alex. ſuprà.*

22 *D. Hieron. in prolog. ad lib. Reg.*

23 *Tacit. ſuprà.*

24 D. Hieron. suprà. Bellarmin. in Inst. ling. Hebraic. Brittonia Monarch. Lusit. p. 1. l. 2. tit. 3. aonde traz as figuras differentes.

25 Plin. l. 7. c. 58. Tacit. suprà.

mudança de dominio, ou de successos, como entre os Hebreos mostra São Jeronymo; 24 & Plinio, & Tacito dizem, 25 que a letra Grega antiga era quasi da mesma fórma que a Latina; depois se diversificou tanto. Em Hespanha, & no mais que os Romanos dominàrão, se introduzio a Latina, & depois a Gotica, pelo dominio dos Godos, a qual de duzentos annos a esta parte se foy deyxando, & se tornou à Latina, de que em toda Europa usaõ hoje os doutos. O vulgo em muytas Provincias usa de quasi tanta diversidade de letras, quantas saõ as linguas. Em Portugal ainda os Escrivaens publicos usaõ nos processos da letra que chamão *fazenda*, que se devèra extinguir por barbara. Em Castella na Livraria do Real Convento do Escurial vi, & venerey hum tomo das obras de Santo Agostinho, que andão impressas, escrito originalmente de sua mão; letra Latina grossa, (que chamamos *feiral*) redonda, & muyto bem formada.

9 Na significação dos caracteres tambem ha diversidades; muytas naçoens não escrevem as palavras com muytas letras; como fazemos em Europa, mas cada huma das suas significa huma palavra, & tal vez hum conceyto, como hieroglifico. Entre os Hebreos a voz, & nome de cada letra, tem significaçaõ de alguma cousa. A primeyra que chamão *Aleph*, significa *disciplina*: a segunda *Beth*, se interpreta *casa*: outra que he *Ghimel*, significa *abundancia*: outra q̃ he *Daleth*, tem significaçaõ de *taboas, ou livros*; & assim as mais. 26 Os Romanos tinhaõ certos sinaes, principalmente para os Notarios, porque brevemente comprehendião o sentido de muytas letras; 27 Massalla escreveo hum livro sobre cada huma.

26 D. Hieron. tom. 2. epist. in epist. ad Paul. de interpret. Alphabeti. Euseb de prep Euang. l. 10. Mexia sup. l. 3. c. 1.

27 Alex. ab Alex. c. 30. ad fin. l. 2.

10 A mesma variedade ha no modo de escrever. Os Ethiopes não fazião as regras de lado a lado, mas de sima para bayxo; o que os Gregos chamão *Tæpocon*. Os Egypcios as começavaõ do lado direyto para o esquerdo, sendo o principio da sua regra na parte aonde a nossa faz o fim, & desta maneyra liaõ, 28 o que ainda hoje fazem os Arabigos, & outros; & assim vi escrever alguns Mouros de Berberia. Hum Francez Ecclesiastico, grave, & doutissimo, que lia, & entendia Hebreo, Syriaco, & outras linguas pouco versadas entre nòs, & tinha nellas muitos livros, me mostrou que os Syriacos fazem o mesmo, & quando lem hum livro, começão do fim delle, & vão folheando ao revez até o principio. Diziame que dizião elles, & com algũa razão, que os olhos naturalmente poem a vista primeyro na parte do papel que nos fica à mão direyta; pelo que era mais natural começar a ler dalli.

28 Idem Alex. suprà.

12 Dizem que primeyro se escreveo em folhas de palma; 29 & della ficou chamar-se *folha* o em que escrevemos. Depois, do interior da cortiça de algũas arvores que facilmente a despedem, se tiravão humas teas sutis, em que se escrevia; porque estas em Latim se chamão *liber*, ficou este nome aos livros.

29 Plin. l. 13. c. 11.

30 Tam,

30 Tambem se escreveo em pannos de linho, concertados com certas confeyçoens, & em tudo se escrevia, naõ com pennas, mas com canas cortadas para isto. Mais adiante se escreveo em taboas enceradas, muyto lizas, nas quaes se formavaõ as letras com pontas muyto delgadas, chamadas, *estylos*, de que faz mençaõ Job; 31 (& de que escrevia em laminas de chumbo) donde se derivou dizerse do que escreve elegante, que *tem bom estylo*. Andando o tempo, se tirâraõ subtilmente com huma agulha as feveras de hum junco chamado *papyro*, que se cria em Egypto, junto do Nilo, 32 & em Syria junto do Euphrates; & com farinha, & outras cousas se formava delles hum genero de papel; já este se usava quando Numa Pompilio reynava em Roma, como se mostrou de livros que se achâraõ entre seus ossos na sua sepultura. O nome deste junco *papyro* ficou em Latim ao papel; que ultimamente se inventou de panno de linho pizado dentro da agua, até se fazer polme, que tomado em hum vaso como joeyra, da grandeza que querem a folha, alli se estende por si natural, & admiravelmente, na grossura necessaria, & espremido em imprensa, & depois enxuto ao ar, fica sendo papel: nas partes da Asia, onde naõ ha linho, o imitaõ com algodaõ. Tambem o em que se escreve, se chama *Charta*, de huma Cidade assim chamada perto de Tyro, donde viria alguma boa materia das acima ditas.

12 Costumava-se escrever só de huma parte do papel, sem escrever na pagina das costas delle, mas passando da primeyra pagina à outra folha; como hoje fazem muytos em França escrevendo cartas missivas; & he conveniente, porque muytas vezes a tinta que repassa o papel, escurece as letras. Prova-se este costume de hum texto de Ulpiano, 33 no qual pelas escrupulosas formalidades que se observavaõ nos testamentos, se perguntou se seria valido o q̃ se escrevesse em folha escrita de ambas as partes, que isso significa a palavra *Opistographus*, de que trata, 34 como *Syngrapha*, o papel escrito só de huma parte; 35 fazia duvida ser o costume em contrario; mas o Jurisconsulto respondeo que valia.

13 As escrituras publicas se faziaõ antigamente em pastas de chumbo delgadas; depois em pergaminho; dizem que tomou o nome de Pergamo Cidade de Asia, aonde se inventou reynando nella Eumenes; 36 porèm vè-se ser invençaõ alguns annos mais antiga; de que quando Eleazar enviou a Ptolomeo a Escritura Sagrada com os setenta & dous Interpretes, (posto que era quasi no mesmo tempo de Eumenes) hia jà escrita em pergaminho com letras douradas, segundo conta Josepho; 37 ainda hoje em todas as partes de Europa os titulos de cousas grandes se escrevem em pergaminhos. Nos principios do Reyno de Portugal se davão os foraes, & privilegios às Villas, & Cidades em huma tira feyta delles, tam comprida, que em huma, ou duas regras coubesse tudo o que se queria escrever;

30 *Calepin. verbo, Liber.*

31 *Tob.* 19. 21. Ut exararentur in libro stylo ferreo, & plumbi lamina.

32 *Vide Ovid. Metam. l.* 15. Perque papyri feri septemflua flumina Nili.

33 *L. Chartæ 4. ff. de honor. poss. secund. tab.*

34 *Calep. verbo, Opistographus. Alex. ab Alex. d. c. 30. in princ. Quidquid dicat glos. in d. l. chart.*

35 *Alex. ab Alex. d. c. 30. post princ.*

36 *Iidem ibi ante med.*

37 *Joseph. de antiq. l. 12. c. 2. post princ.*

& se guardava enrolada; chamava-se, *escrever em bandeyra*, depois se prohibio.

38 Cicer. 4. Academ. Plin. l. 7. c. 21.

14 Cicero, & Plinio 38 referem que houve hum homem chamado Estrabon, de tão excellente mão no escrever, & de taõ aguda vista, que escreveo a Iliada de Homero (que he hum largo livro) em pergaminho que coube no vão de huma noz: caya a fé disto sobre seus Authores. Dizem que este homem via a distancia de cento & trinta & cinco mil passos; & (por authoridade de Marco Varro) que na guerra Punica, do Lilibeo promontorio de Sicilia via a Armada, que sahia do Porto de Carthagena de Levante, & contava o numero das nàos

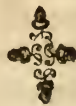
15 Divina, & utilissima foy a invenção das letras; porque sendo sós vinte & tres, se fazem com ellas tão largos discursos, tantos livros, & se explicão todos os pensamẽtos só com variar, & misturar humas mesmas differentemente: nellas se falla com silencio: fazem os ausentes presentes: triunfando dos tempos, conservão os exemplos passados, & eternizão as acçoens illustres, as quaes sem esse beneficio estarião sepultadas com seus Authores. Os Athenienses guardárão com grande cuydado muyto mais de mil annos a nào dos Argonautas para memoria daquella primeyra acção nautica: & com tudo a consumìraõ as idades, posto que a hião reformando; só as letras a pudèrão livrar do esquecimento. Até aos surdos fazem conversaveis. Vemos que com muytos se falla pela mão, formando com os dedos as letras; & de noyte às escuras percebem alguns o que se lhes escreve nas palmas das mãos, ou nas costas, & mais he poderem escrever os cegos de nascimento. Erasmo 39 conta, que alguns aprendéraõ, lavrando-se em huma taboa de marfim, ou metal, as letras do A, B, C, & trazendose-lhes à mão muytas vezes com hũ ponteyro muyto delgado, por aquellas cavaduras, chegárão com attenção a pôr na memoria aquella imagem das letras, & a mão jà costumada as fazia com alguns erros, & emendando-se, vierão finalmente a escrever com acerto.

39 Apud Mexia; Sylva de var. lig. l. 3. c. 2. no fim.

16 Mas tambem das letras usou mal a malicia. Em quantas cartas se usa dellas para màos fins? Acima dissemos, 40 que já antes do diluvio se servio dellas o Magico Aglaes para perpetuar aquella arte diabolica; atẽ aos banquetes, que chamavaõ *Amatorios*, (de que em outra parte diremos 41) se estendeo o mal. O mayor se executa nos livros, de que tratamos no seguinte capitulo, por não fazer mais largo o presente.

40 Neste cap. n. 5.

41 Abayxo cap. 39. n. 9.

CAP.

CAPITULO XXX.

Como se introduziraõ os livros, quaes foraõ os primeyros; & as primeyras, & mayores livrarias; como se inventou a Impressaõ; utilidades de tudo; como a malicia as perverte. Mostra-se nos livros historicos.

1 DA muyta escritura, que naõ cabia em hũa só folha, se ajuntàraõ muytas, atè fazerem volume, que de qualquer materia que fossem as folhas, se chamou *livro*, como respondeo Ulpiano, 1 tomando largamente o nome da interior cortiça das arvores, que em Latim se chama *liber*, 2 em que algum tempo se costumou escrever, como fica dito. 3

2 O primeyro livro 4 de que temos noticia escreveo Henoch Santo, quinto neto de Adam, seiscentos & setenta annos antes do diluvio; do qual cita huma profecia, referindo suas palavras o Apostolo S. Judas Thaddeo na sua Epistola Canonica. 5 Dizem Tertulliano, & o Veneravel Beda, 6 que havendo-o Noe conservado no diluvio, o consumirão os Judeos; Origenes 7 o allega com duvida, porque no seu tempo se havia reformado com misturas apocrifas. 8

3 Depois do diluvio seria o primeyro o da historia que Beroso 9 diz, que se começou a escrever em Chaldea logo passado hum anno.

4 Mas o primeyro que temos de fé, foy o de Job, que alguns dissérão 10 que Moysés escrevèra no Egypto, para exemplo de paciencia aos Hebreos affligidos, & que para os aliviar, o compuzera em colloquios de varias pessoas, & grande parte em verso, em tres linguas, Hebrea, Arabiga, & Syriaca, como S. Jeronymo 11 diz que o achou; porèm o Santo Doutor o attribue ao mesmo Job; & Origenes diz, que Moysés não fez mais que illustrallo com traducçoens, & outras cousas; viveo Job pelos annos setecentos & quarenta depois do diluvio.

5 Seguio-se a historia do Genesis, & o mais que se continùa atè o capitulo trigisimoquarto do Deuteronomio, atè onde escreveo Moysés, 12 & dalli em diante proseguiraõ Josuè, & outros Escritores Santos.

6 Depois se escreveo tanto, que só Galeno escreveo cento & trinta volumes: Servio Sulpicio Jurisconsulto cento & oytenta: Theofrasto trezentos: Chrisippo setecentos: Aristarcho fez commentarios sobre mil livros: Salamão (segundo Genebrardo) 13 compoz oyto mil; parece que por livros entende o que refere a Escritura sagrada; 14 que as suas parabolas forão tres mil, & os versos cinco mil. Mas aquelles volumes, & livros não erão da grandeza dos que hoje assim chamamos;

1 *In L. Librorũ 52. ff. de legat. 3.*
2 *Calep. verbo, Liber. Alex ab Alex Gen. dier. l. 2. c. 30. post princip.*
3 *No cap. precedente n. 11.*
4 *D. Aug de Civ. Dei l. 15. c. 23.* Scripsisse nonnulla divina Henoch illum septimum ab Adamo, negare non possumus. *Perer. in Gen. l. 7. à n. 156. in q. 6. Tertul. de idolatr. & pudicis & de cult. virg.*
5 *Epist. S. Jud. Thaddæi n. 14.*
6 *Tertul. L. de habit. mulier. Bed. in d. Epist. Jud Thad.*
7 *Orig. in Joan. cap 1. tom. 8. ad verba,* Hæc in Bethania. *ante med. & hom ultim super lib. Numer.*
8 *Innuit D. Aug sup. Notat Matute, prosap. de Christ idade 1. c 6. § 2.*
9 *Dissemos no cap. precedẽte n. 3.*
10 *Refert Matute d. c. 6. §. 3. ex Ant. Beuter. in annot.*
11 *D. Hieron. in prolog. Cogor ad lib. Job.*
12 *Matute d. § 3.*
13 *Genebrard. in Chron. l. 1.*
14 *3. Reg. 4. 32.*

 mamos;

mamos; erão tratados como os nossos capitulos; assim o vemos nos primeyros livros de Platão, nas obras de Origenes, de São João Chrysostomo, & de outros Padres antigos, ou erão livros pequenos de tres, ou quatro capitulos, como o de Ruth, & outros na Santa Biblia; cuydo que nenhum dos antigos escreveo tanto, como Santo Agostinho, Santo Thomàs, o Abulense, Tostado, o Padre Soares, Bartolo, & outros modernos.

7 O primeyro que ajuntou livraria, foy Pisistrato, Tyranno de Athenas. 15 Depois a ajuntou mais numerosa, & celebre Aristoteles. 16 A mayor foy a de Ptolomeo Philadelfo Rey do Egypto em Alexandria. Josefo 17 diz, que tinha ella duzentos mil volumes, & que Demetrio Phalerio seu prefecto dizia a ElRey, que brevemente teria quinhentos mil; outros affirmão 18 que tinha setecentos mil. Poz nella a sagrada Escritura, que a sua petição lhe enviou Eleazar Summo Sacerdote, com os setenta & dous Interpretes, que separados traduzirão a mayor parte em Grego, uniformes milagrosamente. 19 Para alcançar aquelle favor tinha ElRey dado liberdade a cento & vinte mil Hebreos, q̃ por varios casos haviaõ hido cativos a seu Reyno, & fez ao Summo Sacerdote grandes presentes, & aos Interpretes esplendido tratamento, como diz Josefo. Forão prefectos daquella livraria o Poeta Calimacho Cyrineo, 20 de quem faz menção Ovidio, 21 chamando-lhe *Bartiado*, por ser filho de Barto; & o douto, & eloquente Demetrio Phalerio, 22 a quem os Athenienses levantàraõ trezentas & sessenta estatuas, 23 & derribando-as depois disse elle: *As estatuas derribàraõ, mas naõ as virtudes, por quem as tinhaõ levantado.* 24 Os Soldados de Julio Cesar queymàraõ aquella livraria, quando no alcance de Pompeo pelejou com a gente do outro Ptolomeo irmão de Cleopatra. 25 Em competencia ajuntou Eumenes outra em Pergamo, que Plutarcho 26 refere ter duzentos mil volumes. Em Roma foy Asinio Pollio o primeyro que teve livraria, que dedicou aos livros dos Vates, & poz nella a imagem de Marco Varram, sendo ainda vivo, por lhe fazer honra. 27 A primeyra Christãa ajuntou Pamphilo Martyr, cuja vida escreveo Eusebio, & continha trinta mil volumes. 28 Estas forão as livrarias mais insignes entre outras de que tratão varios Authores. 29

8 Das que hoje existem he a mais celebre a Vaticana em Roma. Na Cidade de *Oxfort*, em Latim *Oxonia*, Universidade afamada de Inglaterra, quasi vinte legoas de Londres, se vè a Oxoniense, occupando campo de hum grande Convento, repartida em galarias com divisaõ das sciencias, & artes; tam numerosa em volumes, taõ bem disposta na ordem, taõ curiosa nos retratos dos homens scientes, nas pinturas dos instrumentos das sciencias, & artes, que sem duvida he huma das grandes cousas do mundo. Duas vezes fuy de proposito a vella, & em muytas mais achára novidades que admirar. Tem grossa renda com

15 *D. Isidor Etymol. l. 6. Aul. Gel. noct. Attic l. 6. Volaterran. 8 antropolog.*

16 *Strab. l. 13. Floscul hist. p 1. l. 8.*

17 *Joseph. de antiq. l. 12, c2.*

18 *Aul. Gel. Amian. Marcellin. & Seneca referidos pelo P. Mexia na Sylva l. 3 c 3.*

19 *Aug de Civ. Dei l. 18. c. 42. & 43. Cum multis Episcopus Galarza, Euang. Inst. l. 1. c. 12. Matute na prosap. de Christ. idade 2. p. 2. §. 1.*

20 *Textor in officin. p. 2. tit. de Poet.*

21 *Ovid Trist. 2.* Nec tibi Bartiade nocuit, &c.

22 *Joseph. suprà.*

23 *Textor suprà p. 1. tit. statuas qui meruer.*

24 *Laert de vit. philosoph. l. 5. in Demetr. post med.* At virtutem illi non everterũt, cujus gratia illas erexerant. *Textor suprà.*

25 *Paul Oros. 30. Mexia suprà*

26 *Plutarch. in Marc. Anton.*

27 *Alex. ab Alex. l. 2. cap 30. ad med.*

28 *D Isidor. d. l. 6.*

29 *Textor d p. 1 tit. bibliotheca. Mexia d. c. 3. Fr. Hector Pint. dial. 1. cap. 3. in 2 p.*

com que ſempre ſe vay augmentando de todos os livros, & ainda pequenos papeis, que ſe vão imprimindo em toda Europa, não me parece que ha algum que alli ſe não ache em todas as linguas; nas noſſas hiſtorias, poetas, & outros livros Portuguezes, & atè nas minhas compoſiçoens indignas de tanta honra, o experimentey.

9 Chamárão-ſe as livrarias *Bibliothecas* de *biblus*, ou *biblos*, que ſignifica *livro*, porque *biblos* era hum junco, ou arvore de Egypto, do qual, ou de cuja cortiça ſe fazia hum dos generos de papel em que ſe eſcrevia, no modo que no capitulo precedente diſſemos; 30 & porque era o mais fino dos que entaõ ſe uſavão, era dedicado para os livros ſagrados, 31 & dahi veyo chamarmos *Biblia* ao volume da Eſcritura ſanta.

30 *Cap. preced. n. 11.*
31 *Hæc ex dictionar. Calepin. Nebriſſ. & noſtri Cardoſo, verbo, Biblos. hiratica. Et ex Alex. ab Alex. d. cap. 30. poſt princ.*

10 Muyto devemos ao cuydado dos antigos que nos conſervárão tantos livros manuſcriptos com immenſo trabalho. No anno de *Chriſto* mil & quatrocentos & quarenta & dous, ſe vio em Europa a Impreſſaõ, invento engenhoſo que facilita a communicação das ſciencias, & immortaliza os eſtudos. Dizem que primeyro a houve na China, & que nos chegou pelos Tartaros, & Moſcovitas. O certo he, que o devemos a hum Alemaõ de Maguncia; 32 huns eſcrevem que ſe chamava *Joaõ Fauſto*: outros *Joaõ Vitembergio*, ou *Gutemvirgis*, merecedor de viver pelas letras a quem deu vida. Depois (duvida-ſe em que anno) Conrado tambem Alemão, levou eſta invenção de Alemanha a Italia; & o Summo Pontifice Nicolao V. reſtaurador das letras quaſi perdidas, lhe deu o primeyro emprego digniſſimo, & feliciſſimo em Roma, no livro da Cidade de Deos, de Santo Agoſtinho; & logo depois ſe imprimiraõ as excellentes Inſtituiçoens de Lactancio Firmiano. 33

32 *Polyd. Virg. de rer. invent. Pineda na Monarch. Eccleſ. l. 1. c. 13. §. 4. Floſcul. hiſt. p. 2. cap. 5.*

33 *Cum Raphael. Volaterran. Mexia Sylva de var. lig. l. 3. c. 2.*

11 Para exemplo dos Impreſſores, refiro, que hindo eu em Hollanda ver a famoſa Officina *Elzeveriana*; entre os livros que em varias linguas ſe eſtavão imprimindo, era hum na Caſtelhana, enviado de Madrid; & começando eu a ler huma folha delle, me impedio cortezmente *Elzevir*, meſtre, & ſenhor da Officina; ſem me valer a authoridade de Embayxador que eu era do Senhor Rey Dom Joaõ IV. aos Eſtados geraes daquellas Provincias unidas, dizendo, que tinha por crime deyxar ler couſa alguma do que imprimia, antes de o Author o publicar, porque furtando-ſe o bom penſamento, ou novidade que elle achára, ficava velho, & ſem louvor quando ſahia o livro. Em louvor da Impreſſaõ, & credito dos Impreſſores ha muytos eſcritos; daõ-lhe dignidade de Arte Liberal; & por varias razoens que os favorecem, ſe lhes deve honra, premio, & eſtimaçaõ; naõ he eſte lugar de nos alargarmos niſto quanto puderamos.

12 Para grande utilidade moſtrou Deos a invençaõ dos livros. Por elles herdamos, & participamos dos Sabios antigos as flores da Poeſia, as memorias da hiſtoria, os exemplos da politica

politica, o conhecimento da Filosofia, os remedios da Medicina, as regras da Jurisprudencia, as noticias da Mathematica, instrucçoens da Rhetorica, documentos para todas as artes; sobre tudo a Ley Divina, com a explicação, & doutrina dos Concilios, & dos Santos Padres. Se não houvera livros, o que aquelles primeyros Varoens alcançárão por revelaçoens, estudo, & experiencia, estivera sepultado com elles; pouco ficaria na tradição, que se corromperia com o tempo, & seria necessario hir aprendendo sempre de novo, como se o mundo começasse novamente.

13 Mas tambem com alguns livros se offendem os bons costumes. Que excellente estylo estragou Petronio! fez-se arbitro das acçoens de hum Emperador lascivo: com engenho digno de Scipião escreveo cousas dignas de Nero. Não cheguemos cō mais escandalo a exemplificar em modernos. Quantos livros ociosos, quantos infamatorios, quantos hereticos tem semeado os mayores males? forão necessarios expurgatorios, & fazer catalogo dos prohibidos, porque sendo os livros instrumentos de ensinar virtudes, se tirão delles muytos vicios. Já Seneca disse, 34 que não importa ter muytos livros, mas bons; & que (ainda nos que não saõ reprovados) se deve regular a lição; porque huma certa he mais util, posto que a varia deleyte.

14 Os livros historicos se vem com lastima privados das mayores utilidades para que se devèrão escrever. Introduziose a historia, principalmente para que os exemplos do passado regulassem o governo commum no futuro, incitassem os particulares à virtude, 35 & admoestassem aos poderosos do que ninguem ousa advertillos. 36

15 Para se conseguir, ensinarão os grandes mestres, 37 que a narração ha de conter as causas, principio, progresso, & fim dos successos, com a ordem, & descripção dos lugares, & tempos: & juntamente os conselhos, & acçoens das pessoas que nelles intervierão, com o louvor, ou vituperio que merecèrão; para que como espelho, ou como huma viva pintura das cousas mostre claramente as que se devão seguir, ou evitar: & como huma trombeta do juizo, resuscite da sepultura os mortos 38 com gloria, ou com infamia: & saybão os que obraõ, que finalmente se haõ de pór no theatro dos seculos seus procedimentos. 39

16 Mas pela malicia dos homens, já he quasi impossivel escrever assim. Porque para perfeyta narração, não só he necessario que o Escritor vivesse no tempo dos successos, como requeria Plutarcho; 40 mas tambem que intervieste nelles, como accrescenta Theopompo: 41 que (como disse Saõ Jeronymo) 42 de hum modo se conta o que se ouvio, & de outro modo o que se vio; & porém para avaliar justamente, naõ ha tempo tam feliz que permitta sentir o que a justiça quer, & dizer o que

34 *Senec. ep. 45. in princ.*

35 *Polyb. l. 1.* *Diodor. Sicul. in proœm. vit Phil. & Alex & l. 1. antiq. in præfat.* *Erasm. in præfat. in Sueton.*

36 *Demetrius Phaler. ad Regem Ptol. apud Plut. in Græc. apophtheg. & Laert de vit phil l. 5. c. 5.*

37 *Polyb hist. l. 16.* Necessarium est eosdem aliquando laudare, rursus aliquando vituperare. *Tacit. annal l. 3* Præcipuum munus annalium reor ne virtutes sileantur, utque pravis dictis, factisque ex posteritate, & infamia metus sit. *Corn. Agrip. de verit. scientiar.* Historia est rerum gestarum cum laude, aut vituperatione narratio: quæ magnarum rerum consilia, actoines, exitus, Regumque, & magnorum virorum actus, cum temporum, ac locorum ordine, & descriptione, tamquam viva quædam pictura, ante oculos exponit. *Rodolph. Agricol de formand. stud.* Quoniam ij & benefacta laudando, & quæ contra facta sint vituperando, non docent quidem, sed quod efficacissimum est, exemplis propositis, quæ rectè, secusvè fiant, veluti in speculo ostendunt. *Diodor. Sicul Antiq. l. 12.* Historiæ primum studium, primaque consideratio esse videtur insoliti, gravisque casus principio causas investigare.

38 *Nicet. Jo. com.* Haud abs re liber viventium appellatur historia, rerumque descriptione tubæ clangor, quo jam olim mortui, velut sepulchro excitati, in medium producuntur.

39 *Erasm in præfat. in Sueton.* Dum utrique cernunt horum literis suam vitam omnem, mox in totius orbis, imò sæculorum omnium theatrum producendam.

40 *Plutarch. in Peric.* Difficilis investigatu res est historia vera, cũ posterioribus præteritum tempus cognitionem rerum præcipiat.

41 *Apud Polyb d. l. 12.*

42 *D. Hieron. in præfat. ad Pentateuch.* Aliter enim audita, aliter visa narrantur.

que na verdade se sente, como se queyxava Tacito:43 os louvores perigaõ na lisonja, as reprehensoens no odio, como dizia Sallustio 44

17 A Impressaõ, que foy beneficio para os escritos mais se divulgarem, augmentou estes inconvenientes, porque no mundo naõ houvesse beneficio sem elles; & assim vemos que nas historias antigas, como mais seguras por menos divulgadas, naõ callou a verdade o vituperio de muytos: & nas modernas só se achaõ louvores, como se naõ houvera peccados.

18 O certo he, que nas historias só se alcançaõ as generalidades do que passou; menos estimaçaõ merecem nas particularidades, & circunstancias, pois pendem só do animo, ou respeyto do historiador. Nas da patria deveràõ ter mais credito pelas mayores noticias; porém desmerecem pela payxaõ com que fallaõ, ou callaõ; vé-se na emulaçaõ dos Francezes, & Hespanhoes: & nos Padres Pineda, & Mariana Castelhanos, quando se lhes offerecem as guerras com Portugal. Assim em todos ha faltas: nos estranhos por menos noticiosos, nos naturaes por mais suspeytos. Nem os mais verdadeyros alcançaõ tudo; he tam precioso porem de sua casa, que lhes he ley fingirem oraçoens, ou praticas de Capitaens antes das batalhas, & de superiores em outras occasioens. A que bem naõ perverteo o peccado, ou naõ procurou perverter? Na Historia de Paulo Jovio puderamos fazer demonstraçaõ mais larga, porque professou ser venal, & fingir a seu arbitrio; mas porque seria alargarmonos demasiado, baste apontar alguns Authores que o daõ a conhecer. 45

43 *Tacit. hist.* 1. Rara temporum ea est felicitas, ubi sentire, quæ velis, & quæ sentias, dicere licet.

44 *Sallust. in Catilin.* Quæ delicta reprehenderis, malevolentia, & invidia dicta putant: ubi de magna virtute, atque gloria bonorum memores, quæ sibi facilia factu putet, æquo animo accipit; supra ea veluti ficta pro falsis ducit.

45 *Aubert. Mireus in Chron. Joseph. Scaliger. in vita patris sui Julij Cesar. Scaligeri. Just. Lips. l. 1. politic. 9. Anton. Possevin. in bibliot. l. 10. c. 42 Robert. Turner. l. de hist. c. 6. Melchior Canus in locis Theolog. l. 11. c. penult. Osorius de reb. Emmanuel. l. 6. pag.* 178 *Maffeus hist. Ind. l. 8. Joan. Boter. in dictis memorabil. apud Farc l. 3. apolog. in Jovium n. 8. Cavell. apolog in eundem c. 7. P. Samaniego in vit Scot. l. 4. c. 2. n. 2.*

CAPITULO XXXI.

Como teve principio invocar a Deos em culto Divino, & a malicia se atreveo a offender este sagrado. Tratase do santo, & mysterioso nome Ihehovah.

1 CONclue o Santo Historiador do Genesis, no quarto capitulo, dizendo, q̃ de Seth, de quem atègora tratámos, foy filho Enòs, q̃ começou a invocar o nome do *Senhor*. 1 Já de antes se sacrificava, como vimos em Abel, & Caim. 2 Enòs começou a introduzir louvores vocaes, orações, & santos ritos; 3 mas naõ como Sacerdote, porque Melchisedech foy depois o primeyro; 4 só como leygo devoto, & reverente a Deos.

2 O doutissimo Cardeal Cayetano 5 entende q̃ começou Enòs a invocar o nome de Deos *Ihehovah*; o nome *Tetragrammaton*, quer dizer, composto de quatro letras, porque conforme ao Minorita no Triunfo de *Christo*, 6 os Rabinos o escrevem com quatro letras, que saõ *Joth, He, Vau, He*, & se pronuncia *Ihcuhe*, & naõ *Ihehovah*.

1 *Genes.* 4. 26.

2 *Suprà c* 17. *n.* 2.

3 *Sic explicat P. Benedict. Per. in Gen l.* 7. *n.* 98 *vers. verius.*

4 *Vide infra in* 2. *p. c.* 7. *n.* 2. *& c.* 12. *n.* 11.

5 *Caiet. apud Matut. prosap. de Christ. idad.* 1. *c.* 5 §. 1. *Et apud P. Bened. ser. Genes. sect.* 22. *n.* 3.

6 *Triumph. Christ fol.* 24. *tit.* 3.

7 Scot.in 3.d.ſt 9.n.2.

3 O ſubtiliſſimo Scoto 7 diz que eſte nome ſignificava a entidade, & eſſencia de Deos. Com elle ſe deu o *Senhor* a conhecer a Moyſés na Çarça, quando lhe diſſe: *Eu ſou o que ſou*; 8 Genebrardo accreſcenta 9 q̃ ſignificava em plurar, *Os que ſomos*, por ſerem tres peſſoas, havendo dito em ſingular, *Eu*, por ſer huma ſó eſſencia, huma vontade, & hum ſó Deos.

8 Exod.3.14. Ego ſum qui ſum.
9 Genebrard de Trinit.l.1.
10 Joachim in Apocalypſ.c.1.

4 Donde tira o Abbade Joachim 10 ſer eſte nome declaratorio da *Santiſſima Trindade*, a que ajuda a explicaçaõ da gloſa Hebrea no capitulo primeyro do Geneſis; 11 & o douto Pedro Affonſo Hebreo convertido 12 notou, que daquellas quatro letras Hebreas ſe cõpoem tres nomes diverſos de Deos, ſignificando-ſe as tres peſſoas; lendo-ſe a ſegunda letra, *He*, duas vezes, porque na ſegunda peſſoa ha duas naturezas, divina, & humana; Jacobo Fabro 13 moſtra que ſempre que a noſſa verſaõ lé na Eſcritura Sagrada tres vezes *Deos*, o diz o Hebreo huma ſó vez com o nome *Ihehovah*, ou *Iheuhe*. O erudito Diogo Matute de Penafiel, na proſapia de *Chriſto*, 14 ſegundo eſte penſamento, conſidera com o meſmo Pedro Affonſo, & com outros Eſcritores, que quando o Sacerdote Hebreo lançava a bençaõ em nome de Deos, eſtendia os primeyros tres dedos em ordem a eſta ſignificaçaõ, que miudamente expende; & aponta a conveniencia que houve em ſer Enós neto de Adam, & aſſim terceyra geraçaõ do mũdo, quem primeyro invocou a Deos com eſte nome trino, & admiravel.

11 Gloſ.Hebr.in c.1.Gen. Elohim Tetragrãmaton creavit Cælum, & terram; ideſt, Trinus, & Unus.
12 Petr.Alphonſ.in dial contra Hebr.
13 Jacob.Fabr.citat.in Triumph. Chriſt d tit.1.
14 Matute d.idade 1.cap.5.§.1. & 3.

5 O Doutor Angelico 15 diz, que he nome proprio de Deos, porque, como nota S. Joaõ Damaſceno, 16 ſignifica hum mar de ſubſtancia infinita, que comprehende tudo indeterminadamente; os outros ſaõ limitados, que naõ dizem todo o ſer de Deos; quem diz *ſabio* naõ diz *omnipotente*; quem diz *omnipotente*, naõ diz *immenſo*; & aſſim os outros. Mas quem diz, *Deos he o que he*, diz hum abyſmo illimitado que tudo comprehende.

15 D.Thom.p.1.q.13.art.11.
16 D.Damaſc.l.1. Fidei Orthodox.c.12.

6 Macrobio 17 acha affinidade entre o ſanto nome *Ihehovah*, & o de *Jao*, que a gentilidade adorava; aſſim pelo toante da voz, que podia ſer corrupta, como porque a *Jao* tinhaõ os gentios pelo mayor Deos de todos, como dizia hum verſo Grego; 18 & allega a Diodoro Siculo, 19 que diſſe que Moyſés recebéra a ley de *Jao*, a quem os Hebreos invocavaõ por *Deos*. Santo Agoſtinho 20 eſcreve, que Varraõ o teve por Jupiter, que os Romanos chamavaõ tambem *Jove*, em cuja voz ha a meſma affinidade; & os mais ſabios debayxo do nome *Jove* veneraõ hum ſó Deos verdadeyro, 21 como diremos na ſegunda parte. 22

17 Macrob.Saturnal.1.
18 Summum cunctorum divum eſt dicto Jao.
19 Diodor Sicul.l.1 Bibliothec.
20 D Aug.l 1 de conſenſ Evãg. c 22.& 23 & de Civit.Dei l 6.c. 7. & l 7 c 5.
21 Matute ſup.§ 5.
22 P.2.c.7.n.12.

7 Era aquelle myſterioſo nome ineffavel entre os Hebreos, como, depois de outros Authores, refere o doutiſſimo Padre Bento Fernandes ſobre o Geneſis; 23 aonde o achavaõ eſcrito, diziaõ, *Adonai*, que ſignifica *Senhor*. 24 Eu noto que tambem os Gentios (cujos ſabios queriaõ imitar as noticias que

23 Fernand 4 Gen.ſect.22.n. 6.
24 Fernam Ximenes de Aragam na doutrina Catholica cap.20 eſcandalo 5.no princip.

que alcançavão da Ley Divina) fizerão ineffavel o nome de hũ Deos que fingirão occulto, debayxo de cujo amparo estava a Cidade de Roma; o qual nome sabião só os Sacerdotes, & não se podia publicar, porq̃ os inimigos não lhe fizessem preces para deixar a tutela da Cidade: ou lho levassem cõ palavras veneficas, a q̃ a antiguidade attribuhia muyta força; (por isso os Tyrios tinhão seus deoses atados com cadeas aos altares. 25) E porque o Sacerdote Valerio Surano o descobrio, foy condenado à morte; assim o contão Plinio, João Annio, Alexandre ab Alexandro, Marco, Servio Honorato, & outros. 26 O nome era *Ramosso*, 27 a que a cegueira attribuhio divindade, que fora filho de Tusco primeyro Rey dos Aborigines, pòvos de Italiã, & de Roma, filha de Atlante Italo, Rey dos Antiquissimos de Hespanha, a qual com Portuguezes deu principio àquella Cidade de seu nome, como em outra obra temos escrito largamente; 28 posto que Joaõ de Mariana 29 cuyda que aquelle nome occulto, não era de algum Deos, mas o que tivera a Cidade antes que se chamasse Roma.

25 *Alex. ab Alex. Gen. dier. l. 4. c. 12. post med.*

26 *Plin 28. c. 2. Joan. An. in l 5 Beros. Alex. ab Alex. sup. l. 2. c. 22. ad med. Servius in Virg l 1. n. 30.*

27 *Britto na Monarch. Lusit. p. 1. tit. 12.*

28 *Nas excellenc. de Portug. cap. 14 excellenc. 3. n. 6. Britto d. l. 1 c. 13. Faria no Epit. das hist. Portug. c. 1. n. 24.*

29 *Marian. hist de Esp. l. 1. c. 10.*

8 Finalmente aquelle nome *Ihehovah*, por sacrosanto, cheyo de altos mysterios, trazia o Summo Sacerdote da Ley Velha esculpido em huma lamina de ouro sobre a cabeça, como escrevem o grande Padre S. Jeronymo, & com elle outros Escritores graves. 30 Illustrissima gloria para Enòs, na opinião do Cardeal Cayetano, haver dado principio a tam soberana invocação!

30 *D. Hieron ep. ad Paulin. Fr. Manoel do Sepulchro na Refeiçaõ espirit p. 1 c. 6. n. 51. ad fin.*

9 Genebrardo, 31 & outros Authores não querem q̃ Enòs haja sido Author daquelle nome; entendem que o mesmo Deos o disse primeyro a Moysés, & seguindo-se essa opinião, dizer o Texto que *Enòs começou a invocar o nome do Senhor*, se verificaria em ser o primeyro q̃ com o nome de *Adonai*, ou de *Elohim*, que o *Senhor* já tinha desde Adam, reduzio a fórma o culto Divino, levantando Altares, & compondo Oraçoens, & Hymnos, como dizem outros Escritores; 32 porque nestes naturalmente se louva a Deos, & já naquella antiguidade havia Poesia, como já mostrámos acima; 33 & assim teria a honra de ser o primeyro, que na Ley da Natureza compoz cantico ém louvor de Deos, como na Ley Escrita foy o primeyro aquelle que cantou Moysés em graças da liberdade do povo; 34 & na Ley da Graça foy tambem o primeyro excellente sobre todos o de *Maria soberana*, visitando a Santa Isabel: 35 & em huma, ou outra opinião sempre Enòs ficou muyto glorioso.

31 *Genebr. d. l. 1. de Trinit.*

32 *Matute sup. à dic 5 §. 1. Fernand. 4. Gen. d. sect 22 n. 3.*

33 *Suprà c. 25.*

34 *Deuteron. 32.*

35 *Luc. 1. 46.*

10 Sendo o culto Divino a cousa mais sagrada, & à nòs mais util, se lhe atreveo a malicia humana fazendo della peçonha. Deo culto ao Demonio em deoses falsos, como veremos na segunda parte, quãdo a historia chegar ao principio da idolatria; 36 & até nos Templos santos, & culto do verdadeyro Deos busca occasioens de peccar. A's festas mais solemnes com impia curiosidade concorrem ociosos, a ver o q̃ deverão fugir.

36 *Part. 2 cap. 6.*

Já

Já no tempo de Museo Poeta Grego antiquissimo pelos annos 1460. antes do Nascimento de *Christo*, havia este costume barbaro. Conta na fabula que inventou de Hero, & Leandro, 37 que este se namorou de Hero vendo-a na celebridade que se fazia em hum Templo, a que fora, como outros moços que em semelhãtes occasioens hião não para assistir aos sacrificios, mas por ver as donzellas que acodião a elles. De Museo, & não de si, o repetio Dom Luis de Gongora 38 na mesma fabula; o mundo sempre foy o mesmo; abomina aquelle Poeta Gentio este costume: grande confusaõ para os Christãos!

37 *Museus in fab. de Hero. & Leandro.*

38 *Gongora. na fab. de Hero. & Leandr.*

CAPITULO XXXII.

Foy a mayor ruina dos homens ficarem com o entendimento cego pelo peccado; & disto lhes resultaõ as mayores calamidades.

1 OS males que temos apontado por occasião da historia que seguimos, & os mais de que fora infinito tratar, resultão aos homens de haverem pelo peccado cahido em ignorancia, o que nos foy a mayor ruina. Perdida a justiça original, (diz Santo Thomàs) 1 se descompuzeraõ em certa maneyra todas as forças da alma que naturalmente estavaõ bem ordenadas; & ficou vulnerada a razão, em que está a prudencia: a vontade em que está a justiça: a irascivel, em que está a fortaleza: & a concupiscivel, em que está a temperança; & assim disse David, que o homem cahido não entendeo. 2 Por isto nos precipitamos.

2 Porque a natureza, com magnificencia digna de seu Author, fez estudo em que este mundo fosse muyto ornado, & gracioso para nos contentar. A vontade legisladora de nossas acçoens, entre as bellezas que ambiciosas de nosso amor se lhe apresentão, duvìda a qual deve amar. Se por si se resolve, como não tem luz propria, a payxão a engana; se busca luz no entendimento, que lhe foy dado por conselheyro; este só percebe por meyo dos sentidos, que lhe trazem as imagens em que faz base, & primeyro objecto de seu conhecimento: usa das impressoens, q̃ nascem da materia, & dellas pendem suas operaçoens: 3 que conselho se pòde esperar de faculdade tam familiar aos sentidos falsos: faculdade pensionaria a quem mais nos persegue: faculdade que não nos pòde dar outros avisos, senão os que aprender de nossos inimigos? Quando a vontade cuyda que tem no entendimento hum leal Achitophel, experimenta hum infiel Chusay, que com capa de zelo a encaminha a precipicio, 4 ignorãte se deyxa persuadir do q̃ a lisongea: desejando o bem, cahe no mal que temia: não distinguindo as cousas, se leva das appa-

1 *D.Thom.1.2. q.85. art.3.*

2 *Ps.48.v.ultim. Non intellexit.*

3 *Vide infra c.45.n. 5 cum seqq.*

4 *2.Reg.15.cum seqq.*

apparencias: avalia o alquime por ouro, o cryſtal por diamante: eſtima o que não tem meritos: recuſa o que devera abraçar: aborrece a quem a encaminha melhor; & como o enganado Abner, 5 aceyta os cumprimentos de quem lhos faz para a matar. Pòde gemer com David: 6 *Não tenho luz em meus olhos, puzerão-ſe contra mim meus amigos chegados*; pois o entendimento, amigo chegado ſeu, que lhe devera acudir, raramente a allumia nas occaſiões de neceſſidade. Niſto eſtá noſſo corpo de melhor condição; porque ſe perde a luz de hum olho, ſe val do outro que fica: a alma, tendo ſó huma potencia luminoſa, ſe eſta lhe falta, não tem outra parte donde eſpere luz; fica bayxel em tempeſtade tenebroſa, que aſpirando ao porto do acerto, dà nos rochedos de mil erros, porque não teve farol que o aviſaſſe donde ſe devia guardar.

3 Por iſſo filoſofou com elegancia o Padre Lyſieux, excellente Eſcritor, 7 que ſe as creaturas não forão tão bellas, o homem não ſeria tão miſeravel; porque ordinariamente as perfeyçoens que lhe deleytão a viſta, lhe affeão o coração, dando materia a deſordens; o que ſe ordenou para bem do homem conſtituido em graça, lhe fez o peccado em algum modo prejudicial, não chegando o entendimento a conhecer o que devera; como o Satyro, que levado da belleza do fogo que não tinha viſto, o quiz abraçar, & aprendeo, que não ſe ha de abraçar o que ſe não conhece. Se o homem conhecèra muytas couſas que o namorão, nem as amàra, nem tivera tantas penas: & ſe ſoubera uſar de outras, tiràra dellas a utilidade para q̃ Deos as creou, & não degenerarião em ſeu dano: mas (diſſe bem Petrarcha 8) buſcamos com eſtudo couſas de miſerias; fazendo triſte negociação da vida, que nos fora alegre, ſe nos governáramos bem; & jà Saõ Joaõ Chryſoſtomo 9 havia dìto, & moſtrado, que ninguem he offendido ſenão de ſi meſmo.

4 Que miſeria mais ignorante que pormos a felicidade da vida, ou no que deſeja noſſo appetite ſem o poder alcançar, ou nas mãos da fortuna pelo que pòdem negar, ou conceder; & naõ a pormos no noſſo arbitrio? na noſſa mão eſtá felicitarmonos, uſando bem dos ſucceſſos alegres, & applicando às adverſidades a magnanimidade da tolerancia; com que fazendo virtude ſolida dos bens, & dos males, naõ deyxaremos de ſer felices: iſto, que os Eſtoicos alcançáraõ por ſombras, nos enſinou às claras *Chriſto* Senhor noſſo quando levantou o mundo, como veremos na ſegunda parte; 10 agora, que ſó o moſtramos cahido, dizemos que o peccado nos faz miſeraveis, porque nos fez neſcios; & aſſim no livro da Sabedoria 11 ſe equivocaõ os neſcios com os infelices, & eſtes confeſſaõ q̃ vivèrão cançados, porque vivèrão ignorantes. Deyxadas, por innumeraveis, outras provas, o verifiquemos na honra, vida, & fazenda, couſas que mais eſtimamos; veremos, como errando a eſtimação no modo, fazemos amargoſo o que nos fora ſuave governado por razão.

5 1. *Reg.* 3.
6 *Pſalm.* 37. *v.* 10. & 11.
7 P. *Lyſieux, Capuchinho Francez, na philoſoph. Chriſt. p.* 1. *c.* 2.
8 *Petrarcha de proſp. & adverſ. fortun in præf. ad Azon.* Tanto ſtudio miſeriarum cauſas, & dolorum alimenta conquirimus, quibus vitam, quæ ſi rectè ageretur, feliciſſima prorſus, ac jucundiſſima rerum erat, miſerandum, ac triſte negotium efficimus.
9 *D. Chryſoſt. in hom. cui titulus:* Quod nemo læditur, niſi à ſemetipſo.
10 P. 2. c. 53. *n.* 5.
11 *Sap.* 5. *n.* 6. & 7. Sol intelligentiæ non eſt ortus nobis, laſſati ſumus in via iniquitatis, & perditionis, & ambulavimus vias difficiles; viam autem Domini ignoravimus. *Et n.* 11. Pugnabit cum illo orbis terrarum contra inſenſatos.

CAPITULO XXXIII.

Como os homens errão nos meyos porque procurão honra, & por isso a perdem; poem-se primeyro exemplos na imitação, & no desejo de mostrar valor. Trata-se dos desafios.

1 COm razaõ estimaõ os homens sobre tudo a honra, pois como disseraõ Salamaõ, & o Ecclesiastico, 1 val mais que todas as riquezas; & Aristoteles 2 mostra que he o mayor bem da vida. Notou bem Tacito, 3 que desprezar a reputação, seria desprezar as virtudes. Deos manda que tratemos da nossa; 4 & elle tratou da sua. 5 Mas he cegueyra do entendimento errarem muytos homens os meyos, & por elles vem a cahir em deshonra: façamos demonstração em alguns exemplos de todas as idades do homem; que logo da primeyra, & sem cessar na ultima, reyna nelle o desejo de honra como natural.

2 Aos moços tanto que entrão na puberdade, succede o que a humildade de Santo Agostinho 6 confessou, ou representou em si o mesmo com estas palavras: *Sem saber o que fazia, andava taõ cego, que entre os da minha idade me envergonhava de ser mais honrado; quando os ouvia jactar de suas maldades, & gloriarse mais das mais torpes, folgava de commetter as mesmas, naõ só por appetite dellas, mas tambem para que me louvassem. Que cousa he mais digna de ser vituperada que o vicio? & eu porque naõ me vituperassem, me fazia mais vicioso; & quando naõ havia occasiaõ para me igualar aos mais perdidos, fingia que fizera o que naõ tinha feyto, porque naõ parecesse menor que elles, & me tivessem por mais vil, por ser mais casto.* Que propria discrição o que fazem muytos! E mais abayxo, diz o Santo, *que tem vergonha de naõ serem imprudentes*; 7 poem a honra no que he deshonra, que mayor cegueyra do entendimento?

3 Crescidos já os homens aos annos juvenis, libraõ ordinariamente a honra no valor: & justo he que se prezem delle, porque, como o Doutor Angelico 8 mostra, he louvavel virtude. Porèm o natural naõ basta; antes advertio Vegecio, 9 que poucos valerosos gera a natureza, muytos faz a industria; Marco Tullio, & Seneca 10 lhe chamàraõ sciencia, & se define: *Firmeza do animo nas occasioens em que he mais difficultoso tella*: ou, *Virtude moderativa do temor, & da audacia para bom fim.* 11 Donde se vè, que nem he valor o que se não exercita cõ justiça, nem o q̃ degenera em temeridade; antes será vicio. 12

Nesta

---

1 *Proverb.* 22. 1. *Eccles.* 41. 15.

2 *Arist* 4 *Ethic.*

3 *Tacit. ann. l* 4. Contempta fama, contemnuntur virtutes.

4 *Matth.* 5. 16. Videant opera vestra bona. *Luc* 12. 35. Lucernæ ardentes in manibus vestris.

5 *Exod.* 20. 3. Non habebis Deos alienos coram me. *Isai.* 42 8. & 48. 11. Gloriam meam alteri non dabo. *Matth.* 16. 13. Quem me dicunt homines esse filium hominis? *Luc.* 9. 19. Quem dicunt esse turbæ? *Marc.* 8. 27. Quem me dicunt esse homines? *Dissemos largamente na harmon. polit. p. 2. §. 1.*

6 *D. Aug. l. 2 Confess. c.* 5. Nesciebam, & præceps ibam, &c.

7 *Idem d. l. 2. cap.* 9. Eamus, faciamus, & pudet non esse impudentem.

8 *D. Thom.* 2. 2. *q.* 123. *art.* 1. 2. 11. & 12.

9 *Veget. de re milit l.* 3 *c.* 26. Paucos viros fortes natura procreat bona institutione plures reddit industria.

10 *Tul. Tuscul.* 4. *Senec de benefic l.* 2. *c.* 34 & *ep.* 85.

11 *Ex D Thom. d. q.* 123.

12 *Senec. suprà. Lactant. de vero cult. l.* 6. *c.* 14. *O Conde de Villamediana na comedia da gloria de Niquea.* No ha de intentar impossibles, El que aspira a ser valiente.

Nesta medida,& consideração se erra.

4 Cuyda o de idade florente, que he valor buscar de noyte com quem brigue,ou nas conversaçoens entender, & picar com todos, principalmente com os brandos, que não teme; se acaso tem hum bom successo, imagina-se o mais valente do mundo, & crè que os que o vem o admirão: se discursára com juizo, conhecera que naõ he valor, mas brutalidade, como lhe chamão os Escritores, 13 affectar brigas; que os sesudos o tem por louco, escusarà desgostar os parentes, esconderse das justiças, estragar a saude, consumir a fazenda, & não tomarà trabalhos, de que poem culpa à fortuna.

5 Peyor he o que libra a honra, & valor na desconfiança: se vè fallar bayxo; (o que na verdade naõ he cortesia) cuyda que fallão delle: se lhe dizem huma palavra, pede interpretação, & sobre pouco mais de nada faz hum desafio. Este, & o que o aceyta, não tem entendimento para considerarem que vão, ou a morrer, ou a matar; que para os bons hè igual miseria; 14 se o tiverão, conhecerião que o verdadeyro valor despreza a morte, mas não aborrece a vida; 15 antes amando-a, faz mayor fineza em a guardar só para arriscalla pela virtude. 16 Ha differença grande entre estimar a virtude em muyto, ou a vida em pouco: arriscarse sem grande, & justa causa, ou he de irracional, ou de infeliz. 17

6 Tem elles por justa causa ficarem (como dizem) carregados; & em quem se quer mostrar valeroso, he demasiado medo confiar taõ pouco de si, & temer a desestimaçaõ por huma palavra, ou cousa que se pòde cubrir, ou dissimular com prudencia; saõ como Lucrecia, que se matou por receyo do que poderião dizer de sua honra; & Santo Agostinho 18 a cōdemna de fraca; & diz que devera confiarse no interior esforço com que havia procedido. O que nella moveo a lastima naõ foy o valor, mas a facilidade com que se deyxou vencer da vergonha; fizera heroicamente, se fora taõ valerosa em desprezar os discursos do mundo, estando em si honrada, como o foy em resistir ao appetite; mas mereceo perder este louvor por amar o credito indiscretamente. Saõ tambem estes como os gladiatores, que se matavão no anfiteatro de Roma, por acquirirem reputação de valentes: *Trazer a honra embicada, he de a ter pouco segura*, dizia hum nosso Principe Poeta.

7 Ha outro erro, principalmente no desafio, em se confiar do inimigo que no campo lhe pòde ter armada treyção, a que todo o valor não possa vencer: que cousa mais nescia que fiar sua vida de quem lha quer tirar? tal confiança não he prudencia de valor, he ignorancia de temeridade, & honra que indiscretamente se faz ao inimigo: que mayor absurdo que mostrarse ignorante, por se mostrar valente? sendo o entendimento a cousa de mayor honra, & porque os homens se differençaõ dos brutos, ficará valente bruto. Os famosos antigos, a quem

13 *Guicciardin in Hypom. polit.* Qui se periculis objicit, nec prius qualia ea sint considerat, ferum, seu bestialem rectè appellaveris.

14 *Tacit. hist. l.* 1. Perire necesse sit, aut, quod æquè apud bonos miserum est, occidere.

15 *Q. Curt. de reb. Alex. l.* 5. Fortium virorum est magis mortem contemnere, quàm odisse vitam.

16 *Ex Erasm. Apophthegm.* Illi fortes non sunt, qui quovis modo vitam contemnunt, sed qui tanti faciunt virtutem, ut hujus gratia vitam, alioquin charam, negligant.

17 *Cicer. in Caton.* Magnum est discrimen inter eum qui virtutem magni facit, aut qui vitam parvi æstimat: nam semet in vitæ discrimen conjicere, aut infelicium est, aut belluatum.

18 *Aug. de Civ. Dei l.* 1. *c.* 16. *ad fin.*

eſtes querem imitar, naõ eraõ niſto cegos; buſcavaõ hum grande que lhes ſegurava o campo; deſte modo teve Marco Servilio, varaõ conſular, vinte & tres deſafios, & em todos matou o contrario; 19 alguns dizem que foraõ muytos mais.

19 *Plutarch. in Æmil.*

8 Sobre tudo naõ conhecem a Ley de Deos. He valor, ou he furor naõ ver, & naõ temer, que debayxo dos pès tem o inferno aberto, o que alli morrer? naõ entender que no meſmo campo eſtá Deos deſafiado pela quebra de ſua Ley, armado de rayos, & de juſtiça? Naõ ſó *Chriſto* noſſo bem nos prègou; 20 mas tambem o demonio confeſſou em huma occaſiaõ 21 que a alma he precioſa ao homem ſobre tudo. *He poſſivel* (exclama o grande Salviano 22) *que naõ eſtimais voſſas almas, que o meſmo demonio vos diz que ſaõ taõ precioſas?* Marco Tullio, 23 com ſer gentio, diſſe: *A fortaleza he hum affecto do animo obediente à ſumma Ley*: quem he timorato, he muyto homem: de Simeaõ diſſe o Evangeliſta S. Lucas 24 duas vezes em huma ſó regra, que era *homem*, porque logo ajuntou que era *timorato*; & Ariſtoteles: 25 *Quem tem taõ pouco medo que naõ teme os Deoſes; naõ he valeroſo, mas he infame.* Deſta mà opiniaõ ſe deve ter medo. *Naõ he valor* (notou Plutarco 26) *naõ ter algum medo: os antigos puzeraõ o valor no medo da reprehenſaõ, & da ignominia, porque os que temem muyto as leys, ſaõ mais ouſados contra os inimigos.*

20 *Matth. 16. 26. Marc. 8. 37.*

21 *Job 2. 4.*

22 *Salvian. l. 3. ad Eccleſ. Cat.* Quis furor eſt viles à vobis animas veſtras haberi, quas etiam Diabolus putat eſſe pretioſas?

23 *Tul. Tuſcul. 4.* Fortitudo eſt animi affectio legi ſummæ obtemperans.

24 *Luc 2. 25.* Homo erat in Jeruſalem, cui nomen Simeon, & homo iſte juſtus, & timoratus

25 *Ariſt L. Magnor. moral. 1.* Si aliquem valdè facias impavidum, quod Deos non timeat, non fortis, ſed infamis eſt.

26 *Plutarch. in Cleomen.* Fortitudinem mihi videntur non vacuitatem à metu, ſed metum reprehenſionis, & ignominiæ antiqui judicaſſe; qui enim maximè leges timẽt, ij adverſus hoſtes ſunt audaciſſimi.

9 Quando houvera alguma falta, todo o amigo da honra eſcolhéra ficar deſayroſo em hũa aldea, a troco de ſer glorioſo em todo o mundo, & nem pobre aldea he todo o mundo a reſpeyto da Corte do Ceo; ſó quem negar a Chriſtandade, negarà a força deſte argumento. Bem a conheceo ha poucos annos neſta Cidade de Liſboa hum Fidalgo bem qualificado, & conhecido por valeroſo, que deſafiado por outro de iguaes qualidades, reſpondeo, que ſe preſava mais de Chriſtão, q̃ de valente: que elle coſtumava recolherſe pela meya noyte para ſua caſa, (que era apartada do mais povoado) que quem quizeſſe lhe poderia fallar no caminho, & dalli em diante por diſcurſo de hum mez ſe recolhia ſempre àquellas horas a cavallo ſem criado; paſſou a payxaõ ao outro, & ficou imitavel aquelle exemplo. Imberto Delfim de Viena recuſou o deſafio de Amadeu Conde de Saboya, reſpondendo, que ſe o valor dos Principes conſiſtia na força do corpo, ſeriaõ vencidos pelos touros; & ficou taõ louvado, como o deſafiante eſtava colerico. 27 Outro Fidalgo em Liſboa deſafiado em huma madrugada, reſpondeo, que para couſas de mais ſeu goſto naõ coſtumava levantarſe da cama taõ cedo. Muytos outros ſe eſcuſáraõ Chriſtãa, & galantemente, & ficàraõ acreditados de valeroſos, & entendidos. 28

27 *P. Zachar. de Lyſieux na Philoſoph. Chriſt. p. 1. c. 19.*

28 *Multa præclara ſcripta de duellis vide per Alciatum in tract. de ſingulari certamine, & in conſilio in materia duelli poſt illum tract.*

10 Muytos poem o valor na lingua; & tanto que David ouvio o muyto que o Gigante blazonava, logo pode inferir que o havia de vencer. Na guerra proxima que tivemos ſe notava, que os que fallavaõ menos, obravaõ melhor.

11 Outro

11 Outros querem parecer valentes offendendo à treyçaõ, ou acompanhados em as saltadas, & saõ avaliados atreyçoados, & fracos. Alguns ostentaõ forças corporaes como touros, sendo que o valor só consiste nas forças do espirito. 29

12 Assim cahem todos em descredito por onde buscavaõ honra. Se se empregassem na defensa natural, 30 no serviço da patria, 31 ou em outra justa causa, que por naõ se poder levar por razaõ, 32 necessitasse precisamente das armas, teriaõ nellas melhor successo, porque saõ piedosas a quem saõ necessarias. 33 Quem naõ busca as brigas, sabe bem dellas; a justiça he o meyo da vitoria: 34 seria seu valor verdadeyro: alcançariaõ por elle honra, & escusariaõ queyxaremse das calamidades, causadas só por suas desordens.

29 *D. Ambros. offic. l. 1. c. 36.*

30 *Como dissemos acima c. 21. n. 11.*

31 *Xenoph. de reb. gest. Graec. l. 2.* Beati quicumque pugnãtes pro patria.

Arist. Rhetor. l. 2. c. 2. Pugnare pro patria optima res.

32 *Terent. in Eun. act. 4. Scen. 7.* Omnia prius experiri, quàm armis sapientem decet.

Cassiodor. l. 3. Ep. 1. Tunc utile solum est ad arma concurrere, cùm locum apud adversarium justitia non potest invenire.

33 *Liv. dec. 1. l. 9 in princ.* Pia arma, quibus nulla, nisi in armis, relinquitur spes.

34 *Polib. l. 1.* Causæ æquitatem multum in bello valere compertum est.

Propertius Frangit, & attollit vires in milite causa.

Quæ nisi juncta subest, excutit arma pudor.

CAPITULO XXXIV.

Para o intento do Capitulo precedente, se poem outro exemplo nos que procuraõ altos postos, & se condena a ambiçaõ, & tyrannia.

1 NA idade varonil libraõ os homens a honra em alcançarem postos superiores, & he a todos como natural.

2 Aos mais illustres, por generosidade influida com o sangue 1 pelo exemplo dos progenitores, de que naõ querem bayxar, 2 qualquer fortuna os naõ desanima. 3 Saõ palmas que naõ cedem ao pezo; 4 antes os trabalhos os excitaõ a emprezas mayores. 5 A ElRey Poro vencido perguntou Alexandre, como se atrevèra a resistirlhe, devendo-o conhecer pela fama. E o vencido disse: *Responderey com a mesma liberdade com que perguntaste: tinhame por mais forte que todos, porque naõ havia experimentado minhas forças. O successo da guerra mostrou que tu o es mais; mas ainda naõ sou pouco feliz, sendote segundo.* Proseguio o vencedor: *E que te parece que agora farey de ti?* Poro regiamente: *Faze o que te ensina este dia, em que vez como saõ caducas as felicidades.* 6 Annibal, & Scipiaõ mendigos em casa del Rey Antioco, tratando de quaes foraõ os mayores Capitães, & dando-se a Annibal o terceyro lugar depois de Alexandre, & Pyrro, Scipiaõ, que o esperava, lhe disse rindo: *E que dirieis se me houvereis vencido?* Annibal respondeo: *Entaõ fora meu o primeyro lugar.* 7 Cesar ameaçava os piratas, que no mar o tinhaõ prisioneyro, dizendo-lhes que chegando a terra os faria enforcar; & quando queria dormir, os mandava callar, tratando como criados, os que podiaõ dispor delle, como senhores. 8 Dom Pelayo sugeyto aos Mouros que tinhaõ conquistado Hespanha, naõ sofreo afronta feyta a sua irmãa; levantouse,

1 *Horat. l. 4 Ode 4* Fortes creantur fortibus.

Multa pulchrè Cassiodor. var. l. 2. Ep. 15.

2 *Virg. Æneid. l. 12.* Et te animo repetentem exempla tuorum: Et pater Æneas; & avunculus excitet Hector.

Tobiæ 2. 18. Nolite ita loqui, quoniam filij sanctorum sumus. *Optimè apud Castellan. Lex 6. tit. 18. p. 2. ubi Greg. Lop. verbo verguença. & vide facetè Bart. in L. Ut vim. n. fin. de just. & jur.*

3 *Virg. l. 6.* Tu ne cede malis, sed contra audacior ito.

4 *Alciat. emblem. 36.* Nititur in pondus palma, & consurgit in altum.

Quo magis, & premitur, hoc mage tollit onus.

5 *Carol. Paschal. in axiom. polit.* Virorum fortium animi, non modò accepta insigni aliqua clade non remittuntur, aut infringuntur, quin potius ad maiora audenda incenduntur.

6 *Q. Curt. l. 8. de reb. Alex.*

7 *Plutarch. in Annibal post med.*

8 *Nota o P. Lysieux na philos. Christ. p. 2. c. 41. no princ.*

& se fez Rey. 9 Francisco I. Rey de França preso na batalha de Pavìa, recusou entregarse ao rebelde Borbon; & com voz imperiosa, estando cahido em terra mandou que chamassem Lanoy, a quem se entregou. 10 O Cid Ruì Dias atè depois de morto apunhou a espada contra o que se atreveo a pegarlhe na barba, & o fez cahir de medo. 11

9 *Marian. hist. de Hespanh. l. 7. cap. 1.*

10 *Illescas na hist. Pont. p. 2. l. 6. c. 26 da vida de Clement VII §. 3 ad fin.*

11 *Jul. de Castilho hist. dos Godos l. 4. discurs 4.*

3 Os de qualidade mediocre lá tem hum ascendente mayor, posto que remoto, do qual tomão algumas vezes mais que dos chegados, por razoens que os Filosofos, & Medicos apontaõ; 12 saõ como as aguas, symbolo da vida, 13 nascidas em montes, que posto que se achem em valles profundos, encanadas pela industria recobraõ força, & sóbem quanto descèraõ; ou como as arvores, a que o inverno derribou as folhas, mas conservaõ o vigor em huma só raiz, posto que as outras secassem. O espirito levantado com que Basilio Macedo, sendo pobre escudeyro que curava de cavallos, soube chegar a ser Emperador de Constantinopla, se póde attribuir à descendencia antiga que por hum lado tinha, dos Arsecides Reys dos Parthos; 14 & o illustre espirito de Marco Tullio Cicero à ascendencia paterna, posto que muyto remota, que tinha nos Reys Volscos. 15

12 *Apud Gaspar dos Reys Franco in Camp. Elys. jucundar. quæst. q. 44. à n. 25.*

13 *Eccles. 40. 11.*

14 *Flosc. hist. p. 2. c. 4.*

15 *Galarsa in Euang. Instit. l. 7. c. 8. prop. fin. versic. hoc tempore.*

4 Alguns de condiçaõ humilde faz a liberalidade da natureza generosos; estendem as azas fóra do ninho: dizem que lhes basta descenderem de Adam Rey de todo o mundo; querem parte do que elle teve, fazẽdo direyto da prerogativa perdida pelo peccado. Isicrates Atheniense, filho de hum çapateyro, venceo aos Lacedemonios: resistio ao famoso Thebano Epaminondas, & Artaxerxes Rey da Persia o escolheo por seu General contra os Egypcios. Eumenes filho de hum carreteyro foy taõ abalizado Capitaõ, ainda que pouco feliz, que mereceo que Plutarco, & outros graves Escritores historiassem seus successos. Arsases de pays naõ conhecidos, sacudindo o jugo de Alexandre, constituhio o Reyno dos Parthos taõ temido dos Romanos: & nos Reys seus descendentes ficou o renome de *Arsasides*, como nos Emperadores Romanos o de *Cesares*. Ptolomeo filho de hum pobre homem chamado Lago, succedeo ao mesmo Alexandre no Reyno de Egypto, & Syria, & se fez taõ excellente, que os Reys de Egypto, tambem delle se chamàraõ *Ptolomeos* largo tempo. Agatocles filho de hum Oleyro se fez Rey de Sicilia, & atemorizou os Carthaginenses. Em Hespanha o insigne Portuguez Viriato, filho de hum pastor, poz em duvida se Hespanha dominaria a Roma, ou Roma a Hespanha, como confessáraõ os mesmos Romanos. Deyxo o Lavrador Vvamba, que foy Rey illustre, porque sendo milagre, 16 naõ faz exemplo. Em tempos menos antigos Lamusio III. Rey dos Longobardos foy engeytado, filho de huma mulher vil. Primislao III. Rey de Bohemia, foy filho de hum Lavrador. Filho de outro foy Lucio Atendulo, Capitaõ famoso

16 *Britto Monarch. Lusit. p. 2. l. 6. c. 25.*

famoso, de Francisco Sforcia, cujos filhos, & descendentes foraõ Duques de Milaõ. O excellente Capitaõ Castrucho Astracano, Italiano de Luca, foy engeytado sem pays conhecidos. Entre os Romanos, ElRey Tarquino Prisco, foy filho de hum pobre estrangeyro de Corintho; Tullio Hostilio foy pastor; Servio Tullio filho de huma escrava; Terencio Varro, Consul, & Dictador, filho de hum carniceyro. O Consul Ventidio Veso havia sido recoveyro. O Dictador Lucio, Lavrador de Cayo Mario, Consul sete vezes, & que triunfou duas vezes, foy o pay Carpinteyro no lugar chamado Arpinas. O Imperio tiveraõ Gordiano, & Licinio filhos de Lavradores: Probo filho de hum Hortelaõ: Valentiniano filho de hum Cordoeyro: Maximino de Ferreyro; outros dizem de hum que fazia carros: Elio Pertinaz, & Diocleciano tiveraõ pays humildes, cujos officios se naõ sabiaõ: de Emiliano nem a patria se sabe: Vespasiano tambem teve nascimento bayxo: o pay de Bonoso, que tambem tocou o Imperio, fora Mestre de escola. Entre os Emperadores Gregos Marciano, & Anastasio foraõ de sangue ignobil; o mesmo dizem de Justino, & Justiniano primeyros destes nomes: o pay de Micael Calefates embreava navios; & outros muytos houve de pouca nobreza, que chegàraõ a Principados; entre os mais abalizados se deve contar a famosa Semiramis Rainha da Babylonia, que foy engeytada sem ter pay conhecido, filha de huma pobre mulher chamada Decreta. Naõ tratamos de Ecclesiasticos.

5 Limitar as esperanças, desanimarà a virtude, que cresce com ellas. Naõ he reprovavel aspirar a dignidades para servir a Deos; 17 louvavel he procurar honras, mas com fundamentos que as façaõ possiveis, & por bons meyos. Nisto se erra. Nectabano Rey do Egypto pedio a Lycero Rey de Babylonia Architectos que lhe fabricassem huma torre, que naõ tocasse na terra, nem no Ceo. O engenhoso Esopo, a quem Lycero communicou o negocio, creou quatro Aguias, ensinando-as a levantar nas unhas voando, cada huma sua esporta, & dentro della hum menino, & foy-se com isto a Nectabano, dizendo, que levava os Architectos que pedira. Sahio Nectabano a sinalar a paragem para a torre, & muyta gente para ver a maravilha. Esopo largou as Aguias com os meninos que levavaõ instrumentos de pedreyro, là de sima (como lhes tinha ensinado) gritàraõ que lhes levassem pedra, & cal; & Nectabano se deo por vencido. Historia, ou ficçaõ, 18 exemplo de hum ambicioso que deseja fabricar torres no ar; posto que comece, là lhe falta a materia, & cede à confusaõ.

6 Ainda para o possivel, degeneraõ os pertendentes em tam ambiciosos, que fazem ley necessaria de crescer, ou penar; a ambiçaõ os deshonra; 19 outros vicios affeaõ o interior, mas guardaõ segredo na afronta que fazem; a ambiçaõ gosta de a publicar, esforça-se a acçoens que a daõ a conhecer, & o nego-

17 *D. Paul. 1. ad Timoth. 3. 1.*

18 *Radenes in Martyr. 1. epigram. 6. Maximus Planudes in vita Æsopi.*

19 *Latè D. Bernard. Ep. 126.*

negociante faz de si vergonhoso espectaculo; segue as facçoens da Corte conforme prevalecem ; com todas se sustenta (o que he muyto facil a quem se resolve a naõ ter honra ; quem naõ quer navegar direyto, com qualquer vento pòde navegar) naõ sahe da porta dos que governaõ; se entra, he a lisongeallos; humilha-se aos criados para ser bem visto na casa: naõ falta nos acompanhamentos: nos passeyos se faz encontradiço: no Paço se chega obsequioso: celebra com riso fallo qualquer dito: nas ausencias falla reverente, naõ nomeando o lisongeado sem o titulo de senhor; & em todas as occasioens recebe injurias; já na entrada que se lhe nega; jà no mào rosto que acha; jà no respeyto que se lhe naõ guarda; jà na soberania com que o trataõ, jà na mà reposta que se lhe dà; & elle sempre a dissimular desprezos que naõ tem disfarce; a accommodarse com o humor do que busca; a adivinharlhe a vontade; a desejarse Proteo de seu gosto, & Cameleaõ de suas cores: affecta a mesma condiçaõ: em tempo que governavaõ Eunuchos, houve pertendentes que se castràraõ; & hoje ha taes, que fingem padecer os mesmos achaques para mostrarem sympatia.

7 Estas tyrannias executa a ambiçaõ nos lugares mais publicos, porque nelles se offerecem mais occasioens, & o ambicioso as naõ perde. Os circunstantes notaõ as palavras, advertem os gestos, estaõ penetrando o interior; & o lisongeado dá traça com que melhor se conheça, para que o vejaõ adorado. Huns dos que vem isto, zombaõ: outros murmuraõ: alguns se lastimaõ de verem taõ vil hum homem de qualidade; refere-se nas conversaçoens; & do mesmo a quem serve he aquella bayxeza desestimada. Nada do que dissemos he idèa; tudo vi muytas vezes.

8 Aonde està a honra que procurava este que se envileceo? querendo mandar a outros, disse Boecio, 20 se poz em estado de servir. Vi hum, & de grande casa, que respondia, que beyjava os pès, para que depois lhos beyjassem. Com vil mercancia perdia de contado por esperança incerta: deshonrarse, naõ he tratar de honra; serà tratar de interesse. E ordinariamente (como dizia hum illustre Cortesaõ) quem perde a honra pelo negocio, ambos perde; que honrados diziaõ a Alexandre os Embayxadores dos Scythas! *Nem podemos servir, nem desejamos mandar.* 21

9 Alguns passaõ a dadivas, & perdem tambem a fazenda; porque os grandes saõ mais avaros, que agradecidos. Estimaõ em mais o seu favor: & se naõ se dà muyto, cuydaõ que falta a vontade, & naõ a possibilidade: estranho genero de commercio! (nota Saõ Salviano 22) aos vendedores cresce a fazenda, & os compradores ficaõ miseraveis. Muytas vezes succede o que disse Tacito 23 fallando de Butridio, que semelhantes diligencias tiraõ o que se houvera de alcançar pelas vias ordinarias.

20 *Boet. de consolat. l. 3. pros. 8.* Dignitatibus fulgere velis? donanti supplicabis; & qui praeire caeteros honore cupis, poscenti humilitate, &c.

21 *Apud Q. Curt. hist. Alex. l. 7. post med.* Nec servire ulli possumus, nec imperare desideramus.

22 *Salvian. de vero judic. & provident. l. 5.* Inauditum hoc comercij genus est: venditoribus crescit facultas: emptoribus nil remanet nisi sola mendicitas.

23 *Tacit. annal. l. 3. ad fin.*

10 Mas demos que hum destes chega ao posto que pertendia, o qual se lhe deo, naõ por amor, mas por exemplo de que outros cortejem; leva a nota das vilezas com que o comprou, fica escravo do que lho vendeo, que se reputa Deos, para desfazer a sua feytura quando quizer; he vituperado dos censores, & quando se avalia respeytado pelo officio, he como o vil animal, que se gloriava nas adoraçoens que se faziaõ à Imagem da Deosa Isis que levava; 24 tal vez o privaõ, & fica sem posto, & sem honra: Isaìas o compàra bem às aranhas, que se desentranhaõ em urdir teas, que huma mosca rompe. 25

11 Se se houvera governado por razaõ, naõ deyxàra de se arrimar para subir; pois a natureza o ensina na hera, na vide, nos jasmins, & mosquetas, flores taõ benemeritas; mas arrimaõ-se bizarras, sem perderem os brios; procuràra agradar por boas partes, & por virtude: lembrara-se com modestia, pedira com decencia, mostrando-se pertendente, & naõ servo: se alcançasse, fora mais respeytado: se o privassem, naõ ficaria sem honra: se nada lhe dessem, mais credito seria perguntarse, porque lhe naõ deraõ, que perguntarse porque lhe deraõ. 26 Quem foge da ambiçaõ, acha a honra: a quantos homens desprezados olhaõ os bem entendidos com mais respeyto que aos entronizados? A quantos Religiosos sem lugar, com mais veneraçaõ que aos Prelados? Só para rusticos saõ as apparencias de comedias; só estes julgaõ pelas sombras; como aos que olhaõ para hum tanque cercado de arvores, parecem ellas cahidas de cabeça a bayxo; se olharem para a realidade, as veraõ em pè muyto direytas; o merecimento he a mayor dignidade, & a mayor estatua; as obras saõ eloquente lingua, & digna occupação da fama. 27 Germancio (a cujo respeyto o disse Tacito 28 depois de Cataõ) muyto mais honrado ficou merecendo o Imperio, que Caligula com o possuir. E Dolabella mais illustre que Blesso, por cuja causa Tiberio lhe negou triunfo.

12 Que diremos dos que por tyrannia sóbem a Thronos, cuydando que fazem gloriosa sua fama? que honra acquiriraõ? Só entre ignorantes. 29 Se he deshonra ser ladrão no pouco, furtar muyto como o naõ será? Como seràõ louvados pelo que saõ atormentados no inferno? por honrados os premiarà Deos? accusa o juizo divino quem os tem por benemeritos. Entre os entendidos, o usurpador só alcança infamia para a vida, & nome de tyranno para as historias. Scipião, esplendor das virtudes moraes, honra da felicidade bellica, com fortaleza de moço, & temperança de velho ganhou as Hespanhas, passou a Africa, conciliou Massinissa, rendeo a Syfas, venceo a Annibal, & como fez Carthago de Roma, pudèra fazer Roma sua; mas contentando-se com o renome de Africano, ficou subdito de sua patria; escolheo por patrimonio o servilla; dos inimigos que offendia era amado. Com isto deyxou melhor fama morrendo

24 *Alciat. in emblem. Non tibi, sed Religioni* Non es Deus, tu Aselle, sed Deum vehis.

25 *Isai. 59. 9.*

P. Fonseca, trat. do amor de Deos c. 37. paulò post med.

26 *Cato senior apud Plutarch. in apophthegm. & Plin. de vit. illust.* Malim ut de me quærant homines quamobrem Catoni non sit posita statua, quàm quare sit posita.

27 *Proverb. 31.* Laudent eam in portis opera ejus.

28 *Tacit. annal. l. 2. ante med. & l. 4. ante med.*

26 *Vide Q. Curt. hist. Alex. l. 7. post med. in orat. legat. Scytharum.*

rendo no deſterro, que Julio Ceſar morto no Senado. Eſte tyrannizando Roma, não alcançou o renome de *Magno*, que Pompeo conſervou defendendo-a, poſto que vencido. Os Caſtelhanos por lavarem a Coroa do labéo q̃ lhe poz Henrique II caſárão a Henrique III. com a neta de Dom Pedro Rey legitimo, ainda que cruel. Olivero Cromuel, que vimos tyranno da Gram Bretanha, por tyranno foy conhecido em vida, & em morte: Europa o reſpeytou por temor; ſe iſto he honra, os ſalteadores de eſtradas ſaõ muyto honrados. Huma rebelliaõ do povo o levantou, mas nem ſoube, nem pode conſervar aquella fortuna em ſua caſa; logo que elle morreo, cahio o filho. Ter hum applauſo geral por tempo breve, como em Roma os *Saturninos*, & Graccos, não he prova de merecimento, mas temeridade da fortuna. Só a ignorancia, & maldade gabará naquelle tyranno o animo com que uſou da occaſião; devendo antes aproveytarſe daquelle favor popular, & militar para acçaõ que o fizeſſe glorioſo; como depois ſe aproveytou Jorge Mgck, reſtituindo o legitimo Rey: Carlos II. vioſe com exercito arbitro de tres Reynos, & nenhum quiz; mais quiz dallos, que poſſuillos; ſugeytou o poder às leys, com mais gloria no obedecer, que no mandar. Feyto por ElRey Duque de Albemarle, com outras honras, illuſtrou para ſempre ſua deſcendencia; viveo grande, mas menor que os meritos; & morreo mayor, porque viveo ſem ambição; foy ſepultado entre os Reys, porque o não foy; logra para ſeculos o throno, que recuſou por annos. A morte o achou retirado no campo aonde deſprezava a Corte; fora o mais feliz, ſe morrèra na religiaõ Romana: os oſſos do tyranno foraõ queymados, condemnada ſua memoria, & he abominavel ſeu nome. Taes ſaõ os effeytos dos meyos porque ſe pertende a honra; & a ambiçaõ nem com exemplos tão multiplicados teme os fins dos que imita nos feytos. 30

30 *Cicer. Phil. 1. in princ.* Te mi- Antoni, quorum facta emitere eo- tum exitus non perhorreſcere.

CAPITULO XXXV.

Para o meſmo intento ſe moſtra como os que pertendem honra pela ſciencia, èrrando ordinariamente os meyos, ſe deſacreditaõ.

1 OUtros homens, & em todas as idades, poem a honra no ſaber, & com razaõ; porque como Salamaõ diſſe, 1 he a couſa mais precioſa, & nenhuma das que ſe deſejão ſe lhe pòde comparar, & aſſim offerecendo-lhe Deos o que elle quizeſſe, pedio ſabedoria, & o *Senhor* approvou ſua eleyção. 2 Por eſta parte ſe differenção tanto os homens huns dos outros, que houve quem diſſe, que hia mais de hum homem a outro

1 *Proverb. 3. n. 15. & 16.*

2 *3. Reg. 3.*

outro homem, que de hum homem a hum animal bruto; entendendo que vay mais de hum homem muyto ſabio a hum homem muyto neſcio, que de hum homem muyto neſcio a hum animal irracional daquelles que ſe pòdem chamar menos brutos; & aſſim diz Salamão ao neſcio, que aprenda ſabedoria da formiga. 3 Por iſſo diſſe o meſmo Salamão: *O neſcio ſervirà ao ſabio*: 4 *os ſabios poſſuirão gloria: a exaltação dos neſcios, he ignominia*; 5 *para ignominia naſceo o neſcio*; 6 & chamar a hum homem neſcio, diſſe Ariſtoteles, 7 he das mayores injurias que ſe lhe pòdem fazer. Mas em duas maneyras avalião os homens o ſaber; ou ſó pelo natural ſem eſtudo; ou por acquiſição do que eſtudou; & em ambas errão muytos o modo de moſtrar que ſabem.

2 Para oſtentação do bom juizo fallão muyto, atè nas Igrejas: rim alto; affectão dizer graças, que elles meſmos celebrão; & tudo iſto diz o Eſpirito Santo, & notàrão Sabios, 8 que antes he ſinal de neſcio. Alguns que ſe querem moſtrar politicos, ſempre diſcurſaõ ſobre o governo, que lhes não toca, pela mayor parte cenſurando; ſe ſe prezão de Poetas, ſem o ſerem muyto bons, ſaõ os que mais enfadão. O Romano Sylla deo muyto dinheyro a hum mào Poeta, porque o não cançaſſe; melhor o fez Alexandre, que matou a outro com fome. 9

4 Outros tomão caminho contrario. Fazem-ſe ſevèros, fallão em voz bayxa, poem (como ſe diz) o verbo no cabo, & eſcutão-ſe a ſi meſmos, notando, & deleytando-ſe, ſe foy o periodo bem ſoante. Raros ſaõ os que dão em ſempre callar; eſtes errão menos, conforme ao emblema de Alciato 10 aprendido de Salamão; 11 porèm iſto tem termo, porque tambem declarou o meſmo Salamão, 12 que ha tempo de callar, & tempo de fallar; callar demaſiado, tambem he neſcio; & aſſim encomendando hum pay a hum filho neſcio, que em hum banquete naõ fallaſſe, por não ſer conhecido, callou tanto, que os circunſtantes diſſerão entre ſi, que devia ſer neſcio, pois nada fallava; & ouvindo-o elle, celebra a Floreſta Heſpanhola 13 dizer: *Pay jà poſſo fallar, pois já me conhecèrão.*

4 O bom juizo ſe moſtra em fallar moderado a ſeu tempo: rir com modeſtia: 14 meter a galantaria na pratica como ao deſcuydo, quando ſe offerecer occaſião, ſem ſe affectar, & ſem a ſolemnizar, deyxando-a ao arbitrio dos ouvintes; 15 diſcurſar ſobre materias differentes ſem ſe applicar ſempre a hũa, 16 (porque a converſação ha de ſer varia) & menos as do governo publico, ſe lhe não toca por officio. Conciliar facilidade com gravidade. 17 Fallar compoſto, mas naturalmente, ſem artificio; 18 he peyor fallar affectado, que menos elegante.

5 Dos que tem ſciencia acquirida, muytos ſe deſacreditão por onde querem acreditarſe. Huns ſe enganão a ſi meſmos, cuydando que ſabem tudo; 19 devendo entender que ao que mais ſabe no mundo, falta por ſaber muyto mais, & nem

3 *Proverb.6.6.*

4 *Prov 11.29.* Qui ſtultus eſt, ſerviet ſapienti.

5 *Proverb.3.in fine* Gloriam ſapientes poſſidebunt: ſtultorum exaltatio, ignominia.

6 *Proverb 17 21.* Natus eſt ſtultus in ignominiam.

7 *Ariſt. apud Joan. Huarte de S. Joan. in exam. in Gen. c. 2. in princ.*

8 *Eccleſiaſt.10 num.14.* Stultus verba multiplicat.
Eccleſiaſt.21.23. Fatuus in riſu exaltat vocem ſuam.
Joan. Huarte ſuprà c. 10. poſt med. verſ. los gracioſos dezidores, & c.11. Senec. Ep.15. & 40. in l.2. & 5.

9 *Diſſemos no cap.26.n.14.*

10 *Alciat. l 1. emblem.3.*
Cum tacet, haud quicquam differt ſapientibus amens:
Stultitiæ eſt index linguaque, voxque ſuæ.

11 *Proverb.17.28* Stultus quoque ſi tacuerit, ſapiens reputabitur: & ſi compreſſerit labia ſua, intelligens.
Diximus in tract. Perfect. Doct. qualit.9 n.10.

12 *Eccleſiaſt. 3 7.* Tempus tacendi, & tempus loquendi.

13 *Floreſta Heſpanhola.*

14 *Eccleſiaſt.21. 23.* Vir autem ſapiens vix tacitè ridebit.

15 *Proverb 27.2.* Laudet te alienus, & non os tuum; extraneus, & non labia tua.

16 *Eccleſiaſt.3.1.* Omnia tempus habent

17 *Cleomenes apud Plutarch. apophthegm.*
Affabilis eo uſque dum contemptui non ſit.

18 *Senec ep 115.*

19 *Proverb 12 15.* Via ſtulti recta in oculis ejus.

nem o que sabe, acaba de saber perfeytamente, & como o deve saber; 20 por isso dizia aquelle grande Filosofo: *Só sey que nada sey*; & ainda que sayba muyto, ouvindo saberá mais, 21 estudando, & aprendendo de todos, 22 & em qualquer idade. Parece muyto bem (dizia Eschilo) hum velho que aprende, 23 porque a ignorancia he muy fea nos velhos, & he menos culpavel morrer aprendendo, que ignorando: assim respondia Socrates aos q̃ lhe taxavaõ procurar saber mais, tendo já muyta idade. 24 Marco Tullio no livro *de Senectute*, induz ao sabio Solon gloriando-se de que hia envelhecendo, & aprendendo cada dia. 25 O Jurisconsulto Pomponio protestava que era de setenta & oyto annos, & ainda que tivera hum pè na sepultura, naõ se envergonhara de aprender. 26 O grande Agostinho desejava que o ensinasse qualquer Bispo, & companheyro mancebo. S. Jeronymo conta de si como na velhice aprendia de outros; 27 & o eloquentissimo Padre Mendoça 28 o mostra mais louvavel aprendendo, que ensinando. Discretamente disse Seneca: 29 Muytos chegariaõ ao alto da sciencia, se naõ cuydassem que jà haviaõ chegado.

6 Outros tem por bayxeza seguir os caminhos trilhados, & opinioens communas, & faceis; cuydaõ que mostraõ mayor sciencia, & engenho, & que se fazem immortaes inculcando novas doutrinas, prezando-se de subtileza. A estes reprehendem asperamente os mais graves Doutores Joaõ de Nevisanio, & Francisco Duareno, (30 pondo exemplo em Barbacia) os qualificaõ *jactanciosos, temerarios, delirantes, fumosos, & que se ferem a si mesmos, porque levantaõ cousas que naõ sabem resolver.* Vivio 31 a semelhante subtileza dà titulo de *perniciosa*: Speculador 32 diz que *ella mesma se confunde: que voa ao Ceo sobre as pennas dos ventos, & logo se sumerge debayxo da terra no profundo dos abyssos*: huma glosa de Direyto civil 33 lhe chama *impossibilidade*; & hum texto, 34 *authorizada de erros.* Entende-se tudo isto dos que subtilizaõ com demasia, dando em extravagancias; que a subtileza regulada orna, resplandece, & illustra as sciencias; entre os Jurisconsultos, hum Africano, ou Papiniano; entre os Doutores Juristas hum Cumano Manoel da Costa, ou Antonio Fabro; entre os Medicos hum Avicena; entre os Theologos hum Joaõ Dunx Scoto, & outros engenhos levantados em todas as sciencias, & faculdades, que louvores naõ merecem? O Apostolo Saõ Paulo 35 deo a medida: Saber o que basta, naõ saber mais do que he necessario saber: deste modo soube o Jurisconsulto Labeo, do qual com louvor refere hum texto, 36 que engenhosamente innovou muytas cousas: & Bartolo, de quem por testemunho de outros Doutores, escreve Joaõ Fichardo, 37 que alcançou tanta reputaçaõ, porque sempre seguio opinioens que contentavaõ ao commum, & se deyxavaõ entender de todos. Entre os nimios em subtileza, saõ mais reprehensiveis alguns q̃ usaõ della nos pulpitos, arrastando

20 *D. Paul. 1. ad Corinth. 8. 2.* Siquis autem existimat scire aliquid, nondum cognovit quemadmodum oporteat eum scire.

21 *Prov. 1. 5.* Audiens sapiens, sapientior erit.

22 *Angel. in prœm. Inst. Jur. civ.* Siquis forte velit jurisconsultus haberi, Continuet studium, velit à quocumque doceri.

D. Thom epist. de modo acquir. scient. Non respicias à quo audias, sed quidquid boni dicatur, memoriæ recomenda.

23 *Eschil. relatus à Hieron. de Huert. in pref. ad probl. philosoph.*

24 *Socrat. relatus à Franc. de Grumendi in doct. Princ. c. 2.*

25 *Refert glos. margin. in L. Apud Julianum 20. ff. de fidei com. libert.*

26 *In d. L. Apud Julianum.* Etsi alterum pedem in tumulo haberem, non pigeret aliquid addiscere.

27 *D Aug ad Auxilium Episcop. ep. 75 relatus in C Sibabes 24. q. 3.* *D Hieron ep. 15 ad Pammach.*

28 *Mendoça in vir. id l 3. probl. 2.*

29 *Senec. de tranquillit. vit.* Multi ad culmen scientiæ pervenissent, nisi se jam pervenisse putassent. *Et vide eumdem ep. 75. aliàs 77. in l. 10.*

30 *Nevisan. sylv nupt. l. 5. n. 28. in fin.* *Franc Duaren. epist. de mod. stud. habetur in 1. tom tract. Doctor. juris.*

31 *Viv. de commun. opin. loco 7. de ult. vol. tit 4. c. 24. vers itaque. Habetur mihi in 3 tom comun. opin. fol. 41. pag. 1.*

32 *Specul. tit. de Advocat. §. Nunc. de exordijs, n. 21. v. subtilitas.*

33 *Glos. verbo, subtilitatem in L. Si mulier §. Ex asse ff de jure d 1.*

34 *L. Si servum 91. § Sequitur ff. de verb. obligat.*

35 *D. Paul ad Rom 12. 3.* Non plus sapere, quàm oportet sapere, sed sapere ad sobrietatem.

36 *L. 2. §. Post hunc ff. de orig. jur.*

37 *Pichard. in vitijs Jurisconsul. in vit. Bart.*

ſtando a conceytos vãos as Eſcrituras repugnantes, como diſſe São Jeronymo; 38 & com as fantaſias, em que buſcão credito, cahem no vituperio que o meſmo Santo nota nas palavras que jà referimos tocando eſta materia. 39

7 Alguns fazem profiſſaõ de reprovar, o que he mais facil que compor bem, como dizia Marcial a Leſio. 40 Imaginaõ que acreditão ſeu engenho, & fazem-ſe odioſos: Baldo ennevoou ſuas luzes com ſe dar a conhecer por oppoſto a Bartholo; 41 mancha mayor nos emulos de ſeus meſtres, como Ariſtoteles de Plataõ; dizem q̃ por caſtigo lhe negou a terra ſepultura, & morreo afogado nas aguas do Euripis. Ley dos Indios ſinalava com ferro por infame os ingratos a ſeus meſtres; & na Academia dos Gymnaſofiſtas ſe lhes punha outro ſinal de vituperio. 42 Não nego a obediencia à verdade; ſe ella obriga, ſe deve ſeguir; mas com fundamento que manifeſte deſejo de acertar, ſem animo de contradizer.

8 Taes ha, que inchados com a ſciencia, 43 uſaõ della para ſeu louvor, não para gloria de Deos, peccando onde devèrão emendarſe, como lamentava Santo Iſidoro. 44 Antes parece que não conhecem Deos, *feytos abominaveis em ſeus eſtudos*, como diſſe David. 45 Por ſemelhantes inconvenientes não queria o Serafico Franciſco que ſeus Frades eſtudaſſem. 46 Os que aſſim ſe levantão, ſe deſacreditão, porque (diz Plutarco 47) ſe moſtrão vaſios de letras, como na ſeára as eſpigas vaſias ſe vem levantadas, & ſó ſe humilhão as cheas de fruto. Os ſcientes para acquirirem honra, devèrão fazer o contrario do que ordinariamente coſtumão: conhecer que de ſi ſaõ nada, & tem de Deos qualquer couſa que ſaõ; 48 tanto ſerão mais, quanto ſe eſtimarem menos: 49 não conſiſte a honra na ſciencia, mas no modo de uſar della; 50 neſte modo ſe erra.

9 Finalmente a honra (diſſe Platão) *he dignidade acquirida pela virtude*; ſignificava-ſe em dous Templos de Roma edificados à virtude, & à honra, com tal artificio, que não ſe podia chegar ao da honra, ſenão pelo da virtude: nem ſe paſſava pelo da virtude, ſem hir parar no da honra. Santo Agoſtinho 51 refere do virtuoſo Catão, que quanto menos pertendia gloria, tanto mais ella o ſeguia. Outros caminhos tem inconvenientes que antes deſacreditão, como Boecio 52 particularmente os conſidera. E ha tão deſordenada ambição, que Heroſtrato por ficar afamado, queymou o templo de Diana em Epheſo, deſcobrindo-ſe para ſer condemnado à morte. 53 E hum Filoſofo deſejava que o mataſſe hum rayo, por não ſer vencido de menor homicida. 54

38 *D. Hieron. ep. ad Paulin.* Ad voluntatẽ ſuam Scripturam trahere repugnantem.

39 *Suprà c. 19. n. 5.*

40 *Martial. l. 1. epigram 92.* Cum tua non edas, carpis mea carmina Læli: Carpere vel noli noſtra, vel ede tua.

41 *Neviſ. ſup. d. n. 28.*

42 *Thom. Garçon na Synagoga de ignorantes. c. 9.*

43 *D. Paul. 1. ad Cor. 8. 1.* Scientia inflat.

44 *D. Iſid. l. 3. de ſum bon.* Plerãque accepta ſcientia literarum non ad Dei gloriam, ſed ad ſuam laudem utuntur dum de ipſa extolluntur, & ibi peccant, ubi peccata emendare debuerunt.

45 *Pſalm. 13. v. 1 & 2.* Dixit inſipiens in corde ſuo: Non eſt Deus. Corrupti ſunt, & abominabiles facti ſunt in ſtudijs ſuis.

46 *Fr. Marcos de Lisboa na Chron. dos Frades Menor. p. 1. l. 2. c. 22. & 23.*

47 *Plutarch. in moral.*

48 *D. Aug. ſup. Pſalm. 70.*

49 *D. Greg. l. 23. moral.* Tantò per illam (*ſcientiam*) robuſtius ſapit, quantum ſe infirmum in illa verius recognoſcit.

50 *D. Bern. ſup. Cant. ſerm. 36.* Non probat multum ſciẽtes, ſi modum ſciendi neſciverunt, fructum, & utilitatem ſcientiæ in modo ſciendi conſtituit.

51 *D. Aug. de Civ. Dei l. 5. c. 12. poſt med.*

52 *Boet. de conſol. l. 3. proſa 8.*

53 *Strab. l. 14. Valer. Max l. 8. c. 14. in fin.*

54 *Refere o P. Lyſieux na Philoſ. Chriſt. p. 1. cap. 8.*

CAPITULO XXXVI.

No desordenado amor da vida, se mostra cego o entendimento pelas miserias della.

1 PInta-se o amor com azas por sua inconstancia; só o da vida (discursa hum juizo grande) 1 he muyto firme: nasce com os homens: cresce com a idade: só morre na sepultura. He menor nos primeyros annos; depois, como arvore vay multiplicando raizes na terra, atè que o furacão da morte a arranca; ou como ribeyra, que ao nascer corre mansa, mas quando se ha de render ao mar, se faz impetuosa, soberba com as aguas que lhe entràraõ. Nos felices, & infelices he igual esta inclinação: tanto ama a vida o escravo, como o senhor: nas malmorras quer viver o miseravel carregado de ferros em escuridão.

2 Resoluta a vontade a este desejo, abraça todas as miserias que para elle pódem contribuir; porque ainda que o desejo preciso he só da vida, esse he inseparavel dos remedios que a pòdem conservar. Ha occasioens em que lhe he necessario cortar hum braço; paga a quem lho corta, & tal vez se queyxa porque naõ cortou mais: hum homem agradecerà cortarem-lhe ametade do corpo, só por ficar com a outra ametade; por sustentar huma parte com vida, enterrará as mais: se os inimigos entrão huma Cidade, os Cidadãos lhes dão seus thesouros, porque os não matem, privando a vida das riquezas que lhes seriaõ regalo; & nisto saõ amantes, (diz Santo Agostinho 2) pois não teriáo esta sua querida, se a não tivessem necessitada; chegão os homens a despojalla, porque viva do que lhe he necessario para viver; que repugnancia! Em huma tempestade, por aliviar o navio, se lanção ao mar os mantimentos, expondo-a a morrer de fome, que não he menos cruel que o naufragio; por fugir de hũa féra, ou de hum inimigo, se precipita o perseguido em hum rio sem saber nadar, & alli se afoga; muytos, porque os não matassem, se anticipárão a morte com veneno, & punhaladas; a tudo o homem se expoz no unico acto de amar a vida com desordem.

3 *Christo* Senhor nosso, accommodando sua doutrina a esta inclinação, quando encomendou as virtudes, prometteo outros premios; 3 mas quando ensinou a desprezar a vida, prometteo outra immortal, 4 & mostrou como se havia de alcançar. Na segunda parte o veremos. 5

4 E esta vida para quanto tempo a conservamos? Acima fica já dito 6 que he correyo de posta, nào veleyra, aguia veloz, fumo, sombra, nuvem, nevoa, & vapor.

5 Mas se lhe consideramos a duração, em que dura, senão em miserias? nascendo sahimos de huma prisaõ em que, como

1 *P. Lysieux na Philosoph. Christ. p.1.c.2.*

2 *D. Aug. ep. ad Armeni.* Isti amaram suam non haberent, nisi amando inopem reddidissent.

3 *Matth. 5. ex n. 3.*

4 *Joan. 12. 25.* Qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam æternam custodit eam. *Concordat ejusdem Matth. 16. 25. Marc. 8. 35. Luc. 9. 24. & 17. 33.*

5 *P. 2. cap. 52 & 53.*

6 *Sup. c. 10. n. 3. & vide 2. p. cap. 53. n. 8.*

como criminofos, ou anticipando fe o caftigo aos crimes, eftivemos nove mezes; fahimos chorando, naõ havendo lagrimas em algum outro animal: & fahimos como efcravos fugitivos que ainda naõ pòdem tirar os ferros, pois naõ podemos andar, como outros animaes logo andaõ.

6 Depois de nafcer, naõ atamos às féras; & o homem he logo atado com faxas de pès, & mãos, fem outra culpa mais, que de haver nafcido com os grilhões que derivamos de Adam, como diz Santo Agoftinho, 7 & defatàra *Chrifto*. Mal fe pòde julgar, dizia Plinio, 8 fe nos he a natureza mãy, ou madrafta, porque entre todos os animaes fó ao homem vefte do alheyo: aos mais deu varios generos de cuberturas: a concha, os cabellos, a lã, as penas, as efcamas, ate as arvores defende dos frios, & da quentura com cortiças, algumas vezes dobradas. He verdade que tudo o que nafce tem pequenos principios; mas entre todos os animaes, o do homem he o mais cativo. As abelhas tanto que voaõ, ajudaõ a fua Republica, mathematicamente faõ architectos das cafas em que fabricaõ o mel. As formigas em nafcendo, trabalhaõ na provifaõ de feu mantimento, envergonhando nóffa ociofidade; todos os mais de muyto pequenos trataõ do que lhes convem, ou correndo, ou voando, ou nadando, ou com força, ou com manha; atè os pequenos peyxes fabem fugir das aves de rapina que coftumaõ comellos: fó ao homem he neceffario que outrem dè o fuftento: o defenda dos perigos: difponha fuas acçoens, & enfine a andar, a fallar, & comer; nada fabe fazer, fenão chorar; como o homem fe chama *microcofmo*, que fignifica, pequeno mundo, he como o grande mundo na efcuridaõ de feu principio antes que Deos lhe déffe luz.

7 D. Aug. tract. 41. dec 8. in Joan. Nondum ambulant, & jam funt compediti: traxerũt enim de Adam quod folvatur á Chrifto.

8 Plin. in proœm. libr. 7. hift. natur.

7 Começamos a luz quafi de fete annos; & meftres nos começaõ a inftruir nos bons coftumes, a que a mà natureza repugna: diftillaõ-nos por gottas (porque a corrente nos naõ afogue) as artes, & fciencias, que nos enfadaõ; & depois de muytas defpezas, & trabalhos, nos fica della pouco, ou nada.

8 Adultos, cuydamos que já fomos fabios; defprezamos os confelhos; tomamos toda a liberdade; entregamonos ao appetite, fogo que abraza, torrente que alaga; & fó depois do precipicio conhecemos o mào caminho, em que deyxamos fó veftigios de pobreza, de doenças, & de arrependimento, que veyo tarde.

9 Na idade varonil fe imagina o homem livre dos perigos da adolefcencia; & he como os peyxes alados, que faltando para o ar por fugirem dos grandes que os perfeguem nas aguas, fe fazem prezas de paffaros que os eftaõ efperando. O gladiator Myrmillo fe queyxava em Roma de que fe celebravaõ poucas vezes os jogos de combate; mas fe advertira bem, vira que eftavaõ todos os homens em combate continuo. Nefta idade fobrevem os vayvens do mundo, que os antigos chamàraõ

fortuna. Quantos padeceo David, com ser Santo? & quantos padeceo *Christo* superior a tudo? já acclamado, já perseguido; huns lhe chamavaõ Profeta, outros endemoninhado; hum dia o recebèraõ como Rey, outro o crucificàraõ como amotinador. Ninguem teve tam temperada a viola da ventura, que se lhe naõ quebrasse alguma corda; aquelle parece mais venturoso, que começou mais tarde a ser mal afortunado: sobrevem o rigor do trabalho, o cuydado dos filhos, o ponto da honra, o desasossego da ambiçaõ, a carga da familia, & a falta da fazenda para acodir às obrigaçoens. 9 Os Ecclesiasticos, & Religiosos encerrados nas suas cellas padecem o mesmo no espirito. As redes do inimigo commum saõ como as das aranhas, que os naturaes dizem que saõ da cor do ar, para que as moscas, que procuraõ caçar, as naõ differencem delle: o zelo falso tem o mesmo fervor que o verdadeyro, ainda que naõ tenha o mesmo motivo; & os mete no labyrinto das eleyçoens: a ociosidade se cobre com a capa de oraçaõ: a caridade se engana indiscretamente metendo-se em negocios do mundo, atè nos da Corte, que o prudentissimo Patriarca Santo Ignacio de Loyolá na sua Regra santamente prohibio aos da sua sagrada Companhia. A vaidade arma emboscadas debayxo do pretexto de boa reputaçaõ: assim da medicina fazem doença, da santidade crime; donde nota o Religiosissimo Padre Lysieux, 10 que no mesmo tempo em que hum demasiadamente confiado em sua virtude, està de geolhos com as mãos levantadas, & os olhos em hum Santo Crucifixo rogando pelos peccadores, diz o demonio, que elle he o mayor, & necessita de que roguem por elle: saõ palavras deste grande Varaõ.

9 *Tratamos disto acima c. 20. n. 11.*

10 *Lysieux na Phil. Christ. p. 1. s. 25.*

10 Se chegamos à velhice, he fonte de penas, tormento de enfermidades, desfalecimento dos sentidos; David 11 lhe chamou trabalho, & dor; & Saõ Paulo 12 avaliou por já morto hũ velho em vida; que pòde haver aonde o comer he sem dentes, o ver com oculos, & ouvir com gritos, o andar com bordaõ, os membros fraquejaõ, o juizo vacilla, as remissoens crescem ao passo das obrigaçoens a que se devera acodir? o tempo que gasta as pedras, que não terá feyto em hum corpo tão debil? só restaõ delle as ruinas, que mostraõ qual foy aquelle amphiteatro, em que se representàraõ tantas comedias, & muytas mais tragedias. 13 Que digo? nem isto apparece; porque a pelle enrugada, os nervos encolhidos, os pès torcidos, as pernas fracas, as mãos tremulas, a cabeça inclinada, a voz mudada, os olhos ennevoados, os ouvidos surdos, o nariz humido, o animo cahido, a propẽsaõ ao somno imagem da morte, o temperamẽto já frio, & seco da natureza da terra, aquelle já ludibrio dos criados, & dos proprios filhos, naõ parecem do homẽ q̃ era de antes. E na verdade Filosofos, & Medicos disseraõ, & as Leys Civis o approvaõ, 14 que o calor interior sempre em acçaõ gasta o humor nativo, & em seu lugar se vay substituindo com o alimento,

11 *Psalm. 89. v. 10.*

12 *D. Paul ad Rom. 4. 19.* Nec consideravit corpus suum emortuum, cùm ferè esset centum annorum.

13 *D. Paul. 1. ad Cor. 7. 31.* Praeterit enim figura hujus mundi.

14 *L. Preponebatur 76 ff. de judicijs.*

outro

outro de differente ſubſtancia; & ſegundo iſſo duvidaremos ſe eſte corpo he o meſmo que naſceo de ſua mãy, como os meſmos Filoſofos duvidaõ ſe a náo dos Argonautas, que elles nas longas viagens forão reformando com novas madeyras até lhe naõ ficar alguma das antigas, ficou ſendo a meſma que em primeyro navegárão; & ſe hum rio que ſempre corre, he ſempre o meſmo rio.

11 As mulheres ſentem mais eſta mudança; ſe o tronco mais robuſto, ſe a muralha mais forte obedece ao tempo; que fará huma belleza delicada? Quanto mais ſe preza de mimoſa, tanto mais ſe ſugeyta. Aquella donde ſe copiou a roſa, em quem, primeyro que no Ceo, amanhecia o Sol, & que foy incentivo de incendios, já he agua q̃ os apaga; como as frechas de Achilles, que ſaravão as feridas que haviaõ feyto. A maſcara de confeyções, o artificio de fingimento não disfarção a verdade, mas occaſionão riſo; à cuſta de ſeu martyrio querem lavrar engano, & lavrão aviſo; 15 ſe apparecem veſtigios do paſſado, ſaõ epitafios do que morreo. Que triſte retrato pòde fazer hum Poeta em retorno dos floridos que ſe fizeraõ! ſe aquelles namoravaõ, eſte atemoriza; trocado o que mais deleyta, a purpura da boca ſe paſſou aos olhos: o preto dos olhos aos dentes: o creſpo dos cabellos às faces: o marfim da teſta inficionou os cabellos; nem por idade he venerada, devendo-ſe veneração à velhice. Por iſſo aquella Romana, de que jà fizemos menção, mais queria ſer comida de féras, que chegar à velhice: todas ſe queyxaõ do eſpelho, & Berenice queria prevenirſe com deyxar lamber o roſto por hum Leaõ. 16

15 *D. Hieronym. Cancer.*
Su fealdad creſce afeytada,
Que a coſta de ſu martyrio
Quiere labrar el engaño,
Y ſiempre labra el aviſo,

16 *Suprà c. 35. n. 3.*

12 A nenhuma idade, a nenhum eſtado, ou ſexo perdoa miſerias a condiçaõ humana; ſe alguem as não viſſe, ſeria como hum que caminhou largo eſpaço a cavallo por ſima de hum rio congelado, cuydando que era campo cuberto de neve; & outro que de noyte paſſou hum rio por ſima de huma ponte arruinada, acertando acaſo por onde havia de pòr os pès; & vendo pela manhã o perigo de que eſcapára, morreo de medo; quem o não terà de vida tão perigoſa, & miſeravel?

13 O meſmo he viver, que ſer miſeravel; parece que a natureza deyxa viver os mortaes para que mais padeçaõ; como o tyranno, a quem hum que elle atormentava lentamente, mandou pedir que o mataſſe; reſpondeo, que iſſo fazia aos amigos: que ſofreſſe, & como lhe paſſaſſe a colera, faria aquella mercè. Por iſſo no famoſo templo de Denia em Heſpanha, edificado pelos de Tyro, eſtava depoſitada peçonha para os que quizeſſem matarſe por cauſas approvadas por Juizes, que havia para examinarem ſe eraõ juſtas; & entre eſtas erão doença importuna, & vida larga; 17 coſtume que tambem havia em outras partes; porque lemos que huma illuſtre mulher da Ilha de Cóos uſou delle, matando-ſe cõ veneno, preſente Pompeyo, alcançada licença dos Juizes: Starcathero

17 *Jul. de Caſtilho hiſt. dos God. l. 2. diſcurſ. 2.*

Rey de Dinamarca, vendo-se chegado à velhice, & temendo os achaques della, se quiz anticipar à morte, & deu hum collar de ouro, que pezava cento & vinte libras, a hum chamado Hatero, porque lhe cortasse a cabeça, que offereceo com desesperada resolução. Esta causa dá hũ grave Author 18 a aquella acção barbara, posto que outros 19 referem, que foy arrependimento de haver morto hum filho do mesmo Hatero. Plinio 20 barbaramente considerou nos homens hum bem que faltava a Deos, & era poderem-se matar, para evitarem as penalidades da vida.

14 Finalmente o bem que imaginamos nosso, he emprestado por brevissimo tempo; só possuimos nosso o que imaginamos que não temos; no principio da vida cegueyra, no progresso trabalhos, no fim dores, & sempre erros. Ou, como lamentava Solon, 21 podridão no nascimento, vento na duração, manjar de bichos no fim. Que dia temos que não seja penoso? Qual nos foy tão alegre que não pagasse pensão? antes cada dia nos traz pensoens novas. 22 Pudera a Escritura santa contar os dias da manhãa atè a noyte; mas conta da vespera atè a manhãa; 23 porque não temos dia que não participe de trevas. Sofronio conta na historia dos Padres do Ermo, que hum Ermitão moderno se queyxou ao Santo Abbade Theodoro Firme, de que não tinha achado hum dia de descanço; & o santo velho respondeo: Se eu o não tenho achado em mais de setenta annos, como querias tu achallo em tão poucos? Como não ha homem que seja immortal, o não ha que não seja triste em quanto vive, diz S. João Chrysostomo. 24 E Seneca nota, que não ha, nem houve no mundo casa sem prantos. 25 Temos guerra perpetua com a fortuna, em que só a virtude nos pudera dar vitoria; mas fracos, & desarmados pelejamos com ella em desigual partido, & somos vencidos facilmente; zomba de nòs, parecemos-lhe capazes de fazer de nòs jogo; animaes de vida breve, & cuydados infinitos, que sem sabermos tomar porto, nem conselho, a nossa resolução he estar pendentes; & alèm do mal presente, sentir dor do passado, & temor do futuro; temor que he mais pezado que a morte 26 Caim, & Elias por não temerem desejavão morrer. 27 Somos exemplo da fraqueza, despojo do tempo, imagem da inconstancia, balança das calamidades, pelotas da fortuna; o calor nos abraza, o frio nos gela; deytados desejamos levantarnos, levantados queremos deytarnos: o ocio nos faz molles, o exercicio fracos: huma hora buscamos o que em outra fugimos; recusamos o que temos, anhelamos ao que não temos; nossa mesma vontade nos atormenta. Esta guerra interior que padecemos, ou esta insania, dizia Democrito, que lhe causava o riso continuo; quem dirà que tal vida he viver? como Salviano dizia dos Romanos abatidos. 28 Bem disse Cesar a hum que lhe pedia a morte: *E tu cuydas que vives?* 29 Chegou a dizer Seneca,

18 *P. Lysieux suprà 2. p. ad fin.*

19 *Saxo l. 8.*

20 *Plin. l. 2. c. 7. in fin.*

21 *Solon apud Stob. serm. 96.*

22 *Senec. tragic. in Troad.* Nulla dies mœrore caret: sed nova fletus causa ministrat.

23 *Gen. 1. 5.* Factumque est vespere, & mane dies unus. *Et infrà sæpius.*

24 *D. Chrysost. ad pop. Antioch. hom. 67.*

25 *Senec. de consolat. ad Polyb. c. 32.* Nulla domus in toto orbe terrarum aut est, aut fuit sine comploratione. *D. Bern serm. de obedient. patient. & sap. in princip.* Est qui declinat aliquos, sed incidit proculdubio in graviores.

26 *D. Petr. Chrysol. serm. 147. in princ.* Pavore mors ipsa levior.

27 *Gen. 4. 14.* *3 Reg. 19. 4.*

28 *Salvian. de vero judic. & provid. l. 6.* Vivere nos post ista credimus, quibus vita sic constet.

29 *Refert Sen. ep. 78 ad fin.*

30 *Senec ep. 61.* Nil melius æterna lex fecit, quàm quod unum introitum nobis ad vitam dedit, exitus multos.

Seneca, 30 que foy a melhor obra da natureza darnos huma só entrada para a vida, & muytos caminhos para sahir della: que mayor bem, que ter muytas portas para sahir deste carcere? Carcere he o mundo; por isso Tertulliano 31 consolava os Martyres prezos, dizendolhes, que estando fóra delle, haviaõ sahido da prizaõ.

15 Supposto o referido, que experimentamos, para que amamos tanto a vida? porque naõ havemos sempre de chorar? Quintiliano 32 faz mençaõ de naçoens que choravaõ aos que nasciaõ, & festejavaõ os mortos: que causa temos para rir? Os bens que foraõ, jà naõ saõ; os futuros ainda naõ chegáraõ, & saõ incertos; os presentes vaõ fugindo: tudo he inconstancia, & ruina proxima. A ignorancia nos levou os primeyros annos: os vicios nos levaõ a adolescencia: os trabalhos a idade varonil: as doenças a velhice: com lagrimas copiosas se devèra marcar este caminho para a sepultura; & nòs o celebramos com festas: *Comamos, & bebamos, alegremonos por todos os modos*, (dizem os homens, como refere Isaias, & Salamaõ 33) *porque à manhã morreremos*: ha mayor ignorancia? se dissèraõ, *Porque havemos de viver cem mil annos*, teriaõ alguma razaõ; mas alegrarse (sem ser Santo) havendo de morrer à manhã, he mais que cegueyra.

31 *Tertullian ad Martyres.* Segregati estis à mundo, si enim res cogitemus ipsum, magis mundum carcerem esse, exijsse vos de carcere, quàm in carcerem introisse intelligemus.

32 *Quintilian. l. 5 c. 11. refert Calepin. in dict. verbo, Fletus.*

33 *Isai. 22. 13. Sap. 2. 8.*

CAPITULO XXXVII.

Os homens se enganaõ em quererem suavizar a vida com passatempos; poem-se primeyro exemplo no jogo.

1 Piedosamente nos alojou Deos em taõ má casa, porque desejassemos sahir della como inficionada, para a que nos tem preparada no Ceo; 1 mas com ignorancia buscamos pretextos para a naõ aborrecermos, querendo com alivios suavizar a vida.

2 Licito he, sendo honestos, & taes que verdadeyramente aliviem; porque temperar o trabalho he louvavel, como acima dissemos. 2 Nosso erro está em os affectar com demasia, que antes arruina; como às hervas afoga a agua demasiada, que as crearia sendo com moderaçaõ. Os que imaginamos remedios, penalizaõ mais, & ainda usados sem excesso naõ saõ mais que bordaõ.

3 Ao jogo, com que muytos se querem divertir, chamou Aristoteles 3 medicina das molestias; neste sentido o louva; 14 mas nota que ha differença entre trabalhar com muyto estudo, & cuydado por jugar; ou jugar para poder trabalhar; isto diz que he louvavel; o outro que he de nescio. 5 A natureza, disse Tullio, 6 naõ nos fez para jogos; mas para cousas graves. Esta materia pede medida.

1 *P. Lysieux na Phil. Christ p. 1. c. 27. no princ.*

2 *Suprà cap. 9 ex n. 4.*

3 *Arist. de Rep l 8. cap. 5.*

4 *Idem polit. l. 8. c. 3. & Ethic. l. 4 cap. 8.*

5 *Idem Ethic. 10. cap. 6.* Multum studij, curæque ponere, & laborem ferre ut ludas, stultum quiddam, & puerile est, ut serias res agere possis, Anacharsidis sententia est.

6 *Tul. 2. offic.* Non ita à natura generati sumus, ut ad ludum, & jocum facti esse videamur, sed ad veritatem potius, & quædam studia graviora, atque maiora.

4 Quem

4 Quem nunca joga, he ruſtico: quem ſempre joga, he vil: quem joga algumas vezes, he urbano. 7

5 O primeyro he ruſtico, porque tal vez falta à conſervaçaõ, & à recreaçaõ que ſerve ao deſcanço, o qual ſe encaminha a renovar o trabalho; & aſſim negar o jogo, he tirar as forças pará trabalhar.

6 O ſegundo he vil, porque joga como por officio: abateſe a jugar com o mais vil, & ſofrello: he comediante dos miroens: homem publico para entreter ocioſos: & á cuſta de honra, & fazenda ſuſtenta, & alimenta neſciamente a caſa de tabolagem. O que mais ſerve a noſſo intento he dizer o Filoſofo, que os taes trabalhaõ por jugar; & accreſcenta, que com muyto eſtudo, & cuydado. Trabalhaõ, eſtudaõ, & cuydaõ donde lhes virà o dinheyro: jogaõ com a mayor applicaçaõ dos ſentidos: a má ſorte lhes he hũa lançada no coraçaõ: a boa ſorte he muyto càra no ſuſtento; com que triſteza ſe recolhe o perdido: com que ancia deſeja provar outra vez fortuna! entre ſonhos ſe lhe repreſentaõ as mãos que perdeo: & naõ tem pouco trabalho em fingir que naõ ſente. Alguns diſſimulaõ mais: & penariaõ menos ſe deſabafaſſem; o certo he que todos o ſentem muyto, & o moſtra o deſejo de ſe forrarem, porque ſer jugador naſce de ſer cobiçoſo, & a cobiça he muyto parenta da avareza; & aſſim aos mayores jugadores poem Ariſtoteles 8 entre os avarentos; & de ordinario vemos que o ſaõ em gaſtar, como o mercador arriſca no mar muyta fazẽda pela eſperança do lucro, & he muyto parco em ſua caſa. Em que ſe melhorão, ou alivião eſtes miſeraveis? antes penaõ mais, & offendem a ſaude: o ſangue do que eſtà jugando, poſto que ganhe, eſtá como o de hum touro no corro, poſto que victorioſo em ferir hum cavallo: ſeria veneno ſe lho tiraſſem; prejudica-ſe com as vigias das noytes, expoemſe a perigos de contendas pezadas; quantos vimos mortos por eſta cauſa? alguns vimos tambem que adoecèraõ, & morrèrão de pezar da perda que não podiáo pagar.

7 Só quem joga algumas vezes, & moderado, he urbano, & ſabe aliviarſe; aſſim lemos 9 que jugárão Socrates, Catão, Scevola Juriſconſulto, & o Evangeliſta Saõ Joaõ, que baſta por muytos exemplos. Porèm ainda niſto he de advertir que ha tres eſpecies de jogo.

8 Huns pendem ſó da fortuna, & ſaõ os que chamaõ *de parar*, & differão os ſabios que os homens entendidos nunca devem jugar a eſtes; porque he grande ignorancia entregarſe à juriſdiçaõ da fortuna. 10 Nos dados ſe ajunta outra razão de ſer jogo contra os bons coſtumes, & torpe, & aſſim a quem os joga reputão os Doutores por infame. 11

9 Outros ha muytos, em que obra a fortuna, & juntamente a pericia, & induſtria; como os de cartas, que naõ ſaõ de parar, & as tabolas; ou a ligeyreza, & forças corporaes, como a pèla, & outros ſemelhantes. Só neſtes, uſados algumas vezes ſem

7 *Ita Steph. Coſta in tract. de Ludo §.1 n 3. & 4.*

8 *Ariſtot. Ethic. l.4 c.3.*

9 *Apud Steph. Coſta ſup & Pariſ. de Puteo tract. de Ludo n.8.*

10 *Pariſ. de Puteo ſup. n.11.* Quia ſtultum eſt committere ſe viribus fortunæ.

11 *Idem Puteus ſup. verſ. ludus bonoris n 9. & verſ. ludus eſt n. 12.*

ſem continuação, & com preço moderado, dizem que ſe pratìca a urbanidade, & pòde haver honeſto alivio; & deſte uſaõ os homens menos.

10 A terceyra eſpecie conſiſte ſó no ſaber, como o Xadrez. 12 Eſte ſe deve entender, por ſe ter noticia de tudo, & ſaberſe jugar, porém ſó mediocremente, pelo que logo diremos. Mas por tres razoens ſe naõ deve uſar Primeyra, porque leva muyto tempo: ſegunda, porque diſtrahe o juizo; & aſſim os Authores o prohibem aos eſtudantes, & Eccleſiaſticos, pelos naõ diſtrahir do eſtudo, & couſas do eſpirito. 13 Terceyra, porque eſte jogo, dizem os Filoſofos, & Medicos, que pertence à imaginativa; a qual por melhor conſiſtir em mais calor, he contraria ao bom entendimento; por quanto eſte neceſſita de que o cerebro eſteja compoſto de partes ſubtis, & muy delicadas, como diz Galeno; 14 & o muyto calor da imaginativa gaſta, & conſume o mais delicado, & deyxa o groſſo, & terreſtre; donde infere o douriſſimo João Huarte de São João no celebre tratado de Exame de engenhos: 15 *El juego de el Axedrez es una de las coſas que màs deſcubren la imaginativa: por donde el que alcançare delicadas tretas, y diez, ò doze lances juntos en el tablero, corre peligro en las ſciencias que pertenecen al entendimiento, y memoria*: ſaõ palavras ſuas: accreſcenta: *Si no es que haze junta de dos ò tres potencias*; mas havia dito 16 que tal junta ſe naõ acha, ſenaõ por maravilha. Segue-ſe logo, que o jugador mediocre he de juizo mais perfeyto por ter imaginativa baſtante, & ſem tanto calor que offenda o entendimento; & quanto o jugador for melhor, tanto he menos entendido; pelo que nos devemos abſter deſte jogo, porque ſempre ſe vay perder nelle, pois quem ganha, ſe moſtra de entendimento inferior, & quem perde, dà preſumpçaõ de mais entendido ao que o naõ he; ſendo nella taõ loucos os jugadores do Xadrez, que hum chamado Cayo, ou Lanio Julio, eſtando jugando quando o levavaõ para a morte a que eſtava condenado, tomou teſtemunhas de como tinha melhor jogo, porque o outro naõ diſſeſſe que o tinha vencido; 17 & dar ao mais neſcio preſumpçaõ de mais ſabio, he couſa de que ſe deve fugir, ſalvo for por humildade ſanta; cuydo que para exercicio della ſe permitte eſte jogo dentro de alguns Conventos Religioſos, & naõ alcanço outra cauſa.

12 *Stephan. Coſt. ſup. art. 2. n. 23.*

13 *Puteus ſup. ante n. 12. Cacialupus de ludo n. 27. Diximus in tract. Perfect. Doct. qualit. 9. n. 2. verſ. quæſtio*

14 *Gal. L. art. med. c. 12. Joaõ Huarte no Exame de engenhos c. 8. ad fin. verſ. del calor.*

15 *Huarte ſup. c. 10. poſt med. v. del juego.*

16 *Idem Huarte d. c. 8. ad fin. v. del calor.*

17 *Refere Seneca, Franc. de Fu. enſalada no trat. Soſſego da alma, cap. 1.*

CAPITULO XXXVIII.

Segundo exemplo, que a caça naõ he alivio, antes trabalho, & prejudicial à vida.

1 SEmelhante engano ao do capitulo paſſado padecem os homens que ſe querem aliviar com a caça.

2 He verdade que he exercicio approvado nos moços 1 por

1 *Plat. de leg. dial. 7. in fin.*

por algumas razoens. Primeyra, porque usando de espias, ciladas, corridas, & chegadas encubertas, he semelhança, & escola da guerra. Os antigos disseraõ, que nella se haviaõ creado Achilles, Ulysses, Diomedes, & outros heroes, & que por isto Cicero Rey dos Persas fazia crear nella todos os nobres. 2 De Mitridates Rey de Ponto, do valeroso Portuguez Viriato, 3 & de outros Capitaens famosos se lê, que tiveraõ o mesmo exercicio: & David para persuadir a Saul, que venceria o Gigante, lhe disse, que por suas mãos tinha morto muytas feras. 4 O que procede na que se faz de dia com trabalho, & forças; & naõ na de noyte, ou com redes, & laços, como advertio Plataõ antes prohibio esta. 5

2 *Xenophon in Cyroped. l. 8.*

3 *Plin. de vir. illust. Luc. Flor. l. 2. c. 17.*

4 *1. Reg. 17. 34.*

5 *Plat. suprà.*

3 Segunda, que faz os homens robustos para qualquer trabalho. A Escritura sagrada 6 referindo que Nemrod era robusto, refere juntamente que era caçador; & em Cadmo, Teseo, & Hercules notàraõ o mesmo as letras humanas.

6 *Gen. 10. 9.* Erat robustus venator.

4 Terceyra, porque ajuda a castidade; por isso os Poetas faziaõ caçadora a casta Diana; & Seneca tragico 7 introduz a Hippolyto caçador desprezar a desordenada affeyçaõ de Phedra; & Ovidio 8 poz a caça entre os remedios do amor.

7 *Senec. Tragic. in Hip.*

8 *Ovid. de remed. amor. l. 1.*

5 O erudito, curioso, & naõ menos virtuoso Manoel Severim de Faria, 9 em hum discurso que fez deste exercicio, louva nos caçadores a industria de domesticarem, & ensinarem naõ só os caens, mas tambem algumas feras, & aves de rapina, a servirem ao homem neste ministerio, caçando para elle, & trazendolhe à maõ a preza. E adverte que tambem lhes devemos as noticias muyto uteis da natureza dos animaes, que dos caçadores alcançou Aristoteles para as escrever por mandado de Alexandre.

9 *Manoel Severim de Faria nos discurs. polit. discurs. do exercicio da caça.*

6 Mas tudo isto se alcança com mais trabalho que gosto. A recreaçaõ da caça he para Principes que tem coutadas aonde ha muyta: tem Monteyros que a vaõ emprazar para se achar facilmente; & muytos, & bons caçadores a que ella naõ escapa. Para os particulares naõ he a caça grossa, que corre muyta terra, & saõ necessarios muytos que acavallo a cerquem, & sigaõ; ainda na miuda se desgostaõ muytas vezes, tomando pouco, ou nada, de que culpaõ varios accidentes: que sahio tarde, que havia muyto orvalho, que fazia vento, que os caens perdèraõ o faro, que a caça andava levantada, que a espingarda, ou polvora naõ era boa, que a terra era muyto cuberta; com que escolheriaõ naõ haverem sahido de casa.

7 Em caso que succeda com gosto, mais custa do que val: tem a molestia de curar dos açores, & outros passaros: de sofrer caens com seu mào cheyro: de regalar os galgos atè com boa cama, & muytas vezes os mete o caçador na sua: a incommodidade de madrugar: cançasso de correr legoas: a pena de padecer as inclemencias do tempo: descuyda os homens do que mais lhes importa, como succedia a D. Favila Rey das Asturias,

10 &

10 & ſuccedêra a Dom Affonſo IV. noſſo Rey de Portugal, ſe não fora advertido por ſeus conſelheyros, 11 eſquece-os da familia, & proprias mulheres, como diſſe Horacio; 12 & os faz agreſtes, como notárão Seneca Tragico, Claudiano, & o noſſo Camoens. 13 ElRey Mithridates chegou a não viver ſete annos debayxo de telhado; 14 donde veyo Petrarca a notallos no credito, chamando-lhes ineptos para o politico, & amigos de tratar com féras, por lhes ſerem ſemelhantes; 15 pelo menos pouco credito ſe lhes dá nos ſucceſſos que referem, porque coſtumão ſer largos nelles. Horacio 16 faz menção de hum chamado Gargilio, que comprava javalis, & os levava pela praça mortos ſobre hum mulo, porque ſe cuydaſſe que elle os matàra. Finalmente em Acteon comido dos ſeus caens, allegorizàraõ os Poetas, que com o ſuſtento dos caens, aves, caçadores, & outros gaſtos das caçadas ſe conſome a fazenda; & foy a fabula originada de verdade, como eſcrevem os Commentadores, & com outras razoens prova os meſmos inconvenientes o muyto curioſo Doutor Solorzano em hũ dos ſeus emblemas.

8 He tambem a caça prejudicial à ſaude; porque ainda que Medicos antigos 18 a approvàrão pelos bens do exercicio, he muyto violento para as compreyçoens de hoje; a muytos cança, attenùa atè morrerem; outros adoecem com as calmas, frios, & chuvas: o que ſe come no monte, ou he frio, ou fóra das horas a que a natureza eſtá habituada: ſe ſe não come, ſe ſatisfaz depois a fome com demaſiada carga para o eſtomago; tudo iſto cauſa cruezas, como os meſmos Medicos conſiderão tratando os damnos que faz a caça. 19 A iſto ſe ajuntão os perigos em que morrêrão muytos; deyxo o que os Poetas allegorizàrão em Adonis morto por hum javali. Nas hiſtorias de Heſpanha nos he exemplo ElRey D. Favila; 20 a que puderamos ajuntar noſſo Rey D. Dinis morto por hum Urſo junto a Beja, ſe milagroſamente o não ſoccorrêra Saõ Luis Biſpo de Toloſa; 21 & o illuſtre Cavalleyro Dom Fuas Roupinho deſpenhado no mar, ſe a *Virgem* Mãy de Deos o não livràra; 22 depois accreſcêraõ os das eſpingardas, que arrebentão cada dia.

9 De tudo ſe deyxa ver, que ſeria goſtoſa, & util à vida a caça em que não houveſſe as moleſtias, & inconvenientes que apontamos, o que he quaſi impoſſivel, & ſendo exercitada poucas vezes, & por horas que não cheguem a cançar demaſiado; & de qualquer modo ſó convem à idade juvenil, como poem por regra Xenophonte; 23 & neſſa idade diz elle, 24 que a exercitava Cyro, a quem procurou fazer exemplar de perfeyto Principe. E aſſim Virgilio, que não uſou de palavra ſem grande advertencia, quando referio a caçada com que Dido quiz feſtejar a Eneas, declarou que a ella hiaõ os mancebos eſcolhidos. 25 Com eſtas qualidades louva Santo Thomás 26 o exercicio da caça; em outra maneyra (que he a que ordinaria-

10 *Marian.hiſt.de Heſp.l.7 c.3. ad fin.*
11 *Duart.Nunes na chron.de D. Affonſo IV.*
12 *Horat.l.3.ode 1.*
Venator teneræ cõjugis immemor:
13 *Senec Tragic.ſuprà.*
Truculentus & ſylveſter, & vitæ inſcius de certa cælis.
Claudian.in præfat.ad panegyr.n.6. conſul Honorij.
Mens tamen ad ſylvas, & ſua luſtra redit.
Camoens Luſiad.cant 9 eſt. 26.
Que por ſeguir hum feyo animal fero,
Foge da gente, & bella forma humana.
14 *Raviſ.Text.in offic. p. 1. tit. venatores*
15 *Petrarch.de proſp.fort.dial. 31.*
16 *Horat.l.1.Epiſt.*
17 *Ovid.Metam.l.3. & ibi comment.Viana n.8.*
Solorzano emblema 33.ex n.8.
18 *Mercurial.in gymnaſt. l.3.c. 15.*
19 *Idem Mercurial.ſup.l.6.c.23.*
20 *Mariana ſup.l.7.c 3. ad fin.*
Britto Monarch Luſit.p.2.l. 7. c. 7. poſt princ.
21 *Fr. Franc. Brandaõ na Monarch Luſit.p.5.l.17 c.21.*
22 *Britto ſup.p.2.l.7.c.4.*
23 *Xenophon. de venat. c. 2. de perſona venator.*
24 *Idem Xenophon. in pæd. Cyri l.1.*
25 *Virg.Æneid.l.4.*
It portis, jubare exorto, delecta juventus.
26 *D.Thom.opuſc.2.l.2 c.6.*

nariamente se usa) a prohibem as Leys Canonicas aos Clerigos; 27 & em todos avalia o excellente juizo de Francisco Petrarca por ignorancia, querer com ella passar o tempo, ou deleytarse, 28 qualquer gosto que dá he apreço excessivo; as minas de ouro se queyxão, se gastão mais do que rendem; & assim se enganão os homens, que procurão aliviar com a caça as molestias da vida.

27 *In decretal tit. de clerico venatore.*

28 *Petrarch d dial.* 31. Si ex hoc voluptatem quamdam, seu solùm temporis fugam quærunt, utcumque stulti vou compotes fortè evaserint.

CAPITULO XXXIX.

Como os homens que procurão regalar a vida com comer, a destroem. Trata se dos excessos, & damnos da gula, & da utilidade da temperança.

1 HA homens que poem o regalo da vida no comer; huns pela quantidade, outros pela qualidade dos manjares.

2 Na quantidade ha exemplos 1 que parecem incriveis. Clodio comeo em huma cea quinhentos figos, cem pessegos, dez meloens, vinte arrateis de uvas, cem tordos, & quarenta ostras. Milon Crotoniense comeo de huma vez hum touro de quatro annos. Hum Atleta chamado Theogenes, tambem de huma vez comia hum touro. Phago na mesa do Emperador Aureliano comeo hum javali, hum carneyro, hũ grande leytaõ, cem paens, & bebeo hum odre de vinho. Em Augusta no anno de 1511. se presentou ao Emperador Maximiliano hũ homem, que comia hũ bezerro, & huma ovelha crua, & ficava faminto. ElRey Mithridates não só comia, & bebia muyto, mas tambem tinha constituido premios aos que comessem, & bebessem mais. Tal fome deo huma noyte, & tão repentina a Cambyses Rey de Lydia, que comeo sua mulher. 2 Houve tempo em que os Reys de Dinamarca mandavão enforcar excessivos comedores, porque não gastassem o necessario para os moderados. 3

3 Dos bebedores não fallamos, por não manchar o papel com tal vicio. Só referirey de Philoxeno, que desejava ter pescoço de grou para gostar do vinho com mais vagar; 4 bem differente Destaphilo, filho de Sileno, que foy o primeyro que o temperou com agua. 5

4 Posto que fossem admiraveis aquelles excessos, não faltão hoje alguns muyto extraordinarios, de que não convem escrever exemplos que conhecémos. Pelo costume em que estes se poem lhes he já a gula como natural, & cuydão que sem ella não pòdem sustentar a vida; sendo que a natureza regulada se accommoda, & alimenta com pouco. Deyxo, por miraculosas, as abstinencias de Moysés, Elias, dos sete Dormentes, & de outros Santos; deyxo tambem o prodigio de outros, q̃ sem serem Santos

1 *Apud Text. in officina p. 2. tit. gulosi Franc. in Camp. Elys. q. 58. n. 4. ubi refert alios Scriptores.*

2 *Cel. Rhodigin. l. 5. c. 19 & l. 7. c. 11. Textor, & Franco suprà.*

3 *Ex Olano, & Ab Krantio refert Franco suprà n. 6.*

4 *Textor suprà.*

5 *Plin. l. 7. cap. 56.*

Santos se sustentàraõ sem comer, nem beber, naõ só muytos dias, mezes, & annos, chegando a dezoyto, & vinte, & quarenta & seis, como foy hum nobre Veneziano; & setenta & cinco, (que tantos dormio Epimenides) mas toda a vida; tantos, & tam admiraveis, que nem ha lugar de fazer eleyçaõ de alguns, nem de referir todos. Gaspar dos Reys Franco, Medico Portuguez eruditissimo, & curiosissimo, no livro justamente intitulado, *Campus Elysius jucundarum quæstionũ*, os ajuntou de varios Authores, & disputa como póde ser naturalmente, apontando féras, aves, & peyxes, em que succedeo o mesmo. E nosso doutissimo Padre Mendoça tinha já referido muytos. 6 Na Cidade de Londres, por discurso de mais de cinco annos, do de mil seiscentos & quarenta & hum, atè mil seiscentos & quarenta & seis, continuou em minha casa hum moço Romano de naçaõ, de vinte atè vinte & seis annos, que por experiencias que fazia por dinheyro, sendo fechado em hum aposento por espaço de trinta dias, naõ comia senaõ seyxos dos lizos, que se achaõ junto dos rios, tam grandes como huma noz pequena; vinte pouco mais, ou menos de huma vez; causando tambem admiraçaõ o caberemlhe pela garganta com a facilidade com que os hia engulindo; sobre elles bebia hum copo de vinho, & logo descobrindo o estomago, batia-nelle, & se ouviaõ bater dentro os seyxos huns com os outros; dizia que os digeria em area; era corpulento, naõ alto, de cor verdenegra, sem barba, mas tinha saude; casou, & a mulher, passados alguns mezes, se apartou delle, dizendo que era inutil; mais gostava de bons comeres, só comia seyxos por ganhar dinheyro. Tornando eu a Inglaterra no anno de 1669. naõ achey noticia delle. Já nos naõ parece incrivel, o que Plinio, & outros 7 escrevem de gentes da India que naõ tinhaõ boca, & se sustentavaõ do cheyro das flores, & de outras a que sómente o ar, & o Sol eraõ alimento.

5 Sem milagre, nem prodigio sabemos, 8 que muyto depois do diluvio, os Arcadios comiaõ só belotas: os Athenienses, figos: os Argeos, & Tyrencios, peros sylvestres: os Ethiopes, canas çumosas: os Carmanos, tamaras: os Meotas, & Sarmatas, milho: os Persas, mastrussos, cardamo, ou terebinto, que era fruto de huma arvore: os Argivos, maçans: os Medos, amendoas: os Indios, semente de huma herva: os Nomadas, Egetas, só bebiaõ leyte, que já era alimento melhor; & no tempo mais adiante com elle se sustentou Plinio sem comer, nem beber outra cousa em toda a sua vida. 9 Pelos annos de mil seiscentos & quarenta & tres, tive na Cidade de Londres quatro annos em minha casa refugiado da perseguiçaõ do Parlamento contra os Catholicos, hum Sacerdote sinalado em virtude, de mais de noventa annos, Deaõ da fórma de Cabido com que o Clero daquelle Reyno de Inglaterra se governava; o qual havia mais de doze annos que (por naõ poder) naõ comia, nem bebia, senaõ cada dia quartilho & meyo de leyte de vacas quẽte, misturado

6 *Franc. in Camp. Elys. q. 18. n. 7. P. Mendoça in virid. l. 4. probl. 24.*

7 *Plin l. 7. c. 2 ad fin. Strab. l. 15. Cel. Rhodigin. antiq. lect. 24 c. 21.*

8 *Ex Alex. ab Alex. genial. l. 3. cap. 1. Pineda na Monarch Eccl. l. 1. c. 18. § 2.*

9 *Alex. ab Alex d. c. 11. Theophrast. apud P. Mexia na Sylva l. 5 c. 28.*

rado com hum quartilho de mel, repartido em almoço, jantar & cea; posto que de ordinario estava em cama por fraqueza das pernas, tinha tão boa cor, & disposição, que me dizia que tinha disto escrupulo. Falece em minha casa de lhe faltar a natureza. Na India, andando perdido por terra João da Nova Portuguez, com oyto, ou nove pessoas, se sustentárão nove dias sem comer, nem beber mais que cada hum em cada dia hum grão de anfião, que he como pimenta, que levava hum Mouro da companhia; por usarem elles daquella prevenção para taes necessidades; & com isto chegárão ao Porto do Achem. 10 Sorapan Medico douto 11 refere ser opinião recebida, que só o cheyro do pão quente sustenta; & com Rhodiginio, que Democrito no fim da vida se sustẽtou com elle quatro dias para fazer certos negocios; & que tendo-os feyto, não querendo viver mais, apartou o pão, & espirou.

6 Quando os regalos começárão a crescer em Roma, consistião os banquetes só em ovos, & mel por primeyro prato; & em frutas, & mel, ou alfaces, & outras hervas por segundo; nos mais esplendidos se punhão legumes, & tal vez se comião tordos, ou outras aves. Depois se permittio gastar até quatro arrateis de carne em hum comer, (que então era cea, & assim na cea poz Christo Senhor nosso o exemplo dos banquetes) & quem excedia, incorria em pena. A Ley Fannia feyta em Roma, sendo Consul Cayo Fannio, antes da terceyra guerra Punica, mandou que em cada comer não houvesse mais ave que hũa gallinha, & que só nos dias de festa, que erão os Saturnaes, & de jogos publicos, se pudesse gastar em hũa cea atè dezaseis moedas de muyto pouco valor; & posto que a mesa fosse muyto parca, se não permittia levantarse vasia, mas sempre havião de ficar nella sobejos para o outro dia, nos quaes se mostrasse que se havia refreado o appetite. Quasi seiscẽtos annos atè a guerra Persica, não tiverão os Romanos pão; comião só papas de farinha de trigo, cevada, ou favas; & porque ainda não usavão mós de moinhos, tiravão a farinha em pizões, ou em pias, como almofarizes, secando o grão ao fogo para se pizar; os mais regalados comião bolos, ou biscouto que lhes fazião pasteleyros, que por isto começárão; & porque elles mesmos pizavão, & tiravão a farinha, se chamárão em Latim *pistores*. Depois começárão as mulheres a fazer pão; mas muyto tempo se não comeo senão às ceas, & se alguma vez jantavão, comião sem pão, ainda que fosse carne. 12

7 Não he minha tenção persuadir tanta abstinencia, como dizia São João Chrysostomo: *Não prègo jejum, nem haverà quem o ouça; mas reprovo o luxo, corto as delicias por vossa utilidade*: 13 contentàrame com a moderação dos Romanos, quando já senhores do mundo, cujos principaes comião só tres iguarias, & em banquete magnifico chegavão a seis. Assim o usava Augusto, o mayor, mais prospero, & excellente Emperador; & na

10 *Jouõ de Barros dec. 3. l. 5. c. 3.*

11 *Sorapan na Medicina Hespanhola, 1 esp. an 5.*
Cel. Rhodigin. l. 21. c. 3.

12 *Hæc ex Alex. ab Alex Gen. dier. l. 3. c. 1. & l. 5. c. 21.*

13 *D. Chrysost. hom. 54 ad pop. An ioch. in 5 tom.* Non promulgo jejunium, nec enim est qui, audiat, sed tollo luxum, præcido delicias propter utilitatem vestram.

na verdade os melhores banquetes consistem no selecto, naõ na abundancia, & taes os fazia o discreto Emperador Tito. Entre as profiçoens, & vicios do Emperador Heliogabalo se taxou haver dado em hum banquete vinte & duas iguarias; 14 & hoje naõ se taxa em qualquer escudeyro dar muytas mais; a tanto tem chegado os excessos: os Athenienses disseraõ, que todos se lhes pegàraõ dos Asiaticos, com o ouro da Persia, quando puzeraõ em fugida a Mardonio: melhor disse Floro 15 que se introduziraõ em Roma pela prosperidade das Conquistas, & vitorias; deprava-se mais nossa roim natureza cõ as felicidades.

8 Naõ só cresceo o excesso na quantidade, mas tambem na qualidade dos manjares. Dizem que Amatrites Rey de Assyria inventou as iguarias extraordinarias. 16 Quinto Hortensio, famoso Orador Romano, inventou comerem-se pavoens; Marco Apicio, tambem Romano, achou que a lingua da ave chamada Phenicoptero, era saborosissima. Vedio Pollio lançava escravos em viveyros de peyxes, porque lhe sabiaõ melhor sustentados com sangue humano. 17 O Emperador Vitelio em hum banquete deu hum prato guizado só de linguas, miolos, & figados de peyxes, & de certas aves, no qual pelas variedades q̃ se buscáraõ, despendeo dez mil cruzados; 18 & hum irmaõ seu lhe deu em huma cea dous mil peyxes raros, & escolhidos, & sete mil aves da mesma sorte. 19 Clodio Esopo, Tragico riquissimo, deu hum prato avaliado em seiscentos sestercios, (cada sestercio tinha pelo menos dez mil reis 20) só de aves que cantaõ, fallaõ, gostando de comer cousas que imitassem o homem. 21 O Emperador Caligula gastou em banquetes grandes thesouros q̃ lhe havia deyxado Tiberio. 22 O Emperador Heliogabalo, se se achava perto do mar, naõ comia peyxe, se longe do mar, lho haviaõ de trazer vivo, por comer o mais difficil; comia cristas de gallos vivos, linguas de pavoens, & de royxinoes em grande quantidade. A todos seus criados, q̃ eraõ muytos, dava a comer animaes grandes recheados de muélas, & figados de pavões, miolos de passarinhos, ovos de perdizes, cabeças de papagayos, & de fayssoẽs. Quando na praça de Roma via vender cousas ordinarias, dizia que se lastimava da pobre Republica; tinha sinalados grandes premios a quem lhe inventasse iguaria nova; acodiaõ muytos ao ganho, & se a iguaria lhe naõ agradava, fazia que o inventor nunca comesse outra cousa; convidava para ceas de manjares nunca vistos; chegou a prometter a ave Feniz, ou mil libras de ouro por ella, & as pagou; mas tambem algumas vezes zombava dos convidados, dandolhes só em pintura, ou em figura de pào, marfim, pedra, ou barro o que elle comia, & fazendo-os beber a cada vista daquellas iguarias, como se as gostassem 23 Vitelio inventou hũa iguaria de excessivo preço, que chamou *Escudo de Minerva*. 24 Elio Vero se prezava de inventor de hũa celebre empada composta de faissaõ, pavaõ, prezunto, & ubres de porca acabando de

14 *Hæc etiam ex Alex. sup.*

15 *Luc. Flor. l. 4. c. 2.*

16 *Britto na Monarchia Lusit. P. 1. tit. 6.*

17 *Textor d. tit. gulosi.*

18 *Niceus in Vit.*

19 *Alex. ab Alex. d. l. 5. c. 21.*

20 *Cardoso de monet. Rom. ad finem dictionarij.*

21 *Plin. l. 10. c. 51. Alex ab Alex. d. c. 21.*

22 *Textor sup.*

23 *Lamprid. in Heliumgabal. Mexia na Sylv. de var. lic. l. 2. c. 29.*

24 *Alex. ab Alex. sup.*

25 *Spartian. in Elium ver.*

parir. 25 Cleopatra, Rainha do Egypto, em huma cea que deu a Marco Antonio, gastou perto de quinhentos mil cruzados, da moeda que hoje corre em Portugal; & apostando com o mesmo Marco Antonio, a quem daria outra mais custosa cea, bebeo hũa perola desfeyta em vinagre muyto forte, (que as desfaz) de duas que hum Rey do Oriente pessoalmente lhe apresentou, de valor inestimavel, por serem as mayores que se viraõ jà mais; & querendo que o Romano bebesse a outra, Lucio Planio, Juiz da aposta, julgando que vencèra, a estorvou, & partindo a perola em duas partes, fez arrecadas para a Deosa Venus, que estava no templo *Panteon* de Roma. 26 Cleopatra fez isto por grandeza; mas Clodio, filho do riquissimo Tragico, do mesmo nome de que acima fallamos, por gula, só por saber que gosto tinhaõ as perolas, já de antes havia feyto o mesmo, bebendo cõ amigos algumas preciosissimas que herdàra de seu pay. 27 Na Escritura sagrada he celebre o banquete de Assuero, que descrevemos em outro lugar. 28

26 *Plin. l. 9. c. 35. ad fin.*

27 *Plin. d. c. 35. in fin. Val. Max. l. 9. c. 1. n. 3.*

28 *Abayxo c. 44. n. 14.*

9 Davaõ-se banquetes de traças engenhosas. O Emperador Geta os dava pelas letras do A, B, C: em hum dia tudo o que começava por A, em outro o que começava por B, & assim atè o fim. 29 Heliogabalo os distinguia nas cores dos manjares; & Lucullo pelos Deoses. 30 Havia huns que chamavaõ *Amatorios*, em q̃ se fallava lendo pelas primeyras letras das iguarias, & tambem ellas eraõ hieroglificos; hum prato de rolas significava saudades, ou queyxas; hum de pombos, ciumes; & assim outros.

29 *Ælius Spart. in vit. Gete. Alex. ab Alex. sup.*

30 *Idem Alex. ibidem.*

10 No modo, materia, & esplendor das mesas: das bayxelas, serviço dos criados: no costume de comer deytado, em pè, ou assentado, & em outras particularidades encaminhadas a mayor delicia, houve em tempos varios differença em todas as naçoens; tratàraõ isto miudamente, Aulo Gelio, & Alexandre ab Alexandro: 31 & relatallo fora escritura prolixa.

31 *Aul. Gel noct. Attic. l. 2. c. 28. & l. 14. c. 26. Alex. ab Alex. d l. 5. c. 21.*

11 Chegàraõ graves Escritores a disputar quantos deviaõ ser os convidados a hum banquete. Gelio disse, que nem deviaõ ser menos de tres, nem mais de nove, Erasmo quer que sejaõ sete; Atheneo que sejaõ quatro, ao mais cinco; Homero louvava serem atè dez; Plataõ se alargou a vinte & oyto. 32 He adagio antigo: *Sete fazem banquete, nove fazem tumulto de vozes.* Os que se chegavaõ sem serem convidados, se chamavaõ *sombras*, 33 porque seguiaõ aos convidados, como as sombras aos corpos.

32 *Gel. ex Varron in Satyr. Menip. l. 13. cap. 11. Erasm. Chiliad. 1. cent. 3. c. 97. Atheneus l. 1. dinopsophist. c. 1. Homer. apud Alex. ab Alex. d. c. 21. Plat. in simpos. apud Atheneum, & Alex. sup.*

33 Septem convivium, novem convicium facere. *Alex. ab Alex. sup. Horat.* Locus est & pluribus umbris.

12 Finalmente huma selva dà mantimento a muytos Elefantes, & toda a terra o naõ dà a hum homem. Para fazer hum mappa do mundo em huma mesa, naõ só a terra concorre com o que tem, mas tambem do profundo das aguas se tiraõ os peyxes, & no alto dos ares se mataõ as aves, a que já naõ livra o seu voar, porque enfronhada em hũa espingarda as vay là buscar a gula, que cada dia cresce. Do estomago se faz orelha para

ra os passaros nascidos sómente para cantar: sem horror se comem peyxes crus: gosta-se o ambar, & almiscar creado só para o cheyro: a arte com segunda natureza offerece as cousas fóra de sezaõ, neve no Estio, frutas no Inverno: só o que muyto custa sabe bem, 34 & porque tudo vem a enfastiar, disfarçaõ os cozinheyros as cousas para se gostar dellas. Do milagre de cinco pães, & dous peyxes, 35 disse hum douto 36 que o tinha por quasi igual em contentar a tantos appetites, como em fartar tanta gente.

13 Atê cousas contra a natureza, & horriveis se appetecem, come-se barro, terra, pào, carvaõ, lã, linho, estopas, cal, pedras, vidro, & por mais que os Medicos admoestem, naõ se deyxa o máo costume. Joaõ Nieremberg 37 conta, que vio hum homem, que gostava de ratos vivos; & que huma vez o vio comer hum gato vivo com sua pelle, & pelos; & que causava lastima ouvir gritar o gato, & elle hir comendo; & que via o que não cria.

14 Estes excessos, que os comedores chamão gosto da vida, saõ os que mais a destroem, & fazem miseravel. A muyta quantidade offende o juizo; 38 Bartholo, para o ter sempre igual, comia por medida. 39 Nutre os vicios, 40 empobrece a casa; 41 como a hum que naõ teve que comer, nem beber mais que paõ, & agua, disse Plataõ: *Se naõ jantàras tanto, naõ ceàras taõ pouco*; & o diz (tomado em hum sentido) o refram Castelhano: *El mucho comer trae poco comer*. 42 Causa enfermidades mortaes, 43 de que se não convalece; 44 os Medicos trazem por exemplo Filogeno, Apicio, Melancio, Calamidonte, Aristipo, & outros glotões, centros de doenças em toda sua vida; & Julio Cesar, que com abstinencia se livrou de gota coral; & o Emperador Vespasiano, que com ella se preservou de enfermidades, & com não comer hum dia em cada mez. A muytos mata repentinamente, como lemos que matou a Domiciano Afro, q̃ morreo antes de se levantar da mesa em que ceava; ao Emperador Joviniano, a Childerico Saxonio, & a outros innumeraveis, a que cada dia se ajuntão companheyros. Tem o demasiado comer a mesma força que o veneno; assim o entendeo o Emperador Septimio Severo, que querendo matarse desesperado com dores de gota, tomou por expediente comer tanta carne mal cozida, que com ella no estomago morreo. 45

15 Assim tambem a variedade dos manjares, posto que em menor quantidade, corrompe o estomago; vemos que os Religiosos, & outras pessoas que a não usaõ, tem melhor saude. Massinissa Rey de Numidia comia só o simplez comer de hum soldado; a isto se attribue 46 ser tão robusto, que aos oytenta & sete annos de idade gerou hum filho, 47 & aos noventa & tres venceo aos Carthaginenses; pela mesma causa se diz, que Marco Valerio Corvino, sendo de cem annos, tinha força, & juizo perfeyto. 48 Faz a variedade famintos os poderosos, porque enfastia-

34 *Lucan. l. 4.* O prodiga rerum. Luxuries, numquam parvo contenta paratis.

35 *Matth. 15. Luc 9. Joan. 6.*

36 *Fr Heite. Pinto nos dialog. p. 2. dial. 2. c. 12.*

37 *Nieremberg. hist. nat. l. 3. c. 9.*

38 *D. Chrysost. sup. Joan. homi 21. Cacialup. de modo stud. docüment. 1.*

39 *Joan. Fichard in vita Jurisconsult Dixim in tract. Perfect. Doctor. qual. 10 n 4.*

40 *D. Ambros. serm. 4.*

41 *Prov. 21. 17.* Qui diligit epulas, in egestate erit: qui amat vinum, & pinguia, non ditabitur. *Refert Maxim. serm. 61.*

42 *Sorapan. na Medicina Hespanhola refran. 2. no princ.*

43 *Eccles. 37. 34. Hippocrat. 2. aphorism. 17. Avicen. 3. 1. cap 7.*

44 *D. Basil. l. de venunt. Largamẽte trata de todos estes d. m. nos Fr. Diogo Estella no Tratado da vaidade do mundo p 1 c. 64. Pulchrè P. Maximilian. Sandeus in Aviar. Mariano orat. 3. cygnus, in med.*

45 *Sorapan. d. refran. 2. d. 35.*

46 *Senec. ep. 96. post princ. in l. 15.* Ex discordi cibo morbus est. *Sorapan. d refran 2 ad med.*

47 *Plin. l 7. c. 14.*

48 *Ex Pier. refert P. Lysieux Philosoph. Christ. p. 1. c. 13.*

faſtiados, já não pòdem comer ſenão o que ſe naõ acha; cauſa cuydado em o buſcar, & atè os ricos experimentão a deſpeza. Os Egypcios cortavão o ventre aos mortos, como em vingança dos males q̃ com ſeu appetite cauſárão a toda a caſa, & a todo o corpo. Finalmēte por comer perdeo Adam o Paraiſo, Eſaù o morgado, o eunucho de Faraò a vida: entre mãjares vio El-Rey Balthaſar a ſua ruina, & ſe traçou a degolaçaõ do Bautiſta.

16 Por eſta, & outras razoens que largamente conſiderão os doutos, 49 ſe diſſe q̃ a gula mata mais que as guerras; 50 para conſervação das vidas, prohibirão varias Leys 51 os exceſſos neſta materia, & noſſo Rey D. Sebaſtião fez algumas. O Corifeo da Medicina Hippocrates aos que notavão o pouco que comia, & bebia, reſpondia: 52 *Eu como para viver, & naõ vivo para comer*; & viveo cento ſeſſenta & nove annos, 53 já no tempo das idades curtas; mas nada baſta para perſuadir à mayor parte dos homens o que lhes convem; no que os mata poem a ignorancia as conveniencias da vida. Atè Epicuro, que profeſſou, & enſinou ſó regalalla, era no comer parciſſimo; ſuſtentava-ſe com papas, & agua, & algumas hervas; dizia, que o não fazia por virtude, mas porque lhe era delicia, & que apoſtaria felicidades com Jupiter, ſe tiveſſe iſto ſempre. 54

17 Atè o comer com moderação nos dà trabalho. Para ſe ajuntar, hum cahe da arvore colhendo a fruta; outro adoece na caça por calmas, & por frios; a outro fere, ou mata a eſpingarda que arrebentou; outro ſe afoga na peſcaria. Maldita fome (exclama Santo Ambroſio, 55) que tantos males cauſa para ſe ſatisfazer! Buſcar, & fazer o comer, he huma occupação continua; foy ſimplicidade virtuoſa de Fr. Junipero, Frade leygo da Ordem Serafica, cozer em hum dia todo o comer que o Convento coſtumava gaſtar em quinze, por ſe naõ divertir todos os dias da oração; 56 não advertia que ſe os Religioſos o comeſſem junto, nem por iſſo eſcuſarião comer nos dias ſeguintes; & ſe o foſſem comendo frio, o mimo, ou a malicia do corpo o não ſofreria ſem adoecer; tão penoſa he eſta occupação aos que tem, como aos que não tem; os que não tem, morrem de não comer; os que tem, morrem de comer.

18 Hippocrates 57 para atalhar eſtes damnos, enſina que ſeja a medida conforme o que o eſtomago pòde facilmente digerir; & ſobre iſſo que ſe trabalhe: Avicena 58 aconſelha, que ſempre nos levantemos da meſa com algumas reliquias de fome; porèm no conhecer iſto meſmo eſtá a difficuldade, & a mortificação; pois o corpo já mais ſe contenta com o que lhe damos, tanto appetece o ſuperfluo, como o neceſſario, nem ſofre abſtinencia, nem abundancia, a fome lhe he inſoportavel, a fartura perigoſa; quanto ſe ha miſter para o ſervir! que invençoens para lhe dar goſto! que medida para que não adoeça! grande ignorancia he preſumir que ſe pòdem aliviar as penas da vida com meyo em que he impoſſivel acertar.

49 *D. Chryſoſt. ſerm. contra lux. & crapul tom. 5. & ſerm ſeq. contra gul. Sorapan d refran. 2. & 3. P. Franc de Caſtro na Reformaçam Chriſt. trat. 5. & 6.*

50 *Gula plures occidit, quàm gladius Patrit. de Rep. l. 5. c. 8.*

51 *Refere-as Alex. ab Alex. d l. 3. c. 12. ad fin.*

52 *Refere Sorapan d. refran. 2. poſt med.*

53 *Diremos no cap. 46 no fim.*

54 *Ælian. var. hiſt. l. 4. c. 13.*

55 *D. Ambroſ. ſerm. 4.* Quanti peccantur, ut nobis quod delectat pareatur? funeſta fames veſtra: funeſta luxuries.

56 *P. Fr. Marcos de Lisboa na Chron. de S. Franciſco p. 1. l. 6. c. 41.*

57 *Hippocrat 6. popul. 4 20 & l. 3. de diet. & l. de veter. medic.*

58 *Avicena ſen. n. 3. doct. 2. c. 3.*

CAP.

CAPITULO XL.

Como se enganaõ os homens nas commodidades que imaginaõ nos officios da Republica. Trata-se dos males da privaçaõ com os Principes.

1 IMaginão muytos, q̃ serião felices se tivessem officio na Republica. Representa-se aquelle estado com abastança do necessario para o sustento: respeytado de todos: gostoso no governar: & por mil vias huma bemaventurança. Que grande engano! he pirola dourada; alguns que venderaõ fazenda para comprarem officios, vi bem arrependidos, não se conhece o que não se experimentou: quanto o cargo he mayor, mais penaliza.

2 O ministro de muyta occupação (que he o que mais se deseja ser, porque nos outros não se imaginão aquellas felicidades) he servo publico: sendo de todos, não he seu: perde o proprio por cuydar do alheyo: faz das noytes dias sem dormir: naõ tem tempo para comer: tem quando outro só meya vida, como hum daquelles dous irmãos celebrados nas fabulas.

3 He paga desta servidão a perda dos amigos, (se algum havia) por não ser possivel fazer o que elles querem; a lingua dos censores, que nenhum ministro achaõ bom senão depois que o successor o acredita; a má vontade dos descontentes, que não pòdem faltar, & mais gostaõ de se queyxarem injustamente, que de serem despachados: como o pertendente da Piscina, q̃ perguntandolhe *Christo* Senhor nosso se queria saude, não respondeo quasi, mas queyxando-se que não tinha homem; 1 sendo que padecia por sua doença: 2 ninguem cuyda que não tem justiça, mas que falta homem que lha faça; se lha fazem, não só não agradece, mas tem por razão de estado, dizer que merecia mais: dos muytos, que se despachão, he impossivel que não vão alguns com favor; & he cousa notavel, que nem hum só dè graças: (fallo com experiencia) entre os dez leprosos, que sarou o *Senhor*, se achou hum agradecido, 3 & entre dez mil destes, nem hum se acha.

4 Sobre tudo, tal vez não pende sua conservação de seus procedimentos, mas da fortuna de algum amigo grande, por ser costume das Cortes cahirem com elle seus bem affectos, só pelo serem. 4

5 Que gosto pòde haver em taes officios? o fazer bem aos que se fingem amigos, he semear ingratidoens, gloriarse de que o venerem, he jactancia do animal, que levava a Deosa; 5 não he isto mais que hum cadafalso ornado ricamente, cuja apparen-

1 *Joan.* 5.6. & 7. Vis sanus fieri? Respondit ei languidus: Domine, hominem non habeo.

2 *Joan sup. n.* 5. In infirmitate sua.

3 *Luc.* 17.15.

4 *Notou o P. Hortencio no sermaõ da volta da Virgem do Ægypto §. Muerto al fin Herodes, tom. 2 das Oraçoens Evangelicas.*

5 *Dissemos no cap. 34 n.* 10.

apparencia leva os olhos do vulgo, que não considera o que alli se padece. Ou como os Gigantes q̃ se levão em procissoens muy vistosos, & ornados com magestade: & o que não apparece he hum homemsinho cançado, & suado de levar aquella grandeza sobre seus hombros. A experiencia he muyto differente da imaginação.

6 Ser primeyro Ministro de hum Reyno, privado, & valido do Rey, ser hum secretario muyto intimo, ou outro Ministro muyto favorecido, avaliou hum Author por felicidade sobre a fortuna; 6 mas como por fado, he raramente duravel; 7 disso mesmo se segue sua ruina: o que chegou ao mais alto, caminha naturalmente à declinação, & de mais alto se dà mayor quèda; saõ estes como tartaruga, a que a aguia levantou sobre os ares para a deyxar cahir, & espedaçar sobre hũa pedra; com que tal felicidade vem a ser nada. *Nada me pedistes atègora*, disse *Christo* Senhor nosso a seus Discipulos; 8 & os Zebedeos lhe haviaõ pedido a sua privança, como a Rey da terra. 9

7 He a privança, ou favor, navegação, como Seneca disse a Lucilio; 10 ninguem se fie de bonança; em hum momento se revolve o mar, & em hum mesmo dia se sorvem os navios aonde galhardos navegavão: depende-se de muytos ventos, não só da graça do Rey, mas de todos os Principes da Casa Real, se os ha, que ordinariamente soprão a differentes rumos, & pòdem muyto; he triste cousa pender da vontade alhea: & ninguem pòde servir a dous Senhores, 11 & menos a mais; he necessario o mais destro Piloto, que por instante mude os rumos, pela menor nuvem conheça a mudança, & anticipadamente colha as velas até passar a borrasca. Ha nesta navegação infinitos perigos, cachopos, & bayxos.

8 O primeyro, quando o navio por demasiadamente veleyro vay dar nos penhascos da ambiçaõ, & soberba, 12 como os de Aman, 13 & Sezano; 14 atè Anjos naufragáram nelle. 15 Só hum David favorecido soube humilharse: 16 & ElRey Theodorico o louvou por novidade em seu fovorecido Senario. 17

9 O segundo he o bayxo da cobiça, posto que seja só pela via licita de acquirir mercés: Scylla, & Carybdis, em que de ambas as partes se periga. 18 De huma se chama inconveniente em naõ accrescentar a casa; de outra em despertar a inveja; bastou que Nabucodonosor as offerecesse a Daniel, recusando-as elle, 19 para ser perseguido até o lançarem a Leoens. 20 Por façanha de Cassiodoro seu Secretario, ou privado, contava ElRey Theodorico, que moderando tudo com igualdade, nem deyxára a graça do Principe ociosa, nem se aproveytára della com demasia; 21 aceytou testemunho de seus serviços, & da magnificencia Real; mas naõ occasionou, que o povo encarecesse suas riquezas, quando chorava as proprias miserias; naõ privou a virtude do premio; cujo exemplo anima outros a seguilla

6 *D. Rodrigo Bispo de Camora de laud. Curial* Cum Regibus verò amicari supra fortunam est.

7 *Tacit. annal. l.* 3. Facta potētiæ rarò sempiternæ.

8 *Matth.* 20. 21.

9 *Nota Fr. Heitor Pinto dial* 5. *c.* 11. *in* 2. *p.*

10 *Senec. l.* 1. *ep* 4. Noli huic tranquillitati confidere, momento mare vertitur, eodem die ubi luserunt navigia sorbentur.

11 *Matth* 6. 24. Nemo pòtest duobus dominis servire.

12 *Esther c ult. n.* 2 Multi bonitate Principum, & honore, qui in eos collatus est, abusi sunt in superbiam.

13 *Esther c.* 3.

14 *Tacit annal. l.* 4.

15 *Isai.* 14. 13.

16 1. *Reg.* 18. *&* 23.

17 *Apud Cassiod l.* 4. *ep.* 4. Hæc amplius commendabat humilitas, quæ tam clara, quam rara est: novum est enim sub amore Principis custodire molestiam.

18 *Ovid. Metam. l* 10.

19 *Dan.* 2. 48. *&* 69.

20 *Dan.* 6. *&* 14.

21 *Cassiod. l.* 1. *ep.* 1. Æquitate cuncta moderatus, gratiam nostram in se non reddidit otiosam.

seguilla; 22 mas naõ fazia ostentaçaõ que convidasse opposiçoens: 23 Daniel pedio para Sidrach, Misach, & Abdenago os lugares q̃ ElRey Nabuco lhe dava. O Conde da Castanheyra privado delRey D. Joaõ III. de Portugal, pedindo o senhor da Azambuja licença para vender aquella Villa para se desempenhar, & offerecendo ElRey a licença ao Conde para que a comprasse, pela conveniencia de estar junto das suas terras; elle persuadio a ElRey, que naõ consentisse na alheaçaõ de taõ antiga Casa, antes ajudasse ao Fidalgo para compor seus acredores, como ElRey fez. O Duque de Lerma valido de Felippe III. de Castella, quando ElRey lhe fazia mercê, procurava que juntamente fizesse outras a benemeritos, por naõ ser unico; por todas as traças ha de trabalhar o pobre valido, para se naõ perder neste bayxo.

22 *Cassiod. l. 1. ep.* 56. Nutriunt enim præmiorũ exempla virtutes.
23 Deprædari cu pit qui thesaurum publicè portat in via. *D. Greg.*

10 O terceyro està no conselho que deve dar ao Principe que delle se fia; porque aconselhar parece superioridade de entendimento; & esta se naõ gera odio, causa dissabor, como succedeo a David com Saul; 24 & temeo o prudente Portuguez, quando vio que a carta q̃ elle fizera, parecèra melhor a ElRey, q̃ a feyta pelo mesmo Rey. Pelo q̃ diante do Rey naõ queyrais parecer sabio, adverte o Ecclesiastico: 25 o celebre Secretario de Estado Antonio Peres dizia que mais lhe valèra no Paço hir arrojãdo as chinellas (q̃ entaõ se usavaõ) ao som de seu descuydo, q̃ quantos bons pareceres havia dado. Com medida se devem largar, ou amaynar as velas do talento, segũdo a occasiaõ, usando sempre de modestia; com isto se conservou Ephestiaõ na privaçaõ de Alexandre: & ElRey Theodorico louvou seu ministro intimo de saber fallar, & callar ao seu tempo. 26

24 *1. Reg.* 18.
25 *Ecclesiast.* 7. 6 Penes Regem noli velle videri sapiens.
26 *Apud Cassiod. l.* 5. *ep.* 6. Sub genij nostri luce intrepidus quidem, sed revèrenter astabat, opportunè tacitus, necessariò copiosus.

11 He outro bayxo que necessita de sonda, a inclinaçaõ do Principe na materia de que se trata; porq̃ se o conselho for contra sua vontade, ou opiniaõ, se expoem o ministro a perderse. He verdade q̃ perguntando os Reys, Nabucodonosor, & Balthasar a interpretaçaõ de seus sonhos a Daniel, & respondendo elle a hum que se converteria em bruto; a outro, que cedo se acabaria seu Imperio: quando de desenganos taõ amargosos pudera esperar rigores, o vestiraõ de purpura, & fizeraõ Presidente supremo: 27 & tambem ElRey Dom Joaõ II. de Portugal disse que fazia mercè a Dom Joam de Menezes, porque sempre lhe fallàra verdade, ainda que fosse contra seu gosto; 28 porém saõ raros exemplos. Ordinariamente gostaõ os Principes de que os enganem; & avalião por delicto encontrar seus dictames. Cyro matou os filhos de Herpalo, & lhos deu a comer, porque o advertio de certo vicio; Cambyses a hum privado, porque o avisou de que o notavaõ de inclinado a vinho; Alexandre a Calistenes, porq̃ lhe disse que se inclinava demasiadamente aos costumes da Persia; & com tudo naõ pòde o ministro valido, & Christaõ deyxar de aconselhar na verdade; chama-se amigo, 29 (naõ podendo entre pessoas taõ desiguaes haver

27 *Dan.* 2 & 4. & 5.
28 *Rezende na Chron. de Dom Joaõ II. c.* 141.
29 1. *Paralipom* 27. 13. Chusai Archites amicus Regis.

ver amizade 30) só pela ſinceridade com que deve fallar. 31 Só pòde , & deve navegar com todas as velas do zelo ; mas com huma ſó hir payrando , & ſondando ; repreſentando com induſtria os inconvenientes,ſem avançar muyto,& entretendo a execuçaõ,atè ver ſe acalmando o mar do appetite,ſe dá lugar a outro parecer. Mas finalmente quando naõ baſta , naõ ha de recuſar ſer victima glorioſa.Que regalo ſe pòde librar em tantos riſcos ?

12 Tal vez (& he quinto bayxo , ou cachopo) acha ao Rey com pouco agrado , ou por calumnia dos emulos , ou por accidente da condiçaõ humana;& eſcurecendo-ſe aquelle Sol, naõ pòde o favorecido tomar a altura em que eſtá. Entaõ lhe convem naõ moſtrar que vè a nuvem , mas ſimular alegria; porque ſe as cintinellas da Corte notarem novidade, ſem perderem occaſiaõ , tiraràõ a maſcara para o deſcomporem , 32 & nem ſempre a graça Real pòde defender ; a de Dario naõ baſtou a Daniel para deyxar de ſer lançado a Leoens , porque os vaſſallos o ameaçáraõ , ſe o naõ entregaſſe ; 33 nem a de Carlos I.Rey de Inglaterra pode livrar a cabeça do Conde Eſtranfort ; 34 & em outros ſe vio o meſmo.

13 Igual perigo ha , quando os Reys , ſuſpendendo hum pouco a authoridade,ſe humanaõ em particular; o que naõ pòdem deyxar de fazer muytas vezes ; porque a dignidade naõ lhes tirou o ſerem ſociaveis , 35 nem os fez taõ ſoberanos, que ſejaõ intrataveis: pois *Chriſto* Senhor noſſo permittio a hũ Diſcipulo deſcançar ſobre ſeu peyto , 36 & a outro meterlhe a maõ no lado ; 37 & o que he commodidade a homem , he neceſſidade no Principe ; porque os mayores cuydados pedem mayor alivio. 38 Neſtas occaſioens , ſe o que tem tal privança naõ for feſtival,ſe farà aborrecido; ſe for muyto facil,aventurará a authoridade neceſſaria para q̃ o Principe o eſtime; he volatim ſobre maroma , que faltandolhe o equilibrio , cahe do alto. Se ſe offerece (ſem affectaçaõ) dizer huma graça , naõ deve arriſcar a gravidade por oſtentar engenho : deve dizella com decoro que acredite de cortezaõ ſem nota de jovial. As agudezas naõ haõ de ſer mordazes , porque a menor palavra de hum valido tem grande pezo : dos Cardeaes Richelieu , & Mazarini , privados inſignes de Luis XIII. Rey de França , ſe dizia que tinhaõ para iſto hum molde com que nenhum outro acertava.

14 Nas praticas ordinarias com o Principe naõ faltaõ perigos ; porque o privado Chriſtaõ deve nellas louvar as virtudes de outros Principes , que poſſaõ ſervir de exemplo ; mas ſem as encarecer tanto,que occaſionem inveja, que ſe ſatisfaça no meſmo privado ; como ſuccedeo a Clito muyto favorecido de Alexandre, que louvou tanto a ſeu pay Felippe , que lhe cuſtou a vida ; 39 o meſmo perigo ha em affear os vicios , (ſendo tambem obrigaçaõ Chriſtãa) he neceſſaria induſtria,principalmente

3 *Reg*.4 5.Zabud filius Nathan ſacerdos amicus Regis.
Tacit. Annal l. 3. Junius Ruſticus dilectus à Cæſare.
D.Rodrigo ſupra. Cum Regibus amicavi,&c.

30 *Fr.Joaõ de S.Maria na Rep. & Polit.Chriſt c.*31.*no princ.*

31 *Caſſiod l.*1 *ep*.4. Eſt nimirũ curarum noſtrarum felix portio,januam noſtræ cogitationis ingreditur : pectus , in quo generales curæ volvuntur,agnoſcit.
Diſſe ElRey Theodorico de ſeu privado.

32 *Vide Tacit.Annal.l.* 13.*ante med fallando de Agripina:& ubi D.Balthaſar de Alamos aphoriſmo* 98.

33 *Daniel.*6.

34 *Liber,cui titulus , Imago Regis Caroli,c.*2.

35 Homo eſt animal ſociabile.

36 *Joan.* 21 20.
37 *Joan.*20.27.

38 *Comines nas memorias da vida de Luis XI.tom.*1.*c.* 91.

39 *Q.Curt. in Alex. l.* 8.*paulo poſt princip.*

mente, fallando-se de algum a que o Principe seja inclinado: porque o tomarà por reprehensaõ disfarçada, & grangearà aborrecimento. Nathaõ deu liçaõ excellente usando com David o rodeyo da parabola sem entrar logo reprehendendo. 40

15 Estes, (que saõ os principaes) & outros muytos riscos ameaçaõ naufragio immediatamente com o Principe. Por outras vias saõ tantos, que se offerecem atè pelos amigos; & assim se deve grande cuydado à sua eleyçaõ; os que se tomaõ, ou confirmaõ nas felicidades do Paço, raramente saõ fieis; assim como seguiraõ esta, seguiráõ outra, se se lhes represẽtar mayor, & com capa de amizade saõ cintinellas. Devem-se preferir os antigos, porque saõ mais interessados na conservaçaõ, entendendo que se vier outro valido, se naõ fiará delles. Destes os mais virtuosos, & sabios, cuja communicaçaõ acredita, & ensina insensivelmente. 41 Os parentes naõ saõ os mais leaes, antes os mais invejosos: ao Duque de Lerma tirou a privança delRey Felippe III. de Castella o Duque de Useda seu filho; & ao Conde Duque cahindo da de Felippe IV. succedeo Dom Luis de Haro, filho de sua irmãa.

16 No tomar conselho com os antigos tambem ha perigo; porque conjecturada a inclinaçaõ do privado, arrasta os pareceres como primeyro mobil. Logo que Mardocheo Judeo privou com ElRey Assuero, muytos Gentios se fizeraõ Judeos: 42 porque Eutropio privado do Emperador Arcadio era eunucho, se castràraõ muytos homens barbados, do que alguns morrèraõ. Tiberio naõ quiz que seu sobrinho Druso votasse primeyro no Senado, por naõ torcer o juizo dos Senadores: disto nasciaõ muytos erros ao Conde Duque valido de Felippe IV. antes de aconselharem, se conhecia sua vontade, & todos a seguiaõ.

17 No ponto dos amigos he huma grande confusaõ querer o Principe que o valido ame aos que elle ama; & muytas vezes saõ naõ sò os menos affectos ao valido, mas os prejudiciaes ao lado Real, por màos costumes, ou por outras razoens. Se contemporiza, cuyda-se com descredito, que verdadeyramente os estima, & que tolera aquelle damno ao bem do Principe, que devera zelar: se faz o contrario, offende-se o Principe, achando contradiçaõ à sua vontade. O remedio he apartallos para longe, com pretexto de utilidade em algũ bom posto; mas succede, nem querer elle, nem o Principe, & ser labyrintho sem sahida

18 Atè nos criados periga o Ministro. Que importa que o Profeta Eliseu naõ receba as dadivas de Naaman, se seu criado Giezi sahe ao caminho a pedirlhas? foy necessario ao Profeta castigallo com lepra, para purgar a suspeyta de que sahira por seu mandado. 43 Peccaõ com authoridade dos senhores; daõ màs repostas, se lhas naõ compraõ boas; negaõ as entradas fingindo que tem ordem; & senhor, que naõ he Profe-

40 2. *Reg.* 12. *in princip.*

41 *Psalm.* 17. *v.* 27. Cum electo electus eris: & cum perverso perverteris.
Proverb. 13. 20. Qui cum sapientibus graditur, sapiens erit: amicus stultorum, similis efficietur.
Seneca latè, epist. 109.

42 *Esther* 8. 17.

43 4. *Reg.* 5.

Profeta, naõ adivinha para se mostrar sem culpa; disse Plinio a Trajano; 44 que sendo cousa magnifica a hum grande ser virtuoso, mais he fazer que o sejaõ os criados: quem acabará tal façanha? & vay nella muyto aos Ministros: o Duque de Lerma naõ era notado pelo que recebia, (para o que tinha licença del Rey) mas pelo que recebiaõ os criados; & ao Conde Duque se dissimulavaõ faltas, porque procurava que seus criados naõ recebessem.

19 Mas estes, & outros perigos saõ pequenos comparados com a tempestade dos Cortezãos; taõ perigoso he ser amado, como odiado do Principe. Os Principes tem a desgraça de naõ poderem amar à sua vontade como os outros homens; cuydaõ os vassallos que só haõ de amar por seu voto: vem logo a inveja cintinella das felicidades alheas; 45 doensa natural aos homens, 46 que naõ se evita com a modestia, antes cresce com as virtudes: 47 & entre iguaes qualquer ventagem se tem por crime: todos querem mandar; mas a quem, se nenhum quer obedecer?& se todos mandarem, todos seraõ servos. 48 Se todo o mundo (diz S. Pedro Chrysologo 49) foy estreyto a dous irmãos, Caim, & Abel; como o naõ será hum Paço a tantos estranhos entre si? o mesmo he favor do Principe, que odio da Corte: o mesmo, grande fortuna, que grande inveja: o mesmo invejado, que calumniado; & pela calumnia se vay à ruina: Cataõ, porque era varaõ grande, foy quarenta vezes accusado, & custoulhe muyto ser outras tantas absoluto. Qualquer mào successo ao publico, he fogo na polvora; arrebentaõ as minas, querem os emulos que o valido seja Deos da fortuna. As acções dos màos ministros inferiores se lhes imputaõ como a participante com o Principe no erro da eleyçaõ, ou na culpa da paciencia. Toda a cortezia, toda a affabilidade, todo o bom animo, toda a prudencia industriosa, & observaçaõ dos documentos, ou daquelle excellente Lelio Peregrino, ou de quaesquer outros grandes mestres, 50 nada basta contra a emulaçaõ.

20 Finalmente o officio de hum favorecido, quanto a tratar com o Principe, compàra Santo Ambrosio 51 aos que compraõ Leoens, & Ursos para os mostrarem por dinheyro, & sempre estaõ em temor, notando se se enfurecem para se acautelarem; & tal vez perecem, por naõ poderem fugir; & Saõ Pedro Chrysologo 52 disse, que *com serpente ninguem trata seguro*. Naõ vos fieis dos Principes, aconselha o Psalmista: 53 sejaõ exemplos Joab morto por recomendaçaõ de David: 54 Aman enforcado por mandado de Assuero: 55 Parmeniaõ, & Clito, mortos pelas mãos de Alexandre: 56 Seiano feyto prodigio da desgraça por Tiberio: 57 Caligula fez matar a quantos privados, & amigos tinha: 58 Nero mandou matar a Seneca, concedendolhe por favor, q̃ escolhesse o genero de morte: 59 Justiniano fez tirar os olhos a Belizario, & o obrigou a

acabar

44 *Plin. in Paneg.*

45 *Alan. de planct. natur.* Invidiæ motus, alienæ felicitatis excubiæ.

46 *Tacit. hist. l.* 2. Insitum est mortalibus naturæ, &c.
Natal. com. hist. l. 11. Est morbus quidam prope nativus certè communis.

47 *Diremos na* 2 *p. n.* 1.

48 *Tacit. Annal.* 12. *ad med.* Nam si vos omnibus imperitare vultis, sequitur, ut omnes servitutem accipiant.

49 *Chrysol. serm.* 4.

50 *Carta do Peregrino Stanislao Borbio. Philip. Camerar.* 3. *succes. c.* 56. *&* 57.
Philip. de Comines l. 10.

51 *D. Ambros. in Psalm.* 104.

52 *D. Petr. Chrysol. serm.* 155. *ad fin.*
Nemo cum serpente securius ludit.

53 *Psalm.* 145. *v.* 2. Nolite confidere in Principibus.
De quo Solorzan emblem. 59.

54 3 *Reg* 2. 6.

55 *Esther* 7.

56 *Q. Curt. d. l.* 8.

57 *Tacit. Annal l.* 5.
Pedro Mattheo na sua vida.

58 *Sueton & Dion. Cassius.*

59 *Tacit. Annal. l.* 15.
Joaõ Pablo Martyr, Riso na vida de Senec.

acabar mendigando. 60 Em Hespanha nos derão exemplos, a cabeça de Dom Alvaro de Luna, privado de Dom Joaõ II. Rey de Castella; 61 & a de Dom Rodrigo Calderon, muyto favorecido de Felippe III. Omitto o Condestavel Momoransi em França, o Conde de Essex em Inglaterra, Frysland em Alemanha, & outros successos; porque trazer todos fora infinito.

21 Quanto aos Vassallos, ainda que o grande Ministro faça milagres, he perseguido das màs vontades dos descontentes, das impertinencias dos zelosos, das censuras dos ociosos, & da diversidade de opinioens, que he impossivel concordar. A' sua affabilidade haõ de chamar engano: ao desinteresse, hypocrisia: à rectidaõ, severidade: à justiça, rigor: ao sofrimento, remissaõ: à brevidade dos despachos, precipitação: ao tomar conselho, irresoluçaõ: ha de ser murmurado nas casas de jogo, nos lugares de conversaçoens, dentro do Paço, & atè nos pulpitos se ha de conceytuar, arrastando textos sagrados, para provarem que he malissimo homem.

22 Se houvera juizo perfeyto, & se achàra o valimento em hum caminho, ninguem o levantára; todos se lembrariaõ do proverbio que dizia: *Quem está mais perto de Jupiter, está mais perto do rayo.* 62 Todos considerariaõ que o Principe he Sol no seu Reyno; não só porque alumea, mas tambem porque ordinariamente as boas, ou màs fortunas, saõ effeytos de sua visinhança, ou distancia; faz em huma casa Inverno, ou Veraõ, com mais liberdade que o Sol celeste, pois sem seguir regra, adianta, ou retarda os tempos, & os frutos, causando abundancia, ou esterilidade. Quem puder, naõ ha de viver taõ longe deste Sol que se gele, nem tão perto que se abraze; tanto, ou mais padecem os de Guinè entre ardores, como os de Suecia entre neves; será maravilha naõ ennegrecer aos que muyto aquentar: outros comparaõ o Principe ao fogo, encomendando a mesma mediania aos que se lhe chegaõ. 63

23 Mas tantos documentos, & experiencias naõ desenganão, sempre ha quem compre este cavallo Sejano, & este collar de Erifile, no engano de sua gentileza, & luzente pedraria, sem advertir nos desastres de todos os que os possuiraõ. Parecem-se estes ambiciosos ao que podendo-se livrar dos açoutes a que foy condenado, consentio na sentença, por querer provar como sabiaõ; & o peyor he, que os achaõ doces, pois se se vem livres daquella miseria, lhe chamaõ *cahida*, & procuraõ recobralla; mào gosto, & cegueyra do peccado.

60 *Floscul. hist. p. 2. c. 3.*

61 *Marian. hist. de Hespan. tom. 2. l. 22. 12. & 13.*

62 *Erasm. in Adag. ex Diogen.* Proximus Jovi, proximior fulgori. *Vide Solorzan. emblem. 57.*

63 *Stob. serm. 43. Solorzan. emblem. 58.*

CAPITULO XLI.

Que nem com reynar se aliviaõ, antes crescem os trabalhos da vida.

1 O S Reys a que Platão, 1 & outros Filosofos chamàrão compostos de materia de ouro: divinos entre os homens: eminentes à natureza: fabricados pelo melhor Artifice à semelhança de si mesmo: 2 obra unica, imagem do soberano Monarca: familiar a seu Creador: luz entre os subditos: 3 cujo officio dizem os Politicos, 4 & as letras sagradas 5 que he ministro, simulacro, & substituto do summo Governador, & que se deve obedecer, & respeytar, como Viso-Rey de Deos; aquelles tão venerados de algumas naçoens na antiguidade, que hum Persa mandado açoutar por seu Rey, lhe deu graças por se lembrar delle; 6 estes digo que na terra parecem Semi-Deoses, não tem a vida privilegiada

2 Basta para provar não serem izentos das enfermidades, & dores communs a todos os mortaes; como ferido de huma setta confessou Alexandre Magno, 7 contra a presumpção que tivera de se fazer filho de Jupiter. Mas passemos ao em que estão de peyor condiçaõ que os outros homens.

3 Tem o trabalho de deverem ser melhores q̃ os subditos; como dizia Cyro Rey de Persia; & por esta razão Alexandre perguntado quando morreo, a quem deyxava por herdeyro de sua Monarchia, respondeo que ao melhor; 8 & a coroa de ouro, com que sobre as de prata, & ferro, he coroado o Emperador de Alemanha, lhe mostra, que nos quilates da virtude, deve exceder aos outros homens, como o ouro excede aos outros metaes. Quanto isto lhe importe, expendemos em outra parte. 9 aqui basta apontar, que hum Principe se deve recear do melhor reputado, & naõ do que tiver peyor nome; pelo que o grande Rey Theodorico chamava a boa reputaçaõ, Thesouro dos Principes. 10

4 Desta boa fama deve o Rey ter mayor cuydado que os outros homens, porque o resplendor que o acompanha, descobre mais seus procedimentos. A terra, dizem os Poetas, 11 se fez fecunda de linguas, para publicar os defeytos delRey Midas; qualquer fama que alcançar ha de ser grande à proporção da dignidade, dizendo mais do que for, 12 principalmente no mal, a que a censura he mais prompta; o que nos outros for nuvem, nelle serà eclipse.

5 Mas nem lhe basta ser bom para contentar a todos. Ao justo chamão cruel: ao clemente, froxo: ao liberal, prodigo: ao valeroso, temerario: se tem valido, dizem que naõ he senhor: se o não tem, queyxaõ-se de que não ha quem os ouça; do que

Absalaõ

1 *Plat. de Rep.*

2 *Ephantes apud Stob. serm.* 47.

3 *Stob. in admonit. ad Reg. serm.* 48.

4 *Plutarch. de doctr. Princ. & l. de disput. Philosoph. Diotagen l. de Reg. Simano de Rep. l. 3. c. 6.*

5 *Matth. 2. 21. Marc. 12. 17. Paul. ad Rom. 13. à n. 4. Petr. ep. 1. c. 2 à n. 13.*

6 *Stob. serm. de leg.*

7 *Plutarch. in Alex. ante med.*

8 *Q. Curt. de reb. Alex. l. ult.* Ei qui esset optimus.

9 *Na harmon. polit. p. 2. §. 1.*

10 *Apud Cassiod. l. 9. ep. 23.* Hoc verè thesauris reponimus, quod famæ commodis applicamus.

11 *Ovid. Metam. l. 11. Natal. Com. mythol. l. 9. c. 15. in fine.*

12 *Senec. 1. de clem. c.* 8 Nullis magis cavendum qualem famam habeant, quám qui qualemcumque meruerint, magnam habituri sint.

Abſalão accuſava a David : 13 ſe ſegue os conſelhos, poem taxa em ſeu juizo; ſe os não ſegue, murmurão, que he abſoluto. Luis que chamàrão *Pio*, & *De buen ayre*, por ſua boa indole, Emperador, & Rey de França, filho de Çarlos Magno, foy excellente Principe, & com tudo màos vaſſallos, conjurados com ſeus proprios filhos, o depuzerão do governo; 14 vio-ſe tão miſeravel, que quando em Soiſſoens o obrigárão a deſpir o habito Imperial diante do Altar de São Sebaſtião, diz hum Eſcritor : *Só no coração implorava a aſſiſtencia de Deos, a que naõ ouſava recorrer publicamente naquella injuſtiça, temendo que ſuas oraçoens foſſem criminoſas* : 15 (he verdade que o ſoccorreo o *Senhor*, porque tres, ou quatro annos depois foy reſtituido, arrependidos os nobres, & populares, *por admoeſtação divina*, como diz hum grave Hiſtoriador : 16 ElRey Dom João II. de Portugal alcançou dignamente renome de *Principe perfeyto*, & com tudo teve no Reyno as mayores contradiçoens.

6 Atè as deſgraças ſe imputão aos Reys, como ſe todos forão Alexandre Magno, de quem diſſe Quinto Curcio, *que ſó entre os mortaes tivera a fortuna em ſeu poder.* 17 Os Godos matàrão a ſeu Rey Ucterico, ſendo muy valeroſo, ſó porque era deſgraçado nas batalhas. 18

7 Todos eſtudão como hão de enganar ao Rey; & alguns contendem ſobre o dominar, como ſe fora Reyno, & não Rey. Cuyda elle q̃ entrão no Paço a ſervillo, & entrão a procurar entregallo; huns com liſonjas, mal perpetuo dos Principes; outros nos meyos de alcançarem mercês; & não tem quem o deſengane; 19 falta que Seneca 20 chorava em quem tem com abundancia tudo o mais; antes paga conſelheyros para o enganarem, como ſe queyxava o Emperador Diocleciano; 21 tem contra ſi amigos, & inimigos, como dizia Saturnino Auguſto 22 aos que lhe veſtiaõ a purpura Imperial.

8 Digo os que ſe fingião amigos, porque nenhuns tem verdadeyros, como experimentaõ os cahidos. Por muyto raros ſaõ celebres nas hiſtorias de Heſpanha 23 dous Portuguezes, Fernão Pacheco, & Martim de Freytas, que em Cerolico, & Coimbra defendèrão a parte delRey Dom Sancho Capello, ſendo lançado já do Reyno. Tanto que ElRey de Caſtella D. Fernando o Catholico entregou o Reyno a Felippe I. o deſempararão todos os grandes, & nobres, ainda os mais beneficiados por elle, de maneyra, que com grande eſcandalo ſe vio em notavel ſolidão; & logo que por morte de Felippe foy chamado para tornar a governar, tornàrão todos a fazerlhe os antigos obſequios; diſſe elle entaõ, ſorrindo, ao Duque de Bejar: *E vós Duque tambem me deſemparaſtes?* Reſpondeo elle: *Senhor, quem naõ ſe enganaria, crendo que hum moço de vinte & quatro annos taõ robuſto havia de viver mais que V. A. que tem quaſi ſeſſenta?* Mas replicou ElRey : *Só hum neſcio ſe enganaria: & ſe vós foreis taõ entendido como ſois gracioſo, cuydarieis que voſſo*

13 2.*Reg.* 15. 3. Non eſt qui te audiat conſtitutus à Rege.

14 *Robert. Gaguin. de Francor. geſt l.4 in Ludov. Pium. Nicol. Gilles nos annaes de França an.829.*

15 *Lyſieux na Philoſ. Chriſt. p. 1. c.5. ad fin. verſ. que ſa bouche.*

16 *Nicol. Gilles ſup. an. 834. in princ ibi: par divin. admonition.*

17 *Curt. ſup d.l. ult.* Plus debuiſſe fortunæ, quàm ſolus omnium mortalium in poteſtate habuit.

18 *Jul. de Caſtilh. na hiſt. dos Godos l.2. diſcurſ.8.*

19 *Saavedra na Idea do Principe, empreſ.49. in med.*

20 *Senec. de beneſ. l.6. c 30.*

21 *Apud Flav. Vopiſc. in Aurel.* Colligunt ſe quatuor, vel quinque, atque unum conſilium ad decipiendum imperatorem capiunt.

22 *Apud Vaienſuel. de ſtatus, ac belli ratione, p.1 conſid.1. n. 49.* Timentur hoſtes, comites formidantur.

23 *Duarte Nunes, Chron de D. Sancho II. Vaſconcellos in Anacephal. ejuſd. Maris dial.2. c.14*
Chron. de D. Affonſo o Sabio de Caſtel. c.7.
Mariana hiſt. de Heſpanha l. 3. c.4. no fim.
Fr. Anton. Brandaõ na Monarch. Luſit. p.4. l.14. c.30.

Rey natural, de quem tinheis recebido mercès, podia viver mais & gratificarvos melhor que hum estrangeyro. 24 Muytos exemplos ha de amor, & fidelidade a homens particulares cahidos, atè de escravos para seus senhores; 25 só para Reys despojados saõ rarissimos, & deyxaõ-se enganar de veneraçoens.

9 Finalmente, como ElRey Antigono advertio a seu filho, o reynar he huma servidaõ nobre; 26 de dia, & de noyte ha de cuydar, & trabalhar; a Republica naõ he sua, mas elle da Republica: 27 & por esse o tem os vassallos; avaliaõ-lhe por criminosas as horas de alivio; por tal se condenava o tempo em que ElRey Dom Affonso IV. de Portugal se divertia na caça. 28

10 Tanto custa a ceremonia de huma adoraçaõ interesseyra, & a representação de hum amor fingido, que he só a que os Reys logaõ mais que os outros homens; & com tudo poucos engeytàraõ este engano: occorrem à memoria em Roma só dous Emperadores, Diocleciano, & Maximiniano: (& dizem que este se arrependeo) em Grecia, outros dous, Michael Coruplates, & Manoel Comneo: em Alemanha dous, Lothario, & Carlos V. em Castella (alèm do mesmo Carlos) outros dous, Bermudo, & Affonso el *Monge*: hum Rachis em Lombardia: hum Pedro em Inglaterra; poucos mais se achàraõ nas historias, sendo innumeraveis os que por todos os caminhos, ainda tyrannicos, procurάraõ reynar. Só hum Quintiliano se matou, porque o faziaõ Emperador. 29

11 ElRey Salamaõ coroa este discurso. Foy o edificador da mayor maravilha no templo de Jerusalem; 30 illustre por sangue, amavel por pessoa, sabio sobre todos os homens, temido dos inimigos, celebre entre as naçoens remotas, 31 que he louvor mais excellente: 32 rico mais que todos os Principes. Lograva as riquezas de quantas Provincias, & Reynos seu pay David sugeytàra, dos Moabitas, Syros, Damascenos, Amalecitas, Idumeos: os tributos dos Reynos da outra parte do Jordaõ, & Filisteos; & do Rio Eufrates atè o Egypto. Alèm das grãdes rendas de seu Reyno, tinha seiscẽtos sessenta & seis quintaes de ouro nas frotas de Tharsis, que tudo importava cada anno mais de cem milhoens de cruzados. De seu pay lhe ficou prata, ouro, & joyas em quantidade incrivel; pòde-se conjecturar a opulencia daquella herança, do legado que deyxou para fazer o templo, q̃ foy de cem mil quintaes de ouro, & dez vezes cem mil quintaes de prata, que reduzidos a moeda commua da Europa montaõ mais de dous mil & quatrocentos milhoens de cruzados. Diz o Texto santo, 33 que havia em Jerusalem tanta prata como pedras. Tinha mil & quatrocentas carroças, & para ellas quarenta mil cavallos; & doze mil de passeyo: além de muytas azemelas para serviço. Adornava seus paços com as tapeçarias mais ricas, com as pinturas mais excellentes, com esculturas perfeytissimas. Havia nelles jardins

24 *Ilhescas na hist. Pontific. p. 2. l. 6 c. 23. §. 1.*

25 *Apud Valer. Max. l. 6. c. 8. & alios.*

26 *Apud Ælian. var. hist. l. 2. c.* 20. Agnovisti, fili, nostrum Regnũ nobilem esse servitutem?

27 *Senec. de Clement. l. 1. c. 19.* Non Rempublicam suam, sed se Reipublicæ.

28 *Duarte Nunes na Chron. de Dom Affonso IV.*

29 *Mariana hist. de Esp. l. 4. cap.* 10.

30 3. *Reg.* 6. & *vide supra c. 14. n. 14.*

31 3 *Reg.* 10. 1.

32 *Cassiodor. l. 10. ep.* 19. Commune est cunctis in suis Imperijs prædicari: sed illud est omnimodis singulare, in extranea gente laudes proprias invenire, quia ibi sunt vera judicia, ubi neminem comprimit ulla timiditas.

33 2. *Paralip.* 9. 17. Tantamque copiam præbuit argenti in Jerusalem, quasi lapidum.

dins deleytosissimos : lisongeava o ouvir com musicas de suavissimas vozes, & dos melhores instrumentos: o olfacto com os aromas de Pancaya, & Sabea, em simplices, & mixtos : o gosto com variedade dos mais saborosos manjares : o serviço era o mais pomposo. Atè para a lascivia tinha setecentas mulheres com titulo de Rainhas, taõ escolhidas, como se cada huma só o fora, & trezentas concubinas das mais fermosas que em seus Reynos, & nos estranhos se puderaõ achar. Tudo isto (adverte hum grave moderno 34) saõ verdades da sagrada Escritura : 35 *Christo* Senhor nosso trouxe aquelle Rey por exemplo da mayor gloria do mundo ; 36 & elle mesmo confessou , 37 que gozàra todos os deleytes, quanto appetecèraõ seus olhos, & quanto podia desejar : mas juntamente confessou , 38 que em tudo trabalhàra , suàra , & tivera afflicaõ.

12 Quando os Reys se imaginaõ entre delicias , os trata o mundo como aos de Samatra , cujos povos tinhaõ authoridade para os depor , & matar. Quando lhe queriaõ dar morte , ordenavaõ huma magestosa caçada de Tigres , & Elefantes, em que se achava toda a Corte, & por algumas horas o entretinhaõ em agradavel passatempo , atè que no ponto determinado , quando mais irritadas as féras , & o miseravel mais descuydado , o desemparavaõ todos , & o deyxavão despedaçar cruelmente, tentando-o na morte com aquelle apparato.

13 Estas saõ as penas ,& miserias de hum Rey legitimo; 39 ao tyranno accrescem outras terriveis , que veremos em outro lugar. 40

34 *P. Castro na Reformaçaõ Christ. fundam.* 1.c.2.
35 *Reg.* 3 *Paralip* 2. *Eccles.* 2.
36 *Matth.* 6.19. Nec Salomon in omni gloria sua.
37 *Ecclesiastes* 2.10.
38 *Ibidem n.* 11. Ad labores in quibus frustra sudaveram , vidi in omnibus vanitatem, & afflictionem animi.
39 *Largamente trata esta materia Solorzan. embl.* 15. *& nós seguintes.*
40 *Na* 2.*p.c.*33.

CAPITULO XLII.

Que os amigos naõ saõ alivio para os trabalhos da vida, antes os accrescentaõ.

1 MEdicina da vida chamou o Ecclesiastico 1 ao amigo fiel; para tratar com elle o que se offerece, como disse Salamão , 2 & ter companhia , & conselho em todas as fortunas ; sobre o que escrevèraõ muytos Authores. 3

2 Mas este imaginado alivio he só especulativo, tratar esta materia, he vaõ trabalho, como o de quem escreveo as qualidades da Ave Fenix 4 que naõ ha , ou he unica ; só a David , & Jonathas qualificou a Escritura santa 5 por amigos perfeytos: outros que chama amigos, o foraõ em casos particulares. Nas letras humanas, as amizades que referem os Poetas, quasi saõ fabulosas : 6 as de que tratão as historias , 7 escrevem-se por muytos raras em muytos seculos; & assim disse o mesmo Ecclesiastico, 8 que achar hum amigo (dos que elle tratava) era achar hum thesouro : antigamente quando isto disse , poucos thesouros se achavão; hoje nenhũ já se acha, por mais que cobiçosos gastem sua fazenda em cavar a terra para descobrirem alguns de que ha fama.

1 *Eccles.* 6. 16. Amicus fidelis medicamentum vitæ , & immortalitatis.
2 *Proverb.* 15. 9. Causam tuam tracta cum amico tuo. *Senec. ep.* 3. *paulo post princ.*
3 *Marc. Tull. de amicit. D. Ambros de offic. maximè l.* 3. *Multi relati in Polyanth. verb Amicitiæ , in fine. Seneca ep* 9.
4 *D. Joseph Pellicer.*
5 1. *Reg.* 18 1.
6 *Homer. Iliad. Virg. Æneid. l* 9. *Ovid. Trist.* 4 *& de Pont.* 2. *Stat. Sylv. l.* 4. *Sylv. l.* 9. *Propert. l* 2.
7 *Referem as mais celebradas Textor in offic p.* 2 *tit. amici. Polyanthea, verbo, Amicitiæ. Defensa da Monarch. Lus. p.* 2. *c.* 39.
8 *Eccles. d. c.* 6. 14. Qui autem invenit illum , invenit thesaurum.

3 Os amigos já tem nome corrente de *amigos do tempo*, só o saõ na felicidade, em que naõ saõ necessarios; na adversidade nenhum apparece. 9 Só por cortezia a naçaõ Portugueza creo dous casos, que o grande Historiador Joaõ de Barros conta, 10 hum de Manoel Cerniche no cerco de Calicut, outro de Gabriel Pacheco no primeyro cerco de Dio, que voltàraõ a pelejar com os inimigos, por acodir cada hum a seu amigo que ficava atraz, & ambos morrèraõ no soccorro. Perpenna amigo de Sertorio, vendo-o perseguido pelos Romanos, o fez matar com huma infame conjuraçaõ; & se achou no testamento de Sertorio, que o deyxava instituido herdeyro. 11 Ha outros innumeraveis exemplos.

9 *Ovid.*
Donec eris felix, multos numerabis amicos;
Tempora si fuerint nubila, solus eris.
Seneca epist. 9.

10 *Barros dec. 3. l. 9. c. 8. & dec. 4. l. 10. c. 16.*

11 *Mariana hist. de Hespanha, lib. 3. c. 15. no princ.*

4 Outros mayores ministros o experimentaõ mais; porque nas Cortes naõ he mayor crime beyjar a maõ ao Sol, q̃ se poem, que acto de religiaõ entre os antigos Persas, adorallo quando nascia; pratica-se a ingratidaõ daquelles Indios Orientaes, que havendo-o adorado no Nascente, o apedrejaõ no Occidente: 12 cada hum, (& mais os mayores entendem,) se se chega ao cahido, basta que o vejaõ perigoso, para fugirem delle, como ratos que deyxaõ a casa tres mezes antes de se arruinar. Os mais interessados, & obrigados primeyro protestaõ que nunca o amàraõ, & que naõ podia haver cousa mais util à Republica, q̃ sua ruina. Melhor negocio tem o cahido no voto de hum inimigo declarado, porque este tal vez hypocrita, se quer acreditar fazendo-lhe justiça, ou favor; aquelle por cuydar que se acredita, o encontra sempre; he o que disse o mesmo Ecclesiastico, 13 que *o amigo do tempo, no da tribulaçaõ se converte em inimigo*: fora melhor nestas occasioens naõ ter taes amigos; naõ convem amigo de que se haja de duvidar. 14

12 *Jacinto Freyre de Andrade na vida de D. Joaõ de Castro l. 1. n. 39. no fim.*

13 *Ecclesiast. c. 6. n. 8. & 9.*

14 *Q. Curt. in Alex. l. 7. post med. oratione Scythæ* Nec tibi amico opus est, de cujus benevolentia dubites.

5 Entre Principes naõ ha amizade; mede-se por utilidade, naõ por fé; nem se faz caso de parentesco; gostaõ huns dos males dos outros; dizem que só attendem ao bem dos Povos que Deos lhes encomendou, & que os naõ querem empenhar em cousas alheas. O Emperador Carlos V. nada fez pela tia irmã de sua mãy repudiada por Henrique VIII. Rey de Inglaterra; deyxando-a viver em Londres em humas casinhas como huma pobre mulher. Luis XIII. Rey de França, achando-se formidavel à Europa, permittio que seu cunhado Carlos I. Rey de Inglaterra fosse degollado por seus vassallos, & q̃ a Rainha sua irmã andasse miseravelmente desterrada: & por respeyto do tyranno Cromuel, & mais rebeldes, com quem logo firmou amizades, lançou seus filhos de França, sem lhes consentir em seu Reyno, nem viver em miserias. Mas esquecelhes aquella razaõ do bem de seus Povos, se de ajudarem ao chamado amigo lhes póde vir proveyto. Os Romanos constituiraõ seu Imperio do que interessáraõ nestes soccorros: em Hespanha entràraõ a soccorrella como amigos como os Carthaginenses: em Judea a ajudar a Hircano contra Aristobolo; & assim em

outras partes. Inglaterra foy por vezes occupada por ſemelhãtes amigos, que a ella paſſárão a ſoccorrer alguns dos Reys, que entaõ reynavaõ naquella Ilha, & tinhaõ guerras entre ſi; & depois os Reys de Inglaterra ſe introduzirão no dominio de Irlanda, a titulo de comporem as differenças dos ſeus regulos. D. Fernando de Caſtella, chamado o Catholico, ajudando ao Papa Julio II. ſe ficou com o Reyno de Navarra; & paſſando a ajudar a ſeu primo Rey de Napoles contra ElRey de França, logo indignamente ſe concertou com o Francez, & ambos privárão o meſmo Rey legitimo; do que os Authores Caſtelhanos 15 procuraõ deſculpallo, mas naõ achaõ razaõ. Baſtem eſtes exemplos. Taes ſaõ as amizades.

6 Mas poſto que felizmente ſe ache hum bom amigo, em que remedea as miſerias da vida? nem dà ſaude nas doenças, nem tira a cauſa das affliçoens, porque ordinariamente naõ pòde ajudar as neceſſidades; acompanharà no ſentimento, & vello ſentir atormentarà mais; chorará noſſas calamidades, & nòs ficamos com ellas.

7 Antes os amigos ſendo verdadeyros, ſe acreſcentaráõ reciprocamente as penas da vida. Porque ſe a amizade faz communs os intereſſes, 16 aſſim como he verdade que os amigos ſe communicàraõ os goſtos, aſſim tambem ſe haõ de communicar os deſgoſtos; & como eſtes coſtumaõ ſer muytos mais em numero: & a dor poſto que pequena, he mais ſenſivel à noſſa natureza, que huma grande alegria; mais penoſa fica a vida, havendo cada hum de ſentir os ſeus pezares, & os alheyos; & aſſim como Saõ Chryſoſtomo 17 diſſe que era alvitre para os que deſejaõ ſer ricos, lograrem por caridade as riquezas dos proximos; aſſim he meyo para ſer mais miſeravel, padecer por amor as miſerias do amigo.

8 Cauſaõ os amigos trabalho em os conſervar, neceſſita iſto de induſtria; por iſſo ſó entre os ſabios pòde haver amizade, diſſe Seneca; 18 tem o receyo de haver hum mexerico que os divida: ſe he hum ſó, ha perigo de o perder por morte, ou por outro accidente: ſe ſaõ mais, ha entre elles ciumes: empenhaõ-ſe nas brigas: nada ſe lhes pòde refuſar: hũ bom Filoſofo Chriſtão os comparou ao ſentido de cheyrar, 19 que alguns diſſeraõ que naõ fora beneficio da natureza como os outros; porque o ver, goſtar, ouvir, & tocar, tem mais objectos de goſto, que de pena; mas ao cheyrar, ſaõ, pelo menos, iguaes humas, & outras occaſioens.

9 Naõ digo que ſe naõ grangeem amigos; a natureza enſina a procurallos; ainda nas couſas que naõ naſcèraõ para communicaçaõ, a terra procura participar qualidades ao Ceo, para receber influencias: os aſtros tem ſuas conjunçoens, em que ſe moſtraõ ſociaveis; ſe o homem naõ achar amigos perfeytos, fará o que deve em os buſcar. 20 Só digo, que nem os verdadeyros aliviaõ a vida de calamidades.

15 *Ilheſc. hiſt. Pont. p. 2. l. 6. c. 21. §. 5. poſt med.*

16 *Senec. ep. 48. in lib. 3.* Conſortium rerum omnium inter nos facit amicitia; nec ſecundi quicquam ſingulis eſt, nec adverſi: in commune vivitur.
Quod quomodo intelligatur, vide egregiè apud eund. Senec. de benefic. l. 7. c. 12.

17 *D. Chryſoſt. hom. 19 ad pop.* Tanta eſt charitatis vis: non fruentes pariter cum fruentibus gaudere facit.

18 *Senec. d. l. 7. c. 12. de beneſ.*

19 *P. Lyſieux na Philoſoph. Chriſt p. 1. c. 35. verſ. quelqueſuns.*

20 *Senec. ep. 9. in princ. in l. 1.*

CAPITULO XLIII.

Conclue-se geralmente quam falsos saõ todos os gostos, & passatempos da vida, & quam desordenado o amor que a ella temos.

1 MUytos Santos, & sabios 1 desenganàraõ os homens de outros imaginados contentamentos, mostrando em todos mais pezares, q̃ prazeres, mais penas, que alivios,& muytos inconvenientes para a mesma vida,q̃ com elles se procura regalar;vestem-nos de festa com ferro de cilicio; saõ moeda falsa, pirola dourada, Sereas com rosto de mulheres fermosas, escondendo nas aguas da tribulaçaõ o feyo de peyxes,como Frictonio que inventou andar em coche por cobrir os pès que tinha de dragaõ;2 ou como o Grego, q̃ porque tinha só hum olho,sempre se fazia retratar de perfil. Tomamos por gosto (nota Santo Agostinho 3) o que nos ha de fazer chorar,como os que vaõ ver tragedias de casos que movem a compayxaõ, gostaõ chorando, & amaõ as lagrimas, misturaõ o riso com a dor, como diz Salamaõ; 4 como lançado vinho, & agua em vaso de pào de hera, se escoa o vinho, & só fica a agua: 5 assim o mundo escoa o prazer, & só fica o pezar. 6

2 Trata-nos com aquelle banquete do Emperador Domiciano, quando celebrou as exequias de humas legioens que os inimigos matàraõ. Fez tapeçar de negro huma grande sala, & cobrir de negro os assentos, & quanto estava nella, & tambem a mesa em que se havia de cear. De repente, & de noyte mãdou chamar os convidados sem saberem para que; chamados por hum tyranno de noyte se deraõ por mortos; mas cheyos de angustias naõ puderaõ deyxar de hir: no Paço os fizeraõ entrar hum, & hum na negra sala, & que se assentassem à triste mesa. Trouxe-se a cada hum por primeyro prato hũa columna negra em fórma de sepultura,& nella o seu nome gravado com letras; entaõ se deraõ por já sepultados; entràraõ pequenos moços todos nùs,& negros,dançando com taõ horriveis gestos,que pareciaõ demonios. Acabada a dança se deytàraõ aos pès dos convidados,continuando os mesmos gestos para lhes meter pavor, vieraõ as iguarias em pratos negros; os copos, & toda a bayxela era da mesma cor;os cõvidados se olhavaõ sem fallarem;forçavaõ-se a comer com medo do Emperador, que estava presente, attentando o que faziaõ. Praticava elle com os criados em homicidios, & crueldades. Acabadas as iguarias, de que se comeo pouco,só por ceremonia, se lhes deo licẽça para se irem, porèm acompanhados de homens que naõ conheciaõ, o que ainda os naõ confiava. Quando se viraõ em suas casas, atrancàraõ as portas, & naõ cessavaõ de dar graças aos Deoses.

1 *Inter quos D. Chrysost. serm. contra gul & cæter. corpor. volupt. tom.5. Petrarcha in dialog. de prosper. fortun Fr Heitor Pinto tom.2. dial. ult dos verdadeyros, & falsos bens. Fr. Diogo de Estella no livro da vaidade do mundo.*

2 *Viana no comment. a Ovid. Metam. l.2.n.40.*

3 *D. August. Confess. l. 3.c.2.* Gaudens lacrymatur: lacrymæ ergo amantur, & dolores.

4 *Proverb.14.13.* Risus dolore miscebitur, & extrema gaudij luctus occupat.

5 *Pier. Valerian. in hierogl. hederæ.*

6 *Nota Fr. Heitor Pinto d. tom. 2. dial. 5. c. 16.*

Mas dentro de hum quarto de hora lhes batèraõ às portas em recado do Emperador. Abriraõ assustados, & achàraõ presentes que lhes mandava; nunca se viraõ presentes taõ pouco agradecidos; nem os presenteados os desejariaõ outra vez, posto que fossem os mais preciosos.

3 Quem naõ vê neste o retrato dos banquetes que o mundo nos dà? As iguarias acompanhadas de temores; muyto salgadas a quem lhes toma o sabor: 7 se he iguaria contra a Ley de Deos, os demonios a servem com danças, & em quanto se come, se pratica da morte eterna dos que estaõ comendo; sejaõ banquetes de Cleopatra, ou delicias de Sardanapalo, tem mais de amargoso, que de doce. Antes tudo he amargoso, porque o doce he a imaginaçaõ do que tinha por seus os navios que entravaõ no Porto Pireo, & era rico de sua loucura; o freneli de nossas payxoens nos representa essas chimeras; fallamos dellas, como de realidades, mas os que estaõ com juizo, conhecem que saõ discursos de febricitante. Que differença! Joseph, quando Deos lhe mostrou a ventura que teria; 8 Salamaõ quando o *Senhor* o dotou de felicidades; 9 Saõ Pedro quando o Anjo o livrou do carcere, 10 cuydavaõ que eraõ sonhos: que os bens do Ceo, ainda que nos pareçaõ sonhados, saõ verdadeyros; aquelles de que falla Isaìas, 11 cuydavaõ que possuhiaõ, mas sonhavaõ; que os bens da terra, parecendo verdadeyros, saõ sonhados; sonhos na noyte da razaõ, que tanto que desperta, se acha sem os thesouros que sonhava possuir. Se fizermos reflexaõ no passado, naõ acharemos differença entre os sonhos de quando vigiavamos, & os sonhos de quando dormiamos; & os homens daõ mais credito a sonhos, que a realidades; por isso Deos quiz com hum sonho (alheyo) confirmar a Gedeaõ na vitoria, que em realidades lhe mostràra: 12 o Evangelista Saõ Mattheos diz, 13 que o demonio mostrou a *Christo* Senhor nosso de sima de hum monte todos os Reynos do mundo, & a gloria delles; naõ lhe podia mostrar isto, senaõ representado no ar; & com tudo a letra do texto diz que lho mostrou, porque em effeyto os Reynos, & gloria do mundo tudo he ar. 14 A gentilidade antiga em hum mesmo templo venerava a *Volupia*, que tinha por Deosa dos prazeres, & juntamente a *Angerona*, que chamava Deosa das agonias. Que confuso he o gosto dos homens! 15 o que parece mais certo, he preambulo do mayor mal: Samsaõ se perdeo entre os afagos de Dalila: 16 Sisara bebeo a morte no leyte que lhe apagou a sede: 17 Holofernes deyxou a vida nas delicias em que se imaginava: 18 Balthasar vio sua destruiçaõ por ultimo prato de seu esplendido banquete: 19 escusaõ-nos de mais exemplos nossos primeyros pays, que comèraõ a ruina mayor no pomo, que gostàraõ para se exaltarem. 20

7 *Senec. de brevit. vit.* c 16. Ipsæ voluptates eorum trepidæ, & variis terroribus inquietæ sunt.

8 *Genes.* 37. 6. Audite somnium meum.

9 3. *Reg.* 3. 5. Per somnium nocte.

10 *Act.* 12. 9 Existimabat se visum videre.

11 *Isai.* 29. 8. Sic somniat esuriens.

12 *Judic. c. 6. ex n. 36. & c. 7. ex n. 11.*

13 *Matth.* 4. 8. Ostendit ei omnia Regna mundi, & gloriam eorum.

14 *Ita Pater Sylveir. in Evang. tom. 1. l. 3 c. 3. q 32 n. 151.* Nec enim aliæ sunt divitiæ, ac honorem mundi, nisi tantùm apparentes.

15 *Macrob Saturn l. 1. Joel.* 1. 12. Confusum est gaudium à filiis hominum.

16 *Judic.* 16. 19.

17 *Judith* 4. 21.

18 *Judith* 13. 10.

19 *Daniel* 5 30.

20 *Genes.* 3.

4 Sobre tantas experiencias, em nada reparamos por che-

chegar ao q̃ temos por deleyte. Somos como aquelle, a quem os Medicos disseraõ, que perderia a vista se continuasse a usar do vinho, & escolheo perdella; caminhamos ao appetite, sem advertir nos perigos que nelle nos cercaõ; como o de que Santo Antonio 21 conta, que fugindo de huma serpente, & cahindo em huma profunda cova, pode pegarse a huma arvoresinha que estava na entrada, & pòr os pès sobre hum torraõ; ao pè della andavaõ bichos que a rohiaõ; no fundo estavaõ Leoens famintos: & elle vendo em hum ramo mel que alli fabricàraõ abelhas, se poz a comer delle com vagar; & entretanto acabáraõ os bichos de cortar a tenra arvore; & o miseravel cahio a ser tragado de Leoens.

5 Tudo he dizer que procuramos passatempo, como se elle naõ passára sem o procurarmos, & se queremos que passe, para que o pedimos? se o desejavamos, já o temos; façamos o para o que o desejamos. Deviamos desejallo para o que nascemos, que he para cousas grandes; 22 se as naõ fazemos, sobejanos a vida; para que a queriamos mais larga? queyxamonos de que he breve, & a fazemos mais breve gastando-a mal; se falta para o que queriamos, naõ falta para o que necessitamos; Deos a ajustou com a necessidade, naõ com o appetite; como ajustou o estomago com a temperança, & naõ com a gula; bem distribuida, naõ será curta: como a fazenda desperdiçada sempre he pouca, bem dispensada he bastante. Na segunda parte diremos disto mais. 23

6 Eu naõ sey (dizia o grande Padre Saõ Joaõ Chrysostomo 24) donde, ou porque razaõ se poz nome de *delicias* ao que o não he; antes se faz tanto mal; deve ser, porque o mundo atè nos nomes erra; se por força havemos de viver em afflicçoens, porque não escolhemos as que nos sirvaõ de coroas? 25 somos como alchimistas, que sempre trabalhão por fazer ouro, & quando cuydão que o tem, se achão mais pobres, & com a vista gastada.

7 Mas seja embora verdadeyro quanto na vida estimamos; naõ he labareda em estopa? entre o mesmo gosto estamos com o cuydado de quanto durará. 26 Dure embora por algum tempo; naõ basta haverse de acabar para lhe tirar a estimaçaõ? Bellissimas saõ as flores com que se lavraõ os tapizes do prado, para alcatifarem as galarias de Abril; ou joyas fragrantes com que se orna a primavera ao romper do dia; mas abate seu valor a pouca duração. Bello he hum rosto, que parecendo mais que humano, encanta a vista, passa com doce violencia a render o coração, & transforma em si as almas como o nosso Poeta disse; 27 mas desacredita-lhe divindades estar sugeyto ao tempo lavrador, que lhe fará regos nas faces, & semeará de neve a cabeça. Bella he a noyte coroada de Estrellas, com manto de sereno azul; mas perde o preço, porque ao sahir do Sol desapparece sua pompa. Bellissimas saõ essas Estrellas, pregaria

21 *Apud Fr. Heitor Pinto p. 2. dial. 1. c. 2.*

22 *Cicer. offic. 1. relatus sup. c. 17. n. 3.*

23 *P. 2. c. 53. à n. 2.*

24 *D. Chrysost. hom. 54. ad pop. Antioch. prop. fin. & plura dicit serm. de vanit. & brevit. praesẽt. vit. tom. 5.*

25 *Idem hom. 26. post med. ad epist post Paul. ad Corint. c. 12.*

26 *Senec. de brevit. vit c. 16.* Subitque cum maximà exultatione, sollicita cogitatio: hæc quamdiu?

27 *Camoens Lusiad. cant. 3. est. ult.* Que em si està sempre as almas transformando.

garia dourada da architectura do Ceo, ou flores luminosas daquelles campos de çafir ; mas tem a desgraça de as escurecer a manhã que tudo o mais alumea, & de haverem de cahir no tremendo dia. 28 Bella a Lua chea, que veste de claridade a escuridão, & pratea as nuvens, mas porque ha de minguar, não logra os encomios do Sol. Que cousa mais bella que o Sol, 29 thesouro da luz, dispenseyro das riquezas, mordomo mòr do mundo, relogio do universo, medalha da effigie do summo Rey? mas diminuelhe a gloria hum vapor da terra, a opposição de huma nuvem, o accidente de hum eclipse, o sepultarse cada dia no Occaso, & haver de faltar no fim do mundo, 30 (se bem renovados os Ceos resuscitarà mais luzente. 31) Se o mais vistoso da terra, o mais resplandecente do Ceo, o mesmo Sol, avò dos dias, pay dos mezes, esposo do anno, irmão do tempo, emulo da eternidade, porque se ha de acabar, perde a graça: que graça achamos em gostos, posto que verdadeyros, tanto menos duraveis?

28 *Marci* 13.15.

29 *Ecclesiast.* 17. 30. Quid lucidius sole?

30 *Ecclesiast. sup.* Et hic deficiet.

31 *Isai.* 30 26. Et lux solis erit septempliciter.

8. O mundo não nos engana, pois nada faz occulto; os mesmos gostos nos desenganão, pois, não nos satisfazendo, mostrão que não symbolizaõ com nossa alma; nossa maldade mente a si mesma, 32 cerrando os olhos ao que vé, & os ouvidos à verdade; só David 33 a conheceo, quando à terra taõ povoada de homens, tão cruzada de estradas, & tão abundante de rios, chamava deserta, sem caminho, & seca; porque nem achava homem que o consolasse, nem caminho q̃ o guiasse, nem agua que lhe matasse a sede : tudo erão apparencias; pelo que exclamou: *Homens, atè quando sereis duros de coraçaõ? para que amais a vaidade, & buscais a mentira?* 34 Somos como a escrava de Seneca, que se queyxava que era a casa escura, sendo a verdade que era cega. 35

32 *Ps.* 62. *v.* 18. Mentita est iniquitas sibi.

33 *Psalm.* 62 *v.* 3. In terra deserta, & invia, & inaquosa.

34 *Psalm.* 4. *v.* 3. Filij hominum usquequo gravi corde? ut quid diligitis vanitatem, & quæritis mendacium?

35 *Martyr. Rizo na vida de Seneca pag mihi* 110

9. Parece que fica bastantemente mostrado o erro que acima 36 propuzemos do entendimento, no excesso com que amamos a vida. Porèm lembrame que Hegias Filosofo tomou por assumpto prègar os males da mesma vida, & a bemaventurança da morte: & persuadio a muytos a se matarem; pelo que os Magistrados lhe prohibirão fallar em publico naquella materia; mas elle nunca se convenceo a si, pois se não matou: creyo que folgava de viver; eu não quizera ser comparado a aquelle rhetorico. Digo que meu assumpto não he que a vida, gostos, & passatempos della se não amem; he que se amem ordenadamente; o modo nos ensinou *Christo* Senhor nosso quando nos levantou à graça, como veremos na segunda parte. 37

36 *Sup.* c. 32 *in fine*, & c. 36.

37 *P.* 2. c. 55.

CAP.

CAPITULO XLIV.

Que o entendimento naõ conhece as riquezas, & os homens as fazem perjudiciaes, podendo ſer uteis.

1 REſta moſtrar o erro do entendimento nas riquezas, como acima 1 propuzemos. Todos os homens as eſtimaõ, ainda os Filoſofos mais ſeveros, não ſó pelo que contribuem às deſpezas de huma vida alegre, mas tambem pelo que grangeão de opinião, como acima já moſtrâmos; 2 ſó ao rico (diſſe Santo Ambroſio) tem o mundo por digno de honra. 3

2 O certo he, como notou Saõ Bernardo, 4 que as riquezas de ſi não ſaõ boas, nem màs. Socrates, & Ariſtonimo 5 as compararaõ ao vinho, que toma da vaſilha em que o lançaõ; nos bons (dizia Santo Ambroſio 6) ajudão a virtude, nos màos a impedem. Nas mãos de Job, Abraham, Iſaac, Jacob, David, Berzellai, Joſaphat, Ezechias, Joachim. Zacheo, Joſeph Arimatheo, Saõ Gregorio, & outros Santos, foraõ virtuoſas: nas mãos do Rico avarento, do que ſe jactava com ſua alma do muyto que tinha, & do Principe que conſultou com *Chriſto* ſua ſalvaçaõ, foraõ vicioſas. E aſſim a eſte as permittio o *Senhor* em certa maneyra: 7 o avarento naõ ſe condenou por ſer rico, mas por naõ ſoccorrer ao pobre Lazaro: 8 nem o jactancioſo por cultivar, & enceleyrar, mas por confiar no que tinha, & não tratar de Deos. 9 Pithagoras as comparava ao cavallo que neceſſitava de freyo que o governe; 10 & Ariſtippo Filoſofo reprehendido de aceytar dinheyro, reſpondia, que o aceytava para enſinar aos amigos como ſe havia de uſar delle. 11

3 Qualificaõ-ſe em quatro tempos, ou partes; no deſejo, na acquiſiçaõ, no uſo, & na perda, ſe ſuccede. Em todos erraõ os homens ordinariamente, fazendo-as prejudiciaes, como diſſe Plataõ. 12 Daqui vem o que Salamaõ 13 notou, que huns repartem o proprio, & ſe fazem mais ricos: outros tomaõ o alheyo, & ſempre ſaõ pobres.

4 Erraõ no deſejo. Porque naõ faltando ordinariamente a Providencia Divina a cada hum com o neceſſario conforme o ſeu eſtado, todos deſejaõ mais para luxo, vãgloria, & appetites, & ſe tal vez o deſejão para o neceſſario, devera ſer o deſejo moderado com prudencia; 14 porèm coſtuma ſer deſvelado em cobiça. Alguns anelaõ o dinheyro, 16 porque naturalmente o amaõ; o que he a couſa mais iniqua, 15 & moſtra o mais abatido animo. 16 Por huma, ou outra couſa o procuraõ com tanta fome, que nada deyxaràõ de obrar por lhe ſatisfazer. 17 A Rainha Semiramis poz no ſeu ſepulchro hum letreyro que dizia: *Qualquer Rey que neceſſitar de dinheyro, abra eſte ſepulchro,*

1 *Supra c.32.in fin.*

2 *Supra c.18.n.6.& 7.*

3 *D Ambroſ offic.2.* Nemo, niſi dives, honore dignus reputatur.

4 *D.Bernard.ſerm.4.de Adventu Dom.in princ.Seneca etiam ep.29.*

5 *Apud Maxim ſerm.12.*

6 *D. Ambroſ. in Luc. relatus à Bobadilla in polit l 1 c 11.n.24.* Sicut divitiæ ſunt impedimenta improbis, ita probis ſunt adjumenta virtutis.

7 *Matth.19.16. Luc.18.18.*

8 *Luc 16 à n.19. D.Chryſoſt.hom.55. ad pop. Antioc.* Non enim quoniam dives fuerat puniebatur, ſed quoniam miſericordiam non exhibuit.

9 *Luc.12.21* Sic eſt qui ſibi theſaurizat, & non eſt in Deum dives. *Beda in gloſ.ibi. D.Aug gloſ.ſup.Pſalm. 61.*

10 *Apud Stob.ſerm.92.& ſerm. 3.de temper.*

11 *Apud Laert.de vita Phiſol.l. 2.c 8.*

12 *Plat.apud Stob.ſerm 92.* Scientibus quomodo divitijs utendum ſit, divitiæ commodæ ſunt; improbis verò, & imperitis malæ.

13 *Prov 21 24* Alij di idunt propria, & ditiores fiunt; alij rapiunt non ſua, & ſemper in egeſtate ſunt.

14 *Prov.23.2.* Noli laborare ut diteris, ſed prudentiæ tuæ pone modum.

15 *Eccleſiaſt* 10. 10. Nihil eſt iniquius quàm amare pecuniam.

16 *Cic 1.offic.* Nihil eſt tam anguſti, tamque parvi animi, quàm amare divitias.

17 *Virg.Æneid.3.* Quid non mortalia pectora cogis, auri ſacra fames.

& tome o de que necessitar. Dario o abrio, & em lugar de dinheyro achou em outro letreyro: *Se naõ foras mào homem, & abrazado de insaciavel cobiça, naõ abriras os cofres dos mortos.* Taes hydropicos se fazem contemptiveis: 18 que cousa mais vil, que hum homem venal? hum escravo se envergonha quando o vendem na praça, & he sem culpa sua: o cobiçoso voluntariamente se vende em todo o lugar, & occasiaõ em que póde adquirir; & de todos se faz escravo, porque o he de seu desejo; imagina que em qualquer parte vé dinheyro, & se arremeça pelo alcançar: como hum doudo que vé fantasias, & não realidades. Quem tanto faz por dinheyro, he tragado delle, como Origenes 19 considerou.

5 Erraõ na acquisiçaõ que devèra ser justa; do que resultariaõ quatro effeytos: estar o acquirente alegre com a consciencia segura: 20 viver honrado sem murmuração: 21 lograr elle, & seus filhos o adquirido, 22 & ainda augmentallo: 23 & succedendo perda, a sentir menos, 24 porque sente só a fazenda & naõ os meyos porque a alcançou. Porèm poucos reparaõ em meyos illicitos, & menos reparaõ os mayores; antes se costuma avaliar por inutil, ou descuydado o q̃ se naõ aproveyta de todos. Estes, diz Santo Ambrosio, 25 enterraõ nos seus cofres os pobres que matáraõ a punhaladas de roubos. O sangue dellas mostrou em Veneza o Veneravel Padre Frey Mattheos de Bassy, Author da reforma dos Capuchinhos Barbados, que convidado de hum Ministro a jantar, lhe estranhou estar a mesa cuberta com toalhas cheyas de sangue; & dizendo-lhe o Ministro, que se enganava, porque estavaõ muyto limpas: o Santo Varaõ espremeo dellas tanto sangue, que trouxeraõ hum vaso para o tomar. 26 Estes mortos, como os que Saõ Joaõ vio no Apocalypse, 27 clamaõ: *Atè quando, Senhor Santo, & verdadeyro, dilatais o julgar, & vingar nosso sangue?* E Deos responde: *Que se aquietem ainda hum pouco, atè que chegue o tempo.* No anno setecentos & vinte da fundaçaõ de Roma em Sicilia na Cidade de Palermo, huma tarde do mez de Agosto cõ tempo sereno, estando os Cidadãos celebrando com festas, & banquetes a pilhagem, que seus piratas haviaõ feyto em huma frota de Numidas, appareceo sobre hum carro tirado por dous Leões, & seguido por dous Ursos, hum pequeno homem, disforme, com hum só olho no meyo da testa, calvo, com cornos de cabra, sem pescoço, o braço direyto mais comprido que o esquerdo, as mãos redondas, como pè de cavallo, deyxando-se ver tudo isto no vagar com que passeava. Debayxo delle sahia fogo, que ameaçava incendio géral. Dos que o viaõ, huns cahiaõ pasmados, outros fugiaõ para os Templos, muytas mulheres mal pariraõ: tudo eraõ gritos, acrescentados com o rugido dos Leoens. Parou este fantasma diante do Paço do Governador Solino, aonde os piratas estavaõ com a preza. Alli cortou huma orelha a hum dos Leões: com o sangue della escreveo

18 *Isocrat. ad Democrit.* Contemne illos, qui nimium dant opera divitijs.

19 *Orig. hom. 19. in Levit.*

20 *Habac. 2. 4.* Justus autem in fide sua vivit. *D. Paul. ad Corint. 37 ad Galat. 3. 11. ad Hebr. 10. 28.*

21 *Psalm. 111. v. 7.* Ab auditione mala non timebit.

22 *Proverb. 7.* Domus autem justi permanebit: *& c. 20. 77* Beatos post se filios derelinquet.

23 *Ecclesiast. 20. 30.* Ipse exaltabitur.

24 *Prov. 12. 21.* Non contristabit justum quidquid acciderit.

25 *D. Ambros. 2. offic. c. 16.* Cave ne intra loculos tuos includas salutem inopum, & tamquam in tumulis sepelias vitam pauperum.

26 *Zachar. Bover. in annal. fratr. minor Capuccin. ad Christ. n. 1552. rel. 28.*

27 *Apocalyps. 6. 10.*

creveo na porta da Cidade, & se retirou a hum monte chamado Jamicio, que estava perto, & nelle podia ser visto. Ninguem entendeo a escritura, senaõ hũa mulher, que se prezava de interpretar os oraculos; disse que cada letra era principio de hũa palavra, & que todas diziaõ: *Restitui os bens alheyos, se quereis conservar os vossos.* Isto sossegou hum pouco ao povo, entendendo, que só ameaçava aos piratas; mas elles naõ se reduziraõ. Levantouse huma horrivel tempestade, que durou tres dias, estando sempre aquelle demonio em sima do monte, atè que delle sahio huma labareda, que abrazou o Paço, & quanto estava dentro. Que outra cousa pòdem esperar os piratas da terra? diz hum grave Escritor; 28 pòdem estar certos em que naõ ha de faltar a justiça do Ceo, se faltar a dos homens.

6 Succedem-lhes outros quatro effeytos contrarios aos que se lograõ na acquisiçaõ justa. Andaõ carregados na cõsciencia, bicho, q̃ roe o interior; 29 trazem, como dizia Democrito, 30 hum sambenito de infamia com q̃ saõ notados, posto que imaginem q̃ passeaõ authorizados por qualidade, ou pompa; elles, & muyto menos seus filhos, não lograõ o mal adquirido, 31 como se vé cada dia por exemplos: disse Triverio, 32 que saõ plantas, q̃ crescendo com preça, duraõ pouco; antes se costuma dizer, q̃ o mal ganhado leva o bem ganhado; tudo se destraga em jogo, lascivias, gula, vaidades, edificios inuteis, casos da fortuna, ou por outros meyos insensiveis; só vemos que duraõ as casas antigas fundadas em virtude: finalmente succedendo as perdas que as occasioens trazem, & o peccado provoca, sentem-se tambem a da honra, & da alma, que o mal adquirido custou.

7 Por isto disse Salamaõ, 33 que melhor he pouco com justiça, que muyto com iniquidade: & Solon Gentio: 34 *He verdade que desejo riquezas, mas naõ quero alcançallas por injustiça; porque se segue castigo.* E entre as felicidades de Lucio Metello se contava 35 que adquirira muyto por bons meyos, & muytos Christãos naõ reparaõ nelles.

8 Possuindo-se já as riquezas, se erra no uso, a que chamou Chilon, 36 pedra de tocar, em que se examinaõ os homens. As riquezas influem soberba 37 nos nescios, como no cavallo Bucefalo, que enjaezado ricamente, naõ sofria que o montasse se naõ Alexandre, & sem jaez a todos consentia: 38 servem à execução de appetites; 39 acrescentão cobiça; 40 atrevem-se ao mal: acovardão-se para o bem; humilhaõ-se aos cuydados; vãgloriaõ-se nos gostos; envilecem-se na providencia; 41 saõ inimigos dos bons costumes; 42 raramente acompanhaõ a virtude. 43 Diogenes dizia, que esta nem morava nas Cidades, nem nas casas ricas. 44 Com tantos males destruiraõ a muytos particulares, 45 & a grandes Imperios, 46 como se notou 47 no Romano. Erra-se nellas por varios caminhos.

9 Ha idolatras das riquezas; 48 idolatras (diz Saõ Joaõ Chrysostomo) peyores que os outros; porque os outros sacri-

28 *P. Lysieux na Philos. Christ. p. 1. c. 40.*

29 *Psalm. 50 v. 5.* *Grec. Adag.* Conscientia animum verberat. *Senec. ep 97. ad finem.*

30 *Democrit. apud Stob. serm. 90* Divitiæ malis artibus comparatæ, infamiæ nota inter homines insigniuntur.

31 *Psalm. 30. v. 38.* Injusti autẽ disperibunt simul. *Hierem. 22. 13.* Væ qui ædificant domum suam in injustitia.

32 *Triver. apophthegm. 92.*

33 *Proverb. 16. 6.* Melius est parum cum justitia, quám multi fructus cum iniquitate.

34 *Solon apud Cel. l 20 c. 25.*

35 *Celius ibidem.*

36 *Chilon apud Fulgos. l. 7 c. 2.*

37 *D. Aug. Ser. 24.* Difficile est ut non sit superbus dives.

38 *Plin. l. 8. c 42 in princ.*

39 *Plato apud Stob Serm. 90.* *Isocrat. ad Demonic.*

40 *Aristot. de Rep. l. 5 cap. 7.* Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crescit.

41 *Toletus apud Stob. Serm. 92.*

42 *Petrarch. de prosp. fort. dial. 53.* *Sallust in fragment.*

43 *Joan. Garcia de nobilit. glos. 48. §. 3. n. 2.* Divitiæ amplæ raró virtutis sunt comites.

44 *Apud Stob. Serm 91.*

45 *Ecclesiast. 8. 3.* Multos enim perdidit aurum, & argentum.

46 *Petrarcha suprà.*

47 *Liv. dec. 4. l 4.* *Florus l. 3 c. 2.*

48 *D. Paul. ad Ephes. 5. 5.* Avarus, quod est idolorum servitus.

49 *D. Chrysost. in Paul. suprà. Ser. 18. ad fin. tom. 4.*

ſacrificão animaes, eſtes ſacrificão a ſi meſmos: os outros defendem os ſeus idolos, ſe lhes dizem mal delles; eſtes não ſe atrevem a defender a avareza; com titulo de ſenhores, ſaõ eſcravos, poſſuidos, não poſſuidores dellas. 50 Tanto lhes falta o que tem, como o que não tem. 51 He a avareza metropoli de toda a maldade, 52 deſtroe todo o bem, chega a deſprezar a Deos, 53 & a não conhecer a natureza; houve hum pay rico, que afogou os filhos pelos não ſuſtentar. 54

10 Nos Principes he mais fea, 55 grangealhes mais odio, eſcurecelhes as virtudes, & muytas vezes lhes deſtroe o Imperio; 56 he-lhes o mal mais cruel; 57 hum Author grave lhe chamou *peſte*; 58 por não querer gaſtar ſe perdeo Perſeo Rey de Macedonia; 59 & o Papa Clemente VII. facilitou o ſaco de Roma. 60 Eſcrevem-ſe notaveis exemplos da avareza de Principes: 61 os Emperadores Didio Juliano, & Elio Pertinaz, ſe fizerão ridiculos: Juliano folgava com o preſente de hum leytão, ou hum coelho, & fazia de cada hum tres ceas, havendo jantado poucas hervas; Pertinaz convidava a jantar, & dava ſó alfaces, & cardos, tal vez ſe alargava a huma poſta de carne, cuydando que hoſpedava bem. 62

11 Riquezas em avarento, dizia Diogenes, que ſaõ arvores em lugares inacceſſiveis, de que ſe não pòdem colher os frutos; & Plutarcho, que ſaõ eſpada na mão do menino, que ſe fere com o inſtrumento inventado para o defender; 63 elles ſe tem por felices, porque a imaginação de que poupão he manà que lhes repreſenta quanto querem de bom; o mào veſtido lhes parece galante: hum pedaço de pão, a melhor iguaria: no dinheyro que deyxão em caſa, levão confiança à praça: todos os trabalhos que padecem guardando, lhes ſaõ ſuaves; como a hum amante os frios, & chuvas da noyte, na rua que paſſea. Mas ſe he felicidade guardar riquezas ſem uſar dellas, feliciſſimos ſaõ os cofres, & muros das Cidades, que as encerraõ. 64

12 Tambem ſe erra com prodigalidade em differentes deſpezas. Huns em veſtidos, ou banquetes de que jà acima tratàmos. 65 Outros em jogo. O Emperador Nero jugava com ElRey Mithridates, de cada parada hum milhão de ouro daquelle tempo, que eraõ quaſi dous dos de agora pela conta de Budeo; hoje ſe joga muyto mais à proporção das rendas.

13 Muytos ſó por oſtentação, ſem neceſſidade, ſuſtentão mais criados dos que pòdem, & he o exceſſo que mais os caſtiga, porque ſaõ peyor ſervidos: ſofrem mais ignorantes, & alimentão inimigos; ſenhores de ſeus amos lhes chamou o diſcreto Chryſoſtomo. 66 Do meſmo genero ſaõ os que em carroças ricas arraſtão a fazenda, & muytas vezes a alma.

14 Alguns ſe vàaglorião em caprichos, & obras extravagantes. Philopater Rey do Egypto, com exceſſiva deſpeza fabricou huma galè para recreaçam das amigas, de duzentos & oytenta covados em comprido, a largura a eſta propor-

50 *Valer. Max. l. 9 c. 4. in fin.* Ipſe non poſſedit divitias, ſed a divitijs poſſeſſus eſt; titulo Rex inſulæ, animo pecuniæ miſerabile mancipium.
Petrarch. ſupra. Vide ne non divitiæ tuæ ſint, ſed tu illarum; neque illa tibi ſerviant, ſed tu illis.

51 *D Hieron. ad Paulin.* Avaro tam deeſt quod habet, quam quod non habet.

52 *Stobæus Serm.* 10. Avaritia omnis improbitatis eſt metropolis.

53 *Salluſt. in Catilin.* Avaritia fidem, probitatem, cæteraſque bonas artes ſubvertit; pro his ſuperbiã, crudelitatem, Deos negligere, omnia venalia habere edocuit.

54 *Com Stobęo refere Diogo de Payva de Andrade, no caſamento perfeyto c. 19. p. 155.*

55 *Guiciardin. in Hypon. polit.* Avaritia in principe modis omnibus fœdior eſt, & deteſtabilior quã in privato.

56 *Patrit. de Rep. l. 4.* Avaritia magis his qui gubernãt parit odiũ, quàm cætera, & virtutes omnes enervat, & obſcuriores reddit, & ſæpe Imperia evertit.

57 *Vulcan. Gall. in Avid. Caſſ.* In Imperatore avaritia eſt acerbiſſimum malum.

58 *Natal. Com. hiſt. l. 3.* Nihil eſt magis peſtiferum in exercitu, Imperatoribus, quàm parſimonia, & avaritia, quæ privatas res alit, publicas deſtruit.

59 *Pineda na Monarch. Eccleſ. p. 2. l 8 c. ult.*

60 *Ilheſcas hiſt. Pont. p. 2. l. 6. c. 26. §. 8 ante med.*

61 *Refere-os Mexia na Sylv. l. 4 c. 13.*

62 *Textor in offic p. 2 tit. Illiberales.*

63 *Diogen. & Plutarch. apud Stob. ſer 90.*

64 *Ita Xenophont. Inſt. Cyr. l 8.*

65 *Supra c. 13. ex n. 6. & cap. 39.*

66 *D. Chryſoſt. hom. 65. ad pop. Antioch. prope fin. in 5. tom.* Quod non eſt tibi ſervorum multitudo, hoc eſt à dominis eſſe liberatum.

ção, & quarenta & oyto de alto; andavão nella quatro mil homens ao remo, & tres mil Soldados, alèm dos mareantes. 67 O Emperador Heliogabalo excogitava gaſtos exquiſitos, mandou q̃ toda a diſtancia que corria da ſua camera atè o lugar em que ſe havia de pòr a cavallo, ou em coche para ſahir fóra, eſtiveſſe cuberta de pò, & limaduras de ouro, & prata, (& aſſim ſe fazia) para não pòr os pès ſobre outra couſa; 68 ſuſtentava os ſeus cães ſó com coraçoens de ganços, & os Leoens com papagayos, faiſſoens, & perdizes; nas alampadas do Paço, em lugar de azeyte ardia balſamo. A Eſcritura ſagrada diz, que para oſtentação de riquezas, vãagloria, grandeza, & jactancia de ſeu poder, 69 deu Aſſuero Rey de Perſia (a que tambem chamàrão Artaxerxes Mnemõ) na Cidade de Suſa aquelle banquete, que durou cento & oytenta dias, a todos os Principes, & Grandes de cento vinte & ſete Provincias que dominava na India até a Ethiopia. No meſmo tempo eſtava a Rainha Vaſthi, ſua mulher, em outro ſemelhante com as ſenhoras principaes. E logo deu outro, que durou ſete dias, a toda a gente da Cidade, do mayor até o menor, com apparato grandiſſimo. Deyxemos outras grandezas de Principes à viſta da extravagancia de hum homem particular. Mario muyto rico em Roma, enfadando-ſe de hum vizinho, o convidou a comer, & tendo-o dous dias em caſa, no primeyro lhe fez derribar a ſua, (q̃ era muyto boa) & no ſegundo lha mandou reedificar cõ muyta ventagem; ſem que o convidado tiveſſe noticia, ſenão quando com admiração a achou tão melhorada em tão breve tempo; então lhe contou Mario o que paſſára, para que ſoubeſſe o poder que elle tinha, para lhe fazer mal, & bem. 70 Mal percebo como pòde o dinheyro abreviar tanto a manufactura dos officiaes.

15 Houve exceſſo de vãagloria em deſpezas de ſepulturas. Deyxo a que Artemiſa fabricou a ſeu marido Mauſolo, porque foy mais amor, que jactancia, como diremos abayxo 71 Simandro antigo Rey do Egypto, mandou fazer huma ſepultura de marmore de trezentos & ſeſſenta covados em circuito, (grande gayola para tão pequeno paſſaro, diſſe a ſemelhante propoſito Dom Felippe II. Rey de Caſtella) & ao redor com hum circulo de ouro, que tinha hum covado de largo, & groſſo, em que eſtavaõ eſculpidos os Ceos, Signos, & Planetas com ſeus movimentos naturaes de cada hum. Creſcia tanto a emulação deſta vaidade, que todos os Principes acordáraõ entre ſi, que ſó ſe fizeſſe a ſepultura, que dez homens pudeſſem lavrar em tres dias, porque eſſa baſtava para memoria. 72

16 Taes gaſtadores naõ diſpendem, não desbaratão, & aſſim ſempre peccão pela deſordem, poſto que ſeja pequena a quantidade; 73 o Direyto Civil os reputa como furioſos; 74 & aſſim ſe lhes dà curador; não pòdem ſer teſtemunhas, nem obrigarſe, ainda naturalmente, nem fazer teſtamento. 75 Seneca lhes chama irados contra o ſeu dinheyro; 76 afrontaõ as rique-

67 *Refere de varios Authores Britto na Monarch. Luſit. p. 1. l. 2. tit. 9.*

68 *Refere de Authores varios Pedro Mexia na Sylva l. 2. c. 29.*

69 *Eſther 1. 4.* Ut oſtenderet divitias gloriæ Regni ſui, ac magnitudinem, atque jactanciam potentiæ ſuæ.

70 *Ex Dione l. 58. Franc. Diego nos Ann. de Valenç l. 4. c. 3.*

71 *Abayxo c. 49. n. 9.*

72 *Ex Diodoro Siculo Franc. de Monçon no Eſpelho de Princ. l. 1. c. 82.*

73 *D. Thom 2. 2. q. 119. art. 2. ad 3*

74 *L. 1. ff. de curator. furioſ. & prodig.*

75 *D. l. 1 de curat furioſ. L. Tut. 35. §. 1. ff. de jurejur. L. 15. Cui bonis 6. ff de verb oblig § Item prodig. Inſtit. quib. non eſt permiſſ. fac. teſtam.*

76 *Senec. epiſt.* Multi ſunt qui non donant, ſed projiciunt: non voco liberalem pecuniæ ſuæ iratum.

riquezas (diz Salluſtio) apreſſando-ſe a deſtruir cõ deſcredito, o que poderão lograr com honra. 77 O rico naõ he ſenhor, mas diſpenſeyro; ſe o prodigo naõ tivera o juizo leſo pelo peccado, poria o goſto no bom uſo das riquezas, naõ na abundancia; 78 comeria, lograria a ſua parte, & viviria alegre; para iſſo lhas deu o *Senhor*, diz Salamaõ; 79 iſto tem exceſſo; 80 partiria com Deos, & com ſeus pobres; & os grandes, ſe quizeſſem fazer obras famoſas, fariaõ ſó as louvaveis. Tarquino Priſco Rey de Roma, foy celebre pelos canos que fez para limpeza da Cidade, taõ ſumptuoſos, que huma vez que ſe entupiraõ, cuſtou o concerto mil talentos de prata, 81 & cada talento valia ſeiſcentos cruzados de boa moeda. 82 Os Reys do Egypto foraõ louvados, por ſe occuparem duzentos annos na fabrica daquellas piramides, hum dos ſete milagres do mundo; cada huma tinha em quadro 315. paſſos, & em circuito 1700. Acabavaõ em ponta como aguda a reſpeyto do mais bayxo; & eſta ponta era huma louſa, em que bem cabiaõ 300. homens. No circuito naõ havia ſinal de alicerſe; ſenaõ tudo area miuda; pareciaõ naſcidas alli, ou poſtas pela mão de Deos. Só em hũa trabalhàraõ vinte annos continuos trezentos & ſeſſenta mil homens; 83 outros Authores 84 eſcrevem, que ſeiſcentos mil; & ſó em rabãos, alhos, & cebolas, que comèraõ, gaſtàraõ mil & oytocentos talentos. Foraõ louvados, porque faziaõ eſta obra por naõ terem os vaſſallos ocioſos, & para lhes communicarem os immenſos theſouros que tinhaõ 85 deſdo tempo em que por conſelho do Patriarcha Joſeph guardàra ElRey Faraõ o trigo dos ſete annos da abundancia, 86 com que nos ſete de fome comprou todas as fazendas aos vaſſallos, que ficàraõ ſervindo aos Reys, como eſcravos, ou colonos. O Rey he como o eſtomago, que ſe naõ repartir aos membros a ſubſtancia do manjar que recebe, prejudicarà a ſi, & a elles. 87 Por outras deſpezas louvaveis ſaõ celebrados os Emperadores Auguſto, Nerva, Tito, Trajano, 88 Tiberio, (o de Conſtantinopla 89) & outros Principes; tendo entre os Chriſtãos primeyro lugar a fabrica dos Templos, no que os Reys Portuguezes foraõ excellentiſſimos. D. Affonſo I. fundou, & dotou grandioſamente cento & cincoenta, não fazendo caſa para ſi; 90 ElRey D. Manoel mais de cincoenta; 91 taõ imitados dos vaſſallos, que dos muytos que ha ſó na Provincia de Entre-Douro & Minho, eſcreveo Abraham Ortelio com admiraçaõ; 92 & hum Eſcritor Caſtelhano 93 conheceo em todos *opulencia ſuperior*. A Amadeu IX. Duque de Saboya perguntàraõ huns Embayxadores ſe tinha muytos caçadores, cães, açores, & outros animaes de caça, a que a terra he muyto accommodada. Reſpondeo que ſim, & que eraõ aquelles, moſtrandolhes hum terreyro cheyo de pobres, a que ſeus diſpenſeyros andavaõ dando de comer. 94 Saõ Luis Rey de França, & outros Principes, ſe fizeraõ glorioſos por deſpezas ſemelhantes. Tal he o bom uſo

77 *Salluſt. in Catilin.* Quibus mihi ludibrio videntur fuiſſe divitiæ; quippe quas honeſtè habere licebat, per turpitudinem abuti properabant.

78 *Iſocrat ad Demonic.*

79 *Eccleſiaſtes* 5. 17. Ut comedat quis & bibat, & fruatur lætitia. *Et Eccleſiaſt* 14. 11.

80 *Plutarch. in Pelopid.*

81 *Britto na Monarch. Luſit. p.* 1. *lib.* 1. *tit.* 26.

82 *Britto ſupra. Caſtilho na hiſt. dos Godos, l.* 1. *diſc.* 2. *Madera, excel. da Monarch. de Heſp. c.* 10. §. 5.

83 *Diodor. l.* 2.

84 *Textor in offic. p.* 2. *tit. Septem orb. miracula.*

85 *Mexia na Sylva l.* 1. *c.* 32. *Vide Caſtilho d. l.* 1. *diſcurſ.* 1.

86 *Geneſ.* 41.

87 *Monçon ſupra l.* 1. *c.* 89.

88 *Bellarmin de offic. Princip. l.* 1. *c.* 14.

89 *Monçon d. l.* 1. *c.* 82.

90 *Vaſconcellos in Anacephal. Alphonſi Henrici n.* 21.

91 *Maris dial.* 4. *c.* 19. *Faria no Epit. da Hiſt. Portug p.* 3. *c.* 15. *n.* 8.

92 *Ortel in theatro, tab. Portugal.*

93 *Herrera Maldonado na vida do veneravel Bernardo de Obregon cap.* 29.

94 *Ex Volaterran. in geograph. Fr. Heitor Pint. p.* 2. *dial.* 1. *c.* 18.

das riquezas, & naõ os abusos em que ordinariamente as empregão os homens.

17 Na perda da fazenda (que he o quarto tempo, ou occasiaõ que acima 95 consideramos) ha igual erro, & succedè muytas vezes: passaõ como o tempo, sem aproveytar apertallas na maõ; escapaõ como enguias; dizem que azougue se pòde fazer immovel, mas a moeda que elle ajuda a obrar, sempre ha de correr: com razaõ (diz Santo Agostinho 96 se bate redonda, fórma que naõ pòde estar quieta; tem muytos conquistadores com força, & com manha; terremotos, inundaçoens, esterilidades, incendios, guerras, demandas, desgraças com Principes, crimes, vaidades, latrocinios, & a roda da fortuna, que naõ perdoa ao mais alto. Dionysio Rey de Sicilia se vio Mestre de escola, trocado o throno em tripeça, o sceptro em palmatoria. Perseo riquissimo Rey de Macedonia, morrendo prezo em Roma, deyxou alli hum filho na miseria que já em outro lugar 97 referimos: Constantino VII. Emperador de Constantinopla, veyo a ganhar de comer com pintar imagens: 98 o Papa Marcello I. morreo miseravelmente prezo pelo impio Emperador Maxencio. 99 Alexandre III. de Summo Pontifice se vio Capellaõ, outros dizem, cozinheyro de hum Convento de Religiosos em Veneza, fugindo disfarçado ao Emperador Federico Barbaroxa, atè que por oraçoens o descobrio Deos, & foy restituido: 100 Bonifacio VI. foy prezo, desterrado, & morto de fome: 101 Ricardo II. Rey de Inglaterra, 102 & outros muytos, tiveraõ semelhante fortuna.

18 Satyrizou bem Juvenal, que mais se chora em huma casa a perda da fazenda, que a morte do senhor. 103 Nasce de se pegarem os homens tanto às riquezas, que se lhes naõ pòdem arrancar sem vir carne com ellas; 104 se entendèraõ, as teriaõ como emprestadas, como deposito, ou como accessorio; & assim, nem se jactariaõ de possuillas, nem tanto lhes doeria perdellas. 105 Por todas as vias erraõ os homens, no desejo, acquisiçaõ, uso, & estimação das riquezas: no desejo se atormentão: na acquisiçaõ se condenaõ: no uso se deshonraõ: na perda se desgostaõ, como propuzemos; com o que as fazem prejudiciaes, podendo-as fazer uteis, para viverem honrados, & alegres.

95 *Supra n.3.*

96 *D. August. in Psalm* 83. Non immerito rotunda signatur pecunia, quia non stat.

97 *Sup. c. 14. n. 12.*

98 *Floscul. hist. p. 2. c. 4. ante med.*

99 *Joan. Schmidius in diar. hist. die 16. Januar.*

100 *Joaõ Franc. Loredano na vida de Alex. III. pag. mihi 58. P. Cysieux na Philosoph. Christ. p. 2. c. 39.*

101 *Floscul. hist. in Chorog. Romanor. Pontific.*

102 *Elias Reusner in geneolog. Catholic. in stirpe Britan.*

103 *Juvenal Satyr.* 13. Et maiore domus gemitu, maiore tumultu Planguntur nummi, quàm funera.

104 *Ita Senec. ep.* 81.

105 *Aug. ep.* 104.

CAP.

CAPITULO XLV.

Como foy tambem ruina do peccado, naõ serem os homens habeis para varias sciencias, & artes, & dividirem-se em differentes opinioens. Declara-se o que he entendimento, imaginaçaõ, & memoria: & como obraõ estas potencias.

1 NOtou o curioso Doutor Mattheos Gribaldis, como tinha já dito Plataõ, 1 & mostra a experiẽcia, que naõ ha homem igualmente insigne em differentes artes, sciencias, ou faculdades. Marco Catão, primeyro da familia dos Porcios, celebrado em Roma por summo Orador, summo Jurisconsulto, & summo Capitaõ, naõ igualou a outros daquelle tempo nos mesmos ministerios; foy inferior na Oratoria a Marco Tullio; nas Leys, a Gallo Aquilio; na arte Militar, a Cayo Cesar. Escreve-se 2 que Joaõ, & Jacobo de Ravenna foraõ excellentes na Jurisprudencia, & na Medicina, mas naõ foraõ taõ eminentes como outros. A eminencia de S. Alberto Magno em varios estudos se attribue a causa superior, ou sciencia infusa; mas o que succede ordinariamente (donde só se formou a regra 3) he naõ caber tudo em hum homem, por illiberalidade da natureza. E assim he conselho para os que estudaõ, applicarem-se por principal a huma só profissaõ; 4 posto que para ornato della devaõ tambem adquirir noticias de outras, como fizeraõ Socrates, Plataõ, Aristoteles, Santo Agostinho, Raymundo Lullio, Joaõ Pico Mirandulano, Bartholo, Andrè Tiraquello, & outros muytos. 5

2 Nem basta applicar só a hum estudo; deve ser aquelle que convenha propriamente aos engenhos; nelles succede o que nas terras, que humas saõ proprias para hum fruto, outras para outro. Hum grande Theologo naõ seria bom Jurisconsulto, nem hum grande Jurisconsulto seria bom Theologo. Baldo aprendendo Medicina, sabia vulgarmente: passou-se às Leys, & foy luz da Jurisprudencia. Ainda na mesma sciencia raramente se ajunta a rhetorica com a pratica: hum excellente especulativo na Theologia, muytas vezes he muyto mào Prègador, naõ só na representaçaõ, mas tambem na composiçaõ do papel, & muytas vezes fez excellente papel hum muyto humilde na especulativa. Hum grande Cathedratico de Leys naõ applica bem ao julgar. Hum Fisico theorico eminente, naõ sabe curar, & outro menos letrado acerta melhor na curativa. Isto se estende às artes, posto q̃ mechanicas: hum ruim official seria muyto bom letrado, & hum bom letrado naõ seria bom official.

E entre

1 *Gribald. de method. ad rat. stud l.1.c.2, Plat. de leg.* Nemo ærarius simul lignarius faber fit: duas enim artes, aut studia duo diligenter exercere humana natura non potest.

2 *Cardinal. Tusc. in conclus. practic. litera S. concl. 59. n. 2.*

3 *L. Nam ad ea 5. ff. de legib.*

4 *Bald. cons. 4412. post princip. vers. in contrarium l. 1. Diximus in tract. Perfect. Doct. qualit. 12.*

5 *Gribald. d. c. 2. ad fin. Fichard. in vit. Jurisconf. tit. de Bart. Thom. Garçon no theatro dos engenhos discurs. 34. Diximus in d. tract. qualit. 15. à n. 9.*

E entre as mesmas artes, humas convem mais a hum engenho; de modo que o ruim official em hũa, seria muyto bom em outra, se a aprendèra; & ainda na mesma arte, huns obraõ melhor certas cousas, que outras, como vimos acima 6 em Esculptores, & Pintores. E assim he conselho dos Filosofos, 7 que os pays appliquem os filhos ao que naturalmente mais se inclinaõ, sendo decente a seu estado.

3 A causa do que temos dito he, que as sciencias, & artes assentaõ na alma racional, que está sugeyta ao temperamento, & compostura do corpo, como fórma substancial; & assim formando Deos a nossos primeyros pays, que havia de encher de sciencia, os preparou, & organizou para a poderem receber; 8 & porque *Eva* naõ havia de ser taõ sabia como Adam, (que por isso dizem os Theologos, 9 que o demonio se atreveo mais a tentalla) a compostura do cerebro da mulher, affirmaõ os Medicos, 10 tem menos capacidade que a do homem. Para declaraçaõ desta materia, he preciso resumir algũas agudezas da Filosofia ao methodo mais facil, & intelligivel que pudermos alcançar.

4 Entendimento, imaginaçaõ, & memoria, saõ as officinas das sciencias, & partes, posto que mechanicas.

5 O *Entendimento*, he o lume natural que a alma tem para entender. Chama-se *lume*, porque alumea, & descobre à alma o que lhe estava escondido em escuridaõ. Chama-se *natural*, porque he dado pelo Author da natureza, como propriedade, & virtude natural da alma. 11 Por este dom he o homem taõ superior a todo o visivel, que disse David, que tudo tem debayxo dos pès. 12 Com elle gosta mais, & melhor os bens de todas as creaturas, que ellas mesmas que os possuem: pois para o entendimento he mais suave a melodia do rouxinol, mais doce o mel das abelhas, mais deleytosa a luz do Sol, q̃ para o mesmo rouxinol, abelhas, & planeta luzẽte. Nelle o dotou Deos de todos os instintos, forças, armas, virtudes, & industria que repartio entre as creaturas: pois cõ o entendimento rende o homẽ tudo, nada lhe resiste, nem no aspero da terra, nem no profundo das aguas, nem no alto dos ares lhe escapa animal, vence toda a ligeyreza, & toda a manha. Com elle póde fixar os filhos na Divina fonte da luz, & abysmo de claridade, mais generosamente que a Aguia no Sol material. 13 Por elle he capaz da graça de Deos, & imagem sua, 14 de modo que por esta creatura se conhece melhor o Creador, que por todas as outras.

6 Esta luz taõ fermosa, por estar sepultada na carne, que he escura nevoa, naõ póde manifestar seus rayos todos juntos; mas pouco a pouco como o Sol visivel, vay desfazendo as nuvens que impedem seu resplandor. Pouco a pouco vaõ entrando no entendimento as especies, & figuras das cousas, porque sem ellas não he possivel entender; 15 & por isso o entendimento cego naõ conhece as cores; nem o surdo os sons; nem o que

6 *Supra c.22.n.15.*
7 *Joaõ Huarte de S. Joaõ no exame de engenhos, proœm. 1. & 2. & alibi passim.*
8 *Ecclesiast.* 17. 5. Consilium, & linguam, & oculos, & aures, & cor dedit illis excogitandi: & disciplina intellectus replevit eos.
9 *Magist. Sent. l. 2. dist. 21. in princip.* Mulierem tentavit, in qua minus quàm in voto rationem vigere novit.
10 *Huarte de proœm. 2. vers. la razon.*
11 *Ita P. Fr. Leandro de Granada trat. Luz de maravilhas discurs.* 4. §. 1.
12 *Psalm.* 8. 7. Omnia subjecisti sub pedibus ejus. *Ecclesiast.* 17. 3. Dedit illi potestatẽ eorum quæ super terram.
13 *Vide in 2. p. c. 25. n. 5.*
14 *Vide supra c. 2. n. 4.*
15 *D. Thom. 1. p. q. 84. art. 7. Suar. de anim. l. 4. c. 1. & 5.*

que naõ tem olfacto percebe os cheyros; & assim he nas outras cousas: & quanto mais especies vay ganhando, mais cousas conhece: & assim cada dia se mostra mais sua luz.

7 He verdade que estas especies, & imagens, saõ muyto mais excellentes, que as que tem os sentidos, por serem espirituaes, como o he o entendimento: & por serem mais universaes; pois o sentido para conhecer cada cousa, necessita de nova imagem, que lha represente: de maneyra, que pela imagem de hum homem naõ conhece outro homem, por ser limitada; & o entendimento com a especie de hum homem, conhece todos os homens, por ser especie universal. Com tudo saõ taõ confusas, & escuras, que naõ representão cabalmente, antes deyxão lugar a enganos, & tem a fraqueza de necessitarem de quem as ajude a representar, como hum Estudante de Mestre, que o ensine com exemplos, & semelhanças; este officio fazem as semelhanças sensiveis, servindo como exemplos, para que o entendimento possa entender. Donde nasce, que estando o sentido interior turbado com somno, doença, ou outra vehemente alteração, não pòde o entendimento entender concertadamente, por lhe faltar quem o ajudava naquella operação, quem lhe abria o caminho, & o guiava como a cego.

8 Com serem as especies tão confusas, & necessitarem da ajuda do sentido, trabalha o entendimento tão industrioso, que com ellas obra maravilhas; no inferior, & superior, visivel, & invisivel, no grande, & no pequeno, na creatura, & no Creador descobre secretos, & procura averiguar não só as propriedades, mas tambem as essencias, posto que como as especies o ajudão pouco, padece enganos, & tudo sabe com duvidas. Todavia com o exercicio vay adquirindo huma facilidade, & promptidão no obrar, que lhe he de grande importancia para lhe diminuir o trabalho; & a isto chama a Filosofia, *habito*, que he huma qualidade, & virtude, que com o uso de entender se géra no entendimento, & depois serve para que se entenda mais facilmente; assim como costuma servir para facilitar todas as outras operaçoens do corpo.

9 Mas ainda não tira este habito todos os inconvenientes; porque não pòde tirar a confusaõ, & escuridão das especies em que elles consistem; & assim só escusa trabalho no que está muyto manifesto, como em entender, que dous, & dous fazem quatro: que hum todo he mayor que huma sua parte; & outras demonstraçoens semelhantes. Em tudo o mais lhe he penoso discernir o verdadeyro do falso, raciocinando, & discorrendo com mayor, ou menor trabalho, segundo a viveza do entendimento. Por isso o do homem se chama, *composto*; porque se compoem de muytas razoens, discursos, & conhecimentos; & ao conhecimento dos Anjos chama a Theologia, *vista simplez*, porque saõ as especies universaes, & clarissimas, q̃ representaõ todas as cousas como saõ, & as dão a conhecer melhor, do que

se vè

se vé huma figura visivel com a luz do Sol ao meyo dia : & por conseguinte o entendimento que usa dellas, nem se pòde enganar, nem padece trabalho em seu uso; & assim com a facilidade que nossos olhos vem que o Sol he claro, & a neve branca; com a mesma, & com mayor, vé o Anjo tudo o que alcança com aquellas clarissimas especies, que lhe saõ olhos limpissimos. 16

16 *Optimè P. Fr. Leandr. sup. Et vide sup. c. 32. n. 2.*

10 A *Imaginaçaõ* he huma potencia que o Author da natureza poz no animal, & com excellencia no homem: com a qual vé, & julga àcerca das cousas sensiveis, ensinando o appetite a querer, ou aborrecer; ou essas cousas estejão presentes, ou ausentes; 17 porque he huma vista interior, a que nem tempo, nem distancia impede; no que se assemelha ao conhecimento espiritual da alma; & por isso Santo Agostinho a chama algumas vezes, *espiritual*: 18 não porque não seja corporal; mas para significar a nobreza com que se differença dos sentidos exteriores.

17 *D. Aug. sup. Gen. ad lit. l. 12. c. 24.*

18 *D. Aug. d. l. 12. maximè c. 7.*

11 Deo-lhe a natureza assento na cabeça, por ella ser taõ nobre, & porque aquelle lugar alto, he proprio ao seu officio de atalaya que vigia, Juiz que julga, & Rey que governa todo o sensitivo, & exterior do homem. 19

19 *P. Fr. Leandro sup. disc. 1. §.*

12 Por ser cognoscitiva, & lhe serem necessarias especies, ou imagens do que ha de conhecer, lhe deu a mesma natureza a habilidade já dita (que não deu aos sentidos exteriores) de conservar as imagens das cousas ausentes, tendo dentro de si hum pintor do que já vio. E porque não era possivel, que hum homem visse, ouvisse, ou gostasse todas as cousas sensiveis, & assim naõ podia ter imagens de todas; lhe deu outra habilidade de fazer de muytas imagens que tem, hũa só imagem, para conhecer o que lé, & ouve, sem o haver visto; & por este modo com imagem de casa, de rua, de praça, & de muro, que havemos visto, pintamos dentro de nòs a Roma, ou a outra Cidade que naõ vimos, mayor, ou menor, como queremos.

13 Chega sua subtileza a conhecer qualidades occultas debayxo das imagens visiveis; & assim a ovelha com a imagem do lobo, conhece que elle he seu inimigo; & outros animaes do mesmo modo conhecem suas antipatias.

14 Ella finalmente faz todos os officios de todos os sentidos exteriores; vé, ouve, gosta, cheyra, & toca, como experimentamos nos sonhos : pois estando os sentidos exteriores impedidos, & como atados, vemos jardins, ouvimos musicas, gostamos sabores, cheyramos flores, & percebemos o duro, & o brando; tudo faz a imaginação com as especies, que em si tem, posto que por estarem turbadas com os vapores do somno, o naõ faz com concerto, & viveza do homem desperto.

15 *Memoria* he a potencia, pela qual o animo repete as palavras, & cousas passadas que percebeo. 20 Em larga significaçaõ se acha tambem nos brutos; 21 & assim alguns Authores 22 querem que no homem se chame *Reminiscencia* fazen-

20 *Arist. de anim.*

fazendo differença em que *reminiscencia* he do que no tempo intermedio esqueceo: & *memoria* não requer, que possa haver esquecimento. Nòs fallamos da memoria em quanto he conservativa das especies intelligiveis, a qual não he commua aos brutos,& pertence à parte intellectual da alma, como ensina Santo Thomàs; 23 & em outro lugar 24 diz com Aristoteles,que exercitada se augmenta,movendo-se suas forças pelo imperio da razão. Mitridates Rey de Ponto fallava vinte & duas linguas de outras tantas naçoens,a que imperava. Conta-se, (& parece incrivel) que Cyro Rey da Persia nomeava por seus nomes proprios todos os Soldados de seu numerosissimo exercito.Cyneas Thesalo Embayxador d'elRey Pyrro em Roma,ao segundo dia de sua chegada, saudou por seus nomes todos os Senadores,& grande multidão da plebe,q̃ com elles estava, Seneca, sendo discipulo, ouvindo de varias pessoas mais de duzentos versos, os recitava do primeyro atè o ultimo, ou do ultimo atè o primeyro; & repetia dous mil nomes pela mesma ordem q̃ lhos diziaõ. Mureto 25 refere, que vio hum mancebo, q̃ repetia trinta & seis mil nomes Hebreos, Gregos, Latinos,& Barbaros, pela ordem com que os ouvia, ou começando do ultimo atè o primeyro,ou de qualquer do meyo para diãte,ou para os antecedentes. Esta repetição de nomes se faz por memoria artificial. Eu sendo moço me appliquey a ella com hum Mestre,que repetia trezentos, & quatrocentos, & fazia outras ostentaçoens notaveis. Cheguey a repetir cento, & deyxey aquelle estudo, por me parecer infructuoso, mais que para vã gloria. Com tudo experimentey depois, que suas regras me ajudavaõ em muytas occasioens de utilidade. Màs sempre entẽdi, que não se podião repetir, senão nomes significativos, & substantivos, como não fossem nomes proprios; porque dos que não significassem, dos adjectivos, & dos proprios, não se pòde formar idèa, ou figura, que a imaginativa ponha nos lugares que a arte lhe pinta, para a memoria os hir tirando dalli.

16 A todas estas potencias saõ orgãos, ou instrumentos quatro ventriculos, ou seyos (como lhe chamaõ os Anatomicos) que se achão no profundo do cerebro humano. Estes tomão as qualidades de secura,humidade,& calor: a frialdade,na doutrina de Galeno, 26 he inutil para as operaçoens; sò serve de moderar o calor, & assim se entende hum lugar de Aristoteles,27 que parece contrario. Alèm da fraqueza natural,que expuzemos no entendimẽto, & que tem as outras duas potencias, ainda para a perfeyção,ou(por melhor dizer)sufficiencia,que a natureza lhe deu,he necessario, que aquelles ventriculos estejão muyto concertados,aquellas qualidades muyto em seu pôto,os humores muyto compostos, tudo em hũa medida, & conformidade,que não se destrua,nem offenda entre si,porque havendo excesso, ou alteração, resulta dissonancia, turbão-se as especies, impedem-se, ou confundem-se as operaçoens: assim como

23 *D.Thom.d.art.6.*
24 *D.Thom.1.2.q.30.art.3.ad 3.*

25 *Muret.apud P.Mendoça, Virid.lib.7.cap 20.*

26 *Galen.quod animi mores, c.5.* Frigiditas enim officijs omnibus animæ apertè incommodat.
27 *Arist.l.1.de part.anim.c.4.*

como hum artifice naõ pòde obrar faltando-lhe instrumentos.

17 Com todo aquelle concerto, composiçaõ, & consonancia, tinha Deos formado Adam taõ perfeyto na alma, & no corpo, que aquelle estado se chama a *saude da natureza*; nelle estava capacissimo para todas as sciencias, & artes; 28 & se naõ peccàra, passára a mesma saude a seus descendentes. O peccado o despojou do gratuito, & ferio no natural. 29 Accresceo serem elle, & *Eva* lançados do Paraiso terreal, & começarem a viver com trabalhos, dormindo sobre a terra, comendo cousas destemperadas, sofrendo as inclemencias dos tēpos, descalços, & mal vestidos, sem casa, nem abrigo, sendo de compostura mimosa: com o que era forçado alterarem-se os humores, descomporse o temperamento, & offenderem-se os orgãos, & instrumentos das operaçoens. Neste estado já enfermo geráraõ, & começou a communicarse aos descendentes aquelle desconcerto; porque dizem os Medicos que passa aos filhos a doença, que os pays tinhaõ no tempo da geraçaõ.

28 *Ecclesiast.* 17. 5. Disciplina intellectus replevit illos.

29 *Supra c.* 2. *à n.* 9. *& c.* 6. *n.* 2. & 4.

18 Deu mayor causa a este damno o mesmo que no estado da graça nos tinha sido mayor honra, que foy ser aquella composiçaõ taõ delicada, & nobre, que qualquer accidente a desconcerta, porque o mais eminente se offende com mais facilidade: a vista aguda com a opposiçaõ de hum cabello, & o melhor ouvido com a dissonancia de huma só voz, ou corda entre muytas bem acordadas. Assim pequena alteraçaõ turba nossas potencias: huma colera subindo o calor, hũa melancolia destemperando a humidade, & hum achaque movendo os humores. E quanto este desconcerto cresce, tanto mais nos cega, como vemos nos loucos, por dominar mais huma qualidade: & nos meninos, por naõ chegarem ao ponto necessario.

19 Por esta maneyra somos todos doentes: em todos pecca alguma qualidade, & reyna no cerebro a dominante. Se domina secura, he melhor entendimento: 30 & assim da afflicçaõ (que deseca) disse Isaìas; que dà entendimento. 31 Se domina a humidade, se acha mais memoria, porque as especies, & figuras se imprimem facilmente no humido, como em cera; razaõ porque os moços aprendem mais que os velhos, & pela manhã sempre a memoria está melhor, humedecido o cerebro com o somno da noyte. Se domina calor, ha mais forte imaginativa; pois jà naõ ha outra potencia racional, nem outra qualidade que lhe assinemos, & assim o mostraõ os freneticos delirando sempre em cousas, que pertencem a esta potencia. Fallamos naõ sendo, & dominando as ditas qualidades em demasia; porque o excesso destruirà tudo.

30 *Heraclit. apud Galen. d. c.* 5. Splendor siccus, animum sapientissimus.
Idem Galen. de nat. hom. l. 1. *tom.* 11.

31 *Isai.* 28. 19. Vexatio dat intellectum.

20 Ao entendimento pertence a rhetorica da Theologia Escolastica, da Jurisprudencia, & da Medicina; 32 a Dialectica, & Filosofia natural, & moral de sciencias, que constaõ, de distinguir, inferir, & racionar, que saõ obras desta potencia. Da memoria pende a Grammatica, & aprender linguas; Theologia

32 *Arist. de part. anim. l.* 2 *c.* 4.

logia moral, Cosmografia, Arithmetica, & parte da theorica da Jurisprudencia, que tem o trabalho de juntamente requerer memoria para as leys, entendimento para da razaõ dellas formar balizas, porque se acerte nos casos, circunstancias, & occasioens, que se naõ acharem decididos; 33 donde veyo a dizer o Jurisconsulto Ulpiano, 34 que os Jurisperitos affectaõ huma naõ simulada, mas verdadeyra Filosofia. Da imaginativa nascem as artes, & sciencias, que consistem em figuras, correspondencia, harmonia, & proporçaõ, como Poesia, Oratoria, Musica, Predica, Mathematica, Astrologia, Politica, & arte militar: traçar, ler, escrever, jogar, & da pratica da Jurisprudencia, & da Medicina. Tambem todos os officios mechanicos, todas as machinas, & artificios; ser hum homem apodador, agudo nos ditos, & gracioso na conversaçaõ. Mas he advertir, que ainda em huma mesma potencia ha differença de gráos taõ diversificantes, que fazem, que sendo a rhetorica da Theologia, Jurisprudencia, & Medicina pertencentes em geral ao entendimento: o eminente em huma o naõ seria em outra, como acima diziamos; 35 & o mesmo succede no que pertence às outras duas potencias, principalmente à imaginativa; tal he a variedade no cerebro humano.

21 Resultando, como dissemos, o melhor entendimento demais secura, & a melhor memoria de mais humidade, qualidades contrarias: já se vè o que ensinou Aristoteles, 36 que grande entendimento, & grande memoria, naõ pòdem estar em hum sugeyto; & por consequencia, que naõ pòde hum homem ser eminente nas cousas que pertencem a hũa, & a outra potencia. Que grande imaginativa se naõ compadeça com grande memoria, tambem fica evidente, pois a humidade desta se gasta com o calor daquella: que nem se compadeça com o entendimento se prova; porq̃ o entendimento, segundo Galeno 37 requere o cerebro composto de partes subtis, & delicadas; & porèm o muyto calor da imaginativa consume o mais delicado, deyxando o grosso, & terrestre; & assim vemos, que ordinariamente os grandes Letrados escrevem mal, por esta arte ser da imaginativa, como fica dito; & os grandes escrivães saõ pouco entendidos. O mesmo succede aos bons julgadores, & particularmente aos que jogaõ bem o xadres, como dissemos tratando do jogo. 38

22 Escrevo o ordinario; naõ nego as exceyçoens. Pòde haver cerebros temperados capazes de sciencias, & artes pertencentes a duas, ou às tres potencias; como foy Seneca no juizo, que seus escritos mostraõ, & na memoria que della referimos; mas seraõ rarissimos, ou aproveytaràõ nella com mediocridade, (como alguns vemos) pois para nenhuma tem qualidade eminente; porèm o que tiver eminencia para huma, he força ser humilde nas de differente qualidade. Questaõ he, se val mais ser muyto eminente em hũa só, ou saber com medio-

33 *Textus in L. Neque leges 10. cum seq. ff. de leg.*

34 *In l. 1. ff. de Just. & jur.*

35 *Supra n. 2. in fin.*

36 *Arist. l. de Memor. & Reminiscent.*

37 *Galen. lib. art. Med. c. 14.*

38 *Supra c. 37. n. 10.*

cridade muytas. E ſuppoſto que já ninguem, por muyto eminente que ſeja, poderà dar mais luz que os paſſados eu eſcolhera ſer mediocre em muytas, pelo goſto das noticias, & pelo agrado geral, que mais ſe paga de trato, & converſaçaõ naõ limitada; mero Theologo, mero Juriſconſulto, ou perito em huma ſó arte, poſto que Muſica, com ſer taõ ſuave, he couſa cançada: ſó na variedade ſe acha ſatisfaçaõ.

23 Da meſma cauſa procede a differença de opinioens em qualquer materia. 39 Dizem os Filoſofos naturaes, 40 que as potencias que haõ de conhecer de alguma couſa, devem eſtar ſans, & limpas da qualidade daquelle objecto, ſob pena de fazerem delle varios, & falſos juizos. Para exemplo, finjamos quatro homens leſos na potencia viſiva, que hum tenha no humor criſtallino empapada hũa gotta de ſangue, outro huma de colera, outro hũa de fleyma, outro huma de melancolia. Se (naõ ſabendo elles da enfermidade que tem) lhes offerecerem á viſta hum pano azul para julgarem de que cor he; a cada hum parecerá da cor da gotta que tem nos olhos: ao primeyro parecerà vermelho, ao ſegundo amarello, ao terceyro branco, ao quarto negro; & ſe eſtas quatro gottas eſtiverem nas linguas, & beberem agua, hum dirá que he doce, outro que amargoſa; outro que ſalgada, outro que azeda: enganando-ſe as potencias do ver, & do goſtar, cada huma por ſua enfermidade. O meſmo ſuccede nas potencias interiores com ſeus objectos: julgaõ delles conforme ao amor de que o cerebro eſtá enfermo, & aſſim do que hum louco, ou frenetico faz, & falla, conjecturaõ os bons Medicos, que humor nelle pecca; & em que grão. Dizia bem Democrito a Hippocrates, 41 que todos os homens tinhaõ no cerebro varia enfermidades; & o inferia de os ver racionar, & obrar taõ variamente.

24 De tudo o acima dito ſe conclue; que por ruina da natureza pelo peccado ficámos doentes, & deſtemperados no cerebro; & com deſtemperanças differentes, nem podemos alcançar juntamẽte diverſas ſciencias, nẽ deyxar de ter diverſas opiniões ainda nas materias livres de odio, ou affeyçaõ. A piedade Divina cõ grande providencia nos deu a certeza da Fé; para q̃ naõ erraſſemos no que mais nos importava. A Fè nos he luz certa, meſtre verdadeiro, guia fiel; força ſobrenatural, mais poderoſa que todo o creado, que metida em noſſas almas, nos moſtra o importante para a ſalvaçaõ. Eſta ſó he hum dom de Deos; 42 naõ alcança com forças humanas: he ſabedoria eſcondida aos olhos da carne; infallivel o que enſina, porque o diſſe Deos, que naõ pòde faltar. 43 Poſto que o entendimento forme razoens, & faça diſcurſos para provar o que ella diz, naõ he porque neceſſite della para crer; he porque a Theologia (que he outro lume diſtincto da Fé) os dons que Deos deo à alma para a ajudar, & o meſmo lume natural, agradecido à nobreza que logra em ſua companhia, faz o que pòde para perſuadir

39 Quot capita, tot ſententiæ. Mille hominum ſpecies, & rerum diſcolor uſus; Velle ſuum cuique eſt, nec voto vivitur uno.

40 *D. Thom. p. 1. quæſt. 91. artic. 1. ad 3. Huarte de S. Joam, exame de engenhos proem. 2. ante med.*

41 *Refert Huarte ſupra.*

42 *D. Paul. ad Epheſ. 2. 8.*

43 *De his omnibus D. Paul. 1. ad Corinth. 2.*

ſuadir que he verdadeyra, contra as calumnias de ſeus inimigos. Bemdito ſeja o Pay de miſericordias, que naõ deyxou noſſo mayor bem ſugeyto à noſſa ignorancia.

25 Que compreyçaõ ſeja mais apta para as ſciencias, trata com elegancia o Padre Franciſco de Mendoça, no ſeu ameniſſimo Viridario, entre ſeus curioſos problemas. 44.

44 P. *Mendoça in viridar. l. 4. probl. 31.*

CAPITULO XLVI.

Morte de Adam, & Eva; annos que viveraõ; como os annos, & os mezes ſe computavaõ entre varias naçoens; & porque nos primeyros ſeculos eraõ as vidas mais largas.

1 ESTando o mundo taõ arruinado, no anno novecentos & trinta de ſua creaçaõ, Adam da idade do meſmo mundo, 1 de que era Pay, & irmaõ gemeo, havendo viſto netos em oytavo grào, 2 cahio na cova que abrira; taõ cheyo de trabalhos, como de dias, dando exemplo a medir a vida pelas calamidades, aos meſmos 25. de Março, 3 em que fora creado. 4 Morreo a feytura original da maõ de Deos; os que naſcemos de corrupçaõ, que eſperamos? Porèm ſe morreo ao temporal como peccador, ganhou a vida eterna por penitente. Theofilo diz, 5 que o Archanjo S. Miguel levou ſua alma ao lugar deputado para os Santos Padres. He-nos devedor da cauſa de cahirmos; & acredor do exemplo para nos levantarmos. Alguns Eſcritores 6 dizem que viveo mil & trinta annos; mas que o Texto ſanto naõ conta cento, em que chorou a morte de Abel; 7 porque viver em lagrimas naõ he vida.

2 Foy ſepultado no monte *Calvario* de Jeruſalem, como eſcrevem mais communmente os Authores; 8 poſto que alguns digaõ que em Ebon, 9 diſtante duas jornadas; & dizem que acertou de fixar o pè da Cruz de *Chriſto* ſobre ſua caveyra myſterioſamente, pois o remio.

3 Textor, & outros Eſcritores 10 referem que *Eva* morreo juntamente: companheyra atè na morte, & feliz em naõ ſer viuva, ſendo honrada. Naõ ſó o amor, como dizia Dido, 11 mas tambem a ſi meſma quiz enterrar com elle. O Floſculo das 12 hiſtorias tem, que morreo no anno ſeguinte; & Mariano Scoto, 13 que viveo dez annos mais que Adam. Neſta opiniaõ ſe jactaõ as mulheres, de que nos primeyros dous caſados, a mulher venceo ao marido em vida; mas em Roma recuperou eſta victoria hum homem, que havendo viuvado vinte vezes, caſou com hũa mulher que havia viuvado vinte & duas, ambos de humilde condiçaõ; & eſtando-ſe em grande expectaçaõ daquella batalha, morreo primeyro a mulher; & elle coroado de louro, & com palma na maõ, foy levado no enterro da mu-

1 *Geneſ. 5. 5.*
2 *Bened. Perer. in Gen. l. 7. n. 102.*
3 *Ex Div. Ignat. ep. ad Polycarp. Horat. Sc[illegible]glius Catacc[illegible] in hiſt. à primord. Eccl. l. 1. v. interim.*
4 *Sup. c. 2. n. 2. in princip.*
5 *Theophil hom. 60.*
6 *Refert Abulenſ. 5. Gen.*
7 *Vide ſupra c. 17. n. 6.*
8 *Orig tract. 35. in Matth. Tertullian. l. 1. in Marcion. Perer. in Gen. l. 7. n. 116. Alij apud Pired Monarch. Eccleſ. l. 1. c. 11. §. 3. in princ.*
9 *Apud Pired l. 1. c. 6. §. 3.*
10 *Textor in offic. p. 1. tit. qui diu vixer. Matute na Preſáp. de Chriſto idad. 1. c. 4. § 1. no fim*
11 *Apud Virg. Æneid. 4.*
Ille meos, primus, qui me ſibi junxit, amores
Abſtulit, ille habeat ſecũ, ſervetque ſepulchro.
Similis Evadne apud Guid. l. 3. de arte.
12 *Floſcul. hiſt. p. 1. c. 1.*
13 *Marian. Scot. l. 1. Chron. ætat.*

mulher como em triunfo. Saõ Jeronymo 14 conta, que o vio, sendo Papa Saõ Damaso.

4 Tanto viveraõ nossos primeyros Pays, & todos pouco mais, ou menos em primeyros seculos, como lemos no sagrado Texto; 15 & os annos de que falla eraõ dos que usamos, solares de doze mezes; 16 pois no anno do diluvio faz mençaõ de mezes septimo, & decimo; & nos mezes, dos dias vinte & sete; 17 & quando se diga que os Hebreos regulavaõ os mezes pela Lua, que faz suas mudanças em 29. dias, & 14. horas, como hoje regulaõ os Arabes, 18 pouca he a differença. Sómente em alguns tempos os Egypcios contàraõ annos de quatro mezes, & lunares de hum mez; os Arcadios, Chaldeos, & Arabes, de tres mezes; os Romanos, reynando Romulo, de dez; & outras naçoens, de seis; 19 & os annos entre os Parthos começavaõ do primeiro de Fevereyro: entre os Romanos, de Março: entre os Sacerdotes Egypcios, de vinte de Julho: entre os Alexandrinos, de 29. de Agosto: entre os Ethiopes, do primeyro de Setembro; 20 como tambem os Babylonios computavaõ o dia entre dous nascimentos do Sol: os Athenienses entre dous occasos: os Umbros, de hum meyo dia a outro: os Sacerdotes Romanos, & Egypcios de meya a meya noyte: & o vulgo, do amanhecer atè anoytecer. 21 Alguns Authores trataõ de hum anno que se chamava *grande*, & se compunha de seiscentos annos, cuja explicaçaõ se póde ver em Macrobio. 22 Porèm, como fica dito, os annos de que falla a Escritura santa, eraõ como os nossos. 23

5 Nota-se, que ninguem chegou a viver mil annos; porque o que mais viveo, foy Matusalem novecentos cessenta & nove; 24 & os Historiadores donde Josefo 25 refere que chegáraõ homens a mil annos, ou falláraõ dos mais curtos que dissemos, ou naõ merecem credito. As razões que tenho lido, 26 saõ suasorias para naõ se passar de mil annos; mas naõ convencem, que se naõ possa chegar a elles, ou perto delles: cuydo que por ser o numero de mil o mayor, o devia tocar, quem pelo peccado estava condenado à morte. 27

6 Hum Escritor espiritual 28 reputa vidas taõ largas, por pena larga aos que foraõ primeyros peccadores. Fallando literalmente, obrava nellas a Providencia Divina, para os homens multiplicarem na terra despovoada, & serem testemunhas das obras de Deos. 29

7 Mas tambem era effeyto da natureza bem acompreycionada, como sahida havia pouco tempo das mãos de Deos; influida de astros mais benevolos, por naõ terem passado tantos aspectos, conjunçoens, eclipses, & outras impressoens; 30 alimentada de frutos da terra, que tinha mais substancia; regulada no comer sem excessos, 31 & menos oprimida de cuydados que altèraõ o sangue, impedem a digestaõ, corrompem os humores, fatigaõ o cerebro, ferem o coraçaõ.

8 Ajun-

14 *D. Hieron. ep. ad Geront.*

15 *Genes. 5.*

16 *Pined d. l. 1. c. 13. §. 3. D. August. de Civ. Dei l. 13. c. 3.*

17 *Genes. 8. n. 4. & 5.*

18 *Pineda supra. Abulens. 2. p. defens c. 92.*

19 *Hæc apud Plin. l. 7. c. 48. Alex ab Alex. l. 3. c. 24. Pined l. 1. c. 1. § 3. Mexia na Sylva l. 1. c. 2. ubi citat D. August. & alios. Vide etiam D. August de Civ. Dei l. 11 c. 10.*

20 *Pineda supra.*

21 *Textor in officin. p. 1. tit. de temp. ann. & dieb.*

22 *Macrob. in Somnio Scipion.*

23 *Alex. ab Alex. Gen. dier. d. l. 3. c. 24.*

24 *Genes. 5. 27.*

25 *Joseph. de antiquit. l. 1 c. 3.*

26 *Apud. Matute sup. etat. 1 c. 8 § 3. & 4. Perer. in Genes. l. 30 q. 30. Ex D. Irenæo l. 5. advers. hæreses, ac alij.*

27 *Genes. 2. 17. conducit quod ait idem Perer. in Genes. 7. n. 110.*

28 *P. Lysicux na Philos. Christ. p. 1. c. 11 no princip.*

29 *Mexia d l. 1. c. 1. P. Benedict. Fernand. in Gen. l. 5. sect. 3. n. 1.*

30 *Esdr. 4. 5, in fin.* Quasi jam senescentes creaturæ, & fortitudinem juventutis prætereuntes. *Petr de Peramat. l. de evacuandi rat. c. 24. Alij apud Franco in Campo Elysio q. 25 ubi late agit.*

31 *Pined. l. 1. c. 18. §. 2. & §. 5. in fin.*

8 Ajuntava-se ter Adam perfeyta noticia, que communicou a seus descendentes, das virtudes das hervas, plantas, pedras, animaes, & outras cousas com que se acodia aos achaques; foy o primeyro Medico ensinado por Deos; 32 por isso disse o Ecclesiastico, 33 que de Deos viera a Medicina. Como Deos o fez Rey, o fez juntamẽte Medico, por ser officio do superior curar os subditos no corpo, & no espirito. Por isto Plataõ 34 comparou o Rey ao Medico; & em Isaìas dizia o que era rogado com a coroa, que pois naõ era Medico, o naõ fizessem Rey. 35 Depois mostrou Deos esta conveniencia, pondo em alguns Principes virtude para só com o tacto sararẽ doenças corporaes, como figura das espirituaes nos costumes. Pyrro Rey dos Epirotas com o tacto do dedo pollegar do pè direyto sarava as enfermidades do baço. 36 Dos Emperadores Adriano, & Vespasiano se lè, que saravaõ outras. 37 Mas porque Authores 38 attribuem aquelles casos a pacto Magico; sejaõ exemplo os Reys de França, q̃ com o tacto curaõ em muytos as alporcas, por dom concedido a ElRey Clodoveo, para elle & seus successores, quando se fez Christaõ; ou como dizẽ outros Escritores, alcançado por oraçoens de S. Marculfo. 39 A mesma virtude se diz haver Deos cõcedido aos Reys de Inglaterra por merecimentos do Santo Rey Eduardo; outros escrevem, que por orações do Santo Varaõ Joseph ab Arimathæa, que esteve naquelle Reyno. 40 Na Primavera costumaõ ainda hoje fazer esta cura; eu a vi fazer com solemnidade tres vezes, (& se fez outras) no mez de Mayo de 1669. acodindo cada dia quasi cem doentes; he de crer, que naõ acodiriaõ todos os annos tantos, se naõ se experimentasse que saravaõ alguns. Dos Condes de Haspurg houve quem escreveo o mesmo; 41 & dos Reys de Aragaõ; mas naõ he taõ authentico.

9 Conhecendo Adam as virtudes occultas, usando-as; & communicando-as, naõ era muyto conservarem-se as vidas largos annos. 42 Os segredos da natureza saõ taõ admiraveis, que por incriveis offenderaõ a reputaçaõ de alguns Authores que os escrevèraõ; 43 sendo que a muytos achou a experiencia verdadeyros. Dizem que as pedras da cabeça do dragaõ da India, trazidas, que toquem a carne, fazem invisivel a quem as traz: & que se vio em huma que Giges pastor em hum monte de Lydia achou em hum annel na maõ de hum Gigante morto; 44 da qual usou para furtar a mulher a ElRey Candaulo, & o matar, & se fazer Rey; mas porque isto se attribue a arte Magica, 45 seja exemplo em nossas historias, 46 que hindo o grande Affonso de Albuquerque para a conquista de Malaca, cativou em hũa embarcaçaõ hum Mouro principal, que havia pelejado bem; & estando com muytas feridas mortaes, nem morria, nem lançava gotta de sangue; achouse ser virtude de hũa manilha, que no braço trazia, do osso de hum animal, chamado *Cabal*, nascido na Provincia de Jahoa. Perdoe o nosso il-

Mexia na sylva l. 4. c. 7. ante med. Senec. ep. 96 post princ. Quæ desidentibus alimenta erant onera sunt plenis, &c. Ex discordi cibo morbus est. *In l. 15 Epist.*

32 *Mansit. Fice..l. 4. Epist. Frãc. sup. q. 1. n. 18. & q. 3. n. 2. & 6.*

33 *Ecclesiast. 1. 1.*

34 *Plato de Regno.*

35 *Isai. 3. 7.*

36 *Alex. ab Alex. l. 4. c. 26.*

37 *Rhodigin l. 11. c. 13. Tacit. hist. l. 4. ad fin.*

38 *Delrius disquisit. Magic. l. 1. c. 3. q. 4. vers. denique Franco sup. q. 24. n. 3. & 5.*

39 *Guido in Chirurg. magna tr. 2. doctr. 25. Senert. l. 2. prax. C. de strumis.*

40 *Polydor. Virgil. hist. Angl. l. 8 De hoc Delrius sup. vers. septimo objiciuntur, post princip.*

41 *Felix Fabrus relatus à Philip. Camerar. centur. 2. hor. success. c. 42.*

42 *Nota Nieremberg, na Philosophia curiosa l. 2. c. 33.*

43 *Plin. na hist. natur. Dona Oliva, & Don Alexo de Piamonte nos segredos.*

44 *Philostrat. apud Jul. de Castilho, na hist. dos Godos l. 2. discurs. 4*

45 *Flosculo hist. p. 1. c. 6. statim post princip.*

46 *Joaõ de Barros dec. 2. l. 6. c. 2.*

lustre Capitaõ a nota de apartar esta manilha de sua pessoa, & perdella com outras joyas no naufragio de hũa náo voltádo de Malaca. Tambem se diz 47 que na cabeca do çapo se acha huma pedra chamada *Crepudina*; que engastada em hum annel, estando junto de veneno, aquenta o dedo de maneyra, que he conhecido para se guardarem delle. Facilmente póde experimentar huma menina o que escreve Plinio, 48 que se hũa donzella tocar com o dedo pollegar da maõ direyta a quem estiver cahido com gotta coral, se levantarà logo. Ha outros em que a curiosidade se poderà empregar. 49

10 Foy-se perdendo a memoria daquellas noticias medicinaes de Adam, em grave detrimento das vidas; principalmẽte depois do Diluvio, em que quasi tudo pereceo. Dizia hum Medico Egypcio citado por Galeno, 50 que os homens de bom temperamẽto morriaõ por ignorancia dos remedios. Porque sabiaõ muytos, & os applicavaõ como para si: viveo o mesmo Galeno, já mais nas idades curtas, cẽto & quarẽta annos; 51 & Hippocrates cento sessenta & nove, segundo Pedro Crispino, Sorano, Textor, 52 & outros Authores; ainda que alguns digaõ menos.

47 Refere Lope da Veyga na Arcad. l. 4.

48 Plin. lib. 28. c. 24.

49 Referem muytos, Pedro Mexia, na Sylva de var. licaõ l. 2. cap. 39 com os dous seguintes: & Hieronymo Cortes no tratado dos segredos da natureza.

50 Galen. l. de marasma. c. 2.

51 Ex Suid. Alexandr. in Gemancio, & alijs, Matute na Prosap. de Christ. idade 1. c. 8. § 1. Textor d. tit. qui diu vixer. Mexia sup. l. 4 c. 7 ad fin.

52 Petr. Crispin in aphorism. Soran in vita Hippocrat. Textor supra.

CAPITULO XLVII.

Em continuaçaõ da materia do Capitulo precedente, se trata do progresso, & dignidade da Medicina.

1 LOgo depois do Diluvio se foraõ abreviando as vidas, porque ainda que Noè conservou muytos remedios na medicina natural; 1. se foraõ perdendo, & a natureza enfraqueceo pela menor substancia dos mantimentos, & menos benigna influencia dos astros.

2 Deos a soccorreo ordenando, que se comesse carne, & peyxe, 2. o que se naõ usava. Misray neto de Noè começou a ensinar medicina por arte, & delle diziaõ os Egypcios, que a haviaõ aprendido; 3. já na doença, & morte de Jacob assistiraõ homẽs entendidos, & experimentados, que curavaõ por officio com o nome de Medicos: & daquelle tempo em diante continùa a Escritura sagrada a mençaõ delles. 4. Sua curiosidade, & cuydado atè de animaes brutos aprendia os remedios, que naturalmente usavaõ em suas doenças; 5. quem acertava com algum, era acclamado entre os Gentios *Inventor, ou Deos da Medicina.* Assim o foraõ Mercurio, Isides, Oro, Osyris, Apis, Cadmo, Arabo, Chiron, Machaon, Podalyro, & principalmente Esculapio pay destes dous; o qual disseraõ ser filho de Apollo, & de Coronis Larissea, (porq̃ houve outros dous Esculapios) & que seu pay fonte das sciencias lhe ensinàra esta. Escreveo li-

1 Matute na Prosap de Christo idade 1. c. 1. § 2.

2 Genes. 9. 3. Vide in 2. p. c. 2. n. 3.

3 Venutus in harmonia.

4 Genes. 50. n. 2. Exod. 21. 19. & sæpius.

5 Apontaõ muytos. P. Mexia na Sylv. l. 2. cap 41. E Frãco no Campo Elysio q. 3. n. 6.

vros della, hum se intitulou *Navicula*, edificàraõ-lhe têplos, & lhe punhaõ grande barba, como velho experimentado. Em hũ templo a tinha de ouro: & Dionysio senior tyranno de Sicilia lha tirou, dizendo, que naõ convinha ser taõ barbado filho de Apollo, que se pintava lampinho. Na maõ lhe punhaõ baculo em lugar de sceptro, como a Rey da vida, & da morte; cheyo de nòs, significadores da difficuldade da arte; nelle enroscada hũa serpente, que significava o veneno que elle remediava; & as vidas que renovava, como a serpente despindo a pelle, & porque o dragaõ he symbolo da vigia, & cuydado necessario do Medico. Aos pès lhe punhaõ hum caõ, que lambendo cura as chagas suavemente, & he hieroglifico da lealdade: sacrificavaõ-lhe o gallo despertador do somno, imagem da morte; & gallinhas, alimento de doentes. 6

3 Sem aproveytarem tantas diligencias, já no tempo de Jacob se vivia taõ pouco, que se espantou Faraò de elle ser de cento & trinta annos; 7 & David já disse 8 que depois de setenta, ou de oytenta annos, tudo eraõ dores; & o Ecclesiastico, que ao mais se vivia cem annos. 9 Os Egypcios entendiaõ, que naturalmente naõ podia ser mais, porque por anatomias se via, que o coraçaõ do menino de hum anno pezava duas dracmas, & cada anno crescia duas; atè q̃ aos cincoenta annos pezava cem dracmas; & dalli em diante hia cada anno diminuindo outro tanto, atè que nos cento ficava em duas como no primeyro, & era força morrer. 10 Beroso dizia, que atè 117. annos se vivia naturalmente: Epigenes negava poder chegar a cento & vinte & dous. Contra estas opinioens escreve Plinio 11 com exemplos; mas reputaõ-se prodigios viver Argenton Rey dos Tartesios em Andaluzia de Hespanha trezentos annos, & ficou em Proverbio: 12 Pictorio Etolo, outros tantos: & Eginio duzentos. 13 Os trezentos annos de Nestor se attribuem a fabula de Poetas: 14 & os setecentos, ou mais, que elles deraõ de vida à Sibylla Cumea. 15 Nem aos historiadores se dà credito, quando escrevem, que os Reys de Arcadia costumavaõ viver trezentos annos: que Dando Illirico viveo quinhentos & noventa: Impetris Rey da Ilha dos Purotinos, oytocentos & oytenta & hum, seu filho seiscentos. 16

4 Pelo que Salamaõ, valendo-se de sua sabedoria, fez hum livro medicinal das virtudes das plantas; 17 mas perdeo-se, & as copias, que haveria, com outros muytos, nos incendios que Jerusalem padeceo por inimigos. Alguns Rabinos 18. dizem que o Santo Rey Ezechias o queymou, porque os doentes confiados nas maravilhas que por elle se obravaõ, naõ recorriaõ a Deos, (como succedeo a ElRey Asa, 19) & que este serviço lhe allegou estando para morrer, & por elle lhe alargàra o *Senhor* os quinze annos de vida 20

5 Finalmente por ignorancia dos remedios se usava expor os doentes às portas das casas, para que os que passavaõ

pelas

6 *Franco d.q.3.*
P. Sandeus in Aviar. Marian orat. 4.
Maria nata post prime.
7 *Joseph de antiq. l.2. c.4. ad med.*
8 *Psalm 89. v.10. & 11.*
9 *Ecclesiast. 18 8.*
10 *Refert Mexia supr. 1. c.7.*
11 *Plin. 7. c. 49.*
12 *Silius l.3.*
Terdenos decies emensus belliger annos.
13 *Textor in offic. p. 1. tit. qui diu vixer.*
14 *Juvenal. Satyr. 10.*
Tibul. l.4.
Propert l.2.
Ovid. Metam. l.12. ex Homer. Iliad.
15 *Ovid. Metam. l.14.*
16 *Plin. d. l.7. c. 48.*
Textor. suprà.
17 *3. Reg 4.33.* Disputavit super lignis.
18 *Apud Matute sup. idade 4 c. 16. §.4.*
19 *2. Reg. 16. 12.*
20 *4. Reg. 20.*

pelas ruas ensinassem algum experimentado. Os que succediaõ bem, se escreviaõ em memorias, que se guardavaõ nos templos, com os nomes dos que os haviaõ ensinado. Assim passou o mũdo muytos seculos; & com tudo ainda assim, de Esculapio atè Hippocrates, em que houve quinhentos annos, escrevèraõ de Medicina alguns Authores; mas infelizmente: Hippocrates em suas obras faz mençaõ delles.

6 No anno tres mil quinhentos & vinte da creaçaõ do mundo, quatrocentos oytenta & quatro antes do Nascimento de *Christo*, (conforme os Authores Medicos, 21 com pouca differença dos Historiadores 22) quasi no tempo em que viveo Esdras, nasceo Hippocrates Grego, na Ilha de Coos, em q̃ era Principe. Por seu pay Heraclides foy xvii. neto de Esculapio; & por sua mãy Praxithea, vigesimo neto de Hercules, segundo a genealogia que varios Authores 23 trazem, nomeando particular, & successivamente (o que em poucas se acha) todos os avòs nobilissimos; nem podia deyxar de o ser taõ excellente juizo. Aproveytouse daquellas memorias, q̃ achou nos Tẽplos: examinou outros remedios: dizem que em sonhos se lhe revelàraõ muytos, tomando-o Deos por instrumento seu; & com sabedoria, que parece mais que humana, reduzio a Medicina a fórma de sciencia, comprovando a razaõ com a experiencia, & abreviando tudo em aforismos. Admira ser inventor, & escrever como em materia já assentada, coroando os principios como fins. Foy o primeyro que investigou as qualidades dos elementos: o primeyro que cortou membros do corpo humano por salvar o todo: o ultimo que chegou a Medicina ao ponto mais alto, pois todos ignoraõ o que elle naõ alcançou: & o unico que sugeytou a natureza ao seu conhecimento. Na vida foy venerado atè com estatuas. Pintava-se com a cabeça velada, insignia da mayor honra. 24 Morreo em Larissea, da larga idade que já dissemos. 25 Os Gregos lhe decretàraõ as honras que se faziaõ a Hercules: & lhe levantáraõ hũa sepultura sumptuosa, sobre a qual se vio muyto tempo hum enxame de abelhas, cujo mel sarava as chagas da boca a meninos; 26 curãdo aquelle grande Mestre ainda depois de morto. Enxames de abelhas se viraõ na boca de Plataõ, de Pindaro, de Virgilio, & de Estesichoro Poeta quando nascèraõ, 27 annunciando-lhes eloquencia; de Hippocrates se mostraõ eloquentes as cinzas frias.

7 Desta escola sahiraõ nos tempos seguintes grandes Mestres, & sobre ella edificàraõ varias seytas. Prodico inventou hum modo de curar chamado Medicina *Iatraleptica*; Acron Agrigentino instituhio outro, q̃ chamàraõ Medicina *Empirica*; outros foraõ inventores de outras, & todos tiveraõ sequazes.

8 Pelos annos cento & dez, atè cento & oytenta do Nascimento de *Christo*, imperando Trajano, Adriano, Antonino, Pio, Marco Aurelio, & Commodo, floreceo em Roma Galeno

21 *Istomachus l. de Hippocrat. sest.* *Franc. sup. q. 4. n. 4.*

22 *Floscul. hist p 1. c. 7. ad med. vers. anno mundi 36 18.*

23 *Henricus Meibovius in comment. ad Hippocrat. & alij relati à Franc. d. q. 4. n. 3.*

24 *Cel. Rhodig. antiq. lect. l 20. cap. 12.*

25 *No fim do cap. precedente.*

26 *Franco sup. n. 6.*

27 *Ælian. var. hist. l. 12. c. 45. Plin. l. 11. c. 17. Phocas in vit. Virg.*

no natural de Pergamo Cidade na Asia, Varaõ de ſublime engenho. Eſcreveo com abundancia de doutrina, mageſtade de eſtylo, elegancia no dizer, & tal diſpoſiçaõ no enſinar, que deyxou eſta ſciencia no mayor eſplendor, eſcurecendo os antigos, (excepto Hippocrates) & dando luz a todos os que foraõ depois. Tambem ſe diz, que em ſonhos lhe moſtrou Deos remedios. Refere elle, 28 que ſeu pay o puzera no eſtudo da medicina, por ſonhar que lhe convinha. Em Roma ſe lhe levantou eſtatua, 29 & era reſpeytado como oraculo. Tendo cento & quarenta annos de idade, 30 lhe chegou fama dos milagres, que em Judèa faziaõ os novos Chriſtãos, ſarando enfermos ſó com o nome de *Chriſto*; & ſe embarcou para os hir ver; ſó tanta curioſidade alcança tanta ſciencia. Teve no mar huma grande tempeſtade, & deo-lhe huma febre, de que aò decimo dia morreo no navio; 31 naquelle deſejo lhe poderia o Divino Medico ſarar a alma; bem ſe pòde eſperar, que pagaria a quem havia aproveytado, & aproveyta à tantos enfermos.

9 Principes, Reys, Emperadores, & Varoens grandes, eſtudàraõ medicina: Giges, & Sabor, Reys de Media, Eva, & Sabiel de Arabia, Dionyſio de Sicilia, Hermes de Egypto, Mithridates de Perſia, Salamaõ de Judèa, Adriano Emperador de Roma, Conſtantino IV. de Conſtantinopla. Alguns dizem, que tambem Alexandre Magno; & he muyto decantado havella Achilles aprendido de Chiron. Tambem dizem que Meſues foy neto de hum Rey de Damaſco; & Avicena Principe em Cordova; 32 de Hippocrates já diſſemos que o foy em Coos; & em tẽpos menos antigos, Medicos haviaõ ſido os Summos Pontifices Euſebio Grego, Joaõ XX. Portuguez de Liſboa, chamando-ſe Pedro Hiſpano; & Nicolao V. Italiano de Luca; Cardeaes, & outros Varoens de altas dignidades, de que fazem mençaõ os Eſcritores; 33 & ſobeja para o mayor luſtre haver ſido Medico o Evangeliſta S. Lucas; 34 & haver tambem exercitado medicina o Apoſtolo S. Paulo. 35

10 Aos profeſſores deſta ſciencia ſe fizeraõ em todos os tempos grandes honras. Já diſſemos que aos primeyros ſe deu culto de Deoſes, & que a Hippocrates, & Galeno ſe levantàraõ eſtatuas. Ao meſmo Hippocrates levou Artaxerxes Rey de Perſia para ſeu Reyno com grandes ſomas de dinheyro. A Tribuno offereceo Coſroe Rey da meſma Perſia o que quizeſſe: pedio huns Romanos cativos, & ElRey lhe deu tres mil. 36 Os primeyros Ceſares davaõ a cada hum de ſeus Medicos por ſalario cada anno, duzentos & cincoenta ſeſtercios, de q̃ cada hum valia dous arrateis & meyo de ouro; & Quinto Eſtertino teve quinhẽtos. 37 Julio Ceſar concedeo privilegio de Cidadaõ Romano aos de qualquer naçaõ q̃ viveſſem em Roma: & Auguſto, q̃ pudeſſem trazer annel de ouro, que era inſignia illuſtre: 38 a Antonio Muſa levantou eſtatua junto da de Eſculapio, 39 & premiou liberaliſſimamente pela cura que lhe fez

28 *Galen. meth. c. 4.*

29 *Franco ſup. q. 3. n. 9. & q. 4. n. 9.*

30 *Supra c. præced. in fin.*

31 *Ex Mundino Benonienſi, Simphorin. Camper. c. 11. apud Matutè in proſap. Chriſt. ætat. 4. c. 6. §. 4.*

32 *Deſtes, & de outros fazem mençam Ficin. ep. 1. ad Thom. Valer. Ælian. l. 9. c. 22. Plutarch. in Alex.*

33 *Refert Franco in Camp. Elyſ. q. 2. c. 29. & 30.*

34 *D. Paul. ad Coloſſenſ. 4. 14. Cum multis Maldon. in præfat. ad Luc. n. 2.*

35 *Refert Franco d. q. 2. n. 27.*

36 *Suidas.*

37 *Plin. l. 29. c. 10.*

38 *Sueton. & Plutarch. in eorum vitis.*

39 *Ex Sueton. in Auguſt. Textor in officin. p. 1. tit. qui ſtat. meruer.*

fez, quando em Andaluzia adoeceo de melancolia, por lhe succeder mal a guerra que viera fazer aos Biscainhos, Gallegos, & Portuguezes de entre Douro, & Minho. 40 O Direyto Civil lhes dá outros privilegios, & honras. 41 Atè os mãos Medicos (dizia Niocles) 42 tem privilegio de matarem sem castigo; & veremse seus bons successos, cobrindo a terra seus erros.

11 Dizer-se que foy esta sciencia desterrada de Roma, he calumnia, fundada em hum lugar de Plinio, 43 mal entendido. He verdade, que atè o anno quinhentos & trinta & cinco de sua fundaçaõ naõ teve Medicos Roma, por empregada nas armas, alhea das sciencias, & da politica; como nem teve Poetas, 44 nem Grammatica, 45 nem ainda muyto depois luz da Filosofia; 46 nem relogio, senaõ de Sol, & pouco certo; o de maõ conheceo no anno de sua fundaçaõ, quinhentos & noventa & cinco; 47 & o que he mais notavel, naõ houve em Roma Barbeyros, senaõ depois do anno quatrocẽtos & cincoenta & quatro, em que Pulio Ticinio Mena trouxe hũ de Sicilia, de antes traziaõ cabello naturalmente crescido. 48 No anno quinhentos & trinta & cinco depois de fundada, que saõ os quasi seiscentos annos que com Plinio se diz que esteve Roma sem Medicos, lhe veyo de Grecia o primeyro chamado Archagato; foy recebido com grandes applausos, comprouse-lhe casa do erario publico, & se lhe deu honra de Quirite. Consta do mesmo Plinio.

12 O vulgo começou a estranhar, & aborrecer, o ver cortar, queymar, abrir, & usar outros remedios violentos quando eraõ necessarios Ajuntou-se, que sendo os Medicos Gregos, cuja patria os Romanos no mesmo tempo hiaõ conquistando, 49 & muytos delles trazidos prisioneyros da guerra, serviaõ aos seus de espìas; com veneno matáraõ alguns Romanos; commetteraõ adulterios em casas onde entravaõ. Pelo que justamente foraõ desterrados, & ficou Roma sem Medicos, porque naõ havia senaõ aquelles desterrados Gregos, ou Egypcios. Accresceo dizerem os zelosos, que a conversaçaõ dos Gregos introduzia costumes, que affeminavaõ o valor; 50 & assim se tinha por oraculo o dito de Cataõ, *que bastava ver o engenho dos Gregos, & naõ convinha imitallos*; 51 & com este odio, por pequenas causas desterraraõ os Romanos todas as boas artes que lhes tinhaõ vindo de Grecia. 52

13 Passados cem annos, no tempo de Julio Cesar, à persuasaõ de Cornelio Celso, Varaõ consular, se admittiraõ os Medicos outra vez em Roma; & da Biblioteca delRey Mitridates vencido por Pompeo, se trouxeraõ livros da Medicina herbolaria, 53 & se seguio logo a grande estimaçaõ que delles se fez, como já referimos.

14 A vida breve naõ he falta da Medicina, mas condiçaõ de nossa fragilidade, faltandolhe os arrimos que a alargavaõ, como acima apontamos. 54 Tanto que nascemos, adoecemos,

40 *Britto na Monarch. Lusit. p. 1. l. 4. c. 27. no princ.*
41 *In l. Medicos C de profess. & medic. l. 10. & l. un. C. de comit. & Ambiatr. & l. Archiotros, C. de metatis l 12.*
42 *Niocles apud Max. serm. 50.*
43 *Plin. l. 29. c. 1.*
44 *Dissemos c. 25. n. 16.*
45 *Sueton. de illust. Grammat.* Rudi scilicet, ac bellicosa tunc civitate nec dum liberalibus disciplinis magnopere vacante.
46 *Cicer. 1. Tuscul.*
47 *Plin. l. 7. c. 60.*
48 *Plin. 7. c. 45. Aul. Gel. l. 3 c. 4. Alex. ab Alex. l. 5. c. c 18. post med.*
49 *Flor. l. 1. c. 7.*
50 *Flor. l. 1. c. 7.*
51 *Plin. l. 29 c. 1.*
52 *Crinit. de honest. disc. l. 5. c. 4.*
53 *Plin. l. 25. c. 2.*
54 *Lex Illicitas §. sicuti ff. de offic. Prasidis.*

temos, 55 & toda nossa vida he huma doença continuada, 56 antes muytas combatem continuadamente cada membro; só contra os olhos contou Galeno 57 cento & quinze, he maravilha vivermos tanto; & pòdem-se attribuir à milagre as largas vidas do Francez Joaõ, que chamàraõ *des temps*, pelos muytos tempos que viveo; o qual havendo sido Soldado de Carlos Magno, morreo no anno de *Christo* mil cento & vinte & oyto, tendo vivido trezentos sessenta & hum. 58 E a do outro homem, que o grãde Portuguez Nuno da Cunha Governador da India achou na Cidade de Diu, em idade de trezẽtos & trinta & sinco annos; & naõ se sabe quanto depois mais viveo. 59 Foy furor de Alexandre na morte de Ephestiaõ seu privado mandar crucificar o Medico que o naõ pode curar; & fazer derribar o templo de Esculapio; 60 & em outros Medicos se executàraõ semelhantes crueldades; 61 como se a Medicina pudera immortalizar. O bom Medico naõ està no successo, mas em obrar o que o pòde fazer feliz; 62 devera Alexandre reconhecer o q̃ ficou devẽdo a esta sciẽcia, quãdo Critobolo lhe tirou hũa setta de que morria. 63 A mesma, ou mayor excellencia mostrou Eristrato, quando pela alteraçaõ do pulso de Antiocho, filho do Rey Ptolomeo, em presença de Estratonia sua madrasta; entendeo que a grave doença que padecia, era arder em seu amor deshonesto; & tal foy o pay que lha entregou, & deo ao medico cem talentos. 64 Assiste-nos a Medicina como mãy: trabalha por nos acodir, quando naõ aproveytaõ riquezas, nem dignidades. 65

15 Aquelles castigos se deviaõ aos Medicos só *de barba*, como lhes chama hum seu elegante Escritor, 66 aos quaes a mula dá o grão, authorizados, & vãos, como estatuas; pois naõ sómente saõ condenados pelas leys, quando mataõ por impericia; 67 mas ainda que acertem, commettem crime capital; porque o successo foy acaso; naõ só levaõ com peccado o que se lhes dà, mas tambem saõ devedores dos homicidios: hum Juiz posto q̃ grande Letrado, estuda muyto para julgar qualquer pequena causa; & estes nada estudaõ para julgarem, & executarem as vidas; por isso vemos que de ordinario naõ se logra nos filhos o que ajuntaõ; porque o mal ganhado naõ se conserva em successor.

16 Tiberio Cesar procurava escusar todos, & tinha por ignorante quem passando de trinta annos se naõ sabia curar. 68 Mas pudera enganallo certo enfermo, que se achou mal tomando sem Medico a purga, que hum lhe havia receytado em outra occasiaõ para a mesma enfermidade, & lhe havia dado saude; queyxando-se ao Medico, respondeo elle: *He verdade que a enfermidade era a mesma, & a purga a mesma: porèm agora naõ aproveytou, porque eu a naõ dey.* 69 Naõ basta saber os remedios, saber como, & quando se haõ de applicar; qualquer circunstancia altera.

No cap. preced. n. 7. 8. & 9.

55 D. August. in Psalm. 102. Ægrotare incipimus mox ubi nacimur.

56 Democritus. Totus homo ab ipso ortu morbus est.

57. Galen. introd. c. 15.

58 Floscul. hist. p. 2. c. 4. ad fin.

59 Duarte Nunes na Chron. de D. Affonso Henriques. Maris dial 5. c 2.

60 Refere Britto na Monarch. Lusit p. 1. l. 2. tit. 7

61 Pancirol memorabil p. 2. tit.

62 Ita Diutmus apud Anton. in Melis. p. 1. serm. 58. Nicol. apud Maxim. serm. 58.

63 Q. Curt de reb Alex.

64 Aul Gel. noct. Attic. l. 16. Pontan in philoseph.

65 Cassiodor. l. 6. ep. 19 Materna gratia semper assistit, & ibi nos nititur sublevare ubi nullæ divitiæ, nulla potest dignitas subvenire.

66 Franco sup q. 5. n. 4.

67 D. L. Illicitas § Sicut ff. de offic. Præsid L. Quæ actiones 6. § fin. ad leg. Aquil glossa, verb. ex damno in l. 4. de act. & obligat.

68 Erasm. l. 6. apophthegm. Tacit. annal. l 6. ad fin.

69 Ex D. August. refert Polyant. verb. medicina.

17 He logo neceſſario honrar os bons Medicos; pela neceſſidade,(como diz o Eſpirito Santo 70) neceſſidade mais urgente,pois he da ſaude,couſa mais eſtimavel, como entendeo aquelle,q̃ deſejando outras riquezas, Reynos, & varias felicidades,elle ſó deſejava eſta; ſem a qual nada ſe pòde lograr; & aſſim Joſeph jurou pela ſaude de Faraõ 71 como mayor juramento; & inventando Pythagoras, que ou no principio, ou no fim,ou no ſobreſcrito das cartas ſe deprecaſſe ſaude,contentou eſte coſtume tanto, que ſe uſa atè hoje.

70 *Eccleſiaſt.*38.1. Honora medicum propter neceſſitatem.

71 *Geneſ.*42.15.

18 Deve-ſe eſcolher Medico bem afortunado: 72 naõ porque a fortuna tenha poder na medicina, 73 ou em outra couſa; mas porque ſendo erro commum deferirlhe, 74 aquella boa opiniaõ que o doente concebeo do Medico ajuda muyto a ſaude. 75 A boa, ou mà fortuna do doente, diſſe Hippocrates, 76 ſó conſiſte em cahir nas mãos de bom, ou de máo Medico. Entre os de igual ſciencia aconſelha Celſo 77 que ſe eſcolha o amigo, pelo mayor cuydado com que ſe applicará. E o mais certo remedio, diz o Eccleſiaſtico, 78 he recorrer a Deos; como entendeo, & experimentou aquella mulher, que recorreo a *Chriſto*, havendo em eſpaço de doze annos gaſtado quanto tinha com os Medicos da terra, ſem melhorar; 79 o *Senhor* profeſſou que o era, & que vinha curar os enfermos: 80 Medico do corpo, & d'alma; curou muytos, & quer ſempre curar de graça, pondo tambem os medicamentos à ſua cuſta. 81 Sem remedios penoſos, ſem dilaçoens de tempo alcança ſaude quem deſeja ſarar,& naõ recahir: oh quanto devemos a quem poz noſſa principal ſaude em noſſa maõ!

72 *Baptiſta Peregr. in Apolog. adverſ. medic. calumn fol mihi* 242.
73 *Hippocrat. l. de loc. in hom. prope ſin & l de decent ornat.*
74 *Notat Boet de conſolat c* 4.
75 *D Iſidor. l.* 4. *etymolog.* Ex quadam confidentia, quam ægrotus inde concipit, natura jam deficiens convaleſcit.
76 *Hippocrat l. de arte* Bonam ægrotis fortunam contingere, ſi in bonum; malam, ſi in malos incidant medicos.
77 *Celſ. in proœm. l. in fin.* Ideo cùm par ſcientia ſit utiliorem tamen eſſe medicũ amicum, quàm extraneum.
78 *Ecclef.*38. 2. A Deo eſt omnis medela.
79 *Matth.*9. *Marc.*5 *Luc.*8.
80 *Matth.*9. 11. *Marc* 2. 17. *Luc.* 5. 31.
81 *Iſai.*43.5 Ejus livore ſanati ſumus.
Per. ep. 1. *c.* 2. *n.* 24.

19 He hieroglifico da Medicina, huma pomba com hum ramo de louro no bico;porque dizem que ſe cura com elle ſentindo-ſe doente: ou huma cegonha com hum ramo de ouregaõ; porque com elle concerta o eſtomago, ſe o ſente danado. 82 Tambem a medicina eſpiritual ſe moſtrou em figura de pomba deſcendo do Ceo ao Jordaõ. 83

82 *Pier. Valeriam. l.* 11. & 22.
83 *Matt.*3.16. *Luc.*3.22. *Joan.* 1.32.

CAPITULO XLVIII.

Filhos que Adam, & Eva tiveraõ. Apontaõ-ſe homens que tiveraõ muytos. Gigantes que houve. Se nos ſeculos paſſados eraõ os homens mayores que nos proximos. Se eraõ de mais forças. Toca-ſe o que ſe diſſe dos Pigmeos.

1 CОntinùa o Texto ſagrado, 1 que havendo Adam gerado a Seth(depois que gerára a Caim, & Abel) viveo mais oytocentos annos, em que gerou filhos, & filhas. Os Eſcritores 2 dizem, que por todos foraõ os filhos trinta & tres,

1 *Geneſ.*5. *à princ.*
2 *Textor in offic. p. tit. liber, qui multos habuer.* *Trata diſto Pineda na Monarch. Eccl. p.* 1. *l.* 1. *c.* 12. §. 1.

tres, & as filhas outras tantas; nascendo em aquelles principios macho, & femea gemeos, para que pudessem casar; 3 primeyro vinculo dos casados, pois já nasciaõ juntos, & fundamento da irmandade entre ambos: *Irmã esposa* chama o Esposo Divino à Esposa Santa nos Cantares. 4 As allegorias dos antigos Poetas faziaõ a Jupiter, & Juno casados, & irmãos; 5 com titulo de irmãos se trataõ os casados entre os Castelhanos, & entre outras naçoens.

2 Porèm a este principio, entaõ justo por necessario, succedeo prohibiçaõ de direyto natural secundario; 6 & se nota, que o Texto insinùa aquelles casamentos, mas naõ os declara, por já naõ serem imitaveis. Os nomes das filhas de Adam, que me lembra achar em varios Escritores, saõ, *Asuáma*, (gemea, & mulher de Seth) *Calmana*, *Save*, *&* *Themec*, (huma destas, naõ se sabe qual, foy gemea, & mulher de Caim) *Asuran*, *&* *Delbora*, (dizem que huma destas foy gemea de Abel, q̃ morreo virgem) *Risan*, *Edoclam*, *&* *Noaba*. Trinta & tres foraõ os Partos de *Eva*; & trinta & tres os annos q̃ andou *Christo* no mundo em redempçaõ do peccado original.

3 Naõ foraõ muytos aquelles filhos dos primeyros pays, em comparaçaõ dos que tiveraõ outros em idades mais curtas; deyxo os que tiveraõ de varias mulheres, & concubinas, como Gedeaõ setenta & hum: 7 Roboaõ vinte & oyto filhos, & sessenta filhas: 8 Acab setenta filhos: 9 Artaxerxes filho de Xerxes cento & quinze; 10 Silverio oytenta; 11 Conrado Duque de Moscovia, oytenta; 12 & hum Jeronymo, refere Justino por authoridade de Trogo, 13 seiscentos de huma só mulher; houve muytos, que tiveraõ vinte, & trinta; de alguns faz mençaõ Ravisio Textor. 14 Hũa mulher chamada Combe Chalcide, de q̃ falla Erasmo nos Proverbios, dizem que pario cem vezes, 15 o que parece incrivel. Em Lisboa conhecemos Antonio Luis de Ayala, homem Fidalgo, que de dous, ou tres matrimonios teve mais de quarenta filhos, & filhas.

4 Dividira assim os descendentes de Caim peccador, dos de Seth virtuoso, porque a companhia dos máos naõ pervertesse aos bons. Os de Caim eraõ chamados, *filhos dos homens*, como filhos da culpa: os de Seth *Filhos de Deos*, como filhos da virtude; 16 foy tal a de Seth, que o chamàraõ *Deos*. 17 Prohibio tambem casarem huns com outros, 18 porque os bons se naõ inficionassem, pois qual he o campo, tal a sementeyra: quaes as flores, tal a tinta: qual o olheyro, tal a obra: qual o lavrador, tal a cultura. 19 Os Cervos naõ geraõ Leoens, nem as Aguias Pombas; 20 os filhos saõ ramos, & os pays raizes; 21 seriaõ os frutos como as arvores; 21 & sobre o natural obraria nos costumes o exemplo paterno. 23 *Espantaisvos* (dizia Plauto 24) *de que patrissem os filhos*? He verdade, que nisto ha exceyções, como Jonathas, Joas, Ezechias, & Josias, filhos dos impios Saul, Joraõ, Achaz, & Amon, foraõ virtuosos; Cham fi-

3 *Pineda sup. cum Abulens. Matute na prolog. de Christo idade 1. c. 4 §. 1 Ex Beresith. Rabb, Gen. 4.*

4 *Cant. 4* 9 Vulnerasti cor meũ soror mea sponsa.

5 *Virg. Æneid. 1.* Et soror, & conjux.

6 *De hoc latè Sanch. de Matrim. l. 7 disp. 52. Pineda d. l. 1. c. 2. §. 4.*

7 *Judic 8. n. 30. & 31.*

8 *1. Paralipom. 11. 21.*

9 *4. Reg. 10. 1.*

10 *Justin. l. 10.*

11 *Plutarch. in apophthegi.*

12 *Textor supra.*

13 *Justin. 39. in epitom.*

14 *Textor supra.*

15 *Refert idem Textor ibidem.*

16 *Genes. 6 2. Explicat D. Chrysost. in Gen. hom. 22.*

17 *Suidas verbo, Seth.*

18 *Joseph de antiq. l. 1. c. 3. Hist. Scholast. c. 31.*

19 *4. Esdr 9. 17.*

20 *Horat. l 4. Ode 4.* Fortes creantur fortibus; nec imbellem feroces. Progenerant aquilæ columbam.

21 *Sap. 4 ex n. 3.*

22 *Matth. 7. 7.* Arbor bona fructus bonos facit; mala autem malos fructus facit.

23 *Cicer. 3. de orat.* Duo illa nos maximè movent, similitudo, & exemplum. *Vide text. in L. Quod si nolit. 31. §. Quæ mãcipia, ff. de adilit. edict. & ibi gloss. ordinar. & marg. verbo, non in senato.*

24 *Plaut. in Pseudol.* Inde tu miraris si patrisset filius.

lho de Noè, Esaù de Isaac, Amon, & Absalaõ de David, Joraõ de Josafat, Manasses de Ezechias, filhos de justos, foraõ maos & assim seriaõ alguns descendentes de Caim; & máos alguns da descendencia de Seth; 25 mas a regra se faz do mais commum; 26 familias em que os bons se contaõ, saõ abominaveis; as em que se contaõ os máos, naõ deyxaõ de ser boas.

5 Mas diz o Texto, 27 que vendo os da familia de Seth, que as mulheres da familia de Caim eraõ fermosas, emfim se casáraõ com ellas. Entre as filhas dos de Seth, tambem haveria fermosas; mas as outras o pareciaõ mais, porque eraõ prohibidas; 28 & as que naõ saõ filhas da virtude, tem fermosura que engana com traças. S. Theodoreto 29 entende que com musicas namoráraõ as descendentes de Caim aos de Seth, & naõ lhes faltariaõ outros meyos.

6 Prosegue o Texto, que daquelles matrimonios nascèraõ Gigantes; de casamentos por amores, muytas vezes resultaõ monstruosidades. Tiveraõ principio na Cidade de Henoch, 30 que fundára Caim; 31 & ainda que em alguns lugares da Escritura santa, por *Gigantes* se entendem Varoens fortes, 32 neste falla propriamente de Gigantes na estatura.

7 Consta que de entaõ atè os seculos proximos houve sempre Gigantes; 33 posto que alguem disse, que os naõ houve depois da vinda de *Christo* Senhor nosso. 34 Os Poetas Gentios lhes deraõ varios nascimentos, de que trataremos na Segunda Parte; 35 aqui basta dizer, que fingiaõ alguns taõ altos, que de Atlas disseraõ, que sustentava o Ceo nos hombros; 36 & que Ticio lançado em terra occupava quanto nove juntas de boys podiaõ lavrar hum dia; 37 de alguns fabuláraõ, que tinhaõ cem braços, como de Briareo, 38 de seu irmaõ Giges, 39 & de Egeo, accrescentando que tinha tambem cincoenta bocas. 40 (Alguns querem 41 que este fosse o mesmo que Briareo.) Costumavaõ pintallos cõ pès de dragaõ, donde lhes davaõ epitheto de *anguipedes*, & *serpentigenas*; para mostrarem que nada tinhaõ de sublime, & recto, & que em passos torcidos caminhavaõ para as cavernas tartareas. 42 Os mais celebres nas fabulas saõ (alèm dos já nomeados) Tyfeo, Japeto, Aleo, Efialtes, Encelado, Polyfemo, Antheo, Astreo, Porfirion, Adamastor, & Numas.

8 Na verdade da Escritura lemos, que o Rey de Basan era de casta de Gigantes, & que em Rabbath se mostrava o seu leyto, que era de ferro, & tinha nove covados de comprido, & quatro de largo; 43 & que o Gigante Goliath era de seis covados, & hum palmo de alto; & as armas que trazia eraõ de pezo, que naõ se pudera crer, se o naõ dissera o Texto sagrado. 44

9 Nas historias humanas Arthacus Persa, no tempo de Xerxes tinha de alto cinco covados: outros tantos tinha Eleazaro Hebreo, q̃ Arthabano Rey dos Parthos mandou a Tiberio

25 *Advertit Benedict. Fernand. in 4. Genes. sect. 18. n. 1. in fin.*
26 L. *Num ad ea ff. de legib.*
27 *Genes. d. c. 6. 2.*
28 Nitimur in vetitum.
29 *Theodor. in Gen. q. 47.*
30 *Benedict. Perer. in Gen. l. 8. n. 113. & 116.*
31 *Supra c. 19. n. 3.*
32 *Latè D. Chrysost. relatus à Franco in Camp. Elys. q. 25. n. 8.*
33 *D. Aug. de Civ. Dei l. 15. c. 9. Cassanion de gigant. c. 6.*
34 *Refert, & reprobat Perer. d. l. 8. n. 127.*
35 *P. 2. c. 3. n. 5.*
36 *Ovid. Metam. l. 9. & Fast. 5. Virgil. Æneid. 6.*
Ubi cælifer Atlas.
Stat Thebaid. l. 8.
Astriferumque domus Atlanta supernas ferre laborantem.
37 *Virg. Æneid. d. l. 6.*
Nec non Titium, cui totâ novem per jugera corpus Porrigitur.
38 *Virg supra.*
Et centum geminus Briareus.
Horat. 1. Carm.
Nec si resurgat centimanus Gigas.
39 *Ovid. 4. Trist.*
Centimanumque Gygen.
40 *Virg. Æneid. 10.*
Ægeon qualis, centum cui brachia dicunt.
Centenasque manus, quinquaginta oribus ignem.
Claudian. l. 3. de rapt. Proserp.
Hæc centũgemini strictos Ægeonis enses.
41 *Referunt Textor in officin. p. 1. tit. Gigant. Viana no comment. a Ovid. Metam. l. 2. n 3.*
42 *Ita explicant Macrob. Saturn. 1. c. 20. Textor supra.*
43 *Deuter. 3. 11.*
44 *1. Reg. 17.*

rio Cesar: Oréstes sete, Arnathas Bebricio oyto, Harthbeno nove, Gemagog doze. No Pontificado de Clemente VII. se achou o cadaver de Pállante, filho d'elRey Evandro, cuja gentileza encareceo Virgilio, 45 (posto que fabulou, que fora queymado;) & era taõ grande, que levantado em pè podia chegar as ameas dos muros de Roma. 46 Com hum terremoto se descobrio em certo monte de Creta hum corpo de quarenta & seis covados; huns imaginaõ que era de Orion, outros o de Oton: 47 o que se faz crivel, escrevendo Santo Ahostinho 48 que na costa de Utica, ou Biserta, vio hum dente molar de hum corpo humano, que lhe pareceo teria cem dentes dos nossos. Francisco Drak Inglez, quando foy roubar as Indias de Castella, achou Gigantes de tres varas de alto. 49 Na famosa casa de Anatomia, que tem a Universidade de Leyde em Hollanda, vi encostadas à parede tres, ou quatro ossadas de corpos inteyros, que teriaõ a mesma altura, & me disseraõ, que haviaõ sido trazidos das mesmas Indias.

10 Geriaõ, que no antigo tempo reynou em Hespanha, vencido por Hercules nos campos do Mondego, aonde o lugar da *Geria* conserva seu nome, disseraõ os Poetas, 50 que era Gigante, & com tres cabeças; o que entendem os Historiadores, 51 que se fabulou de serem tres irmãos taõ conformes, que pareciaõ tres cabeças regidas por huma só alma; ou porque era homem de grande conselho, ou porque senhoreava tres Reynos; mas eu o naõ avalio totalmente por fabula; pois o Chronista Fr. Bernardo de Britto 52 escreve, que em Portugal junto de Braga nascèraõ dous meninos, cada hum cõ duas cabeças; & em outras partes se vio por vezes o mesmo; & hum com quatro cabeças, & outro com sete; ao que os Filosofos, & Medicos achaõ causa facilmente. 53 Lembrame, que no anno 1629. pouco mais, ou menos, vi em Madrid hum moço, que se mostrava por dinheyro, com duas cabeças, & andava jugando o toque emboque. Depois o torney a ver em Inglaterra no anno de 1641. & entaõ com mais idade, & juizo o notei melhor, & lhe fiz perguntas; era Genovez, de vinte & cinco, ou vinte & seis annos, bem disposto do corpo: o rosto da cabeça principal muyto bem figurado, com seu bigode: & vestia galante, de seda com sua espada; do peyto lhe sahia outra cabeça com seu pescoço, & parte dos hombros de outro corpo, como deytada de costas; o rosto desta era grosseyro, mas perfeyto; estava sempre com os olhos cerrados, como que dormia; se o lastimavaõ, mostrava doerse; & o principal naõ sentia. Este a sustentava com huma toalha, que trazia ao pescoço, & andava muyto leve, & desembaraçado; do que comia se sustentavaõ ambos, servindo-se de hum mesmo estomago. E assim naõ seria muyto que Geriaõ com tres cabeças reynasse, & pelejasse com Hercules.

11 Houve outros homens de grande estatura. Agatho

45 *Virg Æneid.l.11.*

46 *P. Mendoça in viridar. l. 2. problem.2.n.8.*

47 *Joseph de antiq.l.18.c.6.* *Plin.l.7.c.16.* *Textor supra.*

48 *D. Aug. de Civ. Dei d. l. 15. cap.9.*

49 *Luis Cabrera na hist. del Rey D. Filip. II. l.12. c.23.*

50 *Virg. d.l.6.*
Gorgones, Harpyæque, & forma tricorporis umbræ: & *l.8.*
Tergemini nece Geryonæ,
Spolijsque superbus.
Ovid. Metam.9.
-------- nec me pastoris Iberi
Forma triplex, nec forma
O triplex tua, Cerbere. movit.

51 *Pineda Monarch. Eccles. p.1. l.2.c.8.§.7.* *Britto, Monarch. Lusit.p.1.l. 1.cap. 10.in princ.*

52 *Britto sup.p.2.l.6. cap.9.*

53 *Franco in Camp. Elys. q.45. n.14.44.& 45.* *Hieron. Cortes nos Secret. natur. trat.5.c.7.*

Atheniense, imperando Adriano, tinha de alto oyto pès. Gabara Arabio, no tempo de Plinio, mais de nove; Pulio, & Secundilla, tinhaõ dez pès de alto: Poro Rey da India, a quem Alexandre venceo, tinha quatro covados, & hum palmo: ao Emperador Maximo serviaõ de aneis os bracelletes da Emperatriz sua mulher; 54 & com tudo naõ se avaliàraõ aquelles homens por Gigantes; do que parece que em aquelles seculos eraõ os homens mayores que hoje, pois taes estatuas só se notavaõ; por grandes hoje outras muyto menores se mostraõ por admiraveis. No anno de 1669. vi em Londres hũa mulher, que tendo dez palmos de alto ganhava muyto dinheyro em se deyxar ver; & em Irlanda no porto de Kinsaile; no mesmo anno me mostràraõ por cousa extra ordinaria outra mulher do campo, quasi da mesma estatura; ambas tinhaõ muyto bom parecer.

54 *Textor sup. eum Plin. d. l. 7. c. 16.*

12 Esta questaõ tratou eruditamente o curioso Gaspar dos Reys Franco, no seu agradavel livro, *Campo Elysio*; 55 & resolve, que nem nisto, nem em outras cousas, fez a natureza mudança. Mas o contrario se lè expresso no livro quarto de Esdras, q̃ posto q̃ naõ he Canonico, tẽ grãde authoridade, dizendo: 56 *Consideray, que sois de menor estatura, que os que foraõ antes de vòs; & os que vos succederem, seràõ de menor que vòs, quasi envelhecendo-se as creaturas, & passando a fortaleza de sua mocidade.* He a mesma razaõ que já demos 57 das vidas serem mais curtas. Já em seus tempos o notàraõ Homero, Juvenal, Plinio, Santo Agostinho, & outros Escritores. 58 Vè-se em Marselha de França a cabeça de Santa Maria Magdalena muyto mayor que as das mulheres ordinarias; 59 & do que o sagrado Evangelho diz desta Santa, parece que devia ser proporcionada, & fermosa. Notey na Sé da Cidade de Compostella em Galliza, que a Imagem de Santiago, que em meyo corpo està no Altar mayor, representa homem quasi agigantado; disseraõ-me, que de tempo muyto antigo era daquelle modo, & he verosimil que se faria representando a estatura do Sãto, ou a de qualquer homem ordinario daquelle tempo. O insigne Patriarcha S. Bento, que era de gentil compostura no corpo, tinha dez para onze palmos de alto. 60 Parece que isto se faz indubitavel pelos mayores ossos que se achaõ nas sepulturas antigas. No anno de 1634. mudàraõ os Religiosos de S. Joaõ de Tarouca da Ordem de Cister, a sepultura do Infante D. Pedro, filho do nosso Rey D. Dinis, & se achou inteyra a armaçaõ dos ossos, tendo de comprido quasi onze palmos, & meyo, & foy em seu tempo avaliado por homem de galharda disposiçaõ. 61 O mesmo se vè pelas armas de alguns Reys, q̃ se conservaõ em Tẽplos como trofeos de suas vitorias. Na Igreja da insigne Collegiada de N. *Senhora* da Oliveyra da Illustre Villa de Guimaraens, està huma veste, que o memoravel Rey Dom Joaõ I. trazia debayxo das armas, que mostra bem sua grande estatura. Nos

55 *Franco in Camp. Elys. q. 25.*

56 *Esdr. l. 4. c. 5. n. 54.*

57 *Sup. 46. n. 7.*

58 *Homer. apud Plin. l. 7. c. 16. Juvenal. Satyr. 15. Plin. d. c. 16. D. Aug. de Civ. Dei. l. 15. c. 9. Alij apud Franco in Camp. Elys. q. 25. à n. 1. Pineda, Monarch. Eccl. p. 1. c. 14. §. 3 Britto Monarch. Lusit p. 1. l. 1. c. 2.*

59 *Vilhegas, Flos Sanct. vida de Santa Maria Magdalen. ad fin.*

60 *Doutor Fr. Joaõ de S. Thomàs na Benedictina Lusit. no fim do tom. 1.*

61 *D. Fr. Francisco Brandaõ na Monarch. Lusit p. 5. l. 17. c. 3. no fim.*

Reaes

Reaes Conventos de Santa Cruz de Coimbra, Alcobaça, & em outras partes se guardaõ espadas, massas, & armadúras, que era impossivel servirẽ a homem deste tempo. Em Londres na Igreja de Vvesmester; que foy nobilissimo Convento de Monges Benedictinos, & he sepultura dos Reys, & no Castello, & Paço de Vvinsol, cinco legoas da mesma Cidade, vi espadas dos Reys antigos, do mesmo pezo, & grandeza; do que se segue que tambem os cavallos eraõ muyto mais corpulentos, & forçosos que hoje; pois de outra maneyra naõ eraõ iguaes a tanta carga.

13 Confirma-se com que em boa proporçaõ da simetria, abrindo o homem os braços, & estendendo mãos, & dedos, esta braçada he a medida da sua estatura; 62 &, de tempos antigos ficou introduzido, no q̃ se mede por braçadas, fazellas de dez palmos; (posto que hoje os braços, & mãos estendidas naõ chegaõ a tanto) final de que entaõ faziaõ aquella medida; & por consequencia as estaturas ordinarías eraõ de dez palmos de hoje.

14 Naõ faz contra isto dizerem os antigos, que a perfeyta estatura era ao menos de seis pès, & que naõ passasse de sete, 63 que vinha a ser sete para oyto palmos, sendo pès geometricos, de quatro palmas de maõ, cada palma de quatro dedos de largo: & se diz, que de tal estatura foy *Christo* Senhor nosso; 64 pelo que Suetonio 65 chamou a Octaviano de meam estatura, sendo de cinco pès, & hum drodante, (que saõ nove partes de doze) & vinha a ser de sete palmos, ou pouco mais, o que tudo naõ discrepa muyto do que temos hoje. Porque se responde, que pois dissemos que as estaturas da quelles tempos eraõ mayores, segue-se que os pès o eraõ; & assim os que se finalavaõ à estatura perfeyta, faziaõ mais que os de agora; & no Santo Sudario de *Christo* Senhor nosso se acha comprimento de nove palmos de hoje. Corrobora-se esta reposta, vendo que Plinio com Varraõ 66 nomea a Manio Maximo, & Marco Julio por notavelmente pequenos, dizendo que eraõ de dous covados de alto; estatura que hoje se naõ notará por taõ pequena como elle a nota.

15 O mesmo procede nas forsas; foraõ-se diminuindo à proporçaõ dos corpos. Com Virgilio o advertio Santo Agostinho; 67 Galeno o reconheceo para os remedios, comparando o seu tempo com o de Hippocrates; 68 & bem se mostra nas armas que dissemos, das quaes seria impossivel usar hoje.

16 He verdade que vio a nossa idade homens, que pondo a maõ no peyto de hum cavallo no impeto da carreyra, o faziaõ parar: que sugeytavaõ, & derribavaõ hum touro pegandolhe pelas pontas: que com huma maõ levantavaõ por hum pè hum bofete: que com os braços estendidos sustentavaõ em cada palma da maõ hum homem, & tomavaõ, & manejavaõ pezos grandissimos; vem-se bolantins que daõ saltos estupendos,

62 *Pedro Mexia na Sylva de var. liçaõ l. 2. c. 13.*

63 *Mex. sup. ex Vitruvio, & Vegetio.*

64 *Matute na presap. de Christo id. de 5. c. 4. §. 1.* P. Fr. *Joseph de Jesus Maria, na hist. de nossa Senhora l. 1. c. 14. n. 1.*

65 *Sueton. in Octaviano.*

66 *Plin. d. l. 7. c. 16.*

67 *Virg. Æneid. 11.* Vix illud lecti bis sex cervices subirent Qualia nunc hominum producit corpora tellus. *D. August. d. l. 15. c. 9.*

68 *Galen. comment. 2. de fract. text. 27. & 6. aphor. 28. 29. & 30.*

& voltando o corpo, exercitaõ forças admiraveis.

17 Porèm se para a regra geral se podera argumentar de casos particulares, a antiguidade nos deyxou exemplos mayores, sem contarmos Samsaõ mysterioso, nem Hercules fabuloso em parte. Milon natural de Croton, Cidade de Italia na Calabria, corria de aposta com qualquer homem hum estadio Romano (que saõ cento & vinte & cinco passos) sem tomar o alento, levando às costas hum touro vivo, & ganhava o preço, & matava hum touro com huma punhada. 69 Mas hum Tirermo apostando com elle a forças, levantou hum penedo que Milon naõ pode mover; & por hum pè teve maõ em hum touro furioso, com admiraçaõ do mesmo Milon. 70 Polydames no Reyno de Dario (filho de Artaxerxes) de quem foy estimado, tambem pegando no pè de hum touro furioso, o teve atè q̃ lhe deyxou a unha na maõ; & detinha os carros correndo a toda a furia de quatro cavallos. 71 Seleuco Nicanor Emperador de Asia, soltando-se hum touro que estava para ser sacrificado, o teve com a maõ por huma ponta, como se o tivera atado com cordas. 72 Tusio Salvio subia escadas levando nos pès duzentos arrateis, nas mãos outro tanto, & outro tãto em cada hombro. 73 Plinio conta que vio hum chamado Athanato passear no Theatro vestido de cincoenta couraças de chumbo, & com huns çapatos que pezavaõ quinhentos arrateis. 74 Escreve-se 75 que Cynegiro Atheniense, na guerra contra os Persas, deteve com a maõ direyta huma náo contra a força do vento: sendolhe cortada, a deteve com a esquerda: & sendo-lhe tambem cortada, a deteve com os dentes, pegando em alguma corda; entaõ eraõ as náos barcos; mas ainda assim parece incrivel. O Emperador Maximino corria mais que hum cavallo. 76 De outros admiraveis em correr faz mençaõ Plinio. 77 Amelongo, Soldado de Remualdo Rey dos Longobardos, com o bote de hum bordaõ tirou da sella a hũ cavalleyro Grego, & o lançou para o ar por cima de sua cabeça. 78 Outros exemplos traz Ravisio Textor, 79 & naõ se pòdem referir facilmente os que ha mais. Atè de huma velha Grega conta Stobeo, 80 que trazia hum touro nos braços; tinha-se costumado de quando era bezerro que mamava.

18 De serem hoje menores as estaturas, & forças, naõ se segue necessariamente que hajaõ de hir diminuindo ao mesmo passo que atègora, & em consequencia se venhaõ a aniquilar em breve tempo, como argumentaõ os que dizem que nellas naõ tem havido mudança. 81 Porque assim como nos primeyros seculos obrou a Divina Providencia para as largas vidas, como em seu lugar dissemos; 82 assim obrará q̃ naõ se destrua a natureza em quanto durar o mundo, decrescendo só até certos limites; & assim vemos que já de dous seculos a esta parte naõ houve diminuiçaõ notavel.

19 Parece que se deleyta a natureza, jogando, ou zombando

69 *Mexia sup. l. 1. c. 19.* *Jul. de Cast. lib. hist. dos Godos lib. 5. discurs. 3.* *Agrida nos lugares com verbo, Milon.*

70 *Celius l. 11. c. 69.*

71 *Celius l. 7. c. 56.*

72 *Genebrard. Chronol. c. 2.*

73 *Plin. l. 7. c. 20.*

74 *Plin. ibidem.*

75 *Textor in officin. p. 1. tit. fortissimi, ex Grego, & Herodoto.*

76 *Marian. hist. de Hespanh. l. 4. cap. 9.*

77 *Plin. d. c. 20.*

78 *Textor supra ex Paulo Diacono.*

79 *Textor d. tit. fortissimi.*

80 *Stob. serm. 29. in 1. tom.*

81 *Assim argumenta Franco d. q. 25. n. 3. vers. in maxima.*

82 *Sup. c. 46. n. 6.*

do na variedade de suas obras; assim como fez gigantes, & homens de grandes forças, faz enãos; & talvez animosos. Quando no anno de 417. de *Christo*, os Godos matárão em Barcelona a seu Rey Ataulfo, hũ enaõ chamado Belmulfo lhe deu a primeyra punhalada. 83

20 Faz Pigmeos, que tem só tres palmos de alto: Plinio escreveo, que habitavaõ na ultima parte dos montes da India; & disse com Homero, & Aristoteles, & o tocou Ovidio, 84 q̃ tinhaõ guerra com as gralhas, contra as quaes sahiaõ com exercito, cavalleyros em carneyros, ou cabras, armados de settas, & assim bayxavaõ ao mar à quebrar os ovos, matar os pequenos filhos daquelles inimigos, para os diminuirem; & q̃ faziaõ casas das pennas, & cascas dos ovos das mesmas aves; ou viviaõ em cavernas da terra. Os Filosofos 85 affirmaõ, que ainda que tem feyçaõ de homens, o naõ saõ; porque nem tem razaõ, nem sabem discernir, mas que tem boa imaginativa. Tambem Avicena, & Santo Alberto Magno entendem que os ha; Cardamo, & Marco Antonio Asten o negaõ. 86 Poderia havellos em tempos antigos, posto que hoje os naõ haja; como houve muytos homens de duas cabeças, & hum só pé taõ grande, que com elle se reparavaõ do Sol outros; & mulheres sem cabeça com os olhos muyto grandes fixados nos peytos; outros com hum só olho na testa, o que além do que escreverão Plinio, & outros Authores, 87 authoriza Juliaõ de Castilho na historia dos Reys Godos com testemunho de Santo Agostinho, que conta que os vio hindo prègar à Ethiopia. 88

21 Mas que pouco importa ser pequeno, ou grande no corpo, & nas forças! a grandeza só se mede na alma: mayor era (considerou S. Joaõ Chrysostomo 89) David, que Goliath; naõ louvemos, nem vituperemos (disse o Espirito Santo no Ecclesiastico 90) pela apparencia; que pequena he a abelha, & tem o principado de doçura entre o que voa; que se fez daquelles gigantes na estatura, & de tantos gigantes no poder? 91 Muytos pequenos de que o mundo se ria, estaõ mayores q̃ elles; o que importa he ser grande no Ceo, & para isto se ha de ser espiritualmente pequeno na terra, 92 & o mais pequeno será o mayor, 93 como Francisco Serafico. Saõ Christovaõ naõ he hoje grande por haver sido agigantado, mas por haver sido muyto humilde. Do que se tem dito da humildade, basta repetir o que notou o grande juizo de Santo Agostinho: que naõ nos encomendou *Christo*, que aprendessemos delle mais que ser humildes como elle o foy: 94 he o fundamento de todo o edificio da grandeza.

83 *Jul. de Castilho, hist. dos Godos l. 1. discurs 10.*

84 *Plin. l. 7. c. 2. ad fin. & l. 10. c. 23. in princip.*
Homer. Iliad. l. 1. circa princ.
Aristot. de nat. anim. l. 8. c. 12.
Ovid. Metam. l. 6.

85 *Cum Arist. d. l. 8. c. 4.*

86 *Refere estas opinioens Viana no comment. Ovid. Met. d. l. 6. n. 5.*

87 *Plin. d. l. 7. c. 2.*
Hieron. Cortes not secret. nas tract. 5. c. 7.

88 *Castilho sup. l. 1. discurs 5 allegando S. Agostinho na 3. parte o espelho de consolaçaõ.*

89 *D. Chrysost. hom. 17 prop. fin. ad popul. Antioc. in 5. tom.*

90 *Ecclesiast. 11. 2.*

91 *Baruch. 3. 16* Ubi sunt principes gentium, &c.

92 *Matt. 23. 12.*

93 *Matth. 18 à n. 3.*

94 *Matth. 11. 29* Discite à me, quia mitis sum, & humilis corde.
Joan. 13. 15. Exemplum enim dedi vobis, &c.
D. Aug. de verb. Dom. Discite à me, &c.
Cogitas magnam construere fabricam celsitudinis? de fundamento prius cogita humilitatis.

CAPITULO XLIX.

Como os homens se depravàraõ em peccados pelos casamentos que se fizeraõ. Trata-se com exemplos dos males, & bens que vieraõ ao mundo por mulheres.

1 DEpois da septima geraçaõ do mundo começàraõ os homens a depravarse todos geralmẽte em peccados. 1 Mortos Adam, & *Eva*, se consumàraõ em toda a maldade; parece que o respeyto aos primeyros Pays lhes era algũ freyo, ainda nas partes mais remotas. Diz o Texto santo, 2 que era muyta a malicia, & todo o cuydado intento sempre ao mal. E que (a nosso modo de fallar, por semelhança, & effeyto 3) sentio Deos isto no coraçaõ, & lhe pezou de haver feyto o homem; grande encarecimento, amando-o tanto. Os Escritores 4 declaraõ, que se commettiaõ peccados taõ horrendos, que referillos offenderiaõ os ouvidos; atè as tenras crianças arrancavaõ dos peytos das mãys para alimento regalado.

2 Mostra o Texto, que procedeo este mal de casarem as viciosas descendentes de Caim com os virtuosos de Seth; 5 cousa notavel, que as mulheres cõmunicassem o mal, & os maridos naõ communicassem o bem: a doença pega-se, & a saude naõ; 6 & as mulheres saõ mais tenazes em crer, mais efficazes em persuadir; 7 saõ Sereas que encantaõ; 8 mal se resiste às suas razoens: 9 acabaõ o que o demonio se naõ atreve a intentar, naõ se atreveo elle a perverter a Adam, & o negociou pela mulher. 10

3 O mal, que Euripides desejava a seus inimigos, era que as tivessem por inimigas; 11 porque saõ mais feras que as feras, disse o Espirito Santo pelo Ecclesiastico: 12 os dragoens, & aspides temèraõ ao Bautista: 13 & Herodias o degolou: 14 os corvos alimentàraõ a Elias; 15 & Jezabel o perseguio; aquelle que resuscitou mortos, fechou, & abrio as nuvẽs, trouxe fogo do Ceo, voou em carro de fogo, & naõ vio a morte, sò à mulher temeo; 16 & essa naõ respeytou o serviço que elle fizera livrando de fome todo o Reyno. 17 Os Leoens perdoàraõ a Daniel; 18 a Balea salvou a Jonas; 19 outras feras se mostràraõ agradecidas; 20 sò à mulher nada move. Naõ moveo a Dalila ver-se taõ amada de Samsaõ, para deyxar de o destruir; naõ se obrigou de sua gentil disposiçaõ, nem do valor com que despedaçou Leões; com q̃ matou mil inimigos com a queyxada de hum animal morto; com que tirou, & levou sobre seus hombros a porta da Cidade, nem de ser taõ favorecido de Deos, que lhe deo fonte milagrosa para satisfazer a sede; a tudo antepoz o dinheyro, que os Filisteos lhe promettèraõ. 21

1 *Joseph de antiq. l. 1. c. 4. S. Theodoret. in Gen. q. 47. Bened. Perer. in Gen. l. 8 n. 6.*
2 *Genes. 6 5.*
3 *Sic explicat Pererius d. l. 8. n. 151. & 156.*
4 *Pineda na Monarch. Eccl. p. 1 l. 1. c. 24 §. 3.*
5 *Dissemos acima c. 48. n. 4. & 5.*
6 *Franc. de Sà de Miranda, na Ecloga de Busto, est. 49.*
Olhe cada hum per si,
O bem naõ he como tinha,
Naõ se pega taõ azinha,
O mal póde ser que sim.
A causa aponta Franco in camp. Elys. q. 16. n. 20.
7 *Bened. Fern. in Gen. sect. 12. n. 6.*
8 *D. Ambros. serm. 55.*
9 *D. Basil. 1 de aspir. ad pers.*
10 *Gen. 3.*
11 *Euripid in Oedip.*
12 *Ecclesiast. 25. 23.* Commorari Leoni, & Draconi placebit, quàm habitare cũ muliere nequã.
13 *Notat D. Chrysostom. hom. 14. in decollat. S. Joan. Bapt. in 2. tom.*
14 *Matth. 14. Marc. 6.*
15 *3. Reg. 17. 6.*
16 *3 Reg. 19.*
17 *3. Reg. 17. & 18. & l. 4. c. 1.*
18 *Dan. 6.*
19 *Joan 2.*
20 *Dissemos no c. 19. n. 11.*
21 *Judic. 14. cum seq.*

4 Entre

4 Entre os animaes (notou São Joaõ Chryſoſtomo 22) nenhũa femea mata a ſeu macho, ſenaõ a mulher. Albina filha de hum Rey de Lydia teve trinta & duas irmãas, que todas matàraõ ſeus maridos: 23 eſcreve-ſe, que Danao filho de Belo teve cincoenta filhas, que caſàraõ com outros tantos filhos de Egiſto, & conjurando-ſe todas as quarenta & nove matàraõ ſeus maridos em huma noyte; ſó Hyrpeneſtra perdoou ao ſeu chamado Lynceo. 24 Ryſimunda filha de Cominungo Rey dos Gepidos matou dous maridos, q̃ foraõ Albino Rey dos Lõgobardos, & Hemilge, que foy o ſegundo; 25 mais modernamente Joadá, mulher de Andre Rey de Proença, filho de Carlos Rey de Hũgria, enforcou ao marido ajudada de outras mulheres; 26 outras muytas aponta Textor na ſua Officina. 27

22 *D.Chryſoſt.d.hom.14.*

23 *Volaterram apud Textor in offic.p.1.tit.mulier, quæ marit.interfecer.*

24 *Senec. Trag. in Hercul. fur. Ovid.de art.amand.l.1.*

25 *P. Mexia na ſylva de var. lig.l.2.c.24.*

26 *Mexia ſup.l.1.c.19.in fin.*

27 *Textor ſupra.*

5 Muytas vezes ſuccedem outros exemplos, mais abominaveis à viſta, do que maridos fizeraõ pela vida de ſuas mulheres; 28 entre os quaes he memoravel o exemplo de Tito Graco, que achando em ſua caſa duas cobras, macho, & femea, & dizendolhe hum agoureyro, que ſe mataſſe o macho, morreria elle primeyro que ſua mulher, & ſe mataſſe a femea, ella morreria primeyro, matou o macho, abreviando a ſua vida por alargar a da mulher; naõ ſey (diſſe Valerio Maximo) ſe mais ditoſa em haver logrado tal marido, ou mais miſeravel em o perder.

28 *Apud Val.Max.l.4.c.16.*

6 Paſſaõ a deſtruir, ou perturbar Reynos, & Monarchias. Aſſyria o vio em Berenice; Troya em Helena, Lacedemonia nas donzellas Cedaças de Thebas, os Samios em Aſpaſia, Perſepoli em Thais, Judèa em Athalia, Egypto em duas Cleopatras, o Imperio Romano em Agrippina, & em hũa das Eudoxias, o Grego em Theofane, & duas Zoes, o Alemaõ nas duas mulheres de Otho III. França em Fredegonde, Brunichilde, Judith, & Leonor; Heſpanha em Florinda, Italia em Muſonia, Inglaterra em Anna Bulena.

7 Muytas ſe armàraõ contra Deos, & ſeus ſervos. A mulher de Putifar contra o caſto Joſeph; Jezabel, & Herodias contra Elias, & o Baptiſta; a Emperatriz Theodora cõtra o Papa S.Sylverio; Eudoxia Emperatriz, deſterrando, & reduzindo à morte o Principe da Eloquencia Chriſtã, Joaõ Chryſoſtomo, eſpirito de Paulo de quem ſe profeſſou devoto; 29 Juſtina mãy do Emperador Valentino Junior, favorecendo o Arrianiſmo. Eſcuſa-ſe relaçaõ de outras na lembrança de *Eva*; que arruinou o marido mais ſanto, & o mayor imperio temporal, & eſpiritual, como imos deſcrevendo; foy ſerpente para todos, como a ſerpente para ella: *O' mulher ſummo mal dos homens*, (exclama S. Joaõ Chryſoſtomo, 30) *lança mais aguda com que o demonio fere*. Pelo reſpeyto que lhes devemos como a mãys, omittimos outros exemplos, & tragamos mais numeroſos que as acreditaõ.

29 *D.Chryſoſt.hom.11.Gen.ad fin.* Beatus Paulus: flagro amore hujus viri, & propterea verſatur ipſe in ore meo.

30 *D.Chryſ.hom.14.ſuperius allegata:* O malum ſummum, & acutiſſimum diaboli telum mulier.

8 Com a meſma efficacia obraõ as que ſe applicaõ às virtudes, muyto mais louvaveis por exceyçaõ da regra. A filha de

Faraò,

Faraò contra o cruel edicto de seu pay, soube crear a Moysés com insigne piedade: 31 Rahabo cõ ardil mysterioso livrou os exploradores de Josue: 32 Debora infundio valor nos Hebreos para vencerem a Sisara; & Jael teve animo para o matar: 33 Judith obrou a façanha de degollar a Holofernes: 34 huma viuva amparou a Elias da furia de Jezabel: 35 Sunamitice pobre hospedou liberalmente a Eliseo. 36 A mãy dos sete Machabeos foy raro exemplo de constancia a todos na observancia da ley; 37 & tantas Martyres Christãs se fizeraõ soberanamente gloriosas.

31 *Exod* 1.
32 *Josue* 2.
33 *Judic*. 4.
34 *Judith*. 8. *cum seqq*.
35 3. *Reg*. 17.
36 4. *Reg*. 4.
37 2. *Machab*. 7.

9 Nas historias humanas (deyxada como fabulosa a fineza de Alestes mulher de Admeto) as Amazonas em vingança das mortes de seus maridos, sahiraõ da Scithia Asiatica a fazer guerra aos moradores das ribeyras do Termodonte em Cappadocia, donde teve principio sua historia taõ celebre. 38 Artemisia em Caria fabricou a seu marido Mausolo taõ custoso monumento, que ainda imperfeyto foy hũ dos milagres do mundo; & em si mesma lhe levantou outro mais augusto, bebendo suas cinzas 39 para participar de sua morte, & o fazer vivo em seu peyto. Paulina, mulher de Seneca, se abrio as veas para morrer como elle, & estando para espirar, lhas fez cerrar Nero, por lhe naõ permittir aquella gloria. 40 As Lacenas, mulheres dos Minias, estando os maridos prezos pelos Spartanos, para nelles se executar a pena de morte, em hũa noyte (como era costume entre os Lacedemonios) alcançada licença dos guardas do carcere, para lhes darem o ultimo abraço de despedida, trocando os vestidos com os maridos, os fizeraõ sahir com as cabeças, & rostos cubertos, como em sinal de dôr, ficando ellas sugeytas à pena; 41 o que em Hespanha imitou a Infante Dona Sancha, livrando o Conde Fernaõ Gonçales seu marido da prizaõ del-Rey de Leaõ. 42 Por muytos bastaõ dous exemplos; hum na famosa vitoria, que o Romano Mario alcançou dos Teutonos, Cymbros, & Tigurinos, que com suas mulheres haviaõ sahido do Septentriaõ, & inundavaõ Italia; na qual morrendo delles trezentos & quarenta mil, & sendo prisioneyros cento & quarenta mil, naõ houve mulheres prisioneyras, porque todas, ou morrèraõ pelejando, ou se matáraõ, perdidos os maridos. 43 Outro exemplo na guerra do Emperador Conrado III. com Guelfo successor nella de seu irmaõ Henrique o *Soberbo* Duque de Saxonia, rendendo-se a Conrado a Cidade de Vinsberg a partido, de que só as mulheres sahiriaõ livres com o que pudessem levar; ellas sahiraõ cõ os maridos sobre seus hombros; acçaõ que applacou a ira do vencedor; 44. & pela qual mereceo aquella guerra ficar mais memoravel, que por ser origem (segundo alguns Authores 45) das facçoens de *Guelfos*, & *Gebellinos*, que tantos annos perturbáraõ Italia; aquelles inimigos de Cesar, tomando o nome de *Guelfo* sua cabeça; estes Cesarienses, tomando o de *Gebellinga*, patria do mesmo Emperador

38 *Mexia na Sylva l*. 1. *c*. 10.
39 *Strab*. 14. *Plin*. 34. *Pomp. Mell. l*. 2. *Conrad. Gesner. in Onomast. propr. nomin. verb. Artemisia. Herodot. l*. 7.
40 *Joaõ Pablo Martyr Riso na vida de Seneca, no fim*.
41 *Valer. Maxim. d. l*. 4. *c*. 6.
42 *Mariana hist. de Hesp. l*. 8. *c*. 7 *Castilho na hist. dos Godos l*. 3. *discurs*. 9.
43 *Floscul. hist. p*. 1. *c*. 9. *ad med. vers. anno sequenti*.
44 *Floscul. hist. p*. 2. *c*. 4. *ad fin*.
45 *Floscul. hist. suprà. Nanclero referido por Mexia, na Sylva l*. 1. *c. ult. no fim*.

rador; 46 se bem outros daõ nascimento a estas facçoens na guerra do Emperador Federico II. com o Summo Pontifice Gregorio IX de dous irmãos assim chamados em Pystroya Cidade de Toscana, que seguiraõ partes contrarias.

10 Assim tambem de illustres mulheres resultàraõ ao publico grandes utilidades. Na historia sagrada, alèm das que já nomeamos, 47 he insigne exemplo a fermosa Esther, por quem os Israelitas se livráraõ de huma mortandade geral. 48 Na humana Zenobia Rainha dos Palmireos, viuva de Odenato, casta, & varonilmẽte defendeo os Estados de seus filhos pupillos contra o vitorioso poder do Persa, & largo tempo cõtra os Romanos, de quem triunfou triunfada. Dominica, viuva do Emperador Valente, defendeo Constantinopla dos Godos vitoriosos de seu marido. Por Placidia irmã do Emperador Honorio, que causou com Ataulfo Godo, se preservou o Imperio Grego do furor daquella naçaõ. A irmã de Dom Pelayo offendida, occasionou que elle em vingança principiasse a restauraçaõ de Hespanha contra os Mouros. Joanna de Lorena, que chamàraõ a Donzella de Orleans, pastora, & de vinte annos, foy admiravel na defensa de França, no tempo delRey Carlos VII contra Inglaterra. Duvido se foy louvavel, ou reprovavel a acçaõ de setenta mil mulheres Inglezas, que conjuradas matàraõ todas em hũa noyte seus maridos Dinamarquezes, para livrarem sua patria daquelles Conquistadores; sey q̃ Inglaterra as acclama Libertadoras; por isso as Leys daquelle Reyno cõcedèraõ ás mulheres os grãdes privilegios de q̃ gozaõ. Deyxo Roma, filha de Athlãte Italo, antigo Rey de Hespanha, fundadora de Roma: 49 Dido fundadora de Carthago, & outras fundadoras de estados illustrissimos; entre as quaes resplandece a clarissima Dona Teresa mãy do nosso primeyro Rey.

11 Ao bem commum da Religiaõ contribuhio heroicamente Helena Santa, filha de Cloel Regulo muyto principal em Bretanha, 50 (posto que outros com erro lhe dem outros pays) descobrindo por diligencias, que fez com hum Judeo, em Jerusalem debayxo de hum templo delicado a Venus, a Cruz sagrada de *Christo*, com seu titulo, & cravos; & sendo grande parte para q̃ o Emperador Constantino seu filho, & todo o Imperio abraçasse o Christianismo. A Emperatriz Pulcheria, irmã de Theodosio II. esposa virgem do Emperador Marciano, depois de haver por vezes conservado o Imperio cõ sua prudencia, convocou o Concilio Calcedonense contra as heresias de Eutyches, & Dioscoro. Irene mãy do Emperador Constantino Profirogenito fez celebrar o segundo Concilio Niceno, em q̃ se restituhio o culto às Imagens Santas, q̃ tres Emperadores antecedẽtes hereticamente haviaõ prohibido. Theodora, viuva do Emperador Theofilo, governando na menoridade de seu filho Michael, tornou a restituir o mesmo culto, q̃ achou arruinado. Clotildes trouxe a ElRey Clodoveo seu marido, & todo

o Reyno

46 *Mexia sup. com Platina, & Sabellico. Vide Bartholo in tract. de Guelphis & Gebellinis, n. 1. D. Fr. Ant Brand. 3. Monarch. Lusit. p. 4. l. 12. c. 2 in princip.*

47 *Supra n. 8.*

48 *Esther c. 4. & 5.*

49 *Provamos nas excellencias de Portugal c. 14. excel. 3. n. 6.*

50 *Villegas no Flos Sanct. na vida de S. Helena ex Baron. nos annaes p. 3. Flav. dextr. in Chron. ann. Christ. 311.*

o Reyno de França á Fé de *Christo*. Tendolinda mulher de Agiulfo Rey dos Longobardos, os reduzio á mesma Fe com santas persuaçoens. A generosa filha de Vvenceslao Rey de Bohemia, recusando casar com Micislao Rey de Polonia, por ser Gentio, o obrigou a fazerse Christaõ, & a todo o seu Reyno. Gissa, irmã do Santo Emperador Henrique, ganhou a Estevaõ Rey de Hungria seu marido, & a todo aquelle Reyno para Deos, como se fosse fatal conquistar o *Salvador* por mulheres a mayor parte de Europa. Monica Santa, trazendo à Igreja Catholica seu grande filho Agostinho, fez conquista de mais valor, que a de muytos Reynos. Clara, Santa clarissima, instituhio com Regra muytos Conventos, que continuamente estaõ enchẽdo o Ceo de mais Anjos. Santa Brigida, illustre viuva de Ulfon Principe de Suecia, & mais illustrada com revelaçóes Divinas, instituhio ordem, que como boya da anchora da Fé, se sustenta nadando no mar heretico de tantas Provincias. A grande Santa Teresa de Jesus fundou a Reforma de Carmelitas Descalços; & com a doutrina de seus escritos (fonte descida do alto Carmelo) rega os floridos prados da Igreja: mysterio grandissimo (disse judiciosamente hum Historiador 51) que mulheres hajaõ dado a homens fórma de vida, & Religiaõ! cousa nova, & maravilhosa! Abstem-se a penna do que Deos obrou por *Maria Santissima*, que por superior, & especial, naõ se traz a exemplo.

51 *Ant. Herrera na hist. géral da vida de D. Filip. II. p. 17. c. ultimo princ.*

12 Dilatou-se éste capitulo a tantos casos por huma, & outra parte, para mostrar quanto se deve attender à boa, ou má inclinaçaõ das mulheres; persuadem ao que se applicaõ, & tudo vencem. Alexandre convidado a ver as filhas de Dario, respondeo, que o naõ convidassem para hir ser vencido de mulheres, sendo vencedor de tantos homens; 52 instaõ aos maridos com a efficacia que descreve S. Joaõ Chrysostomo; 53 & a porfia acaba muyto: foy grande façanha de Job, naõ se deyxar persuadir de sua mulher; mas disse Deos, que naõ tinha semelhante na terra. 54 Com razaõ se naõ costuma dispensar em que huma Princeza naõ Catholica, case em Estado Catholico, pelo mal que della se teme; 55 & facilmente se dispensa em que a Catholica case em estado naõ Catholico, pelo bem que se póde esperar.

52 *Erasm. apophtegm. l. 8. Maxim. serm. 53.*

53 *D. Chrysost. d. hom. 14. in decoll S. Joan. Bapt.*

54 *Job 2. 3.* Quod non sit ei similis in terra.

55 *Deutoron. 7. 4.* Quia seducet filium tuum ne sequatur me, & ut magis serviat dijs alienis.

13 Se os máos descendentes de Caim casassem com as virtuosas descendentes de Seth, poderia ser que o mundo se emendára; mas sendo ao contrario, foy facil que as mulheres viciosas pervertessem aos bons maridos, & todos cheyos de maldades provocassem castigo universal. Terrivel sexo! naõ lhe bastou fazer o mundo miseravel pela primeyra, sem totalmente o destruir pelas que se seguiraõ; huma o ferio, outras o acabàraõ; nem miseravel o deyxàraõ ser.

CAPITULO L.

Como Deos castigou, & arruinou o mundo com aguas, reservando só à Noè, & com elle sua familia. Apontaõ-se os mysterios que ha no numero septeno.

1 CORria o anno do mundo 1656. conforme a conta dos Hebreos, que consta do Texto sagrado, 1 (posto que seja differente o cõputo dos Gregos) quando submerso o mundo em peccados, determinou Deos submergillo em aguas por ultimo castigo. 2 Mas como havia de conservar reliquias do genero humano para tornar a multiplicallo feliz, ainda nesta ruina (diz hum Author grave 3) se mostrou misericordioso; pois alèm de tirar aos maós de peccarem mais, naõ deyxou aos futuros quem lhes dèsse máo exemplo.

2 Achou só Noè justo da linha do virtuoso Seth; 4 & naõ foy pouco achar hum justo entre tantos peccadores, quando no mundo a multidaõ dos que peccaõ licencìa a vergonha; & a culpa commua approva os delictos; 5 onde naõ ha pejo, he maravilha a virtude. 6 Communicoulhe o *Senhor* sua resoluçaõ: ordenoulhe que fizesse huma arca de trezentos covados de cõprido, cincoenta de largo, trinta de alto, (covados geometricos, que cada hum tinha seis dos nossos, como com Origenes refere Santo Agostinho 7) para se meter nella, & sua mulher, & filhos, & noras com elles; (a companhia de hũ bom salva tambem a outros; assim se vio na de S. Paulo em outra occasiaõ 8) & que meteria tambem machos, & femeas de todas as aves, & animaes da terra; & mantimento para todos; 9 a fome faria que todos gastassem de hum mesmo mantimento.

3 Cem annos gastou Noè na fabrica da arca; 10 podendo-a acabar brevemente. A misericordia Divina esperava a emenda dos homens; mas quem fez callo no peccar, raramente se emenda, 11 porque o costume naõ estranha a torpeza. 12 Nem credito deraõ à causa porque a fabricava: os avisos do Ceo nunca saõ cridos: assim succedeo aos que fez por Ezechiel, & Isaias. 13

4 Sete dias antes de começar o castigo mandou o *Senhor* a Noè que entrasse na arca; & com elle toda sua casa; & certo numero lhe assinalou das aves, & animaes; & por Divina ordem se lhe vieraõ offerecer; ou os Anjos os trouxèraõ. 14 Diz Santo Agostinho, 15 que entráraõ os que nascem de geraçaõ, & naõ era necessario os que se geraõ de putrefacçam; porque estes sempre depois se gerariaõ della; mas se quizessem entrar, se lhes naõ impediria; pois a arca figurava a Igreja, que admitte todos os que querem escapar do diluvio de peccados.

1 *Esta seguem Joan. Benedict. in annot. ad Bibliam, cum Filon, & Beda, Flosc. hist. p. 1. c. 1. Brit. na Monarch. Lusit. p. 1. c. 2. Gregor. Lopes in prolog. ad leges Partit. Castella. glossa lit. A, verbo, Hebraicos, & plures alij.*

2 *Genes. 6. 7*

3 *Benedict. Fernand. in 7. Genes. sect. 4. n. 8 cum D. Chrysostomo.*

4 *Genes. d. c. 6. 8.*

5 *Seneca de benefic. l. 3. c. 16.*

6 *Fernand. in Gen. 3 n.* Mira virtus inter impudentes.

7 *D. Aug. de Civit. Dei l. 15. c. 27. ante med.*

8 *Act. 27. 24.* Ecce donavit tibi Deus omnes qui navigant tecum.

9 *Genes. d. c. 6.*

10 *Cum multis Bened. Perer. in Genes. l. 10. n. 37. tom. 2.*

11 *Proverb. 18. 3.* Impius cum in profundum venerit peccatorum, contemnit.

12 *D. Chrysost. in Gen. hom. 22.* Anima in mala cõsuetudine obruta, ne sentit quidem peccatorum fœtorem.

13 *Ezechiel 12. Isai. 28*

14 *D. Aug. d. l. 15 c. 27. post med. Perer. in Gen. l. 11. n. 26.*

15 *D. Aug. c. 27. ad med.*

16 Gen.2.& 31

17 Gen.3.2.& 3.
18 Gen.29.

19 Gen.30.& 35.n.23.
20 Gen.41.
21 Exod 1 4.
22 Exod.no.10.

23 Levit.25.4.
24 Exod.25 n 7.& c. 37.n. 23.
25 Daniel.9.24.
26 Veremos na 2.p.c.16.n.2.

5 Em ſete dias creou, & ſantificou Deos o mundo; 16 & ſete dias deo a Noè para prevenir ſua reparaçaõ; taõ deſeyto havia de ficar. He excellencia deſte numero comprehender myſterios. Ao meſmo Noè mandou o *Senhor* que metteſſe na arca ſete pares de todos os animaes que naõ foſſem immundos. 17 Jacob ſervio ſete annos por Rachel a Labaõ; & dandoſe-lhe Lia, ſervio outros ſete para alcançar Rachel. 18 Joſeph, figura de *Chriſto*, foy ſeptimo filho daquelles matrimonios de Jacob. 19 A felicidade q̃ teve lhe veyo pelas ſete vacas, & ſete eſpigas com que ſonhou Faraò. 20 A familia com que Jacob entrou no Egypto conſtava de ſetenta peſſoas. 21 Ao ſeptimo dia de cada ſemana mandou Deos que deſcançaſſemos; 22 & que de ſete em ſete annos deſcançaſſe a terra para melhor fructificar. 23 O candelabro do tabernaculo que fez Moyſés, tinha ſete lumes. 24 Por ſetenta hebdomadas ſe moſtrou a Daniel o tempo da vinda do Meſſias. 25 No mez ſeptimo do anno naſceo ſua *Mãy* Santiſſima. 27 Sete ſaõ os Dons do Eſpirito Santo; ſete os Sacramentos da Igreja. A ſete cabeças ſe reduzem os peccados mortaes, & a duas vezes ſete os Artigos de noſſa ſanta Fé. O meſmo ſe acha nas couſas naturaes; porque os Planetas ſaõ ſete; ao mundo repartiraõ os Sabios em ſete climas; no mez ſeptimo naſce o parto perfeyto; a vida do homem ſe divide em ſete idades, & os ſeptimos dias, & annos lhe ſaõ criticos. Os movimentos ſaõ ſete: acima, abayxo, adiante, atraz, à parte direyta, à eſquerda, & ao redor. Atè as creaturas ſaõ todas de huma de ſete maneyras; ou ſó eſpirituaes, como os Anjos, & a alma; ou de corpo ſimplez incorruptivel, como os Ceos, & Eſtrellas; ou de corpo tambem ſimplez; mas corruptivel, como os elementos; ou de corpo compoſto, & racional, como o homem; ou corpo com a meſma compoſiçaõ, mas irracional, como os brutos; ou corpo de alma ſó vegetativa, como as plantas; ou totalmente morto, como as pedras. Sete artes liberaes ſe contaõ; outras mais couſas ſe notaõ deſte numero; 27 & por ſer taõ myſterioſo, diſſe ElRey D. Affonſo no prologo das Leys de Caſtella, que as dividia em *ſete Partes*, *ou Partidas*, como lhe chamaõ vulgarmente.

27 Vide D. Aug. de Civ. Dei l. 11.c.30. & 31.

6 Diz o Texto ſanto, que fez Noè tudo o que o *Senhor* lhe mandou; 28 Quem ſerá taõ ditoſo que iſto ſe poſſa dizer delle? Fechou Deos a arca por fóra; 29 porque Noè ſe naõ laſtimaſſe vendo tanta ruina; 30 ou como quem naõ fiava dos de dentro ſaberem-ſe guardar, porque os homens coſtumaõ obrar ſua perdiçaõ; & a curioſidade das mulheres quereria abrir para ver o q̃ ſuccedia. Conſidera-ſe que ficaria com algũa luz, ou de fogo, ou de vidraça; porque de tudo ficou provido: alguns dizem que a allumiavaõ certas pedras precioſas. 31

28 Gen.7.5. Fecit ergo Noe omnia quæ mandaverat ei Dominus.
29 Gen. ſup n 16.
30 D. Chryſoſt. in Gen. hom. 25.

31 Hiſt. Scholaſt. c 32. Pineda, Monarch. Eccl. p.1.l.1 c.17. §.1. in princ.
32 Supra c.2.n.2.

7 Logo aos dezaſete dias do mez ſegundo; (que era Abril, havendo o mundo começado em Março 32) a chave dos peccados abrio as cataratas do Ceo. Deſatou-ſe o ar em

chuvas;

chuvas: sahiraõ da madre os rios: excedeo o mar a seus termos: lançou a terra prodigiosas fontes: & tendo horror dos q̃ creára, se cobrio de aguas por lhe naõ dar sepultura. As flores, por flores, & por pequenas, perecèraõ primeyro conforme as leys do mundo: logo o cultivado dos campos, porque se visse frustrado o trabalho dos homens: depois se afogáraõ os animaes, porque nem sempre o saber nadar aproveyta: arrancáraõ-se as arvores; porque naõ valem raizes na terra, & se achariaõ em vez de pomos, carregadas dos homens, que a ellas se subiaõ, & das aves, que sem os temerem queriaõ descançar nellas, mas ficavaõ nas aguas; porq̃ das perdas geraes, nem com azas se escapa, & peyxes occupavaõ o seu lugar. As gentes que buscavaõ os montes, errando os caminhos a que os mares cobriaõ, se submergiaõ nos valles: as ondas faziaõ iguaes a pequenos, & gigantes: os filhos corriaõ para as mãys, que em balde os levantavaõ nos braços, & chamavaõ pelos maridos, que as naõ remediavaõ; tudo era morte, clamores, & confusaõ, que chegava aos elementos, pois a terra era mar, & este occupava tambem os ares, & parecia ameaçar o fogo na mais alta esfera; ainda hoje vemos (como notou Tertulliano 33) conchas, & buzios peregrinar nos montes, porque tudo sahio de seu natural. No anno de 1460. nas montanhas de Seisa, muyto longe do mar, cavando-se em huma mina de metal, cem braças de fundo, se achou parte de hũ navio muyto gastado da terra, & do tempo, com anchoras; & outros instrumentos, & os ossos de quarenta homens; & se entendeo que a tormenta do universal diluvio o deyxára alli cuberto da terra, 34 havendo já naquelle tempo navegaçaõ, como no q̃ temos escrito, se mostra que havia quasi todas as cousas que hoje vemos; mas isto naõ approvaõ alguns, porque a arca de Noè se via por novidade. E dizem que poderia aquelle navio ser levado alli por outro diluvio particular, como os de Giges, & Deucalion; ou parece mais certo que o mar o tragou, & levou alli por concavidades interiores da terra, que as mudanças dos tempos secáraõ. Cahiraõ finalmente os edificios mais fortes, porque se fundavaõ na terra. Podendo Deos alagar tudo em hũ dia, & em hum momento, so por esperar penitencia, dilatou por quarenta dias, & quarenta noytes este diluvio, que subio quinze covados sobre as serras mais altas; tudo naufragou, ficando o mundo raso, & deserto, dominado das aguas cento & cincoenta dias.

33 *Tertul. l. de pallio c. 2.*

34 *P. Mexia na Sylva de variçaõ l. 2. c. 12. com Baptist. Fulgos. l. 1. collectan.*

8 O veneno do peccado sahio do homem a inficionar toda a natureza, que culpa tiveraõ os animaes, as plantas, os elementos, a machina universal no que commettèraõ Adam, & *Eva*? & os animaes se afogaõ, as plantas perecem, os elementos se confundem, a machina do mundo parece que torna ao primeyro chaos: & a Omnipotencia que deu ser a tudo, parece que o reduz a nada. Mas assim o pede a razaõ; foy tudo creado para uso do homem, seja infeliz o que teve tal causa; como

ao contrario quando o homem eftá em graça, diffe o Apoftolo, 35 que participaõ as creaturas aquella felicidade.

35 Paul. ad Rom. 8. 21.

9 Só Noè navegava feguro em fua fé, & fracas taboas o livravaõ da ruina, de que nem muros, nem torres podiaõ defender. Foy o primeyro navegante 36 (perdoem os Argonautas) & fem léme, que depois inventou Typhis: fem mafto, nem antenas, que fez Dedalo: fem vela, que achou Icaro: fem remos, que ufáraõ os de Copa: fem anchora, invençaõ dos Tirrenos: fem aftrolabio, que moftráraõ os Portuguezes; mas com Marinheyros Anjos, & com Piloto Deos. Que faceis nos feriaõ todas as navegaçoens nefte mar de lagrimas, fe nos regeffemos por elle! Sem entrar novo ar na arca toda fechada, viviaõ os de dentro milagrofamente. 37 Affim aos juftos levantavaõ as agùas para o Ceo, quando aos impios afogavaõ no abyffo; cada hum bufcava feu centro. Mas ainda affim era tal o medo dos que fe falváraõ na arca, que atè os brutos fe achavaõ como infenfiveis; juntos lobò, & ovelha, galgo com lebre, affor com perdiz, a rapofa taõ fimplez como a pomba, o Leaõ taõ manfo como o cordeyro; todos efquecidos do natural, occupados de horror, & com tudo fe gloriáraõ depois os homens de tanta calamidade, pois com efte diluvio quizeraõ os Gregos equivocar o de Giges, que foy dalli a feifcentos annos, morto Abraham; & o de Deucalion, que fuccedeo paffados mil annos, em tempo de Moyfés; & alagando o primeyro fó a Achaya, o fegundo fó a Thefalia, os celebraõ de alagarem todo o mundo; tal he a vaidade humana, que affecta louvor das mayores miferias.

36 Morifotus, in orbe marit. l. 1. c. 1. in princip.

37 Histor. Scholaft. & Pineda fupr.

EPILOGO

defta primeyra Parte.

1 *Esta foy a cahida do mundo no peccado de Adam por* Eva: *Que miferaveis nos deyxáraõ aquelles primeyros Pays! de femelhantes a Deos,* 1 *nos deyxáraõ femelhantes aos brutos* 2 *nos males corporaes, em que eftes eftaõ ainda de melhor condiçaõ, porque tem menos fentimento; em corpo recto nos deyxáraõ a alma encurvada, diz Saõ Bernardo:* 3 *ficámos por beneficio de Deos com o rofto para o Ceo,* 4 *& pela má inclinaçaõ, com o coraçaõ na terra; nelles peccamos;* 5 *Deos poz o bem, & o mal na noffa eleyçaõ;* 6 *com a innocencia confervariamos todas as felicidades:* 7 *com o crime chamamos todos os infortunios;* 8 *fe temos o que efcolhemos, de quem nos queyxamos? A mifericordia de Deos nos conciliou utilidades com os caftigos devidos à juftiça;* 9 *& fua providencia nos inculcou commodidades que convertemos contra nòs mefmos.* 10 *Tudo o que nos pudera fazer felices pervertemos*

1 Sup. c. 2. n. 4.
2 Sup. c. 6. n. 2.
3 D. Bernard. ferm. de primord. med. & noviff. in princ. Quod peius eft, in recto corpore curva eft anima.
4 Supra c. 2. n. 6.
5 Sup. c. 6. n. 4.
6 Vide c. 4. n. 5.
7 Vide c. 2. n. 9. 10. & 11.
8 Sup. c. 6.
9 Sup. c. 8. 9. & 10.
10 Sup. c. 13. & 18. cum fequentib. ufq. ad 31.

temos em noſſo dano, 11 *atè de juizo ficamos faltos.* 12 *Calumniamos a natureza de madraſta, ſendo Māy amoroſa; quizera ella ſer-nos muyto ſuave, mas nòs a forçamos a ſer ſevera, ſolicitando quanto nos prejudica; cada dia ajuntamos demeritos ſobre a primeyra culpa; já fazemos neceſſarios os males, pois nos impedem ſermos pejores; que naõ commetteriamos de inſultos ſe viveramos em proſperidades? A ſaude nos liberta: por iſſo o glorioſo Padre Saõ Bernardo deſejava os ſeus Religioſos hum pouco enfermos, & fundava ſeus Conventos em ſitios pouco ſádios:* 13 *o deſcanço nos faz vicioſos: as dignidades nos liſongeaõ: as riquezas nos enſoberbecem; naõ obramos bem ſenaõ apertados; deſejamos continua bonança, & ſó na tempeſtade nos chegamos a Deos. Deſtruira-nos a natureza, ſe nos tratàra como amante. O Profeta Eliſeo* 14 *pedio a Elias eſpirito dobrado, porque Elias vivera perſeguido; & elle viviria no proſpero eſtado, em que ſe neceſſita de mayor virtude.* 15

2 *Na familia de Noe ſe conſervou o genero humanó para multiplicar de novo; mas que beneficio foy eſte, ſendo com a meſma ſugeyçaõ ao primeyro peccado? mayor he a inundaçaõ de ſeus males, que a das aguas: melhor fora ao homem, como dizia Job,* 16 *ſer de tódo conſumido ſem apparecer mais. Porèm a Divina piedade à cuſta do meſmo Deos o quiz remediar.* Conhece ò homem (*exclama Saõ Bernardo* 17) quaõ graves ſaõ as feridas, pelas quaes he neceſſario que ſeja ferido Chriſto Senhor noſſo; ſe naõ foraõ de morte, & morte eterna, naõ morrèra por ſeu remedio o Filho de Deos. *A ſegunda Parte moſtrará iſto no* AVE, *em que* MARIA Triunfante *mudou o nome de* Eva.

11 *Sup.c.32.cum ſequentib. uſq. ad* 44.

12 *Sup.d.c.32.& c* 45.

13 *Villegas no Flos Sanct. p.* 1. *na vida de Saõ Bernardo, poſt med.*

14 4.*Reg*.2.

15 *D.Aug de mirabil.Scriptur. l.*2.*c.*25.

16 *Job* 10 18.

17 *D.Bernard.ſerm.*3.*in Nativ. Domin. ante fin.* Agn ſce, homo, quàm gravia ſint vulnera, pro quibus neceſſe eſt Dominum Chriſtũ vulnerari: ſi non eſſent hæc ad mortem ſempiternam, nunquam prò eorum remedio Dei Filius moreretur.

18 Sumens illud *Ave.* Mutans *Evæ* nomen.

Fim da primeyra Parte.

EVA, E AVE,
OU
MARIA TRIUNFANTE.
THEATRO DA ERUDIÇAM, E FILOSOFIA CHRISTÃ,
Em que se representaõ os dous estados do Mundo:

CAHIDO EM EVA, E LEVANTADO EM AVE.

NO PATROCINIO DA MAGESTADE AUGUSTISSIMA DA

RAINHA DOS CEOS.

PARTE SEGUNDA.

AVE, O MUNDO LEVANTADO.

ESCREVIA
ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO.

LISBOA,
NA OFFICINA DE ANTONIO PEDROZO GALRAM.

Com todas as licenças necessarias. Anno M.DCC.XIX

EVA, E AVE,

OU

MARIA TRIUNFANTE

Theatro da Erudiçaõ, & da Filosofia Christãa.

PARTE SEGUNDA.

AVE,

O Mundo levantado.

CAPITULO I.

Para levantar o mundo, conservou Deos o genero humano em Noè, & seus filhos.

1 DEPOIS das trevas chega a luz: à tempestade succede a bonança; mas nem o dia entra sem crepusculo: nem de repente se aquietaõ os mares. Foy muyto grave a nossa doença; o remedio pede larga preparaçaõ, 1 em quanto naõ alcançamos saude, contentemonos com hir vendo os finaes.

2 Estando o mundo alagado com aguas, & muyto antes cahido no peccado, quiz vir o Medico do Ceo para o levantar; naõ o chamáraõ nossos merecimentos, mas nossas culpas: 2 oh feliz culpa, que mereceo tal, & taõ grande Redemptor! 3

3 Para delle nascer o remillo, quiz Deos restaurar o genero humano; 4 tinha derribado as flores, mas guardoulhes a raiz

1 *Ita Horat. Scoglius Catacens. in hist. à primord. Eccles. p. 1 l. 1. v. dum in sanu.*

2 *D. Aug. sup. Joan. & in glos. 1. ad Timoth. c. 1.* Tolle morbos, tolle vulnera, & nulla causa est medicinæ. Venit ergo de Cælo magnus Medicus, quia per totum ubique jacebat ægrotus. Genus ergo humanum totum perierat, ex quo peccavit unus, in quo totum erat. Non enim eum de Cælo merita nostra, sed peccata traxerunt.

3 *Ita Ecclesia in offic. Paschali.*

4 *Similiter Isai. l. 9.*

raiz 5 em *Noè*; que se interpreta *reposo*, ou *quietação*; 6 porque nelle parece que pararão os mayores effeytos do peccado, & teve principio a consolação, como seu pay Lamech profetizou. 7

4 Depois de quarenta dias de diluvio se fecharão as fontes dos abyssos, & cessarão as chuvas do Ceo. Passados mais cento & cincoenta, começarão a diminuirse as aguas sobre a terra, recolhendo-se a seu lugar. Aos vinte & sete dias do mez septimo (que era Setembro, conforme ao q̃ fica dito na primeyra parte 8) repousou a arca de Noè nos montes de Armenia, 9 chamados antigamente Gordicos, ou Baris, ou Ocyla, ou Ararath, & hoje he o monte Tauro, que alguns chamão o monte Negro. 10 Josefo diz, que em seu tempo (que foy pouco depois da Payxaõ de *Christo* Senhor nosso) havia fama q̃ ainda se conservavaõ pedaços della, que se mostravaõ a quem os queria ver; 11 & Niceforo Calixto conta; 12 que o Emperador Constantino Magno levantou em Constantinopla hũa notavel columna, debayxo da qual com outras reliquias, poz o machado, ou enxò com q̃ Noè ajudou a obralla; & que no tempo em que elle escrevia, se conservava aquelle thesouro. Ao primeyro dia do mez decimo (que he Dezembro) appareceo o mais alto dos montes. 13 Por mezes decrescia o que por dias crescèra; entra o mal com pressa, & sahe com vagar.

5 Quando já naõ havia perigo, permittio Deos a Noè abrir a arca que lhe fechára; 14 mas elle se naõ fiou da primeyra bonança. Deyxou passar mais quarenta dias; & por hum postigo lançou para explorador hum corvo, que naõ tornou; quem tinha má presença, naõ podia servir bem. Lançou huma pomba, que por naõ achar onde repousar, se tornou a pòr sobre a arca: & elle, pagando-lhe a noticia, a recolheo dentro. Esperando mais sete dias, a lançou outra vez; & ella sobre a tarde trouxe no bico hũ raminho de oliveyra com folhas verdes, mostrando que já as aguas começavaõ a descobrir. Comtudo o prudente Noè esperou outros sete dias, & terceyra vez a lançou, & ella naõ tornou, 15 porque achou ja aonde viver livre, & naõ ha simplez para o que lhe convem.

6 Noè, finalmente, aos seiscentos & hum annos de sua idade, no dia primeyro do primeyro mez (que foy Março, abrindo o tecto da arca, vio a superficie da terra desalagada. E aos vinte & sete do mez segundo (que foy Abril) em hum Domingo, conforme a Cedreno, 16 a vio seca; havendo hum anno lunar, & dez dias: & cumprindo-se justamente hum anno solar, que o diluvio começára. Mas esperou que Deos o mandasse sahir, como o mandára entrar, 17 pará proceder com acerto.

5 *D. Ambros. de Noe c. 5* Florem deducit, radicem servat.
6 *Noe, quies, seu requies.* *D. Chrysost. hom. 11 in Gen.* *Benedict. Perer in Gen. l. 9. an. 5.*
7 *Genes. 5. 29.*
8 *P. 1. c. 2. n. 2.*
9 *Gen. 8. 4.*
10 *Pineda na Monarch. Eccles. p. 1. l. 1 c. 16 § 4.* *In idem est Joan. Michael. in Syntagm. hist. l. 1 sect. 2 n. 1.* *Britto, Monarch. Lusit. l. 1. c. 2. post med.*
11 *Joseph de antiq. l. 20 c. 2. paulo post princip.*
12 *Nicephor. Callixt. hist. Eccl. l. 7. c. 49.*
13 *Gen. d. c. 8. 5.*
14 *Dissemos na 1. p. c. ult. n 6.*
15 *Genes. d. c. 8.*
16 *Cedren. in compend. hist.*
17 *Genes. 7. 1.*

CAP.

CAPITULO II.

Como Noè, & os que com elle eſtavaõ, ſahiraõ da arca. Como offereceo holocauſto a Deos: o Senhor *lhe prometteo naõ alagar mais o mundo, do que lhe deo penhor no arco celeſte. Como o abençoou. Elle aperfeyçoou a lavoura do paõ, & inventou o vinho; & ſe entende que lhe revelou o Redemptor naſcido de* Virgem: *trata-ſe das Veſtaes.*

1 FAllou Deos a Noè,1 dizendo-lhe,que ſahiſſe da arca, & com elle ſua mulher, filhos, & notas, & os animaes que tinha recolhido, & que multiplicaſſem.

2 Sahio, & fazendo hum altar, offereceo holocauſto de gado, & aves; & ſendo divida por graças da mercè que recebèra, o *Senhor* o aceytou por ſerviço, & lhe foy ſuaviſſimo pela devoçaõ, & por ſer figura do ſacrificio em que o Redemptor ſe offereceria, livrando o mundo do diluvio de culpas; 2 & aſſim o remunerou logo com novos beneficios.

3 Prometteo-lhe que nunca mais amaldiçoaria a terra, (como a amaldiçoára quando Adam peccou, 3) & na razaõ que deo para eſta promeſſa moſtrou mais ſua miſericordia: *Porque o homem* (diſſe) *eſtá propenſo ao mal, naõ hey de caſtigar mais a terra*; 4 ſendo iſto antes razaõ para caſtigo. Oxalá nos ſegurára das culpas, como nos ſegurou da pena; mas determinava inundallas com ſeu ſangue, & perdoára menos, ſe menos ſe delinquira. Abençoou a Noè, & a ſua geraçaõ de que naſceria o *Redemptor*: mandou-lhe que multiplicaſſe, & encheſſe a terra: deo-lhe dominio ſobre todos os animaes;& acodindo á fraqueza em que ſe hia pondo, ou a natureza humana, ou a ſubſtancia dos mantimentos, 5 diſſe-lhe que comeſſe carne, & peyxe; ou porque atè entaõ ſó podiaõ comer os frutos do campo: ou porque os virtuoſos deſcendentes de Seth, por mayor temperança naõ uſavaõ de outro alimento, niſto ha opinioens. 6

4 Conhecendo que os homens ſe naõ fiaõ da palavra Divina ſem penhor, fiando-ſe de todas as creaturas ſem elle; empenhou o arco celeſte, que chamamos *Iris*, por ſinal de que naõ alagaria o mundo com aguas. 7 Jà de antes o havia, ſem embarço do que alguns cuydáraõ, porq̃ ſempre foy ſinal natural de chuva, como de entaõ o ficou tambem ſendo moral da paz promettida; 8 & daqui veyo coſtumarem os Hebreos pedir ſinal

1 *Gen. 8. ex n. 15.*

2 *Pineda na Monarch. Eccl. p. 1 l. 1. c. 17. §. 3.*

3 *Gen. 3. 17.*

4 *Gen. 8. 21.*

5 *De quo vide ſup. p. 1. c. 49. n. 7.*

6 *Apud Benedict. Perer. in Gen. l. 14. n. 12. in 2. tom.*

7 *Geneſ. c. 9 à princ.*

8 *Pineda d. l. 1. n. 18. §. 3.*

final a Deos em cousas importantes. 9 Aquelle arco tem os Doutores 10 por hyeroglifico de Filho de Deos, arqueado seus braços na Cruz; tem as pontas para a terra; & encurvado para o Ceo, porq̃ da terra atira as frechas para o peyto Divino, & do Ceo para a terra está arco de paz. Por isso refere o Author da Historia Escolastica algũs Santos que disseraõ, que quarenta annos antes do dia do Juizo naõ ha de apparecer. 11 Delle se introduziraõ os triunfaes; 12 com razaõ pois nelle triunfamos dos castigos.

5 Prosegue logo o Texto Santo, 13 que começou Noè lavrador a cultivar a terra. Já tinha dito, que fora Caim lavrador: 14 & o primeyro foy Adam; 15 & muytos os seguiraõ fazendo sementeyra de trigo, mas só com enxadas. Noè inventou o arado, aperfeyçoou a lavoura, & a colheyta do paõ, & mais frutos. 16 Prosegue juntamente o Texto, que plantou vinha; vides havia antes do diluvio, de q̃ só se usava para uvas: depois delle repullularaõ as raizes. 17 Plantou a vinha (diz Cedreno) em hum monte de Armenia chamado *Lubano*; outros dizem, que em hum valle, que chamou *Myre Adam*, que significa corpo despedaçado, pelos muytos mortos q̃ alli achou: & que nelle fundou a primeyra Cidade depois do diluvio, chamada Saga Albina, tomando o nome de seu fundador, a que chamavaõ Ogisaõ Sagaõ; que significava, Sacerdote santo. 18 Foy o primeyro que offereceo vinho em sacrificio. 19 Por inventor do vinho, que em Hebreo se chamava *Jain*, foy dos antigos chamado *Janó*, por corrupçaõ do nome: outros o nomearaõ Baccho, Deos daquelle licor; 20 & assim se lhe deveo o paõ, & o vinho, em cujas especies o *Redemptor* do mundo se havia de sacramentar.

6 Disto, & do que fica dito do arco, da bençaõ, & de outros sinaes, conjecturaõ graves Authores, 21 que revelou Deos a Noè o mysterio altissimo da Encarnaçaõ do *Verbo Divino* para redempçaõ do peccado. O douto Matute 22 pondera mandarlhe o *Senhor* q̃ multiplicasse, para nascer o Messias, & permittir que seu filho Chám o fizesse inutil para gerar, como diremos abayxo; 23 & diz que foy mostrar, que de sua geraçaõ nasceria o Messias homem; mas de Virgem, sem obra de Varaõ.

7 Eu considero mais, que ouvindo sua mulher Titea 24 aquelle preceyto de multiplicar, q̃ Deos punha a seus descendentes, & naõ devendo ter tençaõ de o encontrar, nem o santo Noè lho consentiria; comtudo em Italia (aonde veyo com seu marido, & foy chamada Vesta mãy dos Deoses) instituhio a Religiaõ das Virgens Vestaes, 25 que se elegiaõ entre o sexto, & decimo anno de idade, & se obrigavaõ a guardar virgindade trinta annos; sob pena de serem enterradas vivas, & depois delles se poderiaõ casar; 26 mostrava Titea, que haveria virgindade fecunda de mais abalizado fruto. No que tambem he notavel, que sendo reprovado entre os Romanos o voto de castida-

de

9 *Hist. Scholast. c.21.*
10 *Reyes e Diogo Matute de Peñafiel Cathedratico de Theolog. na Universidade de Granada, na prosapia de Christo, idade 2.c.1.§.5.*
11 *Apud Matute supra.*
12 *Cum Sueton. in Domitian. Matute d.cap §.1.*
13 *Genes. eodem c.9.v.20.*
14 *Gen.4.2.*
15 *Gen.2.15.*
16 *Benedict. Fernand. in 5.Gen. sect.3.n.5.& in cap.9 sect.5.n.1. Perer. supra l.9.n.8.*
17 *Fernand. d. sect.5.n.2.*
18 *Cedren. in compend. hist. Britto, Monarch. Lusit. l.1.c.2. post med.*
19 *Beuter. in annot. ad Sacr. Scriptur. l. de Clavib. Scriptur. reg. 3. de spir. & lit. Matute d c.1.§ 2.*
20 *Joan. Micbral. in syntagm. hist. l.1. sect.1.n.17. Et circa nomen Jani, vide quæ diximus in 1.p.c.28.n.5.*
21 *Beuter. & Matute supra.*
22 *Matute d.c.1.§.4.*
23 *Supra c.6 n.2.*
24 *Do nome da mulher de Noè, vide infra c.3.n.1.*
25 *Beros. de florat. Chaldaic. l.13. Pineda d.l.1 c.19.§.3. Matute supra §.3.*
26 *Pedro Sanches de Viana no Comment. a Ovid. Metam. 13.n 44.*

de, por impeditivo da propagação; (que por isso Cornelio Tacito impiamente ignorante chamou aos Christãos *convictos de terem odio ao genero humano*, 27) & tendo contra si as leys que depois revogou santamente Constantino Magno; 28 toda via aquellas Virgens se sustentavaõ com rendas publicas, que lhes constituira Numa Pompilio, segundo Rey de Roma; & era favorecido aquelle voto como cousa de segredo mais alto. Tanto cuydado punhaõ os Magistrados na sua observancia, q por ser costume ajuntarse o Senado nos templos, quando causa urgente o tirava da sua casa propria, 29 naõ consagravaõ a casa das Virgens Vestaes como templo, só porque o Senado se naõ ajuntasse nella em alguma occasiaõ; 30 o que em algum modo poderia offender o recolhimento das virgens. O mesmo Deos fomentava aquella observancia; pois sendo Tucia virgem Vestal accusada de pouco honesta, provou sua innocencia com levar diante de todos hum crivo cheyo de agua do rio Tibre atè o templo: 31 & diz o Doutor Angelico, 32 que se pòde attribuir a milagre, com que Deos quiz assistir à virtude; assistencia bem devida, se Titea na instituiçaõ daquellas virgens teve algum respeyto à fecundidade da *Virgem Māy*, como consideramos.

27 *Tacit. annal. 15 post med.* Odio humani generis cōvicti sunt.
28 *Euseb. in vit. Constantin. l. 4. cap 24.*
29 *Varro l. 4 de ling. Latin. Gel noct. Attic. l. 14. c 7. Petr. Greg. Syntagm. l. 47 cap 25 n. 16.*
30 *Servius in l. 8. Æneid. Virg. ad illud:* Est ingens gelidum lucus, &c.
31 *Valer. Maxim l. 8. c. 1. n. 4. Plin. l. 28. c 2.*
32 *D Thom. in quest disputat. q. 6 art. 5. ad 5.*

CAPITULO III.

Dos nomes da mulher, filhos, & noras de Noè: quanto em breve tempo multiplicàraõ. Como se dividiraõ a povoar o Mundo. Como passàraõ os animaes à varias partes. Fabrica da torre de Babel. Refere-se a fabula da batalha dos Gigantes com os Deoses, para exemplo da misericordia de Deos com o genero humano.

1 COm Noè sahiraõ da arca sua mulher *Titea*, 1 a què outros 2 chamàraõ *Phesarphara*; & sós tres filhos *Sem*, *Cham*, *Japhet* 3 com suas tres mulheres; em cujos nomes os Escritores variaõ, 4 chamandolhes, ou *Parsia*, *Catastua*, & *Fliva*; ou *Pandora*, *Noela*; & *Noegla*; o mais certo he, que a mulher de *Japhet* se chamou *Sambetha*, 5 & a de *Cham* foy *Noegla*. 6 E posto que alguns dizem, que depois do diluvio gerou Noè outros filhos; 7 o sagrado Texto 8 só diz que dos tres procedeo todo o genero humano sobre toda a terra.

2 Tanto multiplicàraõ, que sendo passados menos de quatrocentos annos, Nino Rey de Babylonia 9 ajuntou em hum exercito hum milhaõ & setecentos mil homens de pè; & (segundo alguns Authores) duzentos mil de Cavallo, alèm dos que

1 *Beros. de florat Chaldaic. l. 1, Matute na prosap. de Christ. idade 2 c. 1. §. 31*
2 *Comestor in geanol c. 33.*
3 *Genes 9 18.*
4 *Apud Pineda Monarch. Eccl. p 1. l. 1. c. 16 §. 2 in princ. Britto, Monarch Lusit p. 1 c 2. ante med.*
5 *Dissemos na 1. p. c. 25. n 6 §. 1.*
6 *Cum Beroso, Matute d c. 1.*
7 *Referunt Pineda d. l. 1. c. 18. §. 4. Matute d §. 3.*
8 *Gen. d c. 9 19.*
9 *Gen. 10.*

que hiaõ em dez mil & feifcentos carros de guerra, contra Zoroaftes Rey dos Bactrianos, q̃ tinha quatrocentos mil homens. 10 Quantos mais haveria em todas as partes do mundo? Só Tubal, que veyo povoar Hefpanha, filho de Japhet, & neto do mefmo Noè, quando morreo, deyxou cento feffenta & cinco mil netos, & bifnetos. 11 Efta multiplicaçaõ em tẽpo taõ breve occafionou aos Poetas 12 fabularem, que Deucalion, & fua mulher Pyrrha, depois do Diluvio, que equivocáraõ com efte, 13 reparáraõ o genero humano fó com lançarem pedras, que fe convertiaõ em homens, & mulheres.

3 Havendo paffado cem annos, 14 ou cento & trinta 15 depois do Diluvio, eftavaõ já taõ multiplicadas as familias dos tres filhos de Noè, q̃ elle as dividio pelo mundo, finalando a cada huma as partes que havia de povoar. 16 Paffáraõ tambem a Ilhas em embarcaçoens, 17 & levàraõ os animaes domefticos, & póde fer que alguns bravos, ou eftes foraõ levados por Anjos, como parece a Santo Agoftinho, 18 às remotas a que naõ podiaõ nadar.

4 Mas antes que as gentes fe acabaffem de feparar, efquecidas já do caftigo paffado, & foberbas na abundancia prefente, Nemrod, filho de Chus, & neto de Cham, com muytos fequazes, aos duzentos annos, pouco mais, ou menos, depois do Diluvio, 19 quizèraõ edificar nas ribeyras do Eufrates, com ladrilho, & betume por cal, huma Cidade, & torre taõ alta, que chegaffe ao Ceo; (que ignorancia outras faõ as efcadas porque lá fe fóbe) para nella deyxarem celebre feu nome, como refere a Efcritura fanta; 20 & accrefcentaõ Efcritores, 21 que tambem para alli refiftirem, & efcapàrẽ a outro Diluvio fe fuccedeffe; & dizia Nembrod, que para efcalar o Ceo, & combater com Deos em vingança do Diluvio paffado, aquella ambiçaõ de fama poderofa para tirar o juizo, 22 lhe dictava multiplicados defatinos. Ha quem diz, que chegou a fabrica a altura de cinco mil cento fetenta & quatro paffos. 23 S. Jeronymo efcreve, 24 que ainda em feu tempo (fegundo fe referia) tinha quatro mil paffos de alto; fe bem ao Santo parece incrivel. Sem duvida era grande o edificio, em que trabalhou tanta gente vinte & dous annos: 25 & fó principiado foy affento da Monarchia de Babylonia, & de cujos fundamentos fe levantou o primeyro milagre do mundo.

5 Daqui fingiraõ os Poetas a batalha dos Gigantes contra os Deofes. Fabuláraõ, que os Gigantes eraõ taõ corpulentos, como fica dito na primeyra Parte defta Obra. 26 Huns differaõ, que elles haviaõ fido filhos da terra: outros, que de Neptuno, & Iphimidea: & alguns parece q̃ os faziaõ filhos de Noè, entẽdido debayxo de outro nome, & de fua mulher *Titea* & que della os chamavaõ *Titanes*; & a eftes ajudou a opiniaõ de alguns Hiftoriadores, 27 que efcrevèraõ, que depois do Diluvio houve Noè da dita fua mulher filhos Gigãtes; & a Nembrod

10 *Diodor. l. 3 de Chr.*

11 *Fr. Hieronymo de Caftro nas addiç. a Jul. de Caftiloo na hift. dos Reys Godos l. 1. difcurf. 2.*

12 *Ovid. Metamorph. l. 1. fab. 7.*

13 *Na 1. p. c. ult. no fim.*

14 *Bento Perer. in Genef. l. 16. n. 9 tom. 2. Ben. Fernand. in 1. Gen. fect. 1.*

15 *Flofc. hift. l. 1. c. 2.*

16 Genef. 10 *Latè Joan. Micbel. in fyntagm. hift. l. 1. fect. 2. ex n. 3.*

17 *Pined. d. l. 1. c. 18 §. 1.*

18 *D. Aug. de Civit. Dei l. 16. c. 7 Abulenf. in c. 7. Gen.*

19 *Flofc. hift. d. c. 2. & vid. Brit. Monarch. Luf. p. 1. c. 2. ad fin.*

20 Genef. 11. 4.

21 *Hift. Scholaft. c. 38. Joseph. de antiq. l. 1. c. 5. Pineda d. l. 1. c. 22. §. 2. Matute d. idade 2 c. 4 §. 2.*

22 *D. Bernard. ep. 126.*

23 *Matute d. §. 2.*

24 *D. Hier. 5 comment. in Ifai. in expofit. illorum verbor. c. 14. & confurgam fuper eos, &c.*

25 *Flofcul. hift. fupra.*

26 *Na 1 p. c. 24. n. 7. & feguinte.*

27 *Refere Berofo citado por Matute d. c. 1. §. 3.*

brod chamáraõ Gigante outros Escritores de historia.28 Contaõ os Poetas, que presumiraõ lançar do Ceo a Jupiter, & aos mais Deoses; & para chegarem ao Ceo, em Macedonia nos tempos de *Flegra* 29 (donde se lhes deo epitheto de *Flegreos*) puzeraõ o Ossa,& o Olympo; mõtes altissimos; sobre o Pelion. 30 Com medo destas preparaçoens fugiraõ os pobres Deoses para Egypto,& ainda lá se disfarçáraõ em figuras de varios animaes. Jupiter se transformou em carneyro, Apollo em corvo; Baccho em cabraõ, Mercurio em cegonha, Juno em vaca, Diana em gato, Venus em peyxe; & assim os mais em outras savandijas. 31 Aconselhado Jupiter da sabia Pallas, chamou em seu favor a Hercules,& confiados neste soccorro tornáraõ os Deoses para o Ceo. Rompeo-se a batalha, na qual os Gigantes, em vez de pedradas, ou pélas de chumbo, atiravaõ com os montes mayores do mundo, que voavaõ por esses ares como huns passaros. Encelado atirou com o Pindo de Thesalia; Porphyrion com o Pangéa de Tracia, Adamastor com o Rhodope de Macedonia, 32 & assim os outros com os mayores que havia; se cahiaõ na terra, tornavaõ a ficar serras, & montes; posto que em outra parte; se no mar, ficavaõ Ilhas; havia Gigante como Egeo, ou Briareo, que atirava juntas cento destas pedradas, porque tinha cem braços, & mãos, 33 despedindo hum bando de montes, como de estorninhos.

28 *Flosc.hist. d. c.8.*

29 *Senet.trag.in Thyestem.*

30 *Virg.Georg.l.1. Ovid.Metamorph.l.1.fap.5.*

31 *Ovid.Metam.l.5.fab.5.*

32 *Sydonius.* Hoc rotat excussum vibrans in sydera Pindum Enceladus, &c.

33 *Vide in 2.p.c.48.n.7.*

6 Chegaraõ muytos a entrar no Ceo à escala vista; & esteve o successo muy duvidoso. Hercules envergonhado de q̃ prevalecessem aonde elle estava, esforçou huma setta, com que matou a Alcioneo, que entrára dos mais bravos; mas o gigantasso tinha tal habilidade, que resuscitava quando queria, & cõ mayores forças; atè que Minerva, que pelejava como hũa Amazona, o investio com tal impeto, que o lançou do Ceo da Lua abayxo, & como cahio de taõ alto, era força, que se fizesse pedaços sem remedio. Porphyrion, que entrára junto delle, se dava já por taõ senhor do campo, que sem esperar mais, quiz logo publicamente sem pejo forçar a Juno á vista, & barbas de seu marido Jupiter; mas este acodio acompanhado de Hercules, sem cuja companhia se naõ atreveria, por mais que a honra o picasse, & castigáraõ com morte taõ grande atrevimento. Ephialtes, que tambem subira, era taõ esforçado, que brigou só com Apollo, & com Hercules; Apollo lhe tirou o olho esquerdo, & Hercules o direyto, & assim o matáraõ, que fora impossivel, se naõ estivera cego. Os mais Deoses, & Deosas, pelejavaõ, como para si, & se houveraõ de modo, que matando muytos Gigantes, puzeraõ os mais em retirada, mas devendo-se a mayor gloria a Hercules.

7 Jupiter entaõ cobrou mais animo, & jugando á artilharia de rayos, derribou tres vezes aquelles montes, porque os inimigos naõ tivessem escada para tornar a subir: & elles outras tantas vezes os puzeraõ huns sobre outros; 34 taõ

34 *Virg.1.Georg.* Ter sunt conati imponere Pelion Ossam, Ter Pater extructos dejecit fulmine montes.

porfiados estavaõ. Finalmente foraõ os Gigantes vencidos abrazados, mortos, & metidos seus corpos, ossadas, & cinzas debayxo de Ilhas, & de grandes montes; porque lhes naõ fosse a terra leve, (como os antigos punhaõ nas sepulturas 35) & se naõ tornassem a levantar. Japeta ficou debayxo da Ilha *Inatima* no mar Tusco: 36 Numas debayxo da Ilha *Prochyta*, ou *Procida*: 37 Encelado debayxo do monte *Ethna* de Sicilia ficou meyo queymado; & quando se move cançado de estar de hum lado, faz tremer a Ilha toda, & escurece o Ceo com o fumo que respira. 38 Typheo jaz na mesma Ilha; & seu grande corpo occupa todos os tres promontorios que a formaõ, & lhe daõ nome de *Trinacria*; porque Peloro fronteyro de Italia lhe opprime a maõ direyta; Pachino a esquerda; sobre as pernas tem o Lylibeo; & sobre a cabeça o monte Ethna. 39 Neptuno, porque tambem o quizeraõ lançar do senhorio do mar, atou Egeon a huns rochedos do mar Egeo: 40 & Adamastor, que namorado de Thetis, passou a General do mar, & a pertendia por despojo da guerra, foy convertido no grande promontorio, que chamamos de *Boa Esperança*. 41

35 Sit tibi terra levis.

36 *Silius l. 12.*
Apparet procul Inatima, quæ turbine nigro
Fumantem premit Japetum.

37 *Idem:*
Prochitæ lævum sortita Numenta.

38 *Virg. Æneid l. 2.*
Fama est Enceladi semiustum fulmine corpus
Urgeri mole hac, ingentemque insuper Ethnam
Impositam ruptis flammam expirare caminis,
Et fessum quoties motat latus, intremere omnem
Murmure Trinacriam, & Cælum subtexere fumo.

39 *Virg Æneid, l. 7.*

40 *Statii 8.*
Audierat duros laxantem Ægeona nexus.

41 *Camoens nas Lusiadas cant. 5 est 9. & seguintes.*

8 Esta, resumida dos Poetas, foy a guerra dos Gigantes, celebre com o nome de *Gigantomachia*; & posto que os Expositores das allegorias descobrem nella grande doutrina moral; 42 puderaõ os Gentios ensinalla em maneyra mais decorosa a seus Deoses; mas naõ eraõ dignos de melhor tratamento. Aos Christãos dá insigne exemplo da misericordia do verdadeyro Deos, (& por isto me pareceo referilla) pois vemos que ajuizàraõ os antigos Sabios, que mereceo menor castigo, que o de rayos, & ser cõ elles mettido debayxo de montes, quem taõ louca, ou fatuamente se quiz oppor ao Ceo; porèm nosso Deos, conservando o genero humano para o felicitar, dissimulou a justiça, & usou de expediente mais galante, que severo, como veremos no seguinte capitulo.

42 *Refere largamente Pedro Sãches de Viana no comment. a Ovid. d. l. 5. n. 9.*

CAPITULO IV.

Quam suavemente impedio Deos a fabrica da torre de Babel com a confusaõ das linguas. Como só a Hebrea ficou a mesma, & he a mais antiga, se ha lingua natural. Mudanças que houve; & algumas curiosidades na materia.

1 VInte & dous annos 1 havia Deos sofrido a continuaçaõ daquella fabrica soberba, quando forte, & suavemente a impedio. Setenta & duas familias se haviaõ derivado dos tres filhos de Noè, como se colhe do Texto sagrado; 2 & só

1 *Floscul. hist p. 1. c. 2.*

2 *Gen. c. 10.*

ſó huma,de que era cabeça *Heber*, quarto neto de Noè por ſeu filho *Sem* , não cooperou. Nas ſetenta & hũa confundio o *Senhor* a lingua , 3 que em todas era Hebrea , herdada de Adam, como diremos , fazendo-os eſquecer della: 4 & logo (ſegundo Origenes 5) os Anjos nomeados para titulares das Provincias,a que ſe havião de dividir, inventáraõ a cada huma outra particular. Com iſto diz o Texto , que ſe naõ ouviaõ , 6 porque fallando todos , ſe entendião poucos : a copia de palavras era falta dellas:ouvindo não ouvião o q̃ ſe dizia,& aſſim foraõ forçados a deſiſtir da obra,a q̃ ficou nome de *Babel*, que ſignifica *miſtura* , ou *confuſaõ* ; & ſe apartáraõ para as terras differentes,que Noè lhes ſinalára. Joſefo refere 7 haver dito huma Sibylla , que com grandes ventos derribou Deos o que eſtava fabricado ; o que ſe implica com o que no capitulo precedente 8 diſſemos,que ſe conſervava no tempo de S. Jeronymo;ou o que ſe conſervava , ſeria alguma parte pequena.

2 Só na familia de *Heber* , porque naõ interveyo na obra, ficou a lingua herdada de Adam, com o nome de *Hebrea*,tomado de *Heber*,como tambem ſe chamáraõ os *Hebreos*,em que ſua deſcendencia continuou , 9 & aſſim he a lingua mais antiga, poſto q̃ lhe diſputáraõ a Chaldaica,Syriaca,Egypciaca,&Phrygia.Moſtra-ſe da ſignificaçaõ dos nomes, *Eva* , que he *mãy dos viventes* ; 10 *Caim* , que he *poſſui homem por Deos* , 11 & *Seth*, *ſubſtituido por Abel* ; 12 interpretaçoens que aponta o Texto ſanto , & ſó ſe verificaõ na raiz Hebrea.

3 De naſcer eſta lingua com os primeyros pays , diſſeraõ Authores, 13 que era natural , & a fallariaõ os homens ſem a aprenderem, ſe não conheceſſem outra. Se havia lingua natural,quiz experimentar Pſammeticho Rey de Egypto,entregãdo dous meninos de poucos mezes a hum paſtor , para os criar aonde não ouviſſem lingua alguma, & ſe ver depois qual fallavaõ.Paſſados dous , ou tres annos diſſeraõ *Bec* , que ſe cuydou ſer palavra Frigia , que ſignificava paõ , 14 ſendo voz que tinhaõ ouvido a ovelhas , ou vacas naquelle deſerto. 15 A meſma experiencia fez não ha muytos annos o Graõ Mogor em 30 meninos,& nada falláraõ ; 16 como tambem não fallava hum moço , q̃ em Hybernia neſte noſſo ſeculo foy achado em huns montes,aonde,não ſe ſabe porque caſo ſe creára. 17 O certo he,q̃ ainda que o fallar ſeja natural ao homem,ha de ſer aprendendo o que ha de articular; 18 he-lhe natural no univerſal de pronunciar palavras; mas quaes hajaõ de ſer, & como ſe devaõ pronunciar,he *ad placitum* , o que introduzio o coſtume : 19 lançar voz articulada, he da natureza;mas deſte , ou daquelle modo , he introducçaõ , como a materia natural de qualquer couſa he differente da fórma que ſe lhe deu. Hum homem que naſceo ſurdo,diz Ariſtoteles,20 neceſſariamente ha de ſer mudo, porque naõ póde aprender. Em Madrid vi o irmão do Condeſtavel deCaſtella ſurdo,& mudo fallar algũas palavras,prin-

3 *Gen. ſup n 7.*

4 *Benedict. Perer. in Geneſ l 16. n. 135 in 2 tom.*

5 *Origen. homil 31. in Numer.*

6 *Gen. d. c 10. 7.* Ut non audiat unuſquiſque vocem proximi ſui.

7 *Joſeph de antiq l. 1. c. 5.*

8 *No c precedente n. 4.*

9 *D. Chryſoſt. hom. 30. in Gen. D. Aug de Civit. Dei, l. 16 c. 11. & l. 18 c 39. Pedro Mexia na Sylva de var. liçaõ l. 4 c. 7. ad med. Diogo Mutut. na p eſop. de Chriſtidade 2. c. 4 & 5. Pineda na Monarch. Eccl. l. 1. cap. 22. § 3. & 4. Perer. in Geneſ. l. 5 à n. 14. & l 7 n. 7. in 1. tom. & l. 16. ex n 112 in 2. tom. Benedict. Fernand. in Gen 2. ſect. 10 n. 2. & ſect 15. n. 1. Galarza inſt Euang l. 1 c 9.*

10 *Gen. 3. 20.*

11 *Gen 4 1.*

12 *Gen. d. c. 4 25.*

13 *Apponenſis, & alij quos refert Gaſpar deReys Frãco in camp. Elyſ. jucundar. quaeſt. c. 55 n. 14 & 15.*

14 *Herodot. l. 2. Polydor. Virg. de rer. inventar. c. 3.*

15 *D. Aug. de quant. anim. c. 11. in 1. tom.*

16 *Franco ſup. n. 14. ex Sennerto, & Drexelio.*

17 *Nicol Tulius l. 4 obſerv. c. 9.*

18 *Latè Fontacka, Luminari 2. c. de aurib. Valeſ de Taranto, l. 2. c de ſurdit*

19 *Ægydius apud Rhodigin. l. 25. cap. 14.*

20 *Ariſt. hiſt. anim. l. 4. c. 9.*

cipalmente das ordinarias de cumprimento, que lhe ensinou com rara industria hum engenhoso Mestre, que imprimio hum livro intitulado, *Arte de enseñar a hablar mudos*; mas pronunciava com algum defeyto, & muyto desentoado, porque a arte naõ chegou a mostrarlhe o som.

4 Para aprender a fallar constituhio a natureza o tempo de hum anno por diante, em que começa a attençaõ do animo, & recepçaõ das especies pelos orgãos dos ouvidos, 21 que atè alli não estavão dispostos para ouvir distintamente. 22 He verdade, que muytos meninos fallárão de poucos mezes, & de poucos dias; 23 mas entre os Christãos forão milagres: entre os Gentios portentos; 24 como outros que falláraõ nos ventres das mãys, 25 (posto que o dar alli vozes possa ser natural. 26) O grande Patriarcha S. Bento antes de nascer foy ouvido cantar, 27 por soberano mysterio. Chamaõ-se os idiomas *maternos*, & naõ *paternos*; porque ordinariamente as mãys os ensinão na creação: hum estrangeyro, que em idade varonil vay á patria alheya, nunca pronuncia perfeytamente, ainda que acerte as palavras.

5 Plinio diz, 28 que os mininos que fallaõ cedo, andão tarde: & Aristoteles, que o q̃ fallar demasiadamẽte cedo, tornará a perder a falla atè o tempo em que devèra fallar naturalmente, como aconteceo ao filho de Cresso Rey de Lydia, que de cinco mezes fallou algumas palavras, & depois naõ fallou (posto que se entendia que ouvia) atè ser já de annos; em que vendo que hum Soldado do inimigo victorioso queria matar a seu pay sem o conhecer, com alta voz disse: *Temte naõ mates a meu pay Cresso*; com que o Soldado se absteve, & se vio o dominio que o animo tem sobre o corpo, pois os orgãos corporaes obedecèrão subitamente à vehemente determinação da vontade, & se rompèrão os laços da lingua. Os Astrologos dizem, que o que tiver em seu nascimento o Planeta Mercurio em ascendente, original, & direyto, fallará muyto antes do tempo ordinario. 29

6 Pelo modo acima dito ficou o mundo com setenta & dous idiomas, ou linguas; 30 a Hebrea antiga; & as setenta & huma, que se acrescentáraõ, differentes em cada familia; & se dividiraõ todas as setenta & duas regiões. 31 Em consonancia deste numero, da orla da vestidura do Summo Sacerdote da Ley Velha, pendiaõ setenta & duas romãs, q̃ cõ a divisaõ de seus grãos, ou bagos, significavaõ aquellas regioens povoadas; & entre as romãs outras tantas campainhas, symbolo de Prégadores para aquellas gentes; os quaes escolheo *Christo* Senhor nosso setenta & dous de seus Discipulos. 32 Para a translaçaõ da Biblia enviou o Sũmo Sacerdote Eleazaro a Ptolomeo Philadelfo Rey de Egypto setenta & dous Interpretes; 33 & nota S. Jeronymo 34 que as doze legioens de Anjos de que o *Senhor* fallou quando foy prezo, 35 fazem numero de setenta & dous

21 *Franc. sup. n. 11.*
22 *Cum Arist. P. Mexia na Sylva l. 1. c. 36. ant. med.*
23 *Apud Plin. l. 11. c. 51. Herodot. l. 1. Liv. dec. 3 l. 1. ad fin. Textor in offic. in p. 2 tit. mirac. nat. Vener. in Enchirid. fol. mihi 137. Maiol. colloq 4. ad fin. Sophron in pract. spirit. Appendix Mariani Scoti à n. 1117 Camões Lusiad. cant. 4. est. 4. Latè Franco in Camp. Elys. q. 55.*
24 *D. Aug. de Civ. Dei l. 3. c. 31.*
25 *Liv dec. 3 l 4. Fr. Marcos de Lisboa na Chron. dos Frades Menor. p. 3. l. 6. c. 1. Fr. Manoel do Sepulchro na Refeyção Espiritual, p. 1. l. 5. n. 8.*
26 *Cum Andr. Libavio t. 2 singul. Del Rius disquis. Magic. l. 2. q. 16. prope fin.*
27 *Bonif. Simoneta l. 4. ep. 20. Fr Leaõ de S. Thomás na Benedict. Lusit. trat. 1. p. 1. c. 3.*
28 *Plin.* [illegible]
29 *Tudo trata Mexia na Sylv. de Var. lig. l. 1 c. 6. com Arist. Plin. & Herodoto.*
30 *Genebrard in Chronol.*
31 *Gen. d. c. 10 5. & 11. 8.*
32 *Luc. 10 1. Esta razaõ com alguns DD dá Matat sup. idade 2. c 4 § 3. E parece melhor, que a de Fr. Heytor Pinto, dial. 4 c 21. no tom 2.*
33 *Vide 1. p. c. 10. n. 7.*
34 *D. Hier. in Matth. 26.*
35 *Matth. eod. c. 26. 53.*

& dous mil Anjos, alludindo ás setenta & duas familias, & linguas do mundo, que todas, se o mesmo *Senhor* quizera, virião a defendello, & servillo.

7 Daquellas setenta & duas linguas, como de fontes, se derivárão as innumeraveis que depois succedèrão no mundo, formando-se, como novas, da corrupção, & mistura que estranhos conquistadores, & varios outros casos causavão nas Provincias. Na Ilha de Inglaterra ha quatro, ou cinco, que não se entendem humas a outras; só a Ingleza he commua aos nobres. Assim as primeyras, como as derivadas, se forão mudando com os seculos. Temos exemplo na Ingleza, em que ha quinhentos, ou seiscentos annos se escrevèrão as leys daquelle Reyno, & hoje não as entendem, senão os Letrados que as estudão. Em França tem havido a mesma mudança do tempo dos Gallois a esta parte. A Hebrea se conservou atè o cativeyro de Babylonia. Nelle a misturou o vulgo com a Caldea; só nas Biblias sagradas ficou pura. Depois escrevião os Hebreos as doutrinas, & artes em Grego, Arabigo, ou em outra lingua estranha; 36 chegárão os mais polidos a fallarem Syriaco: & dizem muytos doutos, que nesta lingua fallava *Christo* Senhor nosso; 37 & que as palavras que disse na Cruz: *Eli, Eli, lāmasabacthani*, erão Syriacas, & por isso alguns, não as entendendo, cuydárão q̃ chamava por Elias. 38 A Latina tambem nos principios de Roma teve algũa differença, como se vè nas leys *das doze taboas*. Das vulgares (por mais que Becano 39 conjecture em favor da Alemã) he a Hespanhola, que teve menor alteração de mais de mil annos atè hoje; como vemos nas leys dos Reys Godos, q̃ andão no livro intitulado, *Fuero juzgo*. Na variedade das linguas he o mais admiravel, que certa nação, perto do Cabo de Boa Esperança, sem formar palavra, falla só por estallos que dá na boca com a lingua, nos quaes parece que não ha differença. Na Casa da India de Lisboa o experimentey em dous moços q̃ já fallavão Portuguez; eu dizia a hum em segredo o que de minha parte havia de dizer ao outro pelos estallos; & este me respondia: usey toda a cautela, porque não houvesse engano; & vi ser verdade o que por vezes tinha ouvido, & não acabava de crer.

8 A bondade, & melhoria das linguas consiste na copia de palavras: na boa pronunciação: na brevidade com que se explica: na propriedade com que se escreve: & em ser apta para todos os estylos. 40 E por não haver no mundo cousa perfeyta, ou em tudo aventajada às outras, as melhores linguas que conhecemos, se em algũas qualidades excedem, são excedidas em outras: tratar esta materia nos divertiria demasiadamente de nosso assumpto. Os antigos Romanos estimavão tanto a Latina, que por mercè particular concedião aos conquistados podella fallar publicamente. 41

9 E Deos, que restaurára o genero humano para o levantar,

36 *Ben. Perez in Gen l. 5. n. 16 & l. 16. c. 8. n. 124.*

37 *Thom. Boss. de sign. Eccl. tom. 1. signo 80. c 1. vers. Quid si quis.*

38 *Matth. 27. 46. & 47.*

39 *Gorop. Becan. Herm. l. 2.*

40 *Tratou isto com excellencia Manoel Severim de Faria nos discurs pollíticos, discurs 2. Dissemos largamente nas excell. de Portug c. 22.*

41 *Alex. ab Alex. Gen. dier l 2. c. 30. ad fin.*

tar, não quiz destruir a tantos que havìaõ peccado taõ gravemente. Contentou-se de impedir aquella obra com lhes confundir a lingua. Os que naõ fallão a mesma, não podem fazer companhia. 42 Mas depois, como por restituição, induzio a misericordia do *Senhor* algũas géraes a muytas regiões. Antigamente o foy a Grega, que mereceo ser Rainha de todas, pela copia de palavras, abundancia de frases, & graça no dizer, que ingenuamente lhe confessou Quintiliano, 43 sobre a Latina, (posto que Cicero 44 não quizesse.) pela facilidade junta com magestade na pronunciação, a cujo respeyto, como diz Strabo, 45 se chamáraõ barbaras todas as outras linguas, pela brevidade com que por termos elegantes se explica tão clara, como se vè no distico referido por Macrobio 46 que não se pòde traduzir em menos de dezasete versos Latinos, pela propriedade com que se escreve, tão certa, & ajustada, que a pezar dos combates de tantos seculos, & successos, se conserva nos escritos perfeyta em deposito seguro, como Quintiliano 47 disse, & pela aptidão para todos os estylos, grave, medio, & jocoso, em prosa, & verso, como vemos nos livros Gregos, em que so a locução dá huma nova alma a qualquer materia. Depois se fez géral a lingua Latina (como hoje o he em quasi toda a Europa) por industria dos Romanos, que dominando a mayor parte do mundo então descuberto, para melhor a unirem si, o quizerão reduzir à sua lingua: 48 ordenáraõ escollas dellas em todos os lugares de seu Imperio, 49 & juntamente com o jugo (como diz Santo Agostinho 50) os obrigáraõ a tomar a lingua, que antes lhes concedião por privilegio. A excellencia della pede escritura mais larga, & pareceria suspeyta nos q̃ se prezão de Latinos; & mais nos Portuguezes, que avalião a sua por pouco differente; 51 & parece que tambem participou da Latina o fazerse géral em muytas Provincias, & Reynos de Africa, Asia, & America, aonde os Portuguezes a leváraõ. Atè as gentes barbaras da Africa, & America, tem linguas géraes entre si, que por todas aquellas partes se entendem, & dellas se servem os que vão commerciar; tal he a Providencia Divina em remediar aquella confusaõ, que o peccado mereceo.

42 *D. Chrysost. hom. 30 in Gen.* Nam quibus non est idem sermo & lingua, quomodo cohabitare possunt? *Late D. Aug. de Civ. Dei l. 19. c. 7.*

43 *Quintil. l. 12. c. 10.*

44 *Cicer. l. 1. de finib.*

45 *Strab. l. 14.*

46 *Macrob. in Saturn. l. 2. c. 2.*

47 *Quint. l. 1. c. 14* Hic est enim usus literarum, ut custodiant voces, & velut depositum reddant legentibus; itaque id exprimere debent, quod dicturi sumus.

48 *Plin. 3. c. 5. in princ.* Tot populorũ discordes, ferasque linguas sermonis commercio contraheret ad colloquium.

49 *Joaõ Huarte de S. Joaõ no exame de engen. c. 10. post princ. vers. das lenguas.*

50 *D. Aug. de Civ. Dei, d. l. 9. c. 7. ante med.*

51 *Cam. nas Lusiad. cãt. 1. est. 33.* E na lingua, na qual quãdo imagina com pouca corrupçaõ crè que he Latina. *E o mostra Man. Severim sup. d. discur. 2.*

CAP

CAPITULO V.

Primeyra Monarchia que houve no mundo, como começou por tyrannia, & bem adquirida, he conveniente, & melhor que o governo de muytas. Que cada naçaõ deve ter seu Rey particular, & natural; & qual foy o principio da idolatria, com que os homens de novo se arruinavaõ.

1 NAõ sabemos que houvesse Reys antes do Diluvio. Governou Adam cõ poder mais alto, dado immediata, & vocalmente por Deos; 1 logo as cabeças das familias pelo direyto paternal; depois os fundadores das Cidades, ou povoaçoens, como Caim; 2 ultimamente os mais poderosos, como nos Gigantes insinùa o sagrado Texto. 3

2 Passado o Diluvio, Noè governou com poder de segundo Adam, dado por Deos 4 & succedendo a divisaõ das gentes, cada cabeça das familias que o Texto nomea, regeo a sua; 5 atè que no anno 275 depois do diluvio (na opiniaõ que sigo; 6 posto que outra diga saõ cento sessenta & dous 7) Nembrod; que fora cabeça da insania de Babel, 8 se arrogou em Babylonia Monarchia, & foy a primeyra. 9

3 Foy tyranno 10 pela violencia com que se introduzio, & pelo máo fim que o moveo, só de dominar; mas á dignidade bem acquirida, & com boa tençaõ era conveniente; porque a Republica, que he corpo civil, naõ pòde estar sem cabeça; & assim a exemplo de Nembrod se seguiraõ tantos Reys em quasi todas as Provincias, que os Reynos se fizeraõ de direyto das gentes. 11 E os Israelitas mal contentes de outro governo, posto que dado por Deos, pediraõ ao Santo Profeta Samuel, que lhes désse Rey, como tinhaõ todas as naçoens. 12

4 Só os excessos de muytos Reys levantáraõ a questaõ: 13 se he melhor o governo de hum, ou o de muytos? Contra o Monarchico de hum se considera, que se os que governaõ saõ bons, melhor he haver muytos bons, que hum só bom: se saõ máos, he menor mal serem muytos, (porque nenhum obra absoluto) que ser hum só que executa independente. Se he difficultoso achar muytos bons, se he facil encontrar com hũ mào. Na bondade, ou maldade de muytos, pòde haver meyo, na de hum raramente o ha. Hum Senado se governa por muytos juizos, que naõ pòdem errar todos: o Rey governa todo o Senado, & pòde enganarse. O Senado elege-se por votos; o Rey nasce

1 Gen. 1. 26. & 28.

2 Gen. 4. 17.

3 Gen. 6. 4. isti sunt potentes.

4 Gen. 9 à princ.

5 Gen. 10.

6 Cum Flosc. hist p. 1. c. 2.

7 Joan. Michrael. in syntag. hist. 1 sect. 2 n. 13.

8 Sup. c. 3. n. 4.

9 Gen. 10 9. & 10.

10 D. Chrysost. in Gen. hom. 29. in fin.

11 Lex, Ex hoc jure; Digest. de just. & jur.

12 1. Reg. 8. 9. & Deuter. 17. 14.

13 Apud Simanc. de Rep. l 1. c 2. & 3.

2 Pineda, Monarch. Eccl. na prefaç § 2.

Fr. Serafin de Freytas de just. Imper. Lusit. c. 6.

Madera nas excel de Hesp. c. 1. §. 2.

Salazar de Mendoça, das dign. de Castell. l. 1. c. 1.

Fr. Alonso Remon, tratado do governo humano l. 1 advertenc. 3. pela 3. Estes allegaõ os antigos.

nasce por fortuna. O Senado entende, que foy creado para o povo; o Rey cuyda que o povo se creou para elle. O Rey novo querse mostrar bom; & os Senadores sempre saõ novos. O máo Rey, por duravel, desespera os subditos; dos Senadores espera-se mudança. Se nos Senadores ha discordia; peyor he naõ se discordar do mao Rey. Finalmente, de muytos Reys he raro o que governa bem hum só Reyno; & hum só Rey quer governar muytos Imperios, & para isso inquieta o mundo.

5 Com tudo o governo de muytos he artificial, o de hum he da natureza; porque o primeyro movel preside aos outros moveis: hum luminar mayor a todas as Estrellas: o homem a todas as especies de animaes: o entendimento às mais potẽcias da alma: na musica, symbolo da harmonia do mundo, todas as vozes seguem a huma só voz; atè no Ceo preside hum só Anjo a cada coro: Deos fonte de todo o bem, he hum só, & para sua Igreja escolheo governo monarchico de hũ Summo Pontifice. Atè nas Respublicas de governo de muytos costuma hum homem grande ser columna: & sua falta causar ruina; reynando por este modo a Monarchia nellas. 14

6 Mas a instituiçaõ dos Reys foy que cada naçaõ tivesse o seu particular; 15 pelo amor reciproco entre os da mesma patria, & lingua: 16 pelo mayor conhecimento dos costumes, & leys: 17 pelo brio com que huma naçaõ naõ quer sugeytarse a outra, 18 tendo-o por opprobrio; 19 & pelas mais razões, que largamente expendemos em outra Obra. 20 E assim os Parthos pediraõ a Tiberio Rey natural: 21 os Francezes, 22 os Godos de Hespanha, 23 & os Portuguezes 24 o preveniraõ em suas leys: atè os Apostolos Santos o desejavaõ: 25 Deos o ordenou, & prometteo no Reyno dos Israelitas quando seus mimosos: 26 & com o contrario os ameaçou, & castigou quando peccadores. 27 Finalmente as conveniencias se tem mostrado na experiencia dos successos, como notou hum texto Canonico. 28

7 Porèm logo naquelles principios se quebrou este instituto. Morto Nembrod (que alguns 29 querem que seja o que os Gentios chamàraõ Belo) com sessenta & quatro annos de Reyno, & trezentos de idade, succedeo Nino, (que tambem se chamou Assur) ou immediato, por ser seu filho, como escrevem huns Authores; 30 ou depois de Belo seu pay, que outros dizem foy filho de Nembrod. 31 Este Nino marido da celebrada Semiramis, foy o primeyro que conquistou por armas. 32 Em dezasete annos sugeytou quasi toda Asia, 33 constituindo a grande Monarchia que de seu nome *Assur*, se chamou *Assyria*, cuja duraçaõ, & larga successaõ de Reys dissemos na primeyra parte. 34

8 Se alguns Reys tivessem o corpo taõ grande, como tem a ambiçaõ, abarcariaõ com huma maõ o Oriente, com outra o Occidente: & cuydariaõ, que lhes faltava mundo para estẽder...

14 *Flosculi. hist p.1.c.7. ante med.* Quibus viris stantibus, Athenæ steterunt: pereuntibus imperium corruit; ita vel in Democratijs Monarchia regnat.

15 *Justin. l.1. in princ.* Intra suã cuique patriam Regna finiebantur. *Deuteron.* 17.4 Sicut habent omnes per circuitum nationes.

16 *D.Thom. 1.2 q.105 art 1. ad 2.* Quia tales Reges alterius gentis solent parum affici ad gentem cui præficiuntur, & per cõsequens non curare de eis.

17 *Joan. Magn. hist. l 19.c.3. ad fin* Externi, cùm nec mores, nec leges patriæ norint, ad consulendum de aliqua Republica imprudentissimè admittuntur.

18 *Q. Curt. hist. Alexand. l. 7. post med. in oratione Schytæ.* Alienigenam dominum nemo pati vult.

19 *Jerem. Thren. cap 5 in princ.* Respice opprobrium nostrum; hæreditas nostra versa est ad alienos, domus nostra ad extraneos.

20 *In Lusit. liber. l.1. c. 12.*

21 *Cornel. Tacit. annal. l 6. post med.*

22 *In lege Salica.*

23 *In lege relata à Molina de primog. in annot ad fin tom. n.3.*

24 *In legibus Lameci.*

25 *Act. c.16* Domine, si in tempore hoc restitues Regnum Israel?

26 *Deuter.* 17. 15. Non poterit alterius gentis Regem facere, qui non sit frater tuus. *Osee* 2. 15. *& Joel* 1.17.

27 *Isai. 1.8. Habac. 1.6. Jerem. 4. 16 & c 5.15. & Thren. 5. in princ.*

28 *Cap. Fundamenta 27. § indignè de elect. in 6.* Numquid obduxit oblivio, quæ incolis nota, &c.

29 *Benedict. Perer. in Gen. l.15. n.67.*

30 *Flosculi histor. p.1.c.2.*

31 *Pineda in Monarch. Eccl. l.1. c.16 & 277.*

32 *Dissemos na 1.p.c.21 n.6.*

33 *D. Aug. de Civit. Dei l 16. c. 17. l.18 c.12. Justin hist. l.1. Diodor. l.3.*

34 *P.1.c.14 n.5.*

ſua gloria. Eſtarem fartos os faz famintos: das vitorias lhes naſcem novas guerras: imaginaõ que naõ cabem na redondeza do Orbe, ſendo que hum ſó Reyno naõ cabe nelles. Se puzeſſem freyo à felicidáde, melhor a regeriaõ: a fortuna quando eſtende a maõ, naõ conhece as azas: nada ha taõ firme, que naõ perigue: o Leaõ vem a ſer paſto de aves: ao ferro conſome a ferrugem; muytos querendo colher frutos de arvores altas, cahiraõ com os ramos a que ſubiraõ. Ao grande Alexandre accuſava o prudente Embayxador dos Scythas, 35 de taõ cega ambiçaõ, que ſe vencesse todo o genero humano, havia de ir pelejar com as feras ſelvas, neves, & rios; a de Nino excedeo; pois quiz tambem dominar o Ceo, chamando-ſe Deos. Mas naõ ſe atrevendo a tanta imprudẽcia, lhe pareceo mais toleravel attribuir deidade a Belo ſeu pay já morto, & levantarlhe eſtatua em q̃ o adoraſſem, para ficar, pelo menos, filho de Deos; liberalidade inſana dar o que naõ tinha. Eſte he o Belo que os Gentios tinhaõ por Saturno, ou por Jupiter Belo, & os Hebreos chamavaõ Baal, Belial, Baalim, & Bel; & eſte, ſegundo os melhores Hiſtoriadores, 36 foy o principio da Idolatria; o peyor peccado, & o mais neſcio; poſto que alguns lhe daõ principio em Mileſio Rey de Creta: outros em Prometheo: & Filo Hebreo 37 diz, que já antes do Diluvio Tubalcaim tinha feyto imagens de idolos.

9 Salamaõ, 38 a quem ſe deve mais credito, refere differente principio da idolatria, em hum pay (a que Fulgencio 39 chama Syrofanes, Egypcio) o qual ſe quiz conſolar na morte de hum filho, com fazer huma imagem ſua, & mandar aos criados, que com ſacrificios adoraſſem como Deos, ao que morrèra, porque era homem. E q̃ dalli ſe introduzio fazeremſe imagens de Reys, nas quaes os povos em auſencia os veneraſſem como preſentes; que os artifices liſongeyros ſe esforçavaõ a figurallos com toda a ſemelhança; & que chegou a tanto primor a excellencia de alg̃uas daquellas obras, q̃ a gente cega avaliou por Deoſes, os que de antes honrava por humanos.

10 Qualquer principio que a idolatria tiveſſe, moſtrou a pertinacia com que os homens, já eſquecidos do caſtigo do Diluvio, & ingratos á clemencia com que Deos ſe houvera no peccado de Babel, parece que ſe apoſtavaõ com novos crimes a impedir o remedio, que o *Senhor* lhes tinha aparelhado, competindo a malicia humana com a miſericordia Divina. No ſeguinte capitulo ſe veraõ os exceſſos com que niſto obráraõ.

35 *Apud Q. Curt. ſuprà.*

36 *Floſcul. hiſt. p. 1. c. 2.*

37 *Phil. ant. bib. l. 1. apud Britto Monarch Luſit. p. 1. l. 1. c. 1. ad ſin.*

38 *Sapient. 14. à n. 15.*

39 *Fulgent. l. 1. & myt.*

CAP.

CAPITULO VI.

Como a Idolatria se introduzio no Mundo, adorando-se homens, & cousas insensiveis; desatinos que nella havia: algumas figuras aos Deoses: indecencias que delles se referiaõ: seus sacrificios, & Sacerdotes: & a sumptuosidade de seus templos.

1 DE tal principio se introduzio terem os homẽs por deidades, os que se aventajavaõ em algũa qualidade: ou aquelles a que desejavaõ pagar algum beneficio; obrando nisto muyto as ficçoens dos Poetas. Passou-se a dar a mesma honra por temor; 1 & talvez por engano. Sason Carthaginez, ou Hennon, 2 & Absefas Rey de Lydia, 3 ensináraõ muytas aves das que imitaõ palávras, a dizer; *Gram Deos Sason*, & *Gram Deos Absefas*: depois âs soltáraõ, & ouvindo-se nos campos como milagre, bastou para serem adorados, & se lhes levantarem templos em vida: o que naõ costumava concederse aos mortos.

1 *Lactant. Firmian. inst. divin. l. 1. c. 25.*
2 *Mariana hist. de Hesp. l. 1. c. 20 no fim.*
3 *Diogo de Funes, & Mendoça na hist. de aves, & anim. l. 1. c. 2. no fim.*

2 Dos primeyros, senaõ o primeyro, que teve titulo de Deos, foy o Santo Noè, começando o peccado a cobrirse da Santidade; taes saõ as traças do demonio. Alem de lhe chamárem Deos *Jano*, como na primeyra Parte dissemos, 4 lhe chamáraõ *Saturno*, pay dos Deoses, & filho do Ceo: & tiveraõ por Deoses aos filhos, chamando a *Sem*, Jupiter Rey do Ceo, porque na divisaõ das terras, de que trata a Escritura santa, 5 lhe coube a parte superior na Asia: a *Cham*, Pluto, attribuindolhe reynar no inferno, porque lhe coube Africa, parte inferior; & seus descendentes foraõ pela mayor parte negros, naõ só pelo clima da terra, mas em pena dos peccados do mesmo Cham: 6 a *Japhet*, Neptuno, dandolhe o senhorio do mar; porque na Europa lhe ficáraõ as partes maritimas. E disseraõ, que hum castrára a seu pay, porque se *Cham* o naõ fez realmente, como foy tradiçaõ Hebrea, 7 ao menos o procurou, 8 & o fez inutil com feytiços, porque foy grande Magico; 9 & he certo que nesta parte lhe fez afronta que o sagrado Texto declara. 10 Assim se confundio a verdade entre os Gentios.

4 *P. 1. c. 28. n. 3.*
5 *Genes. c. 1.*
6 *Portellus in compend. Cosmogr.*
7 *Refere Genebrard in Chronograph. citando a Rabbi Levi no c. 9. do Genes.*
8 *Matute na prosap. de Christ. idad. 1. c. 1. § 3*
9 *Beros. de flor Chald. l. 3. Hist. Scholast. in Gen. c. 39.*
10 *Genes. c. 9 22.*

3 Outros chamáraõ a Noè *Ceo*, & ao filho que o castrou chamáraõ *Saturno*, porque (segundo Xenofonte 11) os antigos chamavaõ aos fundadores de Reynos, *Saturnos filhos do Ceo*: a seus primogenitos, *Jupiter*, & aos filhos de Jupiter, se sahiaõ valentes, chamavaõ *Hercules*; de maneyra q̃ *Ceo, Saturno; Jupiter, & Hercules*, eraõ visavò, avò, pay, & filho; 12 o que he necessa-

11 *Xenophon. in æquivoc.*
12 *Adverte Pineda na Monarch. Eccles. l. 1. c. 19 § 2. & c. 25. § 3.*

necessario advertir para intelligencia das historias, em que alguns, sendo os mesmos, se achaõ com nomes differentes, em partes diversas; porque o que em hum Reyno era Jupiter, por ser filho do que o fundou, ficava Saturno em outro que fundava. E tambem como havia muytos do mesmo nome, se confundiaõ as acçoens de huns com outros, ou de todos em hum) principalmente pelos Poetas) como succede em Hercules.

4 Assim mesmo à mulher de Noè, chamada *Titea*, 13 adoràraõ os Idolatras por Deosa, chamandolhe humas vezes *Cybelles*, 14 & outras *Vesta*; 15 nome que segundo Beroso, 16 se lhe poz logo depois do diluvio, por significar, *chãma de fogo*, que ella, para o sacrificio de seu marido, tirou aos rayos do Sol com hum espelho, que se naõ esqueceo salvar naquella tempestade. Com semelhante equivocaçaõ à que advertimos nos homens, chamavão os antigos à mulher do Ceo, *Vesta*: à de Saturno, *Rhea*, ou *Cybelles*; à de Jupiter, *Juno*.

5 Chegaraõ a adorar Deoses innumeraveis; 17 divididos em varias especies: *Indigenas*, *Aliemgenas*, *Celestes*, *Terrestres*, *Infernaes*, *Marinhos*, *Fontanos*, *Pluviaes*, *Certos*, *Incertos*, *Nupciaes*, *Selectos*, *Consentes*, *Agrestes*; & de outras denominações, segundo ao q̃ presidiaõ, & modo porque eraõ invocados, de que faz mençaõ, & explicaçaõ o grande Doutor da Igreja S. Agostinho em varios lugares daquella sua divina obra da *Cidade de Deos*. Atè as cousas nocivas adoravaõ; porque naõ fizessem mal: os Chaldeos o fogo, os Romanos a febre, a adversa fortuna, o pavor, o gorgulho, o pulgão; & outros animaes, q̃ destroem os frutos: os Achayos as Furias, os Athenienses o desprezo, & a afronta: os Lacedemonios a velhice, a morte, a pobreza. 18 Costume que se pudera fazer Christão, venerando os males como permittidos por Deos para castigo, emenda, ou merecimento na paciencia.

6 Representavaõ-se algumas daquellas Deidades em figuras indecentes; como Venus em Chipre com barba: em Thuslia de Egypto com cornos de boy: a Deosa Decerta, em Escalon de Syria, com rosto de homem, & fins de peyxe; 19 & outros em fórma de brutos.

7 Referiaõ-se delles cousas, não sómente indignas, como era terem contendas entre si, Juno, & Venus, & outros, em Homero, & em Virgilio; mas tambem infames, como furtos, adulterios, & outras maldades; de que estaõ cheyos os Metamorphoses de Ovidio, fabulados sobre historias, que se tinhaõ por verdadeyras; como que Jupiter se transformára em aguia, para roubar a Ganimedes, & Asterie: em Cisne, para lograr a Leda: em touro, para enganar a Europa: em dragão, para estar com Olympias, & com Proserpina: em cabraõ, para forçar a Penelope: em Satyro, para adulterar a Antiopa: em chuva de ouro, para alcançar a Danae: em fogo, para deflorar a Egina: que prendèra seu proprio pay, violára sua mãy, corrompèra sua

13 *Supr. c. 3. n. 1.*
14 *Pined. sup. l. 2. c. 19. §. 3. in princ.*
15 *Vide sup. c. 9. n. 7.*
16 *Beros. de flor. Chald l 3. apud Britto. Monarch. Lusit. p. 1. l. 1. c. 2. post med*
17 *D. Aug. de Civ. Dei l. 3. c. 12.*
18 *Plin. l 2 c. 7. D. Aug. sup l. 4. c. 23. ante med. Alex. ab Alex. Gen. dier. l 1. c. 13. Viana comment. Ovid. Metam. l. 4. n. 35.*

irmãa, casára com sua filha. Atè nos sacrificios celebravaõ com ceremonias torpes, dizendo que elles as queriaõ assim; 20 naõ se envergonhando de servirem a taes Deoses; porque quem deseja peccar, venera os Authores do peccado. 21 Com razaõ Ocho Rey da Persia, vencendo aos Egypcios cõ seu Rey Actabano, lhes tirou dos altares os idolos, & os obrigou a adorar nelles hum jumento, 22 pois de huma a outra adoraçaõ naõ havia differença.

20 *D. Aug sup. l 2 c. 4 & 13.*
21 *D. Petr. Chrysol serm. 133. post med.*
Qui peccare cupit, peccatorũ colit veneratur authores.
22 *Cum Æliano Britto Monarch. Lusit. p. 1. l. 2 tit. 6.*

8 A cada Deos se dedicava semelhante animal: a Jupiter a aguia: a Neptuno o cavallo: a Marte o gallo: a Baco o lince: a Esculapio gallos, & gallinhas: a Juno o pavaõ: a Venus, & Apollo o cisne: a Minerva a coruja: a Diana o cervo; & assim aos mais. E lhes consagravaõ differentes arvores: à Jupiter o carvalho, & ensinhã: a Plutaõ o acipreste: a Apollo o louro: a Baco a hera: a Pan o pinheyro: a Hercules o alemo branco: a Venus o myrto: a Minerva à oliveyra.

9 Tambem se lhes sacrificavão animaes differentes, porẽ todos machos, por estar nelles a virtude da especie mais forte, que nas femeas; 23 & à alguns sacrificavaõ homens (como ainda hoje fazem negros barbaros;) & bem mereciaõ serem sacrificados por brutos, homens que tinhaõ à brutos por Deoses.

23 *D. Athanas. epist. ad Monach. solit.*

10 Nos sacrificios usavão differentes ceremonias segundo os mysterios, que naquellas deidades consideravão. A Saturno, entendido por Noè, como dissemos, 24 estavaõ os sacrificantes com a cabeça descuberta, tendo-a cuberta quando sacrificavão aos outros Deoses; porque chamando à Saturno, *Pay do tempo*, 25 lhe attribuhiaõ por filha a Verdade, que com o tempo se descobre. Fora muyto largo trazer mais exemplos. Aos Deoses celestes sacrificavão em altares, aos terrestres em aras, aos infernaes em covas. Aos celestes ao nascer do Sol, aos infernaes no occaso. Aos celestes rezes brancas, aos outros negras.

24 *Neste mesmo cap. n. 2.*
25 *Dissemos na 1. p. c. 28. n. 3.*

11 Por isto tinha cada Deos seus sacerdotes com diversos nomes, & gráos de dignidades. O mayor sobre todos, que chamavão, Pontifice Maximo, erão em Roma Ordinariamente os Emperadores. A dignidade Sacerdotal chamada, *Flamen*, fazia as ceremonias com a insignia de hum barrete como mitra; & era tão excellente, que só havia tres *Flamines* para tres Deoses escolhidos; hum chamavão *Flamen Dial*, para Jupiter: outro *Marcial*, para Marte: outro *Quirinal*, para Romulo, que chamárão *Quirino*, depois que o fingirão posto no Ceo. 26

26 *D. Aug. sup. l. 2. c. 15.*

12 Tinhão sumptuosissimos templos. Entre muytos foy o de Jupiter em Panchea, 27 de alabastro finissimo sobre grandes colũnas, com muytas, & famosas estatuas de Deoses, as portas de ouro, & prata excellentemente lavradas. No meyo delle estava hum leyto para o Deos, de seis covados de comprido, & quatro de largo, todo de ouro, de admiravel obra; nelle huma

27 *Diodor. Sicul. l. 6. c. 10.*

cama riquiſſima,& junto della huma meſa de ouro curioſamente eſmaltada;em que ſe viaõ hũas laminas tambem de ouro, & eſculpidas nellas com rara ſutileza as façanhas de Saturno, Jupiter, Apollo, & Diana.

13 Em Saora de Syria junto ao Euphrates 28 havia hum templo dedicado a Jupiter, & a Juno; de huma ſoberba architectura, cubertas de ouro as paredes, & abobadas; & no meyo hũa quadra ſobre columnas,dentro da qual eſtavão a eſtatua de Jupiter ſobre touros,& a de Juno ſobre leões, ambas de ouro; a de Juno ſe ornava com diamantes, çafiras, & rubis, & na cabeça tinha hũa pedra precioſa q̃ chamavão *Lichmis*; cujo reſplandor allumiava de noyte todo o templo. No meyo deſtas duas eſtatuas eſtava outra de ouro, que tinha ſobre a cabeça hũa pomba do meſmo metal;& por eſta inſignia,parece que era Semiramis Rainha de Babylonia.

14 Em Heſpanha houve o templo; 29 que os Heſpanhoes fundàraõ a Hercules,(que em Heſpanha reynou,& elles em morrendo veneràrão por Deos)& alli o ſepultàraõ; o qual depois os Phenices,entrando em Heſpanha,mudàrão para Cadiz cõ a oſſada de Hercules, & permanecia no tempo de Julio Ceſar.O qual templo,entre outras grandezas,tinha em ſi huma grande oliveyra de ouro,obrada com ſummo arteficio,carregada de fermoſas azeytonas feytas de eſmeraldas; & junto delle eſtavão duas colũnas quadradas de ouro,& prata, fundidos ambos os metaes juntamente; & nellas gravadas nas letras, & linguas daquelle tempo as celebres palavras, *Non plus ultra.*

15 Em Calabria junto da Cidade de Croton eſteve hum riquiſſimo templo dedicado a Juno; 30 & entre as couſas maravilhoſas que nelle ſe viaõ,era hũa columna toda de ouro,q̃ ſe tinha por ineſtimavel. ElRey Hiarbas de Getulia edificou hum templo com cem altares, cada hum taõ grande como hum grãde templo.Dizem que em Leaõ de França houve outro mayor. 31 Nero fez em Piſa (alguns dizem que em Roma) hũ a Diana,& nelle huma ſemelhança de Ceo com Sol, Lua, & Planetas,que faziaõ curſo como o natural; & tal vez chovia como naturalmente. Cahio de repente por oraçoens de Saõ Torpes, porque nelle o obrigavaõ a idolatrar. 32 E em varias partes houve tantos tão grandioſos, que cada hum era huma maravilha.

16 Das ſete maravilhas do mundo mais celebradas, foy o templo de Diana em Epheſo; 33 Cidade que as Amazonas fundàraõ em Jonia Provincia de Aſia;& tambem ſe diz que fundàraõ o templo. Fundou-ſe em huma lagoa por evitar o perigo dos tremores da terra, por traça de hum Theodoro grande architecto, 34 ſobre aliceſes, em que ſe lançou muyto carvaõ,& lã, para os fazer mais firmes na humidade. Tinha quatrocentos & vinte & cinco pès de comprido,& duzentos & vinte de largo; cento & vinte & ſete colũnas de marmore excellen-

28 *Lucian in dial.de Dea Syria.*

29 *Floriam do Campo l.1.c.17, & l.2.c 9. citado por Britto na Monarch Luſit. & por Fr. Bernardino da Sylva na ſua defenſaõ p.2.28. Franciſco de Monçon no Eſpelho de Princip.l.1.c.82.*

30 *Liv.dec.3.l.4.*

31 *Monçon ſupra. Budeus de Aſſe.*

32 *Britto,Monarch.Luſit.l.5.c.6.Caſtilho hiſt.dos Godos l.4.diſc.16.*

33 *Cem.Plin.Strab.Solin. Pompon.Mella,& outros,Mexia na Sylva de var.liç.l.3.c.33. Vide infra c.61.n.6.*

34 *Textor in offic.p.2.tit. Sculptor.*

te;as trinta & seis esculpidas de singular lavor,as outras muito lizas;todas de sessenta & cinco pès de alto;cada huma mandou fazer hum Rey da Asia, para mostrar grandeza, ou por devoçaõ. Estas colũnas sustentavão o emmadeyramento admiravelmente lavrado. As portas erão de acipreste de semelhante obra. Trabalhou-se nesta fabrica duzentos & vinte annos, com mestres escolhidos; entre os quaes se nomeão por mais famosos Thesiphon,& Archiphron. A maravilha consistia, em que nem a grandeza, nem a prata,ouro, & pedras preciosas dos outros templos igualavão a architetura, lavor, & primor deste; no que se vè como os antigos sabião estimar a excellencia das artes. Xerxes,que conquistando a Asia queymava todos os templos, só a este perdoou; & depois lhe poz fogo, & o queymou hũ vil homem chamado Herostrato,só por se afamar nisto, como confessou sendo prezo, & o conseguio,ainda que os Magistrados, por frustrarem o intento, fizeraõ prohibiçoens de se escrever seu nome. Teve-se logo aquelle incendio por pronostico da destruição da Asia,& depois se achou,que succedèra no mesmo dia em que nasceo Alexandre, que a subjugou. 35 Reedificou-se com muyta grandeza;mais a primeyra foy a mais celebrada Durou este reedificado, atè que Saõ Joaõ Evangelista, fazendo oraçaõ a Deos o fez cahir. 36

35 *Plutarch. in Alex. Cicer. l. 2. de nat. Deor.*

36 *Episcopus Garcias Galarza, Euangel. inst. l. 8. c. 6. in princ.*

17 Sendo aquellas adoraçoens desatinos, os reputados por mais sabios se prezavão mais dellas. Numa segundo Rey de Roma, livrou sua mayor gloria nas leys q̃ ordenou sobre a Religião. 37 O Pontifice Scevola se fez afamado com os ritos que instituhio:38 & Marco Tullio sendo Consul,allegava por serviço á Rèpublica, em hum grande aperto que teve Roma, que por espaço de dez dias havia feyto continuar os jogos para aplacar os Deoses.39 como se não fora mais util aggravar a taes Deoses faltando em seu culto, que obrigallos com venerações. Charondas Legislador de Carthago condenou por infame quẽ levantasse casa mais pomposa que os templos. 40 Finalmente esteve quasi toda a terra tão esquecida de Deos, que vendo-se cheya de innumeraveis templos de Idolatras, muytos seculos não teve o *Senhor* Templo algum em toda ella:& quando veyo a ter hum só em Jerusalem, não deyxavão os mesmos Israelitas de fabricar muytos a *Baal*.

37 *Tit. Liv. dec. 1. l. 1.*

38 *D. Aug. de Civ. Dei l. 4. c. 27.*

39 *D. August. supr. l. 2. c. 25.*

40 *Stob. serm. 44.*

18 Porèm a Divina Bondade,constante em reparar a ruina dos homẽs, conservou sempre em alguns hũa noticia da verdade,que fosse fundamento ao que dispunha, & faisca de que na terra se ateasse o fogo de seu amor para a allumiar, & tirar das trevas.

CAPITULO VII.

Morte de Noè. Como entre a Idolatria conservou Deos sempre seu conhecimento entre os mais escolhidos, & suas noticias entre a gentilidade, por naõ desemparar o genero humano, que havia de restaurar.

1 AOs novecentos & cincoenta annos de sua idade, trezentos & cincoenta depois do diluvio, 1 depoz o santo Noè a vida, passada em continuas calamidades. Vio a maldade dos Gigantes: assistio ao naufragio do mundo: chorou a insania de Babel: sentio a divisaõ das linguas: & lastimou-se, de q̃ a repartiçaõ das terras que fizera para concordar seus descendentes, causasse entre elles guerra: taõ errados saõ os remedios humanos. Duvida-se, q̃ se para mayor pena, chegou a ver a idolatria: mas he certo que experimentou que o diluvio das aguas com que o mundo se devéra emendar, naõ fechàra a porta a peccados. Morreo, digo, aquelle segũdo pay universal, theatro de virtudes, & de trabalhos. Mas deyxou o conhecimento do verdadeyro Deos nos descendentes que já viviaõ, seu devido culto nos de Heber, & em que ainda naõ tivesse entrado a idolatria, & particularmente grande santidade em seu filho *Sem*.

1 *Genes. 9. in fine.*

2 Por *Sem* floreceo a santidade no mundo atè Abraham; pois quando *Sem* naõ seja o mesmo, que o grande Sacerdote Melchisedech, como largamente com muyta probabilidade expende, & defende hum erudito Escritor; 2 parece certo, segundo as idades que refere o Texto, 3 que alcançou o seu oytavo neto Abraham duzentos annos. E os mesmos, ou mais o alcançáraõ os filhos de *Sem*, nos quaes Santo Agostinho 4 considera grande virtude, por argumento da bençaõ que Noè lançou. 5

2 *Refere Bened. Perer. in Gen. c. 14 de peregrinat. Abrah. n. 63. in tom. 3. & defende Matute na prosap. de Christ. idade 2. cap. 2. § 1.*
3 *Genes. 11.*
4 *D. Aug de Civ. Dei l. 16. c. 1.*
5 *Genes. 9. 26.*

3 Succedeo a santidade de Abraham; & pelo mesmo tempo viveo o Santo Lot; logo successivamente os Santos Isac, Jacob, & Joseph. 6 E delles procedeo o Santo Job, filho de Zara, neto de Esaù, bisneto do mesmo Jacob; 7 & dalli se continuou o conhecimento de Deos nos Israelitas atè nossa redempçaõ.

6 *Genes. 12 cum sequentib.*
7 *D. Hieron. argum. lib. Job.*

4 Entre os mesmos Gentios naõ acabou de anoytecer o dia da verdadeyra luz; sempre se conservou hum crepusculo, porque as nuvens oppoem-se; mas naõ apagaõ o Sol. A idolatria pintava Religiaõ com falsas cores: as sombras figuravaõ corpo sem realidade. Como o espelho naõ representa sem ter debayxo cousa solida, que detenha a imagem, naõ podiaõ as ficçoens sem fundamento representar Deidades. Os judiciosos

adventiaõ, q̃ naõ podiaõ ser Deoses, os que haviaõ sido homẽs, sendo as naturezas taõ differentes: nem cabiaõ em Deoses os vicios q̃ nelles confessavaõ: que havendo aquelles homens nascido no mundo, deviaõ elles, & o mundo ter Creador mais antigo: que mais se devia divindade ao Creador dos homens, q̃ aos Deoses que os homens fizeraõ. Muytos tiveraõ revelaçaõ, & se salvàraõ, como diz o Doutor Angelico. 8.

5 Deyxando as Sibyllas para particular capitulo, o antiquissimo Orpheo, Tracio de naçaõ, (huns dizem que viveo quando os Hebreos se governavaõ por Juizes: outros que era mais antigo, coetaneo de Hercules) venerados entre os Gregos por hum dos primeyros pays da doutrina mais alta, & por isso chamado filho de Apollo, & de Calliope, discipulo de Lino, reputado pelo mais sabio nas cousas divinas, 9 começa huma das obras metricas, que anda no tomo que se intitula *dos Poetas menores Gregos*, 10 dizendo, *que elle falla aos sabios, & naõ aos ignorantes; que o verdadeyro Deos he o que creou o mundo*; & continuando o mesmo proposito, acaba: que *assim o diz o que nasceo das aguas*; por este modo allega a Moysés, tirado das aguas quando minino. 11

6 Hermes Trismegisto, pouco depois do tempo de Moysés sapientissimo Egypcio, cujos escritos sobre o divino teve a antiguidade em summa estimaçaõ, 12 ensinou, que Deos era só hum Creador de todas as cousas, sem ser creado, 13 & que as tradiçoens contrarias eraõ erradas; & a este intento escreveo muytas outras cousas, concluindo, & profetizando, como diz, & largamente refere Santo Agostinho, 14 que viria tempo, em que descuberta a verdade, se conheceria isto.

7 Thales Milesio, hum dos sete Sabios de Grecia, que viveraõ nos annos, pouco mais, ou menos, do Profeta Daniel, 15 perguntado, que cousa era Deos, respondeo: *O que naõ tem principio, nem fim.* 16

8 Parmenides Eleates, & seu discipulo Mellisso, de Samos, Filosofos excellentes, ensinàraõ, que naõ havia mais que hum só *Ente* por sua essencia, o qual era hum só principio, sem principio. Aristoteles 17 os reprehendeo, cuydando que fallavaõ das cousas naturaes, & elles fallavaõ de Deos.

9 Zeleuco nas Leys que deu aos Locrenses, começou dizendo: *Todos os habitadores desta Cidade, & Regiaõ, entendaõ que ha Deoses: o que se faz manifesto vendo o Ceo, & todo o mundo, & a bellissima disposiçaõ, & ordem de suas cousas, porque estas obras naõ podiaõ ser humanas, ou succedidas acaso.* 18 Ainda que falla de muytos Deoses, os faz creadores do mundo, o que o commum da Gentilidade naõ conhecia.

10 Artaxerxes, chamado Assuero, Rey dos Persas, na carta patente, que escreveo às Provincias de seu Imperio, cõtra Aman em favor dos Hebreos, reconhece, que o Deos que estes veneravaõ, era o verdadeyro: chamalhe *Altissimo, & Maximo, & sem-*

8 D.Thom.2.2.q.2.art.7.in 3.

9 Pedro Sanches de Vian. comment. a Ovid. Met.l.10.n.2. Juvat D.Thom 1.Metaphys.lect.4. vers. hic ostendit.

10 Orpheus in tom. Poetæ minor. Græc.

11 Exod.c.2.

12 Ex Suid. & Diodor. Sicul. Conrad. Gesner. in onomastic propr. nomin.

13 Trismeg. dial.4. Pimandr.

14 D.Aug. de Civ. Dei l.8.c.23.

15 Flosculhist.p.1 c.6. ad fin.

16 Laert l.1.in vit. Thal. Quid Deus? Quod initio, & fine caret.

17 Arist.l.1. Physic.

18 Refert Stob. Serm.42.

& sempre vivo, por cujo beneficio elle, & seus pays alcançàraõ, & conservàraõ o Reyno. 19

11 O mesmo confessàraõ os Reys Cyro, & Dario nas cartas que deraõ para liberdade dos Hebreos, & reedificaçaõ do templo, & outros Reys de Babylonia, & Persia em varias occasioens. 20

12 O mesmo representou Aristeo a Ptolòlomeo Philadelpho Rey do Egypto, com quem privava; dizendo a favor dos Hebreos: *Nòs veneramos o mesmo Creador deste universo que elles veneraõ; & lhe chamamos Jove, porque ajuda a vida de todos.* 21.

13 Plataõ alcançou renome de *divino*, porque atinou com tudo o que o lume natural podia penetrar sobre o conhecimento de Deos: em qualquer parte de seus escritos se encontra isto taõ repetidamente, que fora muyto largo, & escusado allegar os lugares. 22 Macrobio refere, 23 que animando-se Plataõ a fallar de Deos, naõ se atreveo a dizer o que era, confessando, que só sabia, que os homens o naõ podiaõ saber; & que das cousas visiveis só lhe podia ser semelhante o Sol; & por esta semelhança se poderia subir ao que delle fosse comprehensivel. Conta-se, 24 que nos livros de Plataõ se achàraõ escritas as divinas palavras do Evangelista S. Joaõ: *In principio erat Verbum, & Verbum erat apud Deum, & Verbum caro factum est.* 25 E que em Tracia, dentro de huma sepultura antiga, que se disse era de Plataõ, se achou huma lamina de ouro, & escritas em Grego estas palavras: *Christo ha de nascer de Virgem, & nelle creyo*; & na lamina se declarava o tempo em que se havia de descobrir, que foy no de Constantino Magno; & mais abayxo: *O' Sol, outra vez me veràs*; 26 & se cuyda que tudo isto podia ser revelaçaõ; & q̃ Plataõ alcançaria noticia destes mysterios pelo Profeta Jeremias, de quem foy contemporaneo; 27 ou por liçaõ dos Profetas Santos, como Santo Agostinho tem por mais certo. 28

14 Com isto parece que em alguma maneyra se faz crivel o que refere Accurcio (& o devia tirar de algum livro antigo, em alguma glosa do direyto Civil 29 dizendo, quando os Romanos mandàraõ pedir a Grecia Leys que escrevèraõ nas dez taboas, a que depois accrescentàraõ duas; 30 os Gregos antes de lhas concederem, enviàraõ a Roma hum Sabio, q̃ examinasse se eraõ dignos dellas. Que os Romanos puzeraõ hum ignorante na disputa, porque se ficasse vencido, fosse só materia de riso, sem perderem reputaçaõ. Que o Grego começàra a disputar por acenos, levantando hum dedo, querendo significar, q̃ havia hũ só Deos. O Romano cuydando q̃ o ameaçava de lhe tirar hum olho, levantava dous dedos, ameaçando-o que lhe tiraria ambos os olhos; & com dous dedos levantàra tambem o pollegar, como naturalmente succede; & o Grego entendèra, que elle dizia, q̃ aquelle só Deos tinha tres Pessoas;

19 *Esther 16.16.*

20 *Esdra l.1 c.1. & 6. & l.3. c.2. Joseph de antiq l.11. c.1 Dan.4 95*

21 *Refert Joseph. de antiq. l. 12. c.2. post princip.*

22 *Vide D. August de Civ. Dei l.8 c 1. cum seqq.*

23 *Macrob. in somn. Scipion.*

24 *Matute na prosap. de Christ. idade 1 c.5. §.5. ex Macrob. & aliis. Cassaneus in Cathal. glor. mundi p. 10. consid. 10. ad fin. verb. non nō Plato, cum D. Aug l.7. Confess.*

25 *Joan. 1.*

26 *Matute supra. Paul. Diacon. lib. 23. Fulgos. l 1. c.6. Horosco da verdadeyra, & falsa profecia. l 2. c.19. D. Thom 2 2. q.2. art.7 ad 3.*

27 *Matute sup. cum D. Ambros. l. de Sacrament.*

28 *D. Aug. de Civ. Dei l.8. c.11. in princ.*

29 *Gloss. verbo constitui, in l. 2. in princ. ff. de origin jur.*

30 *D. Lex 2. origine jur.*

ſoas; eſtendèra a maõ aberta, ſignificando, que tudo eſtava aberto, & deſcuberto a Deos, ſem ſe lhe poder occultar. Que o Romano entendendo que o ameaçava com huma bofetada, lhe moſtràra a maõ fechada em punho, ameaçando-o com hũa punhada; & o Grego entendendo, que elle dizia, que Deos tinha tudo fechado na maõ, julgára os Romanos por ſabios, & dignos de ſe lhe communicarem as Leys. Neſta hiſtoria eſtribada na authoridade de Accurcio he difficultoſo de crer, q̃ houveſſe naquelle tempo noticia da *Santiſſima Trindade*; mas naõ fica impoſſivel, ſendo certo o da ſepultura de Plataõ, que viveo pouco depois do tempo em que os Romanos pediraõ aquellas Leys, 31 ſe attribuirmos tudo a revelaçoens com que Deos queria illuſtrar aquella idade.

31 *Conſta dos annos em q̃ o traz o Floſculo hiſt p.1.c.7.*

15 O grande diſcipulo de Plataõ, Ariſtoteles, em varios lugares 32 reconhece a natureza de Deos immortal, eterna, independente, optima, alhea de todo o mal, bemaventurada, feliz de ſi meſmo, fabricadora da origem perpetua de todas as couſas. Diz que ſe buſca fortaleza, elle he o mais forte; ſe fermoſura, elle he o mais fermoſo; ſe vida, elle he immortal; ſe virtude, elle he o melhor; & que he no mundo, o que he o Piloto na náo, o Meſtre na muſica, a Ley na Cidade, & o Capitaõ no Exercito.

32 *Ariſt.lib.1.de Cælo c.4.tit.32 & c.9.tit.100. & l.2.c.3.tit. 17. & l.11. Metaph.7.tit. 36. & c. 20. tit. 56. & de Rep l.7.c.1.*

16 Marco Varraõ, homem doutiſſimo, & que com mayor reputaçaõ entre os Romanos eſcreveo do culto Divino, propoz as opinioens que havia dos ſeus Deoſes, & duvidoſo em todas, nenhuma abraçou, ſó diſſe de certo, que ſe devia adorar hum ſó Deos. 33

33 *Refere largamente Santo Agoſtinho de Civ Dei l.1.c.31.l.6.c.2. l.7 c.17. & em muitos outros lugares*

17 Marco Tullio Cicero, com a excellencia do ſeu juizo, diſſe profundamente, que mais facilmente diria o que Deos naõ era, que o que era; 34 & que ſe diſto o perguntaſſem, ſeguiria o exemplo de Simonides, q̃ fazendo-lhe o tyranno Hiero a meſma pergunta, pedio termo de hum dia para deliberar; procurando no ſeguinte a repoſta, pedio elle mais dous dias, & depois os foy pedindo dobrados: & pergũtando-lhe Hiero a cauſa, reſpõdeo: *Porque quanto mais conſidero, tanto mais eſcura me parece a materia.* 35 No primeyro livro daquella ſua obra, que intitulou *da Natureza dos Deoſes*, eſcreveo Cicero as indecẽcias, & indignidades, com que os Gentios delliravaõ de ſeus Deoſes; no ſegundo reprehẽdeo os que davaõ credito a ſuas tradições fabuloſas, & a taes idolos, & propoem as razões, que moſtraõ haver hum ſó Deos verdadeyro, Creador de tudo, excellente ſobre tudo, ſoberano Governador de tudo; no terceyro difficulta iſto cõ argumentos, & fazendo a queſtaõ problematica, deyxa a deciſaõ ao arbitrio do Leytor; a razaõ o guiava, mas a viſta fraca naõ podia ver o Sol; eſtava a gentilidade coſtumada a trevas, como ave nocturna, que voa ſó na noyte.

34 *Cicer. de nat. Deor. l.1. ad med.* Quod non ſit citius, quàm quid ſit, dixerim, &c.

36 *Cic. ſup.* Qui quanto citius conſidero, tanto mihi res videtur obſcurior.
Idem refert Bruſon.l.2.c.26.

18 Finalmente por lume da razaõ natural, 36 ſe inculca ſempre a noticia do Author de todas as couſas, increado, inde-

36 *Pſalm.4.v.7.*

independente, soberano, & governador de tudo, a quem se devia sugeyçaõ, & adoração; 37 & assim de tempo antigo estava em Athenas hũ altar dedicado *ao Deos incognito*, que o Apostolo São Paulo declarou ser o verdadeyro Deos que elle prègava; 38 sabia-se que havia aquelle Deos, mas não se acabava de alcançar seu conhecimento.

37 D.Thom.2.2.q 85.art.1.

38 Actor.17.23.

19 Pela maneyra acima dita quiz o *Senhor* conservar suas noticias no mundo, não deyxando, que de todo as perdesse a gentilidade, que havia de remediar.

CAPITULO VIII.

Como Deos por Profetas, & vaticinios, tambem entre os Gentios, annunciou ao mundo sua vinda: a excellencia da Mãy *de que havia de nascer: & o remedio do peccado.*

1 NAõ sómente conservou Deos sempre entre as trevas do mundo a luz de seu conhecimento, como no capitulo precedente dissemos; mas tambem lhe foy sempre annunciando sua vinda à terra; a excellencia da *Mãy* de que nasceria; & como o havia de levantar da ruina em que estava. Com a promessa do remedio aliviava o que no peccado se padecia: cõ a representaçaõ entretinha seu amor na dilação da realidade: & com as noticias antecedentes hia dispondo o credito do que parecia incrivel. Quem poderia crer, sem precederem disposiçoens largas, que Deos se humilharia a fazerse homem, quando a ancia de todos os homens èra exaltarem-se a Deoses? que o Rey dos Reys tomaria fórma de escravo? que a Magestade offendida pagaria com a vida pelo offensor? que o Senhor de todo o bem se sugeytaria a todos os males? Quem teria por possivel ficar Virgem huma Mãy? ser Mãy de quem a creou? chegar huma creatura a ser Rainha do Ceo? Quem imaginaria que o mundo taõ prostrado se veria triunfante? que hum homem remiria todos os homens? & que o cativeyro da pena se tornaria em herança da gloria? só aquelle entendimento que sabe obrar forte, & suavemente, 1 pode fazer, que taes prodigios naõ parecessem novidade.

1 Sapient.8.1.

2 As revelaçoens a Adam, 2 & a Noè: 3 as promessas a Abrahaõ, Isac, & Jacob: o que disse Job: o que legislou Moyses: o que cantou David: o que escrevèraõ Salamaõ, & o Ecclesiastico: o que prègàraõ tantos Profetas: o que representàraõ tantas figuras do Velho Testamento, foraõ pinturas (diz Saõ Joaõ Chrysostomo 4) em que pinceis divinos, & cores celestiaes mostràraõ tanto ao vivo a *Christo* Deos, & homem: a *Maria* Mãy, & Virgem; ao mundo reparado: & a Igreja toda gloriosa; que de Isaias disseraõ S. Jeronymo, & S. Pedro Chry-

2 Vide in 1 p.c.15.n.5.

3 Vide supra c.2.n.6.

4 D.Chrysost.in subscript.Ps.50.

ſologo, que mais ſe podia chamar Evangeliſta, que Profeta; porq̃ não pareceo vaticinar o futuro, mas hiſtoriar o paſſado. 5 Porèm deyxando o Eſcriturario aos Theologos, retiremonos à erudição hiſtorica.

3 Nos Gentios houve tambem vaticinio. Omitto a outra profiſſaõ, por Eſcriturario, o que Balaam vaticinou aos Moabitas: 6 não refiro o da ſepultura de Platão, porque já fica referido. 7 Conta-ſe, que os Argonautas (que foraõ mil & duzentos annos, pouco mais, ou menos, antes da vinda de *Chriſto*, em tempo de Ayalon Juiz dos Hebreos 8) perguntando a hum oraculo, a q̃ Deos dedicariaõ hũ famoſo templo, que fabricàrão em Athenas; o primeyro que houve naquella Cidade, (outros dizem, que em Ciſico lugar do Helleſponto: & alguns entendem, que foraõ dous templos neſtas partes) reſpondeo o oraculo em verſo: *Com virtude incanſavel buſcay a ſublime honra: ſervi, & temey a hum ſó Deos, que de ſeu throno celeſtial governa todas as couſas; aſſim o mando; a cujo Verbo Eterno, q̃ precedeo todos os ſeculos, produzirá huma Virgem pura; o qual como ſetta impellida pelas tempeſtades fogoſas, por divino officio (ou beneficio 9) reduzirá o mundo indomito. A Mãy Santiſſima deſte, chamada MARIA, conhecerá por ſeu eſte templo a ella juſtamente dedicado.* 10 Eſculpirão aquelles Gentios em marmore cõ ouro eſta repoſta ſobre a porta do templo; & em outras partes, & cegos o dedicàrão a Rhea fabuloſa mãy dos Deoſes. 11 Com eſte teſtemunho da verdade convencia o valeroſo Martyr S. Propicio aos Gentios. 12 Paſſados quaſi dous mil annos, imperando Zenon, ſe conſagrou aquelle templo à *Virgem* Mãy do verdadeyro Deos. 13

4 Os antiquiſſimos Mercurio Triſmegiſto, & Hydaſpes, eſcrevèrão myſterioſamente do Naſcimento de *Chriſto* Senhor noſſo; por iſſo aos Gentios prohibião a leytura de Hydaſpes; & São Paulo a aconſelhava aos novos Chriſtãos: 14 de Triſmegiſto diz Santo Agoſtinho, que o fez com taes palavras, que parece que profetizou, ou adivinhou. 15

5 Ptolomeo, & Albumaſar Aſtrologos pronoſticàrão que *no ſigno de Virgo naſceria hũa donzella toda immaculada, & pura, a qual viaõ eſtar creando hum menino em terra de Judea.* 16

6 No Pontificado de Honorio III. & Imperio de Frederico II. achou hum Hebreo em Toledo, debayxo da terra que cavava, hum livro antiquiſſimo, eſcrito em tres linguas, & nelle: *Chriſto Jeſus naſcerà da Virgem, & padecerá pela ſaude dos homens.* 17

7 Os Druides, povos antigos de França Lugdunenſe, aos quaes Ceſar 18 chamava os mais ſabios, junto da Cidade de Carnut, aonde cada anno em tribunal julgavão as cauſas, tinhaõ em hũa profundeza da terra hum altar fabricado, muyto antes do Naſcimento de *Chriſto*, dedicado com inſcripçaõ: *A' Virgem q̃ ha de parir*; no qual lugar levantàrão depois os Chri-

ſtãos

5 *D. Hieron. ad Paulam, & Euſtoch. in tranſlat. Iſai.* Non tam Propheta dicendus ſit, quàm Euangeliſta, ita enim univerſa Chriſti, Eccleſiæ que myſteria ad liquidũ proſecutus eſt, ut non putes eum de futuro vaticinari, ſed de præteritis hiſtoriam texere.
Idem D. Chryſolog. ſerm. 57. in princ.

6 *Numer. 24* 17. Orietur ſtella ex Jacob, & cõſurget virga de Iſrael.

7 *No cap. preced. n. 13.*

8 *Genebrard. in Chron.*

9 *Divino munere.*

10 *Refert cum Cedren. Thom. Boſſius de ſign. Eccl. l. 9 ſigno 36. n. 9. Caniſ. l. 1. de B. Virgin.*

11 *Vid ſup. 1. c. 6. n. 4.*

12 *Metaphraſt. in vita Procopi. 8. Jul. tom. 4. Surij.*

13 *P. Fr. Joſeph. de Jeſus Maria, na hiſt. de N. Senhora, l. 1. c. 5. n. 4.*

14 *S. Juſtin. Martyr in orat. ad Anton. Pium. Vide infra c. 9. n. 16.*

15 *D. Aug. de Civ. Dei, l. 8. c. 23. ante med.*

16 *Ptolom. l. 7. Almageſt. Albumaſar in initio Deuter. maior. l. 6. Referunt Richel. l. 1. de Concept. Virg. ar. 29. Gerſon. t. 2. ſerm. de Concept. Virg.*

17 *Caſſan. Catal. glor. mund. p. 10. conſid. 20. ad fin. Zonaras in hiſt. Imper. Irenis, & Conſtantin.*

18 *Ceſar. l. 2. de bel. Gal.*

ſtãos hũ magnifico templo, & foy eregido em Sé Cathedral. 19

8 Em Roma havia hum templo dedicado à Paz, que hum oraculo havia dito, que *naõ cahiria ſenaõ quando huma Virgem pariſſe*; & como iſto ſe tinha por impoſſivel, lhe chamavaõ, *o templo da perpetuidade*; 20 & cahio quando Chriſto naſceo, como diremos em ſeu lugar. 21

9 Os Egypcios tinhaõ huma profecia, (alguns cuydão que aprendida de Jeremias) *que de huma Virgem naſceria hum Menino, que ſeria poſto em huma mangedoura, o qual havia de ſer Salvador, & deſtruir aos Idolos.* Pelo que a hũa parte de hum templo pintàrão a hũa Virgem recoſtada em hum leyto, & hũ Menino em huma mangedoura, & os adoravão; & perguntando ElRey Ptolomeo aos Sacerdotes, o que aquillo ſignificava, reſponderão, que era myſterio eſcõdido, que lhes havião deyxado ſeus mayores, recebido de hum Profeta Santo. 22

10 Suetonio 23 refere, que *era fama antiga, & conſtante, eſtar determinado pelos fados* (falla como gentio) *que havia de ſahir de Judea quem foſſe Senhor do mundo*; & Tacito 24 acreſcenta, que não ſó *por occulta ley do fado, mas tambem por ſinaes, & por repoſtas de oraculos.* A liſonja quiz depois entender iſto em Veſpaſiano.

11 Cicero nos livros de *Divinatione*, que eſcreveo quaſi quarenta annos antes do Naſcimento do *Senhor*, 25 conta, que naquelle tempo hum interprete das Sibyllas clamava em Roma, que *ſe queriaõ ſer ſalvos, appellidaſſem Rey ao que entaõ o era em effeyto*, (que era Julio Ceſar) *& que iſto queria dizer no Senado*; 26 o que dizia, porque dos Sibyllinos tinha entendido, que hum Principe com nome de Rey havia naquelle tempo de ſalvar os Romanos. Não foy ouvido pelo odio que ſe tinha ao nome de Rey; mas (pode ſer que com eſte fundamento) nas feſtas *Lupercales*, poz Marco Antonio coroa de Rey a Ceſar, do que o meſmo Cicero o accuſou. 27

12 Euſebio, & Badio Aſcencio commentador de Virgilio, dos quaes não diſcorda muyto o outro cõmentador, Servio Mauro Honorato, & concorda Caſſaneu, 28 querem que a Ecloga quarta de Virgilio, em q̃ expendeo o vaticinio da Sibylla Cumea, annunciaſſe proximo o Naſcimento de *Chriſto*, que foy poucos annos depois. Tambem os màos profetizão, diz S. João Chryſoſtomo com exemplo de Balaam, attendendo o *Senhor*; ſem ſeus merecimentos, à ſaude do povo. 29 Dizer o Poeta: *Já do Ceo alto ſe envia huma nova geraçaõ*, 30 *amada geraçaõ de Deos grande augmento de Jupiter*, que val tanto (cõmenta Aſcencio) como: *augmento da geraçaõ de Jupiter*) aſſim chamavão a Deos 31) ſó do Filho de Deos ſe podia dizer. Uſar, imitando a Sibylla, 32 da metafora dos carneyros, que não temerião os leoens, 33 para moſtrar a concordia, que em tudo haveria, ſeguio myſterioſamente a meſma, com que Iſaias 34 fallou do Naſcimento de *Chriſto*. Sentia Virgilio cumpridos os

douſ

19 *Caſſan.d.cerſ.der. 30.ad fin. verſ. non ne.*
Navar.de orat & hor.canon.c.21. n.28.

20 *Innocent.III.ſer.2.de Nativit. Comeſtor hiſt.Scholaſt.D. Antonin. hiſt.p.1.& alij apud Fr. Hector. Pint.dial.ult.c.24.in 2.tom.* Francisco de Mongon no Eſpelho de *Princ.l.1.c.81.*

21 *Infra c.30.n 10.*

22 *D.Dorotheus Martyr in Synopſi, de vit prophet. in Jerem. D.Epiphan.de vit.prophet.in eumd. Jerem.*

23 *Sueton.in Veſpaſian.c.4.* Præcrebuerat Orienti toto vetus, & cõſtãs opinio, eſſe in fatis, ut eo tempore Judæa profecti rerum potirentur.

24 *Tacit.hiſt l.1.poſt princip.* Occulta lege fati, & oſtentis, & reſponſis deſtinatum.

25 *Eugubin.l.1.c.22.de peren. philoſoph.*

26 *Cicer.de divinat.l.2.poſt med.*

27 *Cicer.Philip.2.*

28 *Euſeb.l.4.de vit.Conſtantin. Imper.*
Aſcenſ.in Virgil.eclog.4.Servius in eadem ecloga.
Caſſan.Caſal.glor mund.p 10.conſider.20.ad fin.verſ 29.Sexta, in fin

29 *D Chryſoſt.hom.2 ad Paul. 2.ad Timot.c.1.in morali.*
Cum D.Thom.Navar.in c.Novit.de judic.notab n.2.25.& 26.

30 *Virgil.eclog.4.*
Jam nova progenies Cælo dimittitur alto; Chara Deũ ſoboles, magnũ Jovis incrementum.

31 *Vide cap.preced.n.12.*

32 *Vid.cap.ſeq.n.26.*

33 *Vide ſupr.*
Nec magnos metuent armenta leones.

34 *Iſaiæ c.11.6.*

dous ſinaes, que aquella, & outra Sibylla deraõ do tempo em que o *Senhor* naſceria; 35 hum a paz univerſal, pela qual eſtava cerrado o tẽplo de Jano a terceyra vez depois de Roma fundada; 36 (a primeyra vez o cerrára ElRey Numa: a ſegunda o Conſul Tito Manlio) outro, o dominio do Egypto paſſado aos Romanos pela morte da Rainha Cleopatra. 37 Mas no eſcuro da gentilidade, foy topar com Solanino filho do Conſul Pollion: ou como dizem outros, com Marcello ſobrinho de Auguſto, (que ambos morrèraõ meninos) & lhe applicou o que era de *Chriſto*; profetizou, como Caiphás, ſem ſaber o que dizia, 38 acertando na ſubſtancia de ſer chegado o tempo; & aſſim diſſe o Emperador Conſtantino Magno, 39 que os oraculos Sibyllinos, & eſta Ecloga Virgiliana eraõ efficazes argumentos contra os Gentios; pois naõ podiaõ negar os documentos, que eraõ ſeus proprios, antes q̃ houveſſe Chriſtãos. Pela Ecloga ſe convertèraõ muytos, entre elles ſe nomeaõ Veriano Pintor, Marcellino Orador, & Secundino Profecto do Emperador Decio. 40

13 Lactancio refere hum oraculo, que chamavaõ de Apollo, & dizia: 41 *Padecerà cruel morte de cravos, & pàos*; no que fallava da Cruz, ſegundo Artemidoro, que diſſe: *De pàos, & cravos foy a Cruz feyta.* 42

35 *Vid.c.ſeq.n.21.& 30.*

36 *Sueton in Aug.c.22. Plutarch.l.1.de fortun.Roman.*

37 *Euſeb.in Chron.Olympiad.87*

38 *Joan.11.51.*

39 *Conſtant. Imper. in orat. ad ſacr.*Senat.*apud Euſeb. in ejus vita.*

40 *Vincent.l.11.c.50.*

41 *Apud Lactant.l.4.c.13.* Claviſque, & palis mortem exanclavit acerbam.

42 *Artemid.l.2 c.58.* Ex lignis, & clavis Crux confecta eſt. *Apud Lipſ.de Cruce l.2.c.8.*

CAPITULO IX.

Das Sibyllas, & o que vaticinàraõ de Chriſto *Senhor noſſo, & de ſua* Mãy *Santiſſima.*

1 DE muytas mulheres ſe diſſe, que vaticinavaõ, 1 mas ſós dez, ou doze foraõ 2 celebres com o nome de *Sibyllas.* Diz Suidas, q̃ he palavra Latina, que ſignifica *Prophetiza*; & ſe he voz Grega, importa, *chea de Deos*, ou *conſelho de Deos*, *annunciadora de ſegredos Divinos.* 3

2 Reſumindo o que me parece entre as duvidas, & equivocaçoens que ſe achaõ neſta materia; a Sibylla mais antiga foy a *Perſia*, chamada tambem *Chaldea*, ou *Babylonica*, por habitar em *Babylonia* cabeça de *Chaldea*; era nora de Noè, mulher de Japhet; eſteve com elle na arca; viveo tantos annos, que alcançou a lingua Grega; que vaticinou; ſeu nome proprio foy *Sambetha.* 4

3 Segunda, parece que foy a *Libyca*, da qual já fez mençaõ o antiquiſſimo Euripides; 5 naõ achey em que tempo floreceo.

4 Terceyra a *Samia*, q̃ tambem chamaõ *Pithia*, em tempo de *Aod*, 6 ſegundo Juiz dos Iſraelitas, 7 antes do Naſcimento

1 *Apud Alex.ab Alex.Gen.dier l.3.c.16.in princ.*
Textor in officin.p.1.tit Sibyllæ.
P.Garciam Galarzam, Euang. inſt. l.5.c 2.
Thom.Boſſium de ſign.Eccl.p.2. tom. 2.l 22 ſig 93.c 3.n.14.
Horoſco de ver.& fal.prophet.l.2.c. ult.

2 *Varro in libris rer.divinar.*
Galarza d.c.2.in fine.
Calepin.verbo Sibylla.
Textor ſupra.
Caſſan.in cathal.p.12 conſider. 20. in fine.

3 *Galarza d.c.2.in princip.*
Horat.Scoglius Cataceni.hiſt. à primord.Eccl.p.1 l.1.verſ.Sibyllina, in fine.

4 *Horoſco infra d.c.ult.ad fin.*
Diſſemos mais largamente na 1.p c. 25.n.6.

5 *Refert Lactan.divin.inſt.l 1. c.6.*
Ludov.Vives in com. ad D. Auguſt. de Civ.Dei, l.18 c 23.

6 *Ita Galarza d.l.5.c.8.*

7 *Judic.3.*

to de *Christo* Senhor nosso, mil quatrocentos & onze annos. 8

5 Quarta a *Erythrea* de *Erythra* Cidade de Jonia em Grecia; chamou-se *Heraphile*; 9 duvida-se 10 em que tempo; parece certo, 11 que no de *Debora*, & do Capitaõ *Barac* entre os Israelitas, 12 mil & trezentos annos, pouco mais, ou menos, antes da vinda de *Christo*. 13

6 Quinta a *Delphica*; chamou-se por nome proprio *Authemis*, ou *Themis*; huns dizem, que foy nascida em *Delphos* Cidade Grega em Beocia; outros que para alli mandàraõ os Argivos quando vencèraõ Thebas, & que era Daphne filha de Tiresias. Viveo quando *Gedeaõ* em Israel, 14 perto de mil & trezentos annos antes de *Christo*, & pouco mais de cento antes da guerra Troyana; 15 Homero se aproveytou muyto dos versos de seu vaticinio. 16

7 Sexta a *Phrygia*, vaticinou em *Ancyra*; quasi no tempo que *Thaola* julgava entre os Hebreos; 17 pouco depois da *Delphica*. 18

8 Septima a *Cumana*, natural de *Cumis*, Cidade de Jonia em Grecia: chamou-se *Amalthea*; 19 foy nos annos de Tarquino Prisco Rey de Roma, 20 seiscentos annos, ou pouco mais, antes que nascesse *Christo*. 21 Virgilio lhe chamou *Deiphobe*, 22 poetizando o nome do *Deos Phebo*, como sua Sacerdotiza, & Profetiza. Morreo em Sicilia, aonde se mostrava sua sepultura.

9 Oytava a *Hellespontica*, nascida nos campos Troyanos em huma aldea chamada *Marmessia*, ou *Marpesso*, junto de hum grande lugar, que se chamou *Gorgetico*, ou *Gergithio*, em tempo do sabio Solon, & de Cyro primeyro Rey dos Persas, 23 quinhentos annos antes de *Christo* Senhor nosso. 24

10 Nona a *Cumea*, que vaticinava em Italia na Cidade de *Cumas* em Campania, para onde veyo de Babylonia, donde era natural, filha de Beroso Historiador Chaldeo; menos de trezentos annos antes da vinda de *Christo*. 25

11 Decima a *Tyburtina*, que se chamou *Albunea*; vaticinava em *Tyburto* Cidade de Italia, imperando Augusto Cesar, 26 em cujo tempo nasceo *Christo* Redemptor; & mostrou ao Emperador a visaõ gloriosa, que referiremos em outro lugar. 27

12 Por undecima nomeaõ alguns Escritores huma chamada *Agrippa*; & por duodecima outra chamada *Cimea*, ou *Cimica*, ou *Italica*, em tempo de Numa Pompilio, segundo Rey de Roma.

13 Opinàraõ muytos Escritores que todas foraõ virgens, por ter a sabedoria hum certo parentesco com a virgindade: 28 porèm já dissemos, que a *Persica* foy nora de Noè.

14 Naõ he de fé, (diz o doutissimo Bispo Garcia Galarza nas suas Instituiçoens Evangelicas 29) mas de opiniaõ humana quasi indubitavel, que vaticinàraõ com espirito Divi-

8 *Juxta computum Floscul. hist. p. 1. c. 4. & c. 10.*

9 *Conrad. Gesner. in onomast, prop. nomin. verbo Heraphile. Juvat Alex. ab Alex sup.*

10 *Apud D. Aug de Civ. Dei, l. 18 c. 23. in fin. Et Gesner sup.*

11 *Secundùm Galarza sup. c. 12.*

12 *Judic. 4.*

13 *Floscul. hist. supr.*

14 *Judic 6. cum seqq.*

15 *Justa Floscul hist. sup.*

16 *Ex Galarza d. l. 5. c. 9. Cassan. in Catbal. glor. mund. p. 12. consid 20. ad fin.*

17 *Judic. 10.*

18 *Galarza d. l. 5. c. 10.*

19 *Alex. ab Alex. Cassaneus, & Textor, sup citati.*

20 *Aul. Gel. noct. At. l. 1. c 29. Galarza sup c 4. Cassaneu. supr.*

21 *Justa Flosc hist. d. p. 1. c. 6. & 10.*

22 *Virg Æneid. l 6.* Phœbi, Triviæque sacerdos Deiphobe Glauci.

23 *Galarza d. l. 5. c. 6. P. Fr. Joseph de Jesus Maria, na vida de N. Senhora, l. 3 c. 37. n. 1.*

24 *Floscul. hist. d. c. 6. ad fin. & c. 10. in princ.*

25 *D. Justin. Martyr in orat. ad gentes, ad fin. Galarz d. l. 5. c. 3. P. F. Joseph supr. l. 1. c. 5. n. 2.*

26 *Ex Textore, & Cassaneo sup. & Galarza sup c. 11.*

27 *Diremos no cap. 30. n. 14.*

28 *Galarza d. l 5. c. 2 in princ. Matute na prosap de Christ. idade 2. c. 1. §. 1. ant med. Horosco d. c ult ante med.*

29 *Galarza hist. Euang l. 5. c. 1? in fin. Horosc d. l. 2. c. ult. ante med.*

no;porque ainda que o demonio com a alteza, que não perdeo, de seu entendimento, possa por razoens naturaes, conjecturas, discurso, experiencias, & outras causas, acertar em futuros; 30 por nenhum modo podia conhecer muytos dos que ellas profetizárão. Só se póde duvidar se aquelle espirito Divino lhes chegou por meyo de espirito diabolico, a que Deos algumas vezes revela futuros para annunciar por aquella via, em ordem aos fins de que he servido, usando de mãos para utilidade dos bons, & por outras razoens. Ao doutissimo Navarro 31 parece que assim succedeo nas Sibyllas, para o que allega a S. Thomàs, & tambem pudera allegar a Santo Ambrosio. 32 Mas, alèm de que o Doutor Angelico no lugar allegado, só muy de passo apontou exemplo das Sibyllas para a doutrina q̃ propunha; o dito doutissimo Bispo 33 entende que S. Ambrosio (& ó mesmo se póde applicar a Santo Thomàs) fallou de outras mulheres endemoninhadas, a que tambem a antiguidade sem razão chamava *Sibyllas*, de que nomea muytas; & a differença das boas, & das que o naõ erão, conhecião os mesmos Gentios, como se vè do que dellas escreveo Cicero, approvando humas, & reprovando outras. 34 Em outro lugar 35 (como reconhece Navarro) parece que poem o Doutor Angelico as verdadeyras Sibyllas entre os Gentios que se salvàrão; do que não desdiz a reputação que os Authores lhes concedem na virtude, chamando-as, *de eximia bondade*, *rara virtude*, *sabias virgens*, *profetizas*, *cheas de Deos.* 36 Faz mais a seu favor, o que ensina Santo Thomàs, & segue o mesmo Navarro, que hũas se differenção das outras, em que as diabolicas misturão verdades com mentiras; as de espirito Divino sempre dizem verdades. 37 Estas se achàrão sempre nas Sibyllas, & por ellas lográrão sempre constante estimação.

15 A Cumana apresentou a Tarquino Prisco Rey de Roma nove livros de profecias, pedindo por elles grande soma de dinheyro. Zombou Tarquino; & ella em sua presença queymou tres, & pelos seis pedio o mesmo preço. Rio-se o Rey tendo-a por delirante; & ella queymou logo outros tres, & pelos tres q̃ ficavão pedio o mesmo. Vendo elle sua constancia & resolução lhe deu o que pedia; & mandou guardar os livros no Capitolio, religiosamente 38 no templo de Jupiter, em lugar subterraneo, em huma cayxa de pedra. Outros 39 contaõ que isto succedeo à *Erythrea* com ElRey Tarquino Soberbo. Instituhio ElRey logo dous Varões, cuja dignidade se chamou *Duũviri*, ou *Duũvirato*, para cuydarem daquelles livros. Depois se accrescentàrão oyto Varões, & ficou *decemvirato*, ou *decemviri*, cinco dos Patricios, & cinco do Povo. Era officio para toda a vida, com grandes privilegios; incumbialhe guardar os livros, consultallos, & interpretallos quãdo se offerecia guerra, ou outro negocio arduo, porque nenhum se emprendia sem primeyro se consultarem, para se ver que successo promettião. Pelo credito

30 *Tocamos na 1. p. c. 28. n. 15.*

31 *Navar. in c. Novit, de judic. notab. 2. à n. 23.*
In idem tendit Episc. D. Joan. Horoscus de ver. & fals. prophet. d. l. 2. c. ult. ante med.

32 *D. Thom. 1. 2. q. 172. art. 5. & 6.*
D. Ambros. comment. in 1 ep. ad Corinth citatus à Galarza d. l. 5. c. 2. in princ.

33 *Galarza d. c. 2. in princ.*

34 *Cicer. de divin. l. 1. ante med. & l. 2. multo ante med.*

35 *D. Thom. 2. 2. q. 2. art. 5. in 3. & ad 3.*

36 *Episcop. Galarza d. l. 5. c. 22. in princ* Sibyllæ eximiæ probitatis, raræ virtutis, ac sapientes fœminæ, fuerunt virgines, vates, Deo plenæ. *Agnoscit Episc. Horoscus d. c. ult. ante med.*

37 *D. Thom. d. q. 172. art. 5. ad 3.* Sic discernuntur, quoniam diabolus interdum falsa dicit, Spiritus Sanctus numquam.

38 *Aul. Gel. d. l. 1. c. 19.*

39 *Alex. ab Alex. supr. Conrad. Gesner. sup. cum Suida.*

dito, que havião cobrado aquelles vaticinios, mandou o Senadò tres Embayxadores, Cabino, M. Octacilio, & L. Valerio a *Erythrea*, & a outras partes, buscar os mais de que havia noticia. Trouxerão mil versos da *Erythrea*, que forão collocados no mesmo lugar com os primeyros três livros; & se crearão mais cinco varões daquella dignidade, que se ficou chamando *Quindecim viri*. Estes, & os primeyros, depois dos Reys, erão creados ordinariamente pelo Senado, algũas vezes pelos Consules, poucos se achão nomeados pelos Pretores, ou pelo povo. Dizem que na guerra, que chamárão *Social*, começada no anno 662. da fundação de Roma, 40 que deu principio à civil entre Sylla, & Mario, queymado o Capitolio, se abrázárão aquelles vaticinios; outros negão esta perda. Ou a houvesse, ou não, consta que Augusto Cesar, entrando no Summo Pontificado os reformou, & accrescentou, enviando Sacerdotes, & pessoas peritas a Samo, Ilio, Erythras, Sicilia, toda Italia, & Africa, a ajuntar todos os das Sibyllas, q̃ se pudessem achar; trazidos a Roma, os fez examinar com exactissimas diligencias; & os poz em duas urnas de ouro sobre hũa columna do templo de Apollo no monte Palatino; & accrescentou mais ministros áquella antiga dignidade, que chegárão a sessenta; mas, posto que em tanto mayor numero, sempre lhes ficou o nome de *Quindecim viri*. Cuyda-se que se conservárão aquelles livros atè os annos de *Christo* 400. pouco mais, ou menos, quasi 1160. da fundação de Roma, (posto que Juliano Apostata intentàra queymallos) & que nesta era, ou forão queymados na rebelião de Stilico contra os Emperadores Arcadio, & Honorico, como disse o Poeta Rutilio, ou por outro modo, perecèrão no saco de Roma pelo Godo Alarico, ficando-nos sómente os fragmentos dos livros que temos Sibyllinos, & o que delles andava copiado em varios Escritores. 41

16 Particularmente a respeyto da Religião Christã tiverão aquelles vaticinios tanta authoridade logo de seu principio, q̃ entendendo os Gentios mais sabios, que elles inculcavão outro Deos, & outra Religião que destruiria a sua, prohibirão cõ pena de morte, que ninguem os lesse, senão aquelles varoens deputados, nem estes publicassem o que elles dizião. 42 O Rey Tarquino, seu primeyro cultor, poz logo aquella ley, & porquè Marco Artilio, hum dos *Duumviros*, q̃ instituhio, publicou hum vaticinio, foy lançado no mar, cozido em hum couro, como parricida. 43 S. Clemente Alexandrino 44 refere, que o Apostolo S. Paulo aconselhava aos novos Christãos, que lessem os que andavão em lingua Grega, para que se fortificassem na Fé, vendo o que tinha predito do Filho de Deos; & que tambem lessem o que Hydaspes escrevèra No fim do capitulo precedente referimos como o Emperador Constantino Magno os tinha por efficaz argumento contra a gentilidade; & a Igreja Catholica allega a Erythrea com David, por testemunhas do

40 *Flosculhist p.1.c.5 post med.*

41 *Hæc omnia ex Cicer. de divinat l.1. & 2.*
Sueton in Aug. c.31 Tacit. l. 6. ann.
D. Hieron. l.1 advers. Jovian.
Lactant. divin. inst. l.1. c.6. & de ira Dei, l 1. c.22.
Genebrard. *de vita sanct. mulier.*
Sixto Senens. Alex. ab Alex. & Calepin. supr Horosco d. l.2. c. ult.
Rutilius:
Ne tantum patrijs sæviret proditor armis,
Sancta Sibyllinæ fata cremavit opus.
Paulo Manut. comment ad Cic. l. 8. epist. 4 in princ.

42 *D. Justin. Martyr in orat. ad Anton. Pium.*
Thom. Boss. de sign. Eccl. tom. 2. l. 14. c.2. in princ.

43 *Alex. ab Alex d. l 3. c. 16 in princ.*

44 *D. Clemens Alex. lib. 9. Stromatum Bossius supra.*

que ferà no Juizo final; 45 o que parece não fizera, fe tudo naõ fora fanto naquella profecia.

45 Dies illa, dies iræ, Solvet sæclum in favilla, Teste David cum Sibylla.

17 Temos nos livros Sibyllinos o que o tempo nos deyxou vivo do que (entre varios fucceffos do mundo, principalmente da Monarchia Romana) vaticinàraõ de *Christo* Senhor noffo, & de fua *Mãy* Santiffima; alguns Efcritores, 46 aos intentos do que efcrevem, trazem muytos vaticinios tirados delles; & porque nem aquelles livros faõ vulgares, nem os efcritos deftes Authores feràõ communs a todos, referirey aos curiofos, os que me parecèraõ mais notaveis em cada huma das dez Sibyllas.

46 *Libri Sibyllini. Lactant. Firm. D. Justin Martyr; & Ludovic. Vives, & Cassan. locis sup. citat. Eugubin. l. 1 c. 22. peren. philosoph. D. Aug. de Civ. Dei l. 18. c. 23. Nicephor. Calixt. hist. Eccl l. 8. c. 29. ad fin. Hist. Tripart. l. 2. c. 18. Canis. de B. Virg l. 2. c. 7. Episcop. Galarza, Euang. Inst. d. l. 5. à c. 3. cum seqq ubi c. 13. alios refert. Mexia na Sylva l. 3. c. 34. Bossius de sign. Eccl tom. 2. l. 14. c. 2. & l. 15. sign. 75. c. 18. & saepe. Matute sup. id. de 3. c. 3 §. 6. Fr. Joseph de Jesu Mar. sup. l. 1. c. 5. & l. 3. c. 2. 45. & 37. Bernard. de Bust. 1. p. Rosarij serm. 14. Carthagena de arcan. Deip. p. 1. l. 7. hom. 3. vers. verum.*

18 A Perfica, ou Chaldea diffe: *Huma voz virá pelos lugares defertos Embayxadora, que clame a todos os mortaes miferaveis que façaõ direytos os caminhos, & purguem os animos dos vicios, & com aguas limpas illuftrem os corpos.* 47 *Tu befta firás pizada,* 48 *& o Senhor ferá gerado na terra, & o regaço da Virgem ferá faude dos povos, & feus pès fortaleza ao homens: o Verbo invifivel ferá palpavel. O Principe agradavel, que fó póde dar verdadeyra faude aos cahidos, nafcido de Mãy Virgem, fe affentará em jumentinho;* 49 *& para aquelle tempo airaõ muytos muytas profecias do trabalho immenfo; mas bafta dizer todos os Oraculos em huma fó palavra. Efte, fendo Deos grandiffimo, nafcerá de huma Virgem cafta.* 50

47 *De Baptista Isai.* 40. 3.
48 *Genes.* 3. 15. *Matth.* 3 *Luc* 3.
49 *Zachar.* 9 9. *Matth.* 21. 7. *Joan.* 12. 14.
50 *Isai.* 7. 14.

19 A Libyca: *Virá dia em que o Senhor illuminará o denfo das trevas, & fe diffolverá a Synagoga, & cefsaráõ as bocas dos Profetas, & veraõ o Rey dos viventes, & a Virgem Senhora das gentes o terá no regaço, & reynará a Mifericordia, & o ventre de fua Mãy ferá a balança de todos. Elle farará os opprimidos de doenças, & todos os leyos que nelle confiarem: os cegos veraõ, os coxos andaráõ, os furdos ouviráõ, mudos falleráõ, lançará fóra as furias, os mortos refurgiráõ.* 51

51 *Isai.* 35 4. *Matth.* 11. 5.

20 A Samia: *Salve cafta Sion, donzella que padecefte muyto; teu Rey te entra em hum jumentinho,* 52 *brando para todos, para te tirar o jugo intoleravel que tua cerviz padece. Virâ o dia, & nafcerá da pobrefinha; & as beftas da terra o adoraráõ; & fe dirá, louvay-o nos Ceos.* 53 *Muyto cedo virá o tempo alegre, que tirará as trevas triftes, declarando ao Povo os efcuros oraculos dos Profetas Hebreos; & entaõ poderáõ tocar com a mão ao efclarecido Rey dos vivos; ao qual huma Virgem pura abrigará em feu peyto: ifto affirma o Ceo, & moftrão as Eftrellas refplandecentes.*

52 *Isai* 62. 11. *Matth.* 21. 7 *Joan.* 12. 14.
53 *Luc.* 1. 14.

21 A Erythrea, fegundo o doutiffimo Bernardo de Buftis, diffe o notavel vaticinio, que com elle interpreta Caffaneo 54 nefta maneyra: *Na ultima idade fe humilhará a geração Divina, fe unirá a Divindade à humanidade: o Cordeyro ha de jazer no feno, & Deos, & homem ferá nutrido como menino. Precederáõ finaes entre os Judeos. Huma mulher muyto velha conceberá hum* 55 *menino: huma Eftrella do mundo* 56 *fe verà, & guiará.* 57 *Efte tendo trinta & tres pès,* 58 *elegerá numero dozeno de pefca-*

54 *Bernard de Bust. 1. p. Rosarij, serm. 14. lit. O. Cassan. Catal glor. mund. d. p. 12. consider. 20 ad fin*
55 *Luc. 1* 36. Ecce Elifabeth cognata tua, & ipfa concepit filium in fenectute fua.
56 *Vide infra c* 33. *n.* 1.
57 Matth. c. 2. 9. & 10.
58 *Idest*, annos.

pescadores; 59 *homens humildes*, *&* *hum diabo.* 60 *Naõ com espada*, *ou guerra sugeytará a Cidade de Reys dos Eneados*, 61 *mas no anzol do pescador*, *desprezo*, *&* *pobreza vencerá as riquezas*, *&* *pizará a soberba.* 62 *Quatro animaes se levantaraõ para suas testemunhas.* 63 *A este contradirá huma besta* 64 *horrivel vinda do Oriente*, 65 *cujo rugido se ouvirá atè às gentes Africanas.* Tambem a mesma Sibylla Erythrea compoz huns celebres versos dos que chamaõ *Acrosticos*, (que saõ os que fazem sentido lendo-se a primeyra letra de cada hum;) destes da Sibylla fez mençaõ Cicero, 66 & seu artificio lhe agradou tanto, que os traduzio em Latim, como refere Eusebio 67 q̃ dissera o Emperador Constantino Magno ao Senado. Eugubino 68 os allega no livro oytavo dos oraculos Sibyllinos. Santo Agostinho 69 testemunha, que lhos mostrára em hum livro dos versos Sibyllinos Flaviano Proconsul, varaõ clarissimo. Juntas as primeyras letras de cada hum dizem em Grego: *Jesu Christo Filho de Deos Salvador*, *Cruz.* Traduzidos em Latim os traz o mesmo Santo com o mesmo intento das primeyras letras; mas entremetendo tres versos, cujas primeyras naõ condizem; porque (diz elle) naõ se puderaõ achar na lingua Latina palavras conformes ao assumpto, que comecem os versos pela letra I, como os Gregos começavaõ pelo ypsilon. Porèm depois houve quem os traduzio em Latim, ajustadas perfeytamente as primeyras letras a se ler nella: *Jesus Christus Dei Filius*, *Servator*, *Crux.* E tambem na lingua Castelhana os trazem varios Authores. 70 O corpo dos versos descreve a segunda vinda do *Senhor* no Juizo final; naõ he necessario alargar em os referir; & segundo a traducçaõ de Eugubino, em dous ultimos versos declara o enigma daquellas primeyras letras dos antecedentes, dizendo que o conteùdo nellas era, *Jesu Christo, Deos, & Homem Salvador*, *que padeceria por nossas culpas.*

22 A Delphica disse: *Naõ tardará em vir o que está sempre taõ cuydadoso disto*, *ainda que esta obra estarà muyto em segredo. Immensos gozos solicitaõ o coraçaõ deste grande Profeta*, *o qual sahirá ao mundo concebido de huma Virgem sem obra de varaõ*; *que posto que isto excede o poder da natureza*, *o fará o todo Poderoso. Israel lhe dará bofetadas*, *& o cuspirà com malvada boca*; *lhe dará a comer fel amargoso*, *& a beber vinagre duro.* 71

23 A Phrygia: *Vi ao Summo Deos*, *que queria castigar as loucuras dos homens*, *&* *porque nossa carne pagasse os peccados*, *quiz enviar a seu Filho do Ceo ao ventre de huma Virgem*, *quando o Anjo annunciasse a sua Santa Mãy*, *para levantar os miseraveis da mancha contrahida. O velo do templo se rasgará*; *tenebrosa noyte opprimirá por tres horas o meyo do dia*, *& com somno de tres dias pagará o fado mortal.* 72

24 A Cumana: *Entaõ virá aos mortaes o semelhante aos mesmos mortaes na terra*, *Filho do Pay Omnipotente*, *vestido de corpo.* Continùa mostrando o nome *Jesus* em anagramma de letras

59 *Matth.* 3.16. *Marc.* 1. 16. & 17. *Luc.* 5. 2.

60 *Joan* 6.71. & 72 Nonne ego vos duodecim elegi, & ex vobis unus diabolus est? dicebat autem de Juda Simonis Iscariotæ.

61 *Idest*, Roman. *Liv. dec.* 1. *lib.* 1 *in princ*

62 *Isai.* 26.5 & 6.

63 *Idest*, quatuor Euangelistæ. *Ezechiel* 2. à n 3. *Apocalyps.* 4, 6.

64 *Scilicet* Antichristus. *Matth* 24.

65 Maohumetus.

66 *Cicer. l.* 2. *de divinat.*

67 *Euseb in vit. Constantin. Magn.*

68 *Eugubin. l.* 1. *c* 22. *peren Philosoph.*

69 *D. Aug. de Civ. Dei l.* 18. *c.* 23.

70 *Habentur in fine histor. Eccl. Nicephori Calixti*, *impressione Fräcofurti, anno* 1618. *Matut. pro sap. Christ. idade* 3. *c.* 3. § 6. *Aliam traductionem ponit Episcop. Galarza sup c* 12. *sed abundat unus versus. Em Castelhano os traz o Bispo Horosco, d. tract. de vera, & falsa prophet. l.* 1. *c. ult. in fine.*

71 *Isaie* 50 6. *Psalm.* 68. 22. *Matth.* 26. & 67. & c 21. 48 *Marc.* 14.65 *Luc.* 22.64. *Joan.* 18.22.

72 *Matth.* 27. 51. *Marc.* 15. 48. *Luc.* 23. 44. *iterum Matth.* 12. 40. *Joan.* 2.19. *Marc.* 14 58. *Matth.* 27, 63.

tras Gregas, que o Veneravel Beda explica, 37 & mal ſe pòde declarar no Latim, nem no Portuguez.

73 *Cum Beda l.comment.in Luc.* & 2. *Galarza d.l.5 c. 4.*

25 A Heleſpontica: *Da alta morada dos Ceos olhou Deos para os ſeus humildes, & naſcerá nos derradeyros dias de Virgem Hebrea no berço da terra. Eſtando eu em meditação profunda, vi enriquecer a huma donzella caſta com huma dignidade engrandecida, julgando-a Deos por digna de parir em grande reſplandor hum Filho, que ſerá geração fermoſa, & verdadeyra do Deos ſummo, para que governe o mundo com poteſtade magnifica. Elle cumprirá, & não violará a Ley de Deos.* 74 *E trazendo forma ſemelhante,* 75 *enſinará tudo.*

74 *Matth.* 5. 17. Non veni ſolvere, ſed adimplere.

75 *D.Paul ad Philip.*2.7. In ſimilitudinem hominum factus, & habitu inventus ut homo.

26 A Cumea profetizou nos myſterioſos verſos, cuja ſubſtancia repetio Virgilio 76 na celebre Ecloga de que tratamos no fim do capitulo precedente, dizendo nelles: *Quando Deos enviar do alto Ceo o Rey, então dará a terra aos miſeros mortaes frutos abundantiſſimos de paõ, vinho, azeyte; o Ceo choverá mel, & correráõ manianciaes de leyte; o povoado eſtará cheyo de bonanças, & tudo viverá em fartura. A terra naõ temerá eſpadas, nem tumultos de guerra, antes huma alta paz geral florecerá nella.* 77 *Os cordeyros paſceráõ nos montes com os lobos, & os cabritos miſturados com os pardos: os urſos andaráõ com os bezerrinhos: & o leão carniceyro entrará nos curraes como hum boy. De noyte ſe agazalharáõ os dragoens com os paſtores, ſem lhes fazerem mal, porque a maõ do Senhor os ha de proteger.* 78 *Em tudo humilde amará por Mãy huma donzella pura, que em fermoſura ſe aventajará ás outras mulheres. Alegrate donzella do ſucceſſo, porque o Creador do Ceo, & da terra, que ha de habitar em ti, te deu taõ ineffaveis goſtos, que durem para ſempre, & a luz eterna ficará comigo.*

76 *Virg.Eclog.* 4.

77 *Vide infra c.*30.*n.*15.

27 A Tyburtina: *Naſcerá o ungido em Belem,* 79 *& ſerá annunciado em Nazareth,* 80 *reynando o touro pacifico, & fundador da quietação.* 81 *O' bemaventurada a Mãy, cujos peytos lhe daráõ leyte.* 82 *Depois de tornar a luz ao terceyro dia,* 83 *havendo moſtrado o ſomno aos mortaes,* 84 *& depois que enſinando illuſtrar tudo, ſubirá ao Ceo,* 85 *levado de nuvens.* 86

78 *Iſai.*11.*à n.* 6.

79 *Michea* 5.2.*Matth.*2. 1.*Luc.*2 4.*Joan.*7 42.

80 *Luc.*1.26.

81 *Ideſt,* Augusto, *ſecundùm gloſſam, qui habebat Laurum pro inſigni, & appellatus eſt pacificus, quia in pace mundum rexit, ita Caſſaneus ſupra) cujus tempore natus eſt Chriſtus.Luc.*2 1.

82 *Luc.*11.27.

83 *Matth.*12.40.*&* 27.63.*Joan.*2.19.

84 *Oſea* 6. 3.

85 *Marc* 16.19.

86 *Actor,*19.

28 Da Agrippa ſe refere que diſſe: *O invencivel Verbo ſerá palpavel, brotará como raiz, ſecarſeha como folha, não apparecerá ſua venuſtade: o ventre materno o cercará: chorará Deos alegria eterna, & ſerá pizado pelos homens: naſcerá Deos de Mãy, & converſará com o peccador.* 87

87 *Matth.* 9. 11. *&* c. 11. 19. *Marc.*2.15.*Luc.*5.30. *&* c.7.34. *&* 19. 7.

29 E da Cimea: *Huma mulher da geração dos Judeos ſe levantará, por nome Maria; & terá Eſpoſo por nome Joſeph; naſcerá della pelo Eſpirito Santo, ſem obra de Varaõ, o Filho de Deos por nome Jeſus; ella ſerá Virgem antes, & depois do parto, & o que naſcer della ſerá verdadeyro Deos, & verdadeyro homem, como prediſſeraõ todos os Profetas.*

30 Eſtas duas refere Caſſaneu: 88 a ultima por muyto clara ſe faz ſuſpeytoſa. As acima referidas, & outras que omittimos por brevidade, lograõ inteyro credito no exame dos

88 *Caſſan. Catal.glor. mund.d. p.* 12.*conſider.*20.*ad fin.*

mais

mais graves Authores. 89 E Saõ Clemente Alexandrino, 90 alèm de referir que o Apostolo recomendava aos novos Christãos, que lessem aquelles vaticinios, como dissemos, accrescenta, que como Deos quiz dar aos Judeos Profetas, deu estas Profetizas aos Gentios. 91 Tinha mysterio daremlhes tanto credito. A Cumana disse: *Depois que Roma governar a Egypto, & o enfrea com seu imperio, então a summa potencia do Rey immortal do supremo Reyno nascerà aos mortaes, & verà o Rey santo, que de todo o mundo terá os sceptros por todos os seculos dos seculos*. E porque não chegasse o cumprimento disto, se ventilou muyto no Senado, se convinha dominar totalmente a Egypto, ou contentarse cõ ter seus Reys tributarios. 92 Mas finalmente se cumprio, dominando Roma aquelle Reyno, morta a Rainha Cleopatra. 93

89 *Assim o mostraõ allegando muytos, Episcopus Galatza, Evang. instit. l. 5 c. 13. Episcop. Horesc. de vera, & fals. proph. l. 2. c. ult. ad fin.*

90 *D. Clem. Alexandr. d. l. 6 stromatum.*

91 *Ex D. Clem. notat Bessius de sign. Eccl. tom. 2. l. 14 c. 2. in princ.*

92 *De hoc Cicer. ad Lentul. l. epist. 1. in princip. ubi Paul. Manut. in comment. verb* Religionis calumniam.

Meminit Lucan. l. 6. Haud equidem immerito Cumanæ carmine Vatis, &c.

93 *Notat Euseb. in chron. olympiad. 87.*

CAPITULO X.

Como Deos preparou os animos da Gentilidade para sua doutrina com os Filosofos; refere-se à dos Stoicos em particular.

1 PAra a doutrina, que viria dar aos homens, dispoz Deos os animos Gentios na dos Filosofos com que em todos os tempos illustrou o mundo. Não se admittiria a virtude por estranha, se alguns a não tratassem como familiar. Foy necessario para arrancar os vicios, escavar as raizes com aquelles instrumentos.

2 O primeyro, que ensinou com exemplo, foy Belorofonte filho de Glauco em Corintho: porque sendo casto Joseph 1 entre os Gregos, resistio à impudicicia de Stenobea, mulher de Preto Rey dos Argos; & vingando a Rainha seu desprezo com accusaçaõ contraria, sofreo elle desterro, & perseguiçoens com tanta fortaleza, que della se occasionáraõ fabulas admiraveis.

1 *Gen. 39.*

3 Seguiraõ-se Amfion Rey de Thebas, & Orfeo Tracio, que com suavidade de palavras abrandáraõ os coraçoens indoceis, & as inclinaçoens barbaras, com tanto effeyto, que do primeyro se fabulou que movia os penedos; & do segundo, que attrahia a si as feras, & os bosques.

4 Homero 2 foy o primeyro que poz a sabedoria Grega em escrito (por isso o chamáraõ fonte della) mas em disfarces poeticos, como se naõ ousára a virtude a sahir em publico a rosto descuberto.

2 *De Homero vide 1. p. c. 15.*

5 Anacharses Scytha levou a verdadeyra Filosofia a Athenas, & os sete Sabios de Grecia, Thales, Bias, Solon, Chilo, Pitaco, Cleobulo, & Periandro a estabelecèraõ.

6 Esopo a fez graciosa para ser bem recebida: com a luz do engenho compensou a deformidade do corpo, pela virtude triunfou da fortuna: escravo dominou a senhores, pois com allegorias de fabulas mostrou nos brutos o entendimẽto que faltava nos homens.

7 Succedèraõ com documentos claros Anaximander, Phocylides, Xenophanes, Pherocides, & outros Mestres insignes, de que só alguns se pòdem reduzir a breve epilogo.

8 Pythagoras discipulo de Pherecides fundou em Italia Filosofia nova, em muytas cousas util, posto que em algumas damnada. Socrates em Athenas deu esplendor aos preceytos moraes: a nobreza da vida lhe levantou o bayxo nascimento sobre grandes principes; mereceo edificarem-lhe estatua para o resuscitarem na memoria, os mesmos que o haviaõ condenado a veneno. Democrito, & cincoenta annos depois Heraclito, parecèraõ jogo da natureza, que pagava o riso perpetuo do primeyro com as lagrimas continuas do segundo; mas deraõ excellente prova, de que o mundo he igualmente para escarnecido, & para chorado. Plataõ herdeyro da severidade Socratica illustrou o mundo com a doutrina que escreveo, & que praticou, vendido como escravo por Dionysio de Sicilia, porque o reprehendia, mostrou que os tyrannos naõ tem poder na virtude. Aristoteles portento dos engenhos se ostentára digno discipulo de Plataõ, se lhe naõ quizera ser emulo; mas ostentouse digno Mestre de Alexandre no que deyxou escrito. Diogenes se fez merecedor de que Alexandre, se naõ fora Alexandre, quizesse ser Diogenes, porque em desprezar o mundo era taõ grande como elle em o dominar. Epicuro, ainda que poz a bemaventurança nas delicias, ajuntou que deviaõ acompanharse de virtude; no que mostrou a excellencia della, pois com ella quiz temperar a peçonha. O Etico Zeno com dictame Christaõ poz a felicidade em seguir a virtude; foy exemplo, & panegyrico da abstinencia, por cujo beneficio viveo noventa annos sem enfermidade. Teve a honra de ser Mestre do grande Chrysippo.

9 Daquelles, & de outros Mestres se denominàraõ muytas escolas com grandes sugeytos, que os seguiaõ. As principaes foraõ a Platonica, Academica, Aristotelica, Pythagorica, Peripatetica, & a Estoica, foy a que participou melhor luz; chamouse assim de hum portico em que se ajuntava, havendo-se primeyro chamado Zenonia, de Zeno, que lhe deu principio, foraõ todos aquelles Filosofos acerrimos perseguidores dos vicios, & defensores das virtudes. Seria muyto largo escrever o que sobre isto disseraõ; referirey só huma sentença das que me occorrem sobre cada vicio, & virtude que se lhe oppoem.

10 Contra a soberba disse Aristoteles, 3 *que desejava seus amigos taes como hum soberbo se imagina: & seus inimigos taes como na verdade o he*: & em favor da humildade, perguntando

3 *Aristot. apud Anton. in Melissa p. 2. serm. 74.*

Chilon

Chilon a Esopo 4 que fazia Jupiter, respondeo : *Levanta humildes, & abate soberbos.* Na Avareza aconselhou Plataõ 5 a hum que desejava ser rico, *que naõ trabalhasse por accrescentar a fazenda, mas por diminuir a cobiça.* E da Liberdade disse Tullio, 6 *que se devia exercitar com os bons, & naõ com os felices.* Contra a Lascivia foy excellente o dito de Demosthenes ; 7 *que naõ queria comprar caro hum arrependimento.* E pela Castidade o de Isocrates, 8 *que não bastava ser casto nas obras ; sem o ser no olhar.* Sobre a Ira respondeo Plataõ, 9 *que o sinal de homem sabio era não se irar offendido ; nem se gloriar louvado.* E para a Paciencia aconselhou Seneca, 10 *que se accommode à vontade ao que se ha de sofrer por força, porque assim se sentirà menos.* Na Gulla disse o mesmo Seneca : 11 *O ventre contenta-se com o que se lhe deve, naõ importuna por quanto se pòde* : & da Temperança Pythagoras : 12 *Muytas graças devemos à natureza, que nos fez facil o necessario, & só o superfluo nos he difficultoso.* Da Inveja, perguntando Anacharsis, 13 porq̃ andavaõ os homens sempre tristes, respondeo : *Porque sentem os males proprios, & os bens alheyos* : & em louvor da Caridade advertio Seneca, 14 *que o que a tem, se mostra superior ; porque só o menor inveja o que naõ pòde alcançar.* A' Preguiça chamou Themistocles 15 (doutrinado pelos Filosofos) *sepultura dos vivos.* Da Diligencia disse Demosthenes, 16 *que fazia os homens mais gloriosos que afastava.* E gèralmente notàraõ que todos os vicios solicitaõ recompensa: a Avareza solicita dinheyro : a Ambiçaõ, dignidades : a Soberba, obsequios: a Ira, vingança: a Lascivia ; deleytes: & assim todos os mais : só a Virtude a nada exterior aspira, gosta em si mesma, a si mesma he fim ; recompensa que satisfaz. 17

11 Pedia a curiosidade, (& pòde ser que a materia) que referissemos documentos geraes daquelles Mestres ; mas por brevidade refiramos só hum de Socrates, que foy o mais severo ; & poucos ditos de Diogenes, que foy o mais jocoso, por ajuntarmos os dous extremos. Socrates ensinava, que naõ se pedisse aos Deoses cousa particular; mas só em géral, que dessem bens ; porque só elles sabiaõ o que era util aos homens : & que os homens ignorantes pediaõ muytas vezes o que os destruiria ; porque as honras a muytos arruinavaõ : muytos Reys tinhaõ miseravel fim: casamentos illustres, se ennobreciaõ, tãbem empobreciaõ : riquezas a muytos causavaõ males ; que só convinha entregar ao arbitrio celeste, porque podia dar, & sabia escolher. 18 Diogenes dizia, que se espantava de todos os homens andarem sempre trabalhando por diversas cousas, & nenhum trabalhar por ser bom : & dos que criaõ em sonhos, & naõ se governavaõ pelo que viáo estando acordados : & dos Historiadores investigarem os vicios alheyos, & naõ verem os proprios : & dos musicos temperarem os instrumentos, & destemperarem seus costumes : & dos Astrologos verem o que està no Ceo, & ignorarem o que tem junto de si : & dos Oradores

4 *Æsopus apud Bruson. l. 6. c. 5. ex Stob.*

5 *Plato apud Stob serm. 10.*

6 *M. Tul. Cicer. 2. offic.*

7 *Demosthen. apud Laert de vit. Philosoph.*

8 *Isocrat. apud Erasm. 8. apophthegm.*

9 *Plato apud Laert. sup.*

10 *Senec l. de morib in princ.* Libenter feras quod necesse est dolor potentia vincitur. *Si tamen opusculũ illud Senecæ est*

11 *Senec. epist. 21. in fin. in 3 lib.*

12 *Pythagoras apud Laert. l. 8. de vit. Philosoph.*

13 *Anacharf. apud Anton. in Melissa, p. 1. serm 62. Maxim serm 64*

14 *Senec in proverb.*

15 *Themistocl. apud Plutarc.*

16 *Demosthen. in orat. amator.*

17 *Ex Aristot. 1. Ethic. c. 7. & 9. & l. 3. c. 8 & l 8. c. 14 Sil Ital. l. 2. de bel. Pun.* Ipsa quidem virtus sibimet pulcherrima merces.

18 *Socrat. apud Valer. Max. l. 7. c. 2. in externis.*

dores, que procuravão fallar ajustados, & obrar descompostos: & dos avarentos que vituperavão o dinheyro, & o amavão: & dos que louvavaõ os virtuosos, & os não imitavaõ: reprehendia os que faziaõ romarias aos Deoses, por terem saude, & levavaõ jantares, & merendas com que lhes prejudicavaõ: louvava os que se aparelhavaõ para casar, & naõ casavaõ: os que se aviavão para navegar, & não se embarcavão: & os que se compunhaõ para hirem ao Paço, & depois não hião: dizia, que todas as cousas erão dos Deoses; que os sabios eraõ amigos dos Deoses, & assim ficavão sendo senhores de todas as cousas, pois entre os amigos todas as cousas eraõ communas: aos que diziaõ que o viver era máo, respondia, que naõ era máo viver, mas só viver mal. 19

12 Parecia que aquelles Filosofos, alèm de doutrinarem a vida moral, encaminhavaõ para a eterna. Aristoteles 20 quando ensinou, *que a virtude, & o vicio estavaõ na nossa mão*, mostrou o livre alvedrio para merecer. Sallustio 21 quando disse, *que quem se entregava à preguiça, não tinha para que implorar os Deoses, porque os acharia contrarios*, insinùa que de nossa parte deve haver obras. Todos andavaõ em continua especulaçaõ do em que consistia a bemaventurança; mas como lhes faltava o claro lume da Fé, os mais delles erravão. Anaxagoras disse, que consistia na especulaçaõ da vida: Pythagoras na sciencia dos numeros; (donde inferia a todas as sciencias:) Antisthenes na alegria, Narciso na fermosura, Periandro na honra, Heriso na sciencia, Hecateu em ter o sufficiente, Timon na tranquillidade, Simonides na saude, fermosura, & riqueza: Epicuro na deleytaçaõ acompanhada da virtude: Pseusippo disse, que era hum bem accumulado de todos os bens: Platão acertou em dizer, que consistia em fugir do mundo, fazerse semelhante a Deos, & no habito da virtude: muytos de seus discipulos chegáraõ a dizer, que na união do summo bem: Aristoteles, que nas obras de virtude juntas com o necessario para a vida. 22

13 Dos Stoicos era dogma, *que nada se devia desejar, senaõ virtude, & de nada se devia fugir, senaõ do vicio.* Professavão tranquillidade do animo sem alteraçaõ; & perfeyta conformidade com todos os successos, (o que se chegava à resignaçaõ Christã.) Confessavaõ com os Peripateticos, que o primeyro movimento levava naturalmente a temer, & sentir, ou gostar; mas diziaõ, que devia logo acodir a razaõ, desterrando a perturbação; suavizando o sentimento, & governando o gosto, & que nisto consistia a virtude; porque o não sentir ao principio, seria de pedra; o temperarse depois, era de Filosofo, & que por este modo a felicidade, ou infelicidade estava na nossa maõ. As largas razoens com que o provavaõ, se resumem a este argumento.

14 Todas as cousas caminhão a seu fim, & assim chegando a elle, (ainda as insensiveis) em certa maneyra, mostraõ agrado,

19 *Diog. apud Laert. de vita philosoph. c. 6. in ejus vita.*

20 *Arist. 3. Ethic. 5.* Virtus ipsa, itemque vitium in nostra sunt potestate.

21 *Sallust. in Catilin.* Ubi socordiæ atque ignaviæ te tradideris, nequaquam Deos implores; irati, infestique sunt.

22 *Refere Jorge Veneto na harmonia, & delle, & de outros recopilou Fr. Heytor Pinto Dial. ult. c. 25. na 2. p.*

do, como ſentem felicidade, porque nella alcançaõ a perfeyçaõ de ſeu ſer. O fim do homem he o bem; por iſſo vemos que a razaõ lhe enſina, que lhe convèm buſcallo, & fugir do mal, & em todas as acçoens procura ſua conveniencia; quando cahe no que lhe prejudica, erra contra o ſeu intento. A natureza compoz o homem de modo, que pudeſſe chegar áquelle ſeu fim; ſe aſſim o naõ compuzera, obrára contra ſi meſma com implicaçaõ, fazendo-lhe fim natural, o que lhe era impoſſivel. Na razaõ de que o dotou lhe poz o poder, & diſpoſiçaõ, & aſſim nada lhe impede chegar, ſe quizer, àquelle fim. A ſaude, ou doença, a riqueza, ou pobreza, & outros accidentes da vida naõ fazem felices, ou infelices; a felicidade, ou infelicidade ſó conſiſte naquelle bem, que he o fim: quem ſe deſviou para o mal, he infeliz, porque obrou contra ſeu fim. Todos os ſucceſſos da vida ſaõ inſtrumentos indifferentes á diſpoſiçaõ virtuoſa, pois tanto ſe pòde ſervir das adverſidades, como das proſperidades para chegar àquelle bem. Todas as couſas (dizia Epicteto) tem duas azas: huma queyma, outra naõ; vede lá por qual as tomais. Se iſto aſſim naõ fora, todos ſeriamos infelices; pois todos dependeriamos da fortuna, & temendo-a ſempre naõ podiamos ſer felices, & fora injuſtiça padecermos ſem culpa. A eterna Juſtiça poz a felicidade na noſſa maõ, chegaremos a ella, abraçando ſempre o bem, que he o noſſo fim.

15 Sofrer o corpo trabalhos naõ tirará eſta felicidade, porque em hum compoſto, o todo ſe domina da parte mais nobre, & aſſim eſtando feliz o eſpirito, o eſtá todo o homem: como depois de huma grande vitoria dizemos que a Republica he feliz, poſto que nella perdeſſe alguns Cidadãos; medindo-ſe a fortuna pela peſſoa do Principe, ou pelo ſubſtancial do Eſtado, com que tudo o mais ſe deve accommodar. Antes como os particulares ſe gloriaõ das feridas, que recebèraõ por conſervar o Eſtado, ou o Principe: aſſim o corpo deve ſacrificarſe com goſto em todos os ſucceſſos, que pòdem ſervir ao eſpirito. Se a felicidade do eſpirito dependeſſe dos deleytes, ou deſcanço do corpo, eſte ficava ſendo o Senhor, com grande abſurdo da natureza, & abatimento da dignidade do homem; o contrario ſe ha de dizer, pois o corpo he eſcravo da alma racional. Eſta em ſubſtancia era a doutrina dos Stoicos, que foy a que mais ſe chegou á Academia Chriſtã.

CAP.

CAPITULO XI.

Como os Filosofos obravaõ conforme ao que ensinavaõ. As penitencias que alguns faziaõ; & outros annuncios que os Gentios tiveraõ da Ley Santa.

1 A Doutrina, que ensinavaõ, praticavaõ em si os Filosofos; seguiaõ seus discipulos, & imitavaõ os Varoens grandes, na igualdade do animo, na constancia, & paciencia, & no gosto com que se entregavaõ á morte, se entendiaõ que era pela virtude.

2 Em Socrates se notava, que nunca se conheceo differença em seu rostro, sempre o mesmo com qualquer successo: nenhum o alegrou, ou entristeceo, nem alterou, do que naturalmente costumava ser. 1 Dandose-lhe huma bofetada, só disse: *Molesta cousa he naõ saberem os homens, quando lhes he necessario sahirem de caza com vizeyra.* 2 A Diogenes cuspio hum moço no rosto, & só disse: *Naõ me agasto, mas duvido, se será bem agastarme.* 3 A Lycurgo tirou outro moço hum olho, & entregandolho o Povo, para que o castigasse, elle o ensinou a todos os bons costumes, & ensinado, o apresentou em publico, dizendo: *Este moço, ò Espartanos, me entregastes mal acostumado, eu o restituo instruido com boa doutrina.* 4 A Aristippo disse hum grandes injurias, & elle respondeo: *Oxalá fosses tu taõ senhor da tua lingua, como eu sou das minhas orelhas.* 5

3 Demosthenes, ameaçando-o Filippe Rey de Macedonia, que lhe tiraria a cabeça, porque fallava por Athenas sua patria; respondeo constante: *Se ma tirares dos hombros, a patria ma porà na eternidade.* 6 Theodoro Filosofo respondeo ao Tyranno Lysimacho Macedonio, que o ameaçava com morte: *Ameaça aos teus Cortezãos; que a Theodoro nada importa apodrecer na terra, ou levantado em cruz.* 7

4 O grande Agesilao estando com dores de gotta, vendo que Carneades, que viera a visitallo, se despedia triste, receando molestallo mais com sua presença, lhe disse: *Naõ vos vades, dalli* (apontando para os pès) *nada chega cà* (pondo a maõ no peyto.) 8 Possidonio atormentado em huma doença de grandissimas dores, dizia: *Em balde trabalhas, ò dor nunca confessarey que es mal.* 9

5 Calicrates perguntado porque os Filosofos proferiaõ a morte honrada a huma vida larga, respondeo: *Porque viver acontece a todos: morrer bem, he só dos bons.* E era dogma, *Que se devia desejar huma morte memoravel pela virtude.* 10 A Socrates se deu aviso, de que os Athenienses determinavaõ, que elle morresse. E respondeo: *Primeyro o determinou a natureza:*

sem

1 *Laertius de vit. Philosoph. in ejus vit.*
2 *Senec. de ira l.3.c.11.*
3 *Laert. sup. l.6. in vita Diogenis.*
4 *Plutarch. in Lycurg.*
5 *In l. de nugis Philosoph.*
6 *Stobaeus serm. 2.*
7 *Cicer. l.1. Tuscul. quaest.*
8 *Plutarch. in Lacon.*
9 *Bruscon. l.2. c. 1.*
10 *Senec. epist. 8 post med.* Dubitas, an optimum sit memorabilem mori, & in aliquo opere virtutis.

ſem querer retirarſe, como pudera. Quando o condenárão, lamentava ſua mulher Xantippe ſer ſem culpa, & elle lhe diſſe: Pois querias que morreſſe culpado? A notificaçaõ da ſentença ouvio ſem alteraçaõ, & proteſtou, *Que naõ temia a morte.* Na execuçaõ, detendo-ſe os Miniſtros, lhes diſſe, *Que era tempo de ſe hir em a viver, & elle a morrer.* E dandoſe-lhe o vaſo de veneno, que havia de beber, fez huma pratica de excellentes ſentenças; forão ſuas ultimas palavras: *Vamonos deſta vida, pois Deos aqui nos leva*; & bebeo ſem moſtrar mudança. 11 Theramenes Spartano condenado á morte, hia rindo; & perguntado de que ſe ria, reſpondeo: *Que folgava de pagar aquella divida.* 12 Phocion condenado com outros à veneno, tendo os outros bebido, o que ſe dera do publico, & faltando para elle; dizendo o algoz que o daria ſeu, ſe lho pagaſſem; diſſe a hum amigo: *Pois que em Athenas ſe naõ pòde morrer de graça, peçovos que pagueis eſte dinheyro.* 13 Cayo, ou Canio Julio mandado matar por Cayo Ceſar, & eſtando jugando o Xadrez quando o forão buſcar para a execuçaõ, tomou teſtemunhas de como tinha melhor jogo. 14 Tal era o ſoſſego de animo com que ſofriaõ a morte os ſequazes daquella Filoſofia, ſe entendião que morrião innocentes, ou pela virtude, & tendo-ſe por felices na pena: & aſſim Agydes Lacedemonio hindo para o ſupplicio, & vendo que o algoz chorava laſtimado de o matar injuſtamente, o exhortou a que não choraſſe, *Porque elle morria mais feliz, que os que o mandavaõ matar.* 15 Baſtão eſtes exemplos.

11 *Plat. in apolog. & in Crito. Xenophon. in apolog. Tullius 1 Tuſculan. Laert in vit. Socrat. in l. 2.* de vit. Philoſoph.

12 *Plutarch. in Lacon. Tullius 1. Tuſculan.*

13 *Plutarch. in apopb. Lac.*

14 *Stob. ſerm. 2.*

15 *Plutarch. in Agyde.*

6 Houve outros Filoſofos, que moſtravaõ enſayos de penitencia. Os antiquiſſimos *Bracmanes* da India vivião em boſques, & deſertos, profeſſando caſtidade; veſtindo cortiças de arvores, comendo ſó folhas dellas, & algumas hervas. Diziaõ que depois deſta vida havia outra melhor, de que gozavaõ os que ſe davão a bem filoſofar, que era ſerem ſabios, & virtuoſos. Dous de outros chamados *Taxillos*, hum velho, outro moço, andavão com Alexandre Magno prègando paciencia: & elle os honrava com a ſua meſa. Apartando-ſe algumas vezes para lugares ſecretos, o velho ſe punha com o roſto para o Ceo ſofrendo chuvas, & calmas: & o moço ſe punha ſobre hum ſó pè, tendo na mão hum troſſo de madeyro de tres covados: & canſado daquelle pè, ſe punha ſobre o outro, paſſando o dia em tal penitencia. Eſte não quiz perſeverar com Alexandre, & o deyxou, dizendo-lhe, que ſe quizeſſe delle alguma couſa, o buſcaſſe, porque elle o não havia miſter. Mas o velho continuou com Alexandre, dando-ſe depois à boa vida; & os que lhe affeavão haver afroxado na penitencia, reſpondia, que ſe havião já acabado os quarenta annos que a havia profeſſado; & era aſſim, que naquella eſcolla ſe permittia aliviar a vida paſſados trinta & ſete, ou quarenta annos de penitencia. 16

16 *Deſtes Filoſofos trataõ Strabo l. 15. & 16. Pineda na Monarch. Eccleſ. l. 7. c. 12. §. 2.*

7 Tambem parece q̃ com myſterio era ceremonia da gentilidade borrifarem-ſe cõ agua nos templos, para ſe purificarẽ dos peccados,como ſe prova de Laercio referindo hum apophthegma de Diogenes : & de Eraſmo referindo outro de Valentiniano , 17 porque o lavacro do Santo Baptiſmo, & o tomar nas Igrejas agua benta , ſe naõ eſtranhaſſe por novidade.

17 *Laert. de vita Philoſoph. l.6 in Diogen.*
Eraſm. l.8. Apophth.

8 Com o referido nos capitulos paſſados prevenio Deos os Gentios para ſua doutrina ; poſto que ſem prevençoens os pudera depois inſtruir nella. Como hum bom Muſico (diz Nicephoro 18) para cantar mais ſuave , toca na lyra varias cordas; & para ornato accreſcenta mais das neceſſarias.Ou como a lã para receber a cor mais fina ſe prepàra com tintas mais bayxas.

18 *Nicephor. hiſt. Eccleſ. l.8 c.29. in fin.*

CAPITULO XII.

Genealogia de Chriſto *Senhor noſſo , & de ſua* Mãy *Santiſſima. Tocaõ-ſe as excellencias de S. Joachim, & Santa Anna.*

1 PAra vir homem a levantar o mundo,diſpoz Deos a genealogia de q̃ havia de naſcer. A do pay putativo,1 que ſó tinha na terra , eſcreveo o Evangeliſta Saõ Mattheos 2 em Judea na lingua Hebraica para os Hebreos , 3 começando por *Abraham* , aſcendente de que ſe gloriavaõ , & proſeguindo por *David atè S. Joſeph*, q̃ declarou ſer caſado com *Maria* ſua Mãy Santiſſima, com o que tambem moſtrou ſer a *Senhora* do meſmo ſangue , pois ſendo filha unica de ſeus pays ; como veremos , 4 naõ podia,conforme a ley , 5 caſar em Tribu differente ; & para o intento de verificar o Meſſias neſta qualidade, baſtava dirivarlhe a deſcendencia de *Abraham* , & Tribu de *David*. 6 A materna , verdadeyra, & natural, que ſó tinha no humano, eſcreveo o Evangeliſta Saõ Lucas 7 Antiocheno,em lingua Grega para os Gentios , 8 dirivando-a de *Adam* pay de todas as gentes , atè *Heli Joachim*, avò materno do *Senhor* , dizendo , 9 *Jeſus entrava quaſi em trinta annos reputado filho de Joſeph , o qual foy de Heli, &c.* no que bem ſe vè que o relativo, *o qual*, naõ ſe refere a *Joſeph* , mas a *Jeſus* ; pois tratando o Evangeliſta de propoſito de *Jeſus* , & nomeando a *Joſeph* ſó occaſionalmente, & por parentheſi, naõ he crivel q̃ ſe puzeſſe a contar taõ devagar a genealogia de *Joſeph*, & naõ a de *Jeſus*, havendo já dito, q̃ *Joſeph* era pay putativo ; & ſendo o intento moſtrar que *Jeſus* era verdadeyro deſcendente de *Adam* , como homem , & de *Abraham*, & *David* como Meſſias, para o moſtrar por linha varonil , & naõ tendo *Jeſus Chriſto* pay na terra , começou do primeyro Varaõ mais proximo,que era o avò materno. Aſſim o dizem commummente os Doutores ; 10 & alguns accreſcentaõ,

1 *Luc. 3. 23.* Ut putebatur filius Joſeph.
2 *Matth. 1.*
3 *D. Hier. in præfat. ex proœm. comment. ſup Matth. & de Scriptor. Eccleſ. in eumd.*
Nicephor. hiſt. Eccleſ. lib. 5. c. 16. & omnes DD.
4 *No fim deſte 6.*
5 *Num. c.36*
6 *Ex promiſſion. Gen. 15. cum ſeqq.*
Michea 5.2. Joan. 7.41.
7 *Luc. d. c. 3.*
8 *Galarz in Euang. inſtit. l.6. c. 5. poſt princ.*
Nicephor. d. c. 16.
9 *Luc. d. c. 3. 23.* Et ipſe Jeſus erat incipiens quaſi annorum triginta, ut putabatur filius Joſeph , qui fuit Heli, &c.
10 *Ultra Expoſitores Euangelij ordinarios Galarz. d. l 3. c. 3. n. 13 Matute , preſap. Chriſt. ætate 4. c. 2 P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. hiſt. Virgin. l. 1. comm. in fin.*

11 que

11 que o mesmo era, ainda que aquelle relativo se referira a S. *Joseph*, chamando-se filho de *Heli Joachim*, por ser genro, que se costuma chamar filho.

2 De Adam, que chama *filho de Deos*, por haver sahido immediatamente das mãos Divinas, deduz S. Lucas esta descendencia continuada de pay a filho, como se segue.

3 Engeytou Deos a *Caim* filho primeyro de *Adam* por facinoroso, & escolheo para ascendente a *Seth* morgado da virtude dos primeyros pays. 12 Sem causa evidente cruza o *Senhor* os braços muytas vezes, como Jacob, dando a bençaõ de Manasses mais velho a Efraim mais moço; 13 & o mesmo succedeo a Jacob anteposto a Esaù; & a Judas proferido a Rubem; & com outros o vemos cada dia, fazendo 14 os primeyros ultimos, & os ultimos primeyros, por seus occultos juizos.

4 *Enòs* filho de *Seth*, foy aquelle que teve o louvor de invocar primeyro o nome do *Senhor*, como na primeyra Parte dissemos. 15

5 *Cainam*, *Malaleel*, & *Iared*, se seguiraõ de pay a filho; bastalhe por gloria serem troncos desta arvore.

6 *Henoch* filho de *Iared*, insigne Astrologo, 16 & o primeyro que sabemos haver composto livro, 17 foy mais insigne pela santidade, porque o texto diz, que elle passeou com Deos, & lhe contentou, & que naõ appareceo, porque Deos o levou, & trasladou ao Paraiso sem morte. 18 Graves Authores 19 cuydaõ que naõ he o Paraiso em que estiveraõ Adam, & *Eva* porque esse se acabou no Diluvio; 20 mas certa regiaõ em que se vive com tranquillidade no corpo, & no espirito: outros entendem que he o mesmo. 21 Saõ Joaõ Chrysostomo 22 aconselha, que naõ passe nossa curiosidade a querer saber mais do que o Texto declara. Dizem que 23 dalli ha de vir no Juizo final a prègar contra o Ante-Christo, & que morrerá Martyr.

7 *Matusalem* seu filho, vivendo 969. annos, 24 a mais larga vida que se sabe, a fez mais dilatada com tantas virtudes, que morrendo na occasiaõ do Diluvio, mereceo (segundo refere Rabbi Sela 25) que Deos o dilatasse sete dias, alèm do tempo determinado, para que *Noè* seu neto, & sua familia lhe fizesse nelles exequias honrosas.

8 *Lamech* filho seu; he celebrado por pay de *Iabel*, *Iubal*, & *Tubalcaim*, inventores de muytas artes, que dissemos na primeyra parte, 26 & mais celebre por pay de *Noè*.

9 *Noè* foy segundo pay universal, cuja santidade, trabalhos, & acçoens gloriosas já referimos; 27 bastalhe por encomio haver sido figura de *Christo* Reparador do genero humano.

10 *Sem* teve a dita de ser escolhido entre os filhos de *Noè* para cabeça desta linha; foy abençoado por seu pay: 28 correspondeo á bençaõ cõ virtudes: & disseraõ Escritores 29 q̃ foy *Melchisedech* Sacerdote o mais celebre nas Escrituras santas.

11 *Galarz d.n.13.in fin.*

12 *D. Chrysost. in Genes. homil. 21. in princip. Vide in 1.p.c.17.n.1. & c 48.n.4.*

13 *Genes. 48.c 4.*

14 *Matth. 19 30. Marc. 10.31. Luc. 13.30.*

15 *P.1.c.31.n.1.*

16 *Dissemos na 1.p.c.28.n.3.*

17 *Dissemos na 1.p.c 30 n.2.*

18 *Gen. 5. 24. Eccles. 44. 16. D. Paul. ad Hebr. 11 5.*

19 *Rupert 3. de Trinit. c. 33.*

20 *De hoc vide in 1.p §.3. n. 3.*

21 *Vide Viegas 11. Apocalyps. Ben. Perer. in Genes. l. 7. ex n. 167. in 7. quest. & alios apud Ben. Bernard. ibi sect. 2 n 5.*

22 *Chrysost homil 21. in Gen.*

23 *Tertul. de anima c. de vi mort. & l. 1. advers Jud. c 2. D. Ambros. ad Corint. 1. 4. Viegas sup.*

24 *Vide in 1.p.c.10.n.2.*

25 *Rabbi Sela na hist do Genes. c.7. referido por Genebrard. in chronolog. l.1. etat. 1.*

26 *P.1.c.21. com os seguintes.*

27 *Na 1.p.c.50 & nesta c. 1. com os seguintes.*

28 *Gen. 9.26.*

29 *Vide sup. c.7.n.2.*

11 *Arphaxad* filho de *Sem* deyxou feu nome famofo nos Babylonios, & Chaldeos, que delle fe chamárão *Arphaxadeos*. 30

12 *Camam* foy filho de *Arphaxad*, fegundo a translação dos fetenta & dous Interpretes que refere São Lucas, pofto que no livro Hebreo, que a noffa Vulgata trasladou, fe não ache por defcuydo dos que depois o copiárão, como advertem os Doutores. 31

13 *Salem* foy filho de *Camam*, & parece que teve a gloria de que a Cidade Santa, que primeyro fe chamou *Jefus*, fe chamaffe depois *Salem*, por fua memoria; & fe ficou chamando *Iebufalem*, & ultimamente Jerufalem, corrupto o nome. 32

14 *Heber* filho de *Salem* foy o unico cabeça de familia que não cooperou na infamia de Babel, tanto mais digno de louvor, quanto mais raro he fer bom, quando todos fão máos: 33 pelo que em fi, & nos feus confervou a lingua primeyra, & fez memoravel feu nome. 34

15 *Phaleg* foy feu filho: & defte o foy *Ragau* (a que tambem chamárão *Rau*, & *Reu*, & *Ragu*;) de *Ragau* o foy *Sarug*, & de *Sarug* o foy *Nachor*, & defte o foy *Thare*. Parou a virtude para brotar com mais força em *Abraham* filho de *Thare*.

16 *Abraham*, de quatorze annos deyxou o rito gentilico, conheceo a Deos, 35 & prègou a feu pay; 36 perfeguido pelos Chaldeos (& alguns dizem 37 que lançado no fogo, de que miraculofamente foy livre) por não querer adorar o mefmo fogo, que elles adoravão, & quebrados primeyro (como alguns dizem) os idolos de cafa de feu pay, 38 foy chamado por Deos, de Haram para Chanaan; 39 foy o Meftre, & fonte donde aos Egypcios, & Gregos manárão a Aftrologia, & outras fciencias, & artes liberaes: 40 alcançou vitorias pelas armas: fez milagres, hofpedou Anjos, mereceo as mais illuftres promeffas do Ceo: 41 foy chamado amigo de Deos: 42 finalmente o mais gloriofo na tentação mais admiravel de fer facrilego defprezando a Deos, ou cruel matando o filho; efpectaculo digno dos olhos Divinos, no qual fe não pòde definir fe tinha mayor paciencia o facrificante, ou a victima; no ar fe fufpendeo a efpada, pafmada de que naquelle facrificio mais era inftrumento de gloria, que de fangue: pois a inhumanidade fe converteo em fé: o crime em myfterio: o matador ficou incruento, & o facrificado viveo feliz. 43

17 *Ifaac* feu filho, dado por milagre, foy figura de *Chrifto*, em quanto offerecido innocente ao facrificio, levando em feus hombros a lenha ao mefmo monte Calvario, 44 como *Chrifto* a Cruz: & quando livre, figura do genero humano, por cuja liberdade havia de padecer *Chrifto* reprefentado no carneyro, q fe facrificou; o qual para reprefentação mais viva, diz a letra Syriaca, q alli fe offereceo pendẽte de hũa arvore entre efpinhos, 45 como *Chrifto* na arvore da Cruz coroado delles. E

affim

30 *Joseph apud Hortelim in dict. Chaldea in thesaur.*

31 *Abulens. sup. Euseb. p. 2. c. 24. & 36. ac cum eo Matute, prosap. de Christo, idade 2. c. 4. §. 2. in princ.*

32 *Vide o que diz Matute de idade 2 c. 2. §. 1. que se accommoda melhor a* Salem *sendo já morto* Sem.

33 *Vide in 1. p. c. 50. n. 2.*

34 *Dissemos no cap. 4. n. 2.*

35 *Vide in 1. p. c. 28. n 9. ad fin.*

36 *Suidas, & cum eo P. Sylveyra in Euangel. tom. 1. l 2. c. 10 q. 6. n.* 18.

37 *Refert D. Hieron. in tradition. Hebraic. in Genes.*

38 *Suidas in Abraham. Abulens sup. Euseb. p. 2. c. 25.*

39 *Gen. 12.*

40 *Joseph de antiq. l. 1. c. 8.*

41 *Genes. d. c. 12. cum seqq.*

42 *Epist. Jacobi 2. 23.*

43 *Ita D Zeno Episc. Veronens. in hom. de Patientia.*

44 *Origin. tract. 33. in Matthaeum. Tertullian l. 2. in Marcion.*

45 *Gen. 22 13* Vidi arietem inter vepres pendentem in arbore *Refert in Hebraicis. Matute sup. idade 3. c. 1. §. 7. in princ.*

assim, segundo a versaõ de Theofilato, disse o mesmo Senhor, *Que Abraham vira a sua Cruz.* 40 Foy abençoado, & animado por Deos, ratificando-se as promessas feytas a seu pay.

18 *Jacob* filho de *Isaac*, aquelle fino amante que depois de servir quatorze annos pela fermosa *Rachel*, sentira mais, se a vida não fora curta para amor tão grande; nascendo gemeo com *Esau*, desmentio os juizos astrologicos, pois concebidos, & nascidos ambos a hum tempo, dos mesmos pays, & no mesmo lugar, foraõ tão dessemelhantes. No ventre da mãy começou a lutar com o irmão, & o seguio pegandolhe no pè como a detello: & em fim lhe ganhou o morgado. Fugindo do irmaõ achou a Deos, & foy tão seu mimoso, que lhe mostrou o *Senhor* escada para o Ceo. E diz Raulino 47 que leo no alto della escrito o nome de JESUS. Foy tão valente Santo, que andou abraços com o *Verbo Divino*, que lhe pedio que o deyxasse, & por brazão de seu esforço lhe mandou que se chamasse Israel, donde os seus se chamáraõ Israelitas. Vio mysterios altissimos da Encarnação do mesmo *Verbo*: teve repetidas confirmaçoens da felicidade de sua geraçaõ: levado da fome geral para a abundancia do Egypto, logrou o gosto de ver que seu filho Joseph escapára da enveja, (féra mais cruel que a que elle cuydava que o havia tragado) & que governava aquelle Reyno, & o governou oytenta annos: fortuna já mais vista em valido: premio de sua castidade. Morrendo Jacob muyto velho no Egypto, se lhe fizerão honrosas exequias, continuadas setenta dias, & teve a consolação de ser levado a Chanaan, à sepultura de seus pays, & avòs, como deyxára ordenado. 48

19 *Judas*, filho quarto de *Jacob*, foy o primeyro na ventura de haver de descender delle *Maria Santissima*, & haver de andar em sua descendencia o governo supremo de Judea, que delle tomou nome, atè a vinda do Messias: premio de ser menos cruel para Joseph, persuadindo aos irmãos que o não matassem, & por menor mal, o vendessem; 49 & da piedade com que se offereceo a ficar cativo em Egypto em lugar de Benjamim, por não desconsolar o pay. 50

20 *Farés* foy seu filho, mysterioso assim na mãy Thamar de que nasceo, 51 como em que nascendo gemeo com *Zaraõ*, que lançou primeyro huma maõ fóra, com tudo elle nasceo diante, & levou o morgado.

21 *Hesron* (que alguns nomeaõ *Esdralon*) tambem foy filho mysterioso de *Farès*, pois de nove annos o gerou, como querendo apressar as geraçoens de que a *Virgem Mãy* havia de nascer. Outros escrevem que casou de sete annos, & gerou a *Hesron* de oyto, & Hamul de nove; 52 o que se faz crivel com os exemplos de *Haraõ*, que de oyto annos gerou a *Loth*, & de nove a *Sara* mulher de *Abraham*: 53 & de *Salamaõ*, que de onze annos gerou a *Roboam*, & de *Achaz*, que de dous annos gerou a *Ezechias*. 54 E se conta que em França pario huma

46 *Theophil. in Joan.* 8. 56. Abraham exultavit, ut videret crucem meam, & vidit. *Conducit D. Chrysost. in Gen. homil.* 4 *post med.*

47 *Raulin. l. 1. de arte cabalisti. fol. 11. Matute de idade* 3. c. 2. §. 3.

48 *Genes.* 25. *cum seqq.*

49 *Genes.* 37. 26. & 27.

50 *Genes.* 44. 33.

51 *Trata do mysterio Matute de idade* 3. c. 4.

52 *Genebrard in Chron lib* 1. *etat.* 3. *Pineda Monarch. Eccles p.* 1. *l.* 3. *c.* 22 §. 4.

53 *Genebrard supr.*

54 *Pined. supr. ex D. Hieron. ad Vital.*

moça tendo sómente nove annos. 55 Logrou *Hesron* as felicidades, que os Israelitas tiverão no Egypto pelas concessoens, que ElRey *Faraò* lhes fez por contemplação do Santo Joseph 56

55 *Pineda supra.*
56 *Genes.49.*

22 *Aram* seu filho (ou *Ram*, como tambem se acha nomeado) sofreo com insigne paciencia o duro cativeyro, em que morto *Joseph*, & seus irmãos, & morto aquelle Rey *Faraò*, poz outro *Faraò* seu successor os Israelitas, temendo sua multiplicaçaõ, & opulencia. 57.

57 *Exod.1.9.*

23 *Ammadab* foy filho seu, & com os mais Israelitas affligidos mereceo alcançar de Deos com lagrimas, & orações querer livrallos daquelle cativeyro. 58

58 *Exod.2.24.*

24 *Nahason* filho de *Ammadab* na sahida do Egypto, era Principe da Tribu de Judá; 59 & temendo todo o mais povo entrar, & passar o Mar Vermelho, posto que via as aguas abertas com estupendo milagre, & querendo tornarse a Egypto; só *Nahason* com os seus se lançou valerosamente, no que se imaginava perigo, a cujo exemplo os mais se animárão: 60 & dalli em diante (pòde ser que por esta acção) o morgado das Tribus passou à de Judà, & assim se movia primeyro nas marchas, 61 & offerecia primeyro nos sacrificios. 62

59 *Numer.1.7 & c 2.3 & c.10 14. & 1.Paralipom.2.11.*
60 *D. Hieronym. in Oseam 11. P. Sylveyra in Euangel. tom 1. l. 1. c 2. q 17. n. 32. ubi probat Lyram in Matth. 1. non bene hoc attribuisse patri Amminadab.*
61 *Numer. c.2.3. & c.10. 14.*
62 *Numer c.7.12.*

25 *Salmon* só se acha mēcionado na Escritura santa 63 por filho de *Nahason*, & pay de *Booz*, como titulos muyto honorificos.

63 *Ruth.4 20. & 21.*

26 *Booz* hè celebrado por muyto rico, & poderoso 64 no tempo em que os Hebreos já possuhião a terra de Promissaõ.

64 *Ruth.2.1.*

27 *Obed* foy seu filho, ao qual basta por louvor ser pay de *Jessé.*

28 *Jessé* (que tambem se chamou *Isai*) foy aquelle tronco illustre de que disse Isaias: 65 *Sahirà huma vara da raiz de Jessé, & subirà huma flor* (Maria Santissima) *da sua raiz.*

65 *Isai.11.1. & 10.*

29 *David* foy filho oytavo, & primeyro nos olhos de Deos, que por *Samuel* o ungio em Rey de Israel; Rey entre os Reys; hum dos nove que chamamos da fama, sendo unico nas excellencias: porq̃ foy gentil na pessoa, generoso na condiçaõ, robusto nas forças, valeroso no animo, prudente no governo, feliz nas emprezas, glorioso no credito, santo nos costumes. Ursos, Leoens, Gigantes, amigos, & inimigos, lhe tributàrão vitorias Foy Profeta, Poeta, Musico, destro em dançar, & em tocar instrumentos; experimentou todos os estados, de Pastor, Soldado, Principe, Rey, peccador, penitente, em todos venceo todas as fortunas, acrisolado com ser perseguido pelo sogro ingrato, pelo filho inobediente, pelos amigos obrigados, pelos inimigos poderosos; 66 tal foy, que Deos lhe chamou, homem segundo seu coração: 67 & *Christo* se prezou de ser filho seu. 68 Foy o primeyro que determinou tirar a Deos de tabernaculos, & fazerlhe casa propria no templo sagrado, o que executou seu filho *Salamaõ*. 69

66 *1 Reg.16. cum seqq.*
67 *1 Reg.13.14. Actor.13.22.*
68 *Matth.1.1.*
69 *2.Reg.7. & 1.Paralipom.22.*

30 Depois de *David* prosegue São Mattheos a genealogia

gia atè *S. Joseph*, por seu filho ElRey *Salamaõ*, & pelos mais Reys seus descendentes. Saõ Lucas a prosegue atè *Christo* Senhor por *Nathan*, outro filho do mesmo *David*, & Irmão inteyro de *Salamaõ*, porque ambos foraõ havidos em Bersabè. 70 Philo Hebreo 71 escreve, que *David* o deyxou substituido, & a sua linha para a successaõ do Reyno em falta da de *Salamaõ*; pelo que foy chamado *Abiscar*, que significava, *Irmaõ successor do Principe*; & seus descendentes, *Abiscarim*, & *Mathithim*, que significava, *Successores*; & que ElRey *Josaphat* os estimava como filhos, & lhes chamava Irmãos de seu filho *Joraõ*.

31 *Nathan* teve por filho à *Mathatha*, & se seguiraõ de pay a filho *Menna*, *Melcha*, *Eliachim*, *Jona*, *Joseph*, & *Juda*, illustres com aquella prerogativa de Principes do sangue para a successaõ da Coroa.

32 De *Juda* foy filho *Simeaõ*, & se seguiraõ de pay a filho *Levi*, *Mathat*, *Jorim*, *Eliefer*, *Jesu*, *Her*, *Elmadan*, *Cossam*, *Addi*, *Melchi*, *Neri*: os quaes, posto que alguns Authores, 72 com interpretaçoens fóra do literal dos textos, começando de *Mathat*, que entendem foy ElRey *Ozias*, digaõ que saõ os mesmos nomeados por Saõ Mattheos atè *Jechonias*, com nomes, ou sobrenomes diversos, por serem binomios, & alguns trinomios, como disse Philo; com tudo he mais corrente a opiniaõ 73 de serem differentes em differente linha; nem he verosimil que nos nomes de todos discordassem os Evangelistas. E se Saõ Lucas havia de tornar à linha de Salamaõ, parece que começaria della, como Saõ Mattheos, sendo illustrada com tantos Reys. Isto naõ tira ser a *Senhora* descendente de *Salamaõ*, & de outros Reys por femeas, com que casariaõ seus ascendentes paternos pela igual qualidade na mesma Tribu, de que segundo a ley, 74 naõ podiaõ sahir, como sabemos, que tambem aquelles Reys casavaõ na linha da *Virgem*: assim casou *Ochosias* com filha de *Juda*, 75 chamada de *Bersabè* 76 *Sabia*; & mais proximamente *Mathan* conteùdo na genealogia de Saõ Mattheos, pay de Jacob, & avò de *S. Joseph*, da linha de *Salamaõ*, & dos outros Reys, casou com *Eitha*, q̃ viuva tornou a casar com *Mathat* conteùdo na genealogia de S. Lucas, pay de *S. Joachim*, & avò de *Maria* Santissima; 77 tanto se uniaõ por casamentos aquellas duas linhas. Menos tira o sobredito ser a *Senhora* de *progenie Real* como a Igreja lhe chama; 78 pois para isso bastava ser descendente de *David*, a quem só entre tantos o Evangelista S. Mattheos mysteriosamente (póde ser q̃ a este fim) nomeou Rey duas vezes; 79 & ser da linha de seu filho *Nathan*, cujos descendentes tinhaõ expressa, & particular vocaçaõ para a Coroa, como referimos com Philo. 80

33 De *Neri*, que ultimamente nomeamos, foy filho *Salatiel*, & deste o foy *Zorobabel*, como prosegue S. Lucas. Aquella opiniaõ, que referimos, tambem cuyda que saõ os mesmos con-

teùdos

70 *1. Paralipom. 3. 5.*

71 *Phil apud Episc. Galarz in Euangel. inst. l. 8. c. 3. in schol. n. 4.*

72 *Referunt Galarz. d. c. 2. in schol. n. 6. & Matut. prosap. Christ. idade 4. c. 2.*

73 *Apud Galarz. d. n. 6. vers. quidam tamen.*

74 *Numer. d. c. 36.*

75 *Matute d. c. 2 §. 5. ad fin.*

76 *4. Reg. 12. d. Paralip. 24. 1.*

77 *Melchior de Castro na hist. de nossa Senhora l. 1. c. 1. P. Fr. Joseph de Jesu Maria, na hist. de N. Senhora l. 1. c. 7 n. 2. & l. 2. c. 38. n. 4 ex Genebrard & alijs.*

78 Regali ex progenie Maria exorta refulget.

79 *Matth. sup.* David Regem; David autem Rex.

80 *Supra n. 31. & 32.*

teûdos na genealogia de S. Mattheos. Mas alèm do fundamento porque fica já regeytada, ha mais outro neſtes dous nomeados, que contando delRey *Joſias* conteùdo em São Mattheos, (que aquella opinião tem pelo *Coſſaõ* de S. Lucas) atè *Salatiel* ha ſó tres geraçoens, que ſaõ *Jechonias*, *Eliacim*, ou *Joachim*: 81 & outro tambem *Joachim* filho deſte; 82 & Salatiel, ainda que contemos dous *Jechonias*, hum antes, outro depois da transmigraçaõ de Babylonia, como entendem alguns authores; 83 & contando do dito *Coſſaõ* de São Lucas atè Salatiel ha quatro geraçoens, que ſaõ *Addi*, *Melchi*, *Neri*, & o meſmo *Salatiel*; donde ſe moſtra que o *Salatiel*, & *Zorobabel* de Saõ Mattheos ſaõ differentes dos de Saõ Lucas, como apontou por opinião do doutiſſimo Biſpo Garcia Galarza nas ſuas Inſtituiçoens Evangelicas; 48 aſſim como pelo meſmo tempo houve outro *Zorobabel* filho de *Phaiada*, do qual ſe trata no primeyro livro do Paralipomenon; 85 & naõ importa, que em ambos os Evangeliſtas tenhaõ os pays, & os filhos os meſmos nomes, porque tambem iſto podia ſucceder, & ſuccede muytas vezes nas familias illuſtres da meſma geração, o que tambem aponta o meſmo Doutor. 86 Mal ſe averigua qual *Zorobabel* deſtes deu a ElRey Dario aquella repoſta celebre em favor da verdade, pela qual lhe concedeo ElRey a reſtituiçaõ dos Iſraelitas; & qual foy o que os guiou, & capitaneou para a patria: 87 chamado Principe, excellente na prudencia, com que governou, & grande na authoridade que logrou como Rey.

34 De *Zorobabel* continùa Saõ Lucas por ſeu filho *Reſſa*, ſeguindo-ſe de pay a filho *Johanna*, *Jûda*, *Joſeph*, *Semei*, *Mathathias*, *Mathath*, *Nagge*, *Heſſi*, *Nahum*, *Amos*, *Mathathias*, *Joſeph*, *Janne*, *Melchi*, *Levi*, & *Matath*, que acima 88 diſſemos ſer caſado com *Etha* viuva de *Mathan*.

3 De *Mathath* diz o Evangeliſta, que foy filho *Heli*. Naſceo em Nazareth, Cidade da Provincia de Galilea em Judea, & por ſobrenome ſe chamou *Joachim*, 89 (como o chamamos commummente) que ſignifica, *preparaçaõ do Senhor*; 90 & com myſterio, pois nelle ſe preparou o templo do *Senhor*, que foy *Maria*. Naſceo no anno em que os Romanos ſugeytárão Judea; 91 moſtrando-ſe na mudança do Imperio temporal, que preparava Deos paſſar o eſpiritual aos Gentios. Caſou com *Anna* da Cidade de Bethlem terra de Judà, que tambem myſterioſamente ſe chamou *Anna*, que ſignifica, graça de Deos, 92 filha de *Eſtalano*, que tambem ſe chamou *Gaziro*, & de *Emerenciana*, ambos deſcendentes de David; 93 poſto que alguns Authores dizem, que da Tribu de Levi, com que os de Judá por eſpecial privilegio podiaõ caſar: 94 era *Emerenciana* rica, fermoſa, & ſanta, determinou conſagrar-ſe virgem a Deos, couſa não uſada em aquelle tempo, em que ſe tinha por eſtado mais perfeyto o conjugal, porque delle naſceria o Meſſias. 95 Antes de conſentir em caſamento, foy com licença de

81 4. Reg. 23. 34.
82 4 Reg. 24. 6.
83 Cum D. Hieron. Galarz. sup. n. 8.
84 Galarz. ſupr. n. 9.
85 Paralip. 3. à 18. & 19.
86 Galarza d. n. 9. Ejuſdem tamen nominis, ut in Maguatibus fieri ſolet.
87 Eſdra l. 1. c. 2. & l. 3. c. 3. ac 4.
88 Sup. n. 33. poſt med.
89 Galarza d. c. 3. Melchior de Caſtro na Vidá de N. Senhora l. 1. c. 1. Matute ſupra idade 5 c. 1. §. 4. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. ſup. 1. c. 7. n. 2 allegando outros Authores.
90 D. Epiphan de laud. Virgin. Fulbert. Carnotenſ. ſerm. 3. de ortu Virgin. & cum eo P. Fr. Joſeph. d. c. 7. n. 1. P. Fr. Manoel do Sepulcro na refeyçaõ ſpirit p. 2. c. ult. n. 18.
91 Genebrard. l. 2. Chronol. ex Anio in Philon. apud Matute ſup. idade 5. c. 3. §. 3 in princip.
92 Fulbert. Carnotenſ. & P. Fr. Joſeph ſupr.
93. Galarz. inſtit. Euang. l. 8 c. 2. P. Fr. Joſeph d. l. c. 6. n. 4. & d. c. 7. n. 2. Caſtro ſup. d. c. 1.
94 Horat. Scoglius Catacenſ. hiſt. à primord. Eccleſ l. 1 paul poſt princ verſ. dum in ſinu, cum Philon. l. 2. de Monarch probans ex Exod 6. & Paralip 2.
95 D. Thom. 3. p. q 28. art. 4. D. Aug. l de bon conjug. c. 9. tom. 6. Matute ſup. idade 3. c 4. § 1. Iſai. 4 2.

de ſeus pays conſultar no monte Carmelo os ſucceſſos dos Profetas antigos,q̃ alli floreciaõ em ſantidade,& eraõ buſcados como oraculos divinos,de q̃ tambem os Hiſtoriadores Gentios 96 fazem mẽçaõ. Tres delles arrebatados em eſpirito conhecèraõ por viſaõ de hũa fermoſa raiz,de q̃ ſahiaõ dous ramos, hũ delles mais bello,& por hũa voz do Ceo,que *Emerenciana*, figurada naquella raiz,era eſcolhida por Deos para o eſtado cõjugal; pelo q̃ obedeceo;& de *Eſtolano* teve por filhas a *Eſmeria*, caſada com *Aprano* Sacerdote, pays de *S. Iſabel*, mãy do grande Bautiſta: 97 & a *Anna* Santa, mulher do Santo *Heli Joachim*. 98 Com milagres preparava Deos o mayor milagre, como diſſe S. Joaõ Damaſceno. 99 Tiveraõ *Joachim*, & *Anna* o neceſſario cõ moderaçaõ de bens da fortuna. Huma parte de ſuas rẽdas offereciaõ no templo para o culto Divino: outra davaõ à pobres, & peregrinos: da terceyra ſuſtentavaõ ſua familia. 100 Foraõ taes,que os eſcolheo Deos para avòs, ſegundo o humano: & por pays de ſua Mãy,a quem tanto honrou: pelo fruto ſe conhece a arvore. 101 Quanto a couſa mais ſe chega a algũ principio,tanto mais participa de ſeus effeytos, diz S. Thomás: 102 quaes ſeriaõ logo eſtes glorioſos Sãtos,ſendo os mais chegados *à Virgem Mãy*, & a *Chriſto* ſummo bem? A elle chamàraõ graves Authores, *Ceo luminoſo*; a ella *terra limpa do Paraiſo*: hum doutiſſimo eſpiritual moderno 103 expende a razaõ.

96 *Sueton. in Veſpaſian. c. 5. Tacit. hiſt. l. 2. poſt med.*

97 *Melchior de Caſtro d. l. 1. c. 1. P. Joſeph d. l. 1. c. 6. n. 7 in fin.*

98 *Ita narrat P. Joſeph d. c. 6. à n. 4. ex Paleonid. de antiq. Ord. Carmel l. 1. c. 5. Petr. Dorland. apud Ludolphum de Saxon. in fine vitæ Chriſti, ac alijs.*

99 *D. Damaſcen orat. 1. de Nativ. Mariæ.*

100 *Melchior de Caſtro ſupr. P. Fr. Joſeph. d. c. 7. n. 4.*

101 *Matth. 7. n. 17 & 18.*

102 *D. Thom. 3. p. q. 27. art. 5.*

103 *P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. d. c. 7. n. 6.*

36 De *Joachim*, & *Anna*, flores eſcolhidas, ſe fabricou o favo de mel mais puro,em que ſe havia de crear o Rey,& Meſtre do enxame da Igreja, como nas miſterioſas abelhas notou Plinio; 104 ſublime arvore, fermoſa, & ſegura, & que a Real Aguia Celeſtial eſcolheo para aſſento do ninho, em que ſeu Filho havia de naſcer, como diſſe hum Anjo a Santa Brigida; 105 copia de tantos aſcendentes illuſtres,cujas eſclarecidas virtudes ſe naõ poderiaõ imitar, & menos exceder, ſe ella naõ naſcèra. Delles finalmente naſceo por milagre *Maria* Santiſſima, verdadeyra Mãy, & o mayor milagre de Deos, pelo modo que diremos em particular capitulo de ſua Conceyçaõ.

104 *Plin. nat. hiſt. l. 11. c. 16.*

105 *Revelat. S. Birgit. in ſermoni Angel. c. 19.*

37 Foy Filha unica de ſeus pays; ainda que alguns Eſcritores cuydàraõ, que *S. Anna*, ou do meſmo S. Joachim, ou de outro marido, com quem morto elle caſára,tivera outras filhas; levados, de que no Evangelho ſe nomea Maria Cleopè irmã da *Virgem*; 105 chamouſe aſſim, ſó porq̃ ſeu marido Cleophas era irmaõ de S. Joſeph (alguns dizem q̃ era o meſmo q̃ Alpheo: outros,q̃ Alpheo era marido,irmaõ de S. Joſeph,& Cleophas pay;) & aſſim por cunhada de S. Joſeph, & concunhada da *Virgem* ſe chamava irmã, como coſtumamos. Como tambem ſeus filhos ſe chamàraõ irmãos de *Chriſto*, 107 pelo meſmo eſtylo; porque regulado o parenteſco por *S. Joſeph* pay putativo do *Senhor*,eraõ primos com irmãos; 108 ſenaõ foy, q̃ a aſtucia dos Judeos lhes chamou alli irmãos,para eſcurecer a pureza da *Virgem*, como ſuſpeyta S. Pedro Chryſologo. 109.

106 *Joan. 19. 25.*

107 *Matth. 13. 55. Marc. 6. 3.*

108 *Aſſim o provaõ largamente com muytos Authores Matute ſup. idade 5 c. 3. § 7. com os ſeguintes. P. F. Joſeph d. l. 1. c. 51.*

109 *D. Petr. Chryſol. ſerm. 48. poſt med.*

CA-

CAPITULO XIII.

Trata-se da nobreza: que cousa seja, & como resplandeceo na Santissima Virgem Mãy.

1 A Nobreza he taõ gracioso esmalte das melhores acções, que atè nos Santos, cujas excellencias dependem pouco das cousas da terra, tem os Authores por digna de recomendaçaõ; 1 porque a virtude he fruta sempre boa, mas sahe melhor se he bem enxertada: os louvores na nobreza naõ se pòdem reduzir a escrito, pois (disse bem hum douto 2) saõ tantos como as estrellas, que resplandecem no Ceo.

2 Se os homens pudessem escolher a sorte de seu nascimento, nasceriaõ todos nobilissimos; & assim Deos, que podia, dotou desta qualidade a sua *Mãy*. Pinta-se no Apocalypse 3 calçada de Lua, ostenta a mayor nobreza. Meyas luas por instituto del-Rey Numa traziaõ nos çapatos os Romanos mais nobres, 4 mostrando-se da ordem dos Senadores, que entaõ eraõ sò cento, numero figurado em hum C, fórma de meya lua, como explica Alexandre ab Alexandro, 5 & significando, que por suas acçoens teriaõ depois dè mortos a lua debayxo dos pès, como disse Plutarco, 6 ajuntando a nobreza pessoal à dos progenitores. 7 Tambem se pinta alli a *Virgem* vestida do Sol pela claridade do sangue, & com diadema de Estrellas, que saõ as obras; Estrellas, que luzem na presença do Sol, saõ mais que grandes: *Maria nascida de progenie Real* (diz a Igreja) *resplandece*; 8 illustrissima por avòs clarissimos illustrou mais a geraçaõ com virtudes, que he a nobreza mais consummada; 9 & assim as faltas de *Thamar*, *Rahab*, & *Bersabè*, que se apontaõ na genealogia, que S. Mattheos escreveo do *Senhor* por S. Joseph, 10 naõ se encontraõ na mesma, que S. Lucas escreveo por *Maria*, 11 porque aos rayos de tanta luz se desfaz toda a nevoa.

3 Por muytos titulos se adquire nobreza, 12 & todos no gráo mais eminente concorrèraõ na *Virgem*. Se se alcança por virtudes, ella foy molde, & fórma de Deos: 13 se por dignidade, a teve infinita; 14 se por sciencia, foy a mais illustrada; 15 se por riquezas, foy a mais rica, como disse Salamaõ; 11 se por valor, teve todo o de hum exercito; 17 se por privilegio, foy por Deos a mais privilegiada. Mas aqui tratamos sò da nobreza natural do sangue.

4 Esta, segundo o que escrevem Alberto Magno, & outros Doutores pela doutrina de Aristoteles, & segue huma ley de Castella, 18 *he huma qualidade herdada, que inclina a todas as virtudes*; por isso justamente he de tanta estimaçaõ. Começa

1 *Notat Tiraquel. de nobil. c. 21. n. 4.*

2 *Cepola in tract. de Imper. mil. elig. verbo, nobilitatis, in fine.* Tot laudes habet nobilitas quot in æthere sydera fulgent.

3 *Apocalyps. 12. 1.*

4 *Statius Sylv. l. 5. ad Crispin.* Primaque Patritiæ clausit vestigia lunæ.

5 *Alex. ab Alex. genial. dier. l. 5. c. 18. in princ. E parece melhor razaõ que a que aponta Carthagena de arcan. Deip. p. 1. l. 2. homil. 1.*

6 *Plutarch. problem. c. 76.*

7 *Juxta doctrinam D. Chrys. in serm. virtut. progenit. ne confidamus, in 5. tom.*

8 Regali ex progenie Maria exorta refulget.

9 *Ovid Trist. l. 4. eleg. 3.* O qui nominibus cum sis generosus avorum. Exuperas morum nobilitate genus. *D. Chrysost. hom. 23. in Genes. col. inibi 5. ad med.*

10 *Matth. 1.*

11 *Luc. 3.*

12 *De quibus latè Tiraquel. de nobilit. ex c. 3. Fr. Joaõ Guardiola, trat. da nobreza de Hespanha ex c. 1. Otalora de nobilit. q. 2. c. 3. n. 8. Garcia eodem tract. glos. 48. §. 3. à n. 11. Cassan. cathal. glor. mund. p. 8.*

13 *Vide in 1. p. c. 1. n. 9. ad fin.*

14 *D. Thom. p. 1. q. 25. art. 6. ad 4.*

15 *Vide infra c. 59. n. 6c*

16 *Proverb. 31. 29.*

17 *Cantic. 6. n. 3. & 9.*

18 *Albert. Magn. sup. Missus est, c. de nobil. B. Mar. Hieron. Osor. de nobil. l. 1. c. 4. Garcia sup. glos. 7. n. 17. Otalora sup. d. p. 2. c. 2. n. 4. lex 3. tit. 21 partit. 2.*

meça ordinariamente por riqueza, & se continùa, & aperfeyçoa com a mesma riqueza continuada. 19 para declaração disto he de advertir, que ainda que a alma naõ traga origem dos pays por transfusaõ de materia, mas só de Deos, que a creou limpa, fermosa, & ornada de nobreza espiritual, & tal a infundio no corpo; com tudo, como está unida com a carne, & para as operaçoens usa dos orgãos corporaes, obra commummente segundo a disposição destes, 20 por inclinaçaõ, posto que sempre fica livre o alvedrio.

19 Cassan. in Cathal. glor. mund. consid. 22. ubi adducit multos text. Cabedo p. 1. dec. 73. n. 5.

20 P. Fr. Joseph de Jesu Mar. na vida de N. S. l. 1. c. 44. n. 7.

5 Para os orgãos, instrumentos, & operaçoens corporaes conduz muyto a riqueza. Porque o homem rico usa de melhores alimentos, que segundo Galeno, 21 fazem melhor compreyçaõ, mais habil, & facil para os bons costumes. Tem mais authoridade: 22 & assim trata, & conversa com sabios, & virtuosos, em cuja companhia se aprende. 23 Despreza as cousas vìs: aspira só as grandes: naõ se perturba com perdas pequenas: naõ se vence com facilidade do interesse: affecta o que póde grangearlhe honra para ser admittido entre os mayores: he limpo, & curioso, falla mais apurado: em tudo finalmente trabalha por ser estimado de todos.

21 Galen. l. quod animi mor.

22 Vide in 1 p c. 18 n. 6.

23 Proverb. 13. 20. Psalm. 17. v. 26. & 27.

6 Passando a riqueza aos filhos, passalhes o mesmo trato, & effeytos, & continuando-se ellas nos mais descendentes, se continuaõ as mesmas consequencias, & lhes accresce o desejo de imitar seus progenitores, & o receyo da ignominia se degenerarem; 24 & assim por habito succede; & se introduz pouco, & pouco na descendencia huma transmutaçaõ da origem corporal, & se transfunde de pays á filhos hum costume taõ poderoso, que em certa maneyra despe á natureza de tudo o que era vil, & a veste de generosidade; & quanto esta transmutaçaõ se transfunde nas ramas de raiz mais antiga, tanto mais se endurece, & fortifica a inclinaçaõ virtuosa, & se faz como inseparavel, porque se ache nos filhos o que se achava nos que o geráraõ; como na agua dos reparos a qualidade da fonte, ou dos lugares porque passou. 25

24 Vide in 1. p. c. 34. n. 2. in princ.

25 Cassiodor. var. l. 2. epist. 15. ubi pulcherrimè.

7 Daqui vem naõ se presumir, que os nobres commettaõ treyçaõ, ou outro crime vil, & torpe; antes tem por si a presumpçaõ em todas as virtudes: 26 esta razaõ daõ 27 as leys de Hespanha para ordenarem, que as Alcaydarias mores dos Castellos (em cuja guarda consiste a segurança dos Reynos) se naõ dem senaõ a homens de nobre linhagem, & pela mesma razaõ saõ preferidos para todos os officios seculares, & Ecclesiasticos. 28 E quando o livre alvedrio, (que sempre lhes fica) os levou a delinquir, & a ser viciosos, saõ como os pomos, que chamamos *Pecos*, de huma boa arvore, nos quaes parece que a natureza peccou, & saõ mais culpados, & odiosos, que os rusticos, & plebeos delinquentes, porque obraõ contra a inclinaçaõ natural do sangue, & se apartaõ do costume habituado em seus mayores, podendo nelles mais a malicia. 29

26 Menoch. de presumpt. l. 5. pres. 4. n. 6 & 7. l. pres. 59. per tot. Dissemos nas excel. de Portugal, cap. 7. no princ.

27 Em Castella a L. 6. tit. 18. partit. 2. Em Portugal a Ord. l. 1. tit. 74. no princip. Vide Bobad. in polit. l. c. 10 n. 50.

28 Latè Cabed 1. p. dec. 2. n. 1. & p. 2. dec. 73. n. 7. & dec. 84. n. 1.

29 Tiraq. de nob. c. 2. à n. 1.

8 Esta

8 Esta he a nobreza de sangue; & esta a razaõ porq̃ se estima; porque ainda que em quanto á carne tenha pouco louvavel, o he muyto pela aliança, & correspondencia, que tem com o espirito. 30 he mayor, ou menor conforme ao principio, & continuaçaõ, que teve de mais, ou menos riquezas: porque á proporçaõ dellas foraõ os effeytos; os mais ricos se tratáraõ melhor, tiveraõ mayor authoridade, puderaõ conversar cõ mayores homens, de q̃ aprendessem mais: desprezaraõ mais as cousas pequenas, aspiraraõ ás muyto mayores, perturbáraõ-se mais raramente, menos os moveo o interesse, tratáraõ-se com mais limpeza, & puzeraõ mais alto o ponto da honra. Por isso os Principes (que comprehendo no nome de mais ricos) saõ mais nobres, porque em tudo herdáraõ dos ascendentes (se tambem foraõ Principes) mais altas inclinaçoens.

30 *Richel. de laud. Virg. l. 1. art. 7.*

9 Dissemos acima, que ordinariamente começa, & se aperfeyçoa a nobreza com riqueza continuada; porque ainda que comece por virtude, valor, dignidade, ou outra qualidade, que cause em hum ascendente os effeytos, que consideramos em hum rico, todavia, como aquella qualidade ordinariamente cessa nos filhos, ou descendentes, se saõ pobres, descahem daquelle bom principio, & incorrem nas inclinaçoens contrarias; como vemos em vileza muytos netos de avòs authorizados; & assim só a riqueza continuada vay continuando os antecedentes de que pelo tempo adiante, por habito de bons costumes, vem a resultar a nobreza natural, como dissemos.

10 Esta resplandeceo em *Maria Virgem*. Porque omittindo os clarissimos progenitores de *Adam* em diante atè *Noè*, em quem se achaõ iguaes todas as gentes, como em pay universal; logo em *Noè* se separou a melhor linha de seu primogenito *Sem* para a genealogia da *Senhora*; & nella se foy derivando por homens abalizados em virtudes, riquezas, dignidades, & outras qualidades, que os authorizárão, & fizerão tão conhecidos como vimos no capitulo precedente. Quando depois delRey *David* lhes não achamos outras particulares grandezas: basta haverem tido a prerogativa de ser chamada toda a linha de *Natham* para a successaõ da Coroa, em falta de *Salamaõ*, como dissemos; 31 titulo, & direyto, que era força continuar em todos authoridade, como Principes do sangue, de que he bom argumento o casamento da filha de Juda com El-Rey *Ochosias*, como alli apontamos. 32 Na transmigração para Babylonia perdèrão os mais ricos seus bens, como prisioneyros de guerra, 33 mas depois da volta para Judea, ainda achamos os pays da *Virgem* com fazenda moderada. 34 E ainda depois do nascimento de *Christo*, quando os Emperadores Vespasiano, & Domiciano prendèraõ os descendentes de *David*, de que receavaõ que se levantassem com o Reyno de Judea; foraõ prezos, como conta Eusebio, 35 os sobrinhos de *S. Joseph*, filhos de seu irmaõ *Cleophas*; no que se

31 *No cap. preced. n. 31.*

32 *D. c. preced. n. 35. ad med.*
33 *4 Reg. 24. & 25.*
34 *Vide c. preced. n. 36. ad med.* *Nicephor. l. 1. c. 7. in princ.* Splendidissimis, nobilissimisque genere connumerat.
35 *Euseb. 3. hist. c. 9.*

ſe vè, que ſe reputava digna de Reyno ſua nobreza; com a qual corria parelha a da *Virgem*, como ſe vè da igualdade com que os pays caſavaõ; ſendo *Heli Joachim* pay da *Senhora*, meyo irmão de *Jacob* pay de *S. Joſeph*, ambos filhos de *Etha*, & de dous maridos, 36 o pay de *Joachim* ſe chamou *Mathat*, o de *Jacob*, *Mathan*, nomeados pelos Evangeliſtas. 37

11 Eſta alta nobreza da *Virgem* ſe naõ abateo pela pobreza, que ella voluntariamente profeſſou, como em outro lugar veremos. 38 E foy myſterioſa, aſſim pela ſanta profiſſaõ que fez della, como porque havendo na caſa mais familia, ſe deſcobriria a vida Angelica dos Eſpoſos, que Deos queria occultar. Nem era decente que outras mãos, ſenaõ as da *Virgem*, & S. Joſeph, ſerviſſem ao Filho de Deos em ſua creaçaõ. Digo que naõ ſe abateo. Porque a pobreza de ſi naõ tira a nobreza; 39 ſó quando he continuada por muytos deſcendentes, coſtuma cauſar effeytos contrarios dos que notamos na riqueza, com que vindo a mudarſe as nobres inclinaçoens do ſangue; ſe virá por tempos a perder a nobreza delle, conforme ao que acima diſcurſamos.

12 Nem tambem ſe perdeo aquella nobreza por o Santo Eſpoſo *Joſeph* exercitar officio humilde. Porque ainda que eſte prive ſem duvida da nobreza adquirida por privilegio, não he tão corrente eſta concluſaõ na nobreza do ſangue, como diſtinguem muytos Doutores. 40 E he certo que naõ procede em algumas Provincias, como ſaõ as das partes de Viſcaya em Heſpanha. E em favor dos officios de pedreyro, & de carpinteyro, q̃ *S. Joſeph* exercitava, traz muytas doutrinas, & textos, cõ Caſſeneo, o grave Doutor Otalora. 41 Entre os Hebreos, como o ſacerdocio, honras, & fazendas eſtavaõ repartidas pelas Tribus, havia nos Archivos livros authenticos de linhagens, (q̃ Herodes queymou, por eſcurecer nos outros a nobreza, q̃ elle naõ tinha) nos quaes com toda a diligencia ſe eſcrevia o naſcimento, nomes, & mortes dos filhos, para ſe dar a cada familia ſó o que nella tocava. 42 O que ſe obſervava taõ rigoroſamẽte, q̃ por ſe haverem perdido alguns deſtes livros com o cativeyro de Babylonia, naõ puderaõ depois muytas peſſoas moſtrar ſua aſcendencia, & por eſta falta naõ foraõ admittidas a honras, & adminiſtraçoens, como lemos no livro de Eſdras. 43 Por aquelle modo, & não pelo eſtado da fortuna ſe regulavaõ as qualidades. E aſſim poſto que David ſe humilhou a dizer, que naõ merecia ſer genro del Rey Saul, por naõ ſer aparentado, & ſer pobre, 44 naõ deyxou El Rey de o caſar com ſua filha. E quando para os deſpoſorios da Santiſſima *Virgem* ſe lançáraõ ſortes entre todos os da familia de David, 45 naõ ſe reparava de hũa, ou de outra parte em outra circunſtancia. Nem para a ſucceſſaõ do Reyno deyxáraõ os Emperadores Romanos de temer os ſobrinhos de Saõ Joſeph, como diſſemos. 46 Aquelle eſtylo (diz hum douto Eſcritor) 47 ordenou Deos para ſer

Aa co-

36 *P. Fr. Joſeph ſup l. 1. c. 7. n. 2. & l. 2. c. 28. n. 4. Melchior de Caſtro na vida da Senhora l. 1. c. 1.*

37 *Luc 3. Matth. 1*

38 *Aboyxo c. 23. n. 3.*

39 *Late Tiraquel. de nobilit. c. 15. ex n. 5.*

40 *De quo Joan Garcia de nobil. gloſ. 1. §. 1. n. 56. maximè in verſ. Et licet.*

41 *Caſſan. in catal. p. 10. conſider. penult. Otalor. de nobilit. 2. p. tertia princip. c. 5. n. 15. ad fin.*

42 *Abulenſ in Euſeb. c. 37. P. Sylveyra in Evangel. tom. 1. c. 2. q. 39. n. 95. Niceph. l. 1. c. 11. poſt med.*

43 *Eſdræ 1. c. 2. n. 59. & 62.*

44 *1. Reg 18. n. 18. & 23.*

45 *Infra c. 22. n. 5.*

46 *Sup. n. 10. ad fin.*

47 *Motute na proſop. de Chriſtidade 2. c. 4. §. 2. ante med.*

conhecida a qualidade de ſua *Mãy* , ſem lhe obſtar a pobreza, que myſterioſamente havia de abraçar, & ſeu Eſpoſo exercitar officio, que no deſterro do Egypto , & em toda a parte lhe ganhaſſe o ſuſtento. Não faz contra iſto o lugar do Eccleſiaſtico allegado por Tiraquello ; 48 porque nelle não ſaõ excluidos os artifices das dignidades Eccleſiaſticas, & Judiciaes por faltos de nobreza ; mas por divertidos demaſiadamente em ſeus miniſterios, como declara o meſmo Texto.

48 *Eccleſiaſt.38.ex n. 20. Tiraq.de nobil c 27.n. 3.*

CAPITULO XIV.

Como a Virgem *Santiſſima foy concebida.*

1 NOvo cantico deſejava David 1 para celebrar noſſa redempçaõ; 2 mais ſoberano eſtylo ſe devia a materia taõ alta. Mas nem com cem bocas , como dizia Virgilio: 3 nem convertido em vozes , como queria Saõ Jeronymo: 4 nem com todas as linguas dos homens , & dos Anjos como encarecia Saõ Paulo, 5 he poſſivel chegar a taõ ſuperior narraçaõ. Só vòs *Manancial de graça* , que a tiveſtes antes de ſer: cuja gracioſa corrente fertiliza os mais ſecos areaes, com o novo portento de voſſas maravilhas podeis fecundar o engenho, & livrar de precipicio a penna, que reverente ſobe a taõ ſublime esfera, ſó com ambiçaõ de lucrarvos ; & ſe os rayos deſte Sol a abrazarem , fazey que o fogo ſe pegue ao coraçaõ, para com affectos, que ſuppraõ as palavras, celebrar voſſa gloria, & noſſa dita.

1 *Pſalm.32.v.3.& Pſ.95.v.1.*
2 *Aſſim o entende S.Joaõ Chryſoſt.homil.in d. Pſalm. 95. in princip.tom.1.*
3 *Virg.Georg.l 2.*
4 *D.Hieron.ad Euſtoch.*
5 *D.Paul.1.ad Cor.13.1.*

2 Havia muytos annos que *Joachim* ; & *Anna* viviaõ eſtereis em continuadas oraçoens, & outras obras ſantas. Pediaõ a Deos lhes déſſe geração, que de logo dedicavão a ſeu ſerviço, & lhes tiraſſe o opprobrio que padecião os que não tinhão filhos, de que o Meſſias pudeſſe naſcer. Aſſim tinhaõ chorado a fermoſa Rachel, 6 outra Anna mãy de Samuel , 7 & Sara antes de caſar com o moço Tobias. 8 *Anna*, ſobre eſterilidade natural, 9 tinha mais de ſeſſenta annos de idade, como veremos do tempo em que morreo ; 10 mas naõ deſmayava nos Santos a fé invencivel.

6 *Geneſ.30.*
7 *1 Reg.1.*
8 *Tob.3.*
9 *Melchior de Caſtro na vida de N.Senhora l.1.c.2.*
10 *Abayxo no cap.22.n 1.*
11 *Villegas Flos Sanct. feſta de S.Anna.Caſtro d c. 2.*

3 Forão por devoção, como outras vezes, ao Templo de Jeruſalem, à feſta ſolemne, inſtituida por Judas Macabeo, da Dedicação do Templo ; 11 chamada *Feſta dos Encenios* , porque de *Cænon*, palavra Grega, que ſignifica *Novo*, ſe chamava *Encenio* qualquer dedicação nova, 12 qual foy aquella ; celebrava-ſe a vinte & cinco de Novembro, & durava oyto dias. 13 Apreſentando *Heli Joachim* ſua offerta, Jacar Pontifice o reprehendeo, com deſprezo, de offerecer com os fecundos, ſabendo que era amaldiçoado, quem não tinha filhos em Iſrael.

12 *D.Auguſt.tract.48.in Joan. circa initium.*
13 *1.Machab.4.& l.2.c.1.ac 10.*

4 Eſta afronta publica retirou a *Heli Joachim* para hum

monte

monte, aonde tinha ſeus gados, tres legoas de Nazareth: & a *Anna* para huma horta que poſſuhiaõ. Alli, entre lagrimas, ſe conſolavaõ com Deos, quando lhes appareceo o Anjo Saõ Gabriel; 14 & lhes annunciou, que teriaõ por filha aquella Senhora deſejada no mundo para Mãy do que o havia de libertar; à qual chamaſſem *MARIA*. 15 Aſſim foy annunciada antes de concebida: & o Anjo lhe pôz o nome, como à *Jeſus*; 16 porque ſe preparava para molde ſeu, como lhe chamaõ os Santos Doutores. 17 Diſſelhes mais o Anjo, que do ventre da *Mãy* ſahiria chea do Eſpirito Santo: menina ſe conſagraria a Deos: & que em final diſto tornaſſem à Jeruſalem, & ſe encontrariaõ na porta *Dourada*; 18 podera-ſe chamar *De ouro*. Nas portas das Cidades mandava Deos pôr os Tribunaes da Juſtiça, 19 por mais faceis de achar, 20 & porque os contendores não entraſſem a perturballas. 21 Neſta fez tribunal da Miſericordia; hum Anjo a abrio por *Maria*, tendo-a outro fechado por *Eva*. 22 Os nomes de *Porta*, & *Corte* ſe equivocaõ, & ſaõ ſynonymos por *Tribunal*, 23 eſta *Porta* foy propriamente Corte em fazer mercês.

5 Os Santos crèrão, obedecèrão, encontrárão-ſe no lugar ſinalado, communicárão-ſe a viſaõ glorioſa, reſignárão-ſe em Deos, & forão dar graças no Templo. A oyto de Dezembro, mez em que as terras concebem os frutos mais uteis, ſe cumprio a promeſſa junto da meſma porta *Dourada*, em huma caſa em que os Santos coſtumavão pouſar, na qual depois edificárão Templo, com o nome da *Conceyçaõ de Santa Anna*, os Padres do Carmelo. 24

6 Succedeo aquella Conceyção puriſſima, como Santo Agoſtinho 25 pondèra que ſuccederiaõ todas, ſe Adam não peccára; obrando mais a obediencia, que a vontade, concorrendo a caridade Divina mais que o deſejo; antes quereriaõ morrer; que ajuntarſe com amor carnal: eſtava nelles morta a concupiſcencia; com tudo a meſma *Senhora* revelou a Santa Brigida. 26 Donde inferio hum Eſcritor, 27 (applicando o que Saõ Paulo 28 diſſe de Iſaac) que a concebida foy mais filha de Deos, que da natureza, & que coſtumando os filhos de oraçoens ſer tão inſignes; como ſe vio em Iſaac, Samſaõ, & Samuel, bem ſe deyxa ver quanto mais o ſeria eſta filha; em que tanto mais concorreo Deos.

7 Ditoſos Pays de Filha ſem igual! 29 Pays, que gerárão mayor dom da natureza para ſeu Author. 30 Neſta Conceyção abrio Deos o ſello de ſeu ſegredo eterno. 31 Ditoſa eſterilidade, que veyo a ſer a mais fecunda! Concebeo hum novo mundo, que Deos creou univerſal para ſi: 32 ante hum Ceo novo mayor que todos os Ceos: 33 pois neſte coube, o que não cabia nos primeyros. 34 Eſtereis que gerárão muytos filhos, como de ſi diſſe outra Anna Santa; 35 mãy de Samuel, não gerando mais que hum, porque eſſe valeo por muytos; neſte fru-

14 *P. Fr. Joſeph d. l. 1. c. 36. n. 1.*

15 *Villegas, & o P. Joſeph. ſup.*

16 *Luc. 31. & 2. 21.*

17 *D. Hier. ſerm de Aſſumpt. Virgin. D. Aug. ſerm. de Nativ. D. Dioniſ. Areop. ep. ad Paul. de qua infra c. 64. n. 4*

18 *Poſt multos DD. Matute na proſap. de Chriſto, idade 5. c. 3. §. 3. Caſtro ſupra. P. Joſeph d. c. 8 n. 2.*

19 *Deuteron. 16. 17. Prov. 22 & 31. 23 Zachar. 8. 16. Henr. Engelbrave in Cælo Empyr. p. 1. feſto S. Ivi §. 2. verſ. ſed præ his.*

20 *D. Hieron. in Zachar. ſup. & in Amos c. 5.*

21 *D. Gregor. Moral l. 19. c. 11.*

22 *Geneſ. 3. in fin.*

23 *C. Romana, de appellat. l. 6. Oldrad. conſ. 187. in princ. & n. 5. verſ. Item dicitur. Boerius de authorit. Magni Concil. n. 167 & ſeq. Petr. Gregor. Syntagm. jur. l. 3. c. 18. n. 8. & l. 4. c. 27. n. 5. Cardin. Tuſc. in pract. concluſ. lit. C. concluſ. 1113. à princ.*

24 *P. Fr. Joſeph d. l. 1. c. 22. n. 3. Paleon. de antiq. Ordin. Carmel. l. 2. c. 4.*

25 *D. Aug. de Civ. Dei, l. 14. c. 23. 24. & 26.*

26 *Revelaç. de S. Brigid. l. 1. c. 9.* Magis voluiſſent mori, quàm carnali amore cõvenire, & voluptas in eis mortua erat. Convenererũt carne, non ex cõcupiſcentia aliqua voluptatis, ſed contra voluntatem ſuam, ex divina dilectione, & ſic ex ſemine corũ per divinam charitatem caro mea compaginata eſt.

27 *Melchior de Caſtro ſup. l. 2. c. 3.*

28 *D. Paul. ad Galat. 22.*

29 *S. Fulbert. ſerm. 3. de ortu Virg.*

30 *D. Joan. Damaſc. orat. 1. de Nativ. Virg.*

31 *Honor. Anachor. de orn. B. Virgin.*

32 *D. Bernard. ſerm. de B. M.*

33 *S. Damaſ. ſup.*

34 *S. Epiphan. de laud. Virg. Mar. in 2. tom. Biblioth. PP.* Quia quem Cæli capere non poterant, tuo gremio contuliſti.

35 *1. Reg. 2. 5.* Donec ſterilis peperit plurimos.

to se aventajàraõ as perfeyçoens de todos incomparavelmente. 36 Deste ventre cuydava o Espirito Santo, como de sacrario de sua Esposa: exercitos de Anjos o rodeavaõ, porque era segunda Corte celestial: 37 tinha Deos seus olhos nelle, porque tinha nelle a melhor joya: mais estimava a materia purissima, de que se formava a *Virgem*, que todos os corpos gerados, & por gerar, que por natural ordem haveria no mundo. 38 Immensos parabens se vos devem, Pays Santissimos de milagre: ò *Anna* felicissima, cofre rico dos thesouros de Deos!

36 *D.Chrysost.in 1. Matt. in Imperfect.*
37 *S.Fulbert. supr.*
38 *Revelações de S.Brigida in Serm. Angel.c.10.*

8 Nas revelaçoens de Santa Brigida se lè, 39 que quando a alma gloriosa foy infundida no corpo santissimo, sentio *Anna* suavidade, & consolaçaõ, que se naõ pòde explicar. O veneravel Padre Fr. Joseph de Jesu Maria, 40 em lingua Castelhana, com estylo para todos elegantes, expoem, como no mesmo instante de sua creaçaõ foy illustrada, & altissimamente enriquecido com dons naturaes, & sobrenaturaes, em modo mais especial, & excellente, que todos os concedidos a todos os Santos, & ainda aos Anjos, no que se compadece com estado de viadora. Deyxamos a immaculada Conceyçaõ, & seus effeytos a tantos Theologos, que taõ superiormente a tratàraõ: aos leygos basta saber, que Deos podia como Deos: & o devia como Filho. 41 E pois o peccado original nos vem de haver estado nossa vontade na de nosso primeyro pay como em cabeça; 42 que dirá quem por algum modo houve na *Virgem* vontade de peccar? Retiramonos ao historico sobre esta materia, como contèm o capitulo seguinte.

39 *Nas ditas Revel.l.1.c.9.*
40 *P.Joseph na hist.da Virg.l. 1. do cap.12.atè o 30. & c.40.*
41 *Exod.20.12.*Honora patrem, & matrem.
42 *Vide in 1.p.c.6.n.4.*

CAPITULO XV.

Historicamente se trata da materia da immaculada Conceyçaõ da Virgem *Senhora nossa.*

1 OS Evangelistas Sagrados (considera hum Author grave 1) naõ nos deyxàraõ escritos muytos dos mysterios, & privilegios da *Virgem*, por nos ficar occasiaõ de meditar nelles mais intensamente com todo o cuydado S. Fulberto Carnotense advertio, 2 que nem os Santos Padres da primitiva Igreja os escrevèraõ todos, porque os hereges naõ cegassem a tanta luz, & de tantas excellencias naõ tomassem argumento para comprovar o q̃ alguns já diziaõ, q̃ a Senhora naõ era humana, mas Anjo em fórma de mulher: & outros lhe attribuhiaõ Divindade. 3 Mas tudo summàraõ (nota hum douto Escritor) 4 dizendo q̃ della nascèra *Jesu Christo*. 5 Com esta qualidade acreditàraõ tudo o que neste capitulo historiamos da *Conceyçaõ immaculada*, pois naõ pode deyxar de ser verdadeyra toda a excellente prerogativa que se disser de quẽ foy *Mãy* de Deos.

1 *Fr.Joseph de Jesu Maria, na hist.de N.Senhora l.1.c.2.n.5.*
2 *S.Fulbert.serm.3.de orta Virg.*
3 *Refert S Epiphan.in hæres.n.48. circa fin.*
4 *P. Benedict. Fernand.in 2. Genes. sect.15.n.4.in fin.*
5 *Matth.1.16.* Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.

2 Entre

2 Entre o grande thesouro de santos corpos, reliquias, laminas, livros, & noticias veneraveis, que no anno de 1595. se começou a achar, cavando acaso, & se acabou de descobrir por ordem do Arcebispo Dom Pedro de Castro, no monte chamado Valparaiso, hum quarto de legoa da Cidade de Granada; de que se imprimiraõ tantos, & taõ authenticos testemunhos; 6 se foraõ achando aos dez, vinte & dous, & vinte, & sinco de Abril (porque se trabalhou muyto tempo em desentulhar terra, & tirar pedras das altas covas, em q̃ isto se achava) hũa lamina de chumbo dobrada, & da parte de dentro tinha escrito em Latim, *Que naquelle lugar padecèra martyrio; ao primeyro dia de Abril do segundo anno do Imperio de Nero, S. Thesiphon, que antes de sua conversaõ se chamára Abiathar, Arabio, discipulo do Apostolo Santiago, Varaõ douto, & Santo, que em taboas de chumbo deyxára escrito hum livro chamado Fundamento da Igreja, & outro da Essencia de Deos, em sua natural lingua Arabia com caracteres de Salamaõ*, (que vem a ser letra Hebraica) *& que os livros estavaõ nas cavernas daquelle monte, & as cinzas do Santo, & de seus discipulos Maximino, & Lupario, tambem Santos Martyres.* De S. Thesipbon discipulo de Santiago faz mençaõ o Papa Calixto II. no prologo do livro da Trasladaçaõ do corpo do mesmo Apostolo, 7 allegando a Saõ Jeronymo, & dizendo, *Que foy dos primeyros nove que Santiago converteo prégando em Galliza*, (em que entaõ se contava a Provincia de Entre Douro, & Minho, & era cabeça da Cidade de Braga) 8 *& dos sete que levou comsigo tornando a Jerusalem; os quaes trazendo por mar seu corpo a Galliza, depois de o deyxarem sepultado, foraõ a Roma, aonde Saõ Pedro, & Saõ Paulo os ordenáraõ Bispos, & mandáraõ outra vez prégar em Hespanha, & que Saõ Thesiphon foy Bispo de Vergi*, que he Berja. 9 Acháraõ-se os livros nomeados na lamina, escritos em pranchas de chumbo, metidos em cayxas do mesmo; & no fundo de cada cayxa da parte de dentro estava escrito em Latim o titulo do livro.

6 Vide o livro intitulado, Monte Santo de Granada.
Gregorio Lopes Madera hist. reliquiar. E o nosso Brito na Monarch. Lusitan. p. 2. l. 5. c. 5 post med.

7 Callixt. Pap. in prolog. Translat. S. Jacobi.

8 Strab c. 3.
Abraham Ortel. in tab. Portugal.
Gerard. Mercator. in Athlant. tab. Portug. in princ.
Ant. Nebriss de gest. Reg. Cathol. Cerdinand. ante princ. de Descript. Hispaniæ.
Resende de antiq Lusit. l. 1. tit. Lusitaniæ termini.
Duarte Nunes de Leaõ na descripçaõ de Portugal.
P. Anton. de Vasconcellos, na mesma descripçaõ.
Britto sup p. 1 l. 1. c. 15. ad fin.

9 Britto d p. 2 l 5. c. 5. post med.

3 Naquelle livro intitulado, *Fundamento da Igreja*, refere o Santo, que em hum Concilio 10 disseraõ os sagrados Apostolos: *Aquella Virgem, aquella Maria, aquella Santa, foy preservada do peccado original no primeyro instante de sua Conceyçaõ, & livre de toda a culpa; & quem assim o naõ sentir, naõ alcançará a saude eterna.* Com alto espirito falláraõ já pelos termos de *Preservaçaõ, & primeyro instante*, porque depois se tratou a materia. Naõ se acha livro Canonico, que tal definisse; & assim houve muytos q̃ alcançáraõ a saude eterna sem aquelle sentiméto. Naõ o definiraõ, ou pela vontade Divina, que abayxo diremos foy revelada a Santa Brigida; 11 ou (como bem considerou neste ponto o Padre Bivar commentando a Dextro) 12 aquelle Concilio seria o em que os Apostolos promulgáraõ o Symbolo da Fé: & he verosimil que antes de resolverem a fórma delle, fallariaõ largamente em seus mysterios, & sobre o

10 S Thesiphon Discip S. Jacobi Ap. in lib Fundamentum Ecclesiæ
Illa Virgo, illa Maria, illa Sancta præservata fuit à peccato originali in primo instanti suæ Conceptionis, & libera ab omni culpa: & qui ita non senserit, non consequatur salutem æternam.

11 Neste cap. n. 13.

12 Bivar in comment. Clav. Dextri anno Christ. 308. comment. 1. vers. Demũ in fin.

artigo, *Natus ex Maria Virgine*, praticarião o que S. Thesipon refere, sem o definirem, por não ser preciso para o Symbolo da Fé, que nem todas suas praticas ficárão em definiçoens; mas para summa authoridade da doutrina, basta que a praticassem. No outro livro intitulado *Da essencia de Deos*, escreveo o mesmo Santo: *Maria naõ tocou o primeyro peccado. Naõ dissera o Anjo à Virgem: Ave chea de graça, se houvera sido concebida em peccado original.* 13 Em repetir esta doutrina tantas vezes, imitou a especial devoção, que seu Mestre teve aos mysterios da *Senhora*. Quando os Apostolos forão promulgando por partes o Symbolo, tendo Saõ Pedro começado: *Credo in Deum Patrem omnipotentem, factorem Cæli, & terræ*; & tendo Santo André prosseguido: *Et in Jesum Christum Filium ejus unicum Dominum nostrum*; Santiago foy o que continuou: *Qui conceptus est de Spiritu Sancto, natus ex Maria Virgine.* 14

4 Quando a authoridade destes livros não estivera tão authentica por aquella antiguidade veneravel, legitimas, & exactas diligencias, com que se descobrirão entre o precioso thesouro daquelle monte santo; & pela estimaçaõ gèral em que saõ tidos, & com que os mais graves Authores referem suas palavras; 15 muyto abundantemente se legalizava seu credito com sabermos que os Apostolos ensinavão, & prègavão a mesma doutrina da *Conceyçaõ immaculada.*

5 Flavio Dextro, que he texto entre os homens doutos da Historia Ecclesiastica, principalmente de Hespanha, 16 que escreveo pelos annos 400. do Nascimento de *Christo*, diz: *Da prègaçaõ de Santiago atègora se celebra em Hespanha a festa da immaculada, & pura Conceyçaõ de Maria Mãy de Deos.* 17 Os epithetos de que usa, mostrão, como advertem seus Commentadores, 18 que não falla da Conceyção activa, quando a *Virgem* concebeo o Filho de Deos; pois darlhos, fora querer accrescentar luz ao Sol; mas da passiva, quando foy concebida por Santa Anna; porque só nesta Conceyção podia haver duvida; & nella se verifica, & lhe he devido, & proprio o epitheto de *Immaculada*, & assim lho derão sempre os Authores doutos, & lho canonizárão os Summos Pontifices; como larga, & demonstrativamente se vè no doutissimo tratado, intitulado, *Armamentario Seraphico*, 19 em defensa deste mesmo epitheto a esta mesma Conceyção Santissima. O mesmo da prègação do Apostolo Santiago disse ha mais de mil & cem annos o Santo Marco Maximo Arcebispo de Çaragoça; & declara ser da Conceyção, de que nasceo a *Senhora*, no celebre Hymno que compoz ao Templo do Pilar, 20 que por seu mandado levantou o Apostolo a este mysterio, como logo diremos. De modo, que na fé humana não ha cousa mais certa.

6 O Apostolo Santiago menor na Liturgia da sua Missa depois da consagração, disse: *Lembremo-nos principalmente da Santissima Immaculada, sobre todas bemdita gloriosa Senhora nos-* sa

13 *S. Thesiphon. lib. de essentia Dei.* Mariam non tetigit primum peccatum. Nequaquam Angelus Virgini dicere: Ave gratia plena si in originali peccato fuisset concepta.

14 *P. Bivar supr. vers. ut igitur.*

15 *Joan. Bapt. Lezan. in Apolog. pro Concept. c. 13.*
D. Thomas Thamaio de Vargas, nas novidades antigas de Hespanha, novid. 17. post princ.
P. Bivar sup. n. 9. vers. Demum.
P. Celada in Ruth, Append. Ruth. figurata § 302.
Gregor. Sanch. in l. de S. Thesiphon.
P. Hugo Cavellus in Rosario, seu Appēd. in fine scholior. ad Scot. in l. 3. sent. in testim. primi saeculi, ubi multos Authores allegat. Mader. in hist. de eisdem libr.
Ægid. de Præsentat. l. 3. de Concept. q. 3. art. unic. sect. 4.
Luser. discurs. 2. Concept. Jacob. Granad. de Concept. disp. 3. c. 6.

16 *Latè P. Bivar in Apolog. ante, & post comment. ad eund. Dextr.*
Tamaio in lib. sup. allegato.

17 *Flav. Dext. in chron. an. Christ. 308.* A Jacobi prædicatione celebratur in Hispania festum immaculatæ, & illibatæ Conceptionis Dei Genitricis Mariæ.

18 *Tamaio d. novidad. 17. in fine. Cum Calatino 7. de arcan. c. 5. Gabr. Vasques 3. p. tom. 2. disp. 117. c. 5. atque alijs.*

19 *Armament. Seraphic. & Regestum pro tuend. tit. immaculatæ Concept. ex art. 1. & per tot.*

20 *S. Maxim. no Hymn. ao Templo de N. S. do Pilar.*
Hæc (Dei Genitrix) nam Jacobo Apostolo,
Et suo consanguineo
Ædem jubet conficere,
Cunctis manentem sæculis,
Ostendit illi se hilarem,
Suoque natalitio
Conceptionis aureæ,
Templo manent encomia, *aliàs* Encænia. *Apud Fr. Diogo Murilho na fundaçaõ da Capella do Pilar tract. 1 c. 14.*
Bivar comment. ad Dextr. ann. Christ. 36 vers. rerum, & in d. ann. 308. in fin.
Tamaio d. novidad. 17. post med.

sa Mãy de Deos sempre Virgem Maria. E o Coro responde : *He digno que digamos verdadeyramente : Bemdita Mãy de Deos, & irreprehensivel para todos os modos.* 21 E já com o Armamentario Serafico dissemos, que o nome de *Immaculada* só compete à *Conceyçaõ* no primeyro instante purissima.

7 O Apostolo Santo André ensinando os Presbyteros dá Igreja de Acaya, lhes dizia : *Assim como o primeyro Adam foy formado da terra, antes que fosse maldita : assim o segundo Adam foy formado de terra virgem nunca maldita.* Isto escreveraõ os mesmos Presbyteros na historia da vida do Santo que traz Surio. E o Cardeal Bellarmino diz, que naõ se deve duvidar da verdade della, & a approváraõ Saõ Bernardo, Lipomano, & outros Authores, que elle cita. E depois de bem examinada a approvou o Breviario Romano; como refere o doutissimo Cavello, & por indubitavel está recebida por todos os graves Escritores. 22 O mesmo disse o Santo Apostolo ao Proconsul Egeas, que o martyrizou, como conta Villegas com outros Authores. 23 As formaes palavras de S André allegou para o mesmo intento o grande Patriarca Saõ Domingos no tratado *de Corpore Christi*, 24 q compoz contra a heresia, que pelos annos de 1200. havia crescido dos Albigenses, assim chamados da Cidade Albi, no Condado de Tolosa de França, em que teve principio. Vendo o Santo Patriarca em publica disputa, que teve em Mompiller, vencidos àquelles hereges, que entre outras proposiçoens diabolicas, & algumas Pythagoricas, blasfemavaõ contra a sagrada Escritura, & contra á Santissima *Virgem*; vendo-se elles faltos de razoens, quizeraõ recorrer á prova de milagre, cuydando que naõ succederia. E feyta oraçaõ, se aceytou o partido Trouxeraõ-se tratados por ambas as partes; dos Catholicos se escolheo o que escrevêra S. Domingos por sua doutrina, & santidade; & lançado em huma fogueyra com outro escolhido dos hereges; á vista de todo o povo, que concorreo àquelle espectaculo, o heretico se queymou logo; & o Catholico voou tres vezes fóra do fogo, sem receber dano; com que muytos hereges se converteraõ; outros ficáraõ mais rayvosos, como succede aos pertinazes. 25 Assim o referem muytos Authores, entre os quaes he Vincencio Bispo Pelvecense, Religioso da Ordem do mesmo Patriarca; & quasi seu contemporaneo; porque faleceo sós trinta & sinco annos depois delle. 26 E porque houve quem se atreveo a querer privar o Santo desta gloria, negando ser seu aquelle tratado, 27 ajuntou o Padre Hojeda na sua nunca assás louvada informaçaõ os testemunhos de Jacobo Genuense Bispo da mesma Ordem, & de Joaõ Gersio; & Fr. Fernando de Castilho escrevendo a vida do mesmo Santo; & outros muytos Escritores, aos quaes accrescenta seu excellente Chronista, & Religioso Fr. Luis de Sousa. Pelbarto refere, que o milagre se esculpio sobre a pedra do seu sepulchro; & Santo Antonino, que em seu tempo

21 *Apost. S. Jacob. Min. in Liturgia.* Memẽto præcipuè sanctissimæ, Immaculatæ, super omnes benedictæ, gloriosæ Dominæ nostræ Deiparæ sẽper Virginis Mariæ. *Chorus*: Dignum est, ut te verè beatam dicamus Deiparam omnibus modis irreprehensam, &c.
Apud Cavellum sup, in Rosario, testimon. seculi 1. in princ.
Tamaio sup. post princ. Habetur in Synod. 6. Hierosol. can. 32.

22 *S. Andreas Apost.* Sicut primu, Adam formatus fuit ex terra, antequam esset maledicta: ita secundus Adam formatus fuit ex terra Virgine numquam maledicta.
Cardin Bellarm de Scriptor. Eccl. ad fin. 1 seculi.
Cavellus sup vers. S. Andreas.
Abdias l. 4. hist.
Canis. l. 1. de Deip. c. 7.
Carthagen. de arcan. Deipar. p. 1. l. 1. hom. 19. §. 5
Tamaio sup post princ, versic. Succeda.
P. Fr. Joseph de Jesu Maria hist. de N. S. l. 1. c 20. n. 5. in fine.

23 *Villeg. no Flos Sanct fest. de S. André.*

24 *S Dominicus in tract. de Corpore Christi contra Albigens.*

25 *Cucarus in Elucidario.*
Galatin. de arcan l. 7 c. 7.
Canis de Deip. l. 1. c 7.
Vincent Belvecens hist l. 29 c 96.

26 *Cavellus sup in testimon. 13. seculi in princ.*
P. Fr. Joseph d l. 1. c. 24 n. 1.

27 *P. Fr. Thom. de Maluenda, c. 16. de Paradiso.*

po o cantava a Igreja em hum reſponſorio na terceyra lição da ſua reza: outros accreſçentão, que andava no Breviario deſta ſagrada Ordem, impreſſo em Veneza no anno de 1489. com dedicatoria a ElRey Dom Fernando o Catholico. 82 E por couſa notoria ſe canta nas Igrejas, que lhe celebraõ feſta, entre os villancicos, & letras que ſe compoem de ſeus louvores. 29 Naõ podia faltar em defender eſta prerogativa da *Virgem*, quem era tão devoto, & mimoſo ſeu, como ſe vè no eſpelho de ſua vida. E claro eſtá, que ſobre pedra tão firme havia de fundar huma Ordem taõ illuſtre. A *Senhora* (conſidera hum grave Author) 30 lhe premiou inſigne eſte ſerviço, na mercê do ſantiſſimo Roſario, & com grande conveniencia, por ſer a Roſa ſymbolo da *Conceyçaõ immaculada*, como cantou ha mais de mil & duzentos annos o Poeta Sedulio 31 contẽporaneo de Santo Agoſtinho, dizendo, que como a Roſa ſe produz toda ſuave entre eſpinhos, aſſim ſuccedeo *Maria* entre os de *Eva*. O que tambem cem annos depois cantou não menos elegante o Poeta Arator. * *Roſa myſtica* lhe chama a Igreja: & o Ecleſiaſtico, *Roſa plantada em Jericò*, 32 Cidade chamada *das palmas*: 33 como palma ſe levantou a *Senhora* contra o pezo do peccado de *Eva*. 34 Tal como eſta negaçaõ foy imporſe a Santa Catharina de Sena huma revelaçaõ cõtra eſte myſterio; revelação, que não tinha apparecido antes de ſe argumentar della, havendo ſeu Confeſſor ajuntado com grande diligencia todas as que illuſtráraõ aquella glorioſa Santa; nem podia ſer revelaçaõ, o que contra a doutrina, que eſtá recebida commummente dos Eſcolaſticos, (que he hum dos ſinaes porque ſe conhecem as falſas, ou verdadeyras,) 35 & contra huma das de Santa Brigida gèralmente approvadas.

8 Finalmente diſſe ha mais de mil & cem annos S. Maximo Arcebiſpo de Çaragoça, que todos os ſagrados Apoſtolos prègavão, que fora *eſta Conceyçaõ* immaculada por todas as maneyras. 36 E o meſmo lemos em Luitprando 37 Author graviſſimo, que floreceo pelos annos de 890.

9 Eſta doutrina de ſeus Meſtres ẽſinàraõ conſecutivamẽte ſeus Santos Diſcipulos. O Evangeliſta S. Marcos diſcipulo de Saõ Pedro, & Apoſtolo das Igrejas do Egypto, & Syria, na ſua Liturgia lhe chama *Immaculada*, 38 que he ſem peccado original em algum inſtante, como aſſima diſſemos. E com ſua doutrina os Syros, & Alexandrinos lhe celebráraõ feſta, como logo diremos. S. Dionyſio Areopagita diſcipulo de Saõ Paulo eſcreveo: *Como era decente, que aquelle corpo da Virgem depois de ter alma, foſſe algũm tempo morto em peccado, ſe deu principio àquella vida, que nos vivificou eſtando mortos em peccado.* 39 Deyxo outros lugares do meſmo Santo, & de Santo Ignacio Biſpo de Antioquia, diſcipulo do Evangeliſta Saõ Joaõ, que varios Authores allegaõ, 40 porque ainda que provaõ iſto por argumentos; ſó apontamos agora os q̃ ſem elles eſtaõ claros;

28 *Hojeda, in informat. pro Concept. Virg. c. 8*
Fr. Luis de Souſa, hiſt. de S. Domingos p. 1. l. 1. c. 2.
Jacob Genuenſ. de legend. Sanct. c. 208.
Joan. Gerſius in 2 11 S. Dominici.
Fr. Fernando de Caſtilho in vita ejuſdem l. 1 c 8.
Lipom. de vit. Sanct p. 2.
Petr. Equilin. in catal Sanct l. 7. c. 22.
Pelbart. t. 4 ſtellar. p. 1 art ult.
S. Antonin p. 3 tit. 19 c 1 § 4.
Fr. Joſeph ſup. d n. 1 . in fin.

29 *D. Hier. Cancer.* nas quintillas a *S Domingos*:
Su libro en el fuego echò,
Por vencer la muchedumbre
De hereges.

30 *Carthagena de arcan. Deip. l. 16. homil 1 verſ Cæterum, ubi circa hoc multa adducit.*

31 *Sedulius l 2. oper. Paſchal. habetur in tom 8 Bibliot Pat.*
Et velut è ſpinis mollis roſa ſurgit acutis,
Nil quod lædat habens, matrem vel obſcure: honoret
Sic Evæ de ſtirpe ſacra veniente Maria,
Virginis antiquæ facinus nova Virgo piaret.

* *Arator l. 1. poemat. Act. Apoſtol.*
A nato formata ſuo, mala criminis Evæ
Virgo ſecunda fugat: nulla eſt injuria ſexus:
Reſtituit, quæ prima tulit.

32 *Eccleſiaſt. 24 18.*

33 *Deuteron. 34. 3.* Jericho Civitas palmarum.

34 Nititur in pondus palma, &c. *Vide in 1. p in introduct. n. 2 ad fin.*

35 *Fr. Leand de Granada Benedictino no tract. Luz de maravilhas, diſc. 1. § 8. n. 6. in fin. & §. 9 n. 13.*

36 *S Maxim. in Hymn. ſupra citato*:
Suoque natalitio
Conceptionis aureæ
Templo manent encomia (*aliàs* Encænia)
Conceptionis hinc diem
Jacobus Hiſpanos docet,
Et prædicat (CEU CÆTERI)
Quacumque labe liberam.

37 *Luitprand anno 667. Vide Serran l. 2. c. 14.*

38 *Marc Evang in Liturgia*: Sanctiſſimæ, Immaculatæ, & Benedictæ Dom. N. D. Genitricis.

39 *Dionyſ de Divin. Nom.*
Quando ergo decebat, ut illud corpus Virginis, poſtquam habuit animã fuiſſet umquam mortuum peccato, ſi dedit principium vitæ illius, qua, cũ eſſemus mortui peccatis, cõvivificavit nos. *Refert Cavellus ſup. in teſtimon. 1. & 2. ſæculi.*

40 *Cavellus, & Tamaius ſup. cum alijs antiquioribus.*

10 Con

10 Conforme isto, logo naquelles principios se levantáraõ Templos a este mysterio. O Apostolo Santiago levantou por mandado da *Virgem* na Cidade de Çaragoça, cabeça do Reyno de Aragaõ, aquelle milagroso, que primeyro se chamou *Jerusalem admiravel*; (de cujo nome diz Saõ Maximo; 41 que teve principio chamarem-se *Jerusalem* as Sés Episcopaes de Hespanha:) depois *Nossa Senhora da Conceyçaõ* (cuja imagem com as plantas sobre a Lua estava no retabolo antigo, quando puzeraõ o que hoje tem de alabastro;) & ultimamente *Nossa Senhora do Pilar*, pela columna de jaspe sobre que a *Senhora* appareceo ao Santo Apostolo, quando lhe mandou, que no mesmo lugar lhe levantasse o Templo. 42 Caledonio na vida de Saõ Pedro de Rates 43 diz, que logo depois passou Santiago a Braga, & edificou outra Santa Casa á mesma *Senhora*, & he verosimil, q̃ lhe daria a mesma invocaçaõ, a que a *Senhora* lhe mandou dedicar a primeyra. Porèm no tratado das Excellencias de Portugal mostrámos, como o Apostolo veyo primeyro a Braga, & alli edificou o primeyro Templo em honra de Deos. 44 Aponto o que diz este Author, por naõ callar o louvor que a Braga resulta, ainda da opiniaõ contraria. Joaõ Patriarca de Jerusalem 45 referè, que no anno oytenta & tres de *Christo* os Padres do Carmelo derribando hum oratorio antigo, edificáraõ huma Capella a Nossa *Senhora*, no lugar em que o Profeta Elias havia tido revelaçaõ de sua Conceyçaõ, & Nascimento, a qual dedicáraõ a este mysterio. E as historias da Ordem Carmelitana contaõ, 46 que os mesmos Padres edificáraõ depois outra Igreja junto da porta dourada de Jerusalem, na casa aonde era tradiçaõ haver sido concebida a *Senhora*, com titulo da *Conceyçaõ de Santa Anna*. E que em veneraçaõ deste mysterio a favoreceo, & renovou Santa Elena, mãy do Emperador Constantino, quando foy descobrir a Cruz.

11 Assim mesmo daquelles principios se celebrou sempre a festa da *Immaculada Conceyçaõ* a oyto de Dezembro. Entre os Syros, & Alexandrinos convertidos pelo Evangelista Saõ Marcos, deyxáraõ testemunhos os seus Breviarios, & Kalendarios. 47 Entre os Ethiopes Abyssinos o daõ as suas Liturgias com o nome de *Immaculada*; 48 naõ por introducçaõ nova, mas antiquissima, como prova o doutissimo Hojeda; 49 por seguirem as ceremonias dos Syros do tempo dos Apostolos, como escreve Fabricio Boderiano. 50 Flavio Dextro, como já vimos, 51 testemunha q̃ do tempo de Santiago atè o seu que era o anno de 440. celebrava Hespanha esta festa. E o confirma o Arcipreste Juliano, 52 Escritor daquelle seculo. Que se continuasse nos dos Reys Godos consta do Officio Gotico, 53 & do Missal, & Breviario de Santo Isidoro, & dos Sermoens de Santo Ildefonso Arcebispo de Toledo. 54 Do tempo dos Reys menos antigos em Castella, & Portugal se escreve nas Chronicas. 55

Gala-

41 *S. Maxim. in d. Hymn.*
Quæ diceris plus omnibus,
Sacris Iberis sedibus,
Jerusalem mirabilis.
Domus pudicæ Virginis.
Hinc & vocare singulas
Episcopales Cathedras
Jerusalem, & ab hac domo est
Fatum vocandi initium.

42 *Demais de S. Maximo, & da historia antiga do Pilar, trata isto larga, & eruditamente o P. Fr. Diogo Maurilho, no livro da fundaçaõ do mesmo Templo tract. 1. c. 9 atè 14.*
Petr. Ant. Beuter. Chron. Hisp. c. 23.

43 *Caledon. in vit. S. Petr. de Rates.* Bracharam venit, ubi sacrã eidem Dominæ aliam ædiculam in quadam cripta prope balnea, juxta Tẽplũ ab Ægyptijs Isidi quondam dicatum.

44 *Excellencias de Portug. c. 9 excel. 5*

45 *Joan. Jerosolymit. de inst. Monach. cap. 36.*

46 *Paleon. de antiq. Ord. Carmel. l. 2. cap. 4.*
P. Joseph sup. l. 1. c. 22. n. 3.

47 *Breviar. Syr. in fest. Concept. sive Ghida Concept.*
Kalendar. Alexand. 8. Decemb.
Apud Tamayo d. novid. 17 ad Dextr. ante med.
P. Joseph d. l. 1. c. 20 n. 5.

48 *Liturg. Abyssin. E refere Fr. Luis de Urreta Dominican. na hist. de Ethiop. l. 2. c. 13.*

49 *P. Hojeda na informaçaõ já citada c. 3.*

50 *Fabric. Bederian. in proœm. Tranil Syr.*

51 *Supr. n. 5.*

52 *Judicamus apud Doctar. Fr. Leaõ de S. Thomás na Benedict. Lusit. tract. 1. p. 5. c. 10. §. 2.*

53 *Apud Fr. Diogo Murilho d. c. 14. paulo post princ.*

54 *S. Isidor. in offic. Concep. & in Missis de Nativ. & Assumpt. Virg.*

55 *Tamaio d. novid. 17. post med. P. Fr. Francisc. Brandaõ, Monarch. Lusit. p. 6. l. 19. c. 22.*

Galatino 56 refere com Saõ Gregorio Nazianzeno, que na Igreja Grega se celebrava esta festa ha mais de mil annos. O erudito Fr. Francisco Joannes 57 conta que Frederico filho de hum Rey de Hungria, Monge do Mosteyro de Fulda em Alemanha, pelos annos de *Christo* 884. renovou esta devoçaõ; que se hia esfriando em aquellas partes. Arnoldo, & Pedro à Natalibus 58 accrescentaõ, que se tornou a renovar com mais calor por Santo Anselmo. E no Armamentario Serafico 59 se mostra, que o fez por revelações, que tiveraõ tres Varoens Santos, como o mesmo S. Anselmo, sendo Arcebispo de Cantuaria, relatou aos Bispos seus contemporaneos, exhortando-os a isto por hũa carta; & juntamente tirou a luz hum insigne Sermaõ, & hum admiravel livro deste mysterio. 60 O Cardeal Baronio, & Yepes 61 trataõ como Elsino, ou Elpino, Abbade de Saõ Bento de Ramisia em Inglaterra, fez o mesmo Do Concilio Basiliense, 62 (a cujo testemunho nisto se deve credito, ainda que fosse illegitimo) se vè, que se celebrava em outras muytas partes. Baconio 63 affirma, que em hum Convento Carmelitano, assistiaõ a ella por antigo costume os Pontifices Romanos; & Cardeaes: & o Douto Padre Carthagena 64 prova bem, que todas estas celebridades se fizeraõ sempre á pureza da *Conceyçaõ* em seu primeyro instante. Com tantos, & taõ grandes testemunhos fica indubitavel esta verdade, & a opiniaõ géral, que se tinha da santidade deste mysterio, pois a Igreja festeja só os Santos. 65 Ha cousas (disse Aristoteles 66) que por sua dignidade se recomendaõ, sem necessitarem de ley; que as mande venerar. Tal foy este mysterio. Com tudo o Summo Pontifice Sixto IV. ordenou mais especialmente esta solemnidade nos annos de 1473. & 1483. com Missa, & Officio proprio, promulgando censuras contra os que contradissessem, & indulgencias para os que lhe assistissem. 67 Com o que em certa maneyra a canonizou, como advertem Doutores graves; 68 E tudo confirmára Alexandre VI. por Bullas do anno de 1501. atè 1506. & Gregorio XV. em 24. de Mayo de 1622. Alexandre VII. amplissimamente.

12 Os doutissimos Padres Fr. Hugo Cavello, & Fr. Pedro de Alva, dignos filhos da Ordem Serafica, propugnadora insigne deste sagrado mysterio, mostráraõ por assumpto particular, o que os Santos Padres, & mais doutores escrevèraõ delle. O Padre Cavello entre os excellentes scholios, com que illustrou os escritos do Subtilissimo Scoto sobre os livros das Sentenças, inferio hum tratado, que com muyta propriedade chamou *Rosario*; no qual com grande curiosidade, & erudiçaõ traz os Santos, & Doutores, por quem em todos os seculos depois da vinda de *Christo* Senhor nosso foy prègada, ensinada, & continuada na Igreja a doutrina da *Preservaçaõ Immaculada da Conceyçaõ passiva da Virgem Santissima*. E ultimamente o Padre Frey Joaõ da Sylveyra Carmelitano, Escritor

mais

56 *Galatin l.7 c. 4.*

57 *Fr. Franc. Joan. no Compend. de Vareens illustr. Benedictin.*

58 *Arnol. l. 5. c. 835.* *Pet. à Natal. l. 1. c 42.*

59 *Armament. Seraphic. pro Concept. art. 2. n. 179.*

60 *S. Anselm ad epist ad Coepiscopos, de quo .Petr. de Alba in Bibliot. Virgin. tom. 2. à fol 400 usque ad 448.*

61 *Baron in Martyr. 2 Decemb. Yepes tom. 7. fol 99.*

62 *Concil Basiliens. sess. 36.*

63 *Baron. l 2. dist. 2. q. 4. art. 3.*

64 *Carthagena de arcam Deip. p. 1. l. 1. hom. 19 § 3.*

65 *D. Thom. 3. p. q. 27. art. 1. In terminis nostris P Vincent. Justinian. Antistes Valent. tract de Immacul. Concept. in addit. ad cap. ult. vitæ S. Ludovic. Beltran. § 3.*

66 *Arist. l. 2. polit.*

67 *In Extravag. Cum praexcelsa, & Extravag Grave nimis, de reliq. & vener. Sanct.*

68 *Cum P. Soar. tom. 2. in 3. p. q. 27. art 1. disp. 3. sect.* *P. Joseph d. l. 1. c. 22. n. 2.*

mais insigne de nosso seculo, & lustre grande desta sua patria, no opusculo da Conceyção escreve, que affirmaõ esta conclusaõ seis mil & cincoenta Doutores: entre elles cento & cincoenta da Familia Dominicana dos Prègadores: & que a professaõ trinta Universidades. 69 O Padre Alva em hum grande tomo, que justamẽte intitulou *Sol veritatis*, 70 com heroico animo tomou por empreza, & a consequio, provar claramente, que quasi todos os Authores, que se costumaõ citar em contrario, se allegaõ, ou falsamente, ou mal entendidos, diminutos, & com equivocações, & ficçoens (como elle diz) & nomeando-os pela ordem do Alfabeto, mostra em seiscentas & quarenta authoridades de trezentos & quinze Doutores, trinta & tres mil erros gravissimos; & cento & vinte & seis erros menores, que todos corrompem, & torcem o sentido dos Escritores: obra admiravel nas noticias de tantos livros, suas differentes impressoens, & originaes de muytos na miudeza, & juizo com que se examinaõ, & declaraõ: & na felicidade com que se faz evidente, que a opiniaõ contraria naõ tem por si os Doutores, que se imaginava, & a da *Immaculada Conceyção* foy sem comparação mais commua em todos os seculos. Nem Saõ Bernardo disse outra cousa, como explica o Padre Samaniego. 71

13 Occasionouse a duvida, que sobreveyo, de que estando nos principios da primitiva Igreja aquella doutrina dos Apostolos taõ assentada, que nenhum dos antigos Padres moveo questaõ sobre ella, antes a suppunhaõ por infallivel: 72 succedeo o sacrilego Pelagio pelos annos de quatrocentos, 73 que por naõ conceder a necessidade do remedio da graça, negou a chaga original da natureza. Para confutar esta heresia, varios Concilios, & Canones 74 definiraõ por locução geral, que todos os descendentes de Adam haviaõ contrahido original peccado, como já Saõ Paulo tinha dito. 75 Pelo mesmo modo escreveraõ os Doutores com tanta generalidade, que se bem alguns exceptuáraõ a *Christo*, por naõ ser concebido por obra de varaõ; os mais omittiraõ esta exceyçaõ por indubitavel, & notoria. 76 E tambem omittiraõ a de sua *Mãy* Santissima, havendo supposto, & ensinado Santo Agostinho, 77 que era sua innocencia taõ certa, que naõ se permittia entrar em disputa de peccado. Basta finalmente haver declarado o sagrado Concilio Tridentino, 78 que naõ era sua tençaõ comprehender a *Immaculada Virgem Maria Mãy de Deos no decreto do peccado original*. Com que se ficou entendendo o mesmo dos outros Concilios, & Santos Canones.

14 Com tudo, porque a doutrina da Igreja deve ser estavel, (que por isso definio *Christo* a seus Discipulos pelo verbo *Estis*, 79 substantivo, & de firmeza) & os Juristas 80 dizem, que naõ fica tal a que naõ foy disputada: pois, como disse Aristoteles, 81 buscar verdade sem disputa, he caminhar sem saber o caminho: quiz Deos dar toda a firmeza a este louvor de

69 *P. Fr. Hugo Cavellus in Rosario apendice post sch. ad l. 3. Scot. sup. sent. Multos etiam in omnibus aetatibus refert Carthagena de arcan. Deip. a l. hom. 19. §. 5. P. Sylveyr opusc. de Concept. q. 18. n. 141. & 142.*

70 *P. Fr. Petr. de Alva, in Sole veritatis, maximè in tit. Ventilatio.*

71 Explicaçaõ da Carta 174. de S Bernardo aos Conegos de Leaõ de França, se veja no Reverendissimo P. Samaniego, *na vida de Scoto l. 1 c 7 ; 4.*

72 *Ita R. P. Fr. Joseph Ximenes Samaniego, in vita Scoti l. 1. c. 7. n. 2.*

73 *P. Joan. Bussier in Floscul. hist. p. 2. c. 1 post med. vers. Et neque lues.*

74 *Concil. Mileviton. c. 1. Carthaginense unum, & Arausicanum alterum, ac decreta Celestini Papae 1. habentur in 1. tom. Concil. pag. mihi 355. 584 595 & 722.*

75 *D. Paul. ad Rom. 5. 12.*

76 *Refere-os o R. P. Samaniego supr.*

77 *D. Aug. lib. de natur. & grat. circa med.*

78 *Concil. Trident. sess. 5. de peccat. origin. in fin.*

79 *Matth. 5. 14.* Vos estis.

80 *Cevallos commun. in Praefat. n. 11. & 12. Surd. cons. 317. n. 21. & cons. 341. n. 36 in 3 libro.*

81 *Arist. in Metaphys.*

de sua *Mãy* : & revelou a mesma *Senhora* a Santa Brigida, 82 que lhe approve, que seus amigos (com quem se tem mais confiança) duvidassem piamente delle. E he de notar, que foy aquella revelaçaõ quasi no mesmo tempo, que se esforçou a duvida.

82 *Revelaç.de S.Brigid l.6.c.55.* Placuit Deo, quod amici sui piè dubitarent de Conceptione mea.

15 Mas quiz o *Senhor* honralla com a circunstancia que houve na duvida da Resurreyçaõ de ambos. O Santo Apostolo Thomás fez palpavel a de *Christo.* 83 E ajudou a publicar a da *Virgem*, como abayxo veremos. 84 tambem Thomás occasionou acrysolarse mais esta gloria da *Senhora.* Podemos dizer com Saõ Gregorio, 85 que foy mais util a duvida, que se occasionou, do que (pòde ser que em outro sentido) 86 disse Thomás, que a facil crença de outros, porque ainda que houve, quem de huma opiniāo disputavel quiz fazer conclusaõ infallivel, da disputa sahio mais infallivel a conclusaõ contraria. Brazāo insigne do nome de Thomás, que suas duvidas sejaõ glorias de Deos.

83 *Joan* 20. 27. Infer digitum, affer manum.
84 *Dissemos no c.69.n 4.& 5.*
85 *D.Gregor. apud Carthag. de arcan.Deio.l 7 hom.14. in princ.*
86 *Vide infrà hoc eodem c. n. 26.*

16 Naõ se pòde passar em silencio o grande louvor do Santo Varaõ, & Doutor famoso Joāo Duns Scoto, da Ordem Serafica de Saõ Francisco: *Joaõ,* voz da Immaculada pureza da *Mãy*, se outro *Joaõ* o foy da Encarnação do *Filho* : 87 *Duns* por natural de *Duno*, Cidade nobre, & antiga de Irlanda na Provincia de Ultonia, ainda que o litiguem Escocia, & Inglaterra. *Scoto*, porque a Provincia dos Frades Menores, em que professou, se chamava entaõ de *Escocia*, posto que em Irlanda, por esta se haver assim chamado em outros tempos. 88 havendo sido o primeyro que escreveo em defensa da preservação da *Virgem* por termo de controversia escolastica, 89 & que a defendeo na Cadeyra de Prima, que lia na Universidade de Oxonia de Inglaterra, entaõ muyto celebre: houve tanta alteraçaõ nos Doutores da de Pariz, a mais insigne daquelle tempo, que o Summo Pontifice Benedicto XI. (outros o contaõ IX.) mandou à Religiāo Franciscana propugnadora desta doutrina, que a defendesse em Pariz em solēne disputa, com assistencia de Legados Apostolicos, que enviou por Juizes, para com aquelle exame se qualificar. O muyto Religioso Fr. Gonçalo de Val Bom, Portuguez de entre Douro, & Minho, 90 Géral da Ordem, eleyto no Capitulo géral, que se celebrou em Assis no anno de 1304 (porque Portugal interviesse na gloria daquelle acto) deputou logo para o certamen a Joaõ Duns Scoto, principal Athleta, & Athlante da illustre conclusaõ. E juntamente ordenou, que primeyro se graduasse Doutor na mesma Universidade Parisiense, (como já o era na Oxoniense) para se achar nella já introduzido.

87 *Isai.40.3. Matth.3.3. Luc.3.4. Joan.1.23.*
88 *Cum Cavello in vit.Scot.c.1. & Uvading.in annal.& in vit.Scot. c.1. Joa.Colgan in vit.ejusdē, atque alij. P. Samaniego d l 1.c 1. n. 2.*
89 *Scot.in 3 sent.dist.3.q. 1.*
90 *Com Rodulpho o mostramos nas excellencias de Portugal c. 13. excel.3.n.3.*

17 Chegado de Oxonia a Pariz, se offereceo logo em hum Collegio hum acto, em que se defendia a opiniaõ contraria, por ser a questāo que mais entāo se ventilava. Pediraõ-lhe os seus Frades, que fosse arguir incognito, & o fez com taõ acre

viveza,

viveza, tão agudo engenho, tão efficaz demonſtração, vibrando em cada propoſição hum rayo, prevenindo as repoſtas, cortando as ſoluçoens, que ſó impedia todos os caminhos de invadir o argumento. Turbou-ſe o ſuſtentante, embaraçou-ſe o Preſidente, paſmou o auditorio; ſó hum Doutor levantou a voz dizendo: *Ou es Anjo do Ceo, ou Demonio do Inferno, ou Scoto de Duno.* A victoria o deu a conhecer. 91

18 Graduado com actos admiraveis, chegou o dia ſinalado à ſolemne diſputa. E muyto de manhã ſe vio a Aula da Sorbona, campo deſtinado para a illuſtre batalha, inundada de innumeravel povo dos Scholaſticos, & dos curiosos leygos de toda a Cidade: ornada logo de eſquadroens de Doutores, coroada ultimamente dos Legados Apoſtolicos, que entrárão acompanhados do Cancellario da Univerſidade, & dos Cathedraticos mais antigos. Sahio do ſeu Convento com alguns ſeus diſcipulos o Minorita Scoto, como outro David, a combater com letrados tão gigantes. E paſſando por huma capella, ſobre cuja portada eſtava huma Imagem marmorea da *Rainha do Ceo*, com os olhos nella, os geolhos em terra, & o coração no que repreſentava, lhe diſſe o verſo: *Dignare me laudare te, Virgo Sacrata: da mihi virtutem contra hoſtes tuos.* A Imagem (caſo eſtupendo!) inclinou a cabeça, deſpachando a petição. E aſſim ficou atè hoje, para que ninguem duvide da victoria antiga, & cada dia ſe faça nova. Contão o milagre, (alèm dos Eſcritores Franciſcanos, que parecerão ſuſpeytos) os Padres, Pineda Jeſuita, & Lezana Carmelita, Oyer Auguſtiniano, 92 & outros, & com exactas diligencias, por fama, & tradição conſtante ſe renovou a prova delle no anno de 1579. ſendo Geral digniſſimo da Ordem Serafica Frey Franciſco Gonzaga, tão ſanto, como illuſtre. 93

19 Com tal ſeguro proſeguio Scoto confiado; entrou na Aula, ſubio à cadeyra Actuante, & Preſidente, tendo de idade ſós trinta annos. Conſiderou bem o Reverendiſſimo, & Doutiſſimo Padre Frey Joſeph Ximenes Samaniego, (que neſte ultimo triennio vimos digniſſimo Cõmiſſario Geral da meſma Ordem) na ſua vida que eſcreveo com grande elegancia: 94 Que não faltaria entre aquelle numeroſo concurſo, hum Saul curioſo, que inveſtigaſſe ſua patria, pays, & linhagem: hum Jonathas piedoſo, que ſe lhe affeyçoaſſe vendo-o em tão honrado empenho: & hum Filiſteo ſoberbo, que o deſprezaſſe, por moço, & attribuiſſe ſeu valor a temeridade. 95

20 Propoz a queſtão com eſtylo Laconico: & hum dos Legados Apoſtolicos com breve, & grave pratica declarou a razão, & o fim porque o Summo Pontifice mandára, que ſe tiveſſe aquelle acto: & ordenou, que os arguentes não uſaſſem da fórma commua dos dilatados argumentos, em que ha mais palavras, que razoens: mas cada hum ſuccinta, & ſubſtancialmente propuzeſſe, o que ſe lhe offerecia contra a opinião, que

Bb defen-

92 Ex Hugon. Cavello. in vit. Scoti c. 1. & 5. Joan. Colgan. in vita ejuſdem. Joan. Pontio in Apolog pro Scoto, Hybern. reſtit. n. 7. & 8. P. Samaniego l. 1. c. 8. n. 6.

92 Pineda in advert. ad privileg. Joan. Reg. Aragon. Lezana in Apolog. c. 15. Mich. Oyer in orat. encomiaſt fol. 11.

93 Narrat Hippolyt. Doneſmundus in vita Franc. Gonzag. l. 2. c. 10.

94 R. P. Samanieg. d. l. c. 9. n. 4.

95 Ita cum Davide contra Gigãtem, 1. Reg. c. 17. & c. 18. in princ.

defendia Fr. João Duns Scoto. E elle reſpondeſſe pelo meſmo eſtylo; porque ſó deſte modo poderia melhor o auditorio formar juizo, nem podia haver tempo para outra forma dilatada ſem neceſſidade.

21 Achavaõ-ſe preparados muytos arguentes, os mayores Letrados que aſſiſtião na Univerſidade, & chamados de fóra. Sem digreſſaõ, attentos ſó ao ponto, propuzerão ſeus argumentos, & forão duzentos fortiſſimos, que muyto apertárão. Elle, *Sem interrupçaõ os ouvio com animo quieto, & ſoſſegado*, (palavras de Pelbarto) 96 *E depois com maravilhoſa memoria*, (não podia ſer ſem milagre) *os repetio todos por ſua ordem ſoltando ſuas intrincadas difficuldades, & nodoſos ſyllogiſmos com a facilidade, com que Samſaõ rompia as ligaduras de Dalila. E accreſcentou muytas, & fortiſſimas razoens, provando, que a Virgem Santiſſima fora concebida ſem macula de original peccado. O acto fez paſmar aquella ſapientiſſima Univerſidade Paraſienſe, que em graficaçaõ laureou a Scoto com o celeberrimo nome de Sutil.* Bernardino de Buſtis Author grave, tratando do meſmo acto, diſſe aſſim: *Taõ invencivelmente confutou os fundamentos, & argumentos dos adverſarios, & comprovou eſclarecida a innocencia da Conceyçaõ da Senhora, que todos aquelles Doutores muyto admirados de ſua ſutileza, emmudecèraõ; naõ puderaõ mais diſputar. E logo ſua opiniaõ foy approvada pelos Eſtudos Pariſienſes.* 97 Da meſma maneyra referem outros muytos Eſcritores 98 aquelle acto.

96 *Pelbart.l.4 ſtellar.p.2.art.3.* Magnum fuit pondus argumentorum, erantque numero ducenta, omnia ſine interruptione, quieto, & tranquillo animo attente audivit, & mirabili memoria ſuo ordine reſumpſit, ſolvendo intricatas eorum difficultates & nodoſos ſyllogiſmos ea facilitate, qua Samſon Dalilæ ligamina dirumpebat: & addit multas, & fortiſſimas rationes, probans Virginem Sanctiſſimam ſine originalis peccati macula cōceptá. Actus obſtupeſcere fecit ſapientiſſimã illam Univerſitatem Pariſienſem, quæ in gratificationē Scotum celeberrimo nomine *Doctoris Subtilis* inſignivit.

97 *Bernardin.de Buſt.in Mariali, in offic.Concept.lect* 4 Adverſariũ fundamentis, argumentiſque omnibus invencibili ſermone confutatis, ita Conceptionis Dominæ noſtræ Innocentiam clareſcere comprobavit, quod omnes illi fratres, ſubtilitatem ejus plurimum admirati, ob muteſcentes diſputando defecere: quapropter opinio Minorum à Pariſienſe ſtudio illico approbatur.

98 *P.Ojeda Jeſuita in informat. pro Concept.c.15 §.6.* *P.Salazar Jeſuit.de Concept. lib.3. diſſert.3.adnot.1. n. 7.* *Et omnes, qui ſcripſerunt vitam Scoti.*

22 No dia ſeguinte, juntos os Legados Apoſtolicos com o Clauſtro pleno da Univerſidade, feyto juizo do acto do dia precedente, mudado o parecer, que atè entaõ haviāo tido ſeus Meſtres, & Doutores, abraçárão todos a doutrina da *Immaculada Conceyçaõ da Mãy de Deos em ſeu primeyro inſtante phyſico de ſeu ſer natural, & real uniaõ da alma ao corpo, preſervada da culpa original pela infuſaõ da graça ſantificante, que em aquelle inſtante ſe lhe deo pelos merecimentos previſtos de ſeu filho.* Decretou-ſe logo, que os Cathedraticos, & Doutores juraſſem defender aquella doutrina; (como depois ſe jurou em outras Univerſidades.) E que a Univerſidade celebraſſe todos os annos a feſta da *Immaculada Conceyçaõ da Virgem*, para que cada anno triunfaſſe Scoto com ella. Honrárão a Scoto com o titulo de *Doutor Sutil*, que o Papa lhe confirmou, & porque he conhecido. Tudo iſto, & os mais applauſos com que toda a Cidade concorreo, deyxáraõ tambem eſcrito, Baconio ſeu contemporaneo, da Ordem Carmelita, & muytos outros Authores. 99

99 *Bacon.in 4.diſt.2.q.4.art. 3.* *Ant.Cucar in elucidar. Virg.p.2.* *P.Ojeda in d. informat p. 62.* *P Salazar ſup.c.42.ſect.14* *Latè Samanieg d.l.1 c.9.n. 8. & 9.*

23 Paſſou Scoto a Colonia, & em ſemelhante diſputa com os diſcipulos de Santo Alberto Magno alcançou ſemelhante victoria, & ſe lhe confirmou o titulo de *Sutil*. 100

100 *Joan.Pitſeus, de ſcript. Angl.an.1308.* *Cavellus in Roſar.in teſtimon.14.ſaculi in princ. & in vita Scoti c. 4.* *P.Samaniego, d.l.1.c.12.n.5.*

24 A torrente dos Doutores, que depois eſcrevèraõ, fez já ceſſar a controverſia; de modo, que como Deos matou a Oſa 101 por preſumir, que podia cahir a Arca do Teſtamento, que era figura da *Virgem*, pòde temer grande caſtigo, quem preſumir,

101 *1.Reg.6.6.*

ſumir, que à meſma *Virgem* cahio. A cauſadora de noſſo remedio não havia de ter menos nobre principio, que *Eva* cauſadora de noſſo damno antes de inobediente: ſe tivera menor perfeyçaõ, naõ lhe chamára o Eſpirito Santo, *A mais fermoſa entre as mulheres.* 102 Pode o Filho livrar ſua Mãy daquella divida, he logo certo, que a livrou. Honra-ſe o direyto civil provando eſta conſequencia com hum texto elegante, 103 no qual hum filho (cujo pay o havia emancipado antes da puberdade, & ficára ſendo tutor) 104 morrendo depois com filhos herdeyros, diſſe em ſeu teſtamento, que *Foſſe ſeu pay livre da acçaõ da tutoria.* Duvidouſe eſta liberaçaõ o eſcuſava naõ ſómente da obrigaçaõ de dar contas, mas tambem de entregar aos filhos, & herdeyros do defunto partidas de dinheyro, que cobrára como tutor, & tinha gaſtado comſigo; ou dadas a ganho. Reconheceo o ſubtiliſſimo Juriſconſulto Scevola, que ſe aquella liberaçaõ fora deyxada a outra peſſoa, naõ concluira taõ plena abſolviçaõ ſem palavras eſpeciaes; (& aſſim o decidio no §. ſeguinte, & o notáraõ Accurſio; & Bartolo. 105 Porèm ſendo deyxada a pay, reſpondeo, que tudo nella ſe incluhio, & dá a razaõ: *Porque o natural affecto faz preſumir, que tudo concedeo ao pay.* (E igual piedade enſina em outro texto o Juriſconſulto Ulpiano, 106 que ſe deve à mãy; antes he mais amoroſa. 107 E aſſim em tudo as leys medem pay, & mãy igualmente. 108 De maneyra, que na conceſſaõ, & liberação de filho para pays, ſuppoſto o poder, não difficultou o Juriſconſulto Scevola o querer, porque eſte, (& mais ſendo o de Deos tão juſtificado) ſempre ſe ajuſta com o vinculo, & affecto natural; pois que pode, quiz; (reſolveo o texto.) E concorrendo na *Senhora* ſer tambem Filha, & Eſpoſa, naõ cabe em bom diſcurſo deyxar de entenderſe, que ſeria a conceſſaõ, & liberação ampliſſima, multiplicados os vinculos, & affectos de amor, & eſtimação. 109

25 Por Eſpoſa de Deos, & Emperatriz do Ceo lhe aſſiſte outro texto, em que o Juriſconſulto Ulpiano diz, *Que poſto que a Auguſta naõ ſeja por mero direyto izenta das leys; como he o Principe, antes ſugeyta a ellas; com tudo o Principe lhe dà os meſmos privilegios, que tem;* 101 entendendo-ſe os que lhe ſaõ compativeis, como declara a gloſa, a qual eſpecifica (muyto ao noſſo caſo) que ſerá livre de tributos; 111 tributo he o peccado da natureza, & como ab æterno foy eſcolhida por Eſpoſa, & Emperatriz, 112 já daquelle tempo eſtava preſervada. Advertindo, que á Eſpoſa já eſcolhida competem os privilegios de mulher preſente, 113 poſto que lhe naõ compita o direyto do que lhe pòde ſer odioſo. 114 Mais nos puderamos alargar, pois entramos em noſſa profiſſaõ, & a materia he de ley; mas reſtringio-ſe o titulo deſte capitulo ao hiſtorico, & reſervamonos para tratado particular, & todo legal, abſtrahido do Theologico, ſe Deos nos der vida, & forças para novo emprego.

101 *Cantic.* 1.7. O pulcherrima mulierum.

103 *L Aurelius* 28. *aliàs* 19. § *Filius teſtamento ff de liberat legat.* Præſumptio enim propter naturale affectum, facit omnia patri videri conceſſa.

104 *Juxta text. in tit Inſt. de legit. parent. tutela.*

105 *D. L. Aurelius. §. Mevia. Gloſſa, præſumptio, fin. in d §. Filius & ibi Bart. in ſummar.*

106 *In L furioſæ* 4. *ff de curator furioſ.* Pietas enim parentibus, et ſi inæqualis eſt eorum poteſtas æqua debetur.

107 *Vide ſup. in* 1 *p. c.* 8 *à n.* 2 *max n* 6.

108 *L. Nam, & ſi parentibus* 15. *ff. de in offic. teſtam. l* 1. *C. de alend. liber. & parentib. & ſæpe.*

109 *Mantic. de conject. l.* 8. *tit.* 13. *n.* 7. *Cevallos commun. q.* 778. *n* 28. & 38. *Lara de anniverſ. & capel. l.* 2. *c.* 3. *n.* 34. *Caſtilho quotidian. l.* 5 *c.* 67. *n.* 29. *Latè diximus in noſtris deciſionib. dec* 1 *maximè n.* 8. 15. 24. *cum ſeqq.*

110 *L. Princeps* 31 *ff. de legib.* Princeps legibus ſolutus eſt Auguſta autem, licet legibus ſoluta non eſt, Principes tamen eadem illi privilegia tribuunt, quæ & ipſi habent. *Conſonant L. Fiſcus* 6 *in fine ff. de jur. fiſci, & L. Bene à Zenone. C. de quadrien præſcript.*

111 *Gloſ. in d L Princeps.* Eſt ergo immunis à præſtatione vectigalium.

112 *Diximus in* 1. *p c* 1.

113 *In L.* 2 § *fin ff. de privileg. credit. de quo ibi gloſſa, verbo, ad privilegium.*

114 *Gloſſa fin. L. Solet.* 10. *ff. de his qui not. infam.*

26 Acrefcentárão luftre a efta verdade as melhores letras da inclita Familia Dominicana, guiadas por feu Patriarca Santo, como já referimos. 115 Com aquella tocha, com que fonhou a mãy defte Pay illuftriffimo quãdo o trazia no ventre, 116 bufcàrão feus filhos nos lugares mais reconditos, quanto por huma, & outra parte podia apurar efte myfterio. Diogenes com a fua tocha ao meyo dia não achava hum homem: 117 eftes Filofofos Chriftãos com a de feu Meftre na efcura noyte do peccado achárão huma mulher toda luz. No *Armamentario Serafico* fe referem os mais graves Dominicanos, que affim o efcrevêrão: o Chronifta Dom Thomás Tamayo de Vargas nomea outros mais. 118 Dous baftão por muytos, hum o graviffimo Herveo de Natal, que chegou a fer Geral de toda a Ordem, & fendo em Colonia cabeça dos difcipulos de Santo Alberto Magno quando Scoto foy aquella Cidade, como differmos, foy o Capitão da difputa que alli teve. E havendo antes feguido a contraria opinião nos *Sentenciarios*, efcrevendo depois fobre a Epiftola II. de S. Paulo aos Corinthios, expreffamente exceptuou a *Mãy* de Deos, da univerfal propofição. 119 Outro he o Reverendiffimo, Doutiffimo, & Religiofiffimo Frey Joaõ de Santo Thomás, natural de Lisboa, Lente de Vefpera de Theologia na Univerfidade de Alcalá, Confeffor delRey Catholico Dom Felippe IV. & faleceo eleyto Inquifidor Géral de Caftella, que eftabelecendo a mefma conclufaõ, declara a mente do Angelico Doutor Santo Thomás, moftrando, que não efcreveo contra a *Conceyçaõ Immaculada* em feu primeyro inftante; mas antes, que o que então diffe, apoya, & prova o que hoje cremos. 120 Não era crivel, que hum tão grande lume da Igreja tiveffe outra tenção; já quando menino de peyto comeo o papel, em que eftava efcrita a oração da *Ave Maria*; 121 moftrou, que fempre havia de ter no peyto o *Gratia plena*, pofto que os feus efcritos foffem menos bem explicados. Muyto judiciofamente conclue o infigne Doutor Soto da mefma Sagrada Religião, 122 que *Já, depois do Concilio Tridentino*, 123 *não era prudente pôr em difputa a materia da Conceyçaõ da Virgem, pois difto fe naõ podia tirar fenaõ odio.* E o Bifpo Vincencio Juftiniano 124 da mefma Religião, declarando como São Luis Beltrão fentira o mefmo, diz: *Pois que defta oppofiçaõ fe não tira mais, que cançar a todo o mundo, feria grande prudencia deyxalla, como fazem os que fahem com preffa de huma cafa, que vay cahindo. Tiaras, capellos, mitras, fceptros, cathedras, pulpitos, & geralmente o povo Chriftão, cuja voz em coufas femelhantes fe naõ deve defprezar, abraçaõ a immunidade da Virgem; eftando pois já tão defapoyada a contraria opiniaõ, grande prudencia será naõ matar-fe por defendella.* Se fe deve abfolver qualquer mulher peccadora por huma opinião provavel, quem póde duvidar de abfolver a mais Santa por huma doutrina tão commua!

27 Selle

115 *Nefte c. n. 7.*

116 *Vilhegas na Vida de S. Domingos.*

117 *Laert. de vit. philof. in Diogen.*
Lucernam interdiu accendens, hominem, aiebat, quæro.

118 *Armament. Seraphic. p. 2. Regeft pag. mihi 476. tit facra Religio Predicator. cum pagin fequẽtib. Tamaio nas novidades antig. de Hefparha a Flav. Dextro, novidad. 17. circa med. verf.*

119 *Herveus, in Epift. 2. ad Corint. c. 5. ad illa verba: Ergo omnes mortui funt.*

120 *P. Fr. Joan. à Sanct. Thoma, in 1. p. D. Thom. tom. 1 difp. 2.*

121 *Vilheg. no Flos Sanct. vid. de Sanct. Thom. no princ.*
Vide infra c. 62. n. 6 ad fin.

122 *Soto fup. c. 5. Epift. ad Roman.*

123 *Tridentin. de peccat. origin. feff. 5.*

124 *Vincẽt. Juftinian. fupr. §. 14.*

27 Selle este Capitulo a devoção de Portugal a este mysterio. Dona Brites da Sylva Portugueza, illustre em sangue, & santidade, instituhio em Toledo a Ordem das Religiosas da Conceyçaõ, 125 cuja Regra contèm, que a alma da *Virgem* foy Santa no seu primeyro instante; 126 & a approváraõ os Summos Pontifices Sixto IV. & Julio II. A Igreja de Nossa Senhora da Conceyção em Villa Viçosa se tem pela mais antiga de Hespanha com esta invocaçaõ, depois das que fundou Santiago. Nosso grande Rey D. João IV. em Cortes dos Estados do Reyno no anno de 1646. tomou, & jurou a *Senhora* neste mysterio por Protectora do mesmo Reyno; & lho fez tributario em cincoenta cruzados de ouro cada anno, applicados para a dita Igreja de Villa Viçosa; os quaes offerece a mesma pessoa Real na Missa com q̃ se celebra sua festa a 8. de Dezembro. O juramẽto se fez na Capella Real a 25. de Março, que em aquelle anno concorreo com a festa da Dominga de Ramos; accrescentando, que elle, & todos seus successores, & vassallos seriaõ obrigados a defender a excellencia da *Conceyçaõ Immaculada*, expondo por isto as vidas, se fosse necessario. 127 Tratou-se logo, de que a insigne Universidade de Coimbra, & todos seus Cathedraticos, & professores fizessem o mesmo juramento, sendo motor da pratica em hum Sermaõ o muyto Reverendo Padre Frey Alexandre de Jesus, Lente jubilado em Theologia, da Provincia de Portugal, da Ordem Serafica, zeladora continua desta prerogativa da *Virgem*, Varão douto em varia erudição, meu grande amigo; & com ordem do dito Senhor Rey, como Protector que he da Universidade, se fez o juramento em Sabbado 28. de Julho do mesmo anno, sendo Reytor Manoel de Saldanha, q̃ morreo eleyto Bispo de Coimbra. Pouco depois o muyto Reverendissimo Padre Fr. Antonio das Chagas, que por seu engenho chamáraõ Scoto, Lente jubilado em Theologia, & Padre da mesma Provincia Serafica, me praticou quanto glorioso seria escreverse em marmores para eterna memoria sobre as portas das Cidades, & Villas do Reyno, aquelle juramento das Cortes. Seja-me licito honrarme com referir, que o representey ao dito Senhor Rey D. Joaõ IV. & o zelo de Sua Magestade o approvou logo; & me mandou, que eu mesmo compuzesse a inscripçaõ, dizendome, para mayor honra, que só de mim a fiava. Eu a compuz, & appliquey pòr-se naquelles lugares nesta fórma.

Æternit. Sacr.
Immaculatissimæ
Conceptioni Mariæ
Joannes IV. Portugalliæ Rex,
Unà cum general. Comitijs,
Se, & Regna sua
Sub annuo censu tributaria
Publicè vovit

125 *Yepes tom. 2. fol. 218. P. Fr. Francisco Gonzag. na fundaçaõ da Conceyç. de Toledo. Duarte Nunes de Leaõ na descripç. de Portugal c. 49. Gil Gonçalves de Avila nas grandez. de Madrid, l. 4. tit. del Concejo de Portugal.*

126 *Regra da Ordem da Conceyçaõ c. 3.*

127 *Trata disto o Chronist. mor Fr. Francisco Brandaõ na 6. p. da Monarch Lusit. l. 19. c. 23.*

Atque Deiparam in Imperij Tutelarem electam,
A labe originali præservatam perpetuo defensurum
Juramento firmavit.
Viveret ut pietas Lusitan.
Hoc vivo lapide memoriale perenne
Exarari jussit
Ann. Christi M.DCC. LVI.
Imperij sui XVI.

Virgem Immaculada, mais pura que a neve, mais resplandecente que o Sol, espelho da innocencia, prototypo da santidade, toda bella, toda fermosa. Como vos chamaria o Espirito Santo, *Pomba*, 128 se houvera visto em vos fel? Como vos chamaria, *Sem macula*, 129 se tivereis a nodoa de haver sido manchada? Como diria, *Que vos possuira do principio*, 130 se em algum instante naõ houvereis sido sua? Como seria digno *Throno do Altissimo*, 131 o em que se houvesse assentado o peccado? Nem foreis taõ decente Rainha do Ceo, 132 havendo sido escrava da culpa: nem taõ illustre Máy de Deos, faltandovos perfeyçaõ original: nem elle taõ amante vosso, se vos negára este beneficio. Vestio-vos o Sol, 133 porque sempre fostes clara: pizastes a Lua, 134 porque nunca tivestes minguante: coroáraõ-vos as Estrellas, 135 porque principiastes no lugar mais alto das luzes. Sois palma, 136 que naõ cedeo ao pezo da natureza: 137 Oliveyra, 138 que se mostrou levantada entre o diluvio do mundo: 139 Rosa, 140 a que naõ ferirão os espinhos de que nasceo cercada: Çarça, a que o fogo naõ tocou: 141 Vèlo, a que as aguas naõ passáraõ: 142 Favo na boca do Leaõ: 143 Torre nunca 144 entrada do inimigo. Assim começou a levantarse a humana natureza da quèda do peccado, em huma Filha de Adam concebida em graça.

128 *Cantic* 2.10. Colũba mea.
129 *Cant.* 4. 7. Macula non est in te.
130 *Proverb.* 8. 22. Dominus possedit me in initio viarum suarũ, antequã quidquã faceret á principio
131 Thronus Dei.
132 Regina Cæli.
133 *Apocalyps.* 12. 1. Mulier amicta sole.
134 *Apocalyps sup.* Luna sub pedibus ejus.
135 *Apocal. sup.* In capite ejus Corona stellarum duodecim.
136 *Ecclesiast.* 14. 18 Quasi palma exaltata sum.
137 *Vide in* 1. *p. in introduct. n.* 2
138 *Ecclesiast sup.* 19. Oliva speciosa in campis.
139 *Genes.* 8 11.
140 *Ecclesiast.* 24. 18. Plantatio rosæ.
141 Rubus incombustus *Exod.* 3. 2.
142 *Judic.* 6. 38.
143 *Judic* 14. 8.
144 Turris David.

CAPITULO XVI.

Alegre Nascimento da Senhora.

1 PArece que os seculos contendiaõ sobre a gloria de taõ feliz Nascimento; 1 & assim ha setenta & duas opinioens 2 na computaçaõ dos annos do mundo; o muyto douto Padre Bento Pereyra 3 aponta as causas desta differença. Pela das historias, que segue o judicioso Author do Flosculo dellas, 4 & conforma com a dos Hebreos seguida por Joaõ Benedicto nas annotaçoens da Biblia, 5 differa eu que a *Senhora* nascèra no anno 4038. da creaçaõ do mundo: 2381. depois do diluvio: & 737. da fundação de Roma. O Author da Monarchia Ecclesiastica, 6 mais arrimado ao computo Ecclesiastico, que para isto parece mais proprio, poem este Nascimento no anno do mundo 3945. & o Abulense 7 accrescenta dous,

1 D *Damascen. de Nativit Virg,* Certabant sæcula, quodnam ortu Virginis gloriaretur.
2 *Refere-os Pineda na Monarch. Eccles. p.* 1. *l.* 1. *c.* 11. § 3. *Vide etiam Nostradam nas suas prophecias no prolog a Henrique II. antes da centur.* 8.
3 *Perer. in Gen l.* 1. *c.* 1. *v.* 1. *n.* 35.
4 *Floscul. hist p.* 1 *c* 9 *in fine.*
5 *Joan. Benedict. in annot. ad Bibl.*
6 *Pineda sup.*
7 *Abulens. in c.* 2. *Matth. q.* 91.

dous. Mas naõ ouſo deſviarme do Padre Fr. Joſeph de Jeſus Maria, por ſer tão veneravel Hiſtoriador da *Virgem*, o qual diz, 8 que pela conta dos ſetenta & dous Interpretes, que a Igreja abraça, naſceo a *Senhora* aos 5184. annos do mundo creado: 2942. do diluvio univerſal: quarto anno da Olympiada 190. da fundaçaõ de Roma 738 das Hebdomadas de Daniel 439. & 24 da era de Auguſto, qualquer anno que foſſe, foy o primeyro na dita.

2 Naſceo em Setembro, mez ſeptimo do anno, que he numero perfeyto, & myſterioſo, como na primeyra parte deſta obra diſſemos largamente; 9 mez em que o Sol (repreſentando o divino) eſtá no ſigno de *Virgo*, do que o Aſtrologo Albumaſar fez entre os Caldeos ſobre eſte Naſcimento hum illuſtre pronoſtico que refere Ferreolo; 10 foy mez feſtivo aos Hebreos, 11 mez em que ſe colhem os frutos para a vida.

3 Aos oyto dias do mez, moſtrando-ſe que era paſſado o ſeteno de noſſa doença mortal, & tinhamos entrado na convaleſcença, em tal dia entrou o Emperador Tito a aſſolar Jeruſalem; 12 ſendo juſto, que em tal dia morreſſe Cidade, que naõ conhecèra o bem que lhe naſceo em tal dia. Tambem a oyto de Setembro inſtituhio o Papa Urbano VIII. a feſta de *Corpus Chriſti*, a perſuaçaõ do Angelico Doutor Santo Thomás; 13 naõ ſem myſterio no dia, em que naſceo a *Mãy*, ſe manda particularmente venerar o corpo do *Filho*.

4 Cahio em Sabbado, 14 dia que Deos tinha na Ley ſeparado para ſi 15 (que em dia dos homens naõ naſceria tal fruto,) & por não ſahir da Caſa Real de Deos, ficou dedicado a ſua *Mãy* Santiſſima, depois que a Igreja, por reſpeyto da Reſurreyçaõ glorioſa, lhe ſubſtituhio, & ſeparou para o *Senhor* o dia de Domingo. Naſceo ao amanhecer, 16 moſtrando-ſe Aurora do Sol Divino.

5 Venturoſo dia! em que o mundo logrou principio de ſua reſtauraçaõ: em que ſe lhe deo penhor da bemaventurança: em que vio a eſcada, por onde elle havia de deſcer, & nós haviamos de ſubir: a porta por onde elle havia de entrar na terra, & nós no Paraiſo; dia em que ſe ornou da joya cobiçada dos Anjos, & tinha em ſi a Rainha do Ceo.

6 Nunca a dourada Aurora appareceo taõ bella: nunca o luzente Sol naſceo taõ brilhante: nem a purpurea Roſa, & candida Açucena ſahirão tão fermoſas a fragrante duello em manhã freſca de Abril, ou Mayo, como a doce Menina, percurſora do Sol Divino rayo de mayor luz, maravilha das flores, ſe oſtenta naſcida, allumiando o mundo, & ſendo a flor dos Santos. Naſcey Eſtrella d'Alva a deſterrar a noyte: vinde chave do Ceo a desfechar o dia: ſahi luz do Oriente a allumiar a terra: Sol mais claro, & fecundo a fazella fructifera: vòs em taõ tenra idade, já ſois Mãy dos viventes: vòs nos trazeis a vida, que perdemos em *Eva*: renaſcem em vòs a gloria, que a ſó vòs eſperava:

8 *P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. hiſt. de N S l. 1 c 31. n. 2. O meſmo diz Villadiego no Cathalogo dos Reys, & Senhores de Heſpanha, tit. dos Emperadores, in princ. que anda antes dos comment. & leys dos Godos, chamadas* Fuero juſgo.

9 *P. 1. c. 50. n. 5.*

10 *Ferreol de Auguſta Maria l. 1. c. 14.*

11 *P. Fr. Joſeph ſup. c. 36. n. 1.*

12 *Ludovico Dolce, Joan. Schmidius, & Elias Reusner. in Diarijs hiſtor.*

13 *Joan. Schmid. in d. Diario.*

14 *Carthagena de arcan. Deipar. p. 1. l. 2. homil. 1. verſ. ſed pergo. P. Joſeph d. c. 31. n. 2. in fin. P. Fr. Manoel do Sepulchro, na refeyç. ſpirit. p. 2. c ult. n. 18. P. Ant. Balinghen in Ephemer. ſeu Kalendar. Virg. die 8 Septemb. n. 2.*

15 *Geneſ. 3. 2. Exod. 20. 10. Deuteron. 5. 14.*

16 *P. Salinghen d. n. 2. in fin.*

rava:porque dada por vòs fiquemos mais felices.

7 Bem ſe pòde cuydar, que a machina univerſal ſe alegrou de ter a quem ſerviſſe dignamente, deſafrontada já de ſempre haver ſervido a peccadores, como conſiderou Santo Anſelmo. 17 Nem pára iſto em conſideraçaõ, pois por realidade refere Theofilo 18 na ſua hiſtoria, que no dia em que naſceo a *Virgem*, reſplandeceo o Sol com dobrada claridade da ſua ordinaria, & a Lua naquella noyte pareceo ter rayos de Sol, & em alguns ſeguintes ſe não vio nuvem pequena, que a rodea, antes eſtava o circulo todo claro, & no meyo do globo havia hum reſplandor extraordinario como de Eſtrella luziſſima.

17 *D. Anſelm. de excel. Virg. c.* 10. & 11.
18 *Theophilus 9. apud Pelbart. ſtellar. l. 1. p. 2. art. 2.*

8 O gozo da Santiſſima *Trindade* neſte dia: a alegria dos Anjos: a conſolaçaõ dos Padres do Limbo: & o terror do Inferno deſcreve o P. Fr. Joſeph de Jeſus Maria 19 com palavras de eſpirito, q̃ não ſey imitar bem. Bem ſe prova (diz elle) do que alguns Authores contão, 20 que eſtando antigamente occulto o dia deſte Naſcimento, hum varaõ Santo ouvindo todos os annos a oyto de Setembro grandes feſtas, & muſicas Angelicas; & pedindo com humildade muytas vezes a Deos, que lhe manifeſtaſſe a cauſa, para os ajudar com ſeus pobres affectos, lhe foy revelado, que em tal dia havia naſcido a *Virgem Mãy.* Se tanto ſe celebrava a repreſentação, quanto mais ſe haveria celebrado o meſmo dia?

19 *P. Joſeph d. l. 1. c. 32.*
20 *Pelbart. ſup. l. 5. p. 2. art. 3. Vincẽt in ſpecul. hiſt. l. 7. c. 119. aliàs l. 6. c. 65. P. Balinghen. ſup. n. 3.*

9 Naſceo a *Senhora* em hum lugar chamado *Sephero*, tres legoas de Nazareth, 21 na caſa de campo, em que o Santo Pay Joachim trazia os ſeus gados, & aſſiſtia, ſem querer tornar á Cidade atè naõ ſahir da nota de eſteril, cumprida a promeſſa, que o Anjo lhe fizera no meſmo lugar. 22 Santa Anna chegada ao tempo do parto, foy buſcar ſua companhia em aquelle goſto. Entre paſtores (diſſe S. João Damaſceno 23) naſceo a Cordeyra Immaculada, de que havia de naſcer o Paſtor do Mundo 24 tambem entre Paſtores, 25 porque em tudo ſe preparava para molde ſeu como diſſemos. 26

21 *Abulenſ. in Matth. 8. q. 91.*
22 *Supra c. 14. n. 4.*
23 *D. Damaſcen. l. 4. fidei c. 15.*
24 *Joan. 10. 14.*
25 *Luc. 2. 8.*
26 *Sup. c. 14. n. 4.*

10 Venturoſa patria! *Nazareth,* entre outras etymologias, ſe interpreta flor; era flor 27 das Cidades, a q̃ em ſeus campos deo tal fruto; o fruto a honrou, mas ella em algum modo o mereceo: a luz que naſceo nella a fez mais clara: mas Oriente de tanta luz não era eſcuro; bem ſe pode jactar de ſer melhor patria, pois o ſummo louvor da patria he a virtude dos filhos. 28

27 *D. Hieron. Epiſt. ad Marcel.* 17. *c. 8. tom. 1.*
28 *Petrarcha de proſp. fort. dial. 15. de patria glorioſ.* Summa patriæ laus ſola virtus eſt civium.

11 Entendem os Santos Doutores, 29 que deputou Deos muytos Anjos para ſervirem a eſta *Senhora*, preſidindo a todos o Anjo S. Gabriel, 30 que de ſua creaçaõ fora reſervado para eſta dignidade, & por acatamento della, nem antes, nem depois ſervio de outra guarda; porèm que nenhum preſidia á *Virgem* ſuperiormente como os da noſſa guarda, porque Deos immediatamente lhe preſidia como a eſcolhida para ſi, & a tinha taõ favorecida, que nada a podia offender.

29 *Refereo-o o P. Fr. Joſeph ſup. d. lib. 1. c. 36. n. 2. & l. 2. c. 1. n. 2. S. Bernard. Senenſ. ſerm. 51. art. 3. S. Gregor. Nicod. orat. de oblat. Virg.*
30 *De S. Gabriel vide infra c. 24. n. 4. S. Ildephonſ. ſerm. 5. de Aſſumpt.*

12 Naõ

12 Naõ omittirey; pois graves Authores 31 o tem por digno de advertencia, como louvor de inimigo, haver dito o pestifero Mafoma em seu Alcoraõ, que Satanás tocava todos os que nasciaõ, que era a causa de todos chorarem; *Mas que só a Maria, & a seu Filho naõ: que a Maria escolhèra Deos resplandecente sobre todas as mulheres dos seculos: que muytos homens houvera perfeytos; mas mulheres só a Mãy de Jesus.*

13 Ja, venturoso Joachim, podeis sahir á praça confiado. Notou Saõ Jeronimo, 32 que os Santos Patriarcas antigos raramente gerárão filhas; para vòs se reservou ter só huma, que fosse (como disse o Espirito Santo pelo Ecclesiastico, 33) *Melhor que filha*; ou (como lè outra versaõ) *Melhor que filho, & filha.* Se bons Astrologos levantarem figura de seu nascimento, diraõ, que será fermosa: que terá dous excellentes esposos: & sendo sempre Virgem, terá o mais excellente filho, que será Rey, & ella Rainha por todos os seculos. Teve Plinio 34 por summa felicidade, que huma matrona fosse filha, esposa, & mãy de Reys da terra: & muytas o forão; mas ser Filha, Esposa, & Mãy do Rey Celestial só compete a esta Filha; por isso será chamada, *Bendita entre as mulheres*, pelos Anjos, & por todas as naçoens; 35 todas as fermosas só representáraõ sombras de sua realidade. A honestidade de Rebeca, a fecundidade de Lia, a fermosura de Rachel, o espirito de Debora, o valor de Judith, a graça de Esther, resplandecem nella mais altamente, para livrar naõ só hum povo, mas todo o genero humano. A vòs Santo glorioso, & a vòs Santa, & gloriosa Esposa repetimos os parabens, que vos deu Saõ Joaõ Damasceno, 36 de haveres dado tanta gloria ao Ceo, tal thesouro à terra, tanto gosto aos Anjos, & tanta alegria aos homens: gozayvos nessa eternidade com tão illustre Filha. Começou-se a celebrar a festa deste dia com toda a solemnidade pelos annos de 436. depois do Concilio de Epheso congregado contra Nestor. 37

31 *Lyra sup. Magnificat. Carif. de B.V. l.1. c.10. Brugens. 2 p. scrutin dist. 11. c.6. Matute na prosap. de Christ. idade 5. c 4 §.9. P. Fr. Joseph sup. l 3. c.27. n.7. Ferreolus de Augusta Maria l. 1. c. 14.*

32 *D. Hieron. Ecclesiast. 2.*

33 *Ecclesiast 36. 23* Est filia melior filio; *aliàs*, melior filio, & filia. *Apud Matute sup. c.3. §. 12.*

34 *Plin. l.7. c.41.*

35 *Luc. 1. n.28. & 48.*

36 *Damascen. orat. 1. de Nativ. Virg.*

37 *P. Balinken. supr d. n. 3.*

CAPITULO XVII.

Como foy posto à Senhora *o nome soberano de MARIA.*

1 AOs oytenta dias depois do parto, 1 quando em lugar da circuncisaõ dos filhos, se offereciáo as filhas de Deos com a oblação da Ley; 2 hindo conforme a ella, Santa Anna a purificarse no Templo, se poz à *Senhora* o nome de *Maria*, como o Anjo lhe chamou antes de concebida. 3

2 A Sibylla *Cimia* tinha dito que este seria o seu nome; 4 da *Erithrea* se refere o mesmo; 5 & os Rabbinos mais doutos entre os Hebreos sabiáo já que assim se chamaria a Mãy do Messias, como prova Pedro Galatino, & outros Authores. 6

1 *Melchior de Castro na vida de nossa Senhora, l.1. c.2. Fr. Joseph de Jesu Mar. na mesma, l.4 c.37. n. 2.*

2 *Levit c.12.*

3 *Supra c.14 n 4.*

4 *Supra c.9 n, 29*

5 *Oracul. Sibyllin. l. 8.* Et brevis egressus Mariæ de Virginis alvo.

6 *Galatin. l.7. de arcan. c. 12. & 13. Carthagena de arcan. Deip. p.1. l.2. tom.6. vers. deinde.*

3 Nos nomes coſtumou Deos definir os grandes Santos. No de *Seth* o moſtrou, ſubſtituto do virtuoſo Abel; 7 com o de *Abraham* o nomeou pay de muytas gentes; 8 no de *Sara* a ſignificou, accreſcentada em geração; 9 no de *Iſaac* lhe chamou, naſcido entre riſo; 10 o de *Jacob*, diſſe a luta, que no ventre da mãy teve com o irmão; 11 o de *Benjamim* o ſignificou filho 12 de dores; o de *Samuel*, pedindo com deſejos a Deos; 13 o de S. Pedro, que era pedra fundamental da Igreja; 14 & o de *JESUS* o declarou Salvador; 15 porque diſſe o Doutor Angelico, 16 os nomes devem convir ás propriedades das couſas, & o meſmo dizem os textos civis. 17

4 O de *MARIA* era o mais conveniente á *Virgem*, ſe algum da terra lhe podia convir; porque entre nòs tem derivação de *Mar*, que ella he de todas as graças; 18 na lingua Syriaca ſignifica, *Senhora*, que ella he da terra, & do Ceo; na Hebrea, *Eſtrella do mar*, ou *do Norte*, que nos he no golfo, em que navegamos; he o meſmo que *Luminar*, *Illuminada*, & *Illuminadora*; o meſmo, que *Deos de minha geraçaõ*; o meſmo, que *Imitadora de Deos*; o meſmo, que *Sublime*, deduzindo-ſe de hum verbo, que quer dizer, *Levantar*, & *Exaltar*, o que eſta *Senhora* obrou ſoberanamente na natureza humana; deſtas ſignificaçoens tratão mais largamente os Doutores. 19 O erudito Padre Bento Fernandes 20 diz, que neſte nome ſe contèm o ineffavel de *Jehovah*, (cuja excellencia diſſemos na primeyra parte) 21 & o *Verbum caro factum eſt*. Finalmente ſó em cada huma de ſuas letras ſe incluem muytos myſterios, como prova o doutiſſimo Carthagena; 22 & notou Saõ Bernardino de Sena, 23 que o nome de MARIA tem muytas interpretaçoens, aſſim como com muytos nomeamos a Deos para o annunciar incomprehenſivel.

5 A ſuavidade deſte nome paſſa do ouvido ao coraçaõ: o doce, & ſonoro delle regala o eſpirito: he voz harmoniaca para as almas. Diſſe bem devotamente Ricardo de Saõ Lourenço, 24 que na Aſſumpção da *Senhora*, conhecendo bem os Anjos quem ella era, perguntavão repetidamente, como que a naõ conhecião, quem era a que ſubia tão fermoſa; 25 ſó porque deſejavão que alguem lhes reſpondeſſe, que era MARIA, para gozarem a doçura de ouvir eſte nome. A elle ſe ajoelha o Ceo, a terra, & o inferno, como ao de *JESUS*, 26 pois quaſi ſempre ſeguẽ ao de *JESUS*, nomeaõ-ſe tão juntos JESUS MARIA, que goza daquelle direyto por privilegio.

6 Os milagroſos effeytos, que em muytas occaſioens reſultárão de ſua invocação, não ſe pòdem referir por innumeraveis. A meſma *Senhora* em hum dulciſſimo colloquio, que teve com ſua mimoſa Santa Brigida, 27 lhe diſſe, que ſeu ſoberano Filho tinha honrado tanto o ſagrado nome de MARIA, que os Anjos quando o ouvem ſe gozão, & louvaõ a Deos: as almas no Purgatorio ſe alegrão, como hum enfermo quando recebe

7 *Geneſ. 4. 25.*
8 *Geneſ. 17. 5.*
9 *Petr. Chryſol ſerm 154.*
10 *Geneſ. 21 6.*
11 *S. Petr. Chryſol. ſupr.*
12 *Geneſ. 35. 18.*
13 *Joſeph de antiq. l. 5 c. 11. poſt princ.*
14 *Matth. 16 18.*
15 *Matth. 1. 21.*
16 *D. Thom. 3. p. q. 37. art 2. Vide ſupra p 1. in introduct n 4.*
17 *§ Eſt, & aliud inſt. de donat. ſed primus, cum gloſ. verbo conſequẽtia.*
18 *D. Damaſcen. de Nativ. Virg. or. 1.*
19 *Referunt ex alijs P. Fr. Joan. à Sylveyra in Evang. tom. 1. l. 1. c. 5. q. 19. Melchior de Caſtro ſup. l. 2. c. 2. pag. mihi 243. P. Fr. Joſeph d. l. 1. c. 38. Matute, na proſap. de Chriſto, idade 3. c 3. § 1. Polyanthea, verb. Virg. Mar. in princ.*
20 *Fernand in 2 Geneſ. ſect. 15. n. 4.*
21 *P. 1. c. 31.*
22 *Carthagena ſupr. d. hom. 6. ex verſ. Divus Antoninus.*
23 *D. Bernardin. Senenſ ſerm 1. de nom. Virg.*
24 *Richard. de S. Laurent. l 1. de laud Virg* Forſitan quia dulce Mariæ nomen ſibi deſiderant reſponderi.
25 *Cantic. 3. 6.* Quæ eſt iſta, quæ aſcendit? &c *Et c. 6. 9.* Quæ eſt iſta, quæ progreditur? &c *& c 8 5* Quæ eſt iſta? &c.
26 *D. Paul. ad Philip. 2. 10.*
27 *Revelaç. de S Brigida l. 1 c. 9. ad fin.*

recebe consolação: aos justos neste mundo se chegaõ mais contentes seus Anjos da guarda: os tibios no amor de Deos se afervoraõ: os peccadores, se com boa tenção o invocaõ, saem do peccado: os demonios o venerão, & temem, & ouvindo-o soltão a alma, como o gavião, fugindo ao ruido, solta das unhas a preza; mas assim como, se ao ruido se não segue algum effeyto, torna o gavião a ella: assim se a alma se não emenda, a colhe outra vez o inimigo infernal. Bemdito para sempre seja o nome de MARIA. 28

28 Veja se hum elegante problema que dos nomes de *JESUS MARIA* fez o P. Mendonça *in viridar. l. 2. problem. 2.*

CAPITULO XIII.

Educaçaõ da Senhora *em sua primeyra infancia.*

1 QUe devotamente considerou Saõ João Damasceno 1 a educação da Sagrada Menina aos peytos de sua Santa Mãy, quando exclamou: *Oh Filha Santissima que abraçada aos peytos de tua Mãy, estavas rodeada de Anjos! Oh Santa Menina! honra dos Pays, fermosura da natureza, ornamento das mulheres, mar de graças, Restauradora dos erros de Eva! ditoso o ventre onde te formastes, os peytos, que te deraõ leyte, & a boca, que na tenra idade com osculo amoroso gozou a doçura de tua boca.*

1 *D. Damasc. orat. 1 d. Nativ. Virg.*

2 O devoto Bernardino de Bustis 2 entende, que esta rica Menina, *Nem chorava, nem dava molestia alguma na creaçaõ, antes sempre alegre causava alegria nos que a tratavaõ*; nem podia deyxar de ser assim, Filha da mansidão de Joachim, regalada aos peytos de Anna, brincando com Anjos assistida de Deos. *Acodiaõ* (prosegue o devoto Escritor) *os vizinhos, & parentes a ver a bella Menina: alegravaõ-se com ella, & a tomavaõ nos braços amorosamente: achavaõ, que de seu lindo corpo sahia extraordinaria fragrantia, & de seu gracioso rosto rayos de fermosura, que a todos admiravaõ.* Com que gosto veriaõ isto seus Santos Pays! que graças dariáo a Deos! convocariáo todas as creaturas para ajudarem a louvar o *Senhor.*

2 *Bern. de Bust. serm. de Nativ. Virg.*

3 Da fragrancia faz tambem mençaõ Dionysio Richelio, 3 Saõ Dionysio Areopagita 4 testemunha, que a experimentou, quando teve a gloria de ver a *Virgem*; & isto parece, que significou o Ecclesiastico dizendo, que sahia della cheyro suave como de cinnamomo, balsamo, & myrrha escolhida. 5 Podia ser natural procedido de seu temperamento perfeytissimo, excellente compreyção, & igualdade maravilhosa nas quatro qualidades; como se disse do grande Alexandre, 6 & refere João de Barros, 7 que na India no Reyno de Guzarate houve algumas mulheres de huma linhagem chamada Pademinij, muyto perfeytas, & fermosas com a mesma qualidade; & que no tempo, em que escrevia, se achavão muytas no Reyno de Orixa. Mas além disto não ser comparavel, ajuntava-se na *Senhora*

3 *Richel. de laud. Virg. l. 1. art. 36.*
4 *D. Dionys. Areopag. ep. ad D. Paulum de qua infra c. 64. n. 4.*
5 *Ecclesi. 24. 20.*
6 *Plutarch. in vit. Alex. statim post princ. vide infra c. 2 . n. 18.*
7 *Barros decad. 4 l. 3. c. 2.*

nhora a enchente de graça celeſtial, que da alma redundava no ſantiſſimo corpo, & coſtuma cauſar fragrancia, como ſe vio em muytos Santos 8 de ſantidade, & graça incomparavelmente inferior.

8 *De quibus Metaphraſt. apud Surium tom. 2. & 6.*

4 A celeſtial *Menina* já naquella primeyra infancia, pelas graças eſpeciaes de que em ſua Immaculada Conceyção fora dotada no gráo mais ſublime, lograva as virtudes Theologaes, & Cardinaes: os dons do Eſpirito Santo: as graças gratis datas: os frutos eſpirituaes: as Bemaventuranças Evangelicas: todo o bom, todo o perfeyto, em modo tão alto, que atè aos Anjos ſe aventajava; 9 & com perfeyção de animo, poſto que em idade imperfeyta; como iſto ſe pudeſſe compadecer, declara com Santo Thomás o veneravel Padre Frey Joſeph de Jeſus Maria. 10

9 *P. Fr. Joſeph de Jeſu Maria na hiſt. de N. S. l. 2. c. 5. com os ſeguintes.*

10 *P. Joſeph ſup. l. 1. c. 40.*

5 Não ſabemos mais particularidades daquella educação glorioſa. Os Santos a contemplão como a prodigio celeſtial, eſpectaculo ſacratiſſimo, conſiderando, que alimentava Santa Anna a ſeus ditoſos peytos hum abyſmo de graça, theſ. uro de Santidade, mar incomprehenſivel de perfeyçoens, cujo conhecimento Deos reſervára para ſi. 11

11 *D. Bernardin. ſerm. 50.* Tanta fuit perfectio Mariæ, ut ſoli Deo cognoſcenda reſervetur.

CAPITULO XIX.

Como a Senhora *foy preſentada no Templo.*

1 SEndo a Sagrada Menina de tres annos, dous mezes, & treze dias, em hum Sabbado, 1 vinte & hum de Novembro foy preſentada por ſeus Santos Pays a Deos no Templo de Jeruſalem, aonde elles, acompanhados de parentes, forão a levalla, na ſolemne feſta da Dedicação do Templo, 2 na meſma occaſião, em que lhes foy annunciada pelo Anjo. 3 Tão diligentes cumprião a promeſſa com que tinhaõ dedicado a Deos o fruto que lhes dèſſe; 4 & tão natural era á tenra Menina não viver ſenão em caſa de Deos, que apenas ſe deſmamou, quando por ella deyxou a dos Pays; & ficou em memoria, que hia com ſumma alegria. 5

2 Ao entrar do Templo, no primeyro degráo de quinze porque ſe ſubia do muro, que dividia a eſtancia das mulheres, atè a porta principal, 6 parárão ſeus Pays para lhe mudarem o veſtidinho, com que caminhára, em outro mais galante, que trazião para aquellas vodas; & deſcuydando-ſe pouco, ſubio ella per ſi os quinze degráos taõ facilmente como lhe era natural ſubir a Deos; a força do eſpirito, com admiraçaõ de todos, venceo os impedimentos da idade. 7

3 Entendem graves Authores, 8 que Zacharias pay do grande Bautiſta, rogado, como parente, por ſer marido de Santa Iſabel prima coirmã da *Virgem*, 9 foy o Sacerdote, 10 que

1 *P. Fr. Manoel do Sepulchro, na Refeyçaõ eſpiritual, p. 2. c. ult. n. 18.*

2 *Vilhegas no Flos Sanct. feſta da Preſent.*
Melchior de Caſtro hiſt. de N. S. l. 1. c. 3.
P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. na meſma hiſt. l. 1. c. 50. n. 7.

3 *Supra c. 14. n. 4.*

4 *Supra d. c. 14. n. 2.*

5 *Germ. de Præſent. Virg. apud Carthag. de arcan. Deip. p. 1. l. 3. homil. 4. poſt princ.*

6 *Joſeph de antiq. l. 8. c. 2. & l. 2. contra Apion.*

7 *D. Hieron. de ortu Virg.*

8 *Georg. Archiep. Nicomed. orat. de oblat. Deip. & German. ſup. apud P. Fr. Joſeph d. c. 50. n. 4.*

9 *Vide ſup. c. 12. n. 36. poſt med.*

10 *Zacharias era Sacerdote, como veremos abayxo c. 35. n. 1.*

que recebeo aquella oblaçaõ, a mais agradavel, que se tinha feyta a Deos; mais estimou o *Senhor* a dedicaçaõ deste vivo Templo, que a do material, que naquelles dias se celebrava, pòde ser, que em figura desta mais preciosa.

4 Acabada a ceremonia entrou a Menina para o claustro, que a modo de Convento estava pegado ao Templo, & tinha noventa cellas para recolher, crear, & doutrinar donzellas nobres, & servirem alli a Deos com perfeyçaõ atè casarem, para o que havia Mestras, & Matronas, que governavaõ, com rendas para o sustento: 11 introduçaõ do tempo de Moysés, 12 & continuada no dos Reys. 13

5 Alli a deyxáraõ seus Pays encomendada á Santa Profetiza Anna filha de Phanuel, 14 a qual o sagrado Evangelho 15 diz que naõ sahia do Templo; & tornàraõ para Nazareth. Resoluçaõ notavel! Pays velhos deyxarem taõ apartada de si huma filha unica, de tres annos, taõ desejada, & taõ amavel; & a Menina naõ esmorecer apartando-se delles; & ficando entre estranhos, bem se mostra, que attendiaõ só a Deos; & na amorosa despedida mal se pòde julgar qual dos tres alcançou a piedosa vitoria.

6 Pelos annos de *Christo* 1200. já na Igreja Grega se celebrava a festa da Presentaçaõ a 21. de Novembro ordenada pelo Emperador Manoel Conneno. 16 Pelos de 1375. hum Abbade Benedictino do Mosteyro de Saõ Nicolao em Normandia a introduzio em Latim. 17 O Summo Pontifice Paulo II. que faleceo no anno 1471. a confirmou; 18 & ultimamente no anno de 1585. Sixto V. a mandou pòr no Breviario Romano para géralmente ser celebrada. 19

11 *Joseph de antiq. l. 2. c. 2. & l. 8. c. 3. Catecens hist. à primord. Eccles. l. 1. paulo post princip. vers. dum in sinu. D. Ambros. l. 2. de Virg.*
12 *Exod.* 38. 8.
13 1 *Reg.* 2. 22. & *l.* 4. c. 11. 2.
14 *P. Joseph d. l. c.* 50 *n.* 7.
15 *Luc.* 2. 37.
16 *Cum Baron. P. Joseph supra.*
17 *Arnol. l.* 4 *p.* 849. *P. Fr. Leaõ inf. a citandus.*
18 *Caribag. de arcan. Deip. p.* 1. *l.* 3. *hom.* 1. *vers. Ad hac.*
19 *P. Fr. Leaõ de S. Thomàs na Bened. Lusit. tract. 1. p. 5. c. 10. §. 2.*

CAPITULO XX.

Exercicios da Senhora *no Recolhimento do Templo, & como fez voto explicito de virgindade perpetua.*

1 NO recolhimento do Templo santo, com a delicadeza de seu engenho aprendeo a *Senhora* muyto brevemente as letras Hebreas; & com particular illustraçaõ de espirito se deu á liçaõ das Escrituras sagradas, começando já de entaõ a padecer na nossa causa, quando com entranhavel sentimento lia, o que padeceria o Messias mandado por Deos. Cozia, & lavrava em linho, lã, & seda; empregando principalmente suas mãos santissimas nas obras dos ornamentos sacerdotaes; aprendeo a cantar os Psalmos, & deo-se principalmente aos exercicios mais altos do espirito. 1

1 *D. Anselm. de serm. & morib. B. M. ad fin. ejus operum. Melchior de Castro na vida, & excel. da V. l. 2. c. 3. com S. Ambros. S. Agost. Orig. & outros AA. Vilhegas, Flos Sanct. festa da Presentaçaõ.*

2 Para tudo dizem São Jeronymo, & outros Escritores graves, 2 que repartia o tempo de modo, que da madrugada atè hora de Terça orava; da Terça atè Noa se occupava em obras de mãos; na Noa tornava á oração atè hum Anjo lhe trazer o comer, de que se sustentava. Metaphrastes 3 refere, que Zacarias pay do grande Bautista vio o Anjo trazerlho; a ração do Recolhimento dava a pobres; o restante do dia empregava em lição espiritual. Nas vigias era a primeyra, na observancia da Ley a mais finalada, na humildade a mais profunda, nos Psalmos a mais continua, na caridade a mais fervorosa, na pureza a mais estremada, em todas as virtudes a mais perfeyta. Constante nas boas obras: totalmente alhea de ira: suave nas palavras, exemplar na conversação, modesta no riso, solicita em que as companheyras fossem amigas, & recatadas: louvava a Deos sem intermissão; quando a saudavão, respondia: *Deogratias*; & foy a primeyra, que introduzio esta saudação. Accrescenta Santo Anselmo, 4 que fallava pouco, & comtudo se admiravão todos de sua eloquencia. Finalmente (como diz S. João Chrysostomo 5) excedeo em sua vida milagrosa todo o cabedal da natureza humana.

3 Era tão notoria a eminencia de sua virtude, que os Ministros do Templo a aposentàrão dentro do *Sancta Sanctorum*, como escrevem graves Authores; entre os quaes he Evodio 6 contemporaneo dos Apostolos, & successor immediato de São Pedro no Bispado de Antiochia; sendo aquelle lugar tão sagrado, que só os Sacerdotes podião entrar nelle. 7

4 Alli fez a *Senhora* voto explicito de virgindade perpetua, 8 a qual já com o desejo tinha consagrado a Deos tanto que teve uso de razão; 9 (que seu grande Chronista Frey Joseph de Jesus Maria prova que teve logo que sua alma santissima se infundio no corpo.) 10 Então condicionalmente, *Se approuvesse ao Senhor*, (como a mesma *Virgem* revelou a Santa Brigida 11) porque tudo sobmetia à sua vontade; agora absolutamente, por revelação que teve do Espirito Santo. 12

5 Foy a primeyra que fez este voto, & observou, não só na Ley da Graça, mas do principio do mundo, como prègava o Apostolo São Bartholomeo. 13 Porque as Vestaes se obrigavão só atè trinta annos; 14 Maria irmã de Moysés, a que alguns chamão Virgem, foy casada com Hur, & mãy de Beseleel, como affirmão Escritores doutos; 15 a filha de Jepte se foy consagrada Virgem pelo pay, & não morta como alguns 16 interpretão o que della se diz no livro dos Juizes, 17 o foy involuntaria, como ella mesma chorava; o desejo da Santa Emerenciana avò da *Senhora* não teve effeyto, como dissemos; 18 finalmente se na Ley antiga houve por algum modo este voto, sempre foy por divina revelação respectivo a *Christo* Senhor nosso, & á *Virgem Mãy* sua, como a causa principal, & exemplar, o que declara o doutissimo Padre Frey João da Sylveyra

2 *D. Hier. apud D. Bonavent. l. de med. vit. Christ. c. 3.*
Villegas no Flos Sanct. festa da Present. ...
P. Fr. Joseph de Jesus Maria na vida de N. Senhora l. 2 c. 1. & c. 38 n. 5
Melchior de Castro sup.

3 *Metaphrast. de Present. Virg.*
Cedren. in compend. hist.

4 *Anselm. supra.*

5 *D. Chrysost. apud Canis. l. de B. V. c. 13.*

6 *Evodius apud Canis. sup. d. l. 1. c. 12.*
German. Archiep. Constãtin. de Præsent Virg.
Niceph. l. 1. c. 7.

7 *D. Hieron. in Catal. scrip. Ecclesiast. in Apostol. Jacob. minor. cognom Just. Euseb. l. 2 c. 22.*

8 *Carthagena de arcan. Deip. p. 1. l. 3. homil. 5.*
Villegas supra.
Melchior de Castro d. c. 3.
P. Fr. Joseph d. l. 1. c. 17. n. 3.

9 *P. Fr. Joseph d. c. 17. n. 2.*

10 *Idem l. 1. ex c. 12. cum seqq.*

11 *Revelaç. de S. Brigida l. 1. c. 10.*
Posset me servare *in* virginitate, si ei placeret; sin autem, fieret voluntas ejus.

12 *Arnold. tract. de laud. Virg. in tom. 1 Bibliot. Patr.*

13 *S. Apost. Bartholom. ad Polymium Reg. apud Abdiam l. 8. hist. Apostol.*

14 *Dissemos c. 2. n. 7.*

15 *Joseph de antiq. l. 3. c. 2.*
Abulens. in fin comment. c. 35 Exod.

16 *Vatablus, & alij relati à P. Fr. Joseph d. c. 17. n. 1.*
P. Francisc de Mendoça in viridar. l. 2. problem. 6. paulo post princip.

17 *Judic. 11.*

18 *Sup. c. 12. n. 39.*

ra, digno filho dos Padres do Carmelo, & lustre de Portugal com seus excellentes escritos. 19 Para *Maria* Santissima estava reservada esta gloria, em que não teve a quem imitar; porque em todas fosse a primeyra.

6 Foy a *Virgem* tão soberanamente pura, que em todos os que a vião infundia espirito de pureza. 20 Se ha pedras preciosas, que tocando o corpo ajudaõ a castidade, claro está, que a mayor virtude da *Virgem* havia de produzir mayor effeyto; he proprio de quem possue o bem com eminencia, communicallo, como Deos o ser, o Sol a luz, o fogo o calor, a fonte a agua.

7 Estimou a virgindade sobre todas as cousas. Parece que duvidava ser Máy de Deos havendo de perdella; 21 vendo-se acclamada pelo Anjo, *Chea de graça*, se perturbou, porque lhe disse, que era *Bendita entre as mulheres*, & não *entre as Virgens*. 22

8 Muytos titulos lhe derão o nome de VIRGEM por antonomasia. Ser a primeyra com voto perpetuo: como nomeando-se simplezmente o *Homem*, se entende Adam, 23 que foy o primeyro homem; ser a mais pura, como nomeando-se o *Filosofo*, se entende Aristoteles, & o *Poeta*, se entende Homero entre os Gregos, Virgilio entre os Latinos, por serem os mais excellentes, ser a que mais se prezou desta virtude, em cujo nome a lisongeamos, como á Deos no de misericordioso, de que parece, que mais se preza, sendo em todos seus attributos igual. E ser Rainha das Virgens; como ao Rey de qualquer nação costumamos nomear só com o nome della, o *Francez*, o *Castelhano*, & se entende que fallamos do Rey. Nem só he chamada VIRGEM por antonomasia, mas VIRGEM das VIRGENS, como pelo termo, ou nome de *Quinta Essencia*, queremos significar a summa perfeyção, & mayor quilate das cousas.

19 *P. Fr. Joan. da Sylveyra in Euang. tom. 1. l. 2. c. 9. q. 10 n. 36.* *Idem tenent post multos quos refert* *Canis. de Deip. l. 2. c. 14* *Henric. l. 2. de matrimon. c. 5.* *P. Suar. tom. 2. disp. 7 sect. 3.* *Vasq. in 3. p. tom. 2. q. 24. disp. 121. c. 5.* *Barradas tom. 1. l. 7. c. 10.* *Adde Rupert. in Cant. l. 3. juxta fin.* *S. Ildephons. serm. 5. de Assumpt.* *Bed. in Luc. 1.* *Eleganter P. Mendoça d. problem 6.*

20 *D. Ambros. de inst. Virg. c. 7. ad med. apud Richel. de laud. Virg. l. 2. art. 2.* *Alex. de Ales p. 3. q. 9.* *D. Thom. 3. sent. dist. 3. q. 1. art. 2. ad 4.* *Veja-se abayxo c. 21. n. 9.*

21 *Luc. 1. 34.* Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco?

22 *D. Bernard. de verb. Apocal.* Turbata est, eò quod benedictam se audisset in mulieribus, quæ nimirum benedici in Virginibus semper optabat. *Explicat P. Anton. Guilielm. Sacerdos Oratorij, l. le grandezze da Santissima Trinità, disc. 7. vers. la seconda.*

23 *Psalm. 48 v. ultim.* Homo cum in honore esset, non intellexit.

CAPITULO XXI.

Da fermosura corporal da Virgem.

1 NAõ se guarda hũa joya rica senão em cayxa muyto vistosa. O exterior da Santissima *Virgem* mostrava bem a alma que encerrava. 1 O rosto he imagem do animo, 2 voz muda do espirito, 3 testemunha de suas qualidades, 4 retrato de seus vicios, ou virtudes, 5 por regras de Filosofia natural. 6 Por isso homero, fonte da sabedoria Grega, na Iliada a todos os que louvou de virtuosos gabou na gentileza, & pintou feyo o vicioso Tersites; & na Odyssea 8 introduz a Rainha Arate gabando a Ulysses de que sua presença

1 *D. Antonin. de Florent. p. 1. t. 1. c. 2.*

2 *Cicer. 3. de orat.* Vultus imago animi. *Glossa in L. Is qui 12 §. Divus Pius, verbo, ex sermonibus, ff. de tutor. & curat. dat. ab his.*

3 *Ecclesiast. 19. 26.* Ex visu cognoscitur vir. *Cicer. in Pison.* Vultus sermo quidam tacitus mentis est.

4 *Cicer. l. de leg.* Indicat mores.

5 *Cassan. in Catal. glor. mundi p. 11. consider. 30.* Quo quisque pulchrior est, eo magis virtus in illo refulgeat necesse est.

6 *Aristotel. & ceteri Scriptor. de physiognom.* *Galen. l. de temperant. c. 6. & l. 1. ad 2. de usu part.* *Rhasis ad Almansor l. 1. c. 33. & 53. cum seqq.*

7 *Homer. Iliad. l. 2. ante med.*

8 *Idem in Odyss. l. 11.*

sença

ſença correſpondeſſe a ſua alma ; & em outro lugar 9 a Hector vituperando a Paris de que em alma, & corpo foſſe tão desconforme. E o engenhoſo Marcial dizia a Zoilo muyto feyo; que faria hũma grande proeza em ſer bom. 10

2 Não ſe nega, que talvez ſuccedeo o contrario por graça de Deos, & porque o alvedrio póde ſobre tudo ; fallamos ſegundo a inclinação natural, & tem eſta regra exceyçoens. Mas diſſe bem hum douto, 11 que como Deos poz hum ſinal em Caim, para que ninguem lhe fizeſſe mal ; 12 na fermoſura poz hum ſinal para que todos lhe fação bem. A hũ pertendente que levou á Rainha Catholica Dona Iſabel hũa carta de recomendação, reſpondeo ella : *Pouca neceſſidade tinha de recomendação voſſa preſença.* 13 Dote de Deos chamou Santo Agoſtinho á belleza ; 14 por iſſo Jacob ſervio tantos annos por Rachel ; & dizem os Juriſtas, 16 que a mulher nobre, rica, & fea, que caſa com homem pobre, mas de boa preſença, ſe reputa bem caſada; & a fermoſa, ainda que pobre, ſe emprega mal em nobre, & rico, ſendo feyo. Os Eſcritores de todas as profiſſoens trazem para o meſmo muytas couſas. 17

3 Grande recomendação trazia comſigo a *Virgem* para quem a não conheceſſe ; 18 & a quem a conhecia ficava a virtude mais agradavel na belleza peſſoal, 19 que era muyto extraordinaria: 20 Santo Alberto Magno, 21 diſſe, que foy muyto ſemelhante à dos corpos glorificados, & hum meyo qualificadiſſimo entre os glorioſos, & mortaes. Santo Ignacio Martyr, que teve a felicidade de a ver, diſſe 22 que nella ſe unira a ſantidade, & fermoſura Angelica com a humana, & São Dionyſio Areopagita, que logrou a meſma ventura, confeſſou 23 que ſe o não reprimira a Fé, a tivera por Deos.

4 Aſſim o perſuade a razão de Ariſtoteles, 24 que enſina, que a obra perfeyta procede de quatro couſas: material, efficiente, formal, & final. Na *Virgem* foy a material a nobreza do ſangue, de que, por razoens naturaes, procede ordinariamente diſpoſição gentil ; 25 a efficiente foy a mão Divina por modo eſpecialiſſimo em ſua *Conceyção* ; 26 a formal, ſua alma glorioſa, que devia veſtirſe de corpo que a mereceſſe; a final, haver de naſcer della o Filho de Deos com ſemelhança de Filho, como em effeyto ſe pareceo *Chriſto* com ella. 27

5 Mais em particular pelo que de viſta teſtemunhárão S. Dionyſio, & Santo Ignacio, & deyxárão eſcrito Authóres Hebreos, & Gregos daquelles tempos, fez deſcripção exacta da fórma Divina, & feyções da *Virgem* Epifanio 28 Presbytero de Conſtantinopla, muyto verſado nas hiſtorias, & letras Gregas, & Hebraicas, a quem ſeguio o antigo Niceforo, & com elles concorda Cedreno, & todos os mais modernos ; pouco diſcrepa da que fez S. João Damaſceno; & he muyto ſemelhante á que fez *Chriſto* a Santa Brigida ; 29 & ao retrato que obrou o Evangeliſta São Lucas ; cujo original diz Caniſio 30 que eſtava

9 *Idem Iliad. l. 3 in princ.*
10 *Martial. l. 12.*
Crine ruber, niger ore, brevis pede, lumine læſus.
Rem magnam praſtas, Zoile ſi bonus es.
11 *P. Fr. Chriſtovaõ da Fonſeca, tract. do amor de Deos p. 1. c. 47.*
12 *Geneſ 4. 15.*
13 *P. Fonſeca d. c. 47.*
14 *D. Aug. de Civ. Dei lib. 15 c. 22. in princ.*
15 *Geneſ. 29*
16 *Apud Caſſan in Catal. glor. mund. p. 5. conſid. r. 18 in fin.*
17 *Celius, lect. antiquar. 13. c. 7. Tiraquel. in l. cõnub 2 gl. 1. p. 2. per tot. Carthagena de arcan. Deip. p. 1. l. 2. hom. 5. Diſſenos nas Excellenc. de Portug. c. 6. & no tract. perfect Doctor. qualit. 3*
18 *Ariſtot. apud Stob. ſerm. 163. de pulchrit.*
Pulchritudine homines, quavis epiſtola magis commendari.
19 *Virg. Æneid l. 5.*
Gratior eſt pulchro veniens in corpore virtus.
20 *Multa de hoc Carthagen. d. hom 5. ex verſ. jam que.*
21 *S. Albert Mag ſup Miſſus eſt c. de pulchrit. corp. B. M. & c. 148.*
22 *S. Ignat Martyr Epiſt. 1. ad Joan. idem Richard. Victorin. in Cãtic. 27.*
23 *S. Dionyſ. Areop. Epiſt. ad Paul. de qua infra c. 64. n. 4.*
24 *Ariſtot 2. phyſic. c. 2. text 70.*
25 *Probat P. Joſeph ſup. l. 1. c. 41 n. 3.*
26 *Ut ſupra c. 4 & 15.*
27 *Nicephor hiſt Eccleſ l. 1 c. 40. Carthagen d. homil. 5. verſ. hæc quam aptè. P. Joſeph d. l. 1. c. 43 n 1. Matute na proſap. de Chriſt. idad. 5. c 4 §. 1. Melchior de Caſtro, hiſt. de N. S. l. 1. c. 22. Vilhegas no Flos Sanct. feſta da Preſentação. D. Ambroſ. l. 3. de Virg*
28 *Epiphan. apud Niceph. ſup. l. 2 c. 23. Ced. in compend. hiſt. Epiſcopus Galarza, inſt. Euangel. l. 8. c. 2. Caſtro ſup. d. c. 22. Fr. Joſeph ſup. d. l. 1. c. 43. D. Anſelm. de forma, & morib. Virg.*
29 *Revelat. de S. Birgit l. 5. c. 4. Caniſ. de laud. Virg. l. 1 c. 13. Simeon Metaphraſt. in vita S. Lucæ in collect. hiſt. Eccleſiaſt. 1. Galarz ſup. d. l. 8. c. 5. in vit ejuſd. Horat. Scoglius Catacenſ hiſt. à primord. Eccleſ. l. 1. à n 14. verſ. Maria.*
30 *Caniſ. d. l. 1. c. 15.*

estava em Veneza em mão do famoso Pintor Ticiano, quando elle escrevia. Diz esta descripção, ou relação, *Que era a Senhora de estatura pouco mais, que meãa; tinha o rosto com alguma inclinação a comprido; louro o cabello: os olhos verdes garços, grandes, & alegres: as sobrancelhas arqueadas, pretas decentemente; o nariz comprido atè boa proporção: a boca pequena: os beyços vermelhos, 31 & floridos: os dentes miúdos, 32 & alvos: o semblante singelo sem fingimento: a cor trigueyra:* o que o vulgo entre nós entende mal assemelhando-a ao nosso trigo, sendo que aquelles Authores; como advertio o doutissimo Carthagena, 33 fallavão do seu bom trigo da Palestina; que era branco, & còrado. Bem o entendeo Alberto Magno quando escreveo, que o rosto da *Virgem* era *Branco*, & *Rubicundo*; 34 & o Bispo Garcia Galarza nas instituiçoens Evangelicas, dizendo que sua cor era como de *Trigo alvo*; 35 devia ser alta; pois tinha o cabello louro. Pela mesma frase escrevem os Authores, que *Christo* Senhor nosso era *De cor trigueyra*, *de trigo que madura*; 36 & com tudo a *Senhora* na relação que do *Senhor* fez á sua mimosa Santa Brigida, disse que tinha *Cor branca, & còrada*: 37 não havia outra cõparação decorosa; outras cousas, ou tem cor; ou brancura demasiada. Prosegue o retrato da Virgem: *Que tinha ella as mãos compridas: todos os membros bem proporcionados: & toda era hum composto muyto agradavel, gracioso, & honestissimo: que era grave, & juntamente affavel: fallava pouco, & suave: com os homens encolhida, mas sem perturbação: inimiga de todo o fausto: vestia sempre da cor de lã nativa sem tinta: & que em tudo resplandecia nella a divina graça.* Usava manto para cobrir hum pouco o rosto santissimo. 38

6 Accrescentão alguns Authores, 39 que sahia de seu rosto hum resplandor admiravel, que Deos moderava aos olhos dos que commummente a vião, por não manifestar de todo suas excellencias; & que manifestando-se muytas vezes a S. Joseph, a não conhecia. 40 Sobrenaturalmente succedia o mesmo a Moysés, 41 & a outros Santos em occasioens particulares 42 mas na *Virgem* se pòde tentar ser effeyto natural da belleza, cõ mayor fundamento que o dos que differão, que a casta Phanteá mulher de Abradates nobre Persa, a mais fermosa da Asia, tinha o rosto illustrado de hum resplandor tão claro, que nelle, como em espelho, se via hum exercito. 43

7 Ajudava a esta belleza, & graciosa cor, á excellente compreyção da *Virgem*, cujo temperamento nunca padeceo enfermidade; sempre foy tão livre de doenças, como de toda a outra lesaõ natural. 44

8 Exhalava aquelle corpo santissimo à fragrancia, que já dissemos; 45 & tinha tantas mais perfeyçoens, que por muyto superiores a todo o estylo, he impossivel delinear hum confuso desenho dellas; posto que a Rhetorica estudiosamente misture cores, & dispenha pinceis delicados.

31 *Cantic.* 4.3. Sicut vitta coccinea labia tua.

32 *Psalm.* 44.3. Diffusa est gratia in labijs tuis.

33 *Carthagen. d. vers. hæc quàm aptè.*

34 *Albert. Magn. de laud. Virg.*

35 *Galarz. d. c. 2. in princ.* Color triticeus albescens.

36 *Nicephor. l. 1. c. 40.* Tritici referens colorem. *Galarza d. l. 8. c. 1. in fin.* Coloris tritici maturescentis.

37 *Revelaç. de S. Brigida l. 4. c. 70. ad fin.*

38 *Vilhegas no Flos Sanct. festa da Presentaçaõ.*

39 *P. Joseph sup. l. 1. c. 47.*

40 *Refert ex alijs D. Thom. 3. p. q. 28. art. 3. ad 3.*

41 *Exod.* 34.

42 *Richard. de laud. Virg. l. 2. art. 36.*

43 *Rhedigin. tom. 3. l. 13. c. 33.*

44 *Galetin. l. 7. c. 10. Cum alijs P. Joseph d. c. 47. in fin. Sardeus in Aviar. Marian orat. 5. Maria annuntiata, Parvo.*

45 *Sup. c. 18. n. 2. & 3.*

9 De alegrar os olhos corporaes,passava aquella belleza á regalar o espirito.Em quem a via compunha os affectos do animo : despertava dor dos peccados : apagava os desejos da terra , & os levantava ao Ceo : 46 purgava a memoria para receber as palavras de Deos , & a fortificava para as conservar com gosto : dava fogo ás que sahiaõ da sua boca para accender nos ouvintes caridade : aliviava o coração : compungia do mal, communicava fervor para o bem : 47 & infundia pureza : 48 o peccado nos deyxou fermosuras basiliscos,que cõ a vista matão ; a de *Maria* resuscitava. Saõ Boaventura 49 diz, que os Judeos confessárão, que com ser a *Virgem* fermosissima, já mais causára máo pensamento. Procedião estes effeytos da honestidade de sua conversação , do cuydado com que encobria sua fermosura , da redundancia da graça de que estava chea ; de já participar dons de corpo glorioso : & de haver sido preservada do peccado original , do qual nasceo o effeyto de toda a desordem , & a concupiscencia activa , & passiva , como tudo largamente mostra hum elegante Escritor. 50

46 *Richel.d.l 2 art.2.*

47 *Revelaç.de S.Brigid.l 4 c.10.*

48 *Dissemos no c.20.n.6. Gerson in sermonib. de Concept. & de Nativ Virg.*

49 *S.Bouvent.in 3. dist. 3. p. 1. art.2.q.3.in resol.*

50 *P.Fr. Joseph de Jesu Maria d.l.1.c.46.ex n.2.*

10 A hum devoto Clerigo, que desejava ver a fermosura que a *Virgem* tivera na terra,disse hum Anjo, que se lhe concederia,com tanto,que os olhos com que a visse nada verião mais. Aceytou a condição , & chegando a hora,cerrou hum olho,dedicando o outro áquella belleza : mas em a vendo , o abrio, dando ambos por bem empregados em tal vista; porêm a *Senhora* desapareceo , ficando elle cego do olho , que mereceo vella. Renovou as oraçoens para se lhe renovar a doce occasiaõ de perder o outro olho ; concedendose-lhe tão piedosamente,que logrando-a , ficou em ambos os olhos com vista. 51 Por tão glorioso espectaculo, bem trocava aquelle discreto todos os do mundo.

51 *Sylvan. Razzius ex l. 3. miracul. Carthagena de arcan. Deip.p.3 l.2. hom.5.d.vers hec quam aptè. Pater Sandeus d. orat.7. ante med.*

CAPITULO XXII.

Santa morte de Joachim, & Anna pays da Virgem. *Desposorios mysteriosos da* Senhora *com S. Joseph, cujas excellencias se tocaõ brevemente.*

1 ESTando a *Virgem* no Templo em idade de onze annos , passáraõ desta á melhor vida em sua casa de Nazareth seus Santos Pays, Joachim , & Anna, segundo a opinião mais recebida ; 1 posto que outro diga , 2 que Santa Anna chegou a ver a *Jesu Christo* nascido de hũ anno. Viveo Joachim oytenta annos , Anna mais de setenta , & faleceo a 26 de Julho. 3 Filha que tinha a Deos escusava outros pays ; disto levarião elles grande consolação,& a *Virgem* abraçou a disposição do *Senhor* , sem faltar ás saudades de filha.

1 *Epiphan.Presbyt. Constantin. in vita B.M. Cedren.in compend hist. Melchior de Castro hist de N.S. l. 1. c.3. Matute prosap. de Christ. idade 5.c. 3.§.4. Fr.Joseph de Jesu Maria hist de N. S.l.1.c.51.n.1.*

2 *Alonso Villegas, no Flos Sanct. vida de S.Anna.*

3 *Cedren.& P.Joseph sup.*

2 Passa

2 Passados mais tres annos, dispoz Deos os desposorios da *Virgem*; quiz que a Mãy de que havia de nascer fosse casada, por conveniencias de ambos para com o mundo. 4 Entre outras razoens, 5 porque fossem guardados, & servidos pelo Esposo, 6 escolheo *Christo* parecer filho de homem, antes que arriscar o credito de sua Mãy. 7 E não queria descobrirse Filho de Deos, atè chegar o tempo de sua prègação. 8

3 Havendo, pois, onze annos que a *Senhora* estava no Templo, sendo entrada nos quinze, conforme a opinião commua, & melhor, 9 idade em que pelos estatutos, havia de sahir delle casada com acordo dos Sacerdotes; 10 succedeo que na occasião da festa dos *Encenios*, & dedicação do Templo 11 (jà para isto mysteriosa, pois nella fora annunciada a seus pays, & nella fora presentada no mesmo Templo) 12 se ajuntárão parentes seus em aquella solemnidade, & os Sacerdotes tratárão com elles de a desposarem. Representoulhes a *Virgem* que o estatuto a não comprehendia, porque seus pays a havião dedicado a Deos sem limitação de tempo: 13 & ella promettèra ao *Senhor* virgindade perpetua. 14 Achou-se o Summo Sacerdote embaraçado; 15 por huma parte com a obrigação do voto, por outra com a novidade delle; não se atrevia a encontrar a vontade de huma virgem tão Santa: & reparava em deyxar sem guarda belleza tão peregrina; tinha por sacrilegio entregar a hum homem aquelle relicario consagrado a Deos: & receava quebrar o costume antigo fundado na Ley. 16 Occorrialhe casalla com Sacerdote, com o qual continuasse no culto Divino; 17 & hum chamado Abiatar fazia grandes diligencias para hum filho seu. 18 Mas tambem seria contra a Ley 19 casar em outra familia filha unica de seus pays.

4 Nesta perplexidade ordenou o Summo Sacerdote oraçoens a Deos, para que inspirasse o que se devia fazer; & a *Virgem* não cessava com as suas, para que o *Senhor* lhe conservasse o estado virginal. Teve aviso do Ceo, que seu proposito estava a cargo de Deos, & que fizesse o que os Sacerdotes ordenassem; 20 & do Propiciatorio do Templo sahio huma voz, que disse, que a *Virgem* se desposasse com hum varão da linha de David, em cujá mão florecesse huma vara seca, segundo a profecia de Isaìas. 21

5 Mandou o Summo Sacerdote ajuntar todos os que alli se achavão da tribu de David sem serem casados; cada hum cõ sua vara seca na mão. Todos acodirão alegres na esperança de tão grande ventura. Hum chamado Agabo com cega ambição usou de arte Magica, para que a sua vara florecesse, 22 como se em cousa tão divina não governasse só Deos.

6 A' vista de todos floreceo só a vara de Joseph, que menos esperava por humilde. Era natural, & morador de Belem; 23 outros dizem, que de Nazareth; 24 da mesma tribu

4 *D. Chrysost. hom. 1. & 4. in 1. Matth. Maldonado ibi, vers. Cum esset desponsata.*

5 *De quibus P. Sylveyra in Euãgel. tom. 1. l. 1 c. 5. q. 18. Carthagen. de arcan. Deip. p. 1. l. 4. homil. 6.*

6 *Origin. in Matth. c. 1. hom. 1.*

7 *D. Ambros. l. 2. sup. Luc. c. 1. & de inst. Virg. c. 6.*

8 *P. Fr. Joseph de Jesu Maria na vida de N. S. l. 2. c. 40. n. 2.*

9 *P. Joseph d. l. 2. c. 39 n. 1. Matute na prosap. de Christo idade 5. c. 2 §. 5.*

10 *Richel. l. 1. de laud Virg. art. 37.*

11 *Melchior de Castro, hist. de N. S. l. 1 c. 14. P. Joseph d. l. 2. c. 38. n. 2.*

12 *Sup. c. 14. n. 3. & c. 19. n. 1.*

13 *Sup. c. 14. n. 2.*

14 *Sup. c. 20. n. 4*

15 *Nicephor. hist. Ecclesiast. l. 1. c. 7. Multi apud Carthagen. sup. d. l. 4. homil. 1. in princip.*

16 *Exod. 23. 26. Deuteron. 7 14.*

17 *Castro supr.*

18 *P. Fr. Joseph d. c. 38. n. 2.*

19 *Numer. c. 36 Matute sup. idade 5. c. 4. §. 1.*

20 *Castro d. c. 4. Revelaç. de S. Brigida l. 7. c. 25.*

21 *Isaie 11. 1.*

22 *Ludovicus de Saxon Cartoxan. in vit. Anne, referido por Diego Matute, no prologo da prosap. de Christ. idade 5. c. 2 § 3.*

23 *P. Joseph d. l. 2 c. 42. n. 1.*

24 *Carthagen. d. l. 4 homil. 3. in princ.*

bu de David que a *Virgem* por linha de varão, 25 & por femea erão primos coirmãos, como já dissemos. 26

7 Duplicou-se o milagre com bayxar do ar huma pomba, que se poz na vara florida de Joseph. 27 Não foy novo o successo, pois por semelhantes modos (que chamavão *Sortes*) foy eleyto em Sacerdote Aaron, florecendo a sua vara; 28 Saul ungido em Rey, 29 & São Mathias contado entre os Apostolos. 30

8 Foy grande o sentimento dos que ficárão sem aquella joya; enveja arrezoada foy a que se teve ao Santo Joseph, com quem trocarião os Anjos o estado de suas hierarquias. Agabo se retirou a Ermitaõ no monte Carmelo; 31 trocou a magia em penitencia: seu peccado se desculpa na causa: homem de pensamentos tão altos era digno da misericordia de Deos. Puderão aquelles pertendentes advertir, que era gloria dos vencidos ser o vencedor tão grande: ser vencido por Eneas, dizia o Poeta, 32 que era louvor a Lauso: & Acheloo se consolava com que o vencèra Hercules. 33 Joseph era Hercules dos Santos, porque foy santificado no ventre de sua mãy: era virgem: nunca peccou mortalmente: & em fim era tal, que mereceo ser Esposo amado de *Maria*: Pay putativo, Avò verdadeyro de *Christo*: sustentar a quem tudo sustenta: creállo, tello em seus braços: particular muyto de seus trabalhos, & de sua *Mãy* Santissima, & que o Filho de Deos o reverenciasse como filho seu. 34 Se como se juntárão todos os da Familia de David, se juntassem todos os homens do mundo, só a vara de Joseph floreceria: 35 logo como Joseph tinha razoens para se alegrar com a victoria, as tinhaõ os competidores para se alegrarem de serem vencidos, como por lisonja (sendo aqui verdade) disse Ovidio a Augusto. 36

9 No mez de Dezembro seguinte 37 se celebrárão os felices desposorios, sendo a *Virgem* entrada em quinze annos de idade: 38 S. Joseph de trinta & cinco, atè quarenta, conforme ao que os Authores escrevem com melhores razoens; 39 a que favorece a profecia de Isaías, 40 dizendo: *Habitará o mancebo com a Virgem*; & a visaõ de Santa Brigida, que referiremos no Nascimento de *Christo*, 41 quando diz que vio a *Virgem* acompanhada *De hum homem de mais idade que ella*; modo de fallar que não convinha a velho. O costume de se pintar de mais annos se introduzio na primitiva Igreja, para confirmar os novos fieis no mysterio da Virgindade de sua Esposa sagrada, como advertio João Gerson na sua Josephina. 42 Acompanhava-o com honestidade huma gentil presença, & disposiçaõ corporal, qual convinha a merecer tal Esposa no modo possivel. 43

10 Tinha tambem votado castidade; & tambem a elle antes dos desposorios certificou o Espirito Santo de que a não perderia, porque a Esposa tinha o mesmo voto; & assim a desposou

25 *Matthæi c.1.*
26 *Sup.c.13.n.10.in fin.*
27 *Cum Surio tom.6 fol.477.*
Matute sup.c.2.§.3.
P.Joseph d.c.38.n.4.
28 *Numer c.17.*
29 *1.Reg.9.15.*
30 *Act.2.in fin.*

31 *Ludolphus de Saxon. & Matut.sup.*

32 *Virgil.Æneid.l.10.*
33 *Apud.Ovid.Metam.lib.9. in princ.*

34 *Destas, & outras excellencias de S. Joseph, Gers. in serm. de Nativ.Virg.*
D.Aug.de natur. & grat.c.35. tom. 3. & serm.1.in Nativ.Christ.
D.Hieron.l.de perpet.Virginit.Mariæ contra Helvid.c.9.tom.2.
Vinguerius in inst.c.20.§.9.de myster.Incarnat.
Vilheg. no Flos Sanct. na vida de S. Joseph.
P.Fr.Joseph sup.l.2.c.39.n.4.
Joseph de ValdeViesso no Poema insigne de S.Joseph.
35 *Isidor. Milan.2.q.summæ c.1.*
36 *Ovid.2.Trist.ad August.* Utque tuus gaudet miles cum vicerit hostem: hic cur se victum gaudeat hostis habet.
37 *Melchior de Castro d.l.1.c.4*
P.Joseph d.c.38. in fin.
38 *Fica dito acima n.3. no princip.*
39 *Vilhegas na festa de S.Joseph.*
Matute d.c.2.§.5.
P.Fr.Joseph d.l.2.c.39.n.2. & seq.
Allegaõ a Bernard.de Bust.in serm. Desponsat. Mariæ; a Vinguerio supr. & outros.
40 *Isai.62.5.* Habitabit juvenis cum Virgine *Ubi notat Lyra.*
41 *Infra c.29. n. 6. no princ. da revelaç.*
42 *Gerson.in Josephina apud P. Fr.Joseph supra.*
Carthagen.sup.p.1.l.4. homil.1. in fin.
43 *Carthagen.sup.homil.ult.§.3.*
Henric.Hengelgrave in Cælo Empyreo, festo Deiparæ Sponsi Joseph § 1

posou só para a servir; a *Virgem* o disse a Santa Brigida; 44 & com esta certeza ficárão ambos mais alegres.

11 Com que animo, & com que espirito se darião as mãos na ceremonia daquelle acto! a pudicicia da *Virgem* resignada em Deos: a humildade do Santo aceytando-a por Senhora. Quantas consideraçoens farião os circunstantes, conhecendo as virtudes de ambos, & havendo visto a milagrosa disposição do Ceo! sem duvida entenderião, que alli se ordenava grande mysterio. A *Trindade* Santissima os abençoava: os Anjos lhes cantavão epithalamios: toda a boa ventura lhes assistia. E naquelle dia teve a fortuna tão bom gosto, que se pagou do merecimento; & este tanta força, que tirou a liberdade ao successo. Permittinos, Esposos venturosos, darvos os parabens dessa dita. Para bem vos seja, ò Joseph glorioso, o melhor casamento que nunca houve, nem ha de haver. Para bem vos seja, ò *Virgem* Santissima, o melhor Esposo que podia haver na terra. Este verdadeyramente foy o casamento que Deos fez: o mais puro, o mais fiel, o mais conforme: logray ambos essa fortuna do Ceo.

44 *Revelaç. de S. Brigida l.7. c. 25.*

CAPITULO XXIII.

Como a Virgem *foy entregue a seu Santo Esposo: Ambos renovàrão o voto virginal. Forão viver em Nazareth. Vida Santissima que alli fazião. Trata-se da Santa Casa Lauretana.*

1 CElebrados os desposorios, he opinião mais recebida, 1 que conforme ao costume que refere S. João Chrysostomo, 2 sem se esperar a outra solemnidade de vodas, foy logo a *Virgem* entregue ao Santo Esposo.

2 Communicàrão-se seus intentos, & voto de estado virginal, & com grande alegria o ratificárão, & renovárão. 3 Que consolados ficarião vendo-se tão conformes! que graças darião a Deos por tantos beneficios!

3 Sem dilação partirão para Nazareth patria da *Senhora*, aonde tinha a fazenda que herdára de seus Pays. Em chegando, a repartirão entre pobres: reservando só a casa em que a *Virgem* se creára, & alguns moveis necessarios. 4 O sustento ordinario librárão no trabalho de suas mãos, & principalmente na Providencia Divina.

4 O cuydado de ambos era agradar a Deos, só parecião emulos no exercicio das virtudes. Disse a mesma *Virgem* a Santa Brigida, que para se dar sómente a Deos procurava estar dias, & noytes sem companhia, & sem ouvir, nem fallar; mas que tambem neste retiro, & silencio receava deyxar de fallar o que

1 *Apud Carthagen. de arcan. Deip. & Joseph p.1. l.5. hom.5. vers. sed jam. Sylveyra in Euang tom 1. l.1. c. 10. q.1. n.6. P. Fr. Joseph de Jesu Maria hist. da Virg. l.2. c.42. n.1 & l.3. c.31. n 4.*

2 *D. Chrysost. hom. 4 in Matth. & hom 43. in Gen.*

3 *D. Thom. 3. p. q. 28. art. 4. Matute na prosap de Christ. idad. 5 c.2. § 4. P. Joseph sup. d. l 2 c. 43. Sceglius Catacens. hist. à primord. Eccles. l.1. paulò post princ. vers. dum in sinu.*

4 *Revelaç de S. Brigida l.7. c. 25. P. Joseph d. c. 43. n. 3.*

que fosse conveniente: 5 tal equilibrio guardava no deserviço de Deos As pennas humanas, por indignas de escritura tão alta, não nos deyxárão mais noticias da maneyra porque vivião; hum Anjo quiz supprir esta falta, fazendo relação mais larga a Santa Brigida; 6 mas (dé o Anjo licença) tudo he superfluo, sabendo-se que fazião vida de *Maria*, *& Joseph*.

5 Aquella casa illustre que habitárão os Santos Pays da *Virgem*, em que ella se creou, em que viveo com o Esposo Santissimo, em que foy annunciada *Mãy de Deos*, em que se sustentou o Divino Filho, aquella que foy Ceo a tanta santidade, que vio, & ouvio tantos segredos celestiaes, que foy nuvem gloriosa em que se escondèrão tantas luzes; aquella que tantos annos foy consagrada com os pès de *Christo*, frequentada de Anjos; morada finalmente de *Jesus Maria Joseph*; subindo o *Senhor* ao Ceo, foy venerada pelos Apostolos, & Fieis, que nella fizerão Templo para os Officios Divinos. 7 Depois a conservárão em Mosteyro Padres Carmelitas, com grande cuydado de que sempre estivesse na mesma disposição, & fórma que tinha quando a *Virgem* a habitára. No anno de 1294. outros dizem 1291. ameaçando a invasaõ dos Mahometanos aquella terra santa ordenou a *Virgem* pelo Anjo São Gabriel aos Padres, que se passassem á Europa, porque a indignação de seu *Filho* queria castigar os peccados daquellas partes; 8 & em dez de Dezembro, começando o Pontificado de Bonifacio VIII. arrancárão Anjos toda á casa inteyra com seus alicerses, & a puzerão em Dalmacia junto do lugar de *Tersasto*, & depois a passárão a Italia nadando sobre o mar, pondo-a ultimamente no Campo *Piceno*, chamado *Recanatense*, em hum bosque de huma matrona muyto illustre, que se chamava *Laureta*, donde a celestial casa se chama *Lauretana*, 9 & alli he venerada, & visitada com a devoção de toda a Christandade.

6 Ditosa Casa, que por modo mais alto comprehende em si só os mysterios de tantos lugares veneraveis! Se no campo Damasceno foy Adam formado do limo da terra: aqui foy Deos feyto homem da mais pura substancia. Se no Paraiso terreal foy tirada a mulher do lado do homem: aqui mudada a ordem da natureza, hũa Virgem foy Mãy de homem Deos. Se na arca de Noè se guardárão as reliquias do genero humano: aqui se encerrou toda a saude do mundo. Se no valle de Mambre hospedou Abraham a Deos em figura de Anjos: 10 aqui morou Deos em carne verdadeyra. Se no monte Sinai deu o *Senhor* a Ley à Moysés: aqui se nos deu o Legislador da Graça. Se no Templo de Salamão se representava a presença do mesmo *Senhor*: aqui esteve com toda a realidade. Se na Arca do Testamento se depositavão cousas mysteriosas: aqui habitou o principio, & o fim desses mysterios. Finalmente os lugares que forão sagrados com a vida, & acçoens de *Christo*, a esta casa devem as raizes das flores Divinas que os honrárão.

5 *Revelaç. de S. Brigida l. 1. c. 19* Timida quoque fui in silentio, & multum auxia ne forte silerem ea quæ magis loqui debuissem.

6 *Revelaç. de S. Brigida, in serm. Angel. c. 6. 13. & 14.*

7 *Beda l. de locis sanct. c. 16.*

8 *P. Fr. Joseph sup. l. 3. c. 17. n. 6. & 7.*
P. Guilberm. Gumpperb. in Atlante Mariano l. 1. imagine 1.

9 *Carthagena de arcan. Deip. p. 1. l. 3. homil. 3. in princ.*

10 *Gen. 18.*

CA-

CAPITULO XXIV.

Da Annunciaçaõ que o Anjo Saõ Gabriel fez à Virgem Maria; *& da Encarnaçaõ do* Verbo Eterno.

1 SUſpirava o mundo havia muytos ſeculos pelo orvalho, que Iſaac deyxára em bençaõ á geraçaõ de Jacob: 1 ſuſpirava que orvalhaſſem os Ceos graça: que choveſſem as nuvens ſobre a ſecura dos campos: & que a terra Virgem brotaſſe o Salvador. 2 Tardára Deos, ſendo taõ miſericordioſo, cinco mil cento noventa & oyto annos, & alguns mezes, pelo computo que acima propuzemos; 3 porque (entre outras razoens) devia a miſericordia germanarſe com a Juſtiça, que pedia pena dilatada: 4 a medicina para doença taõ rebelde neceſſitava de preparaçaõ larga: 5 & havendo-ſe de fazer homem, naõ havia mulher que mereceſſe ſer mãy ſua: 6 he taõ facil de contentar, que paga cento por hum: 7 mas havendo em cincoenta & dous ſeculos tantas mulheres famoſas, em todas achou alguma imperfeyçaõ; ſó a *Maria* vio perfeytiſſima, & logo encarnou, tendo ella ſó quinze annos, ſeis mezes, dezaſete dias.

1 *Gen.*27. 28. Det tibi Deus de rore Cæli.

2 *Iſai.* 45. 8. Rorate Cæli deſuper, & nubes pluant juſtum, aperiatur terra, & germinet Salvatorem.

3 *Supr.c.*16.*n.*1.

4 *D Bernard ſerm* 1.*in Annunt. poſt med.*

5 *Horat.Scoglius Catacenſ hiſt. à primord.Eccleſ p* 1.*l.*1.*verſ. dum in ſinu.*

6 *Vilhegas no Flos Sanct. feſta da Annunciaçaõ. Melchior de Caſtro, na vida & excell.de N.S l.*2.*c.*2.*pag. mihi* 180.

7 *Matth.*19.29.

2 Em chegando o tempo, & opportunidade; nem a nòs dilatou o remedio, nem a ſi o logro daquelle ventre puriſſimo. Diz hum Eſcritor douto, 8 que como o amor de Deos leva os Santos em extaſi da terra ao Ceo: o amor dos homens trouxe a Deos, como em extaſi, do Ceo á terra. Grande exceſſo de amor, fazer-ſe Deos homem pelo homem que ſe quiz fazer Deos! Muyto deve o mundo a tanta caridade: mas muyto contribuhio em tal Mãy; pois os merecimentos da *Virgem* (diſcurſa outro Eſcritor grave 9) nos apreſſáraõ á Encarnaçaõ do *Verbo.*

8 *P.Ant.Guilhelme l.de le grandezze de Sãtiſſima Trinità, diſcurſ.* 7.*verſ Magiache.*

9 *P.Bent.Fernand.in* 3 *Geneſ.*1 *ſect.*26 *n* 6.

3 Em fim paſſou o procelloſo inverno, em que nos puzeraõ os primeyros pays: appareceraõ as flores na primavera de *Maria*: & chegou o eſtio para colhermos o fruto de *Chriſto.* 10 Mas quem poderá narrar ſua geraçaõ? pergunta Iſaias. 11. Eſte Santo Profeta para a profetizar foy levantado ſobre os Anjos atè o throno de Deos, & hum Serafim lhe purificou a boca, 12 para dizer que a *Virgem* conceberia. 13 Depois o hiſtoriáraõ Evangeliſtas com pennas celeſtiaes; não he para as humanas materia taõ divina: meu affecto ſe contentára com tocar reverente qualquer pequena parte da veſtidura que encobre eſtes myſterios; 14 & de ſeguir humildemente as pizadas de outros Eſcritores, a exemplo de Jacob. 15 Iſto baſtará para o intento de congratular o mundo levantado em *Ave*, como o choravamos arruinado em *Eva.*

10 *Cant.*2.11. Jam enim hiems tranſijt & receſſit: flores apparuerũt in terra noſtra; tempus putationis advenit.

11 *Iſai.*53 8 Generationem ejus quis enarrabit?

12 *Iſai.*6.*n.*3 *&* 7.

13 *Iſai.*7.14.

14 *Matth* 9 21. Si tetigero tantum veſtimentum ejus, ſalva ero.

15 *Gen.*33 14. Præcedat dominus meus ante ſervum ſuum, & ego ſequar paulatim veſtigia ejus.

4 Disposta a *Virgem* com mais pureza que a das Estrellas; havendo visto a Essencia Divina, & concebido espiritualmente o *Verbo Eterno*, 16 cumprindo-se o quarto mez de seus desposorios com Saõ Joseph, 17 em huma sesta feyra, 18 vinte & cinco de Março, mez em que as flores brotaõ, & em que as medicinas se applicaõ; dia em que as noytes começaõ a minguar (porque quando a luz cresce, convinha ser concebida a luz, que vinha allumiar o mundo; 19) & dia em que fora creado o homem 20 que se havia deremir; *Gabriel* que significa, *Fortaleza de Deos*; (porque convinha este nome a quem vinha annunciar o forte poderoso em batalhas;) 21 & tambem significa *Homem Deos*, ou *Deos com nosco*, 22 a quem o Evangelho chama *Anjo*, 23 para honrar todos os Coros, & Hierarchias a que este nome he commum; 24 sendo Serafim supremo entre todos os Espiritos bemaventurados; 25 presidente dos que serviaõ á *Virgem*; 26 formado do ar mais puro hum corpo fermosissimo, representaçaõ de Deos homem; 27 com veste branca, & luminosa, 28 foy a Nazareth, que se interpreta *Flor*, 29 esperança do fruto da redempçaõ, a levar à *Senhora* a mais solemne embayxada da parte de Deos. Huns dizem que no principio da noyte: outros que de madrugada: tem-se por mais certo ser à meya noyte, à mesma hora em que nasceo *Christo*, completos nove mezes: 30 & na mesma hora foy prezo; 31 sendo hora dedicada para os mysterios da restauraçaõ do mundo. Os sinos das Igrejas que ao anoytecer fazem memoria desta Annunciaçaõ, escolhem aquella hora de opiniaõ provavel, por mais accommodada que a da meya noyte, em que o somno occupa os mortaes.

5 Estava a *Virgem* na sua santa casa, velando retirada, em contemplaçaõ altissima da grandeza de Deos, 32 anhelando particularmente a vinda do Messias, & a servir a Donzella de que elle havia de nascer, 33 quando sentindo huma fragrancia suavissima, chea de gozo interior vio o Anjo resplandecente, 34 naõ só com os olhos corporaes, mas tambem com os espirituaes, sua natureza, & fermosura intellectualmente. 35 Ajoelhou-se o Anjo á Magestade que seria sua Rainha, porque entendeo ser aquella para quem no Ceo estava preparada a cadeyra, que dissemos em outro lugar; 36 & fazendo-o a *Virgem* levantar (como com levantado espirito consideraõ os devotos) 37 deu o Anjo a embayxada, & houve o altissimo colloquio referido pelo sagrado Chronista Saõ Lucas, 38 que nem lingua, nem penna humana dignamente póde repetir; a cujo mysterio pasma a terra, & o Ceo, porque o ignora o uso, a razaõ, & a natureza.

6 Com hum, *Faça-se*, creou Deos o mundo: 39 com outro *Faça-se*, 40 trouxe *Maria* Deos ao mundo para o restaurar. Com pureza, & fermosura inexplicavel administrou a materia para o corpo de *Christo*, concebendo-o com ineffavel gozo de sua

16 *Declara como o P. Fr. Joseph de Jesu Maria na hist. de N. S. l.3 c.1. & 2.*
17 *Nicephor. hist. Eccl. l. 2. c. 3. ante med.*
18 *Melchior de Castro, hist. de N. S. l.1 c.5.*
P. Fr. Joseph sup l.3. c. 17. n. 4.
Cum multis Carthagena de arcan. Deip. p.1 l.5. hom. 2. vers. sed jam de die.
Pedro Mexia na Sylv de var. liç. l. 2 c.5?.
19 *Joan. 1. n.3. & 9.*
20 *Vide in 1 p c.2 n.2.*
21 *Psalm 23 v.8* Dominus fortis, & potens: Dominus potens in prælio.
Notat D. Th. 3 p. q 30 art 2. ad 4. in fin.
22 *P Sylveyra in Euangel. tom. 1. l.1 c.5. q 9. n 16.*
23 *Luc. 1. 16.* Angelus Gabriel.
24 *Sylveyr. sup. l.2. c.3. q 14. n. 61.*
25 *Cum multis Carthagen. de arcan. Deip. p.1. l.5. hom. 1. vers. caeterum.*
26 *Vide sup. c.16. n.11.*
27 *P. Sylveyr. sup q.10. n.18.*
Maldonad. in 1. Luc n 105.
28 *Cum D. Aug. D. Thom. 3 p. q. 30. art. 3.*
29 *Supra c. 16. n. 10.*
30 *Carthag. sup. vers. alij tandẽ.*
P Joseph sup. l.3. c.17. n. 8. & 9.
31 *Vide infra c.47. n.1.*
32 *Revelaç. de S. Brigida l.1. c. 10.*
Carthag. sup. l.5. hom.3. vers. porro.
33 *Sylveyra d. l. 1. c. 5. q.21. n. 48.*
Matut. na prosap. de Christ. idade 5. c.4. §.16.
34 *Revelaç. de S. Brigida supr.*
D. Thom. d. art.3.
35 *D. Thom. d. art. 3. ad 1.*
36 *Supr. p.1. c.1. n.8.*
37 *P. Joseph d. l.3. c.5.*
38 *Luc. 1.*
39 *Gen. 1. 3.* Fiat lux, & facta est lux: *& n.6.* Fiat firmamentum, &c.
40 *Luc. 1. 38.* Fiat mihi secundum verbum tuum.
D. Chrysost. serm. de Genes. & inter d. a b. ad fin. in 1. tom. Consensus Mariæ peperit à sæculo Salvatorem.

ſua alma, foy ſeu ventre ſagrado thalamo em que ſe celebráraõ as vodas entre a natureza Divina,& humana: eſta com ſua fraqueza pode ſoſter a gloria da Deidade. Vio-ſe huma virgindade fecunda: o concebido teve no meſmo inſtante perfeyçaõ de homem em alma, & corpo na quantidade baſtante: teve alma bemaventurada, & juntamente paſſivel, com ſabedoria perfeyta; eſteve alli tão Deos como no Ceo: uniraõ-ſe duas naturezas ſem ſe miſturarem: communicáraõ-ſe entre ſi os nomes, & attributos de Deos, & homem: ajuntárão-ſe mortalidade, & immortalidade: paſſibilidade, & impaſſibilidade: temporalidade, & eternidade: Creador,& creatura: fraco, & forte: ſervo, & Senhor: pobre, & rico: pequeno, & immenſo: alojou aquelle ventre o que naõ cabe no Ceo: ficou habitaçaõ da Santiſſima *Trindade*: throno donde Deos governava como do Empyreo; & o meſmo *Senhor* chegou á delicia que deſejava, de eſtar com os homens; 41 & particularmente no Ceo daquelle ventre, de que goſtava tanto, que havendo encarnado em perfeyçaõ, & podendo abreviar ſeu naſcimento o tempo que o feto gaſta em chegar a tal eſtado, ſe deteve os nove mezes ordinarios, não ſó por ſe accomodar á commum dos homens, mas não deyxar aquelle regalo.

41 *Proverb.*8. 31. Deliciæ meæ eſſe cum filijs hominum.

7 Conſidera hum douto, & devoto eſpirito, 42 que no Ceo ſe alegrou o *Padre Eterno* celebrando ſuas vodas com a *Virgem*, & as de ſeu *Filho* com a noſſa natureza; o *Eſpirito Santo* enriquecendo cõ ſeus dons a humanidade de *Chriſto*, & ſantificando novamente a *Virgem*,& os Anjos feſtejando as ſolemnes vodas de ſeu Rey. Alegre-ſe tambem a terra na lembrança de tão alegre dia, em que o Filho de Deos ſe fez filho do homem, para fazer o homem filho de Deos. 43.

42 *P. Fr. Joſeph de Jeſus Maria l. hiſt de N.S.l.* 3. *c.* 7. *cum ſeqq. ubi latè agit de his omnibus.*

43 *D.Chryſoſt.hom.*2.*in Matth.ante med.*

CAPITULO XXV.

Excellencias, & myſterios do Ave, *com que o Anjo ſaudou a Santiſſima* Virgem.

1 O Lume da Igreja Santo Agoſtinho 1 advertio, que fallando o Anjo a mulheres celebres na Eſcritura ſagrada, como a Sara mulher de Abraham, & á mãy de Samſam, 2 não as ſaudárão, como de participantes por *Eva*: & S. Gabriel ſaudou a *Maria* Santiſſima como exceptuada.

2 Outros muytos Doutores 3 notárão as palavras com que o Anjo ſaudou á Senhora, que foy: *Ave cheya de graça*; 4 ſaudaçaõ que o grande Origenes, communmente, 5 diz que foy nova, reſervada ſó para *Maria*, & que em toda a Eſcritura não pode achar ſemelhante; mas accreſcenta o veneravel Beda,

1 *D. Aug. apud Matûte proſap. de Chriſt idad.*5.*c.*4.§ 9.*in fine.*

2 *Gen.*18.*& Judic.*13.

3 *Apud Ben.Perer in Gen.l.*6.*n* 168 *Sylveyra in Euangel.tom.*1 *l.*1.*c* 5.*q.*22

4 *Luc.*1.28 Ave gratia plena; Dominus tecum: benedicta tu in mulieribus.

5 *Origen. in Luc. homil* 6. Angelus novo ſermone Mariam ſalutavit, quem in omni Scriptura invenire non potui; id enim quod ait: *Ave gratia plena*, ſoli Mariæ hæc ſalutatio ſervatur. *Sequuntur commun.DD teſte Sylveyr d. q.* 22. *n.*49 *circa quod, multa Maldonad. in c.* 1.*Luc.n.*91.

Beda, que quanto era mais extraordinaria, tanto mais convinha á dignidade da *Virgem*. 6

3 Porque *Ave*, notão os Doutores, 7 lendo-se ao revez, da ultima letra para a primeyra, diz *Eva*; ao que allude a Santa Igreja em hum hymno, foy significar que *Maria* he huma *Eva* ao revez; 8 assim em causar ao mundo effeytos contrarios dos que *Eva* lhe causou, 9 como em obrar acções contrarias. *Eva* tratou com hum Anjo máo, de nossa ruina: *Maria* tratou com hum Anjo bom, de nossa saude. 10 *Eva* ousou fallar com huma serpente: *Maria* se turbou do que lhe dizia hum Anjo. 11 *Eva* deu credito á serpente contra toda a razão: 12 *Maria* buscou razaõ no que o Anjo lhe disse. 13 *Eva* fez guerra ao marido que devèra ajudar: 14 *Maria* na duvida que poz, cuydou da honra do Esposo. 15 *Eva* peccou por inobediente: *Maria* mereceo pela obediencia. 16 *Eva* quiz subir a Deosa: 17 *Maria* se humilhou a escrava, fazendo-a Deos sua Mãy. 18 Com grande humildade se escusava Moysés de Capitão do povo: Saõ Joaõ de bautizar a Christo: Saõ Pedro de que o *Senhor* lhe lavasse os pès; 19 mas todos aceytáraõ, posto que por obedecerem: a *Virgem* tambem aceytou, porèm com titulo de escrava. 20 *Eva*, affectando aquella dignidade, cahio: *Maria* com a de escrava se levantou, porque se alguma ha semelhante à Mãy de Deos, he a de sua escrava. 21 *Eva* finalmente cooperou com o primeyro Adam em nosso cativeyro: *Maria* cooperou com o segundo em nossa redempçaõ. 22

4 Tudo isto significou a palavra *Ave*, nas interpretaçoens que lhe daõ os Doutores; 23 dizem que he o mesmo que *Sine væ*, *Sem nota de culpa*: & *Eva* foy a primeyra culpada; o mesmo que *Gaude, alegrayvos*: & *Eva* foy sugeyta a miserias; he voz de saudaçaõ celestial: & *Eva* foy condenavel; he palavra de dar parabens: & á *Eva* se devèraõ pezames: annuncia paz: & *Eva* nos fez mortal guerra: com grande propriedade (diz o grave Historiador Carmelita 24) naõ pronunciou o Anjo na saudaçaõ o nome de *Maria*, sendo taõ sagrado, porque o *Ave cheya de graça* era o nome que mais convinha a este mysterio.

5 Sejais muyto louvada, *Ave Santissima*, Ave Real, Aguia generosa, em que superiormente concorrem todas as qualidades illustres da Rainha das Aves. Sois Ave propria do soberano Jupiter: 25 a que voais mais alto: 26 a de vista mais aguda: 27 que da terra olhastes firmemente para o Sol Divino sem cegar: 28 que puzestes no lugar mais seguro, & sublime o ninho de vossos pensamentos: 29 que naõ fostes offendida do rayo 30 do peccado original: sois prognostico de felicidade a todos os que assistis: 31 inimiga, & vencedora do Dragaõ infernal: 32 insignia dos Estendartes de Roma Catholica: 33 & por todas as razoens Rainha das aves, 34 que na Igreja saõ as almas com azas que voaõ para o Ceo, como Eucherio 35 explica; entre as quaes Isaìas, & *Christo* Senhor nosso chamáraõ

Aguias

---

6 *Beda homil. de Annunt.* Quæ salutatio quātũ humana consuetudine inaudita, tantum est Beatæ Mariæ dignitati congrua.

7 *Perer d. l. 6. n. 168. verb. retulimus, in introduct. 1 p. n. 3. in fin.* *Sylveyra d. q. 22. n. 49.* Literis inversis redoit idem quod Eva. Ad quod alludit Ecclesia: *Sumens illud Ave, mutans Evæ nomen.*

8 *P. Joseph de Jesu Mar hist. da Virg. l. 3 c. 14 n. 2* *Carthag. de arcan. Deip. p. 1. l. 5. hom. 4.*

9 *Perer. sup.* Gabrielem dixisse ei Ave, quasi ea mutdo latura esset bona, plane contraria ijs malis, quæ invexerat Eva. *Latius D. Bernard. in opere deprecator. ad Virg. post serm. Signum magnum.*

10 *D. Petr. Chrys. serm 142 post princ.* Agit cũ Maria Angelus de salute, quia cum Eva Angelus egerat de ruina.

11 *Matute sup. idade 2. c. 5 §. 9.* *P. Benedict. Fernand. Genes. sect. 6. n. 6.* *Carthagen. de arcan. Deip. p. 1. l. 5 hom. 4. vers. ut tamen, ad med.* *Luc. 1. 29* Turbata est in sermone ejus.

12 *D. Chrysost. hom. 16 Gen. ad med.*

13 *Luc 1. 34.* Quomodo fiet istud?

14 *D. Chrisost. d. hom. 16 post med.* Cujus adjutorium esse oportebat, illius facta es insidiatrix.

15 *D. Ambros. serm. de Sanct. Deipar* Hæsitat Virgo, utpote ad naturam respiciens, & de Joseph cogitans, cui desponsata erat.

16 *P. Bened. Fernand. in 2. Gen. sect. 2. n. 12. post med.* *Luc. 1. 38* Ecce ancilla Domini fiat mihi secundùm verbũ tuũ

17 *Gen. 3. 5* Eritis sicut Dij

18 *Luc 1. 38* Ecce Ancilla Domini.

19 *Exod. 3. 11. Matth 3. 14. Joan 13 6.*

20 *Nota Vilhegas no Flos Sanct. festa da Annunciaçaõ.*

21 *Nota devotamente Bartholomeu do Quental nas Meditaçoens da infancia de Christo medit 6. ponto 2.*

22 *Carthagen. d. hom. 4. vers. & tamen, ante med.*

23 *D. Thom. in exposit. salut. Angel.* *D. Bonavent. in specul c 2.* *D. Gregor. Nyssen. orat. de Nativ. Domin* *D. Fulg. serm. de Laud Virg.* *Euthym. & alij apud Fr. Joseph de Jesus Maria d. c. 14. Carthagena hom. 4.* *Sylveyr. d. q. 22 n. 5.*

24 *P. Fr. Joseph d. l. 3. c. 17. n. 10.*

25 *Virgil. Æneid. 9* Sustulit alta petens pedibus Jovis armiger uncis.

26 *Idem l 11.* Utque volans altè, raptum cum fulva draconem Fert Aquila.

27 *Horat. l 1. Serm. Satyr. 3.* Cur in amicorum vitijs tam certis acutum Quàm aut Aquila.

28 *Claudian. l. 11. in præfat. consulat. Honorij* Parvos hunc Aquilis fas est educere fœtus, Ante fidem solis.

aguias ás que voão mais. 36 com mystério vos deu ó *Senhor* por filho o Evangelista Aguia. 37 Mas sois Aguia com as excellentes qualidades das aves mais insignes. Principio da primavera de nossa saude, 38 como Filomena; 39 feliz auspicio nos mares de nossa vida, como Cisne; 40 prodiga de vosso sangue com os filhos, como Pelicano; 41 symbolo da diligencia, & cuydado, como Garça; 42 estudiosa da limpeza, como Pavão; 43 amante, mansa, innocente, como Pomba; 44 exemplo da fidelidade, como Rola; 45 em todas as perfeyções unica Feniz. 46

6 Como todos se turbaõ aos vituperios; vòs só vos turbastes quando vos louvou o Anjo; 47 mas permitti que vos louvem os homens com sua humildade. Sem vòs, *Senhora*, creou Deos o mundo, porèm sem vòs o naõ restaurou: esperou o *Fiat* do vosso consentimento para se fazer homem. Chegou a dizer S. Methodio Bispo, que sendo Deos acrèdor de todos, só he devedor vosso, 48 pelo sagrado corpo que lhe dèstes. 49 Que bem trocou o vosso *Ave* o nome de *Eva*! ella nos arruinou da graça á culpa, vòs nos levantastes da culpa á graça: ella mãy de miserias, vòs de misericordias: ella nos gèrou para a morte, vòs nos regenerastes para a vida: nella somos vencidos, em vòs triunfamos: por vòs subio a natureza humana a tanta grandeza, que pondèra Santo Agostinho, que hum homem he taõ verdadeyramente Deos como toda a Santissima Trindade. 50 *Bemdita sois entre as mulheres: & bemdito he o fruto do vosso ventre.*

Petrarcha, sonet. 18.
Son animali al mondo di si altera vila
che in contra il so put si defende. *Plin.* l. 10 c. 3.

29 *Job* 39. 27 & 28. Aquila in arduis ponit nidum, &c
Traduzio o Bispo de Gaudix symb. 92.
El Aquila, y el devoto.
En alto ponen su nido,
Porque estè mas defendido.

30 *Plin. l.* 2. c. 55.

31 *Cum Pier. hierogl. l.* 19. *Hieron. de Huert. in annot. Plin l.* 10 *post. c.* 5.

32 *Genes.* 31 15. Ipsa conteret caput tuum. *Virg. Æneid* 11 *jam supr. relatus. Ex Plin. Henric. Sculens l.* 19. *aphorism.*

33 *Plin. d. l.* 10 c 4 *Ov. d. Fast.* 3 Signa decus belli Parthus Romana timebat. Romanæque Aquilæ signifer hostis erat *Lucã Pharsal l.* 1 Ut notæ fulcere aquilæ, Romanaque signa: *& iterum:* Signa pares Aquilas, & pila minantia pilis.

34 *Plin d. l* 10 *c.* 3.

35 *Eucher apud Hier. de Huert. in d. annot. ad Plin. l* 10. *post c.* 5.

36 *Isai* 40. *in fin.* Assument pennas sicut Aquilæ, current, & non laborabunt ambulabunt, & non deficient. *Matth.* 14. 28. Ubicũque fuerit corpus, ibi congregabuntur, & aquilæ. *Repetit Luc.* 17. *in fine.*

37 *Joan* 19. 27. *Ezechiel* 1 10.

38 *Cant.* 2. 11. Flores apparuerunt in terra nostra.

39 *Lope de Vega na Philomen. Cant.* 1 *est.* 1. Principio de la verde Primavera.

40 *Virg Æneid.* 10. Aspice bis senos lætantes agmine cygnos, &c.

41 *Diogo de Funes, histor. de aves, & anim. l.* 1 *c.* 43 *post princip.*

42 *Diogo de Funes d. l.* 1. *c* 21. *post princ.*

43 *Cum Aristot. Diogo de Func. supr. cap.* 29 *post med P. Sandæus, in Aviario Marian. orat* 6. *Maria purificat. paulo post princ.*

44 *Propert.* 1. Non me Chaoniæ vincent in amore columbæ *Matth.* 10, 16. Simplices sicut columbæ.

45 *Juvenal satyr.* 6.
Tollere dulcem.
Cogitat hæredẽ cariturus Turture magno. *Ao que allude D. Luis de Gongora Romance* 50.
Tortorilla gemidora
Depuesto el casto desden,
Talamo hizo segundo
Los ramos de aquel cipres.

46 *Plin. hist nat l.* 10. *c.* 2 *in princ. & Herrera nas suas annotaçoens. Funes supr. c* 45 *in princ.*

47 *Luc.* 1 29 Quæ cum audisset, turbata est in sermone ejus

48 *S. Method. orat in Hip. pan.* Beata Virgo, quæ Deum debitorẽ semper habes Cæteris Deus mutuatur: tibi autem etiam Deus debet.

49 *Explicat P. Anton. Guilberm t. de le grandezze de la Santissima Trinità dist.* 15 *vers. Ma perche.*

50 *D. Aug l.* 1. *de Trinit* t 3.

CAPITULO XXVI.

Como a Virgem *foy visitar a Santa Isabel. Tocaõ-se algumas excellencias do grande Bautista.*

1 HAvia dito o Anjo á *Virgem* na Annunciaçaõ, 1 que Santa Isabel sua prima coirmã 2 tinha concebido hum filho, & andava em seis mezes. Este foy João, 3 o profetizado Precursor de *Christo*. 4 Quiz o *Verbo* encarnado illustrallo com sua presença no ventre da mãy; & livrallo do original peccado, por tomar logo posse do officio de Salvador. 5

2 Moveo o *Senhor* o zelo da *Virgem*, poucos dias depois de haver concebido, a hir visitar a Santa Isabel sem dilação; para communicar com ella as mercês de Deos, que lhe forão annunciadas, & louvarem juntas sua liberalidade. 6 Não reparou a caridade da *Senhora* em quebrar o retiro em que vivia, nem no trabalho do largo caminho; donde notou S. Bernardo, 7 quam alhea estava das affliçoens que as filhas de *Evá* tributaõ áquelles principios depois de conceberem. Alli começou a trabalhar nos instrumentos de nossa redempçaõ.

1 *Luc* 1. 36.

3 Vivia Santa Isabel com seu marido Zacarias, (hum dos vinte & quatro Sacerdotes que serviaõ no Templo, 8) na Cidade que o Evangelista Saõ Lucas chama por antonomasia a *Cidade de Judá*, porque segundo graves Authores, 10 era Hebron nas montanhas de Judá, insigne por antiguidade, 11 & por haver sido habitaçaõ de Abraham, Isaac, & Jacob. 12 Distava de Nazareth, morada da *Virgem*, trinta & duas, ou trinta & tres legoas. 13

4 Chegada a *Virgem* com seu Esposo, (que a acompanhou) 14 a casa de Zacarias, & Isabel, saudou a *Senhora* à Prima, dizendo, (segundo se entende) 15 *Paz seja comvosco*; ou *Paz seja nesta casa*, que era a saudaçaõ costumada entre os Hebreos; 16 da qual mandou *Christo* Senhor nosso 17 a seus Discipulos que usassem, & de que elle mesmo usou. 18 Sentio Santa Isabel, que á pronunciaçaõ destas palavras se alegrára o menino que de seis mezes tinha no ventre, & dera como saltos de alegria. 19 A voz da *Virgem* infundio conhecimento no que apenas tinha corpo: de seu ventre nascia fonte para regar as plantas do Paraiso; 20 & aquelle nobre Cedro estava muyto chegado, por muyto parente. Se Abraham se alegrou porque em profecia vira os dias de *Christo*; 21 como naõ se alegraria Joaõ vendo-o já chegado em realidade? Se dançou David diante da Arca do testamento, 22 figura da *Virgem*, que encerraria o Messias: como naõ dançaria o Precursor diante da verdadeyra Arca virginal, que naõ encerrava representaçaõ, mas o mesmo Messias? Se os povos Septentrionaes que tem noyte continua seis mezes no anno, quando no fim delles lhes chega o Sol, o celebraõ com danças, & outras festas: o menino que havia seis mezes andava na escuridaõ original, como naõ festejaria o Sol Divino, que trazia a luz da graça? Portento fora naõ mostrar alegria.

2 *Fica dito c.12.n.36. post med.*
3 *Luc.d.c.1.63.*
4 *Malach.3.1.*
*Matth.*11.10.
*Luc.*1.76. *&* c.7.27.
5 *Carthagen. de arcan. Deip. p.1.l.6. hom.3. vers. caeterum.*
6 *Villegas no Flos Sanct. fest. da Visit.*
P. Sylveyr. in Evang. tom.1. l.1. c.6. q.1. n.3.
7 *D. Bernard. in serm. Signum magnũ*
8 *P. Sylveyra sup. q.3.*
9 *Luc.*1.39. In Civitatem Juda.
10 *Sylvey. a d.c.6.q.9.*
Melchior de Castr. hist. Virg. l.1.c.6.
P. Fr. Joseph de Jesus Maria na mesma hist. l.3.c.21.n.2.
Horat. Scoglius Catacens. hist. á primord. Eccles. p.1. vers. Jamque adulta.
11 *Joseph de antiq. l.1.c.16. & de bel. Judaic. l.5.c.7.*
12 *D. Hier. ep.27. ad Eustoch. c.5.*
13 *P. Joseph d. c.22. n.2.*
14 *Villegas supra.*
Carthagena supra l.4. hom.10. v. Tertia ratio.
P. Fr. Joseph d.l.3.c.31.n.4.
15 *Castro d.c.6.*
P. Joseph supr. d.c.22. n.3.
16 1.*Reg* 25.6. *Paralip.*7.18.
Tobiæ 12.17.
17 *Matth.*10.12. *Luc.*10.5.
18 *Joan.*20.26.
19 *Luc* 1.41.
20 *Gen.*1.10.
21 *Joan.*8.56.
22 2.*Reg.*6.

5 Graves Authores 23 dizem que a *Virgem* abraçando a Santa Isabel, vio o menino ajoelhado diante de *Christo*, & a *Christo* em hum throno lançando-lhe a bençaõ, & dando-lhe santidade.

23 *Apud Salmeiron. tom.3. tract.*10.

6 Santa Isabel chea do Espirito Santo exclamou em voz alta: *Bemdita vòs entre as mulheres, & bemdito o fruto do vosso ventre. Donde mereci eu que a Mãy de meu Senhor venha a mim? Tanto que a voz de vossa saudaçaõ chegou a meus ouvidos, o menino que trago no ventre saltou de alegria: & bemaventurada sois que crestes; porque se cumprirá tudo o que vos foy dito pelo Senhor.* 24 Foy Santa Isabel a primeyra que chamou a Virgem *Mãy de Deos*.

24 *Luc.*1.41.

7 Costumavaõ os Hebreos mais santos compor canticos a Deos quando recebiaõ algũa mercè grande; 25 & os cãtavaõ. 26 Vẽdo-se a *Virgẽ* taõ exaltada, rõpeo no excellẽtissimo da *Magnificat*, em que louvou o *Senhor*, reconheceo suas misericordias, admirou seus altos juizos, & deu graças pelo cumprimento da pro-

25 *Exod.*15. *Deuteron.*32. *Judic.*5.
26 *Dissemos na 1. p. c.23. n.16. ant. med.*

promeſſa do Meſſias. Cantico taõ cheyo de myſterios, 27 & em idade taõ tenra, bem moſtra ſer inſpirado pelo Eſpirito Santo. A *Virgem* o cantou em voz muſica, (de que aprenderiaõ os Anjos:) era o cantico novo, que deſejava David em inſtrumento de dez cordas. Em outro lugar fica dito 28 largamente.

27 *Delles trataõ largamente o P. Joſeph d. l. 5. c. 25. com os ſeguintes & Carthagen de arcan. Deip. p. 1. l. 6 homil. 9. cum ſeqq.*

28 *Na 1. p. d. c. 23. n. 16. & 24. n. 10.*

8 Teria S. Joſeph ſemelhantes ſaudaçoens com o Santo Zacharias, & detendo-ſe alli pouco, ſe foy a Bellem ſua patria, que diſtava de *Hebron* menos de quatro legoas, deyxando a *Virgem* com ſua prima; como com bons fundamẽtos parece ao doutiſſimo Padre Fr. Joſeph de Jeſus Maria. 29 quaſi tres mezes eſteve a *Senhora* naquella caſa, 30 que foy Ceo com a aſſiſtencia de *Jeſus*, *Maria*, *Joſeph*, *Saõ Joaõ*, *Santa Iſabel*, *& o Santo Zacharias*. Que devotas ſe entreteriaõ as primas em colloquios celeſtiaes! E ſe á voz da *Virgem* na breve ſaudaçaõ alegrou logo tanto ao Menino ainda no ventre; que effeyto fariaõ tantas vozes em tantos dias domeſticos daquella caſa?

29 *P. Joſeph d. l. 3. c. 31. n. 4.*

30 *Luc. 1. 56.*

9 Chegava-ſe o tempo do parto de Iſabel, & era coſtume entre os Hebreos, naõ aſſiſtirem donzellas aos partos; atè das caſas proprias ſe ſahiaõ, por naõ eſtarem a elles; 31 & o retiro da *Virgem* quiz tambem evitar o concurſo de parentes, & amigos em tal occaſiaõ. Porque pouco antes della, vindo S. Joſeph de Bellem para a acompanhar, 32 ſe tornou a *Senhora* para Nazareth, como he opiniaõ mais certa, & mais conforme á narraçaõ do Santo Evangeliſta. 33

31 *Nicephor. Calixt. hiſt Eccleſ. l. 1. c. 8.*

32 *P. Fr. Joſeph d. c. 31. n. 4.*

33 *Luc. 1. Nicephor ſupra. Theophylat. Rupert. Metaphraſt. & alij apud Melchior de Caſtro d. c. 6. & P. Joſeph d. l. 3. c. 29, n. 1.*

10 Iguaes ao goſto na preſença ſeriaõ as ſaudades na deſpedida. Se tantas proſperidades ſe ſeguiraõ á caſa de Obededon, por eſtar nella outros tres mezes a Arca do *Senhor*, 34 que encerrava as taboas do Velho teſtamento; quantas mais deyxaria na caſa de Zacharias a arca viva, que guardava as taboas originaes do Teſtamento Novo? Baſtou pela mayor deyxarlhe a honra de haver eſtado nella; & deyxarlhe ſantificado hum filho, de cujos louvores ſe dignou *Chriſto* ſer Prègador; 35 & depois de *Chriſto* ſó a eloquencia de outro Joaõ Chryſoſtomo o pode louvar; 36 diz tudo quem diz, *Joaõ Bautiſta*.

34 *2. Reg. 6. 11.*

35 *Matth. 11. 7.*

36 *D. Joan. Chryſoſt. hom. 15 de Joan. Bapt. in princ. tom. 2.*

CAPITULO XXVII.

Como S. Joſeph ſoube que a Virgem *havia concebido. Tocaõ-ſe algumas excellencias deſte Santo; & como ſe celebràraõ entre ambos as vodas.*

1 PAſſado o trabalho daquella jornada, entrou a *Senhora* em outro mayor. Moſtrou o tempo que ella concebèra, & ſuſpeytas duvidoſas 1 combatèraõ a ſeu Eſpoſo Saõ Joſeph, que naõ tinha parte no ſucceſſo. Naõ foy muyto

1 *Carthag. de arcan. Deip. p. 1. l. 4. hom. 18. verſ. inter extremos. Maldonad. in 1. Matth verſ. ſententia.*

que duvidasse, pois a mesma Virgem na Annunciaçaõ do Anjo tinha duvidado como poderia ser. 2 Grande opinião tinha de sua Esposa, quem não passava de duvidar; vendo huma obra contra a natureza.

2 Em tormento que Salamão comparou ao inferno, 3 quem soube dissimular sem romper em acçoens de furor? Só a prudencia de Joseph deu lugar á consideração. As apparencias accusavão: a razão absolvia, elidindo-se a suspeyta na experiencia da santidade de *Maria*, & nos mysterios que o Ceo mostrára nos desposorios; 4 assim disputava a opinião o que via: & o brio, & o amor pugnavão em duello, sem a algũa parte se inclinar a victoria: era Joseph martyr de credito, & de amor, que he mais que da vida: para com os estranhos seguro estava o credito, pois o defendia o matrimonio; mas o sofrimento o arriscava para com a Esposa, que valia mais que todo o mundo: & para comsigo mesmo, devendo a honra mais à consciencia propria. 5 Occorrialhe ausentarse occultamente sem celebrar solemnidade de vodas, (porque só com os desposorios tinha a esposa em guarda, pelo costume que já dissemos; 6) mas sentia apartarse daquella companheyra celestial. Neste mar fluctuava sem se resolver. 7

3 Quem poderá enganar hum amante? disse o Poeta; 8 no rosto lhe vio a *Senhora* o coração, & padeceo com elle as mesmas ancias. Não lhe havia communicado a Annunciação do Anjo, por não ter licença de Deos; que parece quiz dar a Joseph o merecimento desta occasião; & tambem (diz S. João Chrysostomo 9) porque em tal materia era suspeyta sua relação; deyxava tudo á disposição Divina. 10

4 Neste aperto a animou o *Senhor* por hum Anjo, & se resolveo a descobrir ao Esposo o que passava, & lho disse; como a mesma *Virgem* referio a Santa Brigida. 11 Via elle que tal testemunha merecia fé em causa propria, & as profecias, & circunstancias antecedentes a abonavão: que se devia mais credito á honestidade, que ao ventre; & que a graça vencia a natureza; mas o estimulo da honra ainda picava, & não acabavão de cessar os temores, atè que o *Senhor* quiz por hum Anjo confirmallo no que a *Virgem lhe tinha dito*. 12

5 O Anjo S. Gabriel 13 lhe appareceo em sonhos; (dormia Joseph, porque aos Santos não desvelão cuydados: descanção resignados em Deos, & assim negoceão, como Jacob, & São Pedro) 14 & disse: *Joseph filho de David, naõ temais receber a Maria vossa mulher; porque o que tem em seu ventre he obra do Espirito Santo; parirá hum filho, & lhe poreis nome Jesus, porque ha de salvar o seu povo de seus peccados.* 15 Chamoulhe *Filho de David*, insinuandolhe as profecias que dizião nasceria o Messias daquella familia: chamou á Esposa *Mulher*, mostrando, que como se chamava mulher, sendo Esposa, assim era mãy sendo Virgem. 16 E em lhe commetter a imposição do

2 *Luc.* 1.34. Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco? *Ita D. Chrysost. hom. 4. in c. 1. Matth*

3 *Cant.* 8.6. Dura sicut infernus æmulatio.

4 *Supr. c. 22. n. 6. cum seqq.*

5 *Senec. epist. 43. in fin.* O te miserum si contemnis hunc testem.

6 *Supra c. 23. n. 1.*

7 *Matth.* 1. 20. Hæc autem eo cogitante. *P. Fr. Joan. da Sylveyra in Euang. tom. 1. l. 1. c. 10 q. 7. n 28.*

8 *Virg. Æneid.* 4. Quis fallere possit amantem?

9 *D. Chrysost. supr.*

10 *Sylveyr. d. c. 10. q. 10. n. 36. Vilhegas no Flos Sanct. vida de Saõ Joseph.*

11 *Revelaç. de S. Brigida l. 6. c. 59. & l. 7. c. 25.*

12 *P. Fr. Joseph de Jesus Maria na hist. da Virg. l. 3. c. 31. n. 1. & 2.*

13 *Melchior de Castro na vida, & excell da Virg. p. 1. c. 6.*

14 *Gen.* 28. 12. *Act.* 2. 7.

15 *Matth.* 1. 20.

16 *S. Petr. Chrys. l. serm.* 145. *post med* Sicut ergo, manente Virgine, mater est: ita conjux dicitur, pudore permanente.

do nome, que he direyto paterno, 17 lhe deu a honra de pay: com razaõ pois era Esposo da *Virgem*; & se o Messias houvera de ter pay na terra, só Joseph o merecèra ser. 18

6 Despertou já livre de duvidas; que a taõ grande Santo bastava sonhar que o mandava Deos; 19 & por isso os Anjos lhe fallavaõ sempre entre sonhos. 20 Levantou-se cheyo de gozo, por favorecido do Ceo; livre de cuydados, confirmado na posse do thesouro virginal, glorioso na guarda daquella conceyçaõ Divina, consolado na redempçaõ do mundo. Que praticas teria com a *Virgem*! Que louvores dariaõ a Deos! Que parabens reciprocos hum ao outro!

7 Celebrou logo a solemnidade das vodas 21 com verdadeyro matrimonio rato: 22 ficou na dignidade mais alta, marido de *Maria*, & Pay putativo de *Christo* 23 Continuáraõ aquella vida Angelica, de que nos desposorios fizemos breve mençaõ: 24 accresceo (disse a mesma *Virgem* a Santa Brigida) 25 huma santa competencia em se tratarem; porque Joseph servia á *Virgem* como a Senhora; & a *Senhora* se humilhava a Joseph como a marido: nunca o respeyto se vestio de confiança: sempre a confiança tributou ao respeyto. Feliz matrimonio, aonde o dote eraõ virtudes; o vinculo, puro amor; & o fruto foy de *Christo*.

17 *D. Chrysost. supr.*
18 *Assim o considera o P. Fr. Manoel do Sepulchro na Refeyçaõ espiritual, p. 1. c. 8. n. 23.*
19 *D. Chrysost. dicto loco.*
20 *Matth. 2. 13. & 19.*
21 *Matth. 1. 24. Accepit conjugem suam.*
22 *Cum D. Aug. D. Hieron. D. Thom. & alijs P. Joseph. sup l. 2. c. 41 P. Sylveyra d. c. 10. q. 1. n. 4.*
23 *Matth. 1. 16. Luc. 3. 23.*
24 *Sup. c. 23. n. 4.*
25 *Revelaç. de S. Brigid. d. l. 6. c. 59.*

CAPITULO XXVIII.

Como a Virgem com seu Esposo foraõ a Bellem para se alistarem cõforme ao edicto do Emperador Augusto Cesar. Mostra-se o que continha o edicto. E trata-se que cousa he Era, *& como por ella se contaraõ os annos. Dà-se noticia da occasiaõ porque os Romanos entràraõ em Judea.*

1 CORria o anno cinco mil cento & noventa & nove da creaçaõ do mundo: dous mil novecentos cincoenta & sete depois do Diluvio universal: quatrocentos cincoenta & quatro das hebdomadas de Daniel: setecentos cincoenta & tres da fundaçaõ de Roma, terceyro da Olympiada cento noventa & quatro; conforme o computo Ecclesiastico, que acima notamos: 1 quando Augusto Cesar, primeyro Emperador Romano, mandou que por todo o mundo se alistassem as cabeças de familias sugeytas ao Imperio, nas Cidades a que pertenciaõ, 2 para final de reconhecimento, & pagarem certo tributo, segundo suas possibilidades; entende-se que os Hebreos pagáraõ a meyo siclo, 3 & cada siclo valia oyto vintens dos nossos Portuguezes. 4

1 *Supr. c. 16. n. 1.*
2 *Luc. 2. in princip.*
3 *Maldonado in 2 Luc. n. 4.*
4 *Cardoso de Monetis, in fin. dictionar.*

2 Paga-

2 Pagava-se por quinze annos repetidos em tres partes; que chamavaõ *Lustros*, ou *Quinarios*. No primeyro se pagava em ferro para fazer armas: no segundo em prata para bater moeda: no terceyro em ouro, para meter no erario, & para simulachros de deoses. Acabados os quinze annos se fazia nova lista, & novo lançamento. 5

3 A cada nova lista chamavaõ *Descripçaõ*, porque se escreviaõ os nomes: ou *Profissaõ*; porque se professava sugeyçaõ: ou *Indicçaõ*, 6 que era o mesmo que denunciaçaõ solemne, & se vieraõ a contar os annos por primeyra, segunda, & terceyra *Indicçaõ*, & assim pelas mais: & nas escrituras publicas se declarava em que *Indicçaõ* eraõ feytas, 7 como hoje se declaraõ os annos. 8

4 O tributo se chamava *Æra* de *Æs æris*, que significa o metal da moeda; 9 & como foy taõ solemne, de seu principio se começáraõ a contar os annos, 10 dizendo-se: *Aos tantos annos da era de Cesar*: como quem dizia: Aos tantos annos depois que Cesar poz aquelle tributo.

5 No que he de advertir, que muyto antes da descripçaõ que o Evangelista Saõ Lucas 11 diz que Augusto mandou fazer em todo o mundo, (que se entende do Imperio Romano) na occasiaõ em que nasceo *Christo* Senhor nosso, as havia mandado fazer particulares em muytas Provincias logo nos principios de seu Imperio, como notáraõ o Veneravel Beda, & Santo Ambrosio, & reconhece o doutissimo Maldonado. 12 Lemos que a houve nas Gallias, 13 depois que Augusto venceo a Lepido, & Antonio, quasi trinta annos antes de *Christo*. Tambem sabemos que annos antes se contava já por eras em Hespanha; porque Augusto estando na Cidade de Tarragona fez outro edicto semelhante; 14 naõ a houve juntamente em Judea, & outras Provincias Orientaes, porque estas dominou Augusto mais tarde pela opposiçaõ dos matadores de Julio Cesar. 15 Esta he a razaõ porque se conta a era de Cesar trinta & oyto annos antes do Nascimento de *Christo*; porque trinta & oyto annos antes havia Augusto Cesar começado aquella descripçaõ, & tributo em muytas Provincias, posto que naõ em todas géralmente, como foy esta ultima.

6 Alguns contaõ a *hera*, escrita com aspiraçaõ, quarenta & dous annos antes de *Christo*, 16 tempo em que Augusto começou a ter o poder: derivando-a da palavra *Herus*, que significa Senhor, quasi dizendo, *Anno da Monarchia*; *ou dominio de Cesar*. Mas com menos fundamento; pois ainda entaõ nem era Monarcha, nem se achava taõ poderoso como se suppoem; antes com forças taõ duvidosas, quanto eraõ forçosos seus contendores; só ficou absoluto passados quatro annos, que vem a ser aos trinta & oyto annos de *Christo* nascer, donde se contou a *Era*, porque já vencedor poz o tributo em muytas Provincias. 17

5 *Diogo Matute de Penafiel, na prosap. de Christo idade 1. c. 5. § 7. Glossa verb. Indictionis, in Autent. ut preponat. nom. Imper. in princ. collat. 5.*

6 *Glossa verb. Indictione, in cap. In nomine Domini. 23. dist. Gloss. ubi supr. in d. Autent.*

7 *D. Autent. ut prepon. nom. Imper. § u de sancimus collat. 5.*

8 *Ordin. nost. a l. 1. tit. 80 § 7.*

9 *D. Isidor. etymolog. l. 5 c. 36.* Æra singulorum annorum constituta est à Cæsare Augusto, quando, primo censu excogitato, Romanorum orbem descripsit; dicta autem æra, quod omnis orbis æs reddere professus est Reipublicæ. *Vide Vascum in Chron. Hisp. tom. 1. c. 22.*

10 *Calepin. in dictionar. verbo, era.* Astrologi quoque initiũ, à quo supputationes incipiunt, *erã* vocãt; dicta *era* ex eo quod omnis orbis æs reddere professus Reipublicæ. *Vener. in Enchirid. tẽpor. apud Petr. Mexia Sylva var. lect. l. 3 c. 36.*

11 *Luc. 2. 1.*

12 *Beda in Luc. 2.* Signat hanc descriptionem vel primam esse harum, quæ, quia totum orbem concluserit, pleræque jam partes terrarum leguntur fuisse descriptæ. *D. Ambros. ibidem.* At p. ceasque jam partes terrarum sæpe fuisse descriptas loquuntur historiæ.

13 *Luc. Flor. in Epitome l. 33.*

14 *Episcop. Gironæ in para. l. 10. Joan. Vasæus sup. Britto Monarch. Lusit. p. 1 l. 4. c. 29 ad fin.*

15 *Mexia Sylv. de var. liç. d. c. 36.*

16 *Referunt Mexia supra, Emmanuel Barbos. in Remiss. ad nostram Ordinat. d. l. 1. tit. 80. § 7. n. 2.*

17 *Ita Mexia supra. Concorda Villadiego no Catalogo dos Reys, & Senhores de Hespanha, tit. dos Emperadores no princip. anda antes dos comment. às leys dos Godos, chamadas, Fuero juzgo.*

7 Em Hespanha aquelle costume Romano de contar pela *Era* de Cesar se guardava no tempo dos Reys Godos, como se vè do que Santo Isidoro escreveo no mesmo tempo. 18 Continuouse em Castella atè o quinto anno del-Rey Dom Joaõ I. que no de 1421. da mesma era ordenou que mais se naõ usasse, & só se nomeasse o anno do Nascimento de *Christo*, 19 que entaõ corria 1383. Jà no anno 1358. tinha introduzido o mesmo em Aragaõ ElRey D. Pedro IV. E em Portugal o ordenou tambem ElRey Dom Joaõ I. depois de ganhar Ceuta. 20 Em Hespanha, & Italia se começa a contar o anno do dia do Natal, ou do dia da Circumcisaõ do *Senhor*. Em França, Inglaterra, & Alemanha do Equinoccio de Março; ou dia da Annunciaçaõ da *Virgem*.

8 Dizem que em aquella gèral descripçaõ de todo o Imperio se acháraõ vinte & seis mil trinta & sete myriadas de cabeças de familias; 21 cada myriada val dez mil, 22 & somaõ duzentos & sessenta milhoens, & sessenta mil pessoas cabeças de familia. Destas (segundo Angelo Pacense) 23 eraõ da Lusitania cinco milhoens sessenta & oyto mil; grande fecundidade á proporçaõ de todo o Imperio.

9 Aquelle edicto de Cesar comprehendeo a Judea. Porque as discordias de Aristobolo, & Hircano filhos de Janao Alexandre Summo Sacerdote, & juntamente Rey, sobre a successaõ do Reyno, leváraõ a Pompeyo em favor de Hircano: 24 & deraõ entrada aos Romanos se fazerem senhores; como sempre succedeo com os mais poderosos, que foraõ chamados em soccorro. Por Inglaterra o experimentar por vezes, fez ley de lesa Magestade contra a patria, chamar a ella soccorro de Estrangeyros. Os Romanos punhaõ de sua maõ os Reys, & Governadores que queriaõ; & neste tempo tinhaõ feyto Rey á Herodes 25 filho de Antiprato, da Cidade de Ascalon dos Idumeos em Palestina, & de mãy Arabia de naçaõ; foy o primeyro Rey estrangeyro, cumprindo-se a profecia de Jacob, que naõ faltaria sceptro, & Capitaõ da tribu de Judá atè que viesse o Messias; 26 & atè entaõ com titulo de Rey, ou de Capitaõ, & Summo Sacerdote, quando naõ houve Reys, sempre o summo poder esteve nos de Judá, ao menos por linha feminina. 27

10 De Nazareth, aonde viviaõ, partiraõ, S. Joseph, & a *Virgem* para Bellem, patria de S. Joseph, distante vinte & nove legoas, 28 para nella se allistarem, porque por descendentes de David, pertenciaõ áquella Cidade chamada de *David*, 29 por o Santo Rey haver nascido nella. 30 Estava a *Senhora* muyto chegada ao tempo do parto, mas naõ se escusou de obedecer ao Principe, como posto por Deos; 31 antes na vaidade do Principe, exercitou mais a sua obediencia. E entaõ com propriedade se executava o vanglorioso edicto do Emperador: *Que se alistasse todo o mundo*, 32 como se fosse Senhor de todo elle;

18 *D. Isidor. supra.*

19 *Pedro Lopes de Ayala na Chron. de D. Joaõ I.*

20 *Britto na Monarch. Lusit. p. 1. l. 4. c. 29. ao fin.*

21 *Niceph hist Eccles. l. 1. c. 17.*

22 *Calepin. verb. Myrias.*

23 *Angel. Pacens. in vit. S. Mancij Martyr.*

24 *P. Joseph de bello Judaic. l. 1. c. 5.*

25 *D. Chrysost. hom. 1. & 26. in Matth. tom. 2. Mexia sup l. 4. c 17. Horat. Scoglius Catacens. hist. à primord. Eccles. p. 1 l 1. vers Hierosolimæ.*

26 *Gen.* 49. 10 Non auferetur sceptrum de Juda, & dux de femore ejus, donec veniat qui mittendus est. *D. Chrysost. hom 16. in Matth. ad med.*

27 *Catacens. supra.*

28 *Brocard. in descript. terræ sanct. p. 1. c. 7 § 59. Melchior de Castro hist da Virg. l. 1. c. 7. P. Fr. Joseph de Jesu Maria na mesma hist. l. 3. c. 32. n. 1.*

29 *Luc. 2. 4.*

30 *P. Sylveyra in Euang. tom. 1. l. 2. c. 1. n. 14 in exposit. P. Joseph. ubi proximè.*

31 *1. Petr. 2. 13.*

32 *Luc. 2. 1.* Ut describeretur universus orbis.

elle, executouse, pois, na *Virgem*, tendo a Deos em seu ventre; se alistava todo o mundo, & todo o Ceo. O *Senhor* de tudo hia professar sugeyção antes de nascer: tomava fórma de servo para nos libertar; 33 & quiz nascer no tempo desta descripção, que figurasse a que elle vinha fazer de seus escolhidos. 34

11 Cuyda-se communmmente 35 q̃ a *Virgem* fez a pè tão larga jornada, pela pobreza em que ficára, havendo repartido a pobres o que tinha, como ja dissemos; 36 mas da revelação de Santa Brigida, que no capitulo seguinte referiremos; 37 parece que hum jumento servio de carroça a tanta Magestade; & he mais verosimil; porque ainda que o Divino prenhado (com ser solido, & de corpo como os mais) tinha privilegio de não pezar, nem embaraçar; 38 com tudo não permittiria Joseph que a delicada *Virgem* se molestasse tanto: nem Deos permittio que fossem tão pobres, que lhes faltasse o necessario para passarem honestamente, como a *Senhora* revelou a Santa Brigida. 39

12 Da revelação acima dita parece tambem a alguns Escritores, que nesta jornada levárão os Santos Espósos comsigo hum boy, ou bezerro. O douto Chronista da *Senhora*, Padre Fr. Joseph de Jesus Maria, entende 40 que seria o bezerro festival, que nas Provincias Orientaes se costumava prevenir para banquete dos dias mais solemnes; como o com que Abraham hospedou os Anjos; 41 & com outro diz a Parabola do Evangelho, que festejou o pay ao filho Prodigo, que teve por resuscitado: 42 São Joseph que esperava a mayor festa no Nascimento do Filho de Deos, que lhe estava dado por Filho, & sabia pelas profecias! 43 que nasceria em Bellem, levaria aquella demonstração do mayor gosto, para repartir a pobres; como a *Virgem* levava preparados os envolvedouros para o Menino; & mais prevendo, que pela muyta gente que concorria á *Descripção*, poderia ser difficil comprallo alli. Aquelles poderião ser os dous animaes que se achárão no presepio; posto que alguns Doutores 44 o não cuydem assim, & entendem com mais propriedade que o boy entraria então acaso, costumado a recolherse nas noytes àquella lapa, que muytos entendem que era como os que chamamos curral do Concelho.

33 *D. Paul. ad Philip. 2. 7.*
34 *D. Gregor. Papa, hom. 8. in Euang. apud Sylveyra d. c. 1. q. 2. n. 8. & apud P. Joseph d. c. 32. n. 3.*
35 *D. Chrysost. hom. de Nativit. in princ. tom. 2. P. Fr. Manoel do Sepulchro na Refeyç. espirit. p. 1. c. 5. n. 8.*
36 *Supr. c. 23. n. 3.*
37 *Revelaç. de S. Brigida l. 7. c. 21. Vide c. seq. n. 6.*
38 *Revelaç. de S. Brigid. l. 5. c. 10. P. Fr. Joseph d. c. 23 n. 2. P. Fr. Man. do Sepulchro d. c. 5. n. 8.*
39 *Revelaç. de S. Brigid. l. 6. c. 58.*
40 *P. Fr. Joseph de Jesu Maria supr. l. 4. c. 4. n. 4.*
41 *Gen. 18.*
42 *Luc. 15.*
43 *Michae. 5. 2.*
44 *Maldonado in 2. Luc. n. 36.*

CAPITULO XXIX.

Nascimento de Christo *Senhor nosso.*

1 CHegados os Santos Esposos a Bellem, não achárão aonde se recolher, porque a muyta gente que concorria a alistarse, tinha tudo occupado; 1 & com menos occupação não achão os pobres quem os recolha. Andava Joseph

1 *Nicephor. hist. l. 1. c. 12. in princ.*

ſeph de caſa em caſa, & em todas lhe diziaõ, que naõ havia pouſada. 2 Era peregrino em ſua patria: 3 & vindo o Filho de Deos ao que lhe era proprio, os ſeus o naõ recebèrão, 4 Em que ancias os achava a noyte do proceloſo Dezembro! Laſtimoſo eſpectaculo!

2 Luc. 1. 7.
3 Supr. 22. n. 6.
4 Joan. 1. 11.

2 Deſenganados finalmente ſahirão para fóra da Cidade, fiando mais da ſolidão. Foy providencia Divina, 5 porque ſe em povoado ſe vira que a *Virgem* paria ſem dores, & ſem o mais que nos partos he ordinario, & depois a adoração dos Magos, ſe deſcobriria o myſterio, que Deos queria por então occultar.

5 Cajetan. in 3. p D. Thom. q 35. art. 7. ſuper 2.

3 Junto do muro da Cidade á porta Oriental, em hũ campo de Maria Salomè, 6 de quem falla o Evangeliſta Saõ Marcos, 7 entrárão em huma cova, que a natureza fizera debayxo de huma penha, de quaſi quarenta pès de comprido, & doze de largo, & de altura doze palmos. A hum lado, cavada na meſma penha havia outra cova pequena, tres, ou quatro pès mais bayxa: & nella em quadro de quatro pès hum portal, & ſobre elle huma mangedoura de madeyra. 8 Alli coſtumavaõ recolherſe paſtores, & peregrinos; 9 os noſſos a tiveraõ por ſumptuoſo Paço; com taõ pouco do mundo ſe contenta o coração de Deos. Eſte Oriente eſcolheo o Sol Divino, & já nelle ſe via a Aurora mais bella.

6 Nicephor. d. c. 13 in princ. Cedren. in compend. hiſt. P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. hiſt. da Virg. l. 3. c. 33. n. 1. Melchior de Caſtro na meſma hiſt. l. 1. c. 7
7 Marc. 15. 40. 10. 1.
8 Caſtro ſupra. P. Joſeph ſupr. n. 2. ex Beda, Brocard. & alijs.
9 D. Hier. epiſt. 27.

4 Chegada a hora da meya noyte, 10 ſignificadora do profundo ſomno do peccado, que ſe vinha remir: em hum Sabbado, dia ſagrado a Deos, & ao naſcimento da *Virgem*, 11 que amanheceria no que hoje he Domingo, 12 ſagrado ao meſmo *Senhor*: 24. para 25. de Dezembro, quando a claridade do Sol viſivel começaria a augmentarſe no noſſo hemiſpherio, para moſtrar, que vinha dar mais luz aos homens, 13 reſplandeceo nas trevas o Sol das eternidades. Chegada á hora natural dos nove mezes, não quiz dilatar noſſo remedio, poſto que á cuſta de deyxar o ventre ſagrado; 14 & a **Senhora** com a meſma caridade largou o penhor Divino.

10 Probatur Sap. 18. 14. Cum nox in ſuo curſu medium iter haberet.
11 Supra c. 16 n. 4.
12 Caſtro ſupr. cum Beda, Evod. Rupert. & alijs. P. Fr. Man. do Sepulchro na Refeyçaõ eſpirit. p. 1 c. 5. 9. P. Mexia na Sylv. de var. liç. l 2. 32.
13 Notat D. Thom. 3. p q. 35. art. 8. ad 3.
14 Vide ſup c 24. n. 4 in fin. D. Ambroſ. ſerm. 28. Cujus ſic tenebatur pulchritudine, ſic irritabatur amore, ut niſi ſibi inferret vim, ab illa exire nequiret.

5 Eſtava a Santiſſima *Virgem* orando na lapa, que ella fazia Templo, cercada de luz celeſtial, & arrebatada em altiſſima contemplaçaõ, com ſuaviſſimo extaſi, quando, como reſplandor ſahio o Juſto, & Salvador: 15 ſahio o Sol ſem romper a esfera: como os rayos do viſivel penetraõ o vidro illuſtrando-o mais: & como os da viſta, ſem leſaõ das teas dos olhos, ſahẽ ao exterior. Antes neſte divino parto ſe fortificou mais a inteyreza; 16 porque o contacto do Salvador naõ havia de diminuir, mas ſalvar, & accreſcentar o bem que achava. 17 Naõ cauſaria leſaõ o que coſtuma redintegrar o leſo: & tomar corpo de creatura naõ tirou a Omnipotencia de Creador; 18 ſó duvidará, quem duvidar que naſcia Deos: naõ ſugeytou ſeu naſcimento á ley da natureza: ſugeytou a natureza ao modo com que naſceo: aſſim ſahio depois do ſepulchro ſem abrir a pedra: & entrou

15 Iſai. 62. 1: Egredietur ut ſplendor juſtus ejus, & ſalvator ejus.
16 D. Auguſt. tom. 10. ſerm. 22. in Nat. Domin. Virginitatem, dum pareret duplicavit. D. Petr. Chryſol ſerm. 142. Partu crevit pudor, aucta eſt caſtitas, integritas roborata.
17 Idem Chryſol. ſerm. 144. poſt princ. Merito Virgini ſalva ſunt omnia, quæ omnium genuit Salvatorem. D Chryſoſt. ſerm 142. P. Sylveyra in Euang tom. 1. l. 2. c 1 c. 5. n. 26.
18 Ita Guerric. Abb. ſerm. 1. in Nativ. Mariæ, in princ.

entrou aos Discipulos com as portas fechadas. 19 Em Belem, finalmente, aonde Rachel morreo de parto, 20 pario a *Virgem* sem dores, porque se curavão as miserias de *Eva*.

6 Discursaõ os Theologos 21 que este nascimento temporal foy muyto semelhante ao eterno, & proporcionado á qualidade de *Verbo*; deyxando estas, & outras excellencias áquella sagrada profissaõ, refiramos a revelação que teve a gloriosa Santa Brigida deste mysterio, porque as mayores noticias que delle nos deyxou, causaõ mayor devoção. Diz a Santa. 22

Estando eu na lapa de Bellem vi huma Virgem fermosissima com o ventre muyto pejado, vestida de huma tunica subtil, & cuberta com hum manto branco. O ventre estava taõ crescido, como quando chega o tempo do parto. Hum homem de mais idade que ella, 23 de figura honestissima, a acompanhava, & ambos levavaõ comsigo hum boy, & hum jumento. 24 Entrando em huma cova, o homem atou o boy, & o jumento a huma manjedoura; & sahio ao exterior da mesma cova, aonde accendeo huma vèlla, 25 & a levou à parte interior, aonde a Virgem estava; & pegando-a ao muro se tornou a sahir fóra, por naõ se achar presente ao parto, cuja hora entendeo que havia chegado. Entaõ se descalçou a Virgem, por mayor reverencia: & tirou o manto branco com que estava cuberta, & o vèo da cabeça, & poz tudo junto a si, ficando só com a tunica; & ficàraõ soltos, & estendidos pelas costas seus cabellos, que eraõ fermosissimos à maneyra de madexas de ouro. Feyto isto tirou dous pannos de linho, & dous de lã, limpissimos, & delgados, que trazia para envolver o Menino que parisse; & outros dous panninhos menores de linho para lhe cobrir a cabeça; & os poz todos juntos de si para seu tempo. Estando, pois, deste modo tudo aparelhado, se poz a Virgem com grande reverencia em oraçaõ: as costas para a mangedoura, & o rosto para o Oriente; & levantando as mãos, & olhos ao Ceo, estava como suspensa em extasi de contemplaçaõ, toda cheya de doçura Divina. Posta deste modo, se me fizeraõ transparentes suas entranhas; & vi como o Menino se estava movendo no ventre, & em hum instante sahio a este mundo: de maneyra que em hum abrir, & cerrar de olhos estava no ventre, & já fóra delle, sem eu poder julgar de que modo havia sido o parto, por sua brevidade instantanea. Nascido o Menino, era taõ grande a luz, & resplandor que sahia delle, que o Sol naõ se lhe podia comparar, nem a vèla pegada ao muro dava claridade alguma, porque sua luz se havia escurecido totalmente com o resplandor Divino. Estava o Menino nù, & suas carnes taõ limpas, que nellas naõ havia sinal de mancha alguma. Entaõ ouvi tambem os cantos dos Anjos com grande doçura, & maravilhosa saudade; & o ventre da Virgem, que antes estava avultado, no mesmo tempo se recolheo a seu antigo ser, ficando toda ella com fermosura admiravel.

Havendo a Virgem sentido o milagroso parto, inclinou logo a cabeça, & juntando as mãos com grande honestidade, & reverencia, adorou

19 *Ita D. Chrisost. hom. de Joan. Bapt. in 3 tom. Guerric. Abbad. serm. 2. de Annunt. ad med. Vilbegas no Flos Sanct. vida de Christ. c. 44 post med. P. Joseph sup. l. 4. c. 1. n. 2. & c. 3. n. 2.*

20 *Gen 35. 17.*

21 *D Aug sup. P. Joseph d l. 4. c 1. n. 1. Com elegancia o P. Anton. Guilbelmo lib. le grandezze de la Santissima Trinitá disc. 7*

22 *Revelaç. de S. Brigida l. 7. c. 21.*

23 *Vide supr. c. 22. n. 9.*

24 *Vide sup. c praeced 28. n. 11. & 12.*

25 Nota a prevençaõ que levava de vèla, & fuzil.

adorou ao Menino, & disse-lhe: Embora venhais ao mundo, Deos meu, Senhor meu, & Filho meu. 26 *Entaõ o Menino, chorando, & quasi tremendo de frio, se movia, & estendia os tenros membros, como pedindo o abrigo da Mãy; a qual tomando-o em suas mãos,* 27 *o apertou em seu peyto amorosamente, & com a face o aquentou com grande alegria, & amor* (A quem naõ enternece considerar esta acçaõ?) *Sentouse entaõ em terra, & poz seu Filho sobre seu regaço, & começou a envolvello diligente, primeyro nos pannos de linho, & depois nos de lã, apertandolhe o corpinho, perninhas, & bracinhos com huma faxa, & depois lhe poz na cabeça dous panninhos que tinha aparelhados. Feyto isto, entrou Saõ Joseph, que era o homem que estava no exterior da cova, & pondo-se de geolhos, adorou o Menino, prostrado em terra, & derramando de gozo muytas lagrimas. Mas neste parto a Virgem naõ havia mudado cor, nem sentia dor alguma, nem teve algum dos accidentes que costumaõ sobrevir às outras mulheres quando parem; nem houve nella mais mudança, que haverse recolhido o ventre a seu primeyro estado, como antes que concebesse. Levantou-se entaõ a Virgem tendo o Filho em seus braços, & ajudando a Saõ Joseph, o poz na mangedoura, & postos ambos de geolhos, o adoravaõ com immenso gozo, & alegria.*

Depois desta visaõ gloriosa, appareceo á Santa a *Virgem* Sagrada com graciosa presença, que regala os Bemaventurados, & lhe disse: *Filha, muyto tempo ha que em Roma te prometti mostrarte aqui em Bellem o discurso de meu parto, & assim quero que tenhas por certissimo, que desta maneyra pari a meu Filho como aqui viste, posta de geolhos, & em oraçaõ; ao qual pari com tanto gozo, & alegria de minha alma, que nenhuma dor, nem pena senti quando sahio de meu ventre; & logo o envolvi em pannos muyto limpos, que muyto antes havia prevenido: & quando Joseph o vio, se admirou, & ficou cheyo de incrivel gozo, & alegria, &c.*

7 Que bronze se naõ enternecerá a tal relação? Os outros meninos sem uso de razão, se padecem, não conhecem: o Filho de Deos padecia como Menino, & conhecia como homem. Quem diria que Menino taõ pobre era a alteza das riquezas? 28 Que aquelle taõ fraco, era o fortissimo? 29 Que o que sentia o frio, era o que imperava o fogo? 30 Que o que estava mudo, era o *Verbo*? 31 o que parecia simplez, era a fonte da sapiencia? 32 O que gemia, era o Tonante? 33 O que cabia em huma mangedoura, era o que não cabia nos Ceos? 34 Tornou-se o grande 35 em pequeno: o immenso 36 em limitado: o eterno em 37 temporal. Mas, ò pobreza rica, & que nos enriqueceo! 38 ò fraqueza esforçada, que vences o forte armado, 39 & triunfas do Principe do mundo! 40 frio que vem fomentar a terra! 41 silencio que faz discretas as linguas! 42 simplicidade em que estaõ todos os thesouros das sciencias! 43 gemidos que vem a enxugar lagrimas! 44 infancia imitavel na humildade! Quem quererá ser grande de-

26 Notá, que primeyro satisfez ao culto de Deos, que ao amor, & abrigo do Filho.

27 Nota, que a terra nua foy a primeyra que recebeo o Redemptor; no que os Escritores duvidaraõ. *Apud P. Sylveyra d. c.* 1. *q.* 30. *n.* 31 *P. Josep d c.* 1. *n.* 3. *P. Fr. Manoel do Sepulchro d. c.* 5. *n.* 18.

28 *D Paul. ad Rom.* 21. 33. O altitudo divitiarum.

29 *Gen.* 46 3. Ego sum fortissimus Deus.

30 *Psalm.* 17. *v.* 9. Ignis à facie ejus exarsit. *Daniel.* 3.

31 *Joan. c.* 1. Erat Verbum.

32 *Ecclesiast.* 1. 1. Omnis sapientia à Domino Deo est.

33 *Job.* 37. 4 Tonabit Deus voce magnitudinis suæ.. Tonabit Deus in voce sua mirabiliter.

34 *Eccl.* Quem Cæli capere non poterant.

35 *Deuteron.* 10 17. Deus magnus.

36 *Symbol. S. Athanas.* Immensus Filius.

37 *Ibidem:* Æternus Filius.

38 *D. Paul. ad Rom.* 10. 12. & 2. *ad Corint.* 8. 9.

39 *Luc* 11 22.

40 *Joan.* 16 11.

41 *Luc* 12 49

42 *Sapient.* 10. *in fine.*

43 *D. Paul. ad Coloss.* 2. 3.

44 *Apocal.* 7. *in fine, &* 21. 4.

pois que Deos se fez pequeno? *Vòs ò filhos de Adam*, (exclama o Abbade Guerrico 45) que vos tendes por grandes, se vos naõ fizerdes como este pequenino, naõ entrareis no Ceo; 46 elle he a porta por onde lá se entra; 47 o alto q̃ se se naõ abayxar, naõ caberá por ella, & quebrará a cabeça. 48 Se aquelle que só he tudo, obrou tudo, & sem o qual nada se fez, 49 se reduzio a parecer quasi nada; 50 nòs, sendo nada, como nos queremos fazer tudo? De que te ensoberbeces terra, & cinza? diz o Ecclesiastico. 51 Quanto mayores foramos, mais deveramos humilharnos. 52

45 *Guerric. serm.* 1. *de Nativ. Domin.*
46 *Matth.* 18. 3.
47 *Joan.* 10. 9.
48 *Psalm* 109. *vers* 7 Conquassabit capita in terra multorum.
49 *Exod.* 3 14. *Joan.* 1. 1.
50 *D. Paul ad Philip.* 2. 7 Semetipsum exinanivit.
51 *Ecclesiast.* 10 9. Quid superbit terra, & cinis?
52 *Ecclesiast.* 3. 20. Quãtò magnus es, humilia te omnibus, & coram Deo invenies gratiam.

8 Consideraõ os contemplativos que diria a Virgem: *O' Rey dos Reys, Creador, & Senhor de tudo, naõ posso dar vos outra camera, outro berço, nem outro abrigo, porque escolhestes Mãy taõ pobre, podendo escolher huma Princeza rica? Se o fizestes por me honrar; porque me lastimais? Conheço que he mysterio desprezardes grãdezas, & me resigno em vossa disposiçaõ: mas entranhas de Mãy como naõ sentiráõ ver vos padecer?* A Santa Brigida disse a *Senhora*, 53 que no mesmo tempo se banhava sua alma em orvalho de gôzo, vendo-se Mãy de tal Filho; & seus olhos em lagrimas, rompendose-lhe o coraçaõ em cuydar nos cravos, que segundo as profecias, haviaõ de trespassar aquelles tenros pès, & mãos; porèm sempre resignada em Deos.

53 *Revelaç. de S. Brigid. l.* 1. *c.* 10. *ante med.*

9 O Santo Joseph via toda a grandeza abreviada: toda a luz sem luzir: huma Donzella Mãy: hum Filho sem pay da terra: o Creador creatura: o immortal passivel; & na Esposa que amava, no Filho que adorava, com affectos juntamente contrarios; se alegrava, se lastimava, & admirava os juizos do Altissimo. Vio chorosos aquelles olhos, que penetravaõ o mais alto dos Ceos, o mais profundo dos abyssos, o mais occulto dos coraçoens: atadas aquellas mãos, & braços q̃ formáraõ tudo o que tem ser: aquelles pès a que saõ estrado os mais levantados Serafins: via aquella Divina Pessoa taõ mal hospedada na terra: envolto em pannos o que vestia luzes: cingido o que cingia os Orbes: reclinado o que reclinava os Ceos: entre brutos o que estava entre Anjos: em mangedoura o que merecia altar. Porèm nestas consideraçoens lhe dizem ás almas devotas: Cõsolayvos Santo Joseph, logray esse gosto sem pensaõ; porque se aquelles olhos derramaõ lagrimas, tambem tem por doce objecto a gloriosa vista da Mãy: se aquellas mãos, & braços estaõ agora faxados; brevemente lograráõ seus abraços: se aquelles pès se achaõ ligados, tempo virá em que a poderáõ seguir: se falta áquelle sagrado corpo outro apparato, & regalo, tem o regaço da *Virgem* throno melhor que o de Salamaõ, *Sancta Sanctorum* animado, lugar o mais proprio para a grandeza de Deos: humilde está esse Infante, (diz Santo Agostinho) porque nasceo homem dos homens: mas exalçado, porque nasceo da *Virgem*. 54 Levante-se o Templo de Jerusalem com admiravel fabrica: resplandeça com ouro: illustre-se com ornamentos: sirva-

54 *D. Aug. l.* 1. *de symbol. ad Catechumen.* Unde humilis? Quia homo natus ex hominibus: unde excelsus? Quia ex Virgine.

se com bayxelas: frequente-se de ministros: solemnize sacrificios, muyto inferior fica a esta lapinha fabricada ab æterno para melhor santuario: resplandecente como Sol Divino: illustrada das graças de *Maria*: frequentada de Anjos: onde a mangedoura he altar sagrado: as suas palhas fazem cama de flores: a arca do testamento he Deos vivo; tudo se acha convertido em Ceo. Tal fogo se atea nas palhinhas deste presepio, que abraza os coraçoens mais de neve em semelhantes consideraçoens.

CAPITULO XXX.

Do mais que succedeo na lapa de Bellem depois do Nascimento de Christo; *& os maravilhosos sinaes, que houve no mundo no mesmo tempo.*

1 MIl passos ao Oriente da lapa estava a torre chamada *Gueder*, ou *Ader*, que significa *Torre do rebanho*, lugar que habitou Jacob, morta a fermosa Rachel, 1 & nella se achavaõ tres 2 pastores vigiando os que pastavaõ aquelle campo. 3 Appareceolhes o Anjo Saõ Gabriel, 4 Ministro glorioso de todo este mysterio, & os rodeou de claridade. Temèraõ; porque a humana fraqueza naõ pòde com visões taõ altas; 5 & o Anjo lhes disse, que naõ temessem, porque lhes vinha dar a alegre nova de lhes ser nascido o Salvador em Bellem, & que por sinal o achariaõ envolto em pannos posto em huma mangedoura. 6 O amor o tinha taõ humilhado, que para ser achado eraõ necessarios sinaes: mas essa amorosa humildade era o sinal para ser achado como Deos. Naõ appareceo o Anjo aos que dormiaõ, porque só os que vigiaõ merecem ver Anjos, & achar a *Christo*. 7 Logo grande multidaõ de Anjos cantou: *Gloria nas alturas a Deos, & na terra paz aos homens de boa vontade.* (Só estes lograõ a paz de Deos.) Santo Hilario compoz o mais que se segue naquelle hymno, q̃ se canta nos dias de festa na Missa: o Papa Saõ Telesphoro Martyr, Grego de naçaõ, quasi pelos annos de 142. foy o que primeyro mandou, que se cantasse na Missa do Natal, & que esta se celebrasse pela meya noyte, naõ costumando celebrarse nos mais dias senaõ à hora da Terça, porque nella subio *Christo* à Cruz. 8 No monte Sinai começou a Ley velha, que era de terror, com rayos, & trovoens de entre huma nuvem: 9 nos campos de Bellem começou a nova; porque he de amor, com musicas, & claridade.

2 Tornados os Anjos para o Ceo, disseraõ os pastores: *Passemos a Bellem, & vejamos esta palavra que foy feyta, que o Senhor nos mostrou.* Ao Menino chamàraõ *Palavra feyta*, mysteriosamente, porque era *Verbo* feyto carne; 10 & ajuntàraõ, què

1 *Gen.35.21.* D.*Hier de locis Hebraic.*

2 *Beda de loc. sanct. c 8. in 2 tom.* *Flav.* Dexter. *in Chron Christi* 1. D.*Epiphan. heres* 29. § 2.

3 *Luc.2.8.*

4 *Melchior de Castro hist. da Virg l.1.c.7.* P *Fr. Joseph de Jesu Mar. na mesm. hist. l.4.c.8.n.4.* *Cum* D.*Hier. ep.48. ad Sabinian.*

5 *Chrys. hom. de Nativ. Domin. in 2. tom.*

6 *Luc d c.2.12.*

7 D *Chrys. st. sup* Non inveniũt Christum nisi vigilantes. Digni erant ut veniret ad illos Angelus qui sic vigilabant.

8 *Ex lib. Pontificali Damasi Papæ, ut habetur in 1. tom. Concilior. pag. mihi 180*

9 *Exod.19.*

10 *Joan.1.14.*

que Deos nos mostrou, porque só feyto carne o podião ver: no Ceo inexcrutavel aos entendimentos Angelicos: no presepio palpavel aos sentidos humanos. 11 Forão com pressa, (diz o Texto 12) & por isso achárão. 13 Achárão o Menino no presepio entre os dous Serafins da terra, & o conhecèrão, porque a luz com que o Anjo os rodeára, lhes ficára nos entendimentos. Sahirão louvando, & glorificando a Deos, & publicando o successo, & todos os que o ouvião admirados. Vinha Cordeyro o *Verbo* encarnado, & por isso forão pastores os primeyros que delle davão noticias.

11 D. Chrys. supr. Quod enim videre non poteramus dum erat Verbum, videamus carnem: quia caro est, videamus quomodo Verbum caro factum est.
In idem est Guerric. Ab. serm. 5. de Nativ. Dom.

12 Luc. 2. 16. Venerunt festinantes.

13 D. Chrysost. sup. Quia tanto ardore currebant, propterea invenerunt quem quærebant.

3 Diz o Texto sagrado 14 que a *Senhora* conferia tudo em seu coração. Conferiria (considera hum douto, & devoto Escritor) 15 quam differentes são as estimações que faz Deos, das que faz o mundo; pois mandou aviso por hum Anjo à humildade dos pastores, & não á soberania dos grandes. Conferiria a vileza das palhas em que jazia o Menino, com a excellencia da adoração que lhe davão os pastores; & a differença com que se mostrava na terra o que dalli governava o Ceo. Donde São João Chrysostomo 16 nos admoesta, que a exemplo da *Virgem* confiramos tambem em nossos coraçoens, que nasceo *Christo*: confiramos nossos peccados com sua misericordia: a condenação em que incorremos, com a absolvição que nos veyo grangear: o cativeyro em que estavamos, com a liberdade em que nos poz: o pouco que estimamos a salvação, & o muyto que lhe custámos: que nasceo para morrer por nòs, & nòs nem viver queremos para elle: que desceo do Ceo para nos levantar do abysmo: que foy todo para nòs, 17 & nada para si: 18 & que por *Eva* nos vierão todos os males; & pelo *Ave* de *Maria* todos os bens.

14 Luc. 2. 19. Conferens in corde suo.

15 P. Fr. Joseph sup. d. l. 4. c. 9.

16 D. Chrysost. sup. Quia illa conferebat in corde suo, & nos tractemus in corde nostro, quod hodierna die Christus nascitur.

17 Isai. 9. 6. Parvulus natus est nobis.
Luc. 2. 11. Natus est vobis hodie Salvator.

18 Guerric. Abb. serm. 3. de Nativ. Dom. in princ. Puer natus est nobis prorsus: non enim sibi, non Angelus.

4 *Virgem* gloriosa, Mãy Santissima da saude universal, para bem vos seja Filho tão illustre, unico herdeyro do Eterno *Pay*: bemdita seja vossa pobreza, que tal thesouro produzio: bemdita vossa humildade, que tão engrandecida se vè: bemdito vosso parto maravilhoso; sem dores, & sem corrupção; tão soberano na substancia, quam humilde nos accidentes. Logray eternidades essa prenda celestial, de que fostes habitaculo sagrado: esse Divino Sol, de que fostes purissimo oriente: essa flor graciosa, 19 que deyxou mais ameno o campo de que nasceo, crescendo nelle a fermosura, augmentando-se a castidade, & fortificando-se a inteyreza.

19 Cant. 2. 1. Ego flos campi.

5 Felicissima Bellem, metropoli do mundo, como te chamou o grande Nazianzeno; 20 justa inveja a todas as Cidades, pois só em ti se virão jũtas, quãtas excellencias naturaes, & adquiridas se repartirão cõ fama entre as mais celebres em todos os seculos; só no estreyto de hũa lapinha tiveste o melhor tẽplo a mayor riqueza, a fonte das sciẽcias, & os melhores Cidadãos. Alli nasceo o mais famoso Capitão, 21 & o mais excellente Legislador: alli assistio a Corte celestial: alli se abrio o cõmercio da terr

20 D. Gregor. Nazianzen. orat. 19. ante med.

21 Michæas apud Matth. 2. 6. Ex te enim exiet dux, qui regat populum meum Israel.

terra com o Parailo : & foy o porto mais ſeguro em que aportou a náo, que nos trouxe o Paõ da vida: 22 com razaõ te chamáraõ *Bethlem*, que ſe interpreta *Caſa de paõ*; 23 poſto que hoje te aches reduzida a pequeno ambito : em pequena faiſca ſe ſuſtenta o fogo: em hum ſó rayo ſe moſtra a luz do Sol: em breve mappa ſe deſcreve o mundo.

6 Em aquella hora, & noyte, & no dia ſeguinte ſuccedèraõ em diverſas partes prodigios maravilhoſos. S. Boaventura diz, 24 que em aquella hora morreraõ de repente todos os Sodomitas, porque naõ houveſſe tal abominaçaõ, quando naſcia o Rey da pureza.

7 Aquella noyte foy clara como o meyo dia: 25 abrindoſe a terra por muytos lugares penetrou a luz atè os Padres do Limbo. 26 Em Heſpanha ſe vio huma nuvem muyto reſplandecente á maneyra de columna. 27

8 Na meſma noyte florecèraõ as vinhas em algumas partes 28 & ha Eſcritores 29 que accreſcentaõ que deraõ fruto.

9 No dia ſeguinte ſe anticipou o Sol, & reſplandeceo mais claro. 30 Muytos Authores 31 graves contaõ, que em Heſpanha apparecèraõ tres Soes, & que depois ſe ajuntáraõ em hum, quaſi moſtrando as tres Peſſoas Divinas, que he hum ſó Deos.

10 No meſmo dia ſeguinte cahio em Roma o famoſo Templo da Paz, 32 em cumprimento do vaticinio que acima referimos: 33 & aonde eſtá a Igreja de N. S. trans Tiberim naſceo huma fonte de azeyte, que manou todo aquelle dia; 34 como acclamando a *Chriſto*, que ſignifica *ungido*.

11 Dentro da meſma lapa de Bellem naſceo milagroſamente huma fonte, 35 moſtrando-a que naſcia manante da graça.

12 Poucos dias depois intentando o povo dar culto de Deos a Octaviano Auguſto, & reparando elle com prudencia, ſe conſultou o negocio cõ os interpretes dos livros Sibyllinos; 36 & eſtãdo-ſe tratando no Capitolio, aonde os livros ſe guardavaõ, à hora de Terça appareceo junto do Sol hum circulo de ouro, & no meyo delle ſobre hum altar hũa fermoſa Donzella com hum bello menino em ſeus braços; & entendendo o Emperador, (ou porque lho diſſe hum interprete, ou pelo que tinha lido nos meſmos livros) q̃ aquelle Menino era Divino, & ſeria Rey univerſal mayor que elle, o adorou de joelhos, & mandou q̃ mais ſe naõ trataſſe de lhe attribuirem a elle divindade. Fez pintar a viſaõ em huma camera do Paço, que alli tinha com titulo de *AraCæli*, que ſe conſerva hoje em hum Convento de S. Franciſco fabricado no meſmo lugar. 37 Outros Eſcritores, concordando na ſubſtancia, differem no modo porque ſuccedeo; 38 & tambem ha quem diz 39 que o nome de *AraCæli* ſe tomou de hum altar, q̃ o meſmo Octaviano levantou a *Chri-*

22 *Proverb.* 31. 14. Factus eſt quaſi navis inſtitoris de longe portans panem. *Joan.* 6. 52.

23 *D. Chryſoſt in hom. ex 26. in c. 2. Matth. in Epiphan. tom. 2.*

24 *D. Bonavent. opuſcul. de quinque feſt. puer Jeſu c. 2.*

25 *S. Vicent. Ferrer ſerm. de Nativit.*

26 *Damaſcen. apud Petr. à Natal. in Catal.*

27 *ElRey D. Affonſo nas ſuas taboas p. 1. c. 107. apud Matut. na proſ. de Chriſt. na linha da Caſa de Auſtria. D. Lucas Biſpo de Tui, na Chron. de Heſpanha, apud Mexia na Sylva de var. lig. l. 2 c. 13.*

28 *S. Boavent. ſupra.*

29 *Apud Carthagen. de arcan. Deip. p. 1. l. 3. hom. 8.*

30 *D. Ambroſ. ſerm. 16. in princ.*

31 *D. Thom. 3. p. q. 36. art. 3. ad 3. in fin. Carthagen. ſup. Alij apud P. Fr. Joſeph ſup. l. 3. c. 38 n. 3. Jul. Obſequens de prodigijs c. 118.*

32 *Papa Innocent III. ſerm. 2. de Nativit. Comeſtor, S. Antonin. & alij apud Fr. Heytor Pint. dial. 5. c. 24 in 2. p. Franciſc. de Monçon, no Eſpelho do Princip. l. 1. c. 83.*

33 *Supr. c. 8. n. 8.*

34 *D. Thom. ſupra. Sabellic. l. 1. Æneid. 7. Carthagena ſupr. Fr. Heytor Pinto, Petr. Mexia, & P. Joſeph ſupra cum Euſeb. in Chron. tempor. Eutrop. ac alij.*

35 *P. Anton. de Balinghen. in Ephemer. ſeu Katendar. Virg. die 6. Januar. n. 1.*

36 *Vide ſupra c. 9. n. 15. poſt princ.*

37 *Triumphus Chriſt. tit. 7. Sebald. Schrever. Chron. etat. 5. apud Matute proſ. p. Chriſt. idade 1. c. 5. §. 8. Baron. in apparat. ad Annal. n. 16. & alij apud P. Fr. Joſeph d. c. 38 n. 4.*

38 *Innocent. III. ſupra. D. Antonin. Oroſ. atque alij apud Fr. Heytor Pinto d. c. 24.*

39 *Carthagen. de arcan. Deip. p. 1. l. 7. h. m. 3. verſ. cæterum. Refert Horat. Scoglius Catecenſis hiſt. à primord. Eccleſ. p. 1. l. 1. verſ. Nec deſunt.*

ſto

ſto Senhor noſſo com occaſiaõ de huma repoſta do Oraculo de Apollo Pythio, de que abayxo faremos relação. 40

40 *Infra c.35.n.8.*

13 Pelo meſmo tempo cahio em hum palacio de Roma huma eſtatua de ouro que nelle eſtava, com titulo que dizia: *Não cahirá ſenaõ quando huma Virgem parir.* 41

14 Omittimos outros prodigios que ſe lem 42 attribuidos á meſma occaſiaõ, porque huns pòdem ter applicaçoens differentes: de outros ſe não averigua bem quando ſuccedèraõ; & ſò referimos por mais proprios, os que ſe virão no meſmo tempo do parto virginal.

41 *Martin.Polon.l.4.Chron.*
42 *Apud P.Fr. Joſeph d l.5.c.38.n.1.3.& 5.*
Et Cotacenſ.d.p.1.l.1.verſ.Jamque novem.

15 Achava-ſe então o mundo em paz univerſal, como os Profetas havião profetizado, 43 & as Sibyllas eſcrito; 44 & aſſim eſtava fechado o Templo de Jano, que os Romanos tinhão aberto ſempre que havia alguma guerra, & ſó duas vezes ſe havia fechado depois da fundação de Roma. 45 Cahio o Templo da Paz, como diſſemos, 46 porque não quiz Deos que a paz que elle trazia ao mundo ſe attribuiſſe á ſuperſtiçaõ daquelle templo. Durou eſta paz doze annos continuos: 47 achaõ-ſe medalhas do tempo della com a figura da paz, tendo em huma mão huma tocha acceſa, pegando fogo a frechas, arcos, & outras armas, 48 (como profetizára David) & na outra maõ hum ramo de oliveyra com letra: *Pax Auguſti.* Guilhelme Choul faz menção dellas. 49

43 *Iſai.11.à n.6. Pſalm.45.v.8.& 9.*
44 *Sap c.9.n 26.*
45 *Vide ſup.c.8.n.12.poſt med.*
46 *Supra n.10.*
47 *Oroſius l.6.c.22.*
48 *Pſalm.45.verſ.9.* Scuta comburet igni.
49 *Guilhelm.Choul, de Relig.Roman.*

CAPITULO XXXI.

De como o Menino *Deos foy circumcidado, & com elle começou a padecer por nòs ſua* Máy *Santiſſima.*

1 MAndou Deos a Abraham que ao oytavo dia circumcidaſſe todos os meninos, para ſinal do pacto per que os eſcolhia por ſeu povo 1 Era remedio para o peccado original: 2 não por virtude que tiveſſe como o Bautiſmo da Ley da graça; mas por graça que ſe dava ao circumcidado em virtude da fé que ficava profeſſando do *Redempter* que havia de vir. 3 Prefinio o *Senhor* eſte tempo, porque já eſtiveſſe o menino capaz daquella dor, & lhe não foſſe mais moleſta, ſendo elle de mais dias. 4 Depois ſe eſcreveo eſte preceyto na ley de Moyſés. 5

2 Della era izento o Filho de Deos por ſuperior a todas as leys: 6 & pelo não comprehenderem as razoens em que aquella ſe fundava. Mas por outras que os Doutores apontaõ largamente, 7 ſendo de oyto dias, no primeyro de Janeyro, que então cahio no que nos he Domingo, foy circumcidado 8 na meſma lapa em que naſceo; 9 entende-ſe que por revelação que a *Virgem Mãy* teve. 10 He mais veroſimil que Saõ Joſeph

1 *Gen.17.10.*
2 *P.Fr.Joſeph de Jeſu Maria hiſt.de N.Senhora l.1.c.15.n 1. D.Thom.3 p q 37.art.1.ad 3.*
3 *Explica Vilhegas no Flos Sãct. feſta da Circumciſaõ.*
4 *D.Chryſoſt.hom.39.ad fin.in Geneſ.*
5 *Levit.12.3.*
6 *D Bernard.ſerm.de Circumciſ. in princip. L.Princeps ff.de legib.*
7 *D.Thom.3 p.d.q.37.art.1. Alij apud Sylveyr.in Euang.tom.1. l.2.c 3 q.2.*
8 *Luc.2 21.*
9 *P.Sylveyra d.c.3.q.1.n.2.*
10 *P.Fr Joſeph ſupr.n 3. Melchior de Caſtro hiſt.de N.S.l.1. c.7 ad fin. P.Fr. Manoel de Sepulchro na Refeyç.eſpirit.p.1.c.6 n.19.*
11 *Vilhegas ſupra. P.Joſep ſup.n.1.*

ſeph foy o miniſtro deſte acto, 11 porque os pays, ou as mãys o coſtumaõ ſer; 12 com hum agudo canivete feyto de pedra, a qual pedra ſignificava a *Chriſto*, que cortaria toda a corrupçaõ. 13

3 Que obediente, & ſofrido amante ſe moſtrou o *Menino*! Nem pode dilatar o derramar por nòs ſangue: nem reparou a tenra idade em padecer, já d'antes padecèra, ſe a ley o não dilatára atè o oytavo dia. Buſcou razoens para ſe obrigar à ley de que era izento; & nòs as buſcamos para nos izentar da ſua a q̃ ſomos obrigados. Vinha livrarnos daquelle golpe; mas primeyro o tomou ſobre ſi; levou o penoſo, & nos deyxou o ſuave do Bautiſmo. Dizem 14 que ajuntou São Joſeph parentes, & amigos para aſſiſtirem como era coſtume: do tormento fez o Deos menino ſolemnidade: & quiz que viſſem muytos que ſe humilhava, & ſe conformava com o uſo dos homens.

4 Mas entre o gozo do eſpirito ſe laſtimava a carne; chorou a alegria do Ceo para alegrar a terra: que dor para Joſeph ſer inſtrumento daquella dor; & ferir de hum golpe o Filho, & a Mãy, 15 que já ſentia o golpe antes de elle ferir!

5 A *Senhora* recolheo o ſangue, & precioſa particula, & juntamente as lagrimas, que em tudo derramou. Ella entheſourava as prendas do Filho; & o Filho as da Mãy. Aquella joya de rubìs, & perolas trouxe ſempre a *Virgem* comſigo; & quando paſſou deſte mundo a deyxou ao Evangeliſta S. João. 16 Depois ſe trouxe a Roma; & eſteve na *Sancta Sanctorum* da Igreja de S. João Lateranenſe. No anno de 1527. ſendo Roma ſaqueada em tempo de Clemente VII. hum ſoldado levou o cofrinho em que eſtava guardada com outras reliquias, & por varios ſucceſſos foy parar em Calcata; vinte milhas de Roma, aonde ſe achou no anno de 1557. ſendo Pontifice Paulo IV. verificada com grandes milagres. 17

6 O primeyro dia de Janeyro faziaõ os Gentios horrivel com abominaveis cultos em que feſtejavão ſeus deoſes; donde atè o tempo de Saõ Pedro Chryſologo, que floreceo pelos annos 500. de *Chriſto*, ſe derivárão entre os Chriſtãos exorbitantes exceſſos, que o Santo reprehende em hum elegante Sermão. 18 Mas já nos he dia tão ſanto; que delle com razão começamos os annos: & nos auguramos muytos bons em mundo que não dá hum bom dia, porque quando *Chriſto* começou a derramar ſangue, começámos nòs a viver: & noſſas felicidades reſultárão das ſuas penas.

11 *D. Bernard ſerm 1. ad fin. Caſtro ſup. cum Juſtin. Tertul. Nyſſeno, & al. js. Matute na proſap. de Chriſt. idade 5. c. 2. p. 1. §. 9.*

12 *Exod. 4. n. 25. Machab. 1. c. 1. 63. & l. 2. c. 6. 10.*

13 *P. Anton. de Balinghen in Kalend. Virgin. die 1. Januar. Magiſt. ſent. l. 4. diſt. 1. § 8.*

14 *Caſtro, & Vilhegas ſupr.*

15 *L. Iſti quidem § fin. ff.* Cùm pene per filij corpus pater magis quàm filius periclitetur.

16 *Revel. de S. Brigid l. 6. c. 112. P. Fr. Manoel do Sepulchro d. n. 9. cum Carthagen.*

17 *Refere o Cardeal Toledo apud P. Fr. Joſeph d. c. 15. n. 3.*

18 *D. Petr. Chryſol. ſerm. 155.*

CAPITULO XXXII.

Do nome Divino JESUS *perque foy chamado o* Menino *em ſua circumciſaõ. Declara-ſe tambem o de Meſſias, & o Santiſſimo nome de* Chriſto.

1 COſtumavão os Hebreos pòr o nome aos filhos no dia em que os circumcidavão, (como Deos o mãdou a Abraham quando o mandou circumcidar; 1) & ás filhas no dia da purificação das mãys; 2 como os Chriſtãos o poem no dia do Bautiſmo, que ſuccedeo á circumciſaõ. He conveniente a cada individuo nome proprio perque ſeja conhecido; & nem ſe lhe deve antes de dedicado a Deos, porque ſem o ſer, quaſi não he homem; nem ſe lhe póde negar logo que ſe dedica, pois já ſe acha tão honrado. Atè os Gentios o reconhecião, & aſſim os Athenienſes ao decimo dia punhão os nomes aos filhos depois de ſacrificarem a ſeus deoſes; 3 & os Romanos uſavão o meſmo ao nono dia, ſendo filho, & ao oytavo, ſendo femea. 4

2 Ferido na circumciſaõ o Menino Deos com canivete de pedra, como diſſemos, 5 & ſendo elle meſmo allegoricamente pedra, como lhe chamou Saõ Paulo, 6 ſahio do golpe daquelle pedernal, fogo, & luz, que accendeo como lampada o *Salvador*, como tinha dito Iſaìas: 7 accendeo-ſe o nome de JESUS, que ſignifica *Salvador*. 8 Não ſe poz de novo, porque o Eterno *Pay*, a quem por direyto paterno pertencia porlho, 9 já lho tinha poſto ab æterno, como Iſaìas tambem diſſe: 10 nome taõ grande naõ devia ſer poſto por homens; 11 o Eterno *Pay* delegou por hum Anjo 12 à *Virgem Mãy*, & ao Eſpoſo Joſeph que o declaraſſem: à Mãy, porque em falta, ou impedimento de pay na terra, lhe compete o meſmo direyto; 13 ao Eſpoſo, por lhe continuar a honra de pay putativo. 14 Foy a *Virgem* inſtrumento de noſſa Redempçaõ, declarando o nome que empenhava o *Redemptor*; nome que ſó competia a quem houveſſe de ſalvar; 15 donde inferiraõ alguns Doutores, 16 que ſe o *Verbo Divino* encarnára durando o eſtado da innocencia, ſe chamaria de outro nome; que ſignificaſſe Deos, & homem glorificador.

3 Eſte nome *Jeſus* lhe ſabia já o Profeta Habacuc quando diſſe: *Eu me gozarey no Senhor, & me alegrarey em meu Jeſus Deos*. 17 Foy nome novo, diſſe Iſaìas: 18 ninguem ſe tinha chamado aſſim; 19 porque Joſué, que ſe chamou *Jeſus Nave*; Jeſus

1 *Gen.17.5.*
2 *D.Thom.3.p.q.37.art.2.ad 3.*
3 *Alex.ab Alex.Genial dier.l.2.c.25.*
4 *Plutarch.problem.162. Macrob ſaturnal.l.2.c.16.*
5 *No cap.precedente n.2.in fin.*
6 *D Paul.1.ad Corinth.10.n.4.* Petra autem erat Chriſtus.
7 *Iſai.62 in princ.* Donec egrediatur ut ſplendor juſtus ejus, & ſalvator ejus ut lampas accendatur.
8 *Matth.1.21.* Vocabis nomen ejus Jeſum, ipſe enim ſalvum faciet populum ſuum à peccatis eorum.
9 *D.Chryſ hom 4.in c.1.Matth.*
10 *Iſai 62.2.* Nomen novum, quod os Domini nominabit.
11 *Notat Origen.hom.14.in Luc.*
12 *Matth.ſupra. Luc.1.31.*
13 *Ut in Eliſabetha Luc 1.60.*
14 *Diſſemos no c.27.n.5.*
15 *D.Bernard. ſerm.2. de Circumciſ.*
16 *Refere o P. Fr. Man. do Sepulchro na Refeyç eſpirit.p.1.c.6.n.26.in fine.*
17 *Habacuc 3.18.* Ego autẽ in Domino gaudebo, & exultabo in Deo Jeſu meo.
18 *Iſai.ſup.* Nomen novum.
19 *Nota com Origenes o P. Fr. Man.do Sepulchro d.c.6 n.20.*

Jesus Josedech, & Jesus de Sirac, tiveraõ nomes parecidos; mas formalmente diversos; por quanto no Hebreo o nome Jesus porque se chamou *Christo*, quer dizer propriamente *Salvador*; o dos outros significa, homem que espera o *Salvador*, como provaõ Galatino, & Pagnino. 20 Os grandes nomes trazem grandes encargos; 21 só o Filho de Deos tinha hombros para *Salvador*, pois para salvar de peccados, alèm de homem, havia de ser Deos, & assim este nome significa hum supposto em duas naturezas. 22 Mas bastou àquelles antigos aquella semelhança para serem insignes: Josuè teve a gloria de meter os Israelitas na terra de Promissaõ: o Sol lhe obedeceo: 23 & reputado Salvador foy figura do verdadeyro: 24 Jesus Josedech foy chamado, *Sacerdote grande*: 25 & Jesus Sirach foy sapientissimo. 26

4 Este nome disfarçou Isaìas, 27 por mysterioso, debayxo do nome *Emmanuel*, que significa, *Deos he com-nosco*; 28 pois sendo *Salvador*, necessariamente era Deos; & assim dizer o Anjo a S. Joseph, que lhe chamasse JESUS, diz S. Mattheos 29 que foy para se cumprir aquella profecia de Isaìas de que se chamaria EMMANUEL.

5 Disse Plinio 30 que aos meninos se deviaõ pòr nomes fermosos; que fermoso nome poz o Eterno *Pay* a Jesus! nome (diz Saõ Paulo) 31 sobre todos os nomes: suave atè ao gosto material, porque he (disse o doutissimo Bernardo) 32 mel na boca, melodia no ouvido, alegria no coraçaõ; he medicina para as enfermidades corporaes, epitima contra as afflicçoens do espirito, segurança contra os perigos, triaga nas tentaçoens, vitoria nos combates, perdaõ de peccados; causador da graça; augmento das virtudes; & saude da alma. 33 Comprehende por recopilaçaõ todo o significado de Deos, & homem em hum supposto, 34 & todos os outros nomes de *Christo* proprios, & metaforicos, perfeyçoens infinitas, a summa das grandezas Divinas, o auge das felicidades humanas: he hum mar em que entraõ todos os rios, hũa profundeza que nenhum entendimento pòde sondar; pelo que lhe chamou Saõ Bernardino Senense, 35 nome breve em syllabas, leve na pronunciaçaõ; grave nas sentenças, abundante, & redundante em Sacramentos ineffaveis: & havendo Isaìas dito; 36 que o Messias teria muytos nomes, Zacarias 37 profetizou que teria hum só, porque o de JESUS val por todos.

6 Pelas excellencias deste nome santissimo, disse o Apostolo Saõ Paulo, 38 que se lhe deve ajoelhar o Ceo, a terra, & o inferno: os moradores do Ceo por gloria: os da terra por graça: os do inferno por justiça eterna; o que Saõ Bernardino 39 escreve, que o Santo Apostolo aprendeo no Ceo a que foy levado, 40 vendo a veneraçaõ, que lá se lhe fazia, & a que se lhe mostrou que tinha na terra, & no inferno. Conforme a isto ordenou a Igreja Catholica por hum decreto de Gregorio X no géral

20 *Galatin l 3. arcan. c 18. Pagnin. in interp. et Hebr apud Sylveyra in Evang tom 1. l. 2. c. 5. q 10. n. 44. v.*

21 *Lamprid in Alex. Sever.* Nomina insignia onerosa sunt.

22 *Not. a D Epiphan. apud Fr. Manoel do Sepulchro sup. n 20.*

23 *Josue c. 10. & per tot.*

24 *D Chrysost. hom. 1 de verb. Isaiæ, ad fin 1. tom.*

25 *Zachar. 3 1. Aggæi c. 1. & 2 sæpe.*

26 *Habetur in prologo l Eccles.*

27 *Isai 7. 14.* Nomen ejus Emmanuel.

28 *Matth. 1. 23.*

29 *Matth. supra.*

30 *Plin. Sen. apud Polyanth. verbo, Nominis.* Nomina pueris pulchra sunt imponenda.

31 *D. Paul ad Philip. 2. 9.* Donavit illi nomen, quod est super omne nomen.

32 *Bernard. serm 15. in Cant. ad fin.* Jesus mel in ore, in aure melos, in corde Jubilus.

33 *De his latè D. Ambros. apud Carthag de arcan. Deip. tom. 2. l. 5. hom. 1. D Bernard supr. D Petr. Chrysol. serm. super Missus est. D Bernard Senens tom. 2. serm. 49. D Laurent. Justin. serm. de Circuncis.*

34 *D. Thom. 3. p q. 16. art 5. & q. 37. art 2. ad 1. D. Bernard. serm. 2. de Circuncis ante fin.*

35 *Refere o P Fr. Man do Sepulchro d. c. 6. n. 28.*

36 *Isai 9. 6.*

37 *Zachar. c. ult. 9.*

38 *D. Paul. ad Philip. 2. 10.*

39 *D. Bernard. Sen. d. serm. 49. in pref.*

40 *D. Paul 2. ad Corint. 12.*

géral Concilio Lugdunenſe, 41 que quando ſe pronunciar eſte ſagrado nome, o reverenceem os fieis com os coraçoens, & em ſinal diſſo inclinem os joelhos, ou a cabeça.

7 Mas muyto caro foy eſte nome ao Filho de Deos; impozſe-lhe quando derramava ſangue: 42 Pilatos eſcreveo por cauſa de ſua morte o ſer JESUS: 43 eſte nome o empenhou por noſſos peccados: 44 & o obrigou a veſtirſe de tormento, & de ſangue, como o virao Iſaias, & S. Joaõ. 45

8 Se o doutiſſimo, & igualmente Saõ Bernardino de Sena 46 ſe ſentia emmudecer, achando-ſe indigno, & falto de diſcurſo para tratar materia taõ alta; como a poderemos nòs proſeguir? Só digamos com David: *Segundo voſſo nome, Deos meu, ſeja voſſo louvor atè os fins da terra.* 47

9 Eſte foy o nome proprio do Filho de Deos, fóra do qual nome naõ ha ſalvaçaõ. 48 o nome de *Meſſias* he Hebraico, ſignifica em Grego *Chriſto*, & em Latim *Ungido.* 49 He nome appellativo de dignidade, & de poder Real, commum aos Reys, & aos Sacerdotes, 50 porque no povo de Deos ſe ungiaõ os Reys, & os Sacerdotes com oleo ſanto; & tambem ſe ungiraõ alguns Profetas como Eliſeo. 51 Poſto que ſe naõ ungiſſem com oleo, ſe chamavaõ do meſmo modo, porque o principal na unçaõ he o eſpirito, entendido pelo oleo: 52 & todos entendiaõ que o tinhaõ, & aſſim atè os Reys infieis ſe chamavaõ *Chriſtos.* 53 Mas por antonomaſia, & excellencia ſe attribuhio eſte nome ao Meſſias, porque havia de ſer juntamente ſupremo Rey, & Sacerdote, Deos, & homem, ungido com o oleo da Divindade; 54 ou (como prova Niceforo) 55 ſó o Filho de Deos feyto homem foy verdadeyramente *Chriſto*, & ungido; todos os mais, poſto que Santos, ſe haviaõ aſſim chamado como ſuas figuras, ſombras, & ſymbolos.

41 *Cap. Decet, de immun. Eccleſ. l. 6. in decretal.*
42 *Luc. 2. 21.*
43 *Matth. 27. 37.* Impoſuerunt ſuper caput ejus cauſam ipſius ſcriptam, Hic eſt JESUS.
44 *Matth. 1. 21.*
45 *Iſai. 63. 1.*
Apocalypſ. 19. 13.
46 *D. Bernardin. ſupr.*
47 *Pſalm. 47. v. 9.* Secundùm nomen tuum, Deus, ſic, & laus tua in fines terræ.
48 *Act. 4. 1.*
49 *P. Sylveyr. in Euang. tom. 1. l. 3. c. 6 q. 7. in princ.*
50 *Lactant. Firmian. de vera ſap. c. 7.*
Niceph. hiſt. Eccleſ. l. 1. c. 4.
51 *3. Reg. 19. 16.*
52 *D. Chryſoſt. ſerm. 1. in epiſt. Paul. ad Roman. poſt princ. in 4. tom.*
53 *Iſai. 45. 1.* Hæc dicit Dominus Chriſto meo Cyro.
54 *Sylveyra ſup.*
55 *Nicephor. Calixt. hiſt. Eccl. l. 1. c. 4.*

CAPITULO XXXIII.

Adoraçaõ dos tres Reys Magos ao Menino *Deos. Declaraõ-ſe muytas particularidades neſta materia.*

1 NA noyte em que naſceo o Menino *Jeſus*, (ſegundo a melhor opiniaõ) 1 appareceo na Arabia Oriental, 2 (que habitavaõ os de Sabá, Madian, & Epha 3 deſcendentes de Abraham, & de Cetura ſua ſegunda mulher) 4 huma eſtrella nova, 5 creada de materia aerea elemental, 6 que com extraordinaria claridade reſplandecia de noyte, & de dia, 7 chegada à terra.

2 Havia em aquellas regioens grande noticia dos Oraculos

1 *D. Aug. ſerm. 2. de Epiphan.*
D. Cyprian. tr. de ſtel. & Mag. circa princ.
D. Chryſoſt. hom. 7. in Matth. ante med.
Baron. in annal. an. Domin. 1. n. 31.
P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. na hiſt. de N. S. l. 4. c. 20. n. 3.
2 *D. Cyprian. ſupr.*
P. Joſeph ſup. c. 18. n. 3.
3 *Baron ſup. n. 25 & 27.*
4 *Gen. 25.*
5 *D. Aug. l. 2. contra Fauſt. c. 5. tom. 6 art. 7.*
D. Thom. 3 p. q. 36. art. 7.
6 *D. Thom. 3 p. q. 30. art. 7.*
Abulenſ. in Matth. 2.
7 *D. Chryſoſt. hom. 6. in Matth. poſt princ. tom. 2.*
De his omnibus P. Sylveyr. in Euãg. tom. 1. c. 4. q. 11.

culos Sibyllinos, porque a Theologia das naçoens Orientaes se illustrava com elles; & entre os mais era particular o da Sibylla Eritrea, que havia dito, haveria esta estrella. 8 Era tambem notoria a profecia de Balaam, 9 por haver andado com Balac Rey de Moab, 10 que era Provincia da mesma Arabia, 11 & tinha dito que *Nasceria huma estrella de Jacob, & se levantaria vara de Israel, & feriria os Capitães de Moab*; 12 (pelos quaes se entendiaõ os Principes da idolatria.) E como estes ameaços lhes tocavaõ, traziaõ todos isto no sentido, & muyto mais os sabios, & os Reys.

3 Costumavaõ os sabios instituir Academias, que depois de suas mortes continuavaõ com seus nomes nos successivos discipulos; como Pythagoricos, & Epicuros, Socraticos, Platonicos, Aristotelicos, & alguns tomavaõ os nomes dos lugares em que se ajuntavaõ; & de outras occasioens, como os Stoicos, Peripateticos, Academicos, & todos conservavaõ religiosamente a doutrina, & maximas de seus fundadores, como entre os Jurisconsultos houve tambem as escolas Proculiana, & Sabiniana: & hoje entre os Theologos ha Thomistas, & Escotistas. Refere pois o douto Padre Barleta, 13 que o Profeta Balaam em Academia que fundou, deyxou a noticia, & doutrina daquella estrella, & que nella se ordenou, que de doze discipulos, tres por turno de tres dias, & tres noytes estivessem todo o anno sobre hum monte vigiando se apparecia, & rogando a Deos que chegasse, & que em aquella noyte a viraõ os tres a que coube a vigia. Naõ he facil crer que a observancia deste instituto se continuou nos seculos que houve de Balaam atè o Nascimento de *Christo*. Mas verosimel he que os tres a viraõ, como acaso, por disposiçaõ Divina, estando cada hum em suas terras, que todas eraõ vizinhas, & sendo grandes Astrologos conhecèraõ naõ ser natural, donde inferiraõ ser a que profetizáraõ Balaam, & a Sybilla, & a seguiraõ logo em seus dromedarios com dons, & preparaçaõ, posto que apressada: & como a estrella os guiava para o mesmo caminho, facilmente se ajuntáraõ, & communicáraõ o intento.

4 Eraõ tres, posto que houve quem disse, que foraõ mais; 14 & alèm de sabios, eraõ Reys, ou Regulos: 15 o Evangelista sagrado os naõ qualifica com esta dignidade; ou porq̃ ella os naõ authorizava quando Herodes a tinha; 16 ou por mostrar a razaõ porque conhecèraõ a estrella, que foy por serem sabios, & naõ por serem Reys; 17 & se os nomeára Reys, pareceria que os levàra mais o appetite, ou conveniencia, que a razaõ. 18 Por isso os nomea por *Magos*, 19 que entre outras significaçoens, significa propriamente, *Sabio na Mathematica, & Filosofia das estrellas*; 20 & entre as naçoens Orientaes se applicava a todas as sciencias; 21 posto que alguns digaõ, 22 que se chamáraõ *Magos* de *Magodia* regiaõ na Arabia.

5 Conhecèraõ que a estrella naõ era natural, mas mysteriosa:

8 *Vide supr. c. 9 n. 21.*

9 *Nicephor. hist. Eccles. l. 1. c. 13. ante med.*
D. Chrysost. hom. 1. ex 16. in Matth. tom. 1.
Maldonado in 2. Matth.
Vilhegas no Flos Sanct. festa da Adoraçaõ dos Reys.
P. Batinghen. in Kalendar. Virg. die 6 Jan.

10 *Numer. c. 22. & seqq.*

11 *D. Hieron. in Isai. 15. in princ.*

12 *Numer. 24. 17.*
Ita interpretatur Episcop. Galarza Euangelic. instit. l. 5 c. 19 tit. Messias ostensus ab stella.

13 *Barleta serm. in Epiphan. post princ. tom. 2.*
Ad quod concludit D. Thom. 3 p. q. 36. art. 6. ad 3. vers. Aut.

14 *Apud Maldonad. supra.*

15 *Baron. supra n. 30.*
Cum multis Maldonato sup.

16 *P. Sylveyra in Euang. tom. 1. l. 3. c. 1. q. 14. n. 40.* Dum tam impius sceptrum tenet, nullum videtur decus simul conregnare

17 *Maldonad. sup.* Voluit enim tacitè rationem reddere cur ex stella Christum natum esse cognovissent, hoc enim Magorum, non Regum fuit.

18 *Fr. Man. do Sepulchro na Refeyçaõ espirit. p. 1. c. 7 n. 5.*
P. Sylveyra d. l. 2. c. 4.

19 *Matth. 2. 1. Ecce Magi ab Oriente venerunt.*

20 *D. Isidor. l. 8 etymol. c. 9.*
D. Cyprian. serm. de stell. & Mag. in princ.
Sylveyra d. c. 4 q. 2 n. 7.
Horat. Scoglius Catacens. hist. à primis Eccles. p. 1. l. 1. vers. At apud.
Cum alij. P. Joseph. supra d. l. 4 c. 18. n. 1.

21 *P. Fr. Marcel. d. c. 7. n. 3 in fin.*

22 *Scoglius Catacens. supra.*

ſterioſa:tinhaõ advertido já que eſtavão cumpridos muytos ſinaes que outras profecias haviaõ ſinalado ao Naſcimento do Meſſias, particularmente nas hiſtorias,& ſucceſſos dos Romanos; 23 & aſſim logo entendèraõ o que era, 24 ajudados eſpecialmente de illuſtraçaõ Divina; 25 porque a eſtrella foy depois viſta gèralmente de todos, mas ſó elles a ſeguiraõ; 26 que nem todos os que tem eſtrella ſabem ſeguilla.

6 Com fé, & ſem dilaçaõ partiraõ do Oriente para melhor Oriente, encaminhando-ſe a Judea, aonde por profecias ſabiaõ que naſceria o Meſſias: 27 & logo a eſtrella, movida por hum Anjo, 28 os foy ſervindo de guia, & de apoſentador, pois naõ ſó lhes moſtrava o caminho, mas tambem aonde haviaõ de repouſar. 29 Caminhavaõ em dromedarios, 30 que fazem jornada de quarenta legoas por dia, 31 & aſſim chegáraõ a Jeruſalem em dez, ou onze dias: porque naõ era mayor a diſtancia, conforme ao que eſcrevèraõ S. Paulo, & S. Jeronymo, & reconheceo o Doutor Angelico. 32

7 Em Jeruſalem lhes faltou a eſtrella; 33 que em Cortes de Herodes ſempre falta aos ſabios, mas a eſtes faltou, porque entráraõ perguntando *Aonde eſtava o naſcido Rey dos Judeos*; 34 & a quem buſcava guia humana, era bem que faltaſſe a Divina; ou porque Deos quiz provar ſua conſtancia; ou para que perguntaſſem com valor na Corte de Herodes;& ſe confirmaſſem com a repoſta que ouviſſem dos interpretes das profecias. 35 Perguntando aos Judeos aonde eſtava ſeu Rey, os accuſavaõ,& envergonhavaõ; pois eſtava em preſepio, o que devia eſtar em throno:eſtava em pobres pannos, o q̃ houvera de eſtar em purpuras:eſtava eſcondido em huma lapa, o que houvera de eſtar manifeſto em Santuario: eſtava entre brutos, o que elles devèraõ receber, & adorar entre ſi. 36

8 Herodes, Rey illegitimo por ſucceſſaõ, 37 & tyranno por acçoens, logo ſe turbou á pergunta. 38 Toda a grandeza terreſtre ſe confunde, quando ſe deſcobre a celeſtial; 39 mas ao tyranno he mais particular accuſador, & teſtemunha a conſciencia propria, porque nos he natural a averſaõ do que a natureza condena; ſe deſpreza ſeu proprio teſtemunho, q̃ mayor miſeria? ſe lhe defere, que mayor tormento? Naõ o ſegura o eſtar ſeguro, porque naõ crè que o eſtá: muytos eſcapáraõ da pena, mas nenhum do medo: & aſſim o peccar fica ſendo pena: atè Epicuro diſſe, que ſe devia fugir do crime, porque naõ ſe podia fugir do medo. 40 Sempre huma voz terribel ſoa nos ouvidos do tyranno: tudo eſtá quieto, & elle cuyda que o aſſaltaõ: de noyte duvida ſe chegará ámanhã: cercado de anguſtias 41 ſente a vida como deſgraçado, & teme a morte como feliz: em tudo ſe lhe repreſenta o miſeravel fim de outros tyrannos; como ſabe que todos ſaõ acredores de ſua vida, todos lhe ſaõ ſuſpeytoſos, 42 & os bons principalmente: helhe formidavel a virtude alheya;43 por iſſo alimẽta nella ſua tyrãnia;

23 *Notat Gregor. Niſſen. orat de Natal. Domini.*
24 *D Gyprian. ſupra.*
D Baſil. hom. 15. de human. Chriſt. gener. poſt med.
Origen in Numer. hom. 13. & 15.
25 *D. Chryſ. d. hom. 6. circa princ. & hom. 1. ex 26. in Matth. tom 2.*
P. Sylveyr. d c. 4 q. 12. n 43.
26 *D. Chryſ. d. hom 1. poſt princ.*
Fr. Heytor Pint. Dial. 4. c. 21. in. 2. tem.
27 *P Fr. Joſeph ſup. c. 15. n. 2. com S Baſil. & S. Ambroſ.*
28 *P. Sylveyr d c. 4 q 11. n 40.*
P. Fr. Joſeph ſupra c. 20. n. 2 cum D. Chryſoſt. D. Gregor. Nicen. & alij.
29 *Idem P. Joſeph. d. l. 4. c 21. n. 1.*
30 *Iſai. 60. 6.*
D. Cyprian. ſupra.
31 *Ariſtot. hiſt. anim. l. 9. c. ult.*
Philoſtrat. in vit. Apollon.
32 *D. Paul. ad Galat. 4 25.*
D. Hieron. ep. 129. ad Dardan. poſt med
D. Thom d art. 6. ad 3. verſ. alij.
33 *D. Chryſ d. hom. 6. poſt princ.*
Melchior de Caſtro, hiſt. da Virgem l 1. c. 8.
Vilhegas ſupra.
34 *Matth d. c. 2. 2. Ubi eſt qui natus eſt Rex Judæorum.*
35 *D. Thom. d. 3. p. q. 36. art. 8. ad 3.*
D. Chryſoſt. d. hom 6 ante med.
P. Sylveyra d. tom 1. l. 2. c. 4 q. 7. & 26.
36 *Ita D Petr. Chryſol. ſerm. 156*
37 *Diſſemos c. 28. n. 9.*
38 *Matth* 2. 3. Audiens autem Herodes Rex, turbatus eſt.
39 *D. Gregor hom. 10. in Euang. apud D. Thom. d. q. 36. art. 2. ad 3.* Cæli Rege nato, Rex terræ turbatus eſt, quia nimirum terrena altitudo confunditur, cum celſitudo cæleſtis aperitur.
40 *De hoc belliſſimè Seneca ad Lucil. epiſt 98. ad fin. & epiſt. 43.*
41 *Job 15. ex n. 20.*
42 *Ælian. l. 10 c. 5. Refert Reuſner. l 1. ſtratagem* Tyranni omnia ſuſpicantur, & metuunt; ſcientes quod ſicut ſuos, ita & ipſi vitam omnibus debent.
43 *Saluſt. in Catilin* Boni, quã mali ſuſpectiores ſunt, ſemperque his aliena virtus formidabilis eſt.

nia; nunca perdoa, porque ſempre teme, donde vem que no imperio de hum tyranno ſer, ou parecer inutil, he ſer ſabio.44 A hũ dos Dionyſios tyrannos de Sicilia ſervirão de barbeyros ſuas filhas em quanto pequenas; depois de grandes naõ queria que uſaſſem de navalha, ou tiſoura, com hum tiçaõ lhe chamuſcavaõ os cabellos da cabeça, & com caſcas de nozes acceſas a barba. 45 O meſmo ſe fazia a ſi proprio o máo Emperador Commodo. 46 A hum filho tinha o meſmo Dionyſio ſempre fechado, porque não fallaſſe com quem o perſuadiſſe a levantarſe contra elle. Coſtumavão os Reys de Ormuz cegar os parentes que poderião ſer Reys, pondolhes diante dos olhos huma bacia de arame aceza em fogo; & deſtes havia muytos em Ormuz, quando o grande Affonſo de Albuquerque tomou aquella Cidade.47 Turba-ſe Herodes de *Christo* que naſce menino: que fizera ſe o vira já homem? Naſceo menino para ſé fazer mais amavel: & nem aſſim evitou o odio dos homens, por cujo amor ſe fizera pequeno: turba-ſe, porque o mão não quer que haja Deos: nem o eſcravo, ſenhor: nem o Reo, Juiz; 48 ſe os mãos temem vendo-o no berço, que farão vendo-o no tribunal? 49 O Doutor Angelico diz, 50 que a turbação de Herodes figurou a do demonio, temẽdo que o Menino o lançaria fóra do Imperio que tinha no mundo.

44 *Tacit. in Agricol.* Sub tyranno enertia pro ſapientia eſt.

45 *Textor in Offic. in p. 2. tit. Timidi.*

46 *Alex. ab Alex. genial. l. 5. c. 18. poſt med.*

47 *Joaõ de Barros decad. 2. l. 10. c. 8.*

48 *D. Petr. Chryſol. ſerm. 158.*

49 *D. Aug ſerm 2. Epiphan. qui eſt 30. in ordine, ante med. tom. 10. apud D Thom. d. art. 2. ad 3.* Quid erit tribunal judicantis, quando ſuperbos Reges cuna terrebat infantis?

50 *D. Thom ubi proxime.*

9 Turbouſe com El Rey Herodes toda Jeruſalem; (diz o Evangeliſta) 51 devendo-ſe antes alegrar de lhe annunciar Rey natural, & a quem vinhão adorar os Orientaes, que pouco antes haviaõ tido ſugeyta a Judea: os ambicioſos das Cortes ſaõ camaliões dos Principes: & hum tyranno perturba a todo o mundo.

51 *Matth. ſup. 3.* Et omnis Hieroſolyma cum illo.

10 Bem ſe vio a perturbação de Herodes, porque chamou os Magos em ſegredo, 52 por não dar que fallar: ſendo que tendo elles já publicado o a que vinhão, eſte ſegredo, q̃ logo ſe deſcobriria, fazia mais myſterioſa a cauſa. A meſma turbação moſtrou em fazer logo juntas, 53 que nos Reys he ſinal de aperto; & em dizer aos Magos que foſſem buſcar o Menino, & como ſoubeſſem aonde eſtava, tornaſſem a dizerlho, para que elle tambem o foſſe adorar, 54 & a tenção era matallo. 55 Se não cria as profecias, mais lhe convinha diſſimular, que occaſionar no povo novidade; ſe as cria, devêra entender que o que vinha ſer Senhor do mundo, como Deos, não aſpirava ao pequeno Reyno de Judêa; 56 & quando aſpirára, elle o não podia impedir, antes lhe importava fazerſe-lhe agradavel.

52 *Matt. d. c. 2. 7.* Herodes clam vocatis Magis.

53 *Matth. ſup. 4.* Congregans omnes Principes ſacerdotum, & Scribas populi.

54 *Matth ſup 8.*

55 *D. Chryſoſt. hom. 6. in Matthæum poſt princ. & hom. 1. ex 26. in eundem Matth poſt med. tom. 1.*

56 *D. Leo Papa ſerm, 4. de Epiphan. ante med. apud D. Thom ſup.* Non capit Chriſtum Regia tua, nec mundi Dominus poteſtatis tuæ ſceptri eſt contentus anguſtijs.

11 Vio-ſe a turbação de toda Jeruſalem, pois em toda naõ houve hum curioſo que ſeguiſſe os Magos; como Herodes não mandou alguem a ſeguillos, nenhum ſe diſpoz ao fazer; o medo, & a liſonja a hum Rey tyranno impede buſcar a Deos.

12 Sahirão da Corte os Magos, & logo tornàraõ a ter

eſtrel-

estrella: 57 (só fòra da Corte, ou dos negocios della se tem estrella com o Ceo.) Esta os guiou, atè que na sesta feyra á tarde de seis de Janeyro, 58 parou, 59 & multiplicou rayos 60 sobre o lugar onde estava o Menino, que era a mesma lapa em que nascèra; porque alèm de estarem ainda occupadas as pousadas da Cidade com a gente que vinha alistarse pelo edicto do Emperador, 61 gostava a *Senhora* daquelle lugar consagrado a taõ alto mysterio. Depois de multiplicar rayos desappareceo a Estrella; porque depois de mostrar a Deos naõ tinha mais que mostrar. O grande Bispo Gregorio Turonense escreveo, que ella cahira em hum poço em Bellem, & que no fundo delle se deyxava ver em seu tempo dos que eraõ virgens. 62

13 Entráraõ os Reys Magos com grandissimo gozo; achàraõ o Menino com a *Virgem Maria sua Mãy* 63 no seu collo sagrado; 64 & ella os esperava, porque sabia que vinhaõ 65 Tambem estava presente Saõ Joseph, do que o Evangelista naõ faz mençaõ, porque só apontou o que os Magos acháraõ cumprido dos vaticinios, que fallavaõ da *Mãy Virgem.* 66 Prostráraõ-se por terra, representando todas as gentes: 67 & eráõ tres, porque todas procediaõ dos tres filhos de Noè, que dividiraõ entre si o mundo: 68 adoráraõ, & offerecèraõ os dons que traziaõ, ouro, incenso, & myrrha. 69 *O primeyro se chamava Melchior, anciaõ nos annos, veneravel nas cans, de barba, & cabello comprido; o qual offereceo ouro ao Menino Rey, como a Senhor. O segundo se chamava Gaspar, mancebo louro, sem barba, & offereceo incenso, como offerta digna de Deos. O terceyro; chamado Balthasar, preto, & muy barbado, offerecendo myrrha, significou, que como filho de homem havia de morrer.* Assim o conta o Veneravel Beda; 70 nas quaes offertas se nos ensinou tambem (diz o Angelico Doutor com Saõ Gregorio) 71 que a Deos devemos offerecer sabedoria resplandecente, entendida na luz do ouro: oraçaõ devota, entendida no incenso: & mortificaçaõ da carne, que se entende na myrrha. Na primeyra parte desta obra referimos 72 huma curiosidade sobre este ouro, & moedas delle que os Magos offerecèraõ.

14 Viaõ aquelles ditosos Santos huma cousa com os olhos corporaes, outra com os espirituaes; porque viaõ a Deos em carne: o mais rico em pobreza: & em Menino o mais perfeyto varaõ: entre a humildade humana se lhes naõ escondeo a gloria Divina: apparecia homem, & adorava-se Deos: reconheciaõ o Sol na nuvem: & encerrando na lapa o que comprehendia os Ceos. Em disfarce taõ grande lhes deo a luz celestial este conhecimento, diz o eloquente Chrysostomo; 73 & a vista da Mãy tambem lho pudera dar: porque se a presença da *Senhora* mostrava rayos de divindade, como testemunhou o grande Dionysio, 74 bem podiaõ conjecturar que o Filho era Deos.

57 *Matth.d.c.9.*
58 *P.Suares 3.p.q. 36. disp. 14. sect.5.*
P. Fr. Man. do Sepulchro, Refeyç. spirit.p.1.c.7 n 27.in princ.
59 *Matth sup.*
60 *D. Maxim.ser.de Epiphan. p. 1.c 11*
D.Paulin.ep.378
61 *Supra c.28. n. 1.*
62 *Refert Barradas tom. 1. l. 9. c.9.§.59.*
63 *Matth.c.2.11.*
64 *Fr.Man.do Sepulchro d.c. 7. n.26.*
65 *Revelaç.de S Brigid.l.7.c 24*
66 *Adverte em Sylveyr.a l.2.c. 4. q.50 n 110.*
Fr.Man.do Sepulchro sup.
67 *D.Chrisost.hom. 1. ex 26. in Matth.prop fin.*
D.Guerric.Abb.serm.3 de Epiphan. in princ.
68 *Gen.10.*
Nota Fr.Heitor Pint.dial. 4.c. 21. p.2.
69 *Matth.d.c.11.*
70 *Beda in collectan. post princ.*
P Fr.Joseph de Jesus Mar. hist. da Virg.l.4.c.18.n. 2. in fine.
71 *D.Thom.d.3.p.q.36.art.8 ad 4.in fin.*
72 *Na 1 p.c.18.n.8.*
73 *D.Chrys.d. hom. 1. post med. & hom.8.in princip.*
74 *Diremos no c.64.n.4.*

15 A

15 *A Senhora* referio a Santa Brigida: 75 *Quando entrárão, & adorárão, dava meu Filho como saltos de alegria, & com o gozo tinha o rosto mais alegre; & eu tambem summamente me gozava, & alegrava com gosto maravilhoso em minha alma, attendendo a todos os mysterios, & guardando-os, & conferindo-os em meu coração.* Bem se pagava o trabalho do caminho com taes demonstraçoens de agradecimento. Mas com que saudação começarião os Magos! Com que palavras os receberia a *Virgem*! Quaes serião os affectos do glorioso Joseph! Não chega nosso discurso a ponderallo. Só considerou hum devoto, & prudente Author, 76 que nada perguntàrão; posto que se offerecião tantas duvidas nos mysterios que viaõ, porque tudo crião com firme fé. Não poderião apartarse de tanta gloria, se os não movèra ordem particular do Ceo para altissimos fins; suavemente vierão, amargamente se despedirão, para hirem publicar em suas terras aquella maravilha.

16 Recolhèrão-se a Bellem para alli passarem a noyte, & entre sonhos saudosos do que deyxàrão, tiverão revelação, que não tornassem a Herodes; pelo que tomárão outro caminho para suas terras 77 desusado, porque não fossem achados se os buscassem. 78 Forão dormir na cova de hum monte, na qual depois Santo Theodosio fez vida eremitica; 79 dalli se encaminhàrão a Tarso de Cicilia, aonde se embarcàrão. Herodes quando soube o novo caminho que buscàraõ, partio a seguillos; mas com tanta dilação, que quando chegou a Tarso, já alli estavão de volta as embarcaçoens em que havião passado, & com rayva as queymou. 80 Então deu no remedio barbaro de matar os innocentes, 81 que executou mais tarde, como abayxo diremos, divertido com ser chamado pelo Emperador Augusto Cesar a Roma, sobre differenças que tinha com seus filhos. 82

17 Em suas terras prègaraõ os Reys Magos o Menino Deos; & ainda viviaõ, quando àquellas partes foy o Apostolo São Thomé, que os bautizou, & creou Bispos, ou Coadjutores seus. 83 Foraõ coroados mais regiamente por martyrio. Seus corpos estiverão em Constantinopla, donde milagrosamente os trouxe Santo Eustochio a Milam; na destruiçam daquella Cidade os achou o Emperador Frederico, & dalli os levou Reginaldo Arcebispo de Colonia para a sua Sé; 84 mas dizem que no Sanctuario da Sé da Cidade de Valença se mostra hum delles. 85

18 O excellente Historiador Portuguez Jeronymo Osorio 86 escreve, que na India achàraõ os Portuguezes em hum Templo huma Capella dedicada à *Virgem Mãy*, & refere o doutissimo, & muyto virtuoso Navarro, 87 que o mesmo Bispo Osorio lhe dissera, que depois de escrever ouvira a pessoa fidedigna, que as antigas historias do Reyno de Calicut contavaõ que hum seu Rey (poderia selo depois) fora hum destes

75 *Revel. de S. Brigid. l. 7. c. 24.*

76 *Hesiod. Presbyter. Hierosol. apud P. Fr. Joseph d. l. 4. c. 21. n. 2. in fin.*

77 *Matth. d. c. 2. 12.*

78 *P. Joseph d. l. 4. c. 21. n. 4.*

79 *Metaphrast. die 11. Januar. in vit. Theodos. Cœnobit.*

80 *D. Anselm. in Matth. 2. verbo, tunc Herodes. Magister hist. Euang c. 11. Refert P. Joseph sup c. 28. n. 1. Vilhegas no Flos Sanct: na vida de Christ. c. 8.*

81 *Matth 2. 16.*

82 *Vilhegas supr. Refert Maldonado in 2. Matthæi, ad verba, à bimatu. D. Thom. 3 p. q. 36. art. 6 ad 3. vers. Alij.*

83 *P. Fr. Joseph d. c. 21. n. 4.*

84 *Matth. Palmer. Bergam. l. 12. sup. Magis: Diogo Matute, na prosap. de Christ. idade 5 § 3. § 5 allegando a Albert. Cràtio.*

85 *P. Fr. Man. do Sepulchro d. c. 7. n. 4 in fin.*

86 *Osor. de reb Emmanuel. l. 1.*

87 *Navar in comment de orat. & horat. canon. c. 21. n. 28.*

Magos, ou seu companheyro, & que tornando à sua terra edificàra aquella Capella, na qual sobre hũ altar estava esculpida a Imagem da *Senhora* com seu Divino Filho nos braços, & por reverencia não entravão nella mais que os Sacerdotes, & guardas do Templo.

19 Este dia celebra a Igreja com nome de *Epiphania*, que significa, *Manifestaçaõ de sima*, 88 porque se manifestou *Christo* pelo final superior da estrella. Nelle celebra tambem a manifestação no Bautismo com o testemunho do *Padre* Eterno, & por isso se chama *Theophania*, que significa *Manifestaçaõ divina.* E outra terceyra manifestação nas vodas de Caná de Galilea, pelo milagre da agũa convertida em vinho; chama-se *Bethphania*, que val tanto como *Manifestaçaõ em casa.* 89 Todas succedèrão aos seis de Janeyro; 90 donde Guerrico Abbade 91 veyo a dizer, que o dia 25. de Dezembro foy do Nascimento de *Christo*, & o de 6. de Janeyro, do nascimento dos Christãos, pois vivendo a Christandade da Fé, do Bautismo, & da mesa do sagrado altar, a illuminação dos Magos nos principiou a Fé: o Bautismo de *Christo* consagrou o nosso Bautismo: & a conversaõ da agua em vinho significou a mudança, que se faz no Sacramento da mesa sagrada.

88 *Glossa, verbo, Epiphaniarum, in L. Omnes 7. C. de ferijs.*

89 *Declara o P. Fr. Man. do Sepulchro d. c. 7. n. 1.*

90 *Diremos no c. 42. n. 7. & c. 44. n. 3*

91 *Guerric. serm. 4. de Epiphan. in princ.*

20 Entre as historias gentilicas faz menção desta celebridade Callidio Platonico, 92 chamandolhe *Santa*, *& veneravel*, referindo que a estrella annunciára a *Vinda de hum Deos digno de veneraçaõ para beneficio da natureza humana, & de todas as cousas.*

92 *Callid. Platonic. in comment. ad Timæum Platon. apud P. Fr. Joseph sup. d. c. 21. in fin.*

CAPITULO XXXIV.

Da Purificaçaõ da Virgem Mãy, *Purificaçaõ do Menino* Jesus *no Templo; do que a* Senhora *alli padeceo; & causa porque esta festa se celebra com velas acesas, chama-se* Candelaria.

1 MAndava a Ley de Moysés, 1 que a mulher que parisse filha, não entrasse no Templo antes de quarenta dias; no fim delles se fosse purificar, & apresentar ao *Senhor*, offertando hum cordeyro de hum anno, & hum pombinho, ou rola; & se por pobre não tivesse cordeyro, offerecesse dous pombinhos, ou rolas; hum para o sacrificio de fogo chamado *Holocausto*, outro para o sacrificio pelo peccado original; 2 como confirmando a circumcisaõ. Na porta do tabernaculo entregava a mãy o menino ao Sacerdote: elle o levava atè junto do altar, & dando graças a Deos por aquella creatura, a levantava, offerecendo-o ao *Senhor*; & depois recebia a offerta. Se paria filha, se fazia

1 *Levit. 12.*

2 *D. Thom. 3. p. q. 37. art. 2. Glossa, & D. August. apud P. Fr. Joseph de Jesus Mar. hist. Virg. l. 4. c. 21. n. 1. quamvis differat Carthagena de arcan. Deip. p. 1. l. 8. hom. 2. vers. illud, in fin.*

zia o mesmo aos oytenta dias. Nos primogenitos era particular 3 dedicarem-se a Deos, em memoria de haver Deos morto os de Egypto para livrar o povo Hebreo. Se eraõ da tribu de Levi, ficavaõ no serviço do Templo: 4 se de outra, os remiaõ os pays por cinco siclos, moeda que tinha cada huma quasi oyto vintens dos nossos Portuguezes. 5

2 Cumpriraõ-se os dias para este acto, conforme à Ley, como advertio o Evangelista; 6 porque só por humilde exemplo de obediencia à Ley, & por em tudo se mostrar homem, quiz o Filho de Deos, & sua *Māy* Santissima solénizallo, 7 sem outra necessidade; pois eraõ purissimos. 8 Tratayvos, *Senhora*, (disse Saõ Bernardo) 9 como qualquer mulher, pois vosso Filho se trata como qualquer menino. Assim estava profetizado: 10 & assim se emendou o erro de *Eva*, aquella māy da prevaricaçaõ peccou, & escusouse: 11 a Māy da redempçaõ naõ peccou, & satisfez; para que os filhos, que herdáraõ da primeyra māy a necessidade do peccado, aprendessem da nova Māy a humildade de satisfazer. 12

3 Por estas, & outras razoens, 13 a *Senhora*, & Saõ Joseph, de Bellem, aonde estiveraõ atè este tempo 14 empregados em oraçaõ, contemplaçaõ, & serviço do Menino Deos, o levàraõ a Jerusalem. Com que devoçaõ fariaõ a jornada! Com que amor olhariaõ para o tenro Infante, que já começava a ser seu companheyro em trabalhos! Como hiriaõ revezando em seus braços aquelle suave pezo! Chegados ao Templo em huma quinta feyra, 15 dia segundo de Fevereyro, com que reverencia entrariaõ! Com que espirito occupariaõ todas as potencias em contemplar a magestade que alli se representava! Quanto de coraçaõ dariaõ graças! Quam fervorosas seriaõ as oraçoens! Quam amorosa fallaria a *Virgem* ao Eterno *Pay*! Naõ chega a tanto a consideraçaõ.

4 Havia em Jerusalem hum Sacerdote virtuoso, & muyto nobre, 16 chamado Simeaõ, filho de Hilliel descendente de Aaraõ, o qual era Rabbi doutissimo, & foy mestre de Gamaliel, 17 de quem Saõ Paulo 18 disse que aprendèra. Referem graves Authores 19 que chegando Simeaõ a explicar o lugar em que Isaìas disse, *Que huma Virgem conceberia, & pariria*; 20 parecendo-lhe impossivel, & que a letra estava errada, se atreveo a tirar a palavra, *Virgem*, & a pòr em seu lugar outra que significava, *Mulher moça*. No dia seguinte achou restituida a palavra que tirára; tornou a fazer duas vezes a mesma emenda, & lhe succedeo o mesmo. Conhecendo ser mysterio, pedio a Deos lho descobrisse, dignouse o *Senhor* de lho declarar; & elle fez nova petiçaõ, que se lhe outorgou por reposta de hum Anjo, 21 de que visse antes de morrer aquella Virgem, & o *Redemptor* seu Filho. 22

5 Andando afflicto na dilaçaõ, mas consolado na certeza, cegou. Neste dia foy ao Templo guiado pelo Espirito Santo, 23 que

3 *Exod.* 13.

4 *Numer. c.* 3.

5 *Hieron. Cardoso de monet. in fin. Dictionarij Lusit.*

6 *Luc* 2. 22. Secundùm legem. *Et* 23. Sicut scriptum est in lege Domini.

7 *D. Thom. supra.*

8 *Carthagen. supr. hom* 1. *Hugo Cardinal. in Luc.* 2.

9 *D. Bernard serm.* 1. *&* 3. *de Purificat.* Esto inter mulieres tamquam una earum, nam & filius tuus sic est in numero puerorum.

10 *Carthagen. d. l* 8 *hom.* 6. *P. Joseph d. c.* 22. *n.* 6.

11 *Gen* 3. 13. Serpẽs decepit me.

12 *Guerric Abb serm.* 4. *de Purificat in princ.* Mater prævaricationis peccavit, & excusavit procaciter: mater redemptionis non peccat, & satisfacit humiliter: ut filij hominũ, qui de matre vetustatis traducunt necessitatem peccandi, de matre saltem novitatis trahant humilitatem purgandi.

13 *De quibus Carthagen. d. l.* 8. *hom.* 3. 4. 5. *&* 8. *P. Sylveyr. in Euang. tom.* 1. *l.* 2. *c.* 5. *q.* 3. *&* 8.

14 *P. Fr. Joseph d c.* 22. *n.* 1. *in princ.*

15 *P. Fr. Man. do Sepulchro na Refeyç spirit. p* 2. *c. ult. n.* 3.

16 *Carthagen. d. l.* 8 *hom.* 13. *in princip.*

17 *Cum multis Sylveyra d. l.* 2. *c.* 5. *p* 18. *Carthagen. d. hom.* 13. *vers. An autem cum seqq.*

18 *Act* 22. 3.

19 *Egesipus lib. de supplem. Euãg. verit Michael à Carranza l. de Virgin. Maria c.* 14. *Apud P Fr. Joseph d. l.* 4. *c* 23. *n.* 1. *Alij apud Carthagen. supr. vers. Non solum.*

20 *Isai.* 7. 14. Ecce virgo concipiet, & pariet filium.

21 *Nicephor. Calixt. hist. Eccles. l.* 1. *c.* 12 *in fin.*

22 *Luc.* 2. 26.

23 *Luc. c.* 2. 27.

que estando elle em oraçaõ o avisou de q̃ alli se cumpria a promessa; & recobrando em aquelle instante a vista, 24 por luz intellectual, & tambem invisivel, que sahia do Menino, & rodeava a *Virgem*, 25 conheceo entre muytas mãys que vinhaõ apresentar filhos, 26 o que esperava, promettido, aos Patriarchas, desejado dos Profetas, Reparador do mundo, gloria de Israel. Naõ foy tão alegre a caminhante em noyte escura, luz que o guiasse: nem fonte a sequioso na mayor calma: nem ao cobiçoso achar hum thesouro: nem a entrada do porto ao que temia naufragio; como a Simeão, muyto mais ditoso que Noè, 27 ver a Pomba sem fel *Maria*, não só com o ramo, mas com toda a arvore da paz, & misericordia, mostrando o fim do diluvio do peccado. Com reverencia o pedio à Senhora, que lho entregou com agrado.

24 *Celsus in præfat. ad Virg. inter opera Cypriani, relatis à Carthagena d. hom. 13. vers. sed & illud.*
25 *D. Basil. de hum. Christ. gener. in fin.*
Timotheus Hierosolym. & alij apud P. Fr. Joseph d. c. 23. n. 2.
26 *Timotheus de Prophet. Simeon. apud Carthagen. d. l. 8. hom. 14. vers. hunc orationem.*
27 *Gen. 8.*

6 Com que gozo chegaria o velho a seu peyto, & sentiria sobre seu coração aquella prenda! Que graças descobriria nella! Quem não terà enveja (diz hum Varaõ devotissimo) 28 a braços que abraçárão toda a gloria do Ceo? Tinha-selhe só promettido que veria: mas tambem o teve nas mãos; que as mercés de Deos excedem às promessas. Se tocar só o extremo de seus vestidos deu saude a tantos; 19 que faria tomallo todo nos braços? Lançoulhe a benção, não com movimento da mão, pois as tinha occupadas; mas com palavras laudatorias, de congratulação, & deprecação. 30 Quem logra a Deos, deyxa o mundo: como não tinha mais que desejar na terra, feyto glorioso Cisne com agradecido cantico pedio ao *Senhor* que o *soltàsse do corpo, & levasse à eterna paz em cumprimento de sua palavra, pois havia já visto o Salvador, lume das gentes, & gloria do povo de Israel* 31 Discretamente divinizou o barbaro pensamento de Amonacarges Filosofo Gymnosophista, quando vendo a Augusto se lançou na fogueyra, dizendo que os olhos que tal viraõ, não devião ver mais. 32

28 *O P. Fr. Joseph d. c. 23. n. 4.*
29 *Matth. 9. 20 Marc. 6. 56. Luc. 8. 44.*
30 *P. Fr. Man. do Sepulchro sup. n. 8. cum seqq.*
31 *Luc. sup. 28.*
32 *Plutarch. in Alex.*

7 Estava a *Mãy* Santissima com Joseph seu Esposo notando as acçoens de Simeão: elle os abençoou tambem, & disse á *Virgem* que *Aquelle Menino seria occasiaõ da ruina, & de bens a muytos em Israel: & que muytos o perseguiriaõ: que a alma da mesma Senhora seria traspassada com espada de dores: & se descobririaõ muytos coraçoens.* 33 Jà se vè como a *Virgem* vay desempenhando o glorioso do *Ave*, no q̃ lhe custa o livrarmonos das miserias de *Eva*, pois atè os gozos que no Filho *Redemptor* lograva, foraõ pensionados com dores. Quando se alegrou de o ver nascido de seu ventre, sentio as incommodidades que elle padeceo no desabrigo da lapa: quando na imposiçaõ do nome JESUS gostou de o considerar Salvador, chorou o golpe da Circumcisaõ: o prazer de o ver adorado pelos Reys Magos: teve o pezar de elles o acharem tão pobre: nesta gloria de o ouvir acclamar por *Messias*, começa sua alma atè ser traspassada com a profecia do que ha de ser.

33 *Luc. sup. 34. & 35.*

8 Na mesma hora chegou Anna filha de Phanuel (que significa *Visaõ de Deos*) 34 da tribu de Aser, viuva, profetiza de oytenta & quatro annos, que de dia & de noyte assistia no Templo com jejuns, & oraçoens; reconheceo o *Salvador*, & assim o declarou a todos os que esperavaõ a redempçaõ. 35 Esta era aquella santa mulher a que dissemos 36 que os pays da *Virgem* a encomendàraõ, quando Menina a deyxàraõ no Templo; & tem a gloria de ser a primeyra mulher, que depois da *Virgem Mãy*, confessou, & prègou a *Christo* Deos.

9 Offereceo o Sacerdote Simeaõ o Menino com a ceremonia da Ley; 37 & depois recebeo a offerta, que foy de dous pombinhos; 38 porque os presentes dos Reys Magos tinhaõ já os Santos Esposos repartidos entre pobres: 39 com mysterio se naõ offertou cordeyro da terra, quando se offertava outro de mayor preço. Joseph Santo pagou os cincos siclos, para remir o *Redemptor* do genero humano; por taõ pouco foy remido quem era inestimavel por summariamēte precioso: & por summo preço nos remio este *Senhor*, valendo nòs taõ pouco. Restituhio Simeaõ o Menio *Jesus* aos braços da *Virgem*, forçando-se a deyxar aquella suavidade. A *Virgem* o recebeo com novos jubilos da alma, & havendo-se assim satisfeyto à Ley, cumprindo-se a profecia de Daniel sobre esta offerta, 40 tornàraõ para Nazareth os gloriosos Esposos, 41 ricos da joya que em Bellem lhes nascèra.

10 Niceforo escreve, 42 que outorgando Deos ao Santo Simeaõ o que pedia, deyxou elle no mesmo tempo esta vida mortal, & voou felicissimo ao seyo de Abraham. Santo Epiphanio diz, 43 que viveo depois annos, & porque publicava o nascimento do *Messias*, os outros Sacerdotes lhe negàram indignados a sepultura sacerdotal. Feliz sobre todos os Patriarchas, & Profetas, vio, & tocou o que todos desejàraõ.

11 A instituiçaõ desta festa (posto que varias opinioens lhe dem principio menos antigo) foy no tempo dos Apostolos, ou pouco depois; porque della fallaõ Padres antiquissimos. 44 Celebra-se com Procissaõ de vèlas bentas accesas, que neste dia illustraõ mais a terra, que as estrellas ao Ceo; para com esta semelhança santificada desterrar de Roma duas festas herdadas dos Gentios; 45 huma chamada *Lustro*, andarse toda a primeyra noyte de Fevereyro pelas ruas com vèlas accesas, em honra de Februa mãy de Marte, cada cinco annos, cujo espaço por isso se chamou *Lustro*, 46 outra de luminarias, que as mulheres punhaõ em memoria do sacrificio chamado *Ambarbale*, 47 que os Romanos faziaõ com vèlas accesas no Templo de Plutam com nome de *Februus*, crendo que neste mez furtàra elle a Proserpina, & que Ceres sua mãy a andára buscando com tochas. 48 Trocàraõ-se estes costumes em sagrados; porque estas vèlas symbolizaõ hoje a pureza da *Virgem*, & outros mysterios que

34 *P.Fr.Man. do Sepul.bro d.l. ult.n.18.*

35 *Luc d.c. 2. 38.*

36 *Sup.c.19.n.5.*

37 *P.Sylveyr.d.l.2.c.5.q.24. n. 87.*

38 *Sylveyr.eodem c.5.q 13.n.52*

39 *Maldonad.in 2. Matth.vers. aliam Sylveyr d.c.5.q.15.n.58. P.Joseph sup.22.n.2.*

40 Daniel 7.13. Quasi filius hominis veniebat, in conspectu ejus obtulerunt eum. *Ita intelligit Carthagen d.l. 8. hom. 14.vers.hanc oblationem.*

41 *Luc.2.39.*

42 *Niceph.d.l 1.c.12 in fin.*

43 *D.Epiphan.l.de Prophet. vit. c.de Simeone.*

44 *Refere-os Carthagen. de arcan. Deip. & Joseph.d.p.1.l. 8. hom. 12.vers.Item.*

45 *Albin Flacus l.de divin.offic. c.de V.Purific. Durand.in Ration.Divin.l.7.c.7.*

46 *Alex.ab Alex.geneal.5. cap. 27. Sed vide Calepin.verb. lustrum.*

47 *Innocent.III.serm.de Purificat.*

48 *Ovid.Metamorph l.5.*

que os Doutores trataõ. 49 Hum moderno 50 allegoriza aquella fabula como profecia, dizendo que o infernal Rey Plutaõ tinha roubada a natureza humana, princeza nobilissima; porèm que a providencia Divina sua mãy, verdadeyra Ceres, que proveo o mundo do trigo dos escolhidos, mais util que outra que se diz inventora das sementeyras, accendeo luzes pela Encarnaçaõ do *Verbo*, a quem Guerrico chamou, *Quasi lume em cera*, 51 a buscou pelas asperezas, atè a achar, como disse Isaìas. 52

49 *Apud Fr. Joseph. l. 4. c. 24.*
50 *Henric. Engelgrave, in Cælo Empyreo, fest. Purificat. §. 3. in princip.*
51 *Guerric. serm de Purific* Verbum in carne, quasi lumen in cera.
52 *Isai. 42. 6.* Dedi te in fœdus populi, in lucem gentium.

CAPITULO XXXV.

Como Herodes determinou matar os innocentes; & como a Virgem, *& S. Joseph fugiraõ para Egypto com o Menino* Jesus.

1 A Confissaõ que os Santos Simeaõ, & Anna fizeraõ de *Christo* no Templo, 1 se divulgou por Jerusalem: & cahia sobre a dos Reys Magos. 2 Accresceo, que havendo no Templo lugar separado para as Virgens, ou tidas por taes: *Maria* Santissima em hum dos dias que se deteve em Jerusalem quando foy à Purificaçaõ, 3 se poz no lugar das naõ Virgens, por humildade, como casada com Joseph. Vendo-o o Sacerdote Zacharias pay do grande Bautista, a levou ao lugar das Virgens, sabendo que lhe pertencia; posto que tinha o Filho nos braços. Indignáraõ-se os Scribas, & Fariseos mostrando zelo, & porque lhes declarou a verdade, o perseguiraõ publicamente persistindo elle, até que sendo o primeyro Martyr por *Christo*, o mataraõ no mesmo Templo; 4 ou logo, como affirmaõ Authores graves: 5 parece ser aquelle, de cuja morte feyta no Templo accusou *Christo* os Scribas, & Fariseos, (porque Hippolyto Author antigo diz, que era filho de Barachias;) ou como dizem outros, 6 accumulandolhe depois com Herodes por nova culpa, esconder o seu filho Joaõ, quando morrêraõ os Innocentes. Puzeraõ no Templo o seu sangue, & quando Herodes, ou algũ dé sua familia vinha a elle, naõ cessava de ferver. 7 Tertulliano testemunha, 8 que até seu tempo se via como fresco nas lousas sobre que o matàraõ; & Saõ Jeronymo 9 declara que estavaõ em humas ruinas do Templo para a parte das portas de Siloe. Succedeo mais, que Judas, & Matthias, Rabbinos de grande credito, entendendo ser chegado o tempo em que muytos Oraculos promettiaõ aos Hebreos Monarcha de seu sangue, cõ zelo de liberdade tiràraõ dos lugares publicos as Aguias Romanas; pelo que Herodes os fez queymar vivos, & alguns mancebos nobres que pode prender, de muytos que os ajudàraõ. 10 Corria tambem fama do que os Magos publicavaõ no Oriente,

1 *No precedente n. 6. & 8.*
2 *Supr. c. 33. n. 7.*
3 *P. Fr. Joseph de Jesu Mar. hist. da Virg. l. 4. c. 29. n. 1.*
4 *D. Epiphan. de vit. Prophet. in Zachar.*
D. Basil. hom. 25. de hum. Christ. gener. ad med.
D. Gregor. Nissen. in die Nativit. Christ.
D. Cyril. adversus Antroponorphitas c. 27
5 *P. Joseph supr.*
Hippolitus apud Nicephor. l. 2. c. 30. ad fin.
6 *Refere-os o mesmo Padre, & Melchior de Castro, na vida da Virg. l. 1. c. [illegible].*
7 *P. Gabriel Barleta serm. de S. Joan Bapt in fine.*
8 *Tertullian in Scorpiaco adversus Gnosticos c. 8. circa princip.*
9 *D. Hier. in Matth 23.*
10 *Egesipus de excidio Hierosol. l. 5. c. 45.*

11 era tudo cheyo de huma voz confusa de que em Judea nascèra hum Salvador Rey universal.

2 Menos rumor bastava para atemorizar hum tyranno, que sempre teme. 12 Tinha passado quasi hum anno 13 depois do nascimento do Menino Deos, quando Herodes, já cheyo de enfermidades, voltando de Roma, aonde fora chamado, como dissemos, 14 achou novos motivos para mais recear. Vendo-se enganado pelos Magos, que não tornárão a fallarlhe como lhes encomendàra: & sabendo dos Sacerdotes, & sabios na Ley, que consultou, que o lugar aonde havia de nascer *Christo* era Bellem, deu furioso na mayor crueldade que tyranno inventou: qual foy, executar o que já de antes imaginava, de matar em aquella Cidade, & seu termo todos os meninos menores de dous annos; 15 porque assim, computado o tempo em que apparecèra a estrella aos Magos, & algum antes, por mayor segurança, entendeo, que lhe não escaparia o que buscava. Costume de tyrannos desesperados, castigarem contra a ordem dos tempos, & da justiça, os que imaginão que lhes serão prejudiciaes de futuro, porque dão já por feyto o que merecem; 16 a consciencia culpada lhes he corpo de delicto, processo, & prova; por isso ao Emperador Mauricio foy Symbolo: *O que he timido, he cruel.* 17 Que triste vida a que vive de outras morrerem!

3 Hum dia antes de se dar ordem para a execução, 18 o Santo Anjo Gabriel, 19 ministro glorioso em todos estes mysterios, appareceo em sonhos a São Joseph, como a cabeça da casa, 20 & lhe disse, *Que logo fugisse para Egypto com o Menino, & com sua Mãy, & estivesse lá atè que tornasse a avisallo, porque Herodes havia de buscar o Menino para o matar.* 21 O edicto seria só contra os de Bellem: mas sendo publicos os mysteriosos successos do Filho da *Virgem*, & chegado a saberse que nascèra em Bellem, o hirião buscar a Nazareth, aonde então se achava: como por menino de nascimento mysterioso buscárão a João em Hebron. 22

4 Despertou Joseph: deu conta á *Virgem*: commovèrãose as maternas entranhas, & como o Anjo não disse que *Partissem*, mas que *Fugissem*, a deshoras acordárão o Menino, & sem tratarem de sua pobre casa, nem de se despedirem de alguem, mas só de pôr em salvo aquelle thesouro, fechárão a porta, sahirão de noyte sem prevenção, mais que os paninhos do Filho, hindo a *Virgem* em huma jumentinha que tinhaõ; librando todo o cabedal para o caminho na providencia do Ceo; 23 & cumprindo-se muytas Profecias, & figuras que havia desta fugida. 24

5 Coube *Christo* em huma mangedoura com brutos, 25 & não cabe em hum Reyno com hum tyranno; se atè Deos foge de hum destes, quem estará com elle seguro? Sós os máos. Fugio à morte que vinha buscar, para depois se ver que morria

por

11 *Castro d.c.11.cum Origen.ac alijs.*

12 *Dissemos no c 33.n.8.*

13 *Episcop.Galarza, in inst Euang. post l. 8. in epitom. hist. Euangel. l 1.n.11.*
Flav Dexter in Chron.ann.3.Christi, ubi comment.Patris Bivaris.
D.Thom.3.p.q.36 art.6. ad 3. vers. Alij verò dicunt.

14 *D.c.33.n.16 in fin.*

15 *Matth.2.16.*

16 *Dissemos na harmonia polit. p.3.§ 1.n.8.& §.3 n.8.*

17 *Floscul.hist.Imperator.ad fin. oper.*

18 *Vincent.Belvacens. in specul. l.6.c.94.*

19 *Castro sup c 9.ad fin.*
P.Fr Joan à Sylveyr.in Euang.tom. 1.l.2.c.7.n.1.in exposit.
P.Joseph sup.1 c 25.n.1.

20 *Sylveyr.d.c 7 q.2.n.5.*
Carthagen.de arcan.Deip.p. 1. l. 9. hom.3 in fin.

21 *Matth.2.13.*

22 *Cum Ethym.P.Sylveyr. d.c. 7.q.5.n.13.*

23 *Carthagen.sup.l.9.hom.3.*
Sylveyr.d.c.7 q 8.

24 *Apud Carthag.d. l.9.hom.1.*

25 *Supr.c.29.n.6.*

por sua vontade; havião-se de cumprir as profecias do que obraria varão. 26 Vinha dar ley nova, excitar as virtudes, mostrar à vista a Deidade crida por fé, sugeytar o demonio em combate publico, dando exemplo de como se ha de sugeytar; vinha morrer por destruir a morte, bayxar aos infernos, desatar lá os prezos, para na Resurreyção abrir as sepulturas: para na subida aos Ceos introduzir lá os homens: para eleger Apostolos, deyxar mestres: em summa para levantar, ou regenerar o mundo; tudo faltàra, se não fugira Menino, para mayor triunfo se guardou para idade perfeyta; como bom Capitão que se retira para melhor vencer. Sem fugir, tambem se podèra guardar; mas não quiz milagres, havendo máos; 27 & bastando a casa de huma viuva para refugiar a Elias perseguido, 28 toda Judea não bastou para refugiar o Filho de Deos. Elias se defendeo com fogo do Ceo: o Filho de Deos só com fugir se salvou; de peyor condição se fez que os homens; desterrouse da patria para nos restituir à celestial: & escolheo ir a Egypto para a santificar, 29 por não passar tempo sem fazer mercês.

6 De Nazareth forão caminhantes por junto a Bellem, distante vinte & nove legoas, 30 & entrando Saõ Joseph na Cidade a buscar alguma provisaõ, deyxou a *Virgem* escondida em hũa caverna, aonde he tradição, que dando o sagrado peyto ao Menino, ordenou o *Senhor* que algumas gottas do purissimo leyte cahissem na penha dura, & a fizerão tão branda, & alva, q̃ ainda hoje os que visitão aquelles santos lugares, fazem della, como de farinha, huns bolinhos de effeytos milagrosos em enfermidades; & particularmente em mulheres que crião, & se lhes seca o leyte. 31

7 De Bellem passàrão à Cidade de Hebron, que distava quasi quatro legoas; 32 & como alli vivia Santa Isabel, 33 he provavel que a avisarião do intento de Herodes, & isso a obrigaria a fugir para os montes com o menino João, & se escondeo em huma cova, donde se occasionou ficar elle no deserto. 34

De Hebron forão a Gaza, jornada de hum dia, 53 Cidade nos Confins de Judea.

8 De Gaza entràrão no Egypto; & no mesmo ponto cahirão subitamente dos altares todos os Idolos, 36 como tinha profetizado Isaias: 37 & nunca mais respondèrão os Oraculos; 38 de que aquelle Reyno era como Seminario; porque não era bem que se mostrassem Deoses na presença do que só era o verdadeyro Plutarcho 39 se cançou em inquirir a causa de haverem cessado aquellas diabolicas repostas: pudera-se aquietar com a que em Delphos tinha já dado o Apollo Pythio em verso a Augusto Cesar que lha perguntou, respondendo que o *Menino Hebreo Deos Governador dos Deoses o mandava sahir daquella casa, & torvar para o triste inferno; pelo que ninguem mais o consultasse.* 40 Donde dizem, 41 que o Emperador tornando a Roma, se moveo a levantar no Capitolio aquelle altar de que

acima

26 *S. Petr. Chrysol. serm.* 150.

27 *Vilhegas no Flos Sanct. vida de Christ. cap* 8.

28 3. *Reg.* 17.

29 *Vide infra c.* 37. *n.* 6.

30 *Supra c.* 28. *n.* 10. *in princ.*

31 *Christophor. de Castro, hist. Deip. l.* 1. *c.* 2. *Gartiam in vit. S. Josephi. Carthagen. d. l.* 9. *hom.* 10. *in princ.*

32 *Supr. c.* 26. *n* 3. *in fine.*

33 *Supra d. n.* 3.

34 *Cedren. in compend. hist. Nicepho. l.* 1. *c.* 14. *P. Bivar ad Dextr. ann. Christ.* 3. *v. desumere.*

35 *Brocard. in descript. terr. Sãctæ.*

36 *Lyra in Isai.* 19. *D. Athanas. de Incarnat. Verbi, post med. Comestor hist. Euangel. c.* 10. *Evabrius in vita Patrum, in Apollonium. Galarza, Euangel. inst. l.* 5 *c.* 19. *tit. Messias fugiturus in Ægypt.*

37 *Isai.* 19. *in princ.*

38 *Strab. l* 9. *Porphyr. de Respons. Juvenal. satyr.* 6. *Revelaç. de S Brigid. l.* 6. *c.* 48.

39 *Plutarch. in l. cur oracula cdi desier.*

40 Me puer Hæbreus, Divos Deus ipse gubernans,
Cedere sed jubet, tristemque redire sub Orcum,
Aris ergo de hinc tacitus discedito nostris.
Refert Nicephor. hist. l 1. *c.* 17. *Suidas in diction Augustus. Horat Scoglius Catacens. hist. à primord. Eccles. l.* 1. *v. Jamque novum.*

41 *Nicephor. d. c.* 17.

acima demos outra occafiaõ ; 42 & foy o que primeyro levantou altar a *Chrifto* Senhor noffo, pofto que fem o conhecer. 43

42 *Supr.c.30.n.12.*

43 *Notat Sixtus Senenf. in Biblio verb.Octaviani.*

9 Caminhárão para a antiga Memphis, chamada entaõ Heliopolis, hoje o Cairo, diftante fetenta legoas, as cincoẽta de deferto. 44 Nelle fe lhe inclinavaõ os boys, & os leoẽs, & lhes moftravaõ o caminho ; 45 & as aves o faudavaõ com fuave canto. 46 Sahiolhes hum ladraõ que andava roubando paffageyros ; mas tanto que chegou perto dos noffos celeftiaes, fe moveo a tanta piedade, que os levou a huma cova que habitava, & lhes deu liberalmente do que tinha ; & fuccedendo lavar a mulher hum feu filho leprofo na agua em que a *Virgem* enfaboára os paninhos de feu Filho Deos, ficou logo faõ o doente. Pedro à Natalibus 47 diz que efte ladraõ foy Dimas, que viveo atè *Chrifto* lhe pagar na Cruz aquelle ferviço com o Reyno do Ceo ; & dizem que por interceffaõ da mefma Senhora. 48

44 *Brocard.fupra.*

45 *Vincent. Belvacenf. in fpec. hift.l.6. c.94.*

46 *Carthagen.de arcan. Deip. l. 9.hom.10.verf.legi.*

47 *Petr.à Natal.in hift. boni latron.p.Refert Carthagen.d hom.10. in princ.Luc.23.43.*

48 *Ex Arnoldo, P.Fr. Man. do Sepulchro, Refeyç.fpirit p.1.c.10. n.10.in fine.*

10 Indo já perto da dita Cidade Heliopolis, hoje Cairo, fe inclinou huma palma, para que a *Virgem* alcançaffe o feu fruto ; 49 como tambem na Cidade Hermopolis da Thebaida, entrando a *Senhora*, fe inclinou atè a terra outra grande arvore que eftava à porta, fahindo della o demonio, que chamavaõ Deofa Ifis, a que eftava confagrada ; & conta Nicephoro, que atè feu tempo durava na mefma inclinaçaõ, & era medicina para as doenças. 50

49 *Magift.hift.Ecclef. in Euang. c.25.* *Richard.in defcript.ter.fanct.*

50 *Nicephor.l 10 c.31.* *Chriftian.* Druthma *in 2. Matthæi.*

11 Paffáraõ dez milhas alêm de Heliopolis, & paráraõ em hum lugar chamado Mathurea, 51 havendo affim caminhado mais de cento & quinze legoas, em que tardáraõ mais de dous mezes ; 52 deyxando-fe bem ver quam trabalhofo lhes feria taõ largo caminho, pofto que tiveffem os alivios celeftiaes que ficaõ referidos ; a *Virgem* em hum jumentinho, com o Filhinho de hum anno em feus braços, fuftentando-o a feus peytos, abrigando-o em feu regaço, & penfando-o com os paninhos, de que havia de ter cuydado. O Menino defvelado, fem berço, fem regalo, & fem quietaçaõ. O Santo Jofeph a pè, guiando a ambos, evitando-lhes os perigos, curando da cavalgadura fraca, porque lhes naõ faltaffe. Que cançados os acharia a noyte, fem acharem em cincoenta legoas de deferto aonde repoufar fenaõ no campo à inclemencia do tempo! Que temores de feras, & de ladroens fentiriaõ naturalmente, pofto que a efperança em Deos os confiaffe! Padeceriaõ fedes, falta de fuftento, quanto penofo fuccede a caminhantes. Se huma breve jornada na propria patria, com prevençaõ de commodidades, he trabalhofa ao mais rico, & mais robufto : qual feria huma taõ larga por terras eftranhas, defprevenida em tudo, à delicada *Senhora*, ao tenro Infante, & ao canfado Jofeph fó ricos de pobreza! Os Santos Efpofos humas vezes fe defconfolariaõ vendo chorar o Menino : outras fe confolariaõ vendo-o livre do tyranno, & fempre

51 *Brocard.fup.p.2 c 4.* *Melchior de Caftro d.l.1.c.10.* *P.Fr.Jofeph d.l.4.c.27.n.1.*

52 *S.Bonaventura, c. 12. de medit.Chrift.apud P.Sylveyr.d.c.7.q. 12.n.40.*

ſempre os magoava verem-ſe deſterrados ſem cauſa. Mas que mayor cauſa que ſerem Santos. Todo o mundo he Athenas na ley do Oſtraciſmo. 53 Só tendes que ſentir, ò peregrinos celeſtiaes, a ignominia da Patria que vos perſegue; ella eſtá privada de vòs, & não vòs della; ella ficou em deſterro, pois a deyxaſtes. Tomay, Santo Joſeph, em voſſos braços eſſe bello Menino, que a Mãy, que vos ama, vos largará hum pouco, para vos alegrar: & alegray vos, ſagrada *Virgem*, porque em voſſa companhia ſente o Menino Deos o mayor regalo. Pois elle he caminho, 54 facil he a jornada: pois ſois Santos, toda a terra vos he patria.

53 Qua relegabantur eminentes virtute. Alex. ab Alex Gen. dier. l. 3. c. 20. paulò poſt princ. Et cum Ariſtot. 3. polit. Calepin. verbo Oſtraciſmus.

54 Joan 24.6.

12 Naquelle lugar de Mathurea fez a *Virgem* aſſento, & paſſou *Chriſto* ſeu deſterro, como veremos, depois que referirmos a glorioſa morte dos Innocentes em quanto a *Senhora* caminhava.

CAPITULO XXXVI.

Martyrio dos Innocentes, & o ſentimento que a Virgem Mãy *nelle teve.*

1 AO dia ſeguinte 1 do em que a *Virgem*, & S. Joſeph partirão para Egypto com o Menino *Jeſus*, expedio Herodes a ordem para a morte dos Innocentes, nomeando para algozes os ſoldados da ſua guarda. Cuyda-ſe, q̃ para execução facil, mandou com algum pretexto que ſe ajuntaſſem todos em hum lugar; 2 & executouſe aos 28. de Dezembro do anno ſeguinte ao que naſceo o *Senhor*. 3

1 Vincent. Belvacenſ. in ſpecul. hiſt. l. 6. c. 94.

2 D. Antonin. p. 1. tit. 5. c. 1. §. 4

3 Gloſſa ordinar. Haimon, Hugo, Bacon. & Beda apud Sylveyr. in Euãgel. tom. 1. l. 2. c. 8. q 9. n. 30.

2 Inveſtio aquelle exercito da Ira á Innocencia, a que erão piedoſos caſtellos os braços maternaes. Bateo primeyro os peytos como baluartes, miſturando leyte cõ ſangue, & as mãys goſtavão das feridas, fazendo-ſe eſcudo ao que mais amavão; atè que ſoccorrendo-os a morte, dava a ambos deſcanço. Tal vez o innocente eſperava com riſo, tendo por brinco de pay o movimento do matador; tal vez morria ſem ferro, puxando eſte para o tirar da mãy, & ella para o defender, ficando cada hum com ſeu pedaço. Algumas os eſcondião, & elles chorando, ſe deſcobrirão como ambicioſos do martyrio. Quatorze mil o lográrão, 4 goſtando a morte antes da vida, criminoſos em haverem naſcido, glorioſos em pagarem por ſeu Creador; fideliſſimos ſoldados, que quizerão morrer primeyro que ſeu Capitão; militárão antes de andar, pelejárão antes de brincar, derramárão ſangue antes de os crear o leyte; dos braços das mãys voárão a triunfar nos dos inimigos; trocárão os afagos pelos golpes; paſſárão ao Ceo ſem habitarem a terra, & forão grandes logo em naſcendo. Hum engenhoſo Poeta 5 à imitação dos grandes Agoſtinho, & Chryſologo, 6 quiz deſcrever aquel-

4 Salmeiram l. 3. tract. 4.

5 Marino, no poema. l'eſtraggo de Innocenti.

6 D Aug. ſerm. 8. de Sanct. tom. 10. D. Chryſol ſerm. 153.

aquella crueldade: mas naõ ſe pòde deſcrever quando o Profeta Jeremias 7 não ſoube dizer mais, ſenão que tudo erão vozes, gritos, & lagrimas; atè os algozes devião chorar.

3 Buſcou Herodes ao Bautiſta fóra dos termos de Belem, pelas maravilhas de ſeu naſcimento; 8 mas não o achou, como ja diſſemos. 9 Chegou a matar hum filho que da meſma idade tinha, havido em huma mulher com quem ſe caſara, da Tribu de Judà; 10 & ha quem diz, 11 que tres filhos ſeus matou, que a tyrannia a ninguem perdoa, & atè dos filhos teme, como ja referimos de Dionyſio; 12 & tambem ſe quiz ſanear com Auguſto Ceſar, moſtrandolhe tanta obediencia, que não queria filho q̃ lha pudeſſe negar. O Emperador ouvindo o que fizera, diſſe que *Era melhor ſer porco de Herodes, que filho ſeu*, 13 dito bem diſcreto; mas ſahira melhor de outra boca, porque no naſcimento de Auguſto ſe havia uſado quaſi ſemelhante crueldade: por ſucceder hum prodigio; q̃ ſe entendeo ſignificar q̃ naſcia hum Rey ao povo Romano, mandou o Senado (cioſo da liberdade) que não ſe creaſſe menino algum naſcido em aquelle anno. 14

4 Chegou a fama daquella crueldade de Herodes à *Virgem Mãy* hindo caminhando para o ſeu deſterro, & lhe foy hũa das grandes dores que padeceo, como a meſma *Senhora* a revelou a Santa Brigida. 15 Sentio a morte dos Innocẽtes, & juntamente a perſeguição de ſeu Filho; pois Herodes pertendia matallo em cada hum delles. Ditoſas victimas ſubſtitutos de *Christo*, ſymbolos de ſua Cruz, precurſores de ſua morte, primicias tenras dos Martyres, cuydado da Rainha dos Ceos! Hide felices aonde vos manda o ferro: entregay alegres eſſe voſſo principio: tendes porto ſeguro em naufragio de ſangue: remis o tempo com eternidades: começais quando deyxais de viver. Não vos deſemparou; mas defendeo o Rey por quem morreſtes, pois vos dà gloria antes que vida: triunfo, primeyro que trabalhos: & vos troca a terra em Ceo. Nem as mãys ficarião ſem coroa, pois ſe deve companhia no premio ao companheyro no tormento. 16

7 *Jerem. 51:15.*

8 *Luc. 1.*

9 *Supra c. 33 n. 1. & 6.*

10 *Phil. l. 2 de Tempor.*

11 *Imperfectus Auctor apud P. Sylveyr. in Evangel. tom. 1. l. 2. c. 8. q. 4. n. 24.*

12 *Supra c. 33. n. 8.*

13 *Macrob. l. 2. Saturnal. c. 4.*

14 *Sueton. Octav. August. c. 94*

15 *Revelaç. de S. Brigid. l. 6. c. 58.*

16 *D. Chryſol. ſerm. 152. prope finem.*
Gladius, filiorum pertranſiens mẽbra, ad matrum corda pervenit; & neceſſe eſt ut ſint præmij conſortes, quæ fuerint ſociæ paſſionis.

CAPITULO XXXVII.

Como a Virgem, *& Saõ Joſeph morárão em Egypto, & alli creárão o Menino* Jeſus.

1 EM Egypto eſcolhèrão os Santos Eſpoſos para paſſarem ſeu deſterro, o lugar chamado *Mathurea* na Comarca de Heliopolis, que fora a antiga Memphis, hoje o Cairo; 1 era a que Faraò ſinalàra a Jacob, & ſeus filhos, como em figura deſta peregrinação; 2 & o nome de Heliopolis, myſterioſamen-

1 *Brocard. Caſtro. & o P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. citados ſup. c. 35. n. 11.*

2 *Joſeph de antiq. l. 2. c. 4.*

mente significava, *Cidade do Sol*, pois em seus termos habitaria o Sol verdadeyro.

2 Na mesma Comarca havia sido refugiado por ElRey Ptolomeo em tempo dos Machabeos 3 o Sacerdote Onias com grande multidaõ de Hebreos;& nella com licença do Rey edificou hum Templo, que permaneceo atè o Imperio de Vespasiano. 4 Philo Hebreo escreve, que em seu tempo (que foy o dos Apostolos) havia em Egypto hum milhão delles; 5 aquelle Templo santo, & assistencia de tantos da mesma naçaõ convidaria a *Virgem*, & ao Santo Joseph a elegerem aquella morada.

3 Como o Filho de Deos se fez o mais pobre, 6 quiz que seus pays o sustentassem trabalhando: Joseph no officio de carpinteyro, *Maria* cozendo, & lavrando por suas mãos. 7 Os Anjos se admirarião vendo em obras servís os que puderaõ servirse de Reys, & possuir todas as riquezas do mundo. A *Senhora*, para fazer os officios domesticos, entregaria o Menino ao Esposo Santo, para que o entretivesse, & o Esposo, para isto se divertiria do seu trabalho. He de considerar, que regalos receberia quando o tomava, & tratava: quam suaves seriaõ seus abraços: a graça que acharia nas innocentes acçoens, que os meninos fazem: quam doce lhe soaria, & á Mãy Santissima ouvirem-se chamar *Pay*, & *Mãy*: quam graciosas seriaõ suas primeyras palavras: quam ayroso começaria a andar, ensinando-lhe jà hum, já outro os primeyros passos: com que gosto lhe daria a *Virgem* o peyto: & quãto elle gostaria do peyto de tal Mãy. Disse a mesma *Senhora* a Santa Brigida, que era tanta a belleza do Menino quando o creava, que todos os que o vião, por muy tristes que estivessem, ficavaõ consolados, pelo que muytos Hebreos dizião huns aos outros: *Vamos ver o Filho de Maria para nossa consolaçaõ*; & ainda que ignoravaõ ser Filho de Deos, em o vendo a recebiaõ grande. 8

4 Os Egypcios, obrigados da agradavel presença de taes hospedes, os tratavaõ com benevolencia de naturaes: & elles pagavaõ com mayores beneficios; que o Sol, ainda que encuberto, influe a virtude de seus rayos. Todos os necessitados se valiaõ da *Virgem*, que ou os consolava com palavras, ou os sarava das enfermidades. Todas as mulheres que tinhaõ meninos doentes lhos levavaõ, & a *Senhora* fazia que o Menino *Jesus* os tocasse, & ficavaõ sãos. Todas as pejadas hiaõ à *Virgem Mãy* que as benzesse, & nenhuma perigava. Isto se acha naõ só nos livros Catholicos, mas tambem nos Sarracenos; 9 donde ficou às Sarracenas o costume de ainda hoje chamarem por *Maria* nos apertos de seus partos.

5 Ensaboava a *Mãy* Santissima os paninhos do Filho sagrado com a agua de huma fonte, que ainda se vè, cujo regadio fertiliza notavelmente as plantas do balsamo, a q̃ prejudica outra qualquer agua: confessaõ os Sarracenos pela tradiçaõ, que

3 *Machab.24.*

4 *Nicephor.hist.l.2 c. 4. in med. Joseph de bel.Judaic.l.7.c.30. D.Hieron.in Daniel.11.ant med. in tom 4.*

5 *Philo in Flaccum.*

6 *D Paul.ad Philip.2.7.*

7 *P Fr.Joseph de Jes.Mar. hist. da Virg.l.4.c.27.n.4.*

8 *Revel.de S.Brigid.l.6.c.1. & 58.& l.4.c.70.ad fin.*

9 *Refere tudo Jacobo de Valencia in cant.Virg. verbo*, beatam me dicent.
P.Fr.Joseph sup.n.4.

que esta virtude lhe ficou daquelle Divino contacto, & a venerão de modo que nenhum se atreve a lavarse nella sem primeyro fazer oração. 10 Quasi na mesma veneração tem o tronco de huma figueyra em que dizem, que a *Senhora* enxugava os paninhos. 11

6 Já se vè huma das razoens 12 porque o *Senhor* escolheo a Egypto para lugar deste desterro; quiz recompensarlhe com mercès os castigos que lhe dèra quando livrou os Hebreos de seu cativeyro; 13 deolhe seu primogenito pelos que lhe tirára: o Sol Divino, pelas trevas: o Medico do Ceo, pelas pragas: & pela cegueyra da idolatria, em que o deyxou, o santificou com sua assistencia, para vir a ser no povoado, & nos desertos hum Ceo de Anjos em corpos humanos, como S. João Chrysostomo com eloquente brevidade o descreve. 14 Com particular mysterio, cahindo dos altares todos os mais idolos entrando *Christo* no Egypto, 15 ficàrão em hum Templo da Cidade de Hermopolis na Thebaida trezentos, sessenta & cinco, correspondentes ao numero dos dias do anno, para cahirem de repente entrando a *Virgem* naquelle Templo, por não achar na Cidade outra casa em que se recolher: quiz o Menino Deos derribar presencialmēte os Idolos da Thebaida, cujos desertos dispunha para povoarem o paraiso. Sabendo o Principe dos Sacerdotes Gentios chamado Aphrodisio, aquelle successo, acodio acompanhado de muyta gente, & vendo o Menino, disse: *Este sem duvida he Deos dos nossos Deoses, pois elles se lhes prostrárão; se não fizermos o mesmo, podemos temer o castigo de Pharaò*, & o adorou. 16 Vinha *Christo* tirar do mundo a idolatria, & quiz logo em sua infancia começar a empreza no seu mayor seminario, que era o Egypto. 17

7 Assim passárão os tres peregrinos sete annos (segundo a opinião mais recebida) 18 aquelle desterro; se assim se pòde chamar o em que passavão companheyros, pois na presença do Menino Deos, & cada hum na propria santidade logravão patria, & quanto podião querer. Felicissima terra Egypto! mereceo crearse nella aquelle Divino Infante, de que erão ambiciosos os Ceos.

10 *Pelbart.tom.2.in l.sent.1. de Balsam.§.4.*
Jacob.de Valenç.supr.Brocard.p. 2. c.4.
Matut.na prosap de Christ.id.d. 5. c.3.§.3. & 4. Melchior de Castro na vida, & excel.da Virg.l.1.c. 10. ad fin.P.Fr.Joseph d c.27.n.3.

11 *Christophor. de Castro, hist. da Virg.c.10 n.9.*

12 *Refert plures P. Sylveyr. in Euang.tom.1.l.2.c 7.q.6.*

13 *Nota Vilheg. no Flos Sanct. vida de Christ.c.8. ad med. com São João Chrys.hom.2.ex var.in Matth.*

14 *D.Chrysost.hom.8.in Matth. tom.2.*

15 *Dissemos no cap.35 n.8.*

16 *Abulens.in 2. Matth. Carthag.de arcan.Deip.l.9. hom. 10. v. Episcopus.*

17 *Notat Orig. hom. 8. in divers.Evang.circa princip.*

18 *Baron annal.ann Domin.8.n.13 Sylveyr.sup.d c.7.q 13.n.54. P.Fr.Joseph sup.d.c.28.n.3. Horat.Sceglius Catacens. hist.à primord.Eccles p.1.l.1.vers Puer. Quidquid de triennio Nicephor.hist. Eccles.l 1.c.14. in princ. Et quidquid Maldon. in Matth. 2. atque alij.*

CAPITULO XXXVIII.

Castigo, & morte de Herodes: & como a Virgem *com o Menino* Jesus, *& S. Joseph, tornárão de Egypto para sua patria.*

1 REynou Herodes trinta & seis, ou sete annos em prosperidade apparēte por meyo de traças tyrannicas de reynar, em que era muyto perito. 1 Na vida dos tyrannos cōtinùa a Divina Providencia o castigo dos povos: mas não se descuyda de

1 *Joseph.de bel.Jud.l.1.c 21. Pedr. Mexia na Sylv. de var. liç. l. 4 c.170 P.Fr.Joseph de Jesu Mar. hist.de N.S l.4. c. 28. n. 3. Floscul. hist p.1.c.9.prope fin. & c. 10. post princ.*

de tambem os caſtigar a ſeu tempo. 2 Eſte matador de nobres, de Innocentes, de mulher, & de filhos, foy portento de maldades, & depois o foy de tormentos. Dentro de tres annos 3 cahio na doença mais miſeravel que ſe acha eſcrito que humano corpo já mais padeceſſe. Hum fogo lento nos oſſos lhe abrazava as entranhas, que ulceradas hião apodrecendo. Os pès muyto inchados manavão peſtiferos humores. Tinha os membros encolhidos com dores intenſiſſimas; a reſpiração tomada: & para alimentar eſtas penas tinha fome canina: nem morrer podia, devendo-o deſejar; mas vivo parecia ſepultado, pois o comião bichos, que lhe ſahião das partes verendas canceradas, & o máo cheyro dellas inficionava o ar. 4 Paſſou em fim de tormentos tam grandes a outros mayores, & eternos, pois o ultimo arrependimento foy encomendar a ſua irmãa Salomè, & a ſeu marido Alexas, que mataſſem a muytos nobres que tinha em prizão, para com iſto haver triſteza entre a alegria, que entendia haveria geral com ſua morte; 5 porque hum tyranno he rayo que atemoriza tambem aos que não offende: mata a alguns, & odia-ſe com todos: 6 folgão todos de que pereça: triſte couſa he viver no odio commum: & mais triſte reprovado dos bons. Porèm a irmãa, & cunhado derão liberdade àquelles prezos.

2 Morto Herodes, o meſmo Anjo Gabriel, 7 que na fugida para o Egypto havia dito a S. Joſeph que o aviſaria quando houveſſe de tornar, 8 lhe appareceo entre ſonhos, & diſſe, que foſſe *Com o Menino; & ſua Mãy para a terra de Iſrael, porque erão já mortos os que o querião matar.* 9 Fallou por plurar, ou porque hum ſó tyranno val por muytos matadores: ou porque tambem ſerião mortos os que o aconſelhavão: 10 ou porque, morto o poderoſo que manda, morrem os intentos dos que cooperão por exemplo, adulação, ou medo. 11 Aſſim ſe cumprio a profecia em que Oſeas tinha dito que *De Egypto chamaria Deos a ſeu Filho.* 12 Parece que eſte aviſo do Anjo não foy logo tanto que Herodes morreo; porque ſobre ſeu teſtamento, em que repartio o Reyno com varios titulos entre ſeus tres filhos, Archelao, Antipas, (que tambem chamárão Herodes) & Philippo, 13 forão elles em contenda a Roma, aonde ſe detiverão hum anno, 14 atè que o Emperador Auguſto o confirmou: & quando Saõ Joſeph chegou com a *Virgem*, & com o Menino, (não havendo tardado em obedecer) já achou Archelao no Reyno, como diz o ſagrado Texto. 15

3 Obedecèrão logo os Santos Eſpoſos, deyxando nos conhecidos do Egypto as devidas ſaudades. He de cõſiderar quam agradecida ſe deſpediria a *Senhora*: quam enternecida às lagrimas que alguns derramarião: com que affecto ella, & o Eſpoſo lhes prometterião amoroſa lembrança, & ſuas oraçoens: com q̃ pontualidade ſatisfarião à promeſſa: de quánto effeyto ſerião aos ditoſos, que as merecèrão. Que ſeria ver concorrer à partida

2 *Apocal.*6 11. *Luc.*18.7.& 8.
3 *Flav. Dexter, in Chron. ann.*6. *Chriſt, ubi comment. Bivar.*
4 *Joſeph. de antiq. l.*17 *c* 8.
5 *Joſeph. ſupr. d. c.*8. *ad fin.*
6 *Ovid. de art. l.*1.
Odimus acipitrem, quia vivit ſemper in armis,
Et pavidum ſolitos in pecus ire lupos.
7 *P. Fr. Man. do Sepulchro, na Refeyç. eſpirit. p.*2. *c. ult n.*22. *ad fin.*
8 *Supra c.*35. *n.*3.
9 *Matth. c.*2.20.
10 *Ex D. Hieron. in comment. Matth.* *Vilhegas, Flos Sanct. vida de Chriſt. c.*8 *ad fin. Carthag. de arcan. Deip. p.*1. *l.*9 *hom.*9. *verſ. quod ſi.*
11 *P. Sylveyr. in Euang. tom.*1. *l.*2. *c.*9. *q.*3. *à n.*13.
12 *Oſee* 11.2. *Matth.* 2.15. *De quo Carthag. d. hom.*9. *verſ ſecundu, cum ſequentib.*
13 *Joſeph. de antiq. l.*17. *c.*10.
14 *P. Fr Joſeph de Jeſ. Mar. l.*4. *c.*30. *n.*2.
15 *Matth.*2.22.

tida do Menino *Jesus* os da mesma idade, que envejados dos Anjos brincavão com elle! Que lhe dirião: & que lhes diria! Se chorarião algũs! Quantos hiriaõ com elle atè fóra do lugar! Como tornarião sós sem elle!

4 Com a mesma pobreza, & trabalho: pela mesma aspereza, distancia, & deserto do caminho que descrevemos na entrada, 16 sahirão do Egypto os celestiaes peregrinos, & voltàrão à terra de Israel, sendo o *Menino* de oyto annos. Encaminhavão-se a Jerusalem, ou para hirem dar graças ao Templo, ou para alli morarem, por ser parte principal da terra de Israel, para onde o Anjo disse que fossem, não sinalando lugar; quando ouvio Joseph que em aquella parte reynava Archelao pela divisaõ que deyxàra feyta Herodes, & confirmára o Emperador. Temeo, porque tambem ouviria, que seguia as maximas do pay; 17 pois com occasião de achar no Reyno sediciosos quando voltou de Roma; (contra os quaes se valeo de hum exercito Romano) & com outras menos graves, matou (alèm de muytos populares) mais de tres mil Cidadãos nobres; & fez taes tyrannias, que por ellas, ao decimo anno o privou do Reyno o Emperador. 18

5 Deyxando o caminho de Jerusalem, se foy o Santo Joseph, (por ordem do Ceo em sonhos) & a sua santissima companhia para a provincia de Galilea, que com titulo de Tetrarcha governava Herodes Antipa; filho do mesmo pay; simulando brandura para fazer guerra ao irmão. 19 Escolheo para habitação a Nazareth, ou por aviso do Anjo, 20 ou outra revelação. 21 Assim se cumprio o que estava dito, que se chamaria *Jesus Christo Nazareno*; 22 pela creação, & morada que alli teve.

6 Em Nazareth seria a *Senhora* recebida como em patria. Que perguntas lhe farião sobre sua ausencia tão apressada! Seu juizo lhe dictaria reposta, sem faltar nem ao mysterio, nem á verdade. Como festejarião crescido o *Menino* que dalli sahira de peyto! Quantos ainda sem conhecimento, o hirião ver, só pela fama da belleza que nelle se admirava? 23

7 Em aquella Cidade assentàrão sua pequena, mas illustrissima casa, librado o sustento no trabalho de suas mãos: Joseph pela carpinteria; a *Virgem* por cozer, & lavrar; sem por isto se deslustrar sua nobreza, como dissemos quando della tratamos. 24 A mesma *Senhora* disse a Santa Brigida, que algũmas vezes lhe acodiaõ pessoas piedosas, de maneyra, que nem tinhão superfluo, nem lhes faltava o necessario: 25 que mayor riqueza? como a não teria, quem tinha tal Filho? Era Filho, & era Pay.

16 *Supr. c. 25. n. 5. com os seguintes.*

17 *Sylveyr. d. l. 2. c. 9. q. 8. n. 29.*

18 *Joseph. d. l. 17. à c. 10. usque ad fin. & de Bell. Jud. l. 2. à c. 1. usque ad 6. Egesip. de excid. Hierosol. l. 2. c. 1. & 2.*

19 *Carthagena d. hom. 9. in fin.*

20 *D. Chrysost. hom. 9. in Matth. post med. tom. 2.*

21 *Vilhegas d. c. 8. in fin.*

22 *Matth. d. c. 37. ad fin.*

23 *Vide supr. c. 37. n. 3. ad fin.*

24 *Supr. c. 13. n. 12.*

25 *Revelaç. de S. Brigid. d. l. 6. c. 53.*

CAPITULO XXXIX.

O que padeceo a Virgem Mãy *na affliçaõ do* Menino *perdido, & como o achou no Templo, mostrando aos Doutores da Ley o tempo, & vinda do Messias.*

1 ALèm dos sabbados de cada semana, & da que chamavão *Neomenia* (que he o mesmo que novilunio) 1 no primeyro dia de cada mez, que se começava com a Lua nova, celebravão os Hebreos cada anno cinco festas principaes antigas; *Paschoa*, aos quinze da Lua de Março, em memoria da liberdade do Egypto, *Pentecoste* (que se interpreta *Quinquagesimo*) 2 cincoenta dias depois, em lembrança da Ley dada a Moysés aos cincoenta dias depois de sahidos do cativeyro; 3 a das *Trombetas*, ao primeyro de Setembro, por ser o dia em que Isaac foy livre do sacrificio; a *Propiciaçaõ*, aos dez do mesmo, pelo perdão da idolatria do bezerro; & a *Scenophegia*, chamada dos *Tabernaculos*, aos quatorze do dito mez, na qual fazião cabanas de ramos, em que comião, lembrando-se de que assim vivèrão seus passados quarenta annos no deserto. Depois se instituirão outras, como a dos *Encenios*, cuja significação já dissemos, 4 memoria da reedificação do Templo pelos Machabeos.

2 *A Paschoa*, *Pentecostes*, *Scenophegia*, por mais solemnes, tinhão oytavario, & todos os homens erão obrigados a hir assistir no lugar que fosse determinado, 5 & foy o Templo de Jerusalem. Com os que moravão muyto longe se dispensava nas duas: mas na *Paschoa* só por impedimento muyto preciso; 6 & porque os homens não temessem deyxar suas casas expostas a ladroens, & outros perigos. Deos lhes tinha promettido no Exodo 7 que lhas guardaria seguras, em quanto fizessem aquellas ausencias.

3 Posto que a Virgem *Maria*, por mulher, se não comprehendia no preceito, não faltava com São Joseph em aquellas solemnidades; 8 porque a grande virtude obra mais do que deve; & com elles hia sempre o Menino *Jesus*, como a *Senhora* disse a Santa Brigida. 9 Sendo elle de doze annos 10 forão a Jerusalem em huma Paschoa, que aquelle anno cahio a quinze de Abril em huma quarta feyra. 11 Posto que ainda em Jerusalem reynava Archelao, 12 que havião temido quando vierão do Egypto, 13 nenhum temor lhes impedia guardarem a Ley de Deos.

4 Quando, acabados os dias de festa voltàrão para Nazareth, ficou o *Menino* em Jerusalem, sem a *Virgem*, nem S. Joseph verem que ficava; porque ainda que nas operaçoens communas, em

1 *Anton. Nebriss. in diction.*

2 *Nebriss. supr.*

3 *Vilhegas na vida de Christ. c. 50. post princ.*

4 *Supr. c. 14. n. 3.*

5 *Exod. 23. 14. & 34. 23. Deuteron. 12. 5 & 14. 23. & 16. 16.*

6 *Traz isto com grande erudiçaõ o P. Fr. Manoel do Sepulchro, da Ordem Serafica, na Refeyç. spir. p. 1. c. 8 n. 3. & 4.*

7 *Exod 34. 24 Explicat D. Aug. q. 161. Not. P. Sylv. in Euang. c. 1. l. 2. c. 10. q. 1 n. 3.*

8 *D. Bonav. & alij apud Sylv. d. l. 2. c. 10. q. 1.*

9 *Revel. de S Brigid. l. 6. c. 58. Maldo. ad. in 2. Luc. n. 109. Juvenc. l 1. hist. Euang.*

Ad templum lætis puerum perducere festis.
Omnibus annorum vicibus de more solebant.

10 *Luc 2. 42.*

11 *P Fr. Man. do Sepulchro d. c. 8. n. 1 cum Baron annal. an. 48.*

12 *P. Sylveyr. d. c. 10. q. 3. n 2. cum Joseph de antiq. l. 7. c. 10.*

13 *Sup. c. 38 n. 4.*

em quanto homem, lhes era obedientiſſimo, 14 & aſſim nada faria ſem ordem ſua, no que obrava como Redemptor, ſeguia ſó a vontade do Eterno *Pay*, 15 ſegundo a qual em aquella occaſião quiz dar principio a ſeu officio, & moſtrar hum rayo de ſeu conhecimento.

5 Eſta diſpoſição Divina pode mais que o vigilante cuydado que tinhão os pays da terra; & tiverão elles juſtà cauſa para o não acharem menos; porque aſſim como no Templo eſtavão ſeparados os homens das mulheres, 16 tambem nas feſtas de grande concurſo, os homens ſahião por hum caminho, as mulheres por outro: ſós os meninos, & meninas podião hir com quem quizeſſem; 17 & aſſim cada hum dos pays ſantiſſimos de *Jeſus* cuydava que o *Senhor* hia na companhia do outro, 18 não que a *Virgem* creſſe com juizo ultimado, & firme; (porque ſeu entendimento nunca errou) mas aſſim lhe pareceo por conjectura provavel. 19

6 Juntos no fim da primeyra jornada, quando achárão menos o Divino Filho, ficárão de ſentimento, como quem o amava tanto, & por tantas razoens, & tinha tanta obrigação de guardar aquelle depoſito ſagrado. Conhecião, que como Deos, nem ſe podia haver perdido por erro, nem deyxava de eſtar ſeguro em qualquer parte; mas tambem conſideravão que ſe havia feyto homem, ſugeyto à fraqueza de menino expoſta a todos os trabalhos na auſencia dos pays; 20 ou (conſidera o grave Doutor Maldonado 21) aſſim como quem lè hum texto eſcuro da Eſcritura Santa, ſe cança com pena em lhe alcançar o ſentido: aſſim os amoroſos pays ſe dohião de não penetrarem o ſegredo daquella auſencia. Não he neceſſario pedir perſuaçoens à Rhetorica, nem fatigar a eloquencia para encarecer huma pena, que ſó imaginada treſpaſſa o mais duro coração. Foy louvor de pays tão laſtimados não os obrigar dor tão grave aos exceſſos, que ſemelhantes afflicçoens coſtumão cauſar. Sem fazerem extremos ſe dohião: o juizo ſuſtentava o valor, & conciliava a mayor compoſtura com a mayor màgoa.

7 Sem deſcançarem voltàrão logo a Jeruſalem de noyte, porque não repouſavão em buſcar o querido: a ancia divertio o cançaſſo; & o deſejo dava azas. Perguntava a *Mãy Eſpoſa* aos q̃ encontrava pelo amado, dandolhes ſinaes, & pedindo-lhes que ſe o viſſem, lhe diſſeſſem ſua pena. 22 Augmentava-ſe a màgoa da *Virgem* vendo a meſma em Joſeph: nelle ſe dobrava ſentindo tambem a da *Virgem*: não caberião duas penas tam grandes em hum ſò coração, ſe cada hum não eſtivera no *Menino Deos*. Quem alli pudera dar novas a ambos do Filho amado! dizerlhes que eſtava ſem perigo; & que brevemente o acharião com muyta gloria! Que alviçaras teria! Mas que mayores alviçaras que darlhes alivio? O' Eterno *Pay*, como não mandaſtes hum Anjo a conſolar quem tanto amaveis? Quizeſtes

14 *Luc.c.2.51.*

15 *Explicaõ o P. Fr. Joſeph. de Jeſ. Mar. hiſt. da Virg. l. 4 c. 32 n. 1. P. Sylveyr. d. c. 10 q. 7. n. 22. cum Beda. Maldonad. in 2 Luc. n. 111. verſ. ad tertiam. Carthag. de arcan. Deip. l. 10. hom. 2. verſ. Cardinalis.*

16 *Joſeph. de bel. Jud. l. 6. c. 6.*

17 *P. Sylv. ſup. tom. 1. l. 2. c. 10. q. 9. & 10. Juvant. Barradas in 2. Luc. & Carthagen. d. l. 10 hom. 6. v. alij*

18 *Luc. d. c. 2. 44.*

19 *P. Sylveyr. d. c. 10. q. 14. n. 42.*

20 *Sylveyr. d. c. 10 q. 13. n. 39.*

21 *Maldonad. in Luc. 2. n. 115.*

22 *Cant. 3. 3. & 5. 8.*

stes que tão cedo começasse a alma da *Virgem* a ser trespassada com a espada que disse Semeão ? 23 Quem poderá investigar vossos altos juizos ? 24

8 No fim do primeyro dia achàraõ menos o *Menino* : no segundo chegàraõ a Jerusalem, & o buscàraõ, rodeando toda a Cidade por ruas, & becos, como tinha dito Salamaõ; 25 & entretanto, consideraõ os espirituaes, que de dia estaria no Templo em oração, às noytes se recolheria em algum hospital, & à hora de comer pediria esmola; 26 atè que no terceyro, que foy Domingo, 27 * o achàrão no Templo (aonde sempre se acha a Deos) sentado entre os Doutores.

9 Costumavão os Hebreos ter disputas sobre a Ley, no Templo, & nas Synagogas. Os Doutores para decidirem sentados em cathedras: os nobres em cadeyras ordinarias: os populares em terra sobre esteyras: & tambem a estes se permittia fallar, pedindo licença. 28 Foy o *Menino* àquelle acto, no qual entendem os Escritores 29 que se estava tratando sobre a vinda do Messias: & admittido, *Ouvio, perguntou, & respondeo* com tanta prudencia (diz o Evangelista Saõ Lucas 30) que todos pasmavão. Não diz que ensinava, ou decidia, podendo-o fazer melhor que todos: mas *Ouvia*, por se accommodar com o q̃ era conveniente à sua idade, 31 & tomar semelhança de discipulo; *Perguntava*, porque perguntando com prudencia arguhia, & ensinava; 32 *Respondia*, mostrando que se como homem ouvia com humildade, como Deos respondia soberanamente. 33 Não diz o Texto que pasmavão de sua subtileza, mas *De sua prudencia*, porque só na prudencia consiste a substancia. 34 Estava sentado entre os Doutores, que o admittirão entre si obrigados da graça, & sabedoria, que nelle admiravão; 35 & tambem era de admirar como o não conhecião, vendo-o tão admiravel.

10 A alegria de Anna quando vio de longe ao Moço Tobias seu filho. 36 Todos os exemplos, & comparaçoens saõ muyto curtas para de algum modo representarẽ quam alegres ficàraõ os amorosos pays com sua vista; igualmente admirados do como o achavão. Mas aquelles coraçoens capazes dos mayores gostos, & das mayores penas, se abstiverão de toda a demonstraçaõ em quanto durou a disputa. 37 Acabada ella, & separado o concurso da gente, se chegàraõ ao *Menino*, & a Senhora, com o tenro affecto com que o havia buscado, lhe disse: *Filho, que nos fizestes assim ? Vosso pay, & eu vos buscavamos lastimados*. 38 *Filho*, foy a primeyra palavra, em que rompeo seu amor: com ella adoçou mais a queyxa de amante, que lhe fazia; & sendo tanto aventajada em dignidade, sua molestia nomeou primeyro a S. Joseph por marido. 39 *O Senhor* respondeo: *Porque me buscaveis ? Naõ sabieis que me importava occuparme nas cousas que saõ de meu Pay ?* Como dizendo: *Porque me buscaveis em outra parte, senaõ no Templo, tratando os negocios de meu Pay Eter-*

23 *Luc.2.35.*
24 *Sapient.9.13.*
25 *Cant.3.2.*
26 *Sylveyr.d.c.10 q.15.n.47. Carthag.d.l.10.tom.6 vers.his jam. Villegas na vida de Christ c.9 post med.*
27 *P. Fr. Man. do Sepulchr. sup. p.1.c.30.n.9.*
28 *D. Ambros. in 1. Cor. 14. ad fin. & in Luc.2 D. Antonin. p. 1. tit. 5.c.1. § 5.*
29 *Villeg. d.c.9 post med. Fr. Joseph de Jes. Mar. supr. n.4. Carthag. d.l.10. hom.1 vers. illud.*
30 *Luc d.c.2.47.*
31 *P. Fr. Joseph d. n. 4. P. Fr. Man. do Sepulchro supr. d. p.1.c.8 n. 19.*
32 *D. Hieron. ep. ad Paulin. de divin. hist. libris post princip.* Magis docet dum prudenter interrogat.
33 *P. Joseph & Sepulchr. supr.*
34 *Diximus in tract. perfect. dect. qualit. 23.n.26. vers. si glossa, & supra p.1.c.31.n.6.*
35 *Sylveyra d. cap. 10. n. 48. in exposit.*
36 *Tob.11.6.*
37 *Maldonad. in 2. Luc. n. 114. in text. Et dixit Mater. P. Joseph. n. 5.*
38 *Luc supr. 48.*
39 *Notat D. Aug. apud Maldon. in 2. Luc. n. 115.*

Eterno? 40 Estas são as primeyras palavras que os Evangelistas referem de Christo. Havendo-lhe a Virgem fallado no Pay putativo da terra, elle lhe fallou no pay verdadeyro do Ceo, para honrar mais o titulo que lhe dèra de *Filho*, 41 & ficar a *Virgem* mais illustrada com ser Mãy do Filho de Deos. Os mysterios destas palavras não acabárão de entender *Maria*, & Joseph Santissimos: o como, & o porque, explicão os Expositores; 42 mas tudo a *Senhora* conservava em seu coração. 43 Prosegue o sagrado Texto, que dalli tornou com elles o Menino *Jesus* para Nazareth. Quantos parabens lhes daríão os amigos de haverem achado o Menino perdido!

40 *Ita explicat Maldon. sup. n.* 117.

41 *P. Fr. Manoel do Sepulchro d. c.* 8. *n.* 26.

42 *Maldonad. supr. n* 118. *Carthagena d. l* 10. *hom.* 13. *ad fin. vers denique. O P. Fr. Joseph d. n.* 5 *& Fr. Manoel supr. n.* 27. *referem outros.*

43 *Luc d. c.* 2. 51.

CAPITULO XL.

Da vida de Christo *Senhor nosso, de idade de doze annos até os vinte & nove, com sua* Mãy *Santissima. Descreve-se a estatura, & feyçoens de seu corpo sagrado.*

1 EM Nazareth fez morada esta *Trindade* da terra; & diz São Lucas que *Jesus* estava sugeyto a *Maria*, & a Joseph. 1 No Templo de Jerusalem descobrio rayos da sabedoria Divina, & logo os escondeo na nuvem da sugeição humana; hia assim mostrando ambas as naturezas. 2 Qual admiraremos mais, (pergunta São Bernardo) a benignidade do Filho em obedecer, ou a excellencia dos Pays em mandar? Em tudo ha milagre; porque obedecer Deos, he humildade sem exemplo: mandar a Deos, he dignidade sem igual. 3 Huma, & outra obrigão o homem a que se humilhe, pois vè a Deos humilhado: & a que respeyte muyto a *Virgem*, & a Joseph; pois vè que os respeytou Deos: era Ley Divina honrar os pays; 4 & quem vinha ensinalla, dava melhor lição com o exemplo. 5

2 Conclue o Evangelista; que *Jesus crescia em sabedoria, idade, & graça diante de Deos, & dos homens*; 6 no habito sempre a sabedoria, & graça foy infinita: mas conformando-se com o estylo de homem, crescia nas demonstraçoens ao passo da idade; 7 como a claridade do Sol sempre a mesma, se diz que vay crescendo quando sóbe ao Zenith: andava o *Menino* na escola da *Virgem*; 8 que muyto em tudo crescesse?

3 Não contão os Evangelistas mais da vida de *Christo* dos doze annos atè os trinta de sua idade; & este silencio falla muyto, no muyto que nos dá para considerar quam escondida esteve a Omnipotencia Divina; ensinava; que antes de ensinar he necessario humilhar, & calar muyto. Em parte deste tempo fallou o Bautista do *Senhor*, & quando fallou voz tam grande, 9 se escusava outra. Só a *Virgem Mãy* pode accrescentarnos as noticias que deo à gloriosa Santa Brigida, dizendolhe: 10 *Que era*

1 *Luc.* 12.

2 *Notat Sylveyra in Evang tom* 1. *l.* 2. *c.* 10 *q.* 16. *n.* 87. *vers. secund. Fr. Man. do Sepulchr. na Refeyç espirit. p.* 1. *c.* 8. *n* 28.

3 *D. Bern. hom.* 1. *sup. Missus est, ad fin.* Elige quid amplius mireris: sive filij benignissimam dignationem, sive matris excellentissimam dignitatẽ. Utrimque stupor, utrimque miraculum: & quod Deus fœminæ obtemperet; humilitas absque exemplo: & quod Deo fœmina principatur, sublimitas sine socio.

4 *Exod* 20. 17 *& Deuter.* 5.

5 *P. Sylveyr. sup. d. n* 87. *vers. tertio, & n.* 88. *P. Fr Joseph de Jes. Mar. hist. de N. S. l.* 4 *c.* 32. *in fin.*

6 *Luc. d. c.* 2. *in fin.*

7 *Vide D. Thom.* 3. *p. q.* 7. *artic.* 11. *in corp. Maldonad. in* 2. *Luc. à n.* 105 *Sylveyr. d c.* 10 *q* 27 *n.* 96. *&* 97.

8 *S. Ildephons. de B. V.* Sub Mariæ disciplina infans Deus versatur.

9 Vox clamantis. *Matth.* 3. 3. *Marc* 1. 3. 4. *Joan* 1. 23.

10 *Revel. de S Brigid. l.* 6. *c.* 58.

era continuo na oração (para dar exemplo , & occupar melhor em Deos as forças naturaes.) 11 *Hia nas festas com a mesma* Senhora , *& com São Joseph ao Templo de Jerusalem , & a outros lugares. Trabalhava algumas vezes de mãos em cousas decentes. Fallava com os mesmos santos Pays palavras divinas , & de consolação, de maneyra que continuamente estavaõ cheyos de ineffavel gozo. Quando estavaõ em temores , difficuldades , & necessidades , os exhortava à paciencia , & os guardava maravilhosamente de desejar felicidades de outros. Que as cousas necessarias lhes vinhaõ humas vezes por mãos de pessoas pias , outras do trabalho das suas , de modo que tivessem o necessario , & naõ o superfluo , porque só procuravaõ servir a Deos. Que com os amigos que o vinhaõ ver conferia familiarmente em casa sobre a Ley , suas significaçoens , & figuras; & que em publico disputava tambem com os sabios ; os quaes se admiravaõ , & diziaõ : Olhay como o Filho de Joseph ensina os mestres , espirito grande falla nelle. Que era taõ obediente , que quando São Joseph dizia* (acaso) *que fizesse alguma cousa , logo a fazia ; porque de tal maneyra occultava o poder de sua Divindade, que a naõ descobria , senaõ à mesma* Senhora , *& algumas vezes a São Joseph. Que muytas vezes o viraõ rodeado de luz admiravel, & ouviraõ cantar sobre elle vozes de Anjos. Que tambem viraõ que os espiritos immundos , a que naõ podiaõ expellir os exorcistas approvados na Ley , sahiraõ dos corpos só com o verem.* O de trabalhar *Christo* por suas mãos tinha dito São Basilio 12 antes desta revelação por verosimil. Saõ Justino Martyr 13 particularizou , que obrava na carpinteria cousas necessarias , como arados , jugos de boys , & outras semelhantes , & não as curiosas, & superfluas. O Padre Joaõ de Carthagena 14 diz que só trabalhava privadamente por curiosidade. Oh grandezas do mundo , que pouco valeis , pois por instrumentos mechanicos vos troca a Sabedoria Divina !

4 De sua estatura, & feyçoens tratão Authores modernos, 15 seguindo o antigo Nicephoro , 16 & a carta que o Romano Publio Lentulo Proconsul em Judea escreveo ao Senado quando o *Senhor* prègava. 17 Hum Pintor que ElRey Abagaro , ou Augaro , mandou a Judea para o retratar , ficou tam cego do esplendor do seu rostro, que nem huma linha pode lançar; 18 hoje sós os reflexos daquella luz em nossa memoria pòdem obrar o mesmo ; porèm como entaõ o piedoso *Senhor* satisfez à devoção do Rey imprimindo o Retrato milagrosamente no panno q̃ o Pintor aparelhára (o qual se conserva na Igreja das Religiosas de S. Sylvestre em Roma:) 19 assim sua *Māy* Santissima nos acodio com a descripçaõ que fez a Santa Brigida, como se segue. 20

5 *Com sua vista eraõ os bons cheyos de consolaçaõ espiritual & atè os māos eraõ livres da tristeza do mundo em quanto tinhaõ os olhos nelle. Aos vinte annos foy perfeyto na grandeza , & fortaleza de homem. Seu corpo seria como o mayor entre os homens de meã estatura,*

11 *Sic explicat P. Joseph d. l. 4. c. 36. p. 1.*

12 *D. Basil. in const. Monach. c. 5 post med.*

13 *D. Justin. dial. cum Tryphone.*

14 *Carthagena de arcan. Deip. & Joseph. p. 1. l. 4. hom. 4. v. Verum.*

15 *Vilhegas no Flos Sanct. vida de Christ. c. 10. Diogo Matute na prosap. de Christ idade 3. c. 4. § 1. P. Joseph supra , l. 1. c 42.*

16 *Nicephor. hist. Eccles. l. 1. c. 40*

17 *Costuma andar esta carta entre as obras de S. Anselm. de form. & morib. B. M. tom. 3 Refere-a Costa nos discurso contra a perfidia Judaica c. 7. ad fin. & o P. Fr. Joseph de Jesu Mar. d. c. 42. n. 4 Faz mençaõ della o Bispo Garcia Galarza Euanget. instit. l. 8. c 1. & outros Escritores.*

18 *Nicephor. supra l. 2. c. 7.*

19 *P. Ant. Guilhelm. no trat. da Santissi. Trindade , discurs. 35. v. Ma se alcuno.*

20 *Revel. de S Brigid. l. 4 c. 70. ad fin.*

tura deſtes tempos. Naõ era carnoſo, mas corpulento de nervos, & oſſos. O cabello, & barba loura: eſta nem muyto larga, nem muyto comprida; mas gracioſamente moderada. A teſta nem muyto levantada, nem muyto cahida, mas direyta. O nariz igual, & de meã proporçaõ. Os olhos taõ claros, & puros, que atè ſeus inimigos ſe deleytavaõ em os ver. Os beyços vermelhos, & naõ groſſos, mas claros. As faces decentemente cheas de carne. A cor branca còrada. O corpo direyto, & em todo elle naõ havia mancha alguma, como teſtemunhavaõ os que o viraõ deſpido atado à columna.

6 Podemos accreſcentar o em que a *Senhora* não fallou. Da carta do Lentulo: *Que o cabello èra liſo atè quaſi à orelha, & para bayxo creſpo, apartado com canal pelo meyo da cabeça a uſo Nazareno. A barba partida. Os olhos garços entre verdes. Que nunca foy viſto rir: chorar ſim.* E do retrato de Nicephoro (que elle diz faz por tradição dos mais antigos) 21 *Que as ſebrancelhas eraõ negras, & arqueadas. Os olhos tiravaõ a garços. Nunca navalha tocou ſua cabeça, nem outra maõ ſenaõ a de ſua Mãy quando era pequeno. O peſcoço naõ era muyto levantado, de maneyra que a preſença foſſe ardua. O roſto nem redondo, nem comprido: todo parecido a ſua immaculada Mãy.* Mas como o excellente juizo do grande Poeta Stacio, pintando ao valente Achilles muyto ſemelhante a ſua mãy Thetis, 22 não diminuhio nelle a fórma varonil: aſſim a de *Chriſto* Senhor noſſo na imitaçaõ da belleza da *Senhora* guardava o decoroſo de perfeyto varaõ; aquelle q̃ cõ ſummo poder, & ſabedoria, dèra a todas as couſas fermoſura conveniente a ſuas naturezas, & officios, tomou para ſi tal gentileza, q̃ entre o ſuave, & ſevero compuzeſſe hum ſugeyto agradavel, & reſpeytado, qual convinha ao miniſterio de Prègador que vinha exercitar. 23 Neſte ſentido, & medida regulada lhe chamou David, *Eſpecioſo na fórma mais que todos os homens*; 24 & nos Cantares encarece a Eſpoſa Santa ſua grande belleza.

21 *Nicephor. d. c. 40. in princip.* Sicut à veteribus accepimus.

22 *Statius l. 1. Achilleidos, ante med.* Et plurima vultu Mater ineſt.

23 *Sic advertit Epiſcop. Galarz. d. c. 1. ad med.*

24 *Pſalm. 44. v. 3.* Specioſus forma præ filijs hominũ.

CAPITULO XLI.

Tranſito feliciſſimo do glorioſo Saõ Joſeph Eſpoſo da Virgem *Santiſſima.*

1 AOs vinte & nove annos de idade de *Chriſto* Senhor noſſo, antes de ſeu Bautiſmo, ſegundo a melhor opiniaõ, 1 paſſou deſta vida o grãde Patriarcha *Joſeph*, glorioſo Eſpoſo da *Virgem*, ſendo pouco menos de ſetenta annos. Em quanto naõ chegava o tempo de ſe manifeſtar Filho de Deos, quiz o *Senhor* conſervallo vivo por Pay; tanto q̃ chegou aquelle tempo, quiz livrallo da pena que participaria em ſua payxaõ; favor que naõ fez a ſua *Mãy* Santiſſima; porque (entre outras razoens)

1 *Epiphan. hereſ. 7 & 8. Comeſtor hiſtor. c. 38. Cedren. in compend. hiſtor Vilhegas, Flos Sanct. vida de S. Joſeph, ad fin. Matut. na proſap. de Chriſt. idad. 5. c. 1. §. 9. poſt med. Carthagen. de arcan Deip. & Joſeph p. 1. l. 4. hom 3. verſ. circa, & l. 18. hom ult. §. 7. verſ. alij graviſſim. P. Fr. Joſeph. de Jeſu Maria viſt. de N. S. l. 4. c. 33. n. 1.*

zoens) em quanto as portas do Ceo naõ eſtavaõ abertas, havia lugar decente para ſua alma.

2 Hum Anjo aviſou a Saõ Joſeph do tempo de ſeu tranſito: & o Santo pedio, & alcançou de Deos que lhe aſſiſtiſſe o Archanjo Saõ Miguel, alèm do ſeu Anjo Cuſtodio, 2 baſtava aſſiſtirlhe *Chriſto*, & a *Virgem*. 3 Que amoroſa ſeria aquella deſpedida! Que lagrimas derramaria a *Virgem* com o ſentimento natural, por Eſpoſo taõ amado, taõ ſanto, & que taõ fielmente a havia ſervido! Alli lhe prometteria, que por mais que a dignidade de *Māy* de *Deos* a levantaſſe, conſervaria ſempre a eſtimaçaõ de ſer ſua Eſpoſa. Com que affectos lhe daria o Eſpoſo as graças de ella haver ſido cauſa de ſua dita; & a conſolaria de ſua falta com que ficava no amparo do Filho Deos! Com q̃ doçura de palavras lhe ſeguraria o *Senhor* o premio dos ſerviços feytos a ſeu Eterno *Pay*: da creaçaõ que a elle dèra: & particularmente da companhia que fizera á *Virgem*: & quam fiel guarda havia ſido de ſua pureza! Como a diſporia, & animaria para fazer alegre aquella jornada! Sē duvida lhe diria (cōſidera hū devoto eſpirito) 4 q̃ os eſtreitos laços da filiaçaõ repreſentada na terra, ſe aperfeyçoariaõ no Ceo, aonde obedeceria a ſeus rogos, como cà obedecē a ſeus mādados: & ao nome de *Pay* correſpōderia a gloria no Paraiſo. A bēçaõ q̃ em tal hora coſtumaõ lançar os pays aos filhos; lhe pediria como homem: mas o Santo velho repararia em darlha, antes lha pediria como a Deos; & o *Senhor*, por obediente, 5 lha lançaria. Que ſegura parteria aquella alma a juizo; onde ſeu filho era o Juiz! todos os Santos, por humildes, pòdem duvidar da ſentença: ſó Joſeph naõ podia, pois lha ſegurava o meſmo Deos; podia dizer com David: *Neſtas ſombras da morte naõ temerey males, pois vòs, filho, & Senhor; eſtais comigo.* 6 E melhor que Simeaõ: 7 *Soltay, Senhor, eſte voſſo ſervo da priſaõ da carne, & levay-o à paz, pois naõ ſó viraõ meus olhos o Salvador, mas vezes ſem conto o trouxe nos braços, & tantos annos o converſey.* Mas reparay, Santiſſimo Joſeph, que os Santos deſejaõ morrer para hirem eſtar cō *Chriſto*, como dizia Saõ Paulo: 8 & vòs morrendo deyxais a companhia de *Chriſto*. Reſponde por Joſeph hum douto, 9 que certificado o Santo de que Deos queria tirallo deſta vida, antepoz a Divina vontade a ſeu goſto.

2 *Carthagen d.hom.3.verſ.quāvis*

3 *D. Bernardin. Senenſ. tom. 3. ſerm de S. Joſeph. Carthag. d. verſ. quamvis.*

4 *P. Fr. Joſeph. d. c. 3. n. 3.*

5 *Luc. 2. 51.* Erat ſubditus illis.

6 *Pſalm. 22. v. 4.* In medio umbræ mortis non timebo mala, quoniam tu mecum es.

7 *Luc. 29.* Nunc dimittis ſervum tuum in pace; quia viderunt oculi mei ſalutare tuum.

8 *D. Paul. ad Philip* 1. 23. Deſiderium habens diſſolvi, & eſſe cum Chriſto.

9 *Carthagen. d. hom. 3. verſ. ſed dices.*

3 Entre tanto, que medroſa eſtaria a morte de chegar aonde eſtava o Rey da vida, & de commeter aquelle que tantas vezes o livràra de ſeus perigos! Mas o *Senhor* lhe daria licença para chegar; porque a taõ grande Santo ſó ſervia de tranſito feliz para vida melhor. Sahio, & voou aquella alma com as azas da graça para o repouſo do Limbo.

4 Se *Chriſto* chorou vendo chorar a Magdalena, & morto a Lazaro, 10 bem ſe pòde crer que chorou vendo chorar ſua *Māy*, & morto a Joſeph. 11 Cerroulhe o *Senhor* os olhos, mandou a Anjos que o amortalhaſſem: lançoulhe a bençaõ,

10 *Joan. 11.*

Joan. Gerſon. in Joſeph. Sat credere fas eſt quod patrem Jeſu, & ſponſum flevit morientem Virgo benigna ſuum.

çaõ, & prometteo que a lançaria aos que offerecessem sacrificio em honra de sua morte no dia della, que foy vinte de Junho; tudo isto se conta que referio o mesmo *Senhor* aos Apostolos. 12

5 Vestirão-se do luto usado a Santissima *Esposa*, & o *Filho* Divino: acompanhárão o enterro conforme o costume: 13 recebêrão pezames, & fizerão-lhe funeral; seguindo em tudo o estylo do mundo. 14 Foy sepultado no valle de Josaphat, 15 junto donde depois foy a *Virgem*.

6 Oh morte felicissima, em que o Padre espiritual que ajudou a bem morrer, foy o *Salvador*! Exequias as mais honradas com a assistencia dos mais soberanos Principes! Memoria a mais gloriosa, em que forão herdeyros, & testamenteyros *Jesus*, *& Maria*! Oh alma venturosa! com que festas serias recebida no Seyo de Abraham, de tantos Patriarcas, Profetas, Reys, & varoens Santos informados pelos Anjos de quem eras! Que novas te perguntarião do Messias, da que mereceo ser Mãy sua, & se estava já perto a redempçaõ da primeyra culpa!

7 Tem os Doutores 16 por certo com grandes fundamentos, que no dia da Resurreyção de *Christo* resuscitou S. Joseph, & que em corpo, & alma está no Ceo. Pudera o *Senhor* resuscitallo antes, como a Lazaro; mas parece que quiz que assim como juntos vivêraõ mortaes, juntos resuscitassem gloriosos. 17

8 A gloria que goza se infere de seus meritos; presumilla eminente, he muyto facil: especular em que grão, mais que difficil. Se dar hum bocado de paõ a quem tem fome, hum pucaro de agua a quem tem sede, cobrir hum despido, he direyto para a bemaventurança eterna, por ser aquelle necessitado representação de *Christo*; 18 qual a possuirá quem vinte & nove annos continuos sustentou, & vestio com seu trabalho ao mesmo *Christo*, sendo o *Senhor* tam poderoso, tam agradecido, & achando-se tam extraordinariamente obrigado? Se nos mayores Santos he argumento da gloria que gozão a enchente de visoens espirituaes, & a communicação com q̃ os illustrou *Christo* em vida; qual será a de quem tantos annos, em todas as idades, & em todas as horas o communicou tão familiarmente? O lugar devido á dignidade de Pay putativo, & Ayo verdadeyro do Filho de Deos, & de Esposo da Rainha do Ceo, he muyto superior a toda a imaginação. 19

9 Foy S. Joseph santificado no ventre de sua mãy; 20 foy Anjo corporeo da guarda de *Christo*; porém não prosiga a penna louvores de vida tam heroica, & tam fecunda de singularidades, pois em tanto golfo naufragaria. Ponderar só huma de suas excellencias, offenderia as mais, & qualquer que se escolhesse pareceria menor comparada com as outras, como São Jeronymo disse com bem menor occasião. 21 Teve tantos dons, além do exercicio das virtudes, que especial providencia o fez incomprehensivel a todos os elogios mais encarecidos, & estudados

12 *Carthag. d. l. 4. homil. 3. vers. quamvis Ex Isidor. Insulan. l. 1 de S. Joseph, & refert Grattan. l. 1 de vit. S. Joseph c. 3.*

13 *Carthagen. d. hom. 3 vers. His addo.*

14 *Cum Gregon in Joseph. in distinct. 12 P. Joseph. d. c. 33. n. 2.*

15 *Beda de loc. Sanct. c. 16. in 3. tom.*

16 *D. Bernardin. Senens. serm de S. Joseph art. 3. c. 1 tom. 3. Richel. de laud. Virg. lib. 4. art. 7. Viguer de instit. c. 20 § 9. de myster. Incarn. Gerson. serm. de Nativ. Virg. Carthag. sup. l. 18. hom ult § 7. Matute d. c. 2. § 9. ad fin. P. Joseph d l 4 c 44*

17 *Carthagen. d. hom. 5. vers. His addo.*

18 *Matth. 25. 40.*

19 *Vide infra c. 72 n 10.*

20 *Carthag. d. l. 18. hom. ult. § 1*

21 *D. Hieron. in Epitaph. Fabiol.*

dados, Suas acçoens, conforme a Salamaõ, lhe saõ a mais eloquente lingua. 22 E finalmente, como, para louvar o marido de sua irmãa Gorgonia, considerou o grande Nazianzeno, 23 com mais razão em huma só palavra louva dignamente a São Joseph, quem diz, *Que foy Esposo da Virgem Maria*; foy tam grande, que a *Mãy* de Deos, Rainha do Ceo, Senhora do mundo, lhe chamou *Senhor*, pelo titulo de marido.

22 *Proverb.* 31.13. Laudent eam in portis opera ejus.

23 *D. Gregor. Nazianz. orat.* 11 Vultis uno verbo virum describam? Vir illius; neque enim scio quid amplius dicere necesse sit.

24 *Notavit Gerson serm. de Nativit. Virg.*

CAPITULO XLII.

Como Christo Senhor nosso se ausentou a primeyra vez de sua Mãy Santissima para hir a ser bautizado por São Joaõ.

1 JOaõ filho do Sacerdote Zacharias, & de Santa Isabel, 1 prima coirmãa da *Virgem*, 2 annunciando ao pay por hũ Anjo, concebido por milagre, santificado no ventre da mãy, 3 cuja vida *Christo* canonizou por Angelica; 4 creado nos desertos desdo tempo da perseguição dos Innocentes, 5 vestido de pelles de camelos, comendo gafanhotos, & mel sylvestre: 6 em cumprimento das Profecias, 7 aos trinta annos & meyo da idade de *Christo*, 8 prègava com a vida, & com a voz no deserto de Judea junto ao rio Jordão, a vinda do *Redemptor*, o Reyno do Ceo, penitencia, & bautismo, que naquelle estado era só hum precursorio para o da graça, 9 & huma disposição para quem o recebia ser perdoado dos peccados actuaes confessandose peccador, & protestando fazer penitencia. 10 Sendo *Christo* luz que alumiava as trevas, 11 & naõ podendo a luz desconhecerse entre as trevas, foy conveniente à incredulidade dos homens vir João dar testemunho della. 12

2 A ouvillo, & ser por elle bautizado, concorria muyta gente de toda Judea, & Jerusalem. 13 Dizem que não fez o Bautista milagre; 14 parece mais que milagre converter homens de Corte.

3 Chegava *Christo* ao tempo de se manifestar de todo para remir o peccado: & começou em contraposição do primeyro peccador: peccou Adam querendo parecer Deos: 15 & Christo Deos quiz parecer peccador, bautizandose: & quiz santificar as aguas, para lavarem os peccados no Bautismo que havia de instituir. 16

4 Foy esta a primeyra vez que se apartou de sua Santissima *Mãy*, & deyxando-a só, pois já lhe faltava São Joseph, 17 havia muytas razoens para saudades: padeceo a *Virgem* neste mysterio como nos outros de nossa redempção.

5 Andou o *Senhor* a pè sem companhia, & com pobreza, mais de trinta legoas de Nazareth ao Jordaõ. Chegou para se bautizar entre a multidão que concorria; mas conhecendo-o o Bau-

1. *Luc.* 1.
2. *Vide sup. c.* 12 *n.* 36. *post med.*
3. *Luc supr.* 11. *cum seqq.*
4. *Matth.* 11.10. *Luc.* 7.27.
5. *Vide supr. c.* 35 *n.* 6.
6. *Matth.* 3.4. *Marc.* 1.6.
7. *Isai* 40.3. *Malac.* 3.1. & 4.5.
8. *Garcia Galarz in instit. Euãg. in epit. post lib.* 8. *l.* 2. *n.* 1.
9. *Cap. Non regenerantur* 235. *de consecrat. dist.* 4 *Ex D. Aug. sup. Joan. tract.* 5. *ad cap.* 1.
10. *D. Thom.* 3. *p. q.* 28. *art.* 3. *ad* 1 *Scot.* 4 *dist.* 2 *q* 2. *lit. A n* 2. *D. Chrysost. in* 3. *Matth, hom.* 10. *post princ. P. Sylvei. in Evangel tom.* 1. *l.* 3. *c* 1 *q* 17. *n.* 50. *P. Sepulchro, Refeyç. espirit. p.* 1. *c.* 9. *n.* 6. *in fin. Vilhegas no Flos Sanctor. vida de Christ. cap.* 10. *ao fin.*
11. *Joan. c.* 5. Lux in tenebris lucet.
12. *Joan. supra* 7. Hic venit in testimonium, ut testimonium perhiberet de lumine.
13. *Matth.* 3.5. *Marc.* 1 5.
14. *D. Chrysost. hom* 4 *ante med. ad ep.* 2 *Paul ad Thessalon. c.* 2.
15. *Genes* 3.5.
16. *D. Aug. l.* 5. *de baptism. c.* 9. & *serm.* 29 *de tempor. plures rationes vide apud Sylveira d. l.* 3 *c* 2. *q.* 1.
17. *Suprà cap præcedente.*

Bautista, ou por espirito, 18 ou porque vio sobre elle hũa pomba, (como entende huma glosa de direyto Canonico;) 19 final que tinha aprendido do Ceo; reparou com reverencia em bautizar aquelle por quem antes devia ser bautizado; até que dizendolhe o *Senhor* que assim convinha, elle obedeceo. 20

6 Entrou a verdadeyra arca do testamento no mesmo lugar do Jordão por onde a figura tinha passado quando os Hebreos vinhão do Egypto. 21 Para remir o homem, que aspirou a Deos, 22 se ajoelhou o Filho de Deos aos pès de hum homem; & parecendolhe pouco ajoelharse aos pès de tam grande homem, como era o Bautista, se ajoelhou depois aos de Judas, 23 que era o mais vil. Appareceo hum resplandor que mostrou os Ceos abertos: & o espirito de Deos em figura de pomba desceo sobre *Christo*: & huma voz do Ceo disse: *Este he meu Filho amado em quem me gozo*: 24 o que virão, ouvirão, & entendèrão todos os circunstantes; 25 exaltando assim o Eterno *Pay* ao Filho que se humilhava tanto. E persignando-se a fórma do Sacramento do Bautismo, 26 na voz do *Pay*, presença do *Filho* encarnado, & pomba que signava o *Espirito Santo*. 27

7 Por isto se chama esta festa *Theophania*, que significa *Manifestação divina* do Filho. Foy em hum Domingo, 28 dia sexto de Janeyro, 29 & decimotercio do trigesimo primeyro anno de *Christo*. 30 Em outro tal dia seis de Janeyro, havia sido a Epiphania, que significa *Manifestação de sima*, porque a fez a Estrella que appareceo aos Magos. 31 Esta *Theophania* celebra a Igreja ao dia oytavo da Epiphania como conclusaõ daquella solemnidade. E em aquelle sagrado lugar do rio Jordão obrou Deos largos tempos grandes milagres. 32

8 De fazer este solemnissimo Bautismo de *Christo*, ou de haver sido quem primeyro bautizou, se deo a S. João o renome de *Bautista* por excellencia. 33

18 *Horat. Scoglius Catacens. hist. à primord. Eccl. p. 1. l. 1. vers. jamque adulta, post med.*

19 *Glos. verb. antequam, in cap. aliud, de consecrat. dist. 4.*

20 *Matth. 3. 13. cum seqq.*

21 *P. Sylveyr. d. l. 3. c 2. q. 3. n. 9. & q. 12. n. 38. P. Fr. Man. do Sepulchro supr. p. 1. c 3. n. 34 & c. 9. n. 5.*

22 *Genes supra.*

23 *Joan. 1. 3. 5.*

24 *Matth. 3. 17. Marc c. 11. Luc 3. 22. Ita*, Cælos apertos, *explicat Sylveira supra q 15 n 52.*

25 *Sylv sup. q. 19 in princ. & q. 23. d. 86.*

26 *Apud Matthaeum 28. 19.*

27 *Ita Henriques in sum. Theol. mor. tom. 1. l. 2. c 2. n. 2.*

28 *P. Fr. Man. do Sepulchro sup. c. 29 n 10.*

29 *Cum D Hieron in Ezech c 1. Euseb. & aliis Catacens. sup. Galarz. supra n 2.*

30 *Idem Galarza ibidem.*

31 *Supra c. 33.*

32 *P. Fr. Man. do Sepulchro sup. c. 9. n. 1.*

33 *Maldonado in 3. Matth. in princ. vers. Joannes Baptista.*

CAPITULO XLIII.

Como Christo *Senhor nosso foy para o deserto; o que nelle padeceo, de que participou sua* Mãy *Santissima.*

1 LOgo 1 que se bautizou, foy *Christo* Senhor nosso para o deserto: 2 hum monte distante quasi legoa do lugar do Bautismo, à mão direyta hindo de Jerusalem para Jericò. Chamava-se *Dorohim Domyn*, que significa de *Sangue*, pelas mortes que alli executavão ladroens salteadores, a que alludio o *Senhor* em S. Lucas; 3 hoje lhe chamão os Christãos *Monte da quarentena*. 4

1 *Galarza, in fine Evangel. Institut. de vit. Christ. sib. seu cap. 2. n. 3. & omnes.*

2 *Matth. 4. Marc. 1. Luc. 4.*

3 *Luc. 10.*

4 *P. Fr. Man. do Sepulchro na Refeyção espirit. p. 1. c. 19. n 3.*

2 Escreve S. Mattheos, que foy levado ao deserto para ser tentado pelo Demonio; 5 entre muytas razoens que houve, 6 foy huma, que como *Christo* sahira do Bautismo acclamado Messias por S. Joaõ, & publicado Filho de Deos com voz do Ceo, 7 nos quiz mostrár que aos applausos seguem as tentaçoens, & para nosso exemplo se armou contra ellas, jejuando no mesmo deserto quarenta dias, & quarenta noytes, 8 de seis de Janeyro até quinze de Fevereyro: por isso o Serafico Francisco deyxou a sua benção aos Religiosos da sua Ordem que jejuassem estes dias. 9

3 Satanás, 10 ou Satael, (o mesmo que fez cahir nossos primeyros pays, como em seu lugar dissemos: 11 Maldonado 12 lhe chama Lucifer) para acabar de conhecer se era *Jesus* o Messias de Deos, (no que duvidava) 13 em fórma visivel; huns dizem que primeyro de homem, depois de Anjo, & depois de Principe; outros que na sua mesma de Demonio, 14 o tentou por gula, por ambiçaõ, & por cobiça; tres combates fortissimos às inclinaçoens do homem; & de todos sahio vencido.

4 Teve *Christo* fome com que remio a gula de Adam; 15 & Anjos (entre os quaes foy o principal Gabriel) 16 lhe trouxeraõ manjares do Ceo; que taes os dá Deos a quem não aceyta o paõ do demonio, que em fim he de pedras, como Lucifer lho offerecia. 17 Alguns dizem que aquelles manjares foraõ guizados pela *Virgem*; 18 por isso mais celestiaes.

5 Os mysterios, & doutrina que tudo isto encerrou, naõ saõ pontos de nosso instituto. A historia prosegue q̃ em aquelle deserto se deteve o *Senhor* quasi hum anno, como quem se preparava para a grande obra de nossa Redempçaõ; fazendo vida eremitica em huma cova junto ao rio Jordão; communicandose com o Bautista: doutrinando familiarmente pessoas que acaso se offereciaõ: & algumas vezes foy visitar sua *Mãy* Santissima para lhe aliviar as saudades. 19 Padeceo fome, frios, calmas, sem cama, sem casa: andava entre féras, & salvagens, como refere o Evangelista Saõ Marcos: 20 grande tormento para hum entendido: mas este está mais seguro entre féras, que entre homens.

6 Todas aquellas penalidades sentia a *Mãy* Santissima no Filho em quem vivia seu coração. *Eva* participou a Adam o gosto com que nos arruinou: 21 a *Virgem* participava de *Christo* os trabalhos com que nos remia. Todo o discurso da historia a mostrará huma *Eva* ao contrario, como o significou o *Ave* do Anjo, 22 ajudando nossa saude, como a outra nos principiou a perdiçaõ. 23

5 *Matth. d. c. 4.*

6 *De quibus Maldonado in d. c. 4 Matth.*

7 *Sup. c. praeced. n. 5. & 6.*

8 *D. Chrysost. hom. 13. post princ. in d. c. 4. Matth.*

9 *Regra de S. Francisco c 3.*

10 *Matth* 4. 10. Vade Satana.

11 *Nap. 1. c. 5 n 3.*

12 *Maldon. sup.*

13 *P. Sylveir. in Euang. tom. 1 l. 3 c. 3. q. 11. n. 67.*

14 *Sylveyr. d. c. 3. q. 17. n. 88.*

15 *D. Ambros. sup. Luc. l.* 4. In deserto esurijt, ut cibus primi hominis, quem prevaricatione gustaverat, jejunio Domini solveretur.

16 *Vilhegas no Flos Sanct. festa do Appa. ecimento de S. Miguel, ad fin.*

17 *Matth d c.* 4. Dic ut lapides isti panes fiant. *Luc* 4. *d. Petr. Chrysolog. serm.* 11. *ad fin.* Lapides esurienti offert: humanitas talis est semper inimici.

18 *P. Sepulchro d. c. 19. n. 2.*

19 *Melchior de Castro na hist de N. S. l. 1. c. 14. P. Fr. Joseph. de Jesu Maria na mesma hist. l. 4 c. 36. n. 2.*

20 *Marc. 1. 13.* Eratque cum bestijs.

21 *Genes. 3. 6.* Comedit, deditque viro suo, qui comedit.

22 *Vide* 1. *p. na introducaõ, & nesta 2. p c. 25 n. 31.*

23 *Ecclesiast. c. 23.*

CAP.

CAPITULO XLIV.

Como Christo *nosso Senhor sahio do deserto; & a* Virgem *Senhora nossa nas vodas de Canà o apressou a manifestarse para remir o mundo.*

1 HAvendo *Christo* Senhor nosso estado no deserto hum anno menos cinco dias; 1 no segundo dia de Janeyro, principio do anno trinta & dous de sua idade, tornou ao Bautista, que ainda prègava, & no dia antecedente 2 havia respondido à pergunta que lhe mandàraõ fazer de Jerusalem, sobre se era elle o Messias. 3 Em o vendo Saõ Joaõ, o mostrou com o dedo, dizendo: *Eis-alli o Cordeyro de Deos, eis-alli o que tira o peccado do mundo*; & proseguio com outras palavras o testemunho de seu Messiado. No dia seguinte, que foraõ tres do mesmo Janeyro, foy outra vez o *Senhor* ao Bautista; & elle tornou, apontando, a publicallo *Messias* com as mesmas palavras, pelo que o seguiraõ dous discipulos do mesmo Joaõ que alli se achàraõ; hum dos quaes foy Santo Andrè, que avisou a Simaõ, irmaõ seu, & o trouxe a *Christo*, & o *Senhor* lhe propoz logo o nome de *Cephas*, que se interpreta, *Pedro*. Aos quatro indo para Galilea, encontrou, & chamou a Felippe, & persuadio Felippe a Nathanael, que fosse ver o *Messias*, & Nathanael, fallandolhe, o confessou por tal.

1 *Vide supr. c. 43 n. 5.*

2 *Garcia Galarza in epit. hist. Euang. l. 2 à n. 4. in fine libri 8. inst. Euangel.*

3 *Joan. c. 1. à n. 19.*

2 Aos seis de Janeyro (que foy em terça feyra, conforme a Pedro Galesino) em Caná, lugar de Galilea, quasi tres legoas de Nazareth, 4 se celebràrão as vodas de Simaõ Cananeo, como lhe chama Niceforo; 5 a que para as honrar foy convidado *Christo* Senhor nosso, sua *Mãy* sagrada, & aquelles discipulos que jà o seguiaõ. No discurso do banquete advertio a *Senhora* que faltava vinho; & compadecida da falta em que os desposados ficavaõ, o disse ao *Senhor* para que a remediasse. Respondeo o *Senhor*, *que ainda naõ era chegada a sua hora*; com tudo mandou encher seis cantaros de agoa, & a converteo em vinho excellentissimo. Santo Epifanio refere, que atè o seu tempo, em memoria deste milagre, se convertiaõ no mesmo dia as aguas de alguns rios, & fontes em vinho. 6

4 *Galatin. in annot. ad martyr. apud Vilhegas na vida de Christ. c. 11. P Fr. Ioseph de Iesu Mar. na hist. de N. S. l. 4. c. 36. n. 2. P. Ant de Balinghen in Kalendar. Virgin. die 6. Ianuar n. 2.*

5 *Nicephor. hist. Eccles. l. 8. c. 30.*

6 *D. Epiphan. hæresi 51. Refert P. Balinghen supra n. 3.*

3 Das circunstancias que o Evangelista S. Joaõ conta 7 neste milagre, he de nosso instituto notar, *Que foy o primeyro com que Jesus manifestou a sua gloria*. De outros antecedentes naõ se tinha mostrado Author, mas que os fazia Deos porq̃ o amava: neste ostentou poder proprio; 8 & assim a Igreja lhe chama, *Bethphania*, que significa *Manifestaçaõ feyta em casa*, 9 como a *Epiphania*, *Manifestaçaõ de sima*; & a *Theophania* no Bautismo,

7 *Ioan. c. 2. à princip.*

8 *Explicant DD. apud P. Suar. tom. 2 q. 27 art. 4 disp. 17 sect. 3.*

9 *Vide supra c. 33. n. 19.*

 Mani-

Manifestaçaõ divina; todas succedidas aos seis de Janeyro, 10 dia felizmente destinado a *Christo* se manifestar.

4 Já dissemos 11 que os merecimentos da *Virgem* apressáraõ a Encarnaçaõ do *Verbo Eterno* para redempçaõ do mundo; agora vemos que à sua instancia se apressou a manifestaçaõ do *Senhor* para a executar; & com acçaõ muyto opposta a *Eva*, pois *Eva* nos arruinou por hum bocado que fez que Adam comesse: 12 a *Virgem*, para nos levantar, solicitou chegarmos ao sagrado manjar da Eucaristia, significado nesta conversaõ; 13 que por isso *Christo* lhe respondeo aqui, que *Ainda naõ era chegada a sua hora*, porque na hora que depois chamou *sua*, 14 havia de instituir aquelle Divino bocado; bem se mostrou nisto a *Mãy* Santissima *Eva* ao contrario, como dizem as letras contrapostas do *Ave* com que o Anjo a annunciou Mãy do *Redemptor*. 15 Parece que alludindo a isto, respondendolhe o *Senhor* à petiçaõ deste bocado, lhe chamou *Mulher*; 16 como Adam desculpando-se do outro bocado, disse q̃ huma *Mulher* lho dèra; 17 para se ver que se huma mulher nos solicitára o bocado da culpa, outra nos solicitava o bocado da graça, sendo assim encontradas as acçoens de ambas.

10 *Vide supr. c. 33 n. 11. & c. 42. n. 7.*

11 *Supr. c. 24. n. 2. in fine.*

12 *Supra in 1. p. c. 5. n. 10.*

13 *Guer ric. Abb. serm. 4. de Epiphan. in princip.*

14 *Joan* 13. 1. Sciens Jesus quia venit hora ejus.

15 *Luc.* 1. 38.

16 *Joan* [illegible] 4. Quid mihi, & tibi est mulier?

17 *Genes.* 3. 12. Mulier quam dedisti mihi, &c.

CAPITULO XLV.

Como a Virgem Mãy *acompanhou a* Christo *no tempo em que pregou; foy a primeyra bautizada pelo* Senhor; *dor que teve na morte do Bautista; & na entrada triunfal em Jerusalem.*

1 MAnifestarse *Christo*, foy obrigarse a obrar sem dilaçaõ: o grande, depois de conhecido, já naõ pòde dissimular acçoens heroicas: quem naõ aproveyta, naõ preceda, disse hum juizo grave. 1

2 Deyxou o *Senhor* a Nazareth por evitar envejas, & ingratidoens com que a patria costuma perseguir. 2 Passou a Cafarnaù, Cidade maritima, & metropoli de Galilea, aonde por vezes se deteve; por isto se chamou Cidade sua. 3 A *Virgem Mãy* se determinou acompanhallo; & o fez atè a Cruz, (acompanhada de Maria Salomè, & das outras Marias) porque o amava como a Filho, & pelo ouvir, & servir como a Deos, 4 & por assistir aos mysterios da Redempçaõ do mundo.

3 Por tradiçaõ desde o tempo dos Apostolos se escreve, 5 que tornando o *Senhor* ao Jordaõ, bautizou nelle a *Virgem*, a q̃ só o ser bautizada por *Christo* podèra compensar a sombra que se punha na claridade mais santa. Na *Virgem* deo o *Senhor* principio a este Sacramento: 6 nella se abrio a porta do Ceo que tinhaõ fechado Adam, & *Eva*. Depois bautizou a Saõ Joaõ

1 *Guerrico Abb serm 1. in dieb. Rogat. in princip.*

2 *Matth.* 13. 57 *Luc* 4. 14.

3 *Matth.* 9 1 Et venit in civitatẽ suam.

4 *Nicephor. hist. Eccles. l.* 1. c. 33. *Guerric serm. 4. de Assumpt. Mar. in princ. Alij plures apud P. Fr. Joseph de Jesu Mar. hist. Virg. l. 4. c. 37. n. 1.*

5 *Euthym. in Joan. c. 3. Alij apud Melchior de Castr. hist. Virg. l.* 1. c. 15

6 *Verisimile dicit Henriq. in sum. moral Theol. tom 1. l. 2. n. 5. Probat Palafox nas excellenc. de S. Pedro l. 1. c. 8.*

Bau-

Bautiſta, 7 & a Saõ Pedro; Saõ Pedro aos mais Apoſtolos; os quaes, & os Diſcipulos continuáraõ bautizando os que ſeguiaõ a doutrina do *Salvador*.

4 Prègava, & enſinava *Chriſto* Senhor noſſo com grande mageſtade, *Como quem tinha poder*, (diz Saõ Mattheos) *& naõ como os Eſcribas, & Fariſeos.* 8 O Proconſul Publio Lentulo na carta de que já fizemos mençaõ, 9 teſtemunha, *Que era terrivel no reprehender; brando, amavel, & alegre no amoeſtar, guardando em tudo madureza.* Alguns Doutores 10 dizem, que em certas occaſioens (como quando lançou do Templo os que nelle vendiaõ) 11 ſahia de ſeu roſto hum reſplandor que atemorizava os que reprehendia.

5 Acompanhava a prègaçaõ, & doutrina com eſtupendos milagres, ſarando aleijados, cegos, paralyticos, leproſos, febricitantes, ſurdos, mudos, endemoninhados, fluxos de ſangue; reſuſcitava mortos, aplacava tempeſtades, ſuſtentava nos deſertos milhares de peſſoas multiplicando os mantimentos; convertia peccadores; entendia, & deſcobria os corações; dava poder a ſeus Diſcipulos para fazerem milagres, & obrava as outras maravilhas de que eſtaõ cheyas as hiſtorias dos quatro Evangeliſtas, omittindo elles muytas, porque (advertio Saõ Joaõ) 12 naõ podiaõ eſcrever tantas, & ſó referiraõ as que baſtavaõ para moſtrarem que era Filho de Deos. Atè Joſefo de naçaõ, & profiſſaõ Judeo, no livro de ſuas antiguidades, 13 nas palavras que referem Niceforo Calixto, & S. Jeronymo dos originaes antigos, que depois riſcou a pertinacia Judaica, diſſe: *No meſmo tempo foy Jeſus, varaõ ſabio; ſe he licito chamarlhe homem: porque fazia obras admiraveis, & era Doutor dos que recebem a verdade cõ bom animo, &c.* Vay proſeguindo como os Judeos o crucificárão.

6 Com admiração, & por remedio para as neceſſidades, o buſcava tanta gente, que nem lhe dava lugar em caſa para repouſar: Gentios hião a conhecello; Principes mandavão retratallo: por fama, & por cartas ſe divulgavão ſuas noticias nas partes remotas: por montes, & deſertos o ſeguião, como exercitos, milhares de homens, com louvores, & acclamaçoens atè o quererem fazer Rey; & de tudo applaudião a mãy de que tal filho naſcèra, chamando *Bemaventurado o ventre que o trouxera, os peytos a que ſe creára.*

7 Bem ſe deyxa conhecer o goſto que deſtes applauſos receberia a *Mãy* Santiſſima; 14 porèm no progreſſo de noſſa redempçaõ todos lhe forão penſionados com penas. Soube no meſmo tempo que a virtude do Bautiſta batalhava com a fereza de Herodias, & com a ligeyreza de Herodes; & logo que eſtava prezo o que prègava contra as prizoens do peccado; metido na eſcuridão de hum carcere o Precurſor da luz do mundo; ultimamente que os Reos havião julgado ao innocente: & que era degollado João, eſcola das virtudes, Meſtre da vida, fórma da

Sãa

7 *P. Sylveira in Euang. tom 2. l.3.c.2 q.7.in princip D Aug serm. 4.de S.Joan* poſto que com razões menos ſabidas o negue Palafox *nas excellenc de S. Pedro l.1 c 11. & 12.*

8 *D. Matth. 7. in fin.* Sicut poteſtatem habens & non ſicut Scribæ eorum, & Phariſæi.

9 *Supra c.40.n.4.*

10 *Dionyſ. Carthuſian. in c. 2. Ioan Vilheg. Flos Sanct. vit. Chriſt. c.13. in princip.*

11 *Ioan. c.2 v.14. & 15.*

12 *Ioan.20. in fin. & 21. in fin.*

13 *Ioſeph de antiq. l.18. c. 5.* Ex eodem tempore fuit Jeſus, vir ſapiens, ſi tamen virum eum fas eſt dicere, erat enim mirabilium operũ patrator, & Doctor eorum, qui libenter vera ſuſcipiunt, &c. *Apud Nicephor. ſup. l.1. c.39 D Hieron. de Script. Eccleſiaſt. in Ioſeph.*

14 *Proverb.23.14.*

Santidade, regra da Justiça, espelho da virgindade, titulo da pudicicia, exemplo da castidade, via da penitencia, perdão dos peccados, disciplina da Fé; João mayor que homem, igual aos Anjos, summa da Ley, sementeyra do Evangelho, voz dos Apostolos, silencio dos Profetas, tocha do mundo, Precursor do Juiz, Aposentador de *Christo*, testemunha do *Senhor*, meyo de toda a *Trindade*, como lhe chamou São Chrysostomo, 15 ou São Pedro Chrysologo; 16 (que a ambos se attribue este elogio de São João.) João, que vivo, se duvidou se era *Christo*; 17 & morto, se cuydou que *Christo* era João; 18 João de cujas excellencias prègara *Christo*, 19 que nem adulava, nem se enganava. Soube a *Senhora* que este tam grande se entregára a huma incestuosa, & se dera em premio de hum bayle; 20 via que advertir os máos, era offendellos, porque tem o conselho por accusaçaõ; & assim, alèm do que sentia por parente do Bautista, 21 aquelle successo lhe representava o de *Christo*, pois tinha semelhante a causa, & em Corte onde se premiavaõ os vicios, era certo que se castigariaõ as virtudes

15 *D.Chrysost.homil. 15. in decollat.S Ioan. Bapt i princip. tom.* 2. Totius medius Trinitatis.
16 *D.Chrysol.serm.27 aliàs 86.*
17 *Ioan.c.1.à n.19.*
18 *Matth.c 4 2.*
29 *Matth.11.11.*
20 *Matth.d.14.à n.6.*
21 *Vide supr.2.12.n.36.*

8 Assim o determináraõ os Pontifices, Sacerdotes, Escribas, & Fariseos (offendendose mais estes, porque eraõ hypocritas soberbos) por inveja dos applausos, & por odio das reprehensoẽs; 22 mas receavaõ a authoridade que o *Senhor* tinha com o povo. 23 Quem o temia reprehendendo, muyto o venerára callando; porèm a verdade naõ trata de valer com os homens. A pezar dos grandes, cinco dias antes da Paschoa hindo *Christo* a Jerusalem, foy recebido com triunfo. Gente innumeravel tirava ramos das arvores para o festejar; homens, & meninos a grandes vozes o acclamavaõ *Messias*, Rey mandado por Deos, & com as capas lhe alcatifavaõ o caminho. 24 Os Reys do mundo saõ nas Cidades recebidos com palio que lhes cobre o Ceo, ficandolhes a terra descuberta: a *Christo* cobriaõ a terra, ficandolhe descuberto o Ceo. 25 Entrou no Templo, lançou delle com imperio os vendedores que o profanavaõ; curou cegos, & aleijados: ensinou: reprehendeo os Sacerdotes, & Escribas, disselhes o castigo que teriaõ: 26 & em tudo se mostrou soberano. Grande gloria para a *Mãy*! porèm sabendo (como o Senhor tinha declarado) 27 quam proxima estava sua payxaõ, já começavaõ a padecer as maternaes entranhas. *Eva* no combate da serpente já cantava victoria, na imaginaçaõ de Deosa já triunfava da mortalidade: 28 a *Virgem* no triunfo do Filho estava combatendo; quando a verdade o acclamava Deos, o sentia mortal. Custosa troca do *Ave* com que o Anjo a saudára!

22 *Matth.27.18.Marc.15.*
23 *Matth.21.46.*
24 *Matth sup.8.*
25 *Notat Fr.Heitor Pinto, p.2. dial.1.c.16.*
26 *Matth.d.c.21.cum seqq.*
27 *Matth.20.18.*
28 *Genes.3.5.*

9 O livro intitulado, *Discurso contra a perfidia Judaica*, 29 refere, com Lactancio, Cassaneo, & Mayolo que os Sacerdotes elegèraõ a *Christo* por Sacerdote em hum lugar que vagàra dos vinte & dous; & no livro, em que se assentavaõ seus nomes, & pays, puzeraõ: *Jesu Christo Filho de Deos vivo, & de Maria Virgem*

29 *Livro intitul.Discurs.contra a heretica perfidia Iudaica.*

Virgem; & que em tempo de Justiniano estava o livro em poder dos Judeos de Tiberiades: a continua assistencia que o *Senhor*, quando estava em Jerusalem, fazia no Templo ensinando, 30 mostra este Sacerdocio.

30 *Matth.* 26. 55. Quotidie apud vos sedebam docens in templo. *Et Marc* 14. 49. *Luc.* 19. 47. *&* 21. 17. *&* 22. 53.

CAPITULO XLVI.

Como os Judeos determinarão matar a Christo, *o Senhor se preparou para a sua Payxaõ, ceando o Cordeyro Pascoal com seus Discipulos, lavandolhes os pès, instituindo o Sacramento da Eucaristia, ordenando os Sacerdotes, despedindose delles, & em particular da* Virgem Mãy, *& subio a orar no Horto.*

1 A Grande gloria se faz odiosa aos que a admirão sem lhe poderem chegar. Os Caldeos chamavão aos Romanos injustos em darem triunfos; pois em lugar de premio, expunhão os triunfantes à inveja, inimigo que não poderião vencer, posto que tivessem vencido muytos outros. Louvavão aos Egypcios, porque aos vencidos tratavão com brandura, & aos vencedores não castigavão com honras publicas. Assim Marco Aurelio, dandolhe o Senador Albino parabens da pompa com que o Senado o recebêra vindo victorioso dos barbaros; respondeo, que não se sentia obrigado aos Senadores, porque teria muyto trabalho em aplacar os que se havião offendido daquella demonstração. A triunfal com que entrou *Christo* em Jerusalem, 1 atiçou a inveja, & odio de seus inimigos a fazerem novas juntas para buscarem qualquer meyo de o matarem; 2 não querião quem os accusasse com o exemplo.

1 *Supra c.* 45. *n.* 8.
2 *Matth.* 26. 4. *Marc.* 14. 1. *Luc.* 28. 2.

2 Donde começaremos a narração de como o executárão? daquelle furor Judaico, ou da paciencia do *Senhor*? das dores da *Virgem*, ou da obrigação que temos de chorar? Se as pedras se quebrárão, que coração se não enternecerà? Se o Sol se escureceo, que olhos terão luz para escrever? Se o véo do Templo se rompeo, que papel se não rasgará? Se os mortos resuscitàrão, como não haverà em tudo confusaõ? Que sentido se não perderà quando a mayor maldade mata a mayor virtude? Summariamente recopilaremos a substancia deste successo, o mais lastimoso; & tambem será nelle prodigio que assim o possamos proseguir.

3 Na casa de João, cognominado Marcos, 3 que Maria mãy do mesmo João tinha dedicada, & bem preparada para hospedar a *Christo*, & aos seus; 4 (que ficou por antonomasia com nome de *Cenaculo*, chamandose assim os que os antigos costumavão ter no mais alto de seus aposentos, ornados com particulares

3 *Flav. Dexter an. Christ.* 34. *Beda de loc Sanct. c.* 3. *D. Damascen. serm de Assumpt. Virg. Alex. Monach. orat. de Laud Virg.*
4 *Alex. Monach. supra.*

res alfayas,& aceyo, para nas ceas se banquetearem, 5) quiz celebrar *Christo* a Pascoa dos Azymos, que naquelle anno principio do trigesimo quarto de sua idade, 6 cahio em sesta feyra vinte & cinco de Março, segundo a melhor opinião; 7 posto que alguns digaõ 8 que em tres de Abril. Comeo na noyte antecedente (como a Ley mandava) 9 com os Discipulos o Cordeyro Pascoal, que o figurava; & depois se assentou para a cea ordinaria.

5 *Late describit Alex. ab Alex. Gen. l. l.5.c.21.*
6 *Garcia Gatarza Inst. Euang. ad fin. lib. 8. in epitom. hist. l 4. in titulo.*
7 *Flav. Dexter in Chron. an. Chr 34 Gatarz. Euangel. instit. post l.8. in epitom hist Euang. l.7. n 1. P. F. Joseph de Jes. Mar. na hist. da Virg. l 3 c.17 n 4. P. F. Man. do Sepulchro na refeyç. espirit. p 1 c.37. n.8. Fr Bernardo de Brito na Monarch. Lusitana p 1 l.5 tit.1 post med.*
8 *Lucind. de vero die passion c 9. Vilhegas no Flos Sanctorum, vida de de Christo c. 39. junto do fim.*
9 *Exod c.12.*

4 Levantandose no meyo da Cea, 10 com admiravel, exemplo da mayor humildade lavou aos Discipulos os pès com que lhe havião de fugir: 11 & a Judas os com que o foy entregar; 12 arriscando mais sua reputaçaõ pondo-se aos pès dos peccadores, que quando o Fariseo lha duvideu vendo a peccadora a seus pès. 13 Ministrou na agua suas lagrimas, 14 ficando assim aos pès dos homens as lagrimas de *Christo*: & Deos (disse David 15) poem em seus olhos as lagrimas dos homens.

10 *Joan 13.4.*
11 *Matth. 26.5 & 6. Marc. 14.50.*
12 *Matth. sup. 15. & 47. Marc. sup. 10. Luc. 22 4.*
13 *Luc 7.39.*
14 *D Ephr. en.*
15 *Psalm. 55. v. 9.* Posuisti lacrymas meas in conspectu tuo. *Legit Genebrard.* In oculis tuis.

5 Tornou à mesa, & abrindo os thesouros de sua benignidade, enriquecendonos de inexplicaveis dons, 16 instituhio o Sacramento dos Sacramentos, mysterio da Fé, preço da redempção, remedio das saudades, cifra do amor, pão da vida, summa do bem, ostentação, & termo da Omnipotencia, memoria de suas maravilhas. Chamou-se Sacramento da Eucharistia, que significava acçaõ de graças, 17 pelas que o *Senhor* deo a seu Eterno *Pay* quando o instituhio, 18 & pelas que devemos dar a Deos na sagrada mesa em que o commungamos. 19 Oh magnificencia! Oh liberalidade nunca ouvida! Charidade mais que excellentissima! Quem nos deo a si mesmo, que nos poderà negar?

16 *D Chrys hom. 24. post princ. in c.10. prior. epist. Paul. ad Corinth.*
17 *Polyanth. verb. Eucharistia, in princip.*
18 *Matth. 26.27. Luc. 22.17. Paul. ad Corinth 1 c. 11.24.*
19 *Bosio na lucha dos hereges, c 1 no princip.*

6 Ordenou os Discipulos Sacerdotes: deo-lhes com novos sermoens soberana doutrina: annuncioulhes proxima sua Payxaõ: despedio-se delles amorosamente; 20 & em particular da *Māy Santissima*, 21 que com as santas mulheres que a acompanhavão, & com a māy de Joaõ Marcos dono da casa, em outra parte della, celebrava tambem a Pascoa no mesmo tempo. 22 Dos Discipulos se despedio, mostrandolhes que hia morrer voluntario, & para os prevenir, & confortar: da *Māy*, para satisfazer ao amor; pois nem era necessario prevenir huma amante que tudo conhece; 23 nem confortar sua resignação em Deos. Que lastimosa despedida! Sabendo a *Virgem* pelas profecias o que seu Filho hia padecer, parece que os Evangelistas em a não referirem, a quizeraõ deyxar á nossa consideraçaõ; acompanhe esta as lagrimas da *Senhora*, que não se pòdem explicar com palavras.

20 *Matth. 29. Marc. 14. Luc. 22. Joan. 13 cum seqq*
21 *Canis de B. Virg. l.4. c.27. P. Fr. Joseph sup. l.4. c.41. n.3.*
22 *Melchior de Castro, hist. da Virg. l.1 c.16. P. Joseph sup cum Metaphrast. trat. de ortu, & dormit B. Virg.*
23 *Virgil. 4. Æneid.* Quis fallere possit amantem?

7 Sahio *Christo* bem de noyte com seus onze Apostolos (havendose Judas ausentado a trahillo) para o horto *Gethsemani*, no valle de Josafat, entre os montes Sion, & Olivete, cercado de altos cedros com huma só entrada, 24 aonde quando se

24 *Vilhegas no Flos Sanct. vida de Christo c. 26. no princ. P. Fr Joseph sup. l. 5. c. 16. n 2.*

ſe achava em Jeruſalem, coſtumava hir a orar: 25 deyxando na entrada os oyto, levou comſigo ſós tres, Pedro, Jacobo, & Joaõ; 26 que como na Transfiguração o virão Deos, 27 na afflicção o viſſem homem. Pouco apartado delles ſe poz em oração com o roſto em terra, como dandolhe oſculo da paz que os Anjos tinhão annunciado em ſeu naſcimento. 28 Alli com duello admiravel combatèrão em ſeu peyto, de huma parte a agonia de conſiderar os tormentos que o eſperavão: a ingratidão de Judas, a negação de Pedro, a fugida dos mais Apoſtolos, a perſeguição que teria ſua Igreja, & todos os peccados já commettidos, & que ſe havião de commetter no mundo, porque peſſoas, & ſuas circunſtancias: de outra parte o muyto que nos amáva, o deſejo de noſſo remedio, & todos os bens que reſultarião de ſua Payxão. O affecto natural procurava conſervar a vida; a promptidão do eſpirito facilitava os temores da morte; atè que, depois de porfiada contenda, a que acodio hum Anjo, (preſume-ſe que foy o Santo Gabriel 29) reſignada a vontade no decreto Divino, ſeu amor, & noſſa dita alcançárão vitoria; 30 mas com tanto ſangue, que as veas, & arterias do ſagrado corpo, de muyto trabalhadas derão lugar a que elle ſahiſſe 31 a regar, & fecundar a terra, que pelo primeyro peccado fora amaldiçoada. 32 Não ſe lè, nem ſe ſabe que chegaſſe a tanto alguma outra afflicção. Se tanto lhe cuſtou ſó a imaginação do que havia de padecer, quanto mais cuſtaria a realidade?

25 *Luc.22.39.Joan.18.2.*

26 *Matth.29.27.Marc.14.33.*

27 *Matth.17.1.Marc.9.1.Luc.9.10.*

28 *Luc.2.14.*

29 *Vilhegas ſuprà d.c.26. ad fin. & na feſta de S. Miguel ad fin.*

30 *Matth d c.26 45. Marc.14.41 Luc.22 ex n.43.*

31 *Luc.22 44.*

32 *Geneſ.5.17.*

CAPITULO XLVII.

Narração ſummaria da Payxão de Chriſto *Senhor noſſo, & do que a* Virgem *Senhora noſſa padeceo nella.*

1 Tinha ficado a *Virgem* no Cenaculo com ancias de auſente amante que imagina o amado entre penas. Eſperava as novas que lhe virião, & qualquer movimento que ouvia ſe lhe figurava menſageyro; quando chegárão alguns diſcipulos correndo atemorizados. 1 Delles ſoube que Judas, por dinheyro, 2 guiára ao horto os que forão prender a *Chriſto*; que temendo os Apoſtolos o eſtrondo com que hião, moſtrára o *Senhor* que ſó a elle buſcavão; q̃ fora encontrar, & darſe a conhecer aos que hião prendello, & elles cahirão em terra com reverencia, & temor; que o traydor o ſaudára com *Ave*, 3 dando principio á Payxão na myſterioſa palavra com que o Anjo annunciára o *Redemptor*; 4 como elle ſe dèra á prizão; afrontoſamente o levárão a Jeruſalem; & os Apoſtolos o deſemparárão.

2 Não ſofrèrão as entranhas de Máy deyxar de ſeguir a ſeu Filho: 5 Acompanhada da Magdalena, das outras ſantas mulheres, foy de rua em rua, ſeguindo as noticias das partes aonde

1 *Metaphraſt. orat. de ortu, & dormit. B. M. Nicephor. hiſt. Eccleſ. l.1 c.30.*

2 *Que moedas forão, diſſemos na 1. parte cap.28.n.8.*

3 *Matth.26.49.* Ave Rabbi.

4 *Luc.1.28.* Ave gratia plena.

5 *Melchior de Caſtro na vida da Virg. l.1.c.16. P. Fr. Joſeph de Ieſu Mar. na meſma hiſt l.3.c.42 n.1. com Metaphraſtes ſup.*

aonde o levavão; & impedida da muyta gente que concorria, o não alcançou senão em casa de Pilatos. Ja tinha estado nas dos Pontifices Anás, & Caifás, accusado com testemunhas falsas, esbofeteado, cuspido, & escarnecido; já tinha sentido as tres negaçoens de Pedro; já tinha passado grande parte da noyte em hum cano inferior a que corrião as aguas immundas da casa de hum delles, onde o metèraõ em quanto hião repousar nas suas camas, 6 como tinha profetizado David, 7 & fora figurado em Joseph lançado na cisterna; 8 já Pilatos, a quem de madrugada o havião remetido atado, o tinha mandado a Herodes, & este com desprezo lho tornàra a enviar, já o mesmo Pilatos o tinha offerecido ao povo em igualdade com o facinoroso Barrabás, & o povo tinha escolhido que Barrabás vivesse. Neste passo chegou a *Virgem*, quando Pilatos o mandava açoutar cruelmente, atado a huma alta columna, (que S. Jeronymo 9 diz que em seu tempo se mostrava ainda com o sagrado sangue,) & depois o entregou à vontade do povo.

6 *Carthagen. de passione Christi, fol. mihi* 303.

7 *Psalm* 87. *v.* 7. Posuerunt me in lacu inferiori.

8 *Genes.* 37. 24.

9 *Hieron. ep.* 27. *c.* 4. *Vide infra c.* 49. *n.* 15. *in fine.*

3 He o povo polvora em foguete, que tocada levemente do fogo, o sóbe com presumpçoens de rayo, atè o ostentar estrella nos confins das nuvens, & logo o desce sem estimação; seus applausos saõ fumo, que afoga as faiscas luzentes que nelle se levantàrão. Com que differença havia tratado a *Christo* havia cinco dias! 10 Então o acclamou *Filho de David*; agora o pregoava *Malfeytor*: então o acompanhou como a Rey; agora o prendia como a ladrão: então o respeytou com vivas; agora o condenava á morte: então o queria levar nos braços; agora o fazia andar com empuxoens: entaõ lhe alcatifou o caminho cõ capas; brevemente jugará aos dados seus vestidos, & ao que festejou com palmas, ferirá com canas; parece que entaõ sò tirou os ramos das arvores, preparando troncos nùs para o crucificar. E ainda ha quem se fie da aura popular? Todos se avaliaõ por mayores que os que vem cahidos daquelle favor do vulgo: não culpaõ a liviandade da plebe, mas considerão faltas em quem a naõ conservou; o soberano exemplo de *Christo* nos deve já desenganar.

10 *Suprà, &* 45. *n.* 8.

4 O que a *Senhora* vio depois que chegou, referio ella mesma a Santo Anselmo, 11 & mais miudamente a S. Brigida, da maneyra seguinte: 12 *Depois que se apartou de mim, o naõ vi, atè que o levàraõ a ser açoutado. Taõ maltratado o levàraõ, empuxàraõ, & derribàrão, que dos golpes que a cabeça recebia batiaõ os dentes huns com os outros. No pescoço, & faces lhe davaõ com tanta força, que soavaõ as pancadas em meus ouvidos. Depois disto obedecendo ao mandado de hum algoz despio seus vestidos, & voluntariamente se abraçou com a columna, a que o atàraõ sem piedade com huma corda: & começou o tormento na vergonha de se ver despido. Estava sem amigos, cercado de inimigos que feriaõ cruelmente o corpo immaculado com açoutes, que tinhaõ nos remates pontas agudas, & torcidas, proprias para rasgar as carnes.*

11 *D. Anselm dialog. de Passione Dom.*

12 *Revel. de S. Brigid. l.* 1 §. 10. *& l.* 4 *c.* 70.

Havia

Havia eu seguido a gente a ver o que se fazia de meu Filho, & puz-me em parte donde o pudesse ver. Quando lhe deraõ o primeyro golpe, foy meu coração tão trespassado de dor, que me faltavão forças para me sustentar em pè, esforçada hum pouco torney a olhar passado algum espaço, & vi todo seu corpo chagado; & tão despedaçado, que se descobria o branco dos ossos das costas; & (o que era mais lastimoso) vi que pegando-se os açoutes à carne, puxando os algozes tiravão pedaços della, ficando como regos pelo corpo. Estava meu Filho todo ensanguentado, & tão despedaçado, que já não tinha lugar sem chagas. Disse hum dos que assistiaõ: Quereis matallo antes de sentenciado? & chegando-se à columna cortou as ataduras. Tornou meu Filho a vestirse, posto que lhe derao tão pouco espaço, que hindo andando se acabou de vestir. O lugar em que punha os pès vi cheyo de sangue, & aonde os punha depois deyxava sinaladas as plantas, de maneyra que eu conhecia suas pizadas pelo sangue.

Daqui passa a *Virgem* a quando já o levavão com a Cruz ás costas, porque nem teve a triste consolaçaõ de poder ver tudo o que se fazia, não vio despillo de suas vestiduras, & vestillo, por escarneo, de purpura, porlhe coroa de espinhos, huma canna por sceptro, fingir que o saudavão como a Rey; cuspirlhe no rosto, darlhe com a canna na cabeça, & tornaremlhe a pòr seus vestidos para o levarem a crucificar. 13 Contemplativos dizem que tudo vio especialmente, para em tudo padecer com o Filho; mas só relatou a Santa Brigida o que os olhos corporaes viraõ, & proseguio assim: *Levavão a meu Filho, como costumão levar os ladroens. Alimpou o sangue que lhe cahia nos olhos, & havendo-o sentenciado, puzeraõ-lhe a Cruz às costas para que a levasse; posto que pelo caminho buscàraõ hum homem para a levar. Era a Cruz forte, & os braços della estavão no alto do principal madeyro: & ajuntados dous pàos fazia hum nò que feria no meyo das costas. Pelo caminho ao lugar da Payxão huns lhe davão pescoçadas, outros bofetadas; & taõ fortemente que eu ouvia os golpes, ainda que os não via dar.* Na relação a Santo Anselmo accrescentou a *Senhora*, que neste caminho para ver o Filho atravessou por outra parte, & lhe sahio ao encontro, pondose-lhe diante: & que vendo-a o *Senhor* tão lastimada, sem lhe permittirem deterse, lhe dissera de passo com voz amorosa: *Salve, Māy*; com que de novo lhe trespassára as entranhas.

13 *Matth. 27. Marc. 15. 17.*

Chegando com meu Filho ao lugar da Payxão (proseguio a *Virgem* a Santa Brigida) *vi alli preparados os instrumentos della, que eraõ martello, & quatro cravos agudos; & posto meu Filho no meyo, elle mesmo começou a despirse de suas vestiduras por mandado dos algozes, que diziāo: Estas vestiduras saõ nossas, por serem de homem condenado à morte: & assim lhas tiràraõ, atè o deyxarem de todo nù. Vendo-o assim hum dos presentes, chegouse a elle, & lhe deu hum panno, para cobrir a nudeza que mais pena lhe dava; do que meu Filho interiormente se alegrou muyto, & cobrio com honestidade parte do corpo. Mandàraõ-lhe que se puzesse na Cruz, & logo*

& logo obedeceo; pondo as costas nella; & pedindo lhe huma maõ, estendeo a dreyta, & depois naõ chegando a outra maõ ao lugar que estava já verrumado no outro braço da Cruz, lha estenderaõ, & puxaraõ com huma corda. Da mesma maneyra puxàraõ os pès para os fazerem chegar aos furos que estavaõ feytos; & apartados hum do outro, os pregaraõ com dous cravos pela parte mais solida no lenho da Cruz; como as mãos; primeyro o dueyto, depois o outro; & foy taõ grande a violencia, que todos os nervos, & veas se estenderaõ, & rompèraõ. Feyto isto, lhe puzeraõ (outra vez) *a coroa de espinhos, com que grandemente atormentàraõ a cabeça de meu Filho taõ digna de reverencia; de modo que o sangue, que os espinhos tiravaõ, corriaõ por todas as partes da cabeça, delle se enchiaõ os olhos, se tapavão as orelhas, & toda a barba estava ensanguentada; & assim não se via nelle cousa que não estivesse chea de sangue. Para esta cabeça tão atormentada não havia na Cruz reclinatorio algum; & a taboa do titulo estava pregada sobre a cabeça no mais alto da Cruz sobre os dous braços. Estando desta maneyra pregado, & atormentado, & doendose de mim, que estava em pè chorando, olhou com os olhos cheyos de sangue para João meu sobrinho, & encomendoulhe que tivesse cuydado de mim. Neste tempo ouvia eu dizer a huns, que meu Filho era malfeytor; a outros, que era enganador; a outros, que ninguem merecia mais a morte que elle, com o que minha dor se renovava.*

Quando lhe pregàraõ a maõ com o primeyro cravo, como fica dito, ao primeyro golpe que soou foraõ taõ conturbadas minhas entranhas, que fiquey toda tremendo sem me poder sustentar; atè os olhos naõ viaõ a luz com o susto do coraçaõ; & assim estive assentada em terra, atè que de todo foy pregado; & levantandome depois que os golpes cessáraõ, vi a meu Filho lastimosamente pendendo na Cruz; a cuja vista fiquey como Mãy tristissima taõ trespassada de dor, que quasi não podia estar em pè. Meu Filho vendome, & aos mais amigos chorar desconsoladamente, levantou a cabeça, & postos no Ceo os olhos cheyos de lagrimas, tirou do intimo do peyto huma voz alta, & dolorosa, dizendo: Deos meu, Deos meu, porque me desempara ste? Da qual voz nunca me pude esquecer atè que subi ao Ceo, sabendo que mais lhe deu motivo a compayxaõ que de mim teve, que as suas dores. Já então tinha os olhos meyos mortos: as faces pegadas aos dentes, & sumidas: o nariz afilado: o semblante tristissimo: a boca aberta: a lingua ensanguentada: o ventre vazio, & como pegado às costas, por ter jà consumidos os humores: os ossos taõ agudos, que podiaõ contarse: & todo o corpo amortecido, & fraco, como despojado de seu sangue: os pès, & mãos irtos, & estendidos em fórma da Cruz a que estaõ cravados: a barba, & o cabello com sangue; & estando assim todo seu corpo despedaçado, & pizado, só o coraçaõ estava inteyro, por ser de natureza forte, & perfeytissima; se bem todo o corpo que de minha carne tomou, foy limpissimo, & de perfeyta compreyção; tinha a carne taõ tenra, & delicada, que a qualquer golpe moderado sahia logo sangue, & era

tam branda, & pura, que por sima da pelle se podia ver nella o sangue fresco; & como era de natureza tam perfeyta, pelejava no corpo a morte com a vida, porque humas vezes subia a dor dos membros, & nervos do corpo ferido, ao coração que estava feritissimo, & inteyro, & o atormentava com incriveis agonias; outras vezes bayxava do coração aos membros despedaçados, & assim prolongava a morte com amargura.

Quando meu Filho cercado de tantas dores olhou para seus amigos chorosos, & tam angustiados, que mais quizeraõ padecer aquellas penas, ou as do inferno com seu auxilio, que vello daquella maneyra atormentado; se lhe augmentou tanto a dor pela que via padecer a seus amigos; que excedia a toda a amargura, & tribulação que no corpo, & no coração sentia, porque os amava ternamente; entam com extrema angustia exclamou da parte da humanidade ao Padre, dizendo: Em tuas mãos encomendo meu espirito. Ouvindo eu, Mãy tristissima, esta voz, me entristeci toda com a dor amargosa de meu coração: & todas as vezes que depois me lembrava desta voz, a tinha tam presente, que parecia soar de novo em meus ouvidos. Chegado mais à morte, rompendose o coração com a violencia das dores, estremecèraõ-se todos seus membros, & levantada hum pouco a cabeça para as costas; se tornou a inclinar para o peyto. As mãos encolhendose do lugar dos cravos, se desgarràraõ pouco; & todo o pezo do corpo carregou mais sobre os pès. Os dedos, & os braços se estendèraõ, & as costas irtas se apertàraõ com o madeyro. Entaõ chegandose a mim alguns dos que me conheciaõ, me diziaõ, huns como fazendo escarneo: Maria, já teu Filho morreo; outros melhor intencionados: Já, Senhora, se acabou a pena de teu Filho, & està já em sua gloria.

Havendo-se já hido a gente, & naõ podendo apartarme dalli, vejo hum com lança, & tam fortemente lhe ferio o costado, que quasi o passou atè a outra parte, & quando a retirou, appareceo o ferro vermelho com o Sangue. Foy de tanta dor para mim este golpe, como se trespassára ao meu coração.

5 Tambem referio a *Virgem* à mesma Santa [14] o que passou no descendimento da Cruz, & na sepultura de seu Filho; alli se vio sepultada viva, & mais morta que se morrèra; morta no que amava, & vivendo às penas. Para nosso intento basta o referido, como dirá o capitulo seguinte; nem se pòde comprehender tudo o que padeceo. Assim o Juiz foy julgado: a Justiça condenada: a Innocencia blasphemada: a gloria atormentada: a Vida morta: Deos escarnecido.

[14] *Revelaç. de S. Brigida d. l. 1. c. 20. & l. 2. c. 21. & d. l. 4. c. 70. & l. 6. c. 11.*

CAPITULO XLVIII.

Como a Virgem Mãy *cooperou para remir, & levantar o mundo da quéda do peccado.*

1 O Grande Pintor Timantes, não se atrevendo a representar a dor de ElRey Agamenon vendo sacrificar sua filha Iphigenes, lhe pintou o rosto cuberto com hum véo: 1 os Evangelistas sagrados naõ escrevéraõ a que *Maria* Santissima padeceo na Payxão de seu Divino *Filho*, porque nehumas palavras a podião declarar. 2

2 As dores de qualquer filho considera o direyto civil que sentem os pays mais que as proprias; 3 & *Christo* era Filho unico da *Virgem*, & todo seu, pois não tinha pay na terra; 4 Filho Deos, cujo amor era na *Senhora* à medida da graça, mayor que todas as creaturas; 5 a que se accrescentava saber a *Senhora* que o Filho padecia por ella, assim como por todos os outros que remia. Se as leys civis condenavão à morte juntos pay, & filho delinquentes, se executa primeyro no pay, porque seria inhumanidade matar o filho à sua vista; mas á vista da mais amorosa *Mãy* foy morto o *Filho* mais querido. Que seria ver a cada hum delles padecer duas mortes? pois tambem padecia o *Filho* a que via que a *Mãy* padecia; o tormento da *Mãy* no sangue do *Filho* era igual ao do *Filho* nas lagrimas da *Mãy*; olhando hum para o outro accrescentava, & juntamente aliviava as dores; porque a *Mãy* por mais que penava com a vista do *Filho*, não se fartava de o ver: & o *Filho* lastimandose de ver a *Mãy*, se consolava com a ter presente. Foy mayor dor que todas as que houve de todos os homens, & mulheres de que fazem mençaõ as historias divinas, & profanas, como prova hum grave Escritor. 6

3 Finalmente padeceo a *Virgem* o que padeceo *Christo*: seu coração, disse devotamente Saõ Lourenço Justiniano, 7 era espelho em que se pudèra ver o que elle padecia. A dor, com qualidade de rayo, sem fazer lesaõ no corpo, passava à alma; 8 nem penetràra o corpo do *Filho* sem passar à alma da *Mãy* que primeyro encontrava: (que elegante o disse Saõ Bernardo!) 9 A lança q̃ já não achou no lado a alma de *Christo*, alli achou a da *Virgem*: alli buscou a crueldade.

4 A tal espectaculo estremeceo a terra: rasgouse o véo do Templo: quebràraõ-se com dor as pedras: abriraõ-se as sepulturas: confundiraõ-se os mortos com os vivos, (quando a maldade triunfa da innocencia, que muyto que seja tudo confusaõ?) & o Sol, vendo-o muyto mais lastimoso que o do fingido Thiestes, de quem os antigos, & Poetas 10 disseraõ que elle apar-

1 *D. Aug. de Civ. Dei l. 18. c. 18*
2 *Carthag. de arcan. Deip. l. 12. hom. 6. ad fin.*
3 *L. Isti quidem § fin. ff. quod met. caus.* Cum penumpei filij corpus pater magis, quam filius periclitetur. *D. Chrysost. hom. 29 in Genes ad fin* Gravius illis est videre filios supplicio affici, quã si in ipsos animadverteretur.
4 *Optimè prosequitur hoc P. Ant Guillielm. tract de Sanctissim. T. in discurs. 7.*
5 *Carthagen. d. homil. 6. ante med. P. Fr. Jos. de Jes. Mar. hist. Virg. l. 4. c. 45. n. 2. & 5. cum Ubertin. l. de arb. vit c. 15. D. Anselm. de excell. Virg. c. 5.*
6 *Carthagen d. l. 12. hom. 4.*
7 *D. Laurent. Justin. de triumphal. Christ. agon. c. 21.*
8 *Luc. 2. 35.* Tuam ipsius animã doloris gladius pertransibit.
9 *D. Bernard serm in c. 12. Apocalyps. de V. M Signum magnum juxta fin.* Verè tuam, ò Beata Mater, animam gladius pertransivit; alioquin non, nisi eam pertransiens, carnem Filij tui penetraret. Et quidem postea quam emisit spiritum, tuus ille Jesus (omnium quidem, sed specialiter tuus) ipsius planè non attigit animam crudelis lancea, quæ ipsius aperuit latus, sed tuã utique animã pertransivit; ipsius nimirum anima jam non erat ibi, sed tua planè inde nequibat avelli.
10 *Camoens, Lusiad cant. 3. est. 113 Virgil. Æneid. 1. Aginus in fab. poet. c. 86. cum seqq.*

apartára os olhos, se escureceo ao meyo dia, como estava profetizado; 11 poz todo o mundo em trevas, porque tal crueldade se naõ visse; & o vestio de luto por seu peccado: naõ só os Evangelistas 12 escrevem estes prodigios, mas tambem os Escritores Gentios. 13

5 Por este modo naõ só foy a *Senhora* a honra, & fermosura dos Martyres, 14 mas muyto mais que Martyr, & tem avantejada aureola. 15 Nos outros Martyres do corpo pelo sentido, redunda o tormento à alma: na *Virgem* a compayxaõ da alma redundou ao sentido, & ao corpo: & assim foy o martyrio tanto mais nobre, quanto em mais nobre parte começou: tanto mais subido; quanto mais lhe atormentava a parte que se tem por impassivel: quanto mais dominante he a alma; tanto foy mais poderosa a redundancia della ao corpo, do que he a contraria. Nos outros Martyres o amor a Deos consola as dores naturaes com padecer por Deos; na *Virgem* atormentava mais, vendo que Deos padecia. Nos outros tiveraõ os tormentos menos duração; na *Virgem* começárão do tempo em que conheceo as profecias; 16 todos os gostos teve pensionados com a dor do que o mesmo Filho havia de padecer; 17 & agora o via padecer sem o poder ajudar.

6 Sobejava tal martyrio para matar; mas viveo a *Senhora* por milagre, & privilegio para altissimos fins; morria, & naõ podia morrer; 18 & esta preservação não tirou o merecimento, & premio da morte. 19 He verdade que os Judeos naõ queriaõ direytamente matar a *Virgem*; como aos Martyres; mas na realidade a matavão em *Christo*: como os que matáraõ os Innocentes, só a *Christo* buscavaõ; & com tudo os fizeraõ Martyres. 20

7 Sustentouse a *Virgem* na Fé, & resignação; 21 se fora necessario (diz o Doutor Serafico 22) dèra seu consentimento à morte do *Filho* para redempçaõ dos homens, por ser *Mãy* conforme ao *Pay* Eterno, & por se conformar com o mesmo *Filho*. Mais attendia à Divina vontade, & salvação das almas; que à espada que lhe trespassava o coração. 23 Por isso o valor da graça a teve em pé junto à Cruz, 24 conciliando a magnanimidade com a dor. 25

8 Naõ foy acaso, mas disposiçaõ, acharse a *Senhora* presente à Payxão do *Senhor*. Convinha (diz Saõ Bernardo 26) que como homem, & mulher concorrèraõ na corrupçaõ do genero humano, assistissem ambos em sua reparaçaõ. Houve consonancia até nas horas, entre peccar Adam, & remirnos *Christo*. Porque em sesta feyra 25. de Março foy Adam creado; 27 & em outro tal dia encarnou o *Verbo* Divino: 28 em sesta feyra seguinte se commetteo o peccado, 29 & em outra sesta feyra foy remido: 30 à hora de sexta, q̃ he o meyo dia, estendeo nosso primeyro pay o braço à arvore vedada; 31 nesta mesma hora tinha o *Senhor* estendidos os braços na arvore da Cruz: 32

11 *Amos* 8.9.
12 *Matth* 27.45. *cum seqq. Marc.* 15.33. *Luc.* 34.44. & 45.
13 *Plin. nat hist. l.* 2. *c* 84 *Flagôtius, & alij apud Euseb. in Chron.*
14 *D. Ephren. orat. ad Virg.*
15 *Cum multis DD. Carthagen. de arcan. Deip. p* 2. *l.* 12 *hom* 6 *Sylv. in Euang tom.* 2. *l.* 2. *c.* 6. *q.* 11. *n.* 47. *Matute prosap. de Christ idad.* 5. *c* 4. § 47. *Fr. Joseph de Jes. Mar. d. l.* 4 *c.* 45 & 46.
16 *P. Joseph d. l.* 4. *c.* 47.
17 *Revelaç. de S. Brigid in serm. Angel c.* 16 & 17. *l.* 1. *c.* 10. *ant. med.* Semper erat lætitia in ea mixta cum dolore.
18 *Viguerius, inst. c* 14. §. 3. *v.* 2. *Bernard. de Bust. serm. de compass. Mar. Revelaç. S. Birgit. in serm. Angel. c.* 18.
19 *P. Joseph sup. c.* 46. *n* 2.
20 *P. Suar. tom.* 2. *q.* 37. *art.* 4. *disp.* 21 *sect.* 4.
21 *D. Ambros. de just. Virg. c.* 7. *in princip. Metaphrast. orat. de ortu, & dormit. Virg. Revel. S Birgit. l* 1. *c* 20. & 27
22 *D. Bonavent. l.* 1. *sent. dist.* 48 *q. ult.*
23 *Ludov. Blosio, na Explicaçaõ da Payxaõ c.* 6. *no princip.*
24 *Joan.* 19.25.
25 *Explicat. Carthagen. d. l.* 12. *hom.* 7. 9 & 10.
26 *D. Bernard. Serm de B. V Signum magnum, in princip.* Congruum magis ut adesset nostræ reparationi sexus uterque, quorum corruptioni neuter defuisset.
27 *Dissemos na* 1. *p. c.* 1. *n.* 2.
28 *Supra c.* 24. *n* 4.
29 *Vide p.* 1 *c.* 5 *n.* 2.
30 *Supra c.* 46. *n.* 3.
31 *Vide p.* 1. *c.* 5. *n* 10.
32 *Matth.* 27.45. *Marc.* 15.

 à nona

à nona, que saõ tres da tarde por nossa conta, fomos naquelle primeyro pay sentenciados à morte; 33 & nessa hora morreo o *Redemptor* para nos dar vida: 34 finalmente quando logo depois da sentença, foy lançado Adam do Paraiso terrestre, & posto hum Anjo à porta para impedir a entrada, que foy à mesma hora da nona, 35 entaõ descendo ao Seyo de Abraham, abrira *Christo* as portas delle, 36 para que os Santos Padres, q̃ alli estavaõ encerrados, sahissem a entrar no Paraiso celestial que fazia patente. E para que houvesse mayor consonancia, assim como *Eva* esteve ao pè da arvore regalando a vista na fermosura do seu fruto, 37 estivesse a *Virgem* ao pé da Cruz, 38 doendo-se de ver nella taõ desfigurado o fruto de seu ventre: como Adam peccou pela mulher, que sahira do seu lado; 39 *Christo* remio o peccado assistindo ao seu lado outra mulher: como Adam lançando a culpa a *Eva* lhe chamou *Mulher*, tirandolhe o doce nome de *Esposa*; 40 assim *Christo* na Cruz chamou à Virgem *Mulher*, 41 callando o nome doce de *Mãy*. Cumprio-se o que Deos tinha dito à serpente quando enganou *Eva*: que a *Mulher* lhe pizaria a cabeça; 42 pois havendo *Eva* colhido o fruto da arvore para nos matar, 43 a *Virgem* na arvore da *Cruz* nos deu o fruto de seu ventre para nos dar vida: & havendo *Eva* culpada pegado a doença ao marido, 44 que nos inficionou; a *Virgem* innocente participou das chagas com que sarámos: 45 como a quèda se originou de *Eva*, 46 a reparaçaõ começou de *Maria*. 47

33 *Luc.23.44. Vide 1 p.c.7.n.1.& c.12.n.1.*
34 *Matth.27.46. Marc.15.34. Luc.13.44.*
35 *Vide 1.p.c.12.n.1.*
36 *Psalm.106.vers.16. Symbol. Apostolor.*
37 *Gen.3 6.*
38 *Joan.19.25.*
39 *Gen.2.22.*
40 *Gen.3.12.*
41 *Joan.d.c.19.26.*
42 *Gen.3.15.*
43 *Gen supr.6.*
44 *Gen.sup.*
45 *Isai.53.5.*
46 *Ecclesiast.c.25.33.*
47 *D.Aug.serm.35.de Sanct.*

9 Por isso dizem os Doutores, que a *Senhora* cooperou com seu Filho em nossa redempção; & mereceo de *congruo* a saude do mundo, que *Christo* Senhor nosso mereceo de *condigno*. 48 Neste sentido a chamou Santo Agostinho, *Authora de nosso merecimento*; 49 Santo Irineo, *Causa da saude do genero humano*; 50 Santo Anselmo, *Reparadora de todas as creaturas*; 51 Saõ Pedro Chrysologo diz, 52 *Que os Anjos se admiraõ de que os homens houvessem merecido por huma mulher a vida eterna*; 53 Saõ Pedro Damiaõ, *Que por ella, com ella, & nella se fez tudo, de maneyra que assim como nada se fez sem ella, 54 assim nada se refez sem ella.* 55 Accrescenta o veneravel Fr. Joseph de Jesus Maria, que ainda que a Payxão de *Christo* era bastantissima para remir muytos mundos, convinha a assistencia da *Virgem*, para que por sua compayxão alcançasse o fruto aos que por si desmerecessem alcançallo; & como o *Filho* aplacava ao *Padre*, & nos alcançava perdão: a *Mãy* como advogada em nome de todo o mundo, com sua dor se mostrasse agradecida & escusasse a ingratidaõ com que os homens tratavão o *Redemptor*. 56

48 *De hoc latè P. Fr. Joseph de Jesus Mar.h st.Virg.l.1.c.17.n n.2. & l 3 c.37.n.1.Carthagen de arcan. Deip.p.1 l.1.hom.3.& l.12 hom.11.*
49 *D.Aug.supr.*
50 *D.Irineus l.contra heres.133.*
51 *D.Anselm.de excel Virg.c.11*
52 *D.Petr.Chrysol.serm.142.*
53 *Rupert.apud P.Benedict Fernand.in Genes.c.1.sect 2.n.7.*
54 *Joan.c 3.*
55 *D.Petr.Damian.apud Benedict.Ferdin.supr.* Per ipsam, cum ipsa, & in ipsa totum hoc faciendum decernitur: ut sicut sine ipso nihil factum est, ita sine illa nihil refectũ sit.
56 *P.Fr.Joseph sup.l 4.c 43.n 1.& c.45 n.5.ad fin.*

10 Por estas, & outras razoens *Christo* Senhor nosso representandonos a todos em Joaõ, declarou a *Virgem* por *Mãy* nossa; 57 & o Evangelista Saõ Lucas chamou a Christo seu *Primogenito*; 58 porque (como explica Santo Alberto Magno)

57 *Joan.19.26.* Mulier, ecce filius tuus.
58 *Luc.2.7.* Peperit filium suum primogenitum.

gno) 59 depois teve a *Senhora* por filho espiritual o genero humano, cujo corpo mystico (accrescentaõ Ubertino, & Richelio) 60 trouxe singularmente em suas entranhas; & o pario para a graça com grandes dores do seu coraçaõ. Tanto devemos à *Virgem*; foy verdadeyramente *Eva* ao contrario, como o significou o *Ave* com que a saudou Gabriel. 61

59 *Albert. Magn. sup. Missus est*, *cap* 184.
60 *Ubertin. apud Richel de laud. Virg. l. 4. art. 16.*
61 *Luc. 1. 28.*

CAPITULO XLIX.

Harmonia da Cruz *sagrada*, *& da* Virgem *Santissima*, *na Payxaõ de* Christo, *& nossa redempçaõ. Trata-se das formas que houve de Cruzes: qual era a em que o* Senhor *padeceo: o modo, & circunstancias com que os antigos crucificavaõ: (accommodando-se tudo ao que se usou com o mesmo* Senhor *) & as excellencias do sinal da Cruz.*

1 GRande harmonia fizeraõ na Payxaõ de *Christo* a *Cruz* sagrada, & a *Virgem* Santissima, como instrumentos da redempçaõ; 1 ambos escolhidos ab æterno por Deos: a *Virgem* para della nascer, a *Cruz* para morrer nella: nos braços da *Virgem* se entregou ao mundo; nos da *Cruz* quiz sahir delle: ambas foraõ altares sacrosantos; na *Virgem* se consagrou cordeyro, na *Cruz* foy sacrificado: ambas officinas celestiaes; em huma se amassou o paõ da vida, em outra se cozeo: de hũa se cortou o cacho, em outra se espremeo para saude das gẽtes. Pela *Cruz* se fizeraõ amaveis os trabalhos de antes aborrecidos: pela *Virgem* se fez estimada a Virgindade atè entaõ desprezada. Ao sinal da *Cruz* se espantaõ os demonios, & tambem à invocação da *Virgem*. A *Cruz* de ignominiosa se fez adorada: a *Virgem* da mais profunda humildade subio à mayor grandeza. A *Virgem* he porta: 2 a *Cruz* chave do Paraiso. 3 Ambas arvores, cujo fruto nos sarou do veneno do pomo antigo; em ambas està o bem dos peccadores, como disse David: *Vossa vara, & vosso baculo me consolàraõ*; 4 significando a *Virgem* na vara, segundo Isaias; 5 & a *Cruz* no baculo, como lhe chamàraõ os dous Jooens, Damasceno; & Chrysostomo. 6

2 He a Cruz mar de excellencias, a que naõ podem sondar os mayores juizos; 7 tem a de haver padecido nella com *Christo a Virgem Mãy*, & sua resignação em Deos lhe haver entregue voluntariamente o que mais amava. 8 Nesciamente diziaõ os Judeos ao *Senhor*, que descesse della, se queria que o tivessem por Filho de Deos; 9 pois antes era elle o throno, que o fazia mais conhecido. Aos antigos Egypcios (como em profecia) era a *Cruz* hieroglyfico da esperança, saude, & vida; 10 & a esculpiaõ no peyto do seu Deos Seraphis, tendo-a em grande veneração. 11 Pelo que lhe devemos mais, que por curiosidade, serà bem dar huma summaria noticia desta materia.

3 O no-

1 *P. Fr. Joseph de Jesu Mar. hist. da Virg. l. 4. c. ult. n* 4.
2 Janua Cæli.
3 *D. Damascen l. 4.* Crux Christi clavis est Paradisi.
4 *Psalm. 22. v. 5.* Virga tua, & baculus tuus ipsa me consolata sunt: *Ita D. Petr. Damian. serm. de Assumpt.*
5 *Isai. 11. 1.*
6 *D. Damascen. sup.* Hæc infirmorum baculus *D. Chrysost. apud Cassiodor. super illud Psalm. 4:* Signatũ est super nos: Crux claudorum baculus.
7 *D. Aug. serm de Parasceve. D. Chrysost. in demonstrat. advers. gentil. quod Christus sit Deus, post med. tom. 5.*
8 *Revelaç. de S. Brigid. l. 1. c. 20.*
9 *Matth. 27. 40. Marc. 15. 30.*
10 *Rufin l. 11 hist. Eccles. c. 29. Petr Crinit l. 7. de honest. discipl. Marsil. Ficin. l. de trip. lic. vit.*
11 *Pedro Mexia, na Sylv. de var. lig. 1. c. 3. Sozom. hist. Eccl. l. 7. c. 15.*

3 O nome, *Cruz*, tomado largamente, significa todo o genero de trabalhos; 12 assim o tomou *Christo* Senhor nosso, quando disse, que o devemos seguir com a nossa *Cruz*. 13 Em significação apertada, só diz aquelle instrumento em que se castigavão os delinquentes; a que alguns antigos chamàrão tambem *Gabalum*, ou *Gabulum*. 14

4 Foy de maneyras, & fórmas differentes. Huma de hum só páo direyto sem braços, que algumas vezes substituhião arvores com rama, ou sem ella; 15 na qual ou atavão, 16 ou espetavão 17 os condenados. Outra de dous páos tambem direytos, & iguaes, que obliquavão na fórma da letra X; 18 & alguns lhe chamàrão, *Patibulo*; 19 na qual às quatro partes se atavão os braços, & pernas, como por tradição temos que se fez ao Apostolo Santo Andrè, posto que alguns cuydem que padeceo em lenho direyto de oliveyra. 20 Outra de hum pào direyto com outro mais curto atravessado em todo sima, fazendo só tres angulos, na fórma da letra T. 21 outra (a nòs mais conhecida) em que o pão mais curto não atravessa por todo sima, mas cortando o principal, o deyxa hum pouco mais alto, formando quatro fins, ou angulos. Nestas duas se estendiaõ os braços aos dous lados, & as pernas ao bayxo do madeyro, como vemos as santas Imagens do *Senhor* crucificado; ou pregando com cravos, 22 como foy o *Senhor*, ou atando com cordas, como se pintão os dous ladroens juntamente crucificados; se bem parece mais certo que tambem forão encravados, pois quãdo Santa Helena achou as tres cruzes, & o titulo da de *Christo* apartado, forão necessarios milagres para esta se conhecer; 23 & se escusarião, se todas não tiverão finaes dos cravos.

5 Graves Authores 24 disputàrão qual das duas ultimas fórmas tinha a *Cruz* em que fomos remidos. Paulino Nolano escreveo: *Christo naõ com multidaõ, nem com força de legioens, mas jà entaõ no Sacramento da Cruz, cuja figura se exprime pela letra Grega T, em numero de trezentos, destruhio os Principes contrarios.* 25 A *Virgem* na narração que já referimos, a S. Brigida disse: *Era a Cruz forte, & os braços della estavaõ no alto do Principal madeyro:* & mais abayxo: *E a taboa do titulo estava pregada no mais alto da Cruz, sobre os dous braços*; 26 concordando com o Evangelista São Mattheos, que diz que os Judeos puzerão a taboa daquelle titulo *Sobre a sua cabeça*; 27 quasi dizendo, *Immediatamente.* Diz mais a mesma narração da Senhora: *Para esta cabeça taõ atormentada naõ havia na Cruz reclinatorio algum*, 28 como o *Senhor* tinha dito: *O filho do homem naõ tem onde recline a cabeça*; 29 que parece mostrar que sobre os braços da *Cruz* não havia cousa em que a cabeça se encostasse; & assim vemos Imagens antigas de Santo Antão Eremita terem na mão a *Cruz* triangular na fórma de T. Porèm a tradição da Igreja, que he mais certa, 30 seguida dos mais authorisados Escritores, 31 ensina que era quadrangular, de quatro pontas, ou fins con-

12 *Just. Lyps. de Cruce l. 1. c. 2.*
13 *Matth 10. 38. & 16. 24. Marc. 8. 34. Luc 9. 23. & 14. 27. D. Chrys. hom 13. in princ in Paul. ad Philip. 3 tom. 4.*
14 *Lypsius sup.*
15 *Tertullian. Apolog c. 8. & 16.*
16 *Como se fez a S. Paphuncio, Martyrol. die 24. Septemb.*
17 *Senec de consolat. ad Marcian.* c. 10 Alij per obscœna stipitem egerunt: *& epist. 14. in princ.*
18 *D. Isidor. l. 1. orig. c. 3.*
19 *Lypsius d. c. 7 in princ.*
20 *Lyps. d. c. 7. in fin.*
21 *Tertullian. 3 advers. Marcion. D. Isidor. de vocat. gent. D. Hier. in Ezechiel c. 9.*
22 *Senec. de vit. beat. c. 19.*
23 *Niceph. hist. Eccles. l. 8. c. 29. Sozomen. & Theodoret. in hist. Tripart. l. 2. c 18 Vilhegas, Flos Sanct. fest. da Invençaõ da Cruz.*
24 *Refert Just. Lyps. sup. d. l. 1. c. 10. in princip.*
25 *Paulin. Nol. epist ad Sev. apud Lyps. d. l. 1. c. 8.*
26 *Supr. c. 47. n. 4. vers.* Daqui passa, *& vers.* Chegando, *junto ao fim.*
27 *Matth. 27. 37.* Et imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam.
28 *Supra d. c. 47. n. 4. d. vers.* Chegando, *junto do fim.*
29 *Matth. 8. 20. & Luc. 9. 58* Filius autem hominis non habet ubi caput reclinet.
30 *Chrysost. hom 4. ad med. ad epist. D. Paul. 2 ad Thessalon.* Traditio est, nihil quæras amplius.
31 *D. Damascen. de orthod. l. 4. c. 12. D. Aug in Psal 103. & in Marc. 11 Sedul. poet. l. 3. & alij ferè omnes.*

correſpondentes às quatro partes do mundo que alli ſe remia, & em confirmaçaõ diſto ſe applica, & entende da *Cruz* hum lugar de Saõ Paulo. 32 Deſta fórma appareceo no Ceo ao Emperador Conſtantino Magno, que na meſma fórma em que lhe appareceo a poz em ſuas bandeyras, em columnas, & em outras partes; 33 a ElRey Dom Affonſo III. de Caſtella, & VIII. a reſpeyto dos de Leão, na batalha das Navas; 34 a D. Garcia Ximenes primeyro Rey de Navarro; & com a meſma fórma ſe contão os milagres ſuccedidos a ElRey Dom Pelayo, a Dom Affonſo o Caſto, & aos primeyros Reys de Aragaõ; 35 na meſma finalmente appareceo o *Senhor* crucificado a noſſo primeyro Rey Dom Affonſo Henriques, 36 & apparecem muytas cada anno no dia da Invenção da Cruz com eſtupendo, & myſterioſo milagre, que a continuação nos tem feyto familiar, como debuxadas com terra preta no celebre campo junto da Villa de Barcellos, Provincia de Entre Douro, & Minho. Nem do Texto Evangelico, & narraçaõ da *Virgem* que referimos, ſe convence o contrario; porque todas aquellas palavras ſe verificão ſendo breve o eminente ſobre os braços; & dizer que o titulo ſe puzera ſobre a cabeça, foy moſtrar que não ſe puzera em outro lugar mais abayxo, como algumas vezes ſe coſtumava pòr. Antes a meſma narração da *Senhora* 37 prova eſta parte, dizendo: *A junta dos dous pàos fazia hum nò que feria no meyo das coſtas*; ſe eſtivera no mais alto, não ficàra nas coſtas, mas no peſcoço.

32 *D. Paul. ad Epheſ.* 3. 18.

33 *Sozomen l.* 1. *c.* 4 *hiſt. Tripart. Euſeb. l* 9. *c.* 9 *Nicephor. l* 7 *c.* 29.

34 *Marian hiſt. Hiſpan. l.* 11. *c.* 24. *ad fin.*

35 *Madeira nas excell. da Monarch de Heſpanha c.* 6. § 5 *no fim.*

36 *Diſſemos nas Excel. de Portugal c.* 5 *excell.* 4. *à n.* 1.

37 *Sup. d. c.* 47. *n.* 4. *verſ.* de aqui, *junto do fim.*

6 Levavão os condenados a *Cruz* às coſtas ao lugar do ſupplicio. 38 Aſſim a levou *Chriſto*, 39 figurado em Iſaac levando a lenha para ſer ſacrificado, 40 & profetizado por Iſaìas. 41

7 Antes de os crucificarem os deſpião; ao que alludio Artemidoro quando galantemente diſſe: *Ao pobre he bom ſer crucificado, porque o levantaõ: ao rico he mào, porque o deſpem.* 42 Aſſim deſpirão os algozes ao *Senhor*, como ſe prova dos Evangeliſtas, 43 & a *Senhora* o referio a Santa Brigida. 44

8 Huns dizem que os pregavão na *Cruz* antes de os levantarem, como ſe fez a Pionio martyr: 45 outros que depois de levantada; 46 & que aſſim foy pregado *Chriſto* noſſo Senhor; 47 porèm a *Virgem* referio a Santa Brigida, que o pregàraõ eſtando a *Cruz* em terra. 48

9 Os prègos (ſe os não atavão com cordas) erão ordinariamente, ou tres, ou quatro, com que pregavão pés, & mãos, 49 poſto que talvez a crueldade uſava de mais, como uſou com Agricola Martyr, 50 pregando tambem a cabeça, como ao Martyr Philomeno. 51 Huns entendem que a *Chriſto* Senhor noſſo pregàrão os Judeos com tres, ſendo mayor o com que lhe pregàrão juntos ambos os pès ſagrados; 52 outros que com quatro, ſeparados os pès; 53 & eſta opiniaõ ſe faz certa com a relaçaõ da *Virgem* a Santa Brigida, que jà allegamos. 54

38 *Artemidor l.* 2. *c.* 41. *Plutarch. de ſera numinis vindicta.*

39 *Joan* 19 17.

40 *Gen.* 22. 6. *Tertull adverſ. Iud. c.* 10.

41 *Iſai.* 9. 6. *Explicat Tertul. ſup.*

42 *Artemidor. l.* 2. *c.* 58.

43 *Marc.* 15. 24. *Luc.* 23. 34. *Matth.* 27. 35. *Joan.* 19. 23.

44 *Sup. d. c.* 47. *n.* 4. *verſ.* chegando, *in princip.*

45 *Lypſ. ſup. l.* 2 *c.* 7 *poſt princ.*

46 *Eſdrae l* 1. *c.* 6. 11.

47 *Nonus poem. de Chriſto. Nazianzen in traged de Chriſt. patiēt.*

48 *Supr. d. c.* 47. *n.* 4. *d verſ* chegando, *poſt princ.*

49 *Plaut. in Mortellan* Ut affigantur bis pedes, bis brachia.

50 *Martyrolog.* 29 *Novemb.*

51 *Martyrolog.* 29 *Novemb.*

52 *Nonus, & Nazianzen ſup.*

53 *Gregor. Turon de glor. Martyr. c.* 6 *D. Cyprian ſe m. de Paſſione.*

54 *Sup. d c.* 47 *n.* 4. *verſ.* chegãdo.

Dizem

Dizem muytos que para sustentar o pezo do corpo, q̃ as maõs rasgandose naõ poderiaõ soster, se pregou na Cruz hum pequeno lenho, ou taboa em que os pés de *Christo* se firmavaõ; 55 mas disto nem ha bastante prova, nem lemos que nos antigos se usasse.

55 *Gregor.Turon.sup.*

10 Era ceremoniosa ordem pregar primeiro a maõ direyta, depois a esquerda, depois os pés; como no dialogo de Luciano se finge que fez Mercurio crucificando a Prometheo. 56 Até isto se observou com *Christo*, como vimos na dita relaçaõ da *Senhora*.

56 *Lucian. in dial.*

11 Ou voz de pregoeyro, que hia diante do condenado: 57 ou inscripçaõ em taboa chamada *Titulo*, pregada em alguma parte da *Cruz*, expunha a causa daquella pena. 58 Assim a puzeraõ no alto da *Cruz* de *Christo*. 59

57 *Lyps.d.l.2.c.11.in fine.*
58 *Sueton.in Domitian.c.10. Quintilian.declam.302.Dion. l.54. Valer.Max.l.9.c 12.d.6. in Cornel.*
59 *Matth.27.37. Marc 15 26. Luc 23.38.Joan. 19. 19.*

12 A causa, ou crime devia ser, fugir para os inimigos, 60 latrocinio, 61 falsidade, 62 homicidio de sicariato, 63 sediçaõ, & affectaçaõ do Reyno. 64 Desta foy o *Senhor* accusado, 65 & Pilatos pela ley Romana tomou este pretexto, pondo no titulo por causa, *Jesus Nazarenus Rex Judæorum*, com mysteriosa equivocaçaõ, pois o chamava Rey com verdade: o que os Judeos quizeraõ atalhar pedindo a emenda, que elle naõ quiz fazer. 66 Outros delictos haveria, a que estaria imposta pena de *Cruz*, mas não nos occorrem provas; tambem sabemos que sem causas legitimas a praticàraõ muytos tyrannos; 67 só referiremos as das leys.

60 *Cicero orat.pro Deiotar. Valerio l.2.c 7.n.9.in l. Calphurn.*
61 *Senec.epist.7.juncto Lyps.d. l.1.c.13. Apuleius l.3.de Asino aur.*
62 *Firmianus l. 6.*
63 *Paul.Jureconsult.l.5.c.23.*
64 *Paul.Jureconsult. sent d l.5. tit.23.*
65 *Matth. 27. 11. Marc. 15. 2. Luc.23.à princ.Joan.18.23.*
66 *Joan.19.21.& 22.*
67 *Joseph de antiq.l.13.c. 22. & l.18 c.4.& de bel.Iud l.2.c. 3. Orosius l.6 c.18.Martyrolog.die 12 Februar.22.Matth.21.Jun. ac passim.*

13 Deyxavaõ na *Cruz* os crucificados atè morrerem esgotados de sangue, ou de fome, ou comidos das aves, & feras, ou cães que lhes podiaõ chegar; 68 tal vez os alanceavaõ, 69 & quebravaõ as pernas, se tardavaõ em morrer; mas isto costumavaõ particularmente os Judeos; 70 & depois de mortos os naõ tiravaõ da *Cruz*, mas nella se corrompiaõ, & myrrhavaõ os corpos à inclemencia dos tempos. 71 A *Christo* Senhor nosso naõ quebràraõ as pernas, como aos ladroens crucificados com elle, porque o achàraõ já morto; 72 & porque se cumprisse o que Deos tinha mandado na Cea do Cordeyro, figura sua, que lhe naõ quebrassem osso, 73 mais ainda lhe deraõ huma lançada, 74 porque naõ faltasse crueldade alguma, & se cumprisse outra profecia. 75 Por naõ ficar na *Cruz* na grande solemnidade do dia seguinte, em que, por ser Sabbado, se celebrava aquelle anno a Pascoa, o tiràraõ della; 76 porém foy necessario que Pilatos concedesse por favor ao pio Varaõ Joseph ab Arimathea poderlhe dar sepultura; 77 favor que se costumava conceder no dia do nascimento de algum Principe, ou outra festa muyto solemne. 78

68 *Horat.l.1.ep.16.Apuleius sup. l 6 in fine Euseb. l. 8.c 8.*
69 *Martyrolog.die 18 Jun.*
70 *Insinuat Lactant.l.4.c.29.ibi:* Sicut eorum mos ferebat.
71 *Valer.Max.l.6.c.9.in extern. n.5.de Policrate.*
72 *Joan 10.23.*
73 *Exod.12.46. & Num. 9. 12.*
74 *Joan sup 34.*
75 *Zachar.12.10.*
76 *Joan.sup. 31.*
77 *Matth.27 57. Marc. 15. 43. Luc 23 50 Joan.19 38.*
78 *Philo contra Flaccum.*

14 Punhaõ guardas para que ninguem tirasse o corpo da *Cruz*. 79 Assim a puzeraõ a *Christo*; & o Capitaõ, & Soldados della foraõ os que confessàraõ ser Filho de Deos, vendo os prodigios que succedèraõ quando espirou; 80 posto que hum delles

79 *Petron.in satyr. Plutarch. in Cleomen.*
80 *Matth.27.54. Marc. 15. 39. Luc.23.8.Vide infra c. 60. n.4.*

les, para mysterios de nossa Fé deu a lançada; 81 & esta era a guarda que Pilatos disse aos Judeos que tinhaõ, & de que podiaõ dispor, quando lha pediraõ para guardar o sepulchro. 82

15 Precedia sempre antes de crucificar, açoutar os condenados; 83 naõ com varas, (que era castigo mais honesto 84) mas com flagello de couros, castigo de escravos, 85 cruelissimo, 86 & horrivel, 87 & muytas vezes com ossinhos atados nelles, que feriaõ 88 mais que as que chamamos *Rosetas*; chamavaõ-lhes em Latim *Flagella taxillata*. Este castigo se dava, ou pelo caminho, hindo para a *Cruz*, ou antes de sahirem, atando-os algumas vezes a huma columna. 89 E assim o Evangelista Saõ Mattheos escreve, que Pilatos entregou *Jesus açoutado* (como antecedente ordinario) *para ser crucificado*; & tambem imaginou (como entende Santo Agostinho) que a rayva dos Judeos se satisfizesse com aquelle castigo taõ cruel. 90 A frase *Flagellatum*, perque falla, diz que foy com flagello; & a *Virgem* referio a Santa Brigida 91 que era dos ditos taxillados; & que esteve o *Senhor* atado à columna; a qual Saõ Jeronymo 92 diz que persistia em seu tempo ensanguentada no portico do Templo. O Veneravel Beda escreve 93 que quando este vivia, estava no meyo do Templo: & Gregorio Turonense, 94 que por ella obrava Deos grandes milagres.

16 Disserão Escritores, que a *Cruz* de *Christo* foy composta de tres, ou quatro generos de arvores: cedro, palma, acipreste, & oliveyra. O douto Justo Lypsio 95 entende que o disserão com mayor curiosidade, que certeza; & que foy de carvalho, porque delle parece a parte que hoje se vè daquelle sagrado lenho: & delle ha, & houve sempre muyto em Judea: & para isto he forte, & accommodado.

18 Deyxadas por miudas, & muyto largas, outras particularidades nesta materia, a concluimos com dizer, q̃ o castigo de *Cruz* foy antiquissimo entre todas as naçoens politicas; 96 & entre todas era vilissimo, & proprio de escravos. 97 Por isso o Apostolo por encarecimento disse que *Christo Jesus* se humilhára, não só atè morte, mas a morte de *Cruz*. 98 Porém depois que o *Senhor dos Senhores* innocentissimo, a levou a seus hombros, & padeceo nella, & com elle sua *Mãy* Santissima, ficou a insignia mais honrada com q̃ os Principes pondo-a sobre suas coroas, adornão a cabeça, & os grandes o peyto nos habitos que se formão à sua semelhança; o final mais glorioso com que se abençoa, & se deprecão felicidades; o trofeo com que se illustrão as praças, & outros lugares publicos; imagem de que os demonios fogem; medicina para o corpo, & espirito; objecto de mayor reverencia, compendio das mayores excellencias, destruição de todos os males, conciliação de todos os bens. 99 O Emperador Constantino Magno prohibio por ley ser algum condenado à *Cruz*; 100 (não era bem que o final da vida fosse instrumento da morte.) Mandou que se imprimisse, & pu-

81 *Joan.* 19.34.

82 *Matth.* 27.65. Habetis custodiam.

83 *Q. Curt. de reb. Alex. l.* 8. *Philo sup.*

84 *Cicer. pro Rabir. Textus in L. In servorũ* 16 *in princ ff. de pœn.*

85 *Terentius in Adelph. d. l. In servorum ff. de pœn.*

86 *Textus in L. Aut damnum ff. tit. de pœn. in vers hostes.*

87 *Horatius l.* 1. *serm.* 3. Horribili sectere flagello.

88 *Athæneus l.* 4. *Apuleius sup. l.* 8.

89 *Cum Artemidoro; & alijs Lyps. sup. l.* 2. *c.* 4.

90 *Matth.* 27 26. Jesum autem flagellatum tradidit eis ut crucifigeretur.

91 *Vide supr. c.* 47. *n.* 4. *post princ.*

92 *D. Hier. ep. ad Eustoch.*

93 *Beda de glor. Martyr c.* 18.

94 *Gregor. Turon. l.* 3. *c.* 3.

95 *Just. Lyps. de Cruce l.* 3. *c.* 23. *post princip.*

96 *Largamente o mostra Lyps. sup. l.* 1 *c.* 11.

97 *Petron satyr.* 6. *in Satyrico, Capitolin in Macrino. Horat. l.* 1. *serm* 3.

98 *D. Paul. ad Philip* 2.8. Usque ad mortem, mortem autem Crucis.

99 *Latè D. Chrysost in demonstrat. advers. Gentil. quòd Christ. sit Deus, ad med tom.* 5. *D. Damascen. l* 4. *de orig fid. Non contemnenda devotio Albani. Ramires de la Trapera, qui de laudib. Crucis librum composuit Castellano metro*, Quintillas *nuncupato.*

100 *Victor. in Constantin. Histor. Tripart. l.* 1 *c.* 9. *post med. Nicephor. hist. Eccl. l.* 7. *c.* 40. *ad fin.*

& puzesse à *Cruz* nas armas, nas bandeyras, & se levasse nos exercitos guarnecida de ouro, & pedras preciosas nas pontas de lanças; 101 & se não levassem imagens de ouro dos Emperadores; como se usava; 102 que se puzesse sobre o diadema Imperial; & na marca das moedas mais estimadas; 103 & se mandou levantar huma estatua com ella na maõ. 104 O Emperador Justiniano poz a sua imagem sobre hũa columna a cavallo, tendo na mão esquerda hum globo com huma *Cruz* em sima: significando, que pela Fé na *Cruz*, domina o mundo entendido no globo; 105 & dalli se introduzio pintarem-se os Principes com semelhantes globos na mão. João Curopalates no livro dos officios do Paço de Constantinopla refere, que nos autos publicos levavão sempre os Emperadores hũa Cruz na mão direyta. 106 Theodosio, & Valentiniano fizerão ley, que a ninguem fosse licito esculpir, ou pintar a *Cruz* em marmore, ou em outra cousa, que estivesse no chaõ, em que se pudesse pizar; antes quem assim a achasse, a tirasse logo, sob pena *Gravissima*; que a glosa explica ser de morte. 107 Finalmente, a exemplo de Saõ Paulo, 108 só na *Cruz de Jesu Christo* nos devemos gloriar, crucificando nella o mundo para nòs, & a nòs para o mundo.

101 *Euseb. de vit. Constantin. l.1.c.25.*
102 *Idem Euseb sup.l.4.c.21.*
103 *Histor.Tripart ut sup.*
104 *Euseb.sup.d l.1.c.33.*
105 *Suidas in Justinian.*
106 *Joan.Curopalat.lib.de offic. aulæ Constant.*
107 *L.unic.C.nemin.liter.signũ salvator.cum gloss.ibi,verb. gravissima.*
108 *D.Paul.ad Galat.l.6.14.*

18 Como a sagrada *Cruz* foy achada, 109 & depois conservada, 110 referem os Escritores allegados na margem; & he fóra do nosso assumpto, como tambem os innumeraveis milagres, que por este sacrosanto final se tem visto. Referirey sómente com Nicephoro, 111 que vendo o Emperador Mauricio huns Turcos mandados a Constantinopla por Chosroas Rey da Persia, marcados na testa com o final da Cruz feyto cõ tinta, lhes perguntou porque se finalavão com o que não veneravão. A que respondèrão: Que havendo muytos annos antes em Persia, & sua patria peste gravissima; huns Christãos ensinárão contra ella aquelle remedio; que usado dava saude a todos, & por esta causa o trazião.

109 *Nicephor.hist.Eccl.l.8.c.29. Histor.Tripart.l.2.c.18. Rufin hist.Eccl.l 10.c.7. Vilbegas Flos Sanct.festa da Invẽç. da Cruz, aonde allega outros.*
110 *Metaphrast.in vit.S.Anast. Martyrolog.Roman. Vilbegas sup.fest. da Exaltaçaõ da Cruz.*
111 *Nicephor.l.18.c.20.ad fin.*

CAPITULO L.

Qualidades vîs, & mortes desestradas de Annás, Caifás, Judas, Herodes, & Pilatos, culpados principaes na morte de Christo.

1 COm elegancia muyto sua disse Tertulliano, que a perseguição de Nero acreditava aos Martyres, pois quem o conhecia, ficava entendendo que era grande bem o que elle condenava. 1 E a eloquencia de Chrysostomo proseguio, que a miseria do persecutor era gloria do Martyrio. 2 Vejamos quem forão, & que fim tiverão os principaes Authores da Payxão de *Christo*.

1 *Tertul.in Apolog.c.5.* Tali dedicat re damnationis nostræ etiam gloriamur, qui enim scit illum, intelligere potest, non nisi grande aliquod bonum à Nerone damnatum.
2 *D.Chrysost. hom. 15. in fin. in decoll.Joan.Bapt. ex var.in Matth. loc. tom. 1.* Satis auditor intelligit quanta sit gloria martyrij, quando miseriam persecutoris audieris.

2 Annás,

2 Annás, & Caiphás, que tratárão a prizão, & morte do *Senhor*, erão homens que comprárão por dinheyro aos ministros Romanos o Pontificado santo, que antes, pelas leys, & costumes, se conferia por eleyção legitima; 3 & em fim tiverão miseravelmente morte desestrada, como diz Nicephoro, 4 posto não declara de que sorte.

3 Judas Iscariotes (alguns dizem Calabrez) que o vendeo era homem vil, grande ladrão, tinha morto seu pay, & estuprado a sua mãy; 5 com algum impulso de emenda buscou a companhia de *Christo*, que o recebeo; & honrou com o Apostolado, 6 porque vinha buscar peccadores, 7 como estava profetizado; 8 mas este se quiz entorpecer mais nas culpas, continuando em furtar: 9 & ultimamente, havendo vendido o *Redemptor*, desesperado se enforcou.

4 Herodes, que desprezou o *Senhor* quando Pilatos lho remeteo, 11 foy homicida dos pequenos; roubador dos nobres, destruidor dos aliados, 12 adultero incestuoso cõ a mulher do irmão; de juizo tão leve, q̃ por hum bayle prometteo com juramento ametade do seu Reyno, & deo a cabeça do grãde Bautista, 13 q̃ valia mais que o Reyno todo, & que muytos Reynos. Pouco depois da Payxão do *Senhor*, 14 por accusaçaõ de seu irmão Agrippa, o Emperador Cayo Caligula o privou do Reyno, & desterrou para Leão de França, & a sua mulher Herodias; 15 de França fugirão para Hespanha, 16 huns dizem, q̃ elle morreo na Cidade de Lerida em Catalunha; 17 outros q̃ em Portugal, em hũ lugar chamado *Rhodio*, que entendem ser a que hoje se chama *Villa velha de Rhodam*, junto do Tejo no Bispado da Guarda; ou Villa da *Redinha* no Bispado de Coimbra; 18 estes dizem que os Portuguezes o matárão torpe, & miseravelmente: 19 os primeyros, que se fez tisico de tristeza. 20 A filha, tambem Herodias do mesmo nome da mãy, que veyo com os pays, querendo passar a pè o rio *Sicoris*, chamado hoje, *Segre*, em Lerida, fiada em que por ser inverno, estava muyto gelado, se sumergio nelle, ficandolhe só a cabeça sobre o gelo, & forcejando com o corpo para se tirar, o mesmo gelo a degollou 21 com mysterioso castigo de pedir a degollação do Bautista; & a mãy vendo a filha assim morta, morreo de sentimento.

5 Pilatos era de tão vil animo, que conhecendo a innocencia de *Christo*, o condenou por satisfazer aos accusadores, & temendo desagradar a Cesar. 22 Teve infaustos successos em seu governo, 23 atè que com vituperio foy privado delle: 24 dizem alguns 25 que por accusação que a Magdalena Santa lhe foy fazer em Roma da injusta morte do *Senhor*. He commum entre os Escritores, 26 que o Emperador Cayo Caligula o desterrou em perpetuo para Vienna, ou Leaõ de França, & dahi opprimido de calamidades, se matou por suas mãos. Suidas, Author Grego antiquissimo, & grave, refere sua morte de outra maneyra com estas palavras traduzidas fielmente. 27

3 *Nicephor. hist. Eccles. l. 10. c. 29.*
4 *Nicephor. sup l. 2. c 10. in fin.*
5 *P. Fr. Benedict. Fidelis in theoremat. moral de Euchar. Sacr. theorem. 3. ex vers. Psalm. 22. n. 1.*
6 *Matth. 10. 4. Marc. 3. 19. Luc. 6. 16.*
7 *Matth. 9. 13. Marc. 2. 17. Luc. 5. 31. & c. 15. à n. 2.*
8 *Oseæ 6. 6.*
9 *Joan 12. 6.*
10 *Matth. 27. 5. Act. 1. 18.*
11 *Luc. 23. 11.*
12 *Ita Conrad. Gesner. in onomast. prop. nomin. verb. Herodes.*
13 *Matth. 24. à n. 3. Marc. 6. à n. 17. Luc. 3. 19.*
14 *P. Joaõ Bussiert. in Floscul. hist. p. 2. c. 1. post princ. vers. eodem anno.*
15 *Joseph. de antiq. l. 18. c. 9. Dexter in Chron. an. Christ. 34. Conrad. Gesner. sup.*
16 *Ultr. Dextr. supr. Joseph de bel. Judaic l. 2. c 8. in fine.*
17 *Flav Dexter supr. & ejus cõmentatores. Vilhegas no Flos Sanct. da degolaç. de S Joaõ Bapt. antes do fim Fr. Afonso Mald na Chron. univers. tract 6. Marian hist. de Hespanha lib. 4. c. 2. & outros muytos.*
18 *Fr. Bernard. de Britto na Monarch. Lusit p 2 l. 5 c. 3. post med. cũ Laymundo l. 6.*
19 *Faria ep das hist. Port. p 2 c. 1 n. 50.*
Laymund. supr. Fœde occiditur in Rhodio Lusitaniæ oppido.
20 *Cum illis est Author Floscul. hist. p. 1. c. 10. post med. v. an. Christ. 31.*
21 *Ita Nicephor. Calixt. hist. Eccles. l. 1. c. 20. Concordat Flav. Dext. sup quidquid ibi dicat P. Bivar. non benè intelligens dictionem, psaltans, quæ non est verbum relatũ ad filiam psaltatricem.*
22 *Matth. 27. Marc. 15. Luc. 13. Joan. 18. 19. & 12.*
23 *Joseph. de antiq. l. 18 c. 4. & 5. & de Bel. Jud. l. 2. c 8.*
24 *Joseph. d. l. 18 c. 5. in fin.*
25 *Nicephor. hist. Eccles. l. 2. c. 10. ad fin.*
Alij apud Britum supr. Vide infra c. 63. n. 6.
26 *Euseb. in Chron. & in hist. Eccles l. 2. c. 7 Oros. l. 7. c. 4 & 5 Nicephor. supr. Multi apud Britt supr. & apud Bivar in comment. ad Dext. an. Chr. n. 2. v. de morte Pilati; & apud Mexia Sylv de var. lic. l. 2. c. 9. Horat. Scogl. Catacens. hist. à primord. Eccl. an. Christ. 36.*
27 *Suidas in Dictionar. Græco, verbo, Nero, pag mihi 220.*

Sendo Nero mancebo, aprendia Filosofia, & ouvia o que se dizia de Christo, cuydando que ainda era vivo. Mas quando soube de Judeos que fora crucificado, indignouse, & mandou vir à sua presença prezos em ferros os Sacerdotes Annás, & Caiphás, & o mesmo Pilatos, que então fora prefecto da gente Judaica. Assentado no Senado ouvia o que delle se fizera. Annàs, & Caiphás diziaõ: Nòs o entregamos às leys; nem peccamos em sua condenação, nem somos Reos de lesa Magestade; porque o Pretor, que tinha o poder, fez o que quiz. Nero indignado mandou Pilatos ao carcere, & soltou a Annàs, & Caiphás absolutos. Florecia então aquelle Simaõ Mago, & disputando Pedro, & Simaõ na presença de Nero, foy trazido Pilatos do carcere: & estando estes tres diante do mesmo Nero, perguntou a Simaõ: Por ventura es tu aquelle Christo? Elle respondeo: Sim, eu sou aquelle mesmo Christo: depois perguntou a Pedro: Tu por ventura es aquelle Christo? Pedro lhe respondeo: Naõ; estando eu presente, o verdadeyro Christo subio ao Ceo. Perguntou Nero a Pilatos, qual delles era o que se chamava Christo? E elle respondeo: Nem hum, nem outro, porque Pedro foy seu Discipulo, & por tal mo delatàraõ, & o negou, dizendo: Naõ conheço este homem; pelo que o deyxey hir; deste Simaõ naõ tenho conhecimento por modo algum, nem tem semelhança alguma com elle: porque este he Egypcio, & corpulento, & tem o cabello espesso, & he negro, totalmente differente da fórma do outro. Entaõ o Emperador indignado contra Simaõ porque mentira, & dissera que era Christo, & contra Pedro, porque negára seu Mestre, os lançou fóra donde estava, & cortou a cabeça a Pilatos, porque matàra homem tam grande sem mandado Imperial.

6 O Cardeal Thomás Jorgio 28 refere com differença, que o Emperador Tiberio Cesar mandou apparecer Pilatos diante de si para o castigar pela morte de Christo, chegandolhe noticia de suas maravilhas, pòde ser q̃ pela carta em que o mesmo Pilatos lhas relatou, como abayxo diremos; 29 & que levando Pilatos por debayxo de suas vestiduras a veste inconsutil do *Senhor*, que os algozes guardáraõ em sua Payxaõ, 30 (pòde ser que por reliquia, por já se haver convertido, como tambem diremos) 31 em virtude della perdeo o Emperador a colera, & o recebeo agradavel; antes se levãtou, como por cortezia; & que isto succedeo por tres vezes, em que o tornou a chamar, atè que entrando ultimamente sem aquella sagrada defensa, executou o Cesar sua determinaçaõ, mandando-o matar.

28 *Thom. Jorgius in Psalm. 6. apud P. Fr. Joaõ da Mata, na sua Quaresm. t. 6. Doming. 3. discurs. 4.*

29 *Infra c. 60. n. 7.*

30 *Joan. 19. 24.*

31 *D. c. 60. d. n. 7.*

7 Taõ variamente se conta a morte daquelle mào Juiz, & elle merecia muytas differentes. Se he verdadeyra alguma destas ultimas relaçoens, morreo por onde peccou, pois incorreo na indignação do Cesar por onde procurou evitalla. 32

32 *Joan. 19. 12.*

8 Joaquim Vadiano 33 de nação Suisso escreve, que em Suissa, em hum plano sobre certas montanhas, a que por rochas se sóbe com difficuldade, ha hum lago chamado de Pilatos, aonde huma vez cada anno apparece sua figura vestida em rou-

33 *Joachim Vadian. in cõment. ad Pompon. Metam. Mexia, na Sylv. de var. lic. l. 2. c. 9.*

pas

pas largas,& quem a vè morre dentro de hum anno.E que se alguem de proposito lança em aquelle lago huma pedra, ou outra cousa, se altèra de modo, que afaga furiosamente grande parte daquella comarca: o que naõ faz, se acaso lhe cahe alguma cousa dentro. Pelo que ha pena de morte,que por vezes se executou contra quem lhe lançar qualquer cousa de proposito.

9 Do nome do lago inferem algũs que Pilatos seria Suisso daquella parte. Outros 34 cuydaõ que era Francez de Leaõ; filho bastardo de pay muyto nobre, & de filha de hum moleyro. Os Francezes dizem que era Italiano, pelo nome de Poncio semelhante ao de Poncio Capitaõ dos Samnitas, que venceo aos Romanos nas forças Caudinas. 35 Por ter a Homero por seu natural contendèraõ sete Cidades em Grecia; 36 & de Pilatos nenhuma terra quer ser patria, ainda que seja opiniaõ que elle, & sua mulher feytos Christãos se salvàraõ, do que abayxo trataremos.37 Contenda naõ de muyta substancia; porque o mào filho naõ deshonra a boa patria; culpa-se mais em degenerar della; & nem Homero seria vil, posto que fora de Scithia; nem Pilatos illustre; posto que fora de Grecia.

10 Ha Escritor grave 38 que affirma que dura em Roma a familia de Pilatos; & em Hespanha houve lisonja inadvertida, que pertendeo darlhe por descendentes (sem fundamento) grandes casas, como se tam grande macula do progenitor naõ deslustrasse a prerogativa da antiguidade. Deyxo outras cousas que se contaõ de Pilatos, aos quaes Jacobo de Voragine com razaõ chama apocryphas. 39

34 *Sixt.Senens.in Bibliothi.*

35 *Tit.Liv.dec.1.l.9.in princ.*

36 *Vide in 1.p.c.25.n.15.*

37 *Cap.60.n.6.& 7.*

38 *P.Bivar.in comment.ad Dextr. an Christ.38.n.2.in fine.*

39 *Jacob.de Voragin.legenda 51 de Passion.Domin.ad fin.*

CAPITULO LI.

Como Christo *Senhor nosso depois de tirar do Seyo de Abraham, & do Purgatorio muytas almas, resuscitou, & appareceo logo à* Virgem Mãy *sua, que lhe deo as graças pela redempçaõ do mundo, que em sua Resurreyçaõ se concluhio.*

1 MOrto *Christo* Senhor nosso, desceo logo sua alma santissima ao Seyo de Abraham, 1 a tirar os Santos que nelle esperavaõ: & do Purgatorio tirou os que tinhaõ purgado suas culpas, ou em vida merecèraõ por fé, & devoçaõ a morte do mesmo *Senhor*, serem entaõ livres daquella pena temporal; 2 nem quiz dilatar o beneficio, nem cometter a execuçaõ a Anjos. 3 Não consideramos o gozo com que foy recebido, porque nos chama o da *Virgem Mãy* (que he mais do nosso instituto) vendo-o resuscitado.

2 Ao terceyro dia 4 vinte & sete de Março, que foy Domingo, dia consagrado aos mayores mysterios, 5 se reunio a santissima

1 *Symbol.Apostol.*

2 *Ita D.Thom.3.p.q 52.art.8.ad 1*

3 *Considerat. D. Bonaventura in medit.c.85.*

4 *Symbol.Apost.& vide sup c.46. n.26.*

5 *Supr.c.29.n.4.c.31.n.2.c.29. n 8.& c.42.n.7.Aponta outros o P. Fr.Man.do Sepulchro na Refeyç espirit.p.1.c.29.n.10.*

tiſſima alma o ſagrado corpo, (que a divindade nunca havia deyxado) & ſahio o *Redemptor* do ſepulchro, ſem tirar a pedra que o cerrava, 6 clara, impaſſivel, agil, & ſutil, cauſandolhe ſingular fermoſura as cinco chagas q̃ recebèra na Cruz, & que ſó conſervou em memoria della; 7 mais reſplandecia que o Sol.

3 Eſcolheo o termo de tres dias; porque ſe reſuſcitára antes, duvidariaõ inimigos ſe morrèra: & ſe tardàra mais, duvidarião alguns amigos de ſua divindade, & reſurreyção, 8 como já começavaõ a duvidar os diſcipulos que hiaõ para Emmaùs. 9 Outras razoens mais altas aponta Santo Thomás. 10

4 Reſuſcitou muyto de madrugada; 11 mas o Sol, que de triſteza ſe tinha eſcurecido por eſpaço de tres horas em ſua Payxão, 12 já de alegria anticipou neſta manhã outras tres horas o curſo natural; 13 aſſim como, havendo parado na vitoria de Joſuè, 14 tornou dez linhas atraz no final de Ezechiel, 15 para ſe reſtituir ao curſo que deyxára de fazer. Nem aqui fez muyto em obſequio de ſeu Creador, pois lemos que a oraçoens de Dom Payo Peres Correa, Portuguez, Meſtre da Ordem de Santiago em Caſtella, ſe deteve o meſmo Planeta, para que antes de anoytecer, acabaſſe aquelle grande Capitaõ de desbaratar os Mouros em huma batalha junto à Serra Morena; 16 & que ſe deteve ſeis horas, atè ſe fazerem as exequias do glorioſo Martyr Fr. Joaõ de Planedis da Ordem dos Prègadores. 17 E na ultima guerra de Portugal com Caſtella, na campanha de 1663. ſe teve por certo, q̃ ſe abreviou duas horas pelo menos, hũa noyte, em que os Caſtelhanos quizeraõ entreprender a praça de Elvas: & corrèra evidente riſco, ſe a manhã anticipada não deſcobrira o intento.

5 Reſuſcitado, foy logo o *Senhor* em primeyro lugar ver ſua *Mãy* amantiſſima, 18 que eſtava no Cenaculo de Jeruſalem, de que já fallámos, 19 aonde ſepultado o *Senhor*, a tinha recolhido o Evangeliſta amado; 20 & alli havia eſtado entre amarguras na memoria freſca do que o Divino Filho padecèra, & viva fé de ſua Reſurreyção, a que exortava os Apoſtolos, & mais fieis que lhe aſſiſtião. 21 A eſta hora eſtava em oração; 22 & conſideraõ muytos Santos Doutores 23 que o Anjo Saõ Gabriel; outros 24 dizem, que multidaõ de Anjos entrariaõ diante, como a pedir alviçaras, com aquellas palavras reveladas depois à Santa Igreja por S. Gregorio: *Rainha do Ceo, alegrayvos, Alleluya: porque o que mereceſtes trazer em voſſo ventre, Alleluya, reſuſcitou como diſſe, Alleluya.* Ouvindo-ſe muſicas celeſtiaes, & reſplandecendo o apoſento com claridade peregrina, appareceo ſubitamente *Chriſto* com roupas brancas, & luzentes, alegre, fermoſo, & glorioſo, dizendo: *Salve Madre Santa.* 25

6 O grande juizo de Santo Anſelmo 26 nos aconſelha que não nos cancemos em inveſtigar a immenſidade do prazer da *Virgem Mãy* com tal viſta, porque he impenetravel. O gozo de

6 *Matth.* 27.66. & 28 3. *Marc.* 15.47. & 16.3. *cum ſeq. Luc.* 24. 2. *Joan.* 20.1.
7 *Fr. Man. do Sepulchro ſup.*
8 *Conſidera Vilhegas no Flos Sanct. vida de Chriſto c.* 43. *in fin.*
9 *Luc.* 24.21.
10 *D. Thom.* 4 *p. q.* 53. *art.* 2.
11 *Matth.* 27. 1. *Marc.* 16. 2. *Joan.* 20.1.
12 *Vide ſupra c.* 48. *n.* 4.
13 *D. Petr. Chryſol. ſerm.* 82. *poſt princ com Pedro de Babenas. Matut. na proſap. de Chriſt. idade* 4. *c.* 6. §. 10. *que aſſim entende a Saõ Marcos* 16 2. Valde mane, orto jam Sole.
14 *Joan* 10.13.
15 4. *Reg.* 20.1. *Iſai.* 38 8.
16 *Moral. hiſt. Hiſp. l.* 16. *c.* 6. *Fr. Franc. de Rades hiſt. de Santiago c.* 24. *Monarch. Luſit. p.* 4. *l.* 15. *c.* 44. *diſſemos nas Excel. de Portug. c.* 9. *excel.* 10. *n.* 4. & *c.* 14. *excel.* 12. *ante n.* 1.
17 *Matute ſup. d.* § 10.
18 *D. Anſelm. de excel. Virg. c.* 6. *D. Bonaventur. in medit vit. Chriſt. c* 87. *Rupert. de divin. offic. l.* 7. *c.* 25. *Niceph. hiſt. Eccl. l.* 1. *c.* 32. *ante med. Metaphraſt orat. de vit. & dormit. Deipar. Revel. de S Brig. l.* 6. *c.* 97. *P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. hiſt. da Virg. l* 1. *c.* 1. *n.* 3. *Melch. de Caſtro hiſt da Virg. l.* 1 *c.* 17. *no princ.*
19 *Supra c.* 46. *n.* 3.
20 *Metaphraſt. orat. de vit. & dormit. Deip. Melchior de Caſtro na vida da Virg. l.* 1. *c.* 6. *in fin. P. Fr. Joſeph. d. c.* 1. *n.* 1.
21 *Revelaç. de Santa Brigid. in ſerm. Ang. c.* 19. *P Fr. Joſeph d. n.* 1.
22 *Idem P. Joſeph d. n.* 1. *P. Fr. Man. do Sepulch. ſup. p.* 1. *c.* 29. *n.* 19.
23 *Refere Fr. Man. do Sepulchro ſup. n.* 17.
24 *Vilhegas d. c* 44. *ad fin.*
25 *P. Fr. Joſeph. ſup. n.* 2.
26 *D. Anſelm ſup. d. c.* 6.

de Jacob ouvindo que vivia ſeu Filho Joſeph: 27 o de Anna, vendo chegar ſeu Filho Tobias: 28 & todos juntos quantos ſe eſcrevèraõ, & pòdem imaginar, ſaõ muyto deſiguaes ao exceſſivo que a *Senhora* teve; desfalecèra (dizem Eſcritores graves 29) com a vehemencia da ſubita alegria, ſe com eſpecial ſoccorro a não confortàra o meſmo *Filho* que tinha preſente. Se morrèraõ ſubitamente de gozo Chilo Lacedemonio, & Diagoras Rhodio, vendo ſeus filhos vencedores, & coroados nos jogos Olympicos: & duas Romanas vendo vivos dous filhos que tinhão por mortos nas batalhas contra Annibal; 30 como naõ morreria a mais amante Mãy, vendo o Filho mais amavel verdadeyramente reſuſcitado com a coroa da mayor victoria? poſto que aſſim o eſperaſſe com firmiſſima fè, ver cumprida eſta eſperança era golpe mortal de alegria.

27 *Gen.45.26.*
28 *Tob.18.6.*
29 *P.Fr.Joſeph d. c. 1. n. 2. P. Sepulchro d.c 29.n.20.in princip.*
30 *Raviſ. Textor in efficin. p. 1. tit. gaudio, & riſu mort. Cicer. Tuſcul. 1. Aul Gel. noct. Attic. l. 3. c. 15. Liv. decad.*

7 Entre os ſantos abraços, doces palavras, & amoroſos affectos que os Santos conſideraõ, entendem 31 que a *Virgem*, como taõ zeloſa de noſſa ſaude, deo ao *Senhor* altiſſimas graças em nome do genero humano, por ſua redempçaõ. Só tal oradora as dèra dignamente por tal beneficio; mas quem as darà á *Senhora* do que por nòs obrou? Sirvaõ de graças os parabens que lhe devem noſſos coraçoẽns, de ver paſſadas ſuas dores, enxutas ſuas lagrimas, renaſcido do tumulo, como Fenix, ſeu *Filho*, vencida a morte no lenho em que triunfava, os amigos conſolados, os inimigos confuſos, o Ceo aberto: o mundo remido.

31 *Referem Vilhegas d. c. 43. ad fin. P. Joſeph. d. c. 1. n. 3.*

8 Acompanhavaõ a *Chriſto* as almas que tirára do Seyo de Abraham, & do Purgatorio, muytas dellas rendidas a ſeus corpos reſuſcitados; 32 & conſideraõ tambem os Santos Doutores a reverencia com que vierão, & congratularião à *Senhora* aquelles Patriarcas, Profetas, & Santos Padres que eſperavão havia tantos annos aquella hora. Adam, & *Eva*, vendo a Filha perque entrára o remedio do mundo que haviaõ arruinado, ſe gozarião particularmente em deſcendencia taõ illuſtre; *Eva* foy a unica mãy que amou ſobre todas hũa filha que lhe era taõ deſſemelhante. Que glorioſo ſe acharia alli Saõ Joſeph, Joachim, Anna, & os mais daquella familia bemaventurada!

32 *Matth. 27. 52. Vilhegas ſup c. 44. ad fin.*

9 Não referem os Evangeliſtas eſte apparecimento de *Chriſto* a ſua Mãy, porque (diz Santo Anſelmo 33) parecia ſuperfluo declararem o que aſſim devia ſer; 34 ſó referirão em ordem à confirmação de noſſa fé; como appareceo aos que vacillavaõ na da reſurreyção, & que podião ſer teſtemunhas della ſem ſuſpeyta. Eſcrevèraõ como appareceo logo à Magdalena Santa, & às outras Marias, pagandolhes a fineza de o buſcarem com dons 35 eſtando morto, contra o coſtume do mundo: & porque ſe divulgaſſe a nova da vida pelo ſexo perque entrára a morte; 36 & que depois ſe moſtràra aos Apoſtolos, & Diſcipulos, porque havião de ſer teſtemunhas. 37 Paſſando em ſilencio as excellencias da *Senhora*, & favores

33 *D Anſelm ſupr.*
34 *Rupert. ſupr.*
35 *Matth 28. 1. Marc. 16. 1. 2. 48. Joan. 20. 1.*
36 *D Ambroſ. in Luc. 22. D. Chryſot. ſer. 99.*
37 *Luc 24 48. Act. 1. 8.*

que recebia do Filho de Deos, lisongeavão santamente a sua humildade, como ella disse a Santa Brigida. 38

10 Resuscitarse *Christo* a si mesmo, diz São João Chrysostomo 39 que foy o mayor milagre que houve antes, & depois de seu nascimento. E foy necessario, 40 expende o Doutor Angelico, 41 para satisfação da Justiça Divina, que devia resuscitar com tanta gloria hum corpo, que se humilhou a morrer com tanta afronta, para instrucção de nossa fé; porque não duvidassemos de sua divindade; para confirmação de nossa esperança; porque vendo resuscitado o que he nossa cabeça, 42 esperamos firmemente resuscitar, como argumentava o Apostolo, 43 & inferia Joseph: 44 para reformação de nossas vidas; porque procuremos resuscitar com elle da morte do peccado à vida da graça: & para complemento de nossa salvação; porque assim como, morrendo humilhado nos livrou dos males, assim resurgindo glorificado nos promovesse aos bens; para nos livrar, tinha a Payxão bastado; para nos beatificar, convinha a Resurreyção. 45

38 *Revel. de Santa Brigid. d. l. 6. c. 79.*

39 *D. Chrysost. in Act. Apostol. cap. 1. hom. 11. post med.* Omnium maximè mirandum quæ acciderāt post Virginis partum, imò & omnium quæ contigerunt ante Virginis partum, videlicet, quod ipse suscitaret se ipsum.

40 *Luc. ult. 46.*

41 *D. Thom. 3. p. q. 53. art. 1.*

42 *D. Paul. 1. ad Corint. 11. 3. & ad Ephes. 5. 23.*

43 *Paul. ad Corint. 15. 12.*

44 *Job 19. 25.*

45 *D. Thom. d. art. 1. ad 3.*

CAPITULO LII.

Como Christo *Senhor nosso nos remio da morte espiritual, & nos aliviou a corporal, que era a mayor pena em que haviamos cabido; & a devemos temer muyto menos.*

1 PEla Payxão, & Resurreyção de *Christo Redemptor* se levantou o genero humano da morte espiritual, & corporal, que era a mayor ruina em que estava. 1 A Resurreyção de *Christo* he causa de nossa resurreyção, da alma no presente, & do corpo no futuro. 2 No espiritual supponho em todos os Catholicos o conhecimento que basta para a salvação, & os pontos mais particulares tocão a Theologia mais alta; só no corporal, que neste mundo mais sentimos, escrevo para os leygamente curiosos huma honesta lição.

2 Se não peccàramos em Adam nossa cabeça, serião nossos corpos em certa maneyra immortaes, & em certa maneyra mortaes: *Immortaes*, porque puderão não morrer, & passar à felicidade eterna pelo modo que dissemos na primeyra parte; 3 *Mortaes*, porque podião morrer. Se seria aquella immortalidade por natureza, ou por graça, & beneficio da arvore da vida, he questão desnecessaria para o nosso intento. 4

4 Pelo peccado ficàrão nossos corpos tão mortaes, que necessariamente havião de morrer. 5 Mas isto se remediou pela Resurreyção do *Senhor*, a qual he causa de nossa resurreyção; pois (como ensina Santo Thomás 6) ainda que a primeyra causa della seja a Divina justiça, para q̃ os corpos sejaõ premiados,

1 *Dissemos na 1. p. c. 4. n. 2. & c. 6. & 10.*

2 *D. Thom. 3. p. q. 56. art. 2. in vers. contra.* Dicit glos. quod resurrectio Christi est causa resurrectionis nostræ, & animæ in præsenti, & corporis in futuro.

3 *P. 1. c. 2. n. 10. in fin.*

4 *De illa Magist. sent. l. 2. dist. 19. cum D. Aug. & alijs.*

5 *D. Paul. ad Hebr. 9. 27. & diximus p. 1. c. 4. n. 2. & c. 6. & c. 7. n. 8.*

6 *D. Thom. d. 3. p. q. 66. art. 1. cum alijs. Ægidius de Beatitudine, tom. 3. q. 5. art. 6.*

miados, ou castigados juntamente com as almas segundo merecèrão, (& assim fora, posto que o *Senhor* nem morrèra, nem resuscitàra;) com tudo esta Divina Justiça decretou esta resurreyção de todos os outros corpos pela de *Christo*, que (como diz Saõ Paulo 7) foy o primeyro que resuscitou para não morrer,(que outros q̃ resuscitárão antes, todos tornàraõ a morrer) & assim só a de *Christo* foy a primeyra resurreyção perfeyta; 8 & por esta maneyra foy causa secundaria da geral; porque em Filosofia o que he primeyro em qualquer genero, se diz causa do que se segue no mesmo genero; foy causa quasi instrumental, efficiente da resurreyçaõ universal de bons, & de màos, & por mais perfeyta, causa exemplar da resurreyção dos bons, que se devem conformar com ella. Finalmente resurgindo dos mortos, reparou nossa vida. 9

7 *Paul.1. ad Corint.* 15 20. & *ad Rom.*6.9.

8 *D.Thom.d.*3.*p.q.*53.*art.*3.

9 *Canon Missæ*. Vitam resurgendo reparavit.

4 Por esta resurreyção causada pela de *Christo* se melhorou muyto aquella immortalidade q̃ haviamos perdido; porque aquella, como assima dissemos, era tambem mortal; a com que resurgiremos terá impossibilidade de morrer; aquella necessitava de alimento para viver; 10 a outra sem comer se ha de conservar: aquella subsistiria em corpos faltos de membros, ou disformes, como a muytos vemos; na outra todos os corpos (ao menos os dos justos) haõ de sahir perfeytos, & sem deformidade, ainda que fossem monstros; & para mayor perfeyção, ou morressem meninos, ou velhos, resuscitaràõ na florente idade juvenil que tinha *Christo* quando resuscitou; posto que a estatura será a que na realidade tiveraõ, ou naturalmente houveraõ de ter se a ella chegassem; 11 & assim na oraçaõ pelos defuntos diz a Igreja, que nossos corpos morrendo, não perecem, antes se mudaõ para melhor. 12 Pelo que os que mais trataõ do regalo do corpo, devem mais abraçar a virtude, para o fazerem mais bello, & felice na eternidade, sem repararem na corrupçaõ temporal; como huma dama para ter bom caraõ, ou hum doente para alcançar saude, se sugeyta com gosto aos trabalhos com que se ha de melhorar.

10 *Magist.*2.*dist.*19.

11 *Magist.Sent.l.*4.*dist.*44.

12 *Orat. pro defunct.* Corpore nostra moriendo non pereunt, sed mutantur in melius.

5 Assim se levantou o mundo da morte corporal em que havia cahido. E porque para passar a esta melhor immortalidade, he preciso que preceda a temporal morte que cada dia vemos; 13 tambem esta passagem se nos alivia na Payxão, & doutrina de *Christo*, discorrendo assim.

13 *D.Paul.1.ad Corint.* 15.36. *Joan.*6.44.& 55.

6 O terror da morte resulta em grande parte do como ella se pinta. A pintura faz poderosa impressaõ nos animos. Os Romanos aborrecèraõ seu novo Emperador Heliògabalo antes de chegar a Roma, só pelo verem retratado à Meda: muytos se namoràraõ naõ só por retratos, mas das mesmas pinturas, & de esculturas. 14 Por isso os que procuravaõ fazer odioso aos povos Atila Rey dos Hunnos q̃ vinha assolando Europa, o pintavaõ com cornos: os Hereges pintaõ algumas dignidades Catholicas em fórma horrivel, para enganarem os rusticos: os Portuguezes

14 *Vide in p.*1 *c.*22.*n.*9.

tuguezes nas guerras delRey Dom Joaõ I. com Castella, pintàrão nas bandeyras o Infante Dom Joaõ (que era muyto amado) meyo irmão do mesmo Rey, prezo como o tinhaõ os Castelhanos, & com cadeas. Descripçoens por escrito pintaõ ao entendimento com mais efficacia; com ellas pertendiaõ os Gentios desacreditar a Igreja santa em seus principios. 15

7 Pinta-se a morte hum cadaver desfigurado:na maõ huma fouce que tudo corta. Os Poetas 16 a descrevem horrivel, dandolhe por companheyras as doenças mais pestiferas. Os Filosofos Gentios encarecem seus males, como na primeyra parte dissemos; 17 & sobre tudo se representa aos Christãos o principio que se segue àquelle fim:conta estreyta,juizo severo, sentença finál, eternidade que pende de hum momento, & as mais consideraçoens tremendas do que referio hum de tres milagrosamente resuscitados na sepultura de Saõ Jeronymo. 18 Não he muyto que pintura tão horrivel atemorize aos mais valerosos.

8 Porèm como Alexandre não consentia que o retratasse senão Apelles, nem o esculpisse senão Pyrgoteles, ou Lysippo; 19 não devião pintar a morte senão aquelles Filosofos Christãos que bem o consideràraõ, representandose-lhes presente muytas vezes. Os tìmidos que lhe fogem, mal a pòdem retratar sem a verem. Aquelles excellentes Pintores aprendèraõ na doutrina de *Christo*, & tomando as cores, & pinceis de David (que a conhecia bem, porque andava cercado della, 20) a pintaõ huma estatua de pào, nem fea, nem fermosa, que cada hum pòde ornar como quizer; 21 se a dourão com obras santas, fica preciosa; 22 se a affeão com peccados, fica pessima; 23 preciosa, (explica Saõ Bernardo, 24) porque he fim dos trabalhos, logro da vitoria, porta da vida, entrada para a segurança; pessima, porque tudo isto tem ao revez.

9 Esta pintura, ou retrato a faz menos temida; porque ainda que a boa morte he favor especial de Deos, 25 tambem pende muyto de nòs. *Naõ pòde morrer mal* (diz Santo Agostinho) *quem viveo bem, & raramente morre bem, quem viveo mal.* 26 Por aqui se regula qualquer genero de morte em qualquer idade, antevista, ou subita; sempre he precioſa a bem prevenida. He confusaõ para os Christãos, haver Seneca dito quasi o mesmo. 27 Tal vez (diz Santo Anselmo 28) pela terribilidade apparente della quiz Deos purgar alguma culpa da natureza fragil. Saõ Simeão Stilita foy morto por hum rayo: 29 Saõ Belino despedaçado por caens: 30 S. Agatho, ou Agathonico, por leoens: 31 o Beato Jordano, Geral da Ordem dos Prégadores, morreo afogado: 32 o Beato André Avellino da Ordem dos Clerigos Regulares Theatinos, de hum accidente de apoplexia, que lhe deo chegando ao altar para dizer Missa: 33 Geron Arcebispo de Colonia, reputado por varaõ santo, estando em hum extasi foy enterrado vivo por astucia de Vvalramo que

15 *Arnold.l.8.contra gent.*

16 *Eleganter Mantuan.l.2. Alphonsi.* His dictis movere gradus, &c.

17 *P.1.c.10.*

18 *Refert D.Cyril. Hierosol ep. ad Aug.circa princip.tom 9.*

19 *Cicer.orat.pro Arch. Plin.l. 7.c.37.*

20 *Psalm.17.v.5.* Circumdederunt me dolores mortis.

21 *Ita P.Zachar.de Lysieux philos.Christ.p.1 c.3. Pedro de Valhes. no discurso do vaõ temor da morte.*

22 *Psalm 115.v.5.* Pretiosa in conspectu Dñi mors sanctorũ ejus.

23 *Psalm.33.v.21.* Mors peccatorum pessima.

24 *D.Bernard.de transit.Malachiæ.*

25 *Psalm.67 v.22.* Domini exitus mortis.

26 *D. Aug. de Doctor. Christ.* Non potest malè mori, qui bene vixit, & vix bene moritur, qui malè vixit.

27 *Senec.ep.79. ad fin.* Mortem desinamus horrere. Desinemus autem, si fines bonorum, ac malorum cognoverimus. Ita nec vita tædio erit, nec mors timori: si mors accedit, & vocat, licet immatura sit, licet mediam præcidat ætatem, perceptus longissimè fructus est.

28 *D. Anselm. apud Polyanth. verb mortis.*

29 *Prat.spir.c.17.*

30 *Cel. Rhodigin. lect. antiq. l. 17 c.28*

31 *Prat.spirit.supr.*

32 *Joan.Mich.Pius de vit. hom. illustr Domini ep.1.fol 253.& p.2. fol.9.*

33 *Felix Cantelorius in relation. B.Andr.Avellini §.de mort.B.Viri.*

que lhe quiz fucceder. 34 E para efcufar outros exemplos, bafta o que refere Holcot 35 de hum fanto varaõ, que morreo de repente eftando eftudando; & porque naõ foffe calumniada fua morte, quiz Deos que o achaffem apontando com o dedo no capitulo IV. da Sabedoria, aquelle lugar que diz: *O jufto fe for preocupado com a morte, eftarà em refrigerio*; & affim a morte do infigne João Duns Scoto,fingida pelo fabulofo Paulo Jovio, 36 repetida por poucos mal affectos, & confutada por todos os Efcritores verdadeyros, 37 não defacreditava a gloria que lhe grangeàrão fuas efclarecidas virtudes.

10 Mais ha que temer na vida, que na morte; a vida faz a efta temerofa; antes que chegue a devemos temer, fe a queremos vencer quando chegar. 38 He valentia temer o inimigo, não para lhe fugir, mas para nos armarmos; como fazia Saõ Paulo; 39 que o defprezado muytas vezes alcança victoria. 40 Dizemos que tememos a morte, & he falfo; fe a temeramos, não peccàramos; 41 & fe he verdade que a tememos, armemonos de virtudes, & logo, pois naõ fabemos quando virá; 42 de repente fe faz muyto mal a prevençaõ. Hum Santo Padre do ermo eftando morrendo, rio tres vezes; os affiftentes lhe perguntáraõ de que ria. Refpondeo: *A primeyra vez me ri, porque temeis a morte:a fegunda,porque vos naõ aparelhais para ella: a terceyra, porque vou do trabalho ao defcanço.* 43

11 O Ecclefiaftes 44 nos aconfelha que caminhemos aproveytando,45 antes que nos anoyteça. Melhor jornada fe faria madrugando na mocidade; mas tambem o velho que fe poz ao caminho,não deyxará de chegar, & fe não chegar ao alto do monte, bafta fer achado fubindo. 46 Nos montes, & nos valles prègava *Chrifto.* O Senhor da vinha paga como quer: mede a dor, & não o tempo, tal vez iguala os que tardárão,aos que fe apreffáraõ; 47 chama bemaventurados os fervos que acha apercebidos na primeyra, fegunda, ou terceyra vigilia. 48 Sós os que a noyte da morte achar dormindo, ou affentados, correm grande perigo; 49 Jacob ao pè da efcada do Ceo temèo, não por ver Anjos, nem por ver a Deos; mas porque Deos o achára dormindo. 50

12 Correm perigo; mas pòdem ter remedio. Ao arrependimento atè o ultimo da vida prometteo Deos perdão. 51 Confolame (diz São Pedro Chryfologo) 52 a inopinada converfaõ de Paulo: o exemplo do Eunucho: a confiffaõ do Ladrão,que roubou o Ceo quando pagava a pena de feus latrocinios. 53 A mifericordia de Deos he *a fua grande gloria*, porque a Igreja lhe dá graças: 54 porque he o noffo cabedal. Quem deve a Deos, naõ faz ceffaõ de bens, porq̃ fempre tem por onde pagar; em quanto elle for mifericordiofo, naõ deyxaremos de fer benemeritos, fazendo o que pudermos. De feus efcolhidos fofreo muytos aggravos, porque reconhecidos o amaffem mais. Em breve efpaço pòde fer taõ grande o amor de Deos, a averfaõ

34 *Joan. Gualter. in Chron. p.* 1282. *Gafpar Brufc. de Epifcop. German fol.* 1081. *Chron. Berg. an.* 965. *Baron. ad eundem an. cum Tritem. & alijs.*

35 *Holcot. in Sap.* 4.

36 *Paul. Jov. in elog. doctor. vir. elog.* 3. *de nudo fide Auctoris, vide in* 1. *p. c.* 30. *n.* 18. *in fine.*

37 *Latè ac eleganter R. P. Samanieg. in vit Scot. l.* 4. *c.* 2. *cum feqq.*

38 *D. Gregor. in hom.* Sic mors ipfa cum venerit, vincitur, fi priufquam veniat femper timeatur. *Senec. ep.* 30 *in fin.* Tu tamen mortem, fi numquam timeas, femper cogita.

39 *D. Paul. ad Roman.* 7.

40 *Liv. dec.* 3. *lib.* 1. Sæpe contemptus hoftis cruentum certamen edidit.

41 *Ecclefiaft.* 7. 40. Memorare noviffima tua, & in æternum non peccabis.

42 *Matth.* 24. 44. *Marc.* 13. *à n.* 32. *Luc.* 12. 40.

43 *Refert Joan. Bafil. Sanctoro in prato fpiritual. l.* 2. *tit. Flor. meditat. mort. c.* 1 *exemplo* 2.

44 *Ecclefiaft.* 12. 2.

45 *Ita explicat D. Bernard. ferm.* 49. *fup. Cant. prope fin.*

46 *Henrique de Sufo referido por Blofio na confolaçaõ de pufillanimes.*

47 *D. Matth.* 20.

48 *Luc.* 12. 38.

49 *D. Aug. de difciplin. Chrift.* Latet ultimus dies, ut obferventur omnes dies. *Et iterum:* Serò parantur remedia, cum mortis imminent pericula.

50 *Gen.* 28. 17. Pavens. *Rupert. ibi:* An timuit quia Dominũ viderat in quiete?

51 *Ezechiel.* 33. 12.

52 *D. Chryfol. ferm.* 61. *in princ. de Symbol. Apoftol.*

53 *Act* 7. & 8. *Luc* 23. 43.

54 Gratias tibi agimus propter magnam gloriam tuam.

averſaõ a os peccados por ſeu reſpeyto, & o deſcontentamento de ſi meſmo, que ſem pena ſe vá gozar da bemaventurança, ainda que ſe hajaõ comettido todos os peccados do mundo: 55 tam facil he ao *Senhor* perdoar dez mil talentos; como perdoar hum. 56 David 57 lhe diſſe: *Teus olhos viraõ minha imperfeyçaõ, & todos ſe eſcreveveràõ em teu livro*: & em outro lugar: *Por quem ſois Senhor, me perdoareis meus peccados, porque ſaõ muytos*; pondo a razão do perdoar na multidaõ dos peccados; porque a grandeza Divina ſe prèza de perdoar o que he mais; pequenos, & grandes ſe achaõ no Ceo; prometteo, 58 (& naõ engana) que ha de livrar a quem eſperar nelle.

13 Neſtas verdades infalliveis nos alivioú a doutrina, & redempçaõ de *Chriſto* os temores da morte pelo que ſe lhe ha de ſeguir. Poſto que ninguem ſe ache baſtantemente juſtificado, 59 & poſto que a carne tema, pois temeo a do Senhor da morte, & da vida: 60 o eſpirito a ſeu exemplo a deve vencer em conſideraçoens Chriſtás, como o grande Hilario quando dizia: *Sabe alma minha, que temes? Sabe, naõ duvides: ſetenta annos ha que ſerves ao Senhor, & temes a morte?* 61

14 Contra as tentaçóes que em aquelle tranſito ſe pòdem recear mais, temos nos documentos Chriſtãos ſaudaveis remedios. 62 Se tivermos a dita de que não nos commettaõ: nem o attribuamos à noſſa fortaleza, nem ao deſcuydo do demonio; mas ſó a mercè de Deos, que o naõ permitte, por naõ arriſcar noſſa fraqueza. Se nos combaterem, ſaybamos que he favor do meſmo *Senhor*, para nos dar o merecimento da victoria, ſe reſiſtirmos. Se for em materia de fé, creamos que a fé he mais certa que o que vemos cõ os olhos, & no coração digamos a Deos: *Creyo, Senhor, ajuday minha incredulidade.* Se for de torpeza, ou blasfemia, fazermos, ſe pudermos, o final da Cruz, dizer no coraçaõ algumas palavras devotas, abominar o demonio, & proteſtar, que antes quizeramos mil mortes, que conſentir em hum peccado. Se ſe offerecer alguma vangloria, lembrarmonos da multidaõ, & graveza de noſſos peccados. Se deſeſperaçaõ, ou deſconfiança, pormos o penſamento no abyſmo do amor Divino, & de ſua miſericordia, & que tanto mais reſplandecerà ſua gloria, quanto menos merecemos perdaõ. Se nos der cuydado a materia da predeſtinaçaõ, ou outra couſa dos juizos occultos de Deos; deyxar tudo à ſua diſpoſiçaõ, & piedade; ter por certo que deſeja muyto noſſo bem, & aſſim o encaminharà pois pòde: & eſtarmos firmes em que o que fizer ſerá juſto, & bem feyto. Se nos deyxarmos vencer de qualquer deſtas, ou de outra tentaçaõ, naõ culpemos a Deos, nem ao demonio, mas ſò a nòs meſmos, que naõ ſoubemos reſiſtir, & logo tornemos ſobre nòs, & convertamonos a Deos, pedindolhe perdaõ, & tornando a uſar dos meyos acima ditos. Por mais dores, & miſerias que nos apertem ſem conſolaçaõ, nunca imaginemos que Deos nos deſempàra, ou deyxa de nos amar;

enten-

55 *Cum D. Hieron. Jacob de Voragin. legenda* 150. *in princip. de cõmemor. omn. fidel defunct.* Si tantam haberent cordis contritionem, quæ ſufficeret ad delendum peccatum, liberi ad vitam tranſirent, quia contritio eſt maxima pro peccato ſatisfactio.
P. Lucas Pinelo no cõfeſſionar. geral, tract. 1. *c.* 3. *poſt med.*

56 *Matth.* 18 27.

57 *Pſalm.* 138. *v.* 15. Imperfectũ meum viderunt oculi tui, & in libro tuo omnes ſcribentur. *Et Pſalm.* 24. 11. Propter nomen tuum, Dñe, propitiaberis peccato meo, multum eſt enim.

58 *Pſalm.* 90. *v.* 14. Quoniam in me ſperavit, liberabo eum.

59 *Job.* 9. *n.* 2. *&* 20. *c.* 25. 4.

60 *Matth.* 26. 41: *Marc.* 14. 38.

61 *Vilhegas no Flos Sanct. p.* 1. *vida de S. Hilario.*

62 *Apud Ludovic. Bloſio na regra da vida eſpirit c.* 2. 5. 6. 9. 33. *&* 36. *& na conſolaçaõ de puſilanimes.*

entendamos que assim convem a nossas almas, resignando-nos na vontade do *Senhor*, que não pòde ser senão em nosso proveyto. Não nos dè cuydado se hiremos ao Purgatorio, & por quanto tempo, ou logo direytos ao Ceo; fiemonos de *Christo*; como de bom Pay, com resoluçaõ animosa nos arrojemos em seus braços, não amando menos sua justiça, que sua misericordia, tendo por mais penoso havermos peccado, que padecermos as penas do que peccamos; entendamos q̃ quer, & pòde levantarnos ao Ceo, se nos humilharmos, & confiarmos nelle. Ainda que servissemos pouco, esse pouco não ha de ficar sem premio; & bastanos hir ao Ceo, posto que não alcancemos tanta gloria como os que servirão mais. E quando vamos ao Purgatorio, lá se logrão os suffragios da Igreja, & quanto se padecesse seria quasi nada a respeyto da gloria seguinte. Se a fraqueza, ou juizo já vacillante não der lugar a estas consideraçoens, invoquemos, como pudermos, o Anjo de nossa guarda, os Santos que em vida escolhemos por nossos advogados; & principalmente a Payxaõ de Christo, & os nomes santissimos de Jesus, Maria, Joseph, ancoras firmes que não nos deyxaráõ naufragar.

15 Com as mesmas consideraçoens ficou aliviada a morte nas terribilidades temporaes a que antes nos condenava, como na primeyra parte desta obra diziamos. 63 Já vemos que não acaba tudo, como alli referiamos que nos persuadia Aristoteles; antes de mortaes, nos fazemos por ella immortaes, como acima 64 notamos. Já os Stoicos dizião, 65 que ella não era terrivel àquelles cujas acçoens louvaveis não podião morrer: que não se devia fugir da morte a que se seguiria immortalidade; 66 pois tal morte só punha fim aos cuydados; pelo que devia ser agradavel, 67 & desejarse a que se acompanhasse de virtudes. 68 Dizião que naturalmente era igual a todos, mas que se distinguia pela fama que cada hum deyxava. 69 E Gorgias perguntado, se morria de boa vontade, respondeo: *Que naõ fazia mais que mudarse de huma casa velha*; pudera accrescentar, *Inficionada de doenças*; & de taes casas, posto que magnificas, todos fogem. Se isto entendião os Gentios, só por lume natural, quando a morte dominava; hoje que está vencida por *Christo*, creamos ao Apostolo; que nos ensina de fé, que o morrer he arruinarsenos huma casa de terra, para se edificar outra perduravel; 71 & assim não se nos representará na morte a terribilidade de tudo se acabar com ella.

63 *P.1 c.1.n.1.com os seguintes.*
64 *Neste cap.n.4.& 5.*
65 *Tullius lib.paradox.* Mors terribilis est his, quorũ cum vita omnia extinguuntur; non his, quorum laus emori non potest.
66 *Idem Tull.lib.de Senectut.* Nemo censet fugiendam esse mortem, quam immortalitas sequatur.
67 *Idem 1.Tusculan.* Proh, Dii immortales! quàm illud iter jucundum esse nulla solicitudo futura sit.
68 *Senec.ep.68 latè.*
69 *Tacit hist.lib.1.* Mors omnibus ex natura æqualis est; oblivione apud posteros, vel gloria distinguitur.
71 *D.Paul.2.ad Cor.5.1.*

16 O terrivel na separação de alma, & corpo (que era o outro mal que notavamos na morte) 72 se he de saudades que a alma leva, não saõ devidas a corpo tão ingrato, que se entregou a appetites sem a respeytar, & a quiz mandar tendo-a por escrava: nunca Seiano a Tiberio pagou com mais afrontas as honras que delle recebeo. Chega o corpo a impedir á alma o conhecimento de si mesma; pois se ella quer comprehender sua essencia, não se pòde ver senão indireytamente por imagens que

72 *P.1.c.10.n.10.com os seguintes.*

que a reprefentaõ groffeyra, de que tira tão pouca luz, que naõ vè fuas excellencias. Elle finalmente a mata com acçoens feas, quando ella o eftá animando com a fua affiftencia. 73 Amigo tam falfo bem merece que a alma fe vingue, deyxando o pafto de bichos, fem a dignidade que lhe dava: & que ella parta alegre de gozar de fua effencia fem fugeyçaõ a qualidades, materia, & fentidos infieis; fendo-fe toda a fi, fem fe communicar a quem a naõ deyxa fer fua.

17 Se ha dor fenfivelmente corporal, filofofaõ muytos 74 que efta ceffa nos muyto velhos, que morrem faltandolhes a natureza; porque o que he natural antes dá gofto: & affim no ultimo alento o recebe o corpo defcançado. Paffando defte curiofo problema, que fó procede nos muytos raros q̃ cheguem a tam ultima idade; difcurfaõ outros, que fe hum Chriftaõ fe refignar totalmente em Deos, contemplar efficazmente fua gloria, & defejar fervorofamente fua prefença, pouco, ou nada fentirá efte apartamento; não digo que fuba á perfeyçaõ de S. Paulo, que em huma occafião parece o não fentio; 75 mas de outros Santos prova Richelio 76 que voáraõ as almas com gozo; porque, fegundo a boa filofofia, os movimentos mayores impedem os menores, & as vehementes payxoens de huma potencia fazem pouco, ou nada fenfiveis as da outra. Nos que naõ chegão a efta fantidade, a dor fe diminuirá ao paffo que a refignação crefcer. Em todos, diffe Marco Tullio 77 que aquelle fentimento, & dor he muyto breve, & affim pouco confideravel; mas efcreveo antes que o experimentaffe. O alivio grande, geral, & certo, he fer aquelle ponto hum termo entre o merecimento, & o premio: fer aquelle trabalho carroça que nos paffa da tribulaçaõ à tranquilidade; pois nos offerecemos a penas largas por coufas tranfitorias; porque reparamos em huma dor breve por eternidade de bens? Se a morte he o caminho para a Cidade Celefte, 78 não queremos andallo? Se a vida he eftalagem, queremos caminhar fem fahir della?

18 Conheçamos bem, que o defordenado temor da morte já tem pouca defculpa, pois o Filho de Deos o fuavizou tanto com feu exemplo, & com feus merecimentos, fazendo-a paffagem para a mayor gloria. E digamos generofamente: Já he demafia amar tanto hũa vida que não tem de bom mais que o fer breve, que me he commua cõ os irracionaes, que fuftenta meus males, que me fepára de Deos, & retarda minha felicidade; porque temerey largar carga taõ pezada? He poffivel que me agrada a doença, & que gòfto do tormento? Quem me detem nefte mundo, quando tudo me lança delle? A defordem dos elementos me enfraquece, o movimento dos Ceos com fuas influencias me confume, o occafo do Sol me he exemplo a fepultarme, o calor natural devorando, me apreffa, Deos me chama, & fó eu recufarey a pezar de todas as creaturas, q̃ fe enfadaõ já de meu pouco valor, & tem determinado minha morte?

Quero

73 *D. Ambrof. de bon. mort. c. 7.* Anima vitam corpori tradit: caro autem vitam animæ transfundit.

74 *Senec. epift. 30. ad fin.* Non dubitare autem fe quin fenilis anima in primis labris effet, nec magna vi diftraheretur à corpore. *Trata iſto Hieronymo de Huerta nos probl. de Ariftol problem. da morte. E egregiamente o P. Mendoça no Viridario l. 4. problem. 10.*

75 *D. Paul. 2. ad Cor. 12. 3.* Sive in corpore, five extra corpus nefcio.

76 *Richel. de laud. Virg. l. 4. art. 3.*

77 *Tullius de feneɛt.* Jam fenfus moriendi, fi aliquis effe poteft, ifq; ad exiguum tempus durat. *Senec. d. epift. 30. prope fin.* Nullum dolorem effe in illo extremo anhelitu; fi tamen effet, haberet aliquantulum in ipfa brevitate folatij.

78 *Joan. 6. 44 & 55.*

79 *Outras confideraçoens fe podem ver no trat.* do vaõ temor da morte, *que anda no fim da vida de S. Bruno.*

Quero fazer voluntario o que he necessario; offerecer por dadiva o que he divida: pois hey de morrer, ainda que naõ queyra, pejeme de apparecer diante do *Senhor* como servo pertinaz sem me conformar alegre com o que elle ordena. Oh vida, que pouco vales! como te posso amar depois de tanto conhecer? nada quero de ti: só te sofrerey em quanto Deos o manda: com ancias esperarey a morte como minha bemavẽturança, entre tanto te estimarey por castigo. 80

80 P Zachar. de Lysieux na philos. Christ. no fim da 1. p.

CAPITULO LIII.

Como a redempçaõ, & doutrina de Christo *nos alargou tambem a vida temporal, & felicitou as miserias della, remediando a ruina que o peccado tinha causado; & em que maneyra nos escusou chorar pelos que morrem.*

1 QUe remedios excogitáraõ os homens para alargarem a vida, a que o peccado sincopou o caminho do berço para a sepultura? 1 Esgotada a medicina com seus liquidos thesouros de perolas, & ouro potavel, entrárão os alambiques dos Chymicos destillando composiçoens, em que a virtude dos astros se unisse com a das plantas, & mineraes; mas nunca se conseguio o intento. Hum Rey dos Chinas, entre os quaes he mais prezada a vaidade desta arte, cuydo que tinha achado aquelle segredo em huma bebida breve que guardava na sua camera, tendo-se já por immortal; mas tardando em tomalla, se anticipou furtivamente hum dos seus camareyros. Quando o Rey o soube, o quiz matar; porèm elle se defendeo com hum forte argumẽto. Disse-lhe, q̃ se o q̃ bebèra o tinha immortalizado, já o Rey o não podia fazer morrer; & se não tinha tal virtude, elle lhe não fizera desserviço; & assim a colèrica acçaõ que emprendia, ou ficaria impossivel, ou injusta. 2

1 Vide in 1. p. c. 16. n. 3.

2 Referè o P. Lysieux na Philos. Christ. p. 1. c. 12.

2 O que tantas diligencias não pudèraõ alcançar, poz *Christo* Senhor nosso em nosso poder com sua redempção, & doutrina. He-nos a vida como a fazenda, que em maõ de quem a dissipa, sempre he pouca: & cresce com o uso, se he bem governada. O que a gasta em delicias, só professa passatempos, & a emprega em vans occupaçoens, não he pobre, mas prodigo do tempo; ainda que se abstenha dos vicios, se está ocioso nas virtudes, he como o que dorme, que não tem vida, mas duração; se não se aproveyta dos annos, para que os quer mais largos? esperar aproveytarse daquelles a que poucos chegão, he Insania. Em todos os estados, de dias se pòdem fazer seculos, professando-se acçoens virtuosas, posto que se naõ falte a alivios honestos; estes só por bordão, aquellas por mantimento. Muyto disto dizião já os Gentios; 3 porèm os mais delles

3 Plato, & Simonides apud Stobæum serm 7. & 96. Senec. de brevit. vit. à princ. & epist. 78 in princ.

(como Santo Agostinho 4) vivião bem para vangloria, & assim desmerecião; só a Christandade com virtude solida alarga a vida verdadeyra.

3 Quem não confessará que vivèraõ muyto, posto que morressem de pouca idade, os Santos que em breves annos obráraõ tanto: & todos os justos, que por letras, armas, ou outra sua vocação, se empregàrão em acçoens meritorias? Contoulhes a morte o triunfo por annos; pareceolhes nesta equivocação que já tardava, & que os levava depois de dilatados seculos. 5 Outros vivem para morrerem; estes morrem para viverem: vivião sugeytos à morte, já vivem isentos de suas leys: a morte os privou da vida em que morrérão; mas não da vida em que se perpetuárão; nada lucrou levando o mortal, pois se mostra vencida da immortalidade: se em outros he triunfante, nestes he despojo. Não tirára Deos deste mundo seus mimosos, se não tiverão vivido quanto lhes bastou; & alguns máos não tira em muytos annos, porque ainda não tem vivido, & quer por sua piedade ver se se emendão; ou justificar mais sua condenação; & tal vez he para exercicio dos bons, ou para castigo de outros màos, ou porque padeçaõ vivendo. Se não tivera estas razoens, parece que as creaturas se queyxarião de serem forçadas a servirem mais tempo aos reprobos, que aos predestinados, quando antes para aquelles se deverão escurecer, enfurecer, & esterilizar, em vingança do Creador; & da afronta propria com que empregão tão mal suas operaçoens.

4 Finalmente todas as cousas acabão bem logradas, no fim para que Deos as creou; com razaõ dizemos que se perdèrão, se não se empregárão nelle: navio que se rompe fazendo viagens, morre melhor logrado que o que durou mais annos sem navegar. Nasceo o homem para acçoens de virtude; 6 só nellas vive, & não no tempo; se se descuyda, sente que este passou quando o não conhecia: nem teve poucos annos, mas perdeo muytos: não se lhe deo curta vida, elle mesmo a fez. Já na primeyra parte dissemos disto mais. 7

5 Por modo semelhante nos consolou *Christo* nos trabalhos, & miserias da vida, se souberamos sofrellas, antes as fez bemaventuranças, assegurandolhes premios; 8 combatidos pelejamos: pelejando resistimos: resistindo vencemos: vencendo nos coroamos: se não houvera inimigos, não houvera triunfos: se não houvera perseguiçoens, não houvera martyres: se não houvera padecer, não houvera merecer: no pobre Lazaro 9 mostrou o mesmo Senhor a eternidade de bens com que recompensa; quem não escolherá paciencia temporal por premio eterno? 10 Só saõ duras as penas presentes a quem despreza a gloria, q̃ se lhes ha de seguir; culpemos nossa ignorancia, que a graça de Deos não nos desampara; antes quantos mais golpes dispensa, tanto mais nos guarda sua piedade. 11

6 Do que fica dito neste capitulo, & no precedente, se infere

4 *D. Aug. de Civ. Dei l. 5. c. 13. & 14. Dissemos na 1. p. c. 19. n. 4.*

5 *Sapient. 4. v. 7. & 8.* Justus autẽ si morte præocupatus fuerit, in refrigerio erit: senectus enim venerabilis est, non diuturna, neque annorum numero computata: cani autem sunt sensus hominis, & ætas senectutis vita immaculata.

6 *Senec. de brevit. vit. in princ.* Homini in tam multa, ac magna genito.

7 *P. 1 c. 43. n. 5.*

8 *Matth. 5. Luc. 6.*

9 *Luc. 16. 25.*

10 *De hoc Lactant. Firmian. divin. inst. l. 6.*

11 *D. Gregor. in Moral.* Mala vitæ præsentis tantò durius animus sentit, quantò pensare bonum quod sequitur negligat. Nequaquam nos gratia in adversitate deserit: quia quó nos durius ex dispensatione percutit, eo amplius ex pietate custodit.

infere o que disse Tertulliano, 12 que chorar com impaciencia os mortos, he agourarmos mal sua salvação, contra nossa esperança; prevaricar a Fé, offendendo o Redemptor. Que os das partes do Norte apartados da Igreja introduzissem ha poucos annos cobrir atè os coches de negro; tem causa mysteriosa; porèm que os que morremos Catholicos, imitemos tal demasia, he grande inadvertencia: se às exequias que pelos mortos fazemos chamamos *Honras*; (disse São Chrysostomo) 13 para que os deshonramos com os chorar; & mostrar estes excessos de tristeza? Nas mesmas exequias dizemos por elles; com David; que Deos fez mercè á sua alma; 14 & choramos? ou não cremos o que dizemos; ou choramos contra razaõ. Antes devemos alegrarnos pelos ver transplantados a melhor terra, 15 livres da vexação dos impios; 16 & izentos de poderem cahir. 16

7 Se lhes choramos a morte corporal; tambem offendemos (diz o Apostolo 18) a esperança Christã, que daquella morte promette a resurreyção immortal: 19 & se choramos esta dilação; não merece lagrimas, que saõ sangue do coraçaõ ferido, 20 thesouro que só se deve a Deos, 21 tam estimado delle, que alcanção perdão de peccados sem pedirem; 22 só este mal diminuem, accrescentando todos os outros; 23 quem quizer empregallas em chorar mortos, chore as virtudes que nelle estão mortas, aconselha Santo Ambrosio; 24 os vivos impios saõ mais dignos de lagrimas. A hum Filosofo perguntou hum tyranno, porque chorava tanto a morte de hum amigo. Respondeo: *Naõ choro tanto porque elle morreo; como porque tu vives; porque nas Academias de Grecia mais choramos porque vivem os máos, que porque morrem os bons.* 25

8 Finalmente se nos doemos de que o chorado padecesse aquelle transe da separação da alma, além do que sobre isto já dissemos 26 para nosso alivio, deveramos chorar quando nasceo mortal, não quando passa a immortal; logo de entaõ foy morrendo: 27 cada dia tributou à morte algum penhor do resto que agora pagou: não a estranhou agora, porque sempre lhe foy hospeda: 28 muytos golpes lhe tinha ella dado; neste só proseguio o que começou ha muyto tempo; & o que parece victoria he já triunfo. Os antigos que queymavão os corpos mortos, (costume introduzido para fugir o furor dos inimigos, que os desenterrava) reservavão hum dedo da maõ para meterem na sepultura, & com isto ficava ella lugar sagrado cõforme as leys. Se taõ pequena parte representava enterrado todo o corpo: bem nos podemos todos chorar por enterrados, pois he já enterrada tão grande parte da nossa vida. Por isto o Apostolo sem implicar, dizia, que o tempo da dissolução de seu corpo estava perto, & já se dava por sacrificado: 29 mas nòs idolatramos em ametade do lenho, de que a outra ametade está já desfeyta em cinza. 30

12 *Tertullian. l. de patient.* Hujusmodi impatiẽtia spei nostræ malè ominatur, & fidem prævaricatur, & Christum lædit.

13 *D. Chrysost. hom. 70. ad pop. Antioch.* Qua namque de causa, quæso, Presbyteros vocas, & psallentes? nonne quò te consolentur? nonne quò defunctum honorent? cur igitur ipsum afficis contumelia? quare publica prosequeris ignominia?

14 *Psalm 114. v. 7.* Convertere anima mea in requiem tuam, quia Dominus benefecit tibi.

15 *P. Lysieux, na philos. Christ. p. 1. c. 10.*

16 *D. Aug. l. de Vit. Christ.* Vocantur ante tempus boni, ne diutius vexentur à malis.

17 *Sapient. 4. 11.* Placens Deo, raptus est ne malitia mutaret intellectum ejus, aut ne fictio deciperet animam illius.

18 *D. Paul. ad Thessal. 4. 12. & 13.*

19 *Diximus sup. c. 52. n. 1. cum seqq.*

20 *D. Gregor. Nissen. in orat. funebr. Placid. Imper.* Vulnerum animi tãquam sanguis lacrymæ sunt.

21 *Assim o dizia Santa Rosa Dominicana, como referimos no seu Panegyr. p. 2. §. 3.*

22 *D. Ambros. sup. Luc. l. 9.* Lacrymæ veniam non postulant, sed obtinent.

23 *D. Chrys. d. hom. 70. in princ.*

24 *D. Ambros. sup. l. 5. c. 6.* Habet unusquisq; quos fleat mortuos suos.

25 *Refere Fr. Hector Pinto nos dialog. p. 2. dial. 1. c. 20.*

26 *No cap precedente n. 15.*

27 *Vide 1. p. c. 10. n. 3.*

28 *D. Gregor. Nissen. orat. de mort.* Mors non est nobis peregrina, sed hospes.

29 *D. Paul. ad Timot. 2. c. 4. 6.* Ego enim jam delibor, & tempus resolutionis meæ instat. *Ita explicat P. Lyseux in philosoph. Christ. p. 1. c. 31.*

30 *Isaia 44. à n. 15.*

8 Só se permittem lagrimas, & lutos pela miseria da natureza, como Adam chorou Abel, 31 & *Christo* a Lazaro; 32 ou por saudades, 33 que em hum amante não admittem razaõ: como o grande Agostinho chorou a ausencia de Santa Monica duas vezes mãy sua, & se desculpava, 34 com que não era muyto chorar poucos dias a falta de quem o achára tantos annos. Mas ainda assim encomẽda o Espirito Santo moderaçaõ, 35 que nem falte à humanidade, nem à dignidade; & nos lutos só he louvavel honesta imitação da santa ceremonia da Igreja. O mais he de vulgo imitador dos ignorantes, que choravão os eclipses do Sol; pois a morte he breve eclipse aos que logo luziraõ. Sente-se Deos do justo q̃ chora a perda da vida temporal, porque parece que a prefere á futura, 36 & chega a castigallo por esta causa. 37 A petição de Ezechias 38 teve desculpa antes da redempçaõ do peccado: o *Redemptor* livrandonos da tyrannia da morte, nos escusou estas lagrimas, & assim ficão reprehensiveis na dos que entendemos q̃ se melhoraõ. 39 Só na lembrança do mesmo *Senhor*, acompanhando a *Virgem* saudosa, a Magdalena amante, & afflicçaõ de tantos Santos, devemos chorar a Innocencia, padecendo para nos livrar de males, & quam mal correspondemos a tanto beneficio.

31 *Dissemos na p.1.c.17.n.6.*
32 *Joan.11 35.*
33 *Carol. Paschal. l. de virt. & vit c.57.*
34 *D. Aug. l.9. Confess. c. 12. in 1. tom.*
35 *Ezechiel. 24. 17.* Ingemisce tacens. *Ecclesiast. 22. 12.* Modicum plora super mortuum quia requievit.
36 *Ita P. Lysieux sup. cap. 9. in princ.*
37 *D. Aug. de Civ. Dei l. 1. c. 9.* Cum malis flagellãtur, & boni, non quia simul agunt malam vitam, sed quia simul amant temporalem vitam; non quidem æqualiter, sed tamen simul, quam boni contemnere debent.
38 4. *Reg. 20. Isai. 38.*
39 *D. Isidor. l. 3. de sum. bon.* Illi deplorandi sunt in morte, quos miseros infernus ex hac vita recepit; non quos cælestis aula lætificando includit. *Plura D. Chrysost. hom. 70. ad pop. Antioch. tom. 1. P. Castro na reformaçaõ Christ. trat. 4. c 13.*

CAPITULO LIV.

Como Christo *Senhor nosso ensinou o verdadeyro caminho de alcãçar honra, contra os errados que mostrou o peccado. Trata-se da Humildade, & do Perdaõ.*

1 TUdo o que arruinára o peccado, levantou *Christo*; puderamos exemplificallo em todas as penas, & em todos os erros, em que na primeyra parte desta obra nos mostrámos cahidos; mas fora assumpto muyto largo, mais proprio aos Expositores Evangelicos, que ao instituto humilde que professamos, de entreter com historia, & erudição Christã. A geral doutrina de ter bom coração, & que delle se encaminhem as acçoens para bom fim, 1 he lème do acerto em tudo o que se obra. Porèm como dissemos 2 que no entendimento haviamos tido a mayor ruina: & reduzimos a verificação disto á estimação que elle faz da honra, vida, & fazenda; 3 tambem agora, posto que mais brevemente, nos veremos bem doutrinados naquellas mesmas estimaçoens.

1 *Matth 5.8. & 15.18.*
2 *Na 1. p. c. 31.*
3 *Na mesma 1. p. c. 33. & seguintes.*

2 A que estimemos a honra nos deo *Christo* exemplo, quando defendeo seu credito nas imposturas dos Judeos; 4 quando perguntou a seus Discipulos que opinião tinhão os homẽs delle; 5 & quando tantas vezes se publicou Filho de Deos. Tambem seu brio sentio os aggravos; a treyçaõ de Judas; 6 o modo vil com que foy prezo; 7 a bofetada em casa de Annás. 8 Mas para

4 *Joan. 8. à n. 49.*
5 *Matth. 16. 13. Luc. 9. 19. Marc. 8. 27.*
6 *Matth. 36. 49. Marc. 14. 28. Joan. 13. 21. Luc. 23. 48.*
7 *Marc. 14. 48. Luc. 23. 52.*
8 *Joan. 18. 23.*

para adquirir,& conservar essa honra,ensinou meyo muyto differente dos que na primeyra parte dissemos 9 que a cegueyra do peccado introduzio nos homens. Foy esta a *Humildade*, pela qual ensinou que os homens se exaltarião , & que serião humilhados, & desacreditados, se se quizessem exaltar. 10 E como a honra he o principal do homem, nisto principalmente nos quiz dar exemplo em si, fazendo profissaõ, & humildade,& mandando a seus Discipulos que nisto aprendessem delle; 11 o que lhes não especificou em outra virtude. 12

3 Não foy esta doutrina só para o espiritual, mas tambem para o temporal; assim o mostrou na parabola do assento no convite das vodas; 13 & S.Paulo disse do mesmo *Senhor*, que porquè se humilhára, lhe dera Deos nome venerado tambem exteriormente com genuflexoens de todas as creaturas. 14

4 Naõ digo que o homem se envileça , vileza he muyto differente de humildade: o vil he abjecto,& contemptivel , 15 o que procede ordinariamente de costumes , ou trato vicioso, & assim he contra a honra ; o humilde guarda decoro na pessoa sem fausto,com que fica estimavel,& só elle dentro de si mesmo se abate,desprezando a propria excellencia.16 Foy-nos *Christo* Divino exemplar,sendo modestamente tão aceado como o descrevem David ,& a Esposa Santa nos Cantares ; 17 prègando, & fallando com gravidade, & madureza , que dissemos: 18 conciliando com isto a mayor humildade ; por isso se chamou, *Humilde de coraçaõ*. 19

5 Nem nego que tambem se haja de procurar a honra por outros meyos licitos ; antes toda a doutrina de *Christo* exhortou a acçoens excellentes , porque a verdadeyra se alcança ; & para credito tambem com o mundo , ensinou que além de serem bons interiormente seus Discipulos , trouxessem nas mãos tochas accesas das boas obras , 20 para que fossem vistas de todos ; 21 o que Saõ Pedro tambem ensinou. 22 Porèm tudo se ha de fundar sobre a humildade ; quanto mais alta quizermos fabricar a grandeza,tanto o alicerse deve ser mais bayxo ; 23 & se levantada a fabrica , se tirar o alicerse,tudo se arruinará. 24

6 He a razão desta doutrina allegorizada já pelos antigos Poetas em Icaro, que vãglorioso na honra de o verem os ventos com privilegio de Ave,quiz voar tão alto, que brevemente cahio; & em Dedalo, que com semelhantes azas se sustentou voando,porque humilde conheceo a fraqueza dellas.Outra razaõ allegorizão na fabula da mosca,que jactanciosa de voar pelo alto , habitar Paços Reaes , & comer em mesas esplendidas , sem trabalhar,desprezava a formiga,que andava pela terra,morava em cavernas , & rohia o duro grão que ajuntára com trabalho; mas esta lhe respondeo , que a sua vida era mais honrada , porque não era ociosa , & muyto louvada por exemplar da providencia : sendo a mosca molesta , & odiosa a todos, vivendo só hum

9 *P.1.c.33. & sequentibus.*

10 *Matth.23.12.Luc.14.11.* & 18.14.

11 *Matth.11. 29.* Discite à me, quia mitis sum, & humilis corde.

12 *Notat D. Aug. de verb. Domini.*

13 *Luc.d.c.14.8.*

14 *D.Paul.ad Philip.2.8.*

15 *Vide Calepin. diction: verb. Vilis.*

16 *D.Bernard de grad.humilit.vide Polyant.verb.Humilitas,in princ.*

17 *Psalm.44.v.3.4.& 5.Cantic. per tot.*

18 *Supr.c.45.n.4.*

19 *Matth.d.c.11.29.* Humilis corde.

20 *Luc.12 35.*

21 *Matth 5 16.*

22 *1.Petr.2.12.*

23 *D. Aug de Verbis Domini*: Cogitas magnam construere fabricam celsitudinis ? de fundamento prius cogita humilitatis.

24 *Senec tragic.in Thyeste*:
Quid fuit ut tutas agitaret Dædalus alas?
Icarus immensas nomine signat aquas ?
Nempe quod hic altè, demissius ille volabat;
Nam pennas ambo non habuere suas.
Crede mihi;bene qui latuit, bene vixit ; & intra
Fortunam debet quisque manere suam.

hum Veraõ, & morrendo, ou de fome, ou de frio no primeyro Inverno. 26 O que se vé em honra sem humildade, muytas vezes escandaliza, & ouve o que não quizera ouvir.

25 *Æsop. fab. 141.*

7 Como o soberbo he aborrecido, o decorosamente humilde he agradavel; todos o estimaõ, & desejaõ levantallo; ninguem cuyda que desfaz em si quando ajuda o que se lhe naõ quer aventajar; antes entende que faz causa propria em honrar aquelle que se lhe iguala. A quem naõ quer exceder, naõ persegue a inveja; salvo for invejado por esta virtude, & entaõ ficará mayor.

8 A humildade escusa desconfianças com que o altivo toma por injuria o que nem he aggravo, & fica offendido por sua opiniaõ, que póde mais que a verdade. 26 Se ha verdadeyra offensa, o sabio humilde he mais prompto a tirar della mais honra, seguindo o meyo que ensinou *Christo* de a perdoar, 27 contra a vingança que o peccado ensinava. O perdaõ he mais nobre vingança: ou porque quem perdoa se mostra taõ superior, que a offensa intentada lhe naõ póde chegar, como no sabio estoicamente discursou Seneca; 28 ou porque se julga por mais forte que o offensor, obra mayor acçaõ vendo-se a si; quem he forte, he sofredor; assim disse David que era Deos. 29 No caso em que o poder vingarse he certo, nenhum escrupuloso do mundo negará que he mais honra o absterse. Joaõ Gualberto nobre Florentino tendo a seus pès hum matador de seu irmaõ, lhe perdoou, porque elle lho pedio pelas Chagas de *Christo*; & entrando na primeyra Igreja, pendurou sua espada diante da Imagem de *Christo* crucificado, por trofeo da vitoria que de si mesmo alcançára: o *Senhor* inclinou publicamente a cabeça, como em agradecimento; favor que obrigou a Gualberto a deyxar o mundo, & foy instituidor da Ordem de Valle Umbrosa, debayxo da Regra de S Bernardo. 30 Com semelhante acçaõ Dom Leonis Pereyra nosso Portuguez, Fidalgo que militava na India, dandolhe hum soldado ordinario huma bofetada dentro de huma Igreja, & puxando elle por hum punhal para o matar, tendo o sugeyto pelo pescoço com a maõ esquerda, lhe pedio o soldado que por aquella sagrada Hostia, que hum Sacerdote, que estava dizendo Missa, levantava entaõ, o naõ quizesse matar; respondeo o valeroso Dom Leonis: *Essa te valha*; & o deyxou livre. 31 Quem naõ confessará que ficáraõ mais honrados estes illustres Varões?

26 *Senec. l. in sapient. non cad. injur. c. 4. ad fin.* Ad tantas ineptias perventũ est, ut non dolore tantùm, sed doloris opinione vexemur.

27 *Matth. 6. 12. & 18. 27. 33. Luc. 23. 34.*

28 *Senec. d. l. in sap. non. cad. injur.*

29 *Psalm. 7. v. 12.* Deus judex justus, fortis, & patiens: numquid irascitur per singulos dies?

30 *Baptist. Fulgos. l. 4. Andreas Eborens. cap. de moder. anim.*

31 *Francisco Soares Toscano, nos parallelos de Varoens illustres c. 15. Dissemos nas Excell. de Portug. c. 9. excel. 9. n. 8.*

9 Com exemplos se comprou em todos os seculos esta verdade. Quanta mais honra alcançáraõ nas letras Eschilo, Socrates, Marco Tullio, Pomponio, & Santo Agostinho, pela humildade com que se confessavaõ necessitados de aprender; 32 que Asinio Pollion, & Barbacia presumidos de ensinar? 33 Nas armas (deyxados exemplos antigos) quanto mais se acreditaõ os que fallaõ cõ modestia, que os valentes de arrogancia? Na qualidade do sangue, & em todas as mais que conduzem à honra,

32 *Vide in 1. p. c. 35. n. 5.*

33 *Vide in 1. p. c. 27. n. 4. & 35. n. 6.*

honra, vemos cada dia a certeza da doutrina do *Senhor*, que *Só a humildade exalta*. As honras humanas, em tudo sombras, fogem a quem as segue, & seguem a quem as foge, guardando esta ordem, ainda quando as dispoem especial providencia soberana. E assim disse hum judicioso Escritor deste tempo, com Santo Agostinho, que toda a vida do verdadeyro humilde he huma contenda com Deos, sem contenderem as vontades; porque o humilde procura abaterse, & Deos trata de o levantar: & em fim Deos vence, como Omnipotente. 34

34 *D. Aug. l. de salutar. docum. c. 31. in tom. 4. P. Fr. Joseph Ximenes Samaniego, na vida de Scoto l. 1. c. 12. n. 1.*

CAPITULO LV.

Como a doutrina, & Ley de Christo *nos ensina, & ajuda a estimar a vida, & aliviar as miserias della.*

1 TAmbem nos ensinou *Christo* a estimar a vida, sem o erro que na primeyra parte notamos, 1 de amarmos taõ cegos, que nem conhecemos suas miserias; nem por razaõ alguma deyxaremos de amallo. Mostrou-nos o miseravel della, chorando na resurreyçaõ de Lazaro; 2 advertio-nos que seus cuydados nos naõ descuydassem da morte; 3 & que nos fosse odiosa, se nos desviasse da salvaçaõ: 4 salvos estes inconvenientes, quer tanto que a amemos, que se offende se a destragamos: & dispensa nos jejuns de sua Igreja, se nos prejudicaõ á saude; quer que vivamos, vivendo bem.

1 *P. 1. c. 36.*

2 *Joan. 11. 35.*
3 *Luc. 21. 34.*
4 *Joan. 12. 25.*

2 Para isto nos deo o *Senhor* ley que regulasse a vida para a virtude, & tambem para as commodidades temporaes. 5 Pois amar a Deos nos acredita de entendidos; naõ jurar, nos mostra cortezes; santificar as festas, alivia o trabalho; honrar os pays, he interesse de todos; naõ matar, defende a mesma vida; ser casto, guarda a saude; naõ furtar, preserva a fazenda; naõ levantar testemunhos, assegura de falsidades; naõ cobiça o alheyo, sossega o animo; naõ desejar a mulher do proximo, acode pela honra; finalmente em seu epitome: *Amar a Deos, & ao proximo:* 6 o amor de Deos nos persuade a observar estes preceytos; 7 o do proximo conservar a sociedade humana; & he de notar, que á caridade, que he em bem commum, qualificou o *Senhor* pela mayor de todas as virtudes. 8 Pezo he doce, jugo suave, 9 ley que taõ facilmente nos faz a vida amavel, & em cuja observancia se acha logo a paga, como disse David. 10

5 *Vide D. Paul. ad Roman. 13. ex n. 8.*

6 *Matth. 22. 37.*
7 *Joan. 14. 23.* Siquis diligit me, sermonem meum servabit.

8 *D. Paul. 1. ad Cor. 13. 13.*
9 *Matth. 11. 30.*
10 *Psalm. 18. 12.* In custodiendis illis retributio multa.

3 Sobrevindo trabalhos, & doenças, a fazem mais preciosa, resignandose em Deos. He certo que Deos nos ama muyto: ensinaõ os Theologos 11 que da clarissima luz com que conhece sua bondade, & do encendido amor com que a ama, lhe nasce hum perpetuo desejo de que seja conhecida, & amada de suas creaturas; & deste desejo hum solicito cuydado de buscar todas as occasioens, & modos de o conseguir; & para isto os enche

11 *Vide Fr. Leandro de Granada no trat. Luz de maravilhas, discurso 1. §. 5. à n. 8.*

enche de mercès, & trata como a filhos, ſendo (como diſſe Saõ Bernardo 12 *Naõ ſó amante, mas amor*; a que ajuda muyto (diz o meſmo Santo) 13 a ſemelhança, que com elle temos. 14 Logo, pois nos ama, (inferem os Doutores Chriſtãos 15) tudo ordena para noſſo bem; ou por caſtigo de Pay, ou para emenda, ou para merecimento, como ſe diz no livro dos Machabeos; 16 & qualquer miniſtro das adverſidades he miniſtro ſeu, como entendia Job perſeguido pelo Demonio. 17 Facilita-ſe a tolerancia neſtas conſiderações.

4 Para temperar, & ſuavizar tudo nos deo muytos alivios, pois para nòs creou todos os bens do mundo; ſó prohibe uſarmos delles em quanto nos impedem o amor Divino, affeyçoandonos a ſi com demaſia, & mereceremos logrando-os a louvor, & gloria do Creador. 18 Por ſer o homem ſociavel, 19 lhe he natural o da converſaçaõ, 20 ſendo com bons, 21 & tratando aos mayores com reſpeyto, aos menores com modeſtia, aos iguaes ſem competencia; que ſaõ os termos em que ſe conſerva, & aproveyta. 22 Huma pratica affavel, & bem compoſta, porèm mais ornada de ſubſtancia, que de palavras, 23 alivia muyto as affliçoens do animo: 24 o proverbio antigo, a que alludio Virgilio, 25 dizia, que *Hum companheyro bem fallante era carroça para huma jornada*, ſignificando neſta todos os trabalhos. Ouvir aos que andàrão em outros Reynos, & Provincias ſobre o que nelles virão, (ſe não fabulaõ, como alguns fazem) he muyto aprazivel; noſſo Rey Dom Manoel o coſtumava; 26 & ElRey Catholico Dom Felippe II. quando veyo a Portugal, goſtava de ouvir a Fernão Mendes Pinto, em cujas peregrinaçoens, & ſucceſſos que dellas eſcreveo, moſtrou o tempo com a experiencia a verdade que ſe lhe diſputava antes que houveſſe tantas noticias daquellas partes. Finalmente a converſaçaõ varia (como deve ſer, & naõ de huma ſó materia) 27 he força que o divirta; & tendo ſeus grãos de ſal, miſturando o util com o doce, divertirá mais. 28 Outro genero de converſação he a liçaõ de livros, com a melhor qualidade ſe logra dentro da propria caſa a toda a hora, eſcolhendoſe os que mais contentaõ, & deyxandoſe, ſe começão a enfadar. Poſto que a certa he mais util, a varia he mais deleytoſa; 29 cada hum pòde achar ao que mais ſe inclina, como dizia Claudiano ao Emperador Honorio: 30 o grande Rey de Aragão, & de Napoles Dom Affonſo confeſſou, que em huma grave doença mais devèra á lição de Quinto Curcio, que aos Medicos: 31 todo o pezo da vida, (diſſe bem Horacio 32) ſe paſſa levemente com a liçaõ. Na ſahida ao campo ſe deyxaõ os cuydados do povoado: os olhos ſe eſtendem livres pela azul abobada dos orizontes; já guarnecidos nos crepuſculos com purpura, & prata, já illuminados do Sol eſpelho das obras de ſeu Creador. A terra alcatifada de verde, matizado com variedade incomprehenſivel de flores, na menor dellas, & na hervinha mais deſprezada oſtenta

gran-

12 *D. Bernadr ſerm* 83 *in Cant. circa med.* Deus non modo amans, ſed amor eſt.

13 *Idem in Cant. ſerm.* 81.

14 *Vide ſup. p* 1. *c.* 2. *n.* 4.

15 *Henrique de Suſo, no dialog. entre a ſabedoria eterna, & hum miniſtro. Ludovico Bloſio na conſolaçaõ de puſill. & no eſpelho eſpirit. c.* 8. *&* 9. *ad med. & na regra da vida eſpirit. c.* 9.

16 2 *Machab* 6. *à n.* 13.

17 *Job.* 1. 21. Dominus abſtulit.

18 *Bloſio na regra da vida eſpiritual c.* 27. *ad fin.* 28. *in princip. &* 29 *in princip.*

19 *Ariſtot.* 1. *Ethic. c.* 7.

20 *Ariſtot.* 1. *de Rep c.* 1.

21 *De hoc multa apud Polyanth. verb. converſationis.*

22 *Epictetus apud Stob. ſerm.* 3. *de temperant.*

23 *De hoc Cicer. de part. orat. & pro leg. Manil.*

24 *Philo Hebr. l. de Somnijs.*

25 Comes facundus in via pro vehiculo eſt. *Apud Senec in proverb. Virgil. Æneid.* 8. Varioque viam in ſermone levabat.

26 *Goes na Chron. delRey Dom Manoel p.* 4. *c.* 84. *no princ.*

27 *Virgil. ſup.* Vario ſermone.

28 *Horat. in Art.* Omne tulit punctum qui miſcuit utile dulci

29 *Senec. ep.* 49 Lectio certa prodeſt, varia delectat.

30 *Claudian. ad Honor. l.* 4.

31 *Apud Panormit. de reb. Alphonſ. l.* 1.

32 *Horat lib* 1. *ep.* 18. Quia ratione queas traducere leniter ævum &c.

grandeza de ſeu artifice, que nenhum Monarca do mundo pode igualar. As copioſas ſearas, ou ſombrios arvoredos, as frutiferas plantas, ou animaes fecundos, moſtraõ a liberalidade ſoberana: os paſſarinhos, que de ramo em ramo cantando voaõ, muſicas alternão, convidão a Divinos louvores por tantos beneficios, em que ſe achaõ regalados todos os ſentidos, vendo, cheyrando, goſtando, tocando, & ouvindo. E as cryſtalinas aguas entre rios murmuraõ, & fogem de corridas a noſſa ingratidão. A muſica, o jogo, a caça, os varios ſabores dos manjares, ſaõ divertimento, & delicias, uſados nos termos, & limites que em outras partes já diſſemos; 33 & aſſim ſe permittem em Religioens reformadas. Cria-nos Deos a ſeus peytos com amor de mãy, como diſſe Iſaìas; 34 do bom nos dá o util, ſó prohibe o exceſſo, que em tudo he nocivo; condena a gula, que mata, quando parece que regalla; & os paſſatempos que prejudicão buſcados para alivio; naõ he iſto aborrecer a vida, antes he tratalla como lhe convem. Eſtreyto he o caminho do Ceo, 35 mas largo o roteyro porque ſe acerta; 36 faz-ſe muyto ſuave a quem ſe poem a elle com boa vontade; 37 & huma vez acertado; vay-ſe paſſeando por larguezas. 38

5 Mas porque alguns afflictos não poderáõ uſar daquelles alivios, & ainda aos que uſaõ delles, nenhum ha no mundo perfeyto, & que ſatisfaça às miſerias da vida, como fica dito; 39 para todas nos deo *Chriſto* Senhor noſſo exemplo de paciencia, como diz Santo Ambroſio; 40 he conſolação ter companheyros nas penas; 41 & nenhuma nos pòde vir que o *Senhor* naõ experimentaſſe: deſterro, cançaſſo, cavillaçoens, ingratidoens, tentaçoens, fome, ſede, blasfemias, afflicção de eſpirito, treyção, & deſemparo de amigos, teſtemunhos falſos, todo o genero de injurias, as mayores dores em todas as partes de ſeu corpo ſagrado, atè morrer deſpido, nù com a mayor pobreza, & ſem ter aonde inclinaſſe a cabeça; tudo ſofreo humilde, obediente, & pedindo perdão para os inimigos no meſmo tempo em que o atormentavão; muyto anìma, ainda para o temporal, o padecermos ſó parte, quando o *Senhor* padeceo tudo.

6 Os altos eſpiritos, que abſtrahidos do mundo, voluntariamente eſtreytão mais a vida, então a fazem mais amavel, pois a empregão melhor. Não he deſprezo, mas eſtimação dedicàlla toda a Deos; offerecerlhe o que mais ſe ama, não he deyxar de amar, mas fineza da virtude. 42

7 Finalmente com a vida merecemos; & aſſim devemos eſtimalla, pois acabada ella não podemos merecer: ou lograda nos goſtos permittidos, ou reſignada em Deos nos ſucceſſos contrarios, a podemos ſempre fazer precioſa; & levantados por *Chriſto* da mortal ruina, podemos já dizer melhor que Diogenes: *Naõ he miſeravel o viver, mas o viver mal.* 43

8 Não he iſto contra o que diſſemos tratando das miſerias da vida, & da felicidade da morte; a vida he amavel nos termos Chriſtãos; em quanto ſe vive: & he contemptivel, ſe ſe morre bem.

CA-

33 *P.1.c.23.maximè n. 19. & c. 37. n 3. & 7. & c. 38. n. 9. & c. 39. maximè n.16*

34 *Iſai.66.11.* Ut ſugatis, & repleamini ab ubere cõſolationis ejus ut mulgeatis, & delicijs affluatis, ab omnimoda gloria ejus.

35 *Matth.7.14.*

36 *Pſalm.118.v 96.* Latum mãdatum tuum nimis.

37 *Alvor.Pelag.* de *planet. Eccl. l.2.c.68.poſt med.* Quod anguſto initio incipit, proceſſu temporis ineffabili dilectionis dulcedine dilatatur; & ibi multa de hoc.

38 *Pſalm.118.v.45.* Et ambulabam in latitudine, quia mandata tua exquiſivi.

39 *P.1.c.37.cum ſeq. maximè c. 43.n.8.*

40 *D.Ambroſ ſup.Luc 5.*

41 Solatium eſt miſeris ſocios habere.

42 *De Eraſm.apophthegm.* Tanti faciunt virtutem, ut hujus gratia vitam, alioquin charam negligant.

43 *Diogen. apud Laert. de vit. philoſoph.l.6.* Non vivere miſerum eſt, ſed malè vivere.

CAPITULO LVI.

Como Christo *Senhor nosso nos ensinou a nos aproveytarmos das riquezas.*

1 OS erros que na primeyra parte 1 notamos do entendimento cego pelo peccado,no desejo,acquisição, uso, & perda das riquezas, nos emendou tambem *Christo* com sua doutrina.

2 Ensinou que professar pobreza he mayor perfeyção; 2 & elle mesmo a professou, dandonos exemplo. 3 Sendo voluntaria (que he só a que se louva) enthesoura no Ceo: 4 & ainda na terra escusa os males que dissemos das riquezas,& já possue o Reyno de Deos. 5

3 Aos que naõ tem tanto espirito, não reprovou o *Senhor* o desejo da fazenda; 6 entende-se para bom fim, 7 & sendo moderado, com prudencia; 8 não appetitoso por cobiça, raiz de rapinas. 9 Deve-se desejar para prevenção de necessidades, não para multiplicação de cabedal; 10 & esta moderação he util para enriquecer; porque o que menos cobiça, mais facilmente se satisfaz, 11 & quem muyto quizer, sempre será pobre. 12 Accommodou-se o *Redemptor* à fraqueza de espirito dos que remia; porque se nas riquezas largas ha perigo,tambem o ha na pobreza necessitada, para quem a não quer abraçar; aquellas levantaõ a soberba, esta precipita a desesperaçaõ; aquellas causaõ negligencia, 13 esta cuydados; 14 aquellas enlação com segurança, esta com temores: ambos applicão o animo á terra, & o apartaõ do Ceo: não importa ser com gostos, ou affliçoens: igual he a doença, que vem de delicias, ou de trabalhos. Por isto o Sabio 15 pedia mediocridade de bens, porque nem incitado com fartura,nem obrigado de fome offendesse a Deos.

4 Os meyos de adquirir devem ser justos. Em parabolas apontou *Christo* a compra, 16 & a negociaçaõ licita: 17 David tinha apontado o trabalho das mãos proprias, 18 em que se comprehendem todos os justificados. Sustentouse o *Senhor* do que trabalhavão seus Pays santissimos; 19 seus Discipulos usavão do officio de pescar; 20 quando necessitou, pedio; 21 nem quiz fazenda de milagre, posto que lhe era facil fazellos; nem tomar contra vontade,posto que de tudo era Senhor. Nem o que se adquire com queyxas, nem o que apparece como milagroso, sem se ver donde resultou, se pòde conservar, ou faz honrados, 22 por nossa conveniencia quer Deos meyos justos para os bens serem duraveis. 23

5 Para o uso deyxou *Christo* exemplos no rico avarento, 24 &

1 *P.1.c.44.*
2 *Matth.19 21.*
3 *Matth.8.20.D.Paul.2.ad Corint.8.9.*
4 *Matth.6.20.*
5 *Matth.5.3.Luc.6.20.*
6 *Matth.13.44.*
7 *Vide p.1.c.19.n.4 & 5.*
8 *Proverb.23. 4.* Noli laborare ut diteris, sed prudentiæ tuæ pone modum.
9 *D.Ambros.l.15.Moral.Vide p.1.d.c.44.n.4.*
10 *D.Aug.de conflict.vitior.*
11 *Democritus apud Maxim. serm.12.Cleantes apud Stob.serm.2. Socrates apud eumdẽ serm.5.& apud Ant.Maliss.p 1. serm. 17.*
12 *D.Aug.serm.l.1.11.*
13 *Gloss sup.Paul.ad Thessal. 5. sup illo:*Rogamus autem vos.
14 *Ecclesiast.40.30.*
15 *Proverb.30 9.*
16 *Matth.13.44.*
17 *Matth 25.26.Luc 19.14.*
18 *Psalm.127.v.2.*
19 *Supr.c.37.n.3.& c.40 n.3.*
20 *Joan.21.3.*
21 *Matth.21.3.Marc.11.1.Luc.19.29.*
22 *Vide p.1.c.44.n.6.*
23 *Vide in 1.p.d.c.44.n. 5.*

24 & no jactanciofo do que enceleyrava : 25 nos quaes não condenou o poſſuirem ; mas no primeyro, não ſoccorrer a Lazaro; 26 no ſegundo, não ſe lembrar de Deos : 27 ſe o avarento dèra ao pobre , levára ao outro mundo dinheyro , como em letra de cambio : ſe o jactancioſo dèra graças ao *Senhor* , pondo nelle o coração , & não todo nas riquezas , elle lhas multiplicara. Salamaõ , & o Eccleſiaſtico 28 deraõ a regra : cada hum coma , beba , & gaſte com alegria no neceſſario ſem exceſſo ; logre o que tem , pois para iſſo ſe lhe deo ; com tanto que louve o *Senhor*, que lho deo , nelle tenha o coração , & não falte às obras de piedade em quanto puder ; quem pede , & deve a Deos tudo , porque lhe ha de negar parte ? bem baſta que o *Senhor* ſe lhe faça companheyro contentando-ſe cõ o menor quinhão ; & ſe de rico ſe fez pobre por nos enriquecer ; 29 porque não daremos por ſeu amor o que nos pòde ſer ſuperfluo? Deſpezas em utilidade publica tambem lhe agradão , porque he pay univerſal , & cabeça da Republica do mundo. Já apontamos 30 alguns varoens que por ellas merecèraõ. Propoz-nos exemplo da prodigalidade , 31 para evitarmos os males que della advertimos , 32 & deſpendermos com a mediocridade que manda a prudencia.

24 *Matth.* 18.16. *Luc.* 19.18.
25 *Luc.* 19. à n. 19.
26 *D. Chryſoſt. hom.* 55. *ad popul. Antioch.* Non enim quoniam dives fuerat puniebatur, ſed quoniam miſericordiam non exhibuit.
27 *Gl. ſ. Auguſt ſup. Pſalm* 61. Non enim damnat divitias, ſed cor appoſitum.
28 *Eccleſiaſtes* c. 17. & 18. *Eccleſ.* 14.11. Si habes , benefac tecum , & dignas Deo oblationes offer.
29 *D. Paul. ad Corinth.* 8.9.
30 *Supr. d. c.* 44. *n.* 16.
31 *Luc.* 15.13.
32 *Dicto c.* 44. *à n.* 12. *in* 1. *p.*

6 Para menos ſentirmos a perda da fazenda , nos enſinou *Chriſto* que tiveſſemos o coração nos theſouros do Ceo , & naõ nos da terra. 33 Aſſim teremos reſignaçaõ , entendendo que para noſſo bem tomou Deos aquelle inſtrumento , como diziamos no capitulo precedente. 34 O animo varonil , & Chriſtaõ (diſſe o grande Agoſtinho) nem ſe deve levantar com as riquezas , nem quebrantar com ſua perda. 35 Tudo poz Deos debayxo de noſſos pès : 36 não quer que o ponhamos ſobre a cabeça.

33 *Matth.* 6. *à n* 19.
34 *Cap.* 55. *n.* 3.
35 *D. Aug. ep.* 140. Animum virilem, & Chriſtianum nec debent ſi accedant extollere: nec debent frangere , ſi recedant.
36 *Pſalm.* 7.8. Omnia ſubjeciſti ſub pedibus ejus.

7 Aſſim como na honra , vida , & fazenda , principaes bens do mundo , exemplificamos quanto a doutrina de *Chriſto* Senhor noſſo nos allumiou o entendimento cego pelo peccado, aſſim mais largamente ſe pudèra moſtrar em todas as materias. Baſtenos ſaber que enſina a oppor as virtudes aos vicios : dá forças contra a iraſcivel , temperança contra a concupiſcivel: aplaca as payxoens que offuſcão a prudencia , com que facilmente ſaberemos abraçar o bem , & fugir o mal , ſe quizermos; & tudo nos verifica levantados de huma ruina miſeravel , a huma vida feliz ; as miſerias que ainda nos ficàrão do peccado, ſaõ para merecermos mais ſofrendo , & vencendo; & ſatisfação temporal para a Divina juſtiça.

CAP.

CAPITULO LVII.

Como o Senhor *ſubio ao Ceo,& deyxou a* Mãy *Santiſſima na terra para altiſſimos fins.*

1 DEpois de *Chriſto* Senhor noſſo ſe manifeſtar por vezes reſuſcitado, & entre ellas o nome de Galilea, 1 que alguns dizem foy o Thabor, 2 preſentes mais de quinhentos fieis, 3 que alli ſe achárão por ſeu mandado; 4 depois que lhes deo noticia clara da *Santiſſima Trindade*, & do poder que a elle ſe dèra; depois que enviou ſeus Diſcipulos a prègar, & a doutrinar todas as gentes, 5 ordenando-os então Biſpos, como os tinha ordenado Sacerdotes na ſagrada Cea; 6 & com promeſſa de os acompanhar ſempre: depois que conſtituhio a São Pedro cabeça da Igreja, 7 havendo prevenido, & conſolado a todos para ſua Aſcenção, & promettido a vinda do Eſpirito Santo; 8 em huma quinta feyra, quarenta dias depois da Reſurreyção, 9 juntos com a *Virgem* Santiſſima no monte Olivete, á parte Oriental de Jeruſalem, os onze Apoſtolos, os ſetenta & dous Diſcipulos, & outros fieis, 10 entre elles a Santa Magdalena, 11 todos em numero de quaſi cento & vinte, 12 com doces, & myſterioſas palavras fez a ultima deſpedida para ſubir ao Ceo.

1 Matth.28.16.
2 Refere o P. Fr. Joſeph de Jeſ. Mar. hiſt. de N. Senhora l.5.c.1.n.4.
3 D. Paul. 1. ad Corinth. 15.6.
4 Matth.28.ſup.& c.26.32. Marc.14.28.& c.16.7.
5 Matth.18.19. Marc.16.15.
6 Viguer. Granat. inſt c.16.verſ. 5 & ſeqq. Vilhegas na vida de Chriſt. c. 49. na margem do princip.
7 Joan 21. à n.15. Bellarmin. tom.1. controv. lib. 2. de Rom. Pontif.
8 Joan.14. & 16.
9 Actor.1.3.
10 Horat. Scogl. Catacenſ. hiſt. à primord. Eccleſ. t.1. verſ. Jeſum redivivum.
11 Vilhegas, Flos Sanct. na vida da Magdalena.
12 Vilhegas na vida de Chriſt. c. 48. ad fin.

2 Recomendou a São Pedro o governo da ſua Igreja: confortou os Apoſtolos: conſolou aos Diſcipulos: a todos encheo de eſperanças: aſſegurou glorias, & accendeo em amor: com o Evangeliſta amado ſeria a deſpedida mais amoroſa: a Magdalena amante mal ſe poderia apartar dos ſagrados pès; & as outras ſantas mulheres derramarião lagrimas copioſas.

3 Com a *Virgem Mãy* forão os colloquios mais Divinos, & as ſaudades mais intimas; os Santos pondèrão 13 que o *Senhor* lhe ſignificaria quam agradavel lhe fora levalla comſigo, ſe não conviera deyxalla por alguns annos na terra, para que por mais tempo empregaſſe ſeu immenſo cabedal de graça: para a receber no Ceo com particular triunfo: para ſer Meſtra, & amparo de ſeus Diſcipulos: & para conſolação de todos os fieis, porque viſſem na terra o maravilhoſo eſpectaculo da Mãy de Deos homem, como os Anjos verião no Ceo a gloria do homem Deos. Pondèrão tambem, quam reſignada reſponderia a *Virgem*, não attendendo tanto ao ſentimento de ſua auſencia corporal, quanto ao goſto de lhe obedecer. Com iſto ſe darião docemente os abraços; todos os preſentes lhe beyjarião os pès: & lançandolhes o *Senhor* ſua benção, 14 ſendo meyo dia para a huma hora, ſe levantou da terra, deyxando nella o ſinal de ſuas plantas ſantiſſimas, que ainda no tempo de São Jeronymo ſe via, 15 & começou a ſubir ao Ceo. Subio como Deos por virtude

13 Apud P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. l.5.c.3.n.1.& 2 & c.7.n.4. & 5 Vide infr. c.1.n.1.& c.62.n.1.
14 Luc.24.51.
15 D. Hieron. de loc. Hebraic. Catacenſ. ſupr.

virtude propria: 16 & o Evangelista São Marcos diz, *Que foy levado*; 17 porque nossas conveniencias, 18 & outras razoens o levavão saudoso, como por força, da delicia que tinha em estar com os homens. 19

4 Os olhos, os suspiros, as saudades de todos ajoelhados com o rosto para o Nascente (porque o *Senhor* subia com a face ao Poente) 20 seguião a seu Deos. A *Virgem* recebia singular gosto, vendo a carne formada de suas entranhas levantada a tanta gloria: & que depois de triunfar de seus inimigos, & haver remido o mundo, penetrava os Ceos. Antes que a altura a que hia subindo desvanecesse os olhos, appareceo huma galharda nuvem, & pondoselhe primeyro aos pès por estrado, logo formando throno ao corpo, depois servindolhe de cortina, o encobrio à vista dos que nella lhe davaõ os corações. Mas não podendo ainda tiralla daquella parte, lhes apparecèraõ dous Anjos com vestes brancas, & lhes disserão: *Varoens Galileos, que estais olhando para o Ceo? Este* Jesus *que foy levado de vòs para o Ceo, assim virà como o vistes hir.* 21

5 Romperaõ-se os Ceos: sahirão coros de Anjos innumeraveis, & perguntavão huns aos outros, como disse Isaìas: *Quem he este que vem do mundo, tintos seus vestidos em sangue? Este fermoso em sua humanidade, & que caminha na multidaõ de sua fortaleza.* 22 Perguntavão, por admiração de verem hum homem taõ sublimado, posto que tambem o conheciaõ Deos. Festejáraõ tambem os Patriarcas, Profetas, & mais Santos que o *Senhor Jesus* levava em sua companhia; & o *Padre Eterno*, recebendo-o amorosissimamente, o assentou à sua mão direyta: 23 à profissaõ Theologica deyxamos o que nisto se significa. 24 O que mais passou naquella triunfal entrada, nem cabe em palavras, nem na imaginaçaõ.

6 Os Doutores Santos 25 chamão a esta celebridade, *Festas das festas, solemnidade das solemnidades, a mais gloriosa para Christo, & para os homens.* Para *Christo*; porque foy termo de sua jornada ao mundo; & todas as outras solemnidades teve ausente (quanto ao corpo) de seu *Pay* eterno: só nesta foy seu corpo gozar de sua presença na altura dos Ceos; & assim parece que com particular mysterio o nomea o Texto sagrado nesta occasiaõ *Senhor Jesus*; 26 como se nella se mostrasse mais *Senhor.* 27 Para os homens; porq̃ aqui alcançou a natureza humana a honra mais sublime de se ver assentado no throno de Deos à mão direyta de Deos *Padre*, sobre os còros dos Anjos, & abrirem se as portas do Ceo, entrando logo muytos na posse delle, & ficar patente sem se poder fechar. Este Samsaõ Divino abrio as portas da Cidade Celeste, & (figurada na Cruz) as levou nos hombros ao alto monte, 28 porque ficasse aberta a Cidade; foy o *Ave* chave para abrir; mas não sabe fechar. No lugar donde *Christo* subira se edificou hum Templo, & por nenhuma arte se pode cobrir o tecto daquelle espaço de area por onde passara

16 *D.Petr.Damian.de Assumpt. Virg.serm.*

17 *Marc. 16. in fin.* Assumptus est in Cælum.

18 *Joan.16.7.*

19 *Proverb.8.31.*

20 *P.Fr.Man. do Sepulchr. Refyg.espirit.p.1.c.34.n.8.*

21 *Act.1.11.*

22 *Isai.63.1.*

23 *Psalm.109.v.1. Symbol Apost.*

24 *Maldon.in c.16.Marc. v Et sedet à dextris Dei.Henriq.in summa, tom.2.in com. ad Symb. in verb.* Sedet à dextris Dei.

25 *D.Bernard.serm.2.de Ascens. in princip. D.Leo serm.2 de eadem D.Bernardin. de Sen.etiam de eadem serm. 2.*

26 *Marc.c.ult.n. 19.* Et Dominus quidem Jesus.

27 *P.Fr.Man.do Sepulchro d.p. 1.c.35.*

28 *Judic.c. 16.3.* Impositasque humeris suis portavit ad verticem montis.

 sara

ſára ſeu corpo: todo o mais edificio ſe fez perfeyto; 29 ſó naõ queria o *Senhor* q̃ ſe fechaſſe o caminho q̃ elle huma vez abrira.

7 Subio o *Redemptor* ao Ceo, diz o Evangeliſta Saõ Lucas 30 que todos aquelles fieis tornáraõ para Jeruſalem com grande goſto; & o *Senhor* tinha dito que ficariaõ triſtes: 31 triſteza goſtoſa: ſaudades alegres, que ſentiaõ a auſencia, & ſe gozavaõ na utilidade. A Sagrada *Virgem* tinha eſpecial conſolaçaõ vendo as profecias cumpridas, o mundo remido, Deos glorificado: a Fé ſuſtentava ſeu animo: a eſperança conſervava ſua alegria: a caridade augmentava ſeu gozo: na alma tinha preſente o que os olhos naõ viaõ: & as potencias ſuavemente logravaõ o que ſe eſcondia aos ſentidos.

29 *Sever.Sulpit.hiſt.lib.2.Beda de loc.Sanct.c.7.Baron.an.34.*
30 *Luc.d.c.ult.n.52.*
31 *Joan.16.20.*

CAPITULO LVIII.

Como a Virgem *Senhora noſſa authorizou, & felicitou a poſſe que Saõ Pedro tomou do Summo Pontificado. Trata-ſe dos annos que viverão os Papas: mudãça que fazem nos nomes: modo de ſua eleyçaõ: ſciſmas que tem havido na Igreja: de ſua juriſdiçaõ no temporal; & como em varias occaſiões ſaõ venerados pelos Principes.*

1 COmo devemos a Deos a creaçaõ, & conſervaçaõ, (que naõ he menor beneficio) 1 quiz o *Senhor* que deveſſemos a ſua *Mãy* naõ ſó cooperar em noſſa regeneraçaõ, 2 mas tambem obrar no augmento da Igreja em que nos conſervariamos.

2 Logo que ſubia ao Ceo *Chriſto* Senhor noſſo, exercitou Saõ Pedro a Vicaria, & lugar-tenencia que elle lhe deyxára, 3 porque naõ podia eſtar o corpo da Igreja ſem huma cabeça. O primeyro acto que lemos deſte Principado, foy quando como ſuperior ordenou 4 que ſe procedeſſe à eleyçaõ do lugar do Apoſtolado que Judas perdèra. Diz o Texto, que Saõ Pedro para fallar ſe levantára 5 em pè; acçaõ (nota Ruperto 6) de inferioridade, & reverencia à *Mãy de Deos*, que eſtava preſente; ſe alli naõ eſtivera, naõ ſe levantára Saõ Pedro para fallar aos mais, a que era ſuperior. Quiz Deos com aſſiſtencia da *Virgem* felicitar a poſſe que Saõ Pedro entaõ tomou, 7 como com influencia de eſtrella benigna.

3 Felicitou a duraçaõ daquelle ſupremo Pontificado na peſſoa do meſmo Saõ Pedro; pois de duzentos quarenta & tantos Papas que (com pouca differença no numero) contaõ os Eſcritores atè hoje, eleytos muytos em boa idade, nenhũ durou os annos que S. Pedro teve a Cadeyra em Roma, que foraõ quaſi vinte & cinco, alèm dos ſete que a tivera em Antiochia; & por

1 *D.Chryſoſt.ad epiſt. Paul. ad Coloſſ.c.1 hom.3.ante med.* Conſervare non minus eſt, quàm omnia condere.
2 *Supr.c.48.*
3 *Supra c.57.n.1.*
4 *Actor.1.15.*
5 Exurgens Petrus in medio fratrum, dixit.
6 *Rupertus c.5. in Cant. verbo,* Qualis eſt dilectus tuus.
Refert P. Fr.Joſeph de Jeſu Maria hiſt.da Virg.l.5.c.7.n 5.
De aſſiſtentia Virginis Bivar. ad Dextrum an.34 comment 7 n.7
7 *Horat.Scogl.Catac. hiſt à primord. Eccleſ. l. 1 verſ. Petrus, in princip.pagin.mihi 45.*

por esta experiencia, que se tem por mysteriosa, se cuyda que assim succederá nos futuros.

4 Felicitou credito á santidade de Pedro; pois, por veneraçaõ della, costumando os eleytos Papas, do tempo de S. Gregorio Magno em diante, como vestindo novo homem, mudar o nome, à imitaçaõ de *Christo* o haver mudado a Pedro; 8 nenhũ se tem chamado *Pedro*, tendo-se todos por indignos de nome tão grande; & com razaõ. A hum homem que se chamava Alexandre, disse o grande Macedonio: *Ou sede Alexandre, ou deyxay o nome.* A' mudança daõ alguns Authores 9 outras causas menos certas; & cuydão que se introduzio no Papa Sergio II. pelos annos de 844. mas o não se chamar algum *Pedro*, já do anno de 543. em q̃ o Patriarcha S. Bento subio ao Ceo, 10 se imitava no Mosteyro de Cassino, em que nenhum Abbade se tem chamado *Bento*, por veneração do mesmo Patriarcha, que alli foy o primeyro. 11

5 Ajudou a felicidade das eleyçoens, pelas quaes, & naõ por successaõ foy conveniente que se continuassem depois de Saõ Pedro os Summos Pontifices. 12 Atè o tempo do Emperador Constantino Magno pelos annos de 306. as faziaõ os Ecclesiasticos de Roma entre perseguiçoens, & segredos. 13 Depois da liberdade q̃ deo Constantino, concorria o consentimento do povo Christaõ, & por cortezia se confirmavaõ pelos Emperadores, que assistiaõ ordinariamente em Constantinopla; & alguns davão poder para esta confirmação ao Governador q̃ tinhão em Ravena com titulo de *Hexarco.* E posto que Constantino IV. no anno de 685. renunciou qualquer direyto q̃ aquelle costume lhe pudesse haver dado; com tudo se tornou a elle com os Emperadores Occidentaes que o Papa Leão III. resuscitou em Carlos Magno no anno de 800; 14 atè que o Papa Nicolao II. no anno de 1059. em hum Concilio Romano de 113. Bispos, com acordo dos mais a que tocava, fez hũ decreto, em que por justas razões se commetteo a eleyção aos Cardeaes, como procuradores de toda a Igreja; 15 & assim se faz de presente com a fórma, & solemnidade que por outros decretos 16 ordenárão os Papas Alexandre III. no Concilio Lateranẽse III & Gregorio X. no Concilio Lugdunense II. Em tantas eleyçoens, de tantos votos, em diversos tempos, & por differentes maneyras, nunca prevaleceo intrusaõ que interrompesse derivarse de S. Pedro até hoje a Vicaria de *Christo* legitimamente; effeyto da assistencia do Espirito Santo; 17 mas a que fez a *Virgem* na primeyra posse, tinha sido Aurora deste Sol Divino.

6 Acrisolouse esta excellencia nas cismas com que o demonio a combateo. No anno de 253. com a de Novaciano contra Saõ Cornelio; no anno de 352. com a de Feliz contra Saõ Liberio; no de 367. com a de Ursino contra Saõ Damaso; no de 419. de Eulalio contra S. Bonifacio; no de 499. de Lourenço contra Simacho; no de 531. de Dioscoro contra Saõ Bonifa-

8 *Matth.16.17.*

9 *Mexia na Sylv. de var. liç. l. 1. c. 21. Vilhegas, Flos Sanct. vid. de S Gregor. Pap. Matute na prosap de Christ. idade 4. c 8. §. 6. Ilhesc. hist. Pontif.*

10 *Segundo a melhor opiniaõ, com Genebrard. & Yepes, Fr. Joaõ de Sanct. Thom. na Bened Lusit. tom. 1. trat. 1 p. 4 c. 1. no princ.*

11 *Fr. Leaõ sup. c. 2. das adições no fim do trat. 2 p. 5.*

12 *Benè ostendit Aug. Triumpho de potest. Eccles. q. 1. per tot.*

13 *Mexia na Sylv. de var. liç. l. 1. c. 21. Thom. Boss. de sign. Eccles. l. 9. sign. 34. c. 5. n. 18.*

14 *Mexia supr.*

15 *Cap. In nomine Domini 23. dist. de Concilio habetur in 3. tom. Conc. pag. mihi 59.*

16 *Cap. Licet de vitanda election. & cap. Ubi periculum eodem tit. in 6.*

17 *Cap. ult. 79 dist.*

cio II. no de 537. de Vigilio contra S. Sylverio; no de 767. (ou 750. ſegundo outros Authores) com a do Anti-papa Theophilato; no de 824. de Zinzino contra Eugenio II. no de 855. de Anaſtaſio contra Benedicto III. no de 891. de Sergio contra Formoſo; no de 964. com a ſciſma que houve entre Leaõ, Benedicto, & Joaõ XII. no de 995. com a de Joaõ contra Gregorio V. no de 1402. com a de João, & Sylveſtre, ambos intruſos; no de 1058. de Benedicto contra Nicolao II. no de 1061. de Honorio contra Alexandre II. de 1080. (ou de 1078. ſegundo outros Eſcritores) com a de Guilberto, que ſe chamou Clemente, contra Gregorio VII. no de 1099. de Alberto, & Theodorico contra Paſchoal II. no de 1130. de Leão contra Innocencio II. no de 1159. de Victor, Calixto, & Paſchoal contra Alexandre III. no de 1327. de Nicolao favorecido pelo Emperador Ludovico V. contra João XXI. no de 1378. a mais terrivel do Anti-papa Clemente, a que ſuccedèraõ outros, contra Urbano VI. no de 1424. de outro Clemente contra Martinho III. (por outro computo, Martinho V.) no de 1439. de Felix contra Eugenio IV. tantos combates permittio Deos por noſſas culpas; 18 mas nunca o inimigo prevaleceo: ſempre ficou o Pontificado em ſucceſſaõ legitima.

7 Felicitou aquella benigna Eſtrella o facil exercicio da juriſdicção Pontifical, que ainda na primitiva Igreja, entre as mayores perſeguições de tyrannos, regeo o eſpiritual com tanta perfeyção, que ſempre ſe foy augmentando atè glorioſamente conquiſtar o mundo.

8 Acabadas as perſeguiçoens, exercèrão os Papas ſua juriſdicção não ſó no eſpiritual, em q̃ direytamente lha deo *Chriſto*; 19 mas tambem no temporal (contra os mayores Principes) em ordem ao eſpiritual, em que a tem indireytamente 20 por neceſſaria conſequencia: 21 & aſſim, por cauſa da religiaõ privárão os Summos Pontifices Conſtantino, Gregorio II. & Gregorio VII. a Filipo, Leão III. & Nicephoro, Emperadores de Conſtantinopla; ſe bem contra Leão ſe não executou em muytas terras. E Innocencio III. Innocencio IV. Bonifacio VIII. (ſegundo alguns Authores) & Clemente IV. privárão a Otho IV. Federico II. Adolpho, & Luis V. Emperadores de Alemanha: Zacharias privou a Childerico Rey de França; Urbano IV. a Manfredo Rey de Napoles, & Sicilia; Julio II. a Joaõ, & Catherina Reys de Navarra: 22 refiro como ſe praticou o direyto: não qualifico as informaçoens do facto, em que ſe fundou, que tal vez ſaõ erradas. 23 Omitto cenſuras que não procedèraõ, por penitencia, concordia, & outras cauſas 24. E aſſim como tiravão, tambem davão eſtados em ordem à religiaõ. Leão III. fez Emperador de Alemanha a Carlos Magno; Zacharias fez Rey de França a Pipino; Paſchoal I. a Lothario Rey de Italia; Innocencio II. & Clemente IV. a Rogerio, & Carlos I. Reys das duas Sicilias; João II aos Reys Catholicos Fernando, &

18 *Cap. Audacter. 8. q. 1.*

19 *Matth. 16 18. Joan. 21. 15. Cap. Illud Domin. de maior. & obed.*

20 *Cap. Novit. 13. in fin. princ. de judic. Cap. Per venerabilẽ §. Rationib. qui fil. ſint legit. Cap. Ad abolendam 9. §. Statuimus. de heret. Extrav. Si fratrum §. Sane, ne Sede vacant Gloſſ. verb. coronam, in §. In Chriſti nomine, de pace Conſt. Bart. in L. Si Imperialis n. 4. ff. de leg. Hoſtienſ. latè in ſum qui fil. ſint. leg. §. Et à quo. P. Suar. de leg. l. 1. c. 6. n. 3. & l. 3. c. 19. & c. 11. n. 12. Bovadilha polit. l. 2. c. 17. P. Fr. Seraphin de Freit. de juſt. Imper. Luſit. Aſiat. c. 6. Diximus in Luſitan. liberat. prooem. 2. §. 2 à n. 23.*

21 *E reg. l. 2. ff. de juriſd. omnium judic. Marſil. ſingular 57. Gabr. Per. de manu Reg. tom. 1. praelud. 2. n. 12.*

22 *Referem ſe eſtes, & outros caſos nos textos in c. Duo ſunt 96. diſt. c. Alius. cap. Juratos 15 q. 6. Venerabilem 34. de elect. c. Apoſtolicae, de ſent. & re jud. in 6. Paul. Diacon. l. 6 c. 10. & 14. Dubravius lib. 18. prope fin. Scip. Dupleix hiſt. de Frãç. Joan. Spead. hiſt. Angl. ſucceſ. 2 c. 8. Sand. de orig. ſchiſm. Angl. l. 1. Ant. Nebriſſ. de bel. Navar. l. 1 c. 3. Ilheſc. hiſt. Pont. p. 2 lib. 6. c. 23. §. 3 Floſcul. hiſt. p. 2 c. 5.*

23 *Ut ait text. in cap. Ex literis, de reſcriptis.*

24 *Retulimus in Luſit. lib. d. prooem. 2. §. 2. n. 27. & 28.*

& Isabel Reys de Navarra; Alexandre VI. dividio as conquistas entre os Reys de Portugal, & Castella; do que já tinhão tratado Martinho V. Eugenio IV. & Sixto IV. 25

9 Atè para o mero temporal felicitou aquella assistencia da *Virgem* a primeyra posse do Summo Pontificado em taõ summo gráo, que em muytos seculos a soberania dos mayores Principes pedià a concessaõ, ou confirmaçaõ, das novas Coroas aos Papas só por urbanidade, & respeyto sem outra obrigaçaõ, pois bastava a data dos povos, que sós as podião dar pelo direyto das gentes. 26 Pelos annos de mil, S. Estevão primeyro Rey de Hungria alcançou do Papa Sylvestre II. o titulo de Rey. 27 Pelos annos de 1075. o deo a Sé Apostolica (devia governar Gregorio VII.) a Demetrio Rey de Russia, Dalmacia, & Crovia. 28 No anno de 1098. o deo Urbano II. a Edgardo Rey de Escocia. 29 No de 1320. Venceslao Duque de Polonia alcançou o titulo de Rey por concessaõ de Joaõ XXI. Daniel Principe de Russia, & Mindaco Principe de Lithuania, tambem da Sé Apostolica alcançáraõ a dignidade Real; 30 & Henrique VIII. Rey de Inglaterra, antes de cahir, a de Rey de Irlanda. Nosso primeyro Rey D. Affonso Henriques impetrou confirmaçaõ della no anno 1142. de Innocencio II. 31 & depois, de Alexandre III. 32 & a ratificáraõ Clemente III. reynando Dom Sancho I. & Innocencio III. & Honorio III. reynando Dom Affonso II. 33 O mesmo Dom Affonso II. se sugeytou à composiçaõ que o mesmo Innocencio III. fez entre elle, & suas irmãs sobre algumas terras; 34 & a Innocencio IV. recorréraõ os Estados de Portugal sobre os descuydos del Rey D. Sancho II. para se passar o governo a seu irmaõ D. Affonso. 35 Naõ possuindo entaõ os Summos Pontifices tantos Estados temporaes, mostrava Deos que só do espiritual lhes resultava a mayor authoridade.

10 Por respeyto, & devoçaõ se coroavaõ os Emperadores Gregos por mão do Patriarcha de Constantinopla em nome do Summo Pontifice; 36 & nos de Alemanha, quando no anno de 800. se suscitáraõ em Carlos Magno, se ordenou que todos se coroassem pelos Pontifices Summos; o que algũs Authores attribuem a se representar no Pontifice, & no Clero antigo Senado Romano; 37 mas parece mais certo fundarse na authoridade que se quiz dar ao Vigario de Deos, como se colhe do que escreve Ilhescas. 38 E assim sem haver aquella razaõ, lemos que muyto antes já no anno de 495. constituhio Clodoveo Rey de França que seus successores fossem ungidos pelo Arcebispo de Rheins em nome do Papa, 39 & se observa de ordinario, posto que naõ he obrigaçaõ, & assim em outras partes se ungiraõ alguns Reys 40 Pelos annos de 586. o religiosissimo Recharedo Rey dos Viso-godos em Hespanha fez semelhante constituiçaõ para os Reys se ungirem por hum Prelado, & era o de Toledo. 41 O mesmo costume houve em quasi todos os Reynos de Eu-

25 *Ultra supra citatos, referunt Histor. general Indiar. l. 2. c. 8. Maffeus de reb. Indic. l. 1.*

26 *Lex, Hoc jure, ff. de just. & jur. Justin. hist. l. 1. in princ. Probatur ex Deuteron c. 17. n. 14 & ex his quæ Molin. de primog. in annot. ad fin. oper. n. 3.*

27 *Cartusius in ejus vita.*

28 *Eustechius l. de donat. Cõstantini, ex monument. biblioth. Lateran.*

29 *Lesseus l. 7. hist. Scot.*

30 *Thom. Boss. de sign. Eccl. tom. 2. l. 17. sign. 74. c. 4. vers tertium.*

31 *Britto na Chron. de Cister l. 3. c. 4. & 5. Brandaõ na Monarch. Lusit. p. 3. l. 10. c. 10.*

32 *Brandaõ d. p. 3. no Append. Escritura 24.*

33 *Brandaõ sup. l. 11. c. 20. & p. 4. l. 13. c. 16. & in Append. Escrit. 10.*

34 *Brandaõ sup. p. 4. l. 13. c. 4.*

35 *Cap. Grandi, de supplend. negl. prel. in 6.*

36 *Zonaras, varijs in locis.*

37 *D. Gregor. l. 12. c. 1. epist.*

38 *Ilhesc. hist. Pont. p. 1. l. 4. c. 28.*

39 *Papyr. Masson in vit. Horn. 8*

40 *Ita latè Praces de Thou, l. 109 hist. agens de Henrico IV.*

41 *D. Isidor. in Chron. Ludovic. Tolet. l. 3. c. 1.*

Europa: ungindo-ſe os de Inglaterra pelos Arcebiſpos de Cantuaria, por commiſſaõ do Papa Adriano III. os de Eſcocia pelos de Santo Andrè, por commiſſaõ de Urbano II. os que houve em Alemanha, pelos Arcebiſpos de Maguncia: os de Bohemia, pelos de Praga: os de Polonia, pelos Genenſes: os de Hungria, pelos Biſpos de Alba: os de Suecia, pelos Uſpalences: os de Dinamarca, pelos Ludenſes.

11 Da veneração com que os mayores Principes tratárão os Papas em viſtas que tiverão, ha muytos exemplos. Por menos vulgares referirey tres. No anno de 724. foy o Papa Zacharias a Narni: & Luitprando q̃ reynava em Lõbardia, o eſperou quaſi hũa legoa fóra da Cidade, & apeado lhe beyjou o pè; & continuando o Papa ſeu caminho a cavallo, o Rey o foy acõpanhando a pè ao eſtribo, atè o Papa ficar aonde ſe apoſentou.

12 No anno de 754. hindo o Papa Eſtevão III. a França, ElRey Pipino, & ſeu filho Carlos Magno, que então era Principe fizerão o meſmo. 42

42 Andrè du Cheſne tom. 1. part. 796. Aneſtas bibliothecarius, hiſt. Pont. in vita Stephani III.

13 No anno de 816. o Papa Eſtevão V. foy a Rheins, & coroou a Luis, chamado de *Buenayre*, Rey de França, que tambem foy Emperador. ElRey ſahio meya legoa a recebello, & no meyo do campo deſceo do cavallo, & diſſe: *Bemdito ſeja o que vem em nome de Deos*; & o Papa, deſcendo tambem logo do ſeu cavallo, reſpondeo: *Bemdito ſeja noſſo Deos, que nos fez graça de vermos com noſſos olhos hum ſegundo Rey David.* Dito iſto, ſe abraçárão, & tomando o Emperador ao Papa pela mão, o conduzio atè a Igreja de Saõ Remigio, aonde fizeraõ oração, & ſe cantou o *Te Deum*, & depois o Papa, & Clereſia em altas vozes derão vivas ao Emperador, reconhecendo-o por tal. Logo foy o Papa levado à caſa que lhe eſtava preparada junto da Igreja, aonde praticáraõ, & tomáraõ ambos paõ, & vinho; & o Emperador ſe foy para a Cidade, que entaõ eſtava apartada da Igreja; aonde depois fez hir o Papa, & o feſtejou, & banqueteou: & o Papa lhe fez o meſmo; & quando ſe foy para Roma, lhe deo o Emperador huma Cruz de grande valor para a Igreja de S. Pedro, & mandou feſtejallo por todo o Reyno. 43

43 Fauchet. l. 8 das antiguidad. de França.

14 Em todas as viſtas menos antigas, & mais notorias recebèraõ os Papas aſſentados em ſuas cadeyras Pontificaes, & cubertos aos Reys, & Emperadores; & eſtes fazendo huma meſura ao entrar da camera, outra no meyo della, outra junto do Papa, com hum joelho em terra, lhe beyjárão o pè, depois a mão, & ultimamente lhe derão a paz na face, & alguns na boca; & tambem alguns antes da paz lhe beyjáraõ a roupa. A cortezia que os Papas lhes fizerão, foy, ao tempo de dar a paz, levantarem-ſe hum pouco, & abraçallos: & refuſar a alguns, beyjaremlhe o pè, do qual refuſo poucos uſárão. Quando derão cadeyra, era mais bayxa que a ſua; & ſe comião juntos, tambem a meſa dos Principes era mais bayxa. 44 Só no anno de 1438. quando o Emperador de Grecia Joaõ Paleologo veyo ao Con-

44 Vejaõ-ſe as relaçoens que deſtas viſtas faz Theodoro Godefroi no ceremonial de França tom. 1.

Concilio Ferrarienſe, o Papa Eugenio IV. deo alguns paſſos, & não deyxou ajoelhar, & o abráçou, & lhe deo a mão a beyjar, & o fez aſſentar à ſua mão eſquerda. 45 no anno de 1530. quando em Bolonha o Papa Clemente VII. coroou ao Emperador Carlos V. no dia da coroação, ſubindo o Papa a cavallo, o Emperador lhe quiz ter o eſtribo, mas elle o não conſentio. 46 Havia o Papa Saõ Sylveſtre conſentido que o Emperador Cõſtantino Magno o levaſſe de redea hindo elle a cavallo, ſervindo-lhe de Eſtribeyro, como diz o meſmo Emperador 47 na adoação, que lhe fez de Roma, que anda incorporada no direyto Canonico. Nas viſtas que em doze de Outubro de 1533. teve o meſmo Clemente VII. em Marſelha com Franciſco I. Rey de França, lhe fallou tambem a Rainha em outro dia. O Papa a recebeo aſſentado na cadeyra Pontificia. A Rainha (que era Dona Leonor, mulher que havia ſido do noſſo Rey Dom Manoel) entrou veſtida de branco à Heſpanhola, cuberta de pedras precioſas, levada de braço por dous Cardeaes; com ella o Mordomo Mòr; beyjou o pè ao Papa, depois a maõ, depois lhe deo a paz na face, & depois fallou. O Papa a fez aſſentar à ſua maõ direyta, ſobre tres grandes almofadas. Logo vierão as filhas, que ElRey tinha do primeyro matrimonio, (com Claudia, que fora filha delRey Luis XII. & de ſua ſegunda mulher Anna, Duqueza de Bretanha) & fizerão o meſmo que a Rainha; & o Papa as fez aſſentar à ſua maõ eſquerda; depois entrou o Delphim, & fez o meſmo; dando demais a paz na face a muytos Cardeaes que aſſiſtião; & ſe aſſentou junto de ſuas irmãs. Ultimamente as Damas do Paço em grande numero (pois ſò a Infanta Margarida, que depois caſou com Emmanuel Filisberto Duque de Saboya, trazia vinte & duas) precioſamente ornadas, por ordem huma, & huma beyjárão o pé ao Pontifice. O qual, feyta eſta ceremonia, ſe levantou para ſe recolher a ſeu apoſento interior, & acompanhando-o a Rainha, elle a tomou pela mão até a porta do apoſento, aonde lhe fez cumprimento que entraſſe; o que ella não aceytou: o Papa entrou, & ella ſe retirou. 48

15 Ajoelhar a modo de adoração, & beyjar o pè (de que os Hereges murmuraõ) he cortezia muy antiga, de quem ſe quer moſtrar humilde com outro mayor. Abraham ſe ajoelhou deſte modo aos moradores de Heth: 49 Jacob fez o meſmo ſete vezes diante de Eſaù: 50 a Joseph fizerão o meſmo ſeus irmãos: 51 a mulher Thecuites diante de David: 52 Judith diante de Holofernes: 53 & outras vezes ſe lê na ſanta Eſcritura. Nas letras humanas vemos que os Parthos beyjavão os pès a ſeus Reys. 54 O Emperador Cayo Ceſar deo a beyjar o pè eſquerdo a Pompeyo Peno: 55 Otho, & Maximino junior quizeraõ a meſma ceremonia: 56 Diocleciano affectou beyjaremlhe os pès como a Deos; 57 & em Caſtella huma ley das Partidas mandou que os vaſſallos quando levantaſſem Rey novo,

45 *Ita refertur in principio Concilij Ferrarienſ. in tom. 4. Conclior. pag. mihi 366.*

46 *Ilbeſcas na hiſt. Pont. p. 2. lib. 6. c. 26. §. 10. poſt med.*

47 *In cap. Conſtantinus 96 diſt. De quo latè Cardinal. Tuſc. tit. De concl. 689.*

48 *Ceremonial de França, d. tom. 1. tit. Entreec des Roys, & Reynes.*

49 *Geneſ. 23. 7.*

50 *Geneſ. 33. 3.*

51 *Geneſ. 43. 26.*

52 *2. Reg. 44. 4.*

53 *Judith. 10. 20.*

54 *Martial. l. 10.*

55 *Senec. de benefic. l. 2. c. 12.*

56 *Sueton. & Capitolin. in eoſdem.*

57 *Eutropius.*

vo, lhe beyjasse o pè, & a maõ em reconhecimento do Senhorio. 58 Desta reverente humildade usou santamente a Magdalena com *Christo* 59 em casa do Fariseo: & outra vez com a outra Maria quando lhe appareceo resuscitado; 60 & procura provar hum douto Escritor 61 que pedio o *Senhor* a seu *Eterno Pay*, & foy sua vontade que a mesma honra se fizesse aos Apostolos, & a seus successores; & que assim o profetizára David. Accrescenta, que he obrigação dos Pontifices naõ recusarem 62 esta honra, pois a S. Pedro, que a recusava do mesmo *Christo*, ameaçou o *Senhor* que se a não aceytasse, não teria parte com elle. 63 Pelo que o Apostolo Saõ Paulo, & Silas a não recusárão do carcereyro: 64 & antigamente era costume beyjar os pès a todos os Bispos; 65 de que nos Escritores lemos muytos exemplos; 66 o que hoje só se conserva no Summo Pontifice, a quem mais especialmente se deve em nome de *Christo* que representa, & de toda a Igreja de que he cabeça; comtudo com urbanidade humilde poem a figura da Cruz no calçado, para que o osculo tenha mais devota decēcia. Pois tocamos esta materia, pede a curiosidade que digamos, que o beyjar a mão se derivou de que crendo os antigos, que cada parte do corpo humano encerrava mysterio religioso: como a orelha dedicada á memoria, os joelhos à misericordia, & assim as mais; 67 à maõ direyta attribuíraõ a fé; 68 pelo que beyjar a mão se introduzio por promessa de fé; 69 & os Mouros quando fallaõ com seu Rey, tem a mão sobre o peyto, significando que lhes saõ fieis.

16 Resplandece a grandeza do Summo Pontificado nas ricas vestiduras do Papa, magestade com que he servido, & pompa com que sahe acompanhado; posto que tambem disto murmurem os hereges, como que não imita a humildade de *Christo*. Não se lembraõ do precioso ornato, & apparato vistoso que Deos ordenou ao Summo Sacerdote da Ley antiga; 70 ao da Ley nova, que mais propriamente o representa, & he seu Vigario na terra, se deve muyto mais. 71 O Filho de Deos (notou hum Escritor grave 72 antigo) tomando a natureza humana, escolheo o fraco, & humilde para confundir o forte, & soberbo: mas não quiz que a alteza do poder Ecclesiastico se deyxasse descobrir aos fieis; antes ordenou que seu Principado ostentasse grandeza sobre todos, & se lhe ajoelhasse tudo.

17 Fora demasiadamente largo apontar todas as prerogativas da dignidade Pontificia; ainda no temporal; 73 introduzio-se chamarse *Papa* o Summo Pontifice, por ser *Papa* entre os Latinos interjeyçaõ admirativa da mayor, & maravilhosa grandeza, 74 que nelle se vè; posto que alguns imaginem que das primeyras syllabas, com que em breve se escrevia chamarlhe *Pater Patrum*, se derivou este nome.

18 O mesmo respeyto se viò nos infieis, & mayores inimigos. O cruel Atila Rey dos Hunos, que chamandose, *Açoute de Deos*, vinha destruindo o mundo com setecentos mil homés, inves-

58 *Ley 20. tit. 13. p. 2.*

59 *Luc. 7. 38.* Osculabatur pedes ejus.

60 *Matth. 28. 9.*

61 *Bosius de sign. Eccles. tom. 1. l. 11 sign. 49 c. 10. post med. & in fin. & l. 20. sign. 86. c. 5. post princ. ex Joan. 17. 8 juxta Græcam versionẽ:* Et ego gloriam quam dedisti mihi dedi eis.

62 *Psalm. 46. v. 4.* Subjecit populos nobis, & gentes sub pedibus nostris.

63 *Joan. 13. 9.*

64 *Act. 16. 29.*

65 *D. Hieron. apud Bosium d. sign. 86. c. 5. ante med.*

66 *Niceph. Hist. l. 12. c. 9. Fortunatus de vit. Martini l. 3. Bosius d. c. 5. ad med. Vide D. Ambros. de dignit. Sacerd. c. 2. D. Aug. serm. 18. de verb. Apostol.*

67 *Alex. ab Alex. genial. l. 2. c. 19.*

68 *Virgil. Æneid l. 3.* Ipse pater dextram, &c. *& lib. 7.* Pars mihi pacis erit dextram tetigisse tyranni.

69 *P. Mendoça in Viridar. l. 8. decad. 5 c. 1.*

70 *Exod. 39. & sæpe alibi.*

71 *Notat Bosius d. l. 11. sign. 49. c. 10. prope fin.*

72 *Augustin. Triumphus, de potest. Eccl. in dedicat. ad Papam Joan. XXII.*

73 *De multis habetur in c. Omnes 22. dist. & apud Cassaneum in Catal. glor. mund. p. 4. consider. 7.*

74 *Anton. Nebriss. in diction.*

investia Roma; sahiolhe ao encontro o Papa São Leaõ Magno, armado invencivelmente de sua authoridade, & fallandolhe, o persuadio a deyxar a empreza, & retirarse de Italia. He verdade que disse o Tyranno, que ao lado do Pontifice vira dous homens venerandos, que o ameaçavaõ com espadas: entendese que eraõ São Pedro, & São Paulo; 75 porèm obrou Deos pela pessoa do Pontifice, & magestosa dignidade.

75 *Ilhesc.hist.Pontific.p.1.*

19 Quasi o mesmo succedeo ao Papa Zacharias aplacando a Rachis que vinha armado contra Roma, & o persuadio a meterse Monge no Monte Cassino. 76

76 *Scogl. Catac. post hist. à primord.Eccles.in Chronol. an. Christ.* 741.

20 Sobre o respeyto com que todos os Principes escrevem ao Papa, me contou em Inglaterra hum Embayxador de Hollanda chamado Joachim, velho de grande juizo, que para certo negocio fora necessario aos Estados Geraes escrever ao Summo Pontifice; & consultando a fórma, resolvèraõ que não podiaõ deyxar de o tratar por *Santidade*, & que no alto do papel, em lugar de porem *Santissime Pater*, puzessem hum S, & hum P, grandes, para que significassem, ou, *Sanctissime Pater*, ou, *Salutem plurimam*, como elles queriaõ entender; mas como no corpo da carta era o tratamento por *Santidade*, mal disfarçavão no S, & o P, o mesmo sentido. Assim escrevèraõ, & disse que a elle, que era hum dos Estados, se commetteo a nota da carta. Do Romano Mario se lè, que depois de triunfar sete vezes, foy condenado à morte, & espantou o algoz com a magestade de seu rosto; mayor he a magestade, que ausente, & só imaginada se faz respeytar de todo hum Senado inimigo.

21 Felicissima Estrella foy a assistencia da *Virgem Mãy* naquella primeyra posse que do Summo Pontificado tomou S. Pedro.

CAPITULO LIX.

Como desceo o Espirito Santo, *& foy a* Virgem *Santissima singularmente illustrada.*

1 EM Jerusalem, entre orações continuas, 1 que faziaõ no Templo, 2 esperava a *Mãy Virgem*, com os doze Apostolos (porque já estava eleyto Mathias, como dissemos,) 3 & com os mais Discipulos, entre os quaes não faltava a Magdalena, 4 a vinda do *Espirito Santo*, que *Christo* promettèra. 5 Atè que na manhã de Domingo, decimo dia depois da gloriosa Ascenção, às nove horas, estando juntos no Cenaculo, 6 ditoso lugar de tantas maravilhas, 7 (diz o *Vita Christi* de hum muyto espiritual Author anonymo da Ordem dos Prègadores, que recitando a *Senhora* aquelle verso de David: *Emitte Spiritũ tuum, & creabuntur, & renovabis faciem terræ*,) se ouvio de repente hum sonido grande do Ceo, como de vento, que encheo toda

1 *Act.1.14.*
2 *Luc.24.in fin.*
3 *No cap precedente n. 2. Act.1. à n.16.*
4 *Vilhegas na vida da Magdalena.*
5 *Luc.ult.49.Joan.14 16 & 26. & c.15.26.& 16.8.Act.1.4.*
6 *Nicephor.hist.Eccles.l.2.c.2.no princ.*
7 *Supr.c.46.n.3 & c.51.n.5.*

toda a caſa, & logo ſobre a cabeça de cada hum dos Apoſtolos, & diſcipulos 8 appareceo huma lingua como de fogo : todos ficárao cheyos do Eſpirito Santo,& começárao a fallar em varias linguas. 9

2 Com iſto (conſideraõ os Doutores ſagrados) acabou o *Padre Eterno* de nos dar quanto tinha. Já tinha dado o *Filho*, para ſer Deos humano: agora deo o *Eſpirito Santo*,para fazer o homem divino; 10 pareceolhe pouco entregar o *Filho*, para remir os ſervos, ſem dar o *Eſpirito Santo*; para adoptar os ſervos em filhos. 11 A todos offerece o Eſpirito, de que deo primicias aos Apoſtolos; 12 he Pay mais liberal em remediar, que os filhos prodigos em ſe deſtruirem. 13

3 Neſte dia ſe cumpriaõ cincoenta depois da Reſurreyçaõ glorioſa, em que a obra da redempção do mundo fora acabada; & como aos cincoenta dias da liberdade do povo Hebreo do Egypto,dera Deos a Ley eſcrita no monte Sinai : 14 aos cincoenta dias de noſſa liberdade do peccado original, no monte Sion(que he Jeruſalem) allumiou, & confortou mais os Prégadores da Evangelica para a promulgarem.Niceforo, 15 & outros Authores daõ outras razoens deſtes cincoenta dias; & ſerem dez depois da Aſcenção, mais profundas que a noſſa ſimplicidade com que eſcrevemos para todos. Com nome de *Pentecoſte*, que ſignifica o numero quinquageſimo 16 dos dias, celebravaõ os Judeos aquella feſtividade, (a que tambem chamavaõ, das ſete hebdomadas :) & nós, pela meſma ſignificaçaõ, damos a eſta o meſmo nome. Já no tempo de Saõ Paulo ſe celebrava, como parece do que eſcreveo aos Corinthios. 17

4 Como a Ley no monte Sinai deſcèra com trovoens, 18 tambem agora ſe ouvio ſonido grande do Ceo; era moſtra que Deos coſtumava dar de ſua Mageſtade quando chegava; 19 (de que ſó naõ uſou quando veyo no ventre da *Virgem*, porque alli tudo foy ſuavidade: & aſſim cahio manſamente, como orvalho ſobre vello de lã.) 20 Mas aquelles trovoens trouxeraõ rayos, que atemorizáraõ; 21 eſte ſonido lançou linguas de fogo,que diziaõ amor: aquella Ley foy terrivel; 22 eſta he ſuave; 23 como tambem aquella eſcura, eſta clara : & aſſim entaõ houve nuvem 24 que cobrio, agora fogo que allumiou.

5 Do *Eſpirito Santo* recebèraõ aquelles congregados graças,dons,& effeytos ineffaveis, conforme a capacidade, & preparaçaõ de cada hum, neceſſidade da Igreja, & diſpoſiçaõ divina.Aquella foy a Aula em que o Meſtre da Fé na meſma hora aprendèraõ, & ſe graduáraõ Doutores de quanto era neceſſario para prègarem, converterem, & governarem. 25

6 A Virgem *Maria* recebeo mayor abundancia de graças, & dons que todos juntos: 26 aſſim como era mais digna, mais capaz, & com mayor preparação que todos juntos, ficou hum ſacrario do *Eſpirito Santo*, em que ſe recolhèraõ juntas, & com modo mais excellente todas as graças, & prerogativas repartidas,

8 *Nicephor. ſupra.*

9 *Act.2.à princ.*

10 *Ita cum Rupert.in Numer.l.1.c.35.notat P. Fr. Man. do Sepulchro, Refeyç.eſpirit.c.37.n.3.*

11 *Guerric.ſerm.1.in Pentecoſt.* Parum erat Patri tradidiſſe Filium, ut redimeret ſervum : niſi daret & Spiritum Sanctum,ut ſervum adoptaret in Filium.

12 *Guerric.d ſerm.1.poſt med.* Spiritum cujus hodie primitias dedit Apoſtolis,offert univerſis.

13 *Guerric.eodem ſerm.in princ.*

14 *Exod.19.*

15 *Nicephor.ſup.l.1.c.38.*

16 *Nebriſſ.in Diction.*

17 *Paul.1.ad Cor.16.8.*

18 *Exod.19.16.*

19 *Iſai.6.4.Ezechiel.3.12.*

20 *Judic.6.37.*

21 *Exod.ſup.16.* Timuit populus.

22 *Exod ſup.18* Eratque omnis mons terribilis.

23 *Matth.11.30.* Jugum meum ſuave eſt.

24 *Exod c.19.16.* Nubes denſiſſima operire montem.

25 *Joan.14 26.*

26 *Rickel de laud.Virg.l 2. art.*

26 *Vilhegas na vida de Chriſt.c.50. ante med.Melchior de Caſtro,na vida da Virgem l.1.c.17.in fin.P. Fr. Joſeph de Jeſ.Mar.na vida da meſma Senhora l.5.c.2.n.2.*

partidas nos mais;assim o dizem os Escritores commummente. Porèm hum moderno douto 27 advertio que estava já a *Senhora* taõ chea, & confirmada em graça, & nas *gratis datas*, que pouco restava que lhe augmentar èm substancia: *que sómente se lhe poderia accrescentar algum mayor conhecimento do que tocava ao estado da Igreja, & publicaçaõ, & aproveytamento da Fé.*

27 *Fr. Man. do Sepulchro na Refeyç. espirit. p. 1. c. 37. n. 14.*

CAPITULO LX.

Maravilhas que obráraõ São Pedro, & os mais Apostolos, & Discipulos, logo que o Espirito Santo *desceo à illustrallos. Trata-se a conversaõ do Centurio Hespanhol, q̃ confessou a* Christo *na Cruz por Filho de Deos; & a do Soldado Longuinhos, que deo a lançada com seu martyrio. Trata-se da conversaõ da mulher de Pilatos; & o que se diz do mesmo Pilatos.*

1 CHeyos do *Espirito Santo* os Apostolos, & Discipulos, diz o Texto sagrado que começáraõ a fallar em varias linguas, como o *Espirito* lhes dictava; 1 huma que só fallavaõ tinha effeyto de varias, parecendo a sua propria a cada huma de todas as naçoens que a ouviaõ. Para impedir a fabrica de Babel, de huma lingua fez Deos muytas: 2 para fabricar a Igreja, de muytas linguas fez huma só: entaõ com muytas linguas se naõ entendéraõ os homens; agora com hũa se entendèraõ todos; porque o peccado confunde o entender: o serviço de Deos facilita o mais difficultoso.

1 *Act. 2. 4.* Cœperunt loqui varijs linguis, prout Spiritus Sanctus dabat eloqui illis.

2 *Vide supr. c. 4. n. 1.*

2 Com zelo, & fervor celestial sahiraõ logo pelas ruas de Jerusalem publicando as grandezas, & louvores do *Senhor*. A festa do *Pentecostes*, q̃ entaõ se celebrava, era das mais solemnes, em q̃ deviaõ todos de quaesquer partes hir ao Templo de Jerusalem; 3 porque ainda que onde viviaõ tivessem synagogas para orar, & aprender, só no Templo de Jerusalem sacrificavaõ; pelo que se achavaõ alli muytos nascidos em diversas Provincias, aonde, ou a mercancia, ou as dispersoens, & cativeyros que padeceo aquelle povo haviaõ levado seus pays, & das mesmas partes se achavaõ Gentios, que ou o commercio, ou outras occasiões haviaõ trazido àquella Cidade, que era hum dos mayores emporios do mundo; diz o Texto, que se achavaõ alli Parthos, Medos, Elamitas, Mesopotamios, Capadocios, Ponticos, Phrygios, Pamphilios, Egypcios, Proselitas, Cretenses, Arabios, Romanos, Africanos; de todos estes, & dos Hebreos concorria multidaõ innumeravel às vozes santas daquelles zelosos Varoens; pasmavaõ de ouvirem fallar a cada hum delles no mesmo tempo as varias linguas, em q̃ todos se haviaõ creado, & naõ sabiaõ a que o attribuissem.

3 *Dissemos supr. c. 39. n. 2.*

3 Entre

3 Entre este concurso admirado, levantou mais a voz Saõ Pedro d'entre os outros onze Apostolos, & fez huma pratica, ou sermaõ taõ efficaz, que em aquelle dia se convertéraõ quasi tres mil pessoas: & nos seguintes muytas mais. Em outro tempo nem por homem conhecéra a *Christo*: 4 já agora o publicava por Deos; porque o Ceo lhe inspirava valor.

4 Nesta occasião se confirmaria na Fé o Centurião, a cujo servo sarou *Christo* em Cafarnaù; 5 & o outro que o havia reconhecido por Filho de Deos, quando vio os prodigios com que morrera na Cruz, 6 ambos os quaes eraõ Hespanhoes, & forão Santos. 7

5 Tambem ou então creria, ou se conformaria o Soldado Longuinho (que alguns mal identificaõ com o Centurião) que deo a lançada em *Christo* já morto, de que sahio sangue, & agua, 8 & dizem, que correndolhe pela lança aos olhos, lhe restituhio a vista quasi perdida. Escreve-se que se ajuntou aos Apostolos, & seria nesta occasião. No glorioso martyrio que depois padeceo em Cesaréa de Capadocia, se lhe cortou a lingua, & sem ella fallava louvores do *Senhor*; 9 mysteriosa allusaõ a se haver convertido, ou confortado com o milagre de varias linguas.

6 Então se converteria tambem a mulher de Pilatos, que Flavio Dextro 10 poem convertida neste anno trinta & quatro do nascimento de *Christo*. Facilmente se pòde crer sua conversaõ; pois ainda que alguns Doutores 11 cuydáraõ que a visaõ que teve na noyte da Payxão de *Christo*, 12 fora traça do demonio para impedir a morte que nos havia de salvar; muytos Santos 13 a tiverão por cousa do Ceo. Dextro a chama *Claudia Procula*; & assim a chamou tambem o Evangelho que escreveo Nicodemos; 14 o qual posto que não foy aprovado pela Igreja, por ser dos que se escrevérão 15 sem o Espirito Divino, 16 que assistio sómente aos quatro Evangelistas sagrados; com tudo na historia profana se admitte como testemunha daquelle tempo. Pòde ser que fosse a Claudia de que S. Paulo faz menção em carta a Timotheo, 17 pois ha concordancia no nome, & no tempo: & ou viuva; ou apartada do marido desterrado, 18 viviria em Roma, onde a carta foy escrita. 19

7 A Pilatos chama Christão Tertulliano: 20 Santo Agostinho 21 o conta entre os que se salvárão: Sabellico diz que he provavel: 22 refere-o o Padre Henriques; 23 & o Padre Bivar 24 nota que a carta que elle escreveo ao Emperador Tiberio sobre as virtudes, & milagres de *Christo*, parece mais de Christão, que de Gentio. A misericordia de Deos a todos admitte. Se elle alcançou tanto, devia ser nesta occasião em que a tantos converteo aquelle maravilhoso effeyto da descida do *Espirito Santo*; porque neste mesmo anno 34 de *Christo*, diz Flavio Dextro, 25 que elle se resolveo a escrever ao Emperador a morte, & milagres do *Senhor*; & alèm da carta, parece que fez actos publi-

4 *Matth.2.671.* Non novi hominem.]

5 *Matth.8.6.*

6 *Matth.17.54. Marc. 15.39. Luc.24.47.*

7 *Dexter an. Christ. 34. & 40. ubi P. Bivar. in commentis.*

8 *Joan.19.34.*

9 *P. Fr. Diogo do Rosar. no Flos Sanct. vida de S. Longuin. ex Brev. Brachar. ac Eborensi, & Claudio à Rota.*

10 *Dexter d. an. 34.*

11 *Refert Baron. ad an. Domini 34.*

12 *Matth. 27.19.*

13 *D. Ambr. l. 10. in Luc. c. 23. D. Hilar. can. 33. Chrysost. & Aug. apud Bivar. sup. comment. 1. n. 2.*

14 *Refert Vincent. Belvacens. l. 7 spec. hist. c. 41.*

15 *Refert Luc. c. 1. in princ.*

16 *D Hieron. in praef ex proœm. comm. in Matth.*

17 *D. Paul. 2. ad Timoth 4. in fin.*

18 *Vide supra c. 50. n. 5.*

19 *P. Bivar. d. comment. 1 in fine.*

20 *Tertullian. in Apolog.*

21 *D. Aug. serm. 3. de temp. seu serm. 3 de Epiphan.*

22 *Sabellic. Æneid 7. l. 2.*

23 *P. Henriq. in sum. Theol. mor. p. 2. l. 9 c. 32 in explic. Symbol fidei, ad verba, sub Pontio Pilato, in glos. lit. i.*

24 *P. Bivar ad Dextr. an. 38. comment. n. 2. vers. extat.*

25 *Dext. an. 34.*

publicos da materia, os quaes allega Saõ Justino Filosofo, & Martyr insigne, na Apologia 26 que offereceo ao Emperador Antonio pela Religião Christã. Ou enviasse a carta logo ao Emperador, como cuyda Baronio: 27 ou dilatasse envialla atè o anno de 38. conforme ao mesmo Dextro, Orosio, Eusebio, & outros Authores, 28 por medo dos Judeos, ou do mesmo Emperador; basta haverse resoluto a escrevella naquella occasiaõ da vinda do *Espirito Santo*, para se verem as maravilhas que ella obrou. E posto que era costume escreverem os Governadores das Provincias aos Emperadores as cousas notaveis que succedessem nellas, 29 para que de tudo tivessem noticias, & nenhuma houvesse tão digna de relação, como os successos de *Christo*; Pilatos os referio de modo, 30 que Tiberio o quiz fazer adorar entre os Deoses: & não se effeytuando, por duvidas que sobre isso teve com o Senado, (o que he mais certo) por Deos não querer aquella honra vã, mandou que os Christãos fossem permittidos, com o que se deo grande lugar à prègação Evangelica, & cresceo muyto por todo o mundo a Christandade. 31 A carta dizia assim traduzida do Latim.

26 *D. Justin. Martyr. in Apolog. pro Relig. Chr.* Hæc ita gesta esse, cognoscere ex actis, quæ sub Pilato sunt scripta, potestis.

27 *Cardin. Baron. ann. 230.*

28 *Dexter à n. 38. Oros. l. 7 c. 4. Euseb. in chron. an. 35. & l. 2. hist. Eccles. c. 2. Tertullian. in Apolog. c. 5. & 21. Alij apud Bivar ad Dextr. ibi 2.*

29 *Nicephor. Calixt. hist. Eccles. l. 2 c. 8 in princ.*

30 *A carta traz o Doutor Ignacio de Villar Maldonado, in sylva responsor. juris l. 1. resp. 12. n. 33. vers. Preterea. Pineda, na Monarch. Eccles. p. 2. c. 20. §. 3. O livro intitulado, Discurso contra a perfidia Judaica, c. 7. ad fin.*

31 *Ex Tertullian. in Apolog. Nicephor. sup.*

Poncio Pilatos: A Claudio Tiberio, Saude.

HA pouco tempo aconteceo (o que eu vi) que os Judeos por odio com huma condenaçaõ cruel se matàraõ a si, & a sua posteridade. Porque tendo seus pays promessa de que seu Deos lhes mandaria, por huma Virgem, seu santo Filho, o qual com razaõ fosse chamado seu Rey; a este em minha presença mandou a Judea. E vendo ellès que dava luz a cegos, alimpava leprosos, curava paralyticos, afugentava demonios, resuscitava mortos, mandava sobre os ventos, & a pè enxuto passeava pelas ondas do mar, & fazia outras muytas cousas maravilhosas, & todo o povo dos Judeos diz que he Filho de Deos: os Principes dos Sacerdotes levados de invejoso odio contra elle, mo entregáraõ, mentindo falsidades, disseraõ que elle era grande, & obrava contra a sua ley. Eu cri que era assim, & o entreguey açoutado á seu arbitrio. Os quaes o crucificáraõ, & puzeraõ guardas no sepulchro: mas elle (estando-o guardando soldados) ao terceyro dia resuscitou. Porèm accendeose tanto contra elle a maldade dos Judeos, que deraõ dinheyro aos mesmos guardas para que dissessem que os seus discipulos furtáraõ o seu corpo: mas elles, naõ podendo callar o que passára, testemunháraõ que elle havia resuscitado, & que viraõ visaõ de Anjos: & que haviaõ recebido dinheyro dos Judeos. Escrevi isto, para que ninguem cuyde outra cousa, crendo as mentiras dos Judeos.

CAPITULO LXI.

Como a Virgem *Senhora nossa assistio no primeyro Concilio que a Igreja celebrou: & se dá noticia dos que tem havido geraes; & das principaes particularidades delles; & das Cidades em que forão celebrados.*

1 PAra Mestres da Religião, alèm dos Apostolos, 1 nos deyxou *Christo* os Sagrados Concilios, a que prometteo assistir; 2 & para fomentar o Santo Collegio deyxou a *Virgem* Santissima, que os Doutores 3 chamão Illuminadora, Mestra, & Promotora da Igreja nascente.

2 Assistio a *Senhora*, como provão Ruperto, 4 & outros Authores, 5 ao primeyro Concilio, que São Pedro (depois de outras congregaçoens menores) celebrou em Jerusalem 6 no anno 51. outros dizem 48. do Nascimento de *Christo*, 7 em que se declarou sermos livres da circumcisaõ; era certo ficar tudo suave, onde a *Virgem* assistia, posto que o heresiarca Paulo Samoseteno pelos annos 269. quiz suscitar aquella dura ley. 8 Encaminhou a *Virgem* a resolução, 9 como quem pelas profecias, pela illuminação, & pelo trato conhecia a vontade do *Filho*; & o mesmo succedia nas outras juntas que os Apostolos fazião sobre alguma duvida; 10 adverte hum Escritor grave 11 que São Lucas o não declarou nos Actos, por não occasionar introduzirem-se mulheres em conferencias semelhantes.

3 Depois se seguiraõ muytos Concilios, que pela mayor parte se ajuntárão contra hereges, & com aquella doutrina derivada os confundirão; ao que parece allude a Igreja Catholica chamando à Virgem *Extirpadora de todas as heresias.* 12 Dezanove Concilios geraes (alèm de muytos Provinciaes) se tem seguido felizmente com authoridade dos Summos Pontifices, depois que pela Christandade do Emperador Constantino Magno teve a Igreja liberdade.

4 O *Niceno I* na Cidade de Nicea 13 (em que então era Bispo Theognis) metropoli da Provincia de Bithynia em Asia; a qual Cidade se chamou primeyro *Antigonia*, pela fundar *Antigono* filho de Filippe: & depois Lysimaco a chamou *Nicea*, do nome de sua mulher filha de Antipatro. 14 Eusebio, & Flavio Dextro 15 o poem no anno de *Christo* 324. Baronio 16 com Morales, & o Flosculo das historias no de 325. Cassiodoro 17 o estende ao anno de 328. devia nascer esta pequena discrepancia, de que, segundo Nicephoro, 18 durou tres annos, & declara este Author Grego, & muyto chegado àquelle tempo, que começou no dia undecimo de Mayo. Foy convocado

1 *Matth.* 28.19. & 20.

2 *Matth.* 18.20.

3 *D. Ignat. epist. 1. ad Joan.* Nostræ novæ Religionis, & pœnitentiæ est magistra. *Idiota de contemplatione Virg. c. 3. D. Antonin. 4. p. sum. Theolog. tit. 17. D. Aug. serm. 6. de Nativ. ad fin. Galatin. l. 7. de arcan. c. 4. & 12. Vide sup. c. 37. n. 3.*

4 *Prova Ruperto, como fica dito c. 53. n. 2. da palavra*, surgens, *Act.* 15.7.

5 *P. Bivar ad Dextrum an.* 34. *comment. 7. n. 7.*

6 *Act.* 15.6.

7 *Cum Baron. Horat. Scogl Catacens. hist. à primord. Eccles. p. 1. l. 1. & in Chronol. p. 2. Vide P. Bivar. com ad Dextr. an. Chr. 48. n. 1. vers. obiter.*

8 *S. Epiphan. hæresi 61. S. Aug. hæresi* 44.

9 *Ita P. Fr. Joseph de Jes. Maria hist. da Virg. l. 5. c. 7. n. 5.*

10 *Cum D. Bernard serm. 4. super* Missus est, *ante med. Melchior de Castro hist. Virg. l. 1. c. 19.*

11 *P. Fr. Joseph supr.*

12 Cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo. *D. Bernard. de B. M.* Signum magnum, *post princip.* Sola enim contrivit universam hæreticam pravitatem.

13 *Habetur in 1. tom. Concil. pag. mihi* 339.

14 *Strab. l. 11. Plin. l. 5. c. 32. Ptolom. l. 5. c. 1.*

15 *Euseb. in Chron. an. 324. Dexter in Chron. eod. an.*

16 *Baron. an. n. 325. Bossius, Floscul. hist. in Chronol. ad fin. oper. & inb. st. p. 2. c. 2. post princ.*

17 *Cassiodor. Chron. an.* 328.

18 *Nicephor. hist. Eccles. l. 8. c. 16. ad fin.*

vocado pelo Papa Saõ Sylvestre, que por sua muyta idade, naõ poder hir de Roma assistir pessoalmente: 19 (alguns Escritores 20 o equivocaõ mal com Saõ Julio, que lhe succedeo, depois de Saõ Marcos, que só governou nove mezes;) porèm mandou Saõ Sylvestre em seu nome a Victor, (que outros chamaõ Vitus,) & Vincencio; Presbyteros Romanos. Como naõ eraõ Bispos, naõ presidiaõ. Phocio Patriarca de Constantinopla 21 diz, que presidio Alexandre Bispo Constantinopolitano; naõ sey donde se prove, antes Socrates na historia Tripartita 22 refere que elle, por muyto velho, se naõ achou presente, mas por elle alguns seus Presbyteros. Creyo a Flaviodextro, 23 que affirma que presidio Hosio Hespanhol Bispo de Cordova, porque na subscripçaõ do Concilio se vè que assinou primeyro que todos, & logo abayxo delle os ditos Presbyteros mandados pelo Papa, antes de todos os Bispos que depois assináraõ; dandose-lhes esta honra, posto que naõ tiveraõ total presidencia por falta da Ordem Episcopal. A Hosio se concedeo celebre sobre todos em virtude, & letras, como affirmaõ os Escritores com insignes encomios; 24 & assim testemunha a historia Tripartita, que presidio tambem em outros Synodos, que houve em seu tempo. 25 Depois forçado com tormentos pelos Arrianos, 26 mostrou quam pouco se póde fiar da fragilidade humana; & que os grandes talentos saõ tributarios a quèdas. Porèm tornando em si, padeceo desterro pela Fé Catholica, 27 & no anno de 360. tendo mais de cento de idade, morreo santamente; 28 sem embargo das calumnias de alguns Authores, (que por si allegaõ huma authoridade supposta de Santo Isidoro) contra as quaes o defendem outros muytos graves, 28 accrescentando que a Igreja Syriaca celebrava sua festa a 5. de Novembro. Acháraõ-se neste Concilio 318. Bispos, & outros muytos Varoens illustres em letras, & santidade; & assistio com elles o Emperador Constantino Magno por sua grande piedade Christã, quasi ao vigesimo anno de seu Imperio. 29 A elle foy chamado Arrio, natural, & Presbytero de Alexandria, & convencido por S. Athanasio, (q̃ sendo Diacono da mesma Cidade, acõpanhava seu Bispo Alexandre, a quem succedeo) foy condenada sua heresia, & se desdisse com medo do Emperador. Mas tornando, como caõ, ao vomito, morreo, lançando os intestinos com novo, & torpe genero de morte. 30 Alli se professou o Symbolo da Fé. 31 Firmouse o dia em que se havia de celebrar a Pascoa, no qual naõ concordavão todas as Igrejas; 32 & para melhor regra disto se inventou a conta do *Aureo numero*; 33 & decretáraõ-se muytas cousas do bom governo Ecclesiastico. Quando no fim se assináraõ os actos, erão mortos dous Bispos, Chrysante, & Musonio; os mais Padres lhos levárão à sepultura, & lhes disserão, que pois já illustrados com o esplendor da *Trindade* Santissima vião sem obstaculo, que aquelles decretos a que assistiraõ

19 Theod. l. 1. c. 7.
20 Sozomen. in hist. Tripart. lib. 2. c. 1. Photius Patriarch. Constant. epist. de sept. Concil. habetur in princip. tom. 1. Concilior.
21 Photius ubi proximè.
22 Socrat. in hist. Tripart. l. 2. c. 1.
23 Dext. d. an. Christ. 324.
24 Hist. Tripart. l. 1. cap. 10. in princ. Theodoretu in eadem hist. l. 5. c. 16. ad fin. & Socrates c. 6. Floscul. hist. p. 2. c. 2. post princip.
25 Theodor. in hist. Tripart. supr.
26 Hist. Tripart. d. l. 5. c. 9.
27 Theodoret. supr.
28 Dexter an. 360.
28 Cum Baron. & alijs P. Bivar. comment. ad Dextr. sup. n. 2.
29 Nicephor. hist. l. 8. c. 26. ad fin.
30 Floscul hist. p. 2. d c. 2.
31 Alexander Episcop Alex (qui interfuit) ep. ad Episc. Catholic. de Arrian. habetur in 1. tom Conc. ante Nicaeum, pag. mihi 337.
32 Nicephor. l. 8 c. 14 ad fin. D Isidor. in praef. ad opus Concil. habetur in 1 tom. Cõcilior. pag. mihi 10.
33 Scoglius Catacens. hist. à primord. Eccles. l. 3. ad fin.

ſtiraõ eraõ verdadeyros, quizeſſem aſſinallos; deyxàraõ alli o papel; tornando no dia ſeguinte, o achárão aſſinado por letra de ambos, dizendo: *Chryſante, & Muſonio, que com os Padres do primeyro Synodo Catholico Niceno havemos conſentido, poſto que já paſſados do corpo, com tudo ſobeſcrevemos com noſſa propria mão.* 34 O Papa Saõ Sylveſtre confirmou tudo por reſcripto que anda no fim do meſmo Concilio; & no primeyro Canon do Provincial, que pouco depois, preſente o meſmo Emperador, celebrou em Roma com 275. Biſpos, nas Thermas Domicianas. 35 No tempo que durou o Concilio Niceno, ſuſtentou o Emperador com grandeza todos os congregados, 36 & no fim delle lhes deo á ſua meſa hum eſplendido banquete. Vendo a muytos com membros cortados; & ſinaes das feridas, & outros martyrios das perſeguiçoens paſſadas, cheyo de devoção, as venerou com oſculos, & a cada hum pedia a benção. Acabado o banquete lhes rogou quizeſſem hir a Conſtantinopla, que havia treze annos começára a fundar, para q̃ com ſuas preſenças, & oraçoens ſantificaſſem a nova Cidade. Obedecèrão á petição: deſtinárão dia feſtivo, em que celebrando Miſſa ſolemne, chamárão á Cidade, *Nova Roma, & Conſtantinopla Imperante*, & a dedicárão á *Virgem Mãy de Deos*; no que ſe moſtra a fé com que aquelle ſagrado Concilio teve a *Senhora* por Tutelar. Era então alli Biſpo Alexandre. De Conſtantinopla, banqueteados de novo pelo Emperador, & com amplas ordens a favor da religião Catholica, ſe forão para os ſeus Biſpados. 37

5 Segundo Concilio geral foy o *Conſtantinopolitano I.* na Cidade de *Conſtantinopla*, Provincia da Tracia, quaſi fundada de novo pelo Emperador *Conſtantino Magno*, de quem ſe lhe deo o nome; como agora diſſemos; ſobre a pequena Cidade chamada *Bizancio*, & *Argos*, que havia ſido fundada por Pauſanias Rey dos Spartanos. 38 Celebrouſe no anno de *Chriſto* 381. com authoridade do Papa Saõ Damaſo Portuguez, 39 & favor do excellente Emperador Theodoſio I. achando-ſe nelle 150 Biſpos. Confirmou os decretos do Niceno: condenou a hereſia de Macedonio Biſpo da meſma Cidade: preſidirão nelle Timotheo Biſpo de Alexandria, Melecio de Antiochia, Cyrillo de Jeruſalem, & Nectario de Conſtantinopla, & depois o confirmou o Papa Saõ Damaſo. 40

6 Terceyro foy o *Epheſino*, na Cidade de *Epheſo* de Jonia, Provincia de Aſia menor, fundada pelas Amazonas, 41 celebre pelo famoſo templo de Diana, 42 & muyto mais pela epiſtola de Saõ Paulo. 43 Foy convocado pelo Emperador Theodoſio II. por authoridade do Papa Celeſtino, que por não poder hir a elle por cauſa do largo caminho, & navegação, commetteo a preſidencia em ſeu lugar a Saõ Cyrillo Biſpo de Alexandria; donde reſultou arrogarem-ſe os Biſpos ſeus ſucceſſores algumas preeminencias como de Papa: & aventajando-ſe a Patriarcas, exercitão hoje muytas hereticamente. Começouſe

34 *Nicephor. d. l. 8. c. 23.*

35 *Habetur d. 1. tom. p. mihi 354.*

36 *Socrates in hiſt. Tripart. lib. 2. c. 1. ad fin. ex Euſeb.*

37 *Nicephor. d. l. 8. c. 26.*

39 *Gregor. Braun. in civit. orbis tom. 1. indice, verb. Conſtantin. Conrad. Geſner. in onomaſt. propr. nom. verbo, Bizantium.*

39 *Dizemos na 1. p. c 25 n. 19.*

40 *Photius Patriarcha Conſtant. ſupr.*

41 *Plin. hiſt. l. 5. c 29. Juſtin. l. 2.*

42 *Supr. c. 6. n. 16.*

43 *D. Paul. ep. ad Epheſ.*

meçouse aos vinte de Julho do anno de *Christo* 431. Assistiraõ duzentos Bispos; aos quaes depois de Saõ Cyrillo, presidiraõ tambem Memno Bispo da mesma Cidade de Epheso, & Juvenal Bispo da Cidade de Jerusalem. Condenou as heresias de Nestorio, Bispo de Constantinopla, que sendo chamado, veyo com grande fausto, mas em breve disputa o convenceo Saõ Cyrillo. Pertinaz morreo desterrado em Oasim lugar de Arabia, com a lingua comida de bichos, acabando primeyro aquella parte do corpo mais nefanda.44

7 Quarto Concilio geral foy o *Chalcedonense*, 45 em *Chalcedonia*, Cidade da Provincia de Bithynia na Asia, na foz do Ponto Euxino, fundada pelos Megarenses, chamada primeyro, Procerastis, depois, Compusa, ultimamente *Chalcedon*, do rio *Chalcido*. 46 Ajuntouse em Outubro do anno 451. no famoso Templo de Santa Euphemia, 47 convocado por cartas dos Emperadores Valentiniano III. & Marciano, que ambos juntos governavaõ, o primeyro no Occidente, o segundo no Oriente; de ordem do Papa S. Leaõ Magno, que mandou em seu lugar Paschasino, & Lucencio Bispos, & Bonifacio Presbytero; com os quaes presidiraõ tambem Anatolio Bispo de Constantinopla, & outros. Achárão-se nelle 630. Bispos; segundo Phocio: 48 Niceforo diz 636. & assistio o piissimo Emperador Marciano, 49 com muytos Grandes da sua Corte. Os Ecclesiasticos Romanos, Constantinopolitanos, & Antiochenos assentados na parte direyta do Templo; os Alexandrinos, & Jerosolymitanos na esquerda; os Principes, & Senadores no meyo. 50 Alli foy damnada a heresia de Eutiches Abbade, & de seu fautor Dioscoro Bispo de Alexandria; os quaes disputàraõ taõ porfiadamente, que a fé dos Catholicos consentio, que abrindose o sepulchro da Virgem S. Euphemia natural daquella Cidade, & martyrizada na perseguiçaõ Diocleciana, que no mesmo tempo resplandecia com milagres, se lhe offerecessem escritas as razoens contrarias, para que com algũa demonstraçaõ julgasse a verdade. Puzeraõ aos pès do santo corpo, que se conservava inteyro, os papeis de ambas as partes. Fizeraõ-se oraçoens em toda a noyte, & abrindose pela manhã o monumento de marmore que ficára fechado se achou o Papel Catholico nas mãos da Santa Virgem que o tinha apertado com força: & o heretico lançado aos pès como desprezado. E porque os pertinazes nem com isto se movèraõ, foraõ desterrados. 51 Ordenáraõ-se no mesmo Concilio outras muytas cousas, & santas.

8 Foy quinto Concilio geral o *Constantinopolitano II.* 52 na Cidade de *Constantinopla*, de que já dissemos. 53 Ajuntou-se sobre varias heresias de Evagrio, Didymo, & outros que quasi em hum mesmo tempo combatiaõ a verdade, ajudados de alguns erros de Origenes; & tambem repullulava a pestifera doutrina de Nestor já condenado no Ephesino. 54 Duráraõ estas

 con-

44 *Hæc omnia ex Nicephor. l. 14. c. 34. Photin. Patriarch Constantin. ep de sept. Concil. in princip. tom. 1. Concilior. Floscul. hist. p. 2. post med. vers. Domi pugnatum. Idem Concilium habetur in d. tom. pag. mihi 598.*

45 *Habetur in 2. tom. Concilior. à pag. 11.*

46 *Plin. l. 5. c. 32. Strab l. 12. Ptolomæus l. 5. c. 1. Conrad. Gesner. in onomast. propr. nomin.*

47 *Descreve sua grandeza Nicephoro l. 14. c. 3.*

48 *Photius supra. Nicephor. l. 14. c. 2.*

49 *Vide p. 1. c. 49. n. 11.*

50 *Nicephor. d. l. 14. c. 4. in princ.*

51 *Nicephor. sup. c. 5.*

52 *Habetur in 2. tom. Concil. à pag. mihi 409.*

53 *Supr. n. 5.*

54 *Supr. n. 6.*

controverſias Pontificados de tres Papas; o S. Agapeto para as atalhar foy a Conſtantinopla valerſe do Emperador, que ſó tinha poder coactivo: & lá morreo. Saõ Sylverio continuou o meſmo trabalho atè a morte; ſuccedendo Vigilio ſe celebrou eſte Concilio geral, no qual, pela mayor parte, ſe confirmáraõ determinaçoens de dous Provinciaes que tinhão precedido ſobre as meſmas materias; donde naſceo a confuſaõ com que os Eſcritores lhe ſinalaõ o anno; devia ſer atè o de 554. ou 55. Aſſiſtirão 165. Biſpos: houve muytos Preſidentes; os principaes forão Menas, & Eutichio Biſpos de Conſtantinopla; o Papa Vigilio aſſiſtia na meſma Cidade, poſto que não entrava, nelle; mas confirmou todos ſeus actos. 55 Imperava o excellente Juſtiniano I. que favoreceo muyto a religião. 56

9 Sexto, *Conſtantinopolitano* terceyro. 57 Convocavaõſe então os Concilios para aquellas partes, porque nellas principalmente ſe eſtendia a Chriſtandade, & aſſim podião mais facilmente ajuntarſe os convocados; & porque nelles ſe levantavão as hereſias que ſe tratava de extirpar; & concorria o poder dos Emperadores para a execuçaõ. Eſte ſe deſtinou ſendo Summo Pontifice Domno; mas efeytuou-ſe no anno de 680. 58 com ſeu ſucceſſor Agatho, que mandou por ſua parte Theodoro, & Georgio Presbyteros, & João Diacono, os quaes preſidiraõ juntamente com Georgio Arcebiſpo de Conſtantinopla. Forão preſentes 170. Biſpos, & o Emperador Conſtantino IV. cognominado *Pagonato*, com muytos Grandes da Corte. Começou aos 7. de Novembro, & celebrouſe dentro do Paço Imperial, no quarto que ſe chamava *Trullo*, donde os Canones delle ſe chamàrão *Trullanos*. Condenou a hereſia dos Monothelitas, que havia tido principio em Cyro Biſpo Alexandrino, & em Sergio Conſtantinopolitano, & as de outros hereſiarcas. Foy confirmado pelo Papa Leaõ II. ſucceſſor de Agatho.

10 Septimo, o *Niceno* ſegundo, 59 no anno de 787. ſendo Papa Adriano I. que enviou a elle Pedro Acipreſte da Igreja de São Pedro de Roma, & outro Pedro Monge, & Abbade do Moſteyro de Saõ Saba; os quaes preſidiraõ com Tharaſio Arcebiſpo de Conſtantinopla, imperando Conſtantino VI. com ſua mãy Irene; foraõ preſentes 367. Biſpos. 60 Reſtituhio o culto devido ás Imagens Santas, que havião prohibido tres Emperadores ſucceſſivos, todos mortos miſeravelmente; Leaõ Iſauro com pezar de infelices ſucceſſores que teve; ſeu filho Conſtantino V. chamado *Copronymo*, gritando de ardores das entranhas; & Leaõ V. filho deſte, tirando a coroa à Imagem de Santa Sofia, & pondo-a em ſua cabeça, as pedras precioſas da coroa ſe convertèrão em carvoens ardentes, que lhe abrazáraõ a cabeça nefanda. 61

11 Oytavo foy o *Conſtantinopolitano* quarto, 62 no anno de 868. ou 869. (outros dizem 870.) ſendo Papa Adriano II. que por breve muyto authentico, & cheyo de ſuprema authoridade,

55 *Photius Patriarch. Conſtant. epiſt. de ſept. Concil. œcumen.*

56 *De hoc Concilio Nicephor. l. 17. c. 27. & 28.*

57 *Habetur in 2. tom. Concil. à pag. 899.*

58 *Floſcul. hiſt. p. 2. c. 3. poſt med.*

59 *Habetur in 3. tom. Concil pag. mihi 48.*

60 *Photius ſupr. Ainda que o Floſc. hiſt. p. 2. c. 3. in fine diga 350.*

61 *Cum Cedreno. Scogl. Catacenſ. in Chronol. p. 2. an. 752. Floſcul hiſt. d. c. 3. ad fin.*

62 *Habetur in 3. tom. Concil. à pag. mihi 531.*

ridade, dirigido ao Emperador Basilio Macedo, o mandou cõvocar, & que nelle presidissem Donato Bispo Ostiense, Estevão Bispo Nepesino, & Mariano Diacono da Sé Romana. Nelle foy restituido o Santo Patriarcha Ignacio, & condenado Phocio, se restituhio ás Santas Imagens o culto q̃ o Emperador Theophilo lhes tornára a negar; sem se reduzir ao milagre, com que Deos restituira ao Santo Monge Lazaro a maõ, que elle lhe passára com hum ferro ardente, porque as pintava. Tambem este Emperador Theophilo morreo miseravel, de pezar, vendose vencido pelos Sarracenos. Sua mulher Theodora, que ficou governando na minoridade do filho Michael, renovára piamente aquelle culto; 63 mas offendido outra vez por hereges, necessitou do novo apoyo deste Concilio. Confirmáraõse os sete Concilios precedentes; decretàraõ-se outras cousas santas; & no fim assinárão primeyro os Legados do Papa: logo Santo Ignacio restituido Patriarca de Constantinopla: depois os Enviados pelas Igrejas do Oriẽte: em quarto lugar (porque não quiz senão este: assinou o dito Emperador Basilio, & seus dous filhos Constantino, & Leaõ, a quem elle tinha dado titulo de *Cesares*. E porque no mesmo Concilio assistirão muytos Principes seculares, na quarta acção delle lhes perguntáraõ os Presidentes, como, & a que vinhão alli. Respondèraõ, que só para obedecerem, porque reconhecião, que o poder, & jurisdicção estava sómente nos Ecclesiasticos; & com esta declaração, de que se fez acto, se lhes permittio assistencia. 64 Não acho quantos Bispos forão presentes.

63 *Flosful.hist.p.2.c.4.*

64 *In Appendice ejusdem Concil. d.tom, 3.pag.mihi 539.*

12 Nono, o *Lateranense* primeyro, celebrado em Roma (cabeça do mundo tão conhecida, & tão sabida sua fundação, 65 que não he necessario determonos em dar della noticias) no Paço do templo celebre de São João *Lateranense*, anno 1119. no fim do Pontificado de Gelasio II. & principio de Calixto II. em que se achárão trezentos Bispos. 66 Nelle se estabelecérão os direytos da Igreja com melhor fórma que a usada atè então.

65 *Tit.Liv.Dec.l.1. in princ.* & a commum opiniaõ diz, que a fundou Romulo, & o suppoem o texto na *L. 2. ff. de orig. & ibi glos.* Mas nas excellencias de Portugal *c. 14. excel. 3.* provamos que foy fundada 873. annos antes de Romulo (que só a engrandece) por Hespanhoes, & Portuguezes; cõ *Pineda na Monarch.p.1 l 4.c.6. Dionys. Halicarnas. in princ. hist. Marian.hist Hispan.l.1.c.10. Madera excel.de Hespan.c 9 §.4. Britto, Monarch.Lusit.l 1.c. 13. & outros.*

13 Decimo o *Lateranense II.* anno 1139. & Pontificado de Innocencio II. presentes quasi mil Bispos, 67 & entre outras determinações santas, annullou os actos feytos pelo pseudo Pontifice Anacleto.

66 *Floscul.hist.p.2 c.4.ad fin.*

67 *Floscul.hist.d.c.4.ad fin.*

14 Foy undecimo Concilio geral o *Lateranense* terceyro 68 no anno 1180. começou no mez de Março, presidindo o Papa Alexandre III. a quasi trezentos Bispos. Condenou a heresia dos Albigenses, de que já fallámos, 69 & dispoz fórma sobre a eleyção dos Summos Pontifices. 70

68 *Habetur in 3.tom.Concil.pag. mihi 626.*

69 *Sup.c 15.n.7.*

70 *Dissemos sup.c.58.n.5.*

15 Duodecimo, o *Lateranense* quarto, 71 no anno 1215. sendo Papa Innocencio III. foy celeberrimo pela concordia com que da Igreja Latina, & Grega se ajuntárão mais de mil duzentos & oytenta Prelados; que forão os Patriarcas de Constantinopla, & de Jerusalem; Arcebispos Latinos, & Gregos setenta:

71 *Habetur in d.3.tom.ex p. mihi 734.*

tenta : Bispos quatrocentos & doze : Abbades, & Priores Conventuaes,mais de oytocentos.Para elle mandárão seus Embayxadores os Emperadores de Grecia, & Alemanha : os Reys de Jerusalem, França, Inglaterra, & dos Reynos de Hespanha. 72 Não sabemos quem fosse o que de Portugal não deyxaria de mandar ElRey Dom Affonso II.que então reynava.Só achamos que entre os Arcebispos foy o de Braga D. Estevão Soares da Sylva, 73 que no mesmo Concilio contendeo sobre a primazia de Hespanha com o de Toledo Dom Rodrigo Ximenes,(o que escreveo a historia de Hespanha;) & o Papa mãdou sobrestar na causa, como se vê de huma Bulla que está no Archivo Bracharense ; 74 & o confessa o Padre João de Mariana em hum lugar ; 75 posto que em outro, 76 esquecido de si mesmo com o odio que o obrigou a escrever muytos erros contra Portugal, diz que o de Toledo alcançára victoria; hum texto de Honorio III. o convence, 77 em que o Pontifice refere haverse tratado a causa ante o dito Innocencio III.seu immediato Predecessor, & porque ainda corria, dispoem sobre restituiçaõ para provas; & atègora se não decidio, como escreve Ludovico Nunes, 78 & he muyto sabido, posto que está muyto provado o direyto da Sé de Braga. 79 Mostra-se daquelle texto que o de Braga estava na posse da primazia, pois o de Toledo se nomea como author na demanda, & parece ser o que a applicava. Dispuzeraõ-se neste Concilio varias cousas necessarias,& se tratou particularmente da recuperação da Palestina.

72 *Fr. Laurent. Surius in præfat. ante dictum Concil.*

73 *D. Fr. Ant. Brandaõ na Monarch. Lusit. p. 4. l. 13. c. 8.*

74 *Bulla Innocent. in Archivo Brachar.* Circumspectis rerum, & temporum circunstantijs, de fratrũ nostrorum consilio, ab hac lite supersedendum duximus.

75 *Mariana hist. Hispan. l. 12. c. 4*

76 *Idem Marian. l. 9. c. 19.*

77 *Cap. Coram 7. de integr. restit.*

78 *Ludovic. Nunes, descript. Hispan.*

79 *Illustr. D. Roder. da Cunha Archiep. Brachar. in integro lib. de Primat. Brachar. Dissemos largamẽte nas excel. de Portug c. 9. excel. 13. n. 1. cum seqq.*

16 Decimotercio foy o *Lugdonense* primeyro, na Cidade de *Leaõ* em França, emporio tão celebre de Gallia chamada Celtica, que toda aquella parte se chamou *Lugdunense*, de *Lugdunum*, nome da Cidade. O Romano Lucio Munacio Planco, governando a Gallia Comata, a fundou em hum outeyro sobre os rios Rhodano, & Aras, (hoje Soma) onde ainda hoje se vem seus antigos sinaes. Alli batèrão moeda de prata, & ouro os Romanos. Nelle esteve hum famoso templo, de que já fallámos, 80 consagrado a Cesar Augusto : fazia-se na mesma Cidade huma feyra muyto nomeada, donde lhe ficou nome de *Forum Veneris*. Nella tambem instituhio o Emperador Caligula hum certamen da facundia da lingua Latina,& Grega,em q̃ os vencidos davão premios aos vencedores, & erão constrangidos a compor elogios em seus louvores ; & os que compunhão muyto mal, eraõ obrigados a apagar com a lingua seus escritos, ou os castigavão com palmatoria, ou os mergulhavão no rio vizinho. Acabou-se aquella Cidade em tempo de Nero com hum incendio tal, que nada deyxou ; Seneca lhe chamou nunca visto, ouvido, ou imaginado, porq̃ de todas as ruinas escapa alguma pequena parte:alli se abrazou tudo, & com tanta pressa em hũa noyte, que mais se detinha elle em o contar, do q̃ tardou a Cidade em toda perecer. Renovouse no plano junto aos

80 *Supr. c. 6. n. 15.*

aos mesmos rios, como hoje se vê, conhecida por todo o mundo. 81 Nesta Cidade se celebrou o 13. Concilio geral, anno 1245. no Pontificado de Innocencio IV. Ordenou muytas cousas uteis à Igreja; depoz o Emperador de Alemanha Frederico II. porque infestava a Romana; & determinou expedição para Palestina capitaneada por São Luis Rey de França, & mal succedida por occultos juizos do Ceo.

17 Foy decimo-quarto o *Lugdunense II.* anno 1274. sendo Papa Gregorio X. Assistiraõ 500. Bispos, 246. Abbades Conventuaes, & mais de mil outros Prelados. 82 Tratáraõ-se pontos de Fé; deo-se a fórma que hoje se observa na eleyção dos Summos Pontifices pelos Cardeaes, a fim de impedir vacaturas largas; 83 uniose a Igreja Grega á Latina; propoz-se a recuperação de Palestina juntas as forças de ambos os Imperios; o que atalhou a morte do Pontifice, & a ambição dos Principes seculares; & para paz da Christandade, se pedio a ElRey Dom Affonso X. de Castella, que desistindo do direyto com que se chamava Emperador de Alemanha, 84 consentisse na eleyção que hum anno antes em Francofort se tinha feyto de Emperador em Rudolpho Conde de Haosburg; 85 aquelle de quem se conta, que encontrando em hum caminho hum Sacerdote a pè, que levava o Viatico Santissimo a hum doente, se desceo do cavallo em que hia, & subio nelle o Sacerdote, a quem foy acompanhando a pè, caminho largo; 86 veneração porque se cuyda que mereceo para a casa de Austria sua descendente, havella Deos sublimado tanto.

18 Decimo-quinto o *Viennense*, na Cidade de *Vienna* em França, de que já fez menção Plinio, 87 por sua nobreza, na Gallia Narbonense. Celebrouse no anno de 1311. sendo Pontifice Clemente V. Francez de nação, que estando Arcebispo em Bordeos, fora eleyto em Roma, depois de nove mezes de Sé vacante, por morte de Benedicto XI. (outros o contaõ IX.) & coroado em Leão de França (aonde os Cardeaes vierão depois de eleyto em Roma) passou a Corte para Avinhão, Cidade na mesma França, 88 aonde esteve 70. annos. Assistirão no Concilio dous Patriarcas da Igreja Grega, 300. Bispos de toda a Christandade: & dizem que os Reys de França, Inglaterra, & Aragão, que pessoalmente tratárão nelle de exercito para a Terra Santa. 89 Condenàraõ-se heresias, & reformouse o Estado Ecclesiastico, como era necessario, & foy huma das principaes materias sobre que se ajuntou. Ou no mesmo Concilio, como escrevem huns Authores, 90 ou pouco antes, conforme a narraçaõ de outros, 91 foy extincta a Ordem dos Templarios; com duvida grande, que ainda existe, se se fez com crimes provados; ou (o que mais se crè) por odio, & negociação de Felippe IV. chamado o *Bello*, Rey de França, para occupar seus bens. Doutores Juristas 92 menos informados nas historias dizem que estavaõ extinctos pelo Papa Bonifacio VIII.

Da-

81 *Hæc omnia ex Strabon. l. 4. Budæo de Asse. Sueton. in Caligul. c. 20. Senec. epist. 92. in princip. l. 4. Conrad. Gesner. in onomast. propr. nom. verbo, Lugdun.*

82 *Floscul. hist. p. 2. c. 4. ante med. Marian. hist. Hisp. tom. 1. l. 13. c. 22. Brandaõ, Monarch. Lusit. p. 4. l. 15. c. 37 post med.*

83 *Cap. Ubi periculũ, de elect. in 6.*

84 *De quo Marian. d. l. 13. c. 10. & 22.*

85 *Helias Rausner. in genealog. Catholic. comit. Haosburg.*

86 *Brandaõ d. c. 37. ad fin.*

87 *Plin. histor. nat. l. 3. c. 4. ante fin.*

88 *Ilhescas na hist. Pontif. p. 2. l. 6 c. 1.*

89 *Floscul. hist. d. c. 5. paulo ante med. vers. Interim.*

90 *Floscul. hist. supr. & assim o referem os Estatutos da Ordem de Christo tit. 1.*

91 *Illescas d. c. 1. post princ.*

92 *Bart. in L. Aut facta §. fin. 7. ff. de pœn. Cum Angelo atque aliis Tuschus lit. T. concl. 26. n. 2.*

Daquelle Concilio sahio o tomo de direyto Canonico, chamado *Clementinas*.

19 Decimo-sexto, o *Constanciense*, em *Constancia*, Cidade Imperial em Alemanha; parece a que Ptolomeo chamou *Cannodurum*; 93 o qual se ajuntou no anno de 1414. à instancia do Emperador Sigismundo que assistio nelle, para extincçaõ do Scisma terrivel, que tinha começado no anno de 1378. de que acima fallamos; 94 & como foy de grande expectaçaõ, concorréraõ por sua causa àquella Cidade mais de quarenta mil pessoas (segundo se affirma) de todas as qualidades; concurso, que em nenhum outro se vio. 95 Nelle renunciáraõ, & foraõ depostos os illegitimos, & creado Papa Martinho III. por outra conta Martinho V. & mandados queymar vivos Joaõ Hus, & Jeronymo Praguense, 96 por espalharem a heresia de Viclefo 97 Inglez, inventada no anno de 1372. Achouse neste Concilio por Embayxador delRey de Portugal Dom Joaõ I. Alvaro Gonçalves de Attaide, que depois foy primeyro Conde da Atouguia, 98 com Embayxadores de todos os Principes de Europa. 99

20 Decimo-setimo Concilio geral foy o q̃ se começou em *Ferrára*, Cidade bem celebre de Italia na ribeyra do rio Pó, denominada, ou de certas rendas de ferro que os habitantes pagavaõ antigamente aos de Ravena: ou da *Ferrarida*, que estava da outra parte do rio: & o Emperador Theodosio II. no anno de 433. passou para esta nova povoaçaõ, que veyo à grandeza em que hoje se vè. 100 Por peste que sobreveyo se passou o Concilio a *Florença*, donde se chamou ou *Ferrariense*, ou *Florentino*) Cidade insigne de Hetruria na mesma Italia, chamada antigamente *Fluentia*, & seus povos, *Fluentinos*, por estar na corrente do rio Arno. 101 depois *Florentia*, por florecer nos engenhos de seus moradores, & parecer a flor de Italia em todas as boas qualidades; 102 tem por epitheto, Florença a *Bella*. 103 Jà fez della menção o antigo Ptolomeo. 104 Alguns dizem, que quasi oytenta annos antes do nascimento de *Christo* foy fũdada pelos Soldados do Romano Scylla, aos quaes foraõ sinalados aquelles campos; mas isto nega Volterrano. Padeçeo invasoens dos Godos, & destruiçaõ de Totila; Carlos magno a restaurou, & murou; o Emperador Henrique I. a ennobreceo mais; 105 hoje he cabeça do Ducado da Gram Toscana. Foy a primeyra sessaõ deste Concilio em *Ferrára* aos dez dias de Janeyro do anno de 1438. 106 sendo Papa Eugenio IV. Assistio nelle o Emperador de Constantinopla Joaõ Paleologo, q̃ acompanhado de seu irmaõ Demetrio, & de mais setecentas pessoas principaes, passou nas galès do Papa, & Veneza. 107 Com elle assináraõ Procuradores dos Patriarcas de Antiochia, Alexandria, & Jerusalem, que posto que em poder de infieis, tinhaõ Christãos, & Prelados; dezoyto Metropolitanos; Procuradores de seis Bispos, & outras dez Dignidades das Igrejas de Grecia, Syria,

93 *Ptolem. apud Gesner. supra, verbo, Constantia.*

94 *Supr. c. 58 n. 6. ad fin.*

95 *Illesc hist. Pontif. p. 1. l. 6. c. 11. ad med.*

96 *Floscul. hist. d. c. 5. ad med. v. an. Chr. 1414.*

97 *De ea Cocleus in hist. Husitar. l. 3.*

98 *Brandaõ, Monarch Lusit. p. 3 l. 10. c. 15. post med.*

99 *Nomeaõ-se na sess. 20. tom. 3. Concil. p. 870. & sess 38 pag. 902.*

100 *Gesner. in Onomast. propr. nom. verbo, Florentia. Cum Plinio Georg. Braun. in civit. orbis, tom. 1. in Indice, verbo, Florentia.*

102 *Atlas mund supr. na descripçaõ de Toscana, post med.*

103 *Abraham Ortel. in theatr. orb. tabul Ital.*
Atlas Mercatoris supr.

104 *Ptolem l. 3. c. 10.*

105 *Georg. Braun sup. verbo, Florentia.*

106 *Illescas hist. Pontif. p 2 l. 6. c. 13 ad med.*

107 *Illescas supr.*
Illust. D. Rodrigo da Cunha, no Catal. dos Bispos do Porto p 2. c 28.

Syria, Armenia, Ethiopia, & India. Da Igreja Latina aſſinárão oyto Cardeaes, dous Patriarcas, ſete Arcebiſpos, cincoenta Biſpos, quatro Geraes de Ordens de Religioſos, quarenta & hum Abbades Conventuaes, & no fim das ſubſcripçoens ſe declara que faltão muytas dos que ſe auſentárão depois da ultima ſeſſaõ, antes de aſſinarem. 108 Tambem falta a do Patriarca de Conſtantinopla Joſepho, que antes da ultima ſeſſaõ, havendoſe huma noyte recolhido com ſaude, foy pela manhã achado morto no apoſento de ſeu eſtudo, com hum papel, em cuja eſcritura o colheo a morte, no qual eſtava eſcrito que elle vendoſe no fim da vida deyxava declarado que cria tudo o que enſinava a Igreja de Roma, & que o Papa della era Vigario de *Jeſu Chriſto.* 109 Aſſiſtirão tambem Embayxadores do Emperador de Trapiſonda, que era Chriſtão; & de Armenia, & Ethiopia, & de varios Principes, & Eſtados da Igreja Latina: os delRey de Portugal Dom Duarte 110 forão o Conde de Ourem, filho do Conde de Barcellos, Dom Affonſo ſeu irmão natural, Dom Antão Martins de Chaves Biſpo do Porto; os Doutores Vaſco Fernandes de Lucena, (que ſeria bem moço, ſe era o meſmo que depois foy Embayxador delRey Dom João II. com Dom Pedro de Noronha ſeu Mordomo Mòr, & Commendador Mòr de Santiago, a dar obediencia ao Papa Innocencio Oytavo 111) & Diogo Affonſo Mangancha, Frey Joaõ Thomè da Ordem de Santo Agoſtinho, (que naquelle tempo era, por ſuas letras, chamado *Agoſtinho ſegundo*,) & Frey Gil Lobo da Ordem de Saõ Franciſco. Annulloufe neſte Concilio o de *Baſilea.* Condenáraõ-ſe hereſias: unio-ſe a Igreja Grega, & com ella todas as Orientaes á Latina, cedendo de erros que tinhão na Fé, depois de diſputados, em grande gloria da Chriſtandade; confeſſando todos que o Summo Pontifice Romano, como ſucceſſor de Saõ Pedro, era Vigario de *Chriſto*, Paſtor ſuperior univerſal. 112 Sobre eſta união tinha trabalhado Martinho V. immediato predeceſſor de Eugenio; & mandado a Conſtantinopla Dom Pedro da Fonſeca Portuguez, Cardeal do titulo de Santo Angelo, 113 & tambem Eugenio mandou á meſma Corte o Biſpo Dom Antaõ Martins, & a Frey Joaõ Thomè a confirmarem, & apreſſarem o Emperador em ſua vida o Concilio; 114 de modo que grande parte daquelle bom ſucceſſo ſe deveo a diligencias de Portuguezes; & pelo que obrou, fez o Papa ao dito D. Antaõ logo no fim do Concilio, Presbytero Cardeal do titulo de Saõ Chryſogono, com que ficou em Roma vivendo oyto annos até ſeis de Março de 1447. em que faleceo ſempre com grande eſtimação. Mas aquella união ſe rompeo brevemente pela inconſtancia Grega, principalmente morto o Emperador Joaõ, vendo-ſe fruſtrada a eſperança de ſoccorro Latino contra as forças do Turco; & com a perda de Conſtantinopla em Conſtantino XI. filho do Joaõ, 115 ſe perdeo tudo.

21 Foy

108 *Habetur in tom. 4. Concilior. ex pag. mihi 366.*

109 *Illeſc. d. c. 13. poſt med.*

110 *Rui de Pina Chron. delRey D. Duarte c. 8. Duarte Nunes na meſma Chron. D. Rodrigo da Cunha d. c. 28.*

111 *Reſende na Chron. delRey D. Joaõ II. c. 57.*

112 *Illeſc. & reliqui ſupr. Floſc. hiſt. p. 2. c. 5. poſt med. v. An. Chriſt. 1438.*

113 *Chron. delRey D. Duart. c. 3. ad fin.*

114 *Rui de Pina, & outra Chronica de D. Duarte, & o Cathalogo dos Biſpos do Porto, nos lugares já citados. Onuphrius Panuin. in Eug. IV.*

115 *Vide in 1. p. c. 14. n. 16.*

21 Foy Concilio decimo-oytavo geral o *Lateranense* V. no Paço já acima dito do Templo de São João de *Latraõ* em Roma. 116 Começou no anno de 1512. sendo Papa Julio II. & acabou em 1517. no Pontificado de Leão X. Na primeyra sessaõ, que foy em segunda feyra dez de Mayo, assistiraõ quinze Cardeaes, treze Patriarcas, dez Arcebispos, cincoenta & seis Bispos, dous Abbades Conventuaes, quatro Prelados geraes de Ordens, & muytos seculares graves. Depois se augmentou o numero com os que forão chegando, de modo que na sessaõ III. em sesta feyra 3. de Dezembro do mesmo anno, assistirão setenta & tres Bispos, & assim foy continuando pouco mais, ou menos. Acháraõ-se nelle Embayxadores do Emperador, delRey Catholico, dos Reys de Portugal, & Polonia, das Respublicas de Veneza, Florença, Parma, Luca, & Cantoens Helvecios; dos Duques de Saboya, & Milaõ; dos Marquezes de Brandemburg, & Monserrato; do Gram Mestre de Rhodas; & tambem delRey Christianissimo, depois que a Julio succedeo Leão X. os de Portugal na sessaõ noventa, em sesta feyra 5. de Mayo de 1514. sendo já Papa Leaõ X. eraõ Tristaõ da Cunha, & os Doutores Diogo Pacheco, & Joaõ de Faria, Desembargadores da Casa da Supplicaçaõ. Levou Tristaõ da Cunha a Leão X. da parte delRey Dom Manoel aquelle riquissimo presente, primicias das riquezas da India, taõ celebrado nas historias, & fez em Roma huma entrada solemnissima. 117 Damiaõ de Goes na Chronica delRey Dom Manoel chamou a Diogo Pacheco, & a Joaõ de Faria, Assessores da Embayxada; mas ElRey no poder, ou carta de crença, que anda com os actos do mesmo Concilio, chama a todos juntamente Embayxadores; 118 dando a Tristão da Cunha epitheto de nobre, & Insigne; (grande honra de Rey a vassallo, mas bem merecida pelo que obrára na India;) 119 & assim no acompanhamento da entrada forão iguaes, hindo no meyo Tristaõ da Cunha, por ser o primeyro, Diogo Pacheco à sua mão direyta, & Joaõ de Faria à esquerda. 120 Nos actos do Concilio se achão assinados todos tres por Embayxadores com a dita precedencia. Tornados a Portugal estes Embayxadores com muytas graças alcançadas, & feytos negocios utilissimos para o Reyno, 121 se acha na decima sessaõ do Concilio celebrada em sesta feyra 4. de Mayo de 1515. nomeado por Embayxador de Portugal, o *Reverendo Padre D. Michael Brut*; & na sessaõ 11. em 19. de Dezembro de 1516. *Magnificus D. Michael da Sylva*; & tambem na 12. que foy a ultima em 16. de Março de 1517. Havia sido o principal intento de Julio II. na convocaçáo deste Concilio condenar, & reduzir hum Conciliabulo que se fazia em Pisa; assim se consegiuo. Depois se offerecéraõ outras materias, que se determináraõ como convinha.

116 *Habentur in tom. 4. Concil. ex pag. mihi 510.*

117 *Damiaõ de Goes, Chron. delRey D. Manoel p. 3. c. 5.*

118 Confidentes nos plurimum de fide, & industria nobilis, & insignis viri Tristani de Cugna consiliarij nostri fidelissimi, & dilectorũ ac egregiorũ nostri juris doctorum Didaci Pacheci, & Joannis de Faria nostræ Curiæ Auditorum---oratores destinavimus.

119 *Apud Joan. de Barros, decad. 2. Asiæ l. 1. c. 1. cum seq.*

120 *Damiaõ de Goes supr.*

121 *De quibus Goes sup. c. 56.*

22 Decimo-nono, & ultimo Concilio geral tem sido o *Tridentino*, 122 na Cidade de *Trento*, nos confins da Italia, & Alemanha,

122 *Habetur in tom 4. Concil. ex pag mihi 891. & passim in Manuali.*

Alemanha, entre os Alpes, em huma planicie aprazivel, pouco fertil de trigo, mas fecunda de vinhos excellentes. Plinio faz menção dos povos *Tridentinos*. 123 Dizem alguns Escritores, que a Cidade foy fundada ha mil & novecẽtos annos por Brenno Capitão de Francezes. Tem bons edificios; entre elles huma fermosa ponte sobre o rio Athesis, que lavando seus muros corre para o mar Adriatico. O clima na Primavera, & Outono he suave; nos Caniculares ardente, no Inverno frigidissimo; & nelle não tem os poços da Cidade agoa alguma; o que causa admiração. Os moradores fallão promiscuamente a lingua Italiana, & Alemã. 124 Foy a primeyra sessaõ deste Concilio no Domingo terceyro do Advento, 13. dias de Dezembro do anno de 1545. sendo Summo Pontifice Paulo III. com quem se continuou até a sessaõ XX. Dilatado por varias occasioens, passou ao Pontificado de Julio III. & nelle se celebrou a sessaõ undecima em sesta feyra 5. de Mayo de 1551. & se proseguiraõ mais cinco sessoens. Estendeo-se ao de Pio IV. em que foy a sessaõ 17. a 18. de Janeyro de 1562. & deo fim na sessaõ 25. a 4. de Dezembro de 1563. presidindo sempre Cardeaes Legados dos Pontifices. Na conclusaõ delle se nomeão assistentes 9. Cardeaes, 3. Patriarcas, 33. Arcebispos (entre os quaes foy Portuguez o Religiosissimo D. Frey Bartholomeu dos Martyres, da Ordem dos Prégadores, Arcebispo de Braga) 235. Bispos (entre elles Portuguez, D. Joaõ Soares da Ordem de Santo Agostinho, Bispo de Coimbra, & Dom Gaspar do Casal, da mesma Ordem, Bispo de Leyria, ambos Varoens grandes) 10. Procuradores de outros Bispos ausentes, 7. Abbades, 8. Gèraes de Ordens, 2. Procuradores de outras Ordens, 95. Theologos, & Canonistas enviados por Principes, & por Ordens Religiosas: entre elles foraõ Portuguezes, Frey Francisco Foreyro da Ordem dos Prégadores, & o Doutor Diogo de Payva de Andrada Theologos, & o Doutor Melchior Cornelio Canonista, Desembargador, enviados por ElRey de Portugal, & Frey Henrique de S. Jeronymo, & Frey Luis Sotomayor ambos da Ordem dos Prégadores, & Frey Antonio de Padua da observancia de Saõ Francisco, & Frey Pedro da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. Assistirão Embayxadores do Emperador, dos Reys de França, Castella, Portugal, (este foy Dom Fernaõ Martins Mascarenhas) & Polonia; das Respublicas de Veneza, & Cantoens Helvecios; dos Duques de Baviera, Saboya, & Florença, & da Religião de S. João de Jerusalem. Offerecia-se tratarmos da preferencia de nossos Embayxadores aos de outros Principes, mas seria materia de novo arrependimento; só escrevèmos o que póde contribuir á honra de Deos, & da *Senhora*, em quem naõ ha ingratidão. Foy este Concilio solemnissimo: rico de gravissimos decretos contra as heresias de Luthero, Calvino, & outros modernos nefandos: illustre regra ao Estado Ecclesiastico: & luz insigne da verdadeyra Religião.

123 *Plin. 3. c. 19.*

124 *Hæc ex Conrad. Gesner. in Onomast propr. nomin verb. Tridentum. Georg. Braun. in civit. orb. in Indice ad fin. tom 3 eodem verb Fr. Laurẽt. Surio in princ. ejusdem Concil.*

125 *Neste c.n.2.*

116 *Concil.Trident.sess.5.de peccat.Origin.in fine.*

23 Da verdade, & utilidade de todos estes Concilios foy como precursor aquelle primeyro a que dissemos 125 que a *Virgem* Santissima assistio, como illuminadora. Parece agradecimento deste ultimo, declarar 126 que não era sua tenção comprehender sua Conceyção immaculada no que tinha dito do peccado original, antes mandava que se observassem em as Constituiçoens de Sixto IV. que tanto favorecem este mysterio. Muytas graças sejaõ dadas à *Senhora*, a quem somos tão devedores em todos os de nossa redempçaõ.

CAPITULO LXII.

Como a Virgem *Sãtissima guiava os Apostolos, noticiava os Evangelistas, ajudava os Prègadores, animava os Martyres, (& se dá noticia das mayores perseguições que padeceo a Igreja;) allumiava os Confessores, & ensinava os Doutores.*

1 *Joan.14.16.*
2 *Rupert.l 1.in Cant.verbo,* Ubi cubes in meridie.
3 *Supr.c.59 n.5.*
4 *Luc.2.19 & 51.*
5 *D.Bernard.serm.4 sup.* Missus est, *ante med.*
Refert deS.Brigid.in sermon.Angel. c.19.in med.
Revel.deS.Brigid.in sermon.Angel. c.19.in med.
Rupert.supr. & l. 5. in Cant. verb. Qualis est dilectus tuus.
Melchior de Castro hist da Virg.l.1. c.19.
P.Fr.Joseph de Jes. Mar.na mesma hist l.5.c.7.n.5.Vide sup.c. 61.n. 1.
Alij apud Sandeum in Aviar. Marian.orat.3. Cygnus, antè med.
6 *Bernard de Bust in Marial.p. 9.ser.2.& alij relati à Canis.l.deB. Mar.& à Richel.de laud.Virg. l. 1. art.36.Vide Aug.serm.6 de temp.*
7 *Dexter an Chr.34* Sacra Virgo consilio, luce doctrinæ, & mirabili vitæ exemplo præsidet Collegio Apostolico; nihilque grave gerunt illi, quod non ejus consilio, ductuque gerant.
8 *Castro supr.l.2.c.9 prop.fin.*
9 *P Sylveyr.in Evang. tom.1.l. 2.c.2.q 4 n.5.in fin.Castro sup.c.18*
10 *P.Fr.Joseph.d.c 7.n.4.*
11 *P Joseph d.l.5.c.3.n.3.*
12 *Exod.17.*
13 *Act c.41.*
14 *Castro d.c.18.ante med.*

1 POsto que a vinda do *Espirito Santo* sobre os Apostolos, & Discipulos lhes ensinou toda a verdade; 1 a *Virgem Mãy* a conhecia com eminencia, & mayor clareza, 2 pelo mesmo *Divino Espirito*, 3 por revelaçoens, & por sciencia experimental nos mysterios do Filho, cujos successos, & palavras hia guardando em seu coração. 4 E assim dizem os Santos Doutores 5 que aos Apostolos referia muytas cousas, que Deos queria que soubessem por sua boca sagrada, & os encaminhava nas juntas que faziáo sobre alguma duvida; & por isto foy chamada *Mestra dos Apostolos*. Escrevem graves Authores, 6 que os mesmos Apostolos sagrados, quando não podiáo acabar de converter pessoas que andaváo duvidosas, as enviaváo à *Virgem*, que com efficacia de suas palavras, & com a doçura de sua presença as persuadia, entendendo-se que não podia deyxar de ser Deos quem era seu Filho. Nada finalmente de negocio grave (refere o antigo Flavio Dextro 7) fazia o Collegio Apostolico sem o conselho, & guia da Sagrada *Virgem*.

2 Aos Evangelistas fez a *Senhora* relaçoens para o que escrevèraõ; 8 & a Saõ Lucas particularmente para o principio de seu Evangelho, 9 pelo que mereceo ser chamado *Notario Virgem.* 10

3 Aos Prègadores Evangelicos ajudava com oraçoens; 11 mais poderosas nas batalhas com os inimigos da nova Ley, que as de Moysés na de Josuè contra os Amalecitas. 12 Por isto à primeyra prègação de Saõ Pedro se convertèraõ tres mil almas; 13 com outra de Saõ Joaõ cinco mil; 14 finalmente deo a *Senhora* à Igreja o mayor Prègador que foy Saõ Paulo; pois

ainda

ainda que Santo Agostinho diz, 15 que Santo Estevaõ rogou por sua conversaõ: hum douto Escritor 16 accrescenta que fazia a *Mãy* de Deos oração por ella, & não ha duvida em que seria mais efficaz; não era muyto que sendo Prègador convertido pela *Virgem*, concorresse a ouvillo tanta gente atè a meya noyte: que se puzesse nas janellas, ou tribunas das casas, por não caber nos bayxos, como se conta nos Actos dos Apostolos. 17 Com grande propriedade o insigne Patriarca Saõ Domingos instituhio sua illustre ordem dos Prègadores debayxo do patrocinio especial da *Virgem*, & a Senhora lhes chamou filhos. 18

4 Animava aos Martyres (como disse hum Anjo a Santa Brigida, & que para isto a deyxára *Christo* no mundo quando subio ao Ceo) 19 não só com razoens, & com a narraçaõ do que padecèra com seu *Filho* na terra; mas tambem com o exemplo do que padeceo retirada com o Evangelista Saõ Joaõ, entre Gentios em Epheso, 20 Cidade na Asia menor, 21 em quanto durou a perseguição de Herodes III. deste nome no anno 42. de *Christo*, 22 em que prendeo a Saõ Pedro, & matou a Santiago Mayor. 23 Bem pareceo fruto de tal escola o Proto-martyr Estevão, sete mezes & meyo depois da Ascenção do *Senhor*, 24 em o saber imitar na charidade com que rogou pelos que o matavão: 25 & respeytar, na differença com que primeyro rogou por si, deyxando ao *Senhor* a ventagem de rogar primeyro pelos matadores. 26 Na mesma escola aprendeo Saõ Pedro querer ser crucificado com a cabeça para bayxo, por ficar com ella aos pès de *Christo*; 27 (se bem *Christo* lhe pagava logo, ficando com a cabeça a seus pès.) E da mesma, & da conversaõ que a *Virgem* ajudou nelle, como dissemos, 28 sahio o Apostolo Saõ Paulo, cujo sangue (quando em Roma foy degollado) bebeo a terra, & logo o restituhio em fontes, 29 mostrando que o sangue dos Martyres instruidos em aquella Academia sagrada, era fonte perenne de que manaria o Christianismo, como havia dito o *Salvador*. 30 Experimentou-se em treze perseguiçoens universaes (alèm de muytas particulares) que a Igreja teve. Foy credito começar a primeyra em Nero, que só perseguia as mayores excellencias; 31 poz a Roma fogo, que durou seis dias, & por desmentir sua culpa, a impoz aos Christãos com mayor incendio. Seguirão-se as de Domiciano, Trajano, Antonino, & Marco Aurelio, Severo, Maximino, Decio, Valeriano, Aureliano, Diocleciano, & Maximiano, Constancio, Juliano, & Valente. Só na de Diocleciano, & Maximiano forão mortos em Egypto cento quarenta & quatro mil Martyres, & desterrados setecentos mil, alèm dos que padecèraõ nas outras partes, em Africa, & toda Europa. O Emperador Valerio arrazou em Phrygia toda huma Cidade de Christãos, 32 como se fora clemencia matallos separados. Parecia que só havia no mundo algozes, & Martyres; mas a crueldade nun-

15 *D. Aug. serm. 1. de Sanct.*
16 *Melchior de Castr. d. c. 18. ad med.*
17 *Act. 10.*
18 *Vilhegas, vida de S. Doming. Fr. Luis de Sousa, hist. de S. Doming. p. 1. l. 1. c. 8.*
19 *Revel. S. Birgit. in serm. Angel. c. 19.*
20 *Castr. d. c. 18 in fin.*
21 *Vide supr. cap. 61. n. 6.*
22 *Flosculi. hist. p. 2. c. 1.*
23 *Act. 12.*
24 *Scogl. Caldcens. hist. à primord. Eccl. l. 1. Vilhegas, Flos Sanct. vida de S. Estevaõ no fim.*
25 *Act. 7. 59.*
26 *Luc. 33. 34.*
27 *Metaphrast. & alij de S. Petr. Flosculi. hist. p. 2. c. 1. post princ. vers. anno Christ. 67.*
28 *Supr. n. 3.*
29 *Flosculi. hist. supr.*
30 *Joan. 12. 25.*
31 *Tertullian. in Apologet. cap. 5.* Tali dedicatore damnationis nostræ etiam gloriamur; qui enim scit illum, intelligere potest non nisi grave aliquod bonum à Nerone damnatum.
32 *Flosculi. hist. d. c. in fin.*

ca, os atemorizou, o intereſſe nunca os perſuadio; trocárão muytos purpuras por ſangue, & o amor natural pelo Divino: meninos, & velhos com forças juvenís; não houve acção celebrada em valor a que ſe não aventajaſſem. São Lourenço fez de todo o corpo 33 a mão de Scevola: 34 glorioſo eſpectaculo! as mais illuſtres, fermoſas, & delicadas donzellas entrarem ſeguras nos tribunaes, reſponderem ſem perturbação aos grandes, engeytarem vodas de Principes, convencerem ſabios, não temerem féras, deſprezarem ameaços, regalarem-ſe nos tormentos, louvarem a Deos nos martyrios. Bem dizia o Romano Sertorio, que do Capitão vem o valor aos Soldados; eſtes militavão na bandeyra da *Virgem*; ſeu ſangue manancialmente regava a planta Chriſtãa que creſcia: as mortes renovavão; triunfavão os vencidos, como aos cento & vinte annos de *Chriſto*, & cento & dez de ſua idade, moſtrou São Dionyſio Areopagita, (que tambem teve a dita de participar illuminação da *Virgem*, como logo diremos,) que ſendo em França degollado, ſe levantou, & feyto carroça de ſeu triunfo, tomou ſua propria cabeça nas mãos, & a levou duas milhas entre harmonia de Anjos, atè a entregar a huma piedoſa mulher chamada Chatuſa, que a recebeo por theſouro. 35

33 *Flores de Sanct. Laurent.*
34 *Liv. dec. 1.*
35 *Baron. annal. l. 2. Ribadan. Flos Sanct. & alii.*

5 Foy luz dos Confeſſores. Diſſe hum Anjo a Santa Brigida que tambem para iſto deyxára *Chriſto* a ſua *Mãy* Santiſſima no mundo: *Que lhes enſinou preceytos ſaudaveis, & de ſua doutrina, & exemplo aprendèrão a ordenar com prudencia os tempos do dia, & da noyte, para louvarem, & glorificarem a Deos: & a regular, conforme a vida eſpiritual, & a razão, o ſono, o comer, & o trabalho corporal.* 36 He certo que em vida enſinaria os que converſava, pois do Ceo mandou por São João Evangeliſta huma inſtrucção a São Gregorio Thaumaturgo, 37 Biſpo que foy de Neoceſarea ſua patria no Ponto Euxino, que por ella chegou a grão tão alto de ſantidade, q̃ (Orpheo, & Amphion verdadeyro) paſſava os montes, & rochedos de humas a outras partes á ſua obediencia. 38 Aos Eremitas, ou Monges do monte Carmelo procedidos de Elias, que nos tempos da *Virgem* continuavão, 39 he provavel que daria nova doutrina; & dalli lhes viria a devoção com que aos 83. annos do Naſcimento de *Chriſto* edificárão em honra da meſma *Senhora* hum Templo, de que já fizemos menção. 40 Honrou a *Virgem* aquelle modo de vida em dias que hia aſſiſtir no valle de Joſaphat, contemplando os lugares em que ſeu *Filho* padecèra, 41 & eſtavão vizinhos. Diſſe tambem o meſmo Anjo, que aos caſados inſtruhia a *Virgem* na perfeyção: *Que os aconſelhava que ſe amaſſem corporal, & eſpiritualmente com verdadeyra charidade, ſendo inſeparaveis para qualquer couſa da honra de Deos; referiado-lhes para exemplo quam ſinceramente entregára ella a Deos ſua vontade com total reſignação*; 42 & he de crer que lhes referiria quam perfeytamente ſe amavão em Deos, ella, & São Joſeph.

36 *Revel. S. Birgit. in ferm. Angel. c. 19.*
37 *Vilhegas Flos Sanct. p. 1. vida de S. Gregor. Thaumat.*
38 *Euſeb. Caeſarienſ. hiſt. Eccleſ. l. 7. c. 25.*
39 *Vide ſupr. c. 12. n. 36. ad med.*
40 *Supr. c. 15. n. 10. poſt med.*
41 *Guerric. Abb ſerm. 2. de Aſſumpt. ſtatim poſt princ.*
42 *Revelat. S. Birgit. ſupra.*

6 Foy

6 Foy Meſtra dos Doutores. Baſtava que o foſſe dos Apoſtolos, como diſſemos, 43 para o ficar ſendo de todos, pois todos profeſſaõ a doutrina Apoſtolica; mas em particular diſſe o grande Areopagita, 44 que em chegando à preſença da *Senhora*, quando teve a felicidade de a viſitar, 45 ſó ſua viſta o *illuminou interiormente*; quanto obraria mais a larga converſação nos que a merecèraõ! He o Meſtre, pay eſpiritual, & por ſer officio de pay, & mãy amar os que gérou, 46 recebèrão ſempre os Doutores ſagrados eſpeciaes favores da *Senhora*. A Saõ Joaõ Damaſceno reſtituhio milagroſamente a mão direyta que o herege Emperador de Conſtantinopla Leaõ III. lhe fizera cortar com aſtucia, porque não eſcreveſſe contra ſuas maldades; 47 & por aquella mão logra a Igreja ſeus excellentes eſcritos. Por interceſſaõ da meſma *Senhora* naſceo Santo Ildefonſo Arcebiſpo de Toledo, a cujos eſcritos, & ſermoens 48 deveo Heſpanha ſaudavel doutrina cõtra as hereſias de Pelagio, & Heladio vindos da Gallia Gotica: & para a confirmar, & premiar, lhe trouxe peſſoalmente do Ceo huma caſula, fazendo-o ſeu Capellaõ. 49 A noſſo grande Padre S. Bernardo deo a *Virgem Mãy* ſeu peyto ſagrado, de que bebeo o puriſſimo leyte, 50 que fez ſua boca melliflua, como lhe chamão em ſeus eſcritos. A Saõ Boaventura, Eſtrella radiante na Ordem Serafica, pedra precioſa entre os Doutores Scholaſticos, ajudou a meſma *Senhora* com tantas luzes, q̃ admirado Santo Thomás de ſuas letras, foy á ſua cella para ver a livraria por onde eſtudava; elle lhe moſtrou hũ Crucifixo: & o Doutor Angelico reconheceo que ſó de tal livro podia ſahir tal doutrina. 51 Agradecido Saõ Boaventura ao favor da *Senhora*, ſendo Géral da Ordem, no Capitulo de Piſa ordenou que de dia de Natal atè a Epiphania ſe diſſeſſe nos hymnos: *Gloria tibi, Domine, qui natus es de Virgine*; & mandou a ſeus Frades, que nos ſermoens exhortaſſem o povo a ſaudar a *Mãy de Deos* com a ſaudaçaõ do Anjo, quando ſe tocão os ſinos ao anoytecer, por ter por certo que em aquella hora foy annunciada. 52 A Santo Thomás de Aquino, eſpelho da Theologia, Cãdelabro da Igreja, deo a *Virgem* o primeyro leyte da infancia, quando dos braços da ama levantou hum papel cahido na caſa, no qual eſtava eſcrita a oração da *Ave Maria*: & tirandolho a ama por força, chorou o menino tanto, que lho tornáraõ para o acallentar; & elle o chegou á boca, & o tragou, 53 incorporando em ſi aquellas ſagradas letras, alimento cõ que foy creſcendo, & nelle vierão a produzir de ſeus eſcritos, em que cada artigo he hum milagre, como em ſua Canonizaçaõ diſſe o Papa Leão XXII. por outro computo 21. 54 & para que em vida, & morte foſſem todos da Senhora, na doença de que morreo compoz por ultima obra a expoſição dos Cantares da meſma Eſpoſa Divina, & logo o levou Saõ Paulo á luz da eterna ſciencia, como o Religioſo Paulo Aquilino vio por revelação. 55 Ao Sutil Joaõ Dunx Scoto, que no principio de ſeus eſtudos,

43 *Supr. n. 1.*

44 *D. Dionyſ. Areop. epiſt. ad Paul.*

45 *Diremos c. 64. n. 4.*

46 *D. Chryſoſt. in epiſt poſter. c. 7. ad Corint. hom. 15. in moral.* Patrem non ſolum facit quod genuit; ſed & quod diligit poſtquã genuit.

47 *Martyrolog. Roman.*

48 *Baron. in annot. ad Martyrolog.*

49 *Surius tom. 1. Martyrol. Roman. Arceb. D. Rodrig. na Chron de Heſpan. l. 3. c. 22 Vincent. no Eſpelho hiſt. l. 8 c. 1. 20. Joan. Magn. hiſt. Got l. 6. c. 21. D Rodrig. Biſp. de Palenc. hiſt. Hiſpan p. 2. P. Samaniego, na vida de Scot. l. 2. c. 6 n. 3.*

50 *Britto na Chron. de Ciſter. Vilhegas no Flos Sanct. p. 1. vida de S. Bernard. no fim.*

51 *Petr. Galeſin. vit. S. Bonavent. c. 8.*

52 *De quo vide ſupr. c. 24. n. 4. in fine.*

53 *Vilhegas no Flos Sanct. vida de S. Thomás in princ.*

54 *Refert Henriq. Engelgrav. in Cælo Empyr. feſt. Annunt. §. 2. in princ.*

55 *P. Fr. Diogo do Roſario no Flos Sanct na vida de S. Thomás. Illeſcas no Flos Sanct. na meſma vida, ad fin.*

achando-se desanimado para os proseguir, recorreo ao auxilio da *Virgem*, animou a *Senhora* em hum sonho, ou rapto, promettendolhe felicidade nas sciencias, com encargo de que a servisse com ellas; 56 em Pariz lhe fez a grande honra que ja referimos; 57 & notoria he a excellencia, & doutrina deste illustre Doutor.

56 *Refert ex multis P. Fr. Joseph Ximenes Samaniego, na vida de Scoto l. 1. c. 3. num. 3.*

57 *Supr. c. 15. n. 18.*

7 Baste por outros muytos exemplos o do Insigne Portuguez Santo Antonio, que pelo nome, & naçao me obriga a mais largo elogio.

8 Creado atè idade de quinze annos à sombra da Santa Imagem que chamão, de *Nossa Senhora a Grande*, na Sé de Lisboa, diante de cujo altar assistia muytas horas de todos os dias em fervorosa oraçaõ, (como he tradiçaõ antiga; alèm do que referem os Escritores de sua vida) continuou, & cresceo tanto na devoção da *Senhora*, que ella o teve sempre em sua protecção; & assim o livrou hũa noyte do Demonio que o quiz afogar; 58 & o instituhio taõ breyemente nas sagradas letras, que quando de vinte & cinco para vinte & seis annos passou da Santa Religião dos Conegos Regulares para a Serafica de Saõ Francisco, já era insigne Prègador; como se vio no Sermaõ que de repente fez na Cidade de Forlivio obedecendo a seu Guardião. 59

58 *Illesc. no Flos Sanct. vida de S. Antonio. Fr. Miguel Pacheco no Epitome da vida de Santo Antonio, n. 101.*

59 *Vilhegas supr. Fr. Marcos de Lisboa Bispo do Porto, na Chron. dos Menor. p. 1. l. 5. c. 4 Fr. Miguel Pacheco no Epitom. da vida do mesmo S. n. 34.*

9 Mais por oraçaõ, que por estudo chegou ao alto da sciencia, porque a Igreja de Portugal, & a Ordem Serafica solemnizão seu dia com Missa, & Officio de Doutor; & foy verdadeyramente illustrado com especiaes propriedades de sal, & de luz, porque *Christo* no Evangelho definio os Doutores. 60 Como ao sal nascido no mar, chamou o *Senhor*, sal da *terra*: 61 a Santo Antonio nascido em Lisboa, chamão as gentes, *Santo Antonio de Padua*; ambos tem duas patrias; huma de nascer, outra de durar; ou ambos se denominão da parte em que vivem. Como a luz não deve ser só para si, mas quer o *Senhor* que luza a todo o mundo: 62 Antonio por luzir a todo o mundo, naõ só luzio à terra, mas tambem ao mar, donde trouxe os peyxes a ouvir sua doutrina; 63 & como o Sol allumia igualmente o hemispherio a que espalha seus rayos, sem differença de mayor, ou menor distancia: a luz da prègação de Antonio chegava igual às partes remotas; como se vio prègando o Santo em França em occasião, em que hũa mulher sua devota não podendo ir ouvillo, por ter o marido doente, se poz no eirado de sua casa olhando para a parte em que o Santo havia de prègar, que distava quasi huma legoa, & alli o ouvio taõ claramente, como se estivera a seus pés; & do mesmo modo o ouvio o marido; a quem ella chamou para ouvir a maravilha. 64

60 *Matth. 5. 13. & 14.*

61 Vos estis sal terræ.

62 Vos estis lux mundi.

63 *Fr Marcos, supr. c. 18. Fr. Miguel Pacheco supr. n. 58 Fr. Diogo do Rosario, no Flos Sanct. Portug. Vida de Santo Antonio.*

64 *Vilhegas supr. Fr. Miguel sup. n. 43.*

10 Mandou *Christo* que luzissem os Doutores diante dos homens; 65 empreza difficil da parte dos homens, & da parte de Antonio: da parte dos homens, porque se offendem com a luz de outro homẽ; por isso Moysés cobria a de seu rosto, quando

65 *Matth. d. c. 5. 16.* Luceat lux vestra coram hominibus.

do vinha de fallar com Deos: 66 da parte de Antonio, porque ainda que fora Anjo, sahindo delle luz, naõ havia de ser crido dos homens, como São Pedro naõ creo o Anjo que o livrára em quanto elle lançava de si luzes: só o creo depois que naõ luzio: 67 & com tudo Antonio luzio diante dos homens, & foy crido delles; porque naõ parecia puro homem: a enchente de virtudes o fizera por graça semelhante a Deos, 68 que luz entre homens, como notárão os Evangelistas; & as luzes que sahem delle se pódem ver sem rebuço, & se lhes dá credito, como disse o Apostolo. 69

11 Resplandor divino confessou o tyranno Excelino que vira sahir de seu rosto, & que esse o obrigára a compungirse a suas reprehençoens, & a lançarse humilde a seus pès. 70 Divino devia ser o que pode abrandar taõ cruel peyto; & o que em muytas occasioens converteo, & fez sahir lagrimas de corações de hereges, & outros peccadores mais duros que pedras. Quando Deos mandou a Moysès que tirasse agua da pedra, lhe disse que estaria com elle; 71 só Deos póde fazer milagre taõ estupendo, como he tirar agua de penitencia em coraçoens empedernidos no peccado.

12 He tambem effeyto de luz divina a virtude com que Santo Antonio restitue as cousas perdidas, & he para isto invocado; porque a outra luz, posto que se busque, naõ se acha o perdido. A candea com que aquella mulher do Evangelho buscou, & achou a dracma que perdèra, era candea de *Christo* figurado em aquella parabola: 72 & a viuva de Sarephta só chamou a Elias *Varaõ de Deos*, 73 quando lhe restituhio o filho que tinha perdido; & não quando lhe multiplicára a farinha, & azeyte, sendo milagre tão grande.

13 Luzio, pois, como *Christo* mandou, porque naõ luzia como puro homem, mas com semelhança de Deos; a tanta grandeza chegou, porque no mesmo Evangelho a prometteo *Christo* a quem obrasse o que ensinasse, 74 como Antonio fazia.

14 Para doutrinar lhe multiplicou Deos os idiomas. Prégando em Roma diante do Papa Gregorio IX. em occasião de hum Jubileo, foy entendido dos ouvintes de varias naçoens, como se cada hum ouvisse sua lingua propria; 75 maravilha só vista nos Apostolos, & Discipulos sagrados depois que sobre elles descéraõ do Ceo linguas de fogo, & ficáraõ cheyos do Espirito Santo; 76 fóra delles nem os Serafins parece que lográraõ este dom; pois Isaìas os vio no Ceo chamar hum para outro, & não hum para todos; 77 como se hum naõ pudesse ser entendido de todas as diversas naçoens, & linguas que habitaõ o Ceo. 78 Mysteriosamente se conserva atè hoje a lingua de Santo Antonio incorrupta 79 como immortal.

15 Cifre-se o mayor elogio em que desceo do Ceo Deos feyto menino, a porse sobre o livro porque lia Santo Antonio, & logo

66 *Ex* 34. 33. Posuit velamen super faciem suam. *Ubi Origenes.*

67 *Actor.* 12. 7. Lumen resulsit in habitaculo: *n.* 9. Nesciebat quia verum est: *n.* 11. Nunc scio verè. *Origen. ibi.*

68 *Joan. in* 1. *epist. c.* 3. 2. Similes ei erimus.

69 *Joan.* 1. 4. [illegible] *fine.* *D. Paul* 2. *Corint.* 3. 18.

70 *Surio na vida de S. Antonio.* *Fr. Marcos sup. c.* 16. *Fr. Miguel Pacheco sup. n.* 69.

71 *Exod.* 17. 6. En ego stabo ibi coram te super petram.

72 *Luc.* 15. 8. Accendit lucernam ... & quærit.

73 3. *Reg.* 17. 24. Nunc in isto cognovi quoniam vir Dei es tu.

74 *Matth. d. c.* 5. 19. Qui autem fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur in Regno Cælorum.

75 *Fr. Marcos sup. c.* 21. *Pacheco sup. n.* 41. *Vilhegas supra.*

76 *Actor.* 2. *n.* 3. & 4.

77 *Isai.* 6. 3. Clamabant alter ad alterum. *Origen.*

78 *Apocalyps.* 7. 9. Ex omnibus gentibus, & tribubus, & populis, & linguis.

79 *O Bispo Fr. Marcos supr. c.* 31. *Pacheco supr. n.* 140. & 141.

& logo se passou a seus braços. 80 Aos outros Santos vio Saõ Joaõ assentados no livro de Deos; 81 Deos se assentou no livro de Antonio. Os outros Santos, disse Salamaõ que estaõ na maõ de Deos; 82 & Deos se vio nas mãos de Antonio. Veyo do Ceo a porse em seus braços: final de ser Antonio seu amantissimo, como disse Jacob figurando-o em Benjamim quando o abençoou. 83 Dizendo-se que os braços de Antonio saõ lugar em que Deos descança, não ha mais que dizer; & este he o leyto de Salamão, 84 disse o mesmo Salamão pelo mayor encarecimento de sua fermosura, & riqueza.

80 *Fr. Marcos na dita Chron. d. p. 1. l. 1. c. 12. Vilhegas na sua vida.*
81 *Apocalyps. c. 5 & c. 21. 27.*
82 *Sap. 3. 1.* Justorum animæ in manu Dei sunt.
83 *Deuteron. 33. 12* Benjamim, amantissimus Domini, habitabit confidenter in eo: quasi in thalamo tota die morabitur, & inter humeros illius requiescet.
84 *Canticor. 3. 7.* En lectulum Salomonis.

16 Finalmente nos auspicios da *Virgem Mãy*, que o favoreceo atè com seu Divino Filho lhe vir assistir na morte (que elle esperou cantando o hymno *O Gloriosa Domina*, de cuja repetiçaõ era devotissimo) 85 foy chamado Arca das sagradas letras: 86 & martello dos hereges: 87 salgou, & luzio de modo, que tendo seu Padre Serafico Saõ Francisco determinado que seus Frades não estudassem, por razoens que considerava com prudencia; 88 toda via constituhio a Santo Antonio Prègador, & Cathedratico da sua Religião, 89 exceptuando tal Doutor, de toda a regra. Bendita seja a piedosa Mãy de nosso remedio, que com tantos, & tão soberanos Doutores nos illustrou a Igreja.

85 *Fr. Marcos. supr. c. 27. Illescas supra. Fr. Miguel supr. n. 108.*
86 *Marin. Sicul. de reb. Hisp. l. 5 tit. del Divo Anton. Faria no Epit. das hist. Portug. p. 3. c. 4 n. 19.*
87 *Fr. Miguel sup. n. 56.*
88 *Bispo Fr. Marcos na d. Chron. p. 1. l. 2. c. 21 & 23.*
89 *O mesmo Fr. Marcos l. 5. c. 4. Vilhegas supr. n. 38. Fr. Miguel supr. n. 38. Brandaõ na Monarch. Lusit. p. 4. l. 14. c. 3.*

CAPITULO LXIII.

Como a Senhora *foy espelho das Virgens, & instituhio o primeyro Convento dellas; & como foy consolaçaõ das viuvas. Trata-se da Magdalena Santa; Santas Martha, Marcella, Veronica, & São Lazaro; & se refere o martyrio da Samaritana, & de seus filhos, & irmãs.*

1 DAs Virgens (de que a *Mãy de Deos* foy a primeyra por voto perpetuo, como assima dissemos) foy tambem lucidissimo espelho. *Aprendiaõ* (disse hum Anjo a Santa Brigida) 2 *de seus honestissimos costumes a viver honestamente, & a guardar firmemente a pureza virginal atè a morte: a fugir às conversaçoens, & todas as vaidades: amar o recolhimento, & silencio: a examinar suas obras com diligente consideraçaõ, & a pezallas justissimamente na balança do espirito.* Richelio 3 accrescenta, que lhes dava luz de quanto agradava a Deos a virtude Angelica da Virgindade, & das grandes riquezas que lhes estavaõ promettidas em premio.

1 *Supr. c. 20. n. 5.*
2 *Revel. de S. Brigid. in serm. Angel. c. 19.*
3 *Richel. de laud. Virg. l. 2. art. 5. & 21.*

2 Para mayor retiro, & perfevção fundou hum Mosteyro de cem Virgens, em que muyto assistia. 4 Gloria altissima das que

4 *Laurent. Massel. de Deip. l. 6. c. 18.*

que professaõ esta santa vida, terém Fundadora tão soberana; que regra daria taõ divina! Acima considerámos 5 a instituição das Virgens Vestaes feyta pela mulher de Noè em Italia com prophetica allusaõ á *Virgem Mãy*; agora accrescentamos, que renovando Numa Pompilio Rey de Roma o instituto daquellas Virgens, a primeyra que escolheo se chamava *Amata*, como escreve Fenestella, 6 & daquella primeyra se derivou quando o Sacerdote hia buscar a casa dos pays as que no tempo adiante se dedicavão àquelle culto; chamallas, dizendo: *Veni Amata*; o que tambem parece profecia de haver de ser a primeyra Fundadora de Convento de Virgens Christãs a Virgem chamada por antonomasia: *Amada Espòsa de Christo*: & dizerse áquellas a que se lança o vèo: *Veni Sponsa Christi*.

3 Foy discipula da *Senhora*, & das daquelle Convento Santa Martha; & se entende que foy a primeyra que votou virgindade perpetua depois da *Virgem das Virgens*. Lançada no mar pelos Judeos com a Magdalena, & Lazaro seus irmãos, & pela sua familia, & outros Santos, em huma embarcaçaõ sem remo, nem vèla, milagrosamente aportou em Marselha de França, 7 & alli em lugar despovoado fundou outro Convento, em que tambem entrou Santa Marcella, criada sua; 8 aquella que entre as murmuraçoens dos Judeos contra *Christo*, se atreveo a louvallo em voz alta, & a sua *Mãy* Santissima. 9

4 Dalli se forão continuando Conventos de Virgens. Lemos que Constantino Magno, primeyro Emperador Christão, achando já muytos por todo o Imperio, deo a todos grossas rendas, 10 alem de outros grandes privilegios que concedeo aos que guardavão virgindade; 11 & o Papa Saõ Sylvestre, que foy no mesmo tempo, cuydou muyto em que estas donzellas encerradas não sahissem fóra, & que em ordem a isso lhes não faltasse o necessario; 12 & nelles vivião em grande aperto, & penitencia as mais delicadas, & nobres, segundo escreve Saõ Joaõ Chrysostomo. 13 Naquelle primeyro espelho se virão, & ornárão todas as que succederaõ com belleza celestial.

5 Disseo o mesmo Anjo, 14 que consolava a Sagrada *Virgem* as viuvas, *Referindolhes, que ainda que o amor maternal que tinha a seu Filho, pedia que elle naõ morresse; com tudo sua vontade sempre se conformára com a Divina, elegendo padecer todas as tribulaçoens contra seu desejo natural, a troco de se cumprir pontualmente a vontade de Deos*. Com esta, & outras razoens as esforçava, & fazia constantes contra as payxoens. A Santa Veronica (que foy aquella mulher que tocando com fé a vestidura de *Christo* ficou sã do fluxo de sangue) 15 *Sendo muyto familiar, & cordeal amiga da Virgem* [palavras dos actos de Saõ Marcial 16] de seus conselhos aprendeo a conformidade, com q̃, morto em

Fran-

Vilhegas no Flos Sanct.p.1.vida de Santa Martha, & p. 2.vida de N. Senhora.

5 *Supr.c.2.n.7.*

6 *Fenestel. de Sacerdot. Roman. cap.6.*

7 *Flav.Dexter in Chron.an.Chr. 48.Petr.de Natal.l.6.c.124.151.& 152 & l 1.c.72.& l.5.c.101.*

8 *Vilhegas, Flos Sanct.p.1. vida de S.Martha.*

9 *Luc 11.27.*

10 *Nicephor.hist.Eccles.l.8 c.26 post princ.*

11 *Sozomen.in hist.Eccles.l.1.c. 9.ad fin.*

12 *Vilhegas supr.vida de S.Sylvestre no fim.*

13 *D.Chrysost,in Paul.ad Ephes. c.4 serm.13.ad fin.in tom.4.*

14 *Revel.S.Birgit.sup.*

15 *Marc.5.29.Luc.8.44. Bivar ad Dextr.an. Chr. 48.n.2. contra alios, cum eodem Dextro.*

16 Veronicam, quæ familiaris, & præcordialis amica fuit Virgini Mariæ. *Apud Vincent. Belvacens. in specul. hist.& apud S.Antonin.1.p. hist.tit. 6.c.25.§.2.*

França seu marido Santo Amador, fazendo entre rochedos vida solitaria, ella no territorio de Bordeos viveo santamente, alegre em Deos atè muyto velha; & foy morrer a Roma, 17 aonde levou o Santo Sudario com que na rua da Amargura enxugou o rosto de *Christo* que nelle ficou impresso, & se guarda na Igreja de São Pedro; & outro na Igreja da Cidade de Jaem em Hespanha; porque o pano era dobrado, & em ambas as dobras ficou a estampa sagrada. 18

17 *Dexter d. an. Chr. 48.*

18 *P. Bivar in com. ad Dextrum supr. n. 2.*

6 Finalmente da conversação da *Virgem* sahirão a Magdalena, & a Samaritana, que bastão por muytos exemplos de santidade em mulheres de todos os estados. Amante finissima era já a Magdalena em vida de *Christo*; 19 mas quem duvida que subiria muytos quilates de graça assistindo depois à *Senhora* quatorze annos atè o de 48. do Nascimento do *Senhor*, em que foy lançada ao mar naquella barca desaparelhada? 20 Depois de ir accusar a Pilatos em Roma,(se he certa a opiniaõ que disto referimos) 21 tornou a Marselha, onde a barca a tinha lançado com os mais companheyros santos; ou, sem sahir daquelle porto, alli viveo eremita em huma cova do deserto por espaço de trinta annos; tão divinizada, que Anjos a levantavão da terra sete vezes cada dia a ouvir musicas do Ceo. 22

19 *Luc. 7. 47.* Dilexit multum.

20 *Supr. num. 3.*

21 *Supr. c. 50. n. 5.*

22 *Flav. Dexter an. Christ. 88. Vilhegas, Flos Sanct. vida de Santa Maria Magdalena.*

7 Da Samaritana diremos mais, porque não he taõ vulgar. Seu nome era Photina. Depois que lhe fallou *Christo* no poço de Jacob junto a Sichem; depois que foy à Cidade prègar do *Senhor*, 23 o ficou seguindo com outras santas mulheres; & depois de sua Ascenção acompanhou a *Virgem* com suas irmãs Anatola, Fota, Fotis, Parasceve, & Cyriaca, & com dous filhos, Victor, & Joseph. Com este passou a Africa a prègar em Carthago. Victor sendo Capitão do Emperador Nero (que o não conhecia por Christão) foy mandado por elle a castigar os que em Italico seguião a Ley de *Christo*; mas pelo cõtrario prègou a *Christo* Deos. Outro Capitão chamado Sebastião o quiz dissuadir do que fazia, & cegou, & emmudeceo de repente; no fim de tres dias se converteo, recobrou saude, & seguio a Victor. Mandados hir ambos a Roma; & tambem Photina com o outro filho, & irmãs, confortou *Christo* presencialmente a Photina, & a Victor, & todos respõdèraõ a Nero como insignes Christãos. Por mandado do Tyranno, algozes revezados com martelos de ferro lhes pizárão os dedos sobre hũa bigorna, das nove horas da manhã atè às doze; mas os Santos não sentião tormento. Mandou cortarlhes as mãos, & sete vezes deraõ tres algozes os golpes sobre as de Photina sem effeyto, & cahiraõ como mortos. Fez que sua filha Dominica a persuadisse com affagos, & promessas; porèm a Santa a converteo, & no Bautismo a chamou Antusa. Forão todos metidos em hum forno ardente, & no fim de tres dias sahiraõ livres. Duas vezes se lhes deo peçonha ordenada por hum Mago, que vendo que os não offendia, se bau-

23 *Joan. 4.*

tizou

tizou com nome Theocleto, & o Emperador o mandou degollar. Depois de cruelmente açoutados, se deo a beber à Santa chumbo derretido com rezina: & isto se lançou nos ouvidos dos mais, & ficárão sem lesão. Sarjàrão-lhes os corpos; & os queymárão com tochas: lançárão-lhes vinagre com cinza pelos ouvidos: tirárão-lhes os olhos: & os meterão em hum carcere escuro cheyo de immundicias, & de serpentes; tornou-se claro, & cheyroso: as serpentes morrérão, & *Christo* appareceo aos Santos consolando-os: & fazendo nelles o sinal da Cruz, os deyxou sãos, & com vista. A gente que concorria aos milagres, se convertia; pelo que Nero mandou crucificar a Victor, Joseph, & Sebastião com a cabeça para bayxo; & depois de sete dias, vivendo ainda, forão algozes com nervos de boys para os açoutar, & em os vendo ficárão cegos. Desceo do Ceo hum Anjo que desatou os Santos, & os deyxou sãos. Orou a Samaritana pelos algozes, cobrárão a vista; & se convertérão a *Christo*. Mandou o Tyranno que os homens fossem esfolados, suas pelles lançadas no rio, os membros cortados dados a cães, & que os degollassem. Que a Photina, Anatola, Phota, Photis, & Cyriaca esfolassem tambem, & cortassem os peytos; neste passo derão a Deos as almas: excepta a Santa Samaritana Photina, que parecia mais invencivel. Foy metida em hum poço seco, & delle passada a hum carcere, para ser levada aonde a atassem a duas arvores juntas com força, para que deyxadas a seu natural, a despedaçassem. Mas primeyro a visitou *Christo*: com o sinal da Cruz a sarou no corpo, & desatando delle a alma, a coroou no Ceo, a 20 de Março do anno 69. do *Senhor*; 14 (outros dizem 13.) do Imperio de Nero, 82. dias antes que a matassem. 24 Em feliz hora foy a Samaritana buscar agoa: achou agoa de vida para nunca ter sede, 25 & que repartio a tantos; & feliz a assistencia que fez á *Virgem*.

24 *Assim conta este martyrio o livro authorizado pelo Patriarcha de Constãtinopla Hieremias, & referido por Melchior de Castro no fim do livro da vida, & excellencias de N. Senhora na vida da Samaritana, & pelo P. Bivar, no comment. a Dextro, an. Christ 60. vers. juxta.*

25 *Joan d. c. 4. n. 13. & 14.*

CAPITULO LXIV.

Do que mais obrava a Virgem Maria *atè seu glorioso transito. Como de partes remotas hião pessoas graves a vella pela fama de suas excellencias maravilhosas. De algumas cartas suas de que se tem noticia.*

1 O Que he tão superior, nem se póde escrever, nem imaginar. Como quem delinéa o mundo em mappa breve, dizemos, que além do que a *Virgem* obrava no commum da Igreja; vivia no particular como divinizada; vida Angelica lhe chamárão devotos; 1 mas he pouco epitheto; viver como Anjo he mais que Angelico, pois não he tão glorioso ser Anjo, como fazerse Anjo, ter aquelle grão, he felicidade; adquirillo, he

1 *P. Fr. Joseph de Jes. Mar. hist. Virg. l. 5. c. 4. no princ.*

he virtude; chegou, & passou a *Senhora* por acçoens, ao que logrão os Anjos por natureza. 2

2 Excepto o retiro que dissemos 3 que a *Virgem* fez para Epheso, sempre depois da Ascenção de *Christo* assistio em Jerusalem servida do Evangelista amado. Muytos 4 dizem que na casa do Cenaculo; alguns 5 que em outra junto desta: São Melito, que escreveo pelo que ouvio ao mesmo São João, 6 refere que quando os Apostolos se dividirão a prégar pelo mundo, ficou a *Senhora* na casa dos pays do mesmo Evangelista junto do monte Olivete; 7 pòde ser a mesma que o Abbade Guerrico 8 diz que ella tinha no valle de Josaphat, (que he contiguo) para estar perto dos santos lugares em que seu *Filho* padecèra.

3 Alguns Authores 9 particularizão acçoens da sua vida. Na activa as frequentes visitas aos santos lugares, a assistencia, & doutrina a todos os estados, a charidade para com os necessitados, que soccorria com meyos humanos, & milagrosos. Na contemplativa, como era visitada dos Anjos, dos Santos Padres, & de *Jesus Christo*, acompanhado de São Joseph. 10 Com quanta excellencia gozava de sua humanidade Sacrosanta! com que agrado, & variedade tinha presentes seus mysterios de quando vivo! & quanta suavidade recebia com a memoria de suas chagas, dores, & morte! Mas querer referir, ou considerar isto, he querer esgotar os mares. Baste dizer na activa, com o devoto Padre Joseph, 11 que seguia a do *Filho* como exemplar; & na contemplativa com Santo Alberto Magno, 12 que foy muy parecida à que fazem no Ceo os bemaventurados: & com o meyo, & grão particular entre a vida da patria, & a do desterro; vida toda extatica, & de contemplação unica, & perenne, lhe chamou com Richelio, hum nosso douto Escritor; 13 que muyto, pois espiritualizada já vivia no Ceo? se a alma assiste mais onde ama, que onde anima, 14 lha levou o *Filho* comsigo, posto que lhe deyxou o corpo na terra.

4 A fama deste *Prodigio Celestial, & monstro sacratissimo* (palavras de Santo Ignacio Martyr) 15 voando gloriosamente às mais remotas partes, excitava entranhaveis desejos de alcançar o bem de sua vista. Flavio Dextro 16 refere, que muytos de Hespanha fizerão tão discreta peregrinação. Pois, como escreve São Jeronymo, 17 só a ver o eloquente Tito Livio forão a Roma huns nobres curiosos dos ultimos fins de Hespanha, (do que em outra obra inferimos que erão Portuguezes;) 18 pois, segundo Santo Athanasio, 19 da mesma Hespanha, & do remoto de Africa forão outros a admirar no Egypto a vida de Santo Antão Eremita; pois como Theodoreto conta, 20 forão tantos de Judea, Persia, Armenia, Bretanha, França, Italia, & ultima Hespanha, (que se entende Portugal) a serem testemunhas de como vivia S. Simeão Stilita sobre a sua columna; com razão se devia incomparavelmente desejar ver vestida de morta-

2 *S. Petr. Chrysol. serm. 143. post princ.* Angelicam gloriam acquirere, majus est, quàm habere.

3 *Supr. c. 62. n. 4.*

4 *Melchior de Castro na hist. da Virg l. 1. c. 20. P. Joseph d. l. 5. c. 3. n. 4 & c. 11. n. 2. Canis. l. 5. de Deip. c. 3 Anj apud Carthag. de Arcan. Deip. l. 13. tom. 14. in fine.*

5 *Vilhegas no Flos Sanct. na festa da Assumpção.*

6 *Diremos c. 67. n. 5.*

7 *S. Melit. de transit Virg. Mar. in Bibliot. homiliar. Patrum, tom. 4.*

8 *Guerric. serm. 2. de Assumpt. statim post princ.*

9 *Rupert. in Cant. verb.* Anima mea lique facta est; & *verb.* Spoliavit me tunica; *& l. 1. verb.* Ubi cubes in meridie. *D. Hieron. serm. de Assumpt. tom. 9. D. Laurẽt. Justin. ser. de Assumpt. Richel. de laud. Virg l. 2. art. 5 & 21. S. Ildeph. ser. 5. Assũpt. B. Mar. S. Antonin. 4. p sum. tit. 15. c. 42. §. 2 Canis. l. 4. de B. Virg. c. 1. S. Anselm. l. de excel. Virg. c. 7. Vilhegas Flos Sanct. festa Assumpt. Melchior de Castr. d. l. 1. c. 19. P. Fr. Jos. d. l. 5. c. 4. cum seqq. Blosio na Addição da instit espirit. c. 2.*

10 *P. Franc. Suar. tom. 2. q. 29. art. 2 dist. 8 sect 2. in fin.*

11 *P. Fr Joseph d. c. 4. n. 1.*

12 *S. Albert. Magn. super, Missus est c. 78.*

13 *P. Benedict. Fernand. in Genes. sect. 11. n. 7.*

14 *D Thom. 1. sent. dist 13. q. 5. art. 3.*

15 *S. Ignat. Mart. epist. ad Evangel. S. Joan. in tom. 3. Biblioth. SS. Patrum; & apud P. Bivar. comment. 1. ad Dextr. an. Chr. 35. n. 5.* Cogunt valdè desiderare aspectum hujus (si fas sit fati) cælestis prodigij, & sacratissimi monstri. *D. Bernard. ser. 7. in Psal. 90.*

16 *Flav. Dext. in Chron. an. Chr. 35.*

17 *D. Hieron ep. apud* Paulin. De ultimis Hispaniæ finibus.

18 *Dissemos nas excel. de Portug. c 8. excel. 5. no princip.*

19 *D. Athanas. in vita. D. Antonij.*

20 *Teodor. in vita S. Simeonis Stilita l. de Philot. c. 26.*

mortalidade a *Mãy* de Deos: ver tão humilde a creatura mais illustre, a transcendente no merecimento aos Anjos: na dignidade, aos Thronos: no poder, às Potestades: na eminencia, aos Serafins; a que seria collocada no Ceo sobre todas as hierarchias, & constituida Rainha do Universo; & conhecer, ainda no temporal, & visivel, a que creou a seus peytos hum homem que havia sido tam maravilhoso: conhecer huma mulher tam abundante de graça natural: tam fecunda em virtudes: alegre nas perseguiçoens, satisfeyta nas necessidades, agradecida às afrontas, condoida aos affligidos, reprehensora dos vicios, Mestra da Religião, & penitencia, Ministra de todas as obras de piedade; Mulher, finalmente, em quem a natureza humana se acompanhava da Angelica. Tudo isto escrevia Santo Ignacio Martyr a São João Evangelista seu Mestre, 21 que publicava a fama, & que isto lhe excitava hum entranhavel desejo de a ver. Se no tempo presente, em que ha menor devoção, & curiosidade, se divulgasse tal fama de huma creatura, que entendido haveria que não procurasse, quanto lhe fosse possivel, hir ver com seus olhos aquelle portento? O que succedia aos q̃ chegavaõ a ver a *Maria* Santissima, refere de si, com seu alto juizo, Saõ Dionysio Areopagita (a quem aquelle desejo levou largo caminho à vista da *Senhora*) na carta que escreveo ao Apostolo São Paulo seu mestre, & dizia assim. 22

21 *D. Ignat. Martyr supr.*

22 *Epist. D. Dionys. Areopag. ad Paul. apud Ferreotum de Maria August. l. 1. c. 6. Carthagen. de arcan. Deipar. p. 1. l. 2. hom. 5.*

O servo, & muyto obrigado Dionysio, ao eleytissimo Vaso celestial Paulo, Mestre, & Principe, saude.

Confesso diante de Deos, Principe meu, que se não póde perceber pelos homens aquella que eu vi, & contempley; não só com os olhos espirituaes, mas tambem com os corporaes. Com meus proprios olhos vi a Mãy Santissima de Christo Jesus Senhor nosso, fórma de Deos, & sobre todos os Espiritos celestiaes; cuja vista se dignou concederme pela benignidade de Deos, a clemencia do Salvador, & gloria da Magestade da mesma Virgem sua Mãy. Porque tanto que João, alteza do Evangelho, & dos Profetas, que em corpo cà na terra resplandece no Ceo como Sol, me levou á presença, semelhante a Deos, da altissima Virgem, me cercou tam immenso resplandor Divino exteriormente, & me illuminou mais copiosamente no interior, & me sobreveyo tanta fragrancia de todas as cousas odoriferas, que nem o infelice corpo, nem o espirito podè sofrer os effeytos insignes de tam grande, & total felicidade. Desfaleceo meu coração: desfaleceo o meu espirito opprimido com a magestade de tanta gloria. Deos que habitava na Virgem, me he testemunha, que se vossa Divina doutrina me não tivera ensinado, crèra que ella era o verdadeyro Deos; porque não se poderia ver

 mayor

mayor gloria dos bemaventurados, que aquella felicidade, que eu agora infeliz, & então felicissimo, gostey. Dou graças ao summo, & bom Deos, à Divina Virgem, ao emmentissimo Apostolo João, & a vòs alteza, & Principe da Igreja; que a mim triunfante concedestes clarissima, & clementissimamente tal bem.

Vale.

Accrescentaõ Authores 23 que chegando Saõ Dionysio à presença da *Virgem*, cahio em terra como morto, não podendo cõ os rayos de tanta Magestade; & parece que o Santo o significou quando disse, *Que naõ pudera sofrer os effeytos daquella felicidade, & que desfalecèra seu coraçaõ, & seu espirito opprimido de tanta gloria.*

5 Honrou a *Senhora* com carta sua, cuja copia trazem varios Authores, 24 a Santo Ignacio Martyr, Bispo terceyro de Antiochia, na qual (respondendo a huma que elle lhe escrevèra) com poucas palavras, graves, & efficazes, o exhorta a dar credito em tudo ao Evangelista S. João, o conforta na Fé contra as perseguiçoens, & lhe diz com grande descrição: *Tende firmemente o voto da Christandade; & conformay os costumes, & a vida com o voto.* Outra escreveo à Cidade de Messina em Sicilia, aonde se diz q̃ se guarda, & venera na Igreja mayor, 25 cuja copia tambem trazem Authores, 26 na qual louvando a seus Cidadãos haverem recebido a Fé de *Christo*, lhes promette, & à Cidade sua perpetua protecção, & lhes dá sua bençaõ. De semelhante carta se gloria a Cidade de Florença, que em veneravel compendio diz assim: 27 *Florença, amada de Deos, do Senhor Jesu Christo meu Filho, & de mim, sustenta a Fé: insta com oraçoens: esforçate com paciencia: porque com isto alcançarás sempiterna saude diante de Deos.* Posto que alguns 28 duvidão da certeza destas cartas, não tem bastante fundamento a sua duvida; & assim saõ approvadas por Escritores muyto graves, 29 entre os quaes he São Bernardo, 30 que só basta para o mayor credito; & Flavio Dextro 31 escrevendo no anno de 430. diz, que já em aquelle tempo andavão nas mãos dos fieis (por trasslados) as cartas da Beatissima *Virgem* para Santo Ignacio, & de Santo Ignacio para a *Senhora*; & tambem antes havia referido a carta para os de Messina. Menos se pòde duvidar das que alguns dos ditos Authores dizem que escreveo ao Evangelista São João: servindo-a elle tão familiarmente pelo testamento, & mandado de *Christo*. 32

23 *P. Fr. Gabriel Barleta serm. in 2 Sabbato Quadragesim post med. in 1. tom.*

24 *Melchior de Castr. hist. da Virg. l. 1. c. 23. P. Bivar ad Dextr. an. 116. n. 4.*

25 *Petr. Canis. de Deip. l. 5. c. 1.*

26 *P. Bivar comment. ad Dextr. an. Chr. 86. num. 11. P. Guillielm. Gumperberg, in Atlante Mariano l. 2. imaginé 18.*

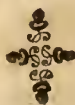
27 *Apud P. Bivar d. 2. n. 11. vers. simili.*

28 *Baron. annal. tom. 1. an. 48.*

29 *Æneas Sylvius l. 4. Sixtus Senens. l. 2. Bibliot. PP. Francis. Arias de imitat. Virg. Canis. de Deip. l. 5. c. 4. ubi refert alios. Castr. sup. d. l. 1 c. 23. P. Bivar in comment. ad Dextr. in Chron. an. Chr. 86. n. 1. & an. 116. n. 4. referens plures Carthag. de arcan. Deip. l. 14. homil. 1. P. Guilliem. Gumperberg. supra.*

30 *D. Bernard. serm. 7. in Ps. 90.* Qui habitat.

31 *Dexter. an. Chr. 430.* Epistolæ B. Virginis ad S. Ignatium, & ejusdem ad Sanctissimam Virginem, manibus fidelium nunc teruntur. *Dixerat etiam an. Chr. 116. & de aliis ad Messanenses an. 86.*

32 *Joan. 19. 27.*

CAPITULO LXV.

Como a Virgem Senhora nossa, antes de deyxar o mundo, nos deyxou estabelecida a Igreja Catholica em toda a perfeyçaõ; & a particular obrigaçaõ, que nisto lhe tem o Reyno de Portugal.

1 COm os trabalhos, doutrina, & exemplo que referimos por mayor, deyxou a *Virgem* antes de sahir do mundo, com os sagrados Apostolos fundados no sangue de *Christo*, dilatada, & estabelecida a Igreja Catholica para salvaçaõ do genero humano. Com elegancia disse o doutissimo Carthagena, 1 que a *Senhora* naõ só trouxe em seu ventre purissimo, & creou a seus bemditos peytos corporalmente a *Christo*, mas tambem a todos nós espiritualmente. Bem se mostrou ser obra divina a brevidade cõ que se conseguio taõ difficil empreza, por meyos que pareciaõ taõ inadequados. Pescadores persuadiraõ a Filosofos: fracos conquistáraõ a poderosos: pobres puderaõ mais que os ricos: perseguida floreceo a Christandade, triunfou nos que morriaõ, fecundouse nas miserias, felicitouse nas calamidades, levantouse nas ruinas, enriqueceo-se nas perdas, renovavase quando tyrannos a queriaõ extinguir. Tanto zombavaõ os Gentios da ignorancia daquelles primeyros Fundadores, & ainda dos que se seguiraõ em alguns seculos, que a persuaçaõ de Flavio Dextro, teve Saõ Jeronymo por conveniente fazer, & publicar o seu Catalogo dos Escritores sagrados, para lhes mostrar os homens doutos que a Igreja havia tido, assim como elles tinhão livros em que nomeavaõ os seus celebrados. Na dedicatoria que o mesmo Santo escreveo a Dextro, diz que o moveo esta causa. 2

1 *P. Carthagen. de arcan. Deipar. l. 15. hom. 17.* Beatam Virginem non solùm corporaliter Christum Dominum, sed & nos omnes spiritualiter utero suo portasse; ac suis uberibus lactasse.

2 *D. Hieron. ad Dextr. in lib. de Script. sacr.*

2 Vio a *Senhora* publicado o Evangelho, & louvado o nome de seu *Filho* Deos, do Oriente do Sol atè o Occaso, como havia dito David; 3 & em todas as partes fundada a Igreja Catholica com toda a perfeyçaõ substancial que tem hoje; só accrescéraõ declarações, ritos, & circunstancias, accidentes conformes aos tempos, mas todos pela razaõ daquelle fundamento. Cegamente chamaõ os hereges novidades Romanas aos pontos Catholicos q̃ lhes naõ contentaõ; o Sãto Varaõ Ludovico Blosio lhes mostra; 4 só com escritos dos Apostolos, & de seus discipulos, q̃ daquelles principios nos ficàraõ naõ só os Sacramentos instituidos por *Christo*, mas todo o culto divino, & ainda a substancia das ceremonias, que de presente usamos. Os Apostolos ordenáraõ Sacerdotes, sagràraõ Bispos, & ordenáraõ q̃ se sagrassem por outros dous, ou tres: 5 celebráraõ Missa, & de Pon-

3 *Psalm. 18. 5. & 112. 3.*

8 *Blosio, no Colirio dos hereges, & na tocha para alumiar os hereges.*

5 *Apostol. can. 1.*

Pontifical; ſendo o primeyro que de Pontifical a celebrou em Antiochia São Pedro, em Jeruſalem Santiago o Menor: em Alexandria São Marcos: 6 uſárão Diaconos, & Subdiaconos: compuzerão oraçoens: implorárão intercessão dos Santos: rogárão pelos defuntos: dedicárão Templos: levantárão altares: fizerão vaſos ſagrados: adorárão a Cruz: venerárão as Santas Imagens. Tudo moſtra individualmente Bloſio nos lugares citados; & São Dionyſio Areopagita diſcipulo de São Paulo, 7 eſcreveo particularmente 8 as ceremonias da Miſſa: incenſar, dizer liçoens da Eſcritura, pòr o Diacono ſobre o altar o pão, & vinho que ſe ha de conſagrar, lavar o Sacerdote as mãos, levantar a hoſtia, dar a paz, & conſumir. Tambem eſcreve as ceremonias dos mais Sacramentos. Finalmente nos Canones feytos pelos Apoſtolos 9 lemos as principaes Conſtituiçoens do governo da Igreja.

3 Notão os Authores 10 que teve a Santiſſima *Virgem* grande goſto de ver em tão breve tempo tão creſcido o numero dos fieis até os fins da terra, qual he Portugal. Tem eſte Reyno a gloria de haver ſido o que primeyro lhe cauſou eſte contentamento; porque foy a primeyra parte de Gentios, em que muytos annos antes de ſeu tranſito, (no 36. de *Chriſto*) vindo Santiago Mayor a Heſpanha, 11 prègou primeyro em Portugal, como deyxàrão eſcrito Authores Antigos, 12 com nome de *Galliza*, em que então ſe comprehendia a Provincia de Entre Douro, & Minho: 13 Santo Iſidoro declara 14 que foy na parte Occidental; & tudo confirmão os modernos. 15

4 Neſta parte houve os primeyros Santos convertidos em terras de Gentios, que forão os diſcipulos do meſmo Apoſtolo. 16 Nella edificou em Braga, junto de huns banhos que havia, & de hum templo fabricado pelos Egypcios à falſa Deoſa Iſis, a primeyra Igreja em honra de *Jeſu Chriſto*, 17 & a ſegunda que houve no mundo dedicada à *Māy* de Deos, 17 vivendo ainda; quando queyramos conceder à do Pilar de Çaragoça ſer a primeyra. Nella poz o primeyro Biſpo de Heſpanha, 19 q̃ foy São Pedro de Rates, o qual era o Profeta da Ley Velha Samuel Junior, ou Malachias Senior, vindo a Heſpanha com as tribus que Nabuchodonoſor deſterrára, & Santiago o reſuſcitou, doutrinou, & creou Biſpo. 20

5 Alli finalmente conſtituhio Santiago a primazia de todas as Igrejas de Heſpanha, devida, por aquelle povo ſer o primeyro em que entrou o Evangelho, como em favor do Antiocheno argumentava São João Chryſoſtomo; 21 pela já dita mayor antiguidade a que aſſiſte o direyto; 22 pelas conſtituiçoens Canonicas, 23 (cuja razão já então militava) ſegundo as quaes a ſuprema juriſdicção Eccleſiaſtica ſe devia collocar na Cidade que no ſecular foſſe mais inſigne; tal era Brachara *Auguſta*, illuſtriſſima por muytos titulos q̃ os Eſcritores apontão, 24 & aſſim eſtá aquella primazia canonizada em muytas

Bullas

6 *Cum Euſebio l.2.hiſtor.Eccleſ. Sanct. Antonin. & alijs Fr. Diogo do Roſario no Flos Sanct. vida de Santiago Menor. de Miſſa Apoſtolorum P. Bivar ad Dextr. an. 37. n. 2. verſ. ceterum.*

7 *Actor. 17. in fine.*

8 *D. Dionyſ. Areopag. de Eccleſ. Hierarch. c. 2. cum ſeqq.*

9 *Canones Apoſtolor. in 1. tom. Concilior. pag. mihi 21. cum ſeq. de illis Dexter an. Chr. 34.*

10 *Melchior de Caſtro, na vida da Virgem l. 1. c. 18. P. Fr. Joſeph de Jeſ. Maria na meſma l. 5. c. 4. n. 5.*

11 *Flav. Dext in Chron. an. Chr. 36. P. Bivar in com. ad eumd. Dextr. an 66 n. 6. latè Gregor. Lop. Madeira nas excellenc. da Monarch. de Heſpan. c. 6.*

12 *Pap. Calixt. II. in prologo translat. S. Jacob Tupin. de geſt. Caroli Magni, c. 1. Valdes de dignit. Reg. c. 6. n 21.*

13 *Strab. Geograph. l. 3. Ptolomeus l 2. c. 5. Plin. hiſt l. 4. c. 21. Ortel. in theatr. Orbis, tab Portugal.*

14 *D. Iſid. de vit & obit. Sanct. cap. 37.*

15 *Britto na Monarch Luſit. l. 5 c. 3. & 4 Fr. Luis de Souſa, hiſt de S. Domingos l. 6. c. 1. Conducunt August. Barboſ. in Paſtoral. p. 1. c. 8. à n. 19. Sebaſt. Ceſar de Menezes, in Hierarch. Eccleſ p. 1. diſp. 4. §. 5. n. 11. & 12.*

16 *Pap Calixt. II. ſup. Britto, & os mais acima allegados.*

17 *Aug. Barb d. c. 8.*

18 *Caledon. in vit. S. Petri Ratenſ. P. Bivar in comm. ad Dextr. an. 56. n. 1. & an 38. n. 3. in fine.*

19 *Dexter in Chron. an. 37.* Primum reliquit Epiſcopum.

20 *Sandoval l. da antiguid. da Igreja de Tui no princ. ex D. Athanaſ. 1. Biſpo de Caragoça.*

21 *D Chryſoſt. in Matth. hom. 7. prope fin & ad popul. Antioch. hom. 7 poſt princ.*

22 *Diximus in 1. p c. 11. n. 10. cum Tiraquelo, & alijs.*

23 *Cap. In illis, & cap Urbes 80. diſt. Cap. Provinciæ 99. diſt.*

24 *Plin. hiſt. l. 3. c. 3. Georg. Braun.*

Bullas Pontificias, 25 & praticada em muytos actos, em que os Arcebispos de Braga puzeraõ Bispos em varios Bispados, 26 & presidirao nos Concilios provinciaes, em que se achàrão os de Merida, Sevilha, & outros Metropolitanos mais antigos na promoção. 27 No Toletano I. presidio Paterno; 28 & no VI. Juliano, 29 Arcebispo de Braga, em presença dos de Toledo. E no Lucense se ordenou, que a Sé de Lugo fosse Metropolitana, porèm sugeyta a Braga; 30 o que só podia ser em direyto, 31 sendo Braga Primàs. Outras provas trazem largamente graves Authores. 32

6 He de crer que a *Virgem Senhora* com grande consolação abençoaria particularmente aquellas primicias que via da Christandade em terras de Gentios; & daquella benção resultàrão a Portugal suas especiaes excellēcias na Religião. Haver dado o primeyro Martyr da Europa, que foy o dito Arcebispo de Braga S. Pedro de Rates; 33 o primeyro Ermitaõ (segundo o Breviario Bracharense) 34 que foy S. Felix; o primeyro Santo Confessor canonizado pela Igreja com as diligencias que hoje se usaõ, que foy Saõ Rosendo, 35 da sagrada Ordem Benedictina, & honra da familia dos *Sousas*. Ser o primeyro Reyno (dos que hoje perseverão Catholicos) que geralmente recebeo a Fé de *Christo* reynando Ricciario Suevo, com sua Corte em Braga, no anno de 448. 36 ser o q̃ a tem conservado mais firmemente, pois das muytas heresias, q̃ em varios tempos inficionàrão a todos, só a Arriana entrou em Portugal, & nelle durou muyto menos annos que em outras partes, como se vé nas historias. 37 E he excellencia grande neste ponto haver sido a illustre Portugueza Dona Brites da Sylva, fundadora da Ordem da Conceyçaõ em Castella, quem por divina revelação persuadio a ElRey Dom Fernando, o Catholico, a instituiçaõ do Tribunal Santo da Inquisição, tão util à pureza da Fé, como he notorio. Os Portuguezes forão os mayores propagadores do Evangelho, que sós o levàraõ a todas as quatro partes do mundo, hindo do Occidente alumiar o Sol em seu nascimento, como com graves encomios de admiração, encarecem os Escritores estranhos. 38

7 He Portugal patria tão abundāte de Santos, que Calgia, ou Calcia, mulher de Catelio Regulo na Lusitania junto do Tejo para a parte de Portalegre, (39 outros lhe chamão Cayo Attilio Severo, 40 & se diz mais commummente q̃ dominava em Braga, & era Presidente pelos Romanos em Galliza) 41 de hum só parto pario gemeas nove filhas, que todas, fugindo à perseguiçaõ do pay Gentio, & creadas por S. Sita, ou Silla Martyr, tambem Portugueza, 42 em varias, & remotas partes (porque illustrassem muytas Provincias do mundo) morrèrão virgens com diversos generos de martyrios, para honrarem todos: sendo as primeyras Martyres de Europa no sexo feminino, 43 como agora dissemos, que em S. Pedro de Rates dera Portugal à Europa o primeyro Martyr varão.

in theatr. Urb. in descript Brachar. Moral. l. 9. c. 4. Sandoval supr. fol. mihi 13.

25 *Refere-as Seb Cesar sup disp. 4 §. 3. n. 53. 54. & 70.*

26 *Sandoval supr. fol. mihi 16. P. Bivar in comment ad Dextr. anno 37. n. 2. vers quodd Episcopatus.*

27 *Ita constat in tomis Concilior.*

28 *Marian. hist. Hispan. l. 4. c ult. Dexter ann. 407 P. Bivar ad eumd. tom an. 405.*

29 *Concil. 6. Toletanum.*

30 *Concil Lucense.*

31 *Cap. Urbes 80 dist. & c. Provinciæ, 99. dist.*

32 *Illustriss. Archiep. D Roderic. à Cunha in integro tract. de Primat. Eccles. Brachar. D. Sebast. Cesar de Menezes, in Hierarch. Eccles. p. 1. disput 4 §. 5. Latè diximus in Excell. Portug. c. 9 excell. ult.*

33 *Papa Calixto II. supr. Fr. Luis de Sous. hist. de S. Doming l. 6. c. 1. Jorge Cardoso, no Agiolog p. 2 em 26 de Abril.*

34 *Breviar Brachar in lection. S. Petri Ratens. Jorge Card. no Agiol.*

35 *Fr. Luis dos Anjos no jardim de Portugal, na vida de Santa Adolinda n 54. Doutor Fr. Leaõ de Santo Thomàs na Benedictina Lusit. Jorge Cardoso, no officio dos Sant. de Portugal fol. 19. vers. & no Agiolog. tom. 2. dia 1. de Março, no comment. letra C, vers. verdo. Britto na Monarch. Lusit p. 2. l. 7. c. 18. & c. 34. aonde particulariza mais seus pays, do que faz mençaõ o Conde D. Pedro no Nobiliar. tit. dos Barbosas.*

36 *S. Isidor. in Chron. Suever Britto, Monarc Lusit l. 6. c. 7. & 8. Madera, nas Excell. de Hespan. c 6 § 4. Dissemos nas Excell. de Portug c. 9. excel. 4.*

37 *Britto d. l. 6. c. 12.*

38 *Ortol in Theatr. in dedicat. tab. Portugal. Marian. hist. Hispan. l. 20. c. 13. Madera d. c 6. § 6 Fr. Anton. de S. Rom. no prologo da jornada delRey D. Sebast. & alij passim.*

39 *Dexter an. Chr. 138 & 155. Britto na Monarch. Lusit. l. 5. c 18. na 2. p.*

40 *Jorge Cardoso, no Agiolog. tom. 1. dia 18. de Janeyro.*

41 *Julian Toletan. in Chron. an. 130. Bivar ad Dextr. an. 138. n. 5. Jorge Cardoso supr. & estes dous alegaõ mais.*

42 *Julian. Britto, Bivar, & Cardoso sup. idem Julian. ad an. 117 o Arceb. D. Rodrigo da Cunha hist. dos Bispos de Lisboa, p 1. c. 14. n. 4. & 5.*

43 *Cardoso supr.*

8 Seus nomes saõ, *Liberata*, que, como dizem Dextro, & Usuardo no Martyrologio, & seu addicionador Molano, 44 se chama tambem *Vvilgefortis*, & em Tudesco, *Ontcommera*, padeceo no anno de Christo 138. em Galliza, segundo a melhor opinião, 45 posta primeyro em Cruz, depois degollada: 46 por cursos dos tẽpos seu corpo levado à Sé de Sigueça em Castella, por seu Bispo D. Simaõ, está em hũa sumptuosa Capella, q̃ lhe fabricou D. Fradique de Portugal Bispo do mesmo Bispado (de que a Santa he Padroeyra) em huma magnifica sepultura (q̃ eu vi) para onde em 15. de Julho de 1537. o trasladou, & meteo em huma cayxa de prata, vendo-se, entre outros milagres, q̃ estava a camisa com sangue do martyrio tão fresco, como se fora derramado hum dia antes; tudo se refere no antigo Breviario daquella Igreja. 47 O Reverendo Padre Fr. Manoel da Resurreyçaõ, Cõmissario da Corte dos Religiosos Agostinhos Descalços neste Reyno, grande investigador das antiguidades delle, na vida que tem composta desta Santa, diz que foy sepultada em Kale, aonde antigamente esteve a Cidade do Porto, q̃ hoje está defronte, com o Douro em meyo; (poderia dalli ser levada a Siguença.) Tenho esta opinião por provavel, & respeito a erudiçaõ deste curioso Antiquario; mas não quero, sem prova infallivel de verdade em contrario, negar a esta Santa, & a Portugal sua patria, a gloria de ser venerada por Padroeyra de Bispado taõ illustre; & me parece mayor honra de nossa nação hirem seus filhos illustrar terras estranhas. O Conde da Castanheyra D. Antonio de Attaide me contou, que quando, antes da separação dos Reynos, foy por Embayxador extraordinario del Rey D. Felippe IV. de Castella ao Emperador, vio em Alemanha em hum altar a Imagem desta Santa com hum titulo que dizia: *Sancta Vvilgefortis, filia Regis Portugalliæ*; & que tinha barba atè o peyto: & lhe referirão significar o milagre cõ que hum dia amanheceo assim, para encobrir sua belleza a hum Principe namorado.

9 *Gemma*, que outros cognominão *Gemma Marina*, & por isso a chamamos só *Marinha*, & tambem *Margarita*, que em Latim he o mesmo 48 que *Gemma*; com grandes fundamentos mostra o erudito Padre Bivar 49 ser a *Santa Margarida*, que teve no carcere a peleja com o dragão; a qual muytos Authores tiverão por Grega martyrizada em *Antiochia*, equivocados com *Amphilochia* lugar de Galliza, aonde Flavio Dextro, Marco Maximo, & o Breviario de Palencia dizem que padeceo; 50 o Breviario declara a peleja com o dragaõ, & que depois de pendurada, açoutada, rasgada com garfos de ferro, mergulhada na agua, queymada com tochas, lhe cortáraõ a cabeça. Conserva-se seu corpo no lugar de *Aguas Santas*, naõ longe do rio Minho; 51 padeceo no mesmo anno de 138.

10 *Victoria* padeceo em Cordova, onde he Padroeyra, quasi pelos mesmos annos, havendo sido sustentada por Anjos

muytos

44 *Dexter an. Chron. 138. Usuard. in Martyrol. & ibi Molan. die 20. Jul.*

45 *Dexter sup. & ibi P. Bivar.*

46 *Bivar supr.*

47 *Breviar. da Sé de Siguença. Bivar ad Dextr. an. 136. in fin. comment.*

48 *Flav. Dexter d. an. 138.* S. Marina, vel Margarita Virgo; *& an. 300. Marc. Maxim. in Chron. ad an. 556. Julian. Toletan in Chron. an. 130.*

49 *Bivar ad Dextr. an. 138. n. 5.*

50 *Dexter, & M. Maxim. sup. Breviar. Palentin. in fest. S. Margarit. die 13. Jul. & S. Martin. die 18. ejusdem.*

51 *P Bivar supr. d. n. 5. vers. his in princ.*

muytos dias no carcere, lançada no rio com pedra ao pescoço; & porque se naõ afogou, posta em rodas com fogo lento debayxo, o qual se apagou, matando primeyro os algozes: cortàraõlhe a lingua, & os peytos, de que sahio leyte, & passada com settas passou ao *Senhor*. Escreve-se que em Cordova, aonde está sepultada, & S. Aziclo, que juntamente padeceo, no dia do seu martyrio, sendo aos 17. de Novembro, se colhem rosas, entendendo-se que he virtude da commemoraçaõ de suas mortes. 52

11 *Eumelia*, chamada tambem *Euphemia*, 53 que alguns equivocàrão com Santa Eufemia Chalcedonense, foy martyrizada em Galliza no anno de 138. ha variedade no dia. No anno de 1153. achou huma pastora seu corpo; & por mandado de huma voz do Ceo foy posto em huma Igreja proxima dedicada a Santa Marinha sua irmã; & depois trasladado à Sé de Orense, por permissaõ que seu Bispo Dom Pedro Seguino com oraçoens, & jejuns alcançou do Ceo; 54 Trugillo refere, que hoje obrão muytos milagres com hum anel de preço, que a Santa tinha no dedo quando a achàrão. 55

12 *Germana* passou a Africa, & com oyto companheyros foy martyrizada em Carthagena a 19. de Janeyro; 56 o anno se não sabe; devia distar pouco das irmãs.

13 *Marciana*, ou *Marcia*, foy martyrizada em Toledo a 12. de Julho de 155. açoutada, lançada tres vezes a barbaros libidinosos, de cujas torpezas a defendia hum muro que miraculosamente se interpunha: offerecida a leoens, foy delles venerada, até que hum touro, & hum leopardo a despedaçáraõ. No ponto que espirou, se abrazou a casa de hum Judeo chamado Budario, que a accusára, com os que estavão nella; & querendose reedificar por vezes, tornava a cahir matando os officiaes. 57 Pela semelhança do nome, & do martyrio a identificáraõ os Authores 58 com Santa Marciana martyrizada em Cesarèa de Africa; sendo duas differentes, como o mostraõ Dextro, Juliano, & o Martyrologio Romano. 59

14 *Quiteria*, tornada para casa do pay, que a quiz conservar, vendo que perdéra as outras oyto filhas, fez vida Angelica, acompanhada, & guiada por vezes de Anjos, atè que por conservar a virgindade, querendo-a o pay casar, padeceo martyrio com outras donzellas, & varoens Santos, que a seguiaõ, junto de Toledo, aos 22. de Mayo; anno se não averigua ao certo. No discurso daquella contenda gloriosa, que durou muitos dias, sobre o casamento, fez grandes milagres, & converteo muytas almas; & sendo ultimamente degollada tomou (como S. Dionysio Areopagita) a propria cabeça em suas mãos, & a levou setenta & dous estadios atè a Cidade que então era *Adura*, hoje lugar chamado Marguelizza no Reyno de Toledo, aonde foy sepultada, & se conservaõ suas reliquias. 60 He invocada para as mordeduras de cães, & outros animaes danados, com successos milagrosos. 61

52 *Hæc ex Julian. in Chron. an. 130 Usuardo 17 Novẽbr. Martyr. Esquilin. 10. c. 70.*
Bivar ad Dextr. d. an. 138. vers. Sancta Victoria.

53 *A Dextro an. Chr. 138.*

54 *Hæc ex Breviar. Auriensi: & Bivar sup. vers S Eumelia. Vide Esquilin. l 11 c. 13. n. 119.*

55 *Trigillus in thesaur. Concion. die 16 Septemb.*

56 *Martyrolog. Roman. die 19. Januar. restitutum per Baronium. Bivar sup. vers. S. Germana.*

57 *Hæc ex Dextro an. 155. Et P. Bivar ibi. Julian. in Chron. eod. an. vit. S. Marcianæ in Bibliothec. Monaster. S. Bernardi extra muros Tolet.*

58 *Baron. in notis ad 12 Jul. Esquilin. l. 2. c. 58.*

59 *Dexter, & Julian. sup. Martyrol. Rom. 5. Id. Januar. seu die 9. ejusdem, de Africana, & 4. Id. Jul. 12. ejusdem, de Lusitana.*

60 *Hæc ex Marieta p. 1. l. 4. c. 17. cum seqq. Julian. in Chron. Breviar. antiq Tolet. & Palet. apud Bivar ad Dextr. an. 138. n. 5. vers. S. Quiteria. Britto, Monarch. Lusit. p. 2. l. 5. c. 19.*

61 *P. Bivar supr.*

16 Geni-

15 *Genivera*, que chamamos *Genebra*, ao primeyro dia de Novembro (Juliano a poem no anno de 130.) foy coroada em Tuy de Galliza com martyrio glorioso. 62.

16 *Basilia*, ou *Basilla* em 29. de Agosto de hum daquelles mesmos annos (certo não se sabe) alcançou a gloria de Martyr; huns dizem 63 que em Syrmio, Cidade que foy na Andaluzia; outros mais commummente, 64 que em Syria de Asia; & não nos he novo achar que em aquelle tempo, donzellas, & outras pessoas delicadas, com zelo Christão peregrinassem aos lugares sagrados de Palestina; & assim (como cantou hum devoto Poeta 65 em hum elegante hymno destas Santas) regárão illustremente com seu sangue Europa, Africa, & Asia, que era todo o descuberto da terra.

62 Julian. in Chron. an. 130. Bivar sup. vers. sed jam.

63 Esquilin. l. 11. c. 130. n. 232. Bivar sup. vers. Octava.

64 Martyrolog. Roman. Julian. in Chron. Hieron. de la Higuera in hymno apud Bivar sup. & Sandoval hist. Tudens. Eccles.

65 Hieron. de la Higuera supr.

17 Estas verdadeyramente forão as nove Musas sagradas, que por todo o mundo cantárão louvores Divinos em metro mais alto que as irmãs de Helicona. Tanta santidade deo Portugal só de hum parto. De Santa Felicitas Martyr, porque foy mãy de sete Santos, disse São Pedro Chrysologo, 66 que merecèra ter tantos filhos, quantos são os dias do mundo; que fora mãy dos Planetas, fonte dos dias, que resplandecia com septennario numero de luzes. Que dissera, se fallára da Portugueza Calgia com nove filhas só de hum parto, martyres todas insignes? Dissera que geràra mais planetas que os dias: que fizera o mundo mais claro: deralhe outros louvores com mayor estylo.

66 D. Petr. Chrysol. serm. 134. in princ.

18 Só Santo Antonio Portuguez alcançou por antonomasia o nome de *Santo*; nome que por este modo, só he proprio de Deos. 67 Hum Escritor 68 fez questão da causa porque em Portugal floreceo tanto a santidade; & respondeo, que como as diversas constellaçoens dos Ceos diversificão a fecundidade de varias regioens da terra na producção dos frutos; ser esta tão fecunda de Sãtos nasce de influencia particular da graça, & misericordia Divina. Pudera accrescentar que por mediação especial da *Virgem*, que he certo, que especialmente abençoaria Provincia, em que primeyro vio tão fundadas as primicias da Fé. E parece mysterio haver sido fundador o Apostolo Santiago, 69 tão devoto da *Senhora*, como dissemos em outra parte. 70 Muyto devemos a esta *Mãy* sagrada nas preciosissimas reliquias do leyte de seus peytos que se conservaõ em Igrejas deste Reyno, 71 parece que mostra que a seus peytos o creou como filho. A relação que este capitulo fez das excellencias Portuguezas na Religião, não attende acreditarnos com o mundo, (que disso já não trato) mas a provocar agradecimento, & continuação.

67 Isai. 6. 3. Apocalyps. 4. 8.

68 Fr. Luis de Sous. na hist. de S. Doming. p. 1. l. 6. c. 1.

69 Supr. n. 3.

70 Supr. c. 15. n. 3. in fin.

71 Monarch. Lusit. p. 5. l. 16. cap. 14. ad fin.

CAP.

CAPITULO LXVI.

Da fermosura natural, & visivel da Igreja Catholica; honra que seus filhos logrão nella; & com quanta facilidade.

1 NAõ só no espiritual, como fica dito, 1 he fermosa a Igreja Catholica; mas tambem no temporal, material, & visivel; toda he fermosa (como lhe dizia o Esposo Santo) além do interior que naõ se vè. 2

2 Que magnifica he a alteza do Summo Pontificado, de cuja soberania no temporal, & politico já dissemos! 3 Que eminencia mostrou nos insignes varoens que o occupáraõ! Entre os mais (porque se naõ póde escrever de todos) se veja em hum Sylvestre Romano, que soube sugeytar a soberba de Roma à humildade de hum Pescador: deo jurisdiçaõ nas almas à que só dominava nos corpos; & sobre a fraqueza do mundo estabeleceo o mais firme Imperio; elle fez certo o prognostico de haver de ser Roma cabeça do Universo, como o tinhaõ dito os Augures, quando em seus principios, cavando-se no monte Tarpeyo, se achou a cabeça do cadaver, donde chamàraõ àquelle lugar *Capitolio.* 4 Veja-se em S. Damaso Portuguez, de quem Saõ Jeronymo 5 diz, que foy virgem sem macula; Santo Ambrosio, 6 que sua eleyçaõ foy divina; Santo Theodoreto, 7 que foy chamado varaõ admiravel, digno de louvores soberanos; o Concilio Constantinopolitano sexto, 8 *Que foy diamante na Fé por sua firmeza*; & a quem a Igreja deve muytos institutos sagrados. 9 Veja-se finalmente nos dous, que entre tantos grandes, alcançáraõ renome de *Magno*; hum Leaõ, & hum Gregorio, ambos Romanos, a cuja vista Alexandre, Pompeyo, & Carlos perdem a gloria daquelle epitheto. E com tudo Saõ Gregorio, por humilde, foy o primeyro Papa que se intitulou *Servus servorum Dei.*

3 Segue-se a fermosura das Hierarchias Ecclesiasticas; em Cardeaes, Patriarcas, Arcebispos, Bispos, Abbades, Prelados, & de todos os Sacerdotes; a ordem, & precedencias que nisto se observaõ, fazem huma Republica vistosissima.

4 Que diremos de tantas Ordens de Religioens com a varidade nas cores, & modos de seus habitos, & com a diversidade de seus institutos, que por differentes vias se encaminhaõ todas a hum fim? se naõ que daquella differença, como de vozes, que parecem contrarias, se compoem a mais sonora harmonia? Basta qualquer dellas para illustrar hum Imperio; todas permittiraõ exemplificallo com a mais antiga de todas, & mãy de quasi todas, a *Benedictina*, instituida por aquelle Epitome dos Santos, Patriarca dos Patriarcas: aquelle a quem Deos

1 *Supra c. 52. cum seqq.*

2 Absque eo quod intrinsecus latet---Tota pulchra es amica mea. *Cant. 4. 13. & 7.*

3 *Supr. c. 58. à n. 7. cum seqq.*

4 *Liv. decad. 1. l. 1.*

5 *D. Hieron. ad Panochium.*

6 *D. Ambros. l. 6. ep. 30.*

7 *Theodor. l. 6. cap. 3.*

8 *Concil. Constantin. 6.*

9 *Diremos no c. 72. n. 22.*

10 *Marc.14.61.*
11 *Vilhegas, & todos na vida de S. Bent.*
12 *Matth. 14 28.* Domine si tu es, jube me venire ad te super aquas.

Deos honrou cõ o seu nome de *Benedicto*, 10 & (quando mandou andar a São Mauro sobre as aguas) 11 lhe deo o final de seu poder, porque São Pedro conheceo a *Christo*. 12 Digo mais antiga de todas; porque os chamados Monges na primitiva Igreja, só eraõ Ermitaens. He verdade que o grande Basilio de Ponto, Bispo de Cesarea (de doutrina tao levantada, que disse S. Gregorio Nazianzeno que escrevèra com penna do Espirito Santo: 13 & taõ poderoso com Deos, que se alargou a si mesmo a vida, para converter hum Medico; pelo que disse o mesmo Medico, que se quizera, nunca morrèra) 14 instituhio Ordem Monastica; mas naõ se confirmou pelo Papa senaõ depois de São Bento. No tempo de Santo Agostinho Monges havia, & o mesmo Santo confessa que foy delles; 15 & conta que os levou a Africa, 16 de que lá se multiplicáraõ muytos Mosteyros; 17 & tambem refere o mesmo Santo Doutor 18 que instituhio os Conegos Regulares; mas a todos faltou a mesma confirmaçaõ Apostolica. A Ordem Monastica de S. Bento a teve primeyro, & assim he a primogenita da Igreja. Digo, que he Mãy de quasi todas; porque ou lhes communicou a Regra; ou lhes deo as primeyras Casas; ou lhes assistio com protecçaõ; ou obrigou com beneficios a seus Fundadores: fora largo particularizar mais; o Doutor Frey Leaõ de Santo Thomás na sua Benedictina o particularizou. 19 Este Seminario de Heroes Christãos governou por seculos inteyros a Igreja Catholica no Summo Pontificado, & illustrou toda a Christandade cõ outras Ordens, & Cavallarias que delle nascèraõ: & com filhos insignes nas mayores dignidades Ecclesiasticas, & Seculares; quantas Tiaras, Mitras, & Coroas se honràraõ com o seu habito! Só quem contar as Estrellas do Ceo, poderà contar a sua geraçaõ espiritual, como Deos disse a Abraham: o primeyro a que chamou *Bento*, 20 figurando este segundo Patriarca. 21 Só tal Ordẽ bastava para ornamento da Republica mais famosa: quanto mais tantas com tantas excellẽcias. Taõ galharda he a Igreja, que atè o burel parece nella gala; quam precioso resplandece o vilissimo habito de Francisco Serafico! taõ parecido a *Christo*, que Rabbinos equivocàraõ com seu nascimento a vinda do Messias; 22 naõ he admiraçaõ vistosissima centenas de milhares de seus Frades, & Freyras estendidos por todo o mundo, sustentarem-se ricos, sem terem cousa propria, com hum continuo milagre? Accresce o magnifico das Ordens Militares, cõ verdadeyros Religiosos em vestidos seculares; huns (como os Maltezes) guardaõ a estreyteza dos votos essenciaes: outros os tem moderados com dispensaçoens, sem que por isso deyxem de ser Religiosos. 23 Parecem menos do que saõ, & com isto saõ mais trataveis: quem parece mais do que he assombra, como Assuero a Esther, quando lhe pareceo Anjo, sendo homem; 24 quem parece menos do que he, se faz tratavel, como Rafael a Tobias; porque lhe pareceo homem sendo Anjo. Em tam discor-

13 *D. Nazianzen. in Monodia P. Basil.*
14 *Vilhegas no Flos Sanct. vida de S. Basilio, junto ao fim.*
Melchior de Castro, na hist. da Virg. l. 2. c. 11. no princ.
15 *D. Augustin. l. 3. contra literas Petiliani c. 40. & in Psalm. 132.* Ecce quàm bonum.
16 *Cardin. Baron. annal l 4. an. 391.*
17 *S. Paulin. ad Alipium, inter epist. 5. Augustin. sub. n. 35.*
Baron. supr.
Idem August. Retractation. l. 2. c. 21.
18 *D. August. serm. 1. de commun. vit. Clericor.*
19 *Vide Fr. Leaõ de S. Thomàs. na Benedict. Lusitana.*
20 *Genes. 12. 2.* Erisque benedictus.
21 *Henric. Engelgrave, in Celo Empyreo, fest. S. Benedict. in princ.*
22 *Rabbi Moyses Egypcio, epist. ad Judæos, qui degunt in Africa. Apud Maiute, na prosapia de Christo, idade 3. c. 3. § 4.*
23 *Covarrub 2. p. epit. 3. §. 1. n. 18.*
Navarr. de reddit. monet. 55. & 56. in propugnac. §. 15. ac sæpe alibi. Gabr. Per. dec. 58. n. 18 ubi plures citat.
24 *Esther 15. 16.* Vidi te Domine quasi Angelum Dei, & conturbatum est cor meum.
25 *Tob. 5. 5. & 6.* Invenit juvenẽ splendidũ, ---- & ignorans quod Angelus Dei esset, salutavit eum, & dixit.

discorde concordancia se ostenta a fermosura da Casa de Deos com muytas mansoens. 26

5 He outra ostentação da mesma grandeza material o sumptuoso dos Templos. Admiraveis os tiverão os Gentios, como acima dissemos; 27 mas erão contados; os da Christandade não tem numero, não menores, antes mayores na fabrica. Por innumeraveis se não pódem referir: & não ha quem não veja muytos dentro de sua patria.

6 Ajunta-se a riqueza com que são servidos: a pompa nos Officios Divinos: a solemnidade das ceremonias: o celestial que representão as musicas, os perfumes, & o concerto curioso, grandioso, & aceado. A hereges ouvi, que nada tanto os movia como a magestade com que em nossos Templos se celebra; & que se em algum assistião, sentião suavidade extraordinaria.

7 Tudo isto se funda na sabedoria, sem a qual nada he feliz. Além da divina que illuminou os Apostolos na vinda do *Espirito Santo*, he impossivel numerar os sabios Christãos que forão sal da terra, & luzes do mundo. Basta nomearmos os quatro Doutores, que o Papa Bonifacio VIII. mandou festejar com os Apostolos: 28 São Gregorio, columna da Igreja, segurança de Roma, Pay dos pobres, Mestre da piedade, Magno por sciencia: Santo Agostinho, Alteza dos engenhos, Amiração dos seculos, Fonte das Academias, Milagre da natureza: Santo Ambrosio, cuja boca, logo no berço, divinamente industriàrão abelhas para mellificar aos Catholicos, & ferir aos hereges: São Jeronymo, Tullio Christão, Archivo da erudição, Lingua das Escrituras; aos quaes o Papa São Pio V. aggregou Santo Thomàs de Aquino, cognominado *Angelico*, porque foy Anjo na terra, ou homem entre Anjos no Ceo, donde trouxe methodo com que fez os humanos capazes de Theologia Angelica; & assim disse o Papa João XXII. (por outro computo XXI.) em sua canonização, que cada artigo de suas obras era hum milagre; & como taes os respeytou o Concilio Tridentino nas questoens mais arduas. O Papa Sixto V. lhes aggregou tambem São Boaventura, cognominado *Serafico*, por sua vida, & doutrina; 29 de quem Sixto IV. na Bulla de sua canonização tinha dito, que parecia que o *Espirito Santo* fallára; assim foy respeytada sua pessoa no Concilio Lugdunense II. & seus escritos no Florentino.

8 Nesta materia he grande fermosura da Igreja Catholica a controversia scholastica na differença de algumas opinioens; porque concordando todas em huma unidade de doutrina nos principios, & dogmas de fé, & discordando só nas materias provaveis, com fundamẽtos seguros, sobre os caminhos de chegar àquella verdade: he infallivel credito da que professamos, inferirse sua confirmação das vias que parecem contrarias: & constar a unidade Catholica de pareceres diversos. Que fermoso

26 *Joan.* 14. In domo Patris mei mansiones multæ sunt.

27 *Supr. c. 6. n. 12.*

28 *Cap. Gloriosus Deus. unice de reliq. & venerat. Sanct. l. 6.*

29 *Joan. Gerson. epist de laud. S. Bonavent. p. 1.* Sortitus est idcirco, secundùm laudem vitæ suæ pariter & doctrinæ, nomen ipse Bonavent. ut antonomasticè Doctor Seraphicus nominetur.

moſo he comporem-ſe as Univerſidades de Cadeyras de Santo Thomàs, São Boaventura, Scoto, Alexandre de Ales, Durando, Nominaes, & outros! ſeguir cada huma a doutrina de ſeu Meſtre; & gloriarem-ſe os diſcipulos de ſeus appellidos (como notou Sabellico) 30 chamando-ſe os de São Boaventura, *Seraficos*: os de Santo Thomàs, *Angelicos*: os de Scoto, *Sutiz*: & os de Alexandre de Ales, *Irrefragaveis*! Divide-ſe a Theologia em differentes Reynos, porque he muyto grande para ter hum ſó Principe. Diſputada ſe averigua melhor a verdade; 31 argumentando ſe aguçaõ os engenhos: 32 Scoto ſe aperfeyçoou ſutil apartando-ſe de Santo Thomàs: Cayetano ſe fez agudo refutando a Scoto: Capreolo foy famoſo emulando ao Cardeal Aureolo: ſe faltàra eſte exercicio, desfaleceriāo os Letrados, como os ſoldados no ocio: menor damno fez a Roma Carthago contraria, que deſtruida; glorioſo combate onde os vencidos ficão igualmente vencedores apurada a verdade, que todos ſó buſcão para gloria de Deos; verdade invencivel, achada, & acriſolada por tão varios caminhos!

30 *Sabellic.l.1.exemp.c.3.* Ut vel ſolla appellatione ſint abundè noti, Seraphici, Angelici, Subtiles, Irrefragabiles titulo præclariſſimi viri, Bonaventura, Thomas, Joannes Duns Scotus, & Alexander Alenſis.

31 *Cap. Grave 35.q.9. Extrav. Quia nonnunquam, de verb. ſignif.*

32 *Proverb.27.17.* Ferrum ferro exacuitur.

9 O eruditiſſimo Thomàs Boſſio, 33 em tratado copioſo demonſtra larga, & particularmente as excellencias da Igreja ſagrada; da qual os que por graça de Deos ſomos filhos, logramos não ſó o eſpiritual, mas tambem a mayor honra para o mundo. Se a dos pays ſe diriva aos filhos ſó pela dita de naſcerem delles: com duplicada razão nos honra tal Māy, ſe ſobre a ventura de nos haver gerado, procuramos a de a merecer; & aſſim, levantados por todas as vias da ruina em que eſtavamos, nos achamos remediados na culpa, & ſublimados no credito. Entre Gẽtios, & Mahometanos ſaõ authorizados os Chriſtãos, não tem aquelles graça para o ſerem; mas tem conhecimento para nos reſpeytarem. Dos hereges poſſo teſtemunhar, pelo que em mais de ſete annos vi em Inglaterra, Hollanda, & parte de Alemanha, que fazem digna eſtimação dos Catholicos: aos entendidos detem no erro o intereſſe, ou o temor do commum; ao vulgo cega mais a inveja que nos tem; (que o odio invejoſo naõ repara no ſeu mal;) & a todos, quando nos chamão *Papiſtas* com deſprezo exterior, fica no interior hũa veneração inimiga.

33 *Thom. Boſius, de ſignis Eccleſiæ.*

10 Para merecerem eſta filiação, quem tanto fez por nòs, bem pudera querer de nòs quanto nos he poſſivel, & muyto pòde a noſſa natureza; pois S. Simeaõ Stilita natural de Silan em Cicilia de Aſia menor, creado menino em Moſteyro com grandes penitencias, paſſou quando mayor ao deſerto, aonde as fez mais aſperas; & quando homem, por inſpiraçaõ Divina viveo trinta & ſete annos ſobre hũa altiſſima columna (como em candelabro para luzir a todos) às inclemencias dos tempos, veſtido de cilicio, comendo ſó huma vez na ſemana muyto pouco, quaſi ſem ſono, em continua oração, interrompida ſó de prègaçoens confirmadas com milagres que dalli fazia às gentes, que a vello cõcorriaõ de varias partes do mundo, & recebiaõ excel-

lentes

Filho Deos. Porque ainda que muytas vezes gozava sua vista, a queria mais permanente sem os impedimentos corporaes; & a olhos descubertos, sem figuras, & especies, ajuntarse com elle na luz celestial. 7 Doente deste desejo a considerava Salamaõ; 8 por isto disse Guerrico Abbade, 9 que esta *Mãy* depois que parira este *Filho*, sempre estivera doente: ou de temor, depois de seu nascimento até sua Payxaõ; ou de dor, em sua Payxaõ até a Resurreyçaõ: ou de amor, depois da sua Ascençaõ até que o foy acompanhar no Ceo; foy o *Filho* a escolhida setta (como disse Isaias 10) com que o Deos amor 11 lhe ferio o coraçaõ. 12

2 Quiz o *Senhor* contentalla; & posto que sem morte a pudèra trasladar ao Paraiso, pois era izenta do peccado, 13 (& assim disseraõ os hereges Colydirianos; 14 & alguns Doutores erradamente que naõ morrèra;) 15 quiz que morresse, para confirmaçaõ da nossa Fé, mostrandose por sua *Mãy* verdadeyro homem filho de Adam: para que ella se confirmasse com o mesmo *Senhor* que era sua cabeça, & morrèra: para augmentar seus merecimentos na tolerancia do mais terrivel mal: & para os animar a ella; porque ainda que muyto nos animou o padecella *Christo*, puderamos attribuir seu valor a homẽ Deos, & mais nos esforça o exemplo de huma pura creatura. 16

3 Este glorioso transito escrevèraõ quasi todos seus historiadores na mayor parte por consideraçōes do que devia ser. Só S. Melito, Bispo de Cerdenha, que conversou os Apostolos, foy discipulo do Evangelista Saõ Joaõ, Escritor insigne de muytas obras, de que fazem mençaõ S. Jeronymo, Nicephoro, S. Theodoreto, & outros Authores; 17 fez aos Christãos de Laodicéa hũa relaçaõ pontual que elles lhe pediraõ, do que na realidade passou; diz o Santo que para mostrar o erro do que escrevèra hum Leucio, lhes referia simplezmente o que ouvira ao Apostolo S. Joaõ. Anda no tomo quarto da Bibliotheca das homilias, & sermoens dos Padres. 18 Vejo que alguns Authores 19 duvidaõ ser aquella relaçaõ de S. Melito; persuadidos principalmente de que Saõ Jeronymo, & Nicephoro naõ a nomeàraõ entre os seus escritos que referem. 20 Porèm argumento negativo naõ he valido; podiaõ naõ ter noticia deste; o que era facil em tempo que naõ havia impressaõ, que communica mais os livros. Saõ Jeronymo na epistola a Dextro, no principio daquelle Catalogo dos Escritores Ecclesiasticos, 21 reconhece, & desculpa esta falta de noticia em que podia cahir; & quando tratou de Saõ Melito, disse que escrevèra hum livro ao Emperador Antonino; do *Dogma Christaõ*, & outros escritos, entre os quaes eraõ os que logo nomeava; 22 no que mostrou naõ nomeava todos; & assim a dita relaçaõ do transito da *Virgem* allegaõ com veneraçaõ o Varaõ insigne Bernardino de Bustis, o doutissimo Carthagena, o erudito, & curioso P. Maximiliano Sandeo, 23 & outros graves Escritores. Quando

7 *Estes motivos considera o P. Fr. Jos d.l 3.c.10.*

8 *Cant.2.5.* Amore langueo: & *iterum* 5.8.

9 *Guerric. serm. 2. de Assumpt. ad med.* Bone Jesu, quomodo hæc mater tua, postquã te genuit, numquam ferè, nisi in languiore fuit? primo languit timore, postea dolore, nunc amore.

10 *Isai.49.2.* Posuit me sicut sagittam electam.

11 *Ep.1.Joan* 4 16. Deus charitas est.

12 *Cantic. sup. Septuaginta legunt*, Vulnerata charitate.

13 *Vid. sup. p.1.c.6.n.4. & in hac 2.p.c 15.*

14 *Contra quos D. Epiphan. heres.78.*

15 *Refert Carthag. de arcan. Deip. p.2.l.13.hom.1.*

16 *Estas razoens nota o P. Joseph d.l.5.c.11.n.1.*

17 *D. Hieron. in Cathal Scriptor. Eccles. Nicephor. hist. Eccles l.4 c.10. Theodoret. q.20. in Genes. Scoglius Catacens in Chronolog. an. Christ. 140 post hist. à primord. Eccl. atque alij.*

18 *S. Melitus, de transitu Virg. Mariæ, t.4. Bibliot. hom. & ser. prisc. cor. Eccl. Patr. p. mihi 586. impress. Lugdun. an. 1588.* Nos ergo vobis petentibus, quæ ab Apostolo Joanne audivimus, hæc simpliciter scribentes, vestræ fraternitati direximus.

19 *Refert Britto, Monarch. Lusit. p. 2. l. 5. tit. 2. multò ante med. Jacob de Vorag. legenda 51. de Assumpt. B.M.*

20 *D. Hieron. & Nicephor. sup.*

21 *D. Hieron. in epist. ad Dextr. ante Cathal. Scriptor. Eccles.*

22 *D. Hieron. sup. de Melito* Scripsit quoque & alia, de quibus ista sunt quæ subjecimus.

23 *Bernardin. de Bust. in Marial. tract de Assumpt Virg. Carthagen. d.l.13. hom.3. in princ. & hom. 4. vers. statuto. Sandeus in Aviario Mariano, orat. 3. Cygnus, Maria assumpta, in fin.*

houvera erro em se attribuir a S. Melito, parece q̃ seu Author tam devoto, & timorato, como della se entende, não diria contra a verdade que a ouvira da boca do Evangelista, antes seria outro discipulo seu. Pelo que seguiremos compendiosamente aquella relação, como tão digna de fé, ajuntando, para dizer tudo, algumas circunstancias, cujos Authores allegaremos, porque se veja o que he do Santo, ou alheyo.

4 Diz S. Melito, que em hum Domingo pela manhã estando a *Virgem* só em sua casa (acima dissemos 24 aonde era) derramando lagrimas, saudosa de seu *Filho*, lhe appareceo hum Anjo resplandecente, (Vilhegas 25 diz que Saõ Gabriel) & com o *Ave* da Annunciaçaõ 26 a saudou: *Ave, bemdita do Senhor. Aqui vos trago hum ramo de palma do Paraiso de Deos; para que daqui a tres dias que haveis de sahir do corpo, a façais levar diante no vosso enterro; & vosso Filho vos espera com os Thronos, Anjos, & todas as Virtudes do Ceo.* Respondeo-lhe a Senhora: *Peçovos que todos os Apostolos de meu Senhor Jesu Christo me venhaõ assistir.* E o Anjo disse: *Hoje por virtude de meu Senhor Jesu Christo seráõ aqui trazidos os Apostolos todos.* Disse a Virgem: *Peçovos que me deis vossa bençaõ, para que em aquella hora me naõ appareça o principe das trevas*; & o Anjo respondeo: *Nenhum poder do inferno vos empecerà: mas a bençaõ eterna vos tem jà dado o Senhor vosso Deos, cujo servo, & Embayxador eu sou: naõ sou eu quem ha de fazer que naõ vejais o principe das trevas, mas aquelle que trouxestes em vosso ventre, porque esse tem poder sobre tudo para sempre.* E desappareceo, deyxando a palma, que resplandecia com estremada luz. Pelbarto 27 refere, que era de varias cores: a vara verde, & luminosa como esmeralda: as folhas brancas, & luzentes como estrellas; & que vio parte della em casa de hum Principe secular do Imperio, que a tinha em grande veneraçaõ; o mesmo testemunha de vista S. Cosme Vestitor: 28 nosso devoto, & curioso Jorge Cardoso, no seu erudito Agiologio, 29 diz que huma reliquia della se guarda, entre outras, no altar mayor da Igreja Matriz da Villa da Praya, na Ilha Terceyra.

5 A Virgem *Maria* (prosegue Saõ Melito) vestio outro melhor vestido, & com a palma na maõ sahio ao monte Olivete, & orou assim: *Eu, Senhor, naõ era digna de vos receber, se vos naõ compadecesseis de mim; mas guardey o vosso thesouro que me encomendastes. Por tanto vos peço, Rey da gloria, que me naõ empeça o poder infernal: porque se o Ceo, & os Anjos tremem cada dia diante de vòs, quanto mais tremerà quem he feyta da terra, & nada tem de bom, senaõ o que recebeo de vossa bondade? porque vòs sois o Senhor Deos sempre bendito para todos os seculos.* E tendo assim orado, tornou para casa. Nas revelaçoens de Santa Brigida 30 se accrescenta que se foy despedir de todos os lugares santos.

6 No mesmo Domingo, à hora de terça (continùa o Santo)

24 *Sup. c. 64. n. 2.*

25 *Vilhegas, Flos Sanct. na festa da Assumpçaõ. Vide Guerric. serm. de Assumpt.*

26 *Vide sup. c. 25.*

27 *Pelbart. l. 10 Stellar. p. 5. art. 1.*

28 *S. Cosme Vestitor, apud Carthagen. d. l. 13. hom. 3. post princ.*

29 *Jorge Cardoso, no Agiolog. tom. 3 em 24. de Mayo.*

30 *Revel. de S. Brigid. l. 6. c. 62.*

Santo) estando S. Joaõ prègando em Epheso, houve subitamente hum grande terremoto, & huma nuvem o arrebatou da vista dos ouvintes, & trouxe à porta da casa da *Virgem*. 31 Bateo à porta, & a *Senhora* vendo-o se alegrou muyto, & lhe disse: 32 *Rogote, Filho Joaõ, que te lembres das palavras com que meu Senhor Christo, Mestre teu, me encomendou a teu cuydado. Dentro de tres dias me hey de partir deste corpo; ouvi que os Judeos diziaõ que esperavaõ minha morte para o queymarem, por ser Mãy do que elles chamaõ amotinador.* E logo lhe mostrou o vestido com que havia de ser sepultada: & a palma luminosa que o Anjo lhe trouxera, pedindolhe que a levasse diante quando fosse á sepultura. Respondeo S. Joaõ: *Senhora, como vos prepararey eu só exequias sem virem meus irmãos os Discipulos Apostolos de nosso Senhor Jesus Christo a fazer as honras a vosso corpo?* E nisto, eis q̃ subitamente por mandado de Deos, os Apostolos foraõ elevados por nuvem dos remotos lugares em que prègavaõ, & postos à porta da *Senhora*. 33 Entende-se, os que viviaõ; porque Santiago Mayor, & Saõ Felippe já tinhaõ passado ao Ceo por martyrio; duvida-se se vivia ainda S. Bertholameu, que prégava na Armenia Mayor; & dos vivos tardou Saõ Thomé, como veremos abayxo, 34 para mysterio altissimo.

31 Semelhante se vio em Habacuc. *Daniel* 14. 15. E em S. Felippe. *Act* 8.39.

32 *Joan* 19.27.

33 Concordaõ *Juvenal Arceb. de Jerusalem, apud Euthim. l. 3 hist. c.* 40.
Michael Singel. Presbytero Jerosolym. in vit. S. Dionys. Areopag.
D. Joan. Damascen. orat. de dormit. Deip.
Metaphrast. orat. de ortu, & dormit. Deip.
Nicephor. l. 2 c. 21. & l. 15. c. 24.

34 *Infra c. 99. n. 3. & 4.*

7 Prosegue a relaçaõ que se saudáraõ os Apostolos, admirados do successo, sem saberem a causa, & pedindo-a a Deos com oraçaõ, sahio de casa S. Joaõ, & lha disse. Entràraõ, & saudàraõ a *Senhora* dizendo: *Bendita vòs do Senhor, que fez o Ceo, & a terra*: a que respondeo: *Paz seja comvosco, irmãos escolhidos pelo Senhor.* Perguntoulhe como vieraõ. Elles lho referiraõ; a *Virgem* lhes pedio que vigiassem até a hora em que o *Senhor* viria, & ella sahiria do corpo. E todos se puzeraõ a louvar a Deos aquelles dias.

8 Nicephoro, Metaphrastes, & outros Authores 35 escrevem que concorrèraõ fieis de Jerusalem, & sua comarca, homens, & mulheres avisados por S. Joaõ. Glycas, Author nobilissimo, 36 disse que tambem concorrèraõ os setenta Discipulos. Juvenal Arcebispo, & Patriarca de Jerusalem, & Nicephoro 37 accrescentão, que entre elles estavaõ o Santo Timotheo primeyro Bispo de Epheso, o grande Theologo Hyerotheo, & S. Dionysio Areopagita, como o mesmo Dionysio o testefica em hum lugar de suas obras. 38

35 *Nicephor. l. 2. c. 21. & 22.*
Metaphrast. supra.
Melchior de Castro na vida da Virg. lib. 1. cap. 20.
P. Fr. Joseph d. l. 5. c. 11. n. 2.

36 *Glycas relatus à Carthagen. d. hom. 5. ad med.*

37 *Juvenal apud Euthim. hist. l. 3. c. 40. Nicephor. l. 2 c. 22.*

38 *S. Dionys. de Divin. Nomin. c. 3. post med.*

9 Invejavaõ estes Cidadãos da Jerusalem militante aos da triunfante haverem de lograr taõ cedo a presença de tal Rainha, & em piedosa competencia, desejavaõ que se detivesse na terra quanto aquelles a desejavaõ já no Ceo. Escrevem outros Authores, 39 que ajoelhados, & chorosos lhe pediaõ entre soluços que os naõ desamparasse, que chegando ao seu Reyno se lembrasse das necessidades de todos, & os levasse brevemente a vella. Que Saõ Pedro lhe encomendou particularmente o rebanho de que era Pastor: o Evangelista S. Joaõ se desconso-

39 *Melchior de Castro sup.*
P. Joseph d. l. 5. c. 13. n. 1. & 2.
Vilhegas, Flos Sanct. fest. da Assumpçaõ Nicephor. d. c. 21.
Metaphrast. supr.

 lava

lava mais: a *Senhora* os animava: promettia despachar com seu *Filho* suas petiçoens: exhortou a São Pedro a levar com valor o cargo que lhe deyxàra *Christo*: consolou a São João: encomendou a todos que se amassem, para se mostrarem discipulos de seu *Filho*, & ella os ter por filhos seus.

10 Referem mais, que em aquelles tres dias por testamento nuncupativo instituhio a Igreja por herdeyra de sua benção (mais abundante que a de Jacob:) 40 legou duas tunicas suas a duas Virgens que a havião servido, diz Metaphrastes, 41 que huma dellas era parenta de seus mayores; & que deyxàra aquella tunica como em morgado, para andar em Virgens de sua geração; & Nicephoro 42 conta, que em seu tempo estava huma das tunicas incorrupta em Constantinopla em grande veneração, resplandecendo com milagres. Fez testamenteyro a S. João Evangelista, encomendandolhe seu enterro; & muytos Authores referidos pelo Padre Carthagena 43 escrevem, que lhe deyxou a faxa do Menino *Jesus*, a pellinha cortada na circumcisaõ, a coroa de espinhos que puzeraõ ao *Senhor* quando padeceo, o Sudario do sepulchro, o esquife em que fora levado a elle, huma cinta da mesma *Senhora*, o vèo de quando se desposou, outro de que ordinariamente usava, o anel dos mesmos desposorios, hum fuso com que fiava, cabellos de sua veneranda cabeça, (tam gabados, & queridos de seu *Filho*, & Esposo Deos, por Salamão;) 44 & leyte dos sagrados peytos: oh joyas preciosissimas! Não pòde o Sol crear semelhantes em todos os seus mineraes; riquissimo ficou Joaõ da testamentaria; mas não offende a pobreza o que he inestimavel. Os mesmos Authores declaraõ as partes, onde em seus tempos se guardavão estas reliquias.

11 Entretanto se chegava a morte com tìmido, humilde, & reverente passo, vestindo suavidade em lugar de rigor, para executar o natural ministerio em aquella filha de Adam, posto que não da culpa. E prosegue o Santo Bispo Melito, que ao dia terceyro (que foy terça feyra) à hora da terça (Santa Gertrudes nas suas Revelaçoens diz, hora terceyra da noyte) 45 cahio tam profundo sono sobre todos os que estavão na casa, que nenhum pode vigiar, mais que os Apostolos, (que Nicephoro diz tinhão tochas acesas, & tres Virgens que acompanhavão a *Senhora*; & subitamente veyo o *Senhor Jesus* com grande resplandor, & multidaõ de Anjos, que cantavão hymnos, & divinos louvores, 46 & lhe disse: *Vinde minha escolhida, joya preciosissima: entray no receptaculo da vida eterna.* Prostrada em terra a *Senhora*, & adorando-o, lhe dizia: *Bendito seja o nome de vossa gloria, Senhor Deos meu, que vos dignastes de escolher esta vossa humildissima escrava, & encomendarme o segredo de vosso mysterio. Lembrayvos de mim, ò Rey da gloria, pois sabeis que de todo meu coraçaõ vos amey, & guardey o thesouro que de mim fiastes. Recebey, Senhor, esta vossa escrava; livray-* me

40 *Genes.49.*

41 *Metaphrast. de dormit. Virg.*

42 *Nicephor. l.15. c.14. in fin. & 24.*

43 *Carthagen. d. l.13. hom.3. post med.*

44 *Cant.4.1. & 6.4.*

45 *Revelaç. de S. Gertrud. l.5. c.49.*

46 *O mesmo dizem S. Joaõ Damascen. & Metaphrast. supra. S. Ilephons. serm.3. de Assumpt. D. Anselm. de excel. Virg. c.8. D. Hier. serm. de Assumpt. in tom.9. Canis. de Deip. l.5. c.3. Bernardin. de Bustis, p.12. in Marial. serm.1. de Assumpt. p.5.*

me do poder das trevas, para que nenhum impeto de Satanàs se me represente, nem veja a fealdade dos màos espiritos. Respondeolhe o Salvador: *A mim, sendo mandado pelo Pay para saude do mundo, se atreveo a apparecer o principe das trevas, mas foy-se vencido, & atormentado; vòs tambem o vereis pela ley commum de humana que vos faz morrer, mas naõ poderà empecervos, porque nada tem em vòs, & eu estou comvosco. Vinde segura, que vos espera a milicia da Celestial vida, para que vos ponha nos gostos do Paraiso.* (Conheço as obrigaçoens deste ponto; 47 mas sigo a relação de Saõ Melito: diz o grave Doutor Carthagena, 48 que permittia o *Senhor* aquelle apparecimento do inimigo commum; para mayor coroa da *Senhora*, ou para nos dar aquelle exemplo de temermos humildes.) Levantouse a *Senhora*, & havendo lançado sua benção a todos os presentes, encostouse sobre o leyto; & dando graças ao *Senhor*, lhe entregou o espirito, diz o Santo Bispo. Nicephoro 49 declara que pronunciando: *Faça-se em mim outra vez, segundo vossa palavra.* 50

12 Os Doutores 51 explicando o modo porque espirou, dizem que elevada a *Virgem* à contemplação intensissima do bellissimo *Filho* que tinha presente, foy tal a força do amoroso desejo que a elle a levava, que o fogo do Coração amante consumio os espiritos vitaes, & rompendo a alma as ataduras do corpo, foy seguindo seu glorioso objecto, passando do desterro à patria, sem interromper o acto de caridade com que estava amando: aperfeyçoando-se là continuadamente o que estava exercitando, segundo o que tem alguns Theologos, que he de hũa mesma qualidade o acto de amor de Deos no desterro, & o da patria; & se saõ diversos, passou a *Senhora* sem intermissaõ de hum a outro, & sem que o muro da morte os dividisse. O que não encontra a Filosofia natural: pois com tanta efficacia, & intensaõ pòdem as forças superiores da alma occuparse nestes actos, que como destruindo o corpo, se vão suas disposiçoens remittindo, & faltando até tal ponto, que por defeyto dellas não possa a alma conservarse no corpo. 52

13 Assim pouco, & pouco se resolveo aquella soberana Feniz na divina chama, para ser renovada com mayores resplandores, depois da hora da terça do dia decimo quinto de Agosto, que foy terça feyra, anno cincoenta & sete, ou cincoenta & oyto de seu virginal parto.

14 Ao sahir a alma do corpo, refere S. Melito, que viraõ os Apostolos tão fermosa, & radiante luz, que sua belleza he inexplicavel. O Patriarca Juvenal, & São Jeronymo 53 dizem, que tambem viraõ, & ouviraõ Anjos, que cantavão hymnos. Accrescenta hum Author grave, 54 que separada já a alma, fallou o santissimo corpo, dizendo: *Graças vos dou, Senhor, que sou vossa por gloria; lembrayvos de mim, pois sou feytura vossa, & guardey o vosso deposito*: & adverte o mesmo Author, que esta maravilha de fallar o corpo sem alma, não necessita

de

47 *Apud Carthag. d. l. 13. hom. 4.*
48 *Idem Carthag. de arcan. Deip. p. 2. l. 13. hom. 2. in princ.*
49 *Nicephor. d. l. 2. c. 21. in fine.*
50 *Luc. 1. 38.*
51 *Apud Carthag. d. l. 13. hom. 4. vers. Porro, cum seqq. P. Fr. Joseph d. l. 5. c. 14. n. 1. O mesmo se vè nas revel. de S. Brigid. l. 6. c. 62.*
52 *D. Thom. de verit. q. 26. art. 10.*
53 *Juvenal, & D. Hieron. supra.*
54 *Author Pomerij lib. 10. p. 5. art. 2. apud Carthagen. d. l. 13. hom. 4. vers. statuto.*

de averiguaçaõ natural, sendo tudo o que se conta da *Virgem*; sobrenatural, & admiravel.

15 Entaõ o Salvador (refere S. Melito) disse: *Levantate Pedro, & os mais Apostolos; recebey o corpo de Maria minha amada, & levay-o para a parte direyta da Cidade, ao Oriente, & achareis hum monumento novo, onde o poreis, & esperareis atè que eu venha a vós.* Dizendo isto entregou a alma da Santa *Mãy* a seu Arcanjo S. Miguel, Presidente do Paraiso, & Principe da gente Hebrea, (parece mysterio haver Deos entregue a alma de Adam, que nos arruinou, ao mesmo Arcanjo) 55 & o Arcanjo S. Gabriel a acompanhava, & o *Senhor* se tornou para o Ceo com os Anjos.

55 *Dissemos na 1.p.c.46.n.1.*

CAPITULO LXVIII.

Como o Santissimo corpo da Senhora *foy depositado em Sepulchro Sagrado.*

1 PRosegue o Santo Bispo Melito, por relaçaõ do Santo Evangelista, como fica dito, 1 que as tres Virgens assistentes à *Senhora* quizeraõ lavar seu corpo santissimo, segundo o usado com os defuntos; & hindolhe tirando a vestidura, sahiraõ delle taes rayos de luz, que o naõ viaõ, posto que o tocavaõ; sentindo o tacto huma pureza, & suavidade como de quem era mais limpa que o Sol. Tornáraõ a vestillo, & a luz pouco, & pouco se foy desvanecendo. O rosto ficou fresco como açucena, exhalando fragrancia incomparavel. Metaphrastes 2 diz que a *Senhora* ordenára que para a sepultura naõ tocassem seu corpo, mas o levassem do modo que ella o deyxasse composto; pelo que dizem outros Authores 3 que aquellas ditosas Virgens o dispuzeraõ sómente com flores, de que o cobriraõ, & coroáraõ. Porém merece mais credito o que S. Melito diz que ouvira a S. Joaõ, & com esta relaçaõ concorda em tudo outra de S. Cosme Vestitor, referida pelo Author do Pomerio; 4 a luz que dissemos, acodio ao decoro; & teve conveniencia usarse com o sagrado corpo da *Virgem*, o que se usará com o de *Christo*.

1 *No c. precedente n.3. in princ.*

2 *Metaphrast. de dormit. Virg.*

3 *P. Fr. Joseph de Jes. Mar. hist. de N. Senhora l.5.c.16.n.1.*

4 *Author Pomerij l.10.p.5.art. 2. apud Carthag. de arcan. Deip. l.13 hom.4. vers. statuto.*

2 Accrescentaõ outros Escritores 5 que todos os presentes santificàraõ suas bocas tocando as sagradas mãos, que banhavaõ com lagrimas, & de seu contacto alcançáraõ saude os que tinhaõ alguma enfermidade.

5 *Nicephor. hist. Ecclesiast. l.2.c.22. Metaphrast supra. D. Damasc. in orat. de dormit. Deip. Andrè Cretens. orat.2. de eadem. Bernard. de Bustis in Marial. tract. de Assumpt. Virg.*

3 Ao amanhecer do dia dezaseis de Agosto, por evitar a turba dos Judeos, diz Gregorio Turonense, 6 que sahio de casa o enterro. Diante hia arvorada a palma que o Anjo trouxera. 7 Duvidouse, conta S. Melito, (cujas palavras em tudo isto segue Carthagena) 8 se a levaria São Pedro, como cabeça da

6 *Gregor. Turon. l.1. de glor. Martyr. c.4.*

7 *Sup. c.67.n.4.*

8 *Carthagen. supra.*

da Igreja; mas elle a cedeo a São João, como a virgem, & a quem deyxára *Christo* encomendado sua *Mãy.* Logo (dizem São João Damasceno, & André Cretense Patriarca de Jerusalem 9) hiaõ todos os fieis com velas acesas. Seguia-se em esquife decente o corpo santissimo, que levavaõ em seus hombros (diz Melito Santo) São Pedro da cabeceyra, & São Paulo da outra parte. Entoou São Pedro: *Exijt Israel de Aegypto, alleluia;* & os mesmos Apostolos o seguiraõ com voz suavissima, como lhe chama o mesmo S. Melito.

9 D. Damascen. & Cretens. supr.

4 Eis-que sobre o esquife appareceo huma coroa à maneyra do circulo que se vé ao redor da Lua; & exercito de Anjos cantava dulcissimamente de entre nuvens; com que toda a terra soava suavidade. A saber a causa sahio da Cidade muyta gente, que a dita relaçaõ de S. Melito, que seguimos, & Carthagena, diz que seriaõ quasi quinze mil homens. E informados do que era, vendo o esquife coroado de gloria, os Apostolos cantando, & ouvindo a melodia do Ceo, hum Principe dos Sacerdotes, cheyo de furor, disse para os outros: *Vede com que gloria vay o tabernaculo daquelle que nos perturbou, & a toda nossa geraçaõ;* & com atrevimento diabolico se arremessou ao esquife para o derribar; mas secáraõse-lhe as mãos, & braços atè os cotovelos pegados no esquife; & caminhando os Apostolos cantando louvores ao *Senhor*, hia pendente com dores gravissimas. O castigo o ensinou, & bradava: *Pedro amado de Deos, acodime; lembrayvos que quando aquella mulher vos conheceo no Pretorio, 10 & queria que vos fizessem mal, eu falley em vosso favor.* Respondeo São Pedro: *Eu naõ vos posso soccorrer; mas se credes de todo o coraçaõ no Senhor Jesu Christo, a quem trouxe no seu ventre esta que vòs calumniais, sendo Virgem antes, & depois do parto, a larga clemencia do Senhor, que salva os indignos, vos darà saude.* Replicou o miseravel: *Nòs cremos; porèm o inimigo do genero humano cega nossos coraçoens; achamonos confusos, & por vergonha naõ confessamos as grandezas de Deos, porque havemos accusado a Christo, & pedido que seu sangue viesse sobre nòs, & sobre nossos filhos.* Tornoulhe São Pedro: *Essa maldiçaõ só empecerà aos que persistirem infieis; aos convertidos naõ se nega misericordia.* O atormentado que naõ tinha paciencia para mais larga pratica concluhio: *Creyo quanto dizes: só peço misericordia para que naõ morra.* São Pedro parou o esquife, & disselhe outra vez: *Se credes de todo o coraçaõ no Senhor Jesu Christo, vossas mãos seràõ soltas;* & dizendo elle: *Creyo;* logo se lhe soltàraõ as mãos, porém os braços ficáraõ secos. São Pedro lhe disse: *Chegayvos ao corpo, beyjay o esquife, & dizey: Creyo em Deos, & no Filho de Deos Jesu Christo, a quem esta pario, & creyo tudo o que me disse Pedro Apostolo de Deos.* Elle o fez, ficou saõ, louvou a Deos, & com muytos lugares do livro de Moysés dava testemunho de *Christo*, admirando-se os Apostolos, & chorando com gosto.

10 Matth. 26. 69. Marc. 14. 66. Luc. 22. 56. Joan. 18. 17.

5 Man-

5 Mandoulhe Saõ Pedro: *Tomay esta palma da maõ de nosso irmaõ Joaõ, & entrando na Cidade achareis muytos do povo cegos, & annunciaylhes as grandezas de Deos; aos que crerem no Senhor Jesu Christo poreis esta palma sobre os olhos, & logo veràõ; os que naõ crerem, ficaràõ cegos.* Foy, & achou grande multidaõ de gente chorando: *Ay de nòs que estamos cegos como os Sodomitas, sò nos falta perecer*; & ouvindo o q̃ lhes disse o Principe dos Sacerdotes, creraõ muytos em *Jesu Christo*, & pondo-selhes a palma sobre os olhos, recuperáraõ vista; os que permanecèraõ em sua dureza, foraõ cegos atè a morte. Elle tornou aos Apostolos, restituindo a palma, & referindo o que passára. Este milagre escrevem tambem outros Escritores, 11 posto que sem tantas circunstancias. A da confissaõ daquelle Sacerdote mostra como os Judeos tinhaõ odio a *Christo*, naõ por ignorancia, pois era impossivel naõ o conhecerem por suas obras, como lhes disse o mesmo *Senhor*; 12 mas por teyma de sustentarem seu erro, & vergonha de o confessarem. O mesmo succede hoje à mayor parte dos hereges.

6 Chegàraõ os fieis (prosegue Saõ Mèlito) com o acompanhamento ao Valle Josaphat, que era o lugar que lhes ensinára *Christo*; 13 achàraõ o monumento novo, metéraõ nelle aquella divina reliquia, & o fecháraõ; & se assentàraõ à porta; como lhes ordenára. 14 Mostrava-se (dizem o Veneravel Beda, & Brocardo, 15) em aquelle Valle, naõ na parte mais profunda, mas ao pè do monte Olivete, no sitio do horto Gethsemani, onde *Christo* costumava orar. 16

7 Accrescentaõ outros Escritores, que primeyro celebráraõ as honras usadas na primitiva Igreja, que era prègar as virtudes dos que haviáo santamente vivido: acclamallos bemaventurados em chegarem victoriosos ao desejado fim: darem a Deos graças, & pedirem para todos o mesmo porto do descanço. 17 Quem ouvira aquelle panegyrico! nunca houve, nem tam excellentes Oradores como os Apostolos; o Evangelista Joaõ seria o Prègador, como testemunha mais domestica das illustres acções que deviaõ publicar: & assim nunca houve, nem haverà tal sermaõ; excepto os que prègou *Christo*. Escrevem mais, que cantados hymnos, se renovàraõ lagrimas, & se repetirão osculos reverentes às preciosas roupas, & mãos sacrosantas; & os Apostolos pegàraõ no sagrado corpo, & o collocáraõ naquelle santuario; & junto delle, (dizem Juvenal, & Nicephoro 18) que ficàraõ velando tres em canticos perennes, a que ajudavaõ Anjos.

11 *D. Damascen. Metaphrast. & Nicephor. supra.*

12 *Joan. 5. 36. & 10. 15. 37. 38. & 14. 12. & 15. 24.*

13 *No c. preced. n. ult. Revel. de Sant Brigid. l. 6. c. 62. Andr Cretens. sup. Canis. l. 4. de Deip. c. 3.*

14 *Cap. precedente n. ult.*

15 *Beda de locis Sanct. c. 6. Brocard. l. de Terr. Sanct.*

16 *Vide supr. c. 46. n. 7.*

17 *D. Dionys. Areop. l. de Hierarch. Eccles. cap. 7. de myster. in his qui sanctè dormier. Tertullian. de coron. milit. Orig. l. 8. contra Celsum. D. Clem. l. constit. Apost. l. 6. c. 30. & l. 8. c. 47.*

18 *Juvenal apud Euthim. hist. l. 2. c. 40. Nicephor. d. l. 2. c. 23.*

CAP.

CAPITULO LXIX.

Admiravel Resurreyçaõ da Virgem.

1 TRibutou a *Virgem* sepulchro à natureza ; mas reviveo como quem geràra a vida. Exceptuouse da corrupçaõ a carne de que Deos a tomou ; como negaria Deos à vestidura propria, o que concedeo às dos tres meninos no forno de Babylonia ? 1 O doutissimo Padre Antonio Guilhelme Sacerdote do Oratorio de Napoles, no grave livro que escreveo em lingua Italiana, das grandezas da *Trindade* Santissima, prova 2 com extraordinaria curiosidade que a Resurreyçaõ da *Senhora*, & subir ao Ceo o corpo com a alma convinha por razaõ Theologica, por regra Filosofica, por termos Astrologicos, por Ley Civil, & Canonica, por razaõ ethica, economica, & politica: por experiencia de Medicina, por regra de perspectiva; de Mathematica, de musica, & de architectura; sobre isto faz hum discurso bem digno de se ler, mas largo para aqui repetir. Achava-se esta Resurreyçaõ significada em lugares da Santa Escritura; 3 houve quem a quiz defender de Fé; 4 pelo menos seria temeridade absurda, & atrevida querer negalla. 5

2 Conclue S. Melito a relaçaõ, que aprendeo do Evangelista Sagrado, como dissemos, 6 referindo que velando os Apostolos no Sepulchro da *Senhora*, veyo *Christo* acompanhado de hum resplandecente exercito de Anjos, & lhes disse: *Paz seja com vosco.* Respondèraõ : *Faça-se vossa misericordia, Senhor, sobre nós, como em vós esperamos.* Proseguio o *Senhor*: *Antes de subir a meu Pay vos prometti 7 que os que me havieis seguido vos assentarieis comigo sobre doze thronos, julgando as doze Tribus de Israel. Das Tribus de Israel escolheo meu Pay esta Virgem para eu habitar; que vos parece que farey della?* note-se a honra de lhes pedir seu parecer.) Respondeo Saõ Pedro, & os mais Apostolos : *Senhor; vós elegestes para thalamo immaculado esta vossa serva : & a nós vossos humildes servos para vosso ministerio; antes dos seculos sabeis tudo com o Padre, & Espirito Santo, com os quaes tendes huma deidade igual, & infinito poder. A estes vossos servos parecia; que assim como vós, vencida a morte reynais na gloria: assim, resuscitado o corpo de vossa Mãy, o levasseis com-vosco ao Ceo.* E o Salvador disse : *Faça-se segundo vossa palavra.* Logo mandou ao Arcanjo Saõ Miguel, 8 que levasse a alma santa de *Maria* a seu sagrado corpo; & o Archanjo S. Gabriel tirou a pedra da porta do monumento; & disse o Senhor : *Levantay-vos, amiga minha, & chegada minha; naõ sentistes corrupçaõ por contacto de homem, nem padecereis resoluçam do corpo na sepultura.* No mesmo ponto se levantou a *Virgem*, logo

1 Dan. 3.

2 P. Anton. Guilhel. l. le grandezze de lla Sãtissima Trinit. discurs. 4.

3 Refere-os o P. Fr. Joseph de Jesus Maria na hist. de N. Senhora l. 5. c. 19. & 20.

4 Catherin. l. 4. contra Caietan. & in opuscul. de Concept.

5 Canis. l. 12. de locis c. 11. Cordova l. 1. quæst. in 17. q.

6 Supr. c. 67. n. 3.

7 Matth. 19. 28.

8 Vide supr. c. 67. n. 16.

louvando aõ *Senhor*, & lançando-se aos seus pès, o adorava, & dizia: *Senhor, naõ vos posso dar dignas graças pelos beneficios que vos dignastes fazer a esta vossa escrava; seja vosso nome bendito para sempre, o Redemptor do mundo, Deos de Israel.* O *Senhor* lhe deo osculo, & a entregou aos Anjos, para que a levassem ao Paraiso. Mandou aos Apostolos que se chegassem a elle, & lhes deo tambem osculo, & disse: *Paz seja com vosco, porque eu sempre estou com-vosco, atè a consummaçaõ do seculo.* E levado em huma nuvem, se recolheo ao Ceo, & com elle os Anjos, levando a *Maria* Beatissima. Entende-se (explica hum Escritor 9) que a levavaõ, porque a acompanhavaõ; naõ porque ao corpo glorioso faltasse agilidade para subir. Toda esta relaçaõ traslada com approvaçaõ o douto Carthagena 10

3 Os Apostolos, diz S. Melito, que por nuvens foraõ restituidos aos lugares aonde andavaõ pregando; 11 o que se deve entender depois do successo que tiveraõ com o Apostolo Saõ Thomè. He tradiçaõ constante na Igreja, 12 referida jà no anno 451. de *Christo* por Juvenal Patriarca de Jerusalem á Santa Emperatriz Pulcheria, esposa virgem do bom Emperador Marciano, como contaõ Euthimio eremita, que viveo pelos mesmos annos, & Nicephoro Calixto, 13 que quando por milagre foraõ os Apostolos acharse no transito da *Senhora*, foy mais tarde mysteriosamente Saõ Thomé, que andava na India; & chegando tres dias depois, quiz ver, & venerar o Santissimo corpo; mas que abrindo-se o sepulchro, se achára só a roupa cõ que fora cuberto, exhalando soberana fragrancia, com que se fez manifesta a trasladaçaõ ao Ceo. A Santa Brigida disse a *Senhora* 14 que fora vestida de outras vestiduras semelhantes às de que fora vestido *Christo* em sua Resurreyçaõ.

4 Este successo bem se compadece com a relaçaõ de Saõ Melito. Porque, como dizem os Doutores Santos, 15 a *Virgem Mãy* foy molde, & forma do *Filho*; o que se vio até na morte. Morreo *Christo* pelo amor dos homens: 16 morreo a *Virgem* de amores de *Christo*: 17 foy o *Senhor* sepultado em monumento novo: 18 em monumento novo foy sepultada a *Senhora*: 19 resuscitou *Christo*: ella foy resuscitada: hum Anjo tirou a pedra que cerrava a porta do Sepulchro do *Senhor*: 20 o mesmo fez outro Anjo no Sepulchro da *Senhora*: 21 como Saõ Thomè examinou a Resurreyçaõ de *Christo*, 22 quiz tambem *Christo* que elle mesmo examinasse a de sua *Mãy*; & porque naõ faltasse a circunstancia da incredulidade, he muyto verosimil, que assim como os Apostolos disseraõ a Saõ Thomé que haviaõ visto o *Senhor* resuscitado, & com tudo elle respondeo, que o naõ creria até o ver; do mesmo modo, dizendolhe que haviaõ visto resuscitar a *Senhora*, diria Thomè que o naõ cria, até examinar o Sepulchro, & por esta causa se abriria. A dita tradiçaõ da Igreja diz que succedeo ao terceyro dia do transito (posto que nas Revelações de Santa Brigida haja neste termo

9 P. Fr. Joseph d. l. 5. c. 20. n. 4.

10 Carthagen. de arcan. Deip. & Joseph l. 13. hom. 7. post med.

11 Vide supr. c. 67. n. 6.

12 D. Damascen. serm. de dormit. Deip. ad fin.
Vilhegas no Flos Sanct. festa da Assumpçaõ, aonde refere muytos Authores.
Melchior de Castro, na vida da Virg. l. 1. c. 20.
P. Joseph d. l. 5. c. 17. n. 2.

13 Euthim. hist. l. 3. c. 40.
Nicephor. hist. l. 2. c. 23.

14 Revelaç. de S. Brigid. l. 7.

15 D. Hieron. serm. de Assumpt.
D. Aug. serm. de Nativ.
D. Dionys. Areop. ad Paul. de qua supr. c. 64. 4.

16 Joan. 13. 1.

17 Vide supr. c. 67. n. 1. & 12.

18 Matth. 27. 60.

19 Vide sup. c. 67. n. ult. & c. 68. n. 6.

20 Matth. 28. n. 2.

21 Supr. n. 2. ad med.

22 Joan. 10.

termo alguma differença). 23 & tem consonancia com haver *Christo* resuscitado, & se mostrar ao terceyro dia. Houve differença (diz São Pedro Damião 24) em que o *Salvador* subio ao Ceo por virtude propria; por isso a sua subida se chama *Ascenção*: *Maria* foy levada pela graça, (que esta, & não a natureza, lhe deo agilidade) por isso a sua subida se chama *Assumpção*. Vejamos com que triunfo.

23 *Revel. de S. Brigid. l. 2. c. 62. post med.*
24 *Petr. Damian. serm. de Assumpt.*

CAPITULO LXX.

Mostra-se qual era hum triunfo em Roma, para, no modo possivel, figurarmos por elle o com que a Virgem Maria *victoriosa entrou no Ceo.*

1 QUe gloriosamente admiravel seria o triunfo com que a *Virgem Mãy* victoriosa do infernal dragaõ 1 entrou na Cidade Celestial! A Santa Brigida, 2 a Santa Isabel de Sconaugia, 3 & a nosso Santo Antonio 4 se revelou parte delle; todo não se póde declarar. *Quem poderà* (diz São Bernardo 5) *narrar a geração de Christo, & a Assumpção de Maria?* Ambas igualou na impossibilidade. Hum moderno curioso aconselha, que he mais acertado naõ fallar della, pois querendo-se exprimir com ornato; antes se offenderà. 6 Mas como dizia São Jeronymo) *Naõ me atrevo a negar o que naõ posso fazer*: 7 sou forçado a concluir o que propuz escrever; pio trabalho, mas perigosa presumpçaõ. 8

2 Confie-me o exemplo de *Christo*, que comparou o Reyno do Ceo a hum grão de mostarda; 9 debuxemos aquelle triunfo por hum dos Romanos: que era huma das grandes cousas que o grande Agostinho desejava ter visto.

3 Não foráo os Romanos inventores dos triunfos; primeyro o inventou, & triunfou em carro tirado por elefantes o antiquissimo Dionysio, chamado Libero Padre, ou Bacho; 10 & triunfáraõ Asdrubal Carthaginez, Sosostris, & outros Reys do Egypto; 11 mas os triunfos de Roma foráo os mais famosos.

4 Concedia-se triunfo só ao mayor do exercito, sendo Dictador, ou Consul, poucas vezes a Proconsul, por serem as mayores dignidades: na dictadura de Sylla se dispensou com Pompeyo Magno, vencendo a Domicio em Africa, para triunfar, sendo de pouca idade só Cavalleyro Romano. Em guerra de acquisição nova, não de defensa, ou recuperação. Por victoria em q̃ morressem pelo menos cinco mil inimigos; & muyto menor numero dos proprios. Deyxando toda huma Provincia pacificamente sugeyta. O Capitaõ que o pedia, não podia entrar com a pertenção de Roma; fóra da Cidade era ouvido

1 *Genes. 3. 15.*
2 *Revelaç. de S. Brigid. l. 6. c. 62.*
3 *Pelbart. l. 10. Stellar. p. 1. art. 1.*
4 *Joan. Bruniard. in sum. de Mar. n. 24.* *Iodoc in thesaur. Cathol. l. 3. art. 3. tom. 1.* *Pelbart. sup.*
5 *D. Bernard.* Christi generationem, & Mariæ Assumptionem, quis enarrabit?
6 *P. Sandæus in Aviar. Marian. orat. 3. Cygnus, post med. vers. In eo autem.* Satius est silere, quàm exprimere, quæ si exprimere coneris ut ornes, vituperare censeris.
7 *D. Hieron. epist. l. 1. ep. ad Innocent de mulier. septies icta, in princ. pag. mihi* 236. Quod implere non possum, negare non audeo.
8 *Idem in præfat. ad Damasum, in Evangelist. in princ.* Pius labor, sed periculosa præsumptio.
9 *Matth. 13. 31. Marc. 4. 31. Luc. 13. 19.*
10 *Plin. hist. l. 7. c. 56. in princ.*
11 *Diodor. Sicul. l. 6.* *Justin. l. 19.*

vido em tres inſtancias. A primeyra do exercito q̃ o acclamava merecedor; a ſegunda do Senado que lhe julgava triunfo; a terceyra do Povo que applaudia, & decretava o dia em que devia ſer; & deſtes tres juizos ſe diz que ſe chamou *Triunfo.*

5 O dia era de feſta ſolemniſſima. Ninguem trabalhava. Adornava-ſe a Cidade, ruas, portas, & janellas, o mais ricamente que era poſſivel, com pannos de ſeda, & ouro, & com ramos, & flores. Uſava-ſe de toda a ſorte de cheyros. A Nobreza ſe veſtia de gala; os populares de ſuas melhores roupas. Os templos eſtavão abertos, ornados com a mayor pompa. Tudo moſtrava alegria. 12

6 Deputavaõ-ſe muytos Miniſtros com varas, & baſtoens, para accommodarem a gente pelas ruas, evitando embaraço. Por ellas andavaõ invençoens varias de feſtas. De todas as partes ſoavão inſtrumentos muſicos.

7 Para melhor deſcripçaõ do triunfal acompanhamento, ſeguiremos o que Plutarco 13 referio de Paulo Emilio, quando triunfou de Perſeo Rey de Macedonia, que deyxou ſugeyta.

8 Durou aquelle triunfo tres dias, porque em menos tempo naõ ſe pudera ver o muyto que houve para admirar. O primeyro ſe gaſtou entrando na Cidade as bandeyras vencidas: as eſtatuas, imagens, & coloſſos, que ſe ordenáraõ ſobre duzentas & cincoenta carretas, fabricadas, pintadas, & douradas com grande excellencia.

9 No dia ſegundo ſe fez moſtra das armas do Rey vencido, & de ſeus ſoldados, ricas, limpas, & luzentes, poſtas em carretas com tal artificio, que parecendo cahidas alli acaſo ſem ordem, & miſturadas, oſtentavaõ concerto, que atemorizava, ainda depois de vencidas.

10 Logo entráraõ tres mil homens com a prata do Rey; a amoedada hia deſcuberta em 750. vaſos muyto grandes tambem de prata, cada hum levado por quatro homens; os outros atè o numero dos tres mil, hiaõ carregados de bayxelas, & peças de excellente feytio. E todo eſte dia ſe gaſtou em paſſar iſto com boa ordem.

11 Na madrugada do terceyro dia entrâraõ as trombetas, & clarins tocanda a batalha. Logo cento & vinte vacas brancas com as pontas douradas, cubertas com delgadiſſimos vèos, que ſe tinhaõ por ſagrados, & com grinaldas de flores, guiadas por moços muyto gentìs, & bem veſtidos; as quaes eraõ para ſacrificar; & meninos bem ornados levavaõ pratos de ouro, & prata para ſervirem no ſacrificio.

12 Depois entráraõ os que levavaõ o ouro tomado ao inimigo, huns o amoedado, em ſetenta & ſete vaſos grandes; outros, muytos vaſos de ouro do ſerviço do meſmo Perſeo, & de Antigono, Seleuco, & outros Reys paſſados.

13 Seguia-ſe o carro do meſmo Perſeo, as armas de ſua peſſoa, & ſobre ellas a ſua coroa, & Sceptro Real.

14 Pou-

12 *Hæc ex Valer. Max. l. 2. c. 8. Alex. ab Alex. Genial. l. 1. c. 22. & l. 6. c 6. Calepin. in diction. verb. Triumphus, cum Liv. l. 45. Tranquillo, Cicer. & aliis. P. Mendoça in Virid. l. 5. probl. 26.*

13 *Plutarch. in Paul. Æmil.*

14 Pouco depois dous filhos, & huma filha muyto meninos, & com elles grande numero de officiaes de sua Casa: Mordomos, Ayos, Camareyros, Pagens, & outros diversos, em habito de servos, com as cabeças rapadas, (como era costume nos cativos) todos chorando seu miseravel estado, & lastimando a quem os via.

15 Logo o mesmo Rey com roupa de pardo escuro ao uso de sua patria, taõ turbado como sua fortuna; & junto delle seus privados, ministros, & criados em grande numero, olhando tão tristes para o infelice Rey, que muytos Romanos solemnizavaõ com lagrimas aquelle espectaculo.

16 Passado isto, se levavaõ quatrocentas coroas de ouro, de que as Cidades de Grecia amigas de Roma haviaõ feyto presente a Paulo Emilio.

17 Logo hia o mesmo Emilio vestido de purpura tecida com ouro, com hum ramo de louro na maõ, sobre hum ostentoso carro, que tiravaõ fermosissimos cavallos.

18 A infantaria, & cavallaria de seu exercito o seguia armada, marchando ordenada com suas bandeyras; huns cantando versos em louvor do triunfante, & de suas vitorias; outros, motetes de festa, & prazer.

19 Sahio o Senado, sacerdotes, & toda a Corte a recebello. Foy atè o Capitolio, aonde, sacrificando no templo de Jupiter, se offerecèraõ os despojos, & se derão graças.

20 Desta maneyra erão todos os triunfos, quanto à substancia. As circunstancias de jogos, & outras festas particulares, erão mais, ou menos, como cada hum ordenava. O de Vespasiano, & Tito quando triunfáraõ de Judea, foy summamente admiravel nos carros de grandissima fabrica em que ao vivo hiaõ representados os successos daquella guerra. Alli se via com propriedade, como real, & natural (conta Josepho) 14 devastar a terra, desfazer esquadroens, derribar muralhas, assolar castellos, entrar Cidades, abrazar templos; & dos vencidos huns rogarem, outros fugirem, outros morrerem, já dos golpes, já das ruinas; tudo cheyo de mortes, & confusaõ; parecia naõ haver differença da imitaçaõ ao imitado. Tambem, posto q̃ ordinariamente o carro se tirava por cavallos, o de Julio Cesar tiráraõ quarenta elefantes; & o de Pompeyo Magno quando triunfou de Africa, tiráraõ tambem elefantes; & o do Emperador Gordiano. O de Marco Antonio tiráraõ leões: o do Emperador Aureliano cervos: alguns tiráraõ touros: a Alexandre Severo leváraõ nos braços Cidadãos Romanos. Os cavallos naõ costumavaõ ser brancos, por os desta cor serem dedicados particularmente ao pay dos Deoses; & porque os levou brancos, se escandalizou o povo de Camillo. 15 Muytos leváraõ comsigo nos carros filhos de pouca idade. 16 Outros fizeraõ hir no acompanhamento animaes estranhos, & feros, como leões, onças, tigres, rinocerotes, pantheras, dromedarios; disto se

14 *Joseph de bell. Jud. l. 7. c. 24.*

15 *Ex Sueton. Capitolin. Flav. Vopisc. & Lampridius nas vidas destes triunfantes.*
P. Mendoç. in viridar. l. 5 probl. 26.
16 *Cicer. orat pro Muræn.*

17 *Joseph d.l.7.c.24.post med.*

se vio muyto naquelle triunfo de Vespasiano, & Tito. 17

21 Concedia-se aos que triunfavão, porem suas estatuas nos templos, & praças publicas, & edificar columnas, & arcos q̃ se chamavão triunfaes, de marmore, esculpindo as vitorias, para as perpetuar. Imitando aos Gregos antigos, q̃ alcançando victoria sinalada, cortavão os ramos da arvore que estava mais perto, & nos troncos penduravão as armas inimigas; o que se chamava *Trofeo*, da palavra *Tropi*, que significa *Conversaõ*, *& retrahir*, porque alli havião feyto fugir o contrario. Assistião aos jogos publicos coroados de louro. Podião na occasião do triunfo repartir do publico dons aos Soldados. E quando morrião, se seus corpos se queymavão fóra da Cidade, suas cinzas, & ossos se recolhião para se enterrarem dentro della. 18 Costumava o triunfante convidar (por ceremonia) os Consules para a cea do dia do triunfo, & depois rogarlhes que se guardassem para outro, só por não lhes dar melhor lugar na mesa, no dia em que triunfava. 19 Tam glorioso lhe era aquelle dia, que para que não se ensoberbecesse, levava no dedo hum anel de ferro como escravo; 20 no carro hia com elle hum ministro publico, que lhe hia lembrando que era mortal. 21

18 *Haec ex Valer. Maxim. supr. & l.3.c 6. de Papyrio Masone. Alex. ab Alex. & Calepin. sup. & verbo Tropheum.*
19 *Valer. Max d.l.1.c.8. ad fin. n. mihi 6.*
20 *Plin. l.33.c.1.*
21 *Tertullian. in Apologet. c.33. D. Hieron. epist. ad Paul. de obitu Blesillae. Zonaràs, annal. tom.2. De quo Juvenal satyr. 10.*

22 Com ser o triunfo a mayor honra, o recusáraõ Fulvio Flacco por modestia: Marco Fabio, porque perdèra na guerra hum irmão: Tiberio Cesar, porque estava Roma triste pela perda Valeriana: Septimio Severo, por se achar enfermo. Não se concedia senão a Romanos; entre quatro, ou cinco estrãgeyros que o alcançáraõ por muyto favoravel dispensaçaõ, foy Cornelio Balbo Hespanhol, por vencer os Garamantas, & Ventidio Basso, que havendo sido levantado em triunfo, mudada a fortuna, foy o primeyro que triunfou dos Parthos. Houve em Roma trezentos & vinte triunfos; o ultimo triunfante foy o Emperador Probo, declinando já o Imperio; posto que alguns digão que depois triunfou Belisario em tempo de Justiniano. Entre as principaes portas de Roma era a que se chamava *Triunfal*, pela qual os triunfos entravão. 22

22 *Alex. ab Alex. sup l.4.c.16. ad fin. & l 6 c.6. Joseph. d.c.24. post med.*

13 Não foy digressaõ de nosso assumpto o que neste capitulo dissemos; mas como para as grandes festas precedem preparaçoens, & ensayos, taes forão estas noticias para o triunfo da *Virgem*, que nossa capacidade só poderà figurar por hum dos Romanos.

CAPITULO LXXI.

Magnifico, & glorioso Triunfo com que Maria *Santissima entrou na Cidade Celestial.*

1 *No cap. precedente n.4.*

1 CONcorrèraõ na *Senhora* as qualidades acima 1 apontadas para os triunfos Romanos. Tinha a dignidade mayor

mayor, depois de Deos, que era a de *Mãy* sua. 2 Combateo em guerra, 3 naõ de defender, mas de acquirir para Deos o que possuhia o Demonio. 4 Alcançou do grande poder infernal a vitoria mais insigne, 5 em que ficàraõ mortos muytos milhares de inimigos da Igreja, 6 ficando salvos todos os seus, 7 em monarquia invencivel. 9 Seu exercito militante a acclamou merecedora. 10 Finalmente da Roma Celestial sahio *Christo*, que com o Senado Apostolico consultou, & concedeo o triunfo. 11

2 O dia delle (dizem S. Joaõ Damasceno, & S. Anselmo 12) *Foy solemnissimo, glorioso, feliz, bemaventurado, celebre, de preclara alegria, festivo de sublime glorificaçaõ, admiravel em todo o seculo.* Mandou Deos que os espiritos malignos não trabalhassem: todo aquelle dia (diz o mesmo Damasceno) estiveraõ encerrados nas cavernas da terra. Da preparaçaõ da Cidade Celeste consideraõ os contemplativos 13 que haviaõ sido figura a Jerusalem terrestre, ornadas, & frequentadas suas ruas de danças, instrumentos, & outras festas, quando ElRey David meteo nella a Arca santa; 14 que representava a *Senhora*. Os Cidadãos Celestiaes se vestirão de gosto, como cãta a Igreja. 15 Abrio-se o Templo de Deos, como escreve Saõ Joaõ no Apocalypse; 16 o que entendem Doutores 17 desta occasiaõ. Tudo, finalmente, estava de festa, como descreve Santo Anselmo com palavras só proprias de sua devoção.

3 Disposta assim a Celestial Roma, figurando nossa capacidade o triunfo da *Virgem* por aquelle que referimos 18 Romano; hiria diante, como estandarte Real do inimigo, a arvore da sciencia do bem, & do mal, em que se commetteo o primeyro peccado, 19 & as bandeyras dos mais que militáraõ debayxo delle. Na bandeyra da Ambiçaõ pintado hum pavaõ ostentando a pompa de suas penas. 20 Na da Vãgloria, hum gallo vitorioso do contrario. 21 Na da Lisonja, huma abelha com o ferraõ suavizado em mel. 22 Na da Soberba huma nuvem de fumo desvanecendo-se no intento de subir. 23 Na da Inveja huma setta, que dando em huma rocha, tornava a ferir a quem a despedira. 24 Na da Mentira, huma aranha tecendo dos fios que gerára. 25 Na da Inobediencia hum caõ mordendo a seu senhor. 26 Na da Ingratidão hum pè de hera furando a parede a que se arrimava. 27 Na da Gula, hum homem em companhia de brutos. 28 Na dos Appetites, outro homem sem cabeça. 29 Na de toda a Malicia, huma codorniz enlodando a agua em que bebêra. 30

4 Depois destas bandeyras vencidas, no lugar das estatuas que os Romanos levavaõ em carros, hirião sobre carros de artificio glorioso as imagens, em que as moralidades antigas com noticias confusas dos mysterios que não alcançavão, alludião à materia deste triunfo. Em hum carro se poderia representar o jardim das Hesperides com as maçãs de ouro que guardava o dragão ao pè da arvore; 31 fabula que originou a tradição do

Rr iij Paraiso

1 *Latè P. Fr. Joseph de Jes. Mar. hist. da Virg. l. 1. c. 4.*
3 *Gen. 3. 15.* Inimicitias ponam inter te, & mulierem.
4 *Joan. 12. 31.* Princeps hujus mundi ejicietur foras.
5 *Genes. 3. 15* Ipsa conteret caput tuum.
6 Cunctas hæreses sola interemisti.
7 *Luc 21. 18.* Capillus de capite vestro non peribit, *D. Paul ad Ephes. 2. 5 & 8 ac passim.*
8 *Textus in cap. Cuncta per mundum 9. q 3.*
9 *Matth 16 18.* Portæ inferi non prævalebunt adversus eam.
10 *Luc. 1. 48* Beatam me dicent omnes generationes.
Vide supra c. 64 n 4.
11 *Supra c 69. n. 2.*
12 *D Damasc. orat. de Assumpt Virg.*
D Anselm. de excell. Virg c. 8.
13 *Vilhegas no Flos Sanct. fest. da Assumpç no princ.*
14 *4. Reg 6 & 1. Paralip. 13.*
15 Assumpta est Maria in Cælũ, gaudent Angeli.
16 *Apocalyps. 11. 19.* Apertum est templum Dei in Cælo, & visa est arca testamenti ejus in templo ejus.
17 *Refere P. Joseph sup. l. 5. c. 20. n. 2.*
18 *Cap. precedente à n. 8.*
19 *Gen. 3.*
20 *Plin. l. 10. c. 20.*
Pier. Valerian. in hierogl. l. 24. tit de Pavone §. Gloriosus.
21 *Plin. l. 10. c. 21.*
Pier. sup tit de Gallo, § Victoria.
22 *Pierius l. 26. tit. Apes, § Adulator. Proverb. 5. 3.*
23 *Folengius in Psalm. 74.*
24 *D Basilius de invidia.*
25 *Plutarch. in moral.*
26 *Ex Pier. sup. l 5. tit. de cœna §. Custodia.*
27 *Ex Plutarch. supr.*
Pier. sup. l. 51. tit de hedera, §. Tenacitas.
28 *Senec. Rhetor. c. 61. apud Polyanth. verb gula.*
29 *Ex Arist. 1. Ethic c. 13.*
30 *Pier. ad l. 24. tit. de coturnice; §. Perditissima malitia.*
31 *Ovid. Metam. l. 9.*

Paraiso terrestre com os fermosos pomos em que se peccou por persuaçaõ da serpente. 32 Em outro se representaria Dedalo aconselhando o filho que não voasse ao mais alto: & o filho por desprezar o conselho, cahir no mais bayxo; 33 figurando o primeyro homem, que inobediente à paternal ley de Deos, se quiz levantar tanto, que ficou arruinado. 34 Em outro, o moço Phaetonte, quando, por não saber reger a luz que se lhe entregára, abrazou a terra com seu precipicio; 35 trato de Adam, que posto na mayor honra, não entendeo, 36 & causou o mayor incendio. 37 Em outro, Hercules, matando a hydra de sete cabeças; 38 significando o valor com que o Filho da *Virgem* venceo o dragão, que tinha outras sete; 39 & hirião em modo mais excellente a arca do diluvio, a çarça que vio Moysés, a arca do Testamento, o vèllo de Gedeão, o favo de Samsaõ, a torre de David, & todas as mais figuras que havião representado a *Virgem* triunfante.

31 *Genes* 5.
33 *Ovid. sup. l.* 8.
34 *Genes.* 3. & 4.
35 *Ovid. sup. l.* 7.
36 *Psalm.* 48. *v. ult.*
37 *Vide in* 1 *p. c.* 6.
38 *Ovid d. l.* 9.
39 *Apocalyps* 12. 3.

5 A isto (como no triunfo Romano) se seguirão as armas do vencido Rey tartareo, & de seus Soldados; occasião, tentação, consentimento, & execução; bem lavradas, & resplandecentes à vista com especiosos pretextos de honra, gosto, & interesse, representadas por soberana traça tanto ao vivo, que hindo já vencidas, ainda causarião terror.

6 Em lugar do dinheyro, prata, & ouro do inimigo, hiria a primeyra moeda; o pomo digo, com que o Principe vencido havia comprado o genero humano por escravo seu; & todas as riquezas com que se fez opulenta sua Monarquia.

7 Hirião depois as sete trombetas, que Deos tinha mandado que se levassem diante da arca do Pacto, 40 (assim chamà a Igreja à *Virgem*) 41 a cujo som cahiraõ os muros da Jericò do peccado. 42 Hiria aquella primeyra que tocava no jubileo plenissimo, 43 figura do de *Christo*, em que o mundo já estava: & hirião todas as mais trombetas, que no testamento velho significàrão semelhantes mysterios: & as que no Apocalypse 44 mostràrão os do novo; & com particular insignia aquella do quinto Anjo, a cujo som cahio Lucifer; 45 & doze outras significadoras dos Sagrados Apostolos, que soárão por toda a terra. 46 Todas, como as dos Romanos, tocarião à batalha; pois, como disse Isaìas, 47 foy muy batalhado este triunfo; & como disse Santo Agostinho, 48 a *Virgem* foy o guerreyro mais victorioso.

40 *Josue* 6. 5. Præcedent arcam fœderis.
41 Fœderis arca.
42 *Josue d. c.* 6. 20.
43 *Levit.* 25. 9. *vide in* 1. *p. c.* 24. *n.* 2.
44 *Apocalyps* 1. 10. & *c.* 4. 1. & *c.* 8. *cum seqq.*
45 *Apocalyps* 9. 1.
46 *Psalm.* 18. *v.* 4. *D. Paul. ad Rom.* 10 18.
47 *Isai.* 42. 13. Sicut vir præliator.
48 *D. Aug. de natur. & grat. l.* 7.

8 Pelas rezes, meninos adornados, & instrumentos para sacrificio, hiria o Cordeyro, figura de *Christo*, sacrificado por Abraham, & o menino Isaac levando a lenha, 49 como cruz; & Anjos levarião os cravos, coroa, lança, esponja, & mais instrumentos do sacrificio figurado, que a *Senhora* offereceria ao *Eterno Padre*, como quem tanto cooperàra nelle. 50

9 Logo se seguiria o carro, armas, sceptro, & as sete coroas do dragão, 51 Rey vencido por *Maria* triunfante, para quem

49 *Genes.* 22.
50 *Supr. c.* 48.
51 *Apocalyps.* 12. 3. Draco --- in capitibus ejus diademata septem.

quem só se reservou tal victoria, como disse São Bernardo. 52 O carro feyto de malicia: as armas, de engano: o sceptro, de hum flagello: as coroas, de peccados; tudo com artificio que por modo inexplicavel mostrava a materia de que era formado.

10 Hirião seus ministros arrastando cadeas, escravos de tormentos, com torcida vista olhando para o Rey desesperado.

11 Logo o mesmo Rey na figura da serpente, 53 vestido de fogo, revestido de fumo, taõ turbado, como o considera Chrysipo Jerosolymitano, dizendo entre si: *Como succedeo isto? que me destruisse o instrumento que em outro tempo cooperou commigo! a mulher que me ajudou a sugeytar o genero humano, veyo a despojarme da monarchia antiga? a antiga Eva me engrandeceo, & esta me abate! quem adivinhàra que huma mulher com hum menino me havia de causar tal ruina! mas bem pudera eu recatarme quando a via taõ forte contra minhas traças. Fuy vencido como venci: disfarceyme em serpente para vencer a Eva; & nas entranhas desta prodigiosa se disfarçou o que naõ era sò homem, mas tambem Deos.* 54

12 Logo (como no triunfo Romano) se levarião as coroas, que as Virtudes tinhão dado à *Senhora*: de Martyr, de Doutor, de Confessor, de Virgem, & outras que mereceo por insignes titulos.

13 Entaõ hiria a *Triunfante* com vestiduras semelhantes às de *Christo* em sua Resurreyção, como ella disse a Santa Brigida: 55 & com huma lucidissima palma na mão. Em carro melhor que o de Salamão, 56 fabricado de rosas, & lirios, flores proprias da *Senhora*, parecendo Aurora; 57 & Anjos a levavão por mandado do *Senhor*: 58 se houvessem de levar animaes, como nos carros triunfantes dos Romanos, serião Aguias, que sós pòdem subir a encarar no Sol. Em lugar do anel de escravo, & do ministro que hia lembrando aos triunfantes Romanos, que erão mortaes, levava a *Senhora* sua humildade, com que taõ exaltada se professava do *Senhor*.

14 Seguia-se o exercito com que a *Virgem* alcançàra a vitoria. Constava das Virtudes Theologaes, & Cardeaes. A Fé symbolizada em huma ancora; 59 a Esperança em huma columna; 60 a Charidade em huma pomba; 61 a Prudencia em huma serpente; 62 a Temperança em huma mão regendo hum freyo; 63 a Justiça em huma balança; 64 a Fortaleza em hum leaõ. 65 Os Dons do Espirito Santo. Da Sabedoria era jeroglifico huma pedra quadrada; 66 do Entendimento dous olhos abertos; 67 do Conselho hum bordam; 68 do Valor hum diamante; 69 da Sciencia huma fonte; 70 da Piedade hũa cegonha; 71 do Temor de Deos hum retrato da morte; 72 & depois outras virtudes, dons, & qualidades; como a Religiam figurada em huma cithara; 73 a Paciencia em hum jugo; 74 a Pureza em huma abelha; 75 a Humildade em hum

52 *D. Bernard. hom. 2. post princ. in Euang. Annunt. super. Missus est.* Cui hæc servata victoria est, nisi Mariæ.

53 *Genes. 3. 15.* Ipsa conteret caput tuum.

54 *Chrysipp. serm. de B. Virg.*

55 *Vide sup. c. 69. n. 3. in fin.*

56 *Cant. 3. 9.*

57 *Cantic. 6. 9.* Quæ progreditur quasi Aurora consurgens.

58 *Sup. c. 69. n. 2. ad fin.*

59 *D. Chrysost. hom. 11. ad Hebr.*

60 *Laurent. Justinian. Patriarch. in ligno vitæ, c. 2. de spe.*

61 *Pier. Valer. lib. 22. tit. de columba, §. Charitas.*

62 *Matth. 10. 16. Pier. l. 16. tit. de serpente §. Prudentia.*

63 *Pier. l. 36 §. Temperantia, & l. 48. tit. de fræno, § Temperantia.*

64 *Polyanth. verb. Justitia, in Hieroglyphico ult.*

65 *Pier. l. 1. de Leone, §. Robur.*

66 *Pier. l. 39. tit. de quadrato §. Sapientia.*

67 *D. Chrysost. hom. 21. in Matth.*

68 *Ex Horat. Carm. l. 3. ode 4.*

69 *Pier. l. 41. tit. de adamante.*

70 *Philo l. de somnijs, & gigantib.*

71 *Pier. l. 17. tit. de Ciconia, in princ.*

72 *D. Chrysost. hom. 28 in Joan.*

73 *Jamblic. de myster.*

74 *Pier. l. 48. tit. de jugo, § Patientia.*

75 *Pier. l. 26. tit. Apis, §. Castitas.*

hum homem ajoelhado ; 76 a Obediencia em huma arvore enxertada; 77 a Mansidaõ em hum elefante ; 78 a Contemplaçaõ em hum Sol ; 79 & na imagem de Danae com a chuva de ouro, a mayor fermosura de animo, & abundancia de bens celestes. 80 Compunha-se finalmente aquelle exercito de todas as graças gratis datas ; de todos os frutos espirituaes , de todas as bemaventuranças Evangelicas, de todas as perfeyções, & excellencias naturaes, & sobrenaturaes; que tudo militou na *Virgem* em grão superior a todos os Santos juntos , & alcançou do Principe do peccado a victoria mais gloriosa Hiria tudo representado em mysteriosas figuras com a mayor ostentaçaõ, & (ao costume Romano) em ordem terrivel de batalha , como disse Salamaõ; 81 batalha que a graça dispunha como Mestre de campo General, tam bella, & tam Divina, que he inexplicavel a magestade com que marchava ; & de entre este exercito (como do Romano) se cantavaõ hymnos aos quinze mysterios , de que depois se compoz o sagrado Rosario ; & todas as antifonas que a Igreja canta à *Senhora*.

76 *Pier.l.35. tit. de genibus, §. Humilitas.*
77 *Guillelm. Paral in sum. virt. tract.5.c.30.*
78 *Pier.l.2. tit. elephantes, §. Mansuetudo.*
79 *Philo Hebr. l. de cognition.*
80 *Pier.l.59 tit. Danae.*
81 *Cant. 6. 9.* Progreditur --ut castrorum acies ordinata.

15 Com semelhante acompanhamento, em corpo glorioso, dotado de subtileza, com que tudo penetrava, de agilidade com que seguia o impulso do espirito ; de claridade com que allumiava tudo; partio da terra a *Virgem Santissima*, deyxando-a desconsolada, porque a deyxava. Levantou-se à regiaõ do ar , que a saudava com Zephiros. Subio à do fogo , que se abrazou em amor Divino. Entrou na primeyra esfera celeste, aonde a Lua se lhe lançou aos pés. Passou à segunda , aonde o Planeta Mercurio desejou ter as serpentes , que os Poetas lhe fingião na vara , para as tributar à Triunfadora da mayor serpente. Exaltou-se à terceyra , em que o Planeta Venus se vio entaõ verdadeyramente fermoso, & estrella d'Alva. Chegou à quarta, que admirou o prodigio de que a Aurora subisse: o Sol a revestio, & naõ ficou escuro pela presença da mayor luz, antes mais luzente. Na quinta se lhe rendeo o furor de Marte. Na sexta a soberania de Jupiter. E na setima se alegrou a melancolia de Saturno. Sanctio Porta , Theologo Dominicano antigo, & erudito, 82 escreve que em cada hum destes orbes, ou esferas a esperavaõ as ordens dos Santos segundo suas especiaes razoens. As Virgens no orbe da Lua; os Confessores no de Mercurio ; os Martyres no de Venus ; os Apostolos no do Sol; os Profetas no de Marte; os Patriarcas no de Jupiter ; os Anjos no de Saturno : & o douto Carthagena 83 mostra largamente as razoens porque a cada ordem de Santos convinhaõ aquelles lugares. Duas vezes (nota hum Autor devoto) 84 se vio o Empyreo vasio de seus Cortesãos: na Ascençaõ de *Christo*, & na Assumpçaõ de *Maria* ; porque sahiraõ todos a receber a ambos quando entráraõ no Ceo.

82 *Sanctius Porta, in Marial. serm.7 de Assumpt.*
83 *Carthagen. de arcan Deip. l. 14. hom. 10. v. ceterum.*
84 *Apud P. Fr. Joseph hist. da Virg. l.5.c.21.n.2.*

16 Dizem Saõ Bernardo, & outros Santos Doutores, 85 que sahio *Christo* Senhor nosso (como dissemos do Senado, & Corte

85 *D. Bernard. serm. 4. de Assumpt in princ.*
D. Hieron. serm. de Assumpt. tom 9.
D. Ildefons. serm 9. de eadem.
D. Petr. Dam. serm. 9. de eadem.

Corte Romana) a receber sua *Mãy* triunfante. Salamaõ o tinha dito nos Cantares, & que o *Senhor* lhe daria o braço para ella se encostar; 86 & tambem o tinha figurado quando sahio a receber sua mãy Bersabé. 87 O Veneravel Padre Fr. Joseph de Jesus Maria 88 entende que sahio a recebella na quarta esfera do Sol; & São Joaõ Damasceno 89 considera que a recebeo com as palavras dos Cantares: 90 *Subi, chegay, amiga minha, pomba minha, fermosura minha, vinde, porque já passou o Inverno dos trabalhos: chegou a Primavera do descanço, & flores.*

86 *Cant.* 8. 5. Quæ est ista, quæ ascendit de deserto delicijs affluens, innixa super dilectum suum?
87 3. *Reg.* 2. 19.
88 *P. Joseph d. l.* 5. *c.* 22. *in fin.*
89 *D. Damascen. orat. de dormit. Deiparæ.*
90 *Cant.* 12. 14.

17 Proseguio a *Virgem* até o firmamento das estrellas, onde lhe formárão coroa doze fermosissimas, com enveja de todas as outras. E assim ficou calçada da Lua, revestida do Sol, & coroada de estrellas. 91 Dalli ao Ceo, que por diafano, & transparente chamão crystallino; & deste ao decimo (começando a contar da terra, sendo na ordem natural o primeyro) mobil velocissimo a que seguem os mais; mayor, mas excellente, & de belleza em que já reverberaõ as luzes do Empyreo, & o sonoro de seu movimento já mostra harmonia celestial.

91 *Apocalyps.* 12. 1.

18 Achou-se em fim na entrada do Empyreo. Se o Apostolo chegando em rapto só ao terceyro Ceo, não pode declarar o que vira; 92 como se explicará a maravilha que Deos fez para sua Corte, & centro da Bemaventurança? Que fermosos se descobririão de fóra à *Senhora* os muros de jaspe, & de crystal, com portas de pedras preciosas, & toda aquella celestial Roma de ouro luzente como vidro, com edificios de esmeraldas, safiras, topazios, jacinthos, chrisolitos, & outras materias inestimaveis que refere, & descreve o Evangelista São Joaõ! 93 Quando entrou, que alegria de alleluias, que acclamaçoens de vivas 94 soariaõ harmonicamente de toda a parte!

92 *Paul.* 2. *ad Cor.* 12. 2.
93 *Apocalyps.* 21.
94 *Apocalyps.* 19.

19 Foy a *Triunfante* (encostada no braço de *Christo* como fica dito) ao Capitolio sagrado, onde o Summo Jove tinha seu throno sacrosanto, 95 que se ao infinitamente bello se pudera accrescentar belleza, só para esta occasião se adornára mais. Avançou-se a beatissima *Trindade* a recebella, dizem os contemplativos, 96 não com movimento local, mas com favoravel complacencia, com glorificação Divina, com affluencia soberana, & com gratissima approvaçaõ. Ajoelhouse a *Virgem* a dar graças com toda a graça: o *Padre* a abraçou docemente, manifestando-a por Virgem *Mãy* de seu filho unigenito: o *Filho* a reconheceo por sua verdadeyra *Mãy* na natureza humana: & o *Espirito Santo* a mostrou officina singularissima de suas milagrosas operaçoens. O Mellifluo Bernardo 97 considera, que a *Senhora* pediria seu Divino Esposo o osculo que nos Cantares tinha dito Salamão; 98 & que havendolhe sido dulcissimos os que lhe dera quando menino brincava em seu virginal regaço, lhe seria ainda mais doce o que recebia do que estava à direyta do Eterno *Pay*.

95 *S. Petr. Damian. supr.*
96 *Cam Ubertin. l.* 4. *de arbor. vitæ c.* 39. & *Richel. l.* 4. *de laud. Virg. art.* 9. *P. Fr. Joseph d. l.* 5. *c.* 25. *n.* 1.
97 *D. Bernard. serm.* 1. *in Assumpt. ad fin.*
98 *Cant.* 1. 1. Osculetur me osculo oris sui.

20 Ficou a *Senhora* à vista de toda aquella Corte, a mais levan-

levantada em honra, & objecto da mayor veneraçaõ depois de Deos; & em si mesma a mais feliz que se podia imaginar; pois alli foy chea de claridade de gloria: illustrada da visaõ beatifica: absorta em fruiçaõ Divina: engrandecida com a familiaridade de Deos: sublimada ao conhecimento de suas perfeyções, & dos ineffaveis mysterios da *Trindade Sãtissima*, com mayor excellencia, & experiencia que todos os mais bemaventurados. Se naõ se vio, nẽ se imaginou (como encarece S. Paulo 99) a gloria q̃ Deos tem preparada para os q̃ o amaõ: qual serà a q̃ tinha preparada para a *Mãy* q̃ o gerou, & o amou mais q̃ todos? 100 Renasceo a Virgem das Virgens em mundo superior; resplandeceo com novos rayos o Oriente do Sol Divino, q̃ parecéra haverse escurecido com a nuvem da morte; trasladouse ao Empyreo o Paraiso do novo Adam, em que revogada a antiga sentença, 101 se concedeo comer da arvore da vida; descançou a Pomba innocente, acabando o diluvio dos trabalhos; 102 collocouse em tabernaculo eterno a Arca viva de Deos com a mayor festividade do soberano David; 103 & disse hum Anjo a S. Brigida, 104 q̃ como huma rica sala, com pavimento de pedras preciosas, paredes de pinturas finissimas, tecto de ouro, & toda perfeytissima; em quanto a janellas fechadas, os rayos do Sol a naõ clarificaõ, tem sua fermosura encuberta: assim se naõ viaõ perfeytamente as soberanas excellencias da *Virgem Mãy*, em quanto sua alma preciosissima estava encerrada no corpo mortal; mas já descuberta ao resplandor do Sol Divino, se vio claramente sua belleza ineffavel; todos os Bemaventurados a acclamáraõ com louvores, engrandecendo a Deos que tal a creàra.

99 *Paul. 1. ad Cor. 2. 9.*

100 *Ita D. Bernard. sup.*

101 *Genes. 3. 22.*

102 *Genes. 8. 11.*

103 *2. Reg. 6.*

104 *Revelaç. de Santa Brigid. in serm. Angel. c. 20.*

21 Alguns Authores 105 cuydaõ piamente que neste dia foraõ livres todas as almas do Purgatorio, & levadas ao Ceo para q̃ gostassem deste triũfo; pois nas entradas de Rainhas, & ainda em menos solemnes festas, usaõ os Reys da terra esta liberalidade.

105 *Cum Gerson. sup. Cant. Magnificat.*

22 Tal foy o triunfo com que entrou no Ceo a *Reparadora de Eva*; & tal o acompanhamento, diz Richelio, 106 que mereceo pela dolorosa procissaõ em que foy acompanhando a seu Filho ao Calvario. Triunfo, em que Saõ Pedro Damiaõ 107 (captando reverente venia) acha mais gloriosa solemnidade, que no da Ascençaõ de *Christo*; porque entaõ só puderaõ sahir os Anjos a receber o *Senhor*; agora sahio tambem o mesmo *Senhor*, & com os Anjos as almas bemaventuradas dos Santos que já habitaõ a Corte do Ceo; & assim disse outro varaõ devoto, 108 que aquelle triunfo fora mais poderoso na magestade, este mais solemne na pompa.

106 *Richel. de laud. Virg. l. 4. c. 11.*

107 *S. Petr. Damian. supr. In idem S. Anselm. l. de excel. Virg. c. 7. Guerric. Abb. ser. 2. de Assumpt.*

108 *Bernard. de Bust. serm. 1. de Assumpt.*

CAPITULO LXXII.

Coroaçaõ da Rainha *dos Ceos.*

1 Restava coroar por Rainha a Esposa do Summo Rey; & o mesmo Rey a coroou por sua maõ. 1 Tres

1 *S. Ildephons. serm. de Assumpt. ad med.*

Tres vezes estava chamada nos cantares à Coroa, 2 porque as tres Pessoas da *Trindade Santissima* a haviaõ de coroar com triplicada. Com tres coroas entre nòs he coroado o Emperador da terra. A primeyra recebe em Aquisgran, Cidade de Alemanha, de maõ do Arcebispo de Colonia; & he de ferro, significando a fortaleza com que ha de vencer os inimigos da Igreja; a segunda em Italia, de maõ do Arcebispo de Milaõ, & he de prata, significadora de que ha de ser puro na vida, & resplandecente nas obras; a terceyra em Roma da maõ do Summo Pontifice, & he de ouro, em significaçaõ de q̃ deve exceder aos mais Principes, quanto o ouro se aventaja aos outros metaes. 3 Accommodando nosso limitado juizo a este pequeno exemplo, outras tres coroas eraõ devidas à *Senhora*, como a Emperatriz no poder absoluto, & universal. A primeyra, de fortaleza, lhe pudéra pòr o *Espirito Santo*, pela victoria que alcançou da serpente; a segunda, de Pureza, o *Filho*, por ser a mais pura, & de mais claras acçoens; a terceyra de ouro, o *Padre* pela superioridade que lhe concedeo em todas as creaturas.

2 Porém, por ser a dignidade Imperial electiva, & introduzida pelos Romanos como diminutiva de Real, pelo odio q̃ tinhaõ aos Reys, foy a *Senhora* coroada como Rainha, dignidade suprema, & da natureza, q̃ goza por communicaçaõ, 4 assim como *Christo* he chamado Rey; mas as tres Pessoas Divinas a coroárão, & com hũa coroa das excellencias das tres; conciliando assim as mayores prerogativas de ambas as dignidades.

3 Ajoelhada a *Virgem* no acatamento da *Trindade Santissima*, no modo em que a pinta a Igreja, foy por ella coroada com aquelle diadema soberano, cujos remates se guarnecèraõ (como com pedras preciosas) de muytas aureolas correspondentes às insignes virtudes em que se finalára, & a todas as de todos os Santos: de Fé, como Patriarca: de Esperança, como Profeta: de Zelo, como Apostolo: de Constancia, como Martyr: de Temperança, como Confessor: de Castidade, como Virgem: de Fecundidade, como casada: de Pureza, como Anjo; & tudo em grão de mayor eminencia, & enchente, como disse o Ecclesiastico. 5 E a si tambem dos gozos particulares que merecèra; de que os principaes erão os de que se compoem a reza de sua coroa sagrada: o da consideração da mercé que o *Eterno Pay* lhe fizera em a escolher para *Mãy* de seu Filho; o da Annunciação, o do Nascimento, o da Adoraçaõ dos Magos; o de quando achou o *Menino* no Templo, o da Resurreyçaõ, & o que tinha vendo-o no Ceo.

4 Coroada a collocou o *Senhor* vestida de ouro, como tinha dito David, 6 (q̃ quer dizer gloria 7) à sua mão direyta; ou em seu mesmo throno, como escrevem alguns Doutores; 8 ou em outro muyto chegado, 9 como o em que Salamaõ assentou sua mãy, 10 pois ella no mundo lhe deo o melhor lugar que era seu ventre sagrado, elle no Ceo lhe devia throno Real. 11

2 *Cant.* 4. 8. Veni de Libano spõsa mea, veni de Libano, veni, coronaberis.

3 *Glossa in Clement. Roman. Principis de Jurejur. in vers. Porro, verb. vestigijs.*

4 *D. Bernardin. Senens. tom.* 1. *serm.* 61. *c.* 3.

5 *Ecclesiast* 14. 16. Et in plenitudine sanctorum detentio mea. *Explicat S Bonaventura, opuscul. de Laud. Virg c.* 7. *Idiota de Laudib. Virg. Mar.*

6 *Psalm.* 44 *v.* 10. Astitit Regina à dextris tuis, in vestitu deaurato.

7 *P. Fr. Jos. de Jesu Mar. hist. da Virg. l* 5. *c.* 20. *n* 1.

8 *Ex D. Aug. serm. de Assumpt. ante med. Albert. Magn sup. Missus est, c.* 190. *Guerric. Abb. serm.* 1. *de Assumpt. post med.*

9 *P. Joseph d. l.* 5. *c.* 28. *n.* 3. *Benedict. Ferdinand. in* 2. *Gen. sect.* 10. *n.* 8. *Latè Carthag. de arc. Deip. l.* 14. *hom.* 14. *ex vers. Verum dicet. Vide in* 1 *p. c.* 1 *n.* 8.

10 3. *Reg.* 2. 19.

11 *D Bern. serm.* 1. *de Assumpt. post med.* Nec in terris locus dignior uteri virginalis templo, in quo Filium Dei Maria suscepit: nec in Cælis Regali solio, in quo Mariam hodie Mariæ Filius sublimavit.

5 Alli lhe foraõ render obediencia os estados do Reyno do Ceo, por suas precedencias. Da *Hierarchia primeyra*, o Serafim que tem o Principado dos mais, & por conseguinte de todos os Espiritos Celestes, em nome de todos lhe deo vassallagem. Depois todas as Ordens em particular. Os *Serafins*, assim chamados, porque se abrazão em amor Divino, como mais chegados a elle, 12 a reconhecéraõ por Serafim supremo na caridade, & Divino amor. Os *Cherubins*, que he o mesmo que enchente de Sciencia de Deos, por serem como canaes della, 13 a reconhecèraõ por aquella que mais profundamente penetrava a sabedoria do Altissimo. Os *Thronos*, que tem o nome de sustentarem o de Deos, 14 a reconhecérão por throno, em que o *Senhor* havia residido por modo mais glorioso, para julgar por justiça, & misericordia.

12 D. Isidor. l. 7. Etymol.
13 D. Gregor. hom. 3. in Evang. ante med.
14 D. Isidor. sup.

6 Da segunda Hierarchia, as *Dominaçoens*, cujo ministerio he presidir, & dominar aos Espiritos inferiores, 15 a reconhecéraõ Presidente, & dominante a todos os Espiritos do Ceo, & se professárão ministros seus. As *Virtudes*, cujo officio he fazer prodigios, & milagres, 16 a reconhecéraõ por mar de obras prodigiosas, & milagrosas, a cuja vista era pequena sombra tudo o que podiaõ obrar. As *Potestades*, que reprimem o poder dos Demonios, 17 a reconhecèraõ mais poderosa contra elles.

15 Idem Isidor. ibi.
16 D. Bernard. l. 6. de Consider.
17 Isidor. supr.

7 Da terceyra Hierarchia, os *Principados*, que amparaõ os Principes, & presidem nos Reynos, 18 a reconhecéraõ mais soberano amparo dos Principes, & Reynos da terra, & Presidente do Ceo. Os *Archanjos*, guardas das Cidades, Provincias, & naçoens; 19 a reconhecéraõ por guarda universal de todos. Os *Anjos*, que guardão os homens particulares, 20 a reconhecérão Protectora de todo o genero humano.

18 P. Joseph sup. c. 24. n. 3. ad fin.
19 Gloss sup. Isai. 62. 6.
20 Psalm. 90. v. 11.

8 Depois das Hierarchias Angelicas chegáraõ os gloriosos estados da natureza humana. Os *Patriarcas* a reconhecéraõ Rainha, por gozo de suas esperanças; os *Prophetas*, por cumprimento de suas profecias; os *Apostolos*, que já estavaõ no Ceo, por Illuminadora da prègaçaõ Evangelica; 21 os *Martyres*, por Protomartyr, & exemplo da paciencia; 22 os *Confessores* por Mestra, que com as acçoens, & palavras os ensinàra a confessar a Deos; 23 as *Virgens* por Instituidora, & guia de sua profissaõ. 24

21 Sup. c. 61. n. 1. & 2.
22 Sup. d. c. 62. n 4. & vide c. 48.
23 Sup. d. c. 62. n. 5. & 6.
24 Sup. c. 63.

9 Acabado o acto da geral obediencia dos Estados, como na terra os Grandes no Reyno, & os mais validos do Rey, em particulares audiencias lhe vão beyjar a mão, & congratular do novo Principado; podemos considerar em especial, que Saõ Gabriel, intimo, & continuo servidor da *Virgem*, 25 lhe repetiria muytas vezes as palavras, de que sabia que ella mais gostava: *Ave, chea de graça, o Senhor he com-vosco.* 26 Adam, vendo a *Senhora* por companheyra na geraçaõ humana, pois elle foy pay da natureza, & ella máy da graça, & vendo-a huma

huma *Eva* ao revez, 27 usando, em sentido trocado, das palavras com que culpàra a primeyra, diria, a Deos louvando a segunda: *Esta mulher, que me dèstes por companheyra, me deo da arvore*, (da Cruz;) *& comi* 28 (a saude;) & logo abençoando, a que podia abençoallo, diria para a Virgem: *Bendita do Senhor sois ó filha, pois por vòs communicamos o fruto da vida.* 29. Eva (então unica mulher que folgou de ver outra mais fermosa, & com mais graça) se daria a si mesmo os parabens de tal descendente, repetindo as palavras com que se alegrára no nascimento de Seth: *Deo-me Deos outra geração, em lugar da quê me tinha morto Caim*, 30 entendido pelo peccado. Abraham, Isaac, & Jacob a congratularião, & a si mesmo, de que havendolhes Deos promettido geração como as estrellas, & descendentes Reys, 31 a vião mais alta que as estrellas, & Rainha universal da terra, & do Ceo. David em tanta felicidade repetiria: *Eis-aqui a herança do Senhor, a satisfação do Filho, ó fruto daquelle ventre.* 32 Santa Isabel lhe diria outra vez: *Bendita sois entre as mulheres, & bendito o fruto do vosso ventre.* 33 Os Santos Joachim, Anna, & Emerenciana, pays, & avò materna 34 da *Virgem* lhe dirião: *Ouvi, filha, & vede, & inclinay vosso ouvido* (a tantas congratulaçoens gloriosas:) *O summo Rey amou vossa fermosura.* 35 Todos os outros parentes, & familiares na terra a acclamarião como à gloriosa Judith vencedora do infernal Holofernes: *Vòs sois gloria de Jerusalem militante, & triunfante: sois a alegria de Israel, honra de nossa nação; que obrastes varonilmente, & vosso coração foy confortado, porque amastes a castidade; & não conhecestes varão, por isso a mão do Senhor vos confortou, & sois bendita para sempre.* 36 E a Rainha do Ceo responderia a todos: *Minha alma magnifica ao Senhor, & meu espirito se alegra em Deos meu Salvador; porque olhou para a humildade de sua escrava. Todas as geraçoens me chamarão bemaventurada, porque o todo Poderoso, & seu nome santo obrou em mim grandezas.* 37

10 Com o Santo Joseph seriaõ as congratulaçoens mais intimas. Ainda que o vinculo conjugal se tinha dissolvido com a morte, permaneceo para sempre sua representaçaõ honorifica, como a de Pay putativo de *Christo*; 38 & assim, sendo a esposa coroada; em algum modo participou o Esposo da dignidade Real. Dizem muytos Santos Doutores, 39 que no Ceo (aonde està tambem em corpo 40) se lhe deo lugar muyto chegado à *Virgem*, & perto do throno de *Christo*; porque assim como a dignidade de *Mãy*, por incommunicavel a outra creatura, tem assento superior a todas; posto que Angelicas: assim a dignidade de *Pay putativo* de *Christo*, naõ só na opiniaõ dos homens, mas tambem na determinaçaõ Divina, com amor, & cuydado paternal, & a de *Verdadeyro Esposo da Virgem*, por incommunicavel a outro Santo tem assento em lugar superior a todos, logo depois da *Senhora*. E se (conforme ao q̃ escreve S. Anto-

27 *Vide 1.p. na introducçaõ, & nesta 2.p.c 25.à n.3.*

28 *Genes.3.12.* Mulier quam dedisti mihi sociam, dedit mihi de ligno, & comedi.

29 Benedicta filia tu à Domino, quia per te fructum vitæ communicavimus.

30 *Genes.4.25.* Posuit mihi Deus semen aliud pro Abel, quem occidit Cain.

31 *Genes.15.& 17.& 26.*

32 *Psalm.126.v.4* Ecce hæreditas Domini, filij; merces, fructus ventris.

33 *Luc.1.42.* Benedicta tu inter mulieres, & benedictus fructus ventris tui.

34 *Vide supr.c 12.n.36.*

35 *Psalm.44.v.11.& 12.* Audi filia, & vide, inclina aurem tuam. Concupiscet Rex decorem tuum.

36 *Judith 15.10.*

37 *Luc.1.46.*

38 *P.Fr.Joseph sup.l.4.c.33.n.3.*

39 *S.Albert.Magn. sup. Missus est.c.190. S.Bernardin.Sen.tom.1.serm.61.de excel.Virg. Richel.l.4.de laud.Virg.art.12.*

40 *Vide sup.c.41.n.7.*

Antonino) 41 nenhum Santo em ſua ordem, & Jerarchia eſtá ſolitario,& a de Saõ Joſeph na communicação, ſó he ſemelhante, poſto que não igual, à da *Virgem*, ſó com a *Virgem* communica mais. Serão logo (a noſſo entender) as congratulaçoens mais continuas, recordando os trabalhos que precedèraõ a aquella gloria,& agradecendo a *Senhora* ao Santo a companhia, & ſerviço que lhe fez nelles.

41 S. Antonin. 4 p. ſum. tit. 15. c. 44 §. 6. in fin.

11 Aſſim ficou *Maria Triunfante* reynando ſobre tudo o creado: mais nobre que os Anjos pela dignidade: mais precioſa pela graça: mais illuſtre pela pureza; como a luz tanto he mais excellente na claridade, quanto ſe moſtra em mais clara materia. Todos a amaõ, & obedecem pelo beneficio que recebem de ſua viſta, & contemplaçaõ, logrando ſuas perfeyçoens, conhecendo-a por *Mãy do Redemptor*, *& cooperadora do bem univerſal*; gloriando-ſe daquelle ornamento da Corte Celeſte, honrando-ſe de que ſeja creatura, & louvando a Deos que tal a creou, & aſſim diſſe o Mellifluo Bernardo: *Com razaõ, Senhora, ſe convertem a ti os olhos de todas as creaturas, porque em ti, & por ti, & de ti a benigna maõ do Omnipotente creou tudo o que havia creado.* 24

42 *D. Bernard. ſerm. 2. de Pentecoſt ad med.* Meritò in te reſpiciunt oculi totius creaturæ, quia in te, & per te, & de te, benigna manus Omnipotentis quidquid creaverat recreâvit.

12 A feſta deſta Aſſumpção, & Coroação triunfante, diz o Padre Soares 43 que he muy propria da *Virgem*, & com excellencia entre todas ſuas feſtas, porque repreſenta ſua gloria, premio, & triunfo;& he de tanta dignidade, que ainda que ſeja de direyto poſitivo; ſe funda proximamente, ou quaſi neceſſariamente ſe deduz do Divino. Entende-ſe que foy inſtituida pelos Apoſtolos; pelo menos he certo ſer antiquiſſima na primitiva Igreja, como conſta de homilias dos Santos Padres, principalmente Gregos. 44 O Papa Saõ Damaſo Portuguez, da illuſtre Villa de Guimaraens, 45 com aquelle celeſtial acordo com que ordenou tantas couſas ſantas na Igreja, como foy à tranſlaçaõ da Biblia por Saõ Jeronymo, & a repartiçaõ dos Pſalmos pelo meſmo Santo, para ſe rezarem nos dias da ſemana, & horas do dia, & que no fim delles ſe diſſeſſe, *Gloria Patri, &c.* & ſe cantaſſem alternativamente a còros em toda a Igreja, como já ſe fazia em algumas, por revelaçaõ que Santo Ignacio tivera de que aſſim cantavaõ os Anjos, & com que ordenou que no principio da Miſſa ſe diſſeſſe a Confiſſaõ, & depois do Evangelho o *Credo*, aos Domingos, & alguns dias de feſta; 46 com o meſmo acordo mandou que de preceyto ſe celebraſſe eſta feſta ſantiſſima ao dia decimo-quinto de Agoſto, 47 em que a *Senhora* paſſou deſta vida; 48 eſta antiguidade lhe dà Jacobo Palmerio; 49 & porque na obſervancia havia menos cuydado, a applicou depois o Emperador Mauricio, como eſcreve Nicephoro, & declara Baronio. 50

43 *P. Suar. l. 2. de feſt. c. 8.*

44 *Refert P. Anton. de Balinghem in Ephemer ſive Kalendar. Virgin. die 15. Aug. in princ.*

45 *Vaſcus 1. Chron. Morales l. 10. c. 40. Marieta l. 5. c. 1. Genebrard l. 3. Chron. Onufrius, Chron. Eccleſ. Pontif. Breviar. Brachar. & Ebor. in feſt. S. Damaſi. Vaſconcel. in deſcript. Luſitan. Britto, Monarch. Luſit p. 2 l. 5. c. 27. Refert, licet ſub dubio, Dexter in Chron. an. Chr. 366. Item Illeſc. hiſt. Pontif. p. 1. l. 2. c. 6 in princ. Diximus latè in excellent. Portug. c. 9. excel 10. n. 6. & ſupr. p. 1. c. 25. n. 19.*

46 *Illeſcas ſupr. Vilhegas no Flos Sanct. vida de S. Damaſo, & na de S. Gregor. Magn.*

47 *Genebrard. in Kalendar. Gaſpar Eſtaço nas antiguid. de Portug. c. 14. allegando outros Autores.*

48 *Supr. c. 67. n. 13.*

49 *Palmer. in anot ad Cyprian. ep 34 ſchol. 13. in fin.*

50 *Nicephor. hiſt. Eccleſ. 17. c. 28. Baron in not. Martyrol. Rom. die 15 Auguſti.*

DOMI-

DOMINIO
SOBRE A FORTUNA,
E
TRIBUNAL
DA RAZAM,
EM QUE SE EXAMINAM AS Felicidades, & se beatifica a vida.

ESCRIVIA

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO, &c.

CAPITULO I.

Como os Antigos chamavaõ, pintavaõ, & veneravaõ a Fortuna.

1 HUMA Magestade mysteriosa, mais conhecida pelo nome, que pelo nascimento, foy em todos os seculos respeytada com os mayores applausos, como espirito das acçoens humanas, Mãy dos successos, Dispenseyra das cousas, Arbitra do Universo, Vestigio da Omnipotencia.

2 Os Antigos a chamàraõ *Fortuna*, ou de *fortuita*, como vinda acaso: 1 ou *fero*, como temerariamente levada: ou havendo-se chamado *Vortuna*, de *verto*, pela facilidade da pronunciação, 2 como succedeo em muytas dicçoens.

3 Era nome commum da Prospera, & da Adversa; por isso

1 *Div. August. de Civit. Dei l.* 4. c. 18. *ad fin.*

2 *Polyanth. verb. Fortuna, in princ.*

isso à Prospera ajuntavaõ o epitheto de *fors*, ou de *fortis*; 3 como se para ser prospera, fosse necessario esforçarse, porque só as infelicidades vem levemente. 4 Muytas vezes só a palavra *Fors*, tomada em substantivo, sem se lhe ajuntar *Fortuna*, significava a feliz. 5 Mas vulgarmente, quando dizemos *Fortuna*, entendemos a prospera; & assim na lingua Latina pomos *fortunar*, por felicitar: aos felices chamamos *fortunados*: & à desgraça *infortunio*. 6

4 Bubalo, ou Bupalo, pintor insigne (aquelle que se enforcou rayvoso de se ver satyrizado pelo Poeta Hypponas, em vingança de o haver pintado ridiculo 7) foy o primeyro que pintou sua imagem com hum globo na cabeça, como que seu juizo governava o mundo: & na mão a cornucopia de Amalthéa pela abundancia que repartia. Depois a representárão huns com o mesmo vaso em huma mão, & na outra dous lemes com que regia para o bem, & para o mal. Outros, como mulher furiosa, & sem olhos, sobre hum penedo rotundo, pelo furor, & cegueyra com que inconstante, & com dureza roda. Muytos a esculpiraõ sem pès, só com mãos, & azas; porque tal vez não caminha, mas voa com males, ou com bens. Alguns a figurárão de vidro, por quebradissa. Tambem lhe deraõ fórma viril com barbas, mostrando-a digna de respeyto. 8 Entre todos seus simulacros se teve pelo de mayor engenho hum que esteve junto do Orontes, rio que divide Syria de Antiochia, feyto pelo famoso Estatuario Euticlides natural de Sicyon, Cidade no Peloponeso; & o mais celebre em muytos seculos esteve em Athenas no lugar chamado Prytanéo, em que se ajuntavão os Magistrados. 9

5 Foy costume porse sua imagem de ouro em qualquer destas maneyras, como cousa sagrada, nas cameras dos Emperadores, passando-se por morte de hum ao que lhe succedia; 10 para que a lembrança de sua variedade o persuadisse a usar bem da fortuna em que se achava.

6 Só Epicuro 11 lhe negou divindade, dizendo que os Deoses não obravão instavel, & temerariamente. Mas de quasi todos era venerada por Deosa, & com mayor culto pelos Syrios; não só a prospera, mas tambem 12 a adversa; porque os antigos tambem veneravão as cousas nocivas, para que lhes naõ fizessem mal. 13 Imaginavão, que ella repartia os successos, que influhia, como a Lua, em todas as cousas; por isso Macrobio a fez pintar na fórma de Lua; & Pindaro lhe chamou a mayor das Parcas por sua grande força. 14 O famoso Atheniense Pericles, estando para morrer, & ouvindo, que os circunstantes sentindo sua falta, louvavão seus grandes feytos, lhes disse, que elle naõ merecia louvor, porque tudo havia sido obra da Fortuna; 15 confissaõ naquella hora digna de humildade Christãa, se em

lugar

3 *Terent. in Phorm.*
4 *Valer. Max l. 7. c. 1. in princip.* Eam adversas res cupido animo infligere, secundas parco tribuere.
5 *Teren. in Hecyr.*
6 *Calepin. verbo Fortuna.*
7 *Horat. in Epod.*
8 *Hæc ex D. Aug. d. l. 4. c. 11. ad med. Alex. ab Alex genial. dier. l. 1. c. 13. Hered in tribun. polit. cap. 7. ad med. vers. Thebanus.*
9 *Conrad. Gesner. in onomastic. propr. nom. verb Prytaneum.*
10 *Alex. ab Alex. supra.*
11 *Epicur. apud Laert. de vit. philosophor. l. 10.*
12 *D. August. cap. 18. Alex. ab Alex d. c. 13. ad fin. Juvenal. satyr. 10.* Sed te Nos facimus Fortuna Deam, Cæloque locamus.
13 *Dissemos no trat. Eva, & Ave p. 2. c. 6. n. 5.*
14 *Heredia supra.*
15 *Plutarch. in Pericl. in fin.*

lugar de *Fortuna*, dissera, que havia sido obrado por Deos.

7 Gentilicamente observavão, que castigava os que lhe eraõ ingratos. E assim disserão que o Illustre Atheniense Timotheo, a quem por gloriosos feytos se levantou Estatua quando venceo os Lacedemonios, só se vira infelizmente vencido, & em desterro, depois que começou a jactarse de que tudo devia à sua industria, & valor, & nada à *Fortuna*. O que elle dizia por desmentir seus emulos, que o pintavão dormindo, & a *Fortuna* junto delle metendo-lhe em huma rede os bons successos. Ao que tambem respondia: *Se eu dormindo conquisto Cidades, que farey vigiando?* 16 Disseram tambem que ao Emperador Galba, que tirou hum colar de ouro à *Fortuna* Tusculana, & o poz na Venus do Capitolio, se representára em sonhos a mesma *Fortuna* queyxando-se, & ameaçando-o, que ella tambem lhe tiraria o que lhe tinha dado, como succedeo, morrendo elle brevemente. 17

16 *Suidas in Timoth. Alex. ab Alex. d. c. 13. post med. Textor in officin. tom. 2. tit. Fortunati.*

17 *Sueton. in Galb. c. 18.*

8 Por isto a huma, & outra *Fortuna* se dedicavaõ templos. Entre os Romanos seu quarto Rey Anco Marcio levantou o primeyro, figurando-a em sexo viril, fóra da Cidade junto do rio Tibre, no qual as mulheres, que havião de casar, cuberto todo o corpo, hião descobrindo cada membro, para se ver se tinhão deformidade, 18 & se evitarem enganos. Servio Tullio, Rey sexto, edificou outro, que largo tempo se conservou com titulo de *Fortuna parva*; póde ser que em memoria da pequena, & bayxa fortuna, de que, sendo filho de huma escrava, 19 subio à dignidade Real. E depois elle mesmo, & outros varoens grandes levantárão muytos com diversos cognomes por varias causas; como foy o que na Via Latina, quatro milhas de Roma, se fez à *Fortuna Muliebre* no lugar, em que a máy de Coriolano alcançou delle com lagrimas que naõ destruisse Roma, ao que, com o Exercito dos Bloscos, vinha determinado em vingança dos aggravos que recebèra do povo. 20 E o que o Consul Carvisio fabricou no Capitolio, em graças do Triunfo que se lhe concedeo vencendo os Veyos, & trazendo muyta quantidade de ouro: & outros que aponta curiosamente Alexander ab Alexandro. 21

18 *Alex. ab Alex. d. c. 13. post princ.*

19 *Tit. Liv. decad. 1. l. 1.*

20 *Liv. decad. 1.*

21 *Alex. ab Alex. d. c. 13.*

9 Alguns daquelles templos eraõ particularmente destinados para devotos de certo estado; como o templo da *Fortuna Equestre*, era dos Cavalleyros Romanos; 22 & tambem destinados para deprecaçoens certas; como o da *Fortuna barbada*, em que se pedia que dèsse barba aos moços já crescidos para os authorizar. 23 Hoje, que os velhos se rapão, se pediria o contrario.

22 *Tacit. annal. l. 3. prope fin.*

23 *D. Aug. d. l. 4. c. 11. ante med.*

10 Em muytos daquelles templos fallava o Demonio pelo Idolo, a que chamavão Oraculo. 24 O que mais vezes succedia no da *Fortuna Muliebre*, 25 que acima dissemos; & no de Preneste em que lançavão as sortes, de que diremos no capitulo seguinte.

24 *D. August. sup. c. 19.*

25 *Alex. ab Alex. d. c. 13. post princ.*

CAPITULO II.

Que couſa he Fortuna; *trata-ſe do* Acaſo, Sorte, & Fado.

1 TAl culto dava a gentilidade ao que ignorava; os meſmos que logravaõ a *Fortuna*, a naõ conheciaõ; os que mais inveſtigavaõ, achavaõ as ribeyras, mas naõ a fonte daquelle Nilo.

2 Marco Tullio 1 a equivocou com o *acaſo*; porém o *acaſo* he mais geral; porque, ainda que tudo o que procedia da *Fortuna* (entendida a ſeu modo) foſſe *acaſo*, com tudo nem todo o *acaſo* podia ſer procedido da *Fortuna*. Porque, em boa Filoſofia, 2 o *acaſo* vem do que ſe faz ſimplezmente por cauſa de algum extrinſeco: o ſucceſſo da *Fortuna* vem do que ſe obrou com propoſito; & aſſim o *acaſo* ſe dá nos irracionaes, & meninos ſem diſcriçaõ: a *Fortuna*, ſó nos que uſaõ de juizo. Fallo ethnicamente; que na verdade Chriſtãa todo o *acaſo* procede da diſpoſição divina: pareceo acaſo, cegar o velho Tobias do que do ninho das andorinhas lhe cahio nos olhos; & foy particular vontade de Deos, para dar exemplo de paciencia, como tinha dado Job; & para comprovar ſua virtude; aſſim o declara a Eſcritura Sagrada; & o Anjo lho diſſe depois. 3

1 *Tullius l.2. de divinat.*

2 *Ex Ariſtot.2.phyſic.*

3 *Tob.2.11.& 12.& c.12.13.*

3 Outros, como ſe moſtra do que eſcreveo Varraõ, 4 cuydárão que *Fortuna* he o meſmo que *ſorte*. Pelo que Numerio Fuſſio as fez ſolemnizar no templo de Preneſte Cidade de Italia, o qual Lucio Syla fez lagear de excellentes pedras, 5 & nelle era a *Fortuna* venerada em figura de duas irmãs, que repreſentavão as *ſortes*. 6 Mas enganàrão-ſe. Porque *ſorté* propriamente era 7 a que lançavão com caracteres, & ſuperſtiçoens, para que do que nellas ſahiſſe ſe vieſſe em conhecimento de alguma couſa occulta. Taes erão as que ſe celebravão em Preneſte. Chamavão-ſe *divinatorias*, & ſe tinhão por Oraculos, 8 porque algumas vezes reſpondião nellas os demonios. Eſtas nada tinhão de *Fortuna*, pois nem davão, nem tiravão: ſó (naquella reputação errada) moſtravão o que jà tinha ſido, ou havia de ſer.

4 *Varro de ling. Latin.*

5 *Plin.nat.hiſt.l.36.c.25.*

6 *Tull.ſupra.Statius ſylvar.l.1.* Et Prænestinæ poterant migrare ſorores. *Lucan.lib.2.* Vidit Fortuna colonos Prænestina ſuos.

7 *D.Thom.2.2.q.95.*

8 *Alex.ab Alex.genial.l.1.c.13. ad fin.*

4 Havia outras, como as que hoje lançamos por eſcritos, ou por favas em vaſos; as de jogo de dados, & modos ſemelhantes, porque ſahem deſignadas eleyçoens, ou os que hão de obrar em alguma occaſião; ou a quem ſe ha de dar, ou tirar alguma couſa. Uſavão-ſe nos exercitos para decidir as competencias dos Capitães ſobre os lugares na marcha, ou na peleja; forão celebres nos jogos Olympicos lançando-ſe em vaſos eſcritos com letras diverſas: & os dous Atletas que tiravão

ravão efcritos da mefma letra, combatiāo ambos. Por ellas fe finalavão de entre os Magiftrados, quem havia de julgar as caufas, por fe tirar efcrupulo aos litigantes, de que foffem alguns efcolhidos pela parte contraria; 9 por ifto Virgilio 10 chamou ao juizo *forte*; & tambem he forte bem duvidofa, porque a juftiça mais clara, eftá jugada a tombo de dados no juizo dos homens. Nas letras Sagradas as mandava Deos lançar para partilhas, & coufas que fe haviaõ de fazer. 11 O Direyto Civil manda ufar dellas em alguns cafos. 12 O Canonico as prohibe totalmente nas eleyçoens; 13 em outras materias as approva, & reprova variamente, por razoens largas para efte lugar; nos textos com fuas glofas, & em Santo Thomas fe póde ifto ver. 14 Daquelle coftume nafceo chamarfe *forte* ao quinhão, que coube a alguem em partilhas; & ao officio, ou eftado, que cada hum tem; 15 & à geração, & qualidade do fangue, 16 como que lhe coube por forte. As ordenadas por Deos nada tinhão de *Fortuna*; o Senhor as guiava. Das outras confeffou Marco Tullio 17 que eraõ temerarias; cafuaes, & fem razão; porèm Salamão diffe melhor, que fempre fahião temperadas pela Providencia Divina. 18 Mas fe quizeffemos attribuir o fucceffo a obra da *Fortuna*, já fe vè que elle naõ he *Fortuna*, mas effeyto della; taõ differentes, como o effeyto, da caufa; & affim ainda ficamos na mefma queftaõ, de que coufa feja *Fortuna*.

5 Alguns a confideràraõ *Fado*, quando lhe deraõ epitheto de *Fatal*. 19 Mas tem alguma differença. Porque (deyxadas opinioens de Ethnicos 20) *Fado* na doutrina das duas luzes da Igreja Santo Agoftinho, & Santo Thomàs, 21 he a difpofiçaõ, & Providencia Divina, que por fuas ordens antevè os fucceffos, confervando nos actos humanos o livre alvedrio, que contribue para elles. Tomoufe no latim o nome *fatum* ce fallado, ou dito por Deos, que prevendo tudo, fallou por huma vez, como diffe David, 22 o que por aquellas ordens havia de fucceder. E affim a fignificaçaõ de *Fado* fe accommoda melhor ao fucceffo; & porèm a *Fortuna*, he a caufa no fentido que himos feguindo.

6 Regeytados os fobreditos erros, & fallando na razaõ meramente natural, a *Fortuna* Catholica fe pòde definir: 23 que he *huma caufa accidental, & occulta dos acontecimentos fubitos, & inopinados; que poderiaõ fucceder de outra maneyra.* He *caufa*, porque aquelles acontecimentos naõ vem acafo, mas tem aquella caufa do que fe obrou com propofito, & fim. He *accidental*, porque aquelles acontecimentos tem outra caufa fubftancial, & fuperior, que he Deos. He *occulta*, porque à primeyra face naõ fe conhece. Elles faõ *fubitos, & inopinados*, porque naõ fe efperavaõ, naõ fendo conhecida effa caufa, de que haviaõ de proceder. Declara-fe em algum modo com efte exemplo. Hum fenhor mandou hum criado a hum lugar fobre

9 *Ex Alex ob Alex. fup. l. 4. c. 5. ad med. & l. 5. c. 2. ad fin. & c. 8. poft princ.*

10 *Virgil. Æneid. 6.* Nec verò hæ fine forte datæ, fine judice fedes.

11 *Levit. 16. 8. Numer. 26. 55. Jofue 17. & fequentib. Luc. 1. 19. Act. 1. 26. & alibi.*

12 *In l. Sed cùm ambo 14. ff. de judic. ubi gloff.*

13 *In c. ult. de Sortileg. ubi bona, glof. final.*

14 *In decreto Gratian. cauf. 26. D. Thom. fupra.*

15 *Calepin. verb. fors.*

16 *Ovid. Faftor 6.* Si genus afpicitur, Saturnum prima parentem Feci. Saturni fors ego prima fui.

17 *Tul. 2. de divinat.*

18 *Proverb. 16. 35.* Sortes mittuntur in finum, fed à Domino temperantur.

19 *Tul. in orat. pro P. Lent.*

20 *Apud Tul. in lib. de Fato, & 1. de divinat.*

21 *D. Auguft. de Civ. Dei l. 5. c. 1. 9. & 10. D. Thom. p. 1. q. 116. & l. 3. contra Gent. c. 93. Lypf. de conftant. l. 1. c. 17. & feqq.*

22 *Pfalm. 61. 12.* Semel locutus eft Deus. *Sic D. Aug. d. c. 9. Lypf. fup. c. 19. in princ.*

23 *Ex Ariftol. 2. phyficor. Marc. Tul. 2. de divinat. Lactant. de falf. fap. c. 29.*

sobre hum negocio; & mandou outro ao mesmo lugar sobre o mesmo, (sem que hum soubesse do outro) para que lá se ajuntassem. Encontrárão-se os criados no mesmo lugar; a respeyto delles he acaso, & o tem por *Fortuna*; porém a respeyto do Senhor foy cuydado, & feyto de proposito. Assim os successos dos homens a seu respeyto são da *Fortuna*, porque elles os não cuydàrão; mas na verdade forão ordenados por Deos para os fins occultos, que teve. Toda a definição (como disse o Jurisconsulto Javoleno 24) tem o perigo de não ser adequada; a sobredita parece toleravel, & comprehende as esperanças da prospera, & da adversa *Fortuna*.

24 *In l. Omnis definitio 202. ff de regul. jur.*

7 Hum moderno douto Escritor Medico 25 considerou duas especies de *Fortuna*; huma nascida com o homem, a que com incerteza assina as causas; outra acquirida pelo modo, com que cada hum se rege. Diz que esta se não pòde definir, porque pende, & se termina com differença conforme as acçoens; & que aquella he huma virtude natural, que merece felicidade; & hum habito de obrar felizmente, encaminhado ao fim da mesma felicidade; cujo movimento tem principio na Divina Providencia, que obra por causas segundas, com ordem ao livre arbitrio, & à perfeyção do universo. Esta doutrina, posto que em si contenha verdade, he com termos menos claros para os menos Filosofos. E em effeyto quasi deyxa huma só especie de *Fortuna*, que he a acquirida; pois vem a remeter tudo às obras (se bem para ellas requeyra bom natural, o qual se requer para todas as cousas.) E neste sentido, que pede obras, & diligencias de nossa parte, fallamos no tratado presente, como abayxo diremos. 26

25 *Gaspar Caldera de Heredia, in tribun. polit. c. 7. ad med. ver. His ergo.*

26 *Infra cap. 10.*

CAPITULO III.

Como, & porque os homens desejão naturalmente boa Fortuna.

1 TOdas as cousas naturalmente buscam fim certo por centro de sua perfeyção; 1 as insensiveis, sem que apprehendão, & as sensiveis irracionaes, apprehendendo, são levadas pela natureza instrumento de seu Author. O homem vay por livre arbitrio, faculdade de razão, & vontade, que o faz senhor de suas acçoens. He certo em Filosofia que todas as que procedem de alguma potencia, são causadas della conforme à razam de seu objecto. O objecto da vontade he o bem, & *felicidade* propria, que todos desejão; logo todas as acçoens humanas se encaminhão a este fim por intenção primeyra. 2 Quando o homem obra em seu dano, engana-se a vontade, abraçando-o, que então lhe parece que he bem, & he só apparente. Como não tem luz propria, que a en-

1 *Ex Arist. 2. physic. max. c. 2.*

2 *Explicat D. Thom. 1. 2. q. 1.*

a encaminhe aõ que deseja, a busca no entendimento, que lha deve ministrar, & como este só percebe por meyo dos sentidos, que a corrupçaõ do peccado lhe fez infieis, elle enganado a engana, & assim segue ella o mal, sendo sua tençaõ natural buscar o bem. 3

3 *Diximus latiùs in tract. Eva, & Ave p. 1. c. 32.*

2 Para alcançar o bem se deseja naturalmente boa *Fortuna*, como meyo para elle. Porque os Antigos cegos na religiaõ cuydavaõ, que a *Fortuna* era mãy do bem, & do mal, como assima dissemos. 4 Alguns tinhão a prospera pela mesma *felicidade*, entendendo que eraõ synonimos. Outros as diversificavão, como mãy, & filha, & todos levantavaõ tambem à *felicidade* altares, tomada, ou por huma, ou por outra maneyra. E posto que a verdade Catholica tem mostrado aquelle erro, como abayxo 5 veremos; ainda hoje com sentido Christão se equivoca *Felicidade* com *boa Fortuna*; & *Infelicidade* com *mà Fortuna*, & assim desejamos naturalmente *boa Fortuna* por nosso bem, & *Felicidade*.

4 *Supra c. 1. n. 6.*

5 *Infra c. 10. n. 3. & 4.*

3 Desejamos esta boa *Fortuna* como summo bem, porque este desejo em commum, he natural, que todos alcançamos; mas nem todos sabemos aonde a havemos de buscar, & achar, porque isto pede mais discurso. Assim fica frustrado nosso desejo. Os capitulos seguintes o diraõ.

CAPITULO IV.

Varias opinioens sobre o em que consiste a felicidade da Fortuna.

1 TOdos desejaõ o bem da *Felicidade*, como dissemos, mas poucos sabem, o em que ella consiste. 1 Porque a Natureza dispenseyra dos favores do Ceo, he taõ liberal nas graças, com que adorna suas producçoens, procurando agrado universal; que o homem affeyçoado à belleza de todas, suspende a eleyçaõ fluctuando na variedade attractiva de cada huma, que com natural artificio se aposta a vencer o coraçaõ humano, facil presa a quem o sabe lisongear.

1 *D. August. ser. 10. de Sanct.* Omnis homo gaudere desiderat; sed non omnes ibi quærunt gaudium, ubi oportet inquiri.

2 David 2 ostentou a *Felicidade* nos Imperios, & dignidades, altas quando chamou aos Principes, Deoses na terra. He summa perfeyçaõ ser apto para reger outros homens; como a servidaõ he a mayor miseria, o mando he a mayor *Felicidade*. Escusaõ-nos de outras provas as vozes da artelharia, que as clamaõ a nossos ouvidos, & o sangue com que as espadas as escrevem a nossos olhos. Julio Cesar repetia sempre aquelles versos, em que Euripides 3 disse: que se se havia de violar o direyto, fosse para alcançar Imperio; que o uso da justiça, & piedade só era para outras cousas.

2 *Psal. 81. 6.* Ego dixi, Dij estis.

3 *Sueton. in Jul. Cæsar. cap. 30.* Nam, si violandum est jus, Imperij gratia violandum est; alijs rebus pietatem colas.

3 Salamaõ parece que a poz na boa fama quando ensinou,

nou, que se procurasse, porque valia mais que todos os thesouros; 4 & he qualidade propria do bem 5 no ser diffusiva de si mesma. Quem a não estima, despreza as virtudes, 6 pois sem ella, resplandecem menos. 7 E assim por ella trabalhárão todos os homens, que se prezárao de grandes, chegando Nemrod a querer com a sua torre tocar o Ceo. 8 Julio Cesar, vendo em Cadis a imagem de Alexandre Magno, gemeo de ter obrado pouco na idade, em que Alexandre tinha conquistado o mundo, & alcançado o mayor nome. 9 Até a que infama, antepoz Herostrato à vida, queymando o famoso templo de Diana em Epheso, para se eternizar. 10

4 O Ecclesiastico 11 a considerou na saude amada sobre todas as cousas, porque he o meyo de viver. Pyrro famoso Rey dos Epirotas quando sacrificava, só pedia aos deoses saude. 12 He só a deprecaçaõ que em todas as cartas se faz a Deos para os amigos; a qual introduzida por Pythagoras, se approva geralmente ha tantos seculos.

5 Socrates 13 dizia, que naõ havia mais que hum bem, que era a sciencia, nem mais que hum mal, que era a insciencia. A sciencia he participada de Deos: he qualidade propria, naõ herdada: felicita a alma, que he a parte mais nobre: aventaja muyto huns homens a outros homens; pelo que Salamaõ 14 disse, que he a cousa mais preciosa, & que nenhuma das que se desejaõ, se lhe pòde comparar; & assim offerecendo-lhe Deos o que pedisse, pedio Sabedoria, & o Senhor approvou sua eleyçaõ. 15 Pelo contrario (dizia Ariston 16) nem ao doente aproveyta o leyto dourado: nem ao ignorante a felicidade exterior.

6 O Filosofo Simonides 17 constituhia a *Felicidade* nas riquezas: Cresso Rey dos Lydas cuydava, que pelas que possuhia, era o mais feliz dos mortaes. 18 Fiadoras de todos os bens as chamou Aristoteles. 19 O Ecclesiastes diz, que tudo lhes obedece; 20 & Horacio, que o que as ajuntar, será nobre, forte, justo, sabio, & Rey; 21 bom testemunho nos dà a experiencia.

7 Aristoteles 22 affirma, que o mayor bem de todos saõ as honras. Assemelhão a Deos, a quem só se devem; 23 & assim por alcançallas arriscão os homens tudo, ainda a alma, & chegão a commetter desatinos. Nabucodonosor na sua estatua, 24 & varios gentios se fizerão adorar como deoses. Saphon, ou Hannon Carthaginez, 25 & Asephas Rey de Lydia 26 ensinárão aves aos appellidarem deoses, para que os rusticos ouvindo-as no campo, fizessem o mesmo: & com invençaõ mais vistosa, Sapòr Rey dos Persas poz em hum lugar muyto alto hũa machina redonda de vidro sobre certo artificio, que representava o Sol, Lua, & Estrellas, sahindo debayxo de seus pès, com que se figurava Deos. 27 Outros de que abayxo 28 faremos mençaõ, intentàraõ o mesmo.

8 Epi-

4 *Prov.22.1 Ecclesiastic.41.15.*
5 *D Dionys de divin.nomin.c.4.*
6 *Tacit.annal.4* Contemptâ fama contemnuntur virtutes.
7 *D.Hieronym sup. illud Matt. 4. Abijt opinio ejus:* Opera salutis sine famâ boni odoris non satis lucent.
8 *Genes. 11. 4.* Celebremus nomen nostrum.
9 *Sueton.sup c.7.*
10 *Strabo lib.14.*
11 *Ecclesiastic.30.12.& 16.*
12 *Textor in Officin. pag. 1. tit. vota homin.*
13 *Socrat. apud Laert. de philosoph.lib.2.*
14 *Proverb.3.14.& 15.*
15 *3.Reg.3.*
16 *Refert Stob.serm.101.*
17 *Simonid.apud Erasm 6.aphs.*
18 *Refert Herodot.de Cræss.l 1.*
19 *Aristot.3 Ethic.cap.*
20 *Ecclesiast c.10.9.* Pecuniæ obediunt omnia.
21 *Horat.l.2.serm.Sat.10.*
22 *Aristot.1.Rhet.c.6.& 9.*
23 *D.Paul.1.ad Timoth 17.*
24 *Daniel.3.*
25 *Mariana hist. Hispan. l.1. cap.10.in fin.*
26 *Diogo de Funes hist. de aves lib.1.c 41.in fin.*
27 *Fonseca,do amor de Deos,pag.1.c.39.ante med.*
28 *Infra cap.7.*

8 Epicuro imaginava a felicidade nos deleytes licitos usados com prudencia, 29 porque sempre a vontade os appetece, & muytos homens atropellão por elles todas as conveniencias, ainda as da saude propria.

9 Horacio imitado do Poeta Castelhano, 30 a collocou em não ter pertençoens, ou negocios na Corte, & o que se experimenta, ajuda a esta opiniam; porque o que naõ he pertendente, não he dependente; naõ serve, naõ lisongea, não sofre, não pede, não finge, não se queyxa: vive quieto, honrado, izento, senhor de si, & igual aos que devera rogar. Por tal reconheceo Alexandre a Diogenes, que nada lhe quiz pedir; & aquelle grande Monarca respondeo, que *se naõ fora Alexandre, quizera ser Diogenes.* 31 Finalmente póde desprezar a Corte, & lograr a bemaventurança, que o curioso, & eloquente Dom Antonio de Guevara descreve fóra della. 32

10 O Excellente Emperador Antonino Pio disse, que morria alegre, porque deyxava filhos; 33 & comparandose ElRey Cambises com seu pay Cyro, respondeo ElRey Cresso, que não era comparavel, pois não tinha filho, que lhe succedesse. 34 Deos nosso Senhor acreditou isto por *Felicidade*, quando a seu mimoso Abraham prometteo pelo mayor favor dilatada descendencia; 35 & David deo particulares graças ao Senhor, quando lhe fez promessa de a ter. 36 O Ecclesiastico diz; 37 que o pay que deyxa filhos; quasi não morre, ficando vivo nelles, ao que as Leys Civis alludem no Direyto da Representaçaõ. 38 A natureza anhela a perpetuarse nelles. He desejo em todos os animaes; os féros se fazem mais féros para defenderem os filhos, que criaõ. As perdizes furtaõ os ovos de outras para os tirarem como seus; ainda que os perdigoens-sinhos depois de tirados, se ouvem a voz da máy verdadeyra, se vão a ella por instinto natural, deyxando a fingida. 39

11 Dom Rodrigo Bispo de Samòra, Escritor grave, disse, que ser valido de Principes era sobre toda a *Fortuna*; 40 & teve alguma razam, porque se o valido governa, & ata o Principe, como Seyano a Tiberio, 41 & como fazem muytos, he mais que o Principe; & se se contenta com os limites da amizade decente; como disse ElRey Theodorico de Cassiodoro, 42 (a quem imitaõ poucos) se faz igual do Principe, pois entre desiguaes não pòde haver verdadeyra amizade; 43 ou se faz o mesmo com elle. Alexandre Magno, quando Sysigambis mulher de Dario se desculpou de haver venerado a seu privado Hephestião, cuydando que era elle pelo não conhecer, lhe respondeo: *Naõ errafte (máy) porque esse tambem he Alexandre.* 44

12 As mulheres, favorecidas de Platão, 45 livraõ sua *Fortuna, bem, & felicidade* na fermosura; porque he o cabedal

que

29 *Epicur. in epist. ad Manic. apud Laert. sup. lib* 10.

30 *Horat.* Beatus ille qui procul negotijs. *Garcilasso eclog.* 1. Quan bienaventurado &c.

31 *Q. Curt. hist. Alex. l.* 1. *ad fin.* Se Diogenem esse vele, si Alexander non esset *Repetit. Laert. de vit. philos. l.* 6. *in Diogen.*

32 *Guevara no livro, Menosprecio de Corte.*

33 *Capitolin. in Antonin.*

34 *Dissemos no trat. Eva, & Ave, pag.* 1 *c.* 20. *n.* 7.

35 *Genes.* 15.

36 2. *Reg.* 7.

37 *Ecclesiastic.* 30.

38 *L.* 1. §. 1. *ff. de suis, & legit. hered* § *Cùm filius, &* §. *fin. inst. de hered. quæ ab intest. defer. cum concordantib.*

39 *D. Hieronym. in com.* 3. *super Hierem. tom.* 4. *c.* 17. *Herrera nas annot. & Plin. l.* 10 *c.* 33. *Diogo de Funes d. l.* 1. *c.* 33. *ad med.*

40 *Roderic. Episcop. de laudib. Curial.*

41 *Tacit. annal. lib.* 4. *in princ.* Tiberium varijs artibus devinxit.

42 *Apud eumd. Cassiod. l.* 1. *epist.* 4. *post princ.* Nullâ quippe; ut plerumque moris est, elatus fortunâ, &c.

43 *Prova Fr. Joaõ de Santa Maria na Rep. polit. Christ. cap.* 31. *in princ. Arist. Ethic.* 1. *c.* 13. *in princ.*

44 *Q. Curt. hist. Alex. l.* 3. *ad fin.* Non errasti mater, nam & hic Alexander est.

45 *Plato* 1. & 2. *de leg. &* 2. *de Rep. & in Gorgiam.*

que as faz mais poderosas ; nada resiste à belleza , cantou o Portuguez , 46 he privilegio da natureza , carta de recommendação ; Demosthenes lhe chamou Dignidade divina em corpo humano , 47 porque sua vista nunca enfastia , sempre se deseja mais. 48 Em outra obra temos dito largamente disto ; para o intento desta basta dizer que ellas , a respeyto da fermosura , nada estimão todos os bens que ficaõ apontados ; nem o Imperio de Augusto ; nem a fama de Alexandre; nem a saude de Matusalem ; nem a sciencia de Aristoteles; nem as riquezas de Cresso; nem as honras de Cataõ; nem os regalos de Salamaõ ; nem a fecundidade de Eva ; nem a isenção de Diogenes ; nem a privança de Joseph. O que só desejaõ , invejaõ , & adoraõ , he a fermosura , de que he celebrada Helena. E quando a natureza falta com ella ; acode a arte a procurar suprilla com invençoens , que nem o juizo de Archimedes soubera imaginar.

46 Camoens Lusiad.cant. 3. est. ult.

47 Demosthen.in orat.amator.

48 No trat.Eva, & Eva p. 1. c. 15.n.3.

13 Nestes bens considerão os humanos a boa *Fortuna*, & *Felicidade*, a que naturalmente se aspira ; mas os Capitulos seguintes mostràraõ, que nenhum delles o he.

CAPITULO V.

Como saõ erradas as opinioens referidas no Capitulo precedente: sendo a primeyra razam (entre outras mais altas) caberem muytos males em todos os bens, que elles considerão.

MOstra-se ; porque àquelle bem , centro , & fim de perfeyção , aspira o homem naturalmente por principios interiores, como dissemos; 1 & porèm os apontados no Capitulo precedente procedem de causas interiores ; & assim não pòdem ser os que deseja nosso natural.

2 Mas deyxado estes , & outros fundamentos philosophicos , 2 ficarà isto mais intelligivel a todos , por razoens moraes. Para o que se deve suppor , que aquelle bem , (como o definio o judicioso Boecio 3) he , chegar a estado perfeyto , com uniaõ de todos os bens. Donde inferio o Doutor Angelico 4 não poder consistir nos que propuzemos , por quatro razoens , que expenderemos discorrendo por todos.

3 Primeyra. Porque o bem perfeyto não compadece comsigo algum mal ; & porém com todos os que se apontáraõ acima ha ordinariamente muytos males.

4 O Imperio , & alto poder he para obrar bem , ou mal; porém o bem perfeyto , ha de ser todo para bom fim. 5 Se atemoriza , teme : huma , & outra cousa mostraõ os soldados, que o guardaõ. Saturnino Augusto o confessou aos que o co-

1 Supr.c.3.

2 Apud D.Thom.1.2.q.2.

3 Boetius de consolat.lib.3.

4 D.Thom.sup.maximè art.4.

5 D.Thom.d.art.4.

roavaõ; 6 & Dionysio Tyranno de Sicilia o mostrou a Democles; que envejava aquelle estado. Fez que em huma sala ornada ricamente se assentasse em huma cadeyra de ouro a huma esplendida mesa: em bayxela de ouro, & prata lhe servissem com grande policia ministros escolhidos as melhores iguarias, entre suavissimos cheyros, & preciosos unguentos ao uso daquelle tempo. Quando Democles se achava mais contente, appareceo pendendo sobre sua cabeça huma aguda espada; a cuja vista perdeo a attençaõ de tudo o mais; occupado só em advertir se ella cahia, atè que pedio a Dionysio que o tirasse dalli; porque não queria bemaventurança taõ arriscada. 7 De todos se temem os Principes, se saõ tyrannos. Ao mesmo Dionysio fazião a barba só suas filhas, em quanto pequenas; depois de grandes, não se fiava de navalha, nem de tezouras, senão de que com hum tiçaõ lhe chamuscassem o cabello da cabeça, & com cascas de nozes accesas os da barba. 8 O mesmo se fazia a si proprio o mào Emperador Commodo. 9 Herodes atè dos innocentes, que nascião, se temeo; castigou, como já commettido, o crime que só receava de futuro. 10 Se o poder he justo, parece dominio, & he servidaõ: 11 parece poder, & he impossibilidade; porque (já dissemos em outra parte 12) só lhe he possivel o que he louvavel: pouco he decente a quem tudo he licito; 13 na mayor fortuna he a menor licença; 14 naõ só se ha de considerar a jurisdiçaõ, que os povos concedèraõ, mas tambem atè onde a permittiraõ. 15 Os limites do poder saõ differentes dos da razão: o poder naõ he fazer, o que se quer, mas o que se deve; & assim ElRey Antiocho mandava a seus povos, que naõ obedecessem a seus edictos, se não fossem arrazoados; poder injusto, fora melhor naõ o ter; 16 destrue-se a si mesmo como Roboam. 17 O mayor mal dos Principes, he terem poder, & naõ terem algum amigo, & raramente ouvirem verdade. Obrigando, pois, o Imperio, & alto poder a tantas cautelas, & equilibrios, bem se infere não ser felicidade o que he trabalho, & milicia perpetua com os estranhos, com os vassallos, & com os cuydados proprios. Por isto aquelle Antiocho Rey do Egypto, & de grande parte de Asia, quando o vencedor Scipião Africano, por condiçoens de paz, lhe tirou muytas Provincias, disse, que os Romanos lhe fazião graça, porque deyxandolhe pequeno Reyno, o livravão de grandes cuydados. 18 Giges riquissimo, & muyto poderoso Rey de Lydia, de quem se disse, que tinha em hum annel huma pedra preciosa, cuja vista lhe fazia succeder tudo como desejava. Consultou o Oraculo de Apollo Pythio, perguntandolhe, se havia no mundo homem mais feliz que elle. E o demonio (entaõ verdadeyro) respondeo, que mais feliz era Aglao Sophidio, que era hum velho, lavrador pobrissimo em Arcadia,

6 *Apud Valenzuel, de stat. ac belle vat. cõsider. p. 1. n.* 49. Nescitis, amici, nescitis quid mali sit imperari, gladij nostris impēdent cervicibus; imminent hastæ, timentur hostes, comites formidantur.

7 *Refert Cicer. l. 4. Tuscul.*

8 *Textor in officin. tom. 2. tit. Timidi.*

9 *Alex. ab Alex genial. l. 5. c. 18. prope med.*

10 *Matt. 1. 2. 16.*

11 *Senec. de clement. l. 1. c. 19.* Non Remp. suam esse, sed se Reip.

12 *Nutus mon. polit. p. 3. §. 8. n. 1.*

13 *Senec. Tragic. in Troad.* Minimum decet liberè, cui nimium licet.

14 *Sallust. in Catil.* In maximâ fortunâ minima licentia.

15 *Cicer. orat. pro Rabin.* Non solùm quantum sibi commissum, sed etiam quatenus permissum sit.

16 *Petrarch. de prosp. fortun. dial. 101. in princ.* Alij potentiæ fines sunt, decoris alij; non quod possis, sed quod decet, æstimandum est, ne, si quantum potes, velis, nil posse sit melius.

17 *3. Reg. 12.*

18 *Plutarch. in Scipion. prope fin.*

que nunca sahira de hum pequeno campo que tinha, & se contentava com os poucos frutos delle; 19 mostrando que era melhor a choupana segura, que o paço arriscado, & pobreza descançada, que riqueza cuydadosa; mais suave o governo de hum jugo de boys, que de luzidos exercitos; & mais facil guardar hum celleyro pequeno, que thesouros copiosos. Alguns deyxàraõ os Imperios, & Reynos, como referimos em outra obra, em que tratàmos esta materia largamente. 20 O Emperador Diocleciano, sendo rogado para que tornasse, achando-o os Embayxadores em huma sua horta concertando humas alfaces, respondeo: *Parecevos amigos, que quem prantou, & regou taes alfaces, que não fará melhor em as comer com quietaçaõ, que em reboliço? Já provey a que sabe o mandar; mais quero comer do trabalho de minhas mãos nesta aldea, que trazer às costas o Imperio de Roma.* 21 Com medo desta carga se matou hum chamado Quintiliano, porque o faziaõ Emperador. 22 Ao Pretor Genucio Cipo sahindo de Roma nascérão subitamente duas pontas na cabeça; disseraõ os Adevinhos, que significavão que seria Rey, se tornasse a entrar em Roma; & pelo não ser, não quiz tornar, condenando-se a perpetuo desterro da patria. 23 No poder que exercitão os ministros, & homens particulares de altos postos, tem isto menos duvida; porque mal administrado infama para com o mundo; & condena para com Deos. Bem administrado perde amigos, grangea inimigos, & se beneficiou a algum, desconsola, experimentando ingratidoens, & assim os mais sabios se retirão delle. Pericles, que muytos annos governou louvavelmente a Republica de Athenas, se retirou a huma herdade sua, em que viveo quinze annos; & em sima da porta da sua casa tinha escrito: *Achey o porto: esperança, & fortuna ficayvos embora.* Catão Censorino, o mayor homem de Roma, fez o mesmo retiro para huma aldea, que estava junto a Picenio, aónde agora he Puzol; & com carvaõ lhe escrevèraõ na porta estas palavras: *O' bemaventurado Catão! só tu sabes viver.* Platão muyto favorecido de Reys se retirou a outra aldea duas legoas de Athenas, que se chamava *Academia*; & porque viveo alli dezoyto annos lendo, escrevendo, & ensinando, tomàrão o mesmo nome os estudos, & escolas das sciencias. Scipiaõ, & outros grandes homens fizeraõ semelhantes retiros, entendendo todos que não era felicidade governar, nem ainda reynar. 24

5 A boa *Fama* póde ser falsa, ou verdadeyra. Por isto Thales, hum dos sete Sabios de Grecia, perguntandose-lhe, quanto distava a verdade da mentira, respondeo: *Quanto os olhos distaõ dos ouvidos.* 25 Se he falsa, deve envergonhar, porque antes infama; 26 & he final de ser falsa o ser muyto appetecida, porque a verdadeyra foge de quem a merece. 27 Se he verdadeyra; ou nasce de vitorias, & outras acçoens, em

19 *Plin. hist. l. 7. cap. 6.*
20 *No trat. Eva, & Ave pag. 1. cap. 41.*
21 *Vide D. Ant. de Guevara no trat. Menosprecio de Corte c. 17.*
22 *Mariana hist. Hispan. l. 4. c. 10.*
23 *Valer. Max. l. 6. c. 6.*
24 *Vide latè Guevara d. c. 17.*
25 *Erasm. Apophtheg. l. 8.*
26 *Boet de consolat. l. 3. prof. 6. circa princ.*
27 *Alanus de complanct. natur.*

em que houve ambição, & mortes, como a de Alexandre, & Cesar, que saõ grandes males, ou de virtudes, & então não consiste o bem nella; mas na causa; pelo que ella só per si nunca he o bem que se deseja; 28 & se, ou na falsa, ou na verdadeyra, se considerar alguma vangloria, sempre he bem de vaidade, & com a pensaõ de instavel, que obriga a cuydar muyto de a conservar; porque huma vez perdida se restitue com difficuldade. 29

6 *A saude* he bem corporal; commum aos brutos sem chegar à alma; que he o verdadeyro homem: & assim naõ póde ser o seu ultimado bem. Posto que no corpo que conserva, consista tambem o homem, não depende delle a alma, antes elle he dependente della; he como materia para a fórma, instrumento para a obra: nelle se trata do meyo, não se chega ao fim, & qualquer bem que se considere na saúde, compadece os males do temor da doença, de se poder empregar tam mal; que fora melhor não a ter; & de se descuydar de Deos. Por atalhar este aos Religiosos, edificava o grande Padre Saõ Bernardo aos seus Conventos em sitios pouco sadios, que occasionassem mais frequente recurso ao Ceo. 30 Finalmente a saude muytas vezes cahe em doenças; que escusaria quem se não fiasse della.

7 A sciencia (fallando meramente da humana) causa presumpção; 31 affecta curiosidades prejudiciaes; 32 faz mais culpaveis os erros; muytas vezes com imaginar o homem, que sabe tudo, se impossibilita para saber; 33 & he taõ larga, & profundamente inexhausta, que ninguem chega nella ao bem de cabal perfeyçaõ.

8 As grandes riquezas causaõ soberba; 34 & negligencia. 35 Pelo que o grande Filosofo Crates hindo estudar à Athenas largou as muytas que possuhia; 36 & refere hum texto de Direyto Civil, 37 que todos os verdadeyros Filosofos fizeraõ o mesmo. Hum Doutor grave 38 escreveo, que se acompanhão raramente de virtudes: (as terras em que se acha ouro, naõ produzem fruto.) O Ecclesiastico 39 affirma, que a muytos destruiraõ; Santo Agostinho 40 lhes chamou archeyros, & guardas dos vicios; pelo que as deyxaraõ os mais dos que professáraõ santidade. Atè guardallas, & administrallas, molesta; por isso Anacreonte Poeta havendo recebido de Policrates hum talento de ouro, lho restituhio depois, dizendo, que não queria dadiva, que o obrigava a naõ dormir. 41 Que cuydadoso estava aquelle rico do Evangelho! & dizia: *Que farey?* 42 que he a fraze porque se lastima hum pobre. Se se gastaõ, acabaõ-se; já o que era rico, fica na infelicidade de pobre: se se não gastão, saõ inuteis; para se despenderem com moderaçaõ he necessaria medida, em que poucos acertão; nem cavallo sem freyo, (dizia Pythagoras 43) nem riquezas sem prudencia se podem

28 *D.Thom.1.2.q 2.art.3.*

29 *Plutarc. in moral.* Famam tueri facile est, extinctam non facile est restituere.

30 *Vilhegas, Flos Sanct. vida de S.Bernardo.*

31 Scientia inflat. *D.Paul.1.ad Corint.8.1.*

32 Non plus sapere, quam oportet sapere, sed sapere ad sobrietatẽ. *D.Paul.ad Rom.12.3.*

33 *Senec.de tranquillitat.int.* Multi ad culmen scientiæ pervenissent, nisi se jam pervenisse putassent.

34 *D.Augustin.serm.14.* Difficile est, ut non sit superbus dives.

35 *Glos.sup.D.Paul.ad Thesal.l.5.super illud*, Rogamus autẽ vos.

36 *Refertur in cap.Gloria, vers. Crates, 12.q.2.*

37 *L. In honorib.1.§.pen.ff.de vocat.muner.*

38 *Garcia de nobilit.glos.48.§.3.n.2.* Divitiæ amplæ raró virtutis sunt comites.

39 *Ecclesiast.8.3.* Multos perdidit aurum, aut argentum.

40 *D.August de vera Relig.c.16.* Satellites voluptatum.

41 *Stob.serm.91.*

42 *Luc.12.17.* Cogitabat inter se, dicens: quid faciam?

43 *Apud Stob.serm.9.*

dem governar, & atè de ſua deſtribuiçaõ ſe ha de dar conta eſcrita no juizo final. 44 Ainda que ſe acerte, ſempre pelos cuydados, que daõ, lhe chamou Chriſto Senhor noſſo *Eſpinhas.* 45 Em outras obras expendemos largamente eſta materia. 46

44 *P. Lyſieux na philoſop. Chriſt.* p. 1. c. 40.
45 *Matt.* 13. 22.
46 *No trat. Perfect. Doct. qualit.* 7. *E no de Eva, & Ave p.* 1. c. 44.

9 As honras, & dignidades combatem a modeſtia, provocão inveja, excitão maldizentes: não merecidas duraõ pouco; merecidas cuſtão muyto: pendem do arbitrio de quem as dà, eſtão ſugeytas às mudanças do tempo; ſe ſe diminuem, he a mayor pena, como ſentio Sylla, quando ſe vio deyxado dos que antes o cortejavão, logo que deyxou a Dictadura, & o ſentimento o obrigou a dizer, que aquelle exemplo enſinaria a outros a que naõ fizeſſem a fineza que elle fizera, reduzindo-ſe a eſtado particular. ElRey Dom Fernando o Catholico teve o meſmo ſentimento, quando entregou o Reyno de Caſtella a ſeu genro Felippe o I. 47 Muytas vezes para ſe conſervarem, ou acquirirem aquellas honras, ſe corta pela conſciencia; finalmente obrigão a procedimentos muyto aventajados; para fugirem da murmuração; porque o reſplandor, que acompanha a peſſoa, os deſcobre mais, como em outra obra diſſemos; 48 & ainda que a Lua não deyxa de ſer clara por lhe ladrarem os caens, he grande trabalho viver ao vulgo, ſem baſtar à verdade.

47 *Illeſc. Hiſt. Pontific.* p. 2. l. 6. c. 35. §. 1.
48 *Na Harmon. polit. pag.* 2. §. 1. *num.* 2.

10 Os deleytes do corpo tambem ſaõ communs aos irracionaes, como diſſemos da ſaude; & aſſim não pòdem ſer ultimado bem do homem. Se ſaõ de qualidade que chegão à alma, he porque ella ſe deleyta em ter alcançado alguma conveniencia. Donde ſe vê, que a eſſencia do bem eſtá na conveniencia imaginada, & não no deleyte, que ſe lhe ſegue por accidente. Se eſſa conveniencia he ſó apparente, mas falſa, naõ he bem, antes ordinariamente he mal; ſe tem alguma couſa de bem, como ter alcançado riquezas, ou outros chamados bens, que acima nomeámos, himos moſtrando que nenhum he bem perfeyto. Não ſey (dizia o Grande Padre Saõ Joaõ Chryſoſtomo 49) como chamamos delicia, ao que o naõ he? Iſto procede nos deleytes licitos; 50 que dos illicitos baſta dizer que ſaõ ſereas que encantão; ou com Iſaìas que ſaõ parto de vibora, que mata a mãy, 51 pois quando ſahem a luz, rompem a alma, envergonhão a honra, afeaõ a peſſoa, cegão o juizo, deſtroem a fazenda, apreſſaõ a morte. 52

49 *D. Chryſ. hom.* 54. *ad pop. Antioc. prope fin. in tom.* 5.
50 *Vide D. Thom.* 1. 2. *q.* 2. *art.* 6. & o que diſſemos *no trat. Eva, & Ave p.* 1. *c.* 37 *com os ſeguintes.*
51 *Iſai.* 59. 5 Ova aſpidum ruperunt.
52 *Vide P. Fonſec. do Amor de Deos p.* 1. *c.* 44. & o que diſſemos *no trat. Eva, & Ave p.* 1. *c.* 43.

11 Não ter pertençoens, ou negocios outros na Corte, ſabe a ruſtico, ou a ſoberbo; arriſca-ſe a vangloria, tem os perigos da iſençaõ demaſiada; muytas vezes he nocivo aos filhos; muytas caſas illuſtres ſe perdèraõ por affectarem eſte deſcanſo.

53 *Eccleſiaſt.* 2. 18. *&* 19. *Virgil.* 1. *Æneid.* Omnis in Aſcanio chari ſtat cura parentis.

12 Os filhos ſaõ goſto anciado; 53 morre-ſe por elles, ſe ſaõ bons, 54 & mataõ, ſe ſahem màos; 55 he querer a outrem mais que a ſi: Amor mal correſpondido: negocio

54 *Geneſ.* 22. *&* 24.
55 *Proverb.* 1. 1. *& c.* 17. *&* 25. *Eccleſiaſtic.* 23. 3.

que nunca se acaba, nem delle se colhe fruto em vida; & muytas vezes resultão delles grandes desgostos, como diremos abayxo.

13 Privar com Principes, he tão perigoso, como ser odiado delles: He andar em maroma; estar mais perto do rayo, 56 & muytas vezes morrer delle como Joab, Amam, Parmenio, Clito Seiano; 57 & tantos outros, que experimentàrão a certeza do conselho do Psalmista: *Naõ vos confieis em Principes*; 58 que em fim (disse Santo Ambrosio) saõ leoens mansos, que tal vez se enfurecem, & matão a quem os trata. 59 Não he menor o perigo a respeyto dos subditos: he o privado, alvo da inveja, terreyro do aborrecimento, morgado da murmuraçaõ, archivo de cuydados: & por nenhuma via pòde atalhar estes males. Em outra parte dissemos isto largamente. 60

14 A fermosura, que as mulheres querem para ser vista, no mesmo para que a querem, he mal lograda, porque quanto mais se mostra, se faz menos estimavel, poeticamente o cantámos em outros annos. 61 Occasiona tantas suspeytas, que Posthuma Virgem Vestal em Roma, só por se prezar della (como diz Livio 62) foy accusada de incesto, & esteve perto de ser condenada à morte, estando innocente. Judith, com ser santa, teve por necessario affirmar com juramento, que na heroica acção, com que livrou sua patria, naõ offendèra a castidade. 63 Causa soberba nas mulheres, & tantos danos nos homens, como as letras sagradas referem 64 de se casarem os descendentes do virtuoso Seth, com as descendentes do vicioso Caim pelas verem fermosas; 65 & as historias profanas na guerra Troyana por Helena, & em outras calamidades notorias. 66 Nenhum bem verdadeyro cega o entendimento, nem estorva a alma de voar ao Divino, a fermosura he vèo a nossos olhos, laço a nossos pès, liga às azas de nossos pensamentos; logo não he bem verdadeyro; quando muyto serà indifferente, segundo se usar delle; por isso Deos o dà muytas vezes aos màos, porque naõ pareça grande bem aos bons. 67 Qualquer bem que na fermosura haja, não he proprio da pessoa em quem elle está, mas alheyo: 68 pois a naõ goza quem a tem, mas quem a vè; & como a felicidade consta mais em gozar do bem, que nesse bem gozado; & ninguem possa gozar de sua propria fermosura, (que por isso dizem os Poetas que morreo Narciso 69) segue-se que não está o bem na fermosura, mas em quem goza della. A vangloria das mulheres em serem depositarias desse bem, lhes he muyto custosa; porque, se he flor apparente à vista, he flor verdadeyra na pouca duraçaõ. 69 Desejaõ ellas possuilla muytos annos, & nesses mesmos annos, que desejão, está a sua perdição; ainda antes desses annos se murcha com qualquer doença; & só o receyo de se perder

56 Proximus Jovi, proximior fulgori. Ex Diogene. Vide Solorzanum emblem. 57.

57 3. Reg. 2. 6. Esther 7. Curt. hist. Alex. l. 8. Tacit. annal. 52.

58 Psalm. 145. 5.

59 D. Ambros. in Psalm. 104.

60 No trat. Eva, & Ave part. 1. el. 40.

61 No poem. Ulyssipo, cant. 11. Oct. 17.
Na rosa meya aberta, & que ainda em parte
O botaõ verde escóde, amor ensina
(Se advertes bem) que a timida donzella
Quanto se mostra menos he mais bella.

62 Liv. decad. 1. l. 4.

63 Judith 13. 20.

64 Ovid. 1. Fast.
Faustus inest pulchris, sequiturque superbia formam.
Petrarch. de prosp. fort. Dial. 41.

65 Genes. 6. 2. Videntes, quod essent pulchræ.

66 Dictis Cretensis de bello Troian.
Tarcanota p. 1. l. 3.

67 Ita Div. August. de Civit. Dei lib. 15. c. 28. ad princ.

68 Ita Bion. apud Laert. de vit. philosoph. l. 4.

69 Ovid. Metam. lib. 4.

70 Ovid. 1. de art. amand.
Forma bonum fragile est, quantumque accedit ad annos.

he taõ penoso; que huma chamada Europa rogava aos Deoses, que a comessem lobos, antes de se ver fea. 71 Com quantas invençoens se atormentaõ para a conservarem! & nenhũa aproveyta; he vidro crystallino, mais trabalhoso em se guardar, que gostoso em se possuir; & em fim se quebra, quando o espelho, que as lisongeava, lhes falla verdade, entaõ lhe chamaõ mentiroso, & se chegão a desenganarse, sentem dizerse-lhes, que forão fermosas, 72 sendo o que mais estimavão. Que faria, & diria Helena, quando se vio velha? Humas vezes riria do desatino, com que por ella se commettèrão tantos excessos: outras choraria ver q̃ em seu rosto, idolo de tantos olhos, executàra o tempo tão cruel sentença. Para os curiosos, & curiosas referirey o que de suas feyçoens escreveo a fama, & Daris Phrygio; 73 testemunha de vista em hum livro, que fez da guerra Troyana, & os Authores 74 o allegaõ conservado daquelle atè este seculo. Era alva do rosto: testa moderadamente espaciosa: olhos amorosos: (não declaraõ a cor:) sobrancelhas arqueadas: nariz afilado: boca pequena, & graciosa: garganta bem tirada: alta de peytos: os pulsos, & as mãos torneadas, & estas compridas: largo o cabello: corpo bem proporcionado: & toda com tanta graça, que parecia ramalhete da natureza. Diz Daris, que entre as sobrancelhas tinha hum sinal, que (naõ sendo aquelle lugar proprio para elle) realçava tudo de modo, que, como pedra preciosa, dava lustre a taõ rico engaste. Finalmente por aquelle milagre de belleza (assim lhe chamavão todos) davão Gregos, & Troyanos por bem perdidas as vidas, a troco de terem em suas terras aquelle thesouro. Metteo em guerra, não sómente os homens, mas tambem disseraõ os Antigos, que seus Deoses na guerra Troyana pelejárão 75 com mayor fervor, que contra os Gigantes, que os querião lançar do Ceo; 76 porque sobre a causa de Helena pelejárão huns Deoses contra outros; & contra os Gigantes pelejáraõ todos os Deoses em união. Mas em fim toda aquella fabrica de perfeyçoens veyo a ficar como edificio antigo sumptuoso, de que não apparecem mais que as ruinas, & ella vendo-se em tal estado, dizem alguns, que se enforcou.

15 Se he verdade, como he, pois o disse Christo Senhor nosso, 77 que o fruto he conforme a arvore, não pòdem deyxar de ser muyto màs arvores as de que nos nascem tantos males, & assim não pòde consistir nellas Felicidade, ou *boa Fortuna*.

71 *Refert Horat. ode 27. l. 3.*

72 *Ovid. trist. l. 3. eleg. 7.* Cùmque aliquis dicet: Fuit hæc formosa, dolebis; & speculum mendax esse querere tuum.

73 *Daris Phrygius, in l. de bello Troian.*

74 *Apud Britto, Monarch. Lusitan. p. 1. l. 1. tit. 19. ad fin.*

75 *Homer. in Iliad. Virgil. Æneid.*

76 *Veja-se no trat. Eva, & Ave, part. 2. c. 3.*

77 *Matt. 17. 18.*

CAP.

CAPITULO VI.

Segunda razaõ do erro das opinioens referidas no Capitulo quarto, que com nenhum dos bens, que ellas apontaõ, concorre uniaõ de todos, antes falta de muytos.

1 EM nenhum dos bens propostos no Capitulo quarto concorre união de todos, antes falta de muytos; logo em nenhum delles consiste a *Felicidade*, que buscamos; pois (segundo a definição de Boecio, que acima repetimos 1) aquelle estado deve ser perfeytamente feliz. Deve ser (disse Philo) como a maquina do mundo, que não consta só de hum, ou de dous elementos, mas do congresso de todos quatro, em união temperada; 2 havendo huns bens, & faltando outros, a falta destes encontra a *Felicidade* perfeyta.

2 A experiencia mostra, que ninguem alcançou uniaõ de todos os bens; se a posse de hum alegra, a falta de outros molesta. O que se tem por melhor afortunado, examine, se teve dia sem pensaõ: disse bem o tragico Seneca, 3 que o não achara; & o Filosofo, que não ha, nem houve casa em todo o mundo sem pranto. 4 Homens ha, que fogem de alguns trabalhos, (diz São Bernardo) mas cahem em outros mayores; 5 por isso Job chamou à vida milicia; 6 andamos em continua guerra com huns, ou com outros inimigos; & naõ ha quem tenha a *Fortuna* de se livrar de todos para viver quieto.

3 Augusto Cesar dominou em paz aquelle grande Imperio Romano, que Virgilio cantou que se terminava com o Oceano. 7 E Ovidio, que Jupiter olhando do Ceo para o mundo não tinha que ver outra cousa senão a elle. 8 Mas não lhe bastou para o fazer feliz; porque padeceo os infortunios, de que Plinio a este proprosito faz narração, tantos em numero, que fora muyto largo referillos aqui. 9 Além daquelles tinha a dor que mais sentia dos tres Canceres (como elle lhes chamava) que rohião as entranhas, das duas Julias, filha, & neta, por extremo deshonestas; & do neto Agrippa de condição féra, & pessimo juizo. Chegou a naõ se atrever a apparecer em publico, envergonhado dos excessos das Julias, sem bastar desterrallas, & prendellas com aperto. 10 Tiberio, seu successor no mesmo Imperio, confessou que o atormentavão cuydados, com que se sentia cada dia morrer. 11

4 Pompeo logrou a mayor fama por sua agradavel presença,

1 *Supr. c. 5. n. 2.*

2 *Philon. apud Polyant. verbo felicitas.*

3 *Senec. tragic. in Noad.* Nulla dies mœrere caret, sed nova fletus causam ministrat.

4 *Senec. de consolat ad Polyb.* Nulla domus in toto orbe terrarum, aut est, aut fuit sine comploratione.

5 *D. Bernard. de obed. pet sap. in princ.* Est qui declinat aliquos, sed incidit procul dubio in graviores.

6 *Job. 7. 1.* Militia est vita hominis super terram.

7 *Virgil. Æneid. 1.* Imperium Oceano, famam qui terminet astris.

8 *Ovid. fastor. l. 1.* Jupiter ex altò, cùm totum spectat in Orbem, Nil, nisi Romanum quod tueatur, habet.

9 *Plin. hist. l. 7. c. 45.*

10 *Sueton. in Octavian. cap. 65. Erasm. Apopht. l. 4.*

11 *Tiber. in orat. ad Senat.* Dij me, Deæque prius perdant, quàm perire quotidie sentio.

sença, natural generoso, excellentes costumes, extremado valor, & gloriosos succéssos militares; por mar, & por terra; alcançou prenome de *Magno*; foy Consul duas vezes; triunfou tres: húma de Africa, antes de ter a idade legitima: outra de Europa: terceyra de Asia; com que triunfou de todo o mundo então descuberto, o que a nenhum Romano havia succedido; tudo isto tendo pouco mais de trinta annos. Mas a gloria da fama o naõ escusou das penas, com que no mesmo tempo sofreo opposiçoens de emulos, accusaçoens em juizo, dissençoens intestinas, que trouxeraõ sua vida em continuo combate. Na morte que teve desterrado em Egypto assassinado; 12 & nas que depois tiveraõ seus dous filhos Cneo, & Sexto Pompeos, se vio melhor (como por riso da *Fortuna*) quam falsa havia sido sua felicidade; porque elle foy sepultado em Africa: o filho Cneo em Europa: Sexto em Asia: & ainda que Marcial em hum elegante Epigramma disse, que aquella ruina enchéra todo o mundo, (por grande não cabia em menor lugar) 13 tambem parece ostentaçaõ da instabilidade, que todas as tres partes do mundo, que o havião affamado com triunfos, sepultassem a toda sua casa.

12 *Plutarch. in Pompei.*

13 *Martial. l. 5. epigram. 21.* Pompeius juvenes Asia, atque Europa, sed ipsum Terra tegit Lybies, si tamen ulla tegit. Quid mirum, toto si pargitur orbe? jacere. Uno non potuit tantà ruina locò.

5 Marco Bruto com perfeyta saude em trinta annos de idade, se teve por taõ infeliz vendo-se vencido nos campos Philippicos pelos Cesarianos, que se matou; 14 & outros, muyto mais que brutos, tendo saude se matàraõ, por infortunios que sentiraõ. 15

14 *Plutarch. Valer. Max. l. 1. c. 5. de ominib.*

15 *Textor in Officin. tom. 1. tit. 1 qui mortem sibi, &c.*

6 Platão por sua sciencia foy chamado *Divino*; alguns Antigos o quizerão adorar por hum de seus Deoses; outros mais modestos disseraõ, que era Semideos. Mas toda a *Felicidade* da sua sciencia o não livrou das desgraças de ser preso por piratas, vencido como escravo, perseguido por Dionysio Tyranno de Sicilia, condenado por vezes à morte, que sem duvida padecèra na Ilha Egina, por ser achado nella, sendo Atheniense, contra a ley que lhe dava pena capital, se naõ lhe valèra allegarse em sua defesa, que a ley só a homens prohibia a entrada, & não a Filosofos, que eraõ mais que homens. 16 Hoje se devera escusar por menos que homem, porque só os nescios saõ tidos por Semedioses.

16 *Vita Platon. ante opera ejus, in princ. tit. Militia, & Navigatio. Laert. de vit. philos. l. 3.*

7 Cresso Rey de Lydia, o mais rico de quantos atè hoje celebra a fama, estava livre dos males da pobreza; mas Solon o admoestava, que se não tivesse por feliz até morrer. Foy vencido por Cyro, & condenado a ser queymado vivo, metido na fogueyra clamava, *Solon, Solon*, lembrando-se do que Solon lhe dissera, & elle entaõ desprezàra. Perguntou Cyro, que Deos era aquelle, que Cresso chamava: & dizendo-lhe o que era, reparou na incerteza da *Fortuna*, que lograva: mandou, que tirassem a Cresso da fogueyra, & depois lhe fez bom tratamento. 17

17 *Plutarch. in vit. Solon. Herodot. l. 1.*

8 Ca-

8 Cataõ alcançou em Roma tantas honras, & teve tanta authoridade, que nas cousas incriveis se dizia por proverbio: 18 *Isto naõ se pòde crer, ainda que o diga Cataõ.* E hum Orador, querendo mostrar em direyto, que huma sò testemunha não fazia prova, disse por hyperbole, *Ainda que fosse Cataõ.* Cicero 19 disse, que para com elle Catão valia por cem mil. Com tudo no mesmo tempo em que lograva aquellas honras, teve a inquietaçaõ, & pena de ser accusado em juizo cincoenta vezes por seus inimigos, de que se livrava com grande trabalho. Em huma das accusações, tendo já oytenta & seis annos de idade, se vio tão perturbado, que sendo por sua eloquencia chamado *Demosthenes Romano*, se escusou com aquelle dito, que Plutarcho 20 diz que ficou vulgar: *Ser muyto difficil a quem se vira em outro estado entre outra sorte de homens, responder como Reo diante de Juizes.* Lucio Metello foy Pontifice da gentilidade Romana; duas vezes Consul Dictador; teve a grande honra de ser hum dos quinze Varoens, que dividiâo os campos; foy o primeyro que triunfou com muytos elefantes; o mais perito na guerra, o melhor Orador; fortissimo mandador; acabou grandes emprezas; logrou muytas honras; teve summa sabedoria; foy reputado por insigne Senador; riquissimo por bons meyos; deyxou muytos filhos, foy Cidadão clarissimo; ninguem em Roma (diz Plinio) desde sua fundação teve taes qualidades. Mas teve a desgraça de perder a vista hindo a livrar o Palladio do incendio do Templo de Vesta, & cego viveo annos, sendo levado ao Senado em coche por particular privilegio. 21 Esta cegueyra lhe augou todos os gostos de suas felicidades.

18 *Plutarch. in Caton.*

19 *Cicer. epist. ad Attic.* 13 Cato noster, qui mihi unus est pro centum millibus.

20 *Plutarch. sup.*

21 *Plin. hist. l. 7. c. 43.*

9 Heliogabalo Emperador usava de todos os deleytes licitos, & illicitos, conhecidos, & exquisitos; & de quantos com muyto applicado estudo chegava a imaginar. Mas entre todas as delicias o atormentava continuamente o cuydado de ter por certo, que seus vassallos o haviaõ de matar; & prevenia o de que se valeria naquelle transe: cordas de seda para se enforcar, venenos em cayxas de pedras preciosas para tomar; & outras prevençoens de que naõ pode usar na occasiaõ, & o matàraõ dentro de hum lugar o mais immundo, onde se tinha escondido. 22

22 *Lamprid. in Heliogabal. Herodian. l. 5. Mexia na sylv. de var. hist. l. 2. c. 29.*

10 Diogenes era taõ isento de pertençoens da Corte, como se vio na reposta que deu a Alexandre Magno, quando lhe offereceo o que pedisse, & elle respondeo, que *só queria que se tirasse diante do Sol, que o estava aquentando.* 23 Mas naõ escapou dos infortunios de ser desterrado, & de o cativarem piratas navegando para Egina; em Creta foy vendido em praça publica, aonde perguntando-lhe o pregoeyro, que sabia fazer, respondeo, *que sabia dominar homens.* E vendo passar hum Corinthio chamado Xeniades, disse: *Vende-*

23 *Laert. de vit. philos. lib. 6. in Diogen. ante med.* Noli mihi umbram facere. *Conrad. Gesner. in Onomastic. propr. nomin. Dissemos cap. 4. n. 9.*

me a aquelle, porque necessita de senhor. Aquelle o comprou, & levou para Corintho; & elle lhe ensinou os filhos, & governou a casa com grande satisfação do senhor. Quizeraõ amigos, & parentes resgatallo do cativeyro, & elle lhes chamou fatuos, pois não sabião, que quem creava leoens, era escravo delles, & naõ elles de quem os creava. 24 Retirado estava Seneca já muyto velho na sua herdade de Nola de Campania já havia annos, fóra de negocios da Corte, occupado em escrever os livros de *Beneficijs*, *de Ira*, *de bono viro*; *de adversa Fortunâ*; & lá o mandou matar a tyrannia de Nero pelo odio da impudica Domicia. 25

11 Priamo Rey de Troya teve cincoenta filhos: 26 dezasete de sua mulher Hecuba, os outros de concubinas. Mas naõ se livrou de mal afortunado, vendo seu Reyno dez annos em guerra, abrazada a Cidade capital, mortos quasi todos os filhos; & elle por Pyrro filho de Achilles diante do altar de Jupiter. 27

12 Aman foy taõ grande valido delRey Assuero, que o sublimou sobre todos os Principes de sua larga Monarchia, & a governava como senhor absoluto; & delRey, & da Rainha Esther recebia publicamente as mayores honras. Porém confessava, que tudo tinha em nada à vista de Mardocheo Hebreo lhe não fazer as adoraçoens, que todos os mais lhe tributavão: 28 a privança acompanhada daquella pena naõ lhe era felicidade.

13 Lucrecia, cuja fermosura (diz Ravisio Textor 29) estimàraõ tanto os Romanos, que celebrando-a por todas as partes, a fizerão immortal; mal-logrou aquelle bem na violencia de Tarquinio, em que não só perdeo a vida; 30 mas tambem o premio da virtude, que merecèra, se se deyxàra matar pelo tyranno; & peccou matando-se a si propria; 31 sua fermosura, foy sua ruina, como succedeo a outras muytas.

14 Com hum só exemplo em cada hum dos bens, em que as opinioens dos homens consideraõ *Felicidades*, 32 fica mostrado, que em nenhum delles consiste, pois nenhum delles vè todos, antes deyxaõ lugar a males que atormentaõ. Thales, hum dos sete Sabios de Grecia, quiz acudir a isto, pondo a *Felicidade* em tres bens juntos: saude, riquezas, & sciencia; 33 mas naõ satisfez ao inconveniente; pois ainda alèm daquelles faltão outros bens como temos dito. Serião superfluos mais exemplos, quando o que vemos, & padecemos, nos desengana; se temos huma cousa, nos falta outra: se temos hum gosto, sobrevem huma pena: cessa huma tribulaçaõ, começa outra, ou durando a primeyra, se levanta outra naõ esperada. Era necessaria para *Felicidade*, união de todos os bens, como dissemos; 34 se he taõ difficultoso alcançar hum só, quem alcançará todos? Bem se vè logo que não póde haver no mundo a boa *Fortuna*, & *Felicidade*, que commummente desejamos.

24 *Laert. supra ad fin.*

25 *Vita Senecæ.*

26 *Cicer. Tuscul.*

27 *Homer. in Iliad. Virg. Æneid. lib. 2.*
Dictis Cretens. de bello Troian.
Davis Phryg. de bello Troian.
Sabellic. Æneid. 1.
Tarcanota p. 1. l. 3.

28 *Esther 1. & 5. 13.* Hæc omnia habeo, & nihil me habere puto.

29 *Textor in officin. tom. 1. tit. Formosi, ante med.*

30 *Livius dec. 1. l. 1. in fine.*

31 *D. Aug. de Civit. Dei l. 1. c. 19.*

32 *Supra cap. 4.*

33 *Thales Miles. apud Laert. supra.*

34 *Supra num. 6.*

CAP.

CAPITULO VII.

Terceyra razaõ do erro das opinioens referidas no Capitulo IV. porque em nenhum daquelles bens descança a vontade, antes sempre deseja mais.

1 SE algum daquelles bens, ou todos juntos, constituissem o bem perfeyto, a que naturalmente aspiramos por boa *Fortuna*; tendo-os alcançado, descançariamos satisfeytos, como todas as cousas descanção naturalmente no seu centro. Mas não succede assim; pois por mais que possuamos delles; nunca nos contentamos. 1 Todos os vicios envelhecem com o homem, só o desejo de alcançar mais, se renova cada dia. Os olhos da vontade saõ taõ insaciaveis em cobiçar, como o Inferno em tragar, disse Salamaõ. 2 As féras estando fartas, nem roubaõ, nem fazem dano: o homem posto que muyto cheyo, não perdoa ao que póde haver. 3

2 A insaciavel ambiçaõ de Reynos se vio em Alexandre, quando dizendo-lhe o Filosofo Anaxagoras, que não se cançasse mais, pois já havia conquistado todo o mundo, respondeo: *Se tu me tens dito que alèm deste mundo, ha outros tres: como queres que me contente com dominar hum só?* Bem lha explicou o Embayxador dos Scythas, accusando-o della com toda a liberdade. 4 *Se os Deoses* (lhe disse) *te houveraõ dado corpo igual à cobiça de teu animo, naõ couberas no mundo; chegaras com huma maõ ao Oriente, com outra ao Occidente; & depois de teres conseguido isto, quererias saber em que parte se havia de collocar o esplendor de tanta gloria. Assim cobiças o que naõ alcanças. De Europa vàs à Asia: de Asia passas à Europa; & se venceres todo o genero humano, has de fazer guerra às selvas, às neves, aos rios, & às bestas féras.* E entre outras razoens proseguio: *Tu que te jactas, que vens a perseguir ladroens, es ladraõ de todas as gentes, que investiste, tomaste Lydia, occupaste Syria, usurpaste Persia, tens em teu poder os Bactrianos, invadiste os Indos; agora alargas as avarentas, & inquietas as mãos aos nossos gados. Que necessidade tens de riquezas? Que te obriga a ter fome? Es o primeyro que com a fartura te fizeste faminto; parece que quanto mais tens, mais cobiças. Das vitorias te nascem guerras. Poem freyo à tua felicidade, & a regeràs mais felizmente. Sé es Deos, deves fazer beneficios aos mortaes, & não tirarlhos; se es homem, cuyda sempre no que es.* Com igual liberdade fallou no Senado Romano o rustico Alemaõ das ribeyras do Danubio, dizendo entre outras cousas: 5 *O' Padres Conscriptos, povo venturoso. Grande he vossa gloria pelas batalhas que pelo mundo haveis dado; mas se os Escritores dizem verdade, mayor será vossa infamia nos seculos futuros pelas crueldades, que nos innocentes*

1 D.Thom.1.2.q.2.art.8.in corp.

2 Proverb.27.26.

3 Notat D.August.serm.40.de verb.Domini.

4 Apud Q.Curt.hist.Alex.l.7. post med.

5 Apud Guevara na vida de Marco Aurelio cap.31.& 32.

centes haveis commettido. Foy taõ grande vossa cobiça de tomar o alheyo, & taõ famosa vossa soberba de mandar em terras estranhas, que nem o mar nos póde valer em seus abysmos, nem a terra segurar em suas covas. Infame he entre os homens, & Reo aos Deoses o homem, que tem tam caminos os desejos de seu coraçaõ, & taõ soltas as redeas de suas obras, que o pouco ao pobre lhe parece muyto, & o muyto seu lhe parece pouco. Oh quam maldito he o homem, que sem mais consideraçaõ quer trocar a fama pela infamia; a justiça com a injustiça; a rectidaõ com a tyrannia, a verdade pela mentira; o certo pelo duvidoso, tendo fastio ao proprio, & morrendo pelo alheyo! Vós Romanos, trazeis por letra em vossas bandeyras, que he proprio vosso destruir soberbos, & perdoar a sugeytos; melhor dizeis; que he proprio vosso despojar sugeytos, & inquietar quietos. E proseguio largamente pelo mesmo estylo. A verdade pode tanto, que o altivo animo de Alexandre ouvio o Scytha com paciencia, & tratou os vencidos com benignidade; & a arrogancia dos Romanos se vio taõ confusa, que referio depois o Emperador Marco Aurelio, contando isto que havia passado sendo elle Senador, que huma hora esteve o rustico prostrado em terra fallando, & todos os Senadores com as cabeças bayxas de envergonhados, sem lhe poderem responder huma palavra: & no dia seguinte proveo o Senado outro Governador para aquella parte, tirando aquelle contra quem era a queyxa; mandou que o rustico désse por escrito o que havia dito para que ficasse nos livros do Senado: & a elle fizeraõ vizinho de Roma, & Patricio com porçaõ de erario publico para seu sustento. Nos nossos seculos se pudera dizer o mesmo a Principes Christãos com a mesma verdade; mas considere o Leytor, se ouviriaõ estes com a moderaçaõ, & conhecimento, com que a ouviraõ aquelles gentios. Nos vassallos ha sempre a mesma hydropesia de dignidades; alcançar huma, causa sede de outra mayor, sem cessar na mais alta; sede taõ furiosa, que naõ repara o hydropico em se lançar no poço mais profundo por chegar a beber: notou Santo Ambrosio 6 o que cada dia vemos, que a muytos, a quem naõ póde vencer a avareza, a lascivia, & outra qualquer tentaçaõ, vence a sede de melhorar em dignidades: os ministros, & os Religiosos, que resistem a todos os vicios, saõ vencidos do respeyto, a quem os póde aventajar. He lastima grande, o que hoje, mais que em outros tempos, se padece por esta causa!

6 D. Ambros. sup. Luc. l. 3.

3 Hercules, ambicioso de fama, encheo o mundo de proezas, que lhe deraõ a mayor. Com tudo no fim de Hespanha levantou dous montes, como diz Joaõ de Mariana: 7 outros lhes chamàraõ duas colunas, & dizem que com a letra: *Non plus ultra*; mostrando que naõ passava adiante, porque naõ havia mais mundo; de modo que todas as aguas do mar, que

7 Marian. hist. Hispan. l. 1. c. 8. in fin. Vide Britto Monarch. Lusit. tom. 1. lib. 1. c. 10.

que o deteve, naõ lhe apagáraõ a sede de accrescentàr a fama. Quasi o mesmo cantou o Poeta Portuguez 8 dos seus naturaes, dizendo que se afamàraõ por todas as quatro partes do mundo, & que se mais mundos houvera, là chegariaõ. Alexandre, a quem a fama deu renome de *Magno*, a teve taõ dilatada, & poderosa; que dizem as letras Sagradas, que toda a terra com temor delle se poz em silencio. 9 Porèm ainda mal satisfeyto envejava a *Fortuna* de Achilles em haver sido decantado por Homero. Entre nòs vemos hoje os homens de espirito (ainda que poucos) com a mesma sede; mas as acçoens de muytos delles, dirigidas a ganharem tal fama, que lhes fora melhor sepultalla.

8 *Camoens Lusiad.cant.7 est.*... E se mais mundos houvera, là chegàra.

9 *1.Machab.1.5.* Siluit terra in conspectu ejus.

4 De saude ninguem se farta. Os que a logràõ, a desejaõ mais perfeyta, sendo que se seguirem a filosofia medica, naõ deveràõ desejalla no seu auge, porque naturalmente tudo o que chega a elle começa a descahir; mas he condiçaõ dos bens do mundo, nunca satisfazerem. Os Medicos ganhaõ mais com alguns sãos, que com muytos doentes; porque ha sãos, que por impertinencia se andaõ sempre curando. Os doentes ou morrem, ou saraõ mais brevemente; os sãos que se curaõ, nunca acabaõ de se curar, porque sempre querem mais curas; & assim pagaõ mais tempo aos Medicos, & aventajadamente, porque saõ mais ricos; & muytos finalmente querendo mais saude, vem a morrer das curas, de que naõ necessitavaõ. Atè ao Divino se mataõ os populares; vaõ a romarias para terem mais saude, & là comem tanto, que hindo sãos, tornaõ doentes. Já isto acontecia no tempo de Diogenes, como elle notava, 10 em sacrificios que se faziaõ para alcançar mais saude.

10 *Apud Laert.l.6.in Diogen. vita post princ.*

5 Na sciencia tambem he a mèsma sede de saber mais; & posto que he louvavel, mostra para o nosso assumpto a imperfeyçaõ dos bens do mundo, pois nunca somos satisfeytos delles. Aquelles grandes Filosofos mais antigos, que Deos deo entre a gentilidade para com seus instrumentos instruir o mundo, sendo taõ sabios, que deraõ as luzes às sciencias, com desejo de saberem mais discorriaõ por todas as Provincias, em que podiaõ aprender; vè-se nas suas vidas que escreveo Laercio. A Socrates diziaõ alguns amigos, que tivesse pejo de sempre querer aprender, sendo taõ velho: & respondia: *Mayor pejo teria, se sendo taõ velho ignorasse o que aprendo.* Solon se gloriava de que hia envelhecendo, & aprendendo. 11 Pomponio Jurisconsulto, consummado na Jurisprudencia, approvava o que dissera outro antigo, que desejava aprender, posto que tivesse hum pè na sepultura. 12 E o grande Doutor da Igreja Santo Agostinho, podendo ensinar a todos, professava querer ser ensinado de qualquer. 13 Em todos os scientes he isto certo; sò nescios cuydaõ hoje, que sabem tudo.

11 *Refert glos.margin.in l.Apud Julianum 20 ff.de fideicom libert.*

12 *Pompon.in d.l.Apud Julian.*

13 *D.August.epist.75.ad Auxilium Episcop.Refertur in c.Si habet 24.q.3.*

6 A hydropesia das riquezas allegorizàraõ os Antigos em ElRey Midas, que pedio, & alcançou de Bacho seu hospede, que tudo o que tocasse se lhe convertesse em ouro, naõ se contentava com menos. 14 Oh quantos ha que por mais que tenhaõ, até dos povos querem fazer ouro, dando orelhas de Midas a taes conselhos! Arde o amor das riquezas (disse Boecio 15) mais que o Etna: naõ se apaga com rios de ouro; sempre o avaro he pobre, notou Horacio, 16 porque nunca tem o de que necessita seu desejo; he sacco que nunca se encherà, por mais dinheyro que nelle se meta. 17 Symonides já muyto velho sempre ajuntava, & tomava por pretexto, que mais queria deyxar inimigos, quando morresse, que necessitar de amigos em quanto vivesse.

14 *Erasm. in Chiliade.*

15 *Boet. de consol. l. 2. met. 5.* Sævior ignibus Æthnæ fervens amor ardet habendi.

16 *Horat. l. 1. ep. 2.* Semper avarus eget.

17 *Ecclesiast. 5. 9.* Avarus non implebitur pecuniâ.

7 A de honras começou em nossos primeyros pays, que estando na mayor honra do mundo, 18 se quizeraõ fazer semelhantes a Deos; 19 & como lepra se derivou a todos seus descendentes. Logo depois do diluvio naõ contentes de serem honrados em toda a terra, intentàraõ edificar huma Cidade com torres, que chegassem ao Ceo. 20 Nos tempos adiante se continuou em Nabucodonosor, 21 & em outros Principes, que além da veneraçaõ de taes, se fizeraõ adorar por Deoses, sendo entre os Romanos Domiciano Emperador o primeyro que isto fez. 22 Nem sós Principes, mas tambem homens particulares tentàraõ, como acima 23 referimos. Sosostris Rey do Egypto tendo por pouco triunfar dos Reys, que venceo, os levou puxando pelo carro triunfal. Sapor Rey de Persia se chamava, *Participe das Estrellas, irmaõ do Sol, & da Lua.* E hoje se intitulaõ por modo semelhante os Reys do Oriente. Outros muytos se arrogàraõ honras sobrenaturaes, 24 que escusamos relatar, quando temos entre nòs os visiveis exemplos de tantos hydropicos de honras, que naõ merecem.

18 *Psal. 48. v. ult.* Homo, cùm in honore esset.

19 *Genes. 3. 5.* Eritis sicut Dij.

20 *Genes. 11. 4.* Faciamus nobis civitatem, & turrim, cujus culmen pertingat ad Cælum.

21 *Daniel. 3.*

22 *Textor in Officin. tom. 2. tit. Arrogantes.*

23 *Sup. c. 4. n. 7.*

24 *Apud Textor supra.*

8 Deleytes sempre se appetecem, huns sobre outros. Todo o genero de licitos, & illicitos tinha o Emperador Heliogabalo; & excogitava outros, que se naõ pòdem escrever. Na gula, jà enfadado do ordinario mais saboroso, comia cristas de gallos vivos, linguas de pavoens, & de rouxinoes em grande quantidade; & passando seu desejo alèm de quanto podia imaginar, tinha sinalados premios, a quem lhe inventasse iguaria nova; acodiaõ muytos ao ganho; mas se a iguaria lhe naõ agradava, fazia que o inventor nunca comesse outra cousa. 25 Disto dissemos mais em outra obra. 26 Este seculo vè quanto pòde a sede inextinguivel de passatempos, nas inventivas de jogos, nas novas traças de jardins, na moderna fabrica de palacios, em tantas cousas que os passados naõ usàraõ; & desprezado o que àquelles era delicia, esta só se acha hoje na novidade, que muytas vezes naõ deleyta, & só se abraça por variar de gosto.

25 *Lamprid. in Heliogabal. Mexia na Sylva, l. 2. c. 29.*

26 *No trat. Eva, & Ave p. 1. c. 19.*

9 En-

9 Entre os que se retiràraõ da Corte seja exemplo o Filosofo Alexandre, mestre, & intimo favorecido de Marco Crasso, hum dos mais illustres varoens, que teve Roma. Resolveo-se Alexandre a retirarse de Roma, & pedio a Crasso pelos serviços que lhe fizera em dezoyto annos, & por sua amizade, que naõ sómente o naõ chamasse para tornar, mas que nem lhe escrevesse; porque nem lembrarse queria de cousa alguma da Corte. 27 Pouco fez nisto, pois nas cartas da Corte, naõ ha mais que queyxas da carestia, & gastos; da injustiça na demanda, da senhora fortuna na pertençaõ; do disfavor do ministro; murmurar do governo; reprovar as eleyçoens, notar os poucos meritos do bem despachado; apontar parcialidades, pronosticar mudanças, dar novas falsas dos Reynos estranhos; tudo escrever em vaõ, & he mais vaõ quem o lè por entretenimento, podendo ter outros melhores. Mas para o intento deste nosso Capitulo, mostrou Alexandre, que atè neste retiro, em que se considera felicidade, a naõ ha perfeyta, pois quem de coraçaõ o abraça, sempre a acha imperfeyta, & a deseja tanto mayor; que nem carta quer della. Se algum retirado deseja novas da Corte, he porque o retiro naõ he de coraçaõ.

27 *Noteu Guevara no trat. Menosprecio de Corte c. 17. no princ.*

10 De muytos filhos ninguem se satisfaz; sempre mais deseja. Abraham sabia q̃ Isaac teria tantos descendentes, quantas o Ceo estrellas, porque lho havia promettido Deos. 28 Com tudo porque desejava mais; entrou com Agar, & depois casou com Cetura. 29 O mais pobre, & carregado de filhos, se alegra, quando lhe nasce outro; se o tellos he felicidade, sempre a deseja mayor.

28 *Genes. 15. 5.*
29 *Genes. 16. v. 15.*

11 A privança com o Principe; tambem nunca farta; por isso o valido a quer toda; sem que o Principe communique a outrem huma pequena parte de boa vontade, nem ainda de agrado. He delicto em qualquer cortesaõ contentar ao Principe; & o valido lhe adivinha os pensamentos; & se o Principe (tal vez acaso) o olhou com bom rosto, logo o innocente he castigado, a bom livrar com hum desterro pretentado com honra. Seyano privado de Tiberio, nem a Druso, nem a Agrippina, nem aos filhos de Germanico perdoou, traçando-lhes a morte, 30 sendo taõ chegados parentes do Emperador. Aman privado delRey Assuero, passou a mais, porque naõ queria que ElRey amasse sua mulher a Santa Esther. 31

30 *Tacit. ann. l. 4.*
31 *Esther 6. & 7.*

12 As mulheres mais fermosas sempre o quizeraõ ser mais. Logo no principio do mundo antes do diluvio, sendo as descendentes de Caim fermosas, como diz a Escritura Sagrada, 32 aprendèraõ musica, para se fazerem mais agradaveis, como escreve Theodoreto; 33 & assim os descendentes de Seth se namoràraõ mais dellas. A mulher, & noras de Noè tinhaõ jà espelhos, a que se adornavaõ; & os salvàraõ

32 *Genes. 6. 2.*
33 *Theodor. in Genes. quest. 37.*

na arca; como refere o antigo Beroso. 34 A fermosa Judith quando santamente foy a Holofernes, se ornou ricamente, por lhe parecer melhor. 35 He geral desejo em todas taõ conhecido, que escusa provarse mais.

13 Naõ nos satisfazem todos estes bens, porque naõ saõ mantimento, que symbolize com nossa alma. 36 A medicina, & a experiencia mostraõ que nenhum animal se pòde alimentar com substancia, que lhe seja contraria, & que a improporcionada ao estomago, lhe he nociva. Por isso a natureza ordenou, que a mãy coma o de que ha de sustentar o filhinho; para que liquidando-o em leyto, se accommode ao tenro, & delicado estomago, a que o solido naõ poderia nutrir. Que importava a Midas comer muyto ouro, se ficava faminto? Que nos importa ter abundancias, que nos naõ satisfazem? Certamente naõ saõ estas, as que o nosso natural deseja.

34 *Beros. l. 4. Dissemos no trat. Eva, & Ave p.1.c.15.n.3. & p.2.c.8.n.4.*

35 *Judith cap.10.*

36 *D.Bernard.de diligend. Deo c.3. in fin.* Quia non sunt naturales tibi animæ.

CAPITULO VIII.

Quarta razaõ de naõ haver felicidade nos bens acima apontados, porque naõ tem duraçaõ.

1 NO bem que naõ he perfeyto, naõ pòde haver *Felicidade*, 1 & naõ pòde ser perfeyto o que naõ tem duraçaõ; assim porque lhe falta a principal qualidade de ser estavel, como pelo receyo em que sempre se está de o perder com pena. Taes saõ os que ficaõ apontados.

2 De se acabarem com a vida, ninguem duvidou; nem de que a vida em se acabar naturalmente, he correyo de pòsta, nào veloz, aguia que corre à pressa, como disse Job: 2 fumo, & sombra, como disse David: 3 final de nuvem, ou nevoa, que o Sol desfaz, como disse Salamaõ: 4 vapor que apparece, & desapparece logo, como disse o Apostolo Santiago; 5 & os accidentes que vemos, apressaõ mais a que naturalmente pudera durar. Mayor mal he que muytas vezes, ou de ordinario, ainda duraõ aquelles bens menos que a vida: elles se acabaõ, & ella fica para mais padecer.

3 Nos Imperios, & altas dignidades he natural a inconstancia. O mesmo Deos, que nos animos mais generosos influhio o nobilissimo desejo de reynar, para que as Respublicas humanas se governassem mais reguladamente por huma só cabeça a exemplo da Divina, foy juntamente taõ cioso da sua propria soberania, que nunca consentio a algum mortal, Monarquia que fosse perpetua. 6 A que immediatamente deo a Adam, lhe durou sós oyto dias. 7 A que David Santo, & Salamaõ sabio deyxàraõ estabelicida a Roboaõ, se dividio brevemente. 8 Dario com innumeraveis rique-

zas,

1 *D.Thom.1.2.q.2.art.4.* Beatitudo est perfectum bonum.

2 *Job 9.24.& 25.*

3 *Psal.101.v.4.& 12.*

4 *Sap.2.3.*

5 *Jacob 4.15.*

6 *Assim discursa Manoel Thesauro histor. del Regno d' Italia. Sottoi Barbari, na prefaçaõ do Reyno aos Godos [illegible].*

7 *Vide no nosso trat. Eva, & Ave, p.1.c.5.*

8 *3.Reg.12.*

zas, & copiosissimos exercitos naõ pode conservar a sua Persiana; 9 donde se vè, que nem santidade, nem sabedoria, nem poder as pòde fazer estaveis. Superfluos seriaõ outros exemplos. Pòro Rey da India magnanimamente o persuadio a Alexandre seu vencedor, que lhe perguntou, *Com que doudice se atrevèra a resistirlhe*. Respondeo: *Que naõ cuydava, que havia outrem mais forte* Disse-lhe Alexandre: *E que julgas, que eu vencedor devo agora fazer de ti?* Respondeo: *Faze o que te ensina este dia, em que experimentas, quam caduca he a Felicidade.* Diz Quinto Curcio 10 que admoestando alcançou mais, que se rogára; Alexandre reconheceo que com animo superior à Fortuna, o desenganava, & o tratou generosamente. Mas para que buscamos exemplos em outros tempos, se no presente vimos Reys privados, & degollados por seus proprios subditos? He muytas vezes a perda com circunstancias mais miseraveis. Sapòr Rey dos Persas meteo em huma gayola ao Emperador de Roma Valeriano, donde o tirava para estribo, quando montava a cavallo. De Pizano Rey dos Turcos fazia tambem estribo o Gram Tamorlaõ. 11 Ao Emperador de Constantinopla Justiniano II. cortou os narizes, & orelhas Leoncio, que o despojou: Tiberio fez o mesmo a Leoncio; & Justiniano restituido fez o mesmo a Tiberio; de modo que tres Emperadores successivos naõ tiveraõ narizes, nem orelhas; & Justiniano cada vez que se queria assoar, & os não achava, mandava matar hum dos que tinhaõ ajudado a Leoncio. 12 Nem he muyto, que no reynar haja tanta inconstancia, pois os mesmos filhos herdeyros conjuraõ contra o Rey. Absalaõ contra David: 13 Pipino contra Luis Pio, chamado de Boneair, Emperador, & Rey de França: 14 Henrique contra Henrique III. Rey de Inglaterra, 15 & outros. Nabuchodonosor o II. Rey de Babylonia, morrendo seu pay do mesmo nome, fez seu corpo em trezentos pedaços, & os deo a comer a outros tantos minhotos, porque naõ resuscitasse, & tornasse a reynar. 16 Só se achou em hum Decio filho de outro Decio Emperador de Roma, que naõ quiz aceytar a Coroa, que seu pay lhe dava. E Leaõ II. Emperador de Constantinopla parecendolhe cousa injusta, que Zenon seu pay fosse seu vassallo, lhe deo o Imperio, & obediencia: 17 & o Principe Dom Joaõ filho de Dom Affonso V. Rey de Portugal, havendo-lhe seu pay deyxado o governo do Reyno quando foy a França, lho restituhio logo que elle voltou; sendo que o pay, contentando-se com o Algarve, lho largava: & respondeo, que mais queria restituirlho, que ser senhor de todo o mundo. 18 O que puzemos entre as excellencias de Portugal, 19 por ser taõ rara esta acçaõ. Quanto o Monarca he mayor, tanto dà mayor quèda, como quem cahe de mais alto: Adam cahio em hum lugar, & a sua quèda encheo o mundo todo. 20

9 *Q. Curt. hist. Alex. l. 2. & seqq.*

10 *Curt. sup. l. 8. in fin.* Plus movẽdo profuit, quàm si precatus esset.

11 *Textor in Officin. tom. 2. tit. qui ex prosp. fortuna, &c.*

12 *Jul. de Castilho, hist. dos God. lib. 2. discurs. 11.*

13 *2. Reg. 15.*

14 *Robert. Gaguin. de Franc. gest. in Ludovic. Pium. Nicol. Giles, annal de France, anno 829.*

15 *Reusner. in Genealog. tit. Reg. Angl.*

16 *Castilho sup. l. 4. Discurs. 5.*

17 *Castilho sup l. 2 discurso 6.*

18 *Ruis de Pina Chron. de D. Affonso V c. 188. Maris dial 4. dos Reys de Portug. c. 9. Vasconcellos Anacephalaeos. in Alphons. V. num 19. Christov. Ferreyra, vida de D. Joaõ II. l. 1 fol. 16. v. 5. Mousinho, poem. Affons. Africano cant. 10.*

19 *Dissemos nas excellencias de Portug. c. 13 excel 5.*

20 *Notat D. August. in Psal. 9.*

 Dà

4 Da fama triunfa o tempo; como com alto espirito cantou Petrarcha. 21 Quem sabe hoje quem foraõ aquelles poderosos, & afamados varoens, de que faz menção a Escritura Sagrada no Genesis? 22 Sem passar tanto tempo, logo depois da morte de cada hum começa a ser esquecido. 23 Se dos antigos, sendo melhores que os presentes, nos naõ lembramos já, como espera mais, quem o merece menos? Na vida do mesmo que a logra, anda arriscada, porque a mancha qualquer defeyto, que he mais notado dos homens, que muytas virtudes: bastou que Scipião Africano se mostrasse mal affecto a Tiberio Graccho agradavel à plebe de Roma, para perder com ella o bom nome, que tinha ganhado por suas acçoens heroicas. 24

5 A saude tem contra si hum inimigo certo; & muyto poderoso, que nòs mesmos lhe desejamos, que he a velhice. 25 Ainda antes da velhice se quebra com qualquer accidente, & muytas vezes causado de algum excesso, que fez o que se fiou della. Quem se livrarà de doenças, se só contra os olhos contou Galeno 26 cento & quinze? Mais sãos nos conservariamos (diz Santo Agostinho 27) se foramos de vidro. O vidro encerrado, ou movido com cuydado, pòde durar seculos; para que a saude não quebre, não ha remedio; desconcertada qualquer peça do relogio de nosso corpo, todo fica errado. Cada anno apparecem doenças, que os Medicos capitulaõ de novo com nomes, que não tinhamos ouvido; & o peyor he dizer Aristoteles, 28 que os que lograõ melhor saude, quando adoecem, morrem mais brevemente, porque naõ adoecem senão de grande causa. He tal a pena, de quem se vio com perfeyta saude, & depois se acha sugeyto a doença perpetua; que o Emperador Septimio Severo, por se livrar de dores de gotta, com desesperação gentilica se matou, tomando por expediente comer tanta carne mal cosida, que com ella no estomago morreo. 29

6 A sciencia tambem falta com a idade. Galeno 30 diz, que o homem está mais apto para ella, quando tem mais vigor, porque então está a natureza mais forte para obrar, mais prompta para especular, mais accommodada para entender, & todas as potencias mais dispostas para seus ministerios; a idade as vay debilitando. Ao que se ajunta hir faltando a memoria, & sobrevir a preguiça, como notou Nevisanio. 31 E assim lemos, que o excellentissimo Homero, com quem não he comparavel outro Poeta, chegou a ser vencido de seu parente Hesiodo (tambem grande Poeta) em hum certamen dos que solemnemente se costumavão fazer entre os professores de varias sciencias, & artes; do que o vencedor ficou tão ufano, que poz por trofeo às Musas o premio, que lhe derão, com dous versos, que declarárão a causa. 32 A este proposito advertio o douto, & curioso Doutor Nevisanio,

21 *Petrarch. triumpho 5. do Tempo.*

22 *Genes. 6.* Viri famosi.

23 *Nota Petrarc. de advers. Fortun. dial. 130.*

24 *Plutar. vida de Tiberio Graccho, no fim.*

25 *Psal. 89. v. 10.*

26 *Galen. introd. c. 15.*

27 *D. Aug. ser. 1. de verb. Domin.*

28 *Aristot. problem. sect. 1. n. 28.*

29 *Sorapan na Medicina Hespanhola, refran. 2. ex Sexto Aurelio.*

30 *Galen. apud P. Mendoça in viridar. l. 4. problem. 20.*

31 *Nevisan. in sylv. nuptial. l. 5. num. 15.*

32 *Referunt Plutarch. lib. Sympos. & in dial. sept. Sapient. Gel. noct. Att. l. 3. cap. 11. Alex. ab Alex. genial. l. 6. c. 19. ad fin.*

nio, 33 que Decio insigne Escritor na Jurisprudencia, se mostrou muyto inferior nas leyturas que escreveo sobre as Decretaes, ao que tinha escrito em menor idade. Dizer Job, 34 que nos antigos está a sabedoria; & no muyto tempo a prudencia; só se entende para governarem pela experiencia: & porque enfraquecidos os sentidos corporaes, fica o conselho robusto sem payxoens. Disto temos dito com curiosidade em outra obra. 35 Se a sciencia com qualidades divinas vem a faltar, em que humano se póde esperar subsistencia?

7 As riquezas tem muytos caminhos de perdição, como em outra parte 36 já considerámos; esterilidades, inundaçoens, incendios, terremotos, naufragios, latrocinios, demandas, jogo, gastos demasiados, vaidades, desgraça com o Principe, guerras, & tantos outros, que parece impossivel sua conservação, & assim em todos os estados se tem visto, que sua estabilidade a nenhum perdoa. No mais humilde se experimenta cada dia; dos mais levantados, que se tem por izentos desta mudança, tragamos à memoria alguns exemplos dos mais conhecidos. Não fallemos no de Job, porque foy pobreza rica de felicidades; recorramos às letras humanas. Annibal viveo tão lautamente, como terror que foy de Roma, & coluna de Carthago; chegou depois a necessitar de que Pruzia Rey de Bithinia o sustentasse, como por esmola, & em fim quizesse entregallo aos Romanos. 37 Paulo Emilio triunfador do Ligares, & delRey Persio de Macedonia, morreo taõ pobre, que não se achou em casa com que se fizesse o gasto de suas exequias. 38 Pompeyo, que teve renome de *Magno* em Roma, se vio obrigado a hir buscar o sustento em Ptolomeo Rey do Egypto, onde foy morto. 39 Belisario, insigne Capitão do Emperador Justiniano, que com famosas vitorias lhe assegurou o Imperio, & lhe ganhou a gloria, de que elle se jacta no Proemio das Instituiçoens do Direyto Civil, que copiou; cahindo da graça daquelle Principe, lhe tirárão os olhos, & veyo à miseria de pedir esmola de quem passava, com aquella oraçaõ de cego taõ sabida: *Day hum obolo a Belisario, a quem exaltou a virtude, & cegou a inveja.* 40 Era *obolo* a menor moeda que havia: na nossa Portugueza corresponde a dous reis & meyo; outros dizem que a seis reis. 41 Escusaõ-se mais exemplos, quando sabemos, que esta desgraça passou dos particulares a atreverse muytas vezes ao summo fastigio dos Reys. Dionysio, que fora Rey de Sicilia, bayxou a ganhar de comer sendo Mestre de escola de meninos em Corintho. 42 Perseo riquissimo Rey de Macedonia, morrendo preso em Roma, deyxou hum filho chamado Alexandre, que se sustentava, huns dizem, que do que escrevia, outros, que sendo torneyro, ou ferreyro. 43 Constantino VII. Emperador de Constantinopla, veyo a ganhar de comer com pintar imagens. 44 Suaducopo Rey de

33 *Nevisan. sup. n. 25. ad fin.*

34 *Job 12. 21.*

35 *In tract. Pers. Doct. qualit. 6.*

36 *No trat Eva, & Ave p. 1. 6. 44. n. 17.*

37 *Donato Avianna, vida de Annibal, entre os varoens illustr. de Plutarcho.*

38 *Textor in officin. tom. 2. tit. Paupertas.*

39 *Plutarch. in Pompeium.*

40 Date obolum Belisario, quē virtus extulit, invidia obcæcavit. *Procop. l. 1. belli Pers. Zonaras tom. 3. annal in Justinian.*

41 *Bened. Pereyra in Prosodia, verbo, obolus.*

42 *Textor sup. tit. qui ex prosp fortun. &c. Ex Cicerone.*

43 *Pineda na Monarch. Eccles. p. 1. l. 6. c. ult.*

44 *Floscul. histor. p. 1. cap. 4. ante med.*

de Moravia, & Bohemia, vencido pelo Emperador Arnulfo, envelheceo em hum deserto entre Ermitães, vestindo, & comendo pobremente. 45 Fora quasi infinito referir outros, & alguns entre nòs bem notorios.

45 *Textor supra.*

8 Nas honras ha a mesma instabilidade. Adam esteve coroado de gloria, & de honra pouco menos que Anjo, como disse David: 46 & brevemente cahio em tanta deshonra, que disse o mesmo David, que ficou semelhante aos brutos. 47 Quem se pòde fiar de honras, se o homem, que Deos fez perfeytissimo à sua imagem por suas mãos, & abençoou depois de feyto, 48 perdeo, a que lhe deo o mesmo Deos? E como não será mais facil perder, a que derão os homens? Estes a daõ ligeyramente muytas vezes sem meritos; & o edificio sem alicerces naõ pòde subsistir. Taes foraõ as honras que tiveraõ da plebe Romana Saturnino, & os Gracchos, porque com bom talento natural, mal applicado, lhe grangeàraõ a vontade, fomentando leys prejudiciaes; mas brevemente foraõ mortos com descredito. 49 As honras posto que merecidas, pendem da vontade de quem as dà, & mal se pòde conservar o que consiste no arbitrio alheyo, que sempre he vario: o que lhe contentou em hum dia, lhe descontenta no outro. Por muytos, se não pòdem numerar, nem por iguaes eleger os exemplos desta verdade. Scipião Africano teve dignamente em Roma dez annos a dignidade de Principe do Senado, honra muyto extraordinaria, que se dava rarissimamente, só por excellencia de meritos; & accusaçaõ de invejosos o obrigou a retirarse a viver, & morrer particular em Linterno. 50 Pompeyo, que em Roma, & todos seus dominios teve os titulos de mayor honra, & se vio despojado de todos, dizia a seus amigos, que lhe affirmava, que os alcançára, sem os esperar, & os perdèra, sem imaginar que os podia perder: & que nisto conhecessem o pouco que se devia fiar da felicidade humana. 51 Nelle, & no grande Varaõ Cayo Mario, disse singularmente Petrarcha, 52 que mostrou a *Fortuna* quanto bem, & quanto mal podia fazer. Que pouco imaginaria o virtuoso Belisario, quando se devia com tão justos, & geraes applausos, que havia de mendigar cego, como dissemos!

46 *Psal.8.6.* Minuisti eum paulò minùs ab Angelis; gloriâ, & honore coronasti eum.

47 *Psal.48.21.* Homo, cùm in honore esset, non intellexit: comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus est illis.

48 *Genes.1.26.& seqq.* Benedixitque illis Deus.

49 *Plutarch. in Gracchis.*

50 *Plutarch. in Scipion.*

51 *Refere Guevara, trat. Aviso de Privados, c.15. no princip.*

52 *Petrarch. de prosp. & advers. fortun. in prol. ad fin.*

9 Os deleytes, & passatempos que depressa se acabaõ! Nossos primeyros pays só oyto dias logràraõ o Paraiso terreal, como dissemos. 53 Moysés acabava de cantar pela sahida do Egypto, & logo o molestárão os Israelitas queyxando-se de fome, & de sede; & descendo de gozar no monte a conversação de Deos, achou o pezar da idolatria que tinhaõ commettido. 54 David quando vinha de dançar diante da arca do Senhor, sentio a reprehensaõ, que lhe deu sua mulher Michol. 55 Assuero sobre a alegria do banquete, que deo aos Principes de seu Imperio, teve logo o desgosto da

53 *Sup. num. 3.*

54 *Exod.15.16.17.24.& 32.*

55 *2. Reg. 6.*

da Rainha Vasthi sua mulher lhe naõ obedecer, quando a mandava chamar, com o que se irou, & ella foy repudiada. 56 Nabucodonosor no gosto de ver sua estatua adorada como Deos, se imaginou afrontado dos tres Israelitas santos, que lhe negàraõ adoraçaõ. 57 ElRey Balthasar entre o regalo do seu grandioso banquete, vio a mão, que escrevia a ruina, que logo se lhe seguio. 58 Nas historias profanas saõ innumeraveis os exemplos, & escusados aos que cada dia se experimentaõ. Que contentamento, delicia, ou passatempo vemos duravel? Antes dos mesmos, que buscamos, nos resultaõ males, & tristezas; do jogo contendas, & perda da fazenda; da caça, cançaso, da pescaria, perigos; dos banquetes, doenças; dos jardins, despesas; os muytos cheyros afeminaõ; ver sempre comedias, & festas enfada; ler muyto (sendo o mayor regalo) enfraquece a vista; só a musica, pelo que tem de divina, he sempre agradavel; mas fora mais util chorar nossas miserias; pois finalmente (disse Salamaõ:) *O riso se misturarà com dor: & o fim do gosto he principio do pranto.* 59

56 *Esther* 1.

57 *Daniel* 5.

58 *Daniel* 5.

59 *Proverb.* 14. 13. Risus dolore miscebitur, & extrema gaudij luctus occupat.

10 Nem os retirados da Corte logràõ muyto tempo essa quietaçaõ. No retiro da sua pipa foy Diogenes tentado com pertençoens por Alexandre; & no da sua horta Diocleciano pelos, que o chamavaõ para o Imperio, como de ambos temos referido. 60 A Lucio Quincio Cincinato, estando lavrando seus campos alèm do Tibre com quatro juntas de boys, chegáraõ os mensageyros, porque foy chamado para Dictador de Roma, apertada com a guerra dos Sabinos. 61 Quem mais retirado que Wamba sem se lembrar da Corte, lavrando a terra com os seus boys, como dizem huns Historiadores; ou tratando de sua sepultura, como mais verosimelmente contaõ outros? 62 & là o foraõ buscar os Grandes de Hespanha, & contra sua vontade o fizeraõ Rey, & o metèraõ na guerra de Narbona, & em outros negocios arduos, que pendiaõ, & concluhio felizmente.

60 *Suprà c.* 4. *n.* 9. *& c.* 5. *n.* 4.

61 *Livius dec.* 1. *l.* 3.

62 *Marian. hist. Hispan. l.* 6. *c.* 12. *Britto, Monarch. Lusit. p.* 2. *l.* 6. *c.* 25.

11 A falta dos filhos he muyto ordinaria. Acima referimos, 63 como Priamo Rey de Troya vio mortos cincoenta que tinha. Busalo Cidadaõ Romano vio dous, que se matàraõ às estocadas; dous degolados por sediciosos; hum que matou sua madrasta, & huma filha, que se matou com veneno em presença de seu marido. 64 Muytas casas conhecemos, cujos possuidores tiveraõ muytos, & morrèraõ sem nenhum. Mais lastimavel he sahirem alguns taes, que devem os pays estimar sua morte, & com tudo os atormenta, quando succede. Tal foy Absalaõ, & o chorou amargamente seu pay David, desejando comprarlhe a vida a preço da sua propria. 65 Yones Rey dos Tenedos, Zeleuco Locrense, Marco Scauro, Manlio Torquato, Aulo Fulvio, Junio Bruto, & Cassio, Romanos, no mesmo bem que se considera em ter filhos sentiraõ o mayor dano, achando-se obrigados (se bem

63 *Sup. c.* 60. 11.

64 *Textor in Officin. tom.* 2. *tit. Fortunati, in fin.*

65 2. *Reg.* 18. *in fin.*

bem com justiça barbara) a mandallos matar por criminosos.

66 Cicer. 2. de leg. Valer. Max. l. 5. c. 8. Stob. serm. 42. Erasm in adag. Tenedos bipinnis l. 6. apophthegm. 67.

67 Ælian. var. hist. l. 1. c. 34.

66 Foy bem notavel o que refere Eliano 67 de Racous, Mardo de naçaõ. Tinha sete filhos, & accusou em juizo levando-o preso ao menor, chamado Cartomes, por insultos, & crimes capitaes; de que reprehendido se naõ queria emendar, pedindo que fosse condenado à morte. Os Juizes admirados da accusaçaõ, a remetéraõ a seu Rey Artaxerxes de Persia; diante de quem o pay a proseguio. Perguntoulhe ElRey: *E bem! Poderàs tu com teus olhos ver matar teu filho?* Respondeo: *Sim poderey; porque na minha horta, quando corto as alfaces pequenas, os filhos amargosos, que lhes nascem ao pè, està a mãy taõ longe de se doer disso; que antes cresce, & se faz mais doce; assim eu, ò Rey, vendo que me cortaõ o filho, que deshonra, & empobrece a minha familia, me verey melhorado, & sentirey boa fortuna em minha casa.* ElRey o louvou, & o fez hum dos supremos Juizes do Reyno, dizendo, que quem taõ severa, & justamente procedia contra seu filho, seria incorrupto para com os estranhos. Ao filho perdoou o passado, ameaçando-o para o futuro.

12 Na privança he mais certa a pouca duraçaõ: os terremotos assolaõ os mais soberbos edificios: sobre os montes mais altos cahem mais rayos: a mayor calma he final de tempestade. Pela variavel condiçaõ dos Principes, pelo descontentamento dos outros do sangue Real, pela culpa, que sem culpa se imputa na adversidade dos successos; pelo desejo, que os povos tem de mudanças, pela inveja dos Cortesãos, entre os quaes saõ os mais invejosos os parentes, que o valido tem mais obrigados; como advertio hum prudente, & discreto Escritor sobre esta materia. 68 Em ponto de mandar, naõ ha amigo para amigo, nem genro para sogro, nem irmaõ para irmaõ, nem filho para pay. Marco Antonio se levantou contra seu amigo Cesar Augusto: Pompeyo contra seu sogro Julio Cesar: Romulo contra seu irmaõ Remo: Absalaõ contra seu pay David; & outros acima 69 nomeados. Isto escrevemos largamente em outra parte, 70 & naõ convem repetir o que està dito.

68 Guevara no trat. Aviso para Privados c. 11. ante med.

69 Supra n. 3.

70 No trat. Eva, & Ave, p. 1. c. 40. à n. 6.

13 A falta de fermosura, em que ultimamente sò apontou, 71 que as mulheres punhaõ sua *Felicidade*, naõ sò he certa, mas natural. Ellas o confessàraõ, & ainda que o naõ confessem, sabemos, que posto que naõ haja accidente exterior, de si mesma dura pouco. Atè os vinte & cinco, ou trinta annos està perfeyta; aos trinta se murcha; aos quarenta secca; aos cincoenta, nem final deyxa de si; se algum apparece, he Epitafio do que morreo, & aquella terra tem comido: cujas letras quasi apagadas jà se naõ podem ler. Tambem disto temos dito acima, & em outro tratado. 72

71 Supra c. 4. n. 25.

72 Trat. Eva, & Ave, p. 1. c. 15. n. 5. & 36. n. 18.

14 Cresso, finalmente, que por todas as vias era tido por felicissimo, o mostrou bem no successo, que acima referimos.

rimos. 37 Oh enganados juizos humanos! E Alexandre, de quem disse Quinto Curcio, *que tivera a Fortuna na sua maõ*, 74 morto miseravelmente com veneno na flor da sua idade! Sendo pois taõ caduco, tudo o que se chama *boa Fortuna*, naõ lhe pòde competir no mundo este nome com propriedade.

73 *Supra c. 6. n. 7.*

74 *Q. Curt. histor. Alex. lib. ult.* Plus debuisse Fortunæ, quàm solus omnium mortalium in potestate habuit.

CAPITULO IX.

Mostra-se em que consiste o bem, & felicidade, a que pela boa Fortuna *aspira o homem naturalmente.*

1 Diogenes 1 parece, que reconhecendo pelas razoens dos quatro Capitulos precedentes, que nenhum dos bens apontados no quarto Capitulo, era o perfeyto a que o homem naturalmente aspira por ultimado fim; disse, que consistia em estar sempre alegre sem occasiaõ de tristeza. Mas onde se achou isto, ou se acharà jà mais? Quem estará sempre alegre sem occasiaõ de se entristecer? Se naõ temos hum só dia sem alguma tristeza; antes cada dia ministra nova causa de chorar: 2 como teremos annos, & toda a vida? Naõ houve no mundo casa, em que naõ houvesse lagrimas, disse Seneca. 3 Pòde hum homem, como diz o Grande Bernardo, 4 evitar alguns desgostos, mas naõ pôde escusarse de outros, & tal vez mayores. Considere o que se tem por mais feliz, se teve gosto sem algum pezar. Julio Cesar no festivo de seus triunfos ouvia as murmuraçoens dos soldados, que o hiaõ acompanhando, & juntamente publicando seus defeytos. Atè no dia mais alegre das vodas, ha sentimento de alguma falta, ou no aceyo da casa, ou na assistencia dos parentes, & amigos, ou no serviço dos criados, ou em outra cousa, posto que pequena; porque se avalia por grande naquella occasiaõ. Com razaõ costumamos dizer, que *todos os gostos saõ aguados*. Sempre se nos retrataõ de perfil, em que lhes vemos huma boa face, & não a outra, em que tem o defeyto.

1 *Diogen. apud Stob. serm.* 102

2 *Senec. tragic. in Troad.* Nulla dies mœrore caret, sed noxa fletus causam ministrat.

3 *Senec. Philos. de Consol. ad Polyb. c.* 32. Nulla domus in toto orbe terrarum aut est, aut fuit sine comploratione.

4 *D. Bernard. ser. de obedient. in princ.* Est qui declinat aliquos, sed incidit procul dubio in graviores.

2 Concluamos, pois, que no mundo naõ ha *Felicidade*, nem boa *Fortuna*. As que nos parecem mayores miserias da vida, saõ as menores, que ha nella, porque naõ conhecemos as mais; temos outras muytas, que naõ se deyxaõ sentir do corpo, & destruem o mais excellente do homem; os mais perseguidos dellas se queyxaõ menos; como os doentes que perdem os sentidos. Se a razaõ despertára a huns do lethargo, & a outros cortàra a carne amortecida, sentiraõ dores, mas cobrariaõ saude; porém naõ querem cura de desengano. Nossa cegueyra he peyor que o mal; pois nos faz inimigos de nòs mesmos. Se nos frontispicios dos Paços, & grandes casas se puzessem inscripçoens de seus infortunios, no lugar

em que se poem os escudos de suas armas, brazoens de sua vaidade, & ambiçaõ, todos teriaõ horror de entrar nellas. Quem lesse de fóra as inscripçoens de Syla, que se fez cognominar *Feliz*, pelos successos que teve, & supremo governo que alcançou de Roma, cuydaria que a sua casa era o firmamento da boa *Fortuna*; mas os que sabiaõ o interior della, naõ só a conhecia afeada, com sangue de innumeraveis homicidios que o faziaõ infeliz, como notou Plinio, 5 & com a torpeza de muytos vicios, mas tambem atormentada com temores de castigo, & infestada da doença pedicular com tanto excesso, que todos delle fugiaõ, & elle mesmo se despedaçava, & assim morreo. 6 Quem olhasse para os titulos de Mario, sete vezes Consul, o teria pelo mais fortunado; mas quem penetrasse a inveja, que o penalizava contra Syla, & se lembrasse da pobreza, com que largo tempo andou escondido em Minturna, & desterrado em Africa, & depois o visse nas mãos de hum Cirurgiaõ para lhe cortar huma perna, 7 entenderia quanto se enganava. Finalmente escusa outros exemplos a lembrança de Polycrates, Tyranno dos Sammios, que em toda sua vida naõ sentio occasiaõ de tristeza: & de proposito, para o experimentar, lançou no mar hum annel de preço inestimavel, & o tornou a achar dentro de hum peyxe, que lhe fez presente hum pescador. Porém morreo cruelmente enforcado por mandado de Orontes, ou Oretes Satrapa da Persia, Prefeyto de Cyro, que o venceo. 8 A estes, & a semelhantes chama o mundo *bem afortunados*; porque os nomes de tudo erra. 9 Atè o gloriosissimo Joseph na mayor felicidade de ter por Esposa a Maria Santissima, padeceo as ancias de a ver mãy, sem se ver pay; 10 mas só aquella, porque era felicidade especial dada por Deos, se restituhio brevemente com multiplicado gosto, conhecido o mysterio.

3 Contra tantas demonstraçoens instou Valerio Maximo; 11 que se devia titulo de *Feliz* a Quinto Metello, filho de Lucio Metello, de que assima fallámos; 12 porque o fora do primeyro atè o ultimo dia de sua vida, pois nascèra em patria Princesa do mundo, de pays nobilissimos, com dotes rarissimos do animo, forças corporaes para trabalhos, teve mulher muyto honesta, & fecunda, consulado, & triunfo, hum filho Pretor, & tres Consules, hum dos quaes triunfou; tres filhas casadas, & de todos netos; muytas bonanças, & gratulaçoens dellas em sua casa, sem morte, nem outra occasiaõ de desgosto; atè que faleceo muyto velho de doença muyto branda nos braços de seus filhos, & netos, que levàraõ seu corpo pela Cidade ao lugar, onde o queymàraõ, como era costume. Disse Valerio Maximo (fallando como gentio) que apenas se acharia no Ceo tanta felicidade; pois grandes Authores tinhão dito, que tambem là havia dores, &

5 *Plin.hist.l.6.cap.43.*

6 *Plutarch.in Syl.ad fin. Plin.supra.*

7 *Gesner. in Onomastic. verb. Marius.*

8 *Strab.l.14.*

9 *D.Chrysost.homil.54.ad popul. Antioch.ad fin.*

10 *Matth.cap.19.*

11 *Valer.Max.l.7.c.1 de felicit.*

12 *Sup.c.6.n.8.*

& os Deoses choravaõ. Porém Plinio 13 o julgou infeliz; porque sendo Censor, vindo do campo ao meyo-dia pela praça junto do Capitolio, na qual a tal hora naõ havia gente, o encontrou Catinio Labeo Tribuno da plebe, a quem elle tinha lançado fóra do Senado; & o arrebatou, & levou por força à Rocha-Tarpeya para o despenhar; acodio, mas jà tarde, outro Tribuno, quando Metello muyto maltratado, estava já para perecer, & sua intercessaõ lhe alcançou perdaõ. Assim ficou vivendo por beneficio alheyo, o que Plinio tem por desgraça grande, & que pelo menos se naõ pòde chamar *feliz*, quem esteve em tanto aperto, & com a vida na vontade de seu inimigo. Petrarcha 14 diz, que recebeo outras injurias de pessoas vis, porque a infelicidade fosse dobrada.

13 Plin.l.7.cap.44.

14 Petrarch.de prosp.fort.dial. 108.

4 Conhecendo tudo isto Democrito, 15 se rio, como de tudo costumava, dos Filosofos, que em vaõ disputavaõ, em que consistia a *felicidade*, quando no mundo a naõ podia haver; & zombando disse, que só era feliz o que se alegrava com pouco dinheyro, & infeliz o que se entristecia tendo muyto.

15 Democrit.apud Stob.ser.101.

5 A verdade he, como resolve o Angelico Doutor Santo Thomàs, 16 que aquelle bem, & felicidade (equivocado pelos antigos com boa *Fortuna*, como acima advertimos 17) a que dissemos, que o homem naturalmente aspira como a ultimado fim, 18 & centro, em que descance, consiste sómente na beatifica visaõ da Essencia Divina.

16 D.Thom.1.2.q.3.art.8.

17 Supra c.3.n.2.

18 Sup.d.c.3.n.1.

6 Porque o homem naõ he perfeytamente *feliz*, & bemaventurado, em quanto lhe resta alguma cousa que desejar, & inquirir. Mostra-se; porque a perfeyçaõ de cada potencia se attende segundo a razaõ de seu objecto. O objecto do entendimento (ensina Aristoteles 19) he a cousa como ella he em sua essencia. Pelo que tanto mais perfeyçaõ ha no entendimento, quanto elle mais conhece a essencia da cousa: & assim posto que conheça a essencia dos effeytos, & sayba que elles tem causa; com tudo sem conhecer a essencia dessa causa, naõ conhece a cousa perfeytamente: & fica o homem com desejo natural de conhecer a causa do effeyto, que vè. E este desejo o faz inquirir. Assim como quem conhece o eclipse do Sol, considera, que procede de alguma causa; mas naõ a conhecendo, admira-se, & admirado a inquire, & naõ se aquieta, até naõ chegar a conhecer a essencia da causa do eclipse. Do mesmo modo, se o entendimento humano, que conhece a essencia dos effeytos creados, naõ conhecer mais, senaõ que ha Deos, que he causa delles, & os creou, sem conhecer sua essencia, ainda sua perfeyçaõ naõ chega simplezmente à primeyra causa, mas fica o natural desejo de a inquirir, & naõ está perfeytamente *feliz*, & bemaventurado. Donde se segue, que para bemaventurança, & *Felicidade*

19 Aristot.3.de anim.

perfeyta, se requere, que o entendimento chegue a essencia da primeyra causa, que he Deos, por uniaõ a elle, como a objecto, em que só consiste a *Felicidade*, tendo já conhecido tudo, sem restar mais que se deseje conhecer.

7 Só este he o bem, & *Felicidade*, com que se naõ compadece algum mal: em que concorre uniaõ de todos os bens: em que naõ ha mais que desejar, 20 porque por ser mantimento natural à nossa alma, nos satisfaz de tudo; bem, que he constante, & perduravel eternamente: & assim só esta felicissima vista, he o bem que o homem naturalmente desejava; porque fora creado para elle: 21 só para elle trabalha, & elle he toda nossa recompensa. Nessa consideraçaõ exclama com seu alto espirito o nunca assas louvado Varaõ Thomàs de Kempis, dizendo affectuosamente: 22 *Oh! quando será o fim dos presentes males? Quando serey livre da miseravel servidaõ dos vicios? Quando, Senhor, me lembrarey sómente de vòs? Quando me alegrarey em vòs perfeytamente? Quando estarey sem impedimento na verdadeyra liberdade, sem pejo algum no corpo, & no espirito? Quando será a paz solida, paz quieta, & segura, paz no interior, & no exterior, paz firme de toda a parte? Quando, bom JESUS, vos estarey vendo? Quando contemplarey a gloria de vosso Reyno? Quando me serey tudo em tudo? Oh, quando serey comvosco no vosso Reyno, que preparastes para vossos amados ab æterno?* He muyto notavel, que o Filosofo Epicuro 23 (a quem o vulgo ignorantemente calumnia em tudo) atinasse com isto de algum modo alumiado só da razaõ natural; escrevendo a Pytoles, que a suprema *Felicidade* estava em Deos, a qual naõ admittia augmento, nem privaçaõ dos deleytes.

8 Esta *Felicidade* se naõ alcança nesta vida de lagrimas, como Deos disse a Moysés; 24 naõ pòdem os olhos sustentar tanta luz: quem anda peregrino, naõ goza as delicias da patria. Saõ Paulo quando foy levado ao terceyro Ceo, aonde muytos Doutores entendem, que vio a Essencia Divina, duvidou, se hia sua alma separada do corpo. 25 Santo Agostinho 26 resolveo, que elle entaõ naõ vivia; porque, ainda que a alma naõ estivesse totalmente separada do corpo, estava separada do commercio dos sentidos: & o extasi, que o levou à bemaventurança, o fez morrer às cousas da terra, & à sua propria pessoa.

9 Porém aquelle Senhor, que por sua immensa bondade sustenta os homens na terra com o paõ, com que sustenta os Anjos no Ceo, 27 participa nesta vida daquelle Sol, aos que por eminentes virtudes fazem seus corpos espirituaes, como lhes chamou Saõ Chrysostomo, 28 & Santo Ambrosio lhes chamou Ceo. 29 E ainda que nunca he sem interposiçaõ de nuvem, como disse David, 30 que tempere seus rayos a capacidade mortal: he a *Fortuna* felicissima, que se pòde

20 *Matth.* 5.6. Quoniam ipsi saturabuntur.

21 *D. August. in Psalm.* 64.

22 *Kemp. de imit. Christ. l.* 3. *c.* 48.

23 *Epicur. apud Laert. l.* 10. Felicitatem bifariam intelligi, supremam illam, quæ in Deo est, quæ incrementum non admittit, adjectionemque, & ablationem voluptatum.

24 *Exod.* 33.20.

25 *Paul.* 2. *ad Corinth.* 12. 2.

26 *D. August. lib. ad Paul. de vidend. Deo.*

27 Panem Angelorum manducavit homo. Ecce panis Angelorũ, factus cibus Viatorum. Panem de Cælo præstitisti eis.

28 *D. Chrysost. serm.* 13. *in epist.* Qui Spiritu Sancto electi exultant, corpora etiam spiritualia faciunt. *In idem est Salvian. epist. ad Cacær. sororem.*

29 *D. Ambros. serm.* 1. *in Cant. & in Psalm.* 118.

30 *Psalm.* 96. Nubes & caligo in circuitu ejus.

póde desejar neste mundo. Mas nem desta, nem daquella celestial he nosso tratado, porque nem temos forças, nem profissaõ para tanto. Aqui tratamos sómente da que neste desterro podemos conseguir, & commummente se busca para o temporal; a qual se póde diffinir: *Huma moderaçaõ de trabalhos*; em effeyto vem a ser hum infortunio menor entre os grandes, a que estamos sugeytos: & quem chegar a tal estado, será o mais *Felice* entre os mortaes; pois aonde se naõ podem escusar males, he *Felicidade de boa Fortuna* sofrer só os menores.

CAPITULO X.

Donde procede a boa Fortuna.

1 CONhecido já o bem que pela boa *Fortuna* podêmos ter neste mundo, como dissemos no fim do Capitulo precedente, vejamos como ella se ha de buscar, & dominar; que he o titulo, & assumpto da presente obra.

2 Muytos, que a gentilidade tinha por Sabios, cuydàraõ, que a boa, ou mà *Fortuna* procedia da constellaçaõ, em que cada hum nascèra. Ainda hoje o imagina o vulgo, & diz, que se nasce em boa, ou mà estrella: chamo vulgo com Seneca 1 aos ignorantes de qualquer estado; porque naõ creyo ao que vem os olhos, mas à luz, que penetra os animos. Huns affirmavaõ, que as estrellas obravaõ tudo por virtude propria independentes como queriaõ; outros, que executavaõ os decretos dos Deoses. Donde se occasionou, equivocarẽ os nomes dos Deoses com os dos astros, como Saturno, Jupiter, Marte, & Venus: do que os notou Cicero. 2

3 Entre outras razoens mais altas, lhes perguntou com galantaria Santo Agostinho: 3. *Se credes que as estrellas fazem tudo, para que adorais os Deoses? E se credes, que executaõ, o que elles decretaõ, como dizeis, que os vossos Deoses decretaõ muytas vezes cousas taõ mal feytas?* Tambem os convenceo com o que se vè nos Gemeos gerados, & nascidos dos mesmos pays, no mesmo horoscopo, & no mesmo lugar: & com tudo sahem taõ differentes nos costumes, & *Fortuna*, como Esaù, & Jacob. 4 E porque se naõ diga, que qualquer intervallo no nascimento alterou a constellaçaõ, sejaõ exemplos as duas irmãs nascidas em Verona no anno de 1475. pegadas inseparavelmente pelas costas, & taõ encontradas, que chegavaõ a ferirse; & dous irmãos tambem pegados, de que escreve Gandavo, hum muyto virtuoso, que queria sempre orar, outro excessivamente lascivo. 5

4 A que chamamos boa *Fortuna* procede da maõ Omni-

1 Seneca de Vit. Beat. c. 2.

2 Cicer. de nat. Deor. l. 2.

3 D. Augustin. de Civit. Dei l. 4. c. 1.

4 Genes. 25.

5 Refert ex multis Franco in Campo Elysio, q. 45. n. 45.

potente de Deos, Author, Senhor, Governador de todas as cousas, & Dador de todo o bem. Elle ineffavelmente constituhio os Orbes, & tudo o que natural, & sobrenaturalmente pòde ser. Delle procede todo o modo, toda a especie, toda a ordem. Creou o insensivel, & sensivel. Compoz o homem dos quatro elementos, de que compoz o mundo; (por isso alguns Filosofos o chamàraõ *Microcosmo*, que se interpreta mundo pequeno;) deulhe ser como às pedras, vida sensivel como às plantas, sensitiva como aos brutos, intellectual como aos Anjos. Ornou-o de belleza, saude, fecundidade, & de outros dons. Creou o Ceo, & a terra, & até os Espiritos celestes para seu ministerio; finalmente o fez viva imagem sua, 6 & (o que sobre tudo transcende) por seu amor desceo do Empyreo a servillo, & morreo por elle, & lhe prometteo a si mesmo, como hum devoto insigne 7 considerou. Certamente aquelle que tem cuydado de dar alimento aos passarinhos, que o naõ grangeaõ: & vestido aos lirios do campo, que o naõ trabalhaõ: como o naõ terà do governo, de quem he tanto mais? He argumento de Christo no Evangelho. 8 Aquelle que nem ao minimo das entranhas de hum bichinho; nem à flor da hervinha mais desprezada deyxou sem conveniencia, paz, & concordia de suas partes, naõ se pòde crer, que quizesse que estejaõ fóra das leys de sua Providencia os successos do homem, feytura sua taõ especial, em cujas acçoens taõ cuydadosamente usou de justiça para o castigo, & de misericordia para a redempçaõ. He argumento do grande Agostinho. 9 Como premiaria, ou castigaria justamente as acçoens, de quem obrava forçado das Estrellas, & naõ voluntario?

6 Genes.1.16.& 17.

7 Thom.de Kemp.de imit.Christ. l.3.c.10 ad med.

8 Matth.6.26.Luc.12.27.

9 D.August.d.l.5.c.11.

5 Porèm ainda que a boa *Fortuna* proceda principalmente da maõ de Deos, he necessario, que o homem contribua. A materia segue a fórma, segundo he movida pelo Agente; nada se reduz per si mesmo de potencia a acto; & assim a materia, & occasiaõ, que o Author de tudo offereceo para a boa *Fortuna*, devem ser movidas, & bem encaminhadas pelo homem como Artifice, ao que convem, para o fazerem feliz. Deos dispoem, mas naõ tira o alvedrio, com que o homem pòde obrar de huma, ou de outra maneyra em ordem a aquelle fim. *A felicidade* (valendonos da comparaçaõ do Doutor Angelico 10 a semelhante proposito) està posta por alvo à nossa vontade: temos arco, & settas, que saõ nossas acçoens, para atirar a aquelle alvo; se lhe naõ acertamos, he, porque ou naõ queremos atirar, ou naõ sabemos acertar. O doente que deseja saude (diz para este intento Justo Lypsio 11) ha-se de applicar medicinas; quem quer chegar ao porto, ha de apertar os remos, ou estender as velas; se ocioso as tiver tomadas, pouco lhe importarà, que do alto lhe assoprem os ventos. Deos offerece quanto basta; mas quer

10 D.Thom.1.2.q.1.art.2.in corp.

11 Lyps.de constant.l.1.c.ult.

quer que mereçamos, & sem trabalhar naõ se merece, da sua dadiva quer fazer nosso merito: nem quer obrar tudo, por nos naõ descuydarmos, nem que obremos tudo por nos naõ desvanecermos. Para resuscitar a Lazaro quiz, que os homens fizessem o que podiaõ, que era levantar a pedra da sepultura; 12 & depois fez o que elles naõ podiaõ; que era restituirlhe a vida. Compoem-se pois a boa *Fortuna* de seu auxilio, & de nossa diligencia; o procuralla he do homem, o successo he de Deos; & ha de procurarse com acçoens prudentes, naõ com temerarias: a desgraça com bom conselho he acerto; & a ventura com temeridade naõ deyxa de ser erro.

6 Neste sentido cada hum he Artifice da sua *Fortuna*; sabendo-se governar com prudencia. O *Sabio* (diz o proverbio 13) *dominarà as estrellas*: he vencedor da Fortuna, disse Juvenal: 14 & em outro lugar, 15 que havendo prudencia haverà tudo, & que nòs somos os que queremos fazer a *Fortuna* Deosa. O mesmo affirmàraõ só com o lume da razaõ Ennio, Virgilio, Seneca, Sallustio, & outros Gentios, quando attribuiraõ os successos felices da *Fortuna* à fortaleza, audacia, trabalhos, & outras qualidades dos homens; & disseraõ que ella naõ tinha jurisdiçaõ contra as virtudes. 16 Salamaõ com o exemplo das formigas exhorta aos que naõ querem ser pobres, a naõ serem preguiçosos, nem descuydados, mas muyto diligentes; porque o remisso em obrar cahe em miseria: o forte, & diligente em agenciar alcança bonanças. E em outro lugar, que o que cultiva a sua terra, serà farto: o que se deyxa estar ocioso, he muyto nescio. 17 Sem trabalhar, & suar naõ ha que comer: he pensaõ, que Deos poz a todos os homens. 18 E só saõ bemaventurados os que comem de seu trabalho; como disse David. 19 A boa diligencia he mãy da boa ventura; chega a vencer o merecimento, pois com ella alcança hum inhabil, o que hum muyto benemerito naõ alcançou, porque se descuydou fiado em merecer. Por esta causa vemos muytos indignos mais levantados. Assim como notou hum Escritor Medico de nossos tempos, 20 que em desafios, & semelhantes combates muytas vezes saõ melhor afortunados os de menos valor; porque menos confiados applicaõ todas as forças; & os outros tendo a vitoria por certa, as naõ recolhem todas, como convem. Gravemente disse Paterculo, 21 que do mào conselho que cada hum segue, se lhe segue a mà *Fortuna*: & que muytas vezes se lhe corrompe o conselho de modo (o que he summa miseria) que parece que o mal lhes vem merecido. Atè dos Reynos, & Imperios (em que a mudança se tem feyto infallivel) disse Deos por Isaìas, que se acabavaõ por falta de conselho, podendo ser perpetuos, se se governassem bem. 22 Desejamos boa *Fortuna*, & obramos como quem a

12 *Joan.* 11. 39. Tollite lapidem.

13 Sapiens dominabitur astris.

14 *Juvenal.* 13. Victrix Fortunæ sapientia.

15 *Juvenal sat.* 10. Nullum Numen abest, si sit prudentia, sed nos Te facimus, Fortuna, Deam, Cæloque locamus.

16 *Ennius in* 7. Fortibus est Fortuna viris data. *Virgil. in Æneid.* Audaces Fortuna juvat *Senec. epist.* 36 In mores Fortuna jus non habet. *Sallust. in Catilin* Ubi socordiæ, atque ignaviæ te tradideris, nequaquã Deos implores; irati, infestique sunt. *Optimè Caldera in tribunal. polit c.* 7 *ad med. vers. Thebanus.*

17 *Proverb.* 6. 6 & 10. 4. & 12. 11. *Ecclesiastic.* 20. 20.

18 *Genes.* 3. 19 In sudore vultus tui vesceris pane tuo.

19 *Psal.* 127. 2.

20 *Caldera de Heredia in tribunal. medic. p.* 2. *c.* 7. *ante med. vers. valor.*

21 *Veleius Patercul. l.* 11. *de Cæs. & vero.* Inevitabilis fatorũ vis, cujus fortunam mutare constituit, cõsilia corrumpit. Quippe ita res habet, ut plerumque qui fortunã mutaturus est, consilia corrumpat: efficietque, quod est miserrimum, ut quod accidit, etiam meritò accidisse videatur.

22 *Isai.* 48. 17.

deseja contraria; solicitamos nossos males, & com triste negociaçaõ peyoramos a vida, que em algum modo puderamos fazer suave.

7 De huma, & outra *Fortuna* seja exemplo Annibal entre outros muytos. Pela ter prospera contra os Romanos se expoz aos mayores trabalhos, & soube usar de mayor industria no que parecia impossivel. Chegou a subir com seu exercito o inaccessivel dos Alpes; engatinhando com mãos, & pès; quebrou grandes penhascos, applicando-lhes fogo com vinagre; meteo-se em aguas congeladas; perdeo hum olho pela inclemencia dos tempos: em quanto assim obrou, foy o melhor afortunado. Com numero inferior de soldados venceo exercitos de Romanos de antes invenciveis: poz Roma no ultimo aperto, até chegar a seus muros. Mas alli por irresoluçaõ parou, & lhe disse Maharbal seu General da Cavallaria: *Tu Annibal, sabes vencer, mas naõ sabes usar da vitoria.* Logo por esta remissaõ começou a descahir; & acabáraõ de se lhe voltar os successos por seu descuydo nas delicias de Capua; & atè sua morte padeceo os mayores infortunios, 23 deyxando exemplo de como a *Fortuna* segue as acçoens de cada hum. Assim o discursou tambem o excellente Petrarcha no prologo daquella sua insigne obra de prospera, & adversa fortuna. Melhor o mostrou Christo Senhor nosso na parabola dos talentos, em que os que negociáraõ, foraõ felicissimos; & o que se descuydou, teve taõ mà *Fortuna*, que naõ só naõ ganhou, mas tirouse-lhe o que se lhe havia dado, & se deu ao que tinha mais, 24 porque soubera negociar. Assim succede muytas vezes, & accusamos a *Fortuna*, & tal vez a Providencia Divina, porque dà tudo a huns, & nada a outros, sendo isto justiça do que cada hum trabalhou. 25

23 *Livius decad. 3. l. 2. 3. & 4. Plutarch. in Annibal.*

24 *Matth. 25. Luc. 19.*

25 *Vide D. Thom. 2. 2. q. 133. art. 2. in corp.*

8 Como quer ter boa *Fortuna* na guerra, ou na paz, quem sempre amou o descanso? E porque a naõ terá, o que naõ perdoou ao trabalho? Queyxa-se o covarde, porque lhe vay diante o que se arriscou: queyxa-se o ignorante, porque o bom letrado subio mais: o dissipador da fazenda, porque naõ he rico, como o que a aproveytou: o que furtou, porque nada lhe luzio: & finalmente todos os que obràraõ mal, porque se achaõ inferiores aos que procedèraõ bem; em tudo se queyxaõ da *Fortuna*, chamaõ *Fortuna* a seu mào proceder, sendo elles os culpados: como os peccadores, que accusamos o demonio, sendo que elle só nos podia tentar, mas naõ nos podia vencer, se nòs naõ quizeramos. Resolvamonos em que cada hum tem o que grangeou por si, ou por seus progenitores: porque estes tambem grangeaõ para os descendentes o bem, ou o mal, 26 se os descendentes naõ degeneraõ. Da igualdade natural de todos os homens foraõ passando os descendentes à desigualdade, em que hoje se achaõ, naõ por vias sobrenaturaes, mas pelas conhecidas do que obràraõ seus avòs,

26 *3. Reg. 11. 12. Psalm. 36. 25. Proverb. 20. 7. Joan. 9. 2.*

huns em ordem a se levantarem ; outros em ordem a se abaterem ; & ainda na successaõ dos seculos alternàraõ mudanças ; descendo muytos dos que se viraõ altos ; & subindo muytos dos que jaziaõ humildes ; tudo effeyto de acçoens de cada hum.

9 He verdade, que muytos sobem de repente sem meritos : & a muytos naõ val a diligencia, nem a industria ; & pelos mesmos caminhos huns se perdem ; outros se ganhaõ. O que parece sò *Fortuna.* Mas jà Claudiano gentio respondeo que era justo juizo dos Deoses. 27 Os Christãos devemos considerar, que Deos he Senhor de tudo ; sem fazer injustiça pòde dar mais aos que trabalhàraõ menos : 28 a summa justiça he a sua vontade : he-lhe licito o que quer ; & naõ quer senaõ o que he licito. Nem o servo ao Senhor, nem o subdito ao Principe deve perguntar razaõ do que faz, & menos inquirir os juizos Divinos : ao Faetonte que subir a este Sol, se derreteràõ às azas : a borboleta, que chegar a esta luz, cahirà abrazada : sò devemos saber, que he Pay, que a todos dà o que mais lhe convem : como Medico receyta a cada hum conforme a seu humor, & natural. Abayxo diremos mais disto. 29 Agora nos basta advertir ; que casos especiaes naõ offendem a certeza da regra. Esta ditta ser necessario procuramos por meyos convenientes o que desejamos : que o bem naõ nos ha de vir buscar : & se o naõ conseguirmos, teremos mayor *Felicidade*, fazendo merito na conformidade com Deos ; como diremos em outro Capitulo. 30

27 *Claudian.l.1. in Rufin.* Tolluntur in altum, ut lapsu graviore ruant.

28 *Matth.20.15.*

29 *Infra cap.27. n.5.*

30 *Infra d.c.27. & 28.*

CAPITULO XI.

Que o fundamento para dominar a Fortuna, *he procurar a Graça Divina.*

1 SUpposto ser cada hum Artifice da sua *Fortuna* pelo que obra, como fica dito ; vejamos como deve obrar.

2 O fundamento de tudo he Deos, como disse o Apostolo ; 1 quem tiver a Deos, terà tudo, naõ lhe serà necessario esperar dos homens ; quem servir a Deos com o cuydado, com que serve ao mundo, terà a Deos, & ao mundo ; mas promettendo o mundo com incerteza cousas bayxas, & offerecendo Deos seguramente as mais altas, somos negligentes : por isso nem humas, nem outras temos. Os gentios sò com o lume da razaõ disseraõ, que a quem os seus Deoses mais favoreciaõ, era melhor afortunado ; por isso os adoravaõ, & à mesma *Fortuna* entre elles, como vimos no Capitulo primeyro. E este ponto deu a materia principal aos livros da Cidade de Deos de Santo Agostinho, tratando da boa *Fortuna* dos Romanos. Foy sentença de Plauto 2 venerado como

1 *D.Paul.1.ad Corint.3.21.*

2 *Plaut.in Amph.* Omnia adsunt bona, quem penes est virtus.

mo Oraculo dos antigos, que o que tinha virtude, tinha todos os bens. Aristoteles 3 ensinava a Alexandre, que os Deoses favoreciaõ mais aos que os veneravaõ muyto: & disse, que os cultores das cousas divinas eraõ mais ousados. 4 Grande qualidade para alcançar boa *Fortuna* conforme o celebrado proverbio de Virgilio. 5 Tito Livio 6 affirmou, que tudo succedia prosperamente a quem seguia o culto dos Deoses: & tudo o contrario a quem o desprezava: dizendo-se isto daquella falsa sombra de religiaõ; que diriaõ da luz verdadeyra?

3 *Aristot*. 5. *Rhet. ad Alex*. Deos proniores esse in eos, qui maximè illos colunt.

4 *Idem Aristot*. l. 2. c. 5. Qui bene se habēt ad divina, audaciores sunt.

5 Audaces Fortuna juvat. *Virgil*. 10 *Æneid*.

6 *Liv. dec*. 1. l. 5. Omnia prospera veniunt sequentibus deos: adversa autem spernentibus.

3 Sejamos logo regra primeyra por mais sem suspeyta a diffiniçaõ da *Felicidade*, que se tira da doutrina de Aristoteles em varios lugares, 7 & seguio Seneca: 8 *A felicidade he huma operaçaõ da alma por virtude perfeyta*: ou: *Operaçaõ segundo virtude perfeyta, que obra nos exteriores*: ou: *Operaçaõ, & uso perfeyto da virtude*. Por qualquer destes modos a funda na virtude.

7 *Arist*. 1. *Ethic. & 8. & polit*. 7.
8 *Senec. epist*. 67.

4 Com mais luzes devemos os Christãos fundalla na virtude: Virtude melhor fundada em Christo. Temos livros espirituaes, de que eu quizera aprender o caminho para ella: quem necessita de ser ensinado, naõ pòde ensinar. 9 Já disse assima, que naõ tratava semelhante materia por falta de cabedal, & profissaõ; & com tudo abayxo 10 ha de ser necessario ao contexto da obra, & corroboraçaõ do que entaõ diremos, referir com particularidade algumas doutrinas principaes; agora basta por todas referir a de Christo Senhor nosso: *Buscay em primeyro lugar o Reyno de Deos, & em consequencia vos viraõ todas as cousas*. 11

9 *Authentico de Sanctissim. Episcop. § Sancimus. collat* 9. *§. Item maior. Instit de excus. tutor. D. Hieronym. epist. ad Paulin. de lib. S. Script*.

10 *Infra c. sequent*.

11 *Matth*. 6. 33. Quærite ergo primum Regnum Dei, & justitiam ejus, & hæc omnia adjiciētur vobis.

CAPITULO XII.

Quem quer obrar com bom fim, já leva dominada a Fortuna, *que em nenhum successo lhe pòde tirar* Felicidade.

1 POsto o fundamento em Deos, segue-se immediatamente dirigir todos os desejos, & acções a bom fim; que he em qualquer materia dirigillos a tudo, o que pòde contentar a Deos.

2 Christo Senhor nosso ensinou, que o bem, & o mal nascem do coraçaõ; porque delle sahe a tençaõ com que se obra: 1 & esta he a que dá fórma. Da raiz que està no coraçaõ, sahem como ramos as obras conformes a elle; 2 & assim disse Saõ Joaõ Chrysostomo, 3 que a obra se qualifica pela causa, naõ pelo que he em si: & já Tacito havia dito, que o mào fim para que se obrava, afeava a mais egregia acçaõ. 4 Devia tomar esta doutrina do que escreveo Aristoteles no livro das Ethicas. 5

1 *Matth*. 15. 18. & 19. De corde enim exeunt cogitationes.

2 *D. Paul ad Roman*. 11. 16.

3 *D. Chrysost in tract de Symbol*. Opus non ex se, sed ex causa fit crimen.

4 *Tacit. hist l*. 4. Finis turpis laudem egregiam maculat.

5 *Arist* 6. *Ethic*. 12 *ac passim*.

3 Con-

3 Conforme a isto, já o que se quer obrar para bom fim, leva comsigo certa a boa *Fortuna* no merecimento, o qual nenhũ mào successo lhe pòde tirar; porque, como diz Santo Agostinho, nenhum he julgado pelo que succedeo; mas só pelo que quiz fazer, 6 & contra esta virtude naõ tem a mà *Fortuna* poder, como disse Seneca. 7

4 Tambem para o successo levá o bom intento grande recomendaçaõ para com Deos, que assim como abomina o mal, se interessa na boa vontade. 8 Impossivel parecia o que inventou Judith, & com tudo o executou felizmente pelo virtuoso fim, com que emprendeo, como declara o Texto santo. 9 Impossivel era a restauraçaõ de Hespanha, que começou Dom Pelayo contra os Mouros, metido em huma cova, cuja entrada se defendia com mil Christãos de cento oytenta & tantos mil combatentes; & assistio Deos a seu bom intento, de modo que junto da mesma cova ficàraõ mortos cento & vinte & quatro mil, voltando-se as settas, & lanças, que arremeçavaõ, contra elles mesmos, & morrendo sessenta mil dos que fugiaõ, debayxo das quebradas de hum monte, que cahio sobre elles. 10 Quasi semelhantes vitorias alcançàraõ os Reys seus successores, porque proseguiraõ o mesmo intento, sem ambiçaõ, só pela honra de Deos. Os Portuguezes em géral, & em particular logràraõ, & dominàraõ nas conquistas aquella *Fortuna*, com que obràraõ façanhas, que (como disse hum discreto Orador Castelhano 11) foraõ as primeyras que tiràraõ à verdade o parecello. Em quanto se embarcavaõ de Portugal só com animo de propagarem o Evangelho, & de alcançarem honra, taõ alheyos de outro interesse, como mostrou o Viso-Rey da India Dom Constantino, filho do Duque de Bragança, quando havendo tomado em certa guerra hum dente de bogio, que huns idolatras adoravaõ, & offerecendo elles pelo resgatarem mais de quatrocentos mil cruzados: o Viso-Rey antepondo a honra de Deos, o queymou à vista, & com grande sentimento daquelles barbaros. 12 Mas depois que muytos tomàraõ outros fins, se trocou a *Fortuna*, como experimentamos, dominando ella a quem de antes servia. Até aos Gentios Romanos, nota Santo Agostinho, 13 que Deos felicitava as acçoens pelo bom fim, a que as encaminhavaõ, do bem de sua patria: depois ella, & elles ao mesmo passo se mudàraõ.

5 Dos homens tambem se pòde esperar favor para conseguir o bom intento, se o conhecerem. Porque, como diz Marco Tullio, 14 naturalmente se ajuda o que parece bom, & se encontra o que se tem por mào. Que homem de boa indole naõ folgarà de concorrer para hum intento virtuoso: ou quererà favorecer a hum vituperavel? E nas obras exteriores pouco, ou nada se pòde alcançar, sem adjutorio. Adam todo poderoso na terra, todo sabio, & todo perfeyto, disse Deos,

6 *D. Augustin. in Matth.* Quomodo fueris, non quomodo evenerit tibi imputabitur.

7 *Senec. epist* 36. In mores Fortuna jus non habet.

8 *Proverb.* 11.20. Abominabile Domine cor pravum; & voluntas ejus in ijs, qui simpliciter ambulant.

9 *Judith* 10.4. Dominus contulit splendorem, quoniam omnis ista compositio non ex libidine, sed ex virtute pendebat, & ideo Dominus hanc in illam pulchritudinem ampliavit.

10 *Marian. hist. Hispan. tom.* 1. *l.* 7 *c.* 2. *Britto, Monarch. Lusit p.* 2. *l.* 7. *c.* 6.

11 *P. Fr. Hortens. Felix Paravicin. serm.* 1. *de S. Isabel Rainh. de Portugal.*

12 *Couto decad.* 7. *l.* 9. *c.* 17. *P. Lucena vid. de S. Franc. Xavier l.* 2. *c. ult.* *Pedr. Ortis, viagens do mund. l.* 3. *c.* 13. que erradamente se attribue isto a Pedro Mascarenhas.

13 *D. August. de Civit. Dei l.* 5. *cap.* 15.

14 *Tul. Tuscul.* 4. Naturam omnes quæ bona videatur, sequuntur, fugiuntque contraria. *Et iterum:* Ut bona naturâ appetimus, sic à malis naturâ declinamus.

Deos, naõ era bom, fosse só, & que necessitava de quem o ajudasse. 15

15 *Genes.2.18.* Non est bonum hominem esse solum, faciamus ei adjutorium simile sibi.

6 Verdade he, que muytos intentos virtuosos tiveram successos contrarios; como as emprezas do Santo Luis IX. Rey de França em Asia, & em Africa; na primeyra das quaes, desfeyto seu exercito com o mal de peste no cerco de Massera, foy prisioneyro do Soldaõ de Babylonia: & na segunda morreo de doença tendo cercado Tunes. 16 Semelhante foy a que ainda sentimos de nosso lamentado Rey Dom Sebastiaõ em Africa: Mas saõ casos especiaes por altos juizos de quem tudo governa para melhores fins; naõ he licito investigallos, porque excedem a razaõ humana, devem-se temer, naõ discutir, como diz o Santo Kempis, 17 & dizer com o Profeta: 18 *Justo sois, Senhor, & recto vosso Juizo. Os juizos do Senhor saõ verdadeyros, justificados em si mesmos.*

16 *Rupert.Gaguin.hist.Franc.l.7. Annal. Franc. an. 1249. & an. 1267.*

17 *Kempis de imit.Christ.l.3.c.58.in prin.*

18 *Psalm.118. 137. & Psalm. 18.10.*

7 A regra géral he, como fica dito, que aos homens de boa vontade annunciáraõ os Anjos *Felicidade* na terra; 19 a quem tem boa vontade, tudo he prospero: já leva certa a boa *Fortuna*, quem no principio desejou bom fim, & sem que lha possa tirar qualquer successo com apparencia de infeliz.

19 *Luc.2.14.* Et in terra pax hominibus bonæ voluntatis.

CAPITULO XIII.

Como para dominar a Fortuna *he efficaz meyo a Resignaçaõ na vontade de Deos.*

1 PRoposto o bom fim, como se disse no proximo Capitulo, se deve considerar ser verdade infallivel, que nada succede, ainda nas cousas mais pequenas, sem disposiçaõ de Deos, supremo Governador de tudo. O que aos homens parece acaso, foy Providencia Divina. 1 Só do peccado naõ he Author; porque isto repugna à sua immensa bondade: 2 Author he do movimento, & acto externo, com que elle se commette em quanto indifferente; mas naõ do acto interior, com que a vontade o applicou mal, porque esse depende do livre alvedrio. Em hum homicidio he Author do indifferente movimento da maõ do homem, como do de qualquer animal irracional, pois se naõ póde mover sem Deos; naõ da desordem, com que a vontade livre o applicou para mal, podendo applicallo para bem. Só por occultos juizos o permitte, podendo-o impedir; & tal vez o toma por instrumento para castigar os máos, como tomou a Assur Rey dos Assyrios contra Israel: 3 a Cyro contra os Chaldeos: 4 a Tito contra Jerusalem. 5 a Alarico contra Roma: 6 & a Atila, que se chamava Açoute de Deos, contra grande parte do mundo. Outras vezes para emendar os bons, como tomou a Absalaõ a respeyto de David; 7 ou para os pro-

1 *Proverb.16.35. Matth 10.29. & 30.*

2 *Psalm.5.5. & Psalm.44 8. Idem dixit Senec.epist.96.post med.*

3 *Isai.10.5.*

4 *Isai.45.1.*

5 *Hist.Ecclesiast p.1.l.3.c.1.*

6 *Hist Eccles.p.1.l.9.c.1.*

7 *2.Reg.12.11.*

provar, como com o Demonio provou a Job: ou para os exercitar na paciencia; como com a cegueyra ao velho Tobias; 8 mas depois lança no fogo a vara de que se servio, como disse Santo Agostinho. 9 Neste sentido se entende o que disse o Profeta Amòs, de que naõ ha mal que Deos naõ faça; 10 quiz dizer, que todos procedem, ou pendem de sua disposiçaõ, & providencia; & em todas estas occasioens naõ deve ser menos louvado, & amado, que nas de fazer mercès.

2 *Resignarse* o homem na vontade de Deos para todos os successos da vida, & da morte, he a mayor sciencia, & a mayor virtude, tam prompto deve estar para padecer, como para gozar; & assim porque se imita a Christo Senhor nosso, que professou haver descido do Ceo para fazer a vontade de seu Eterno Pay; 11 & nella se resignou todo ate a morte mais afrontosa; & mais amargosa; 12 como porque, sendo o primeyro, & principal preceyto amar a Deos, 13 em nada se pòde verificar tanto o amor, como em querer, & naõ querer o mesmo que quer, & naõ quer o amado. 14 Pelo que o Divino Mestre, na oraçaõ, que nos ensinou para cada dia, meteo a protestaçaõ, que devemos fazer de que nossa vontade he, que se faça a sua, assim na terra, como no Ceo. 15 Com ella, diz hum grande Escritor, 16 excellente guia para o espirito, que se gozarà na terra a *Felicidade* do Ceo, aonde os bemaventurados estaõ em tudo unidos a Deos. E pòde ser que por esta razaõ o mesmo Senhor naquella oraçaõ, depois de dizer: *Venha a nòs o teu Reyno*, que he o do Ceo por graça, proseguio immediatamente: *Faça-se tua vontade, assim na terra, como no Ceo.* Porque ambas estas cousas procedem como inseparaveis.

3 Alèm desta espiritualidade, ha na *Resignaçaõ* em Deos a mayor conveniencia para o temporal da *Fortuna*, assumpto deste nosso tratado. He conselho do Ecclesiastico para em tudo crescermos. 17 Obriga-se Deos muyto de nos pormos de todo no seu querer; tanto, que Saulo 18 assim o fez, dizendo: *Senhor, que quereis que faça?* Logo o escolheo para vaso de eleyçaõ. A Job restituhio em dobro todos os bens, que perdèra: 19 a David, porque se tinha resignado em suas mãos, 20 livrou das de Saul com particulares auxilios. Nas vidas dos Padres se conta, que perguntado hum lavrador, *Como, ou porque os seus campos, & vinhas davaõ sempre mais frutos que as dos vizinhos*, respondeo, *que era, porque tinha sempre os tempos que queria.* E perguntandose-lhe, *Como podia ser*, respondeo: *Eu nunca quero outro tempo, senaõ o que Deos quer: & como quero o que Deos quer, elle me dà os frutos como eu quero.* 21.

4 Quando naõ succeda o que queremos, entendamos que he para nosso bem por vias que naõ alcançamos, como disse

8 *Job* 1.12.
9 *D. August. sup. Psalm.* 73.
10 *Amos* 3. 6. Si erit malum in civitate, quod Deus non fecerit?
11 *Joan* 6.38.
12 *Matth* 26.39 & 42. *Marc.* 14 36. *Luc.* 22. 42.
13 *Matth.* 21. 37. & 38.
14 *D Hieronym. epist. ad Dem.* Eadem velle, & eadem nolle, ea demum firma amicitia est.
15 *Matth.* 6.10.
16 *P. Affonso Rodrig. exercit. esp.* 1. *trat.* 8. *cap.* 4.
17 *Ecclesiast.* 2.3.
18 *Act.* 9 6. Domine quid me vis facere?
19 *Job* 1.21. & *c. ult.* 10. *cum seq.*
20 1. *Reg.* 25.13.
21 *Refere o P. Rodrigues sup.* 6. 8. *in fin.*

22 *Judith 8.*
23 *2. Machab. 6. 12. & seq.*
24 *Infra cap. 27.*
25 *Refert Valer. Max. l. 7. c. 2.*

disse a Santa, & valerosa Judith aos seus : 22 & o Escritor dos livros dos Machabeos aos leytores ; 23 o que expenderemos abayxo em mais proprio lugar. 24 Já Socrates, que entre os Gentios foy Oraculo terrestre da sabedoria humana, dizia, 25 que naõ se devia pedir aos Deoses, senaõ em géral, que nos dessem bens ; porque só elles sabiaõ, quaes estes eraõ, & os que nos convinhaõ ; porque a vontade, & juizo dos homens envolto em trevas, muytas vezes desejava, o que lhe era nocivo. A mayor sciencia da creatura, he deyxarse toda nas mãos de seu Creador, que sabe o para que a formou, & como o ha de governar ; a ella só pertence viver attenta à obediencia, & amor de seu Senhor ; & elle he fidelissimo no cuydado de quem assim o obriga, & toma por sua conta todos os negocios, & successos, para tirar delles vitorioso, & accrescentado, a quem de sua verdade se fia. Quantos bens perdem as creaturas, por naõ alcançarem esta sabedoria ? negaõ-se ignorantes à Divina Providencia, que he forte, suave, & efficaz ; que mede os orbes, & elementos, conta os passos, numera os pensamentos, & tudo dispoem em beneficio da creatura ; & entregaõ-se de todo o ponto à sua mesma negociaçaõ, que he dura, inefficaz, & fraca, cega, incerta, & precipitada. Deste mào principio se originaõ, & se seguem para a creatura irreparaveis danos ; porque ella mesma se priva da divina protecçaõ ; & se degradua da dignidade de ter a seu Creador por amparo, & tutor seu. E além disto se pela sabedoria carnal, & diabolica, a quem se somette, lhe succede alguma vez alcançar, o que com ella busca, se julga por ditoso em sua infelicidade, & com sensivel gosto bebe o mortal veneno da eterna morte entre a enganosa deleytaçaõ, que desemparada, & aborrecida de Deos consegue.

5. Por este meyo domina o homem a *Fortuna*, como a domina Deos ; pois succedendo tudo à vontade de Deos, fica succedendo tudo à vontade do homem ; que se poz nella ; & assim naõ tendo vontade propria, sempre faz a sua vontade, & se acha com ella feyta, ainda que naõ queyra. 26 Deste modo vivirá sempre contente ; gostando de tudo o que vier ; & em perpetua paz, pois nada o perturba, nada teme, nada o afflige, tudo abraça voluntario, & como procurado, & desejado por elle mesmo. A qual paz he bemaventurança, que imita a do Ceo, que como diz o Apostolo, 27 consiste na paz, & gosto que se logra em Deos. Até as adversidades o regalaõ, como vindas por vontade divina ; arde, & naõ se queyma, como a çarça de Moysés ; 28 alegra-se entre as chammas, & louva a Deos como os mancebos de Babylonia. 29 Notou com excellencia o muyto douto, & espiritual Padre Affonso Rodrigues, 30 que isto he o que o Santo Job dizia : 31 *Senhor, maravilhosamente me atormentais.* Porque

26 *S. Dorot. doctrin. 9.* Qui propriam uon habet voluntatem, suam ipsius semper agit volũtatem, & sic nolentes propriam implere voluntatem, invenimus illam semper explevisse.

27 *D. Paul. ad Rom. 4. 17.*

28 *Exod. 3. 2.*

29 *Daniel. 3.*
30 *P. Rodrig. sup. c. 4. in med.*
31 *Job 10. 16.* Mirabiliter me crucias.

que por huma parte padecia com dores; por outra gostava de padecer, o que lhe vinha por disposiçaõ de Deos.

6 Já os Estoicos, se bem por termos Ethnicos, encaminhavaõ sua doutrina a alcançar esta boa *Fortuna* por este meyo. Diziaõ, que o fim natural do homem; era (como acima dissemos 32) *Felicidade*; a qual consistia em abraçar o bem; & que esta *Felicidade* naõ se offendia pelos successos adversos nos sentidos corporaes, se o animo se accommodava com elles. Porque todo o composto se denomina da sua parte principal; & que a principal do composto do homem era o espirito; pelo que, estando esta parte feliz, com o bem, que abraçava, todo o homem estava feliz; ainda que as partes corporaes deste composto padecessem trabalhos. Assim como huma Republica se chama feliz na guerra, se alcançou vitorias convenientes ao principal de seu estado; posto que nellas perdesse soldados; que eraõ membros seus. E diziaõ, que se isto naõ fora assim, & a *Felicidade* do espirito pendèra da do corpo; este ficava sendo o Senhor com grande absurdo, & offensa da natureza, que o fez escravo do espirito; & comabatimento da dignidade do homem, que consiste no espirito, & alma racional. 33 Conforme á isto o illustre Agesilao, estando com dores de gotta; & vendo que Carneades, que viera visitallo, se despedia receando molestallo mais com sua presença, lhe disse: *Naõ vos vades, porque dalli* (apontando para os pès) *nada chega cà* (pondo a maõ no peyto. 34) E Possidonio, atormentado em huma doença de gravissimas dores, dizia: *Em balde trabalhas ò dor; nunca confessarey, que es mal.* 35 Em outro lugar 36 temos referido semelhantes exemplos.

32 *Supra cap.13.*

33 *Dissemos no trat. Eva, & Ave pag.2.c.40.n.14.& 15.*

34 *Cic.1.Tuscul.*

35 *Bruson.l.2.c.1.*

36 *No trat. Eva, & Ave, pag.2. cap.41.*

7 Christianando esta doutrina, se o homem pòem sua *Felicidade* (como deve) na resignaçaõ com a vontade divina; a goza seu espirito em qualquer successo, posto que os sentidos corporaes queyraõ resistir; pois a parte mais alta, & principal, em que o homem consiste, goza essa *Felicidade*, que desejava de ter, & padecer o que Deos quer.

CAPITULO XIV.

Que o conhecimento proprio, he hum dos meyos, porque a prudencia leva o homem a dominar a Fortuna.

1 INventàraõ os homens a Geografia, para conhecerem todas as terras, & todos os mares. Estendèraõ-se à Cosmografia, para comprehenderem tambem o elementar, & ethereo, & dentro dos cèlestes circulos a maquina universal. Particularizàraõ com a Astronomia o conheci-

mento, & moto dos Astros. Penetràrão com a Astrologia suas qualidades; & influencias. Investigàrão a natureza dos animaes, não só terrestres; mas no profundo das aguas; as virtudes escondidas das hervas, & das arvores, as propriedades das duras pedras; tudo finalmente por occulto, & remoto que se possa imaginar. Só do perfeyto conhecimento de si mesmos não tratão, estando isto tanto mais perto. Contentão-se com o geral da especie humana; sem descer cada hum a seu individuo, sendo o que lhe importa mais Grande miseria (como dizia Diogenes 1) olharmos para o que está tão longe, & não para o que temos a nossos pès! Não queremos vernos a este espelho, por nos não vermos tão feyos, como somos. *O' homem* (diz Bernardo 2 em pessoa de Deos) *se te vires, te descontentaràs; mas eu me contentarey de ti; porque não queres descontentarte; me descontentas; virà tempo, em que não contentaràs, nem a mim; nem a ti: nem a mim, porque peccaste; a ti, porque arderàs para sempre.* Vay tanto nisto, que Lucifer, porque se não conheceo, de Anjo se tornou demonio: & Francisco, porque se conheceo, de homem subio a Serafim.

1 *Diogen. apud Laert. de vit. philos. lib. 6.*

2 *D. Bernard. de inter. dom.* O homo, si te videres tibi displiceres, & mihi placeres; sed quia te non vides, tibi places, & mihi displices. Veniet tempus, cùm nec mihi, nec tibi placebis, mihi, quia peccasti, tibi, quia in æternum ardebis.

2 Todos os infortunios vèm aó homem de se não conhecer. Deyxa-se levar da presumpção de ser feyto à imagem, & semelhança de Deos, 3 com a belleza da alma racional: senhor de todos os animaes: 4 logrando a fermosura do mundo creado para elle; & o que mais he, tao mimoso de seu Creador, que desceo do Ceo à terra, para com sua morte o livrar da culpa, & fazer capaz da gloria celestial. Muytos, sobre tantas excellencias, tem outras naturaes, & da Fortuna: nobreza, gentileza, valor, sciencias, riqueza, dignidades; vem-se applaudidos por varios titulos, & tão satisfeytos de si, como Semideoses. Em toda a esfera he isto géral, no espiritual, & no temporal, posto que não haja fundamento. O mais ignorante, o mais vil, & pobre, o inhabil por doença, ou por outra causa, cuyda que não tem defeyto natural: só diz, que lhe faltou a *Fortuna*, mas que isso lhe não tira o merecimento. No temporal cresce este mal cada dia; jà não ha quem sofra ser emendado: jà se acabou a differença nos tratamentos: todos querem ser iguaes, ou mayores, & assim já se não acha algum menor na sua opinião.

3 *Genes. 1. 26.*

4 *Psalm. 8. 8 & seqq.*

3 Taes vangloriosos, & arrogantes chamou o Sabio: *Abominação de Deos*; 5 *he sua soberba principio de todo o peccado*: 6 & accrescentou, que não só he odiosa diante de Deos, mas tambem diante dos homens: 7 naturalmente se aborrece, até aos que peccão no mesmo vicio. Todos os outros viciosos ordinariamente amão seu semelhante: só estes sempre contendem entre si. Sendo, pois, o homem odiado no Ceo, & na terra, onde acharà favor para ser bem afortunado? He inimigo de si mesmo. O que de si imagina, lhe impede a boa *Fortuna*; porque esta, como acima dissemos, 8 não

5 *Proverb. 16. 5.* Abominabilis Domino est omnis arrogans.

6 *Eccles. 10. 17.* Initium omnis peccati est superbia.

7 *Eccles. 10. 7.* Odibilis coram Deo, & hominibus superbia.

8 *Supra cap. 10.*

naõ se encontra sem ser buscada; & elle com o errado fundamento de seus merecimentos a não busca por via, em que a possa achar. Esta he a razaõ, porque vemos homens com grandes qualidades sem accrescentamento, & outros sem ellas muyto accrescentados: aquelles fiados em si cuydàrão, que a boa *Fortuna* os buscasse; estes desconfiados de seus meritos fizerão diligencia para achalla: & assim aquelles desmerecérão por sua presumpção, estes se fizerão dignos por sua humildade. O dos mayores meritos deve sempre entender, que ha outros, que os tem aventajados. Hum daquelles Padres antigos do deserto, que só comia tremoços, se imaginava o mais abstinente; & vivia outro abayxo, que só se sustentava das cascas dos mesmos tremoços, que esperava em hum regato de agua, em que aquelle primeyro as costumava lançar a certa hora. Alguns nas Cortes cuydão, que por suas partes os haõ de rogar: & achaõ-se enganados; porque os Principes naõ querem rogar, nem aos mais necessarios; costumão dizer, que os suppoem mortos, pois se morressem, os havião de escusar.

4 Não te tenhas por melhor que outros, (disse hum Varão Santo [9]) para que Deos te não tenha por peyor que todos. Os juizos de Deos saõ differentes dos juizos dos homens; muytas vezes lhe não he agradavel, o que a elles contenta: nunca faz mal sugeytarse a todos: & muytas vezes faz mal anteporse a hum só. Conhecete, [10] sabe quem es, & o que mereces; com isto acertaràs tambem no temporal. He verdade, que podendo o homem comprehender tudo o mais, não se póde conhecer a si, como notou Philo. [11] Por isso dissemos em outra parte, [12] que pondo Adam nome a todos os animaes, conforme à natureza de cada hum, [13] naõ quiz Deos, que o puzesse a si proprio, porque não acabaria de se conhecer, para se poder diffinir; o mesmo Senhor lho poz. [14] Mas isto procede de amor proprio, cego, improbo, estulto, como lhe chamou Horacio; [15] que o judicioso Esopo [16] dizia, que trazia alforges, & que no dianteyro metia as faltas alheas para as ver; & no das costas as proprias, & por isso as não via. Parece amor proprio, & he inimigo proprio, pois nos tira do que mais nos convem. [17] Facil he conhecernos se quizermos, só com a lembrança que nos faz a Igreja Santa, de que somos pò, & em pò nos havemos de tornar. [18] O mesmo que disse São Bernardo: [19] *Tem sempre na memoria estas tres cousas: o que foste* (antes de nascido) *o que es, & o que seràs.* A segunda destas cousas, *o que es*, serve agora sómente para o nosso assumpto. Que es? Por todas as vias miseravel: foste creado com as perfeyçoens, de que te jactas; mas pelo peccado degeneraste de modo, que disse Deos que lhe pezava de tua creação. [20] E no corpo a creatura mais infructifera: as hervas dão flores, as ar-

9 *Thom. à Kemp. de imit. Christ. lib. 1. c. 3. n. 7.*

10 Nosce te ipsum.

11 *Phil. l. 1 Allegor.* Mens, quæ inest nostrûm unicuique, cætera potest comprehendere, se ipsum nosse non potest.

12 *No trat. Eva, & Ave p. 1. c. 2. num. 8.*

13 *Genes. 2. 20.*

14 *Genes. 5. 2.*

15 *Horat. lib. 1. carm. 18.* Subsequitur cæcus amor sui. *Et serm. 3.* Stultus, & improbus hic amor est.

16 *Æsopus apud Stobæum ser. 13.*

17 *Euseb. apud Stob. serm. 23.*

18 *Psal. 102. 15.* Recordatus est, quoniam pulvis sumus.

19 *D. Bernard. in formul. honest. vit.* Ista tria semper mente habeas: Quid fuisti? Quid es? Quid eris?

20 *Genes. 6. 6.* Pœnitet me fecisse hominem.

vores dão fruto : tu considera ; o que dàs ; & lembrate que pelo fruto se conhece a boa , ou mà arvore. 21 Es na alma peccador; pòdes negar que peccaste ? Sabes, que peccaste, & não pòdes saber , se estàs perdoado , & livre do inferno: (Tremenda consideração !) Por mais que te pareça , que estàs justificado ; 22 muytas vezes he culpavel nos olhos de Deos , o que nos teus parece louvavel. 23 Naõ foraõ perdoados os Anjos , cahirão as estrellas do Ceo : que será de ti pò , & cinza , se Deos se não compadecer de ti ? Na nobreza (se estàs nessa esfera) es principalmente filho de tuas obras, porque a que ganhàrão teus avòs , derivada em ti , ainda he sua ; 24 obrigate a que sejas bom , 25 & assim te he encargo ; sò te serve , de que se o quizeres ser, te farà mais prompto a seguir a virtude ; mas tambem se a não seguires , seràs mais vil 26 estanho , que se tira da prata. Quanto mais que ao que se jacta de mais illustre, là se acha hum , ou dous ascendentes , que lhe pòdem servir de pès de pavão. Nas acçoens (se queres ser louvado por ellas) todo ès nada : todas de si saõ como nada diante de Deos ; 27 o que tiverem de bom, não nasce de ti , mas he dadiva do mesmo Senhor , que ainda depois de dada , não se pòde sustentar , se elle a naõ sustenta: & assim quando queres relatar teus meritos , só relatas seus beneficios , que sob pena de ingratidão , te obrigão mais a confessar , que nada he teu : antes quanto mais recebeste, tanto es mais pobre , porque deves mais. Mas lembrate embora de tuas acçoens , que se as contares bem, acharàs, que saõ mais as vituperaveis. Finalmente nada do que em ti luz , merece louvor : só he louvavel o que no interior esconderes de bem. De que te jactas, logo , terra , & cinza ? 28 Em que fundas teus merecimentos ?

6 Deste conhecimento proprio resulta a humildade, que Christo Senhor nosso ensinou , 29 & he fundamento de todas as virtudes , 30 sem a qual nenhuma pòde subsistir. 31 Mas assim como os mestres espirituaes 32 permittem ao Religioso mais retirado , professor da humildade mais profunda, consentir tal vez ser estimado em ordem ao serviço de Deos, & bem do proximo ; porèm com grande advertencia , & cautela, de que o especioso pretexto o não arrisque à vanglòria : assim nos seculares , com quem fallamos, para o fim de lhes mostrarmos o caminho da boa *Fortuna* , naõ requeremos conhecimento tão apertado , & de que proceda humildade tão abatida; bastarà que seja Christã , & prudente , conforme a seu estado; que pelo de cada hum se devem temperar , & dirigir todas as virtudes ; pois as differentes mansoens , que ha na casa de Deos, tem suas differentes regras sem se desviarem da perfeyção Christã.

7 Bastarà , que em geral reconheçamos a fragilidade de nossa vida : aggrava-se de nossos peccados a esfera da nobreza,

21 *Matth.7.16.& seq. Luc.6.43.& seq.*

22 *Ecclesiast.9.1.* Nescit homo utrùm amore , aut odio dignus sit.

23 *Kemp.sup.l.3.c.46.n.4.in fin.*

24 Nam genus , & proavos , & quæ non fecimus ipsi, vix ea nostra voco.

25 *D.Gregor. in dialog.*

26 *Horat.carm.lib.4.od.4.*

27 *Psal.38.6.* Et substantia mea tamquam nihilum ante te.

28 *Ecclesiast.cap.10.9.* Quid superbis terra, & cinis?

29 *Matth.11.29.*

30 *D.Augustin serm.10 de verb. Domin.* *D.Cyprian.serm.de Nativit Chr.* *D.Bernard.serm 1 de Nativit.*

31 *D.August.epist. 56.ad Dioscor.*

32 *P.Affons.Rodrig.nos exercicios da perfeyçaõ , pag.2. trat. 3. c. 29.*

za, em que Deos poz a cada hum: o cabedal de fazenda, com que se acha: & o juizo, & talento, de que Deos o dotou; ponto em que ha a mayor difficuldade, porque ninguem se desengana, antes o que menos sabe, cuyda que sabe mais. Com virtude valerosa deve cada hum constituirse juiz recto para se examinar a si mesmo, & todas as circunstancias, que pòdem facilitar, ou impedir seus intentos. Sugeyte-se o entendimento, posto que repugne a vontade; não se deyxe levar de fantasias, a que nosso natural se inclina: mas accommodando-se com a razão, & possibilidade propria, obedeça humilde, ao que ella dictar, sem desvanecer; & se prometter de si mais, imaginando-se com o que não tem. Naõ ha sabio, que naõ ignore cousas; que sabe hum nescio: não ha valente, que naõ tema em algumas occasioens: he o que commummente se diz, que não ha fermosa sem senão: ninguem ha, que não tenha alguma parte, porque desmerece.

8 Destas consideraçoens se tirão grandes bens. Porque o que vé suas faltas, se he prudente, recorre a Deos; & então se obriga o Senhor a ajudallo, & o faz poderoso. Neste sentido disse o Apostolo: 33 *Quando me acho fraco, entaõ estou com forças.* Tem o Senhor por gloria obrar por instrumentos fracos, para se lhe attribuirem os successos; & assim com humildade se emprende magnanimamente. *Tudo posso* (dizia o mesmo Apostolo 34) *naquelle, que me conforta.* Daqui nasceo a David a boa *Fortuna*, como elle confessou. 35 Deste modo quem a deseja, deve alternar comsigo conceytos humildes, & valerosos, desconfiando de si, & logo confiando em Deos, como o mesmo David fazia 36 no espiritual; que para o temporal he a melhor regra: conhecia, & temia seu peccado, mas animava-se na esperança do perdão. Sem nos determos muyto em huma destas consideraçoens, devemos tornar à outra, & repetilla sempre; porque se nos dermos muyto à de nossa impossibilidade, desmayaremos; & se nos segurarmos na do favor Divino, naõ trabalharemos, & cahiremos de todo, como cahiraõ muytos Santos.

33 *Paul. 2. ad Cor. 12. 10.* Cùm enim infirmor, tunc potens sum.

34 *Paul. ad Philip.* 4. 13. Omnia possum in eo, qui me confortat.

35 1. *Paralip.* 29. 11. *cum seqq.*

36 *Psalm.* 50.

9 Discursando ao humano: aquellas consideraçoens, que apontàmos, nos ensinàrão, como nos havemos de encaminhar para a boa *Fortuna*. A da fragilidade da vida nos mostra, quam errados vão, os que dispoem as cousas ao largo, & vindo a morte lhes deyxa frustrado tudo o que trabalhàraõ, como cada dia vemos em muytos; só se deve emprender o que, ou se conclua brevemente, ou interrompido com a morte, deyxe alguma utilidade, ou pelo menos não deyxe perda de despeza, ou outra de substancia. A consideraçaõ de nossos peccados nos aconselharà a recorrer à misericordia de Deos; & contentarnos com pouco, pois vemos que nada merecemos. A da esfera da nobreza mostrarà a cada hum o caminho, que deve seguir; os mayores não se abatendo com

empregos indignos, em que imaginaõ, que ganhaõ, & já na indecencia levaõ mà *Fortuna*; os menores conhecendo, que naõ tem azas para voarem ao alto sem subirem por degràos honestos, que muytos desprezaõ com brios errados, levados de exemplos das subidas que fizeraõ outros; casos particulares que naõ fazem regra; & assim ficaõ sem se levantarem. Isto disse bem Tacito 37 com o exemplo de Butridio: *Tinha muyto boas partes, & se andàra caminho direyto, chegàra a qualquer grào: mas naõ teve sofrimento, querendo passar diante de seus iguaes; logo diante de seus superiores; & finalmente diante de suas mesmas esperanças; & isto destroe a muytos bons, que desprezando o que seguramente poderiaõ alcançar, pouco a pouco se arrojaõ antes de tempo, ainda que seja com seu dano* A consideraçaõ da fazenda regularà os gastos, em que consiste grande parte da boa *Fortuna* nesta materia; porque a poucos falta o necessario, se se abstem do superfluo; nem faltarà aos de menor condiçaõ mais necessitados, se deyxada a vaidade, que hoje nelles reyna, se occuparem como seus avòs; ou se se acostarem aos ricos, & naõ differem, como costumaõ, que saõ taõ bons como elles. A do talento proprio, posto que mais perigosa, naõ he impossivel, porque ninguem, se interiormente se olha, desconhece o que val, salvo hum totalmente nescio: & para este naõ escrevemos; porque diz o Espirito Santo: 38 *Se pizares hum nescio em hum almofariz, naõ se lhe ha de tirar sua estulticia*; porque alli fica a mesma massa. Quem conhecer, que naõ he habil para huma cousa, naõ imite a Phaetonte para sua ruina; 39 applique-se a outra; para que tenha genio, & terà nella boa *Fortuna*; porque a natureza, assim como não fez a hũ idoneo para todos os ministerios, a nenhum creou incapaz de todos; se se fizer boa eleyçaõ do que he conveniente a hum talento, aproveytará nelle muyto o que seria inhabil para outro. Como pòde ter boa *Fortuna* nas sciencias, o que só tem natural para a guerra? Ou como terá boa *Fortuna* na guerra, o que só serve para a mercancia? O mesmo he nas artes mecanicas, & em tudo o mais. Em outros lugares 40 o temos comprovado com razoens naturaes, filosoficas, & com exemplos de experiencia.

10 Finalmente nesta navegaçaõ da vida (como lhe chamàrão Job, & Salamão 41) o piloto he a prudencia, como disse Socrates, 42 & o astrolabio, he o conhecimento proprio, que em todos os mares ensinarà os rumos, porque se ha de chegar ao porto da boa *Fortuna*.

37 *Tacit. ann. l. 3. ante fin.*

38 *Proverb. 27. 22.* Si contuderis stultum in pilâ quasi ptisanas, feriente desuper pilâ, non auferetur ab eo stultitia ejus.

39 *Ovid. Metam. l. 2. fab. 1.*

40 *No trat. Perfect. Doct. qualit. 12. E no trat. Eva, & Ave, pag. 1. c. 45.*

41 *Job 9. 26. Sap. 5. 10.*

42 *Socrat. apud Stob. serm. de Prudentia.*

CAPITULO XV.

Da Magnanimidade necessaria para alcançar boa Fortuna.

1 POsto que na consideraçaõ especulativa, *Magnanimidade*, & *Magnificencia* sejaõ virtudes differentes em especie, porque à *Magnanimidade* pertence o intentar cousas grandes; & à *Magnificencia* o fazellas, como significa o verbo *facio*; de que seu nome se compoem; com tudo, porque communmente se diz fazer naõ só nas obras exteriores, mas tambem nas da vontade, & entendimento, equivocamos huma, & outra no Capitulo presente. 1

2 Com o humilde conhecimento de si mesmo se compadecem a *Magnanimidade*, & *Magnificencia*, estribando em Deos, & conservando a humildade no coraçaõ, que he onde Deos a quer. 2 Taõ longe estaõ de vaidade, presumpçaõ, ou soberba, que antes saõ virtudes, & entre as moraes tratou dellas Santo Thomàs; 3 em cuja doutrina a *Magnanimidade* importa huma intençaõ, ou extençaõ do animo para cousas grandes, ou absoluta, ou proporcionadamente; de maneyra que tanto se dà nos pequenos, como nos grandes à proporçaõ da materia, que trataõ. Pòde-se diffinir: *Virtude, que tende a grandes cousas segundo razaõ recta.*

3 He requisito para alcançar a boa *Fortuna* no sentido, em que himos fallando, ainda que em outro mais escolastico ensine o mesmo Doutor Angelico, 4 que antes a boa *Fortuna* conduz para ella. Digo que he requisito para a boa *Fortuna*, assim porque emprende cousas grandes, como porque estimando em pouco todas as externas; naõ desmaya com as adversidades; & com isto em qualquer successo se conserva feliz. 5 Pelo que disse Tullio, a quem refere o mesmo Doutor Santo, 6 que *he hum pensamento, & execuçaõ de cousas graves, & altas com huma representaçaõ ampla, & esplendida no animo.*

4 Sem *Magnanimidade*, nada se pòde emprender, porque em tudo ha difficuldades. Se Annibal naõ fora magnanimo, naõ emprendèra passar os Alpes taõ inaccessiveis, como já dissemos. 7 Se os Romanos o naõ foraõ, desmayariaõ com as grandes rotas de exercitos, que elle lhes deu; o grande animo, que naquella, & em outras occasioens tiveraõ, os fez senhores da *Fortuna*. 8 A pusillanimidade dos Israelitas, quando viraõ sobre si junto do Mar Vermelho o exercito de Faraò, os fizera tornar ao cativeyro, se os naõ exhortàra a *Magnanimidade* de Moysés. 9 O mesmo queriaõ fazer atemorizados com as novas, que trouxeraõ os exploradores,

1 *Hæc ex D.Thom.* 2.2.*q.*134.

2 *Matth.*11.29. Quia mitis sum, & humilis corde.

3 *D.Thom.*2.2.*q.* 129.*art.*1.*&* *q.*134.

4 *D.Thom.d.q.*129.*art.*8.

5 *D.Thom.d art.*8.*ad*3.

6 *D.Thom.*2.2.*q.*128.*art.*8.

7 *Sup.cap.*10.*num.*7.

8 *Vide Dionys.Halicarnas.l.*5.

9 *Exod.*14.10.

dores, se o mesmo Moysés, Aaram, Josuè, & Caleb os naõ animàraõ. 10 Até para as cousas mais pequenas he necessaria proporcionadamente. Como terá boa *Fortuna*, ou no mar, ou na guerra, ou sahindo da patria, o que naõ tem animo para se apartar do regalo, & ocio della? O que se contenta com a pobreza, em que nasceo? Ou o que começou a emprender, & se quebrantou com algum mào successo, faltandolhe valor para perseverar? A *Magnanimidade* he huma excellencia, com que o homem aspira a grandezas, mas leva igualmente as adversidades, & prosperidades; nada a humilha, ou levanta: nem se admira das illustres acçoens alheas, nem se jacta das proprias: todas as difficuldades lhe parecem venciveis. He symbolo seu a palma, porque não cede ao pezo: 11 os trabalhos, & infortunios não abatem ao Magnanimo, antes o accendem a mayores emprezas; 12 tudo tem por inferior à virtude, & nella se julga capaz de cousas grandes. Com exemplos dissemos mais disto em outras partes. 13 A pusillanimidade em tudo lhe he contraria, por isso aconselha o Sabio, 14 que se fuja della.

5 A *Magnanimidade* nasce principalmente com o homem. Alexandre Magno tendo só doze annos de idade, & sendo muyto ligeyro no correr, convidando-o outros meninos a correr ao estadio Olympico, como costumavaõ por jogo, respondeo: *Que de boa vontade correria, se na aposta corressem com elle Reys.* Quando chegavão novas das vitorias de seu pay Felippe, & do que conquistava, se entristecia, & dizia: *Meu pay ha de fazer tudo, sem nos deyxar que fazer.* Huns Embayxadores da Persia conhecérão nelle tal *Magnanimidade* pelas perguntas, que lhes fez em tão poucos annos, que forão admirados. 15 Nosso Magnanimo Rey Dom Sebastião sendo muyto menino foy achado com lagrimas em huma Capella da Igreja de Saõ Roque de Lisboa dos Padres da Companhia de JESUS; & perguntado, *porque chorava*, respondeo, *que estava pedindo a Deos, que o fizesse seu Capitaõ.* 16

6 Procede ordinariamente do sangue dos progenitores, porque o fruto da arvore vem da raiz: as aguias generosas não gerão pombas timidas. 17 Alexandre foy filho de Felippe Rey de Macedonia muyto Magnanimo, & diz Plutarco, 18 que se tinha por certo, que por elle descendia de Hercoles, & por sua mãy Olimpia, de Achilles: ElRey Dom Sebastião era daquelles inclytos Reys Portuguezes, cuja *Magnanimidade* chegou a dominar do Oriente a Poente o melhor das quatro partes do mundo. Em Roma houve familias, em que quasi todos erão Magnanimos: a dos Cornelios, & Scipioens, a dos Metellos, & algumas outras. Escreve finalmente hum grande Politico, 19 que a nobreza he total occasião de fazer os homens altivos, & Magnanimos; & que porque Joseph Ab-Arimathæa era nobre, como declara o Sagrado

10 *Numer.13.adfin. & 14.*

11 *Alciat.emblem.36.* Nititur in pondus palma, & consurgit in altum: Quò magis, & premitur, hoc mage tollit onus.

12 *Carol.Paschal in axiom.polit.* Virorum fortium animi non modo accep â insigni aliquâ clade non remittuntur, aut infringuntur, quin potius ad maiora audenda incenduntur.

13 *Nas excellènc de Portugal c.7.no princip. E no trat.Eva, & Ave p.1. cap.34. num.2.*

14 *Ecclesiast.7.9.* Noli esse pusillanimis in animo tuo

15 *Q. Curt.histor. Alex. lib.1. Plutarch.in Alex.in princ,*

16 *Luis Cabrera hist.de Philippe II.Rey de Castella l.2.c.10. Alia apud Vasconcellos, in anacephalæos au Sebastian.*

17 *Horat.lib 4.carm.ode 4.* Nec imbellem feroces Progenerant aquilæ columbam.

18 *Plutarch.in Alex.in princ.*

19 *Bovadilha na polit. l.5.c.4.n.5.na margem.*

grado

grado Evangelho, 29 por isso com magnanima ousadia, por entre tantos inimigos entrou em casa de Pilatos, a pedirlhe o corpo de Christo, para lhe dar sepultura. Pela mesma razão os de progenitores pusillanimes se parecem a elles: communmente os homens de bayxa condição, não tem espiritos altos; tudo temem; como disse Virgilio, 21 entendem, que ninguem lhes estranharà continuarem no estado, em que os deyxárão seus avòs; naturalmente saõ acanhados; tudo lhes parece impossivel: em qualquer pequena cousa, que se lhes encomende, ou mande fazer, acham difficuldades, & nem animo, nem disposição tem para emprender vencellas, posto que sejão faceis. Isto vemos cada hora nos nossos criados, a quem encomendamos qualquer cousa. He verdade, que de huns, & outros degenerão alguns, & pòde ser que muytos; como nas aguas, que dos canos, porque passaõ, tomão differente qualidade da com que nascérão. Houve, & ha homens de grande nobreza com espiritos vis: & homens de nascimento ignobil muyto magnanimos. Mas a estes casos chamou Valerio Maximo semelhantes a monstros, (porque saõ contra a regra da natureza) tratando de hum filho do grande Scipião Africano, que teve o mesmo nome, & o animo tão differente, que para o fazerem Pretor, se valeo do favor de hum criado de seu pay: & depois de eleyto, foy privado por vil. 22

7 Pelo que sempre convem, que o homem, para ser magnanimo, ajude o natural com algumas consideraçoens; os nobres, & illustres envergonhando-se de não seguirem os exemplos de seus mayores, como elegantemente diz huma Ley das partidas do Reyno de Castella; & o Glosador Gregorio Lopes o confirma com hum galante lugar de Bartolo; 23 & a Ordenação de Portugal 24 segue o mesmo pensamento, quando trata a quem se hão de encarregar as Alcaydarias mòres. 25 Por isso Virgilio introduz a Eneas encomendando a seu filho Ascanio, que para ser magnanimo se lembre sempre de seus pays, & parentes: & com o exemplo de seus pays exhortava Tobias 26 a seus parentes, & amigos. Devem procurar, que se lhes accommode bem o louvor do disticho de Ovidio, 27 dizendo-se delles, que sendo generosos pelos titulos de seus avòs, vencem o illustre do sangue com a nobreza das acçoens. Os de nascimento humilde se devem animar com o que em outros versos igualmente celebres disse Juvenal, 28 que melhor he ser filho do fraco Thersites, sendo Achilles por obras valerosas, do que ser filho de Achilles, & semelhante a Thersites nas obras; melhor serà dar principio, que fim à geração illustre. Muytos Reys, Emperadores, & varoens famosos, tiveraõ bayxa origem. 29 Em outra obra fizemos Catalogo delles. 30 Quanto mais, que como ahi notámos, ninguem ha que naõ tenha hum

20 *Marc.15.43.* Nobilis Decurio audacter introivit ad Pilatum, & petijt corpus Jesu.

21 *Virg.4.Æneid.* Degeneres animos timor arguit.

22 *Valer.Maxim.l.3.c.5.*

23 *Ley 6.tit.18.partida 2. Port in l.Ut vim,n.fin ff. de Just. & jur.*

24 *Ordin.l.1.tit.74 in princ.*

25 *Virgil.Æneid.12.*
Tu facito mox, cùm matura adoleverit ætas,
Sis memor; atque animo repetentem exempla tuorum,
Et pater Æneas, & avunculus excitet Hector.

26 *Tob.2.27.* Nolite ita loqui, quoniam filij sanctorum sumus.

27 *Ovid.Trist.l.4.eleg.5.*
O, qui nominibus cùm sis generosus avorum,
Exuperas morum nobilitate genus.

28 *Juvenal Satyr.8.in fin.*
Malo pater tibi sit Thersites, dummodo tu sis
Æacidæ similis, vulcaniaque arma capessas
Quàm te Thersitæ similem producat Achilles.

29 *No trat Eva, & Ave, p.1.c.34.n.3.& 4.*

30 *Apud Gaspar de Reys Franco in Camp.Elys.q.44.à n.25.*

hum bom ascendente, posto que remoto, a que se pòde pegar, delle se toma algumas vezes mais que dos chegados, por razoens que os Filosofos, & Medicos apontão: as aguas, symbolo da vida humana, posto que se achem nos valles bayxos, se procedem dos montes, com industria se fazem subir, quanto descèraõ: 31 a *Magnanimidade*, he industriosa para levantar. Ha outra consideração para todos de qualquer qualidade; que como disse Herodoto; 32 as cousas grandes querem ser emprendidas com grandes perigos, & não se alcanção sem elles; mas (como escreveo Cesar 33 experimentado) nada ha tão difficil que não seja vencivel. Plutarcho, 34 & Tacito 35 proseguirão, que tudo he expugnavel ao animoso; muytas cousas se tiverão por difficultosas, porque não forão commettidas. A *Magnanimidade*, confessou o mesmo Cesar, 36 não deyxa de se perturbar, mas seu brio produz valor, & desejo de honra, que a faz ousada; & assim ella naõ he izenta de temor; mas teme mais a perda da gloriosa fama. Judiciosamente o advertio Plutarcho. 37

8 Comtudo a *Magnanimidade* ha de guardar medida. Tanto peccará por demasiada, como a pusillanimidade por vil; (não he isto limitalla, mas facilitarlhe os effeytos) porque como discursa Santo Thomás, 38 tudo o que he contrario à inclinação natural bem governada, pecca contra ella como contraria à ley natural. Todas as cousas animadas, & inanimadas, tem natural inclinação, para executarem acçoens proporcionadas à sua potencia. Logo assim como a pusillanimidade pecca contra a inclinação natural em faltar à proporção de sua potencia, deyxando de fazer o que pudèra; (que por isso na parabola do Evangelho foy condenado o que não negociou com o talento; 39) assim a *Magnanimidade* peccará contra a sua inclinação natural, excedendo a proporçaõ de sua potencia, em presumir chegar ao que ella naõ chega. Deve-se acompanhar com prudencia, não emprendendo impossiveis; appetecer estes sem consideração serà temeridade bruta, & monstro contra a natureza. He necessario meyo entre receyo, & confiança; porém pendendo mais para esta. Pòde-se desprezar a morte, mas não aborrecerse a vida, que isso he de infeliz. Prudencia sem audacia, & audacia com loucura, ambos saõ vicios. O que se intenta com precipitação, se foge depois com ignominia. 40 Isto he o que acima 41 propuzemos na diffinição, que *Magnanimidade* he virtude, que tende a grandes cousas segundo *razaõ recta*. Nesta razão recta se entende tambem, que naõ emprenda contra justiça; & assim dizia o grande Agesilao, que ella sem justiça, não tinha uso. 42 Os que emprendem tyrannias, & grandes insultos, mostrão animo para cousas grandes, mas não usaõ delle; porque a natureza lho deu para bom fim, & elles o empregão no mal; & o que se emprega em cousa para

ra

31 *Ecclesiast.40.11.*

32 *Herodot hist.l.1.* Magnæ res etiam cum magnis periculis volunt percipi.

33 *Cæsar.de bell Gallic.l.7.* Nil adeo arduum est, quod non virtute consequi possit.

34 *Plutarch.in Alex.* Nil audentibus expugnabile, nil satis munitum contra animosos.

35 *Tacit.annal l 12.* Cuncta virtute sunt expugnabilia.

36 *Cæsar.sup l 6.* Nemo est tam fortis, qui rei novitate non perturbetur.

37 *Plutarch in Cleomen.* Fortitudinem mihi videntur non vacuitatem à metu, sed metum reprehensionis, & ignominiæ antiqui judicasse.

38 *D.Thom.2.2 q.133.art.1.*

39 *Matth.25.Luc.17.*

40 *Hæc omnia vide apud Aristot. 3.Ethic.* *Senec. ep.87.& l.4.de benefic.c.27.* *Q.Curt.in Alex.l.5.* *Cicer.in Caton. Euripid in Hercul.* *D.Ambros 1. Offic.c.37.* *D.Bernard. 1. de Consider.* *Gel.noct.Attic.l.12.cap 5.* *Guicciardin. in Hipom. polit.* *Latè vixi in Harmon.polit.p. 5 §.7. à n.5.*

41 *Supra num.2.*

42 *Agesil.apud Plutarch.in apophthegm.Lacon.*

ta que naõ foy feyto, naõ se usa. De hum cavallo ginete muyto fermoso, brioso, & de partes, se se usou só para carga, dizemos que naõ teve uso, porque naõ se usou no para que foy creado. Finalmente sem *Magnanimidade* bem regulada naõ se póde alcançar boa *Fortuna*.

CAPITULO XVI.

Que a boa reputaçaõ conduz para a boa Fortuna; *& como se alcança.*

1 POr boca do Ecclesiastico nos aconselha o Espirito Santo: *Tende cuydado de ter bom nome, porque este vos será mais permanente, que mil thesouros preciosos, & grandes.* 1 Nos Proverbios repetio: *Melhor he bom nome, que muytas riquezas.* 2 Pelo Apostolo nos encomenda o mesmo. 3 Os politicos, meramente humanos, Marco Tullio, Seneca, Tacito, Plutarcho, Cassiodoro, o tiveraõ pela mayor conveniencia. 4

2 O bom nome, & reputaçaõ concilia benevolencia geral, que he grande parte para conseguir os negocios, como disse o mesmo Tullio; 5 porque como discursou Aristoteles, 6 ninguem se persuade a que deyxa de obrar justamente aquelle de quem tem boa opiniaõ. He esta taõ poderosa, que se estende a dominar nas materias naturaes; pois notou Santo Isidoro, que o bom conceyto, que o enfermo tem da sciencia do Medico, lhe aproveyta algumas vezes tanto, como a bondade dos remedios.

3 Contra o bem reputado, nem o inimigo se atreve, por se naõ desacreditar. He muyto difficultoso, disse hum Escritor grave, 8 deyxar de seguir a commum opiniaõ do povo.

4 Daqui vem, que muytas vezes só a boa *Reputaçaõ* acaba grandes cousas. Nos principios de Roma Menenio Agrippa só pela que tinha (como diz Tito Livio 9) com huma pratica bem simplez reduzio o povo nas graves discordias, que continuava com a Nobreza. 10 Marco Emilio Scauro, Varaõ insigne, accusado no Senado por Vario Sucronense, de que recebéra dinheyro d'ElRey Mitridates, que era inimigo da Republica, respondeo: *Em minha defensa, ó Cavalleyros Romanos, só vos farey huma pergunta: Vario Sucronense accusa a Emilio Scauro: Emilio Scauro nega: a quál dareis mais credito?* Bastou a *Reputaçaõ*, em que cada hum estava, para logo todos com altas vozes lançarem a Vario da accusaçaõ. Scipiaõ Nasica havendo na Plebe de Roma hum tumulto sobre o provimento de trigo, que faltava, disse aos tumultuarios, *que entendia melhor que elles, o que convinha à Republica,*

1 *Ecclesiast.* 40. 15.
Curam habe de bono nomine; hoc enim magis permanebit tibi, quàm mille thesauri pretiosi, & magni.

2 *Proverb.* 22. 1.
Melius est nomen bonum, quàm divitiæ multæ.

3 *Paul. ad Philip.* 4. 8.

4 *Tullius* 1. *Offic Seneca de Clem.* 1. *cap.* 8.
Tacit. annal. l. 4.
Plutarch. in Alcibiad.
Cassiodor. l. 8. *epist.* 23.
Jovian. Pontan. de fort. l. 1. *c.* 5.

5 *Tullius in Lel.*
Non est negligenda fama, nec mediocre telum ad res gerendas existimare oportet benevolentiam civium.
Vide Hieronym. Trachata nel Principe l. 2. *c.* 2.

6 *Aristot polit. l.* 1 *c* 11.

7 *D. Isidor. l.* 4. *etymol.*
Ex quadam confidentia, quam ægrotus inde concipit, natura jam deficiens convalescit.

8 *Pausanias l.* 3.
A vulgatâ opinione discedere difficillimum.

9 *Livius decad.* 1. *l.* 2.

10 *Valer. Max. l.* 3. *c.* 7. *de fiducia sui.*
Plin. de vir. illustr. cap. 72.
Erasm. l. 6. *apophthegm.*

ca. E a grande reputaçaõ; que tinha, bastou, para com isto se aquietarem. 11 Nas Leys Civis só com a reputaçaõ se livra hum Reo de grandes indicios de delicto; 12 & assim os bons Advogados nos crimes articulaõ della para defender, ou accusar. Para os successos militares póde muyto a do Capitaõ, como diz Tacito. 13 Quando os Cavalleyros de Saõ Joaõ de Jerusalem possuiraõ Rodes, em huma occasiaõ importante contra os Turcos, nem com ameaços, nem com promessas se queria embarcar a gente de mar nas Galès da Religiaõ; embarcou-se Dom Frey Diogo de Almeyda, Gram Prior de Portugal, (que alli se achava) sendo mayor dignidade, sugeyto ao General Dom Frey Francisco Çapata: & a sua grande *Reputaçaõ* fez logo embarcar todos com mayor fervor. E se alcançou huma gloriosa vitoria, hindo diante das outras a Galè do Gram Prior. 14 Em Portugal se vio bem no muyto que obrou o Grande Condestavel Dom Nuno Alvares Pereyra, com pouco mais poder que o que ella lhe dava. Referem as Chronicas, que se succedia qualquer desordem, com huma só palavra sua se emendavaõ todos. 15 No conselho em que ElRey Dom Joaõ I. houve de descubrir o intento de hir sobre Ceyta, o mandou votar primeyro, para que seu voto reduzisse os mais, que estavaõ de contrario parecer: & assim succedèo. 16

5 Pelo que naõ só para o ponto da honra; mas tambem para o interesse das utilidades, se deve procurar a boa *Reputaçaõ*; pois facilita a boa *Fortuna*, que se deseja. Até Christo Senhor nosso; que tudo podia, querendo, como he costume de Deos, guiar as cousas pelas vias ordinarias, parece que teve por conveniente ser bem reputado, para mais certo effeyto da sua prégaçaõ; & para dar exemplo a seus Discipulos, lhes perguntou, em que *Reputaçaõ* o tinhaõ os homens. 17

6 O meyo de alcançalla boa, disse em poucas palavras Socrates: 18 *Se procurardes ser tal, qual quereis que os homens vos reputem.* Porque ordinariamente, qual he a vida, tal he a fama. 19 Nem o Christaõ se deve satisfazer com o louvor da bòca alhea, mais que da vida propria. O grande Lacedemonio Agesilao disse: *Se fallardes, & obrardes muyto bem* 20 E o Filosofo Epicteto: 21 *Aprendey a fallar bem; & depois de ensinado a isto, procuray obrar bem, & assim gozareis a boa Reputaçaõ.* Naõ se alcançará com fingimento de vida, porque este naõ he duravel, como em Nero se vio. Recomenda-se particularmente naõ jugar demasiado conforme a possibilidade de cada hum; porque de tal jugador, como de homem perdido, para nenhuma cousa se faz confiança. Do jogo só se deve usar para recreaçaõ, & conversaçaõ moderadamente, como do somno disse Marco Tullio. Em outra obra tratámos disto. 22

7 Naõ

11 *Valer. Max. d. l. 3 c. 7.*

12 *L. Famosi ff ad leg. Jul. maiest. l. Non omnis §. A barbar de re milit. l. De minore, § Tormentum de quaest.*

13 *Tacit Annal. 13. post princip.* Famae inserviunt, quae in votis coeptis validissima est.

14 *Refere Fr. Domingos Maria Curion no triunfo da Religiaõ de S. Joaõ p. 1. l. 4. c. 2.*

15 *Fernaõ Lopes Chron. de Dom Joaõ I. Rey de Portug. p. 2. c. 200.*

16 *Chron. modern. de D. Joaõ I. Rey de Portug. c. 83.*

17 *Matth. 16. 16.* Quem dicunt homines esse filium hominis?

18 *Socrat. apud Erasm. l. 3. apopht.* Si talis esse studeas, qualis haberi velis.

19 *Petrarcha de advers. fortun. dial. 130. in princ.*

20 *Agesil. apud Plutarch. in apophthegm. Lacon.* Si loquatur, quae sunt optima, & faciat, quae sunt honestissima.

21 *Epictet.*

22 *Tullius 1. Offic. Dissenos no trat Eva, & Ave p. 1. c. 37.*

7 Não basta ser indifferente; he necessario obrar o bom, & que se vejão as boas obras, como ensinou Christo Senhor nosso; 23 porque só pelos frutos se conhece a arvore. 24 E assim perguntando-lhe os Discipulos do Baptista, *Quem era*, só respondeo, que relatassem a seu Mestre, o que lhe virão obrar. 25 O indifferente não serà reprovavel, mas tambem não serà louvavel, dirse-ha delle o que Tacito 26 de Galba; que he mais sem vicios; que com virtudes.

23 *Matth.* 5. 16. Sic luceat lux vestra coram hominibus: ut videant opera vestra bona.

24 *Matth.* 7. 16. A fructibus eorũ cognoscetis eos.

25 *Matth.* 11. 4.

26 *Tacit. histor. l.* 1 *prope med.* Magis extra vitia, quàm cum virtutibus.

8 Alcançada a boa *Reputaçaõ*, nota Plutarcho; 27 que he como o fogo, que huma vez acezo se conserva facilmente; se se apaga, não se torna a accender com facilidade: he Sol, que se se lhe oppoem nuvem, fica escuro para nòs, posto que claro em si mesmo. Pelo que não só se deve fugir do que a offende com realidade, mas tambem do que se lhe atreve com suspeyta. Em outra parte 28 escrevemos desta materia largamente.

27 *Plutarch. in moral.* Ignis semel accensus facilè servatur; extinctus haud facilè reaccenditur: ita famam rueri facile est; extinctã non facilè est restituere.

28 *Na harmonia polit. p.* 2. §. 2.

9 Para a conservar com aquelles, de que se depende, convem ter amizade com todos, mas naõ familiaridade; porque muytas vezes a communicação diminue o credito, ao que a fama publicava. Cuydaõ alguns, que conversados contentaràõ mais, & então começão a descontentar, ou ser aborrecidos.

CAPITULO XVII.

Que grande parte da Reputaçaõ consiste no modo, com que se falla, & algumas advertencias para elle.

1 QUantas vezes fallamos, (diz Marco Tullio 1) tantas se faz juizo do que somos. Porque (dizia Democrito) no espelho se vè a imagem do corpo, nas palavras a imagem da alma: & Solon accrescentava, que tambem se vião as obras. 2 Chrysippo perguntando-selhe, que cousa era entendimento, respondeo; *que era fonte das palavras.* 3 De Socrates 4 era isto dito ordinario. E assim enviandolhe hum homem rico hum moço filho seu, para que o visse, lhe disse: *Falla menino, para que te veja.* 5 O grande Baptista, quando os Sacerdotes, & Levitas lhe forão perguntar, Quem era, respondeo, *que era voz*. 6 E verdadeyramente o que elle fallava, mostrava, & deffinia bem sua grandeza. Pelo que resultando do fallar grande parte da *Reputaçaõ*, de que tratàmos no Capitulo precedente, convem fazermos nesta qualidade particulares advertencias.

1 *Tull.* 1. *de orat.* Quòties aliquid aut dicimus, aut loquimur, toties de nobis judicatur.

2 *Democrit. & Solon apud Maxim. serm.* 14 *&* 15.

3 *Chrysip apud Stob. serm.* 1.

4 *Socrat. apud Cicer.* 1. *Tuscul. Stob. serm. de liter.*

5 *Refert Erasm. l* 3. *apophthegm.*

6 *Joan.* 1. 23. Ego vox.

2 He a primeyra fallar sempre verdade, ou a materia seja grave, ou leve. Plutarcho refere que Epeneto costumava dizer, que os mentirosos erão authores de todas as maldades,

des. 7 Salamão os poem no segundo lugar das sete cousas, que Deos aborrece, & detesta. 8 Christo Senhor nosso aos que mentem por costume, chamou filhos do Diabo, que sempre mente; 9 & os filhos ordinariamente saõ semelhantes a seus pays; 10 ElRey Artaxerxes mandou passar com tres cravos a lingua de hum soldado mentiroso: 11 & com razaõ, porque lhe era escusada; pois havendo-a a natureza dado para declarar os conceytos; como ensinaõ os Dialecticos; quem naõ quer declarar a verdade que tem no conceyto, não necessita de lingua, antes fica ella danavel peccando contra seu officio natural, quando declara o contrario; sem que possa desculpar materia leve, ou qualquer outro subterfugio; porque o mentir he intrinsecamente máo. Com este vicio ninguem pòde alcançar boa *Fortuna.* Disse Salamão, que quem procura negociar usando delle, apascenta os ventos, segue as aves, que voão; 12 & em fim perece. 13 Porque da verdade, a cuja luz; como differaõ os Sabios, 14 se vem os menores atomos, que se lhe querem oppor, por mais que o mentiroso cuyde, & disfarce, não pòde fugir, como notou Salamão; 15 por mais, ou menos duvidas ha de ser conhecido. Por isso se diz que hum coxo corre mais que elle; porque o alcança, ou por contradição, ou por falta de memoria, ou por noticias, & outras occasioens que succedem. Conhecido, fica perdido: porque basta ser comprehendido huma vez, para ninguem lhe dar credito, posto que diga verdade. Por esta razão Christo Senhor nosso perguntou aos Judeos: 16 *Pois vos fallo verdade, porque me naõ credes?* Como reconhecendo, que teriaõ causa para o não crerem, se alguma vez lhes não houvera dito verdade. E em outra occasião, em que o demonio o publicou Filho de Deos, o mandou callar; 17 porque sendo o demonio conhecido por mentiroso, se creria o contrario do que publicava. Não se lhe dando credito, fica membro pobre na Republica, pois ninguem o tratará; porque faltando o credito (advertio Livio 18) tira-se toda a communicação entre os homens. Com todos os outros vicios se pòde tratar, só o mentiroso não tem uso, pois se não pòde fazer caso do que diz.

3 He segunda advertencia, não ser maldizente, nem murmurador. A ninguem se deve desprezar, pois não ha creatura tão vil que não represente a bondade de Deos. Algumas o fazem não tanto por mà vontade, como por mostrarem discurso; & tal vez por não perderem a occasião de hum dito galante. Alèm de ser peccado, ou mortal, ou venial, segundo a materia, & tenção, 19 sempre a mà lingua he odiosa a Deos, como lhe chamou o Apostolo; 20 & abominavel aos homens, como lhe chamou Salamaõ. 21 O antigo Plauto 22 comparou os maldizentes a ratos, que roem o alheyo; tão longe estão de offenderem ao murmurado,

como

7 *Plutarch. in Lacon.*
8 *Proverb.* 6 17. Linguam mendacem.
9 *Joann* 8 44.
10 *Quintilian. l.* 5. *cap.* 10. Similes parentibus suis filij plerumque creduntur.
11 *Cermenat. in Resp. c.* 39.
12 *Proverb.* 10. 4. Qui nititur mendacio, pascit ventos, idem autem ipse sequitur aves volantes.
13 *Proverb.* 19. 9. Qui loquitur mendacium, peribit.
14 *Apud Stob. ser.* 20. *de imprudent. & apophthegm.* 48. *Ant. Milit serm.* 21. *Maxim. serm.* 34.
15 *Proverb.* 19. 5 Qui mendacium loquitur, non effugit.
16 *Joan.* 8 45. Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?
17 *Marc.* 1. 25.
18 *Liv. dec. l* 6. Cum fidei abrogatione omnis humana societas tollitur.
19 *D. Thom.* 2. 2. *q.* 73. *art.* 2.
20 *Paul. ad Rom* 1. 30. Detractores Deo odibiles.
21 *Proverb.* 24. 9. Abominatio hominum detractor.
22 *Plaut. capt.* Quasi mures semper edemus alienum cibum.

como intentaõ, que antes o honraõ, como abayxo diremos, 23 & se offendem a si mesmos. Vimos muytos, que tendo boas qualidades, porque alcançariaõ, se fizeraõ infelices por este vicio.

4 Assim como se naõ póde fallar mal de outro; assim se naõ deve fallar bem de si, 24 pois ninguem tem credito na sua causa. Quando o Evangelista Saõ Joaõ fallou de si mesmo, accrescentou logo o Espirito Santo; que seu testemunho era verdadeyro. 25 Posto que o louvor seja notoriamente merecido; se envilece na boca propria; 26 & os que se louvaõ, se fazem nescios, como disse o Apostolo; 27 ninguem se deve fazer elogios; mas dar materia a que os façaõ delle, 28 se ninguem os fizer, pelo menos naõ perderà; o contrario naõ ganha a *Reputaçaõ*, que pertende, & perde a boa que pudera ter.

5 Cuydaõ alguns, que mostraõ comprehensiva em se anticiparem a responder, antes que acabem de ouvir; & Salamaõ diz, que se mostraõ nescios, & dignos de confusaõ. 29 Hum Jurisconsulto disse o mesmo, àcerca de se naõ interpor juizo antes de ler a ley atè o fim. 30 Ainda que se anteveja, aonde se encaminha o discurso, se deve ouvir todo com sossegada prudencia: interrompello com reposta intempestiva, he inurbanidade, & final de espirito inquieto.

6 Epicteto 31 reprehendia os que fallavaõ em materias altas com ignorantes; & tinha razaõ. Porque como disse o Sabio: *O ignorante naõ recebe as palavras do prudente; se naõ forem as que andaõ no seu coraçaõ.* 32 Naõ deve o prudente *spargere porcis margaritas.*

7 Assim tambem naõ deve alguem fallar como sciente nas sciencias, & artes fóra da sua profissaõ. A Magabiso, que diante do grande pintor Apelles tratava confiadamente da pintura; disse elle: *Eu, ò Magabiso, te tive atè agora por prudente, porque o teu silencio ornava teus vistidos preciosos; agora vejo o contrario; & atè estes moços, que moem as tintas, estaõ zombando de ti.* 33 Ao mesmo proposito he muyto sabido o que succedeo aõ Filosofo Phormio com Annibal. 34 He verdade, que o homem entendido naõ se deve mostrar ignorante das noticias geraes de qualquer materia; porém fallar em todas como professor, naõ o sendo, cahe em disparates, & he mayor erro, se for em presença de seus professores; diante delles se deve mais ouvir, que fallar. 35

8 Com porfiosos se naõ ha de porfiar; 36 resultaõ dissensoẽs contendas, que accusaõ a seus authores de nescios, como disse Salamaõ; 37 naõ fica inferior quem se dà por vencido: porque a natureza deu a todos o fallar, & a poucos o saber. 38

9 Peccaõ alguns em fallarem demasiado, sem quererem ouvir. Democrito lhes chamou avarentos, porque todo o

23 *Infra c.18.*

24 *Cato apud Rofred. 2. quæst. sabbat. n. 3* Ne collaudes.

25 *Joan 21.24.*

26 Laus in ore proprio vilescit.

27 *Paul. ad Rom. 1.22.* Dicentes enim se esse sapientes, stulti facti sunt.

28 *Proverb. 27.2.* Laudet te alienus, & non os tuum, extraneus, & non labia tua.

29 *Vide Senec epist. 103. ad med.* Qui prius respondet, quàm audiat, stultum se esse demonstrat, & confusione dignum.

30 *In l. Invicile 24 ff. de leg.* Invicile est, nisi tota lege prospecta, una aliqua particula ejus proposita, judicare, vel respondere.

31 *Epictet apud D. Franc de Queved. in Epictet. c. 51. in princip.*

32 *Proverb. 18. 2.* Non recipi stultus verba prudentis, nisi ea dixerit, quæ versantur in corde ejus.

33 *Refere Franc. de Fuensalida no Repouso da alma c. 7.*

34 *Plutarch. in Annibal.*

35 *Grumend. na doutrina de Principes c. 12. fol. mihi 8. ad fin.*

36 Contra verbosos noli contendere verbis.

37 *Proverb. 18. 6.* Labia stulti miscent se rixis, & os ejus jurgia provocat.

38 Sermo datur cunctis; animi sapientia paucis.

fallar querem ſó para ſi. Em Londres conheci hum gentil-homem Francez muyto pobre, & grande fallador; hum Enviado, que alli foy delRey Chriſtianiſſimo, igualmente fallador, lhe offereceo meſa, que elle eſtimou muyto: & no fim do primeyro jantar ſe deſpedio para não tornar. Perguntou-lhe o Enviado a cauſa: reſpondeo: *Senhor, eu quero fallar ſempre, & vós quereis o meſmo: naõ podemos converſar ambos.* E diſſe bem. Porque a converſaçaõ he como o jogo, em que naõ joga ſempre hum ſó, mas ambos, ou todos os que ſe puzeraõ a jugar. Ha linguas taõ correntes, como penedo que roda, ou homem, que corre por hum monte abayxo ſem poder parar, ainda que queyra. Naõ ha quem ſofra hum deſtes. Os Laconios lançáraõ fóra a Criſiphonte, porque ſe jactava, de que ſe atrevia a fallar todo hum dia ſobre huma ſó couſa. 39 Solon Sabio de Grecia em hum ajuntamento de falladores naõ dizia palavra. Perguntando-lhe Periandro, que era outro Sabio, ſe callava por falta de palavras, ou por ſer neſcio, reſpondeo: *Que nenhum neſcio podia eſtar callado.* 40 Pelo que aconſelhou o Eccleſiaſtico: *Naõ ſejais fallador.* Mas tambem naõ ha de ſer o ſilencio demaſiado. Conta a Floreſta Heſpanhola, que hum pay encomendou a hum filho neſcio, que caſava, que no banquete das bodas naõ fallaſſe, porque ſe naõ déſſe a conhecer; hum dos convidados, vendo-o em tanto ſilencio, diſſe em voz bayxa a outro: *Eſte moço deve ſer neſcio, porque nada falla*: & o moço que o ouvio, diſſe ao pay: *Meu pay, já poſſo fallar, porque jà me conhecèraõ.* Tanto ſe perde por menos, como por mais. O Sabio calla, & falla a ſeu tempo: o imprudente naõ obſerva tempo. 41 Eſpiritualmente diſſe hum Varaõ grande: *Ninguem falla ſeguro, ſenaõ quem calla de boa vontade.* 42

10 Outros, poſto que naõ fallaõ muyto, fallaõ deſentoados, & em voz alta. Da ignorancia deſtes diſſe Alciato, que he teſtemunha ſua lingua com ſua voz. 43 Os ſabios diſſeraõ, que os metaes, & os vaſos de barro, & os homens ſe conheciaõ pelo que ſoavaõ. 44 Naõ de balde ordenou a natureza, que ſem vermos os homens, com que já fallámos, os conheçamos pela voz, como Iſaac a Jacob. 45 He verdade, que ha caſos, em que convem entoar a voz com efficacia; como quando Marco Callidio com voz muyto ſumiſſa accuſava a Gallo, de lhe haver querido dar veneno: & Cicero 46 em defenſa do Reo lhe diſſe: *Que bem parecia, que a accuſaçaõ era fingida, pois elle a propunha taõ froxo, ſendo de crime taõ grave.* Porèm ſempre deve haver medida, que naõ chegue a deſcompoſtura.

11 Mais enfadaõ, os que praticaõ como de penſado ſentencioſos com artificio, affectando elegancia, & eſcutando-ſe. Ordinariamente ſaõ futeis: fundados em palavras, naõ em ſubſtancia. Se tal vez tem alguma, o modo enfaſtia os ouvintes.

39 *Refere Eraſm.l.1.apophthegm.*

40 *Refert Sebaſt Stocamber in comment.ad emblem. Alciati 3.l.1.* Neminem ſtultum tacere poſſe.

41 *Eccleſ.* 20 7. Homo ſapiens tacebit uſque ad tempus: laſcivus autem, & imprudens non ſervabũt tempus.

42 *Kemp.de Imit.Chr.l.1.c.20.num 2.* Nemo ſecurus loquitur, niſi qui libenter tacet.

43 *Alciat.l 1.emblem.3.* Stultitiæ eſt index, linguaque, voxque ſua.

44 *Plato apud Stob.ſupra. Quintilian.lib.8.* Sermones hominum, & æra tonitru dignoſcimus. *Maxim.ſerm.15.*

45 *Geneſ.27.21.*

46 *Cicer.apud Eraſm.l.4.apophthegm.*

vintes. Assim como cada sciencia; & materia tem locuçam propria, que se naõ usa na outra: 47 & no escrever saõ diversos os estylos da Historia; das Cartas; das Novellas; & da Poesia; assim saõ differentes os modos de fallar na cadeyra, no pulpito, & na conversaçaõ. Sendo o ensinar de cadeyra funcçaõ taõ proxima ao prègar de pulpito; se reprova usar do mesmo methodo de voz; & de fallar em ambos. 48 Plataõ ensinou, que na pratica ordinaria se evite curiosidade 49 Ha de ser mais judiciosa, que adornada: polida sem affectaçaõ: composta sem jactancia: discretamente simplez: naturalmente elegante: que mostre sinceridade do animo, como requere Carlos Paschasio. 50 Permitte-se com louvor trazer nella a proposito o bom dito de hum Poeta, Filosofo, ou Politico, offerecendo-se occasiaõ, sem ser arrastada, & referir huma historia sem prolixidade.

12 Ha outros, que fallaõ com gestos, meneando a cabeça, torcendo o pescoço, levantando as sobrancelhas. De hum chamado Testio Penacio; que entortava a barba, disse Cesar; que quebrava nozes com os dentes. 51 Hippolyto a Collibus, 52 que escreveo do bom modo de callar, reprehende a todos estes. E o Sabio Chilon chamava nescios aos que fallavão exgrimindo com as mãos. 53 Nem devem andar livres; como de Prégador; nem algemadas; como de prezo; naõ se escusa hum pequeno movimento decoroso; & havendo-se de peccar, seja antes por pouco. Tambem se condenaõ os que tem sempre os olhos fitos no rosto da pessoa, com que fallaõ; haõ de estar demissos com attençaõ, & attentos com modestia.

13 Entre os gestos se póde contar o riso. Ha homens, que fallaõ sempre rindo; cuydaõ, que assim se fazem agradaveis; até nas ruas saudaõ entre hum riso falso, posto que nunca fallassem aos que encontraõ, nem os conheçaõ. Tudo he fingido, que basta para ser condenavel. Sendo riso verdadeyro tambem o fora, por ser sem occasiaõ, 54 porque he grande argumento de liviandade. 55 Ainda nas occasioens, que o pedem, he indecente o demasiado. 56 Dion Filosofo dizia, que melhor parecia hum rosto chorando, que rindo. Porque de lagrimas se podia tirar doutrina, & do riso naõ. Do que chora ninguem zomba: o que ri muyto, se faz ridiculo. Nas vidas dos Padres 57 se conta, que hum Abbade reprehendendo a hum que ria lhe disse: *Havemos de dar conta de toda nossa vida diante do Ceo, & da terra, & tu ris?* Naõ escrevemos taõ espirituaes; nem ainda com aquella severidade do Filosofo Dion. Só queremos rosto decoroso com agrado, & seguindo a doutrina de Epicteto, 58 o riso nem seja muyto, nem por muytas cousas, nem desatado.

14 Aos que affectaõ dizer graças que provoquem a riso, chamaõ os Sabios, *Scurræ*, & a seus ditos, *Scurrilitas*, que

47 *Cassaneus in cathal. glor. mud. p. 10. consider. 18. vers. & primo.*

48 *Joan. Nevisan. in sylva nuptial. l. 5. n. 41.* Ista enim ita lectorem dedecent sicut prædicatori legere, quando est in pulpito.

49 *Plato de Rep. lib. 3.* Evitanda est sermonis curiositas.

50 *Carol Pascal de virt. & vit. c. 33* Si animus est sincerus, sermo est simplex.

51 *Refere Erasm. l. 4. c. 4. 1.*

52 *Hippolyt. à Collib. de recte fr. lend. ration.*

53 *Chilon apud Laert. de vit. philosoph. l. 1.* Inter loquendum non agitandum manus, esse enim ve corde.

54 Malum grave est ridere non in tempore. *Adag. in Græcis Comicis.*

55 *Sebastian. Fox. in 3. Platon. de Rep.*

56 *Dion. apud Stob. serm. 77.*

57 *In vit. Patrum, c. de compunction.*

58 *Epictet. in Enchirid.* Risus, neque multus sit, neque ob multa, neque solutus.

59 D.Thom.2.2.q.148.art.6.
60 Aristot.4 ethic.cap.7.
61 Plaut.in trinum.
62 Plutarch.apud Brus.l.5.c.27.

o Doutor Angelico reprova. 59 Aristoteles 60 notou, que estes procurão mais mover a riso, que fallar como devem. Plauto 61 os infama de criminosos, & ignorantes. Plutarcho 62 disse a hum, que não dissesse sempre cousas ridiculas por se não fazer ridiculo. Catão Uticense, accusando a Murena, a quem defendia Cicero sendo Consul, & dizendo Cicero huma razão, que moveo os juizes a riso; o mesmo Catão não pode deyxar de sorrir; mas como em vingança disse: *O' bons Deoses, que ridiculo Consultemos!* 63 Cuydão, que se mostrão homens de Corte, & galantes, mas fazem-se contemptiveis dos mesmos que gòstão de os ouvir. Não se reprova, antes he de entendido, intrometer tal vez que se offereça hum dito, que seja alegre; só se condena, quem o faz de profissão. E aquelle dito não ha de ser solemnizado por quem o disse, deve-o dizer como acaso, deyxando a que os ouvintes o celebrem, se lhes parecer bem.

63 Refert ex Plutarch.Brus.d.l. 5.cap.27.

15 Sobre tudo quem deseja agradar, ha de fugir, de que o ouvinte cuyde, que elle se preza de saber mais. He conselho, que o Espirito Santo no Ecclesiastico dà aos que tratão com Principes. 64 E nòs o expendemos em outra obra. 65 Procede para com todos os de quem se depende. Não aconselha, que se não sayba mais: aconselha, que se encubra. Bem pòde mostrar, que sabe mais em alguma sciencia, ou arte, que o ouvinte não professa; que isso não offende: só não deve dar a entender, que tem melhor juizo natural; porque como este he o mayor bem do homem, naturalmente he desagradavel, quem nelle he vencedor; & muyto mais se se entender, que elle conhece a sua ventagem. Pelo que neste ponto he necessario prudente equilibrio, que nem deyxe de mostrar bom juizo; nem faça ostentação de superior.

64 Eccles.7.5. Penes Regem noli velle videri sapiens.
65 No trat. Eva, & Ave, p.1.c. 40.n.10.

16 Finalmente, he regra gèral, que aos mayores se falle com respeyto: aos menores com modestia: aos iguaes sem competencia. 66

66 Epictetus apud Stob. serm.3. de temper.

17 Estes documentos nos dão os Mestres moraes, & politicos, como principaes. Sey, que se apontão muytos reduzidos a se attender o tempo, lugar, & occasião, em que se falla, pessoa com que se falla, & materia de que se trata. Tudo o mais se deyxa ao juizo de cada hum, que sempre deve hir com advertencia, de que o que fallar, será a pedra de tocar da sua *Reputação*, como fica dito no principio deste Capitulo.

CAP.

CAPITULO XVIII.

Que he meyo para a boa Fortuna *grangear amigos; quaes, & como; & o modo de usar delles.*

1 FOy dito celebre dos Filosofos antigos 1 que o homem sabio se bastava a si mesmo; pelo que não necessitava de amigos; porque a sabedoria, diz Salamão, 2 val mais que todos os Reynos, & riquezas: traz comsigo todos os bens, & assim a quem a possue, tudo sobeja.

2 Contra este dito argumentava Epicuro, que entre os gostos, que naturalmente se appetecem, he o de ter amigos; assim como a solidaõ se aborrece, assim a sociedade he suave: a natureza, que consilia entre si os homens, os faz appetitosos de amizade.

3 Seneca 3 respondeo com distincçaõ: Para viver na bemaventurança de animo, que a virtude ensina, naõ saõ necessarios amigos: para viver, como ordinariamente se vive, saõ precisamente necessarios: para viver só à virtude, basta o animo: para viver tambem ao mundo, muytas cousas naõ bastaõ. Naõ saõ necessarias à vida da virtude; porque ainda que lhe falte tudo o do mundo, & padeça dores, & trabalhos, sofre virtuosamente tendo gloria na paciencia: & para isto o Sabio se basta a si mesmo sem adjutorio exterior. 4 E assim Stilpon, sendo tomada sua patria; em que perdeo mulher, filhos, & fazenda, & escapando só sem cousa alguma, perguntando-lhe o vencedor Demetrio, Rey de Macedonia, quanto perdèra, respondeo que trouxera comsigo tudo o que tinha; entendendo, que tudo trouxera em seu animo. O valeroso varaõ, diz Seneca, 5 venceo a vitoria de seu inimigo; & o obrigou a duvidar, se vencèra, pois nada tiràra ao vencido. Se o Sabio necessitàra de alguma cousa fóra de si, já fora sugeyto à *Fortuna*, o que elle naõ he. Mas para viver a vida do mundo saõ necessarios amigos; porque esta pede outros alivios; & os amigos o daõ grande, naõ em ajudarem, (que isso fora por interesse; que tira a magestade à amizade verdadeyra) mas para nós os ajudarmos a elles, que he o fruto da amizade generosa. Ainda que pareça, que neste ponto fallou Seneca demasiadamente Stoico, disseraõ o mesmo; Santo Agostinho, Santo Ambrosio, Saõ Jeronymo, 6 & outros Santos. Eu dissera mais moderado (conformandome com o Ecclesiastes 7) que saõ alivio, pela sociedade humana, que dicta naturalmente communicaçaõ; para reciprocamente se ajudarem. Esta amizade se chama honesta, posto que involva interesse proprio. Todavia advertio Seneca, que ainda que aquella vida de virtude naõ necessita de ami-

1 *Refert Seneca epist. 9. in princ.*

2 *Sap. 7. à v. 8.*

3 *Senec d. epist. 9.*

4 *In idem est D. Thom. 2. 2. q. 129. art. 8. ad 1. & 2.*

5 *Senec. supra.*

6 *D. August. q. 18. D. Ambros. Offic. lib. 3. D. Hieron. ad Demetriad.*

7 *Ecclesiast. 4. 10.* Si unus ceciderit, ab alio fulciatur; væ soli, quia cùm ceciderit, non habet sublevantem se.

amigos; nem por isso deyxa de os estimar, & desejar; sente naõ os ter, mas sabe viver sem elles: como hum doente mais quizera ter saude; mas accommoda-se com a doença. Hum que perdeo hum olho, ou huma mão, se he Sabio, & virtuoso, vive contente com os membros, que lhe ficàrão, & bastaõ para viver; posto que mais quizera, que nenhum lhe faltasse.

4 Neste sentido he conselho de Christo Senhor nosso, fazer amigos, para que ajudem, quando for necessario. 8 Suppoem, que hão de ser verdadeyros em toda a fortuna, como disse o Sabio. 9 Estes naõ se achaõ; quem acha hum, acha hum thesouro, disse o Ecclesiastico. 10 Naõ só porque val tanto como thesouro; porque se acha taõ raramente como thesouro. E assim naõ disse Christo Senhor nosso, que o busquemos; disse, que o *façamos*.

5 Como o faremos? Hecaton 11 respondeo: *Se queres ser amado, ama.* Engana-se quem cuyda fazellos com banquetes; ou com dadivas; & os de alta fortuna, que os querem obrigar com beneficios: & os que se levaõ de interesse, saõ temporarios, como lhes chamou Seneca; 12 companheyros da mesa, como lhes chamou o Ecclesiastico. 13 Nunca ha tanta falta de amigos, como quando se cuyda, que sobejaõ; com titulo de amigos, saõ inimigos. A Alexandre ferido em huma batalha dizia seu privado Parmenio, que naõ se metesse em tantos perigos: & elle respondeo: *Asseguramé tu, Parmenio, dos amigos fingidos, que eu me guardarey bem dos inimigos descubertos.* O que parece lhe dictou a mente presaga, porque veyo a morrer do veneno, que lhe deraõ seus criados Felippo, & 14 Iolas. E a outros muytos, a que os inimigos naõ puderaõ matar, matárão os amigos fingidos: Alcibíades, Agesilao, Demetrio, Antigono, Pompeyo, Lentulo, Julio Cesar, & o nosso Viriato. Se faltarem os banquetes, as dadivas, & se mudar a Fortuna, se verà que naõ eraõ amigos, porque estes se provaõ nas adversidades, que he a sua pedra de tocar. Nem os amigos se conhecem nas bonanças, nem os inimigos se escondem nos males. 15 Nero experimentou nisto a mayor desgraça; quando, vendo que naõ tinha quem o soccorresse, para naõ cahir nas mãos dos que o buscavaõ, pedio que alguem primeyro o matasse. E nem isto alcançou. Pelo que lastimosamente se queyxou dizendo: *Basta, que nem acho amigo, nem inimigo!* 16 espantando-se de que na mayor adversidade naõ achasse algum inimigo. Quem entaõ lhe seria amigo? Só saõ firmes, os que se obrigaõ de se verem amados. Por isso naõ saõ firmes os que se fingem amigos do rico, & do grande, porque sabem, que elle os naõ ama. 17 Este amor reciproco (na doutrina de Aristoteles 18) consta de sympathia natural, que se acha entre muytos, mas poucos a cultivaõ, posto que a conheçaõ

entre

8 *Luc.16.9.* Facite vobis amicos, ... ut cùm defeceritis, recipiant vos.

9 *Proverb.17.17.*

10 *Eccles.6.14.* Qui autem invenit illum, invenit thesaurum.

11 *Hecaton apud Senec. d. ep. 9. post princ.* Si vis amari, ama.

12 *Senec. d. ep. 9. ad med.*

13 *Eccles.6.10.*

14 *Q. Curt. hist. Alex. l. 10.*

15 *Ecclesiast.12.8.* Non agnoscitur in bonis amicus, & non absconditur in malis inimicus.

16 *Sueton in Neron. c. 47. in fin.* Ergo ego, inquit, nec amicum habeo, nec inimicum.

17 *Senec. epist. 3.* Nullum habet maius malum occupatus homo, & bonis suis obsessus, quàm quod amicos sibi putat, quibus ipse non est.

18 *Arist. Rhetor. ad Alex. c. 39. & 8. Ethic. c. 12. & l. 9. c. 1.*

entre si; diverte-se a cousas; em que imaginaõ mayor lucro. Quem quer bons amigos; applique-se aonde achar inclinaçaõ; concorrendo poder, serà mais util, mas ainda sem poder; acharà a vontade de Jonathas, que tanto ajudou; a boa *Fortuna* de David só com avisos, que o livràraõ da morte, que Saul lhe ordenava. 19 Que importa buscar os mais poderosos, se lhes naõ ganho a vontade? A vontade em algum caso me poderà ser util. Do poder sem vontade, naõ ha que esperar bem. Tal vez o poderoso, he como Demonio, que fingindo-se amigo, sóbe alguns ao pinaculo; mas he para que nelles sirvaõ com acçoens de precipicio. 20

6 De entre os mesmos em que se acha sympathia, se deve fazer eleyçaõ, antes de trabalhar pelos fazer amigos, porque nem todos seraõ convenientes. Suetonio diz de Augusto, que os escolhia com vagar, & os conservava constantemente. 21 Devem-se preferir os de melhor juizo, bons costumes, valor, sinceridade, & boa fama. Nem com o nescio, diz o Ecclesiastico: 22 Nem com o mào, diz Santo Agostinho: 23 Nem com o pouco verdadeyro, diz Aristoteles, 24 pode haver amizade. Na Corte he conselho de prudentes tratar amizade com os de facçaõ, que se acha cahida; principalmente com os de bom talento; porque com os cahidos se alcança facilmente, pois estimaõ serem buscados; & como as mudanças saõ certas, o que hoje naõ he valido, o ha de vir a ser, & se for honrado, se lembrarà, de quem o respeytou na fortuna contraria. Quem seguindo só o tempo se empregou todo no presente, se acha depois enganado; porque os validos, que agora busca, o desprezaõ; & os desvalidos, que agora naõ busca, o desprezaràõ, quando os quizer buscar. Mas deste conselho se deve usar com cautela, de que os validos presentes o naõ conheçaõ, porque costumaõ offenderse, de que se trate com os da outra parte.

7 Feyta eleyçaõ, a communicaçaõ, & conversaçaõ faz os amigos, concordando nos ditos, & nas acçoens segundo a doutrina de Santo Thomàs, 25 (suppondo, que tudo ha de ser honesto, & judicioso,) & para a facil, sincera, & agradavel concordia, contribue especialmente a sympathia, que acima notàmos. Aristoteles 26 accrescentou, que se ajude com algum beneficio feyto graciosamente sem ser rogado, nem depois publicado. Finalmente, as occasioens hiraõ mostrando à prudencia o mais, que aqui se não pòde especificar.

8 Com o amigo fiel; para que o possa bem ajudar com conselho, ou com obra, deve o amigo tratar seus negocios, 27 & abrirlhe o peyto. Fallo-ha mais fiel, se o tiver por tal. Muytos, diz Seneca, 28 ensinàraõ a enganar, temendo ser enganados, & na suspeyta deraõ ao amigo direyto de peccar. Mas ha casos exceyçaõ da regra, em que huns communicaõ

tudo,

19 *1. Reg. c. 19. & 20.*

20 *Matth. 4. 5. & 6.*

21 *Senec. epist. 8 ex Theophrasto. Sueton. de Cesarib. in August.* Amicos neque facilè admisit, & cõstantissimè retinuit.

22 *Ecclesiast. 20 17.* Fatuo non erit amicus,

23 *D. August. ad consens.* Amicitia in malo esse non potest.

24 *Aristot. Rhet. ad Theod. 1. c. 15.* Violatis pactis tollitur inter homines commerciorum usus. *Liv. dec. 1. l. 6.* Cum fidei abrogatione omnis humana societate tollitur

25 *D. Thom. 2. 2. q. 114. art. 1.*

26 *Aristot. Rhet. l. 2. c. 4.* Si gratis beneficium dederis, si non rogatus, si postea quam dederis, tu illud non invulgaveris.

27 *Proverb. 25. 9.* Causam tuam tracta cũ amico tuo.

28 *Senec. epist. 9.*

tudo, outros tudo callaõ; & em ambos os extremos ha erro; a prudencia usarà do que convier, segundo as circunstancias; porque ha tempo de nada communicar, tempo de communicar algumas cousas; & os mais acautelados dizem, que naõ ha tempo de communicar tudo. O que eu tenho por maxima certa he; que nunca se deve communicar ao amigo, o que depois me pezarà, que elle sayba, se se tornar inimigo, como pòde succeder. Assim como tambem, nunca se ha de fazer inimigo, que se naõ possa reconciliar; nem se ha de desprezar o mais vil inimigo, porque o mais vil, he mais a proposito para fazer mal. E ainda que haja mulheres de grande confiança, sempre he mais seguro guardar dellas o segredo, que importar muyto; porque tal vez o revelaõ com bom zelo, & pouca descriçaõ, como fizeraõ muytas causando grandes males.

9 Esta verdadeyra theorica ensinaõ scientificamente os Mestres; porém nem sempre se pòde praticar toda. A conclusaõ principal he, que para alcançar, & para naõ perder, & para em tudo viver bem afortunado, em quanto ao mundo, conforme a distinçaõ de Seneca que propuzemos, 29 saõ necessarios amigos. Se se naõ puderem achar verdadeyros, sejaõ dos que vulgarmente assim se chamaõ, & procurem-se pelos modos possiveis, sendo honestos, & decentes. Ajudar a outros, diz Santo Agostinho, 30 he grande meyo para depois outros nos ajudarem; & Lactancio, 31 que quem naõ ajuda outro, cuyda que nunca necessitarà de ser ajudado. E engana-se. Com imprudencia pedirà favor na necessidade (diz Saõ Jeronymo 32) a quem desprezou quando podia.

10 Porém deve-se advertir, que a amizade naõ seja notoria, nem os amigos se jactem della, porque ha casos, em que isto prejudica a ambas as partes, fazendo-se suspeytoso o favor, que se faz ao amigo. O que mayormente procede nos ministros; & assim se deve dissimular, ou disfarçar sua amizade, para que sem nota se possaõ livremente ajudar; porque ha poucos, que sem repararem nella queyraõ assemelharse àquelles que refere Valerio Maximo, 33 que com amizade filosofica antepuzeraõ a obrigaçaõ de ajudar os amigos a todo o dispendio, & interesse proprio. Succede tambem cahir o amigo, & chegarem as lançadas ao outro, que fazia profissaõ publica de o ser; porque he costume das Cortes cahirem com o mayor, os que o seguiaõ: como succedeo naquelles mesmos exemplos de Valerio Maximo; & assim sem valerem bons procedimentos, se pende da *Fortuna* alhea.

11 Sobre tudo, por mais poderosos que sejaõ os amigos; naõ ha que fiar delles, sem alguns merecimentos proprios, porque jà em Icaro 34 se nos mostrou, que com azas postiças naõ se pòde voar muyto tempo.

29 *Supra num.* 3.

30 *August. de serm. Dei in mont. lib.* 1.

31 *Lactant.* 1. Nullius opera indigere se putet qui alteri suum negat.

32 *D. Hieron. sup Hierem. l.* 2. Impudens postulatio tempore egestatis, & angustiæ: ab eo quære auxilium, quem in prosperitate contempseris.

33 *Valer. Max. l.* 4. *c.* 7.

34 *Apud Ovid. Metam. lib.* 6.

CAP.

CAPITULO XIX.

Com Temperança, & Moderaçaõ, *se deve procurar subir ao alto da* Fortuna.

1 A *Temperança* he virtude; que tem exercicio muyto estendido; porque segundo Santo Thomàs, 1 no seu nome se significa huma *Moderaçaõ, ou Temperamento, que a razaõ faz.* Marco Tullio 2 tinha dito, que he *Moderaçaõ dos desejos obedientes à razaõ.* E em outro lugar 3 declarou, que rege todos os effeytos, & movimentos da alma, & do corpo, para que concordem com a ley da natureza, & com a ordem das pessoas, lugares, & tempos. Agora para o nosso intento tratamos sómente da parte della, que deve moderar a maneyra, & fórma, em que cada hum ha de procurar o que deseja conseguir, & principalmente na Corte.

1 *D.Thom.2.2.q.141. art.1. in corp.*

2 *Tul.l.2.de fin.bon.& mal.* Temperantia est moderatio cupiditatum rationi obediens.

3 *Idem Tul.l.1.de Offic.*

2 Ainda que a *Magnanimidade*, de que acima tratàmos, 4 deva aspirar a muyto, & para isso haja merecimentos; não convem chegar às alturas de salto (palavra de que em semelhante caso usa o Direyto Canonico 5) sem precederem degràos, ou pelo menos degrào, porque se suba. A boa *Fortuna* repentina, he temeraria: abate com a mesma pressa com que exaltou. 6 Os dous irmãos Gracchos, que pela memoria illustre de seus pays, & pelas partes pessoaes, de que erão dotados, chegariào subindo às mayores dignidades, quizeraõ saltar a ellas fiados em applausos populares, & cahiraõ logo miseravelmente. 7 Os Antigos diziaõ, que o que a *Fortuna*, assim dava, sempre ficava seu, para o poder tirar, quando quizesse: 8 & como ella era inconstante, se arrependia brevemente de haver dado, & por isso brevemente o tirava; se o não tivera dado, não o pudera tirar: fora de quem o acquirio com seu trabalho pelas vias ordinarias.

4 *Supra cap.15.*

5 *In tit.Decretal. de Clerico qui per saltum promot.*

6 *Senec.traged.6.*

7 *Plutarch in Gracch.*

8 *Senec.epist.8.in fin.*

3 Esta razão dos antigos attribuhio nimio poder à *Fortuna.* Outra mais palpavel he, que a grande *Fortuna* tem grandes inimigos; 9 & o que não tem grandes fundamentos, não pòde resistir a combates.

9 *Vell.Paterul.l.1.* Nunquam eminentiæ invidia carent.

4 Estes discursos procedem para o caso (que serà raro) em que se alcança de salto grande lugar; mas o ordinario he não se poder subir sem degràos. Quem pertende o contrario, se faz naturalmente odioso, porque o reputão por arrogante, presumido, & soberbo, ou por ambicioso, ou cobiçoso; & por qualquer destas qualidades, he mal visto. Ao que se ajunta, que para o mais alto tem oppositores mayores; & para o menor os teria menos forçosos.

5 Não se segue disto, que se hajão de procurar cousas de pouca estimação; mas sómente, que se procurem as de grandeza

deza proporcionada ao estado presente de cada hum: em cuja consequencia venhão depois com suavidade outras mais altas, a que se deve aspirar. Por falta desta medida, & *Temperança* ficão muytos sempre no bayxo, naõ podendo voar aonde querião, & chegão lá outros, que lhe erão inferiores. Melhor he (disse São Leaõ Papa, 10) hir com mais vagar por caminho direyto, que andar com pressa pelo não trilhado. Nas historias veremos, que todos os varoens grandes subiraõ por degrãos aos lugares superiores. Merecer, viver, & sofrer, tudo alcança. Disto dissemos acima no Capitulo do conhecimento proprio, 11 & referimos o exemplo de Butridio, com que Tacito prova esta doutrina.

10 *Leo Pap serm. de Pentec.* Melior est gradus lentior per iter rectum, quam velocitas festina per devium.

11 *Supra c. 14. n. 9.*

CAPITULO XX.

Como a Occasiaõ *conduz muyto para a boa* Fortuna. *Que cousa he* Occasiaõ, *donde dirivou o nome, como se pintava, & venerava por Deosa. Quanto importa o usar della.*

1 A *Occasiaõ*, conforme a diffine Marco Tullio, 1 *he hũa parte de tempo, que tem em si opportunidade idonea, para fazer, ou naõ fazer alguma cousa.* Porque nem todo o tempo he opportuno, & idoneo para nelle se fazer tudo; hum he accommodado para humas cousas, outro para outras, como diz o Ecclesiastes. 2 E porque este tempo, ou *Occasiaõ* não vem, quando se deseja, mas inopinadamente, ajunta Festo, 3 naquella diffinição, que he *opportunidade vinda acaso.*

2 O nome *Occasiaõ* (como ensina Calepino) 4 vem de *occasum*, supino do verbo *occido*, com a penultima breve, que significa acontecer.

3 Os Antigos a veneravão por Divindade, como costumavão venerar todas as cousas, em que consideravão mysterio. Os Gregos lhe chamavão *Deos*, em sexo viril; adorando, ou venerando o tempo opportuno. Os Latinos, *Deosa*, em sexo feminino; adorando, ou venerando a opportunidade desse tempo. 5

4 Pintavão os Latinos a *Occasiaõ* femea como Ninfa: os Gregos macho; como menino; ambos nùs; com azas nos pès; sobre huma roda voluvel, que em movimento velocissimo corria todo o mundo: a cabeça pela parte dianteyra com largo cabello, que lhe cobria o rosto: & pela parte posterior, calva. Na mão huma navalha, de huma parte muyto affinada, & da outra incapaz de cortar. As azas a mostravaõ ligeyra; a roda, inconstante; a cabelleyra cobrindo o rosto significava, que não queria ser conhecida, mas que se a conhecessem, tinha bem por onde se lhe pegasse: ser pela outra par-

1 *Marc. Tul. 1. de invent.* Occasio est pars temporis habens in se alicujus rei idoneam faciendi, aut non faciendi opportunitatem.

2 *Ecclesiast. 3. 1.* Omnia tempus habent.

3 *Festus apud P. Joan. David, in l. cui titulus, Occasio arrepta, in praefat.* Occasio est, opportunitas temporis casu proveniens.

4 *Calepin. verbo, Occido.*

5 *P. Joan. David supra, bene explicat.*

parte calva, mostrava, que se lhe naõ pegassem, quando a tinhão diante; depois de ella virar as costas, já não achariaõ, por onde lhe pegassem. A navalha aguda por huma parte, era mostra, de que só cortava, & obrava, se sabião usar della. Davase-lhe por companheyra a *Penitencia*, ou *Arrependimento*; porque este a segue logo, tanto que passou, sem della se usar. E assim se costuma dizer, que *a ninguem faltaráõ conselhos vindo já tarde.* 6 Todos dizem: *Se eu me vira outra vez naquella Occasiaõ, eu me regera de outra maneyra, fizera isto, & isto.* Mas estes conselhos saõ filhos posthumos da *Occasiaõ* já morta. Ha hum Epigramma celebre, que Ausonio traduzio de Grego, (como diz Policiano) em que se explica a effigie daquella pintura, o qual escusamos trasladar aqui, pelo trazer Calepino, 7 livro que nos he taõ commum; & não he menos elegante outro de Alciato nos seus Emblemas. 8

6 Nemini unquam sera defuerunt consilia.

7 *Calepin. verbo, Occasio.*

8 *Alciat. emblem* 121.

5 Os effeytos da *Occasiaõ* deraõ materia para a terem por Deosa. Chama-se, *alma das acçoens*; 9 porque mais negocios se acabão com ella, que com todas as forças. 10 Huma pequena *Occasiaõ* he muytas vezes origem de grandes cousas. 11 O que procede em todas as materias. Na agricultura, na navegaçaõ, mercancia, negocios da Corte; na Medicina o disse o decantado aforismo de Hippocrates, 12 & na milicia he o principal documento. 13 Scipião Africano dizia, que não se devia pelejar com o inimigo, senaõ quando a *Occasiaõ* convidava, ou a necessidade o pedia. 14 Do grande Capitaõ Themistocles foy o principal louvor entender isto por excellencia. 15 A Caio Mario na guerra civil de Roma, estando com seu exercito recolhido em hum fosso esperando *Occasiaõ*, mandou dizer Sylla, que *se era grande Capitaõ, sahisse a pelejar com elle*: & Mario lhe respondeo, que *se elle era grande Capitaõ, o obrigasse a pelejar, ainda que naõ quizesse.* 16 A Antigono, que se achava alojado em hum sitio eminente, mandou-o Pirrho desafiar a que descesse à batalha: respondeo, *que a sua milicia usava tanto do tempo, como das armas; que se elle Pirrho se enfadava de viver, naõ lhe faltariaõ outras occasioens, em que morresse.* 17 No grande aperto, em que Annibal poz aos Romanos, os livrou a prudencia de Fabio Maximo, que nunca quiz pelejar, porque não via boa *Occasiaõ*; & dizia Annibal, que mais o temia não pelejando, que a seu companheyro Marcello, querendo sempre pelejar. 18 Saõ innumeraveis semelhantes exemplos. Mas assim como he imprudente obrar sem *Occasiaõ*, ou necessidade: assim he de descuydado, não obrar, quando a *Occasiaõ* se offerece. 19 He aguia ligeyra, que em quanto voa a nossos pès, facilmente se toma: se foge para o alto, zomba de quem a procura alcançar. 20 Annibal o experimentou, quando podendo, naõ entrou em Roma, como já referimos. 21 Em poucas palavras disse tudo Tito Livio: 22

9 *Pachim. hist. or. l.* 7.

10 *Dion. l.* 43. Plura negotia opportunitate occasionum, quàm viribus sunt rectè confecta.

11 *Demosthen. in orat. ad Leptin.* Parvæ occasiones magnarũ rerum causæ existunt.

12 *Hippocrat. aphorism.* 1. Occasio præceps.

Ovid. 1. *de Rem.* Temporibus Medicina valet; data tempore prosunt, Et data non apto tempore vitæ nocent.

13 *Polib. l.* 9. Dominatur Occasio in omnibus rebus humanis, maximè verò in bellicis.

Repetit. l. 10 *&* 17.

Plutarch. in Coriolan. Occasionum in bello maximum est in utramque partem momentum.

14 *Plutarch in Scipion.*

Valer. Maxim l. 7. *cap.* 2.

15 *Plutarch. in Temistocl.*

16 *Plutarch. in apophthegm.*

17 *Plutarch. in Pyrrum.*

18 *Plutarch. in Rom. apophthegm.*

19 *Vide Procop. de bel. Vandal. l.* 1. *Iuvian. Pontan. hist. l.* 1.

20 *Nicephor. l.* 10 *c.* 21.

21 *Supra c* 10 *n.* 6.

22 *Liv. dec.* 3. *l.* 2. Armatus, intentusque sit; neque occasioni tuæ desis, neque tuam occasionem hosti des.

Eſtay armado, & attento : naõ falteis à voſſa Occaſiaõ, nem deis a voſſa Occaſiaõ ao inimigo. Pitaco Mitelenio aconſelhava aos Corteſãos, que para pedirem aos Principes (& o meſmo he aos grandes miniſtros) eſcolheſſem *Occaſioens*, em que elles eſtiveſſem deſcançados, alegres, & benevolos. *Sabey* (dizia elle) 23 *que eſta Occaſiaõ vos aproveytarà mais que cevo de Leaõ, ſangue de Baſiliſco, eſpinhaço de Dragaõ, ou de Cobra.* (Eraõ eſtas couſas, com que ſe faziaõ feytiços.) Suetonio 24 refere, que os que pediaõ mercés ao Emperador Veſpaſiano, coſtumavaõ eſcolher as *Occaſioens*, em que elle entrava no banho, ou em algum paſſatempo ; porque entaõ o achavaõ mais liberal. Horacio dizia, que ſó em tempo opportuno ſeria bem ouvido de Auguſto Ceſar. 25 E enviando-lhe hum livro encomendou ao portador, que lho naõ apreſentaſſe, ſenaõ ſe elle eſtiveſſe com ſaude, & alegre. 26 Ovidio em ſemelhante caſo ſe queyxava de ſe naõ fazer aquella obſervaçaõ. 27 Porém o melhor tempo de negociar com os Principes he, o em que elles neceſſitaõ do ſerviço da peſſoa ; entaõ deferem com favor, & brevidade. Quem eſpera pedir depois de haver ſervido no que ſe lhe encarrega, acha-ſe fruſtrado, & arrependido de haver perdido a *Occaſiaõ*.

6 Finalmente em todas as materias he a *Occaſiaõ* mãy dos ſucceſſos ; por iſſo na ſua effigie lhe penduravaõ alguns na cinta a Cornucopia, & na maõ lhe punhaõ hum ramo de Oliveyra, flores, & outras couſas, ſignificando a abundancia de ſeus frutos. 28 Naõ ſó nas letras humanas, mas tambem nas divinas ſaõ innumeraveis os exemplos. Rebecca para alcançar a bençaõ de ſeu marido Iſaac para ſeu filho Jacob, & a tirar a Eſaù, ſoube uſar da *Occaſiaõ*, que ſe lhe offereceo, em pedir Iſaac a iguaria, de que goſtava. 29 Moyſés, fugido de Faraò ſem ter aonde ſe recolher, uſou da que teve em ajudar as filhas de Madian, para achar caſa, em que viveſſe. 30 Ruth, por conſelho de ſua ſogra Noemi, uſou da de apanhar as eſpigas para alcançar a *Fortuna* de caſar com Booz. 31 Jahel da do ſomno de Siſara, para o matar. 32 Eſther da benevolencia, que lhe moſtrou Aſſuero, para livrar ſeu povo. 33 E aſſim outros muytos. O meſmo he no eſpiritual. A Magdalena na caſa do Fariſeu ſoube uſar da *Occaſiaõ*, para ſe pòr aos pès de Chriſto (que ſó alli ſe achaõ as melhores *Fortunas*) para ſer perdoada. 34 Os dous Ladroens, ambos inopinadamente crucificados aos lados de Chriſto tiveraõ a meſma *Occaſiaõ*; mas ſó o que ſoube uſar della, alcançou o Paraiſo, & o outro ſe condenou. 35 Baſtaõ por muytos eſtes exemplos.

7 O meſmo Chriſto, que tudo podia, uſou das *Occaſioens*. O primeyro milagre, em que ſe moſtrou Deos, fez nas vodas de Canà com *Occaſiaõ* de faltar o vinho. 36 Para chamar

23 *Refert P. Joan. David in lib. de Occaſion. neglectâ Stemat. 2. c. 6.*

24 *Sueton. in Veſpaſian. c. 21.*

25 *Horat. Satyr. 1. l. 2.* Niſi dextro tempore, Flacci verba per attentam non ibunt Cæſaris aurem.

26 *Horat epiſt.* 1. Si validus, ſi lætus erit, ſi denique poſcit.

27 *Ovid. Metam.* 9. Non adiji aptâ, non legi idonea, credo, Tempora.

28 *P. Joan. David. ſup. Stem.* 1.

29 *Geneſ.* 17.

30 *Exod.* 2.

31 *Ruth.* 3. & 4.

32 *Judic.* 4. 21.

33 *Eſther* 7.

34 *Luc.* 7. 37. *cum ſeqq.*

35 *Luc.* 33. 42.

36 *Joan.* 2.

Saõ Mattheos ao Apostolado usou da *Occasiaõ* de o ver, quando hia passando. E São Mattheos tambem lançou logo mão della, deyxando tudo, & seguindo o Senhor. 37 De semelhantes *Occasioens* usou para chamar os mais Apostolos, posto que sua alta Providencia os tivesse de antes escolhido. Para chamar Zacheo usou da *Occasiaõ* de o ver subido na arvore; mas tambem Zacheo soube pegar della descendo com pressa, logo que foy chamado. 38 Finalmente as historias das vidas dos Santos estão cheas das extraordinarias *Occasioens* de que Deos usou para os trazer a si; & cada hum de nòs experimenta em si mesmo as muytas porque nos chama. Então usa o Senhor de sua benignidade, como diz o Apostolo: 39 então he o tempo da boa *Occasiaõ*; & dia da saude, diz elle, 40 & nos exhorta, a que não deyxemos 41 passar endurecendonos; para que não sejamos como Esaù, que por hum breve gosto perdeo o morgado; & depois não pode tornar a elle, posto que o procurou com lagrimas. 42 Deyxamos passar as *Occasioens*: queyra Deos; que nos não succeda o que o mesmo Senhor disse: *Virão dias, em que desejeis ver hum dia o Filho de Deos, & o naõ vereis.* 43 Ficando em trevas, porque não quizemos andar, quando tivemos luz, como elle disse em outro lugar. 44 O que desprezamos presente, choraremos passado. Fechou-se a porta às Virgens loucas, porque se detiverão sem lhes valer o pretexto de hirem procurar o que lhes faltava. 45

37 *Matth.9.9. Marc.2.14. Luc 5 27 & 28.* Relictis omnibus.

38 *Luc.19.6.* Festinans descendit.

39 *Paul.ad Rom 2.4.* Ignoras, quoniam benignitas Dei ad pœnitentiam te adducit?

40 *Paul.2.ad Corinth.6.2.* Ecce nunc tempus acceptabile, ecce nunc dies salutis.

41 *Paul.ad Heb 2.1.& c. 3.13. & 15.& c 12.17.& 18.*

42 *Genes 25.33.& c.27.*

43 *Luc.17.22.*

44 *Joan.12.35.& 36.*

45 *Matth.25.10 & 11. Luc.13 24.& 25.*

8 O Demonio, sendo tão grande negociante, naõ negocea sem *Occasiaõ*. Para arruinar o mundo usou da que lhe deo o agrado, com que Eva vio o pomo. 46 Para perverter os virtuosos descendentes de Jeth, usou da que lhe deu a fermosura dos mâos descendentes de Caim, com que os incitou a se casarem com ellas, o que de antes naõ fazião, & daquelles matrimonios nascèraõ os filhos depravados. 47 Para fazer peccar David, tomou *Occasiaõ* de Bersabè se estar lavando no seu eyrado: 48 & por muytos exemplos basta, que metido no coração de Judas, 49 diz o Sagrado Evangelho, que buscava opportunidade de *Occasiaõ* para entregar o Divino Mestre a seus inimigos; 50 porque sem ella o não podia entregar. Sempre o diabo (diz o Apostolo Saõ Pedro 51) nos anda cercando, como leão bramidor, para nos devorar, espreytando as *Occasioens*: & por isso admoesta o Ecclesiastico aos pays, que guardem os filhos, porque naõ cayaõ nellas. 52

46 *Genes.3.*

47 *Genes.5.*

48 *2.Reg.11.*

49 *Joan.13.2.* Cùm Diabolus jam misisset in cor.

50 *Marc.14.11.* Quærebat, quomodo illum opportune traderet. *Matth.26.16.* Quærebat opportunitatem, ut eum traderet.

51 *Petr.5.8.*

52 *Eccles 26 13.* In filiâ non avertente se firma custodiam: ne inventa occasione utatur se.

9 Bem diz hum Author moderno, que nenhuma cousa conduz tanto para a boa *Fortuna* como a *Occasiaõ*; 53 sem *Occasiaõ* nada se consegue. Se chega, deve-se logo usar della: se passa, fica só a sombra entre fantasias, que em vão se pertende abraçar.

53 *Gaspar Caldera in Tribunali polit.c.ult.tit. de dupl fortun. vers. Thebanus.* Nil enim æquè facit fortunam, ac Occasio.

10 Para conhecer quando a *Occasiaõ* chegou, naõ ha re-

gra ; porque he conforme aò negocio , & occurrencias delle; mas quem tiver noticias, trato, & experiencia dos tempos, lugares, circunstancias, & pessoas, com que se ha de negociar: se a esperar com advertido cuydado, a conhecerà facilmente, os nescios a não conhecem senão passada : os circunspectos a adivinhão futura. E assim o grande engenho de Virgilio, introduzindo a Dido, que encomendava a sua irmãa Anna o que queria negocear com Eneas, diz que remetteo a sua eleyção discreta à *Occasiaõ* de que havia de usar, pois só ella conheceria os tempos, & as entradas, que com elle poderia ter ; 54 sem que se lhe pudesse dár regra para isso.

54 *Virgil. Æneid.* 4. Sola viri molles additus,& tempora noscis,

---

CAPITULO XXI.

Que a Confiança *de si mesmo he necessaria em toda a negociaçaõ, acompanhada com Modestia.*

1 DIsse Marco Tullio, & o refere o Angelico Doutor, que a confiança he meyo porque o animo toma esperança para obrar grandes cousas de honra ; 1 nunca serà grande quem desconfiar de si. Notouse por caso extraordinario, que o Atheniense Alcibiades fosse tão grande Capitão, sendo tão desconfiado de si, que não se atrevia a fallar em publico. Do que Socrates o reprehendia, advertindolhe, que aquelles publicos constavão dos particulares, com que fallava. 2 O Orador Romano, ainda que pela authoridade do auditorio dizia que tremia, quando começava a orar, 3 logo tornava sobre si confiado.

1 *D.Thom.2.2 q.128. art.1. in corp.* Fiducia est per quam magnis, & honestis rebus multùm ipse animus in se fiduciæ cum spe collocavit.

2 *Refere Mexia na Sylv.de var. liçaõ l.2.c.44.*

3 In principio dicendi totis artubus contremisco.

2 Chegada a *Occasiaõ*, quem negociar em qualquer materia, ha de mostrar no exterior grande confiança de si mesmo, com modestia, segundo sua esfera, conservando no exterior com humildade o *conhecimento proprio*, de que acima 4 tratàmos, assim para se regular pelo que merece, como para confiar, & esperar só em Deos. Se se entender, que desconfia de si, ninguem fiará delle. Na milicia, como serà reputado por valeroso, o que não dá indicios de seu valor? Nas Letras, como se cuydará que sabe, o que encobre a sua sciencia ? 5 Na mercancia, como terà credito na praça, quem não ostenta, que o deve ter ? Nas pertençoens da Corte, como se deferirà aos merecimentos, de quem parece, que os não conhece em si ? Para o governo da Republica, como se avaliarà por habil, quem encolhido naõ descobre sua capacidade? Os homens naõ podem estimar, senaõ o que conhecem, nem conhecem senaõ o que vem. Quem naõ mostra, *Confiança*, testemunha contra si. Só pòde ser conhecido pelo que he, havendo muyto, & familiar trato, que se naõ pòde dar entre todos : & assim não pòde alcançar a boa *Fortuna*,

4 *Supra c.*14.

5 Scire tuum nihil est, nisi te scire hoc sciat alter.

na; que suas qualidades lhe dariaõ, se fossem conhecidas. O prudente Rey Theodorico no provimento de huma alta dignidade deo entre outras por razaõ de seu acerto, eleger hum, que a pertendìa confiado; 6 por naõ ser crivel (conforme a modestia de seu tempo) que alguem se inculcasse com *Confiança* para occupaçaõ, de que naõ era capaz.

3 Deve-se particularmente acautelar de ser tido por pobre; se o for, dissimule quanto puder; porque a pobreza, como disse Horacio, 7 està exposta a opprobrios, como já dizia Santo Ambrosio, 8 sós os ricos saõ reputados por dignos de honra. Até hum texto de Direyto Civel 9 ordenou, que aos muyto pobres se naõ dèssem officios da Republica. E a estimaçaõ está venal, a fazenda dà as honras, & as amizades, o pobre jaz pelos cantos das ruas; assim o chorava Ovidio. 10 Nem fallar o deyxaõ, diz o Espirito Santo, 11 ainda que falle bem. E se o rico falla, posto que mal, todos o ouvem com silencio, & levantaõ atè as nuvens suas palavras. He necessario ao pobre, que a industria lhe supra esta falta, & lhe permitta confiança.

4 Porèm a *Confiança* naõ ha de ser jactanciosa, nem com sombra de soberba; porque alèm de se fazer odiosa, como acima dissemos, 12 argue todo o contrario da que se pertende mostrar; nenhum prudente crè que hum arrogante he valeroso: já Livio 13 disse, que o que tem prompta a lingua, não tem promptas as mãos. E cada dia o vemos. Nem crè, que hum fallador he sciente: 14 nem que o jactancioso de rico, tem, quanto apregoa: nem que o que exagera seus serviços, obrou as proezas, que representa: nem que o que para o governo inventa novos arbitrios, deyxará de destruir a Republica. Cuydaõ estes, que se acreditaõ, & sua boca os envilece. 15 Sylla a huns Embayxadores de Athenas, que vindo tratar com elle pazes, lhe referiraõ com verbosidade vitorias dos seus, respondeo: *Hidevos embora, ò bem afortunados, & tornay a levar comvosco essas oratorias; porque o Povo Romano naõ me mandou aqui para aprender essas historias, mas para destruir rebeldes.* 16 Tal reposta merecem os que hindo fallar a hum ministro, ou a outra pessoa sobre hum negocio, fazem verbosas relaçoens em louvor proprio: *Louvemvos os estranhos, & naõ vòs mesmo:* dizia Salamaõ. 17 Cataõ encomendava o mesmo. 18

5 Deve, pois, cada hum fallar no seu negocio, confiado, mas modesto, nem com falta, nem com excesso de *Confiança.* Em todas as cousas (como cantou Horacio 19) se requer modo, & termos, em que nem se deve faltar, nem exceder. Porém, havendo-se de errar, seja antes por demasiada confiança. A experiencia mostra, que esta negocea melhor com os homens, como a mayor humildade alcança mais de Deos.

6 *Apud Cassiod. var. l. 4 epist. 25*

7 *Horat. l. 3 ode 24.* Magnum pauperies opprobrium jubet Cuivis, & facere, & pati.

8 *D. Ambros. l. 2. Offic.* Hodie nemo, nisi dives, honore dignus reputatur.

9 *L. Rescripto 7 ff de muner. & honor.*

10 *Ovid. 1. fastor.* In pretio pretium nunc est, dat census honores, Census amicitias, pauper ubique jacet.

11 *Ecclesiast. 13. 26. cum seq.*

12 *Supra c. 14. n. 3.*

13 *Liv. dec. 3. l. 2.* Quorum lingua prompta, ac temeraria est, haud æquè in pugna vigent manus.

14 *Ecclesiast. 10. 14.* Stultus verba multiplicat.

15 *Ecclesiast. 21. 29.* In ore fatuorum cor illorum. *Alciat. emblem. 3. lib. 2.* Stultitiæ est index, linguaque, voxque sua.

16 *Plutarch. in Syl.*

17 *Proverb. 27. 2.* Laudet te alienus, & non os tuum; extraneus, & non labia tua.

18 *Cato apud Rofred. in 2 quæst. sabbat. n. 3.* Non velis rerum quidquam laudare tuarum.

19 *Horat. serm. 1.* Est modus in rebus, sunt certi denique fines, Quos ultra, citraque nequit consistere rectum.

6 Eſta *Confiança*, regulada he virtude. Chriſto Senhor noſſo, que profeſſava ſer humilde, 20 a moſtrava grande, quando prégava, & particularmente quando reprehendia, para mais aproveytar. Prégava (diz o Evangeliſta Saõ Matheos 21) *como quem tinha poder.* E o Proconſul Publio Lentulo, eſcrevendo de Judea ao Senado Romano as noticias do Senhor, dizia, que *era terrivel no reprehender.* 22 Os mais humildes Santos o imitàrão, quando convinha, como lemos em ſuas vidas.

20 *Matth.* 11.29.
21 *Matth.* 7. *in fin.* Sicut poteſtatem habens.
22 *Apud D Anſelm. de form. & morib. B. Virgin. in tom.* 3. *P. Fr. Joſeph de Jeſus Mar. hiſt. de N. S l.* 1. *c.* 42. *n.* 4. *Coſta no diſcurſ. contra a perfidia Judaica c.* 7. *ad fin. Diſſemos no trat. Eva, & Ave p.* 2. *c.* 40. *n.* 4. *& c.* 45. *n.* 4.

7 As hiſtorias humanas moſtrão com exemplos, quanto importe a *Confiança* de ſi meſmo para obrar em todas as materias. O nobre Thebano Epaminondas, accuſado capitalmente, ſó reſpondeo, que não tinha melhores razoens de defenſa, que ſeus grandes feytos; & os Juizes, ſem chegarem a votar, ſe levantàraõ do tribunal, & o deyxàrão livre. 23 Scipião Africano, faltando, dinheyro para hum negocio publico, & ſendo neceſſario tirallo do Erario, que as leys prohibiam abrirſe, tomou as chaves aos theſoureyros, dizendo, que as leys cedião à neceſſidade commua: tirou dinheyro, com que a remediou, valendo-ſe da *Confiança*, que tinha de ſi. 24 Elle meſmo chamado em hum dia deſtinado para reſponder diante do Povo, & mayor Nobreza de Roma, a huma accuſação, que hum Tribuno lhe fazia; em lugar de ſe defender, poz na cabeça a Coroa Triunfal, & diſſe: *Neſte dia, ò cavalleyros, venci Annibal, & ſugeytey Carthago: vou ao Capitolio dar graças a Jupiter.* O Senado, a Nobreza, & todo o Povo o ſeguio: & o Tribuno envergonhado de o deyxarem ſó, fez o meſmo. 25 Aquella *Confiança* de ſi tornou o accuſador em venerador, o rigor do juizo em remunerador dos meritos. Cataõ, em huma das muytas vezes que foy accuſado, pedio por Juiz a Tito Gracchio grande ſeu inimigo: & eſta ſua *Confiança* cerrou a boca aos que o perſeguiaõ. 26 Marco Antonio hindo para Aſia por Queſtor, chegando a Brunduſio ſoube, que em Roma o accuſavaõ de hum inceſto diante do Pretor Lucio Caſſio, que pela nimia ſeveridade contra os criminoſos, era chamado *perdiçaõ dos Reos.* E podendo-ſe eſcuſar da accuſação pela ley Memmia, que a naõ permittia contra os auſentes por cauſa da Republica, tornou a Roma, onde viſta ſua *Confiança*, foy logo abſoluto. 27 Julio Ceſar, priſioneyro de pyratas, os ameaçava, que chegando a terra os faria enforcar. E os mandava callar, quando queria dormir. E por eſta *Confiança*, com que fallava, o reſpeytavaõ os meſmos, a que elle devia obedecer, & que tinhaõ poder para o matar. 28

23 *Plutarch. in apophthegm.*
24 *Valer. Max. l.* 3. *cap.* 7. De fiducia ſua. *Plutarch. in apophthegm.*
25 *Valer. Max. ſup. Plutarch. ſup. & de vir. illuſtr. in Scipion.*
26 *Valer. Max. ſup.*
27 *Valer. Max. ſupra.*
28 *Nota o P. Zachar. de Lyſieurs na Philoſophia Chriſt. p.* 1. *c.* 41. *no princip.*

8 Exemplos domeſticos temos em Portugal no grande Condeſtavel D. Nuno Alvarez Pereyra, que ſe confiava tanto de ſi, que aconſelhou a ElRey Dom Joaõ I. que para reduzir todos ſeus Conſelheyros a approvarem a empreza da con-

conquista de Ceyta, que todos tinhaõ por quasi impossivel, o mandasse votar primeyro; porque todos haviaõ de seguir o seu voto. Assim o fez ElRey, & assim succedeo. 29 Ganhada, parecia taõ impossivel sua conservaçaõ, que nenhum dos muytos, & muy valerosos Fidalgos, que ElRey comsigo tinha, se quiz encarregar della; só Dom Pedro de Menezes Conde de Vianna (qual Scipiaõ no aperto em que Annibal poz a Roma 30) com grande confiança de si se offereceo, dizendo: *Que com aquelle aleo, que tinha na maõ* (assim chamavaõ a huma vara grossa, com que se jugava a choca) *defenderia a praça de toda Berberia.* ElRey lha entregou com doze mil & setecentos soldados: & elle a sustentou para a segurança de Hespanha, em grande honra sua, & de seus descendentes nas insignes vitorias, que alcançou dos Mouros, em vinte & dous annos de guerra taõ continua, que em dezaseis delles, naõ deyxou de dia, & de noyte de trazer huma cota de armas, que o uso chegou a romper, como se fora jubaõ. 32 ElRey Dom Joaõ II. hindo a cavallo por hum campo, seguido de muytos, de que suspeytou mào intento, se voltou para elles com dissimulaçaõ, porque fiado em si entendeo, que de rosto a rosto o naõ acometeriaõ: & assim foy, atè que chegou o Capitaõ da sua guarda, que vinha distante. 32 E por esta *Confiança* de si assegurou a vida. O grande Affonso de Albuquerque, Governador da India, em huma breve carta, que estando para morrer escreveo a ElRey Dom Manoel, fallando de seus serviços, com semelhante confiança à que acima referimos de Epaminondas, disse somente: *E quanto às cousas da India, ellas fallaràõ por si, & por mim.* 33 E estas confiadas palavras achàraõ em ElRey toda a satisfaçaõ. Referirey finalmente o que por vezes ouvi a meu pay, que se achou presente. Dom Christovaõ de Moura, Marquez de Castello Rodrigo, grande valido, que havia sido delRey Dom Felippe II. de Castella, governando Portugal, morto elle, Vice-Rey deste Reyno por Dom Felippe III. hindo por huma sala do Paço de Lisboa acompanhado de muytos Fidalgos, & pertendentes, hum soldado honrado, que tinha bem servido na India, lhe dava hum memorial, & pedia, que se lembrasse dos seus papeis; porque havia largo tempo, que andava pertendendo. Respondeo-lhe o Marquez, que havia muyta *gente* para despachar, & naõ se podiaõ despachar todos com brevidade. O soldado, adiantando o passo, se atravessou diante sem descomposiçaõ, & fazendo parar o Vice-Rey, lhe disse com grande confiança: *Senhor Dom Christovaõ, despache vossa Senhoria os homens, & deyxe a gente.* (Naõ eraõ entaõ as Excellencias tam communas.) O Marquez, que foy hum varaõ prudentissimo, reparou nelle com hum respeyto sossegado, & aceytando o memorial, lhe respondeo: *Logo despacharey a V. M.* & o fez no mesmo dia.

29 *Chronica moderna delRey D. Joaõ I c.83*
O Conde da Ericeyra D. Fernando de Menezes, na vida do mesmo Rey, l.5.

30 *Liv. dec. 3. l. 6.*
Plutarch. in Scipion.
Valer. Max. l. 3. c. 7.

31 *Gomez Eannes de Azurar na Chron. do Conde D. Pedro.*
Mariz nos Dialog. dos Reys de Portugal, Dial. 4 c 3.
D. Agostinho Manoel, na vida do Conde D. Duarte de Menezes l. 2. n. 15.
Luis Coelho de Barbuda no trat. da Fidelidade Lusitana fol. 25. vers.
Dissemos nas excellencias de Portugal c. 14. excel. 9. n. 9. & c. 17. excel. 1. n. 3.

32 *Rezende na Chron. d'ElRey D. Joaõ II. c. 52.*

33 *Damiaõ de Goes na Chron. d'ElRey D. Manoel, p. 3. c. ult.*

9 Estes bons successos alcança quem modestamente mostra *Confiança* de si mesmo, negociando em qualquer materia: o curto, & o que negocea a medo, desacredita sua causa.

CAPITULO XXII.

Da Diligencia *necessaria para alcançar.*

1 JA' dissemos, 1 que a boa *Fortuna* naõ vem sem ser procurada: agora dizemos, que a *Diligencia* em a procurar deve ser muyto cuydadosa, & activa. Muytos trataõ do negocio com tanta remissaõ, como se havello emprendido bastára para o conseguir; sendo que nem as mais pequenas cousas se pòdem alcançar, sem serem muyto solicitadas. Por isso a *Diligencia* (diz Santo Thomàs 2) he virtude, que se requere em todas as virtudes, pois em todas se requerem os actos, que a razaõ mostra serem necessarios; & a *Diligencia* he a que os obra; & a falta della se chama *negligencia*, que nas cousas espirituaes he peccado, & o serà nas temporaes com a differença, que ha de humas a outras. Chama-se *Diligencia*, do verbo, *Diligo*, que significa *amar*; porque para o que amamos, pomos muyto cuydado; se o naõ pomos na negociaçaõ, nem amamos, nem a conseguiremos.

2 Foy proverbio de Salamão, que acima já 3 propuzemos, que os remissos em obrar, sempre seràõ pobres. Os que obraõ vigorosamente, grangeão todos os bens. E em outro lugar repetio, que via nos mayores lugares, os que se applicavão velozmente. 4 Na historia Sagrada he exemplo de negociante diligente o servo, por quem o Patriarcha Abraham mandou procurar mulher para seu filho Isaac. Foy a Mesopotamia, buscou, achou, pertendeo, & alcançou Rebecca. Naõ se contentou senaõ com que partisse logo, pedindo-lhe a mãy, & irmãa que se detivesse sò dez dias, elle com instancias cortou a dilaçaõ. 5 Convem instar pela conclusaõ do negocio; porque tal vez succede, que a pessoa, de que depende, a deseja, & se diverte por esquecimento, ou por outra occupaçaõ.

3 Com tudo advertio bem Plinio, 6 que assim como he nocivo lavrar muyto o campo, porque se enfraquece: assim o he algumas vezes ser diligente nimio nos negocios; porque ou he contra a authoridade, sem a qual nada se negocea. (E assim disse hum illustre cortesaõ, que quem perde a honra pelo negocio, perde o negocio, & a honra.) Ou succede o que acima dissemos com Tacito, 7 que pela demasiada *Diligencia* se destroe, o que se ganharia com a menor; porque mostra ambiçaõ, que a todos enfada. Quando os filhos de Zebedeo por sua mãy pertendèraõ assento aos lados

1 *Supra c.10. à n.9.*

2 *D.Thom.2 2.q.54.art.1.ad 1.*

3 *Supra d.c.10.num.6.*

4 *Proverb. 22. 29.* Vidi virum velocem in opere suo sedentem coram Regibus, neque erit ante ignobiles.

5 *Genes.24.*

6 *Plin.l.18.c.6.*

7 *Sup.c.14.n.9.*

lados de Christo, os outros Discipulos se indignàraõ, 8 porque foy pertenção ambiciosa. Quando o mesmo Senhor deo a São João recosto sobre seu peyto, 9 & a São Pedro o Principado da Igreja, 10 com serem mayores lugares, naõ lemos, que algum se indignasse, porque não precedeo ambiçaõ. Faz-se tambem o nimio, importuno, què Pierio Valeriano 11 equivoca com impudente, a que a sciencia dos Egypcios deo por hieroglifico a mosca com as màs qualidades que o mesmo Pierio refere; chegando a dizer com Saõ Jeronymo, que entre os Hebreos foy hieroglifico do Demonio pela pertinacia, com que persegue.

4 A *Diligencia* deve ser discretamente regulada, nem demasiada, nem remissa. O Sabio (diz S. Gregorio 12) considera, naõ só o que ha de fallar, mas tambem a opportunidade do lugar, tempo, & pessoa. O lugar, em que se falla no negocio, he a casa daquelle, com quem se trata; não na Igreja, nem na casa alhea, nem no passeyo, nem na rua; se não he mercador, para os quaes he a praça lugar deputado. O tempo naõ ha de ser o do comer, o do repouso, do divertimento, ou da occupação; & menos o de doença, ou de algum pezar: em todos estes se faz o negociante molesto, & mal visto, & se arrisca a huma reposta desabrida. Deve-se escolher o tempo accommodado, & destinado para negocios, & não ser impaciente em o esperar. Na Corte he erro de muytos, se tem processos, ou papeis outros largos, que se hajão de ver, pedir ao ministro, que os veja nos dias das Paschoas, ou feriados, porque então terà mais lugar: & não considerão, que elle se enfada de lhe pedirem, que trabalhe no tempo, que Deos, & as Leys lhe daõ para descançar. A pratica não deve ser larga com preambulos, ou largas relaçoens: feyta brevemente a saudação de urbanidade; se deve logo propor o negocio com palavras sómente que bastem para o declarar. Feyta huma vez narraçaõ delle, não se deve repetir, he bastante huma succinta lembrança. Passar do negocio a outra conversação, não se faz sem haver familiaridade; ou sendo o negociante provocado; então pòde conversar sobre alguma nova, ou caso notavel, que haja succedido. E a materia mais agradavel serà aquella, a que conhece que he mais inclinada a pessoa, a que deseja contentar. Finalmente nem deve ser severo, nem facil; com meyo prudente se deve accommodar no licito, & honesto com o natural da pessoa. Com este bom modo, diz Plutarcho, que ganhou o Atheniense Alcibiades os animos dos de Lacedemonia, aonde andava desterrado. 13 E o Apostolo Saõ Paulo escreveo, que usava delle para aproveytar com sua prègaçaõ. 14

5 Porèm não deve o negoceante lisongear; assim porque peccarà no excesso do modo de comprazer; 15 como porque a lisonja he engano com louvor falso. E diz Santo Agostinho,

8 *Marc.*10.41. Cœperunt indignari.

9 *Joan.*13.23.& 21.20.

10 *Matth.*16.18 *cum seqq.*

11 *Pier.Valer. hierogl. l.* 26. *de musca.*

12 *D.Gregor. in Proverb.*15. Sapiens non solùm quid loquatur, sed etiam opportunitatem loci, & temporis, & personæ, quàm loquitur, diligenter inquirit.

13 *Plutarch. in Alcibiad. paulo post med.*

14 *D.Paul.*1.*ad Corinth.* 7. 22. Omnibus omnia factus sum, ut omnes facerem salvos.

15 *D.Thom.*2.2.*q.*115.*art.*1.

nho, que havendo dous generos de perseguidores, huns quê vituperão, outros que adulaõ, estes saõ os peyores; 16 inimigos lhes chamou Pythagoras. 17 E assim se o lisongeado for prudente, se offenderá, & quando se não offenda, sempre o lisongeyro se envilece, & como tal he desprezado do mesmo, que quer contentar, como largamente dissemos em outro tratado. 18 A Escritura santa os abomina em muytos lugares. 19 Alexandre Magno mostrando-lhe Aristobulo hum livro, que tinha escrito de seus feytos famosos com muyta lisonja, o lançou no rio Hydaspes, dizendo a seu Author, que merecia fazerem-lhe o mesmo. 20 E ElRey Dom João II. de Portugal disse, que fazia mercê a Dom Joaõ de Menezes, porque lhe fallava verdade, ainda que fosse contra seu gosto: 21 tal he a pena da lisonja, tal o premio da verdade. Só a ignorantes contenta a adulaçaõ: os sabios estimaõ a verdade, posto que lhes amargue.

6 O prudente se deve com especial cuydado guardar do impulso natural a desfazer por qualquer modo em seu oppositor. Porque (além do que fica dito em outro Capitulo 22) com isso o naõ offende na substancia, pois se lhe naõ dà credito, antes o authoriza, & desfaz em si; pois cuyda, que o não vencerá sem o abater. Pouco faz, quem merece mais que outro, que não tem meritos; a honra está em ser anteposto, a quem tem muytos. Segue-se o que disse Saõ Jeronymo, 23 que como a setta, que dà em cousa dura, torna contra quem a despedio do arco, & tal vez o fere; assim a murmuraçaõ, & detracçaõ rebatida de quem a ouve. Quem pertende, ha de fallar de si, & não dos outros; se se offerece fallar dos outros, seja louvando-os: com isso se acredita de cortezaõ advertido, & não se acredita o louvado, porque se conhece que aquelle louvor he urbanidade. Insigne exemplo se lè na historia de Tito Livio. 24 O Consul Aulio Sempronio perdeo huma batalha contra os Bloscos, por falta de disciplina militar; & fora mayor a perda, se Sexto Tempanio Decuriaõ dos Cavalleyros com valeroso acordo a não reparára. Quizeraõ em Roma os Tribunos do povo accusar o Consul, & outros dous, que diziaõ culpados, & no dia sinalado para a audiencia foy chamado Tempanio pela reputaçaõ, que ganhára, para referir o successo, de cuja relaçaõ verdadeyra pudèra tirar grande honra: com tudo generosamente naõ tratou de suas acçoens, nem vituperou as do Consul: narrou taõ modesto, que se augmentou credito, & deo a muytos illustre exemplo para occasioens semelhantes.

7 Intercessores ajudaõ as pertençoens; delles se valeo Abraham, para que Ephron lhe concedesse o campo para sepultura de sua mulher Sara. 25 Os melhores não saõ os parentes, porque a estes se nega com mais confiança. O mesmo procede nos amigos intimos, se não pedem com empenho.

Os

16 *D. Augustin. in Psalm.* 59. Adulatio est fallaci laude seductio. Duo sunt genera persecutorum, scilicet, vituperantium, & adulantium &c.

17 *Pythagor. apud Stob. serm.* 12.

18 *No trat. Evu, & Ave, p.* 1. *c.* 34. *à n.* 6.

19 *Proverb.* 1. 10. & 16. 24. & 27. 5. & 28. 4. *ac passim.*

20 *Erasm. l.* 8. *apophthegm.*

21 *Rezende Chron. de D. Joaõ II. c.* 141. *Barros decad.* 3. *l.* 7. *c.* 7.

22 *Sup. cap.* 17. *n.* 3.

23 *D. Hieron. ad Rustic. monac. de vivendi form.*

24 *Livius decad.* 1. *l.* 4.

25 *Genes.* 23. 8. Intercedite pro me apud Ephron.

Os mais effectivos saõ; os de quem se depende, se mostraõ, que intercedem de coraçaõ, & naõ levemente, por serem rogados.

8 A mais efficaz *Diligencia* saõ dadivas, como entendeo, & experimentou Jacob para negociar com seu irmão Esaù.26 Tudo lhes obedece, como disse Horacio. 27 Mas quem busca *Fortuna*, naõ tem cabedal. E se com algum, que tenha, trata de melhoralla, he necessaria cautela para naõ perder, & industria para dar; porque este meyo sendo conhecido, naõ he decente a hum negociante de honra. E nem todos os que pòdem, aceytaõ; & tentados arrisca a hum desgosto. Com tudo ha traças, a que poucos resistem: emprestar, mandar vir de fóra huma encomenda barata, & tal vez sem custo; inculcar huma compra, ou venda, ou arrendamento em preço ventajoso supposto, pondo de casa a ventagem. Estes, & semelhantes modos se tem por honestos, fingindo-se enganados, os que se prezaõ de rectos, ainda que saybaõ, que naõ enganaõ; contentaõ-se com naõ se declararem. Presentear cousas comestiveis, ou outras cousas de pouca valia, (se para isso se alcança confiança) he *Diligencia*, em que naõ ha inconveniente, & grangea boas vontades. Os excellentes Emperadores Severo, & Antonino referidos por Ulpiano em hum Texto de Direyto Civil, 28 permittiraõ aos ministros aceytar taes presentes, com tanto, que *nem aceytassem tudo, nem sempre, nem de todos*. E porque *naõ aceytar de ninguem* (diz o texto) *he cousa inhumana: mas aceytar sempre he muyto vil: aceytar tudo he muyto avaro*. O que entendo nos ministros, que naõ saõ de justiça. Os de justiça devem naõ ter mãos.

26 *Genes. 32. & 33.*

27 *Horat. l. 2. serm. Satyr. 16.* Pecuniæ obediunt omnia.

28 *L. Solent. 6. §. Non verò ff. de Offic. Proconsul.* Non omnia nec passim, nec ab omnibus. Nam valde inhumanũ est à nemine accipere; sed passim, vilissimum, & omnia, avarissimum.

9 O bom negociante deve ter segredo no que pertende, & quando naõ possa deyxar de se saber, tenha em segredo o estado da sua pertençaõ. Communicar huma, ou outra cousa, a quem o naõ pòde ajudar, naõ pòde ter utilidade: & arrisca a muyto mal, com que os envejosos, os oppositores, & os mal affectos costumaõ fazer desvios, ou embaraçar.

10 Naõ deve fiar muyto das boas palavras, nem ainda de promessas de ministros, ou pessoas outras, com quem trata qualquer materia, nem segurarse em esperanças; porque isto tal vez o faz descuydado, ou menos solicito: & quando depois falta, he mayor o sentimento.

11 Sobre tudo se deve abster de toda a *Diligencia*, que por alguma via possa offender a consciencia, ou a honra; porque a melhor *Fortuna* he conservar a pureza de ambas, & naõ ha recompensa, que as iguale.

CAPITULO XXIII.

Da Perseverança *necessaria, & do sofrimento.*

1 PEla dilaçaõ em alcançar desconfiaõ muytos, & desistem do que emprendèrão. *Naõ sejais pusillanimes*, lhes diz o Sabio. 1 Quem intentou bem, deve estar firme como huma estatua, dizia Socrates. 2 Perseverar, quanto he necessario, em diligenciar o que he justo, he virtude especial, que se ajunta à Fortaleza. 3 E assim como as Escrituras Sagradas o encomendaõ para o espiritual, 4 o ensinão tambem os Mestres Politicos para o temporal; advertindo, que não se desista do util por difficuldades apparentes. 5 Naõ ganha o premio (disse o Apostolo 6) quem não corta atè o fim do estadio.

2 Muytos (diz Polybio) como màos corredores, deyxado o primeyro fervor, desistem do começado: outros só porque perseverão constantes, vencem seus contendores. 7 O lavrador (diz Seneca) perderà o que semeou, se não continuar com o trabalho; só com muyto cuydado se cria, o que ha de segar: nada chega a fruto, senão o que do principio atè o fim tem cultura igual. 8

3 Deste modo alcança a *Perseverança*, o que pertende; a continuação pòde mais que a força. 9 Com ella fura a gota de agua a dura pedra, sobre que cahe. No espiritual nos seja exemplo a grande Santa Theresa de JESUS, que refere de si, 10 que vinte annos passou em contradiçoens, antes que chegasse à felicidade de espirito, que alcançou com sua perseverança insignemente virtuosa. A outros muytos Santos succedeo o mesmo; sendo como Capitão de todos o Santo Job, em quem Deos mostrou ao Demonio, quanto esta virtude consegue. E o Patriarca Jacob, que à força de braço, & de instancias obrigou o Anjo a lhe dar a bençaõ. 11 Della, no temporal louva Plutarcho 12 a Sertorio, dizendo, que era grave em se determinar, & constante em proseguir. E Tacito mostrou sua efficacia no modo, com que Julio Blosso sossegou as legioens de Panonia nos principios do Imperio de Tiberio. 13 Nem necessitamos de exemplos, quando temos a doutrina de Christo Senhor nosso na parabola do amigo, que por perseverar em pedir os pães, os alcançou do outro, que lhos negava. 14 E na da viuva, que tambem, por perseverar, conseguio despacho do mào Juiz, que lho dilatava havia muyto tempo. 15 E se vio no Cego, que alcançou vista pela perseverança, com que a pedio, quando todos o impedião. 16 A muytos conhecemos entre nòs, fizeraõ proposito de alcançarem cousas, em que largo tempo

1 *Eccles* 7 9. Noli esse pusillanimis in animo tuo.

2 *Socrat. apud Stob. serm de Prudentia.*

3 *D. Thom. 2. 2. q. 137. art. 1 & 2.*

4 *Luc. 11. 5. & seqq c. 18. 1. &c. 21. 19. Matth. 10. 22. Marc. 13. 13. D. Paul. ad Rom. 12 12. ad Ephes. 6. 18. & 1. ad Thes 5. 16.*

5 *Polyb. l. 10.* Nullâ re utili abstinendum est propter apparentes difficultates.

6 *D. Paul. ad Corinth. 9. 24.*

7 *Polyb l. 16.* Nonnulli perinde atque imperiti, ac vecordes cursores &c.

8 *Senec. de benefic. l. 2. c. 11.* Nihil in fructũ pervenit, quod non à primo usque ad extremũ æqualis cultura prosequitur.

9 *Plutarch. in Sertor.* Est enim assiduitatis vis invicta, quæ omnem superat, excinditque potentiam.

10 *Madre Theresa de Jesus. na sua vida c. 8. no princip.*

11 *Job. 2 3. Genes. 32. 26.*

12 *Plutarch. in Sertor.*

13 *Tacit. l. 1. annal.*

14 *Luc. 11. à princip.*

15 *Luc. 18. à princip.*

16 *Luc. d. c. 18. 35. cum seqq.*

po

po ſe lhes offerecérão deſvios, & difficuldades grandes; mas a *Perſeverança* nas diligencias lhes deo, o que deſejavão.

4 Eſta *Perſeverança* não encontra, o que diſſemos 17 culpando a Importunação; porque ſaõ differentes. Em poucos dias de negociação ſe póde ſer muyto importuno; & bem ſe póde perſeverar largo tempo fazendo as diligencias ſem importunação, com todo o bom modo.

17 *Supra c.22.n.3.*

5 Aqui he lugar de advertir aos pertendentes o ſofrimento, que devem ter. Ao homem colerico, & mal ſofrido (eſcreve hum grande Corteſaõ 18) não lhe convem ſeguir a Corte, & menos com pertençoens; muytos annos (diz elle) lhe não baſtaràõ para vingar, nem ainda para cuydar, no que ſofreo em hum ſó mez. Não digo que ſe ſofrão afrontas, nem cuydo, que miniſtro algum as quererà fazer. Fallo do pouco favor, & diſſabor, que em alguns ſe acha na falta da audiencia, na ſequidão da repoſta, no deſcuydo da mayor corteſia, ou em outra couſa ſemelhante. Muyto diſto ſe deve attribuir ao enfadamento, que os negocios cauſaõ: às occupaçoens precíſas: à diverſaõ em cuydados: tal vez à inadvertencia: ou a algum achaque, a que eſtamos ſugeytos. Ainda que proceda de mà vontade, para as taes occaſioens he celebre aquella ſentença Caſtelhana; *Dando gracias por agrabios negocian los hombres Sabios.* Quem ſe dà por aggravado, ſe faz odiado por temido. Convem diſſimular, fingindo não entender; ou moſtrando judicioſa paciencia. Em que ſe exercitaria eſta virtude, ſe não houvera que ſofrer? He prudencia obedecer, ao que ſe naõ pòde vencer. Iſto muytas vezes ganha as vontades, & aproveyta como melhor diligencia.

18 *D. Anton. de Guevara no Menospreció de Corte c 3. poſt med.*

CAPITULO XXIV.

Se convem algumas vezes deyxar a patria, por melhorar a Fortuna.

1 HE tão recomendada a perſeverante diligencia para a boa *Fortuna*, que ſe eſta ſe naõ puder alcançar na patria, he queſtaõ, ſe ſe deve hir buſcar em terras eſtranhas, ainda que ſejaõ de outra nação, & de outro Principe? Não ſe duvida, de que ſe haja de deyxar por algum tempo, ſahindo a procurar honra, ou fazenda, para tornar a lograr na patria. Que iſſo fazem de ordinario os homens de eſpirito. Nem tambem ſe duvida, de que ſe haja de deyxar o lugar do naſcimento, poſto que para ſempre, para viver em outro dentro do meſmo Reyno, ou Provincia. Se iſto fora miſeria, eſtaria o mundo cheyo de miſeraveis, pois tantos homens o fazem, como diz Cicero. 1 A que ſe diſputá he, ſe convem algumas vezes deyxar totalmente a patria

1 *Cicer. 1. Tuſcul.* Si abeſſe à patriâ miſerũ eſt, plenæ miſeriarum ſunt provinciæ, ex quibus admodum pauci in patriam revertuntur.

por terra estranha para sempre?

2 Ovidio 2 considera, que o amor da patria póde mais que todas as commodidades. O Scytha (notava elle) foge dos regalos de Roma para a aspereza da sua terra. He inclinação natural, com que os simplices passarinhos tornaõ de qualquer parte para o lugar, em que nascèraõ. E a astucia das féras naõ troca por melhores pastos o fragoso das serras, em que se creàraõ. O prudente Ulysses em suas peregrinaçoens (diz Homero 3) suspirava por ver fumegar as chaminès da sua patria, antes que morresse. Foy celebre sentença de Sophocles, 4 que era a mayor felicidade naõ experimentar terra alhea. E ao contrario teve Euripides 5 pela mayor miseria deyxar a patria, por ser a cousa amada sobre todas. O nome, *Patria*, disse Hieracles, se derivou de *Pater*, porque ella he nosso pay; pronuncia-se com terminação feminina, porque tambem he nossa mãy: & fiquemos entendendo, que como a pay, & a mãy a devemos estimar, & amar. 6 E naõ a ama, (diz Santo Agostinho 7) antes a aborrece muyto, quem se persuade a que fóra della succederà bem; sem mimos seus naõ ha alegria. Nem a fallar livremente se atreve (notou Euripides 8) quem està em terra estranha. E ainda quando nella se acha prospero, naõ gosta do que lhe não vem lograr seus naturaes. Alexandre entre as glorias que gozava na Asia, desejava, que as velhas de Macedonia o vissem naquella grandeza. Não se perde jà mais sua doce memoria, 9 que faz aguadas as felicidades. Considera Lipsio, 10 que assim como os que sahem do porto para o mar, com os olhos, & com os desejos buscaõ a terra; assim os que estão em regioens estranhas, aspirão sempre à propria.

3 Pelo que regularmente mais val menos na patria, que muyto fóra della. E assim Sertorio muytas vezes vencedor em Hespanha se offerecia a Pompeyo, & a Metello, para se tornar para Roma, se se lhe permittisse, confessando, que mais queria ser na sua patria vil Cidadaõ, que desterrado ser chamado Emperador. 11 Não se deve deyxar facilmente por esperanças, que podem sahir enganosas. Se os naturaes vem, que o estrangeyro sobe a qualquer *Fortuna*, o calumnião envejosos com o dito de Euripides, 12 que se elle não fora mào, não sahira da sua patria a viver na alhea. Assim succedeo a Annibal desterrado de sua patria Carthago na Corte delRey Antiocho, em cuja valia se hia promettendo melhor *Fortuna*, & os envejosos o calumniàrão de modo, que lhe foy necessario fugir para Prusia Rey de Bithynia: & ainda que capitaneando huma sua armada lhe alcançou vitoria, foy igualmente perseguido, & teve por menor mal matarse com veneno; ou (como dizem outros) mandar a hum servo seu, que o matasse, do que ser entregue aos Romanos por condiçaõ de pazes. 13

4 Com

1 *Ovid. 1. de Ponto.* Rursus amor patriæ ratione valentior omni. Quid melius Romà? Scythico quid frigore peius? Huc tamen ex illâ, barbarus, urbe fugit.

3 *Homer. 1. Odiss.* Cæterum Ulysses cupidus vel fumum exeuntẽ videre patriæ suæ, sic mori optat. *Ovid de Pont. l. 1. eleg. 4.* Non dubia est Ithaci prudentia, sed tamen optat fumum de patrijs posse videre focis.

4 *Sophocl in Thereo.* Est tamen optimum, si terram nunquam expertus es alienam.

5 *Euripides in Ægeo.* Verumtamen miserãdum est tempus, quo patriæ fines relinquuntur. Quid paternâ charius esset viro tellure?

6 *Stobæus serm. 37.*

7 *D. August in Psalm. 19.* Odit valdè patriam, qui sibi bene putat, cùm peregrinatur.

8 *Euripid. in Polyn.* Unum sanè maximum, quod exul non habet dicendi libertatem.

9 *Ovid 1. de Pont.* Nescio quâ natale solum dulcedine cunctos Ducit, & immemores non sinit esse sui.

10 *Lypsius cent. 2. ad Belg ep. 54.*

11 *Erasm. l. 5. apophthem.*

12 *Euripid. in dict.* Quod non esses pessimus, nunquam civitate tuâ contemptâ, regionem istam laudasses.

13 *Plutarch. in Annibal ad fin.*

4 Com tudo (como diſſe Chriſto Senhor noſſo 14) nenhum Profeta he honrado em ſua patria. Notou o Veneravel Beda , 15 que procede de ſer quaſi natural aos homens naõ conſiderarem nos conhecidos antigos o que ha de preſente, mas ſó terem lembrança de ſeus primeyros annos ; ſem attenderem a que o tempo , & a idade faria nelles a mudança, que cada hum experimenta em ſi. Por iſto muytos achaõ mayor eſtimaçaõ, aonde naõ foraõ viſtos ſenaõ grandes , como arvores tranſplantadas ; que a nova terra abraça melhor. A eſta pouca eſtimaçaõ ſe ſegue o aggravo , que ſe naõ compadece com hum alto eſpirito. Deſafoga o coraçaõ ſahindo a outros ares , & cuyda , como o doente, que alcançarà ſaude mudando ſitio. Aſſim ſuccedeo a Ariſtides , Alcibiades, Cimon, & Themiſtocles Athenienſes : a Epaminondas Thebano : a Annibal Carthaginez : a Furio Camillo Romano, 16 & a outros varoens illuſtres. Entre os quaes foy o Portuguez Dom Rodrigo Forjàz Vermuìs ; 17 & o meſmo quiz fazer o grande Condeſtavel Dom Nuno Alvarez Pereyra, (taõ ſenſivel he hum aggravo a hum animo generoſo) ſe ElRey lhe naõ dera ſatisfaçaõ. 18 Ha outras couſas precíſas para deyxar a patria ; homizios, mercancia , caſamentos, heranças, & occaſioens, que ſeria de eſpirito puſillanime deſprezallas , & muyto prejudicial naõ ſahir a lograr ventagens conhecidas. Themiſtocles fóra de ſua patria, achando-ſe com grandes riquezas , que lhe deo ElRey de Perſia , diſſe a ſeus criados : *Amigos pereceramos , ſe naõ pereceramos.* 19 Que foy dizerlhes, que pereceriaõ de fome em ſua patria, ſe naõ houveraõ ſahido della. Ao que chamou tambem perecer , pelo muyto que ſe ſente deyxalla ; mas tinhalhe ſido forçado, para não perecer por outra via. Naõ deve ſer taõ precioſo o amor da patria , que obrigue a miſerias , que ſahindo della ſe pòdem evitar. E aſſim o prudente Socrates 20 antepoz a liberdade no deſterro à ſervidaõ domeſtica. Conſidere-ſe, que como todo o mar he patria aos peyxes , & todo o ar às aves, aſſim o he toda a terra aos homens fortes , & Sabios. 21 Quando ſabem donde naſcèraõ , naõ mudaõ patria , ſó mudaõ lugar. 22 Ridiculo ſeria quem ſe doeſſe de ſe paſſar de huma caſa para outra, em que ſe ache melhor na meſma Cidade. 23 O lugar, em que cada qual ſe acha bem , eſſe he a ſua patria. 24 E o acharſe bem naõ pende do lugar, mas do homem. 25 O neſcio anda em deſterro : o Sabio, & forte em peregrinaçaõ. 26

5 Porém ſempre em qualquer parte nos deve acompanhar o amor do lugar , em que naſcemos , & nos creámos, pois niſto temos recebido daquella patria os mayores bens. 27 Sendo neceſſario lhe devemos pagar com a vida, a que ella nos deo , 28 como fizeraõ os Decios , & Curiacios Romanos, Codro Athenienſe, os Philenos, Cyrenenſes, & tantos

14 *Joan.*4 44.
Propheta in ſuâ patriâ honorem non habet.

15 *Beda in Luc.*4.

16 *Plutarch. nas ſuas vidas.*

17 *Britto na Monarch. Luſit. p.*2. *l.*7. *c* 29.
*Faria no epitom. das hiſtor. Pottug. p.*2 *c.*9 *à n.*14.

19 *Chron. do Condeſtavel c.* 63.
Chron. antiga d'ElRey D. Joaõ I. p. 2. *c.* 154.

19 *Plutarch. in apophthegm.*

20 *Socrat. apud Aul. Gel. l.*3. *c.*15.

21 *Euripides:*
Omnis quidem aer aquilæ penetrabilis eſt:
Omnis verò terra viro forti patria.
*Curt. l.*6.
Patria eſt ubicumque vir fortis ſedem elegerit.

22 *Senec. de remed. Fortun.*
Non mihi patria interceditur , ſed locus.

23 *Auſonius in l. Exilium non eſſe malum.*

24 *Cic.*3. *Tuſcul.*
Patria eſt ubicumque eſt bene.

25 *Dion l* 38.
Loca ipſa nullam felicitatem, beatitudinemve offerunt homini , ſed unuſquiſque noſtrûm, ipſe ſibĩ , & patriam , & vitam beatam omni tempore ubicumque locorũ efficit.

26 *Senec. Supra:*
Illud autem per quod bene eſt homini, non in loco eſt; ſi enim ſapiẽs eſt, & peregrinatur; ſi ſtultus eſt, exulat.

27 *Cicer.*1. *de Orator.*
Quoniam ſunt omnia commoda à patriá accepta.

28 *Paul Æmil. lib.*4.
Quam à patriâ mutuatus es vitam, eam illi jure optimo repoſcẽti redde.

29 Valer. Max. l. 6. c. 6.

tos outros celebres nas historias. 29 Foy notavel o Cidadaõ de Preneste Cidade de Italia, a quem Sylla por haver pouzado em sua casa exceptuou da morte; que mandou executar em todos os mais. E elle respondeo: *Que naõ querias dever a vida, a quem a tiràra à sua patria.* E padeceo com os outros. 30 Por mais que nos aggrave; he a mayor maldade obrar contra elle, como fizeraõ os impios, Coriolano, Sertorio, & outros abominaveis. 31 Se nos persegui o com razão, contra nòs temos a queyxa. Se sem razão, devemos proceder com ella (respondeo Pythagoras) como com mãy ingrata, 32 sempre com reverencia. Se somos bons; ella fica desterrada de nòs, mais que nòs della. Nem a culpa de alguns particulares se pòde vingar em todo hum Reyno, ou Cidade, como disse Sthemio a Pompeyo. Themistocles desterrado de Athenas, & feyto General d'ElRey de Persia, que o havia amparado, & enriquecido, por não hir contra sua patria, ordenou hum sacrificio, em que bebeo tanto sangue de touro, que diante dos altares se matou com elle. 33 Phoci havendo servido muyto à mesma Athenas sua patria, ella com grande ingratidaõ o condenou à morte de veneno: & elle no mesmo tempo, em que o bebeo, encomendou a seu filho, que não deyxasse de amar sua patria, antes a servisse em quanto pudesse. 34 Aristides desterrado da mesma patria, pedio aos Deoses, que lhe dèsse tantas felicidades, que nunca se lembrasse delle. 35 Callistrato sahindo com outros desterrado da mesma Republica, desejando hum delles, que lhe succedesse tal necessidade, que a obrigasse a restituillos; abominou tal desejo. E Rutilio Romano, a outro, que o consolava com se esperarem guerras civis, com que brevemente tornaria, respondeo: *Que mal te fiz, ò homem, para me desejares peyor tornada que sahida? Mais quero que minha patria se envergonhe de meu desterro, que doerse de minha restituiçaõ.* 36

30 Erasm. l. 6. apophthegm.
31 Liv. dec. 1. l. 2. Valer. Max. l. 1. c. 4. Plutarch. in Sert.
32 Pythagor. apud Stob. serm. 37.
33 Valer. Max. l. 1. c. 6.
34 Ælian. var. hist. l. 2. Plutarch. in apophthegm.
35 Plutarch. in Aristid.
36 Senec. de benefic. l. 6. c. 7.

6 Os grandes homens não sò não deservirão a patria, de que se desterràrão aggravados, mas antes vieraõ do desterro a servilla, quando a viraõ necessitada. Furio Camillo, de quem acima fallàmos, tornou de Ardea a livrar Roma opprimida dos Gallos. 37 O mesmo fizeraõ em varias occasioens Alcibiades, & Cimon 38 com Athenas sua patria. O Portuguez Dom Rodrigo Forjàz, tambem desterrado por aggravos, como dissemos, ouvindo, que Dom Sancho Rey de Castella vinha contra seu irmaõ Dom Garcia, que reynava em Portugal, & Galliza, de quem elle hia aggravado, voltou dos confins de França, & na batalha, que os Reys tiveraõ junto a Santarem, obrou acçoens insignes, atè prender a Dom Sancho, & o entregar a Dom Garcia: & logo morreo das feridas, que recebèra. 39

37 Liv. dec. 1. l. 5. Plutarch in Camill.
38 Plutarch. in Rom. apophthegm. & in Alcibiad.
39 Britto, & Faria supra.

7 Conservando assim o amor, & obsequio da patria, não

se

ſe póde deyxar de ſahir della quando he conveniente à vida, ou à reputaçaõ, ou a intereſſe certo de grande melhoramento de *Fortuna*, que ſe deve bem conſiderar. As hiſtorias eſtão cheas de exemplos dos que creſcèraõ fóra da patria; ſendo os mais inſignes Jacob, & Joſeph. 40 De Portuguezes, que por varias occaſioens deyxàraõ Portugal, demais dos que apontàmos em outra noſſa obra; 41 Joaõ Affonſo Pimentel fundou em Caſtella a grande caſa de Benavente: 42 Joaõ Fernandes Pacheco teve honras, de que deſcendem os Marquezes de Vilhena, Duques de Eſcalona: 43 de Egas Coelho os Senhores de Montalvo: 44 de Martim Vaſquez da Cunha, Lopo Vaſquez, & Gil Vaſquez, irmãos, procedem muytas caſas titulares. 45 E deyxados outros antigos, nos tempos mais proximos Ruí Gomez da Sylva foy valido d'ElRey Dom Felippe II. & aſcendente das caſas do Duque de Paſtrana, Ijar, & outras illuſtres. E Dom Chriſtovão de Moura, valido tambem do meſmo Rey, que depois que entrou em Portugal o fez Marquez de Caſtello Rodrigo, com os mais titulos, & mercès, que os validos coſtumaõ alcançar. A nenhuma diligencia deve perdoar, quem aſpira à boa *Fortuna*.

40 *Geneſ. 32. 10. & 41. 40.*

41 *Nas excellencias de Portugal c. 23. excellenc. 3 à n. 4.*

42 *Affonſo Lopes de Haro, nobiliar. de Heſpanha l. 3.*

43 *Lavanha na annot. B. ao tit. dos Pachecos no nobiliar. do Conde D. Pedro.*

44 *Lavanha ſup. annot. B ao tit. dos Coelhos n. 25 pag. mihi 190.*

45 *Lavanha no tit. dos Cunhas n. 12. annot. A, pag. mihi 315.*

CAPITULO XXV.

Quando falta o ſucceſſo de todas as diligencias do mundo, ſe ha de recorrer a Deos pela mais efficaz.

1 SE com as diligencias, que ficaõ propoſtas, ſe não conſeguio, devemos por ultima inſtancia entrar, como Moyſés no Tabernaculo, a tratar com Deos. Acima diſſemos, 1 que todas as diligencias ſe deviam fundar nelle; mas de tal modo pediamos ſeu favor, que tambem confiavamos nos meyos humanos. Agora deſconfiando deſtes, nos livraremos totalmente na bondade Divina, como aconſelha o Sabio. 2

2 Ainda que Deos quer diligencias noſſas, como já advertimos, 3 para nos ajudar, offende-ſe tal vez de que nos fiemos demaſiadamente dellas, devendo ſer nelle noſſa principal confiança. Aſſim diſſe o Profeta Henani a Aſa Rey de Judea, que não havia tido o bom ſucceſſo, que pudera ter, porque puzera ſua confiança nas diligencias, que fez para o ſoccorrer ElRey de Syria contra o Rey de Iſrael; & não totalmente em Deos, como fizera em outra occaſiaõ, em que alcançou huma glorioſa vitoria dos Egypcios. 4 E tambem o reprehende a Eſcritura Sagrada, 5 porque na doença, de que morreo, buſcou mais o remedio na ſciencia dos Medicos,

1 *Sup. c. 11. 12. & 13.*

2 *Proverb. 3. 5.* Habe fiduciam in Domino ex toto corde tuo, & non innitaris prudentiæ tuæ.

3 *Supra c. 10. ex num. 5.*

4 *2. Paralipom. 16. 7.* Quia habuiſti fiduciam in Rege Syriæ, & non in Domino Deo, &c.

5 *Eodem c. 16. 12.*

cos, que no recurso ao Senhor. Quer Deos ; que conheçamos, que sem elle nada podemos , & com este conhecimento imploremos efficazmente seu favor. Christo Senhor nosso dormia na tempestade ,que padeciaõ seus Discipulos: porque queria , que elles o desejassem mais, & o chamassem, & naõ lhes deo bonança sem o despertarem ; & lha pedirem , confessando , que pereciaõ. 6

6 *Matth.*8.25. Domine , salva nos , perimus.

3 Havendo sahido inuteis todas as diligencias , devemos tornar sobre nòs , & dizer com o Santo Rey Josaphat vendo-se em hum extremo aperto : *Senhor , naõ sabendo jà o que devemos fazer , sò nos resta pòr os olhos em vòs.* 7 E com o Apostolo Saõ Pedro : *Mestre Divino , temos trabalhado dias, & noytes, & nada conseguimos ; mas em vosso nome tornaremos a lançar as redes.* 8 Entre as maravilhas contou David ser o Senhor refugio , & ajuda dos tribulados. 9 Sorte (diz o mesmo David) de que esperemos, & confiemos nelle ; 10 quando todo o mundo , atè o pay , & mãy desampararem o homem , entaõ o recebe elle melhor. 11 E assim prometteo : *Hey de livrallo , porque esperou em mim.* 12 Toma por razaõ para amparallo , esperar nelle. *O' dulcissima liberalidade !* (exclama o mellifluo Bernardo , 13) *naõ falta aos que nelle esperaõ.* Por ser aquella promessa infallivel, dizia seguro o Psalmista : *Em vòs , Senhor , esperey , naõ serey confundido para sempre ; livrayme em vossa justiça :* 14 fazendo justiça daquella graça.

7 *Paralip.*20. 12. Cùm ignoremus quid debeamus agere, hoc solum habemus residui,ut oculos nostros dirigamus ad te.

8 *Luc.*5 5. Praeceptor, per totam noctem laborantes , nihil cepimus: in verbo autem tuo laxabo rete.

9 *Psalm.*9.1 10 & 11.

10 *Psalm* 146 11. Beneplacitum est Domino super timentes eum, & in eis qui sperant super misericordia ejus.

11 *Psalm* 26.10. Pater meus , & mater mea dereliquerunt me , Dominus autem assumpsit me.

12 *Psalm.* 90. 14 Quoniam in me speravit, liberabo eum, protegã eum , quoniam cognovit nomen meum.

13 *D Bernard serm* 5. *in Psalm. Qui habitat.* O dulcissima liberalitas non sperantibus non deest.

14 *Psalm.* 30 2. In te, Domine, spera i, non confundar in aeternum: in justitia tua libera me.

4 Aconselha o Sabio , que a confiança em Deos seja de todo o coração ; 15 à medida da fé serà o successo. Saõ Pedro em quanto confiou firmemente , passeava sobre o mar, como sobre terra : tanto que duvidou temendo os ventos , começou a sumergir-se nas aguas. 16 Pelo contrario , a grande fé , que o Sagrado Evangelho notou no Centurio de Capharnaù , no paralytico, na mulher que padecia fluxo de sangue , na Cananéa, no Principe da Synagoga , nos cegos , & em outros , que desesperados dos remedios humanos , recorrèrão a Christo, lhes alcançou , o que desejavão. 17

15 *Proverb d.c.*3.5. Habe fiduciam in Domino ex toto corde tuo.

16 *Matth.*14.31 Modicae fidei, quare dubitasti?

17 *Matth.*8.& 9. & 15.*cum concordantibus.*

5 Nem sò devemos recorrer a Deos , mas tambem , com especial confiança , & devoção , à immaculada Virgem Maria, Mãy sua Santissima ; porque ainda que o Senhor he todo poderoso, & independente para dar, estima tanto esta Senhora , que disse o grande Padre Saõ Bernardo : 18 *Naõ quiz Deos , que tivessemos cousa alguma , sem passar pelas mãos de Maria.* He necessario ter este cano propicio, & seguro, para que a graça daquella fonte nos possa chegar. Digamos-lhe o que lhe diz a Igreja Santa: *Tiraynos nossos males, pedinos a vosso Filho todos os bens: mostray , que sois Mãy nossa.* 19 Este nome a obrigarà , posto que os filhos o não mereção.

18 *D.Bernard. serm.*3.*in vigil. Nativit Domin.* Nihil nos Deus habere voluit, quod per Mariae manus non transiret.

19 Mala nostra pelle,
Pona cuncta posce
Monstra te esse Matrem,
Sumat per te preces
Qui pro nobis natus
Tulit esse tuus.

6 Com tudo , ainda devemos cooperar de nossa parte ; porèm não fiados no que fizermos , mas sómente porque Deos quer que sempre façamos o que nos he possivel , como

acima

acima fica dito. 20 E então nos ajuda para o que não podemos. O contrario seria tentallo com lhe pedir milagres. Juntamente com trabalhar nos devemos confessar inuteis, como ensinou Christo. 21 Então nos dà o Senhor boa *Fortuna*, & muytas vezes por meyos tão fracos, que nada se podia esperar delles, antes parecião contrarios ao intento. Forte, & suavemente dispoem tudo, usando de instrumentos pequenos para gloria de seu poder, & liberalidade. 22 Os Egypcios não acabàraõ de conhecer, que estava Deos com Moysés, & Aaron, senaõ quando o virão obrar tanto com vis mosquitos. 23 O Santo Bispo Jacobo para livrar de Sapor Rey dos Persas a Cidade de Nésibis, ou Antioquia Mygdomia, subido em huma torre pedia a Deos, que enviasse mosquitos, & pulgas sobre o exercito inimigo. E esta immunda, & vilissima praga metendo-se nos narizes, & orelhas dos cavallos, & dos outros animaes de que se serviaõ, os enfureceo de modo, que não ficàrão de prestimo. E ElRey levantou o sitio. 24

7 Por isto disse o Psalmista: *Bemaventurado o homem, cuja esperança he o nome de Deos, & naõ faz caso de vaidades insanas, & falsas.* 25 Taes saõ as esperanças nas diligencias do mundo. Por este meyo livrou Moysés o povo cercado por huma parte do mar, & por outra parte do exercito de Faraò; & alcançou agua para beber, desesperado de todo outro remedio. 26 Judith deo liberdade à sua patria, que se queria entregar ao Rey dos Assyrios. 27 E o Machabeo Jonathas teve vitoria dos Capitães de Demetrio, achando-se desamparado dos seus. 28 Entre innumeraveis exemplos, nos saõ domesticos o d'ElRey Dom Affonso Henriques, que vendo-se no Campo de Ourique só com doze mil Soldados, cercado de cinco Reys Mouros com exercito, em que dizem os Historiadores, que havia cem infieis contra cada hum dos Christãos; 29 desconfiados com razão os seus das forças humanas, recorreo confiadamente à oração, com que obrigou a Christo Senhor nosso a vir pessoalmente confortallo, darlhe vitoria, & fundar nelle este Reyno. 30 O grande Dom Nuno Alvarez Pereyra vendo-se muyto apertado por trinta & tres mil Castelhanos na batalha de Valverde, se retirou a orar em hum lugar occulto no mesmo tempo, em que se pelejava, & sahindo delle ganhou a vitoria. 31 O valeroso Duarte Pacheco na India Oriental combatido furiosamente pelos exercitos d'ElRey de Calecut, no meyo da peleja fez huma breve oração, & foy vitorioso. 32 O mesmo succedeo por vezes ao valente Capitaõ de Maluco Antonio Galvão nos grandes apertos, em que o puzerão os Reys vizinhos. O insigne Vice-Rey da India Dom Luis de Attaide aconselhado em huma occasião, que largasse aos Mouros a fortaleza de Chaùl, que parecia impossivel defenderse: respondeo, que o não faria, porque esperava em Deos, sem o qual as mayores forças erão nada, & com fé nelle as mais pequenas

erão

20 *Sup d.c.10.à num.5.*

21 *Luc.17.10.*

22 *D.Paul.ad Rom 9.13.*

23 *Exod.8.19.* Digitus Dei est hic.

24 *Histor. Eccles.p.2.l.3.c.6.*

25 *Psalm.39.5.* Beatus vir, cujus est nomen Domini spes ejus; & non respexit in vanitates, & insanias falsas.

26 *Exod.14.& 27.*

27 *Judith 8.& seq.*

28 *1.Machab.11.72.*

29 *Duarte Nunes na Chron. de D Affonso Henriq. Vascõcellos in Anacephalæos.ad eundem Reg.n.5. Maris dial 2.c.4.*

30 *Britto, Chron.de Cister, l.3.c.5. Monarch.Lusitan p.3. l. 10.cap. 5. Maris supra. Diximus in tract.Lusitan Liberata proœm.2.§.2.ubi latè.*

31 *Chron. do Condestavel D. Nuno Alvarez c.54. Fernaõ Lopes Chron. d'ElRey Dom Joaõ I.p.2.c.51.*

32 *Goes Chron.d'ElRey D. Manoel p.1.c.89.ad med.& c.91.ad fin. Osorius de reb. Emmanuel l.3.fol. mihi 133.*

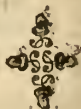
eraõ grandissimas. E com esta confiança teve glorioso successo.

33 O grande Andrè Furtado de Mendoça, illustre Josuè deste seculo em virtude, esforço & vitorias quasi milagrosas, as mais dellas alcançou, pelo que só em Deos confiava, quando menos se podia esperar dos meyos humanos, que todos promettião ruina. Sahia-lhe a *Fortuna* tão bizarra, que diziaõ aquelles gentios do Oriente, aonde militava, que era Deidade, que andava na terra. Na fortaleza de Malaca com poucos mais de cem Portuguezes, padeceo quatro mezes de terrivel sitio, em que o tiverão muytas nãos Olandezas, trezentas fustas do Rey de Achem, & onze Reys circumvizinhos conjurados com os Olandezes: & vendo-se falto da gente, que morrèra, & das muniçoens, & mantimentos, que se gastárão, solicitava só soccorro do Ceo, quando (oh maravilha!) a Imagem da Virgem Mãy, que tinha em huma lamina, diante da qual fazia oração, lhe fallou com palavras tão doces, como sahidas daquella boca Sagrada, & lhe prometteo vencimento. Com vigor novo tornou o feliz Capitaõ aos poucos, que o acompanhavão, animando-os a persistir na defensa, como admiravelmente fizerão atè o hir soccorrer com grande armada o Vice-Rey Dom Martim Affonso de Castro, que obrigou os inimigos a levantarem o sitio, depois de outras insignes vitorias, alcançadas por este meyo de firme confiança em Deos. (Entre as quaes foy a importantissima do poderoso, & valeroso Cunhale, que levou preso a Goa, aonde em cada-falso publico foy degollado: pela qual a Camera, & Cidade de Goa sahio a recebello com procissaõ, & festas de triunfo.) E depois de haver succedido no governo da India por morte do Conde da Feyra Vice-Rey, 34 vindo para o Reyno faleceo na viagem com aquella santa lamina nas mãos orando, & dizendo: *Senhora, que por vossa piedade vos dignastes de me fallar promettendome vitoria, alcançayma agora neste aperto mais importante.* O successor de sua casa guarda a mesma lamina com a devida estimação, & se experimentão della maravilhosos effeytos. He infallivel o que o Senhor prometteo: 35 *Vinde a mim todos, os que trabalhais, & estais cançados, & eu vos darey descanço.* Nos negocios particulares, & domesticos de cada hum de nòs, se acharião mais exemplos, que os que ficão referidos das historias publicas; mas naõ he decente, nem permittido escrevellos.

33 *Antonio Pinto na histor. de D. Luis de Attaide l. 2. c. 3.*

34 *Dos insignes feytos do grande Andrè Furtado, Diogo do Couto nas decadas da Asia* 11. & 12. *Manoel de Faria, & Sousa na Asia Portugueza tom.* 3. *p* 1. & 2.

35 *Matth.* 11. 28. Venite ad me omnes qui laboratis, & onerati estis, & ego reficiam vos.

CAP.

CAPITULO XXVI.

Que se ha de esperar o remedio de Deos com animo constante.

1 POsto firmemente a esperança só em Deos, como dissemos no Capitulo proximo, deve haver *Constancia*, para sofrer a *Fortuna* adversa, em quanto o Senhor a naõ melhorar; posto que tarde, naõ se ha de imaginar, que nos deyxa. *Esperay o Senhor, obray varonilmente, & conforte-se vosso coraçaõ, & tende paciencia, no que o Senhor ordena*, nos diz David. 1

2 He a *Constancia* segundo Lypsio, 2 *Hum recto, & immudavel valor do animo; que nem se levanta, nem se abate com algum successo, & tudo sofre voluntariamente sem queyxa*. Dizemos *recto*, porque deve ser justo; o injusto seria pertinacia. Dizemos, *do animo*, porque, ainda que a fraqueza do corpo repugne, a virtude está, em que o animo se acommode com a tolerancia. Dizemos, *voluntariamente*; naõ porque se hajaõ de procurar adversidades para exercitar *Constancia*, mas porque vindo ellas, se devem tolerar com boa vontade. Isto he virtude: o outro seria ignorancia. 3 Ajuntamos, *sem queyxa*; porque o homem se naõ deve queyxar das miserias, a que todos nascem sugeytos. 4 Todos padecem por varios modos, posto que se naõ vejaõ as chagas, 5 as interiores saõ as que mais atormentão. Extraordinaria cousa seria não ter que padecer. Solon em Athenas levou a huma torre hum amigo, que com muytas lagrimas se queyxava, & mostrandolhe a grande parte daquella populosa Cidade, lhe disse: *Consideray, que prantos haveria nos tempos passados, & ha no presente, & haverà nos futuros dentro destas casas, & deyxay de chorar como particulares vossas adversidades, pois saõ communas aos mortaes*. 6 Só se pòdem chorar como communas pelo peccado, como Job as chorou em si; 7 Christo nosso Salvador em Lazaro; 8 & os Christãos por commiseraçaõ em Santo Estevaõ. 9

3 Esta *Constancia* milita em todas as materias: na temperança contra a gula, na continencia contra os deleytes, & no seguimento de todas as virtudes. No tolerar as adversidades se germana com a Paciencia, & he parte da Fortaleza, como diz o Doutor Angelico: 10 louvavel, & recomendada nas Letras Divinas, como reprovada a inconstancia. 11

4 Para a facilitar nas adversidades, que he o nosso assumpto, convem considerar, quaes, & de que qualidade saõ as que sentimos; 12 porque muytas vezes com payxaõ inconsiderada he mayor o sentimento que a causa, a qual se judiciosa-

1 *Psalm.* 26.14. Expecta Dominum, viriliter age, & confortetur cor tuum, & sustine Dominum.

2 *Just. Lyps. de constant. l. 1. c. 4.*

3 *Senec. epist. 63. ad Lucil.*

4 *Job* 14 1. Repletur multis miserijs.

5 *Mostramos acima c. 9. n. 2. & 3.*

6 *Refere Lyps. de constant. l. 2. c. 26.*

7 *Job 30. & sæpe.*

8 *Joan.* 11. 35.

9 *Act.* 8. 2.

10 *D. Thom.* 2. 2. *q.* 153. *art.* 5. *ad* 2.

11 *Jacobi* 1. 4. 2. *Petr.* 1. 12. *Judæ* 3.

12 *Eccles.* 2. 16 *Luc* 9 62. *Paul. ad Galat.* 3 3. *& ad Ephes.* 4. 14. *& ad Hebr.* 13. 9. *Jacob.* 1. 8. *&* 3. 10.

ciosamente se ponderàra, ficaria mais sofrivel. Para este exame conduz muyto lembrarmonos do muyto mais que vemos padecer a outros; lembrança, que se naõ consola, serve de exemplo. O mayor mal he naõ saber sofrer: este he o mayor infortunio, dizia o prudente Bion. 13 ElRey Demetrio muyto exercitado em ambas as fortunas, como nota Plutarcho, 14 costumava dizer, que o que naõ podia com a *Fortuna* adversa, tambem naõ podia com a prospera: 15 Nescio mudavel como a Lua lhe chamou o Ecclesiastico; & ao inconstante comparou com o Sol. 16 O nescio padece, porque só vé o presente sem conhecer o fruto da *Constancia*: o Sabio està immovel, porque entende, que em quanto sofre, merece, & tem por certo, que haverà mudança, que o poderà melhorar. Por ley eterna posta ao mundo, tudo nasce, cresce, decresce, morre, & na propria duraçaõ se muda. O Creador dispoz tudo com certo numero, augmento, & medida, que naõ he licito exceder: atè ao Ceo, ao mar, & à terra definio termos; só he estavel quem poz esta ley. Se o Sol tem Oriente, & Occaso: a Lua enchente, & minguante: o mar vasante, & crescente: as estrellas, que parecem firmes, & por isso tomàraõ o nome do verbo, *Sto*, 17 tem seus motos; & da de Venus affirma Varro por relaçam de outro Escritor antigo chamado Castor, que mudou a cor, grandeza, figura, & curso: 18 os Ceos mesmos se movem, o ar se muda, a terra treme, os tempos variaõ, tudo com elles se altera: como naõ succederà o mesmo nos homens, que saõ mais fracos, & pendentes daquellas influencias? O que he hoje, à manhãa naõ serà. Sobrevem novidades, encontraõ-se os successos, reynaõ os interesses, obrigaõ-se os animos, & alterna-se a *Fortuna*, descendo ao bayxo da sua roda, o que estava no alto, & subindo o que jazia cahido. Isto, que succede em todas as materias, & em todas as partes, he mais ordinario nas Cortes, como por fado; em poucos annos se vem as amizades, as facçoens, as valias, & o governo taõ mudado, que parece hum mundo novo: nòs mesmos o temos visto em pouco tempo.

5 A *Constancia* nas adversidades deo aos Machabeos tantos successos gloriosos: 19 aos Romanos vencidos tornou vencedores de Annibal: livrou os Thebanos dos Lacedemonios: remio Inglaterra dos Dinamarquezes: restaurou Hespanha dos Mouros: & descendo a exemplos de particulares, que saõ mais de nosso instituto, ella levou a Joseph do cativeyro ao governo do Egypto: 20 guiou a David perseguido ao throno de Saul, que o queria matar: 21 deo gloria a Elias contra Jezabel: 22 repoz no Reyno a Manassés convertido a Deos, depois de tantas affliçoens padecidas, preso em Babylonia com pezadas cadeas: 23 & basta na Historia sagrada o exemplo de Job, a quem esta virtude

13 *Bion apud Anton. Max. serm.* 18 Eum demum infortunatum esse, qui infortunum suum æquo animo ferre non possit.

14 *Plutarch. in Demetr.*

15 *Demetrius apud Maxim. p. 1. serm. 30* Illum, qui sinistram fortunam ferre nequit, nec dextram quidem posse ferre.

16 *Eccles. 27. 12.* Homo Sanctus in sapientia manet sicut Sol: nam stultus sicut Luna mutatur.

17 *Calepin. verbo stella.*

18 *Varro apud D. August. de Civit. Dei l. 21. c. 8. ante med.*

19 *In lib. Machab.*

20 *Genes. 41.*

21 *1. Reg. 2.*

22 *3. Reg. 19.*

23 *2. Paralipom. 33.*

tude restituhio em dobro o muyto, que perdéra. 24 Na profana, entre outros innumeraveis, foy notavel exemplo Dionysio Tyranno de Sicilia, posto em tanto aperto pelos Carthaginenses, que quiz fugir a pè: disse-lhe Ellopidas: *O' Dionysio! quam fermoso he aos Tyrannos hum ornato na sepultura!* Isto o deteve, & com muyto poucos soldados venceo, & se restaurou. E a *Confiança*, com que Luis, que chamàram Pio, Emperador, & Rey de França, sofreo as injurias, trabalhos, & excessivas miserias, a que o reduzirão seus vassallos, & seus proprios filhos, atè o privarem do Reyno, & Imperio, despindo o em auto publico de suas insignias: & depois de alguns annos lhe restituirão tudo os mesmos, que o havião despojado. 25 Com semelhante sofreo Justiniano II. Emperador de Constantinopla, despojado, & afrontado, com as orelhas, & narizes cortados por Leoncio, atè que a mudança do tempo o restituhio ao Imperio, & lhe deo vingança de seus inimigos. 26 Dom Sancho I. que chamàram o Gordo, Rey de Leão, sofreo constantemente desterro por Reynos estranhos, atè que pela remissaõ de seu competidor Dom Ordonho recuperou o perdido. 27 O Conde Fernão Gonçales de Castella padeceo com bom animo larga prisaõ do mesmo Rey de Leaõ Dom Sancho, até que a Infanta Dona Sancha sua mulher o foy libertar com a astucia de ficar por elle no carcere, lançando-o fóra trocados os vestidos. 28 O Papa Alexandre III. constantemente levou a perseguiçaõ do Emperador Friderico Barbaroxa, fugindo disfarçado, & servindo hum Convento de Religiosos em Veneza, atè que por oraçoens o descobrio Deos, & foy restituido. 29 Em nossos dias foy illustre exemplo ElRey da Graã Bretanha Carlos II. que vendo seu pay morto impiamente por seus vassallos por modo nunca visto, ficou desterrado com seus irmãos muyto meninos, & sua mãy Princesa clarissima; mas atreveose a tomar as armas contra o Tyranno, que estava todo poderoso. E vencido em batalha seu menor poder (se bem nella se mostrou invencivel seu valor) soube retirarse disfarçado, & soccorrido de huma mulher, que acaso o conheceo. Andou annos por terras estranhas: & nem todas lhe permittirão refugio, receando provocar a ira do Tyranno. Tudo mais insofrivel, por ser este hum homem vil sem qualidade. Mas aquelle animo Real se conservou generoso: & constantemente solicitou, & esperou a restituição, que em fim alcançou por morte do Tyranno, melhor aconselhado dos seus, & ajudado principalmente de hum insignemente leal, & valeroso, remunerado depois com o digno titulo de Duque de Albemar. Fora demasiadamente prolixo referir mais exemplos, em que a *Constancia* nas adversidades deo lugar a sobrevirem bonanças, que a impaciencia impediria, ou matando o perseguido entre desesperação, & tristezas, ou ti-

rando

24 *Job 42. Ælian. l. 4. cap. 48.*

25 *Robert. Gaguin. de Francor. gest. l. 4. in Ludovic Pium. Nicol. Gesner. in annal. Franc. an. 819. P. Lysieux na Philos. Christ. p. 1. c. 5. ad fin.*

26 *Jul de Castilh. hist. dos Godos l. 2. discurs. 11. Britto, Monarch. Lusit. p. 2. l. 6. tit. 4.*

27 *Marian. hist. de Hespanh. tom. 1. l. 8. c. 7.*

28 *Marian. d. l. 8. c. 7 ad fin. Britto d. p. 2. l. 7. c. 22. ad med.*

29 *Loredan. na vida de Alexandre III. pag. mihi 58. P. Lysieux supra c. 39.*

rando-lhe o animo para obrar, & para vir a lograr o fruto das mudanças, que no mundo saõ ordinarias.

30 Eccles. 2. 16. Vae his qui perdiderunt sustinentiam.

6 Bem disse o Ecclesiastico: 30 *Ay dos que perdèraõ a Constancia em sofrer!* Incapacitão-se para virem a ter bonanças. Este he nelles o mayor mal. As adversidades saõ prova dos homens: elles mesmos se não conhecem, se não se experimentão nellas. Demetrio Phalerio 31 dizia, que os Deoses não amavão, a quem as não davão: porque era final de que ou se não lembravão delles, ou os tinhão por covardes para combaterem. Este dito de hum gentio muyto ao humano, escusa repetir o que os Escritores Christãos dizem a este proposito com razoens mais altas para o espirito: o prejuizo, ou proveyto das adversidades esta em as saber levar: quem tiver paciencia constante, não perecerà, conforme a promessa, que Deos fez por boca do Psalmista. 32

31 Demetr. apud Bruson. l. 3.

32 Psalm. 9. 19.

CAPITULO XXVII.

Que a Conformidade *com Deos em qualquer successo dà dominio sobre a* Fortuna.

1 A Esperança constante, de que tratàmos no Capitulo passado, convem que tenha termo. Acabar primeyro de viver, que de pertender, he grande miseria para o corpo, & para a alma. Quem depois de largas diligencias pelos caminhos, que ficão apontados, não alcançou, entenda, que he disposição de Deos para os fins, que elle sabe, & que lha mostra pelos effeytos, que saõ as vozes do Senhor para os entendidos.

1 Supra c. 13.

2 Assim como dissemos, 1 que antes de procurar se deve o homem resignar na vontade de Deos: assim, depois de desenganado em que não pòde conseguir, se ha de conformar com ella, pelas mesmas razoens, que naquelle lugar expendemos. O mesmo Governador, que cada dia move, & revolve os Ceos, tempera a alternativa das causas, ordena, & dispoem os successos na terra. Do alto pendem todos atados por huma cadea de ouro, como significou a fabula de Homero. 2 Daquelle Sol resulta o Oriente, & Occidente das cousas: daquella Lua a enchente, & vasante dos bens. O que nos dà, he seu: o que nos tira, não era nosso. Se recebemos a abundancia, porque não sofreremos a falta? 3 Os astros; os elementos, toda a natureza segue sem repugnancia aquella summa ley. Só o homem, pò vilissimo, & sombra, não lhe ha de ser obcdiente? Quer sempre hir vento em popa nesta navegaçaõ? Quer, como os Gigantes, tirar a Deos o sceptro do governo? Se se preza de racional, contente-lhe o que contenta à Sabedoria suprema. Nasceo com as pensoens de mortal

2 Homer. apud Lypsium de constant. l. 1. c. 14.

3 Job 2. 10. Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus?

tal: leve voluntario, o que não pòde evitar. A verdadeyra liberdade, he obedecer à quem governa bem.

3 Quando não houvera outra razão, baſtava conſiderar o que devemos à vontade de Deos. Por ſua vontade ſem obrigaçaõ alguma nos creou, nos remio, nos ſuſtenta, nos offerece ſua graça, & nos promette ſua gloria. Por vontade à que ſomos taõ devedores, bem devemos ſofrer alguns trabalhos: pois atè os irracionaes naturalmente ſaõ agradecidos. O açor faminto, porque larga na madrugada o paſſarinho, que na fria noyte teve entre as unhas, ſenaõ porque elle o eſteve aquentando? A cegonha, porque feyta piedoſo Eneas, traz às coſtas, & ſuſtenta no ninho o pay já velho, ſenão porque quando podia a creou, & alimentou? Sabidos ſaõ muytos exemplos 4 de Aguias, Leoens, Onças, Elefantes, & outros animaes, naõ ſó volatiles, & terreſtres, mas tambem aquaticos. Como ſe vio nos Delphins, que livràraõ Cero Pario do naufragio, em que os companheyros perecèraõ, & o puzeraõ na praya Byzantina, que os moradores admirados, por eſte ſucceſſo chamàraõ Cerancia, ſó porque elle no meſmo lugar, compadecido de ſeus gemidos, os havia livrado das redes de huns peſcadores. E morrendo o meſmo Cero depois, ſendo ſeu corpo levado à meſma praya, (que lhe eſtava dedicada) quando ſe lhe faziaõ as exequias, os Delphins com maravilhoſo inſtincto, debayxo das aguas conhecèraõ que eſtava alli ſeu libertador, & apparecèram junto à terra, & eſtiverão condecorando aquelle acto, atè o corpo ſer queymado, 5 conforme ao coſtume antigo. Deſte natural agradecimento em todas as creaturas, temos eſcrito largamente em outro tratado, 6 que a rémora da verdade impede chegar ao porto. Se os brutos naõ faltaõ a eſta obrigaçaõ, que homem ſe não envergonharà de faltar à ella? Na conformidade moſtraremos melhor, que amamos a Deos; porque amallo, porque nos creou, he reſpeyto de filhos: porque nos remio, he tributo de libertos: porque nos ſuſtenta, he agradecimento de honrados: porque nos dá graça, he correſpondencia de devedores: porque nos promette a gloria, he negociaçaõ de pertendentes: mas amallo ſó por quem he, moſtra fineza de verdadeyros amantes. Porém amemos embora como intereſſeyros, porque ſempre nos faz bem; na ſua vontade naõ cabe fazer mal; tudo o que obra he infinitamente bom: levemos com goſto os bens, que nos dá encubertos nas adverſidades ſofridas com paciencia; naõ olhemos para o que faz: olhemos ſó, que elle o faz, para o termos por bom: elle he a regra da razaõ; quem a naõ ſeguir, eſtá incapaz della.

4 Com elegancia ſua diſſe o grande Agoſtinho, 7 que teve Deos por melhor fazer bens dos males, que naõ permittir eſtes. Permittio afflicçoens no ſeu povo, para que ſeus

4 *Apud Ariſtot. de animal. lib. 9. cap. 13. Plin. l. 8. c. 16. & 17. Elian. hiſt. animal. l. 7. c. 43. Gel. Noct. Atticar. l. 5. c. 14. Funes, & Mendoç. ad hiſt. Ariſt. l. 1. c. 14. ad med. Hieronym Huerta nas annot. à Plin. l. 8. c. 12 & 16. l. 10. c. 3. Valdecebro, & outros Authores.*

5 *Elian ſupr. l. 1 c. 10. Tiraquel. in l. Si unquam, verbo, donatione largitus n. 67. C. de revoc. donat. Fr. Heitor Pinto p. 2. dial 2. c. 12. Huerta ad Plinium l. 9. c. 18 que referem outros Authores.*

6 *Tractatus de ſervitijs vaſſallorum remunerand. à Princip. p. 2. §. 1. à n. 1. & §. 2. à n. 3.*

7 *D. Auguſtin. in Enchirid. 11.* Melius judicavit de malis bona facere, quàm permittere mala nulla.

Reys idolatras se arrependessem. Permittio perseguiçam contra a Igreja, que nascia, porque na gloria dos Martyres a fazia crescer. Permittio, que se levantasse hum Attila à destruir o mundo, para que aquelle castigo do Ceo desterrasse vicios da Christandade. Fazia, que os màos fizessem dos màos bons (grande milagre!) disse Boecio. 8 Acima dèmos outros exemplos. 9 O' Sabedoria, & Omnipotencia Divina! o que parece ruina, he para conservaçaõ do universo.

5 O mesmo succede nos particulares. Nenhum pay terrestre ama tanto os filhos, como nos ama o Pay Celestial. Aos Discipulos disse Christo; 10 que os amava, como o amava seu Eterno Pay. Como se pòde logo crer, que naõ ordena tudo para nosso bem, se nos soubermos aproveytar? Distribue por todos, como lhes convem, & sabe o que convem a cada hum. Quantos seriaõ ditosos, se naõ houvessem subido a prosperidades, de que cahiraõ? As historias estaõ cheas de exemplos. Naõ peçamos senaõ o que mais nos convenha. Pòde ser, que usariamos mal das bonanças com esquecimento de Deos, em cousas nocivas a nòs mesmos. Com paõ de adversidades sustenta os escolhidos. Sua graça he taõ preciosa (notou hum Varaõ Santo 11) que naõ admitte doçura de consolaçoens terrenas. Quem busca anciosa descanço temporal, naõ chegarà ao eterno. Aos Discipulos, que tanto amava, disse, que mandava pelo mundo como cordeyros entre lobos. 12 *Foy-me bom, Senhor*, dizia o Psalmista, 13 *que me humilhastes, para que aprenda vossas justificaçoens.* As afflicçoens saõ academia para o animo, prova para as virtudes, emenda para os peccados, & merito para com Deos: fabricaõ a morada celeste: saõ pay, que como a meninos nos tira das mãos a faca, para que nos não firamos, ainda que choremos por ella. Pay, que nos remedea, quando parece que castiga. Maltrataõ no exterior, deyxando intacto o principal: como se diz dos Persas, que quando querem castigar hum varaõ illustre, só lhe tiraõ as insignias, que veste, & suspensas as açoutão, sem tocarem na pessoa. 14 As prosperidades saõ mãy, que nos corrompe, em quanto nos afaga. Quantas vezes dellas se tiraõ dores? He justo juizo de Deos, que o que se buscou com excesso de gosto, naõ se acabe de lograr sem amargura, & confusaõ. 15

6 Sendo, pois, nosso util a conformidade com a divina disposiçaõ, nescio serà, quem a não abraçar com gosto. Mas se a ignorancia, & natural fraqueza naõ admitte gosto, accommode-se com paciencia, sinta a dor, sem se deyxar vencer della. O tempo de merecer he o de padecer. Se se lembrar do que interessa, acharà descanço. Costumava dizer hum daquelles famosos padres do Ermo, que naõ podia o homem ter verdadeyro descanço, & contentamento nesta vida, se-

naõ

8 Boet. apud Lyps. sup. l. 2. c. 7.
9 Sup. c. 19. n. 1.
10 Joan. 15. 9.
11 Thom. de Kep. de Imit. Christ. l. 1. c. 53. in princ.
12 Matth. 10. 16 Luc. 10 3.
13 Psalm. 118. 71. Bonum mihi quia humiliasti me, ut discam justificationes tuas.
14 Refert Lyps. de constant. lib. 1. cap. 9.
15 Kempis supr. l. 3. c. 12. n. 3.

naõ fizesse conta, que no mundo sómente estava Deos, & elle. 16 E Saõ Doroteo 17 conta, que aquelles Padres tinhaõ grande exercicio em tomarem todas as cousas como vindas da maõ de Deos, por pequenas que fossem, & de qualquer maneyra que viessem; & que com isto se conservavaõ em quietaçaõ, & viviaõ huma vida do Ceo. Deste modo, diz outro Santo, & prudentissimo varaõ, 18 naõ necessita o homem de remedios, ou consolaçoens humanas. Só esta he a paz do coraçaõ, & a quietaçaõ do espirito: fóra disto tudo he duro de sofrer.

16 *Refere o Padre Affonso Rodrig. nos exerc. espirit. p. 1 trat. 3 c. 1. in fin.*

17 *S. Dorot. doctr. 7.*

18 *Kempis supr. l. 1. c. 12. n. 2. & l. 3. c. 15. n. 4.*

7 Este he o infallivel meyo de dominar a *Fortuna*, meyo que está na mão de cada hum de nòs. Persigaõ os homens: enfureçaõ-se os mares: abrazè a terra: fulmine o Ceo: altere-se a natureza: tudo succede à vontade de quem se conforma com a de Deos. Naõ o offende a *Fortuna*, antes lhe obedece, pois anda a seu gosto em todos os successos.

CAPITULO XXVIII.

Aponta-se, como se facilitarà mais a Conformidade *com a vontade de Deos.*

1 SEneca, Boecio, Petrarcha, 1 & outros Escritores sobre esta materia deraõ largamente excellentes razoens, que aliviando o sentimento na adversa *Fortuna*, fazem mais facil a *Conformidade* com ella, como disposiçaõ Divina. Seria superfluo repetir o mesmo. Diremos, posto que com menos elegancia, o mais que se nos offerece para o intento.

1 *Senec. de remed. fortuitor.*
Severin Boet de consolat.
Petrarch. de remed. fortun. l. 2.

2 Os Antigos Filosofos conhecèraõ sós tres especies de morte correspondentes a tres especies de vida, vegetativa, sensitiva, & natural. Os Stoicos considerâraõ nesta terceyra outra morte, & outra vida, que era morrer, ou viver à fama. 2 Os Doutores Sagrados 3 ajuntàraõ mais duas: viver, ou morrer à graça: viver, ou morrer ao peccado.

3 Esta morte, ou esta vida, nota Saõ Gregorio Nysseno, que está na maõ do homem. Somos pays de nòs mesmos, diz o Santo, dandonos o nascimento, que queremos. 4 Christo Senhor nosso explicou no Evangelho 5 este nascimento. Hum Escritor 6 de grande espirito disse, que se queremos nascer à graça, nascemos varoens fortes, que o Demonio teme como Faraò temia os meninos Hebreos, que nasciaõ, & por medo os mandava afogar. 7 Se ao peccado; nascemos femeas fracas, que o Demonio naõ teme, nem Faraò temia. E assim nos adverte o mesmo Saõ Gregorio 8 em outro lugar: *Procuremos nascer de modo, que nosso nascimento seja molesto a nosse inimigo.*

2 *Tul. in paradox.* Mors terribilis est his, quorum cum vita omnia extinguũtur; non his, quorum laus emori non potest.
Tacit. hist. lib 1.
Mors omnibus ex natura æqualis est; oblivione apud posteros, vel gloria distinguitur.
Virgil. Æneid. 10.
Stat sua cuique dies, &c. Sed famam extendere factis, Hoc virtutis opus.

3 *D. Ambros. sup. Luc.*

4 *D. Gregor. Nyssen. homil. 6. in Eccles.*
Id quod vult quisquis nascitur, nobis ipsis quodãmodo patres sumus.

5 *Joan. 3.*

6 *P. Lysieux na Philosoph. Christ. p. 2. no princ.*

7 *Exod 1. 16. & 22.*

8 *D. Greg. Nyssen. de vit. Moysis.*
Studeamus ita nasci, ut hosti nostro partus noster molestus sit.

4 A vida ao peccado he, a que chamamos *vida dos sentidos*, ou *viver ao mundo*. O Profeta Ezequiel 9 lhe chamou *vida de sangue*. Christo Senhor nosso, 10 *vida de carne*. Santo Agostinho 11 a comparou à vida do Demonio. He aquella, com que o homem vive a si mesmo segundo homem, tratando só de si, & só comsigo, comprazendo-se em si, & governando-se por si, sem se referir a Deos tendo-o por seu tudo, como he obrigado conforme ao recto de sua creaçam. A vida à graça he em tudo contraria. Vive principalmente a Deos, & segundo Deos: tudo lhe attribue, toda se lhe refere, segundo a rectidaõ com que foy creada: sobmette os sentidos á razaõ, & a razaõ a Deos.

9 *Ezechiel.16.6.*
10 *Joan.3.6.*
11 *D.Augustin.de Civit. Dei l.14.c.2.& 4.*

5 Aquella he taõ arriscada, que naõ só o homem naõ deve viver segundo homem, mas nem os Anjos devem viver segundo Anjos: que por isso, diz o mesmo Santo Agostinho, 12 cahio Lucifer com seus sequazes. Tomou Lucifer preceytos de si mesmo, gozando-se na sua natureza Angelica, achando complacencia em suas perfeyçoens como proprias, devendo despirse de suas intelligencias, sahindo-se de si mesmo, & pondo-se em Deos, cuja só vida he regra de todas as vidas. Pelo contrario os Anjos Santos renunciando tudo, o que tinhaõ, tudo attribuiraõ a Deos, & ja então interiormente, praticàraõ em si a abnegação, & desprezo proprio, que o Senhor depois aconselhou no Evangelho. 13 Cada hum acha o que busca; quem busca a Deos, acha a Deos: quem se busca a si, acha-se a si, que sem Deos se ha o mayor inimigo. 14 Como quer o homem viver como homem, se nem os Anjos devem viver como Anjos, & se tornàraõ Demonios, os que assim quizeraõ viver?

12 *D.August.d.c.4.* Nec Angelo secundùm Angelũ, sed secundùm Deum, vivendum fuit, ut staret in veritate.
13 *Matth.16.24.*
14 *Thom.de Kẽp.de Imit.Christ. l.1.c.7.n.3.*

6 Tal vida he bem que morra, & que nòs mesmos a matemos em nòs mesmos; que sem a matarmos naõ ha de morrer por si como a natural; porque he mais forte, & naõ lhe he nocivo o que he nocivo a esta. A esta natural (diz Santo Agostinho 15) temeramos menos desastres, se fora de vidro; porque o vidro com se guardar fechado, se conserva seculos, & naõ está exposto a doenças, que naõ podemos evitar. Pelo contrario a vida dos sentidos, & carne vive em todos os climas, com qualquer mantimento, sem temor de animaes venenosos, nenhum perigo recea, sustenta-se entre os frios da Scythia, entre as calmas de Guinè, com manjares grosseyros, mordida de aspides, vista de Basiliscos: em quanto o homem vive, ella vive, & quando o homem morre, ella não morre, pois ao outro mundo o acompanha. Para que morra, he necessario, que a matemos sem crime de homicidio, antes com a virtude, que o Divino Mestre ensina, 16 pois he tão opposta à vida da graça, como o mal ao bem, o inferno ao Ceo, & a dous senhores tão encontrados ninguem pòde servir. 17

15 *D.Augustin serm.1.de verb. Domini.* Si vitrei essemus, minus casus timeremus, &c.
16 *Joan.12.25.*
17 *Matth.6.25.*

7 Mas

7 Mas como mataremos esta vida, se tanto à amamos? Como o menino quer mais à ama, que lhe dà o leyte, que à mãy que o gerou: & já crescido mais quer à mãy que o afaga, que ao pay que o doutrina: assim o homem, com juizo pueril, mais ama a vida dos sentidos, que o regala, que a natural, em que subsiste, porque esta ordinariamente lhe dà trabalhos. Por isto muytos animosamente arriscaõ a natural, & não tem animo para deyxarem a deliciosa; mais sentem offenderse-lhes a vida dos sentidos, que a natural. Alexandre Magno teve valor para beber a purga, que lhe deo seu Medico Philippo, estando avisado de que o queria matar com ella: & matou a muytos, por não poder sofrer, que o notassem de alguns vicios. 18 Estarchatero Rey de Dinamarca por huma leve causa quiz morrer, & deo hum precioso collar a Hotero, porque lhe cortasse a cabeça. 19 E Herodes Rey de Judea cortou a cabeça ao Baptista, porque o advertio de hum peccado. 20 Por isto disse Tertulliano, 21 que os prazeres do corpo tiravaõ mais soldados a Jesu Christo, que os martyrios dos Tyrannos. E assim o mesmo Senhor 22 propoz aos peccadores para o juizo final a pena do fogo, que he dos sentidos, & naõ a da privação da vista de Deos, porque esta temeriaõ menos, sendo muyto mayor.

8 He verdade, que tal vez a consciencia accusa, 23 o juizo conhece o mal, a vontade começa a aborrecello, porque a virtude nasce em nòs com a natureza racional, & se chama *Synderesis*; ou *Syneresis* aquelle conhecimento, que a luz da razão tem dos primeyros fundamentos, & principios da virtude, & aquella inclinação a ella, que a esta luz corresponde sem nossa vontade. Assim como, conhecer que devemos amar a quem nos faz bem: & que não façamos a outro, o que não queremos que a nòs se faça. Esta conserva huma faisca da natureza rectamente creada, que pelo peccado de nosso primeyro pay ficou cuberta com as cinzas da corrupção. A qual scintilla he a razão natural, para discernir o mal do bem. Mas não tem perfeyto, & efficaz lume da verdade, nem forças para se livrar das cinzas, que o afogam. E o mào habito he tão poderoso, que continùa contra a vontade: obra o homem (como diz o Apostolo 24) contra o que quer; amando o bem segue o mal, conhece o mal do mundo, & com tudo o segue. Santo Agostinho 25 confessou, que assim lhe succedia, quando cuydava em sua conversaõ: que fluctuava em cuydados: que os ventos o impelliaõ a huma, & outra parte: que buscava o de que fugia: que se resolvia, mas dilatava: que assim passava o tempo de dia em dia, & cada dia morria em si mesmo.

9 Isto não he falta de liberdade: he falta de valor: a liberdade he remissa em usar de seu poder; sem ser forçada se deyxa levar dos sentidos; sendo senhora se faz escrava, de

18 *Q Cur. hist Alex l. 3. ante med. & l. 6. ac alibi.*
19 *Saxo l. 8.* *Dissemos no trat Eva, & Ave, p. 1. c. 36. n. 13*
20 *Matth 14 à n 4. Marc. 6 à n. 18.*
21 *Tertullian. l. 5 pect. c. 2.* Plures invenies, quos magis periculum voluptatis, quàm vitæ avocat ab hac secta.
22 *Matth. 25. 41.*
23 *Psalm. 50. 5.* Peccatum meum contra me est semper.
24 *Paul. ad Rom. 7. 15.* Non enim quod volo, bonum hoc ago, sed quod odi malum, illud facio.
25 *D. August. confess. l. 6. c. 11.*

quem lhe deve obedecer: por vaidade, ou por preguiça, & negligencia ri, quando devera chorar. 26 *Trabalhay* (diz São Paulo 27) *como bom Soldado de Christo JESU.* Trabalhemos em pelejar contra os sentidos: quem mais combate, mais merece. Vencidos elles, he muyto facil vencer tudo o mais. Se estamos mal costumados, hum costume se vence com outro contrario. O valor não consiste nas forças corporaes, na virtude do animo. 28 Assopremos aquella faisca natural, de que dissemos, & se alentarà: quanto mais sahirmos de nòs, tanto mais nos chegaremos a Deos.

26 *Kempis sup. l. 1. c. 21. n. 2. in princ.* Sæpe vanè ridemus; quando meritò flere deberemus.

27 *Paul. 2. ad Timoth. 2. 3.* Labora sicut bonus miles Christi Jesu.

28 *D. Ambros. Offic. l. 1. c. 36.*

10 Muytas vezes nos resolvemos bem; mas naõ executamos. E sem execução nada val a resolução. Ao grande Capitão Antonio de Leyva, celebre nas guerras de Castella com França, nomeavão muytos vulgarmente com o titulo de *Senhor*. E se diz, que ganhou tanta honra, porque nunca entrou em conselho sem resolver, & nunca resolveo sem executar. Neste soldado da terra aprendamos a milicia do Ceo. E melhor, porque nesta naõ he impedimento para a execuçaõ, resolver, & retardalla, he o mesmo, que não resolver. O que se determina para à manhãa, *porque se naõ farà logo?* dizia Santo Agostinho, 29 quando dilatava de dia em dia sua conversaõ; & com isto a executou. Se hoje morrermos, aonde estaremos à manhãa? Aonde hiremos fazer, o que não fazemos aqui? A morte nos tirarà destes cuydados, & não sabemos aonde nossa negligencia hirà parar.

29 *D. August. confess. l. 8. c. 12.* Quandiu, quandiu? cras, & cras? Quare non modo? Quare non hac hora finis turpitudinis meæ?

11 Por mais que as historias digão, por mais que a fama brade, não houve no mundo varão tão entendido, & valeroso, como foy qualquer Santo. Entendeo melhor que todos, o que convinha: executou melhor que todos, o que entendeo. Alcançou vitoria do mais forte inimigo, que foy elle mesmo. De Alexandre, conquistador de grande parte de Europa, & de quasi toda a Asia, refere Quinto Curcio 30 por acção de especial valor, sugeytar os sentidos vendo a Sysigambis mulher de Dario, a mais fermosa de seu tempo. E de Scipiaõ Africano, vencedor de tantas batalhas, & do quasi invencivel Annibal, disse Plutarcho, 31 que era celebrado de todos os Escritores por exemplar de valor, pela continencia, de que usou com a nobre donzella Hespanhola, que se lhe levou prisioneyra. Nas outras occasioens vencèrão Alexandre, & Scipiaõ, aos que pudèrão ser vencidos delles: nestas vencèrão a si proprios, que naõ pudèraõ ser vencidos de outrem. O mesmo valor mostràrão com melhor espirito em occasioens semelhantes os abalizados Santos, Bento, lançando-se nos espinhos; Francisco lançado-se nas brazas; Bernardo, & outros soldados de Christo, como se lè nas suas vidas. O muyto, que obràraõ, nos deve animar a seguillos.

30 *Q. Curt. hist. Alex. l. 3. prope fin.*

31 *Plutarch. in vit. Scipion. Valer. Max. l. 4. c. 3. n. 1.*

12 Por esta maneyra fica mostrado, que a vida dos sentidos nos engana, & em quanto a não matarmos, naõ poderemos

remos conformarnos perfeytamente com a *Fortuna* dos successos, & vontade de Deos. Porque a natureza humana he impaciente, & remissa em obrar a virtude, & fragil em desfalecer, porque se inclina ao descanço, & repugna ao trabalho com todas as suas forças. E quando a alma escuta, & contemporiza com as inclinaçoens da parte animal, & lhe dà a maõ, ella a toma de sorte; que se faz superior às forças da razaõ, & do espirito, & o reduz a perigosa, & vil servidaõ. Fica tambem mostrado, como se ha de matar esta vida, & morta ella, entrarà a da razaõ, & da graça, que como dissemos, vive em Deos, & segundo Deos, attribuindo-lhe, & referindo a elle tudo: & assim se conformará o homem com sua disposiçaõ.

13 Quem por esta conformidade deyxar tudo o mais, acharà o verdadeyro tudo, que he só Deos, como lhe chamava o Serafico Francisco. 32 Nada do que parece he: só Deos he verdadeyramente. 33 Já Plataõ o disse. 34 Que juizo pòde deyxar de se conformar com o que he: & seguir o que naõ he? Que prudencia, desprezar o tudo, & desejar o nada? Desengane-se o homem, que ainda que tivera todos os bens creados, naõ fora feliz, como bem lhe adverte hum grande varaõ naõ menos prudente, que santo. 35 Não ha bem senão em Deos Creador de tudo. Naõ se acerta, senaõ conformando-se com elle. Só nisto se tem saude, se vive alegre, & se domina todo o mundo. Dà tanto gosto a quem o experimenta, que se desejaõ penas para gostar mais. Fazem-se summamente suaves na esperança certa do fruto copioso. Quem naõ provou esta doçura, cuyda que se padece; & goza-se a mais doce paz, como dizia. 36

32 Deus meus, & omnia.
33 *Exod. 3. 14.* Ego sum, qui sum.
34 *Plato apud Senec. epist. 39. ad med.*
35 *Kemp de imit. Christ. l. 3. c. 16. n. 2. in princ.*
36 *Sapient. 3.*

CAPITULO XXIX.

Que se deve desprezar a Fortuna, *para seguramente a dominar.*

1 POsto que a *Conformidade* com Deos domine a *Fortuna*, como fica dito: convem segurar este dominio dos combates do inimigo, que temos em nòs mesmos. Nossos appetites procuraõ sempre separarnos de Deos. Se huma, & mais vezes os vence a razaõ, não perdem o animo de se rebellarem com armas de conveniencias apparentes. He necessario tirarlhas, mostrando mais, que a que chamaõ *Fortuna*, nenhuma cousa tem estimavel para se appetecer, ou causar tristeza.

2 A estimaçaõ se mede pelo prestimo. A que chamaõ *Fortuna*, para nada presta. Logo em nada se deve estimar. Que para nada presta, se mostra; porque (na opiniaõ do

mundo) ſó preſta, para dar, ou tirar, o que ha na terra. E iſto he tudo vaidade, como diſſe Salamão, 1 depois de confeſſar, que gozàra todos os deleytes, que deſejàraõ ſeus olhos, & quanto appetecèra ſeu coração. 2 Salamaõ, que logrou a melhor *Fortuna* em ſabedoria, riquezas, imperio, fama, 3 & por todas as vias tanta gloria, que Chriſto Senhor noſſo 4 o trouxe por exemplo da mayor, que no mundo ſe podia achar: *Em tudo vi vaidade*, repetio outra vez. 5

5 Por fé, ſem outra prova, deveramos crer, o que por boca daquelle Rey Sabio diſſe o Eſpirito Santo. Mas pois cremos ſó a nòs meſmos; vejamos o que em nòs ſentimos. Se conſideramos, o que vimos, o que logramos, o que por nòs paſſou em qualquer materia, & em qualquer idade, achamos, que não differe hoje daquillo meſmo, que alguma vez ſonhámos, de que na manhãa temos ſó a lembrança: Seneca 6 diſſe, que ſaõ idèas de Platão, Centauros, gigantes, & outras couſas, que imaginamos, ſem terem ſubſiſtencia. E ſendo Ethnico, ſe eſpanta de que anhelamos a iſto, como ſe ſempre houveſſe de ſer, & ſempre o houveſſemos de poſſuir. E proſegue: *Oh lancemos o animo àquellas couſas, que ſaõ eternas: olhemos para o alto, diſcorrendo muytas vezes pelo que ſaõ todas as couſas.* Que differença ha hoje do que lemos das Monarquias, que acabàraõ, ao que lemos da Monarquia de Jupiter, & de outras fabuloſas? Que differença dos Principes, dos ſeus validos, & miniſtros, que ha muyto pouco tempo conhecemos, aos que vimos figurados em comedias? Bem lhes chamou São Paulo 7 repreſentantes. Gilimet Rey dos Vandalos vencido por Beliſario, & levado preſo ao Emperador Juſtiniano, quando o vio no throno com a mayor mageſtade, ſorrindo-ſe, repetio em voz alta o dito de Salamão: *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas.* 8 Hormiſta Perſa perguntado, que lhe parecèra a Corte de Roma triunfante, reſpondeo: *Que ſó lhe contentàra della aprender, que tambem alli ſe morria.* 9 E em Cortes Chriſtãas naõ aprendem iſto tantos, que cada dia o vem por ſuas proprias caſas, & vivem como ſe tiveſſem algum privilegio eſpecial. Deſenganem-ſe, que a morte, ſem mandar aviſo, correndo com pès de lãa para não ſer ſentida, chega quando menos ſe cuyda. 10 E ao que morre, o meſmo he haver ſido o mayor homem, que o mais vil: Só leva comſigo para ſempre as obras, que fez em qualquer eſtado. 11

4 Replìca o mundano, que ainda que o paſſado ſe tornaſſe em nada: o bem, ou mal preſente he realidade ſenſivel. *Oh groſſeria, & dureza do coração humano!* (exclama hum Varaõ Santo 12) *que ſó medita no preſente, & não prevè o futuro!* Se bem conſideràra, conhecèra, que aſſim como o que paſſou, já naõ he; aſſim o que he, naõ ſerà, & jà foge, quando parece que he. He, & não he, como rio, que correndo tem o meſ-

1 *Eccleſ.* 1.2. Vanitas vanitatum, & omnia vanitas.

2 *Eccleſ.* 2.10.

3 *Referimos particularmente no trat Eva, & Ave, p.* 1. *c.* 41. *n.* 11.

4 *Matth* 6.29. Nec Salomon in omni gloria ſua.

5 *Eccleſ.* 2. 11. Vidi in omnibus vanitatem.

6 *Senec. epiſt.* 59 *ad med.* [illegible] horum ſtabile, nec ſolidũm eſt; & nos tamen cupimus tãquam ſemper futura, & ſemper habituri: Mittamus animum ad illa, quæ æterna ſunt, miremur in ſublime volitantes rerum omnium formas.

7 *D. Paul.* 1 *ad Corint.* 7.31. Præterit enim figura hujus mundi.

8 *Refert Paul. Diacon. l.* 6. *hiſt.*

9 *Refert Amm. Marcel. l.* 10.

10 *Luc.* 12. 40. Qua hora non putatis.

11 *Apocalypſ.* 14.13. Opera enim illorum ſequuntur illos.

12 *Kempis de Imit. Chriſt. l.* 1. *c.* 23. *n.* 1. O hebetudo, & durities cordis humani, quod ſolum præſentia meditatur, & futura non magis prævidet.

mesmo nome, não as mesmas aguas. *Eu mesmo* (dizia Seneca 13) *em quanto digo isto me mudo, & já naõ sou o que era.* Para que tanta afflicçaõ pelo tão pouco duravel? De que serve desejar o que se não pòde possuir? O coraçaõ he a cousa mais excellente, que o homem tem. 14 E assim o homem sabio, & brioso o não deve empregar senão no mais excellente, que he o celeste. Empregar o mais alto no mais bayxo, he falta de brio, & de entendimento. As cousas temporaes saõ só para usadas: sós as eternas para desejadas. 15

5 Sendo, pois, vaidade tudo, o que distribue, a que chamão *Fortuna*, facilmente nos devemos persuadir a desprezalla, & a não sentir seus successos. Quem se affligir com os que parecem adversos, culpe sómente sua propria ignorancia, como em Ovidio dizia a namorada Philes na ausencia de seu amado: *Sou ferida de minhas proprias armas, pois te dey navio para me fugires.* 16

6 He verdade, que para facilmente desprezar tudo, he necessario (como diz Seneca 17) desprezarse o homem primeyro a si mesmo. Isto se consegue, querendo viver à vida da graça para Deos, não para os sentidos do corpo, como mostrámos no Capitulo passado. Verà a verdade se cerrar os olhos aos appetites, & às payxoens: Christo Senhor nosso cegou a Saulo para não ver a terra, quando o quiz converter às cousas do Ceo. 18 E já o Patriarcha Jacob, Saõ Joseph, os Reys Magos, & Saõ Pedro tiveraõ as visoens celestiaes, quando tinhaõ os olhos cerrados dormindo ao mundo. 19 E nossos primeyros pays, tanto que abrirão os olhos 20 ao deleyte, se fizerão peccadores.

7 Neste desprezo se ostenta o mais alto valor. Diante de Felippe Rey de Macedonia disputàraõ Filosofos, qual era a mayor cousa do mundo? Hum disse, que o Gigante Atlas, sobre cujos hombros estava fundado o espantoso monte Ethna: outro que o monte Olympo, do alto do qual se descobria todo o mundo: outro que o Poeta Homero, tão famoso, que pelejàraõ sete grandes Cidades sobre qual era sua patria, para possuir seus ossos: outro que o Sol, porque alumiava tudo: outro que as aguas, porque dellas havia mais que de todas as outras cousas juntas. O que melhor respondeo disse, que só era grande o animo, que desprezava grandezas. 21 Mais valor he necessario para saber perder, que para saber alcançar: mais para desprezar, que para emprender. Mais celebrados saõ os que affectàraõ pobreza, que os que foraõ muyto ricos. E os Principes, que recusàraõ Monarchias, que os que as ganhàraõ. Sós os fracos de espirito se entristecem pelos successos da terra, dizia hum prudente Santo: 22 *Aos entendidos sabem as cousas ao que saõ, naõ ao em que se estimaõ.* 23 Sempre serà pequeno, quem as tiver por grandes.

13 *Senec epist 59. post med.* Ego ipse, dum loquor mutari ista mutatus sum.

14 *Hugo l.1. de anima.*

15 *Thom. à Kemp. sup. l. 3 c. 16. n. 1. in fin.* Sint temporalia in usu, æterna in desiderio.

16 *Ovid ep* Remigiumque dedi, quo me fugiturus abires; Heu patior telis vulnera facta meis.

17 *Senec ep 85.* Facilè contemnit omnia, qui ad contemptum sui venit.

18 *Act. 9. 8.*

19 *Genes. 28. 11. Matth 1. 20 & 2. 13. & 19. & eodẽ c. v. 13. Act. 12. 8.*

20 *Genes. 3. 6. & 7.* Et aperti sunt oculi amborum.

21 *D. Ant. de Guevara no menosprecio de Corte cap. 1.*

22 *Thom. à Kemp sup. l. 1. c. 6.*

23 *Idem l. 2. c. 1. n 7. in princip.* Cui sapiunt omnia, prout sunt, non ut dicuntur, aut æstimantur, hic verè sapiens est.

8. Este desprezo supre a posse, do que se pudera desejar. Com seu illustre juizo disse São João Chrysostomo: 24 *Desprezay as riquezas, & sereis rico. Desprezay a gloria, & sereis glorioso. Desprezay os males dos inimigos, & então os vencereis. Desprezay o descanço, & então o alcançareis.* Tudo o que se despreza, sobeja. He nobre modo de dominar a *Fortuna*, desprezalla. 25 *Homens* (nos clama David 26) *atè quando sereis duros de coraçaõ? Para que amais a vaidade, & buscais a mentira?*

24 *D.Chrysost.in epist.ad Hebr.* Contemne divitias, & eris locuples; contemne gloriã, & eris gloriosus; contemne supplicia inimicorum, & tunc eos superabis; contemne remissionem, & quietem, & tunc eam recipies.
25 *Senec.vit Beat.cap.5.*
26 *Psalm 4.3.* Filij hominũ usquequo gravi corde? ut quid diligitis vanitatem, & quæritis mendacium?

9 Porém adverte-se, que este desprezo naõ deve ser insensivel, como o dos corpos sem vida, nem cego, como o dos brutos, mas por beneficio da razão, conhecendo o bem, & o mal, a pouca valia de todas as cousas, & o acerto com que Deos as dispoem, como dissemos nos Capitulos precedentes.

CAPITULO XXX.

Que finalmente com viver à razaõ, & naõ ao costume se domina a Fortuna.

1 NAõ ha quem naõ experimente males; porèm com differença: que o prudente os previne, o timido os finge, o nescio os acha, o temerario os busca, o circunspecto os evita, o pouco venturoso os encontra, o justo os não teme, o sabio os despreza. Quem vive à razaõ, & naõ ao costume, domina a *Fortuna*.

2 A natureza se contenta com pouco. Para isto ninguem he pobre, dizia Seneca. O mais he superfluo. Quem limita seus desejos ao que póde, compita com Jupiter na felicidade, 1 porque estarà quieto, fóra de temores, livre de pertençoens, independente dos tempos, seguro em si, superior a tudo. Trabalhou, fez o que lhe foy possivel, naõ faltando às diligencias, que neste tratado vimos por conselho, & doutrina dos grandes mestres: naõ conseguio: contente-se com sua sorte, & serà feliz, dizia Demetrio, Bion, 2 & todos os sabios.

1 *Senec.epist.25.* Intra quæ quis desideria sua claudit, cum ipso Jove de felicitate contendet.
2 *Demetrius apud Max.serm.22. Bion apud Stob.*

3 Para se contentar, viva à razaõ, não ao costume. Para viver ao costume, nada basta: para viver à razaõ, poucas vezes falta. Porque o costume he insaciavel: a razaõ moderada. Ninguem tem possibilidade para o que se usa: tudo he possivel a quem segue a razaõ: usos destroem a fazenda, & juntamente a vida no cuydado dos empenhos, & nas ancias de acquirir, & tal vez a honra, & a consciencia nos meyos illicitos. Dos usos nascem contendas, pundonores escusados, ambiçoens, & outras demasias, que atormentaõ. O que se deve usar, ajusta-se com o poder, & livra-se de penas, que impedem a quietaçaõ. Os que andão ao costume, imaginaõ, que he

he razaõ, porque o seguem muytos. Mas por isso mesmo he erro, porque a turba nunca acerta. Replicaõ, que muytos grandes approvaõ. Tambem esses saõ turba, & vulgo, a quem com boa luz vè, & distingue só pelos animos. 3 Andando ao costume se arruinaõ huns aos outros. Os primeyros inventores não erràraõ só para si, mas tambem para os mais. Vaõ cahindo de montaõ, huns sobre outros, como em hum grande aperto de concurso de gente, que desce huma escada. Daqui nasce a mayor parte das queyxas, dos que se queyxaõ da *Fortuna*; porque cahiraõ em pobreza, & naõ chegaõ aos lugares, & faustos, a que se costuma chegar. Se quizessem viver à razaõ; viviriaõ felices; accommodando-se com o que basta para viver à honra; & virtude. Verifica-se o que já em outra parte advertimos com Petrarcha, 4 que buscaõ com estudo causas de miserias, & alimento de dores, fazendo triste negociação da vida; que lhes fora alegre; se se governassem bem. Com grande juizo disse Anaxagoras, 5 que os infelices saõ os que o vulgo tem por felices: & os felices saõ os que elle tem por mal afortunados. Porque na realidade os que campaõ ao costume saõ miseraveis: & os que se contèm nos limites da razaõ, logra õ felicidade.

3 *Senec de vit. beat. c. 2.*

4 *No trat. Eva, & Ave, p. 1 c. 32. n. 3.* *Petrarch. de prosp & advers. fort in præfat. ad Ason.*

5 *Anaxag. apud Valer. Maxim. l. 7. c. 2.*

4 Por conclusaõ infallivel, sempre por todas as vias em tudo se deve abraçar constantemente a virtude, que he a mayor razaõ. Ella por si só adoça muytas penas: *Tende boa consciencia, & tereis sempre alegria*, diz o Santo Thomàs de Kempis. 6 E em outro lugar: 7 sem ella, ainda que possuissem todas as cousas creadas, naõ se pòde ser feliz. Atè os gentios o ensinavão. Antistenes, que assim como naõ havia banquete sem conversação, assim naõ havia riquezas gostosas sem virtude. Que era arma invencivel, que para fazer felices, só necessitava de valor constante. 8 Epicteto lhe chamou fonte perenne de agua copiosa, doce, & pura, livre de se poder turbar. 9 Phocion affirmou, que por ley Divina só ella era poderosa, & tudo o mais era vaidade. 10 Seneca, que he a cousa unica, que os mortaes tem immortal. 11 Sallustio, que tudo o mais passa, só ella he sempre clara, & eterna. 12 Tacito, que he só o bem proprio do homem. 13 Plauto, que quem a tem, tem todos os bens. 14 Agesilao, ouvindo cognominar *Grande*, ao Rey da Persia, disse: *Como serà mayor que eu, se naõ tiver mayor virtude?* 15

6 *Kempis de Imit. Christ. l. 2. c. 6. n. 2. in princ.* Habe bonam conscientiam, & habebis semper lætitiam.

7 *Idem l. 3. c. 16. n. 2. in princ.*

8 *Antistenes apud Laert. de vit. philosoph. l. 6.* *Et apud Stob. ser. de virt.*

9 *Epictet. apud Stob. serm. 1.*

10 *Phocion apud Stob. serm. de prudent.*

11 *Senec. epist. 99.* Hoc unum contigit immortale mortali.

12 *Sallust. in Catilin.*

13 *Tacit hist. l. 4.* Proprium hominis bonum.

14 *Plaut. in Amph.* Omnia adsunt bona quem pene est virtus.

15 *Agesil. apud Plutarch. in Lacon apophthegm.*

5 Ella he refugio contra todos os males. 16 Quem recorre a ella, nenhum teme, porque o conhecimento das cousas o faz superior aos successos. 17 Quando se lhe negue, ou se lhe tire, naõ ha poder, que o prive desta joya preciosissima. E assim Demetrio Phalerio, ouvindo que os Athenienses haviaõ derribado as suas estatuas, disse: *Mas naõ derribaràõ a virtude, porque mas tinhaõ levantado.* 18

16 *Jamblic. apud Stob. serm. de prudent.*

17 *Senec de vit. beat. c. 5.*

18 *Laert sup. l. 5.*

6 Tantos testemunhos dos Ethnicos escusaõ os dos Doutores

tores Christãos. E que melhor prova, que a experiencia? Vemos (diz Saõ Joaõ Chrysostomo 19) que como as ondas do mar se levantaõ, & abayxaõ: assim os que naõ tem virtude, sóbem, & descem. Mas quem está abraçado com o rochedo da virtude, he immovel aos successos. Porque em todos se exercita igualmente, & sabe, que merece mais nos adversos. Nada o atemoriza; porque vive seguro: nada o inquieta, porque tem o animo sossegado: nada estranha, porque a tudo está exposto: nada o offende, porque está bem armado. Ella he escudo, que naõ se passa, antidoto, que tudo cura, Sol, que tudo serena; centro, em que tudo repousa. He norte, que a todos guia. Todos os que querem, entraõ no seu porto, & nelle naõ ha perigo: nem se dedigna de receber todos, os que se julgaõ dignos della. 20 Por ella finalmente se mede a felicidade. E assim Socrates 21 perguntado por Gorgias, se ElRey de Persia era feliz; respondeo, *que naõ sabia, se era virtuoso.*

19 *D. Chrysost. hom. 22. in Gen.*

20 *Senec. de consolat. ad Polyb.* In medio posita neminem dedignatur, qui modo se dignum judicaverit.

21 *Socrat. apud Laert. de vit. philosoph.*

CAPITULO XXXI.

Que a summa felicidade da Fortuna *he morrer bem, & sobre tudo se deve procurar.*

1 ANtistenes Principe, & instituidor da Escola Cynica respondeo, que o summo da Bemaventurança era morrer feliz. 1 Os Sabios da gentilidade chamàraõ à morte: *Porto dos trabalhos, refugio da vida, caminho alegre para o descanço, livre de todos os males.* 2 A doutrina Christãa ensina as mesmas excellencias aos que morrem bem: 3 mas tudo ao contrario aos que morrem mal. 4 Aquelles trocaõ miserias por felicidades eternas: estes de males certos, ou de bonanças imaginadas, passaõ para a eternidade a penas, & tormentos, que excedem toda a imaginaçaõ: sendo, pois, temporanea toda a *Fortuna* do mundo, & sendo sem fim a que se segue à morte, bem se deyxa ver, quanto mais devemos tratar desta.

2 He verdade, que a boa morte he favor especial de Deos. 5 Mas tambem de nòs pende muyto. *Naõ pòde morrer mal* (diz Santo Agostinho 6) *quem viveo bem, & raramente morre bem, quem viveo mal.* Por aqui se regùla qualquer modo, & genero de morte, como exemplificámos em outra obra. 7 Com mysterio, para confusaõ dos Christãos, disse quasi o mesmo Seneca, 8 sem penetrar o fim.

3 Neste sentido dizem os Escritores espirituaes, 9 que cada hum se pòde fazer a morte, que quizer. E para a fazermos boa vivendo bem, ensina o Espirito Santo por boca do Ecclesiastico, 10 que nos lembremos della, & do que se lhe

1 *Antistenes apud Laert. de vit. philosoph. l. 5.* Rogatus quid apud homines esset beatissimum, Felicem, inquit, mori.

2 *Cesar. apud Sallust. in Catil. Senec. epist. 66 de consol. ad Martiam post med.*

3 *Psal. 115. 5. Ecclesi. 30. 17. Sapient. 4. 7. Apocalyps 14. 1.*

4 *Psal. 33. 22 & 48. 15. Matth. 5. 23. & 29. & 30 ac passim in Evangel. Apocalyps. 20. 12.*

5 *Psalm. 67. 21.* Domine exitus mortis.

6 *D. August. de doctr. Christ.* Non potest male mori, qui bene vixit, & vix bene moritur, qui male vixit.

7 *No trat. Eva, & Ave, p. 2. c. 52. num 9.*

8 *Senec. epist. 79. ad fin.* Mortem desinamus horrere. Desinemus autem, si finem bonorum, ac malorum cognoverimus. Si mors accidit, & vocat, licet immatura sit, licet mediam præcidat ætatem, perceptus longissimus fructus est.

9 *Pedro de Valles no discurso do vaõ temor da morte. P. Lysieux philosoph. Christ. p. 1. c. 3.*

10 *Eccles. 7. 40.* Memorare novissima tua, & in æternum non peccabis.

lhe ha de ſeguir. He impoſſivel, que hum homem de juizo peque, tendo eſta lembrança: quando peccamos, a naõ temos: Conſidere-ſe o homem em huma cama (& peyor ſerá ſe o ſucceſſo for ſubito) deſconfiado dos Medicos, deyxado dos amigos, rodeado de mulher, & filhos, ou de outros bons parentes, todos chorando, faltos de forças, turbada a viſta, impedido o ouvir, preza a lingua, variante o juizo ſó com a repreſentação dos peccados, com temor das penas, em triſtes ſombras, imaginaçoens, & apparencias, lidando, & agonizando a alma na ſaudoſa ſeparaçaõ do corpo, em combates com o Demonio, finalmente toda afflicta na vizinhança da eternidade feliz, ou infeliz. Alli lhe naõ valerão riquezas, nem poder. O Rey, & o grande ſe verà igual com o mais pobre, nada o poderá ajudar ſenaõ as obras, com que na vida mereceo, ſe mereceo. Oh quanto quizera, que houveſſem ſido melhores! Paſſa logo a hum tribunal tremendo, pela Mageſtade, & rectidaõ do Juiz, que tantas vezes taõ gravemente offendeo: pelo rigoroſo exame, que faz das culpas, que todas lhe ſaõ notorias, ainda as minimas: pela importancia da ſentença, em que vay Ceo, ou Inferno: & pela preſteza com que ſem embargos, ſem appellaçaõ, nem aggravo, ſe executa. E todo o proceſſo, ſentença, & execuçaõ ſem dilaçoens de advogados ſe faz em hum momento. Terrivel momento, de que pende a eternidade! Horrivel conſideraçaõ, em que os mayores Santos desfalecem! Muy horrivel pareceo a Ariſtoteles 11 a morte, por ſer fim das couſas temporaes. Oh quanto he mais horrivel, por ſer principio das eternas!

11 *Ariſtoteles* *Ethic.c.6.*

4 Tudo iſto, infallivel de Fé Catholica, 12 ha de experimentar em ſi cada hum de nòs. Tambem he certo, que naõ ſabemos quando. Só ſabemos, que ſerà, quando o naõ cuydarmos, como diſſe Chriſto Senhor noſſo; 13 & por iſſo nos enſina, que eſtejamos ſempre aparelhados. 14 Pòde ſer neſte dia, & neſta hora, como vèmos em muytos caſos ſubitos. Eu meſmo, em quanto eſcrevo iſto, poſſo acabar, ſem acabar de eſcrever eſta regra. Como ſuccedeo a hum Santo Varaõ (qual eu naõ ſou) de quem refere Holcot, 15 Author grave, que morreo de repente eſtando eſtudando. E o acharaõ apontando com o dedo aquelle lugar do Capitulo 4. da Sabedoria, que diz: *O juſto ſe for preoccupado com a morte, eſtará em refrigerio.* Em que razaõ ſe funda tanto apparato para a vida tam curta, & incerta, & taõ pouco para a morte infallivel, em que conſiſte o eterno? Rio-ſe hum Santo Padre do Ermo eſtando para morrer. E perguntado, de que ſe ria reſpondeo: Dos que dizem que temem a morte, & ſe naõ aparelhaõ para ella. 16

12 *D.Paul.ad Hebr.9.27.*

13 *Matth.25.13.* Neſcitis diem, neque horam.

14 *Luc.12.40.* Eſtote parati, quia qua hora non putatis.

15 *Holcot in 4. Sapient.*

16 *Refert Joan.Baſil. Sanctor. in Prato ſpirit. l. 2. tit. flos meditat. mort. c.1.exemplo 2.*

5 Apparelhayvos em quanto tendes tempo, (nos amoeſta o Eccleſiaſtes 17) o tempo perdido naõ torna, nem nos

17 *Eccleſ.12. 1. & 2.* *In hunc ſenſum explicat D.Bern ſer. 49.in Cant. prop. fin.*

fiemos em oraçoens alheas, como as Virgens loucas, que se fiàraõ em pedir emprestado às prudentes, & ficàraõ de fóra. 18 Esta vida naõ he para gozada; he só para lograda, em ordem a grangear nella o gozo eterno. Oh que prudencia, & felicidade, ser na vida qual quizera acharse na morte! 19 Entre todas as cousas, só as obras tem privilegio para nos acompanharem ao outro mundo: 20 que desculpa teremos, em as não fazer desde logo? Hum que diante de hum altar desejava com ancias saber, quando morreria, para se prevenir, ouvio dentro de si huma voz Divina, que lhe disse: *Se o souberas, que fizeras? Faze logo o que entaõ quizeras fazer, & serás seguro.* Com isto ficou consolado, & confortado: naõ tratou mais daquelle desejo; mas resignado na disposiçaõ de Deos, cuydou sómente no que lhe seria agradavel para o executar. 21

6 Deste modo teremos boa morte. Porque o remedio para a vencer, quando vier, he temella sempre, antes que venha. 22 Foge de peccar, naõ fujas de morrer: morrerás alegre, se de muyto antes estiveres preparado. Sentença excellente de Seneca. 23 E acrescenta: *Para nunca temeres a morte, cuyda sempre nella.* E assim morrendo feliz dominarás a *Fortuna* em conclusaõ deste nosso tratado.

18 *Matth.* 25. 8.

19 *Kempis de Imit. Christ. l.* 1. *c.* 23. *n.* 4 *in princ.* Quàm felix, & prudens qui talis nunc nititur esse in vita, qualis optat inveniri in morte.

20 *Apocalyps.* 14. 13.

21 *Refert Kemp. d. l.* 1. *c.* 25. *n.* 2.

22 *D. Gregor. in homil.* Sicut mors ipsa cùm venerit, vincitur, si priusquam veniat semper timeatur.

23 *Senec epist.* 50. *post med.* Mortem venientem nemo hilaris excipit, nisi qui se ad illam diu se composuerit. *Et infra in fin.* Mortem ut numquã timeas, semper cogita.

LAUS DEO, VIRGINIQUE MATRI.

Pallido o rosto, a voz emmudecida,
Vario o juizo, o alento fatigado,
Turbada a vista, & já do ouvir privado
Recusa o peccador largar a vida.
Recusa com razaõ: porque duvida,
Se tem perdaõ do muyto que ha peccado;
Temores do futuro, & do passado
Lhe fazem guerra igual nesta partida.
Quando pode naõ quiz, o que devera:
Quando quer já naõ pode: & tarde chora
A taõ dubia Fortuna *estar sugeyto:*
Tu que vez neste espelho a que te espera,
Se queres dominalla, faze agora,
O que entaõ quererias haver feyto.

PER-

PERORAÇAM.

ASSIM foy o mundo levantado (diz o grande Padre Saõ Joaõ Chrysostomo 1) em *Maria*, *pelo modo porque havia cahido em Eva.* Foy verdadeyramente a *Senhora* huma *Eva* ao revez, como lhe chamou Saõ Bernardo; 2 & considera a Igreja no *Ave* glorioso; 3 como tambem considera que do lenho, de que nascèra a morte, ordenára Deos que resuscitasse a vida; fez instrumentos da saude os que o tinhaõ sido da perdiçaõ. Restituhio-se às mulheres com ventagem (diz o mesmo Santo 4) o credito que em *Eva* tinhaõ perdido. Já o *Reyno do Ceo padece força, & os violentos o roubaõ*, confessou *Christo* Senhor nosso; 5 violentos, explica Saõ Chrysostomo, 6 os que se lhe chegaõ apressados com grande cuydado, & desejo; & os importunos com petiçoens justas, como disse o mesmo *Senhor.* 7 Já está exposto para que o possamos roubar, o que por justiça naõ podiamos merecer: quem se naõ alegrarà com todo o excesso, vendo-se taõ amado do Rey, & Rainha do Ceo, que o resgatàraõ por taõ alto preço? Naõ digo que se goze em sua utilidade, mas na manifestaçaõ de taõ soberano amor. 8 Felicissimo tempo em que ha tanta enchente de graça! 9 Sirva de graças o conhecimento do beneficio. 10 Conheçamos que a *Virgem* apressou a Encarnaçaõ do Filho de Deos, 11 o qual nasce para nós; 12 que cooperou com elle para nos levantar; 13 que elle a deyxou por *Mãy* nossa; 14 & como he de *Mãy* naõ só gerar, mas tambem sustentar, por isso nos estabeleceo a Igreja Catholica em que subsistimos. 15 Se perdemos o que era de filhos, naõ perdeo ella o que era de *Mãy*; com maternaes entranhas outra vez nos gerará no perdaõ; 16 se procurarmos merecello. Nem lhe falta vontade, pois he *Mãy*; nem poder, pois he Rainha de tudo: chegou a dizer Saõ Bernardo,

1 *D. Chrysost. serm. quomodo primus homo, &c. ad fin. in tom. 1.*

2 *D. Bernard. in oper. de precator. ad Virg. post serm. Magn. Vide sup c. 25. n. 3. & 1. p. in introduct.*

3 Mutans Evæ nomen. Ut unde mors oriebatur, inde vita resurgeret, &c.

4 *D. Bernard. hom. 2. sup. Missus est, post princ.*

5 *S. Matth. 11. 12.* Regnum Cælorum vim patitur, & violenti rapiunt illud.

6 *D. Chrysost. ibi, hom. 12. parùm ante med.* Omnes scilicet, qui magno studio properantes Christo adhæserunt.

7 *Matth. 7. 7. Luc. 11. 5.*

8 *D. Guerric. Abb serm. 2. de Nativit. Joan. Bapt. in princ.* Tam fausta sunt tempora, ut regnum Dei jam exinde expositum sit ad diripiendum, quibus utique justitia non sufficiebat ad promerendum.

9 *Idem Guerric. serm. 1. de Annunt. in princ.* An non felicitas temporum, in quibus tanta plenitudo gratiæ, & omnium bonorum? An non infelicitas temporum, in quibus tanta ingratitudo Redemptorũ?

10 *D. Chrysost. ser. quomodo primus homo, &c. ad med. tom. 1.*

11 *Vide sup. c. 24. n. 2. in fin.*

12 *Luc. 2. 11.* Natus est vobis.

13 *Vide supr. c 48.*

14 *Vide d. c. 48. n. 10.*

15 *Vide sup. c. 58. cum seqq.*

16 *D. Chrysol. serm. 2. de duob. fil post princ.* Ego perdidi quod erat filij; ille quod patris est nõ amisit. Ut gentur patris viscera iterum filiũ genitura per veniam.

nardo, 17 que nenhuma mercè nos vem do Ceo, sem que passe pelas mãos de *Maria.* E posto que nenhuns obsequios de nossa servidaõ poderàõ igualar o que lhe devemos; louve-a perennemente nossa possibilidade com o elogio de Guerricò Santo dizendo: 18 *Pouco parecia, Virgem Santissima*, *collocarvos Deos em seu throno, se juntamente vos naõ fizera throno seu, para que possais sua Divina Magestade tanto mais felizmente, quanto mais familiar; & comprehendais o incomprehensivel mais especialmente que todos. Tivestes a Deos menino em vossos braços, agora o tendes immenso em vossa alma; fostes-lhe pousada quando peregrinava, agora lhe sois Paço quando reyna; fostes tabernaculo de seus combates no mundo, sois assento do Triunfante no Ceo; fostes thalamo do Esposo encarnado, & já throno do Rey coroado. Comvosco deseja ter Imperio individuo o que comvosco em vossa carne, & em hum espirito, teve indiviso mysterio de piedade, & unidade.*

17 *D. Bernard. serm. 3. in vigil. Nativ. Dom. in fin.* Nihil nos Deus habere voluit, quod per Mariæ manus non transiret.

18 *Guerric. Abb. serm 1. de Assumpt. B. Mar. post med.* Veni, inquit electa mea, & ponam in te thronum meum. Parum est, inquit, ut judicanti consedeas; nisi, & ipsa mihi sedes fias, ut Maiestatem Regnantis eo felicius, quò familiarius in te contineas, & specialiùs præ cæteris incomprehensibilem comprehendas. Continuisti parvulum in gremio, continebis immensum in animo: fuisti diversorũ peregrinãtis, eris palatiũ Regnãtis: fuisti tabernaculum pugnarum in mundo, eris solium Triumphantis in Cælo: fuisti thalamus sponsi incarnati, eris thronus Regis coronati. *Idem serm. 3. de eadem, ad med.* Individuum habere tecum cupit imperium, cui tecum in carne tua, & uno spiritu, indivisum fuit pietatis, & unitatis mysterium.

Benedicta tu inter mulieres, & benedictus fructus ventris tui. Ora pro nobis Sancta Dei Genitrix.
Ut digni efficiamur promissionibus Christi.

LAUS DEO.

INDEX

INDICE

DE ALGUMAS COUSAS PARTICULARES.

O primeyro numero mostra o Capitulo. O segundo, o numero do Capitulo. O terceyro, a pag. &c.

 De

B

C

Co-

FINIS.

INDEX